ESTUDOS PSIQUICOS

Vol. XIII

1954

ESTUDOS PSÍQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: 1954, da **Redacção**; Espíritos sem Ciência - Versus Ciência sem Espíritos, por **«Fiat Lux»**; O Ensino do Espiritismo em Cursos Regulares; Um Preto Obscuro e Virtuoso, por **Alfredo Miguel**; Um Fenómeno Extraordinário; Uma Perfeita Materialização, por **Leopoldo Machado**; Uma Carta do Assistente que Obteve a Fotografia, por **Ubiracy de Carvalho Lima**; Salve 1954, por **António Martins**; Progressão e Ascensão, recebido intuitivamente por **Isidoro Duarte Santos**; A Vida e a Morte, por **Luís de Barros Castro**; Espiritismo e Progresso, por **Alfredo Miguel**; Desmaterializações, compilação de **B. B. Martins**; Umbanda e Espiritismo, por **João Teixeira de Paula**; A Rainha das Ciências, por **Tito L. Bancéscu**; O Espiritismo não é Ideal Mórbido, por **Cyrilo Aleixo**; Livros de Todo o Mundo, anotados por **Ramos Pereira**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

MADAME D'ESPERANCE

(Ver pág. 21)

15.º ANO JANEIRO DE 1954 N.º 1

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores * Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

13.° VOLUME

1954

RUA DO SALITRE, 149, 1.° — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

Pág.

N.º 1

1954, *da redacção* 1
Espíritos sem Ciência —I—, por *Fiat-Lux* ... 2
Ensino do Espiritismo em Cursos Regulares (Centro 18 de Abril, do Rio de Janeiro) ... 5
Um Preto Obscuro e Virtuoso, por *Alfredo Miguel* 8
Livros que aumentaram de preço 9
Um Fenómeno Extraordinário, por *I. D. S.* ... 10
Uma Perfeita Materialização, por *Leopoldo Machado* 12
Fotografia transcendental de «Lia», obtida na cidade de Fortaleza, Ceará 12
Uma Carta do Assistente que obteve a fotografia 13
Salve, 1954, por *António Martins* 15
Progressão e Ascensão (2.º cap. de uma nova obra de «Lia») 16
A Vida e a Morte, por *Luís de Barros Castro* 18
Espiritismo e Progresso, por *Alfredo Miguel* ... 19
Desmaterializações —I—, compilação de *B. B. Martins* 20
Umbanda e Espiritismo, por *João Teixeira de Paula* 24
A Rainha das Ciências, por *Tito L. Bancéscu* 26
O Espiritismo não é Ideal Mórbido, por *Cyrilo Aleixo* 27
Livros de todo o mundo, por *Ramos Pereira* ... 28
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 29
Notas e Comentários 31
Noticiário 32

N.º 2

Fenómenos, *da redacção* 33
Espírito sem Ciência —II—, por *Fiat-Lux* ... 34
A Responsabilidade dos Médiuns, pelo *médium E. Ortiz* 36
Desmaterializações —II—, compilação de *B. B. Martins* 37
Os Fenómenos do Além e a Psicologia, por *Deolindo Amorim* 40
Pio X aparece a Pio XII 42
Oriente seu Pensamento, por *Luís de Barros Castro* 45

Pág.

Uma festa diferente no Lar de Jesus 46
O Espiritismo e o Divórcio, por *Tito L. Bancéscu* 47
A Misericórdia Divina se Repetiu..., por *Leopoldo Machado* 48
Da Evolução Morfológica e Espiritual —I— pelo *Dr. Sérgio Vale* 50
O Espiritismo é Obra Demoníaca?, por *F. Noronha* 54
Espiritismo, pelo *Dr. Paulo Hecker* 55
Anjos e Demónios, por *Alfredo Miguel* 56
Uma Figura de Bronze, por *Irmão Saulo* (J. Herculano Pires) 57
Uma Grande Missão Social, por *José Fuzeira* 59
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 61
Notas e Comentários 63
Noticiário 64

N.º 3

O Mal e o Bem, *da redacção* 65
Concepção Evangélica da Liberdade —I—, pelo *Dr. Noraldino de Melo Castro* 66
Indagação (poesia), de *M. del Vilar Becerra* 70
André Jackson Davis, por *Anselmo Paermentier* 71
O 3.º Congresso Espirita Pan-americano, por *Pedro Alvarez y Gasca* 73
Uma Tragédia Redentora, por *Leopoldo Machado* 75
As Experiências de Kuda Bux 77
Outra Vitória do Espiritismo (A Inglaterra reconhece-o como religião) 77
Da Evolução Morfológica e Espiritual —II—, pelo *Dr. Sérgio Vale* 78
Predestinação, por *Alfredo Miguel* 82
Allan Kardec, Educador e Jornalista, pelo *Dr. Virgílio Sobrinho* 83
Roteiro (excerto de novo livro de «Lia») 85
A Tese Espirita Confirmada, pela *redacção de A. P. P. E. E. M.* 86
A Verdade Acima de Tudo, por *Luís de Barros Castro* 87
Morte sem Sofrimento, por *Cyrilo Aleixo* 89
A Dor, pelo *Dr. Paulo Hecker*
Uma História Singular (De *La Presse*) 92

Pág.

Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 93
Notas e Comentários ... 95
Noticiário ... 96

N.º 4

Espiritismo, *da redacção* ... 97
Concepção Evangélica da Liberdade — II —, pelo *Dr. Noraldino de Melo Castro* ... 98
Confraternização Espiritual ... 102
Consciência da Responsabilidade, pelo *Dr. Djalma de Matos* ... 103
Da Evolução Morfológica e Espiritual — III —, pelo *Dr. Sérgio Vale* ... 104
Lesage, Artista e Mensageiro do Além ... 108
Notícias do Brasil ... 110
Uma Defunta Narra as suas Impressões do Além, da *Europress* ... 111
Síntese (cap. 49 do livro «Novos Caminhos», de «Lia») ... 112
A Iris-diagnose, por *António Cardoso* ... 114
«Ronda Espiritual», por *Leopoldo Machado* ... 115
A Ciência do Yoga e o Automatismo do Sistema Nervoso Vegetativo, pelo *Dr. João Filipe Ferreira* ... 116
O Governo de Israel reconhece o Espiritismo 120
Hospital Espírita «João Evangelista», por *Joaquim da Silva Gomes* ... 121
O Drama da Loucura, por *Luís de Barros Castro* 122
As Obras de F. Cândido Xavier ... 123
Uma Conferência sobre Grafologia ... 124
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 125
Notas e Comentários ... 127
Noticiário ... 128

N.º 5

Avanço Promissor, *da redacção* ... 129
Versículos Evangélicos ou Sentimento Jurídico? pelo *Dr. Sérgio Vale* ... 130
O Espiritismo em Cuba ... 134
Colégios Espiritas, por *Leopoldo Machado* ... 135
Conan Doyle e a Reencarnação —I—, por *Deolindo Amorim* ... 136
Orientação Matrimonial, por *Tito L. Bancéscu* 139
Crise do Sentimento Científico-filosófico, por *Isidro Inda* ... 140
O Supremo Ideal, por *Natalio Ceccarini* ... 142
Recordar é Viver, por *José Simões de Matos* 143
A Evolução de Richet, de *Unificação* ... 144
Espiritismo-religião ou Espiritismo-ciência?, por *Luís de Barros Castro* ... 146
No Caminho Certo (soneto), por *Leopoldo Machado* ... 147
Concepção Evangélica da Liberdade — III —, pelo *Dr. Noraldino de Melo Castro* ... 148
Ex-sacerdote Católico faz Declaração de Fé Espirita ... 152
Eutanásia e Suicídio, por *Alfredo Miguel* ... 153
Pensamento, por *Octávio Marialva* ... 154
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 157
Notas e Comentários ... 159
Noticiário ... 160

N.º 6

Saber Esperar, *da redacção* ... 161
Versículos Evangélicos ou Sentimento Jurídico — II —, *pelo Dr. Sérgio Vale* ... 162
Aquele Sonho (soneto), por *Luís Patraquim* ... 166

Pág.

30 Anos de Actividade Espirita (Jaime Xavier Silva) ... 167
A Vidência de Einstein que o Mundo Desconhece ... 168
Nem Comércio de Perdões, nem Céus de Fantazia, por *Luís de Barros Castro* ... 170
Conan Doyle e a Reencarnação—II—, por *Deolindo Amorim* ... 172
Um grande Médium, por *Alfredo Miguel* ... 174
Mussolini «viu» o seu Trágico Fim, por *Stephen Foster* ... 175
O Espiritismo no Brasil — Uma Visita à Federação Espirita Brasileira, por *Armando Ferretti* 176
Espiritismo e Loucura, por *Conrado Ferrari* ... 178
Efigénio Sales Vítor, pelo dr. *Noraldino de Melo Castro* ... 181
As Curas de Léon Alalouf, por *Jean Palaiseul* ... 182
Autómatos, por *Cyrilo Aleixo* ... 185
Festa de Caridade no Centro E. Luz e Amor ... 187
Solilóquio, por *Manuel Cavaco* ... 188
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 189
Notas e Comentários ... 191
Noticiário ... 192

N.º 7

O Tempo, da *redacção* ... 193
Versículos Evangélicos ou Sentimento Jurídico? — III — pelo *Dr. Sérgio Vale* ... 194
A Vida no Mundo dos Espíritos, por *Margery Laurence* ... 199
Madame Fraya, Médium de Reis e Príncipes, por *Warrigton Dawson* ... 201
A Realeza e o Espiritismo — As Sessões da Rainha Vitória, por *Fred Archer* ... 202
João Amado Venâncio ... 205
Conan Doyle e a Reencarnação — III —, por *Deolindo Amorim* ... 206
Cruzada dos Militares Espiritas ... 208
Ao Beber nas Águas do Letes, por *Cyrilo Aleixo* ... 210
O Mestre Jesus, por *F. Noronha (colaboração póstuma)* ... 213
Ouvir, Pensar e Falar, por *Luís de Barros Castro* 214
O Fenómeno Chico Xavier, por *Alfredo Miguel* 214
A Luz do Mundo (poesia), *pelo médium Francisco Luciano* ... 216
Académicos, Sábios e Preconceitos, por *Anselmo Paermentier* ... 217
Um Médico Opera em Estado de Transe ... 218
O Espiritismo na Evolução Humana, por *Adelaide Ivone de Sousa* ... 219
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* 221
Notas & Comentários ... 223
Noticiário ... 224

N.º 8

O Rochedo, da *redacção* ... 225
Versículos Evangélicos ou sentimento Jurídico? — IV —, pelo *Dr. Sérgio Vale* ... 226
Almas do Outro Mundo, por *Cyrilo Aleixo* ... 231
Despertar, por *José Simões de Matos* ... 223
A Realeza e o Espiritismo — Dois Avisos de Morte de Eduardo VII, por *Fred Archer* ... 234
Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, por *Arnaldo S. Tiago* ... 236
O Espiritismo no Brasil — A Casa de Maria, por *I. D. S.* ... 241

Pág.

Conan Doyle e a Reencarnação — IV —, por *Deolindo Amorim* 242
O Espiritismo na Evolução Humana, por *Adelaide Ivone de Sousa* 245
Será um Mal a Polémica?, por *Leopoldo Machado* 247
A Mais Extraordinária Vidente do Mundo 248
Respeito às Crenças Alheias, por *Alfredo Miguel* 249
O caso de Ross Fisher, por *Roberto E. Guzmán* 250
O Espiritismo Julgado pelo Bispo D. Francisco Federico, de Juis de Fora 252
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos*... 253
Notas e Comentários 255
Noticiário 256

N.º 9

Osmose Espiritual, da *redacção* 257
Por Perguntas e Respostas — Uma «Entrevista» com Allan Kardec — I —, pelo dr. *Sérgio Vale* 258
Festa de Confraternização Neo-espiritualista... 261
A Quarta Dimensão, por *Suzanne Misset-Hopes* 263
Milagre? Não! Terapêutica Espirita, por *Leopoldo Machado* 264
Almas do Outro Mundo — II —, por *Cyrilo Aleixo* 265
A Luz da Verdade, por *Francisco M. Palhoto*... 267
A Realeza e o Espiritismo — Jorge V diz que sua mãe o protegia, por *Fred Archer* 268
Método de Cura Natural 269
A Difusão do Espiritismo, por *Natálio Ceccarini Filho* 270
Horas de Arte, por *José Simões de Matos* 271
Extraordinários Fenómenos de Transporte, por *Tito L. Bancéscu* 272
Napoleão era Perseguido por um Fantasma ... 274
Palmelo, Cidade Espirita do Brasil, por *Rúbens Peiruque* 276
Conan Doyle e a Reencarnação — V —, por *Deolindo Amorim* 278
Fenomenologia (resumo do ciclo de estudos de 1950 do Centro E. 18 de Abril 281
Livros de Todo o Mundo, por *I. D. S.* 284
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 285
Notas e Comentários 288
Noticiário 288

N.º 10

Proibição, da *redacção* 289
Por Perguntas e Respostas — Uma «Entrevista» com Allan Kardec — I —, pelo dr. *Sérgio Vale* 290
Tragédia Humana, por *Ramos Pereira* 294
Ciência e Religião, por *José Simões de Matos*... 295
O Desenvolvimento da Mediunidade, por *Tito L. Bancéscu* 296
Colectânea Espiritual, por *José Gomes Júnior*... 298
Manuel Jorge Gaio 299
Doutrina Espirita, resumo do 1.º ciclo de estudos do Centro Espirita 18 de Abril 300
Observações e Conceitos, por *Ramos Pereira*... 302
No Roteiro da Luz, por *Maria Rocha Barros*... 304
Originalidade, por *Luís de Barros Castro* 306
Duas Mocidades (soneto), por *Leopoldo Machado* 307
Congresso Espirita Internacional, por *António Cardoso* 308

Pág.

Homenagem a Allan Kardec, por *Achille Biquet* 311
Um Olhar Maligno Pode Secar uma Árvore?, por *Leo Talamonti* 312
A Nova Lei, por *Alfredo Miguel* 313
Mediunismo (Mensagens do Espírito Ramatís) 314
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 317
Notas e Comentários 319
Noticiário 320

N.º 11

Liberdade Religiosa, da *redacção* 321
Por Perguntas e Respostas — Uma «Entrevista com Allan Kardec — III —, pelo dr. *Sérgio Vale* 323
Espíritos Protectores, por *Alfredo Miguel*..... 325
Iniciação de Israel — I —, por *F. Noronha* (colaboração póstuma) 326
A Verdade (poesia), pelo médium *Francisco Luciano*, de S. Paulo 328
Congresso Espirita Internacional, por *António Cardoso* 329
Quem bem pede, bem recebe, por *Luís de Barros Castro* 332
Arregimentação dos Militares Espiritas, pelo *General Mário Travassos* 334
Cintilações (um capítulo do novo livro de Lia) 336
Divulgação do Espiritismo (Exposições didácticas do Centro Espirita 8 de Abril) 338
A Solidariedade no Meio Espirita, por *Adelaide Ivone de Sousa* 342
Livros de Todo o Mundo, por *Ramos Pereira*... 343
Espiritismo, obra de Educação, por *Martins Peralva* 344
Mediunismo — II — Mensagens do Espírito Ramatís 345
Um Pregador Mediúnico 347
O Espiritismo em Alagoinhas, por *Rodolfo Coelho Cavalcanti* 348
Telepatia e Mediunismo, por *Francisco M. Palhoto* 348
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 349
Notas e Comentários 351
Noticiário 352

N.º 12

Natal, da *redacção* 353
Os Tabos Científicos, pelo dr. *Carlos Imbassahy* 354
Nebulosidade (um capítulo de um livro de Lia) 358
Rodolfo Valentino fala do Além 360
Iniciação de Israel — II —, por F. Noronha *(colaboração póstuma)*
Vai, Peregrino Audaz! (soneto), por *Leopoldo Machado* 364
A Senhora Benavides em Lisboa 365
Solilóquio, por *Manuel Cavaco* 366
Uma Festa Infantil 367
Auxílio aos Necessitados 368
A Sentença que Condenou Jesus, *comentada por Rui Barbosa* 370
Espíritos Turbulentos, por *Luís Gomes da Silva* 372
Mediunismo (Mensagens do Espírito Ramatís) 374
Um Enigma Desconcertante, por *Henrique A. Llop* 377
A Bomba Atómica e a Vida Terrena 379
Crónica Mundial, por *Isidoro Duarte Santos* ... 381
Notas e Comentários 383
Noticiário 384

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, JANEIRO DE 1954 — N.º 1

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

1954

Quinze anos de luta permanente ao serviço de uma causa! Quinze anos de trabalho, de vigílias, de receios pelo dia de amanhã, sempre duvidoso, sempre diferente, ocultando em suas dobras o imprevisto que às vezes confunde ou o desconhecido que apavora! Quinze anos de apostolado, dando tudo ao Ideal do nosso coração, pugnando pela bondade humana, pela concórdia, pela compreensão de todos, pela ressurreição moral dos transviados! Quinze anos de sacrifício permanente, dia e noite amarrados à grilheta do dever, um anseio estreme no espírito insatisfeito, seguindo luz orientadora que é consolação de uns e refúgio de outros, impulsionados por forças superiores que desejam o bem da humanidade! Quinze anos de acção, quinze anos de vigilância, martelando os próprios defeitos e atraíndo virtudes que engrandecem e dão firmeza ao passo claudicante!

A curva do tempo evoca em nós efemérides imperecíveis, gestos animosos, dedicações, auxílios, apoio doutrinário, colaboração inestimável de tantos obreiros que se mantêm resolutos na trincheira espiritual. Meditação que dá serenidade, que aumenta em nós o amor pelo semelhante, mesmo que vibre diferentemente, ela nos tem proporcionado alegrias que não sabemos descrever.

O Alto, por sua vez, alertou-nos com exortações e programas que vimos cumprindo segundo as nossas forças, alargando pouco a pouco a zona de influência espiritual e praticando a caridade nos limites que nos são traçados.

O Espiritismo desta revista é dialéctico e, portanto, evolucionista. Desde o número um, lançado em Setembro de 1939, que seguimos o mesmo rumo inalterado, procurando harmonizar os homens e prepará-los para a jornada do futuro. Todos os nossos actos têm correspondido às nossas palavras. É certo que erramos muito e disso nos penitenciamos a cada passo, logo que reconhecemos a falta. Nunca, porém, mantivemos atitudes aviltantes ou pejorativas, com receio de arripiar caminho e ficar sujeitos a críticas alheias. Interessa-nos mais a confissão humilde do que a teimosia orgulhosa.

Continuaremos a trabalhar pela pureza do Espiritismo, sem intuitos de hegemonia. Somos arautos sinceros que reconhecem o direito dos outros, cujas lições aceitamos, quando meritórias e dignas de salário.

Todas as correntes espiritualistas ou neo-espiritualistas merecem a nossa atenção e simpatia e fazemos justiça a quem a merece, porque acima de tudo está a justiça.

Não faremos obra derrotista, nem trataremos casos pessoais. Só a doutrina nos interessa. Aos colaboradores permanentes ou eventuais pedimos a maior correcção nas palavras, pois só assim daremos testemunho de verdadeiros espiritistas.

Quanto a controvérsias ... Só permitiremos as que se processarem no verdadeiro campo e dentro da maior elevação possível. As nossas colunas serão inacessíveis à discussão barata e abrigarão obras dignas de pessoas de bem.

Estudos Psíquicos continuará a ser uma tribuna selecta, uma linfa cristalina, sem albergues de má-fé onde as palavras tenham duplo sentido. Se este ano basear nova era de realizacões em rota ascendente, será motivo de júbilo para quem semeia, mesmo em terreno difícil e bravio.

Façamos o que pudermos nesse sentido. Que a nossa obra se amplie cada vez mais, se multiplique em dádivas, se desentranhe em frutos saborosos para os sequiosos de espiritualidade. No fim, todos serão beneficiados: lavradores e segadores. Haja compreensão, bom senso e vontade forte de acertar, que o resto cairá por acréscimo em nosso reduto espiritual.

"FIAT LUX" ESCREVEU

I

«Fazer intervir um *espírito* seria PROVAR que *há espíritos*, e vós vedes as consequências...

GUSTAVE LE BON

A METAPSÍQUICA, radiante pela conquista do seu lugar ao sol da Ciência, está a seguir o sensato conselho, que o autor da *Psicologia das Multidões* lhe deu, gerado pelo aborrecimento que lhe causou ao ver o seu amigo César Lombroso dedicar-se à investigação experimental dos fenómenos espiritas.

A confusão lançada sistemàticamente ao campo das pesquisas espiritas tem visado, única e simplesmente, negar a intervenção dos principais agentes da fenomenologia «inabitual».

Em nossa maneira de ver todos aqueles que pretenderem ver os seus trabalhos reputados como científicos deviam raciocinar sem subterfúgios.

Comecemos, por exemplo, por esta afirmativa:

«— a... *doutrina dos espíritos é baseada em fenómenos metapsíquicos*»—os itálicos são de nossa parte.

«Esta doutrina foi apresentada ao Mundo, não como ciência e sim como um ramo da filosofia espiritualista».

Seguidamente, a justificativa convincente:

«Assim está no frontespício do *Livro dos Espíritos*.

Tal conceito vem esclarecer-nos que, na filosofia e na ciência, basta sòmente ler a portada de um livro para se ficar a conhecer do assunto nele tratado...

Ao olhar-se para a última fórmula de Einstein, apresentada como a «Equação do Universo», ficamos desde logo a sabê-la...

Perante tão conscienciosas afirmações, compreende-se o legítimo desejo dos nossos adversários de quererem «... libertar a Metapsíquica da ganga espiritóide em que a envolvem os espiritas mal formados e pior informados».

E, se «livrássemos o Espiritismo de tendências místicas» (e de confusionismo metapsíquico) e o «conduzíssemos à verdadeira ciência» — segundo a opinião, entre aspas, de um radiofísico dos nossos dias que não é adepto do Espiritismo?...

Para reforço de tão louváveis desejos, transcrevemos textualmente uns extractos de certa autoridade... «que não tem nada de tolo»:

«O *Livro dos Espíritos*, a primeira obra que levou a considerar o Espiritismo sob um ponto de vista filosófico... É notório que a publicação desse livro marca a era do espiritismo filosófico (1857), até então pertencente ao domínio das experiências curiosas» — os sublinhados são nossos.

Mais tarde, em 1861, a mesma individualidade, noutra obra sua, corrobora mais uma vez e toma posição: «... exposto no *Livro dos Espíritos* a parte filosófica *da Ciência Espírita*», etc.

A seguir, este conselho de professor — que o era no campo da filosofia: «Aqueles que querem conhecer tudo em uma ciência devem, necessàriamente, ler tudo quanto está escrito a respeito da matéria ou, pelo menos, as coisas principais (tal como ler no prontespício de um livro...) e não se limitar a um só autor; devem mesmo ler o que há pró e contra, as críticas e as apologias, iniciar-se nos diversos sistemas, a fim de julgar por comparação».

— Quantos o não terão feito?

Prosseguindo nesta exposição histórica do «Ser ou não ser» dos «fenómenos físicos do Espiritismo» — tal como então lhes chamavam alguns universitários que os haviam estudado, membros da «Sociedade Dialéctica» e da «Sociedade de Investigações Psíquicas» de Londres— levantou-se esta pergunta:

Admitindo os investigadores que os *fenómenos físicos do Espiritismo* «não podiam ser atribuídos à impostura» e, eliminada tal ideia, que «*hipótese razoável*» deveriam adoptar?

Foi esta a proposição que teòricamente — *a posteriori* — se ofereceu aos cientistas investigadores para resolução.

Um professor de fisiologia, o Dr. Mayo, foi o primeiro que tomou a iniciativa de falar numa *acção exo-nêurica do espírito*, que expôs numa brochura publicada em 1851 —*seis anos antes de publicada a obra fundamental* que iniciou a era do Espiritismo filosófico...

O conde de Gasparin, o professor Thury e o Dr. Cox propuuseram teorias do mesmo género; entre os cientistas que haviam honestamente estudado os fenómenos físicos ficou assente provisòriamente a «teoria *eténica* ou da força psíquica».

«Esta teoria, adoptada em primeiro lugar pelos experimentadores, depressa foi abandonada por não poder explicar os fenómenos em que *outra inteligência* se manifestava, inteiramente alheia à sua. Eis porque *muitos experimentadores* acham mais simples a *interpretação espírita*».

Continuando o depoimento da testemunha a que nos estamos cingindo, lemos que:

«O professor César Lombroso, por exemplo, em artigo publicado nos *Anais das Ciências Psíquicas* (1908), disse ter acreditado na *força psíquica* até ao momento em que, por meio desta hipótese, *se lhe tornou impossível explicar* a maior parte dos fenómenos que *estudou pormenorizadamente*.

«Contudo, a hipótese da força psíquica terá de ser formulada pelos fisiologistas que queiram fugir às consequências provocadas pela intervenção de inteligências desencarnadas, a que Le Bon apaixonadamente se opunha, declarando: «No domínio da crença, o sábio não passa de um ignorante»; no experimentalismo terá de «recorrer aos prestidigitadores para explicar os factos produzidos por Eusápia Paladino e afirmar que não viu nesta qualquer possibilidade de truque e ao mesmo tempo declarar: «fazer intervir um *espírito* seria provar que há *espíritos*, e vós vedes as consequências...» — intervenção que explicaria os *fenómenos mais simples do Espiritismo*» (sic).

Não vale a pena histórias de fraudes grosseiras de certos experimentadores, charlatães ou anti-espiritas de má fé, por se encontrarem em profusão reproduzidas nos próprios livros espiritas.

O nosso trabalho é o de contri-

Espíritos sem Ciênci

buir com a autoridade, o testemunho, a observação alheia, para a compreensão dos ataques de quem se situa actualmente na denominada Metapsíquica, que se arroga com direitos de limitar o campo de acção na ciência e no experimentalismo ao quase *centenário do Espiritismo Experimental.*

«Fugir... fugir... às consequências» — eis a atitude aconselhada e admitida por um mestre que desde a última metade do século passado até aos nossos dias foi testemunha e interventor nos acontecimentos a que nos estamos reportando; um nome respeitado e acatado nos meios científicos internacionais como sábio de grande envergadura, asistente do professor Thyndall, e lente de Física na Universidade de Dublin» (1).

Essa atitude tem sido seguida por todos aqueles que, não tomando posição de ataque, procedem como o autor da «Memória Atávica»:

— «Este facto... marca exactamente os pontos extremos, onde, graças à intervenção dos espíritos, se tem penetrado, até hoje, no desconhecido, embora estes casos... sejam bastante raros».

E, mais adiante:

— «Não tenho nenhuma repugnância em admitir a sobrevivência e a intervenção dos espíritos... Não admitindo a intervenção dos espíritos, a maioria destes fenómenos são absolutamente inexplicáveis». Como não quis compreender, depois, a filosofia espirita, por onde devia ter começado — antes de se dedicar ao estudo do experimentalismo — tratou de *fugir,* ele também no «Pássaro Azul...».

E... o drama do «*To be or not to be...*» prossegue:

— «...discorda de *todos* os que vêem no Espiritismo uma Ciência...».

Façamos «crítica de alguns aspectos deturpados do Espiritismo que na prática se opõem aos progressos da Metapsíquica».

São estas as «vozes», que nos chegam através do «éter», conduzidas pela «onda-piloto...»

Não pensavam assim qualificados homens de ciência, que ariscaram a sua reputação, afrontaram o ridículo e as censuras motivadas pelas *investigações* no campo da fenomenologia, cuja *causa* era desconhecida e nova por seus *efeitos,* e, obtidas que foram, o que, a seus olhos, constituía a *prova* da objectividade dos fenómenos ditos *espíritas,* tiveram a honestidade de publicar, corajosamente, para a época, — em 1863 — as suas opiniões no mais *aceso* da luta travada com aqueles que fundaram a *Sociedade Parisiense de Estudos Espiritas* e que, pelo livro e pelo seu órgão na imprensa, — a *Revue Spirite* — admitiram os fenómenos do Espiritismo e a hipótese de *inteligências* alheias às suas em contradita com aqueles investigadores, que se utilizavam do termo *força psíquica,* para fugir «às consequências a que obriga a intervenção de *inteligências desencarnadas*».

— O que era uma atitude conscientemente preconcebida e compreendida: O medo transforma-se com o decorrer do tempo na «neurose», que se pode definir neste neologismo: ESPIRITOFOBIA...

Esta perturbação pode «mimetizar-se», apresentando, nas mentes incultas, uma característica que se focaliza no estado emocional do «percipiente» pela manifestação de «teofobia».

Já uma inteligência de escol, do nosso meio, como médico, formulou um diagnóstico nesta sua pergunta: «Onde leva metafisicofobia dos positivistas?».

Não queremos, por incapacidade, invadir o campo da medicina, pelo que anedotizamos a nossa diagnose, mantendo a do médico, que se encontra publicada...

Reatando esta digressão no passado histórico do conhecimento do estado de *invisibilidade* da mãe-natura — se já houve quem duvidasse que a mulher tivesse alma (sic) — não admira que haja ainda nesta era de física nuclear, quem negue — antes que duvide — a «alma» da Natureza, perceptível através da «quarta» dimensão da matéria...

Ora, os homens de ciência, não se entendendo quanto à origem dos fenómenos em estudo, para contrabalançar o «bloco» formado por aqueles que desassombradamente proclamavam a «sua verdade cientificável» e denodadamente a defendiam — discutindo-a e argumentando-a — procuraram a solução contemporizadora; e assim se acordou na formação de um grupo que organizasse o «estudo dos fenómenos ditos supranormais com toda a independência e desinteresse e que assegurasse a continuidade dos seus trabalhos». Com tal objectivo, fundou-se a *Sociedade de Investigações Psíquicas,* na Inglaterra, em 1882, e a sua congénere americana, que publica em Actas os seus relatórios, e na imprensa o seu jornal.

«Alguns pensam — escreve um dos seus membros fundadores — que a Sociedade é prudente em demasia e não adopta o devido critério a respeito dos fenómenos físicos do Espiritismo... Tal prudência é característica de qualquer investigação científica e duplamente necessária, onde tantos laços se armam aos imprudentes. Se construiu lentamente, construiu sólidamente e acolhe com a mesma cordialidade quem lhe traga conhecimentos novos e quem lhe demonstre que chegou a erradas conclusões. As teorias, mesmo plausíveis, que não abranjam todos os factos observados, devem ser rejeitadas. A superstição age em sentido contrário, mas a ciência não pode ter ideias preconcebidas». (sic).

A transcrição foi longa, mas necessária para o objectivo em vista.

E, quanto ao Espiritismo, vejamos a opinião do professor que foi também primeiro presidente da mesma Sociedade:

«Grande número de indivíduos consideram escandaloso discutir a realidade dos fenómenos maravilhosos do Espiritismo; entretanto, seria impossível exagerar-lhes a importância científica, se só pudéssemos demonstrar a décima parte dos seus testemunhos dignos de fé».

Mais longe, em resposta a um argumentador, diz-nos a mesma individualidade: «Nunca vi justificar lealmente o facto de se repelir a prova de fenómenos raros e irregulares, invocando os princípios gerais do método científico».

—Versus Ciência sem Espíritos

(1) *William Barret,* autor do livro «Nos Umbrais do Além», edição de «Estudos Psíquicos Editora», R. do Salitre, 149, 1.º — Lisboa.

— ...1858... Sociedades de Estudos Espiritas. — ...1882... Sociedades de Investigações Psíquicas —... Depois... Instituto Metapsíquico Internacional...—a *tetrarquia*—a que nós podemos chamar — *Ciências Espírito-Psíquicas!*

Vejamos agora se esta argumentação de ilustres membros do Sector Metapsíquico terá viabilidade no campo genérico das ideias:

«O que nós temos feito e continuaremos a fazer é a crítica de alguns aspectos deturpados do Espiritismo *que, na prática, se opõem aos progressos da Metapsíquica*».

Tratando-se de um extracto, separado do corpo principal do artigo, que estamos «dissecando», permitam-nos, os que nos lerem, um esclarecimento: «os aspectos deturpados», não se referem a «doutrina espirita, isto é, ao Espiritismo». O conceito objectiva a ciência espirita, isto é, o aspecto deturpado do Espiritismo.

A nossa humílima pessoa, carecendo de autoridade para responder pessoalmente, dirige-se a um ilustre professor que, além de realizar «trabalhos importantíssimos acerca das chamas sensíveis, das propriedades magnéticas do níquel e das ligas de ferro», ainda apresentou para apreciação da sua Academia de Ciências, uma comunicação relativa às «condições anormais do espírito».

Registemos este seu depoimento: «Os espiritas estão certamente no caminho que tem conduzido ao avanço das ciências psíquicas; os seus adversários pertencem ao tipo dos que se opõem ao progresso...».

E ainda mais: «...Estou absolutamente de acordo com o nosso grande lógico *Mr. de M.* (refere-se ao parágrafo anterior). De M., mostra que os espiritas adoptaram o método dos antigos, que propunham uma teoria e procuravam saber o que ela dava, porque, sem teoria, os factos são multidão e não exército. Era o método de Newton».

«...e os seus esforços para aumentar a soma dos conhecimentos humanos são infamados, como «recrudescência da superstição» (sic), pelos mestres do pensamento científico, que deveriam acolher com benevolência os mais humildes investigadores da verdade».

Tais declarações confortam-nos, ao percebermos, nos mestres, tentativas de aliciamento do mundo culto para adeptos das teorias sobre *«forças psíquicas»;* quanto à *massa espirita,* sem cultura, limita-se a sua actividade a um «solipsismo» espirita — *do espírito abstracto* — sem espírito desencarnado», o que será o mesmo que uma *subalternização* a um *Espiritualismo demonstrativo, teórica e dogmàticamente, da existência, sobrevivência e individualidade da alma*»...

Inútil por contraproducente: retrogradar-se-ia *um século...*

★

Estamos elucidados. O estudo dos factos ditos *anormais* ou «inabituais» oriundos de uma *criptomnesia,* ou da *criptestesia,* ou *subliminal;* tudo isso e mais *prosopopese,* está *vedado aos espiritistas,* de maneira geral... Ainda que, individualmente, se reconheça que seja... «*convenientemente qualificado para a investigação*»... não a poderá levar ao «*aspecto experimental do Espiritismo*» que, por determinação superior, passou ao... «domínio da Metapsíquica...».

— «Se investiga nos domínios do supranormal, passa à categoria de metapsiquista, e, enquanto metapsiquista, não é nem deixa de ser espirita» (sic).

— Condicionalmente, compromete-se a adoptar metodologia e terminologia, das quais já houve quem afirmasse que: «... muitos termos metapsíquicos só lançam poeira nos olhos do público» (sic).

★

Quer- nos parecer que foi o autor do «Resumo da Doutrina Espirita» «...quem construiu a ponte entre materialismo, espiritualismo e Espiritismo...» que, em nossa modesta opinião, devia ser a «Tetrarquia da Ciência», sem interdependência inaceitável...

★

Sob este argumento de «a finalidade do experimentador supranormal nas mãos dos espiritas» não ser da mesma espécie da «finalidade nas mãos dos metapsiquistas, os espiritas fazem desse experimentalismo um acto cultural...», vamos colocar os pareceres de investigadores do mundo culto:

— «... A ligação da fé com as investigações psíquicas foi bem expressa para aquele cuja profunda competência em todas as questões já pus em relevo... É condição de prova, é a chave da porta que abre o mundo invisível».

Esta fé — esclarece outra individualidade de renome — «é a predisposição e a atenção, isto é, um estado de espírito simpático que liga o experimentador e o médium e sem o qual nada se obterá de interessante. Assim, o crítico imparcial tem razão, quando afasta de si qualquer ideia preconcebida».

Finalmente, um amigo das duas entidades precedentes, experimentado e grande autoridade, quer nas ciências físicas, quer nas psíquicas, que continua a definição do estado de espírito com que se deve pesquisar em Espiritismo:

«A confiança é certamente mal exercida em sessão com médium duvidoso ou trapaceiro... É inegável, todavia, que estes investigadores eriçados de suspeições jamais conseguiram obter a prova decisiva dos fenómenos do Espiritismo. Eles não são mais hábeis, nem mais críticos do que outros sábios que obtiveram provas numerosíssimas; mas são portadores de atmosfera psíquica tão pouco favorável ao bom êxito, como a humidade à acção das máquinas eléctricas de Holtz».

★

A todos aqueles que não podem admitir que os espiritas façam um ACTO CULTUAL na generalidade «do espiritismo praticante (entenda-se «experimental»)», direi:

— Porque todos os espiritistas cultos e incultos têm presentes estas palavras: «Graças te rendo, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por as teres revelado aos simples e aos pequenos...».

— «Assim, pois, que estas palavras — «Somos pequenos» — careçam para nós de significação...»

★

«É evidentíssimo que o reconhecimento científico do invisível é o que falta ao ensino intelectual da nossa raça e eu estou certo de que lá chegaremos».

Entretanto, cultual ou não cultual: «O experimentalismo espirita é uma ciência nova» — diz-nos um profissional de medicina, espiritista dos mais cultos —; e prosseguindo neste depoimento a que o chamou o inquérito que vimos fazendo: «Se, pois, quisermos convencer os incrédulos, teremos de educá-los e educarmo-nos a nós mesmos para exercer melhor as nossas faculdades supranormais, que passarão a ser normais, e teremos de melhorar os métodos experimentais do Espiritismo racional» (sic).

★

Disse-nos a *testemunha,* cujas declarações acabámos de transcrever, que o «experimentalismo espirita é uma ciência nova»...

É chegada a altura de se inquirir:

— Quem foi que «escamoteou» a *ciência do Espiritismo?*

Lourenço Marques

O ENSINO DO ESPIRITISMO EM CURSOS REGULARES

CONTRIBUIÇÃO DO CENTRO ESPIRITA 18 DE ABRIL, DO RIO DE JANEIRO, AO 3.° CONGRESSO ESPIRITA PAN-AMERICANO DE HAVANA, CUBA, EM OUTUBRO DE 1953

I

Atendendo, com muito prazer, à solicitação do estimado Irmão Dr. Miguel Santiesteban, o CENTRO ESPIRITA 18 DE ABRIL envia ao II Congresso Espirita Pan-Americano, em Havana, a presente contribuição relativa ao *ensino do Espiritismo pelo método didáctico.* O Centro Espirita 18 de Abril foi fundado para estudar o Espiritismo de acordo com a Codificação de Allan Kardec (art. 1.° de seu estatuto). Allan Kardec foi o primeiro a prever a necessidade do estudo regular do Espiritismo, em curso sistematizado. Em *Obras Póstumas,* na parte relativa à organização do Espiritismo, Allan Kardec, como se sabe, trata directamente do ensino da doutrina. Isto quer dizer, portanto, que a doutrina espirita, como qualquer outro ramo de conhecimento, pode ser *ensinado* didàcticamente, desde que haja para isso, um método adequado à natureza da doutrina espirita.

Cabe dizer, logo de início, que a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos é entidade pioneira do ensino do Espiritismo em curso regular no Brasil. Por indicação da Liga Espirita do Distrito Federal, que se denominava então Liga Espirita do Brasil, quando se fundou a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, foi escolhido o coronel Delfino Ferreira, para ministrar, na referida Faculdade, a cadeira de Espiritismo, apesar do espanto que causou a muitas pessoas e das censuras que provocou o facto, de pela primeira vez se criar um curso regular de Espiritismo. Algumas pessoas chegaram mesmo a dizer que «Espiritismo não se ensina...». A experiência, porém, está demonstrando que é necessário ensinar a doutrina espirita através de cursos regulares, já previstos por Allan Kardec desde o século passado. O Centro Espirita 18 de Abril, que adopta o método didáctico em seus estudos doutrinários desde a sua fundação, em 1946, inspirou-se no programa da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos e segue, desde os seus primeiros momentos, a orientação de Allan Kardec, contida no projecto de 1868, em *Obras Póstumas.*

II

DO MÉTODO A SER ADOPTADO NO ENSINO DO ESPIRITISMO

Os métodos de ensino, como se sabe, variam de acordo com a disciplinas. É claro que, na parte doutrinária ou teórica do Espiritismo, não se pode adoptar o método didático da *geografia,* da *história,* por exemplo, com absoluta exactidão, porque a doutrina espirita, pela sua complexidade e origem, exige método especial. Apesar disto, porém, há certos princípios de didática geral que tanto podem ser empregados no ensino do Espiritismo como no de qualquer outra disciplina. Não se vai daí concluir que se deva ensinar Espiritismo como se ensina qualquer matéria de Ginásio ou de Faculdade. Nos próprios currículos escolares — tanto secundários como superiores — há matérias que comportam sistematização toda especial.

De qualquer forma, porém, os cursos de Espiritismo podem ser organizados e ministrados sob uma orientação pedagógica em que se aplique uma didática especialmente adequada à doutrina espirita. Situação semelhante é a que se verifica nos cursos oficiais ou particulares: nem sempre é possível aplicar o mesmo método para todas as disciplinas. Daí a existência da didática geral e didática especial ou particular. Quem ensina, por exemplo, história da civilização, lida com factos históricos, monumentos, etc., ao passo que quem vai ensinar, suponhamos, uma disciplina transcendental como a metafísica, que depende de raciocínio e de certos conceitos puramente gerais, porque o assunto é muito abstracto, não pode empregar o mesmo método.

Para cada disciplina, portanto, um método apropriado. Se, na parte teórica, o ensino do Espiritismo, para ser eficiente e proveitoso, depende de método especial, na parte prática ou experimental, também se faz necessário um método que corresponda à natureza do fenómeno espirita e à própria esquematização do Espiritismo. Não se pode aplicar, por exemplo, na parte experimental do Espiritismo, o método que se aplica em física com o mesmo rigor, com a mesma fixidez de normas gerais, porque o Espiritismo se ocupa de um tipo de fenómenos inteiramente diferentes dos fenómenos da física ou de qualquer outra ciência positiva. Logo, na teoria como na prática, o Espiritismo comporta e exige métodos adequados. Nem por isso se pode ou deve dizer que não é possível ensinar Espiritismo. É exagero, tanto mais que o próprio Allan Kardec, como especialista em assuntos pedagógicos, com o seu longo e brilhante tirocínio de professor, imprimiu cunho didático à orientação das obras básicas do Espiritismo, e como já foi dito, preconizou a instituição de um curso regular para ensinar o Espiritismo e «formar adeptos esclarecidos». Tudo depende, porém, do método a ser adaptado ao Espiritismo. À luz deste raciocínio, chegamos à conclusão de que se pode e deve ensinar o Espiritismo em cursos especiais. A experiência que o diga. Já existem hoje, no Brasil, diversos cursos de Espiritismo, tanto para crianças como para adultos. Um desses cursos, com método inteiramente pedagógico, é o do professor José Jorge, adoptado com indiscutível proveito no Departamento da Juventude da Liga Espirita do Distrito Federal.

III

DAS VANTAGENS DO ENSINO DO ESPIRITISMO

O ensino regular de uma doutrina, seja ela qual for, tem a grande vantagem de evitar que se formem noções falsas acerca dessa doutrina. O estudo ocasional, isto é, o estudo feito no momento, sem preparação prévia, embora não deixe de ser interessante, até certo ponto, porque desperta interesse pelos temas estudados ou discutidos, torna-se insuficiente porque não dá visão de conjunto.

Há muitas pessoas que, não tendo tempo suficiente para estudar a doutrina regularmente, adquirem noções apenas esparsas ou conhecimentos avulsos, sem coordenação e sem nexo; e, assim, não podem formar um lastro capaz de dar o discernimento necessário a respeito de certas questões básicas do Espiritismo. Há mesmo pessoas que são *crentes,* porque acreditam nos *espíritos,* mas não sabem quais são os verdadeiros fundamentos do Espiritismo, principalmente em relação às consequências morais que decorrem da qualidade de espirita. Nem todos os que se dizem espiritas sabem quais são os princípios em que assenta a UNIDADE da doutrina, segundo o pensamento de Kardec.

Sobreleva ainda outro problema, digno de observação e cuidados especiais: *a falta de estudo regular da doutrina conduz muitas pessoas, geralmente bem intencionadas, as dúvidas e vacilações que redundam na confusão do Espiritismo com práticas religiosas inteiramente destituídas de relação com a verdadeira prática espirita, ou mesmo com doutrinas que, pela sua filosofia, se chocam com o Espiritismo.*

Convém acentuar, todavia, que o estudo regular do Espiritismo não deve descambar para o puro intelectualismo ou para a simples indagação filosófica, nem para a experimentação fenomenológica sem conteúdo objectivo, sem resultados práticos. Em que consistem esses resultados práticos? Em primeiro lugar, na renovação da mentalidade do adepto, o qual, em consequência do próprio estudo inteligente da doutrina, vai substituindo atitudes obsoletas, como o «medo de Deus», o temor das «penas eternas», em si mesmo. Em segundo lugar, pela influência que a doutrina vai exercendo no homem, com relação à sua vida moral, sem o que o conhecimento do Espiritismo seria simplesmente teórico, sem efeitos directos nos actos humanos.

Podemos, portanto, colocar o problema nestes termos:

a) nem o fanatismo, nem a religiosidade ou qualquer outra forma de exclusivismo sectário, porque a doutrina espirita exige *estudo, trabalho, livre-exame* e *discernimento;*

nem, tampouco,

b) o excesso de preocupação intelectual ou científica, de base exclusivamente fenomenológica, sem preocupação elevada, sem o desejo de iluminação espiritual à luz do *Evangelho.*

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, *especulativo* e *normativo.* Especulativo, porque investiga, perquire, para *saber;* normativo, porque não fica no conhecimento puro, visto como traça normas ao comportamento humano, determina padrões de vida na família, na sociedade, na política, na cátedra, etc. O *espirita,* em qualquer situação, deve proceder de acordo com as normas morais da doutrina. Nunca se pode perder de vista o aspecto normativo da doutrina. Tem sido esta a orientação do Centro Espirita 18 de Abril.

IV

DA FORMAÇÃO DE NOÇÕES ERRÓNEAS POR FALTA DE COMPREENSÃO DA DOUTRINA

O estudo regular ou sistematizado corrige certas noções falsas, de efeito ruinoso no movimento espirita. Uma dessas noções é a de que *a cultura prejudica a humildade* (!). Para muita gente, a criação de cursos regulares de Espiritismo fere o princípio de humildade... Parece, pois, a muita gente, que a humildade exige, como condição fundamental, a ignorância. Noção errada, que deve ser desfeita pela compreensão da doutrina. É necessário não confundir a verdadeira cultura com a falsa cultura ou cultura superficial. Espiritismo é cultura do espírito, cultura no melhor sentido, portanto. Quanto mais culto, mais humilde, porque a própria cultura, quando real, se encarrega, por si mesma, de demonstrar a nossa ignorância, ou, melhor, a relatividade dos conhecimentos humanos, em qualquer terreno. A falsa cultura, sim, tem pretensões de sapiência. A verdadeira cultura, que não pretende *saber tudo* nem dizer a *última palavra* nos assuntos que se estudam ou discutem, é prudente, sensata, e nunca deixa de investigar, de procurar o *porquê* das coisas. A falta de cultura ou falsa cultura não permite ao indivíduo fazer auto-crítica, isto é, julgar conscientemente os seus próprios trabalhos, descobrir os seus erros, ao passo que a verdadeira cultura traz o equilíbrio, a noção de relatividade, o senso crítico. Já se vê, portanto, que o estudo regular ou metódico do Espiritismo, sem exibição, mas com o desejo sincero de estudar para *saber,* é uma necessidade, especialmente, para evitar que, em nome de uma noção errónea de *humildade,* tome corpo em nosso meio a ideia de que *não se deve estudar a doutrina espirita em cursos regulares para não alimentar a vaidade ou não ferir o sentimento de humildade.* Nem todo o ignorante é humilde, ao passo que o homem verdadeiramente culto, o homem que sabe o que pode e até onde é possível chegar, já é humilde conscientemente, porque sabe que os conhecimentos humanos são muito relativos. Ser humilde não é desprezar o estudo e fazer apologia da ignorância: é estudar com o desejo de procurar a Verdade, porque a Verdade é luz. E Jesus disse: *só a Verdade vos tornará livres*». «Instrui-vos», disse o Mestre. Logo, o estudo não é incompatível com a humildade. A falta de estudo regular concorre ainda para que muitos adeptos desconheçam até a posição exacta do Espiritismo em face do Evangelho, quase sempre interpretado segundo a letra, quando o *Espiritismo é que explica o Evangelho.*

Outra noção, aliás defeituosa e de algum modo perigosa, é a de que as conquistas da ciência não têm valor. É exagero, é demonstração de incultura pretender desmerecer o trabalho da ciência. É certo que a Ciência não disse tudo, não descobriu nem pode descobrir toda a Verdade, mas também é certo que a Ciência já fez muito, já estabeleceu proposições universais em diversos domínios do conhecimento. Como já disse um ilustre sociólogo brasileiro, precisamos «respeitar as construções da Ciência». Não nos esqueçamos de que o Espiritismo tem fundamentos científicos. Em nome do Espiritismo, portanto, não seria justo desmerecer as investigações e as conclusões da Ciência, embora todos nós saibamos que o campo da Ciência humana, justamente por ser humana, tem seus limites inevitáveis, e, por isso mesmo, não pode firmar princípios no domínio do Espiritismo, porque esta doutrina tem o seu campo definido na ordem espiritual, acima das configurações materiais.

Portanto, a criação de cursos re-

gulares de Espiritismo é uma necessidade. É assim que pensa o *Centro Espirita 18 de Abril.*

V

DOS PROGRAMAS PARA O ENSINO REGULAR DO ESPITISMO

Um curso regular de Espiritismo exigiria, sem dúvida, o estudo de outras matérias, pelo menos as que lhe são correlativas. Digamos mesmo que um estudo amplo do Espiritismo comportaria noções de *Filosofia Geral, História da Filosofia, Psicologia, Sociologia* e outras disciplinas, como cultura geral ou, para melhor dizer, como *iniciação* para estudos elevados. O Espiritismo toca em todas estas ciências. A *Astronomia,* por exemplo, seria de grande vantagem para que se pudesse compreender uma das teses da doutrina: a pluralidade dos mundos. A *Geologia* teria grande utilidade para facilitar a compreensão da *Génese,* de Kardec, porque há, nas relações do homem com a Terra, problemas directamente vinculados à ciência geológica. Como compreender, por exemplo, a evolução das formas de vida, segundo a *Génese,* de Kardec, sem pelo menos haver noções gerais de *Biologia.* Há muitas teses espiritas que exigem conhecimentos de *História Natural.* Este programa, porém, não pode ser dado em qualquer sociedade: está mais indicado para certas sociedades especializadas, de âmbito maior, como a *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos,* no Rio de Janeiro. Nos centros espiritas, porém, deve ser ensinada a doutrina com base nas obras fundamentais da codificação de Allan Kardec, sem exclusão, é lógico, de obras que venham facilitar o exame de problemas que o próprio estudo sugere. É o caso das obras de Léon Denis, Flammarion, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, considerados, como se sabe, autores clássicos do Espiritismo. Todavia é *indispensável* fixar noções gerais da doutrina.

Há necessidade também de se estudarem outras doutrinas espiritualistas, como complemento, pois muitos assistentes de sessões espiritas ainda confundem *espiritismo* e *teosofia, esoterismo,* etc. Tais disciplinas devem ser estudadas justamente para evitar que haja confusão. Nem todos sabem ver, nas diversas doutrinas espiritualistas, onde estão os *pontos comuns* e onde estão os *ponto diferenciais.* Nem todos sabem estabelecer a diferenciação entre espiritismo, teosofia, esoterismo, hipnotismo, etc. Daí a necessidade, nos cursos regulares, de alguns esclarecimentos gerais dessas doutrinas, para que os interessados saibam separar os assuntos. Outra matéria que deve ser estudada em carácter indispensável, nos cursos de Espiritismo, é *História das Religiões.* Muita gente confunde Espiritismo com certas formas de culto, com certas práticas religiosas, justamente porque não tem ideia formada sobre o fenómeno religioso nem conhece *História das Religiões.*

Depois destas indicações, vamos agora apresentar, para terminar esta exposição, um esquema dos programas adoptados no *Centro Espirita 18 de Abril* no corrente ano.

VI

EXPOSIÇÃO

O programa anual de estudos do *Centro 18 de Abril* é elaborado com antecedência e depois submetido à deliberação da Directoria. Para o corrente ano, por exemplo, foi adoptado o seguinte programa:

1.º ciclo: Janeiro a Março

Introdução ao estudo da doutrina:

Janeiro:
- a) *Definição do Espiritismo;*
- b) *Fundamentos científicos, filosóficos e morais do Espiritismo.*

(noções gerais e teóricas).

Fevereiro:
- a) *Missão do Espiritismo;*
- b) Suas relações com outras *doutrinas de fundo espiritualista.*

Março:

Consequências do Espiritismo:
1.º — Na ordem científica
2.º — Na ordem filosófica
3.º — Na ordem religiosa

Fontes — «O Principiante Espirita» — «O que é o Espiritismo», de Allan Kardec — «*Introdução do Livro dos Espiritos*».
Estas são as fontes iniciais.

2.º ciclo — Estudo geral da reencarnação, com base nas seguintes fontes: «Livro dos Espiritos», «Evangelho Segundo o Espiritismo» e «A Génese», de Allan Kardec

Seguem-se o 3.º e o 4.º ciclos de estudos do ano.

Nota: Todas as exposições didácticas da doutrina são ilustradas com esquemas no quadro preto.

Abril: Durante o mês de Abril, em homenagem à data em que se publicou o *Livro dos Espiritos,* primeira obra básica da doutrina (18-4-1857), fazem-se estudos em série, por meio de dissertações doutrinárias, com base no *Livro dos Espiritos.*

Outubro—Em homenagem à data natalícia de Allan Kardec (3-10-1804), organiza-se uma série de palestras ou exposições doutrinárias sobre o codificador do Espiritismo.

Novembro — Estudos complementares, com ilustração no quadro preto (*História das Religiões* ou qualquer outro assunto prèviamente escolhido).

Dezembro: Estudos sobre o «Sermão da Montanha», parte culminante do Evangelho.

Esboço de estudo sobre a Reencarnação

I — *Parte histórica*

- a) Livros sagrados, inclusive a *Biblia.*
- b) Ideias reencarnacionistas em povos antigos.
- c) Discussão do problema: provas lógicas e provas científicas (experiências).
- d) Distinção entre reencarnação e metempsicose.

II — *Parte moral*

- a) Consequências da tese reencarnacionista nas ideias religiosas: abolição da crença no inferno e nas «penas eternas».
- b) Ideia clara da justiça divina pela lei de «causa e efeito».
- c) Consequências na ordem social.

1.º — Abolição natural e consciente do preconceito de cor ou de raça.
2.º — Fortalecimento do espírito de solidariedade nos grupos sociais.
3.º — Compreensão das desigualdades sociais.

Eis o sumário do programa adoptado pelo Centro Espirita 18 de Abril.

UM PRETO OBSCURO E VIRTUOSO

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

Aquele preto analfabeto e simplório, obscuro e anónimo, triste pária que atende pela vulgarissima autonomásia de seu José, aos meus olhos de psicólogo vale muito mais do que certos grã-finos envaidecidos da instrução que possuem e da posição que os colocou nas altas esferas da sociedade. Vale muito mais, sim, do que essa gente que tem verniz de cultura e conhece as regras do bom-tom, sendo no entanto balda daquelas bonitas virtudes que exornam e embelecem o amplo coração do preto velho.

Qual será a maior delas, não sei. Aquela que poderia chamar-se virtude-mãe, talvez seja a que consiste em suportar ele, sem murmurações, sem revoltas, a tragédia formidável e atroz da sua própria existência.

O pão de cada dia é-lhe demasiado escasso; mas as amarguras, os dissabores, as terríveis angústias são prolíficas e perenes na sua alma melancólica e aflita. Provêm de um filho libertino e ingrato. Originam-se também na inalterabilidade do mesquinho salário que aufere no diuturno labor de vinte anos, como honrado servente de uma farmácia, aqui na capital. Único provento este e em flagrante e agressiva desproporção ao actual custo da vida, esta circunstância torna cada vez mais desolador o seu deplorável estado de pobreza.

Entretanto, seu José é um exemplo singular de estoicismo e resignação. A sua alma, retemperada na dor, já se afez à dureza do sofrimento. Identificou-se com a provação e assim se vai conduzindo sob o seu guante, sem rebeldias e sem clamores. Um dia destes contou-me seu José como veio juntar-se mais uma conta ao seu rosário de infortúnios. O outro filho, aquele que é bom e o ajudava nos encargos domésticos, faz algum tempo, passou a ser um peso morto em suas costas. Adoecera o rapazinho. De súbito, ei-lo imobilizado por uma inexplicável convulsão nos dois membros inferiores. Ficou sem poder suster-se de pé, com as pernas a tremerem sem parar. Entrementes, passou a ver espectros. Visões ameaçadoras, macabras.

Durou muitos dias esse estado. Tomou remédios. Fez tudo para ficar bom. E afinal ficou bom, mesmo. Mas bom orgânicamente; pois, bem pior do que a trepidação dos membros, foi a outra doença que sobreveio, estranha, esquisita, misteriosa. Como essa doença? Apenas isto: O rapaz não queria sair de casa, não queria ir para o trabalho. Dantes era expansivo, vivaz, nada caseiro. Todos os dias caminhava para a oficina onde se entregava à lida do ofício que lhe permitia ajudar o velho pai. Era alfaiate. Nesta segunda fase da sua enfermidade, dir-se-ia uma outra personagem. Reservado, macambúzio e retido dentro de casa, de preferência num quarto, sem querer sair. Ninguém o arredava para fora. Nem mesmo até ao portão, a olhar a rua.

Ouvindo o meu interlocutor, infundi-lhe confiança na misericórdia de Deus, e passei com outro confrade a averiguar o caso. Constatámos logo que o moço era presa de um espírito obsessor que se comprazia em retê-lo naquele estado de aparente ociosidade. Fizemo-lo encaminhar-se a um Centro Espirita, onde a entidade malfazeja se manifestou por um médium e foi devidamente doutrinada. O paciente volveu ao seu estado normal, após ter comparecido a três sessões, recebendo passes magnéticos. Retornou às suas actividades quotidianas e nunca mais sentiu a menor alteração no seu estado físico ou moral.

A cura do seu jovem filho foi para o preto José um momento de plena felicidade dentro da sua amarga desventura.

Ah! como me punge ouvir do desditoso sexagenário a dolorosa narrativa dos seus amargurados dias de velhice! Escuto-o aqui na minha casa, às vezes, quando ele me vem honrar com a sua visita. Outrora residíamos em casas contíguas, e entre tantos moradores adjacentes, na maioria gente de

LIVROS QUE AUMENTARAM DE PREÇO

O último catálogo da Editora O PENSAMENTO, de S. Paulo, alterou o preço de suas obras, motivo por que fomos obrigados a aumentar igualmente o preço de venda dos seguintes livros:

Grafologia, br.	55$00
Magia Teúrgica, br.	75$00
Magnetismo, br.	50$00
Medicina Oculta, br.	60$00
Quiromancia, br.	70$00
A Força do Pensamento, br.	28$00
Magia Mental, br.	75$00
A Mente e o Corpo, br.	40$00
Bagavad Gîtâ, br.	30$00
A Cabala, br.	30$00
Homeopatia Doméstica, br.	30$00
Lições de Ocultismo Utilitário, br.	40$00
Raios de Luz Espiritual, br.	50$00
Receituário de Remédios Caseiros, br.	28$00
14 Lições de Filosofia Yogui, br.	45$00
Ciência da Cura Psíquica, br.	30$00
Ciência Yogui da Respiração, br.	25$00
Cristianismo Místico, br.	45$00
Cura Prática pela Água, br.	20$00
Gnana Yoga, br.	45$00
Hatha-Yoga, br.	45$00
Raja-Yoga, br.	45$00
A Vida Depois da Morte, br.	35$00
Baltazar, o Mago, br.	40$00
A Grande Mensagem, br.	40$00
Nos Templos do Himalaia, br.	40$00
No Santuário, br.	40$00
O Templo do Silêncio, br.	20$00
Vida Espiritual e Vida Submissa, br.	50$00
Astrologia ao Alcance de Todos, br.	60$00
O Caminho de Jesus, br.	35$00
Ciência Adivinhatória, br.	50$00
A Ciência Secreta, br.	190$00
Como Fazer Amigos, br.	40$00
Como Fazer-se Yogi, br.	25$00
Curso de Iniciação Esotérica, br.	45$00
Curso de Magnetismo Pessoal, br.	30$00
Curso Prático de Eficiência Pessoal, br.	40$00
É Fácil ser Feliz, br.	25$00
Forças Ocultas, br.	50$00
As Forças Subtis da Natureza, br.	35$00
O Grande Arcano, ou Ciência dos Magos, br.	60$00
Magnetismo Pessoal, br.	40$00
A Mulher e seus Transtornos Sexuais, br.	54$00
O Poder Mágico, br.	30$00
Práticas Esotéricas, br.	60$00

epiderme fina e conceito social, ele os seus familiares foram os nossos melhores vizinhos.

Somos agora amigos. Recebo-o quando me bate à porta para fazer-me as suas confidências. Nestas ocasiões comove-me sempre a sua grandeza de alma, a magnanimidade sem par do seu ilibado coração. Acercam-se dele os meninos, saudando-o, e seu José vai logo retribuindo a cortezia dos garotos, pondo-lhes nas mãos alguma coisa que trouxe para lhes agradar. Não adiantam as nossas ponderações. De outra feita, quando seu José volve a ter connosco, novo presente de guloseimas ou de frutas sempre ele traz para as crianças. Dá de sua própria indigência, à maneira daquela viúva citada pelos evangelistas. Diferencia-se de muitos nababos, de quase todos os nababos, que dão de sua liberalidade, de suas sobras.

É assim aquele cansado preto velho, cujo nome por extenso nem eu mesmo lhe conheço, porque nunca ouvi designá-lo senão pela alcunha comum e banal de seu José. Pobretão, laborioso, honesto, pacífico, morigerado, sofredor e paciente, — ele é um modelo do homem de bem que o mundo desconhece. A sociedade, hipócrita e vesga, não lhe homenageia as preclaras virtudes. Ao revés, desdenha-o considerando-o uma expressão da ralé, um rebotalho, um nada. Seu José mesmo não sabe que é virtuoso, que tem muito valor. É que a verdadeira virtude ignora-se a si própria. Não se anuncia, não faz alarde...

Ah! preto velho analfabeto! Como invejo esse teu heroísmo na provação, esssa tua resignada e tranquila serenidade ante a dor imensa que te espezinha!

Instruo-me no teu exemplo e curvo-me diante de ti.

Um Fenómeno Extraordinário

Em Maio de 1953, o nosso amigo Henrique Magalhães escreveu-nos o seguinte, que nos deixou perplexos ante o inesperado acontecimento:

«O médium Francisco Peixoto foi há tempos à cidade de Fortaleza, capital do Ceará, de visita a seu irmão e ali realizou quatro sessões, nas quais se obtiveram belos trabalhos de efeitos físicos. Desde a primeira reunião que um amigo daquela cidade vinha solicitando do guia dos trabalhos autorização para tirar fotografias e na última o seu desejo foi satisfeito. O nosso amigo aproveitou o ensejo e fez-se acompanhar de um fotógrafo. Quase no fim da sessão, o espírito que atende pelo nome de José Grosso controlou o trabalho em perspectiva. Em certo momento disse ao fotógrafo que se preparasse para «bater a chapa», quando ele desse o sinal. Este julgou que o aviso era para aquele momento e disparou o obturador. É que também ali estava a que foi esposa do Leopoldo, Marília Barbosa e que se preparava para pousar, materializada, mas não teve tempo para isso. Foi um engano lamentável, mas não deixou de ter resultados excelentes com a fotografia tão nítida de Lia, a grande pioneira do Espiritismo em Portugal. A propósito, tem aqui um confrade, Dr. A. Ranieri, actualmente Delegado da Polícia em Águas da Prata, Estado de S. Paulo, que lhe pede autorização para colocar essa fotografia num livro notável que escreveu sob o título de «Materializações Luminosas» com descrições como ainda não li em qualquer outro livro».

Em Junho de 1951 já nós tínhamos recebido uma carta da *Agrupación de Estudios Psíquicos Casa de Paz*, de Rosário, Argentina, dando conta de fenómeno idêntico, testemunhado pelos três signatários da missiva, ou sejam, o director da agremiação, Nicolas Motta, a médium Maria Aída de Erneta e o secretário, cuja assinatura é ilegível. Diz assim a carta:

«Para vossa alegria e grande satisfação nossa como prémio do trabalho e ainda porque nos acompanham seres espirituais moralmente elevados, temos a honra e o dever de lhe dizer que na sessão da noite (24-5--951), mais ou menos às 22 horas e alguns minutos, tivemos outra grande surpresa, depois de tantas outras — a transfiguração do ser espiritual da que foi na Terra sua esposa e grande personalidade como fundadora e antiga directora da revista que você dignamente dirige — Maria G. Duarte Santos. A vidência foi completa e visível, auditiva e vocal. A descrição da entidade foi confirmada pela maior parte dos assistentes, que verificaram a parecença com a fotografia que figura na revista *Estudos Psíquicos*. O cabelo negro, como na fotografia, a mesma forma de penteado e a mesma formosa expressão do rosto nimbado por uma auréola de tranquilidade e paz espiritual. Muito emocionada, desculpou-se por ser a primeira vez que se apresenta no nosso Grupo.

«Ao cumprimentá-la pela sua vinda à nossa Casa de Paz, disse-nos estas palavras ouvidas por quase todos:

«— Escreva ao Isidoro e diga-lhe que estive aqui, na Casa de Paz.

«Prometeu-nos assisistir a outras sessões. Como diz acima, embargada pela emoção não pôde ser mais expressiva, como era seu desejo. Esperamos que a presente nota o estimule e sirva de prova para o seu arquivo público e particular».

Além destas cartas, outras nos têm chegado de várias partes do mundo com comunicação que lhe atribuem, algumas das quais temos posto de reserva, em virtude de não satisfazerem às exigências de nossa apreciação. Uma outra continha oportuno aviso: «tivesse cuidado com certos papeis guardados num móvel, que estavam sujeitos a ser deteriorados pelos roedores». De facto, dirigimo-nos ao local indicado e encontrámos algumas folhas ruídas pelos ratos que ali haviam entrado inesperadamente. Esta circunstância calou muito em nosso espírito. Por isso a carta de Henrique Magalhães, se, por um lado, nos surpreendeu, por outro encontrou-nos predisposto ao acontecimento. O espírito de nossa companheira continuava a interessar-se pela doutrina e aproveitava ocasiões propícias para dar testemunho da sobrevivência. O caso era absolutamente lógico. A entidade aparecia em latitudes diferentes a confrades mais ou menos relacionados connosco

ou com a nossa obra, para que viéssemos a ter conhecimento do ocorrido.

Ela sabia que, apesar das numerosas provas de identidade que possuíamos, ainda desejávamos mais, não para reforçar convicções, mas para estímulo de trabalho. Quando sabemos que alguém se aproxima da nossa obra ou continua ligado a ela, sentimo-nos mais acompanhados e acalentados.

O artigo de Leopoldo Machado que adiante se lerá acompanhava a prova fotográfica que ilustra este artigo. As palavras do nosso querido colaborador causaram-nos séria impressão, já pelo tom de veracidade em que estão escritas, já por uma particularidade que salta aos olhos do leitor. É que a sessão destinava-se, sem dúvida, a obter a foto de Marília Machado Barbosa, como fora prometido, e todos ficaram desapontados quando viram... o insucesso. Sim, porque embora a sessão resultasse positiva num ponto, era negativa noutro, para eles talvez o principal, pelo prazer que desejariam causar ao amigo Leopoldo.

Depois de receber o artigo intitulado «Uma Perfeita Materialização», escrevemos aos directores do «Tatwa A. O. Rodrigues», de Fortaleza, Estado do Ceará, que nos haviam prometido uma prova fotográfica do fenómeno, bem como um relato de como fora obtida. Pedimos-lhes que nos dissessem:

a) local e hora em que se obteve a foto.

b) quem dirigiu os trabalhos e quais as precauções tomadas.

c) número de assistentes e seus nomes.

d) se as chapas estavam seladas e quem as revelou.

e) se o médium estava inconsciente.

f) se todos viram que nenhum retrato de Lia estava na sala da sessão e se ali não haveria qualquer substância que se pudesse confundir com o ectoplasma saído da boca, do nariz e dos ouvidos do médium.

g) quem bateu a chapa e a que distância do médium estava a máquina fotográfica.

h) se algum assistente teria em casa retrato semelhante ao que figura na foto.

i) se o relato oferecido poderia ser assinado por todos os presentes à sessão e as assinaturas ser reconhecidas por notário.

Acrescentámos que o ectoplasma ali apresentado tinha aparência de algodão em rama — no dizer de um confrade português — embora estivéssemos convencidos da veracidade do fenómeno.

Mas o tempo passava sem a almejada resposta. Escrevemos a Leopoldo Machado, que foi de opinião que se publicasse o artigo, mesmo sem as exigências de nossa parte, e pedímos-lhe que interferisse junto daqueles confrades no sentido desejado. Escrevemos ao nosso representante em Fortaleza... e o mesmo silêncio coroou a obra. Leopoldo Machado disse-nos deixasse correr tudo por conta do cronista, inclusive a hipótese de fraude, e nós não concordámos, por isso colidir com a maneira de sentir do director de *Estudos Psíquicos*. Preferimos aguardar, do que publicar o artigo sem as informações pedidas, ainda que o seu autor estivesse decidido a publicá-lo numa revista brasileira, acompanhado da fotografia.

Até que em fins de Novembro de 1953 surgiu a carta do sr. Ubiracy de Carvalho Lima, verdadeiramente elucidativa e sintomática, quanto à hipótese de fraude, para nós absolutamente inadmissível.

O fenómeno psíquico, como diz Geley, nem sempre sai genuíno do controlo mediúnico, sobretudo quando o experimentador leva demasiado longe a fiscalização policial.

Quanto à carta de Ubiracy de Carvalho Lima, quer-nos parecer que dispensa comentários. Vale por uma acta autêntica. Deu-nos informações preciosas para elucidação do caso e todos ficam sabendo que o objectivo colimado era outro bem diferente, o que valoriza ainda mais o caso e põe de lado qualquer desconfiança ou ideia de fraude.

Também não discutimos se foi, de facto, «retrato astral de natureza fluídica, encravado pelos manipuladores espirituais na massa ectoplástica». O que é certo é que houve *objectivação*, sem o que seria impossível impressionar a película fotográfica e só a matéria poderia produzir o fenómeno obtido. E o argumento de Ubiracy, relativamente à iluminação do rosto de Lia, é verdadeiramente decisivo, visto ter usado luz frontal de magnésio para as duas coisas: médium e retrato. Estava, pois, ali uma fotografia iluminada por dois focos diferentes, facto inexplicável por qualquer teoria. Se o magnésio explodir em frente do médium, cujo rosto não apresenta sombra alguma, o retrato de Lia também não deveria apresentá-la, por se encontrar em posição semelhante, com relação à objectiva.

Assim, parece-nos tratar-se de assunto digno de estudo imparcial.

Não aventamos mais comentários. Deixamos essa tarefa ao leitor arguto, que se esforçará, como nós, por explicar cabalmente a génese do acontecido.

(Segue o artigo de Lopoldo Machado)

Uma Perfeita Materialização

Por LEOPOLDO MACHADO

A carta da ilustre irmã espiritual, generosa e boa, dizia o seguinte, a certa altura:

«Não sei se sabe que o Peixotinho, aquele médium de efeitos físicos residente em Campos, passou aqui uma temporada...

«Numa de suas sessões, os espíritos permitiram que meu irmão batesse uma chapa do médium em transe, dizendo, um deles, ao terminar a sessão, que iríamos ver o retrato de Marília com o Peixotinho. Diante da veneração que todos sentem pelo Sr., a alegria foi geral, por avaliarmos o prazer que iria causar essa fotografia. Meu irmão, dias depois, revelado o filme, deixa-me o retrato em que era bem visível, ao lado do Peixotinho, uma cabeça de mulher, sorrindo. Ele sai e eu corro a buscar o retrato de Marília. Não achei semelhança e fiquei confusa. No entanto, esse rosto risonho me era familiar. Lembrei-me de Maria Duarte, senhora portuguesa, muito conhecida dos espiritas do Brasil. Ficou constatado que era, realmente, o retrato fluídico de Maria Duarte. Digo-lhe sinceramente, a todos causou decepção, pelo facto de não se tratar de Marília. O Cap. Leite telefona a meu irmão, dizendo que *Scheilla*, o espírito, na sessão de receituário, se havia comunicado, dizendo que precisava de rectificar um engano: a retratada seria Maria Duarte Santos e não Marília. Na fotografia, as duas iriam aparecer juntas, pois juntas trabalham no Espaço em várias missões, mas Zé Grosso, o espírito que chamou Ubiracy para bater a chapa, apressou-se, entusiasmado, sem dar tempo a que o retrato de Marília estivesse pronto para ser fotografado. Daí o insucesso...».

E veio a fotografia, nítida, perfeita, expressiva.

Nunca vimos fotografia mediúnica igual em expressão e nitidez.

A fisionomia, real e risonha, exactamente igual à que a revista *Estudos Psíquicos* traz, sistemàticamente, no verso da capa, era de Maria Duarte Santos com aquele sorriso tão característico e tão seu.

Quisemos outros informes da sessão.

Deu-no-las outra carta:

«O facto foi na sessão de 29 de Agosto deste ano (1952) entre as 8 e 8,30 da noite, na escola do *Tatwa* A. O. Rodrigues, à rua da Assunção, 647. O fotógrafo, irmã da missivista, D. Juracy de Sena, Ubiracy de Carvalho Lima. Pessoas presentes: Almerindo Reis e senhora; Ubiracy e senhora; Dr. Honor Torres e senhora e outras de que não sei os nomes, ou os sei incompletos. A assistência era numerosa...».

Depois, por telefone, o médium, velho conhecido nosso, prometendo-nos sua visita, autoriza a publicação do facto, e até da fotografia, de preferência em jornal ou revista espirita.

E na *Casa de Luciá*, numa sessão íntima a que veio a querida companheira por D. Rosa Leomil, sua directora, que a incorpora muito bem, falou-se do facto.

«É verdade, sim. Queria dar-lhe, principalmente a você, esta alegria, fazendo-lhe uma grande surpresa. Lamentei muito o meu insucesso. A minha amiga foi mais diligente e mais bem aquinhoada. A fotografia foi antecipada, em face de certas leis de materialização, que vocês não podiam compreender aí. A Maria Duarte Santos foi mais feliz do que eu. Teve mais merecimento do que eu. Agora, vamos aguardar o futuro...».

Para nós, seja como for, trata-se de motivo de muitas felicidades juntas.

Foquemos, porém, as três maiores:

a) A alegria espontânea que o facto trouxe a gente boa e amiga de Fortaleza; b) Mais uma prova de que os dois espíritos, que não se conheceram nesta existência, continuam juntos, trabalhando no mesmo plano e nas mesmas missões; c) E a prova que nos deve ficar — a nós e ao Isidoro Duarte Santos —, que as nossas queridas companheiras são felizes e continuam trabalhando juntas, talvez mais do que aqui...

E, de nossa parte, isoladamente, mais graças do Céu sobre um mísero pecador!

(Segue a carta do fotógrafo Ubiracy de Carvalho Lima).

Fotografia transcendental obtida no Tatwa "A. O. Rodrigues", Cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, com o médium brasileiro de efeitos físicos Francisco Peixoto Lins

UMA CARTA DO ASSISTENTE QUE OBTEVE A FOTOGRAFIA

Prezado confrade
Isidoro Duarte Santos

Sua carta de 15-8-53, dirigida ao Major António Leite de Araújo, foi-me por ele mostrada, porque o assunto ali tratado me dizia respeito por força de minha actuação no processo fotográfico em que apareceu reproduzida aquela que lhe foi tão cara nesta existência, D. Maria Duarte Santos, e, em consequência, tomei a liberdade de roubar para mim o grato encargo de responder à sua consulta, à medida das possibilidades, mesmo porque aquele confrade não tomou parte nos trabalhos daquela noite.

Quero antecipar, de logo, que a fotografia obtida foi tomada em carácter íntimo, de recordação, de modo nenhum como experiência científica ou como meio de provar fenómenos a respeito dos quais não temos — nem eu nem os que assistiram àquela sessão — quaisquer resquícios de dúvida. Enfim, não foi feita para dar provas a ninguém, mas a pedido do próprio médium — uma das criaturas mais evangelizadas e humildes com quem tive contacto até hoje — que desejava possuir uma lembrança e, ao mesmo tempo, uma amostra de como se produzia a emissão do próprio ectoplasma.

Tratando-se de sessão destinada especialmente a intervenções astrais para cura de enfermos, aquela fotografia não passou de rápido e despretencioso incidente no seu desenrolar, no qual nós que assistimos ao trabalho restante ali realizado na mesma ocasião, de ordem muito mais importante que meros fenómenos já tão repetidos — vimos, tão sòmente, mais uma manifestação da bondade divina e da amizade e assistência complacente que os bons espíritos nos dedicam, em que pese nossa deficiência de méritos.

Tudo o que se verificou nas quatro sessões aqui realizadas em Setembro-Outubro do ano passado foi registado em «acta» impressa em nossos corações... Eis porque não posso enviar-lhe cópia. Dou-lhe, no entretanto e com muito gosto, os esclarecimentos precisos dos pormenores que a minha memória reteve e valendo-me de relato feito para o Sr. Henrique Magalhães, em 2-12-52, para compensar esmaecimentos causados pelo tempo.

O MÉDIUM E SUA MEDIUNIDADE

Chama-se Francisco Peixoto Lins, chamado pelos familiares de Peixotinho. É cearense de nascimento, mas reside, actualmente, em Campos, Estado Rio de Janeiro. Exerce sua mediunidade com grande sacrifício de saúde, por ser fortemente achacado de asma. Seu estado físico, após cada sessão, é impressionantemente lastimável, daí porque reputo de apostolado o exercício de sua mediunidade, sempre aplicada na recuperação da saúde alheia, em detrimento da sua própria, em favor da qual nada pode fazer, em vista de condições kármicas a que não pode fugir.

Os fenómenos físicos realizam-se onde está; de dia ou de noite, nos bons ambientes, sentem-se ondas de perfume, flores e pequenas pedras perfumadas caem no solo ou no regaço dos que lhe fazem companhia. Feita escuridão, surgem fenómenos luminosos e materializações e voz directa. As materializações têm sempre o fim de produzir operações cirúrgicas aos necessitados, sem sangue e sem dor. Os operadores apresentam-se materializados e visíveis a todos os presentes, com os quais falam, aconselham, gracejam, tocam e deixam-se tocar, etc....

A FOTOGRAFIA

Foi em conversa, ao conhecê-lo, que aventei a possibilidade de obter fotografias de espíritos. O médium externou-me, então, seu desejo de possuir uma fotografia sua no acto de emitir o ectoplasma, pois gostaria de ver-se assim, uma vez que fica inteiramente desacordado quando em transe, jamais tendo sido testemunha dos fenómenos que produz.

Dias depois, participou-me que os guias lhe haviam prometido a fotografia e que eu estivesse pronto. A todas as sessões, pois, compareci munido de minha máquina, tripé, lâmpadas e aparelho de «flash» não conjugado àquela; todavia, só na última sessão

obtive permissão para fazer a exposição. Esta foi feita em película Kodak Super XX n.º 120, revelado no melhor estabelecimento do ramo sem que lhes fosse dito o que eu esperava encontrar numa de duas doze exposições (as outras onze foram batidas posteriormente por mim para aproveitamento total do filme). Ocorre-me dizer que minha máquina não permite dupla exposição, visto que a alavanca que a carrega leva, ao mesmo tempo, o filme para outra parte ainda virgem.

Antes de iniciada a sessão, instalou-se o médium em saleta de cerca de 2,0 X 1,5 mts., com saída única para a sala da assistência, onde colocámos, como mobiliário, um divã para que se deitasse comodamente. Instalei a máquina em diagonal, a um canto da saleta, sobre tripé, ajustando-a para pronto uso.

Deitado o médium no divã, saíram todos que ali estavam assistindo a esses preparativos. Foquei a máquina sobre o médium, ajustei-lhe o diafrágma, fechando-o ao máximo para conseguir a nitidez possível e maior profundidade do campo focal. Fui o último, pois, a sair e sentei-me logo junto à porta (à distância de cerca de 0,80 cms.), à qual encostei grande folha de «celotex» que deixava uma abertura de 0,30 cms. ao alto e uma frincha vertical que me permitia ver parte do interior da saleta — cortando o espaço entre a máquina e o médium — quando os fenómenos luminosos se verificavam lá dentro.

Apagadas as luzes, logo me retirei dali e foi feita a prece inicial e cantado um hino religioso pelos presentes. Mal findava este, quando, por voz directa, partida de dentro da câmara mediúnica, José Grosso, espírito familiar do médium, convidou-me a entrar e fazer uma só exposição. Engatei uma lâmpada «flash» no respectivo aparelho, afastei a folha de «celotex» e penetrei na saleta, na mais profunda escuridão. Abri o obturador, armado em «B» e, elevando o «flash» acima da cabeça, disparei-o, após o que cerrei o obturador e saí como da primeira vez.

Ao disparar o «flash», curiosamente fiquei de olhos abertos, com o fito de entrever algum detalhe interessante, mas o contraste do relâmpago intenso na mais negra escuridão ofuscou-me, nada me deixando divisar. Entretanto — fenómeno curioso! — ficou-me gravada na retina, nítida, durante cerca de 15 minutos, a figura do médium deitado no divã...

A voz de Zé Grosso soou de novo, indagando se eu deixara a máquina carregada, ao que respondi negativamente, lastimando não ter tido tal ideia. Inquiri se ele desejava que eu a carregasse de novo, na esperança de obter algo que me fora acenado como possível e que eu antegozara até aquele momento: a fotografia daquele que foi meu pai nesta vida... A resposta, contudo, foi negativa e, pouco depois, surgia a forma materializada de *Sheilla*, outro familiar do médium, que iniciava, assim, os trabalhos principais da noite.

Do negativo, primeiramente tirou-se cópia por contacto, onde se podia ver bem sucedido o empreendimento, em vista do que mandei fazer várias ampliações, uma das quais lhe remeto junto. Nenhum retoque sofreram negativo, cópia e ampliação.

MINHAS IMPRESSÕES

Como amador de fotografia — uma de minhas inúmeras manias na vida — quero transmitir-lhe as minhas observações, não esquecendo, contudo, a minha qualidade de espírita militante.

Conhecendo, através de *Estudos Psíquicos*, o retrato de D. Maria Duarte Santos, intrigou-me sobremodo a semelhança de iluminação do rosto com a que se notava na ampliação. O confronto confirmou isto.

E intrigado fiquei, pois que eu usara luz frontal, uma só fonte de luz, que não poderia produzir sombras (a não ser que a cabeça se apresentasse numa posição a 3/4, em que se projectaria a sombra do nariz no rosto) na face do espírito, como não aparece na do médium; no entanto, ali estava um retrato tomado sob iluminação, no mínimo produzida por dois focos luminosos: duas iluminações, pois, na mesma fotografia...

Depois de bem estudar o problema, firmei a minha opinião de que não tirara fotografia de espírito nenhum, mas de um retrato astral, de natureza fluídica, encravado pelos manipuladores espirituais na massa ectoplasmática. Assim, tratava-se de reprodução daquele mesmo retrato de *Estudos Psíquicos*.

Outra fora minha opinião e importaria em aventar dúvidas com respeito ao médium, e a só menção a isso me repugna PELO QUE VI, MUITO MAIS IMPORTANTE, NO DECORRER DA SESSÃO E EM OUTRAS, ANTERIORES A ESSA. O que não poderei é obrigar a quem quer que seja a aceitar meus pontos de vista: seria preciso estivesse em condições idênticas à minha...

Reconheço, pois, que o trabalho foi feito independente de qualquer controlo, como se depreenderá pela descrição retro. Não des-

SALVÉ 1954

Por

ANTÓNIO MARTINS

MAIS um ano que passou, no eterno caminhar dos tempos. Mais um que desapareceu sem deixar saudades a ninguém.

Durante os seus longos doze meses as lutas continuaram entre os homens, a desunião prosseguiu e a intolerância não cedeu o lugar à grandeza de alma que caracteriza os princípios salutares da doutrina do Mestre muito querido que é Jesus.

As nações continuaram desavindas, e não se vê raiar ainda a estrela da paz e da concórdia. Os homens lutam por uma hegemonia egoista e perigosa que não é possível por contrária aos princípios fundamentais das liberdades humanas.

Vive-se muito terra-a-terra, os horizontes onde brilha a espiritualidade restringem-se cada vez mais, o círculo vai-se apertando e as almas sedentas de Justiça de Paz e de Amor sentem-se asfixiar num ambiente cruel de desentendimentos, de abusos e de perseguições.

Muito deve sofrer do Alto Aquele que morreu na cruz para que os homens vivessem como irmãos! Que espectáculo desolador a Humanidade lhe oferece nesta vida de «apagada e vil tristeza»! Invoca-se o Seu nome na medida em que Ele pode servir à nossa vida, à nossa comodidade, ao nosso bem-estar, ao nosso predomínio sobre os outros e esquecem-se as Suas máximas, as Suas leis, a Sua moral e a Sua tolerância dentro de um amor que a todos devia abrasar e unir num amplexo de fraternidade em que todos se fundissem, se amassem e se compreendessem.

Esquecem-se os princípios fundamentais da lei moral, da Justiça, do perdão das ofensas e do amor que Ele apresentou ao mundo como base da salvação das almas. Enquanto os homens se não resolverem a pôr em prática esses princípios sagrados, não será possível a harmonia, a paz e a tranquilidade. E aos abusos que a História tem registado, a Humanidade tem respondido com reacções violentas. Isto é verdade, para as nações e para as colectividades, como o é para os indivíduos.

Muita coisa vimos no ano que acaba de extinguir-se; muita coisa se deu que penalizou a nossa alma sincera de espiritas cristãos. Não vale a pena recordar. Seria abrir feridas que ainda não cicatrizaram. O que importa é olhar em frente e batalhar cada vez mais pela pena e pela palavra, pela espiritualização do homem. É objectivo dificil e a longo praso, bem o sabemos, mas vencer sem dificuldades é triunfar sem glória, e essa glória que aureolou a fronte dos santos não foi conseguida sem uma vida inteira de sacrifícios, de tristezas e de padecimentos.

O seu apostolado, exercido em épocas de incompreensão, de malvadez e intolerância, que ainda não desapareceram completamente da face da terra, incita todos os homens de boa vontade a lutar pelo mesmo ideal, o ideal do Cristo, compreendido em espírito e verdade para que possa finalmente reinar entre os homens a Sua paz, o Seu amor e a Sua tolerância.

É como os olhos postos nesses baluartes da fé, que foram os Apostolos, é com o pensamento integrado na pureza da doutrina que guiou seus passos na propagação das verdades do Mestre, que, no limiar do ano que começa, eu vos saúdo, homens, meus irmãos, seja qual for a vossa crença, espiritas ou não espiritas, porque o nosso coração não alberga nem pode aceitar o rancor como base da união pregada por Jesus. Sim, porque, quem haverá no mundo que possa atirar a primeira pedra? Interrogação cheia de lógica, de bom senso e de reconhecimento das humanas fraquezas para quem não tenha o espírito ofuscado pelo ódio e pelo egoismo.

Façamos todos por compreender estas verdades triunfadoras, para maior glória de Deus e para que a paz reine na terra entre os homens de boa vontade.

---

conheço que, para ter valor científico, teria eu mandado carregar a minha máquina por uma comissão, que a selaria, rubricando o filme; examinaria o médium despido e exigiria vestisse a roupa que se lhe desse; entraria na câmara mediúnica levando a máquina, da qual não me separaria um só instante — enfim, tomaria aquelas precauções que o confrade tão bem conhece, até ampliação final, para, no fim, ouvir a mesma opinião dos «cientifistas»: — «Foi algodão em rama»...

Mas, como não se cogitou disso, peço para considerar a fotografia como registo íntimo de nossas reuniões com o Peixotinho. Se a publicar, faça-o destacando o carácter em que foi tirada. Não serve de prova para convencer incrédulos ou desconfiados: esses duvidarão das actas, das assinaturas e até do tabelião que as reconhecer, sem falar do pobre do fotógrafo e do infeliz médium...

E aqui encerro o longo relato que lhe não dará elementos para uma crónica extraordinária. Não lastime, no entanto: por mais se esbofasse o confrade em detalhes rigoristas, mais rir-se-iam os incrédulos e os pseudo sábios. O Espiritismo não mais precisa de tais provas para impôr-se. Ainda hoje os factos observados por Crookes têm seus críticos...

Perdôe-me, assim, a prolixidade que é mal de quem se assina O menor ser em Jesus

Ubiracy de Carvalho Lima

Nota da Redacção — *A nitidez da fotografia obtida em Forteleza é incompatível com os defeitos da fotogravura publicada nesta revista, onde o rosto de Lia se encontra manifestamente alterado. Embora a posição seja igual, a expressão é diferente, numa e noutra. Basta compará-las.*

Aguardamos a apreciaição dos leitores, aos quais franquearemos estas colunas, desde que tragam elementos valiosos e necessários à elucidação do extraordinário fenómeno.

PROGRESSÃO

De uma nova obra de Lia e recebido em 19 de D

★

Eis dois temas que se entrelaçam numa só grinalda de amor e fé. Desde os primórdios, desde a primeira madrugada de vida, que as almas se lançaram em voo perene em demanda do grande Graal que contém a verdadeira sabedoria. Que imensa luta à luz do impulso originário! Quantos obstáculos de sofrimento, barreiras de agonia, abismos de incerteza, não foi preciso vencer para avançar um passo na rota perpétua! E todo esse caudal de esforço instintivo promana da fonte divina que está na base do movimento. Nenhuma gota se perderá na corrida das moléculas aquosas, nenhum raio cristalino deixará de reflectir os mutações cósmicas em variação e perfeição. Todo o conjunto harmonioso da vida tem o selo do Criador Incriado.

Nós ignoramos de onde viemos. Sabemos que o raio luminoso da ciência nos envolve e que só à custa de sacrifício penetramos em suas espirais. Há, porém, qualquer coisa que emerge do incognoscível e radica em nós a necessidade de caminhar na linha que nos foi traçada e a cujo influxo não poderemos fugir jamais. Essa linha é progresso, é variedade e instabilidade. O estável terreno é inerte por natureza. A estabilização de duas correntes impede a sua marcha ascendente ou descendente. Mas a suspensão do movimento é episódica, toca um ponto infinitesimal do problema, porque a lei natural logo restabelece o equilíbrio com os recursos da sua força insuperável.

Assim, mesmo «retrogradando», o ser é agente de progresso. O seu livre arbítrio dá origem à variação e renovação do todo, que se divide em partículas incontáveis sujeitas a acções e reacções.

O burilamento de uma faceta produziu matéria desagregada que voltará a unir-se em condições diferentes e progressivas.

Não há dor nem golpe que não contenham aspiração divina. O soluço é o rumor da asa que se estende. É o contraste visível do poder do avanço, é o «ónus» da satisfação alcançada.

No mundo moral não há marcha descendente. O mais pequenino esforço é disposição de ascenso na escala evolutiva. Ao esforço da vontade, o que vive em subordinação orienta-se no sentido exposto. Em cada célula viva existe em latência o princípio espiritual. De outra forma, milhões, biliões, triliões de indivíduos que constituem um corpo orgânico, não obedeceriam à lei do ritmo e a vida seria heterogénea, um aglomerado sem definição.

Mas não é assim. A vida é um movimento universal perfeitamente ritmado, obediente à mesma força criadora e propulsora. O que está em cima é igual ao que está em baixo. O raio de sol é igual à massa amorfa das profundezas. Só difere na função biológica.

Deste prisma se deve encarar e analisar a natureza, em solidariedade permanente, sob os auspícios da coesão. Separar as espécies, enquadrá-las, em classes ou hierarquias, é fazer involução, no sentido vulgar da palavra. A análise deve ser feita ao conjunto, tendo em vista a relatividade da parte.

Todos os seres sofreram o mesmo impulso inicial e foram projectados no tempo para ascensão e progressão. A variedade de ambientes modificou e aumentou a variedade de seres. O que morre para os olhos do ignorante é recuperação para os olhos do sábio. É que nada morre, nada se extingue. Tudo se renova, se modifica, incessantemente. Num segundo de relógio, quantas variações se não operam em cada corpo orgânico ou inorgânico! O éter é vida plena a banhar os átomos e a ligá-los inti-

E ASCENÇÃO

transcreve o 2.° Capítulo,
Dezembro de 1953

mamente, a orientá-los, a condicioná-los.

O que fomos ontem, já não seremos hoje, porque estamos constantemente a modificar-nos, embora galvanizados na direcção imposta. Mas a variação é tão lenta, que mal damos por ela. Se assim não fosse, que seria a Vida? Que seria, principalmente, a vida moral?

A estabilidade aparente é ligação poderosa nas relações espirituais. Cria-se o hábito, que é segunda natureza, e daí resultam alegrias instintivas que avigoram a marcha.

O prazer e a dor estão na base do progresso. Trabalha-se pela alegria e para fugir à dor, que é desarmonia. Todo esse remoinhar de instintos e de vontades procura atingir alvos ignorados, mas existentes na evolução de cada ser, embora os não atinja nunca. Atingi-lo seria a glória da vida e esse momento não pertence à criatura enquanto evoluciona, enquanto for presa do ritmo e do contraste. Tal glória seria perenidade e essa pertence a Deus omnisciente e omnipotente.

★

Toda a relatividade se concentra num momento de vida planetária: e seja qual for a frequência da vibração, o absoluto não será atingido. Seria necessário franquear dimensões que nos estão vedadas pela própria natureza.

Todavia, o facto de nos sentirmos obreiros de um programa divinamente grandioso, mais ainda: partículas de um concerto universal, satisfaz as aspirações da alma e condú-la a rotas mais altas e mais belas.

O instinto que nos leva, que estuga nossos passos, que nos orienta para luz adequada tem a raiz num sonho que reconheceremos um dia, quando abandonarmos o vaivém, o movimento regular e periódico, e nos aproximarmos de certas camadas de consciência, não longe da estabilidade anímica.

No material denso há subidas e descidas comandadas pela gravidade. No moral há subidas e descidas que a gravidade não comanda e que são mais altas e mais baixas que as da Terra. Só no verdadeiro espiritual se modifica a extensão e o equilíbrio se restabelece. É que nós viemos do equilíbrio e para ele gravitamos continuamente. A jornada involutiva tempera nossos elementos de progresso que depois se apresentam em plena formação.

Degradar não é aviltar. É mudança insensível, igualmente progressiva. Baixar às camadas inferiores é condição do espírito nos mundos de provação; mas essa viagem fortalece e tempera para futuros cometimentos.

Progressão e ascensão são pilares de monumentos cósmicos em génese. Tudo evolve. A pedra e a nebulosa obedecem à mesma força. O verme e o homem requerem o mesmo princípio vital.

Somos matéria animada em função. A variedade infinita é verdadeiro sintoma do progresso que se exerce dentro e fora de nós.

No progresso físico, as leis estão ao nível dos sentidos físicos. São fàcilmente apreensíveis. Assim mesmo, a humanidade sofre por desconhecê-las e dá origem a convulsões que retardam a projecção da luz espiritual.

Por isso, um dever se impõe a todos que desejem contribuir para a evolução geral:

Trabalhar em progressão e ascensão, verdadeiros elementos de estabilização, sem os quais não poderemos atingir a verdadeira felicidade.

(Recebido intuitivamente por

ISIDORO DUARTE SANTOS

A VIDA E A MORTE

por LUÍS DE BARROS CASTRO

(Correspondente em Luanda)

Vida consciente é conhecer a lentidão do progresso do espírito — é sofrimento — mas é viver, é ascender. É conhecer o caminho que se trilha e a razão por que é necessário percorrê-lo; (saber que a meta é longínqua, mas que é preciso atingi-la; é saber que sòmente se admite o descanso, ùnicamente como condição de um próximo avanço mais animoso e cheio de fé; meta distante, mas onde se sabe que brilha a Luz que cada vaz mais nos atrai e cativa; difícil caminho em que por vezes surgem barreiras quase intransponíveis, e em que só a Fé e a certeza dum fim glorioso realizam o milagre da transposição! Quanto mais se sofreu e se saiu magoado da perigosa escalada, maior é a alegria da chegada e mais belo e largo o horizonte que só na altura se divisa.

Outras vezes são profundezas abismais, onde é conveniente penetrar e das quais a saída se nos apresenta quase impossível! Mas a fé está connosco e a treva se ilumina e a esperança renasce no meio da angústia e do desespero mais aflitivo! Quando animados pela certeza de uma força que tudo pode, será sempre glorioso o fim daqueles que plenamente confiam!

Caminhar, caminhar sempre, porque àquele que quiser chegar, não faltará a coragem precisa para prosseguir na jornada. É ânimo que desce do Alto e traz consigo a alegria que inunda o coração e tudo à nossa volta.

Reparai na avezinha que saúda o dia: De onde lhe vem a alegria que notamos nas maviosidade do canto? Não será dádiva de Deus que a concede a todos os seres inocentes e puros?

Viver é ter conhecimento da LUZ que suplanta em brilho a luz do Sol, que permanentemente envolve tudo, tudo penetra, tudo anima e enche todo o espaço infinito, em constante vibração; é saber que dela tudo depende e sem ela nada pode subsistir; é saber que o espírito que anima todo o Universo é o próprio Deus e por isso se afirma que Deus está em toda a parte. Deus é sòmente LUZ e por isso está sempre presente em todo o lugar sem excepção.

A brisa fagueira é vida; a onda que se espraia docemente é vida; o raio de luz que brinca por entre a folhagem, a gota de água que brilha iriada e cristalina, a nuvem que passa aureolada pelo Sol, o sorriso da criança que dorme, o tremular da folha mimosa, a dor, a asa que ligeira passa em curva graciosa, a Lua que brilha na profundidade das águas, a sinfonia do trabalho, o insecto que beija a corola das flores, tudo é vida a palpitar! É vida o suspiro da virgem rosada e linda, que se levanta ao romper da aurora e a quem o primeiro raio de sol docemente vai beijar a face. E é também vida a voz da tempestade, o ribombar do trovão, a fúria do ciclone, o raio fulminante de rasto luminoso, o rugir da fera enraivecida, a corrente caudalosa, o rumor surdo das entranhas da Terra, o fogo do vulcão! Há vida na grandiosidade das montanhas, no silêncio dos paúis, na solidão dos ermos, na paz idílica dos campos, no eco dos vales profundos, no mistério das trevas, no desconhecido dos abismos que as águas encobrem! É vida o brilho das estrelas e é vida a voz do som e tem vida e voz a solidão do deserto sequioso e silente! É vida a mudez da rocha, o zumbido do insecto, o sibilar do vento, a quietação das águas, a expectativa sem fim das árvores, o brilho provocante das flores, as trevas da noite escura, o mistério insondável do abismo em que se precipitam todas as estrelas! Tudo tem voz, tudo tem vida, tudo vibra sob o impulso da Luz de Deus!

Viver é conhecer a voz de tudo quanto existe.

Conhecer a vida é senti-la no desejo insofrido, na ambição sem limites, na ansiedade, no afago dum carinho, na fúria de um gesto brusco, ou no grito do recemnascido. É saber que ela existe, em manifestações ainda mais belas e evidentes, para além da própria morte das coisas e dos seres.

E o que é a morte das coisas e dos seres?

A morte não existe. Morte é sinónimo de transformação e renovação. É ascensão e libertação.

Morre a árvore, mas o seu potencial de vida ficou condensado e enriquecido na pequenina semente que o vento leva. Desabrochará mais bela e mais pujante e novamente estenderá os seus ramos às carícias do Sol e mergulhará as suas raízes no seio ubérrimo da Terra.

Deixa o teu corpo decrépito baixar à terra, porque o teu espírito voltará em jovem corpo que o levará, cheio de entusiasmo, ainda mais além.

Morte é tranquilidade aparente, prelúdio de um voo ainda mais longo do que aquele que já deste. Subirás mais alto, porque as tuas asas serão mais potentes e a tua confiança maior. Morrer é deixar para trás os elos quebrados da grilheta que te prendia e manietava. Já não tinhas forças para arrastá-la e muito menos para parti-la. Deus libertou-te e tu ficaste apenas surpreendido momentâneamente.

Voltarás livre de todo o peso e com as tuas faculdades completamente desanuviadas. As tuas doenças ficarão com o teu corpo velho e, quando renasceres, nem sequer te lembrarás delas!

Mas se à Terra não tiveres de voltar, então é porque és mestre da vida.

Um mundo sem conta de vezes melhor do que este — é da Lei ascender e nunca descer — te aguardará e onde a vida é ainda mais plena de vida e nem sequer te preocupará a ideia de envelhecimento. Não recear a morte é ter conhecimento da vida. Temer a campa é descrer de Deus e desconhecer as suas Leis, sempre construtivas e conducentes à perfeição total.

A voz do Universo clama vida. O fenómeno morte é apenas a permanente transformação a que tudo está sujeito e mercê da qual o equilíbrio do próprio Universo se estabiliza.

Do pântano miasmático surgem formas de vida sem conta e nele desabrocha a flor que comove por sua beleza. Morrer é ressurgir totalmente!

O crepúsculo do Sol é belo, mas pressupõe uma aurora mais bela ainda.

A morte é a apoteose da vida que desponta!

É este o cântico do Espirita e que ele quereria que fosse também o de toda a Humanidade.

Luanda, Agosto de 1953.

ESPIRITISMO E PROGRESSO

Por ALFREDO MIGUEL

Em nossos escritos, nestas colunas, temos entremostrado que o Espiritismo não é uma doutrina estática, mas progressiva e reformadora por excelência. O que lhe destaca esta peculiaridade — de onde o poder manter-se, ao mesmo tempo, indene do espírito de seita e, por conseguinte, inconfundível — é não possuir dogmas cerceadores do livre exame, nem tampouco hierarquia a quem devessem os seus adeptos compulsória obediência. Assim se apresenta o Espiritismo em condições de impulsionar o progresso em todas as suas formas, graças ao estímulo que nele encontram os homens para se elevarem pela moral e pela sabedoria. Claro que uma sociedade minada pelo Materialismo não poderá progredir nem dizer-se civilizada, sendo como é o materialismo a negação do ideal religioso e da fraternidade humana. O Espiritismo, destruindo pela base as teorias niilistas, que apontam o NADA como destino final das criaturas, infunde no homem uma límpida noção de Deus e a confiança no futuro, concepção superior que o anima a trabalhar pela melhoria das condições ambientes, de que depende a sua própria felicidade.

Esta, inegàvelmente, uma maneira de fazer avançar as instituições sociais, com efeitos benéficos sobre a colectividade; porém o Espiritismo ainda por outros meios contribui para o progresso. O conceito de pátria ele o modifica e alarga, ensinando, é claro, a amar e defender especialmente a terra onde nascemos, mas sem que isto implique em menosprezo pelas outras pátrias e pelos outros povos. É que, se hoje nascemos no Brasil, ontem teríamos vindo à luz na China, e amanhã — quem sabe? — renasceremos num rincão da África... A grande pátria de todos nós é, pois, o Universo, e os nascidos em quaisquer recantos do globo são nossos irmãos, porque filhos de um Pai comum que é DEUS. Este cosmopolitismo, bem entendido, por certo não sòmente reagirá contra um nefasto sentimento de xenofobia e os ódios racistas, que até aqui constituiram barreiras a uma real confraternização dos povos, — aviltante ignomínia que os tem mantido separados por inextinguíveis rixas. Tende, concomitantemente, a abolir os prejuízos de seita, casta e cor, «ensinando aos homens a grande solidariedade que os há-de unir fraternalmente», *conforme está dito pelos nossos maiores da Espiritualidade, a quem aprouve o Criador enviar à Terra como porta-vozes da Terceira Revelação do seu Amor às criaturas. Com boas razões pode-se prever que num futuro próximo o Espiritismo se tornará nova era na história da Humanidade, porque justamente para ajudá-la a progredir e a tornar feliz é que ele veio.*

DESMATERIALIZAÇÕES

Compilação de B. B. MARTINS

INTROITO

O que vai lêr-se não é meu. São palavras e ideias extraídas de uma obra de Alexandre Aksakoff intitulada *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium*, traduzida por João Lourenço de Sousa e editada pelo Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira.

O trabalho que realizei foi apenas o de extrair, resumir e comentar as passagens que mais me impressionaram da obra de Aksakoff. É a transcrição de «Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de um Médium» coado pelo meu crivo, visto pelo meu prisma.

Este meu trabalho é destinado aos Espiritas estudiosos que não tenham possibilidade de ler a obra acima referida (onde encontrariam maior soma de pormenores), mas que lhes interesse saber o porquê das coisas e como se passam os fenómenos mais transcendentes do Espiritismo.

A razão deste meu empreendimento, é que eu reconheço a necessidade de os espiritas serem pessoas cultas e conhecedoras daquilo em que baseiam a sua fé e não meros espectadores das sessõezinhas onde impera a crendice e se manifestam, como doutrinadores, irmãozinhos que a maior parte das vezes sabem muito menos do que nós.

A citada obra de Aksakoff não só lança luz intensa sobre os fenómenos de materialização e de desmaterialização, mas até nos mostra que mesmo os fenómenos de deslocação de objectos são devidos a materializações parciais, ainda que neste caso invisíveis para nós.

Quem puder ler a obra de Aksakoff, bem fará em lê-la, por que aí melhor poderá apreciar o escrúpulo com que o ilustre homem de estado tzariano estudou tão empolgante assunto e, além das materializações obtidas com Madame d'Esperance, encontrará ainda, na segunda parte do livro a «História das Aparições de Katie King, conforme os documentos ingleses». Mas, a mim, despertaram maior interesse as materializações e desmaterializações obtidas com Madame d'Esperance, por ser uma médium que não caía em transe durante as sessões e podia observar e descrever tudo o que se passava nela e à sua volta, durante os trabalhos. E isto nos ajuda a compreender muito melhor o mecanismo dos fenómenos e a orientar-nos sobre o comportamento a adoptar em experiências idênticas.

Assim, quem não puder ler o livro de Aksakoff, também poderá ficar com umas luzes a respeito destes fenómenos, em vista da grande disseminação que *Estudos Psíquicos* tem alcançado.

UM CASO DE DESMATERIALIZAÇÃO

De páginas 7 a 18, o tradutor faz a apresentação do autor. Especificamos o seguinte: Aksakoff, homem de brilhante posição social, consagrou-se, durante vinte e cinco anos, ao serviço do Estado Russo, alcançando vários e importantes títulos: Conselheiro Secreto do Czar, Conselheiro da Corte, Conselheiro Efectivo do Estado e outros que não são mais que prémios aos bons serviços prestados por Aksakoff à sua pátria.

Era descendente de antiga e nobre família russa, cujos membros ocuparam sempre lugar distinto na literatura e nas ciências.

Depois de completados os seus estudos no Liceu Imperial de S. Petersburgo (instituição privilegiada da antiga nobreza da Rússia), Aksakoff estudou filosofia e religião, seguiu cursos de filosofia, matriculou-se (em 1855) como estudante livre na Faculdade de Medicina de Moscovo, ao mesmo tempo que ampliava os seus conhecimentos sobre física, química e matemática. Aprendeu o hebraico e o latim para estudar as obras de Swedenborg (que as escrevera em latim) e pensou em traduzi-las para o russo, o que não fez devido às dificuldades do estilo genial, quase sempre obscuro, do Vidente.

A primeira obra espirita que leu foi: «Demonstração das Manifestações Espiritas», de Beecher.

Procurou seguir, passo-a-passo, o movimento espirita na Europa e na América. Estudou magnetismo e psiquismo.

O seu trabalho de propaganda começou, pode dizer-se, em 1855, com a tradução para o russo de todas as obras de Allan Kardec, Hare, Edmonds, R. Dale Owven, William Crokes, Relatório da «Sociedade Dialética de Londres», e a fundação de periódicos como o «Psychische Studien» de Leipzig, uma bela revista espirita.

A principal obra de Aksakoff, como escritor, foi a que publicou em alemão, que é uma obra volumosa, a mais completa que se conhece sobre o Espiritismo e que se intitula «Animismo e Espiritismo». Fez experiências com os principais médiuns da sua época, entre eles: Home, Slade, Florence Cook, d'Esperance, Eglinton, Eusápia, etc.

Falou, pessoalmente, com o célebre espírito materializado Katie King, em Londres.

Relacionou-se com diversos sábios do seu tempo, tais como o nosso conhecido William Crookes, tendo realizado longas viagens a Inglaterra, Suécia, Finlândia e Itália, para fazer as suas experiências e investigações.

DO CAPÍTULO I

De páginas 19 a 24, Aksakoff explana a *sua teoria*, baseada em experiências alheias e que, depois, foi plenamente verificada e comprovada na prática.

Sempre que há materialização de um Espírito, há desmaterialização correspondente, do corpo do médium, pois que o fenómeno de materialização produz-se a expensas do corpo do médium.

Um certo grau de desmaterialização do médium corresponde ao começo inevitável do fenómeno de materialização do Espírito.

Aksakoff divide as materializações em três graus:

1.º — *Materializações invisíveis.* São as que produzem movimentos de objectos, ou sensações de contactos, como de mãos, *mas que se não vêem.*

Têm sido confirmadas pela fotografia transcendental que fornece a prova da existência efémera de formas reais, cuja existência só podemos explicar por materializações em princípio, ainda que invisíveis aos nossos olhos.

A matéria necessária é certamente tomada do médium, mas a sua quantidade é a tal ponto mínima, que o grau de desmaterialização do médium é também mínima e não é perceptível aos nossos sentidos.

Neste primeiro grau o médium

conserva-se sempre visível e as materializações produzidas são invisíveis para os assistentes.

2.º — *Materializações parciais, visíveis e tangíveis, mas incompletas.*

Temos a considerar:

I — Com o médium no meio dos assistentes:

a) Aparições de mãos visíveis *em plena luz.*

b) Materializações parciais, *na obscuridade,* de cabeças, bustos, figuras, mais ou menos fluídicas.

II — Com o médium atrás da cortina ou no gabinete escuro:

Têm-se obtido aparições de mãos, cabeças, bustos, *mas mais nítidas,* e que se mostram mesmo com *um pouco* de luz.

Foi verificado que a estas materializações parciais correspondiam desmaterializações, também parciais, do médium, mais ou menos inapreciáveis aos nossos sentidos.

Com a médium Madame d'Esperance, enquanto esta se achava, sob uma luz fraca, diante da cortina, e que as materializações (de mãos, bustos, etc.) se produziam por detrás desta, várias pessoas se certificaram de que se dera a desmaterialização parcial dos pés e das pernas da médium.

3.º — *Materializações completas de formas humanas visíveis e tangíveis e que, à vista comum, não diferem de corpos humanos vivos.*

Este fenómeno máximo da materialização tem sido obtido com o médium isolado na obscuridade, num gabinete, ou atrás duma cortina ou de um biombo, e, geralmente, no estado de transe (sono magnético provocado pelos Espíritos).

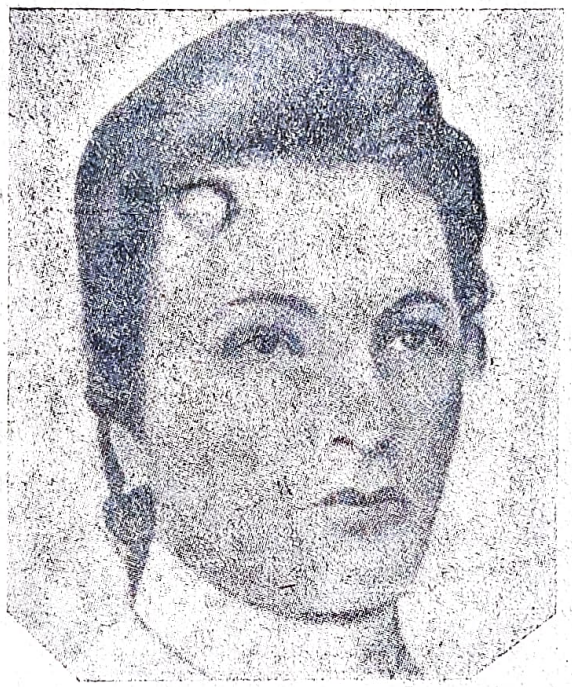
Nas materializações obtidas com Madame d'Esperance, esta médium mantinha-se consciente, podendo observar os fenómenos apesar da sua adiantada desmaterialização.

Geralmennte, estas materializações completas apresentam traços dos médiuns. Isto é o resultado de o corpo materializado do Espírito que se manifesta, ser um prolongamento do corpo do médium, donde o espírito manifestante tira alguns materiais de que necessita para a materialização e ao qual fica ligado fluidicamente pela matéria ectoplásmica invisível, que se prolonga para fora do médium, mas de que se não separa.

O fenómeno faz lembrar a projecção e a recolha dos pseudópodes das amibas, que prolongam o seu corpo microscópico no sentido que mais lhes convém, voltando depois à forma primitiva.

Se a materialização da forma humana que aparece é completa, a desmaterialização do médium deve chegar a ponto de se tornar invisível aos nossos olhos. Daí a dificuldade de ver simultâneamente o médium e a forma materializada, o que tem levado à suposição de fraude da parte do médium.

Mas se a matéria para a composição da forma materializada for retirada, não só do médium, mas também dos assistentes, pode-se ver o médium claramente, ao mesmo tempo que a materialização do Espírito manifestante.



Madame d'Esperance

Claro que estes três graus de materialização se podem apresentar com todas as espécies de matizes e possibilidades, segundo as aptidões especiais dos diversos médium e a composição dos grupos onde se realizam estes trabalhos.

Páginas 24 a 27. A 22 de Outubro de 1873, Aksakoff, que se encontrava em Londres, assistiu a uma sessão com a médium Florence Cook e viu a forma materializada de Katie King, com quem conversou.

Aksakoff pediu a Katie que lhe deixasse ver a médium, o que lhe foi permitido. Ao levantar a cortina, o sábio russo verificou que Miss Cook, vestida de seda preta, continuava amarrada na sua cadeira de braços, profundamente mergulhada em sono mediúnico, mas, no mesmo instante, todo o indício de Katie havia desaparecido. Logo que Aksakoff deixou a médium e retomou o seu lugar, a forma branca de Katie tornou-se novamente visível.

Ao terminar a sessão, Aksakoff verificou que as cordas com que a médium fora amarrada e os selos de lacre apostos na mesma estavam intactos, o que impossibilitava qualquer ideia de mistificação.

Mais tarde Aksakoff, impressionado com os desaparecimentos das materializações quando se procurava ver o médium, isolado no gabinete, e com o reaparecimento dos Espíritos materializados que se tornavam novamente visíveis logo que o médium ficava invisível, interrogou, sobre o assunto, o Espírito *Walter,* que costumava comunicar-se através de Madame d'Esperance, por meio da escrita mediúnica, o qual se dizia director de fenómenos de materialização (páginas 35 a 37). O Espírito *Walter* explicou-*lhe* que a invisibilidade do corpo do médium, quando se pretende vê-lo ao mesmo tempo que à forma materializada, não quer dizer que ele não esteja no seu lugar, mas, como a sua matéria foi *quase* toda empregada na materialização, encontra-se de tal forma rarefeito, que se nos torna invisível, porque a nossa vista não é assaz penetrante para o ver nesse estado rarefeito. Mas logo que a materialização se torna invisível, permitindo assim que a matéria regresse ao médium, este, condensando-se, torna-se visível, dando-se nessa altura o desaparecimento da materialização, por lhe escassear, então, a matéria, para que a nossa vista a possa notar.

A páginas 32 e 33, Aksakoff cita que o sábio inglês William Crookes fez, também, por diversas vezes, a observação de que ao entrar, ao mesmo tempo que Katie, no gabinete escuro, ela havia desaparecido, *nesse momento.* Como ele mantinha sempre a pretensão de ver ao mesmo tempo a forma e a médium, acabou por ser bem sucedido, mas uma vez sòmente, na obscuridade, quando Katie já não podia falar, pois se achava semi-desmaterializada.

Aksakoff descreve, das páginas 28 a 32. as experiências do coronel Henry S. Olcot, com a médium se-

nhora Elisabeth J. Compton, o qual chegou a idênticas conclusões.

O coronel conta no seu livro «People from the Other World» (Gente do Outro Mundo) que, em 21 de Janeiro de 1874, estando materializado o Espírito da menina Katie Brink, que tinha a aparência de uma criança de oito anos, combinou com os assistentes e penetrou no gabinete, enquanto a menina ficava do lado de fora: não achou lá a médium. E examinou todo o gabinete para melhor se certificar de que não estava alucinado...

No dia seguinte, a voz de um espírito deu instruções ao coronel sobre a maneira de encaminhar a sessão, recomendando-lhe que, quando penetrasse no gabinete, estando fora a forma materializada, não tocasse de modo muito efectivo na substância da cadeira (para não ferir a médium semi-desmaterializada), quando se quisesse certificar de que a médium não estava ali.

Aconselhou-lhe que, quando fosse pesar a forma materializada, colocasse uma coberta no estrado da balança, para que o Espírito não ficasse em contacto com a madeira ou com o metal.

O coronel tomou o peso da menina-Espírito e verificou que a balança marcava 77 libras inglesas (34,927 quilogramas). Pediu à criança-Espírito que se tornasse mais leve, se lhe fosse possíível. Nova pesagem acusou sòmente 59 libras (26,766 quilogramas). Pouco depois, numa terceira pesagem, a balança marcou apenas 52 libras (23,587 quilogramas), apesar de não ter sido notada do começo ao fim, nenhuma mudança, quer no vestuário, quer na aparência corporal.

Durante estas experiências, verificaram que o corpo da médium se tornara invisível.

A médium tinha sido, inicialmente, presa, passando-lhe pelos orifícios das orelhas (a que haviam retirado os brincos) um fio de linha n.º 50, lacrando e selando as pontas no espaldar da cadeira, a que o coronel imprimiu o seu sinete particular. A cadeira tinha sido fixada ao chão por meio de barbante, cujas pontas foram lacradas e seladas.

Terminados os trabalhos, o coronel entrou, de novo, no gabinete e encontrou a médium exactamente como a havia deixado antes de começar a sessão; todos os fios de linha e selos do sinete estavam intactos. A médium conservava-se sentada, no estado cataléptico, a carne fria como mármore, sem respiração e sem pulsação. Levada para o ar livre, só ao fim de dezoito minutos a vida começou a voltar, a pouco e pouco, até que a respiração, o pulso e a temperatura da pele voltassem ao normal.

Foi então colocada na balança. A senhora Compton pesava 121 libras (54,885 quilogramas).

Quando a materialização da menina Katie Brink pesava as 77 lilibras, para o corpo da médium, no gabinete, restavam sòmente 44 libras, um pouco mais de um terço do seu peso normal; e nessas condições ele já era invisível aos olhos dos experimentadores, assim como as suas roupas e os fios de linha, embora se possa concluir que continuava a existir lá, na cadeira, um corpo, ainda que rarefeito, que conservava a postura da médium.

A forma de Katie Brinò não se assemelhava à da sua médium; tinha a estatura duma criança de oito anos e trazia um vestido flutuante de musselina branca, com pontas de crepe. Na cabeça trazia um véu de noiva, que lhe caía até aos joelhos.

É interessante notar como a criança-Espírito fazia variar o seu peso, o que também nos prova que a substância do seu corpo materializado não lhe pertencia, mas que era da médium para onde refluía, à vontade da entidade manifestante, a quem fora emprestada.

★

Em 1890, Aksakoff foi expressamente a Gotemburgo (cidade sueça) para realizar com Madame d'Esperance uma série de sessões de materialização. Ela autorizou-o a submetê-la a todas as provas que considerasse necessárias para que se convencesse dos fenómenos, privilégio este que ainda não havia concedido a ninguém.

De páginas 33 a 38, diz Aksakoff: «Na sessão de 5 de Junho eu estava sentado, como de costume, muito perto do recanto do gabinete onde se achava a sr.ª d'Esperance, sentada ao meu lado; só nos separava a cortina, cuja abertura lateral se achava muito perto do meu ombro direito; eu não tinha mais que puxar a cortina um pouco de lado, para poder ver a médium. A forma materializada que apareceu então sob o nome de Iolanda já se havia mostrado várias vezes, e mesmo, apoiando-se ao meu braço, tinha feito a volta ao círculo. Uma lâmpada ao fundo, coberta com várias folhas de papel vermelho, espalhava uma frouxa claridade; mas, assim que eu me achava com Iolanda, mesmo por baixo da lâmpada, esta alumiava bastante para que eu lhe pudesse reconhecer indubitàvelmente os traços da médium. Assim que voltámos ao gabinete, retomei o meu lugar, e Iolanda se conservou metade do lado de fora, na abertura *central* da cortina. Então, não cessando de observá-la, passei cautelosamente o braço direito pela abertura *lateral* da cortina, perto de mim. Não tinha mais que estender um pouco o braço para me certificar se a médium se achava no lugar. A médium estava sentada (a princípio) numa cadeira de braços muito baixa. Levantei a mão até à altura do encosto da cadeira, e deixei-a em seguida deslizar do encosto até ao assento; a médium não estava lá. Mas no próprio momento em que a minha mão se achava já sobre o braço da cadeira, Iolanda entrou no gabinete (teria sido reabsorvida?), e uma mão caiu sobre a minha e repeliu-a.

Imediatamente depois, a médium *pediu-me de beber;* dei-lhe um copo de água pela mesma abertura da cortina por onde já tinha passado o braço; a médium estava no seu lugar com o *vestido vermelho de mangas apertadas.* Iolanda, um instante antes, era visível com um *vestido branco, tendo os braços nús até às espáduas, os pés também nús, com um véu branco que lhe caía pelo corpo, desde a cabeça;* entretanto, desaparecia.

«Este caso deu-me que pensar. Como é que Iolanda, que estava com *metade* do corpo fora do gabinete, podia notar os movimentos do meu braço *no interior* do gabinete? Era-lhe positivamente impossível, pois a obscuridade quase completa não lhe permitia ver o movimento do meu braço sobre a cadeira ou se eu o introduzia atrás da cortina.

«Se fosse realmente a médium em pessoa que, de modo consciente ou inconsciente, representava de Iolanda, e *se a cadeira estava realmente vazia,* a médium não podia ver e sentir o movimento da minha mão; ela deveria continuar a fazer o seu papel de Espírito, permaneceria no seu lugar ou entraria no gabinete, *ou então sairia de novo,* como se nada tivesse acontecido. Mas houve um desarranjo; *Iolanda não se mostrou mais e foi preciso terminar a sessão.*

«Quando ouvi dizer, no dia seguinte, que alguma coisa atemorizara a médium, fui interrogar a própria Senhora d'Esperance, sem contudo lhe transmitir as minhas observações. Ela respondeu que, no fim da sessão, alguma coisa remexia em volta de si, da sua cabeça, dos seus ombros; que isso a amedrontara tanto, que ela, involuntàriamente, havia deixado cair a mão em que apoiava a cabeça, e que nesse mo-

vimento encontrara outra mão, o que ainda mais a havia assustado.

«Era bem estranho. As impressões da Senhora d'Esperance eram exactamente as que ela devia experimentar, se se achasse no seu lugar. E entretanto eu não encontrei o seu corpo na cadeira.

«Quem, pois, tinha tido essas impressões? Não se deve concluir daí que na cadeira se conservava um simulacro do seu corpo, imagem dotada de sensação e consciência?

«A Senhora d'Esperança possui também, como se sabe, o dom da escrita mediúnica; assim, ela recebe, no correr ou fora das sessões, comunicações dum tal Walter, que se diz director dos fenómenos de materialização. Eu também me servi desse meio para saber que explicações receberia a tal respeito. No dia imediato, pedi à Senhora d'Esperança que tomasse o lápis, e a seguinte conversação se passou entre mim e o Espírito Walter:

«— Viste o que atemorizou a médium?

«— Foi a mão que se colocou diante dela e depois lhe chegou aos joelhos, e em seguida na sua mão. Foi tudo.

«— A mão de quem? (pois eu guardava sempre o meu segredo).

«— Não a vi, porque toda a minha atenção foi atraída para esse facto, quando a médium se assustou.

«— O meu desejo principal era ver Iolanda e a médium ao mesmo tempo. É possível?

«— Conforme o estado em que a médium ficar.

«— Se eu olhar para o gabinete, verei a médium no seu lugar?

«— Provàvelmente. Tudo depende da pessoa de quem é retirada a matéria para a composição da forma de Iolanda.

«Alguns dias depois, como Iolanda estivera várias vezes fora do gabinete (enquanto a médium havia sido por mim amarrada com um laço em volta do seu corpo, laço cujas pontas passavam por uma presilha fixada à minha cadeira), perguntei a Walter:

«— Quanto resta de matéria na médium, desde que Iolanda saiu?

«— Não creio que tenha ficado grande coisa da médium, exceptuando os orgãos dos sentidos.

«— Se o corpo da médium tivesse desaparecido completamente, e eu passasse suavemente a mão no seu lugar, far-lhe-ia mal?

«— Poderia suceder-lhe mal, se apoiasse fortemente a mão. E, também, se qualquer coisa tocasse a forma materializada, a médium senti-lo-ia imediatamente.

«— E se eu passasse a mão através do corpo da médium?

«— Isso afectá-la-ía sèriamente, se não estivéssemos a resguardá-la para evitar uma desgraça. Isso seria uma experiência perigosa.

«— Nesse caso, se eu puxasse pelo laço que prende a médium, cortar-lhe-ía o corpo ao meio?

«— Decerto, mas só se daria isso se a sua matéria fosse totalmente empregada; não se faz isso, senão muito raramente, embora muitas vezes pouco reste do corpo.

«— Segundo o que dizeis, a invisibilidade do corpo da médium, quando se olha para ela, não é ainda uma prova de que não haja aí um corpo?

«— Certamente não; é sòmente uma prova de que não tendes a vista suficientemente penetrante para o verdes».

★

«A Senhora d'Esperance estava estupefacta, enquanto estas respostas eram transmitidas por sua própria mão. Ela não cessava de exclamar:

«— É uma novidade; é uma revelação! E, entretanto, sou a mesma!

«— Mas o que é impossível, disse-lhe eu, é que não tenhais sentido nenhuma mudança, enquanto se produzia um fenómeno tão extraordinário, como é o da materialização.

«— Efectivamente, eu sentia uma mudança, respondeu ela, mas estava profundamente convencida de que era eu a única a experimentá-la.

«— Podeis descrever-me essa mudança?

«— Eu tinha no íntimo a sensação de que estava no vácuo.

«Resposta bem significativa, em perfeita concordância com os factos já mencionados e com as teorias que daí decorrem. A Senhora d'Esperance não suspeitava que essa sensação pudesse ser mais que um fenómeno puramente subjectivo.

«Mais adiante encontrar-se-ão os interessantes pormenores do longo interrogatório a que a submeti, as notas que tomei durante a minha estadia em Gotemburg (Suécia) e as suas impressões durante as sessões. Esses detalhes são de natureza única, porque é uma médium única no seu género, médium que não fica em transe e *dá conta de tudo o que se passa em si e ao seu redor durante uma sessão de materialização*».

★

Suspendemos aqui a transcrição da narrativa de Aksakoff (I capítulo), donde deduzimos, mais uma vez, que as materializações parecem mais que prolongamentos do corpo do médium, prolongamentos esses que podem ser exteriorizados num certo sentido, como pseudópodes ectoplásmicos, que hão-de retornar ao médium quando cessar a influência que provoca a materialização.

Que, desta maneira, o médium pode sentir e sofrer as consequências do que se fizer à forma materializada, que mais não é que a extensão do seu próprio corpo.

Que, sendo sua a matéria que constituia a forma materializada, esta deve, naturalmente, apresentar as feições e características do médium, embora o espírito que utiliza essa forma não seja o do médium.

Que, passando a *maior parte* da matéria do corpo do médium para o da materialização, ficando no médium apenas uma parte mínima de matéria, este fica invisível, enquanto se puder ver a materialização; mas, logo que a matéria regressa ao médium, dá-se o fenómeno inverso, isto é, deixa-se de ver a materialização e o médium torna-se novamente visível. Que, se os assistentes forem susceptíveis de deixarem também desprender de si mesmos uma certa quantidade de matéria ectoplásmica, os Espíritos especializados que dirigem e manipulam nas sessões de materialização, poderão não a extrair sòmente do médium para formarem o corpo efémero da entidade manifestante, mas também de uma parte do ambiente e, então, o médium, nessa ocasião, que sofre sòmente uma desmaterialização de menor grau, pode ver-se ao mesmo tempo que o Espírito materializado.

Que, mesmo quando se apresenta a forma materializada e o médium se torna invisível, o Espírito do médium persiste no lugar com o seu corpo rarefeito, mas hipersensível.

Que a própria médium, Madame d'Esperance, notava o estado de rarefacção a que se reduzira o seu corpo, pela sensação de vazio em que se sentia (que não era apenas uma impressão, mas uma autêntica realidade), ao mesmo tempo que percebia muito aumentada a sua sensibilidade, certamente por se haver libertado, parcialmente, da matéria física que lhe restringia e entorpecia as faculdades.

E que esse estado de desaparecimento parcial do corpo do médium, durante as materializações, foi comprovado pela vista e pelo tacto de assistentes de reconhecida competência intelectual e científica, alguns com renome de projecção mundial.

(Continua)

UMBANDA E ESPIRITISMO

Por JOÃO TEIXEIRA DE PAULA

É geral e inconveniente a confusão que dia a dia se faz, em sentido crescente, entre Umbanda e Espiritismo, o que deve ser levado à conta de imperdoável incúria por parte dos estudiosos das ciências psíquicas.

Há tanta parecença, e mais que parecença, semelhança, entre as práticas mediúnicas do Espiritismo e as da Umbanda, quanto a há entre o Sol e a Lua. Se porventura alguém puser em dúvida a asserção, pedimos-lhe humildemente nos acompanhe por esta estirada afora, a qual, se não tiver o dom de lhe provocar o sono, há-de tê-lo para levá-lo ao esquecimento provisório das agruras da vida moderna.

*

A Umbanda é prática religiosa oriunda dos negros africanos bantos (1) que, juntamente com os sudaneses, foram trazidos ao Brasil como escravos.

Existindo entre os negros bantos, segundo Nina Rodrigues e Artur Ramos, o culto dos antepassados, ou a crença na existência das almas dos mortos, os negros brasileiros fundiram esse culto com as práticas do Catolicismo e do Mediunismo, assimilando-o ao seu ritual supersticioso, daí nascendo então o culto banto-ameríndio da Umbanda (2).

A Umbanda não conta com nenhum Codificador, como o Espiritismo, ou Reformador, como o Protestantismo, ou Papa, como o Catolicismo, para nos cingirmos tão só a comparações religiosas do ocidente. Brotou simultâneamente em numerosos recantos do país, naturalmente como resultado étnico de modificação histórico-religiosa ameríndia.

Está ela pejada de rituais díspares e caracteriza-se pelas manifestações de cabloclos e pretos velhos. Não possui nenhum código basilar e trabalha com diversas classes de espíritos, tais como (3):

1.ª Os orixás maiores e menores individuais, isto é, os guias espiritas ou santos católicos;

2.ª Os espíritos celestes, que são aqueles que não passaram pela encarnação humana;

3.ª Os elementos ou forças vivas da natureza, aos quais fazem referência os esoteristas e teosofistas;

4.ª Os exus, ou espíritos inferiores, mas para a prática do bem;

5.ª Os elementares, ou eguns, que são os espíritos do zé-povinho.

A ignorância religiosa assaz concorreu para o desenvolvimento do ritualismo afro-católico no nosso país, ritualismo esse que, sendo incorporado a certas práticas mediúnicas, deu em resultado o aparecimento do umbandismo em nossos meios. Mas cumpre salientar e deixar claro, uma vez por todas, que o Espiritismo nada tem que ver com o Umbandismo, não obstante este lançar mão do Mediunismo e da invocação dos mortos — práticas essas que, convenhamos, não são aliás exclusividade do Espiritismo, podendo pertencer a qualquer culto ou até mesmo a culto nenhum, como o ateísmo, porque elas não são privilégio de quem quer que seja. Os canzéis umbandistas existentes por esse Brasil fora não podem sem comparados a Centros Espiritas que se prezam.

Conforme muito bem acentuou Deolindo Amorim (4), no Umbandismo há matéria para estudo sério, mas ùnicamente sob o ponto de vista folclórico, etnográfico, talvez etnológico e outros (5).

O Umbandismo é culto altamente fetichista, replecto de cerimónias estravagantes, com os seus santos, os seus altares, os seus elementais e elementares, os seus cânticos, os seus riscados, as suas danças, os seus *cavalos* (médiuns), o seu complicado e às vezes ininteligível vocabulário. Em que parte do Espiritismo se encontra coisa semelhante?

Fazem os Umbandistas, nos trabalhos de tenda ou terreiro, largo uso dos pontos *cantados* e *riscados*. Os primeiros são evocações, com ritmo e tom, pelos quais se apela para os guias, que são as falanges protectoras; os segundos são símbolos mágicos, que, conforme a feitura e a posição que o operador tomar, têm diversas significações. Por exemplo: o pentagrama, diferentemente desenhado, corresponde a uma simbologia de variado poder oculto.

É tão complicado e (segundo os adeptos) perigoso o uso dos pontos riscados, que um autor (6) não teve dúvidas em escrever que, quem quiser penetrar úm poucochinho nas mirongas (segredos) dos pontos riscados deverá familiarizar-se com a origem da escrita, penetrando no passado assírio, babilónio, caldeu, egípcio, perscrutando os hieróglifos, o mistério das pirâmides, as inscrições astecas (7), toltecas (8), bem como no de outras civilizações desaparecidas, deverá fazer mais: procurar compreender o TARO, estudar o valor mantrânico do alfabeto sânscrito, hebraico, fenício, grego, latino, etc.; procurar ainda conhecer a grafia astrológica, estudar heráldica, geometria, numerologia, etc.

Tudo isto é aterrador e nos causa pasmo, porque exige de cada Umbandista nada mais, nada menos, do que o cabedal de conhecimentos de um Renan ou de um Champollion!

Os pontos cantados já não oferecem muito perigo. Eis aqui um ponto de Gangazumá, apanhado ao acaso numa obra qualquer:

Povo de Ganga auê
Orá povo de Ganga auá...
É Ganga eu quero vê,
O povo no gongá.
Orá ganga zauê.
Orá ganga zuá.
Oia ganga zumê.
Oia ganga zumá.
Cabinda vai chegá,
Cabinda vai baixá,
Cabinda de ganga, urubambá (9).

Há autores Umbandistas que, não obstante se dizerem Espiritas — o que não pode ser —, asseveram, cronològicamente em desacordo consigo próprios, visto ensinarem que a Umbanda é anterior ao Espiritismo, que, se este é a Terceira Revelação, aquela é a Quarta Revelação!

Trabalha a Umbanda com sete legiões ou linhas de Espíritos superiores, que são os celestes, sendo uma parte masculina e outra feminina, e sete legiões ou linhas de Espíritos inferiores, que são os demónios, sendo também uma parte masculina e outra feminina. São as seguintes:

Linha de Santo, do Mar, Oriental, de Oxosse, de Xangô, de Ogum e Africana (10).

Escreve uma autora que, para que uma sessão seja levada a bom termo num terreiro umbandista, são necessários determinados objectos de que ninguém pode prescindir:

— «Para os trabalhos do terreiro de Umbanda são indispensáveis a *pemba* branca e azul (giz); o *marafo* (parati), o *sangue-de-Cristo* (vinho do Porto), *marambaia* (cerveja), o tabaco de rolo, o cachimbo, os caramelos para as crianças, as velas acesas, as imagens de santos, conchas e água salgada» (11).

Dizem os profitentes que a finalidade da Umbanda é a prática do bem e a da Quimbanda a do mal. A da Aruanda é um meio termo entre uma e outra.

Não é fora de propósito frisar que existe uma linha umbandista em que não se faz comunicação com os Espíritos comuns, mas sòmente com os orixás. Se, durante as sessões no terreiro, um egum toma qualquer aparelho mediúnico, ele é intimado a retirar-se. Se, porém, teima na manifestação, vai-se então ao extremo da intimação: o médium (ou suposto médium ou o *cavalo* deles) leva tremendas surras com varas de marmelo até à completa retirada do intruso!

As sessões de Umbanda, ou de batuque, macumba, candomblé e maracatu, denominações por que são elas também conhecidas, realizam-se de preferência em terreiros, ao ar livre, onde se tiram rezas, baixam os exus e oxalás, e onde os cozimentos ou sumos de ervas, os chás, o sangue dos animais impiedosamente sacrificados, com os quais se lavam as cabeças dos iniciantes, são postos sobre os fetiches, constituídos de pedra ou metal, pertencentes aos orixás, ou anjos-de-guarda, ou donos de suas cabeças, tirar uma linha das cabeças deles, iniciantes.

As consultas, para bons ou maus efeitos, processam-se por meio de búzios, pequenas conchas marinhas que, empunhadas na mão direita do invocador, são lançadas ao centro de um círculo formado, na toalha branca posta numa mesa, de colares de contas, ou «guias», conforme lhes chamam também. As interpretações das figuras formadas pelas conchas constituem as respostas dos orixás.

Os nagôs e gegês da Bahia dão comida e bebida aos seus orixás individuais e, quando morre um babalaô (ou pai-de-santo ou ainda chefe-de-terreiro), eles colocam na sepultura todos os objectos que lhe pertenceram, ou então atiram-nos ao mar, a fim de que o morto os leve para o outro mundo ou para a África, como o desejar.

Admitem os Umbandistas a existência de elementais, que são seres que comem e bebem como os homens. Cita-se até um caso de vampirismo, em que um elemental, depois de ter ajudado um quimbandeiro a enriquecer-se e deixando este de alimentá-lo, o matou aos poucos, encostando-se-lhe ao corpo e sugando-lhe a vitalidade física.

Dão também consultas... remuneradas, já se vê. Mas há uma receita muito boa de que lançam mão os interessados que não se querem deixar explorar no pagamento das consultas. Ei-la:

«Aos que, desejando consultar um batuqueiro, não queiram ser explorados, ensinamos a proceder assim: Na véspera do dia de consulta, à noite, quando se vai dormir, colocam-se debaixo do travesseiro 3 moedas de mil reis ou um cruzeiro, as quais servirão para pagar a «consulta». No dia seguinte, em presença do batuqueiro, quando este já arrumou a toalha, as guias, e empunhou os «búzios», põem-se (sem dizer palavra alguma) as três moedas dentro do círculo de guias. A consulta está paga; e, mesmo que a quantia não agrade ao batuqueiro, por ser pouco «aché» (valor), este nada mais reclamará na hora, se for realmente um «babalaô» ou «filho-de-santo» e não um mistificador ou impostor»(12).

Se práticas tão exóticas podem ser comparadas ao Mediunismo Espírita, melhor será então bandearmos, com mochila e borunga, para as hostes umbandistas, onde certamente poderemos fazer o que bem nos aprouver.

O Espiritismo é doutrina de compreensão, amor, discernimento. Como poderá alguém querer confundi-lo com as excentricidades umbandistas?

---

(1) Banto é o *indivíduo da raça dos bantos, raça negra sul-africana, a que pertenciam outrora os negros escravos conhecidos no Brasil como* angolas, cabindas, congos, moçambiques, *etc.*

(2) Ameríndio é *termo sugerido pelo Dr. Charles Scott ao geólogo John Powell; emprega-se para a distinção entre* o índio americano e o índio asiático. *Quando nos referimos aos nossos índios, podemos também empregar ainda as palavras* ameríncola, amerígena e ameraba. Amerígena é *palavra proposta, em 1936, por Saladino de Gusmão,* e ameraba é *neologismo proposto por Henrique George Harley.*

(3) *Oliveira Magno,* A Umbanda e seus Complexos, *pág. 18, ed. de 1950.*

(4) *Deolindo Amorim,* Africanismo e Espiritismo, *pág. 19, ed. de 1947.*

(5) *Assim é realmente. Folclórico, porque nos faz conhecer as crenças populares através de canções, provérbios, contos e tradições; etnográfico, porque nos descreve um povo através da sua língua, raça, religião, etc.; etnológico, porque nos informa da cultura material e espiritual de um povo. É a antropologia cultural.*

(6) Pontos Cantados e Riscados da Umbanda, *pág. 13, ed. de 1951.*

(7) *Astecas eram os povos que dominavam o México, quando os espanhóis lá aportaram.*

(8) *Toltecas eram tribos que dominavam no México na mesma ocasião.*

(9) *Como se vê, isto é parvoice grossa. É um chamamento sem nexo, absolutamente sem sentido. São palavras ocas, que o vento leva.*

(10) *Estas linhas são chefiadas: a do Santo, por Jesus Cristo; a do mar ou iamanjá, pela Virgem Maria; a oriental, por São João Baptista; a de oxosse, por São Sebastião; a de Xangô, por São Jerónimo; a de ogum, por São Jorge; e, finalmente, a africana, por São Cipriano. Há pontos cantados para todos esses chefes. O de Maria, mãe de Jesus, é, entre outros, o seguinte:*

Maria, nossa mãe extremosa!
Baixai, baixai como a rosa.
Anda ver nosso povo de Aruanda,
Trabalhando no gongá,
Pela nossa Lei de Umbanda!
Baixai, baixai como a rosa.
Maria, nossa mãe extremosa,
Baixai, baixai como a rosa!

Confessamos que nos causa estranheza o invocar dessa maneira o beneplácito de tão Puro Espírito, que precisaria descer das suas alturas infinitas para vir satisfazer a caprichos de macumbeiros, de gente que, para poder pôr-se em comunicação com as entidades do Alto, precisa de, via de regra, tomar cachaça, fumar charuto ou levar uma sova à moda de cangaceiro.

Cumpre notar também que a Umbanda está repleta de deuses para tudo. Quando há tempestade ou vento, quem provoca esse fenómeno natural é a deusa inhaçã; *quando apenas chove, é a deusa* nanaburucu *que está em acção; quando aparece o arco-íris, lá está a deusa* oxum maré; *quando nasce uma criança, invocam as parturientes a deusa* ifá, *que é quem a protege das dores do parto.*

(11) *Florisbela Maria de Sousa Franco,* Umbanda, *pág. 40, ed. de 1949.*

(12) *Emanuel Zespo,* Codificação da lei da Umbanda, *pág. 46, ed. de 1951.*

(De «*Unificação*», de S. Paulo)

A Rainha das Ciências

por TITO L. BANCÉSCU

Após 40 anos de estudos, comparações e experiências realizadas pelo professor Charles Richet (Prémio Nobel de Psicologia), foram tão profundas as suas convicções relacionadas com a existência de um sexto sentido, que não se limitaram, já quase a jubilar-se, ao ditado da sua última aula aos estudantes da Sorbona acerca do futuro da Metapsíquica, como também afirmou que estava nela o futuro das ciências.

Ele já tinha ido mais longe ao dizer, com toda a sua autoridade científica, que a Metapsíquica era a rainha das ciências. Richet, o mais notável discípulo de Claude Bernard, também publicou trabalhos biológicos durante meio século, sendo orgulho das duas disciplinas em França e na Europa, mas a sua glória adquiriu maior amplitude com o descobrimento da «anafilaxia».

Assim, também legou muitas obras da especialidade aos anais da ciência, entre elas o «Tratado de Metapsíquica», «A Grande Esperança», «O Sexto Sentido», etc. Com a enorme responsabilidade da sua afirmação, o mestre insigne soube ressalvar a reputação quando se meditou a sério no seu critério científico. Os factos eram derivados das experiências metapsíquicas e espiritas que o levaram a conclusões categóricas. Essa era a sua convicção e por isso compreendeu que devia ser sincero com os *factos* tocados e consequente com os novos conhecimentos cientìficamente provados. Apresentou então o seu «Tratado de Metapsíquica» à Academia de Ciências de França em 13 de Fevereiro de 1922. Pela primeira vez um dos seus mais ilustres membros, o Prof. Charles Richet, apresentava oficialmente a questão das ciências psíquicas. Qual a opinião dos académicos sobre a tese contida nessa obra? O silêncio. E assim se repetiu a história dos sábios da Sociedade Dialéctica de Londres.

Mas os factos psico-biológicos não se anulam com o mutismo. Quem cala as verdades comprovadas aceita-as tàcitamente ou não se atreve a refutá-las. Apesar disso, a mediocracia intelectual taxou Richet de «iluminado», como fez a Lombroso, escapatória a que se agarram os cábulas e estagnados...

Se os fundamentos das investigações repousam em bases científicas incontroversas, ou, de outra maneira, se a experiência é a mãe da sabedoria, qual a causa do sistemático desdém por certos descobrimentos? Porque rejeitam o Espiritismo e a Metapsíquica com a sua vasta bibliografia? Assim, não se pode servir a ciência nem o progresso.

Há muito que o Espiritismo e a Metapsíquica deviam ter sido controlados por universitários sérios e livres de preconceitos, sobretudo pelos médicos psicanalistas e psiquiatras, sem excluir os sociólogos, os estadistas e a gente do foro. Ter-se-ia evitado que charlatães e traficantes se escudassem em tais ciências para perseguir um «modus vivendi». Os juízes teriam noções mais completas da etiologia da delinquência e da criminalidade; a terapêutica seria uma senda mais ampla em psiquiatria e o sociólogo alargaria a visão das suas concepções.

Os espiritas que compreendem e praticam as ciências da alma sentir-se-ão satisfeitos se o Espiritismo e a Metapsíquica, ao destruir as enormes barreiras dos interesses criados, pudessem enquadrar-se nos programas das Universidades. Neste caso não seriam motejados por energúmenos nem combatidos pelos irresponsáveis do obscurantismo.

Tão consideráveis são as perspectivas para os mencionados profissionais, que estes próprios, ao estudar despreconcebidamente os fenómenos metapsíquicos, veriam justificada a sua autoridade filosófica e científica. Salvar-se-iam os obstáculos das neuroses, da alucinação, da dupla e tripla personalidade em medicina; curar-se-ia muitíssimos doentes desesperançados.

Há vários antecedentes que ilustram bem as nossas apreciações. O americano Prof. Dr. Carl Wickland curou no seu Instituto milhares de enfermos abandonados pela psicologia e alopatia clássicas com o auxílio da médium que era sua esposa. Por seu lado, o Dr. Inácio Ferreira, do Sanatório Espirita de Uberaba (Brasil), segue nas suas águas...

Estes dois apóstolos da humanidade também não escaparam à diatribe. Em lugar de serem encorajados e estudados, são denegridos e combatidos, como fizeram a Pasteur, Sammerweis, Herwig e outros precursores da bacteriologia e da medicina. Os interesses criados, os preconceitos, a ignorância são os três obstáculos que o progresso salvará. Essa é a realidade futura.

(Distribuido pela A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires)

O Espiritismo não é Ideal Mórbido

por CYRILO ALEIXO

QUE é o Espiritismo?

Quando nos primórdios do genero humano se esboçaram assomos de intelectualidade, a ciência, a filosofia e a religiao preparavam-se timidamente para a sua estreia na crosta terrena, onde, até então, havia dominado apenas o instinto.

Se, por um lado, com a fricção do silex, a ciência vacilava nos domínios do mundo, por outro, o germe divino rompia a custo o envoltório material e fazia ouvir os primeiros vagidos para se libertar da pesada trama em que o processo involutivo a havia colocado e assim tiveram lugar os primeiros pruridos da filosofia e da religião.

Desde então, lentamente, tão lentamente que, muitas vezes, parecia haver retrocesso em vez de progresso, a pobrezinha, à custa de porfiados trabalhos, foi alijando a carga que a sufocava, ampliando gradualmente o raio de acção, no sentido de expandir as potencialidades divinas, expressas em seu âmago.

Mais tarde, após inúmeros ciclos evolutivos, um vago mal-estar se foi acentuando entre as massas, uma como que falta de qualquer coisa, a que a ciência, a filosofia e a religião eram incapazes de fazer face. É que o homem, em seu incessante voo para a perfeição, havia atingido outras alturas e apoio mais sólido se impunha, a fim de se poder firmar nas novas posições.

O Espiritismo veio então em seu auxílio, abrindo-lhe os braços amorosos, para uma nova e mais elevada fase da evolução.

Como, porém, era de esperar, não foi acolhido com igual agrado, dada a diferença de progresso da humanidade, mas apesar dos ataques dos seus opositores, vai seguindo avante, indiferente aos motejos da turba ignara. Ante a impossibilidade de reduzirem ao nada o que os seus inimigos consideram o mal do século, proferem-se contra ele pragas e anátemas que só têm o condão de agigantá-lo e de enrijar a sua têmpera, forjada nas sublimes verdades eternas.

E assim, o Espiritismo vai-se espraiando em torrentes luminosas neste planeta cavernoso, onde seres ululantes tomam posições, ante perspectivas duma carnificina sem precedentes.

Porque se repele esse bordão de luz, que mais ràpidamente fortaleceria a humanidade?

Por que razão uns o aceitam fácilmente, sentindo que se harmoniza com os anseios de sua alma, enquanto outros ficam insensíveis à beleza da sua doutrina, pouco ou nada compreendendo das verdades que contém?

Se para uns é refrigério, porque motivo não passa para outros de visão satânica, pesadelo que é mister aniquilar?

Qual a razão de ser de tudo isto?

É que a humanidade é um conjunto heterogéneo de elementos evolutivos, desde os que ensaiam os primeiros passos, aos que se encontram preparados para novos e mais altos planos de existência.

O mundo é uma espécie de escola, onde se congregam diferentes estados de sabedoria, constituindo, os iniciáticos e os finalistas, os extremos da academia humana.

E assim como num estabelecimento de ensino a medida de saber depende do adiantamento dos seus alunos, na humanidade também se encontra condicionado ao valor evolutivo de cada um.

E se, naquele, os primeiranistas só compreendem um certo número de coisas, quando, pelo estudo, atingem as classes superiores, também no viveiro humano muitos são incapazes de compreender certos assuntos, simplesmente porque ainda não atingiram o estado de maturação, sem o qual não lhes é possível modificar seu actual ponto de vista.

Por outro lado, assim como os professores não exigem dos seus educandos mais jovens a sabedoria dos mais adiantados e, muito menos, lhes querem mal por isso, não devemos, também, pretender que espíritos juvenis, vindos há pouco de planos mais atrasados, compreendam e assimilem certas coisas, sòmente acessíveis à medida que progredirem, não devendo alimentar contra eles qualquer espécie de animosidade.

Seria, de facto, irrisório exigir-se de indivíduos de instrução e evolução mediana, o comportamento de um sábio ou de um santo.

E ainda, se, nas academias, os mais atrasados são auxiliados no seu desenvolvimento, por que razão os espíritos das últimas fileiras não hão-de merecer a melhor atenção dos esclarecidos?

Eis o motivo da desigualdade de critério ante as verdades eternas, expressas no neo-espiritualismo, não devendo ser deplorados os espíritos infantes a quem falta ainda o competente desenvolvimento, mas sim aqueles que, podendo já fazê-lo, por comodismo, ou por qualquer outro motivo, se opõem ao ingresso na corrente redentora.

Deste modo retardarão esse passo, porque a lei é inexorável, a todos impelindo para a frente, a uns mais depressa, a outros mais devagar, a ninguém sendo dado estacionar para sempre no mesmo ponto.

Dada a diversidade evolutiva mundial, é, portanto, impossível pretender-se que o neo-espiritualismo seja aceite por todos igualmente, devendo, por isso, observar-se a necessária tolerância; de contrário, serão os próprios adeptos a incorrer em falta.

É nosso dever levar a luz a toda a parte; mas, depois de reconhecermos a inutilidade dos esforços, nada mais resta do que aguardar melhor oportunidade.

Seria malhar em ferro frio, quando tantos outros aguardam apenas o «estalar da casca», operação que muitas vezes tem que ser feita de fora, por mãos competentes e caridosas, a quem compete essa tarefa altamente cristã.

Quanto aos primeiros, ficamos tranquilos, por sabermos ser apenas questão de tempo — às vezes de séculos, é certo, mas não passando, entretanto, de questão de tempo — o seu baptismo espiritual, pois Deus, em sua infinita misericórdia, concedeu-nos a eternidade a longo prazo.

Felizes dos que apreendem os sublimes princípios da nova revelação, sem precisarem de provas nem de contraprovas, porque isso é sinal de terem atingido essa condição, os raios da divina sabedoria fluem por novos canais, embrionários ainda, nos que dispõem apenas dos exíguos sentidos fisiológicos. Há coisas transcendentes, tão delicadas e tão subtis, que jamais serão perceptíveis pelos meios ordinários, ainda

que se recorra ao moderno e potente microscópio protónico, com o seu enorme poder de ampliação de seiscentos mil diâmetros, onde os micróbios se vêem do tamanho de elefantes...

A Deus o que é de Deus e a César o que é de César. No império da matéria, o microscópio, o telescópio e tanta outra aparelhagem inventada, ou que se venha a inventar, mas nos domínios do imaterial, só as faculdades transcendentais da alma são competentes de iinterferir.

Talvez pareça estranho a muita gente o facto de se poder tomar conhecimentos por vias diferentes das ordinárias; mas, quem já atingiu certa elevação, sabe muito bem que o mesmo também sucede sem a interferência dos sentidos orgânicos, nem do intelecto, ou seja, pela intuição, essa faculdade admirável, concedida, oportunamente, a todos os seres.

Não é, portanto, de estranhar, que quem ainda não está nessas condições, recorra a toda a espécie de análises e experiências e se rodeie das precauções necessárias, quando se resolva a penetrar nos âmbitos psíquicos, visto faltarem-lhe ainda as faculdades que lhe permitirão resolver as incógnitas, de forma mais rápida e mais perfeita.

Todavia, se, na realidade, só se dispõe de instrumentos físicos, orgânicos ou não e do intelecto, impossível se torna a incursão nos planos metafísicos, porque a captação de vibrações subtilizadas, só pode ser feita através de faculdades que lhes são afins.

Chegados a este ponto, renovamos a pergunta: Que é o Espiritismo? Ciência, filosofia ou religião?

O Espiritismo é o grande foco onde se fundem todos os sistemas criados pela ânsia de perfeição do germe divino, no seu nobre afã de nos elevar às culminâncias do saber e do sentimento. É a recomposição dos raios dispersos da ciência, da filosofia e da religião, síntese que nos abre o grandioso código extra-terreno, por onde se pautam os destinos de todos os seres.

A finalidade desse regulamento celeste é conduzir-nos a um estado eterno de bem-aventurança, pelo que, em face de tão fascinante objectivo, a ele nos devemos submeter completamente. O Espiritismo é o compêndio onde se encontra inscrito, em caracteres indeléveis, o articulado daquelas regras amorosas que o mestre Jesus tão desveladamente procurou ensinar-nos.

Mais do que nunca, o conteúdo da lei divina está despertando grande interesse, em virtude de se verificar que dele depende a paz e a fraternidade humana.

O homem, amadurecido pelo trabalho do seu burilamento através de ásperos tirocínios, atingiu um estado semelhante àquele em que numa dada altura da nossa existência, não nos enlevando já os folguedos da meninice, nos encontramos aptos a encarar a vida sob aspectos mais sisudos.

O Espiritismo não é, pois, um arranjo mais ou menos engenhoso, destinado a embalar a alma crédula dos seus adeptos, com promessas hipotéticas de uma felicidade imaginária. Não. O Espiritismo está para a humanidade, como os regulamentos humanos estão para as colectividades a que dizem respeito. E assim como nestas, cada componente deve conhecer o código que as rege, a fim de se livrar das infracções, também a nós, componentes da vasta colectividade humana, se impõe o conhecimento dessas normas invisíveis para nos furtarmos às consequências da sua transgressão, expressas no sofrimento.

A hora que passa é de inquietação e maus presságios, porque algo de anormal paira sobre a humanidade. Hora de sobressalto e de ansiedade que antecede os grandes acontecimentos, nestas vésperas do terceiro milénio, onde devemos entrar redimidos, para o mais belo reinado que jamais houve na Terra.

LIVROS DE TODO O MUNDO

Anotados por RAMOS PEREIRA

181. EXORTAÇÃO AOS SIMPLES — por *Albertina Ângelo Silveira*. Editora Aurora, Rio, 1953.

Mais uma obra de fundo doutrinário a somar a tantas outras que nos tem dado o espiritismo brasileiro. Não diremos que vão sendo demais tantas glosas aos princípios básicos do Evangelho, porque só viria a dar-se redundância no momento ideal em que todos os humanos vivessem tais princípios, o que não é o caso do presente. Todavia, parece-nos, seria de tentar novos processos de exposição e demonstração. Com efeito...

Até agora o método geralmente seguido é o de cantar, nos mais variados tons, as excelências do amor cristão e o de vincar os resultados que adviriam de um cumprimento mais geral e mais perfeito desse amor, para fazer ressaltar toda a extensão dos erros dos homens. (É também esse o método seguido no livro em epígrafe que nos sugere estas considerações). Por outras palavras: — é o método de julgar os homens do Evangelho, de introduzir o ferro candente da verdade evangélica nas fendas purulentas do viver humano.

Porque não tentar um outro método? Porque não criar um linha em que se julgue o homem à luz da própria condição humana, em que se procure a compreensão das próprias feridas e do seu pus, da razão humana que as enforma, para mostrar, depois, que existem energias latentes capazes de transmutar a gangrena em beleza, na beleza do ideal do Amor do Cristo?

Para que falamos nisto? É que as obras doutrinárias (espiritas e até não-espiritas) parecem dirigir-se só para que o homem se roje no pó das suas inferioridades, bata no peito as punhadas do «mea culpa» e suplique auxílio à misericórdia dos Céus; e nós desejaríamos ler outras em que nos pusessem de pé sobre a lama amassada por nossas mãos e nos mostrassem que, senhores do nosso destino, podemos encontrar em nós a razão do que há e em nós também os impulsos para o há-de haver. A misericórdia será então Graça e não mera compaixão.

Pròpriamente em referência ao livro de Albertina Silveira, reconhecemos elevação dos conceitos, clareza de exposição e seguimento adequado das intenções doutrinárias.

★

Nota — Frequentemente se recebem na nossa redacção cartas de editores e autores lamentando que as suas obras (de que enviavam, em regra, um só exemplar) não houvessem sido anotadas nesta secção. Algumas dessas cartas até chegam a ter o tom de reclamação!... Ora, para que seja possível anotar um livro com seriedade é forçoso que se leia (vá lá uma verdade à Senhor de La Palisse, mas que muitos ignoram, ao que parece). E para ler é preciso tempo, além de que o espaço desta Revista não permite que se encham muitas páginas de notas bibliográficas...

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM CASO DE AMNÉSIA

O *Progreso Espirita*, de Buenos Aires, publica um relato da médium cubana Sr.ª Hortênsia Naranjo Casas acerca da cura de um enfermo que durante muito tempo sofrera de amnésia parcial e encontrou a cura completa. Diz a articulista:

«Andrés Figueiroa, homem novo, robusto, aparentemente são, funcionário do Governo Provincial, começou em Agosto deste ano a frequentar os trabalhos das sociedades «Lury-Estela» e «Fé y Caridade», sitas na Rua Pedro Olallo, 635, desta cidade.

Primeira observação — Entra na sala, apoiando-se nas poltronas, como se fosse a cair. Senta-se como quem se arroja. Fecha os olhos e deixa cair a cabeça sobre o peito.

Segunda observação—Como permanece nesse estado, parece um homem embriagado. Nada me pergunta. Depois diz-me:

«Há um ano que estou nas mãos dos médicos. O último foi o Dr. Abril, grande médico de doenças nervosas e o único que conseguiu pequenas melhoras. Muitas vezes passo horas sem saber de mim. Dizem que é amnésia. Saio à rua com trajes que não me correspondem e os meus familiares têm dificuldade em fazer-me compreender como ando. Não deixo de ir à Repartição e cumprir perfeitamente os meus deveres. Mas não durmo bem, sofro depressões horríveis e venho aqui em busca de alívio.

«Muitos julgam que estou embriagado, porque não posso caminhar sem me amparar. Parece-me que vou cair no chão... Na rua, oiço dizer «Pobre homem! Está embriagado...». Eu não respondo, mas é horrível».

A articulista continua:

«Daí em diante todas as segundas e quintas (dias de sessão nestas sociedades) aquele irmão aparece, sem faltar um dia. E desde que recuperou a saúde tem viajado fora da cidade e nunca mais tomou medicamentos, tendo sido apresentado ao Dr. Hernán Pereda Reys, que o deu «com perfeita normalidade física e mental». São testemunhas presenciais desta cura: José Peyrellado, Miguel Navarro, Carmen Ciria, Aleida Arredondo, Amparo Léon, Prof. Luz Cibrián e outros que tomaram parte no controlo. E testemunhas da observação do Dr. Pereda Reys: Eládio Moraza, António Burón, Elda Casas, Orlando Garcia e outros».

Depois explica como se operou a cura:

«1.º — Investiguei por intermédio do meu guia espiritual no seu corpo físico para saber se sofria de alguma doença.

Resultado: nada tinha no corpo que produzisse esse estado.

«2.º — O Guia disse-me: «Este irmão tem mediunidade. Há entidades que se lhe apoderaram do organismo e lhe fazem perder a personalidade. Eis a causa da sua amnésia aparente. Um tratamento enérgico de duas ou três vezes por semana, bastaria para que se libertasse do seu âmbito espiritual.

«3.º — Através de vidência noto a presença de um ser que foi homem e morreu decapitado e outro que foi homem e se suicidou por enforcamento.

«4.º — Estes dois seres espirituais eram a causa do transtorno do pobre irmão amnésico. Uma vez terminado o tratamento, o Guia diz que as entidades compreenderam a sua situação e se retiraram; e que agora se deve proceder ao desenvolvimento das faculdades mediúnicas do doente.

«Nesta data — 10 de Novembro de 1953 — o jovem Andrés Figueiroa aumentou muito de peso, está cheio de alegria, propõe-se estudar a Ciência Espirita e demonstra achar-se perfeitamente bem, em todos os aspectos da vida».

UM BELO FENÓMENO DE VIDÊNCIA

Survie publicou o ano passado o relato de uma sessão realizada em 21 de Março na União Espirita Francesa, com a médium Christin, na presença do sr. Gonzalès, Secretário Geral desta agremiaçção. Entre os fenómenos obtidos, houvè uma vidência notável que vamos registar, através de uma carta enviada aquela revista por uma associada da União.

«Atesto a veracidade de tudo o que me disse a senhora Christin — escreve a missivista — e agradeço-lhe, a ela e aos bons Espíritos, que nos dão tão belas provas de sobrevivência. Autorizo-o a publicar toda ou parte desta carta, desde que respeite o anonimato, por razões familiares».

Por sua vez, o articulista põe a carta à disposição dos que a queiram ver. De resto — acrescenta — a vidência realizou-se na presença de sessenta pessoas. Eis o resumo da carta da senhora X...:

«Eu tinha posto na mesa a foto de um primo falecido, cuja mulher, chamada Margarida, viveu estreitamente ligada a mim e à minha família. Recortei-a de uma fotografia colectiva.

«Antes de guardar as fotos, a senhora Christin anunciou a presença de um espírito chamado Margarida. Como ninguém respondesse, eu disse que tinha lá posto a foto de meu primo, dizendo que sua mulher, já falecida, se chamava Margarida.

Estabeleceu-se então o seguinte diálogo entre mim e a senhora Christin:

— O espírito traz uma coroa de margaridas — diz a médium —. Deve ter comungado na vossa família...

— Exacto — disse eu —. É a de seu filhinho.

«— Agora ouço nomes: Madalena, Georgette, Suzana, Odette.

«— São as minhas duas primas, a filha do falecido e a sua nora.

«— Quem foi às colónias?

«— O filho dele.

«— Quem se queimou?

«— O nora. Utilizava lá uma lâmpada de álcool que explodiu.

«— Ele fala-me num barco.

«— A foto que recortei foi tirada num barco.

«— Agora dá o nome de qualquer pessoa que termina em EC.

— É o nome do marinheiro fotografado ao lado dele na foto recortada.

«— Ele pensa nos Voges, na Bretanha...

«— Os Voges são a região onde Margarida nasceu. A Bretanha era

«No fim da mensagem, a sr.ª

Christin falou-me dos seguintes espíritos desencarnados: Meu primo Luís; seu pai Eugénio, sua cunhada Suzana e Eugénia, tia de seu marido. Deu também informações precisas sobre a saúde de minha filha, indicando exactamente o sítio da sua doença».

E o articulista termina, dizendo: «Podemos afirmar que tudo era verdadeiro e que o facto ultrapassa o quadro das coincidências habitualmente citadas pelos cépticos, a fim de explicar estes factos. Em vinte enunciados da vidente havia vinte exactidões, o que mostra bem o grau de precisão obtido».

A VIDA NOS DOIS MUNDOS

Spiritualisme Moderne extraiu estas belas considerações do *Psychic News* e que nós corroboramos totalmente, tão afins nos encontramos com o pensamento do autor:

«Pensemos nas pessoas que duvidam da existência de outro mundo. Dá-se isto com numerosos indivíduos.

«Eu diria a essas pessoas. «Esquecei um instante tudo o que vos ensinaram em matéria de religião, esquecei as Escrituras Sagradas de todas as crenças existentes, esquecei todas estas coisas, e conhecereis a existência de outro mundo em que esta vida continuará. Primeiro, olhai profundamente para os olhos de uma criança. Fixai-os bem, porque eles revelam a alma inocente, ao contacto com a vida terrestre.

«Um poeta disse que «o paraiso está na nossa infância... e lembramo-nos dele, quando nascemos...». Fixando os olhos de uma criança, verificareis que eles não esqueceram completamente.

«O estudo dos milagres da natureza dura toda a vida. E se sois muito felizes por trabalhar com a natureza, quanto mais estudardes, mais ouvireis a voz interior que vos diz que a vida terrena não é tudo...

«Os que estudam astronomia e as leis físicas do universo têm a convicção de que a vida terrestre não é a única vida. Não duvideis, pois. E se tentardes viver de harmonia com a vossa fé particular, elevareis o vosso mental e não duvidareis da existência de outra vida.

«Os antigos gregos tinham idealizado a Verdade, a Bondade e a Beleza. Apesar das coisas terrificantes que se passam hoje no mundo, há pessoas capazes de manter bem alto este estandarte. A verdade surge por intuição. Podeis às vezes desesperar, mas no foro íntimo sabeis que é a verdade.

Do ponto de vista ético e moral, a verdade é considerada de várias formas, conforme as regiões. Mas a bondade é a mesma coisa em toda a parte e reconhecê-la-eis sempre, se a enconntrardes.

«A beleza devia considerar-se inestimável. Sabeis o que é um pôr-de-sol, uma paisagem, a majestade das montanhas... Tudo isso vos proporcionará alegria profunda, extática, que eleva a alma às culminâncias. Conheceis estes valores e deveis reflectir neles, porque vos são dados nesta vida como ideia do que é o outro mundo.

«Fazei um programa da vossa jornada. Reservai alguns instantes à meditação, pensai no mundo de luz e nos que de lá vos auxiliam. Muitas vezes sereis ajudados em pequenas coisas. Pedi e agradecei, quando vos auxiliarem. Ao mesmo tempo, não vivais como num sonho, não penseis demasiado na vida do além. Lembrai-vos de que sois humanos, que deveis viver todas as horas do vosso mundo equilibrados no corpo físico, o qual não podeis nem deveis desprezar.

«Não vos considereis superiores aos outros. Há pessoas na terra que necessitarão de vós; mas, se lhes derdes a impressão de que não sois mais elevados do que elas, podeis desencorajá-las.

«Verdes, pois, que a vossa vida, as vossas palavras e os vossos actos devem ser dirigidos com grande cuidado para não cairdes no barranco».

Estas são palavras de vida é que é preciso espalhar aos quatro ventos, mesmo entre os adeptos do Espiritismo que às vezes oscilam nos caminhos da vida moral. Por isso as transcrevemos com entusiasmo, pedindo que meditem nelas todas as pessoas sensatas.

OS MORTOS VOLTAM...

Sob este título publicou *La Revue Spirite* o seguinte relato da senhora N. Kauffmann:

«Eu tinha um primo que era magistrado parisiense e pelo qual eu não sentia afeição. Meu pai desejava convencê-lo, mas ele dizia que não queria queimar os miolos com estas coisas. Quando morresse, saberia a verdade. Ora, em fins de 1939. meu pai estava em Dijon e eu em Paris. Meu pai esteve dois dias e uma noite ausente e, nessa noite, deitei-me e adormeci ràpidamente. Cerca da uma hora acordei em sobressalto com a impressão de que tinha junto de mim alguém que me incomodava. Parecia que me queria abraçar. Fiquei irritada, depois ri-me de mim mesma e tentei adormecer. Entretanto, ouço pancadas na mesa-de-cabeceira, nos ângulos do quarto e no vidro do meu despertador. Sinto-me angustiada e sento-me na cama com a luz acesa. Fiz muitas tentativas para adormecer, mas em vão. Finalmente peguei num livro de Annie Besant e esforcei-me por ler atentamente. Estava imóvel, sem ouvir ruído algum, mas de repente ouvi um «ding» fortíssimo, como se a mola do meu colchão tivesse saltado. Movi-me então enèrgicamente, mas não consegui reproduzir aquele ruído. E alguns *raps* se ouviram aqui e ali, e até de madrugada não consegui pregar olho. De manhã recebi uma carta a avisar-me de que meu primo estava doente em St. Jean-de-Dieu. Resolvi ir vê-lo e telefonei para a clínica, donde me disseram:

«— Faleceu ontem à noite...

«E à noite quando meu pai regressou, não lhe quis anunciar logo o falecimento do primo que ele estimava muito. Disse-me, então: «Fiz boa viagem, mas, que aventura! Imagina que me deitei num quarto assombrado!». E contou-me coisas idênticas às minhas, também com um violento «ding» no colchão! Só depois é que lhe contei o que me tinha acontecido e lhe disse que o nosso velho primo tinha desencarnado...».

E *La Revue Spirite* comenta, com razão: «Assim, o aniquilamento da alma no momento da morte é uma afirmação materialista imprópria de homens sensatos».

Aos Assinantes Brasileiros

Em virtude da queda do cruzeiro e das dificuldades opostas às transferências de fundos para o exterior, a posição de* Estudos Psíquicos *não pode manter-se sem grandes prejuízos materiais. Assim, vemo-nos obrigados a elevar para Cr$70,00 o preço da assinatura anual, na certeza de que todos concordarão e continuarão a manter a renovação das assinaturas.

O que dizemos estende-se a todos os representantes, que devem elevar para 7 cruzeiros o preço da venda avulsa por exemplar.

Quem se não conformar com o aumento, queira informar o nosso Confrade sr. Chelmicki, Av. Passos, 30, 1.° - Rio de Janeiro.

Notas & Comentários

30 ANOS DE PROPAGANDA

Há efemérides que não podem passar despercebidas, sobretudo para quem trabalha na imprensa, esta forja magnífica mas ingrata onde se temperam qualidades e se adquire experiência. Os 30 anos de La Idea, órgão da Confederação Espiritista Argentina, que se verificaram em Outubro último em Buenos Aires, são demasiadamente importantes para que silenciemos sobre o acontecimento. Trinta anos de labor constante em benefício de uma causa é um monumento de dedicação que merece os maiores louvores, principalmente quando essa causa é combatida tenazmente pelas mais variadas seitas.

O Espiritismo tem uma história notabilíssima onde brilham belos nomes, como esse grande Cosme Mariño que revolucionou o jornalismo em Buenos Aires, e outros, entre os quais, Ovídio Rebaudi, tradutor da «Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo», Sáenz Cortés, António Ugarte, Francisco Molina, Felipe Semillosa, Isabel Peña de Cordoba, M. Porteiro, para só falar dos que regressaram à pátria espiritual, deixando na terra a semente germinada. Hoje, mesmo, se evidenciam fortes personalidades, como Natálio Ceccarini (filho), Miguel Sério, César Bogo, Carlos Chieza, José Cáceres, Luís Postiglioni, Mário Incerti, Héctor Centrón, etc., que não só defendem o Espiritismo de ataques malsãos, como também lhe abrem sendas mais amplas, rumo à ciência e à filosofia.

Por isso os trinta anos de La Idea reflectem a história de uma época espiritualista e dão a justa medida do carácter e possibilidades morais e mentais dos seus belos propugnadores.

Trata-se de revista moderna, de nível elevado, òptimamente apresentada, onde tudo se encontra arrumado, desde o editorial ao noticiário. Temos a maior simpatia por esse arauto cheio de aprumo que mensalmente nos visita com a saudação habitual. Eis porque o cumprimentamos amistosamente e lhe auguramos um futuro promissor onde brilhem novas penas, semelhantes a tantas que nele brilharam e brilham ainda. La Idea é um verdadeiro expoente de jornalismo espírita, pois nem todos se poderão ufanar de 30 anos de serviço permanente a dominar todas as circunstâncias; e os seus dirigentes e orientadores bem merecem da humanidade sacrificada a ideais retrógrados. Que eles mantenham a sua posição e procurem atingir maiores alturas na rota que soltaram são os votos unânimes dos seus irmãos portugueses. Que os bons espíritos os auxiliem e inspirem nos momentos decisivos para a jornada dos novos tempos!

PIERRE LOTI E OS FENÓMENOS DE ASSOMBRAMENTO

La Revue Spirite transcreve de La Lanterne, de Bruxelas (12-8-53) os seguintes parágrafos sob o título: «Pierre Loti acreditava no assombramento da sua mesquita de Rochefort»:

«Pierre Loti considerava assombrada a sua casa de Rochefort, mais ninguém lhe tinha ouvido uma palavra clara sobre os fenómenos, tal o medo que lhe inspirava a morte. Pierre Loti faleceu em 1923. Pouco antes da sua desaparição, Camille Flammarion teve conhecimento destes fenómenos. Foi Courteline que lhos contou, tais como haviam sido apreciados pelo autor dos «Pescadores de Islândia». Ei-los: «Muitas vezes, Loti acordou de noite ao som de pancadas na porta da mesquita, colocada no 1.º andar da casa. O romancista acrescentava que viu algumas vezes traços de pés de criança nas paredes dos compartimentos».

«Anotando estes factos, Courteline dizia que era impossível duvidar destas afirmações. Ambiente dos objectos? Emanações subtis? Acção subconsciente do próprio viajante oriental? Manes revelados? O humorista não se atreve a tirar conclusões».

«Manifestações do Além de que se não pode duvidar; mas Pierre Loti, que escreveu páginas emocionantes de sensibilidade marcadas pelo génio, não estava preparado para admitir a existência do mundo invisível e compreendeu a sua influência nos melhores actos da vida humana.

O ESPIRITISMO E A LOUCURA

De vez em quando aparecem vozes que se comprazem nas mais obtusas afirmações. E embora não cheguem ao céu por motivos de ética moral e mental, é certo que impressionam os ignorantes, levando-os a repetir sandices que se não coadunam bem com os cinco sentidos da praxe. Uma delas é que o Espiritismo é uma fábrica de loucos. Nada menos do que uma fábrica em actividade constante, o que constitui um verdadeiro perigo social que é preciso conjurar quanto antes.

Ora, há tempos o Ministério da Saúde Pública da Argentina organizou um controlo médico e psiquiátrico de indivíduos ligados ao Espiritismo e entre 5.000 pessoas examinadas viu-se que só uma entre mil apresentava deficiências psíquicas, ao passo que a estatística mostra que, em geral, na população há três por mil de alienados mentais.

Já por cá andamos há três décadas e ainda não demos pela fábrica em que falam adversários ignorantes.

O que nós sabemos é que o Espiritismo tem curado muitos loucos, a maioria deles totalmente desenganados da psiquiatria. Isso é que nós sabemos. Demonstrar a afirmação seria a coisa mais fácil do mundo. Bastaria transcrever as conclusões dos próprios médicos que usaram a terapêutica psíquica e se encontram ao nosso alcance. O médico sueco Dr. Carl Wicland e o psiquiatra Dr. Inácio Ferreira afirmam que setenta por cento dos internados em manicómios são puros obsidiados susceptíveis de normalização sem recurso às injecções e ao electrochoque.

Portanto, as citadas vozes não chegam ao céu. Deixá-las vibrar na atmosfera, sonoras e dissonantes, que a caravana segue, lentamente e seguramente, o seu caminho no deserto do bom senso, mas conhecedora do terreno que vai pisando. Mais perde quem fala do que quem ouve e fica no que lhe parece...

Noticiário

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM FEVEREIRO DE 1954

Grupo de Irradiação Mental

Todas as 5.as feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Grupo «Irmão Rhammurthi»

Todas as 2.as feiras, às 21.30, com a médium D. Maria da Glória.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as 6.as feiras, às 21.30, com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 6, sábado, às 21.30 — Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática).

Dia 7, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 13, sábado, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 14, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Problema dos Fantasmas».

Dia 20, sábado, às 21.30 — Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática).

Dia 21, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 27, sábado, às 21.30, — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 28, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

43.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Neste 43.º sorteio foram distribuídos quatro valiosos prémios que couberam aos seguintes confrades:

«E as águas passaram» — Olímpio Pinheiro Aguiar Costa, de Luanda.

«Cientismo e Espiritismo» — Luís Lopes da Silva Faria, de Lisboa.

«Manual do Dirigente de Sessões Espiritas» — Anatólio Ferreira Cardoso, de Angra do Heroísmo.

«Doutrina Espirita» — António Lopes Dias, de Luanda.

Se mais subscritores houver, mais prémios se distribuirão. Aos contemplados apresentamos os nossos cumprimentos com desejos de felicidade no corrente ano.

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Transporte do número anterior — 4.667$10. D. Maria Guilhermina do Carmo, 20$00; Cândido A. Sarmento, 20$00; D. Violeta Lopes, 20$00; D. Maria Gertrudes Rolo Duarte, 10$00; Manuel Afonso Jóia, 20$00; Domingos Lopes da Silva, 15$00; D. Maria e Mário Bacelar, 100$00; José da Silva Bonifácio, 10$00; D. Dulce Brito, 10$00; Manuel Trindade da Silva, 40$00; Francisco Paulino Mendes, 40$00; Anónimo de Leiria, 50$00; Anónimo de Santarém, 20$00; D. Alice Simões, 20$00; António dos Santos, 6$00; José Augusto Taveira, 20$00; D. Gabriela J. Pereira, 10$00; Haduindo Santos, 20$00; D. Zahyra Fontes Pereira de Melo, 20$00; D. Maria do Céu F. Lopes, 10$00. *Total* — 5.258$10.

Recebemos também várias peças de roupa da sr.ª D. Antónia Pontares Lemos Rosário, da Cidade da Beira, que foram entregues ao Grupo «Irmão Rhammurthi».

Amigos de "Estudos Psíquicos"

Recebemos os seguintes donativos:

A. M., 500$00; Carmen Antunes Alves, 500 cruzeiros; Jaime João Jerónimo, 50$00;

Também F. M. G., do Rio de Janeiro, teve a gentileza de saldar o nosso débito na Livraria da Federação Espirita Brasileira, no total de Cr. $ 5.893,00.

A todos estes amigos, os nossos agradecimentos muito sinceros.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Dezembro de 1953 — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; U. S. J., de Ponta Delgada, 20$00; Joaquim Dias, de Lisboa, 20$00; D. Amélia da Conceição Silva, 5$00; Centro Espiritualista Luz e Amor, 517$60; Subscrição do 42.º Sorteio de livros espiritas, 150$00. *Total* ..... 806$00.

Diversos, para o Grupo de Protecção às Crianças e entregue ao mesmo em Novembro	323$50
Idem, idem, no mês de Dezembro	646$50
Total	970$00

Em 1953 receberam-se e distribuiram-se:

De donativos	3.652$90
De sorteios de livros	1.800$00
Total	5.452$90

Estas quantias têm vindo descriminadas mensalmente na última página desta revista, como é do conhecimento dos leitores.

Grupo de Protecção às Crianças

Saldo em Dezembro de 1952	2.000$00
Donativos em 1953	3.524$50
Total	5.524$50
Entregue ao Grupo para confecção de roupas e calçado para 31 crianças no Natal de 1953	4.624$50
Saldo para 1954	900$00
Total	5.524$50

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*. 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
O Reino de eJsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*. 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

PIO XII

(Ver pág. 43)

CONTÉM: Fenómenos, da **Redacção**; Espíritos sem Ciência - Versus Ciência sem Espíritos, - II - por **Fiat Lux**; A Responsabilidade dos Médiuns, pela Médium **E. Ortiz**; Desmaterializações - II -, Compilação de **B. B. Martins**; Os Fenómenos do Além e a Psicologia, por **Deolindo de Amorim**; Pio X aparece a Pio XII; Livros Valiosos; Oriente Seu Pensamento, por **Luís de Barros Castro**; Uma Festa Diferente no Lar de Jesus; O Espiritismo e o Divórcio, por **Tito L. Bancéscu**; A Misericórdia Divina se Repetiu, por **Leopoldo Machado**; Da Evolução Morfológica e Espiritual, pelo **Dr. Sérgio Vale**; O Espiritismo é Obra Demoníaca?, por **F. Noronha**; Espiritismo, pelo **Dr. Paulo Hecker**; Anjos e Demónios, por **Alfredo Miguel**; Uma Figura de Bronze, por **Irmão Saulo**; Uma Grande Missão Social, por **José Fuzeira**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

15.º ANO FEVEREIRO DE 1954 N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1954 — N.º 2

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

FENÓMENOS

De toda a parte surgem notícias de fenómenos psíquicos ou espiritas que agitam o grande público. E a imprensa profana, geralmente ligada a preconceitos e religiões dogmáticas, é obrigada a inseri-las, umas vezes sem comentários, quando vêm das agências informadoras, outras vezes alterando-as, quando fornecidas por correspondentes particulares. De uma forma ou de outra, a maioria dos leitores sabe dos acontecimentos e dá o desconto às facciosas entrelinhas dos redactores de serviço, a quem pagaram para o efeito.

As entidades espirituais assistem a essa guerra surda e multiplicam as manifestações aqui e ali, onde quer que haja um médium apto a traduzir a presença dos invisíveis. E não faz acepção de pessoas, como se pode ver noutra página da revista.

Atacar uma doutrina, cujo delito é coligir e estudar tais fenómenos à luz da razão, será lógico para os nossos adversários, que têm alvos a atingir, mas não no é, certamente, para o observador imparcial que analise com critério científico. Às vezes, os factos são tão contundentes e insólitos, que mobilizam quase um regimento, intrigando meio mundo e deixando as autoridades boquiabertas. Interrogados os «causadores» do barulho, respondem claramente, sem dúvidas, quanto à sua origem. E surgem então os «espíritos fortes» a clamar contra o fenómeno e a chamar superstição à curiosidade dos circunstantes. Em que baseiam eles semelhantes afirmações? Viram, porventura, meditaram, investigaram? Não viram nada. Fizeram como um sr. da «Ordem Nova», de Vila Real, que, depois de perguntar a si mesmo como explicaria os fenómenos observados nas sessões espiritas, respondeu: «Não explico nada. Lá está a filosofia da igreja que melhor do que eu o faz lapidarmente».

Ora, seria interessante adoptar princípios diferentes ao tratar de assuntos deste género, para não cair em situações equívocas. Um problema estuda-se até à base e depois equaciona-se. Só então se poderá afirmar, por A+B, a realidade da coisa. O apriorismo não conta em matéria de facto.

Há indivíduos talentosos, diplomados em ideias preconcebidas. Por isto e por aquilo recorrem à ciência infusa e dão a solução antes de eclodir o fenómeno. Fogem da hipótese espirita como o diabo da cruz. E, não raro, é a mais simples, a mais fácil e a mais verdadeira. O medo é que a exclui, um medo terrível dos «espíritos», um medo terrível de si próprios.

Passado algum tempo, novo acontecimento agita as almas pergaminhadas, ciosas de saber, em lenta digestão mental. Depois, outro e outro... com desusada frequência, como se obedecessem a ordens secretas, vindas não se sabe donde...

Os factos são sempre eloquentes, embora não saibamos explicá-los. Quem ousará negar a deslocação de objectos sem contacto com testemunhas oculares? Pois há misoneístas que tocam a ferida, como Tomé, e negam o que viram. Negam a pés juntos. Tocaram, mas «não pode ser». É impossível, porque está escrito que é impossível...

Contudo, a lei não se altera a pedido de um céptico, e as manifestações psíquicas que enchem os anais da investigação são prenúncio dos tempos que se aproximam. Cada vez haverá mais fenómenos, visto que a mediunidade está mais espalhada e desenvolvida. E os jornalistas dessa época elucidarão o público e servirão o progresso com a divulgação exacta dos factos.

O materialismo quer avassalar o mundo e pratica grandes crimes de lesa-humanidade. Por isso a comunicação espiritual se exerce em tantos lugares, apesar do riso dos incrédulos, tão vulgar e tão dificil de manter, quando lhe falta a justa causa.

Não temamos os fenómenos, que se enquadram nas leis naturais e demonstram que a morte é porta de novo mundo de onde viemos e ao qual regressaremos com as aquisições que fizermos.

"FIAT LUX" ESCREVEU

II

Vamos aos *documentos:*

Em 1861 foi publicado um livro sobre «*Espiritismo Experimental*», da autoria de um homem honesto e competente, assim reconhecido pelos «seus pares»... fundador da Sociedade Parisiense de Estudos Espiritas, que, logo na *introdução*, nos declara e demonstra o Espiritismo como ciência:

«A experiência diária nos convence cada vez mais de que as dificuldades e decepções inerentes à prática do Espiritismo têm origem na ignorância dos princípios *dessa ciência*».

★

«Esta obra tende a aplanar-lhes o caminho, facultando-lhes o ensejo de utilizar os frutos dos *nossos longos e laboriosos estudos*...

Aos fenómenos surgidos em Hydesville, desde 1847 até à publicação da já referida obra, isto é, a experiência do autor em 14 anos.

É muito?... É pouco?... Era mais que suficiente para nos elucidar de «alguma coisa».

Mais adiante, dá o autor sensato aviso de quem não ignorava o perigo a que se expunha quem quer que fosse «a praticar» — como, de resto, acontece a quem se proponha estudar e experimentar nos domínios da Física ou da Química: «Seria, pois, de recear que um ensino demasiado sucinto provocasse experiências levianas; são coisas com que não é *conveniente nem acertado brincar*».

★

Já no capítulo II da obra com que estamos documentando a falsa proposição, ou expressão, de «não ser o Espiritismo uma ciência experimental, mas ùnicamente uma «doutrina-ético-religiosa» — !? —», prosseque o mesmo autor, nas suas definições:

«Só se adquire a ciência com tempo e estudo: ora, o Espiritismo, que enfrenta as mais graves questões de filosofia em todos os ramos da ordem social, que abrange, ao mesmo tempo, o homem físico e o homem moral, é, por si só, UMA CIÊNCIA, uma filosofia, que não pode ser *qualquer outra ciência*...».

★

Sintèticamente, vejamos:

Categoria de conhecimento: — o conhecimento «vulgar» na sua primeira paragem recebe os factos tal como se apresentam à nossa percepção; nesta fase não os submete a uma análise metódica e suficiente para a sua compreensão, interpretação ou explicação. Na sua segunda fase são agrupados os fenómenos e explicado cada grupo pelas suas causas e leis imediatas. É o que faz a física em relação aos fenómenos físicos, a psicologia em relação aos fenómenos psicológicos, etc.

E na terceira fase são organizados todos os conhecimentos, ou todo o saber científico, para uma visão de conjunto do Universo.

A estas três formas de conhecimento deu-se-lhes o nome de empírico, científico e filosófico.

Carácter do conhecimento científico: — é geral, visto que as leis que constituem o seu objectivo principal são gerais; é verdadeiro, porque explica os factos pelas suas causas e leis, verificadas pela experiência; e, por isso, *certo*, isto é, *capaz de determinar a nossa adesão...*; é metódico, porque todos os elementos são ordenados segundo as suas relações lógicas; e por consequência, sistematizado.

Donde se conclui que:

O conceito de conhecimento científico reflectido e parcialmente unificado é um sistema de conhecimentos gerais, verdadeiros e certos, relativos a um determinado grupo de fenómenos.

★

Vejamos se os ESPIRITISMOS, possuem categoria, têm carácter e são *conceituados*... cientificamente!

I FASE

Método do estudo teórico

Parte do conhecido para o desconhecido.

Regra geral: antes de *se ser espirita, deve ser-se Espiritualista.*

Para proceder-se ao estudo teórico do Espiritismo, como se faria nas *ciências ordinárias*, seria necessário passar em revista toda a série de fenómenos que podem produzir-se, principiando pelos mais simples e chegando, sucessivamente, aos mais complicados; e é o que não pode ter lugar, porque seria impossível fazer um *curso de Espiritismo experimental*, como se faz um curso de física, química ou de psicologia...

No Espiritismo, como em psicologia, trata-se com *inteligências* dotadas de liberdade (proposição admitida na *causa* em estudo), e a cada instante nos *provam* não estarem sujeitas ao nosso capricho.

Cumpre, pois, observar, esperar pelos resultados, apreendê-los em suas manifestações; por isso, todo aquele que pretender «*alcançá-los à sua vontade, é ignorante ou impostor*...».

Difere das ciências naturais, porque os fenómenos podem falhar quando houver necessidade deles, ou podem aproveitar-se de modo diverso do que se queira.

Diferem ainda, porque os fenómenos espiritas são de duas espécies: os de *efeitos físicos* e os inteligentes.

Principiando o estudo pela teoria, pode-se ter conhecimento deles e nesta todos os fenómenos são postos em evidência; são explicados, pode-se ter conhecimento deles e das condições em que podem produzir-se e os obstáculos que se poderão encontrar.

O estudo prévio da teoria tem outra vantagem: «...qual a de mostrar logo a grandeza do fim e o alcance *desta ciência*» (cap: III, página 37, em *Espiritismo Experimental*, 10.ª edição, 1925).

Espíritos sem Ciênci

A fim de se julgarem por comparação, eis os argumentos sistemáticos que se podem apresentar contra os *efeitos físicos:*

O charlatanismo, a loucura, a alucinação, os músculos rangedores pela contracção, as causas físicas naturais e os reflexos psico-físicos singulares ou colectivos.

O sonambúlico, o céptico ou o optimista quanto à natureza dos *seres causais;* unispirita ou monospirita ou polispirita; e alma *material* (objecção psico-física), etc.

Condicionado às *leis, regras* e *operações do método,* isto é, à *lógica formal,* à *lógica metódica,* à *análise* (experimental ou racional) e à *síntese* experimental e racional, que preceitua os processos dominantes nas ciências. *O Espiritismo,* quando ensaia e investiga os factos concretos, como na psicologia experimental, dos *seres concretos espirituais,* induz e deduz por análise e síntese; quando expõe a sua doutrina, tal como o espiritualismo abstracto e a psicologia racional, reduz ou deduz, por análise (redução) ou síntese. Une-se, pois, o espírito do investigador que analisa em estreita colaboração com o «ser» concreto que actua com o espírito filosófico que sintetiza...

Se tais processos são *progressões* do conhecimento do espírito *abstracto-concreto,* é de grande importância a harmonia entre indução, dedução, análise e síntese.

Conclui-se que, em teoria de conhecimento, o critério de qualquer inquérito científico se faz pelo método da convergência de provas e análise comparada dos factos e quadros sintéticos. (E. Bozzano).

★

II FASE

Método do estudo prático

Parte da teoria para a observação — experiência — conclusão.

Critério da *exclusão* para a pesquisa das relações de *causalidade.*

A *hipótese* pode verificar-se pelos métodos:

a) da concordância. — *b)* da diferença. — *c)* dos resíduos, indução e dedução.

A *hipótese* pode verificar-se, ainda, pelo recurso à verificação indirecta e pelo método dedutivo racional.

DAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITAS

A) *Acção dos espíritos sobre a matéria.*

B) *Manifestações inteligentes.*

1) *Teoria das manifestações físicas* — Movimentos e suspensões — Ruídos — Aumento e diminuição dos corpos materiais.

I) *Manifestações físicas espontâneas* — Ruídos, barulhos e perturbações — Objectos atirados — Fenómenos de transporte.

II) *Manifestações visuais* — Noções sobre aparições — Ensaio.

1) *Teoria sobre aparições*
2) *Teoria da alucinação*

III) *Bi-corporeidade e transfiguração* — Aparição dos espíritos dos vivos — Duplos hominais — Transfiguração — Invisibilidade.

IV) *Manifestações físico-químicas; energético-luminescentes; energético-eléctricas; energético-radiantes corpusculares e radiantes electro-magnéticas; e não especificadas* — Roupagens e texturas — Pneumatografias — Formação espontânea de objectos tangíveis — Modificação das propriedades da matéria — Acção do magnetismo na terapêutica hominal.

V) *Lugares «mal assombrados»*

C) *Natureza das comunicações:*

a) *Sematologia e tiptologia.*
b) *Pneumatografia e Pneumatofonia.*
c) *Psicografia.*

I) *Instrumentos hominais («médiuns»).*

a) Escala por aptidões gerais e especiais.

b) Quadro sinóptico das variedades naturais para todos os géneros de fenómenos.

II) *Preparação artificial por magnetização, dos médiuns (?).*

1) Seus inconvenientes e perigos:

a) *Influência sobre a saúde.*
b) *Influência sobre o cérebro.*
c) *Influência sobre as crianças.*
d) *Influência inadmissível sobre os animais.*

III) *Intervenção dos instrumentos mediúnicos nas comunicações espíritas.*

1) Influência moral do médium no exercício da faculdade.
2) Influência do meio na boa ou má decorrência dos fenómenos inerentes ao Espiritismo.

IV) *Patologia neuro-psíquica e físio-psíquica que transcendem, por incuráveis, a terapêutica habitual.*

1) — Da Obsessão:

a) *Obsessão simples.*
b) *Fascinação e Subjugação.*
c) *Causas de obsessão supranormal.*

2) — Meios de a combater.

V) *Técnica de observação — Experimental — objectiva.*

1) — Da identificação dos espíritos.

a) *Provas possíveis de identidade. Distinção dos bons e dos maus espíritos.*

b) *Questionário sobre a natureza e identidade dos mesmos.*

2) — Dos trabalhos experimentais espontâneos ou provocados.

a) *Considerações prévias — Escala Espírita — Utilidade das reuniões privadas em centros adequados.*
b) *Interrogatórios orais.*
c) *Questionários por escrito.*
d) *Hipóteses formuladas, cuja solução se pretende resolvida.*

VI) Ordenação de questionários de carácter geral e científico, sobre

— Versus Ciência sem Espíritos

os postulados e hipóteses do Espiritismo Doutrinário, problemas hominais que com eles se relacionam, para verificação racional da fenomenalidade; é mediúnica no caso em que as respostas obtidas boas ou exactas são *supranormais* e resolvem quaisquer problemas dos grupos mentais superiores e além dos do grupo do «sujeito».

VII) *Contradições e mistificações.*

VIII) *Charlatanismo e subtilezas* — Médiuns interesseiros — *Fraudes espiritas.*

Apêndice: IX) *Vantagem dos «testes» pelo método psicológico:* — Por dispensarem aparelhos complicados e economizarem tempo no experimentalismo espirita.

Lei dos «semelhantes», em Espiritismo:

Princípio admitido universalmente: — «Os semelhantes actuam *com os semelhantes e como seus semelhantes!*».

★

Conclusão: Demonstrada a existência básica das *causas* «físico-inteligentes», dos *efeitos* fenomenéticos observados e verificados pela experiência e excluídas todas as possibilidades de erro, sem dúvida que o *Espiritismo* deve ter «carácter de conhecimento científico» porque é *geral, verdadeiro* e *metódico*...

Logo: O Espiritismo tem categoria, carácter e conceito científico e enquadra-se perfeitamente na segunda ordem dos problemas *críticos* (o problema da teoria do conhecimento) de que se ocupa a *Filosofia Metafísica Clássica,* e satisfaz a condição de verdadeira ciência: que é «essencialmente positiva, isto é, verifica os fenómenos pela observação e experimentação».

★

Considerações finais: — O problema do «Serem ou não serem» os *espíritos* os principais agentes dos fenómenos ditos supranormais, para o *experimentalismo* com *objecto, carácter* e *conceito* do Conhecimento Filosófico e Científico do Espiritismo, existe sòmente para o «mental kantártico» do investigador estudioso...

Entretanto, a *massa espirita...,* orienta-se pelo *conhecimento vulgar* do objecto, carácter, conceito e valor doutrinário — necessàriamente Moral — do *Espiritualismo*...

Novembro de 1953.

F I M

A Responsabilidade dos Médiuns

pela médium E. Ortiz

Há muitas pessoas que ao assistirem a sessões espiritas sentem ânsia de receber comunicações e começam a evocar espíritos sem medir as consequências e prestes são influenciadas por outras entidades que são atraídas por essas práticas imprudentes.

Todos temos mediunidade e todos podemos desenvolvê-la. É condição do nosso espírito o avanço conseguido em vidas sucessivas, o caminho aberto na matéria para o intercâmbio com os amigos do Além. Mas essa condição é também uma espada de dois gumes: assim como abre o caminho pode voltar-se contra nós, manejada por seres atrasados que estão próximos do nosso mundo. A mediunidade não se consegue por simples esforço da carne. É uma consequência do passado. Através de constantes exercícios, podemos fazer surgir algo dessa mediunidade latente, mas isso é coisa forçada e prematura.

Daí podem derivar os seguintes inconvenientes:

1.º — Fazer cair em obsessão.

2.º — Enganar inconscientemente ao próximo e a nós próprios.

3.º — Errar o caminho do nosso espírito, que talvez necessite de outras reencarnações, antes de fazer uso dessa faculdade.

O exercício das faculdades mediúnicas não deve obedecer ao nosso desejo nem à nossa vontade. Este dom de Deus é o prémio que recebem certas almas, como antecipação do que mais tarde será permanente comunicação com Ele.

Lembremo-nos de que sempre que o tempo chega, nada pode deter as manifestações. Por tal motivo, muitas surpresas tem tido a humanidade. Deste modo se vêem seres que nunca tinham praticado Espiritismo, ou que não criam nele, demonstrar qualidades que eles próprios ignoravam. É que tinham chegado à maturação.

O nosso espírito sente desejo de abandonar o mundo onde veio purificar-se e redimir-se pelo sofrimento. Por isso é lógico que reflita a sua inquietação em nossa mente. Façamos a nossa prece a Deus, que Ele guiará as nossas acções. Quanto fracasso e descrédito não tem sofrido o Espiritismo por causa dos médiuns enganados? Quanto mal não têm eles feito em nome da Doutrina?

A mediunidade mal orientada quase sempre descamba em curandeirismo. A intuição é uma condição de adiantamento, mas não quer dizer que seja uma faculdade desenvolvida. Contudo, muitas pessoas, ao receber intuições e ter provas verdadeiras, aproveitam o ensejo para fazer curandeirismo e adivinhação, deixando-se arrastar para o lucro desmedido.

Para que o médium sirva convenientemente os seres do Além deve cuidar também da sua vida material, que terá de reflectir toda a luz que lhe inunda o espírito. É preciso ver que a mudança de moralidade nos sensitivos muda os espíritos se manifestam por eles.

«Pelo fruto se conhece a árvore» — disse Jesus. Neste caso, o fruto são as manifestações espiritas e a árvore é o intermediário psíquico que as permite.

Por isso, quanto mais materialista for o médium, tanto mais pretenciosos serão os seres que se comunicam por eles. Lembremo-nos de Jesus, que nos deu as maiores lições, que parece terem sido ditas para que os médiuns as aproveitassem: «Virá o dia em que direis: «Senhor, Senhor, não fiz milagres em seu nome, nem curei enfermos e retirei demónios». E Ele dirá: «Fora daqui, não vos conheço!».

Grande lição nos dá! Nem todos os que curam são discípulos do Mestre. As forças maléficas também têm faculdades. No espaço há muitos lugares onde vivem sábios na arte de curar, mas carentes de luz devina. Podem conseguir milagres aparentes utilizando méliuns adequados. Mas a sua moralidade é tão deficiente como a dos médiuns que lhes servem de instrumento. Deus nos dê mais médiuns que trabalhem na obra iniciada, mas que sejam conscientes do seu dever para com a humanidade e para com Deus.

(De *Ultrafania*, de Buenos Aires)

DESMATERIALIZAÇÕES

Compilação de B. B. MARTINS

II

Do capitulo II — de páginas 39 a49

Em Dezembro de 1893 Madame d'Esperance deslocou-se de Helsingfors (Finlândia) a S. Petersburgo (Rússia) e foi passar cinco dias a casa de Aksakoff, onde deu duas sessões que satisfizeram plenamente os assistentes.

Depois regressou à Suécia, passando por Helsingfors, onde se demorou dois dias, e tendo dado aí uma sessão, em 11 de Dezembro, encarregou a senhora Vera Hjelt, que tinha assistido, de comunicar a Aksakoff os detalhes dessa sessão.

A senhora Vera Hjelt é fundadora e directora duma grande casa de educação para escultura em madeira, em Helsingfors, e é autora de diversas obras sobre profissões e artes.

Em 15 de Dezembro de 1893 a senhora Vera Hjelt escreveu uma carta a Aksakoff descrevendo o que observara nessa sessão.

Os assistentes dessa memorável sessão, todos pessoas de elevada posição social e muito conceituadas, foram: engenheiro Max Seiling (dono da casa), senhora Seiling, general Toppelins, senhora Toppelins, capitão Topellins, Maria Toppelins, Charles Toppelins, J. Boldt (jurista e homem de letras), Lönnbom, senhora Hjelt, general Galin, do, senhora Tavaststjerna, doutor Schoultz, Raphael Hertzberg (doutor em filosofia e presidente da Sociedade dos Homens de Letras, em Helsingfors, Sederholm).

A sessão realizou-se em casa do engenheiro Sr. Seiling. O círculo compunha-se de quinze pessoas. A senhora Hjelt ocupava um lugar muitíssimo vantajoso que lhe permitia observar minuciosamente a médium. Podia ouvir e ver o menor dos seus movimentos, tão próxima estava de Madame d'Esperance.

Primeiro materializou-se uma mão e um antebraço, que se estendeu para fora do gabinete e apertou as mãos das pessoas vizinhas, retirando-se em seguida.

Surgiu depois uma aparição luminosa, que estendeu a mão às pessoas que estavam mais próximas e que permitiu que o Sr. Seiling lhe cortasse um bocado do véu com uma tesoura. Era um tecido fino como a gaze e assemelhava-se a teia de aranha, sendo porém mais espesso e mais forte. Não parecia luminoso na obscuridade.

Materializou-se mais uma mão, com antebraço e uma parte do braço, que se deixou apertar pelos que estavam sentados mais perto. A Sr.ª Hjelt contentou-se em agarrar e apalpar um pedaço do longo véu pendente. Pareceu-lhe um pouco húmido e de tecido fino. A Sr.ª Hjelt observou seguidamente uma grande forma luminosa dentro do gabinete, que fez menção de sair mas que se retirou logo.

Tendo a médium, a pedido dos assistentes, tomado papel e lápis para tentar receber comunicações escritas, materializou-se um braço, que arrancou bruscamente o papel e o lápis à médium por duas vezes, tendo levado tudo para dentro do gabinete, onde o ouviram rasgar o papel em dois e um lápis a escrever ràpidamente uma mensagem, que se destinava ao Sr. Toppelins, a quem a entregou. A mensagem, escrita em sueco, dizia: «Eu te ajudarei».

Não havia no gabinete cadeira ou mesa sobre as quais se pudesse escrever. Tudo se passou muito depressa e de modo nítido, com letras bem legíveis.

Enquanto se produziam estes fenómenos, a Sr.ª Hjelt via sempre, distintamente, a médium no seu lugar, bem como as suas mãos. Madame d'Esperance falava algumas vezes com os assistentes. Ao Sr. Toppelins aconselhou, enquanto a aparição era ainda visível, que metesse o papel na algibeira a fim de o ler mais tarde. Uma vez a médium inclinou-se para diante e voltou a cabeça na direcção do fantasma luminoso (aquele a que o Sr. Seiling cortou um bocado do véu), como para vê-lo também. Quando o papel e o lápis lhe foram arrancados bruscamente da mão, Madame d'Esperance soltou um grito de espanto, um «oh!» de surpresa.

A pág. 45, narra a Sr.ª Hjelt: «Alguns instantes mais tarde, as mãos da médium tornaram a cair sobre os joelhos. Vi, então, que os tacteava com as mãos e observei que ela se agitava cada vez mais. Isso pareceu-me curioso: inclinei-me para diante e procurei, com o maior empenho, compreender o que se passava. A médium soltou de novo esse profundo suspiro que fazia supor alguma sensação bem desagradável. Ainda alguns segundos e ela disse ao meu primeiro vizinho da esquerda, o Sr. Seiling:

— Dê-me a sua mão.

O Sr. Seiling levantou-se e estendeu-lhe a mão. A médium disse então:

— Toque aqui.

O Sr. Seiling exclamou:

— É extraordinário: eu vejo a Sr.ª d'Esperance, ouço-a falar, mas, apalpando a cadeira, acho-a vazia; ela não está aqui; apenas cá encontro o seu vestido.

O tacteamento parecia produzir uma viva dor na médium; apesar disso, ela convidou ainda várias pessoas a irem apalpar a cadeira. Tomou as mãos do Sr. Toppelins nas suas e passou-as sobre a parte superior do seu corpo até que tocassem sùbitamente o assento da cadeira; ele exprimiu por diversas vezes o seu espanto e assombro, por meio de vivas exclamações. A médium permitiu que cinco pessoas verificassem o fenómeno e, de cada uma dessas vezes, parecia sentir uma grande dor. Pediu de beber duas vezes pelo menos e, de cada uma delas, bebia com impaciência febril; estava visìvelmente angustiada e, enquanto esperava a água, contorcia-se nervosamente.

Sobre o fundo branco da cortina da janela eu via, distinta e nìtidamente, a parte superior do corpo da médium, cada vez que ela se inclinava para diante.

Alguém do círculo propôs que se terminasse a sessão, visto que já esgotava o esforço da médium. Mas esta opôs-se e pediu para continuar a sessão até que as suas pernas lhe fossem restituídas. Continuámos, pois, e eu tinha sempre o olhar atento para a parte inferior do corpo da médium a fim de observar a reposição das pernas. Sem que se produzisse o menor movimento nos seus vestidos, ouvi a médium dizer: «Assim vai bem»; alguns instantes

mais tarde ela disse vivamente: «Ei-las aqui!».

Quanto às dobras do seu vestido, vi-as, por assim dizer, encherem-se e, sem que soubesse como, as pontas dos pés reapareceram cruzadas como estavam antes do fenómeno.

Entrei em conversação com a médium depois da sessão, a qual me disse ser-lhe desconhecido o fenómeno que acabava de dar-se. Pareceu-me que até então ela não tinha podido observar e constatar por si própria as desmaterializações. Ficara, portanto, extremamente surpreendida, quando, ao colocar as mãos nos joelhos, notara que a cadeira estava vazia. Querendo que o facto fosse verificado por outros, pedira ao Sr. Seiling que tocasse a cadeira. Acrescentou que tinha a sensação de que a parte inferior do seu corpo estava sempre no mesmo lugar, mas não podia ser percebida pelas suas mãos.

Resta acrescentar que foi o Sr. Seiling, e não a médium, quem comunicou o fenómeno aos presentes».

Do capítulo III—de páginas 50 a 72

Depois de receber a carta da Sr.ª Hjelt a Aksakoff pareceu-lhe necessário fazer um inquérito pessoal em Helsingfors para se certificar do que havia de verdade na descrição feita por aquela senhora.

Como o valor dum testemunho depende muito da competência moral e intelectual daquele que o dá, resolveu conhecer pessoalmente aqueles que foram testemunhas do fenómeno relatado.

Em matéria de Espiritismo é necessário ser-se tão prudente como desconfiado, porque mesmo os homens mais sérios, mesmo os dados a ciências positivas, podem ver as coisas de relance quando se trata de Espiritismo. Era pois urgente assegurar-se de que as testemunhas em questão não eram pessoas entusiastas, pouco dignas de fé.

Resolveu estudar o próprio local, com a mesma disposição das cadeiras, e verificar a quantidade de luz que houvera nessa sessão e o modo como a claridade era produzida.

Com este fim empreendeu, em 18 de Fevereiro de 1894, a viagem a Helsingfors, viagem de 14 horas que lhe foi bastante penosa devido às enfermidades que o afligiam.

Foi recebido cordialmente em casa do Sr. Seiling.

Estudou o quarto onde se realizara a sessão e onde tudo havia sido disposto do mesmo modo que durante ela. A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi a exiguidade do local, onde as quinze cadeiras dos assistentes dificilmente encontravam lugar, e sobretudo a ausência de espaço entre a médium e os seus mais próximos vizinhos; os joelhos e os pés deviam preencher tudo o que estava livre nesse espaço. Eis uma circunstância de grande valor, porque afasta, logo à primeira vista, toda a possibilidade de fraude.

Aksakof interrogou detalhadamente as testemunhas da sessão.

O Sr. Seiling e a Sr.ª Tavaststjerna descreveram a aparição duma mão (materializada) ao seu lado — uma mão *direita* ao lado *esquerdo* da médium, e a uma altura consideravel, provando que só poderia pertencer a uma forma humana em pé e colocada por detrás da cortina.

O Sr. Seiling afirmou que, na ocasião em que tacteou a cadeira (não encontrando a parte inferior do corpo da médium), deu de beber a Madame d'Esperance, conforme o seu pedido, permitindo isso que se assegurasse, com maior certeza, que ela estava no seu lugar.

A Sr.ª Seiling, por sua vez, declarou que a saia do vestido da médium, depois de ter pendido verticalmente sobre a cadeira, havia retomado, pouco a pouco, as dimensões e os contornos que deviam corresponder à reaparição das pernas e dos joelhos.

Durante quatro horas, diz Aksakoff, fatiguei essas quatro pessoas (o senhor e a senhora Seiling e as senhoras Hjelt e Tavaststjerna) com a minha leitura (das descrições que havia recebido), questões e réplicas, e adquiri uma convicção profunda de que tudo se havia passado exactamente como me foi atestado por escrito.

Aksakoff, baseando-se em que o valor dum testemunho depende muito do valor pessoal daqueles que o fornecem, revela o indiscutível valor do testemunho do Sr. Seiling, homem de ciência positiva, pronto a estudar todos os fenómenos da Natureza sem prejuízos e sem ideias preconcebidas.

O Sr. Seiling é professor de tecnologia mecânica e de ensino geral de máquinas na Escola Politécnica de Helsingfors; é pois um homem habituado, em virtude da sua profissão, à precisão matemática, à medida exacta das coisas, à observação e ao estudo dos fenómenos da Natureza, no ponto de vista mecânico.

Pelo lado filosófico, a direcção das ideias do Sr. Seiling não podia de modo algum ser considerada como favorável ao Espiritismo, pois que seguia as doutrinas do filósofo Mainlander, que, como panteista e discípulo de Schopenhauer, é completamente oposto a toda a doutrina que aceite a persistência do princípio individual depois da morte.

As senhoras Seiling, Tavaststjerna e Hjelt devem também ser consideradas excelentes testemunhas devido à sua educação completa e aos seus espíritos positivos e reflectidos.

Aksakoff visitou nos dias seguintes o general Toppelins, cuja esposa e filha estavam ausentes; o general Sederholm, o general Galindo e os Srs. Hertzberg e Boldt. O capitão Toppelins havia-se ausentado de Helsingfors e não conseguiu encontrar o Sr. Lönnbom.

Terminado este escrupuloso inquérito, Aksakoff regressou a S. Petersburgo e tirou as suas conclusões depois de medir conscienciosamente todos os prós e contras.

A principal objecção é que foi a própria Madame d'Esperance quem dirigiu as mãos que apalparam a cadeira e que, por isso, o exame não foi livre.

O imprevisto, a anomalia do fenómeno e o temor deveriam ter impressionado o Espírito da médium e produzido nela um estado de excitação nervosa e de terror. A dor terrível experimentada por Madame d'Esperance ao menor contacto «naquilo que podia muito bem ser uma parte do seu corpo» (dor essa que a fez comparar à dos nervos que, estando a descoberto, eram tocados brutalmente) e, por outro lado, a situação delicada e difícil para uma senhora que convida homens a aproximarem-se e a verificarem a desaparição dos seus joelhos e das suas pernas tornam natural que Madame d'Esperance se tenha servido das suas mãos para conduzir as dos assistentes que deviam apalpar o lugar onde ela se achava sentada.

Aksakoff refere que Madame d'Esperance nunca bebe água, nem durante nem depois das refeições. Só bebe nas sessões de materialização, e muita então.

Para mim, diz ele, vejo no facto de ela ter bebido água, justamente durante o quarto de hora em que foi anunciada a desaparição da metade inferior do seu corpo, a prova de que produziu nesse momento um caso de desmaterialização, desmaterialização que se produziu também noutras sessões de materialização, embora ela geralmente não se apercebesse.

Essa sede intensa durante o fenómeno, é motivada pela enorme perda de fluido vital que, provàvelmente, se opera no seu corpo.

Aksakoff conclui que, apesar de

não se poder explicar como é que, desaparecendo a metade do corpo de uma pessoa viva, donde tinham desaparecido, por um quarto de hora, a carne, os ossos, o sangue, a outra metade do corpo teria podido continuar a viver, a falar, a beber água em tal estado, etc., e que, apesar de este fenómeno ser único, a desmaterialização do corpo da médium é uma realidade comprovada por pessoas da mais elevada idoneidade, e que é essa desmaterialização que permite se dêem os fenómenos de materialização aceites pelo Espiritismo.

Do capítulo IV

De páginas 73 a 95, a médium dá esclarecimentos preciosíssimos a respeito do seu estado durante uma sessão de materialização, esclarecimentos que lançam luz intensa sobre a produção destes fenómenos transcendentes.

Madame d'Esperance é uma médium que, ao contrário do habitual, não cai em transe (sono magnético) nas sessões de materialização. É isso o resultado de um conluio seu com as potências invisíveis, quando as suas faculdades mediúnicas para as materializações foram descobertas.

Visitando, em 1878, a sua amiga Sr.ª Fairlamb, em Newcastle (Inglaterra), senhora que era já conhecida como médium de materializações, a S.ª d'Esperance, que não acreditava ainda nas materializações, acedeu ao convite dessa sua amiga para que se sentasse sòzinha no gabinete instalado para as sessões.

Apenas Madame d'Esperance aí se sentou, toda risonha, uma forma apareceu... Naturalmente não a deixaram mais em descanso. Mas, sabendo que os médiuns são muitas vezes acusados de fazerem o papel de Espíritos e por quantos desgostos eles passam, ela não mais quis voltar ao gabinete senão com uma condição: era que não cairia em transe e conservaria por todo o tempo consciência plena de si no caso de que os Espíritos pudessem operar nessas condições. Responderam-lhe que isso era possível e prometeram-lhe nunca fazê-la adormecer.

Desse modo ela estava convencida de que não a deixariam exercer inconscientemente o papel de Espírito. Por isso ela ficou, mais tarde, surpresa e desesperada de ter sido, por assim dizer, vítima duma ilusão quando soube que, achando-se sentada no gabinete e em plena consciência de si, o seu corpo podia ser conduzido para fora, a fim de exercer o papel que lhe impunham os Espíritos.

Em 1890, Madame d'Esperance responde às perguntas de Aksakof, que a visitou em Helsingfors, acerca do seu estado durante as sessões de materialização:

— A primeira sensação que tenho quando me sento no gabinete e tudo está calmo ao redor de mim é esta: tenho a impressão de que o meu rosto e as minhas mãos estão como que envolvidos por teias de aranha e sacudo logo o rosto e as mãos. Esta impressão passa; então sinto como se o ar ficasse cheio de substâncias e experimento dificuldade em respirar. Isto também passa, e sei então que uma forma se materializa. O começo das manifestações é essa sensação de teias de aranha.

Quando um pouco de luz atravessa as cortinas do gabinete, posso ver a massa branca e vaporosa (ectoplasma) mover-se como o vapor de uma locomotiva. Tenho sempre um sentimento de vácuo, que começa logo que aparecem as teias de aranha. Sei que me torno, de algum modo, cada vez mais inerte e, embora o espaço entre mim e a extremidade do gabinete seja muito pequeno, parece-me que este desapareceu e não mais existe aí limite.

Quando Iolanda (forma materializada que então aparecia habitualmente) vem, parece chegar de muito longe.

Quando o vapor se transforma num ser vivo, a transformação é tão rápida que seria difícil dizer o que aparece primeiro: se o corpo ou se o vestido. Iolanda vem quase sempre para perto de mim, logo que fica materializada. Quando ela saía do gabinete, forçava-a, pela influência da minha vontade, a voltar, o que a punha de muito mau humor; ela queria que eu a deixasse voltar para lá.

Quando Iolanda se desloca na abertura das cortinas, acho-me demasiado fraca e sem forças para poder inquietar-me com qualquer coisa. Sinto e penso dum modo vago, como se estivesse sonhando. Posso pensar e sentir, mas não posso mexer-me, pois tenho a sensação de estar paralisada. Todo o movimento um pouco rápido da parte de Iolanda me faz mais fàcilmente transpirar. Todo o esforço da sua parte me esgota muito mais do que se eu o fizesse por mim própria. Muitas vezes, depois das sessões, o meu suor é de tal modo abundante, que preciso de mudar de roupa. No meu estado normal, ao contrário, por assim dizer, nunca transpiro; quando tomo banhos turcos, é preciso grande calor para me provocar a transpiração.

Quando Iolanda se desmaterializa fora do gabinete, sinto que me torno mais forte, e concluo daí que ela partiu. Tudo o que sinto quando ela se acha fora do gabinete é um temor nervoso sobre o que ela vai fazer, exactamente como se ela fosse uma criança que escapasse aos meus cuidados, e fico receosa de que vá fazer uma coisa que não deve.

Quando Iolanda está fora e toca alguém ou alguém a toca, eu também o sinto. Quando ela agarra alguma coisa, sinto os meus músculos contrairem-se, como se as minhas mãos houvessem agarrado esse objecto. Quando ela modelou a mão na parafina derretida, experimentei uma sensação de queimadura. Quando ela bateu com o pé num cavalete de pintura, senti imediatamente uma dor no pé. Iolanda nada sentiu. E quando um espinho de uma rosa lhe entrou no dedo, no mesmo momento senti a picada no dedo.

Excepto o sofrimento (quando, às vezes, algum era causado a Iolanda), não sinto que exista entre nós um laço qualquer que atinja a minha personalidade. Sinto que não perco coisa alguma, a não ser o meu sentimento corporal; sei que não tenho perdido a força de pensar nem a de julgar, quando Iolanda aí está, pois a minha razão é, ao contrário, mais lúcida do que em outra qualquer ocasião. Embora ela tome algumas parcelas do meu corpo, sei entretanto que não se apodera da minha mentalidade.

Segundo a formação dos fantasmas, a sua dissolução e os seus movimentos, tenho impressões corporais, como, por exemplo, um sentimento de vácuo e de paralisia. Sucede o contrário no meu estado intelectual: o poder das minhas impressões é muito mais vivo do que quando estou no meu estado normal. Sei e sinto tudo o que se passa fora do círculo. Sinto muito mais nìtidamente do que nas circunstâncias ordinárias.

Quando alguém fala com Iolanda, seja em que língua for, parece-me saber o que disseram por intermédio dos seus pensamentos.

Quando toco Iolanda, sinto como se tocasse em mim própria. Quando eu estava em Cristiânia (Oslo, Suécia), lembro-me perfeitamente de ter tido a sensação de falta de ar respirável na câmara; e, por duas ou três vezes, como eu aspirasse fortemente, ouvi os assistentes exclamarem: «Agora a aparição esvaiu-se». Uma vez o fiz com essa intenção e ouvi a Sr.ª Fidler dizer:

Os fenómenos do A

Por DEOLI

Durante muito tempo, principalmente no século passado, por influência do Positivismo, os chamados problemas *metafísicos* foram, a bem dizer, postos à margem, porque se dizia, então, que a inteligência humana jamais seria capaz de penetrar nesses problemas e resolvê-los suficientemente. Desprezou-se completamente tudo quanto dizia respeito à ordem considerada *sobrenatural,* sob a alegação de que isso faz parte do *incognoscível,* segundo a velha teoria spenceriana, isto é, daquilo que nunca poderá ser conhecido.

Mais tarde, porém, depois dos factos ocorridos em Hydesville, com as irmãs Fox e, ainda, depois dos factos abonados pela fama científica de William Crookes e outros homens de ciência, a situação modificou-se, em grande parte, porque, diante de tantos factos, à luz de tantas provas, não seria mais possível admitir um sobrenatural vago, impreciso, indefinível como então se admitia. O concento de metafísica também se modificou, e muito, porque existem fenómenos bem positivos, fenómenos reais, que provam a existência de uma realidade além do plano físico. Diante dos factos, a ideia daquela metafísica ideal ou abstrata de outrora, foi substituída pela convicção da existência de uma realidade além do plano físico. Diante dos factos, a ideia daquela metafísica ideal ou abstrata de outrora foi substituída pela convicção da existência de uma ordem espiritual, formada de seres inteligentes, conscientes e responsáveis. Até aí, tudo muito bem. Surge, agora, outro problema.

Depois dos factos culminantes de Hydesville e muitas e muitas experiências científicas, que envolvem nomes altamente respeitáveis como os de Aksakoff, Richet, Lombroso e outros, procurou-se dar a esses fenómenos uma explicação um tanto imprecisa senão incompleta. Reconhece-se a existência de uma força extra-humana, de uma inteligência que está além ou acima do mundo físico e ultrapassa os limites do psiquismo humano, mas não se define essa força. Tudo é vago, portanto... Diz-se apenas o seguinte: *é uma força ainda desconhecida,* é uma das manifestações da natureza, é um fenómeno de categoria especial nos quadros da natureza. Tudo isso, como se vê, é vago... Foi esta, sem a menor dúvida, a posição que assumiram muitos metapsiquistas. É certo que houve metapsiquistas que, como Geley, terminaram aceitando esses fenómenos como produzidos por *espíritos,* ou seja, por seres reais, inteligentes, distin-

«Neste momento ela esvaiu-se de novo!».

No dia de sessão penso sempre que um banho me faria bem, porque não me sinto muito à minha vontade. A razão disso é, segundo suponho, que Iolanda absorve, para se materializar, uma certa quantidade de substâncias dos assistentes; estas recaem sobre mim em parte e produzem-me um sentimento de indisposição.

Oito ou nove horas antes das sessões experimento uma sensação de formigueiro em todo o corpo (preparação da parte dos Espíritos manipuladores das materializações?!); quando sei que vai realizar-se uma sessão, sinto picadas nos pés, exactamente como se segurasse uma bateria eléctrica.

Após as sessões, tenho habitualmente náuseas, seguidas de vómitos; provêm de eu ter absorvido alguns elementos dos assistentes que Iolanda colhe para materializar-se. Mas, após as experiências em Cristiânia, fiquei surpreendida por não me sentir mal: é que os assistentes se haviam abstido de alcool e de tabaco.

Iolanda é tão voluntariosa e caprichosa como uma criança, parecendo-me mesmo que tem o desenvolvimento correspondente a uma jovem de 13 ou 14 anos, sem grande inteligência, mas simplesmente curiosa. Ela jamais demonstrou afeição por mim ou por qualquer outra pessoa; ela brinca livremente com os meninos do Sr. Fidler, porque está habituada com eles e não por afeição. Suponha que acha prazer em ocupar-se em alguma coisa.

Se sucede que eu lhe peça qualquer coisa, por exemplo flores, ela concede-mas, porém um tanto enfadada, ao que parece. Quando é outra pessoa que lhe faz esse pedido, ela o satisfaz com melhor vontade; no entanto, sendo eu que o faça, não sòmente não deseja satisfazê-lo, mas até parece que me encara com ar desconfiado, como se eu tivesse alguma vigilância a exercer sobre ela. Parece-me que Iolanda faz as coisas, porque deseja ser louvada e considerada inteligente.

As respostas que Madame d'Esperance deu às perguntas de Aksakoff publicou-as ela (com excepção da parte relativa às experiências de Cristiânia, que só mais tarde rela-

lém e a Psicologia

DO AMORIM

tos. De qualquer forma, porém, há certas escolas que, *EMBORA ACEITEM O* FENÓMENO, ainda não sabem ou não querem reconhecer a causa desse fenómeno. Apelam, então, para uma porta de saída: *uma força estranha, acima dos conhecimentos humanos ou do quadro das realidades físicas*. Isto, hoje em dia, já não satisfaz. Não é uma explicação, mas uma hipótese muito geral.

Sem qualquer partidarismo religioso, mas com toda insenção de paixão, os fenómenos extra-terrenos devem ser encarados, hoje, com mais objectividade. São fenómenos reais, indiscutìvelmente. São fenómenos inteligentes. Se assim é, não é mais possível ficar na posição ortodoxa de certos metapsiquistas(não os metapsiquistas avançados), que se limitam a dizer simplesmente: esses fenómenos são produzidos por uma força extranha, ainda desconhecida. Mas, que força é essa?... De onde vem essa força, que é inteligente, que tem vontade, que obedece a certas leis e guarda relação com certas circunstâncias ambientes? É uma força desordenada, arbitrária? Não. É uma força inteligente, que sabe o que quer. Logo, comporta e exige, hoje, uma definição concisa. Que vem a ser tudo isso, senão a prova de que existe o ESPÍRITO, e que é ele (espírito) a *causa* dos fenómenos chamados metapsiquicos?

Esses fenómenos interessam actualmente, e muito, aos estudos da Psicologia, principalmente, no terreno experimental. Os fenómenos extra-humanos, quando estudados imparcialmente, com critério científico, podem prestar grande auxílio à Psicologia. São fenómenos especiais, que não podem ser submetidos aos instrumentos comumente usados nos laboratórios de Física, de Química ou mesmo de Psicologia, mas nem por isso deixam de interessar à ciência da alma — a Psicologia. Finalmente, pelas pesquisas que já foram feitas até agora, pelo acervo enorme de factos rigorosamente comprovados, não se pode mais negar a evidência dos fenómenos extra-humanos ou de além túmulo. Esses fenómenos são indispensáveis à discussão de certas questões fundamentais da Psicologia. Basta dizer que os fenómenos de além-túmulo formam a base da Psicologia, porque provam a existência da alma. Diante de tantos e tantos *factos*, não é mais possível dizer que a alma não existe.

(Colaboração da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires)

tou a Aksakoff), em 1892 e 1893, no jornal *The Medium*, sob o título «O que sente um médium quando os Espíritos se manifestam».

É de notar a importância que tem o comportamento dos assistentes, não só para a obtenção de bons fenómenos, mas até para não prejudicarem a saúde dos médiuns.

Madame d'Esperance, apesar de na véspera de sessão reduzir as suas refeições, depois das experiências era habitualmente incomodada por náuseas e vómitos, mas, nos dias em que os assistentes se abstiveram de ingerir bebidas alcoólicas e de fumar, esses incomodativos sintomas, idênticos aos da embriaguez e da intoxicação pelo tabaco, não a molestaram já. Quando eles bebiam e fumavam, Madame d'Esperance, talvez por não estar acostumada a esses tóxicos, sofria-lhes as desagradáveis consequências, visto que, ao recompor o seu corpo, reabsorvia parte da matéria exteriorizada dos assistentes. E daí, também, a necessidade de um banho purificador.

Materializações e respectivas desmaterializações sempre houve e têm havido em todos os tempos. O que não era conhecida era a forma como se davam.

Os próprios Livros Sagrados falam, sumàriamente, das aparições de anjos (aparição do anjo Gabriel a Zacarias: de Lucas, capítulo 1, versículos 11-12 e 22; aparição de Jesus a João Evangelista: Apocalipse, capítulo 1, versículo 17), que penso não são mais que materializações.

O que é notável é que aqueles que têm tido essas aparições, a maior parte das vezes ficam de tal modo perturbados que não se podem mexer nem falar, apesar de estarem plenamente conscientes e observando o que lhes acontece, perturbação essa que me leva a pensar que parte das suas forças, e provàvelmente da sua matéria, passaram para as aparições que lhas absorveram para se materializarem. Daí, essa sensação de assombramento, de paralisação e de esgotamento que sentem os que vêem essas aparições inesperadas, sensação essa certamente originada pelo vácuo neles produzido sùbitamente pelos Espíritos que os sugam temporàriamente para se utilizarem do prolongamento do seu corpo e das suas forças.

PIO X APARECE A PIO XII

Como homenagem à santidade de Pio X, beatificado em 3 de Junho de 1951, o «Almanaque de Santo António» publica este caso curioso, ocorrido antes da eleição do actual papa. A abonar a sua veracidade basta notar que as autoridades religiosas do Vaticano permitiram a divulgação da notícia sem nada desmentirem nem exercerem intervenção alguma.

NA madrugada de 20 de Fevereiro de 1939, descia um sacerdote à cripta vaticana, em S. Pedro, e reverentemente se prostrava, absorto em oração, perante o túmulo, tão humilde como sugestivo, de Pio X, passando, depois, à sepultura provisória de Pio XI. Depressa o sacerdote, que vestia simplesmente de preto, ainda que de cruz peitoral de ouro e de anel, deixou a cripta. E depois de uma última visita ao túmulo de S. Pedro, situado sob o altar da Confissão, tornou ao palácio apostólico, dirigindo-se para os aposentos reservados ao Secretário de Estado. Seguiam-no, discretamente, a distância, dois guardas pontifícios. O sacerdote era o Cardeal Eugénio Pacelli, até poucos dias antes Secretário de Estado de Pio XI.

PIO X

Nessa manhã, os seus familiares e imediatos colaboradores notaram, com preocupação, que o eminente purpurado estava extremamente pálido, e ousaram perguntar-lhe se se encontrava indisposto, devido à extraordinária actividade desenvolvida naqueles trabalhosos dias que precederam e seguiram o falecimento de Pio XI. Os mais íntimos sabiam que, secundando o desejo e a vontade do Papa falecido, o Cardeal Pacelli se tinha ocupado em reunir e preparar o material para a Encíclica que Pio XI tencionava dirigir à Itália e ao mundo por ocasião do 10.º aniversário do Tratado de Latrão, aniversário que passara no dia 11 de Fevereiro de 1939. Sabia-se, ainda, que esse documento pontifício ia ser uma resposta enérgica aos detractores do Tratado e uma censura ao regime fascista de Mussolini, que, por mais duma vez, intentara derrogar as cláusulas do acordo, especialmente as referentes à Acção Católica, e mostrara vontade de o interpretar a favor dos seus interesses políticos. Por isso os círculos diplomáticos esperavam, com enorme interesse, a dita Encíclica, e mesmo no Palácio de Veneza não se atreveram a dissimular uma certa ansiedade, como mais tarde se veio a saber.

Mas a Divina Providência, nos seus imprescrutáveis desígnios, dispôs as coisas de outra forma.

Na véspera do dia 11 de Fevereiro de 1939 morria Pio XI. Mudava a situação e o documento já não tinha razão de ser. Agora pertencia ao sucessor de Pio XI ajuizar sobre a oportunidade da publicação da esperada Encíclica. Assim o resolveu o decano do Sacro Colégio, Cardeal Granito Pignatelli di Belmonte, em quem, juntamente com os Cardeais presentes em Roma, haviam recaído, provisòriamente, todos os poderes da Igreja.

Eugénio Pacelli, com o falecimento do Papa, deixava, automàticamente, as funções

de Secretário de Estado. Mas o Cardeal Decano, na primeira reunião da Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, em nome de seus irmãos, os Cardeais, pediu-lhe que permanecesse no exercício das suas funções até à eleição do novo Papa.

E na noite de 19 para 20 de Fevereiro de 1939 ocorreu um acontecimento extraordinário que teve por único espectador e por protagonista o actual Papa, e sobre o qual o augusto personagem nunca disse uma única palavra, a não ser a algum íntimo. O dia tinha sido laboriosíssimo para o Cardeal Pacelli. Nas reuniões diárias do Sacro Colégio que precederam o Conclave, tinha Pacelli colocado os Cardeais residentes em Roma ao corrente da tétrica situação internacional, que fazia prever de um modo certo e para breve o início da guerra catastrófica que durante seis anos transtornou o mundo inteiro. Comunicou-lhes as informações secretas dos Núncios de Berlim, Paris e Berna. Os Cardeais ficaram particularmente impressionados, e também contristados, com as detalhadas informações do Núncio de Berlim, Mons. Orsénigo — informações que comunicavam à S. Sé o irrevogável propósito de Hitler de desencadear a guerra. O Cardeal Pacelli terminou a sua exposição recomendando ao Sacro Colégio que se não deixasse surpreender pelos acontecimentos, e que procedesse, sem demora, à eleição do novo Papa, não só para bem de toda a Igreja, mas também de toda a humanidade.

Depois de uma emocionante e dramática reunião do Sacro Colégio, na tarde de 19 de Fevereiro, o Cardeal Pacelli voltou, de rosto mais grave, aos seus aposentos.

Despachados os assuntos mais urgentes, depois de um ligeiríssimo jantar e das costumadas orações, recolheu-se, como sempre, ao seu quarto privado para recomeçar o trabalho. Era já noite; e o silêncio, absoluto. Da vizinha praça de S. Pedro apenas chegava o leve murmúrio dos chafarizes. Nisto vê o Cardeal, à sua frente, uma figura de ténues contornos, vestida de branco, como que envolvida numa auréola de luz, avançando para ele. O Cardeal Pacelli não pôde reprimir um movimento de espanto. Como que extático perante a branca aparição, nada mais se atreveu a articular do que a palavra: «Santidade!».

«— Sim, filho bendito, sou eu. O Omnipotente concedeu-me a graça de te falar. Brevemente serás tu o novo Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo na Terra, como eu o fui, um dia, indignamente. Espantosos acontecimentos sacudirão o mundo durante o teu pontificado: o teu coração será dilacerado por imensas dores. Mantém-te forte no governo do leme da Igreja. O Omnipotente te assistirá, e eu velarei por ti. Serás tu o único consolador para onde se hão-de voltar as esperanças de milhões de seres humanos. Todavia, o teu coração governará entre mais luto e destruição do que o meu. Como então, dispôs a Divina Providência que governe a Igreja outro Servo de Deus, mais preparado para enfrentar a espantosa tempestade que está para cair sobre os homens. Esse Servo de Deus serás tu, meu filho. Deus te abençoe!».

PIO XII

Depois de pronunciadas estas sublimes, proféticas palavras, a branca figura desapareceu. Ao quarto novamente voltaram o silêncio e a obscuridade.

O Cardeal Pacelli ficara profundamente emocionado com tão extraordinária visão. Pio X, o Papa Santo, anunciara-lhe que o Omnipotente o havia designado para sucessor do Pontífice defunto, no mais terrível momento da história do mundo.

Sùbitamente sentiu o impulso de prostrar-se no genuflexório do seu humilde quarto, junto de um grande crucifixo. Assim, completamente absorvido na oração e na contem-

plação, passou o resto da noite. As seis em ponto, quando os sinos de S. Pedro davam as primeiras badaladas, o Cardeal Pacelli foi celebrar, no oratório privado, o Santo Sacrifício. Terminado ele, desceu à cripta vaticana, como dissemos, para orar diante do túmulo de Pio X.

As profecias do Papa Santo tiveram imediata confirmação no mesmo dia. Para o eminente conclave tinham afluído a Roma os Cardeais estrangeiros, entre eles os americanos, e todos participaram, conforme o Direito, nas reuniões diárias do Sacro Colégio. Informados da extraordinária gravidade da situação do mundo, os Cardeais americanos foram os primeiros a pronunciar-se sobre a designação do sucessor de Pio XI. Foram explícitos: «Precisa-se de um Papa dotado de qualidades excepcionais, que esteja à altura da situação. E este não pode ser outro senão o Cardeal Pacelli». A esta tese aderiram, sùbitamente, todos os Cardeais presentes.

A eleição de Eugénio Pacelli para o mais augusto trono do mundo podia ter-se como desnecessária. Entrava já Papa no conclave reunido poucos dias depois. Como todos sabem, foi eleito ao primeiro escrutínio.

(Do «Almanaque de Santo António», de 1953)

NOTA — O relato transcrito é admirável de concisão e de lógica e bem andou o *Almanaque de Santo António* em o transcrever em suas colunas. Damos-lhe publicidade, não só por admirarmos a grande figura de Pio XII, que tem sido um dos maiores pontífices da Igreja Católica, como também pelo acolhimento que aquela publicação deu a um fenómeno retintamente espirita. A aparição de Pio X demonstra a verdade da sobrevivência e a comunicação dos desencarnados, que não deixam de mostrar interesse pelos assuntos terrenos, quer se trate de um ilustre pontífice, quer de um humilde trabalhador do campo.

A história está cheia de efemérides semelhantes. Em toda a parte os chamados mortos se manifestam aos vivos da Terra, dando conselhos, fazendo admoestações, prestando esclarecimentos. O aviso de Pio X foi um autêntico vaticínio e quem sabe se o seu espírito não actuou na mente dos cardeais, no sentido da escolha preconisada... O mundo dos espíritos está próximo de nós. Todas as noites o franqueamos e nele bebemos conhecimentos.

LIVROS VALIOSOS

Todos podem enriquecer a sua biblioteca com obras escolhidas que lhes proporcionem horas de grande deleite espiritual. Não se deve comprar um livro ao acaso, embora traga capa sugestiva. O que é preciso é conteúdo apreciável.

Eis alguns que satisfarão os mais exigentes e se encontram no depósito de *Estudos Psíquicos Editora*. Enviamo-los à cobrança para qualquer parte do império.

MAGIA MENTAL, por *W. W. Atkinson.* — Obra grandiosa em que o estudante ocultista aprende a governar os pensamentos, a ponto de adquirir força poderosa e invisível que lhe dará numerosos benefícios que poderá utilizar em prol da humanidade sofredora.

Br. ..... 70$00 — Enc. ..... 90$00

PROFECIAS DE NOSTRADAMUS, pelo *Dr. Marques da Cruz.* — Leia, análise e convença-se das verdades contidas nesta obra importantíssima que reproduz na íntegra as profecias do famoso sábio Nostradamus publicadas em 1611, e que insere muitas profecias bíblicas e de vários santos e santas. Prevê até 1999.

Brochado ..... 80$00

A CIÊNCIA SECRETA, por *Henri Durville.* — Obra em dois grossos volumes com cerca de 1.000 páginas e 59 gravuras, em que se estudam todas as correntes iniciáticas e todos os graus das antigas iniciações.

Brochado ..... 190$00

MAGIA PRÁTICA, de *Papus.* — O mais completo tratado de magia prática. Adaptação, realização e teoria da magia, com apêndice sobre história e biografia da evocação mágica e um dicionário da magia dos campos, dos filtros do amor, etc. Um volume de 600 páginas e 160 gravuras.

Brochado ..... 130$00

NOSSAS FORÇAS MENTAIS, por *Prentice Mulford.* — Monumento de saber, demonstrando que o homem pode modificar o carácter e a vida pelo emprego das forças mentais que todos possuem, esta obra produziu grandes transformações na existência de milhares de pessoas que viviam desanimadas e tristes, trazendo-lhes a felicidade e o bem-estar.

4 volumes, Br. 190$00 — Enc. 270$00

DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA, por *Elifas Levi.* — A iniciação, a Cabala, a necromancia, a magia negra, os feiticeiros, a medicina universal, a adivinhação, a chave do ocultismo. Cerca de 650 páginas de grande formato e muitas gravuras.

Brochado ..... 120$00

ORIENTE SEU PENSAMENTO

Por LUIS DE BARROS CASTRO
(Correspondente em Luanda)

A maior parte das pessoas pensam o que lhes vem à cabeça, nunca se lembrando de tentar afastar um pensamento, por mais pernicioso que seja. Dão curso às ideias, como se todas fossem boas, sem se aperceberem do mal que estão fazendo a si próprias e aos outros.

As ideias circulam como correntes eléctricas, em todas as direcções.

O nosso cérebro funciona como aparelho de recepção e transmissão.

Conforme nossa vontade, assim se sintoniza numa ou noutra gama de onda: a do Bem ou a do Mal.

Se deixarmos o maravilhoso aparelho que possuímos — o cérebro — funcionar automàticamente, isto é, sem o sintonizar na direcção do Bem, ele, que funciona permanentemente, receberá apenas as ondas condutoras de ideias inferiores, visto que estas são as que de mais perto rodeiam a Terra, pois nela têm sua origem. Quer dizer: o cérebro recebe um pensamento mau que outro indivíduo irradiou; e se, ao recebê-lo, lhe der curso e não o neutralizar, ele o vai retransmitir, com uma potência maior do que a que trazia inicialmente.

Em virtude da maior parte dos cérebros funcionar, infelizmente, sem a mínima orientação, é esse o motivo por que, na mente de muitas pessoas fàcilmente têm acolhimento e se apliam os pensamentos do mal.

Esses pensamentos são muito e de uma variedade aterradora:

Ideias de ódio, vingança, inveja, malquerença: roubo, assassinato, suicídio, intrujice, vícios sem conta, manias, futilidades, doença, parasitismo, quebra da dignidade, covardia, injustiça, egoismo, desânimo, preguiça, prepotência e um sem número de outras, que transformam a Terra num mundo de miséria e sofrimento, mal-estar e insegurança, em que apenas a solidão e o afastamento são lenitivo para aqueles que «vêem» estas coisas flagelando a humanidade e nada podem fazer, a não ser elevar seu pensamento a Deus, pedindo que alivie o mal de que só são culpados os inconscientes habitantes da Terra!

Escolhemos nossos pensamentos com o mesmo cuidado, pelo menos, com que guiamos os nossos passos, pelo pedregoso caminho da vida.

Sintonizemos nosso cérebro em pensamentos elevados — em princípio demanda pequeno esforço — e os benefícios e tranquilidade do espírito nos compensarão grandemente do pequeno estorço dispendido.

Para quem nunca experimentou orientar suas ideias, esta doutrina terá o seu quê de novidade, mas fique certo de que, se experimentar, não ficará desiludido, mas antes surpreendido. É tão fácil e tão simples, que só não colhe tantos benefícios quem não quer.

Vamos exemplificar:

Admitamos que o leitor foi acusado de dizer mal do seu superior hierárquico, por um colega despeitado e que isso é totalmente injusto e falso.

Qualquer pessoa de formação moral incompleta, logo que saiba isso, reagirá violentamente, provocando cenas de pancadaria das mais trágicas consequências, ou então, com refinado cinismo, tratará de perseguir quem o acusou, espreitando-lhe todos os passos e actos, ampliando a sua mais pequena falta aos olhos do mesmo superior; lentamente, vão transformando seu forçado convívio num mal-estar contínuo em que o ódio cresce constantemente, até que um dia, acumulado por reacções e sucessivas contra-reacções, «estala» e produz seus efeitos mais ou menos desastrosos; mas quando não chegue a este último ponto, basta o mal-estar em que se está trabalhando, para infelicitar e tornar o trabalho um fardo bem incómodo.

Esta situação se reflecte na saúde, no rendimento útil do trabalho nas relações pouco cordiais com a família, no convívio social, etc.

E para um chefe que esteja acima dessas acusações — às vezes tão mesquinhas — essas duas pessoas apenas se estão diminuindo a seus olhos. Fica conhecendo as fraquezas de ambas e a nenhuma concede maior consideração, porque dela não são dignas, antes perderá a que tinha.

Qual seria então a melhor atitude a tomar?

Em primeiro lugar, calma e indirença; em segundo, provar, por actos, a improcedência da acusação; não tornar tensas as relações com o colega que procedeu levianamente; desculpar-lhe intimamente até a tolice; dar o mínimo de importnâcia ao que outra pessoa lhe *veio trazer*, devidamente ampliado, como sucede quase sempre; estribar-se no cumprimento do dever e aguardar.

Quem bem cumpre e nada tem que se lhe diga, tem sempre facilidade em justificar-se e defender-se quando for necessário. O falso acusador acaba sempre mais tarde ou mais cedo por ser desmascarado e, de qualquer maneira, por perder a posição que, indignamente, conseguiu. É necessário deculpá-la e ter pena dele.

É assim que se neutraliza o mau pensamento que outro irradiou e a que logo obedeceu.

Captá-lo e reagir com pensamentos mais baixos e violentos e obedecer-lhe, é, além disso, retransmití-lo com muito maior potência e amplitude, isto é, torná-lo apto a ser também recebido por mais indivíduos que tenham as mesmas tendências para o mal, e assim sucessivamente.

A ideia de vingança até ao assassinato, desgraçadamente tão frequente, é muitas vezes irradiada inicialmente por um cérebro, com insignificante intensidade. Apenas pensou um instante e imediatamente afastou a ideia má, por reconhecer que era prejudicial.

Entretanto, a irradiação deu-se e circula agora no espaço, até ser captada.

Se o cérebro que lhe deu guarida não a repelir com sinceridade, e, pelo contrário, começar a estudar os pormenores necessários para vingar-se em relação ao seu caso, a ideia, apesar de frouxa a princípio, serviu perfeitamente, os desígnios das Forças do Mal!

Por aqui se vê quanto é preciso, para nosso próprio bem e alheio, ter cuidado com os pensamentos que nos assaltam, ou que nós próprios emitimos.

No Alto, em níveis superiores, circulam correntes de pensamentos muito elevados, que igualmente podem ser captados e que produzirão para nós e os nossos semelhantes, os maiores benefícios.

De lá apenas descem ideias de bondade, harmonia, amor, alegria, beleza, tolerância, perdão, justiça, brandura, calma, paixão pelo sofrimento alheio, gosto pela ciência, pelas belas-artes, luz, enfim, que torna o homem um ser digno de si e de poder-se aproximar de Deus!

Luanda.

UMA FESTA DIFERENTE NO LAR DE JESUS

Foi uma festa diferente, a festa de casamento de sua primeira internada:

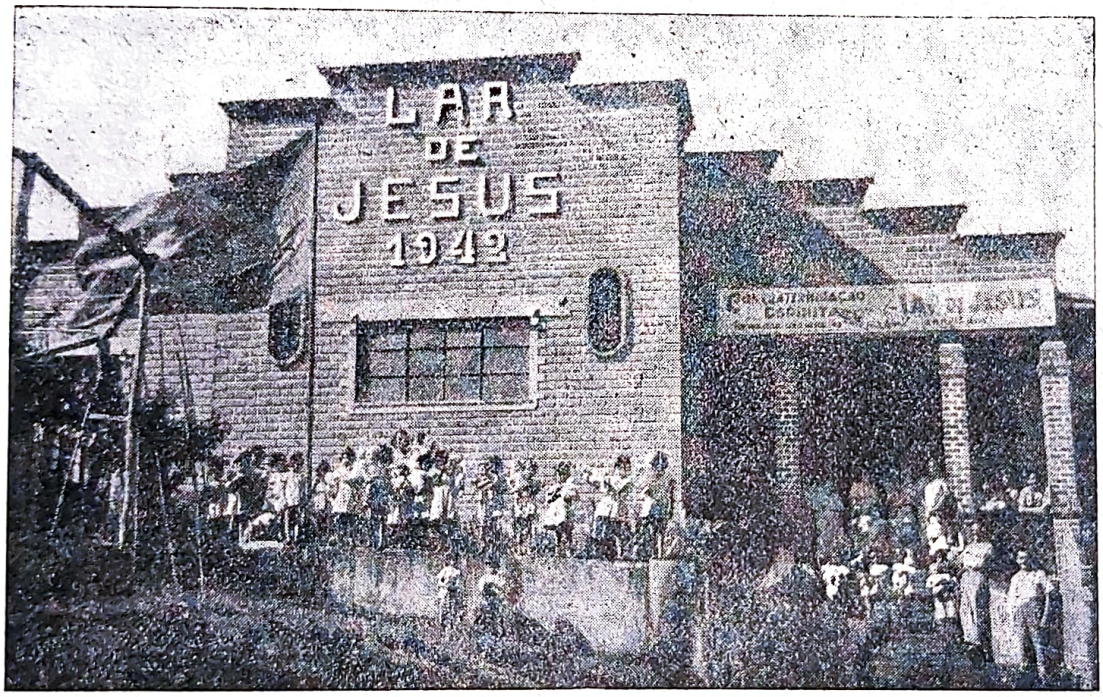
Os noivos — Maria Lúcia Brasil e Rúbens Luis Bastos — deviam ter casado pelo Natal, no dia mesmo em que, no ano passado, se fizeram noivos.

Pela manhã, o acto civil no Pretório.

A tarde, à hora do Ângelus, a Prece Nupcial, na ampla varanda do LAR DE JESUS, onde se realizam festas e solenidades. Os noivos, de braço dado aos padrinhos, galgaram a varanda, precedendo grande cortejo, sob aplausos de todos, ao som da Marcha Nupcial ao violino e acordão. A Presidente do LAR DE JESUS recebe-os com um improviso, abrindo assim a solenidade. Fala, então, sobre o processo do LAR DE JESUS tratar e educar as suas internadas; sobre a entrada da Maria Lúcia para o LAR DE JESUS; sobre uma carta que um tio escrevera, de S. Luís do Maranhão, a D. Darcy Vargas, pedindo-lhe mandasse, em nome da LBV, as sobrinhas, cuja resposta da menina foi «não quero ir», dentro de um choro convulsivo; sobre sua irmã, que ainda se encontra, até hoje, internada num sanatório em Petrópolis. E termina, emocionadíssima, abraçando e beijando os noivos. A Prece Nupcial é proferida pelo Director-Geral, todos de pé. Sussurro da Ave-Maria, com a música de Estrelita, que as crianças cantam, em seguida, entoadinhas. Uma internada declama Casaste, Minha Irmã, as irmãs fazendo surdina. A emoção sufoca a declamadora. Ela chora movidíssima. Mas, prossegue até o fim, brilhantemente. Depois, o coral de internadas do LAR, com a música da surdina, Minha Irmãzinha Querida. A Presidente convida, então, o Sr. Ernesto Moreira e senhora, cooperadores do LAR, que internaram a Maria Lúcia, para colocarem as alianças no dedo dos noivos. Uma internada da CASA DE LAZARO, canta Ave-Maria, de Gounod. E franqueia-se a palavra. Falam várias representantes de instituições congéneres: Atlas de Castro, Bráulio Mesquita, D. Maria Cavalcanti e D. Olga Negreiros, médium de Manaus, vidente e receitista, congratulando-se, com muita precisão, com o LAR DE JESUS e com os noivos. D. Olga vê, sorridente e feliz, D. Marilia, cujo nome é lembrado em todas as cerimónias no LAR DE JESUS, ao lado de Cairbar Schutel e Lins de Vasconcelos, à hora em que falava a Presidente e na hora da Prece Nupcial. D. Etelvina Bastos, mãe carnal do noivo e mãe espiritual da noiva, diz, emocionada, duas palavras e faz a prece final da cerimónia. As crianças cantam, então, por último, o seu hino mais moderno, com versos assim:

A brincar, a cantar, a trabalhar,
Eu faço tudo isso com alegria,
... ...
Para que o Lar se apresente,
Como escola-modelo a toda gente.

E passam, todos, para o buffet, armado com arte e gosto na sala de costura. E com muita fartura, felizmente. Aí, Paiva Melo concita os circunstantes a erguerem as taças de guaraná, augurando aos noivos todas as felicidades e ao LAR DE JESUS outras efemérides. O noivo



LAR DE JESUS, em NOVA-IGUAÇÚ

O ESPIRITISMO E O DIVÓRCIO

Por TITO L. BANCÉSCU

Observando a desarmonia em muitas uniões matrimoniais, vemos como o Espiritismo tem sido previdente e evolucionista neste sentido. Por isso preconisa o divórcio como necessidade vital para a harmonia familiar.

Os pais que discutem com frequência demonstram que entre si já não existe o sagrado vínculo da concórdia, quer dizer: há dois dínamo-psíquismos, cujas vibrações se repelem. E onde a harmonia se ausentou estão todos os códigos humanos. Os filhos, se os há, são testemunhas mudas e perplexas dos ingratos espectáculos dos pais que discutem em voz alta, proferindo impropérios que tão mal soam em ouvidos infantis, se é que as agressões materiais não culminam em trágicos episódios.

Perguntamos: que objecto pode ter a vida dos seres em semelhantes condições? Poder-se-á chamar vida a esses constantes choques morais, a essas antipatias que aumentam de volume? Isso não é vida, mas suplícios intermitentes entre dois seres que se uniram pelo matrimónio sem se conhecerem, sem se amarem verdadeiramente, sem se respeitarem, sem se tolerarem ou compreenderem.

A esta desarmonia que nada tem de prático, corresponde a separação, ou seja, o divórcio puro e simples. Devemos lembrar-nos de que ninguém tem direito de conviver com uma pessoa de que esteja moralmente separado. Unir os corpos sem unir as almas, que é o vital e transcendente, é um contrassenso. Ninguém é obrigado a suportar maus tratos de um dos cônjuges, nem permitir que criaturas de tenra idade sejam expectadoras da incompatibilidade de carácter dos pais. Porque os filhos criados em semelhante ambiente, saem tristes, cheios de amargura e até de ódio. Deformam-se moralmente sem darem por isso.

A moral espiritista é categórica neste problema: os cônjuges malavindos são seres com ressaibos do passado, da vida anterior. Comprometeram-se, no espaço, a unirem-se na Terra para reparar agravos; mas, uma vez na carne, os antecedentes palingenésicos afloram de novo, dando lugar a rixas e coisas desagradáveis que malogram o acordo realizado entre os componentes do lar matrimonial.

Voltam depois ao espaço após a separação física na Terra e persuadem-se de ter levado a efeito uma existência estéril. O ser desarmónico sofre então as consequências da sua obstinação, até que através de uma série de reencarnações adquira as vibrações necessárias para a harmonia, não sem ter feito experiências que lhe permitam união mais sólida.

Assim com na química e na física é impossível ligar o que se repele, da mesma forma se deve considerar a convivência matrimonial.

Se os seres humanos vibram em frequência superior à dos metais, então não se justifica a unificação de caracteres opostos que se repelem.

Na natureza tudo é equilíbrio e harmonia. Ante essas leis harmónicas é preciso que os homens se analsem e compreendam o grau da sua evolução, sem jamais pretender obrigar duas criaturas humanas a viver sob o mesmo tecto em permanentes agressões verbais.

O divórcio é por isso uma necessidade elementar que permite ao tempo a gravitação benéfica na marcha evolutiva, cujo processo tem a virtualidade de limar o efeito das discordâncias ou agravos recebidos.

(Traduzido por I. D. S.)

parte então o Bolo da Noiva, uma obra prima de confeitaria, cujas fatias distribuem com os presentes. Por último, sobem à casinha dos noivos, adredemente construída e preparada para eles.

Vale a pena salientar que o enxoval da noiva, toda a festa, serviços de confeiteiros, foram obra exclusiva de cooperadores do LAR DE JESUS, dirigidos por sua Presidente.

Os noivos subiram, depois, em lua-de-mel, a Petrópolis, com os tios que trouxeram a irmã da noiva do Sanatório, para assistir à cerimónia.

Foi, como se vê, uma festa diferente e com tonalidades fortes de graça, de beleza e de emoção, que não teria, por certo, nenhuma cerimónia religiosa, formalística, que a suplantasse.

A MISERICÓRDIA D

POR LEOPOL

OUTRA SESSÃO DE MATER DE TRATAMENTO MEDIÚN

O prof. Newton de Barros deu-nos o recado:

—O Peixotinho manda dizer-lhe que a sessão não poderá ser aqui, por falta de ambiente próprio. Para você ir, sábado, à noite, ao André Luís, receber novo tratamento, conforme orientação do Espírito...

Tivemos que providenciar meios de comparecer à sessão marcada, de vez que nos demos admiràvelmente bem na anterior, de Macaé. Até pusemos em crónica igual à esta, o que foi ela.

Dia e noite chuvosos.

Contudo, contámos com a boa vontade do ilustre confrade J. A. Marques e senhora, que nos levaram de carro ao André Luís.

A sessão começou quase imediatamente, depois de nossa chegada.

Primeiro, leitura e cânticos preparatórios. Leitura de magníficas mensagens contidas no Evangelho Segundo o Espiritismo. E canções espiritualistas, esplêndidas. Boas vozes. Afinação completa. E tivemos, até, a alegria de ouvir a Trilogia da Salvação, que nos reportou à situação emocional em que a compusemos. Prece de abertura. E o médium, o Peixotinho, tira, por psicografia, mediùnicamente, a orientação para os trabalhos. Seriam feitos alguns tratamentos e uma interferência psíquica.

O processo da sessão, o mesmo daquela a que assistimos em Macaé: preces, cantos espiritualistas, explanações evangélicas, enquanto o médium permanecia deitado, num cómodo próprio, só para uma cama.

Prepara-se a máquina de gravar, que está prometida uma prelecção substânciosa; preparam-se as camas para os enfermos, sete doentes metem-se nas camas — a nossa, a quarta da ala esquerda. Apaga-se a lâmpada e faz-se a prece inicial. Súbito, uma faixa de luz fosforescente, com forma humana, que avançou para o centro. Passou entre as camas e foi postar-se perto do microfone da máquina de gravar. E fala. Falou muito bem, e ensinando. Começou evocando a passagem do Cristo em espírito a perguntar «Pedro, tu me amas?» por três vezes. E tirou conclusões e ensinamentos de tudo. Depois alongou-se sobre o processo das curas, os tratamentos, as operações fluídicas, assinalando como essas coisas se processam, como os espíritos se materializam, o sacrifício que a materialização representa para eles. E frisou essa coisa que já conhecíamos: «Nós, os espíritos, fazemos sacrifícios inauditos para tomar estas vestes materiais por amor de vocês, para o bem de vocês, e vocês se enchem de curiosidade só para nos verem materializados». Terminou expressivamente: «Procuremos Jesus pela estrada luminosa do cumprimento de nossos deveres. Adeus. Paz e alegria».

Se tudo nos havia feito bem, este final, para quem parece só tem vivido entre ciosos de direitos a gozar; para quem põe, por sistema, paz e alegria nas suas cartas...

A voz tinha tonalidade da voz do médium.

Soubemos, depois, que fora sua própria filha, desencarnada, que se materializara.

★

Outro espírito desliza até nós. Chega à nossa cama pela direita, curva-se, beija-nos a fronte, alisa-nos o cabelo, caricioSamente, mais de uma vez; ergue-se, dizendo emotivamente: «Coragem! Muita coragem!». A seguir, afasta-se ràpidamente. Passamos a mão pelo cabelo: estava impregnado de uma loção perfumadíssima...

★

Um cheiro fortíssimo de éter espalhou-se pela sala.

E surge, agora, um terceiro espírito.

Espírito que vem proceder ao tratamento e à operação. Chega-nos pela esquerda e pergunta-nos, manso e bom:

— Viu nossa querida?

— A Marília? Vi-a, sim. Conheci-a pela voz. Ainda está aí?

— Não. Já foi embora. Muito emocionada ainda. Não quis e não pôde ficar.

E abriu-nos a camisa. Estendeu-nos um pano branco

VINA SE REPETIU ...

O MACHADO

ALIZAÇÃO E VOZ DIRECTA, O E OPERAÇÃO PSÍQUICA

sobre a barriga, em diagonal, do coração ao fígado, apalpando-nos no baixo-ventre esquerdo, como fazem os médicos, a perguntar:

— Doi aqui? Doi aqui?

— Não! Doi sempre deste lado, aqui, em cima do fígado...

— Aí, eu sei. Aí, eu sei que doi... E... vai demorar muito...

— O pano aí em cima?

— Não; você, aqui, na Terra.

E num sorriso disfarçado, afastou-se, voltando, depois, pela direita, debruçando-se novamente sobre nós e quebrando-nos em cima do fígado um vidro de óleo perfumoso — parece que era um vidro muito fino, a julgar pelos estalidos, quebrando-se, —exactamente como se deu em Macaé.

— Já conheço este óleo.

— Muito bom, perfumoso e penetrante. Ele penetra fundo, através dos tecidos mais delicados. Vai beneficiá-lo muito.

E despejou, copiosamente, todo o óleo, molhando-nos bem a camisa e as calças. Disse-nos mais:

— Você não vai gostar muito de demorar aqui, não é? Mas é preciso. Você tem muito ainda que fazer e muita gente precisa de você...

E sorriu-se mais, afectuosamente.

Pusemo-nos, então, a reflectir: «Como ainda esperamos escrever dois livrecos... como já nos disseram, do Alto, que viver muito, na Terra: viver uma boa vida, porque cheia de trabalhos e de ocupações nobres...».

Derredor continuavam as preces, os cânticos, as explanações evangélicas.

Um enfermo chorava alto à esquerda. E outro, à direita, gemia forte.

Por voz directa, veio o José Grosso, improvisando piadas leves, urdindo quadrinhas que faziam rir e meditar. Mas foi breve sua presença, por voz directa.

Nosso pensamento, em face de tantos fenómenos psíquicos indiscutíveis, voltou-se para os tempos do Cristo, para os fenómenos de sua morte, sentindo que a história se repetia (Mat. 27-52 e 53)... «abriram-se os túmulos e muitos corpos de santos, já falecidos, foram resuscitados; e saindo dos túmulos, depois da resurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos».

Os espíritos que ali viamos, escapados de seus túmulos, fizeram mais, muito mais do que se mostrarem apenas: falaram, ensinaram, trataram doentes, curaram enfermos, operaram...

Não será isso, também, uma prova de que estamos nos últimos tempos?

★

Era hora de terminar.

O Espírito disse, então:

— Vamos terminar. A misericórdia de Deus foi muito grande, hoje, sobre nós. Todos os tratamentos coroados de êxito e a operação não podia ter sido melhor sucedida. A moça vai ficar boa, que está operada (operação de cancer interno). Agora, orem para agradecer a Deus e encerrar-se a sessão.

Cantou-se mais um hino e encerrou-se, com uma prece, a sessão.

Fez-se claridade, a princípio pequena, e, depois, toda.

Foram todos visitar o médium, que despertava.

Eram 23,15.

No auto, o perfume que ainda se desprendia de nós era intensíssimo, enchendo todo o carro. Em casa, assim que chegámos, a irmã e o cunhado sentiram-no fortemente.

— Hum! Muito perfumado!

— Perfume que a Marília e o Espírito que dirigiu a sessão nos deitaram no cabelo e na camisa.

E para o prof. Newton:

— Você ficou de ir, mas não apareceu...

— Comi carne e bebi champagne numa festa íntima. Incapacitei-me para trabalhos tão delicados. Cheguei até à porta e voltei...

— Ah! Foi, então, para seu caso que o José Grosso versejou esta quadrinha:

Para os trabalhos do Bem
E curar a humanidade,
Quem fumou e comeu carne,
Não quis fazer caridade!...

O Dr. Sérgio Vale, correspondente em S. Paulo, escreveu este artigo

Da Evolução M

(CONVERSA DE

I

Considero momento dos mais felizes de minha vida o que transcorra em contacto com os moços, inscritos na ante-manhã da adolescência no partido da espiritualidade. Madrugastes no amor de Deus e na prática do Bem. Destes a vossa aquiescência ao chamamento do Alto, quando o vosso espírito mal se acomodava ao ambiente terreno e ainda se não desfizera totalmente das reminiscências da erraticidade, de onde voltastes para novas aprendizagens e para novos cursos.

Não há espectáculo mais lisonjeiro para os nossos sentidos do que a vida de nobreza a que vos acolhestes espontâneamente. Na vossa idade, quantos de nós se desviaram pelos caminhos da incredulidade, da presunção e do materialismo, consumindo as energias físicas e espirituais na prática e na obediência às filosofices da moda, deliciando-se diante de uma página fescenina e sorrindo superiormente com as heresias galantes de Anatole France, ou deixando-se guiar pela cegueira inteligente de Renan *que explicava a seu modo o que não podia ver,* como no-lo descreve o espírito de Erasto, nas OBRAS PÓSTUMAS de Allan Kardec. Dogmáticos e irreverentes, esbanjávamos a mocidade na companhia de Büchner, Moleschott e de Haeckel, cujos livros carregávamos debaixo dos braços, quais muletas insubstituíveis para a nossa insuficiência ambulatória.

Aqui está um: há trinta anos perpetrou uma obra que se chamava a si mesma *literária,* com a qual se inscreveu no primeiro concurso aberto pela Academia Brasileira de Letras. Intitulava-se PONTOS DE VISTA e fôra assinada com o pseudónimo de Empédocles. Continha um capítulo, o primeiro, que versava sobre religiosidade. Enchia-se todo ele com a profissão de fé materialista, desdenhosa de Deus, indiferente ao Cristo.

Eu soube posteriormente que as expressões de escandalosa irreligiosidade, contidas no tal capítulo, agradaram sobremaneira aos ateus da Academia, assim como tive a oportunidade de ler, quando me devolveram os originais, à margem de página inspiradíssima, onde vibravam palavras insensatas a respeito do Nazareno, a observação seguinte, traçada pela mão e pela letra de Carlos de Laet, conde da Santa Igreja e então Presidente daquele sodalício — «*Falar assim de Jesus Cristo!*».

Surpreendeu-me a benignidade do comentarista, comoveu-me profundamente, porque Carlos de Laet, se era católico condecorado, era polemista impiedoso, que não calava a ironia e os adjectivos virulentos diante dos adversários, fossem quais fossem e por que fossem. Medeiros e Albuquerque e o próprio Rui Barbosa apresentavam na pele cicatrizes bem visíveis de suas picaduras. Afinal, quem se enriqueceu com o prémio de erudição foi Pontes de Miranda, com o livro A SABEDORIA DOS INSTINTOS, confirmando os 35 anos decorridos o valor incomum do laureado.

Desarticulado o nosso livro de ensáios, apresentado à Academia em letra manuscrita, porque não havia, naquele tempo, verba para a dactilografia, fomos consolado com o convite para voltar no ano seguinte em condições mais legíveis, querendo. Desistimos. Publicámo-lo quase todo em revistas literárias, na REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA e na ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, com o que se deu por bem pago o mocinho que já se julgava capaz de opinar sobre os problemas mais embaraçantes que preocupam o espírito humano. Mas o capítulo de maior peso, o inicial, fora por nós repudiado e queimado vivo, como se fazia na idade média com as bruxas.

Desvanecera-se-nos o materialismo pouco a pouco, passando da agressividade para o silêncio e deste para a melhor consideração do problema. Entre os sofrimentos que merecemos da vida, no meio das coisas fatais que a nós mesmos nos criámos, não nos fere o remorso de ter publicado páginas que, posteriormente, nos seriam libelo contra o abuso do nosso livre arbítrio. Bendito seja o Deus de misericórdia e de amor que nos demitiu das funções públicas em que começávamos a pontificar, submetendo-nos a longo estágio probatório, de arrependimento e de estudo, antes que voltássemos à publicidade.

* * *

Ninguém duvida mais, nas províncias da geologia e da paleontologia, que a nossa terra possui história imemorial, distante de nós de 2 a 3 milhões de anos. E essa mesma história é apenas um ciclo, porque o universo deve ser periódico: nasce e morre muitas vezes, infinitamente.

O mundo actual, que já nos viu aparecer e desaparecer nas vidas sucessivas que tivémos, perecerá um dia, imóvel, silencioso e frio, se não for vítima de traumatismo violento no encontro casual com algum astro desgarrado de sua órbita, ou coisa equivalente. Como nós, ele poderá morrer de muitas maneiras, mas morrerá

Nos períodos em que se subdivide o romance realista da terra, vêmo-la submetida no início a altas temperaturas, com a atmosfera saturada de humidade, seviciada de vulcões, de expansões ou recuos de mares e de chuvas torrenciais. Habitavam-na sòmente animais inferiores: crustáceos, cefalópodes, batráquios, peixes ganóides e selâceos, répteis, etc. E começava a recobrir-se de florestas de fetos arborescentes. O primeiro capítulo ou paleozóico foi o mais dilatado: durou apròximadamente de 860 a 1.250 milhões de anos. No segundo acto, que consumiu de 135 a 160 milhões de anos, cessaram as revoluções cósmicas e ganhou-se uniformidade no clima;

continuaram-se os recuos e as expansões dos mares, houve um arrefecimento dos polos, esboçando-se as estações.

Os reis da criação, naquelas eras, deviam ser os dinossauros, com a corte de crocodilos, tartarugas, répteis nadadores, mamíferos insectívoros, avestruzes, serpentes, insectos, etc. As primeiras flores emprestavam o seu colorido aos quadros naturais. No terceiro acto as condições do ambiente suavizaram-se, diferenciando-se cabalmente as estações, apesar das chuvas, ainda copiosas. Surgiram então os mamíferos placentários, os primeiros quadrúmanos, os proboscídeos, os rinocerontes, os hipopótamos, os cervídeos, os bovídeos, etc. Animais de prol em massa bruta, dignos herdeiros dos brutamontes dinossauros.

Admite-se que no pleistocénio, terrenos que formam o sistema inferior da era quartenária, a qual se prolongou durante 1.000.000 de anos, ao temperar-se o clima europeu, surgiu o primeiro homem, o homem paleolítico. Seguem-se outras eras mais jovens: as do Pitecantropo, com 500.000; a do *Homo sinensis,* com 200.000; a do homem de Heidelberg, com 100.000. O Neandertal recente (Schmidt) alcança ainda 40.000 anos; o Cro-Magnon antigo, 30.000; o Cro-Magnon recente, 20.000.

A teoria da evolução, que contraria frontalmente a génese bíblica, granjeia às vezes a antipatia dos que a estudam, porque Haeckel, que se avocou a missão de vulgarizador dela — sua vocação era mais literária do que científica — contaminou-a com os erros e as fantasias do naturalismo e do disfarçado ateísmo. Segundo Rouvière e Vialleton, Haeckel deformou e escamoteou o pensamento de Lamarck e de Darwin, principalmente quanto ao deísmo e ao finalismo dos criadores da teoria da evolução.

Todo o mundo supôs, e muita gente ainda supõe, que Lamarck e Darwin, ao integrarem o homem no mundo cósmico, mudando-o de anjo decaído em animal à procura da angelitude, prescindiram de Deus. Como se não fora igualmente estupendo o acto de tirar o homem do barro ou a lei que perdeterminou a evolução da monera ao homem!

Haeckel, ao contrário de Littré, que se inspirou na filosofia de Augusto Comte para lhe dar o realce de sua inteligência primorosa e da sua palavra esclarecedora; ao contrário de Platão, que somou à admiração e ao amor filial por Sócrates a reprodução fiel do pensamento do seu mestre; ao contrário de S. Paulo, que alimentou a chama bruxuleante do Cristianismo com o óleo de sua eloquência, do seu destemor e da sua fé em Deus, Haeckel traiu o pensamento filosófico dos sábios que, como Copérnico ou como Pasteur, como Newton ou como Eeinstein, não viram jámais, entre as suas descobertas revolucionárias e a existência de Deus, incompatibilidade de espécie alguma. Darwin disse textualmente: *Nunca fui ateu; creio que a teoria da evolução é inteiramente compatível com a crença em Deus.*

Darwin e Lamarck, ao apresentarem uma versão científica da criação, atribuem a Deus, não a escultura improvisada do homem, nas o desejo de vê-lo surgir através das mutações, das adaptações e das selecções, graças à acção de leis criadas com essa finalidade. Deus prefixou o começo e o fim, isto é, a primeira célula viva e o aparecimento da consciência. O homem estava virtualmente contido na primeira bactéria vegetal que fêz muitas experiências, algumas inúteis e falhas.

Como seres que terminaram a sua morfologia através de milhões de séculos, ao tempo das mutações imprevistas, das selecções violentas e das adaptações nocivas, os homens sentem-se atraídos por um ideal de perfeição, continuando-se o império da mesma Vontade e a obediência irrestrita às mesmas leis. Agora, para a evolução espiritual. E se quisermos compreender os desacertos, as tentativas, os paradoxos observados no mundo das filosofias e das religiões, devemos procurar os símiles na história da evolução dos seres vivos, de que a paleobiologia nos dá conta de alguns pormenores.

A evolução geral processou-se sob a presidência de uma lei, descoberta por Dollo: *A evolução é ilimitada, descontínua e irreversível.* O modo de agir da natureza, pseudónimo da vontade de Deus, permite, para assegurar a variedade necessária de tipos, que uns permaneçam no estado conquistado, enquanto os seus semelhantes, estendendo os limites de suas aspirações, sobem a estádios superiores. Se não houvera tais restrições só o homem toparíamos hoje na terra.

A descontinuidade esteve associada às mutações bruscas. Os factores cósmicos agitavam e subvertiam o ambiente de tal modo, que os seres sobreviventes adquiriam novos atributos. A irreversibilidade garantia a relativa estabilidade das formas que se adaptavam. Quando um animal se adaptava demais ao meio ambiente — a adaptação excessiva foi sempre um valor negativo — ou se subdividia em multidões, como os insectos, ou, como os dinossauros, avultavam extraordinàriamente. Estes alcançaram o comprimento de 40 metros e o peso de 60 toneladas, obrigados a comer constantemente, em virtude da desproporção entre a exiguidade da cabeça e da mandíbula e o avantajado de sua massa corporal.

É provável que, durante milhares de anos, esse bicho enorme, que punha ovos, houvesse dominado os mamíferos seus contemporâneos, insignificantes em estatura e forças. Mas não podia evolver indefinidamente no sentido da massa bruta, porque a evolução é limitada; não podia regredir, porque a evolução é irreversível. Então, sòmente lhe restou um único recurso: fossilizar-se...

Pesadão, estúpido, insensível ao progresso, misoneísta de quatro costados, como os sábios materialistas e as suas academias, escravizado ao modo arcaico de reprodução — ovíparos — combatido pelos roedores da época, que lhe deram caça aos ovos.

orfológica e Espiritual

CADA À MOCIDADE ESPIRITA)

A baleia também é uma excepção vergonhosa dos mamíferos, dentre os quais evolvemos em linha recta. Retornou ao meio aquático. Utilizai-vos dela como comparação para os que, ao invés de ajudarem a evolução espiritual, que ora nos agita, preferem embaraçar-nos com os seus obstáculos e os seus péssimos exemplos. Não regrediu, porque continuou mamífera, mas foi esconder o seu anacronismo no fundo dos oceanos.

Os que se adaptaram servilmente às condições físicas, os insectos, por exemplo, permaneceram até hoje em merecido ostracismo. Consolam-se, na estagnação, com os instintos apurados, à custa dos quais procriam e vivem, e nada mais.

Nós, os mamíferos, compreendemos muito melhor a intenção e a finalidade da Natureza, que eram, segundo Lamarck e segundo Darwin, o progresso através de *leis constantes, primitivamente combinadas, para o fim que se propôs o seu supremo Autor*. E a evolução se fez com ordem, no meio da desordem; com unidade, no meio da diversidade; com finalidade, no meio dos acasos e das tentativas frustradas.

Instáveis, inadaptáveis, irreversíveis, preferindo a segurança da viviparidade à aleatória sobrevivência de ovos abandonados a esmo; enriquecendo-se com a homotermia protectora contra as alterações térmicas; segregando o primeiro alimento para os filhos recém-nascidos, ou agasalhando-os em suas bolsas, como os marsupiais; levantando, afinal, as patas dianteiras, do chão, para alcançar a verticaliddae e conquistar a própria mão; tornando-se, enfim, *homo faber* e dotando-se com a palavra articulada para registar e nomear a infinidade de conhecimentos novos que lhe penetravam pelos sentidos, foram os mamíferos que forneceram a linhagem aristocrática do rei da criação.

Deus não interveio durante toda a evolução física senão por intermédio de suas leis, as quais sempre garantiram a liberdade com responsabilidade. Se preferiu tais condições de trabalho foi porque, naturalmente, nelas previu, na sua omnisciência, a garantia dos resultados que desejava. Por isso houve ensaios, tentativas. Gozava-se liberdade de escolha ou direcção na conquista da morfologia. Está claro que a parcela de liberdade foi progressivamente aumentando, à proporção que os seres vivos se tornavam mais capazes no seu discernimento.

Se quiserdes um exemplo de adaptação indesejável, atentai no jacaré, no seu físico e no seu mental: olhos fechados, indiferente ao suceder das horas, como se lhe pesasse — e lhe pesa — sobre a carapaça invulnerável, o desfilar de milhões de anos improdutivos e pasmados.

Em nossos antepassados hominídeos havia incorfomação, sensibilidade, reactividade, que os obrigavam a mover-se sempre dentro de uma espiral, como se força inflexível os atraísse para a frente. Nenhuma espécie sofreu tanto quanto a nossa. Nenhuma outra morreu em maiores proporções, nem foi maltratada por mais escandalosas mutações cósmicas, nem pagou maior tributo ao seu progresso.

Em suma, foi o sofrimento, para o qual se predispôs na sua organização e no seu psiquismo, que lhe deu a vitória final — a mão perfeita, com o polegar opondo-se a todos os outros dedos, a palavra articulada, o cérebro mágico e maravilhoso. Se não tivesse sofrido, isto é, recebido estímulos e reagido a eles, ainda hoje seria como o jacaré, soberanamente indiferente a tudo, e para o qual a sabedoria popular só encontrou um castigo capaz e bastante para lhe modificar o *standard* de vida: *deixa estar jacaré, que a lagoa há de secar...*

Sòmente o homem, porque não se adaptou, evolveu até à conquista do cérebro, com o qual adquiriu o instrumento da consciência de si mesmo, o conhecimento do seu passado e restabeleceu as suas comunicações com a Divindade.

Os animais que não ultrapassaram a primeira fase da evolução permaneceram na do instinto, que lhes basta para a conservação e a multiplicação da vida. No homem, surgiu a razão e, mais tarde, a intuição.

* * *

Os filósofos materialistas críticam severamente a obra tumultuária da evolução — os teólogos a desconhecem ou a negam — mas não se atrevem a contrariar que, no seu conjunto, de todas as experiências resultou qualquer coisa aproveitável. Por exemplo, a ciência deles...

Se houve tentativas malogradas, incompatíveis, dizem eles, com a presciência de Deus; se muitas espécies se extinguiram, não suportando as lutas seleccionadoras, nem se amoldando às reviravoltas incríveis do ambiente — outro sintoma da inexistência de um Deus responsável — os homotérmicos com as suas temperaturas auto-reguladas e os placentários garantidos pela inacessibilidade dos seus ninhos furtaram-se às avarias, especializaram-se nos seus misteres com tamanha perfeição, que chegaram connosco à era quaternária.

Criticastros menos rabujentos dignaram-se, complacentemente, de nos apontar algumas passagens mais felizes, alguns trechos nos quais o suposto Criador teria agido com inteligência, ao escrever a sua obra no planeta.

No cavalo, por exemplo, houve um aperfeiçoamento evidente no maquinismo mastigatório e no maquinismo da velocidade. Dir-se-ia que nos seus poderosos dentes molares e nos seus ágeis membros corredores se incrustara uma fagulha de inteligência inata, que escolhia sempre o melhor modelo, fixando-se-lhe a novidade técnica no plasma germinativo. O cavalo exemplificou a regra assentada pelo zoologista Cuvier, o qual estabeleceu o princípio generalizado da relação íntima entre a formação dos cascos e o desenvolvimento dos dentes molares.

Nos terrenos secos e planos, revestidos de ervas grosseiras, o cavalo vence na mastigação e na velocidade. Os seus membros embrionários recapitulam, ainda hoje, a fase dos três dedos (tridáctila), com as respectivas articulações; dotaram-se-lhe os dentes de sulcos e cavidades profundas, compensando-se o desgaste superficial, durante muito tempo de vida, com o afloramento maior e progressivo das coroas.

A evolução do cavalo é um capítulo perfeito e definitivo, diante do qual os naturalistas mais exigentes se desarmam de recriminações. Mas retornam logo às queixas amargas, quando assinalam a evolução regressiva (involução), para o meio aquático, das baleias, das focas, dos pinguins, etc., o que se lhes apresenta como cochilo homérico do Criador.

Se o naturalista se extasia diante dos cascos e da dentadura dos cavalos, um pequeno poema de finalidade e de adaptação ao meio ambiente, uma obra *quase* prima (porque, afinal, os cavalos não falam!), cujas páginas foram escritas nos fósseis, podendo ser relidas a qualquer momento pelos paleontologistas, devia merecer-lhe também alguns aplausos aquêle órgão que lhe ocupa o interior do crânio — órgão de reconhecimento, órgão de observação, órgão de coordenação, órgão de indução e dedução, órgão do re-

ciocínio e da memória, órgão milagrosamente consciente de si mesmo e investigador impenitente das causas primárias.

Órgão, enfim, sem o qual, o sábio materialista não seria senão uma pobre minhoca; sem o qual não poderíamos voltar os olhos para o céu, para o Deus que o concebeu, assim como a planta se volta insistentemente para o sol, que a criou. Insinuámos, medrosamente, que o cérebro humano já provou, nalguns exemplares superiores de fama mundial, ser órgão tão perfeitamente adaptado a um fim — intelecto, memória, consciência — quanto o são os pés e os dentes do nosso irmão cavalo, do qual os fósseis nos dão notícias de aproximadamente 260 espécies.

Aceitam os nossos adversários a multiplicidade morfológica, que as leis de Deus possibilitaram, como experiências *negativas* que lhes dão razão, mas não atentam na experiência *positiva*, naquela que, podemos dizê-lo hoje, *estava na intenção de Deus*, como finalidade de toda a evolução animal — o aparecimento do órgão através do qual, como o pianista através do piano, o ser humano pode estabelecer contacto com o seu Criador.

Negam a inteligência de uma força intrínseca, coexistente no plasma germinativo, isto é, negam a ortogénese, negam a tendência inata. Os factos que aparentemente contrariam a idéia de uma ordem pré-estabelecida, anulam, para eles, os factos inumeráveis que provam o contrário, sendo o maior deles a *presença de sábios ateus na terra, fichando e organizando os tipos de animais que lhes são contemporâneos.*

Debitam aos azares da evolução a persistência de muita coisa errada, de muito animal nocivo, de muito trabalho inútil, de muitas superfluidades biológicas, dando-nos a visão do planeta a convicção da inexistência de um autor idóneo, ao qual se apegaram, infantilmente, alguns homens pouco lúcidos, embora se chamassem Aristóteles, Copérnico, Newton, Darwin, Pasteur ou Einstein... Ou chamam a contas o tal Deus, que responsabilizam pela corporatura descomunal dos dinossauros, cujos fósseis jazem hoje em completo ostracismo; pelos chifres e pelos colmilhos exagerados dos amblípodes, que os embaraçam no cenário da vida; pelo gigantismo do *Baluchiterium*, o qual somou num só volume dos elefantes com as pernas e o pescoço das girafas podendo colher fôlhas no alto das árvores, a oito metros do nível do solo. Deus teria errado duplamente, quando permitiu, em certo período pré-histórico, o domínio de animais portadores de dentes afiadíssimos — *dentes de navalha* — e permitiu, posteriormente, que os mesmos morressem de inanição, quando as mutações climáticas destruiram os animais de carne macia e passo lento, de que se alimentavam.

Imagine-se a evolução rectilínea, homogénea, uniforme — antes teríamos que admitir a sua *possibilidade* no meio planetário — em que todos os seres alcançassem igualmente as mesmas formas. O aspecto final do mundo seria mais interessante e mais divino do que o é? Se tudo foi obra do mais irracional e do mais cego acaso; se não houve jamais finalidade em nada, que mais nos deve impressionar agora: as palavras truncadas, cujas letras e cujas sílabas se atrairam desconexamente, ou o poema final de uma *Divina Comédia*, pedindo, insistentemente, a responsabilidade e a assinatura de um autor genial?

Para desfazerem no *élan* vital, de que não necessitam, lembram os evolucionistas ateus as experiências malogradas, as espécies desaparecidas, as influências capitais do meio e das mutações, os ensaios e os erros, provando tudo isto que o Criador foi simplesmente o Acaso. Se lhes perguntarmos qual a diferença existente entre a montanha e a lesma, ambas submetidas aos mesmos estímulos evolutivos, serão obrigados a responder que não há diferença alguma entre elas. Mas por que razão a montanha não pode evolver? O ser vivo possui, notòriamente, uma força intrínseca, uma faculdade de orientação, de opinar pelo que lhe pareça útil, adaptando-se a todos os meios. Quem lhe deu esta plasticidade?

Se o materialista reconhece que não pode escolher entre a criação imediata, o *fiat* ou criação bíblica, e a criação gradativa, isto é, a evolução criadora, a que se contém na teoria de Darwin, ambas pressupondo a existência necessária de uma Vontade ou de um Legislador, que age com as suas mãos ou através de suas leis, nem por isso a vida se nos oculta ou o mundo se nos oferece menos objectivo e menos real.

Há um momento, no entanto, em que o naturalismo se perturba nas suas negativas insensatas — quando defronta a sua própria consciência, em que é obrigado a reconhecer, sem favor algum, uma obra prima da evolução. Patenteia-se o absurdo de sua filosofia da vida. Um efeito sublime, inteligente, consciente e livre não implica a existência de uma causa dotada dos mesmos atributos... O homem que sempre se alimentou das causas mínimas torna-se apóstata do princípio director de sua ciência. Ele é obrigado, então, a arrimar-se em explicação muito pouco digna de sua sagacidade: a obra prima da consciência é um produto de si mesma — é um produto das actividades mecânicas das «variações» e das «selecções». O absurdo é tão evidente, quanto audacioso: é um *dogma!* É uma afirmação sem lógica e sem fundamento, revolucionária e anarquizadora, porque rouba ao raciocínio as bases em que ele sempre assentou as suas conclusões científicas.

(Continua)

***Nota** — O artigo «Réplica à «Nossa Vida Mental», da autoria do nosso correspondente Dr. Sérgio Vale e publicado em Setembro último foi verdadeiramente compreendido pelos leitores, como expoente de elevação e clareza. Assim o demonstra a seguinte carta do nosso amigo e antigo colaborador Dr. Carlos Imbassahy, a quem daqui saudamos, desejando-lhe o mais completo restabelecimento da doença que há tempo o acometeu:*

Niteroi, 17-11-53.

Caro Dr. Sérgio Vale

Aqui estivémos ontem, eu, o Mário Cavalcanti e outros confrades lendo o seu belíssimo artigo publicado em «ESTUDOS PSÍQUICOS», crítica às tolices de Wells e seus sócios, na «VIDA MENTAL».

O nosso entusiásmo foi tão grande, que ficou resolvido lhe escrevesse eu, transmitindo-lhe o nosso abraço e nos congratulando pelo artigo.

Aproveito o ensejo para cumprimentá-lo também pelos seus escritos em «MUNDO ESPIRITA», trabalho de muito valor e necessidade, visto que o Espiritismo aqui se está transformando numa seita religiosa, onde os factos, que são a força da doutrina, estão sendo substituídos por textos bíblicos.

Aqui estou, pois, desincumbindo-me do feliz mandato, do mesmo passo que lhe transmito, em meu nome e do confrades, o meu cordialíssimo abraço.

Do confrade muito amigo,

CARLOS IMBASSAY

O Espiritismo é obra demoníaca?

Por F. NORONHA

Foi-se a esperança... e não regressa nunca!...
Com ela o medo se foi, foi-se o remorso!
Para mim não há bem que já exista!
Serás meu bem, ó mal! por ti ao menos
O império universal com Deus divido,
E na porção maior talvez eu reine:

«*O Paraiso Perdido*», canto IV.

Por mim se vai para a cidade das lágrimas, por mim se vai para a eterna dor, por mim se vi para a perdida gente.
Foi a justiça de Deus que me criou, sou obra do Divino Poder, da Suma Sapiência e do primeiro Amor.
Antes de mim nada foi criado, senão as coisas eternas, e eu eternamente existo; deixai lá fora a esperança, vós que entrais.

«*O Inferno*», canto III.

Eis-nos em face de voos fluentes da imaginação de dois génios, um, honra perdurável da Inglaterra pelo berço: Milton; o outro, da Itália, nado em Florença: Dante.

Aquele, pondo na boca do suposto Demo expressões ousadas de situação desesperada e este, lendo no sonho teológico de sua fantasia medieva o rótulo escrito do portal do orco, ambos se encontram num passo comum, fanático: o *diabo* e o *averno*, anjo rebelde e penar eterno!

Compensando semelhante linguagem, o autor, também genial, da famosa elaboração de alma peregrina *Da Imitação De Cristo* — cicia-nos com amavio insinuante: «Mas vós, clemente e misericordioso Deus, que não quereis que pereçam vossas obras (2, Reg. 14, 14), para dar a conhecer as riquezas de vossa bondade nos vasos de misericórdia (Rom. 9, 23), ainda além de todo próprio mérito nos dignais de consolar o vosso servo sobre o humano modo».

Está aqui a filosofia da razão, presciência e omnipotência da Causa preclara, perfeitamente ajustada à das causas.

É certo que surgem pontos de interrogação, diante de nós, com permanência desoladora; mas se fôramos videntes integrais da Criação e decifradores absolutos do que ignoramos?!...

Há barreiras inacessíveis à nossa inteligência, e potencial imutável de proporções assentes, sem émulo, no infinito da duração.

É certo que em cada século registamos realizações assombrosas. Ainda, porém, não soou no tempo a hora do rompimento formal dos véus, embora já tenham sentido para nós os vocábulos universão e ressonância.

O ir além, entretanto, de restrições que nos envolvem em nossa esfera de evolução, revelando sinais inequívocos de plano e origem supranormais, esse ir além, hemos de reconhecê-lo, visto que importaria em nivelamento do homem, efeito, com a causa, Deus.

E então, teríamos tantos deuses quanto fosse o número dos homens, o que é inviável, por improcedente e absurdo.

Quero agora volver à pergunta formulada por mim próprio, encimando as presentes linhas.

Tem sido acusado o Espiritismo de pactuante com o denominado *espírito das trevas*.

Atribuem-se aos seus centros e às suas sessões cenários de acção diabólica.

Estas acusações e atribuição, inteiramente despidas de fundamento,

ESPIR

A Doutrina codificada por Kardec não é uma religião constituída; representa antes a ciência do espírito, como lhe indica o próprio nome, e integra cientificamente um corpo de filosofia teísta-cristão.

Constitui, pois, uma ciência positiva e experimental que soluciona os problemas morais e sociais e satisfaz à consciência. Não impõe crença, convida ao estudo; não tem ritos, cerimoniais e mediadores, mas realiza a grande aspiração humana, que corresponde ao momento histórico que passa. Surgiu no século passado com a finalidade de explicar racionalmente o milagre, marcando era nova na evolução terrena, cuja característica reside na compreensão. Ninguém pode crer naquilo que não entende.

É um corpo de doutrina fundamentalmente evolucionista não destinado a fazer adeptos, mas a iluminar por dentro os adeptos de quaisquer teorias ou religiões.

Pelo mediunismo que adopta, e que existe de todos os tempos, comprova a sobrevivência da alma ao corpo, pondo em relevo que a sua imortalidade lhe é dada para efectivar o progresso indefinido através da eternidade.

O conceito de eternidade para a frente só é inteligível depois de se ter discernido o de eternidade para trás. Para medirmos a distância que vai de nós a Jesus, por exemplo, é indispensável que se tenha antes medido a distância percorrida desde que fomos alma de rocha até ao presente. Então, ressaltará evidente que a lei do progresso espiritual indefinido é uma verdade eterna, realizável através de tantas vidas planetárias, quantas forem precisas.

A compreensão do primado espiritico de que as faltas terão que ser reparadas, abre horizontes novos à perspectiva espiritual humana, porque torna possível entender-se que os desequilíbrios deverão ser repostos

T I S M O

Pelo Dr. PAULO HECKER
(Correspondente em Porto Alegre)

pelos culpados, guardada sempre relativa identidade de objecto. Assim, se um homem mata outro, a pena taliónica não está em ter o assassino, a seu turno, de vir a ser morto; mas sim de ter que pagar ao Cosmos uma vida que lhe deve, salvando outra vida.

O Espiritismo desponta ideais nobres vistos sempre pelo prisma crístico e incita a que se os persiga com dignidade humana e moralidade pessoal.

Não pode, pois, ser comparado a nenhuma outra religião, de vez que é apenas um corpo de doutrina filosófico com consequências religiosas e resultados espirituais.

Tido como religião, não poderia fugir à fatalidade sectária, e nenhuma vantagem traria para a humanidade; como ciência e filosofia, esclarecendo a todos, indica-lhes a senda do progredimento pela purificação e pelo saber.

Nada menos justo do que compará-lo à umbanda, ao catolicismo, ao judaísmo, ao protestantismo, tanto que fácil fica compreender a existência de grupos umbandistas, católicos, semitas ou protestantes, que se reunam para o louvável fim de estudarem juntos os problemas do ser e do destino tão bem versados em suas obras fundamentais.

O Espiritismo é o ressurgimento do Cristianismo visto por prismas científicos e filosóficos, sem os recursos fáceis de fuga pelas portas milagreiras da sobrenaturalidade. Aponta o caminho e fornece os elementos para que todos se felicitem, é o momento contemporâneo da Revelação.

partem de pessoas que, aliás, se demonstram esquecidas ou falhas de retentiva, no tocante ao Ente que lhes competia imitar.

Aludo ao Crucificado, que conta em cada espirita um prosélito firme e um apóstolo convicto.

Os Evangelhos não constituem letra morta para eles e o Messias, o Enviado, é-lhes sempre Mestre venerando.

A calúnia e a má fé, por mais que porfiem, jamais triunfarão no anseio de descrédito urdido contra elementos de ordem, de orientação fraternal, de modalidade e cômputo experimentais, de caridade impressionante!

O espirita presta culto sincero e vê no condenado de Pilatos aquele que julgará o Homem, obedecendo ao Eterno Pai.

Sabe distinguir entre o conceito de Justiça que nos eleva e dignifica e a mistificação inglória da sordidez e da mentira.

Na bandeira que empunhamos avultam impressas duas palavras indeléveis, precedidas da mesma preposição:

Em espírito e Em verdade.

Definem um Iniciado, traduzem o mais alto ideal de psíquica vitalidade, consubstanciam em síntese emotiva e em forma singela o que nos devemos como seres activos e responsáveis e o que nos cumpre exemplificar como membros vivos do corpo social.

A Ciência cativa-nos, abre-nos horizontes de progressão crescente e mais e mais nos espiritualiza a mente, enlevando-nos em concepções solidárias.

Iniciamos pela prece os nossos trabalhos de conjunto, e dóiem-nos os males alheios.

É para nós suave postulado e sugestionamento edificante a dição de vibratilidade funda, de que o Velho Testamento faz fé, sob a rubrica *Decálogo*, encerrado ou contido em apenas dois preceitos:

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmo».

E estes dois preceitos, cifrados, em última análise, num único lema consistentíssimo, associam-se com a prece, «contacto pessoal com Deus» na atmosfera do Espiritismo.

De facto, o que é a prece, senão esse contacto adorável, como lhe chama T. Marshall Morsey?

E já houve acordo ou simples esboço de concórdia entre espiritas e materialistas ou ateus?

E quantos indivíduos, completamente em branco acerca de Espiritismo, se crêem com suficiente autoridade para maculá-lo com ejaculações insultuosas?!...

Maculá-lo, não. É força de expressão. Tentativa, sim. Inútil, todavia. A sombra não deixa vestígios, passando sobre a água límpida.

Admitindo a existência demoníaca e infernal, como conciliá-la com adoradores conscientes do Deus misericordioso e omnipotente, fervorosos no preito anímico e Mestre?

Aberração espantosa, desequilíbrio mental inconcebível, monstruosidade inédita de tal natureza, que nem cabe nem assenta em «cérebros» de alienados!!

E a obra imensa de bem-fazer, em todos os sentimentos e debaixo de todos os aspectos, levada a efeito no Brasil, medrando e alastrando incessantemente?

É a obra diabólica, pràticamente evangélica, brotando de sentimento e ideologia fraterna?

Como explicar tão formal relutância, tão irredutível antagonismo, tão diametral oposição, em unidade de pensamento, em comunhão de vontades, em abnegação espontânea, imitando Jesus e servindo a augusta Divindade?

Há milhões de espiritas, de todas

ANJOS E DEMÓNIOS

Por ALFREDO MIGUEL

Entre admitir que haja criado Deus seres privilegiados e votados à felicidade suprema e eterna desde a sua formação, e aceitar que essa bem-aventurança é uma conquista do Espírito pelo trabalho, através de sucessivas encarnações na Terra e em outros planos mais adiantados, a razão esclarecida propende para esta última hipótese. A primeira é manifestamente absurda, porque Deus é justo e sendo seus filhos todos os que Ele criou, não podia aquinhoar melhor a uns do que a outros, o que seria a negação da sua justiça e equanimidade. Por outro lado, vale a pena indagar se progride a alma após a morte do corpo ou se fica estacionária por todo o sempre, sem se adiantar. Não havendo progresso ulterior, a alma do selvagem, do ignorante, permanecerá eternamente no estado de inferioridade, contrastando com as que nasceram em meios civilizados onde puderam receber os benefícios da cultura.

Mas será possível que o Pai de infinita justiça e infinita bondade se compraza na degradação daqueles, enquanto a esses últimos facultou todos os meios de se elevarem?

Fôra blasfemo atribuir a Deus tamanha parcialidade, mormente em relação àqueles seres à parte, chamados *Anjos*, «dotados, por sua própria natureza, de todas as virtudes e conhecimentos, nada tendo feito, aliás, por aquiri-los».

Tem-se dito, não sem fundamento, que o Espiritismo é uma doutrina revolucionária, porque põe nos seus devidos termos esta questão, como tantas outras em que intervém e resolve. Pois se é óbvio que a alma, liberta da contingência da matéria, adquire conhecimentos, o progresso, que é na verdade o seu destino, é indefinito, não tem limite. Por consequência, quer se encontre enclausurada na carne, quer emancipada na esfera espiritual, estará a alma avançando sempre, dilatando suas faculdades, engrandecendo-se, iluminando-se, na sua marcha ascendente em demanda da perfeição. E quando já se tenha redimido completamente, guindando-se ao ápice da sua evolução, por direito lhe caberá o qualificativo de Espírito angélico; porque anjo, na acepção legítima do vocábulo, significa Espírito puro, o que se elevou, não por «graça», mas por seus próprios méritos, a essa categoria. «Assim como o anjo é um Espírito purificado, — escreve o dr. Bezerra de Menezes à página 103 do seu volume «A Loucura sob Novo Prisma» — assim o demónio é o Espírito ainda impuro, que se repasta no mal, que corre a todo ponto para fazê-lo, por simples gosto ou por vingança de passadas ofensas. Não vemos, na Terra, homens que assim procedem? Pois bem, esses tais, quando deixam o corpo, fazem como Espíritos o que faziam como homens. A bondade ou a maldade não é do corpo, é do Espírito; e, pois, o espírito do homem bom leva para o espaço sua bondade, e o do homem mau, sua maldade. Um e outro se dão, pois, muito naturalmente, como Espíritos, às práticas que tiveram como homens. E aí está o anjo, que nos assiste para o bem, e aí está o demónio que nos faz todo o mal».

as categorias sociais, de todas as procedências, de todos os graus de instrução, sobressaindo a mocidade radiosa de ambos os sexos, ali, na terra de Santa Cruz, onde não vinga realidade o absurdo nem pode manter-se a ocacidade irritante.

O quadro real das actividades espiritas, que apresenta no campo e em matéria de publicidade elaborações numerosas, de ciência profunda e de A mais B, de evidência matemática, sem dificuldade de acesso a capacidades não obtusas, tal quadro, de opulência manifesta no para lá do Atlântico, onde a língua lusa tem outiva irmã, carinho e raízes virentes, alarga-se em amplitude, de continente a continente e de gente a gente, tendo enfraquecido mesmo durante a ardência das guerras, a que sobreviveu e sobrevive, de ponderada rectidão e de respeitabilidade prestigiosa.

Nesta hora ainda incerta, o Espiritismo reage para o entendimento unificador, para a estética Fonte inesgotável de todo o existente, Pai inefável que as nossas almas contemplam em espírito e adorarão, depuradas, no sem limites da Eternidade.

UMA FIGURA DE BRONZE

Por IRMÃO SAULO

DEZOITO ANOS DEPOIS DE "A GRANDE SINTESE" PIETRO UBALDI PROCURA ENCERRAR A SUA OBRA

Doze volumes que desenvolvem um tríplice sistema: filosófico-científico-religioso — «Na Plenitude dos Tempos», um livro que desvenda o mistério das profecias — Vivemos o período apocalíptico, fim de um ciclo histórico e início de outro — A nova civilização do terceiro milénio terá por berço o Brasil — A força da inocência e a vontade das história

ESTOU no penúltimo andar de um moderno condomínio, em São Vicente, e tenho diante de mim a figura esguia de um homem que sonha com o futuro. Pela janela vejo o mar. Vejo-o do alto, num sonho, as ondas morrendo em espumas na praia, o dorso crespo esfumando-se na distância, como um convite. Pietro Ubaldi sorri, e os seus olhos dão-me a mesma sensação de ausência e de distância, que vem do mar. É um homem velho e magro, de aspecto humilde, de uma comovente humildade. Está pronto a ouvir-me, como se eu tivesse alguma coisa para lhe dizer, e ninguém descobriria no seu rosto, nos seus olhos, nos seus gestos, na sua atitude, o menor traço do mestre que ele de facto é.

Faz exactamente dezóito anos que Ubaldi concluiu, às 11 horas da noite, em Colle Umberto, Peruggia, Itália, a obra máxima do seu pensamento e da sua paixão, «A Grande Síntese». Foi a 23 de Agosto de 1935. Hoje, essa obra está difundida em quase todo o mundo. Sobre ela opinaram homens como Einstein, Fermi Stoppoloni. E Ubaldi, transferindo-se para o Brasil, desenvolve ainda, em livros sucessivos, os grandes temas que estruturam aquela gigantesca sinfonia do Espírito. Nada menos de oito volumes já foram escritos, e mais dois ainda o serão, para que se complete a análise e a exposição do seu tríplice sistema filosófico-científico-religioso, indiscutivelmente paralelo ao Espiritismo.

As livrarias acabam de expor o último livro de Ubaldi, traduzido para o português, *As Noúres*, que explica a sua «técnica de recepção das correntes de pensamento espiritual». Outro livro, *Deus e o Universo*, já escrito em italiano, encontra-se em mãos do tradutor. Perguntei-lhe pelo volume que está em elaboração e Ubaldi deu-me o seu título e as linhas gerais do trabalho:

— «Trata-se do décimo primeiro volume, o penúltimo da minha obra. O seu título será *Na Plenitude dos Tempos*, com o subtítulo «Panoramas históricos e sociais». Procurarei demonstrar, antes de tudo, que estamos vivendo o período apocalíptico, que nos encontramos agora no fim de um ciclo para o início de outro. Mostrarei a concordância das velhas profecias a esse respeito, tanto do Apocalipse, quanto de Nostradamus, Malaquias, a Grande Pirâmide, Daniel, e as previsões da Astrologia. Mas tudo isso em base racional, de maneira clara, demonstrado como um problema de matemática. O meu livro não conterá símbolos nem mistérios. Aquilo que se encontra nas profecias de maneira velada será exposto agora, aos olhos de todos, com suficiente clareza. Não é sòmente um trabalho de intuição, mas também de inspiração, sob o *contrôle* do raciocínio».

SETE CAPÍTULOS

—«A primeira parte do livro compõe-se de sete capítulos a saber: «O Futuro do Mundo», «O Pensamento e a Vontade da História», «As Três Revoluções», «A Função Histórica do Brasil no Mundo», «Apocalipse I», «Apocalipse II» e «Profecias». Na segunda parte, que não sei ainda quantos capítulos terá, tratarei das novas formas da vida individual e social que surgirão no mundo, dedicando largo espaço ao problema da reencarnação, sobre o qual possuo muitas provas. Estabeleço um paralelo entre o Cristo e a Humanidade, para anunciar a nova civilização do Terceiro Mi-

lénio. O Cristo ficou no túmulo dois dias e no terceiro ressuscitou. A Humanidade, que há dois milénios se encontra nas trevas medievais, despertará e ressuscitará no Terceiro Milénio, para uma vida nova, que é a vida espiritual».

O PAPEL DO BRASIL

Interessa-me particularmente o capítulo sobre o Brasil. Pergunto que função histórica poderá exercer no mundo o nosso país, estraçalhado pelas crises de toda espécie, e Ubaldi não se perturba. Continua com tranquilidade, como se eu não o tivesse interrompido:

— «Nessa nova civilização o papel do Brasil será preponderante. Este grande país será mesmo o berço da Nova Civilização. Tudo o preparou para isso: a fusão de todas as raças, o sentimento de bondade e fraternidade que caracteriza o seu povo, e que no fundo é o próprio sentimento evangélico, a sua natural vocação antiguerreira, a sua juventude física e espiritual, a amplitude do seu território e a imensidade dos seus recursos inexplorados. Daqui partirá a luz de uma nova forma de vida para todo o mundo. E essa nova civilização será baseada no Evangelho do Cristo, será a realização do Reino de Deus na Terra, a transformação do texto evangélico em real palpitação de vida».

Ubaldi faz uma pausa para lembrar que a sua tese de formatura, na Faculdade de Direito, foi sobre os problemas da emigração italiana para o Brasil. E acrescenta:

— «Havia na parede da sala de aula um grande mapa do Brasil, que me encantava. Muitas vezes eu ficava olhando aquele imenso país, cruzado de tantos rios, e sonhava com as suas possibilidades. Mais tarde viria descobri-lo e senti-lo em toda a minha sensibilidade. Sei hoje o que o Brasil representa e por que ele foi resguardado através dos mais árduos períodos da história humana».

A FORÇA DA HISTÓRIA

Insisto na falta de organização em que vivemos, no descontrolo da produção, na esterilidade da nossa vida política, na incapacidade administrativa dos nossos homens, e Ubaldi responde, sereno:

— «O Brasil é inocente e a sua força principal é justamente a inocência. Não é a força bélica, nem a riqueza material, mas a força espiritual que prevalecerá no futuro. Os homens, em geral, podem fazer bem pouco. Quem sempre decide é a História, o que podemos chamar a força da História, ou o pensamento e a vontade da História. Vários nomes podemos dar ao fenómeno: a vontade de Deus, amadurecimento biológico, maturação da vida, plenitude dos tempos. Por trás dos homens e de todos os factores visíveis estão as leis da Vida, que tudo dirigem. Veja-se, por exemplo, o que aconteceu a Hitler e à sua grande Alemanha. Em geral, na história, os grandes homens começam de uma forma, certos de caminhar para determinados objectivos, e acabam de outra, chegando justamente aonde não queriam».

PEIXES NUM RIO

Refiro-me à posição marginal do Brasil, no mundo de hoje, em face das grandes forças que se preparam para decidir os rumos da História. Ubaldi continua, com a firmeza de quem sabe o que está dizendo:

— «Estudo no meu livro a forma por que será resolvida a luta entre Comunismo e Capitalismo, o que essa luta significa e por que ela se desenvolve — sorri e olha-me de frente —. Nem a Rússia nem os Estados Unidos, Capitalismo ou Comunismo, será o vitorioso. Todo o mundo se prepara, todo ele se arma para a guerra. E vencerá justamente aquele que não está cuidando de armas nem de guerra, que não precisa de nada disso, porque é o império de si mesmo e tudo possui dentro das suas imensas fronteiras. Os homens e os países são como os peixes num rio. As águas da História correm para onde querem e os peixes têm liberdade, mas dentro das poderosas correntes do rio».

«CRISTO», O ÚLTIMO LIVRO

Chegamos ao fim da entrevista e pergunto a Ubaldi pelo seu último livro, aquele que será, segundo as suas próprias palavras, o coroamento da sua obra.

— «O meu décimo segundo livro terá um título que fala por si mesmo. Apenas uma palavra: *Cristo*. Mas não será a vida de Jesus e sim a história do seu pensamento, o «porquê» de tudo o que Ele fez e ensinou. Com esse livro concluirei a minha obra. Depois, provàvelmente, escreverei novos volumes, que serão de simples comentários sobre o que me foi dado sentir, captar e exprimir, nessa série de doze livros em que ofereço aos homens a minha solução dos problemas da Vida».

(De *Unificação*, de S. Paulo)

UMA GRANDE MISSÃO SOCIAL

Por JOSÉ FUZEIRA

Entre as descobertas conseguidas até hoje, sem dúvida, a mais assombrosa e espectacular é a que, através do éter, projecta em todas as direcções a voz e as imagens animadas do que se passa no mundo, as quais podemos ouvir e ver dentro do nosso lar, còmodamente recostados numa poltrona.

E, por isso, em futuro muito próximo, as directrizes morais da consciência das massas, ou seja, — os destinos do mundo, — em grande parte, vão depender da palavra e dos factos que, através da rádio e da televisão, forem transferidos para o recesso dos milhões de lares que constituem a Humanidade.

Em tais condições, o tempo precioso que, actualmente, é desperdiçado pelas rádio-emissoras, com números de arte popularesca e com os seus programas truanescos de auditório, deveria ser destinado à austera e dignificante missão de serem úteis ao indivíduo, à família e à colectividade, numa campanha de edificação cristã, tão pertinaz como a dos seus anúncios, pois as verdadeiras causas da degenerescência moral que está avassalando todos os ambientes da sociedade hodierna são essas enfermidades que se chamam — ambição, cobiça, egoísmo, orgulho, vaidade, alcoolismo, ódio, ciúme, ateísmo e outras exaltações mórbidas do carácter. E estas doenças não se curam com os remédios das farmácias; pois são moléstias do espírito, da alma, e não do corpo.

Urge, por conseguinte, que seja lançada e mantida, especialmente, pelas estações de rádio, uma campanha de forte relevo e amplitude moral, condicionada aos ensinamentos do maior sociólogo de todos os tempos, — Jesus —, o qual, numa síntese suprema, — a do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, — indicou aos homens o único roteiro ou caminho que, sem quaisquer equívocos, os conduzirá a fundarem na Terra aquela paz, aquela fraternidade tão desejada por todos, mas que, entretanto, ainda não conseguiram estabelecer por intermédio das leis precárias dos seus códigos ou evangelhos humanos.

Ora, as rádio-emissoras e a televisão, por serem órgãos que, devido ao dom de ubiquidade da sua palavra, estão em contacto mais directo e efectivo com a mente de todos os sectores da sociedade; e, ainda, porque um dos seus deveres precípuos é cooperar na ordem e progresso moral do povo, não podem subtrair-se a uma das mais sérias obrigações inerentes a esse objectivo, qual seja a de esclarecer e doutrinar a alma da colectividade, todas as vezes que, ante a mesma, se desenrolam factos ou ocorrências deprimentes, cuja repercussão ou efeitos podem subverter e degradar o senso moral das consciências.

E, embora, algumas dessas estações tivessem de sacrificar as horas gastas com essas novelas intermináveis, em que as «vítimas», os desgraçados são, todos, de ficção, dedicassem esse tempo às realidades ou casos dolorosos da vida; pois, uma análise em volta dos mesmos, que exprobe o ódio e desperte o perdão; que destrua o desânimo e alimente a esperança; que condene o egoísmo e estimule a caridade; que, enfim, acalme e console os grande aflitos anónimos, prestará, com essa assistência moral, imensos benefícios à sociedade.

Nesse sentido, impõe-se, por exemplo, uma campanha de recuperação moral contra essa onde de suicídios, cujos relatos na imprensa são uma espécie de pão negro amassado pelo diabo que ela oferece aos seus leitores durante o ano inteiro.

Crimes que, no crescendo em que vão, já estão assumindo proporções de uma calamidade social.

Uma cruzada desse teor, estruturada em comentários edificantes e repressivos contra tais aberrações e, também, sistematizada em *slogans* ou exortações de carácter preventivo, reduziria, ao mínimo, esses dramas e tragédias, salvando, assim, da desgraça, milhares de indivíduos e centenas de lares.

E não só os crimes ou dramas quotidianos, mas, igualmente, diversos outros problemas de interesse ou âmbito social, exigem que as rádio-emissoras falem, esclareçam, doutrinem e edifiquem, para o bem, a consciência da sociedade.

Tais campanhas de virtua-

lidade cristã teriam a prestigiá-las o aplauso unânime da opinião pública. E visto que, no código de nossos conceitos cívicos, prevalece como dever fundamental, acima de todos os outros, o de servir a pátria, é oportuno considerar que não serve a pátria sòmente quem se expõe aos riscos de um campo de batalha; pois, também a servem e, — mais do que isso, — servem à Humanidade, os que, no silêncio dos laboratórios, dedicam a sua existência à santificada missão de extinguir ou minorar as doenças que causam a morte prematura de milhões de vidas. E serviço de valor idêntico prestam, igualmente, os que, de todos os modos, se empenham em curar ou prevenir as doenças morais do ambiente, cujos produtos são amarguras, misérias, horror e sangue.

E a rádio do Ministério da Educação é a quem cumpre dar o exemplo, iniciando ou abrindo essa batalha de reajustamento social das consciências, ao postulado das virtudes cristãs, a fim de que surjam os obreiros de um mundo melhor, se, não para nós, ao menos para nossos filhos, que vêm marchando atrás.

Mesmo porque, embora seja louvável e digno de encómios o padrão artístico fixado pela referida Emissora, temos de reconhecer que a evolução substancial de um povo não se restringe ou não consiste, sòmente, em deliciar-lhe os ouvidos com as harmonias musicais de Chopin ou de Mozart; pois, se as pétalas de rosas têm perfume que delicia o olfacto, não são, todavia, substância capaz de alimentar o organismo.

Pensar ao contrário é incorrer no mesmo equívoco da moderna concepção de cultura, a qual ainda não alcançou em profundidade que a cultura integral, sólida e criadora de homens de virtudes austeras, é a que alia a ciência-conhecimento à ciência da moral; pois a primeira, sem a iluminação da segunda,—«é como um sol de inverno, que ilumina tudo, mas não aquece nada».

Admiremos e ouçamos, portanto, as sinfonias patéticas de Beethoven e as composições de outros compositores geniais; mas, como temos dois ouvidos, façamos que, ao menos, um deles escute os soluços, as desgraças (e, quantas delas, também, patéticas), de nossos semelhantes, acendendo, nos corações amargurados, aquela fé, resignação e esperança capazes de evitarem os transes de consequências dolorosas e irreparáveis.

Para as rádio-emissoras que queiram ser instrumentos ou veículos de educação, úteis, de verdade, ao indivíduo, à família e à sociedade, o campo de acção é ilimitado. E, neste sentido, um roteiro maravilhoso é o que está condensado na sublime oração do grande iluminado de Assis:

— «*Senhor, fazei-me instrumento de*
[Vossa Paz.
Onde haja ódio, consenti que eu
[semeie amor;
perdão, onde haja injúria;
fé, onde haja dúvida;
esperança, onde haja desespero;
luz, onde haja escuridão;
alegria, onde haja tristeza.
Oh, Divino Mestre!, permiti que eu
[não
procure tanto ser consolado, quanto
[consolar;
ser compreendido, quanto compreen-
[der;
ser amado, quando amar;
porque é dando, que recebemos;
perdoando, que somos perdoados.
E é morrendo que nascemos para a
[Vida Eterna!

... ...

Finalmente, não basta que um país seja grande, devido, especialmente, à sua extensão geográfica e às suas imensas riquezas naturais; pois, mais do que o tamanho territorial; mais do que a farta exuberância do solo, o que mais eleva e dignifica um povo, é aquela super-grandeza que outorga à minúscula Suíça uma soberania moral invulnerável, que a impõe à admiração e ao respeito do mundo inteiro.

Soberania e respeito tão dignos de reverência, que, embora encravada no centro da Europa e apesar de cercada de povos que, uma vez por outra, se chocam em guerras de extermínio, ei-la, sempre, em paz e, além disso, sem disparar um tiro, — com as suas fronteiras sempre respeitadas, como se fossem as muralhas invioláveis de um templo.

País de princípios sociais tão austeros, que, embora dentro de todos os seus lares existam instrumentos de morte, destinados à defesa da pátria, lá não existem criminosos profissionais praticando assaltos.

... ...

Congreguemos, pois, desde já, todos os nossos esforços para que o Brasil de amanhã venha a ser, também, um *leader* moral e social da Humanidade. E sê-lo-á, sem dúvida; pois este rico e generoso país, cuja configuração geográfica se assemelha à forma de um coração, está fadado pelos desígnios da Providência a ser, no terceiro milénio, não só uma nova Canaã, como, além disto, a Nova Pátria do Evangelho.

Rio, 15-11-953.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA CASA ASSOMBRADA NO ENTRONCAMENTO

Os jornais profanos voltam a noticiar casos de assombramento. Os protagonistas ignoram a verdadeira origem dos fenómenos, mas atribuem-nos a «almas do outro mundo», tão insólitos e misteriosos se apresentam aos olhos e ouvidos dos espectadores. O *Diário de Notícias*, sempre céptico e contrário ao assunto, publicou uma correspondência do Entroncamento, com este rótulo tremendo: «*Coisas espantosas que estão a acontecer numa «casa assombrada»*.

Foi isto publicado em 31 de Janeiro último. Porque se torna interessante a sua leitura, vamos transcrever o articulado.

«No velho bairro das Vaginhas, nesta vila, existe uma casa em que, de há tempos para cá, têm acontecido factos que trazem verdadeiramente sobressaltados, quer os locatários quer a vizinhança. Trata-se de uma moradia de aspecto rústico, composta apenas de ré-do-chão, onde vive, com os filhos do casal, José António Feliciano, guarda da P. S. P., casado com Celeste Alves Soares, de 33 anos. O chefe da família está internado no hospital e é a sua mulher que descreve as coisas espantosas que diz ter observado, principalmente nas últimas noites e para as quais, tranzida de pavor, chamou a atenção dos vizinhos. Assim, a sr.ª Josefina Machado, de 58 anos, casada, com a sua filha Emília, de 25 anos, solteira, costureira, foi fazer-lhe um pouco de companhia. Ainda não era meia-noite, tanto a Celeste e os filhos, como as visitas, ouviram como que fortes murros vibrados nos móveis e mais fortes ainda num guarda-fato e numa mesinha-de-cabeceira. Assustadíssimos, todos correram a abrir as portas das peças de mobília e a revistar os cantos, mas, ao mesmo tempo, na cozinha, ruídos semelhantes ao partir de louça e remexer de talheres desviaram para ali a sua atenção. Foram à cozinha, mas tal como sucedera nas outras dependências, encontraram tudo no seu lugar e não viram nada que pudesse justificar o alvoroço. Pálida de medo, a locatária propôs que saíssem da casa; mas quando iam a retirar-se, uma bofetada assentou, em cheio, na cara da Celeste, que ficou sem saber de onde vinha tão insólita agressão.

«Também o sr. Lourenço Simões, de 38 anos, casado, industrial de tipografia, foi, a título de curiosidade, passar algumas horas na «casa assombrada» e afirma ter ouvido os tais ruídos estranhos que não sabe explicar. O guarda-nocturno, José Machado, de 55 anos, além dos sôcos nos móveis, ouviu passadas sonoras de pessoa que percorresse a casa, arrimada a uma bengala. Contou o caso a seu filho António Machado, de 33 anos, solteiro, funcionário da Empresa Geral de Transportes, mas a este os «fenómenos» já conhecidos apareceram ampliados com súbito e estridente vibrar de guisos, o que ainda mais o assustou. Todavia, lembrando-se de que se tratasse de qualquer espírito errante, encheu-se de coragem e interpelou:

«— Diz-me quem és e o que pretendes!

«A alma do outro mundo — se na verdade o era — não respondeu. Recomeçou, porém, o passeio; e as passadas, cada vez mais fortes, pareciam agora de pessoa coxa que não pudesse dispensar o pesado bengalão...

«Há pessoas que afirmam ter ouvido os misteriosos ruídos da casa sinistra, repetindo o relato com pequenas variantes. Como não podia deixar de ser, o assunto tem sido objecto dos mais inesperados comentários».

A forma como o articulista desenvolve a notícia está longe de ser galhofeira e presta-se a meditações sobre o velho tema da comunicação espírita. Quem teria provocado os estranhos ruídos? A presença de alguém que não chegaram a especificar. A entidade ou entidades espirituais — se de entidades espirituais se tratava — necessitava de fluido animal para a produção dos fenómenos físicos verificados. E o facto de redobrarem de intensidade, quando se aproximou o sr. António Machado, demonstra que ele era dotado de fluidos mais adequados à eclosão dos fenómenos.

Infelizmente, quase sempre se limitam à simples expectação, em vez de analisarem com conhecimento de causa. O resultado é negativo e contraproducente. A verdade é que já se não aceitam explicações apriorísticas de ignorantes e mal intencionados que inventam coisas inverosímeis para afastar o pavor das verdadeiras causas.

O ZUMBIDO DA LÂMPADA...

O Primeiro de Janeiro inseriu em 2 do corrente uma notícia da agência francesa F. P. que polvilhou de entrelinhas, pois a lemos noutros quotidianos sem elas. Aqui a transcrevemos, de harmonia com o que se diz noutra página da revista.

«Londres, 31 — Os que acreditam que os espíritos são capazes de se entreter com acções materiais, têm na história de Tony Richards um grande acontecimento.

«Tony Richards, de 24 anos, técnico de aeronáutica, perdeu a vida com João Derry, o piloto de ensaios da fábrica Havilland, quando o seu DH-110 explodiu ao transpor a barreira do som, na demonstração aérea de Farnbourrough, em 1952. Ora, há tempo, a mãe de Tony verificou que a lâmpada do tecto da sua casa, na Sutherland Avenue, «pestanejava» e emitia um ruído surdo. Foi isto, pelo menos, o que se fez constar. A princípio, a senhora não deu atenção ao caso. Mas, uma noite, um estrondo enorme assustou-a a valer. A lâmpada acendia-se e apagava-se com rapidez crescente e o ruído acentuava-se cada vez mais. A dama, apavorada, acordou o marido e, depois de muitas conjecturas, convenceu-o a consultarem um médium, pois ocorreu-lhe que talvez fosse o Tony a chamar por eles.

«Numa sessão espírita realizada há dias entraram «em comunicação» com o filho. Era ele, de facto, segundo se diz, quem fazia «pestanejar» a lâmpada eléctrica.

«— Que lhes parecem as fotografias que tirei no dia de Farn-

borough?—perguntou-lhes o filho—, acrescentando que lamentava só figurar em duas.

«Muito impressionados, os pais do rapaz voltaram para casa, não sabendo o que o filho — pois não duvidavam de que fosse ele — pretendia dizer. Depois de uma procura febril na casa toda, acorreu-lhes finalmente a ideia de passar revista à mala da motocicleta do Tony, na qual ele fora para Farnborough, e encontraram uma máquina carregada. Reveladas as películas, havia duas fotografias do rapaz. «Só ele podia saber que estavam lá...». Desde esse dia, a família Richards, a que se juntou a noiva do Tony, Betty Davies, conversa regularmente com o morto. Ouve-se o zumbido da lâmpada... É o Tony que chama...».

A questão das fotografias é digna de ponderação e capaz de convencer os bem intencionados. Provas e mais provas surgem todos os dias para edificação de incrédulos e estes multiplicam-se, apesar de tudo. Pobre humanidade que fechas os olhos para não ver!...

UM TEATRO ASSOMBRADO

O *Psychic News* de 23 de Maio último insere uma notícia acerca de estranhos fenómenos observados no Teatro Camberwell, de Londres, onde a conhecida actriz Ruby Miller, que é ao mesmo tempo adepta da nossa doutrina, tem exibido suas faculdades histriónicas na peça espirita «Through The Door» (Através da Porta).

Trata-se dum assassínio misterioso que vem a ser explicado numa sessão, por uma mensagem ali recebida.

Miss Miller é que revelou o facto ao noticiarista do *Sunday Dispatch*.

«Há ali uma presença autêntica — disse ela —. Enquanto eu me estava a arranjar, sem ninguém no aposento, ouvi uma orquestra a tocar e passos na parte superior. Nenhum destes incidentes pode ser explicado».

Quando o empresário Gilbert Oscroft ouviu isto, julgou tratar-se de publicidade, mas depressa se convenceu do contrário, ao saber que estranhos incidentes haviam ocorrido durante meses.

O porteiro Tom Williams foi o próprio a dizer que uma noite de domingo, quando estava sòzinho no edifício, o pano de boca do palco começou a subir. Admirado com o acontecimento, fez uma busca e viu que tudo estava em ordem e as portas mantinham-se fechadas. Enquanto ele cogitava no problema, as portas trazeiras começaram a abrir-se e passado algum tempo fecharam-se.

Há pouco estava ele de serviço no palco, quando sentiu passos que se aproximavam, mas não viu ninguém à sua volta. Então a porta do vestiário abriu-se inexplicàvelmente, sem que ali houvesse correntes de ar que pudessem justificar o fenómeno.

O bombeiro do teatro, sr. Alfred Goswell, também tem experimentado coisas semelhantes. Uma vez, às 11 horas da noite, estava ele a interromper as luzes do Palácio deserto, quando ouviu uma nota musical vinda do piano de orquestra. Foi logo ver o que era:

— Aproximei-me do piano — disse ele ao *Dispatch* — e repetiu-se a nota musical. E duas notas mais soaram novamente.

Agora o sr. Oscroft pensa em convidar a Sociedade de Investigações Psíquicas de Lewisham para saber o que há de verdade nos misteriosos fenómenos de assombramento...

O ESTUDO INTEGRAL DO HOMEM...

A revista *Sophia*, de Buenos Aires, publica um artigo de A. Millán em que se anuncia a constituição naquela cidade da *Associação Argentina de Antropologia Médica*, cujos objectivos são «o estudo do homem como ser natural, psíquico e espiritual, considerando-o em todas as suas manifestações e nas relações com o mundo», não deixando de «investigar os factores científico-espirituais, cujo conhecimento se possa aplicar ou utilizar nas ciências humanistas e sociais, com vista ao bem-estar geral e, particularmente, ao conhecimento do homem argentino».

«Esta nova entidade — diz o articulista — depois da «Sociedade Argentina de Parapsicologia, há pouco criada, consola milhares de doentes e satisfaz milhares de estudantes espiritualistas que esperavam que a ciência médica rompesse um dia em busca dos corpos psíquico-etéricos e espirituais e da origem de certos fenómenos que antes não compreendia.

A «Sociedade Argentina de Parapsicologia» estuda as faculdades mediúnicas para dar aos médiuns um estado oficial com *certificado de aptidão*, a fim de que um dia possam cumprir função pública de grande e humanitária categoria.

«É um grande acontecimento e mais o será — continua A. Millán — quando se «estudar o homem como ser natural, psíquico e espiritual *em todas as suas manifestações* e nas *relações com o seu mundo*. Porque se o mundo do homem físico é a Terra, o mundo do homem psíquico-espiritual é o astral; neste *além* está o recíproco, a fonte onde os corpos psíquico e espiritual buscam o que são, reflectem e sentem. Estudando, pois, estes corpos e os mundos donde procedem — e aonde voltam — encontrarão os médicos a explicação de muitos problemas e fenómenos, assim como a compreensão e cura dos seres que sofrem nesses corpos *não* físicos.

«Pavoroso é o problema dos milhares de enfermos psíquicos que aqui existem; e é triste ver a sua vida confusa e alucinante e o seu desesperado peregrinar — doentes e familiares — em procura de alguém que os entenda e cure, uma vez que têm sido tratados e *não* curados por diversos médicos do físico».

Achamos interessantes e judiciosas as considerações de A. Millán. Quando o *médico psico-somático* ocupar a sua verdadeira posição na terapêutica, que grande será o avanço da humanidade!...

AOS ASSINANTES BRASILEIROS

Em virtude da queda do cruzeiro e das dificuldades opostas às transferências de fundos para o exterior, a situação de* Estudos Psíquicos *não pode manter-se sem grandes prejuizos materiais. Assim, vemo-nos obrigados a elevar para Cr$70,00 o preço da assinatura anual, na certeza de que todos concordarão e continuarão a manter a assinatura.

O que dizemos estende-se aos representantes, que devem elevar para 7 cruzeiros o preço do número avulso da revista.

Quem não concordar com o aumento, queira informar o nosso confrade sr. Chelmicki, Avenida Passos, 30, 1.° — Rio de Janeiro.

Notas & Comentários

O CEPTICISMO DE ANATOLE FRANCE

Respigando na Revue Spirite, demos com uma nota interessante acerca do cepticismo de Anatole France no tocante ao Espiritismo. Trata-se de um artigo do Dr. Filipe Encausse na Initiation acerca das relações de seu pai, o célebre Papus, com aquele não menos célebre escritor materialista. Diz o autor do artigo:

«Entre os propagandistas que Papus tentava convencer (além de personalidades como Sara Bernhard, Ema Calvé, Augusta Holmes e outros representantes notáveis do jornalismo, das letras, das artes e do teatro que se interessaram pelas suas exposições), estava Anatole France. Foi por intermédio de V. E. Michelet que Papus conheceu directamente o grande escritor.

«Michetel falou de Papus em França e pediu-lhe uma entrevista. «Papus — diz ele — que se encontrava então no Hospital da Misericórdia, como externo do Dr. Luys, mostrou a Anatole France todas as experiências hipnóticas praticadas no serviço». Depois, levado por Papus, Anatole divagou a sua curiosidade pelo domínio de Hermes»...

E mais abaixo:

«Anatole France devia dar alguns uma prova de que os umbrais nebulosos do conhecimento o tinham atraído, como se vê num artigo documentado, que Myriam Harry publicou, em 1932, no Candide, intitulado «Recordações de Anatole France. O Doce Refúgio»... O céptico Anatole France, que dizia não ter sido convencido pelas demonstrações de Papus, em 1890, trabalhou mais tarde com a mesa-de-pé-de-galo para acalmar a alma de Madame de Caillavet (viveu cerca de 20 anos com esta senhora)».

«Não ousava deitar-se — diz Myriam Harry —. Um dia Anatole France afirmou numa livraria de Tours que ela vinha às vezes tagarelar consigo. Ele pratica Espiritismo e outrora conheceu Huysmans e o Dr. Gerard Encausse (Papus). Aconselhou-nos a que evocássemos o espírito de Mme. Caillavet, para o acalmar. Fizemos mover a mesa com ele. A senhora respondeu. Primeiro lamentou-se e depois acalmou-se, acabando por dizer que já não sofria e que perdoava ao senhor Anatole. Então, os pesadelos cessaram».

O articulista acrescenta:

«Nos apontamentos particulares de Anatole France, publicados em 1946, por Léon Carias, pode-se ler esta reflexão, datada do sábado, 27 de Agosto de 1910: «Chegarei então a crer que os mortos vivem, que exercem sobre nós uma influência surda e forte? Devo crer, com certeza; de outro modo, como poderia pensar nisso com esta insistência, apesar da minha leviandade e do desejo de me divertir?».

Vê-se, pois, que ao materialismo de Anatole France faltava alicerce. Ele próprio o demonstra, acicatado pela dúvida. Quantas vezes as ideias que se defendem não estarão em desacordo com o sentimento profundo de seus arautos? A chamada coerência pode ser reflexo de amor próprio e há quem prefira manter o pensamento estruturado, embora à margem de ideias novas que tragam luz diferente. Esse princípio de continuidade nem sempre representa vigor mental e vale mais rectificar caminhos, harmonizando o pensamento com o sentimento, do que permanecer em situação que de modo algum corresponda à realidade.

O cepticismo de Anatole France era inconsistente e não resistiu às suas próprias reflexões. Assim é o cepticismo de outros «espíritos fortes» que não rectificam as ideias com medo de arriscar o seu passado. E vivem na doce mentira interior e exterior, até que a verdade se lembre de os acordar do sonho que os embala.

UM FANTASMA PERSISTENTE

O Primeiro de Janeiro, do Porto, inseriu o seguinte telegrama de Huntingdon, Inglaterra:

«Talvez o mistério do fantasma da estalagem do «Ferry Boat», em Hollywell, Hunts, se desvende no dia 17 de Março. Há mais de 900 anos que, segundo dizem, o espírito de Julieta Tousley, visita, uma vez no ano, o local onde se suicidou. Se vier este ano, o sr. A. D. Cornell, sócio da Sociedade de Investigações Psíquicas, estará à sua espera com uma máquina registadora de som e um conversor de imagens infravermelho. O ano passado o sr. Cornell fez uma sessão na estalagem e afirmou ter entrado em contacto com Julieta, que disse ter-se enforcado em 1050, aos 19 anos, por causa de amores infelizes com um lenhador chamado Thomas Zoul, tendo sido enterrada no chão de pedra da estalagem. O sr. Cornell procura obter licença para escavar o chão, a fim de verificar se há lá algum esqueleto. Segundo a lenda, o espírito de Julieta move as pedras do pavimento nas suas visitas anuais. Há pouco a mulher do actual proprietário disse que a pedra tumular estava solta e balançava, quando alguém se sentava em cima. Depois ficou completamente imóvel».

Como se vê, os «mortos» continuam a dar que fazer aos vivos. Mas estes já não gracejam com desprezo olímpico, como certos valentes que falam alto na solidão para espancar o silêncio que os terrifica. Os fantasmas impõem-se pela sua presença indiscutível, a pontos da rádio lhes ter captado a voz para os amantes das grandes notícias. «Porque há fantasmas», como dizia Richet, um dos maiores fisiologistas e prémio Nobel de Medicina.

O ESPIRITISMO NA ONU

Segundo informa O Semeador, orgão da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, esta colectividade tem assento no Conselho da Organização das Entidades não Governamentais do Brasil, desdobramento do trabalho de concórdia e esclarecimento público no campo social, realizado pela ONU, com sede em Nova Iorque, sendo seu delegado o Dr. Ary Lex.

A Federação Paulista tem um Conselho Nacional com sede no Rio de Janeiro e conselhos regionais nos Estados. Aquele Conselho concorrem representantes de entidades científicas, religiosas e técnicas.

No sentido de dar a conhecer as finalidades da ONU, o Conselho Regional de S. Paulo promoveu há pouco uma conferência que se revestiu de grande brilho, tendo deixado a melhor impressão nos ouvintes.

Embora não queiram, o Espiritismo vai-se afirmando em todos os campos da actividade humana.

Noticiário

44.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se mais um sorteio de livros em benefício da pobreza envergonhada. É tarefa das mais nobres, integrada nos princípios espiritas e estimulantes de energias morais. «Quem dá aos pobres empresta a Deus». Oxalá possamos aumentar o nosso esforço neste departamento. Sabemos que a necessidade é imperiosa e que ficaremos sempre aquém dos alvos, por muito boa que seja a nossa vontade. Isso, porém, não impede que chamemos a atenção dos generosos leitores para esta modalidade beneficente no sentido de alcançar mais alguns subscritores. Afinal, o que Deus nos der, a Deus voltará...

Desta vez foram contemplados os seguintes subscritores:

José Pinho Trindade, de Luanda, «Manual do Dirigente de Sessões Espiritas».

Haduíndo Santos, de Loulé, «E as águas passaram...».

Manuel Francisco Pereira, de Lisboa, «Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita».

D. Maria Luiza de Almeida Brandeiro, de Lisboa, «Graças sobre Graças».

A todos, os nossos cumprimentos com desejo de saúde e felicidade.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

A convite do Centro Espirita Amor e Caridade, R. de S. Bento, 23, realizou Isidoro Duarte Santos uma conferência nesta agremiação intitulada «Três Parábolas». Escutado com vivo interesse por mais de 150 pessoas, contou três sugestivas parábolas de que extraiu belos ensinamentos, mostrando que só pela elevação moral o homem pode evolucionar para a perfeição.

O Presidente de referida colectividade agradeceu o esplêndido trabalho, esperando ver o orador novamente naquele estrado, para satisfação e aproveitamento de todos. Depois distribuíram-se pela assistência muitas dezenas de folhetos de propaganda.

Também no Centro Luz e Amor o mesmo confrade falou sobre «Os Fenómenos Físicos do Espiritismo». Cerca de hora e meia se demorou na apreciação de múltiplos fenómenos, mostrando as condições favoráveis para a sua obtenção e afirmando que a atitude mental dos assistentes era de importância.

Referiu-se também aos fenómenos de materialização e demonstrou que o estudo do ectoplasma carecia de novas experiências para se poderem explicar certos fenómenos.

António Cardoso, que presidia, secretariado por D. Ivone de Sousa e Túlio Rosa, congratulou-se com a magnífica exposição que muita luz projectou sobre um dos fenómenos mais importantes da fenomenologia espirita.

REPRESENTANTE EM S. PAULO

O nosso confrade António Pereira Correia é o representante de *Estudos Psíquicos* em S. Paulo, para efeitos de assinaturas, e deve ser procurado no Instituto Espirita de Educação, R. de S.to Amaro, 362, ou através do telefone 7-2759.

Desejoso de colaborar connosco, aqui lhe deixamos os nossos agradecimentos.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM MARÇO DE 1954

Grupo de Irradiação Mental

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Grupo «Irmão Rhammurthi»

Todas as 2.as feiras, às 21,30, com a médium D. Maria da Glória.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as 6.as feiras, às 21,30, com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 3, Quarta-feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática).

Dia 7, Domingo, às 16 horas — Conferência de Fernando Alves Martins, intitulada «A Grafologia e outros preciosos métodos herméticos de análise psicológica do homem».

Dia 13, Sábado, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 14, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 17, Quarta-feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática).

Dia 21, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 27, Sábado, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 28, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 31, Quarta-feira, às 21,30 — Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática).

NOTA — *As conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, estar munidos da última quota paga.*

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Janeiro de 1954 — L. G., de Cascais, 50$00; A. N. C., de Velha Goa, 250$00; J. O. P. M., da Cidade da Beira, 150$00; C. S., de Lourenço Marques, 50$00; C. J. S. B., de L. Marques, 50$00; A. L., de L. Marques, 10$00; M. S. M., de L. Marques, 100$00; F. J. M., de L. Marques, 100$00; C. M. G., de Benavente, 10$00; B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Subscrição do 43.º sorteio de livros espiritas, 150$00. *Total* 960$00.

Mês de Fevereiro — Armando Glória Alves, do Cartaxo, 20$00; António Mendes Palaio, de Venda das Figueiras, 5$00; José Mendes Lopes, idem, 5$00; B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; J. J. P., de Lisboa, 20$00, F. M. G., do Rio de Janeiro, 500$00; Subscrição do 44.º sorteio de Livros Espiritas, 150$00 — Total 740$00.

F. M. G., do Rio de Janeiro, para o Grupo de Protecção às Crianças ..... 500$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espírita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espíritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espíritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
O Reino de eJsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espírita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ALLAN KARDEC

(Ver pág. 84)

CONTÉM: O Mal e o Bem, da **Redacção**; Concepção Evangélica da Liberdade, pelo **Dr. Noraldino de Melo e Castro**; Indagação, por **M. Del Vilar Becerra**; André Jackson Davies, por **Anselmo Paermentier**; O 3.º Congresso Espirita Panamericano, por **Pedro Alvarez y Gasca**; Uma Tragédia Redentora, por **Leopoldo Machado**; As Experiências de Kuda Bux; Outra Vitória do Espiritismo; Da Evolução Morfológica e Espiritual, pelo **Dr. Sérgio Vale**; Predestinação, por **Alfredo Miguel**; Allan Kardec, Educador e Jornalista, pelo **Dr. Virgílio Sobrinho**; Roteiro, (de um novo livro de **Lia**); A Tese Espirita Confirmada, pela Redacção da A. P. P. E. E. M.; A Verdade Acima de Tudo, por **Luís de Barros Castro**; Morte Sem Sofrimento, por **Cyrillo Aleixo**; A Dor, pelo **Dr. Paulo Hecker**; Uma História Singular; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

15.º ANO MARÇO DE 1954 N.º 3

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores — Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espiritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1954 — N.º 3

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

O MAL E O BEM

A humanidade agita-se entre dois extremos inconciliáveis. Um é explosivo e danificante. Segue o rumo dos instintos descoordenados, na obediência cega que não reflecte. É a revolução atrabiliária, a eterna mudança do existente, a tendência para o contraste impressa em cada ser. É a chama consequente a cingir-se aos efeitos da combustão. O outro é sedativo e calmante. Pondera o feito e previne o resultado, para que o equilíbrio se restabeleça, não o equilíbrio convencional e instável, mas o equilíbrio duradouro que reúne forças concorrentes. Do entrechoque destes elementos resulta às vezes novo agregado que modifica a superfície e o homem passa a viver diferentemente.

As lutas — emulações ou competições — exercem-se em toda a parte e segundo as ideias mais em voga. Em certo momento parece que o mundo vai resvalar num atoleiro. O maléfico quer impôr-se e dominar pela violência e a confusão assume proporções verdadeiramente assustadoras.

— É o fim de tudo! — gritam os timoratos, visionando o dilúvio com mil fragmentos dispersos.

Mas o vento amaina, o sol brilha de novo e tudo parece concertar-se, em disposição de nervos ou acomodação instintiva, como se um toque milagroso vibrasse as almas e as convencesse de que o progresso é caos modificado.

O mal e o bem andam assim num jogo de escondidas, como personagens que se não encontram em cena. Cada um faz o que pode para chegar ao alvo. Ao cabo de certo tempo abranda o esforço comum e a nevralgia passa. Embora mude a sociedade, a adaptação coroa o benefício ou o malefício. O sol e o vento são os mesmos; só a atmosfera sofre alterações que todos reconhecem. Agitou-se o conteúdo, hierarquizaram-se elementos que buscaram reajustamento mais condigno e a estabilidade firmou-se em bases aparentemente sólidas. E durante algum tempo o mal e o bem ficaram unidos pelas costas, como irmãos siameses em holocausto à tranquilidade do meio ambiente.

O mundo dos efeitos apresenta facetas cuja explicação está nos seus contrários. Há malefícios que só o bem entende, e vice-versa. O rumo da humanidade ultrapassa os desígnios de um só homem e o espírito colectivo não apreende a causa que reflecte sem descer aos meandros.

Há uns tantos que desejam ligar os dois extremos irredutíveis e se oferecem para traço eventual, forjando planos de ataque ao inconcebível, criando recursos mentais que modifiquem ou substituam o que parece velho. Esses são estóicos hodiernos dispostos a dar o que não têm e a jogar o que não sabem, contanto que haja paz na Terra e sossego nas almas.

O trabalho é a forja onde se temperam os heróis. Trabalho, acção, movimento, móbil de evolução parcial ou geral, agente, causa, providência, tudo espreita para agir oportunamente no sentido do extremo-bem ou do extremo-mal. E num campo e noutro há mártires de toda a espécie que se inscrevem no agiológio...

Estas palavras parecem enigmas, porque assim é necessário. Sei que são parábolas de novo aspecto, algumas delas com sentido oculto, mas que admitem arejamento e compreensão.

A esteira do progresso é a sua história indelével. Podem alterá-la ou deturpá-la, que a verdade é o que é. Lá fica nos escombros, até que o sol a ilumine outra vez. Mas, enquanto jaz oculta, a mentira sofre partos fenomenais que fazem gemer o bípede implume.

O mal e o bem são dois caminhantes de visão contrária e por isso as hostes que dirigem se não enfrentam. Agem singularmente, barrando o caminho do adversário. O que se encontra é a obra de cada um.

CONCEPÇÃO EVANGÉLICA DA LIBERDADE

pelo **DR. NORALDINO DE MELO E CASTRO**

I

1 — Proclama-se, nos meios espiritas, que o Espiritismo é a doutrina da liberdade por excelência. O ser tem a faculdade de pensar, de agir e deliberar, com entender ou desejar.

Surge a decantada questão do livre-arbítrio, que aceitamos com severa restrição. É mínima a liberdade volitiva, visto que o homem se encontra jungido à lei das provas e expiações. Aceitamos a existência de um «vício original», na designação de Kardec, que determina o indivíduo até sua completa libertação do ciclo reencarnacionista. E pensando nesses problemas, sempre actuais e palpitantes, elaborámos este estudo, para demonstrar que a liberdade é condicionada às lides das leis divinas, das quais as leis humanas são sombras ou projecções imperfeitas e até desfiguradas.

2 — «Só o que é medíocre pode ser compreendido de súbito». «Glória fácil e rápida significa pouco valor». («A Grande Síntese», de Pietro Ubaldi). Enquanto o homem não encontrar uma fórmula para equacionar o problema atormentador do livre-arbítrio e do determinismo, solucionando o drama do psiquismo humano, em harmonia com a ciência, não compreenderemos os impulsos da vontade, as angústias do determinismo.

Acreditamos, porém, que no interior de muita criatura, já despida de preconceitos sociais e até religiosos, aqueles problemas tenham explicação satisfatória. Sem o conhecimento da palingenesia ou lei da reencarnação, com suas consequências morais e espirituais, aceitas por muitas religiões antigas e por um sem número de filósofos, inclusive desde Pitágoras, defendida pelo moderno Espiritismo filosófico, o problema continuará insolúvel.

3 — Todo o efeito tem uma causa. Efeito diferente, causa diferente. A respeito escreve *Pietro Ubaldi:*

> «*O destino implica uma responsabilidade composta, que é a resultante do passado e do presente.* Todo acto é sempre livre, *em suas origens, não depois, porque, então, passa, de súbito, a pertencer ao* Determinismo da lei de causalidade, *que impõe as reacções e as consequências. O destino, como efeito do passado, contém, portanto, zonas de absoluto determinismo; mas a este se sobrepõe a todo o momento a* Liberdade do presente, *a sobrevir de contínuo com o poder de emitir novas impulsões e de, nesse sentido, corrigir as precedentes». (Obra citada).*
>
> «*Destino — continua ele — não é fatalismo. É responsabilidade progressiva, função do* Conhecimento e Liberdade progressiva, *cálculo complexo de forças: evolução, que é, ao mesmo tempo,* liberdade do determinismo das causas *(destino)* e de determinismo de matéria: *eis aí a mais profunda realidade do fenómeno. Uma ética racional tornada ciência exacta».*

4 — Lembremos, ainda com Pietro, que «a compreensão não é obra de cultura ou raciocínio; é maturação que se alcança por evolução». E essa evolução tem-se realizado, lenta, mas seguramente, em várias conquistas do espírito humano.

5 — *Newton* e a gravitação, *Galvani* e a electricidade, *Jenner* e a vacina, *Graham Bell* e o telefone, *Harvey* e a teoria da circulação do sangue, *Claud Bernard* e o açúcar do corpo humano, o Dr. *Simpson* e o clorofórmio, *Pasteur* e a teoria microbiana, *Galileu* e o giro da Terra, foram, todos eles, ridicularizados no sem tempo. *Lavoisier* riu-se dos aerólitos, *Boillaud* acreditou-se vítima de ventríloquo diante de um fonógrafo, *Bartolomeu de Gusmão* foi chamado diabólico quando ascendeu num aeróstato e, em nome da fé, queimaram os «hereges» *Giordano Bruno* e *João Huss*... Não é, portanto, de estranhar que as doutrinas novas, com seus precursores, sejam hoje queimadas no fogo vivo do combate intenso... Mas, a verdade sobreviverá por si mesma...

6 — Em abono de nosso pensamento de confiança no futuro, invocamos a autoridade de *William James*, quando asseverou que «toda doutrina nova passa por três fases: atacam-na, declarando-a absurda; depois admitem que é verdadeira e evidente, mas insignificante. Reconhecem, enfim, sua real importância e seus adversários reclamam, então, a honra de tê-la descoberto». (Apud G. Le Bon — «L'évolution de la Matière»).

É o caso de se perguntar — em que fase nos encontramos?

II

O ESPIRITISMO E A FILOSOFIA

7 — Na realidade, quando se enfrentam duas poderosas facções, no entrechoque de ideias e de armas, nas cruentas lutas da Coreia, o anelo de liberdade domina os espíritos como suprema aspiração. Será santificada, se não se revestir de coloração política para engalanar-se como anseio supremo da liberdade evangélica.

Mal vencida a dolorosa fase da segunda Grande Guerra, com seus horroses e misérias, com as cidades destruídas e campos talados por engenhos mortíferos, inquieta-nos, como inquieta o mundo, a angustiosa perspectiva de nova conflagração.

8 — Prevendo que massas gigantescas serão sacrificadas em holocausto a futuro melhor, fomos conduzido, naturalmente, a pensar na liberdade, anseio permanente e inatingido. Sem ela, a Terra sofredora não verá tremular, sobre os continentes, a bandeira branca da paz. E lembrámo-nos da figura apostolar de *Roosevelt* com as quatro liberdades... E o curso de nosso pensamento deu-nos, como dá, a liberdade espiritual de acreditar no desino superior do homem, no dealbar da próxima aurora, que despontará com a civilização do Terceiro Milénio. E o homem do porvir viverá sob a égide do *Cristo*, pertencendo a um só rebanho, governado pelo *Bom-Pastor*.

9 — Antes de voltar a essa compreensão, desçamos dessa ordem de ideias. Examinemos, sucintamente, as várias correntes filosóficas, do mundo greco-romano aos nossos dias, para evidenciar a grandeza e a sublimidade da concepção evangélica de liberdade, que a Doutrina Espirita sanciona e que os seus adeptos devem adoptar.

Mas, de início, devemos recordar que o Direito é criação humana; e as liberdades jurídicas — entre elas a de culto e de reunião — precisam de segurança. E esta não será jamais violada, se o homem se encaminhar para o bem. E haveremos de encaminhar-nos para a predominância das leis morais:

> «Por lo tanto, se caracteriza mal la moralidad al decir que *estamos obligados;* habria que decir que *nos obligamos*» (*Alfred Fouillée,,* «Libertad y Determinismo»).

10 — Situemos a posição do Espiritismo em face da Filosofia do Direito, que abrange todos os demais ramos da Filosofia:

Del Vecchio, o grande filósofo italiano, dividiu o estudo da Filosofia do Direito em dois ramos — o *Teorético* e o *Ético* ou *Filosofia Prática*. O Teorético subdivide-se em: *a)* Ontologia ou Metafísica; *b)* Gnoseologia; *c)* Lógica; *d)* Psicologia; *e)* Estética. A Ontologia ainda se biparte no estudo da *Filosofia da Religião* e da *Filosofia da História*.

A Ética ou Filosofia Prática, por sua vez, subdivide-se em: *a)* Filosofia moral ou ética no sentido restrito; *b)* Filosofia do Direito.

Para o estudo da Filosofia do Direito são usados três processos de investigação: *a)* Lógico; *b)* Fenomenológico; *c)* Deontológico. Ensina ainda *Del Vecchio* que «a Filosofia do Direito, como Ética ou Filosofia Prática, estuda os princípios de agir, tais como a ideia de Liberdade, de dever, de bem».

Pelo exposto, concluiremos que o Espiritismo, como religião, embora haja reacção da parte dos negativistas, subordina-se ao Estudo da Ontologia. A sua doutrina, filosofia de consequências religiosas, integrará o Estudo da Filosofia da Religião. Enquadra-se ainda na Ética ou Filosofia Prática — nas suas ramificações: *a)* estuda os problemas morais ou éticos e *b)* ajusta-se à Filosofia do Direito, porque, no Espiritismo, de forma mais do que acentuada, se cogitam dos princípios de agir — base granítica de sua fortaleza humana e espiritual.

11 — Como, entre as liberdades jurídicas, encontramos a de culto e a de reunião tuteladas pelo homem, busquemos através dos tempos as diversos concepções de liberdade, para alcançarmos a liberdade evangélica, essencialmente no terreno da moral.

Para isso, lançaremos mãos da reflexão. Já *Hegel* escreveu que a «universidade e a unidade formal da autoconsciência é a cer-

teza absoluta do querer, com referência à própria liberdade».

A verdadeira liberdade repugna o irreflectido, sustenta *Pontes de Miranda*. E pondera, com justeza, que «desde *Heráclito* a *Parmênides* e *Zeno de Eléia*, com os seus paradoxos da realidade da mudança, que se percebe o desafio da reflexão — numa discussão ao mesmo tempo interior e exterior e a sua construção difícil». E a liberdade trilhou os caminhos do pensamento, sofrendo os impulsos da reflexão.

III

DIVERSAS CONCEPÇÕES

12 — O pensamento central de *Platão*, em «República» e «Leis», está em que a harmonia entre o indivíduo e o Estado só é obtida pela virtude. Afirma que a alma é dotada de três faculdades — a razão, a coragem e os sentidos, correspondentes a três classes: os sábios, os guerreiros e os artífices e agricultores. Sustenta que só a virtude é livre e que a justiça é a virtude por excelência. O Estado, realizando sua função educadora, promove a felicidade de todos, mediante a virtude de todos. Compreende ele todas as manifestações individuais. Não deu a menor atenção ao problema angustioso da escravidão.

13 — *Aristóteles*, discípulo de *Platão*, é figura exponencial na evolução do pensamento. Sua figura agiganta-se, até hoje, constituindo suas ideias objecto de perquirição constante. Em a «*Política*» tenta justificar a escravidão, equiparando o escravo aos animais domésticos. Para ele o indivíduo é o Estado e só neste pode realizar-se. A «pessoa humana» não tem direitos, na acepção moderna. Não tem liberdade individual — «como prius limitador da acção política deste». Procurou, através da equidade, realizar a «justiça particular em cada caso». Na justiça é básica a igualdade de relação, mesmo entre pessoas de posses e inteligências desiguais». (Vide «Ética», de *Nicómaco*).

14 — O Estoicismo afirma uma liberdade resultante da superação das paixões, que ninguém pode destruir. Cria o ideal do homem sábio, vencedor de todas as paixões, livre das influências externas. Representa o ideal que *Sócrates* personificou, que reclama cultivo e é imposto pela recta razão. Define como homem livre o que segue a sua verdadeira natureza. Aproxima-se do Cristianismo, com suas ideias igualitárias. Estóicos foram *Epicteto*, escravo, e *Mauro Aurélio*, imperador. Estóico foi o grande *Séneca*.

15 — Deixemos de lado os Sofistas, os Cépticos, que não nos oferecem concepções melhores do que as invocadas, cumprindo, apenas, salientar a acção dos Epicuristas, que viam no Estado, dentro do qual os indivíduos se acham integrados, nada de relevante, mero «agrupamento fundado por virtude de um contrato entre eles, visando vantagens e defesa de seus direitos».

16 — *Moncada* denomina de «Cristianismo» a época representada pelos génios de *Agostinho* e *S. Tomás*. Atrevo-me a considerar imprópria essa denominação. Há diferenciação perfeita entre *Cristianismo* e *Catolicismo*. Aquele representa os Evangelhos em sua expressão integral de pureza, como pensamento divino de liberdade e igualdade, de amor, de paz e de justiça. Este representa um movimento religioso e político, após *Constantino*, dotado, porém, de relevante poder temporal, como pretensa emanação do Poder Divino.

17 — *Agostinho* considera o Estado comunidade de paz e justiça, mediante *conversão* ao «Cristianismo» e subordinação à Igreja. *S. Tomás*, o maior representante da Escolástica, conserva a doutrina da subordinação à Igreja, para que o Estado a ajude a colimar os seus fins. O Papa tem o poder de castigar soberanos e dispensar súbditos do dever de obediência. A autoridade tem preponderância sobre a liberdade. O homem, embora livre, fica reduzido à passividade diante da «autoridade civil ou estadual». Não legisla, antes só fica sujeito às leis.

IV

IDADE-MÉDIA E RENASCENÇA

18 — A Idade-Média foi época de trevas e obscurantismo. Nela, no entanto, floresceu a Escolástica. Nesse período da História, o Estado submetia-se ao direito, «encarnação de uma lei».

Na Renascença sobressairam as tendências nominalistas, individualistas e voluntaristas, dando ensejo a que se realizasse e concretizasse movimento oposto — o direito submetia-se ao Estado —. Predominaram duas leis: respeito aos textos, estabelecendo o *ipse dixit*, e obediência à autoridade. Existe ainda outro contacto significativo entre a Idade-Média e a Renascença. Naquela surgiu o espírito so-

cial, quando nesta refulgiu a independência. (*Izquierdo*).

19 — Verificaram-se, pois, nessa fase evolutiva fenómenos de expressão. Descobriu-se o homem e surgiu o «Humanismo», com nova forma mental e nova concepção de vida. Predomina, no Renascimento, o espírito crítico, até então fustigado pelo dogmatismo. Nessa época efectuou-se a Reforma (*Lutero* e *Calvino*), dando ensejo à Contra-Reforma do *Concílio de Trento*. Só então apareceu a ideia do Direito Natural, que, embora considerando o mundo como criação, não tinha como ideia central — Deus e sim o homem.

20 — Destaca-se, nessa fase de transição para o Iluminismo, «época baroca», na segunda parte do século XVII, o nome de *Maquiável*, o célebre secretário de Florença. Coloca ele o pensamento em função da vida, dirigida pelo determinismo e pela natureza. *Maquiável* tem como ideal o de «uma República à antiga», em que o povo, não corrompido, fosse mais sábio e prudente. Acredita que só uma república aristocrática, de tendência monárquica, realizaria o fim de uma *libertá* com *virtú* que, afinal, «parece mais a liberdade própria do que a liberdade dos cidadãos». (*Moncada*).

21 — Realizada a Reforma, apareceu *Bondin*, como precursor de *Montesquieu*. Este, celebrizado com a obra «O Espírito das das Leis», instituía a organização das três funções — «legislativa, executiva e judiciária». De suas atribuições resultaria, como resulta, o «fazer valer as leis». Com a divisão dos poderes, o órgão legislativo não ficou com a função de aplicar as leis, o que evita a indébita intromissão de governos, pondo em perigo a liberdade dos cidadãos.

V

PERÍODO BAROCO — DIREITO NATURAL

22 — Surge, em seguida, o período baroco, de transição, como acentuámos, empolgando espíritos brilhantes, a doutrina do Direito Natural. Avultam-se, entre outros, *Grocio, Hobbes* e *Pufendorf*. Com o tempo, porém, apareceram os negadores, representados pelo Positivismo Sociológico, de *Spencer*, o Jurídico, de *Duguit*, o Crítico, de *Vanni*, constituindo um grupo dos partidários da Evolução, entre os quais se inclui *Ihering*. Um outro grupo, também negador do Direito Natural, evidencia-se com o «materialismo» de *Karl Max* e o «Idealismo» de Hegel. Na actualidade, há tendência para o retorno ao Direito Natural, mediante um sucedâneo, a que se dá o nome de «*Teoria dos Valores*».

23 — A escola do Direito Natural atribui-se fundamento puramente humano, sem fundamento teológico. A «natureza» equivale o estado primitivo, originário, empírico. Só perde esse carácter, quando, em *Rousseau*, se transforma em «postulado da razão». O direito é anterior à lei. A existência de um direito natural pressupõe a existência de uma lei natural — «síntese de conhecimentos, busca na natureza só relações necessárias a que os factos se submetem». Já para *Montesquieu*, «as leis, na mais ampla significação, são as relações necessárias que derivam da natureza das coisas».

24 — Depois do aparecimento da escola do Direito natural passou ela a predominar durante um grande período da evolução do pensamento humano. Conjunto de princípios universais, alicerçados na razão, era decorrência da própria contextura da natureza.

25 — Como se viu, o grupo defensor da Evolução e da Razão enquadra-se na Doutrina Espirita, que faz, de ambas as directrizes, linhas mestras do seu corpo doutrinário.

26 — De entre os pensadores jusnaturalistas, evidenciaram-se vários nomes, destacando-se *Hugo Grocio, Hobbes* e *Pufendorf*.

Hugo Grocio ensina que o estado de natureza não pode apresentar-se como um estado de liberdade ilimitada, nem como estado de insulamento, nem como estado de guerra, senão como estado de paz e de liberdade, regulada pela recta razão e pelas exigências da vida em comum. Razão, para ele, é natureza e instinto. Limita o estado para salvaguarda de uma concepção humanista de liberdade, contra os riscos e perigos do irracionalismo. Pleiteia a separação do justo e do injusto da teologia (Apud *Soler, Solari* e *Moncada*).

Hobbes funda o direito na lei da natureza (*lex naturæ*). Não implica nenhuma ideia moral. Para ele, os direitos são públicos quando derivam do Estado, tendo por fundamento a lei positiva que, sendo expressão racional das exigências da paz e da segurança, se contrapõe à liberdade e ao direito individual. E conclui: «Ali onde termina a liberdade, começa a obrigação» (*Solari*).

Pufendorf tem analogia com *Grocio* e *Hobbes*. O homem é impulsionado a associar-se

pelo instinto de sociabilidade, sentimento moral de benemerência do homem para com os seus semelhantes. É uma necessidade nascida do interesse. «No racionalismo subjectivo, o direito da natureza não é mais do que a objectivação da liberdade, a liberdade do homem realizada racionalmente». O Estado aparece, pois, limitando a liberdade, como «intérprete e guardião da lei da natureza e dos direitos dos indivíduos e, para seus fins sociais, por motivo de índole política, pode suspendê-los ou modificá-los *(Solari* e *Soler)*.

Leibnitz é aristotélico. Retrai o princípio a Deus — unidade suprema de onde tudo procede, não por emanação, mas por criação. Considera a liberdade elevada à lei suprema da vida em comum. (*Solari*).

Thomasius consagra a separação iniciada por *Grocio*, critério político para limitar o poder do Estado e reivindicar, diante dele, a liberdade de consciência. Separa o honesto, o justo, o decoroso, correspondentes à Moral, ao Direito e à Política. Desenvolve as questões das relações entre os deveres mrais jurídicos *(Solari)*.

Wolf reduz a liberdade e a igualdade e morais jurídicos *(Solari)*.

27 — O desenvolvimento do Direito Natural determinou o pensamento de *Rousseau*, cuja obra é tida como Evangelho da Revolução Francesa. Desse movimento tão marcante para a humanidade há extraordinária herança, consistente na proclamação dos Direitos do Homem, que define o

> «Le but de toute association politique est la conservation des droits naturels et imprescriptibles de l'homme. Ces droits sont la liberté, la propriété, la sûrété et la resistence à l'opression».

Já a *Enciclopédia*, monumento de sabedoria, define o Direito Natural como

> droit naturel, droit que la nature done a tous les hommes de disponer de leurs personnes et de leurs biens, à la manière qu'ils jugent la plus convenable à leur bonheur, sous la restriction qu'ils le fassent dans les termes de la loi naturelle, et qu'ils n'en abussent pas au prèjudice des autres hommes. Les lois naturelles sont donc la regle et la mesure de cette liberté...».

INDAGAÇÃO

por **M. DEL VILAR BECERRA**

— Onde está Deus?...
— Em toda a parte
Se o tens no coração;
mas se o não tiveres,
tão pouco o acharás
nas veredas
da existência.
Nem no eterno singrar
por abismos profundos;
nem nesse firmamento
onde os astros se encontram
e saúdam olímpicos...
sem choques... em silêncio...
— Então, onde está Deus?
— Oh, nunca o acharás
em parte alguma,
se o não encontrares
em TI MESMO...

(Versão de I. D. S.)

28 — Conhecido o rudimento do Direito Natural, com base na razão, cumpre-nos observar que o direito natural e lei natural são idênticos. Direito Natural pode ser compreendido como a liberdade que o homem tem de acatar ou não a norma. Para a inobservância da norma, há uma sanção, mas o homem não deixa de ser livre «aceitando livremente a sanção» (*Croce*, «Filosofia Della Prática»). Para outros, lei natural é um princípio segundo o qual se afirma a regularidade de certo grupo de factos. «Facto é o conteúdo da lei», de que o facto depende para o conhecimento da realidade.

29 — Se o homem não deixa de ser livre, inobservando a norma, e se aceita, livremente, a sanção, resta-nos saber o que é a liberdade. Para *De Ruggiero* (*apud Soler*), «a liberdade não consiste em fazer o que se quer, senão que, em uma sociedade em que haja leis, consiste em poder fazer o que se deve querer». Já para *Cossio* («La Plenitud del Orden Jurídico»), a liberdade é um «suposto gnoseológico do direito». Há quem acredite a liberdade indefinível. A sua definição tem sido o tormento dos filósofos.

(Continua)

ANDRÉ JACKSON DAVIES

por **ANSELMO PAERMENTIER**

André Jackson Davies foi um médium exemplar e por isso nos ocupamos da sua personalidade para que a sua vida nobre sirva de estímulo aos seus congéneres.

Nasceu em 1826 nos Estados Unidos da América do Norte, de pais trabalhadores com pouca instrução. O seu progenitor era dado à bebida. A constituição física de seu filho era débil, semelhante ao seu desenvolvimento intelectual, tanto que esquecia com frequência o que aprendia na escola. Por estas razões fundamentais, ninguém supunha que naquele ser existissem, latentes, forças de incrível projecção, reveladas um dia à passagem de um feirante que fazia exibições magnéticas na presença de várias pessoas que o circundavam e se submetiam às provas, demonstrando-se logo que Davies tinha poderosa faculdade de clarividência.

Não passou despercebido este poder a um alfaiate chamado Levingstone, que parecia ter conhecimentos do assunto e por isso propôs ao nosso herói o trabalho em comum, abandonando o seu próspero negócio e utilizando a faculdade de Davies no diagnóstico das doenças. A descrição sintetizada das mesmas era, mais ou menos, assim: o corpo humano torna-se transparente aos olhos de seu espírito e de claridade meridiana, observando-se uma radiação especial própria que se obscurece no caso de enfermidade.

A propósito, não poderia esquecer um aforismo de Hipócrates, por meio do qual se corrobora a afirmação de Davies: «A alma vê as afecções do corpo com os olhos físicos cerrados».

A princípio usou esta faculdade para se divertir, lendo cartas com os olhos vendados e adivinhando a hora nos relógios dos circunstantes. Mas é medida que essa faculdade se desenvolvia nele, alargavam-se também os seus serviços. Uma vez desdobrado o seu corpo etéreo, transportava-se para onde o dirigiam e voltava infalìvelmente com as informações pedidas.

Por outro lado, às vezes desprendia-se à vontade, descrevendo minuciosamente como via os minerais através do solo, o seu brilho e a radiação especial de cada um. Deve notar-se que, nas suas primeiras experiências psiquicas, ao sair do transe perdia por completo a lembrança das impressões recebidas, as quais eram fàcilmente recordadas nos anos posteriores.

Aos 19 anos sentiu irresistível impulso de escrever um livro, em cujas páginas responderia às perguntas que lhe tinham formulado, dizendo: «Responderei a isso no meu livro».

Quando desenvolveu essa faculdade, a influência magnética de Levingstone pareceu declinar e ser desnecessária para o objecto, pelo que se procurou um novo magnetizador chamado Dr. Lyon, que parecia indicado para o caso. De facto, este abandonou a clientela e acompanhou Davies a Nova Iorque, submetendo-o a transes magnéticos diários e cujos resultados foram devidamente registados pelo seu secretário, o Rev.° Fishbourgh, que também aceitou o cargo, ou missão, abandonando as suas actividades.

Deve dizer-se que estes homens não tinham desejos de lucro, pois eram levados apenas pela necessidade espiritual de decifrar o grande enigma da vida e da morte, finalidade cuja nobreza é relativamente significativa, sobretudo quando se vive num mundo em que impera a ambição de riqueza material, por muito bela que seja a causa que se defenda.

Vejamos agora o que escreve o Doutor Jorge Bush, professor hebreu da Universidade de Nova Iorque, que assistia a todas as sessões experimentais:

«Afirmo solenemente que o ouvi falar correctamente a língua hebraica nas suas sessões e exibir conhecimentos de geologia impróprios de pessoa da sua idade, embora se tivesse dedicado muitos anos a tais estudos. Além disso, discutia com a mesma habilidade as mais profundas questões de arqueologia histórica e bíblica, de mitologia, da origem e afinidades da linguagem e progresso da civilização nas diferentes regiões do globo, o que honraria qualquer erudito da sua idade, que tivesse passado por todas as bibliotecas da cristandade. De resto, ainda que tivesse adquirido todos os conhecimentos exibidos nas sessões, já não digo nos anos transcorridos desde que abandonou os bancos da escola, mas em toda a vida, com os mais aturados estudos, nenhum prodígio intelectual do mundo se lhe poderia comparar um só instante, visto que nunca leu um só volume ou uma página».

E continuemos com Bush nas observações de Davies: «O perímetro da sua cabeça é pobre...». «Sim, o tamanho ou medida do poder, da capacidade daquele rapaz era limitado. Os seus pulmões eram fracos e pouco desenvolvidos. Não teve influências refinadas, pois as suas maneiras eram rústicas e vulgares. Não conhecia gramática, nem as regras da linguagem, nem tinha ideia dos científicos e literatos».

Tal era Davies aos 19 anos, do qual fluíam torrentes de palavras e ideias profundamente complexas, além de serem ditadas em termos doutos. Foi este, realmente, o começo da grande revelação psíquica deste médium, objecto de vários livros, sob o título de «Filosofia Harmónica», de que se fizeram 40 edições.

Nesse tempo continuava o seu desenvolvimento psíquico, tanto que já não necessitava de auxílio para entrar em transe. Assistiu à desencarnação de uma mulher e os pormenores fornecidos concordam exactamente com o que se passa no momento da morte.

Diz ele que a primeira coisa que separa o corpo fluídico do físico é a cabeça; depois, ràpidamente, fica inteiramente livre, formando um ângulo recto com o corpo somático. Os pés ficam muito perto da cabeça e a união limita-se a um fio luminoso, correspondente ao cordão umbilical. Rompido este, uma pequena parte volta ao corpo para evitar a putrefacção imediata.

Na descrição que faz do corpo etéreo, diz textualmente: «Demorou algum tempo a adaptar-se ao novo meio, até que atravessou o compartimento contíguo, saiu pela porta e se elevou no espaço. Quando saiu da casa uniram-se-lhe dois espíritos amigos vindos da região espiritual; e depois de se reconhecer e entrar em comunicação da forma mais graciosa, começaram a subir obliquamente através da envoltura etérea do nosso planeta. Andavam juntos tão fraternalmente, que a

custo me podia convencer de que poisavam no ar. Parecia que andavam na faida de gloriosa montanha que lhes fosse familiar. Continuei a fixá-los, até que a distância os afastou da minha vista».

Tal é a visão exacta do derradeiro instante dado por este clarividente que se chama André Jackson Davies, visão corroborada por outros videntes, como já disse, entre os quais citarei mais alguns.

Trata-se de uma senhora chamada Monk, de Cincinnati, Estados Unidos, que em 1923 foi dada por morta pelos médicos, mas que, na realidade, caiu em estado cataléptico tão profundo, que se assemelhou à morte, voltando depois à vida. Esta senhora escreveu as suas impressões relatando a saída de casa, como se um fio prateado continuasse a unir a sua alma viva ao corpo comatoso.

O segundo caso referiu-o o jornal Luz, de 25 de Março de 1952. Trata-se de uma senhora moribunda, com 5 filhos, todos clarividentes, que viram e descreveram da mesma forma o relato do chamado profeta da nova revelação. E voltando a Davies, vejamos até onde chegou o seu poder profético, segundo um dos seus livros publicados cerca de 1856, em que se lê o seguinte:

«Pergunta — Poderá o utilitarismo fazer outros descobrimentos no campo da locomoção?

«Resposta — Sim, ver-se-ão carruagens e salões para viajar nas estradas, sem cavalos, sem vapor, sem força motriz visível, movendo-se com muito maior velocidade e segurança do que agora. Os veículos serão impulsionados por uma estranha, simples e agradável mistura de gases aquosos e atmosféricos, tão fàcilmente condensados e inflamados e de tal modo ligados às máquinas, mais ou menos parecidas às nossas, que ficarão completamente ocultos, manipulando-se entre as duas rodas dianteiras. Esses veículos acabarão com os aborrecimentos de todo o género que hoje dificultam a vida dos pessoas residentes em territórios pouco povoados. A primeira coisa que exigirão essas locomotoras sem carris de ferro é magníficas estradas em que as máquinas desprovidas de cavalos possam andar com rapidez. Tais veículos parecem-me de construção simples».

«Pergunta — Haverá alguma forma de tornar mais rápida a arte de escrever?

«Resposta — Sim, estou quase tentado a inventar um psicógrafo automático, quer dizer, uma alma escritora artificial. Pode construir-se como um piano, com uma escala de teclas que representem os sons principais; outra mais abaixo, representando uma combinação, e uma terceira representando mais rápida combinação, de modo que a pessoa, em vez de tocar a nota musical, escreva um sermão ou um peoma».

Também predisse o advento do Espiritismo no seu livro «Princípios da Natureza», publicado em 1847, onde diz que é verdadeira a comunicação entre espíritos encarnados e desencarnados, e que esta verdade seria revelada em forma demonstrativa que o mundo receberia com prazer, afirmando que esta comunicação já estava estabelecida entre os habitantes de Marte, Júpiter e Saturno e seria iniciada aqui na manhã de 31 de Março de 1948.

Ele o disse em suas notas: «Esta manhã, ao amanhecer, um hálito fresco passou em meu rosto, e ouvi uma voz terna que me dizia: «Irmão, começou o bom trabalho, contempla a demonstração vivente que se inicia».

Nessa mesma noite o mundo foi testemunha dos fenómenos de Hydesville. Não quis terminar esta biografia sintética de Davies sem lembrar as recomendações feitas aos espiritas, especialmente aos médiuns, e que são sempre de actualidade (talvez, sem querer pecar por exagero, mais necessárias do que nunca, porque o momento é difícil); o ambiente onde se actua é geralmente pesado e onde reina o invisível é poderoso. A sua acção, com as nossas armas, fortalece-se e dá-lhe maior facilidade de se impor. Diz-se nessas recomendações:

«Os espiritas ajudaram-me durante muito tempo, mas não dominaram a minha pessoa nem a minha razão. Podem e devem realizar os melhores serviços em benefício dos que estão na terra, mas esses benefícios só podem procurá-los aqueles que permitem aos espíritos que sejam mestres e não donos, isto é, companheiros e não deuses, a quem se deva adorar».

Quanto à sua vida, direi apenas que foi muito pobre, pois viveu do seu trabalho; foi justo e caridoso, condições estas que, por si sós, são suficientes para honrar um homem, um espirita consequente que soube pregar com exemplo vivo e edificante.

(Tradução de I. D. S.)

(Colaboração da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires).

DOIS LIVROS

FACTOS, de Antònio J. Trindade

Eis um livro curioso e interessantíssimo que todos lerão com avidez crescente. Vazado em linguagem simples mas sugestiva, é um aliciante repositório de factos que impressionam verdadeiramente, alguns deles estimulando o desejo de investigar nos reinos do mistério e outros obrigando às mais estranhas cogitações. É seu autor António J. Trindade, um português que se encontra no Brasil há mais de 40 anos e ali tem desenvolvido uma acção poderosa a favor do Espiritismo. Os factos que nos conta viveu-os ele intensamente em corrida de Estado para Estado, ora no litoral, ora no sertão. Ler este livro é avaliar em justa medida os prodígios que se podem realizar, uma vez que nos integremos na Doutrina.

Um volume de grande formato e papel especial ..... 50$00

DO PAÍS DA LUZ, de Fernando de Lacerda

Esta obra extraordinária, única no género e reunida em quatro elegantes volumes editados pela Federação Espirita Brasileira, é uma colectânea de mensagens dos mais afamados escritores e políticos portugueses, cujo estilo e linguagem não deixam dúvidas sobre a identidade dos comunicantes.

Todos os espiritas lusos que o possam fazer devem adquirir esta colecção magnífica em que muito se pode aprender acerca da vida e da morte.

Os 4 volumes brochados ..... 153$00

O 3.º CONGRESSO ESPIRITA PANAMERICANO

Por PEDRO ALVAREZ Y GASCA
(Correspondente no México)

Entre as duas formosas penínsulas do Yucatán e da Florida e rivalizando com elas por sua beleza emerge do mar uma ilha que, por um lado, defronta a imensidade do Atlântico e, por outro, as terríveis tempestades do Caribe. É a Ilha de Cuba, cuja superfície, quer em planuras, quer em colinas, é sombreada por pequenos bosques de palmeiras reais e enverdecida por várzeas de café, cana de açúcar e de tabaco, enquanto as cintas prateadas dos seus rios a atravessam em busca do seio do mar.

Nesta ilha privilegiada pela Natureza, se realizou o 3.º Congresso Espirita Panamericano, nos dias 3 a 10 de Outubro de 1953. A Confederação Espirita Panamericana (C.E.P.A.) tem organizado estes congressos que considera de suma importância para a constituição da escola espirita, visto que, sendo o Espiritismo Moderno uma ciência muito complexa que serve de base a profundos aspectos filosóficos, doutrinários e morais, se encontra exposta a falsas apreciações, e divergências e a erróneas interpretações.

É por isso que se considerou de urgente necessidade a reunião de assembleias nacionais e internacionais amplamente capacitadas, para que, examinando a marcha das ideias espiritas e seu desenvolvimento progressivo, tanto nos meios de alto nível intelectual, como no seio das massas populares, pudessem agir —sem por isso se constituirem em árbitros absolutos — como orientadoras e unificadoras e até depuradoras das correntes emanadas de tais ideias.

A Confederação Espiritista de Cuba, auxiliada pela União das Mulheres Espiritistas de Cuba, encarregou-se de preparar o Congresso. À frente da Comissão Organizadora ficou o culto Doutor Miguel Santiestéban. O vasto assunto abarcou todos os aspectos que acima apontamos, propondo temas importantes e variados, entre os quais é digno de especial menção o relativo à projecção das ideias espiritistas nas relações sociais e humanas. Encontramos este ponto de singular interesse, porque nos parece sintomático que o espiritismo americano se vá orientando para compreensão profunda do significado de seus princípios, catalogando-se, não já como nova escola científica ou filosófica, nem como religião a mais entre as que tanto dividem a humanidade, mas como ideia fundamental e universalista que vem transformar o indivíduo e, por ele mesmo, a sociedade; que modifica as bases sobre as quais assenta o desenvolvimento das relações humanas — que é mudar as próprias bases da vida social e moral — e que traz, portanto, o germe de nova vida, maior, mais completa, mais generosa e mais bela, capaz, por sua universalidade, de regenerar as ideias e os sentimentos dos diversos grupos humanos.

Ante panorama tão vasto e programa tão importante, todo o sacrifício é pouco. O esforço resulta pequeno, mas de incalculável valor por suas consequências transcendentais. Mas, sobretudo, devemos convencer-nos de que tão gigantesco labor não pode realizar-se isoladamente. É trabalho de conjunto. É trabalho que necessita de todos os braços, de todos os cérebros, de todos os corações. E nós, os espiritistas, somos muito propensos ao isolamento. Não temos consciência colectiva. Não temos consciência de que constituímos uma grande família espalhada pela Terra e que, embora fale diversas línguas, pensa e sente em uníssono. A obra do progresso não pode limitar-se a esforços parciais. É preciso unificar todos os esforços, organizá-los e orientá-los para objectivo determinado e preciso. Quando um grupo de atletas tenta derrubar um obstáculo, este último resistirá, se os impulsos forem discrepantes e isolados. Mas se os esforços se coordenarem em ritmo sincrónico, o impulso tornar-se-á invencível e o obstáculo cederá fàcilmente. É necessário, pois, criar, desenvolver e educar essa consciência espiritista de colectividade, de família humana, de trabalho universal. O espiritista não pertence a um centro de estudos, porque esse centro é parte de luminosa rede que cobre a Terra, de hemisfério a hemisfério, de polo a polo. O espiritista é membro de uma família que fala todas as línguas, que abrange todas as cores, todas as classes sociais e todas as gradações espirituais e morais. O espiritista é um trabalhador. É o obreiro do progresso sobre a Terra.

E nada melhor para despertar esta consciência, para a desenvolver e orientar, do que a realização destas magnas assembleias internacionais. Os espiritistas mundiais acorrem a elas com seus problemas, estudos, observações e iniciativas. Recolher estes problemas, estudá-los e analisá-los —tornando-os próprios—cria forçosamente um sentimento solidário de amorosa convivência, de unidade humana. Se, pelo contrário, os dirigentes permitirem que o congresso se converta em centro de disputas, de lutas fomentadas por susceptibilidades, por falsas superioridades, por fanatismos e pobrezas de espírito, seus frutos estarão condenados à divisão interna e ao fracasso moral.

Num artigo sobre o mesmo tema publicado no México, dizia eu: «O Congresso deve estudar, examinar, analisar e orientar todos os trabalhos, todas as esperanças, todos os anelos. Deve atender todos os problemas, gerais ou locais, que em qualquer parte da América — e do mundo — se apresentem. O Congresso deve intensificar a propaganda das ideias espiritistas, sob todas as formas e na mais estrita legalidade. O Congresso deve prever e atender à defesa dos direitos sagrados e inalienáveis de todos os seres humanos na livre expressão de suas ideias. O Congresso deve preparar o sulco vivo que receberá a semente do progresso e do amor. O Congresso deverá alargar os caminhos que há-de seguir a ciência do futuro».

É indubitável que as possibilidades de realizar tão delicada e transcendente missão se estribam na preparação e no espírito que devem caracterizar tais assembleias. É necessário que esse espírito seja, ao mesmo tempo, aberto a todas as novas ideias que representem progresso e suficientemente prudente para as patrocinar. Quer dizer, que não se deve meter a Ciência do Espírito no círculo de ferro do fanatismo científico, ainda pior do que o religioso, visto que, apoiando-se num princípio racional, é mil vezes mais difícil de destruir; mas tão pouco se deve deixá-la à mercê de fantasias ilusórias, interpretações extravagantes e falsas teorias filosóficas.

Bem sei que é extremamente difícil conseguir semelhante ambiente em assembleias numerosas e até nas pouco numerosas. Mas conseguir um ambiente adequado ao progresso, em qualquer lugar e circunstância, foi sempre muito difícil e, contudo, essa tarefa tem-se realizado em muitos aspectos.

Aqueles que tal coisa pretendam encontrarão, como invencível obstáculo, a dificuldade de se despojarem de todo o personalismo. Nada de preconceitos. As susceptibilidades e o amor-próprio serão grandes estorvos. É necessário um juízo desapaixonado, recto e firme, e, sobretudo, uma honradez a toda a prova no pensar e no sentir. Também não deve haver imposição de ideias. Já dissemos que o trabalho do Congresso, mais do que de árbitro absoluto, deve ser de luz que esclareça e oriente os problemas para a sua própria solução.

E como distinguir o trigo do joio? Como distinguir a verdade da impostura? Como encontrar as fronteiras entre a realidade e a fantasia?

Na Ciência do Espírito há duas fontes essenciais para o conhecimento da verdade: a investigação humana e a revelação espiritual. A primeira será válida, sempre que se apoie na ciência e nos métodos científicos. A própria Filosofia deve erguer-se nesta base inamovível. «O Espiritismo será científico ou não será». A respeito do segundo — causa de grandes confusões e teorias descabeladas — devemos lembrar-nos de que toda afirmação feita por um espírito, embora elevado, deve ser tomada como opinião pessoal dele ou de outros. Só quando a afirmação for confirmada pela generalidade dos espíritos elevados, em todas as latitudes da Terra, poderá catalogar-se como verdade revelada ao homem pelo mundo espiritual. Tal é o caso do «Livro dos Espíritos».

E, por último, também o Congresso deve manter em alto nível o estandarte glorioso da luta pelo Espírito. E que significa lutar pelo Espírito? Lutar pelo Espírito significa:

Erguer-se contra a injustiça, sem ver se aquele que a pratica pode amachucar-nos.

Praticar o bem, sem ver se o que o recebe pagará com o mal e a ingratidão.

Levar a todas as inteligências a luz da Verdade e a todos os corações a esperança de um mundo melhor.

Escudar-se contra as desilusões na fé inquebrantável da grandeza do futuro.

Converter-se em obreiro do progresso universal, lutando contra as paixões funestas e os vícios que mancham e envilecem o ser humano.

Levar a verdade a todos os horizontes, sem preocupações.

Acender nas almas o belo ideal do Espírito, cuja luz nos permite ver a grandeza da alma humana e envolve os seres e os mundos numa vibração universal.

(I. D. S. traduziu)

UMA TRAGÉDIA REDENTORA

por **LEOPOLDO MACHADO**

Maria da Conceição Teixeira era internada do *Lar de Jesus,* desde o primeiro dia. Era uma daquelas «vinte e cinco filhinhas de uma vez», do soneto inaugural. Onze anos de *Lar de Jesus,* para onde fora pequenina, com cinco anos apenas. No *Lar,* formou o seu carácter, desenvolveu a sua inteligência, cultivou o seu espírito. Estudiosa, quis ultrapassar o ensino primário. E ultrapassou, fazendo o admissão e o ginasial no *Colégio Leopoldo.* Se não foi uma aluna excepcional, nunca repetiu ano algum. Com inclinação para o magistério, ao vagar a cadeira de professora do *Lar de Jesus,* fez o concurso na Prefeitura e foi nomeada professora municipal das primeiras letras de suas irmãs menores.

Estudava bem as suas lições para não ter de repetir algum ano. Zelava por certas tarefas, que lhe eram confiadas no *Lar de Jesus.* Distribuia, aos domingos à tarde, às irmãs, livros e revistas para leitura recreativa. E ainda não deixava de ouvir os programas de televisão, até às 21 horas!

★

O seu primeiro ordenado de professora municipal entregou-o inteiro ao *pai.*

— Não, minha filha. O dinheiro é seu. O *Lar* não aceita o seu dinheiro. Abra uma caderneta na *Caixa Económica,* para quando você ficar moça e se casar; para seu futuro; dê uma parte à sua mãe, que é pobrezinha, e retire alguma coisa para as suas despesas diárias.

Assim ela fazia mensalmente.

★

O *Lar de Jesus* tem uma filha internada, há oito anos, em *Bom Clima,* Petropólis, num sanatório infantil. Lá ficou mocinha. As irmãs religiosas, que dirigem o Sanatório, meteram-lhe o rosário nas mãos, ladainhas nos lábios e rezas na cabeça. Mas, não lhe tiraram o afecto e a gratidão pela Casa que a recebeu, em que viveu durante dois anos, apenas. Por isso, veio, depois de oito anos, passar uma semana na sua primeira casa, no seu primeiro abrigo. E foi saudosíssima que voltou para o sanatório, em companhia de dois excelentes tios que Deus lhe deu entre os espiritas generosíssimos de Cascatinha. Suas irmãs fizeram-lhe um solene e emotivíssimo bota-fora no *Lar de Jesus.*

Maria da Conceição, no programa do bota-fora da irmã, a quem muito apreciava e gostava, teve saliente actuação.

Foi um domingo grande, belo e festivo, até sentimental, pois, na hora da partida, dissemos a Eunice:

— Você, agora, não é mais do *Lar de Jesus;* é de todas as irmãs. Trocou, sem saudades, seu pai daqui, pelas irmãs religiosas de lá.

Ela não respondeu. Sorriu tristemente e teve lágrimas nos olhos.

Fruto da sua dedicação no *Lar,* em que a criança não tem a noção de que é demais, de que está vivendo da caridade, será?

★

Na manhã seguinte, Maria da Conceição Teixeira, foi cedinho para o Colégio, à aula de ginástica. Forte cerração. Ela, para encurtar caminho, e talvez por já estar atrasada, atravessou a linha pelo caminho mais curto. Livrou-se do eléctrico que subia e foi apanhada pelo que subia. Foi — coitadinha! — esmagada, estraçalhada pelo monstro de aço. Clamor geral de toda a gente! No Colégio, nas casas amigas, no *Lar,* na cidade! Agora, para o pai ficar sabendo, dado o receio geral de que seu coração...

— Nós sabemos que você está preparado para os grandes golpes, mas...

— Mais um, pois não? Pois, diga, diga, que não será ainda desta vez...

Exposta com muita cautela, a história da morte da pequena, apenas respondemos, só Deus sabe com que angústia:

— Deus asim o quis... se não foi esta a sua prova. Agora, vamos orar pelo seu espírito liberto.

Reunimos as outras crianças na secretaria, dizendo-lhes sumàriamente:

— Minhas filhas, o «eléctrico» atropelou a Conceição e matou-a. Deus assim o quis. E ela talvez pagasse, morrendo assim, o resto das culpas do seu espírito. Vamos orar, pedindo ao Pai do Céu o seu regresso à Pátria Espiritual.

A Lúcia, a mais vèlhinha delas, orou em lágrimas. Lágrimas que se espalharam fartamente por todos os olhos. E foi com os olhos húmidos e humidade na voz, que terminámos a prece.

★

O enterro saiu do *Lar de Jesus.* Féretro? Pedaços do seu corpo apanhados, aqui e ali, reunidos num caixãozinho todo branco como a sua alma. Era de cortar o coração! Um irmão seu, cai numa crise seriíssima de nervos. Sua velha mãe, lamenta magoadíssima: «Minha pobre filha! Logo agora que ela havia começado a ajudar-me a suportar a velhice, dividindo comigo o seu ordenado!». Prof. Newton, seu tio espiritual, diz, com emoção, da espécie de aluna que ela fora, pois terminava o curso ginasial este ano. Tia Etelvina, a directora interna do *Lar de Jesus,* lembra a internada que ela fora. Nós, salientamos que era a única que ainda permanecia no *Lar de Jesus* desde o primeiro dia, pois, nem acompanhara a irmã que saíra, quando já era mocinha.

E sai o féretro conduzido por internadas da *Casa de Lázaro!*

No dia seguinte, sessão mediúnica. — A sessão que, há 19 anos, presidimos!

Manifesta-se o ilustre confrade J. B. Chagas e diz, também com muita emoção: «Meus amigos: Era a prova por que tinha de passar a Maria da Conceição. Ela escolhera essa espécie de morte para resgate das suas últimas faltas, do seu resto de culpas. Nós — mãe Marilia, eu, todos os amigos do *Lar de Jesus,* — antes do acontecimento, aguardávamos o espírito numa das enfermarias da Espiritualidade. Depois do desastre — e ela nada sentiu! — levámos o espírito que, a estas alturas, ainda está sem consciência do que lhe sucedeu. Ela foi, meu amigo, tua filha noutra encarnação. Donde não querer sair do *Lar.* Preces por seu espírito, que há-de ser mais um trabalhador da grande Seara do Mestre.

Uma tragédia, sim!

Mas, que redime!

AS EXPERIÊNCIAS DE KUDA BUX

Um homem de olhos fechados por espessa venda, lê, escreve, e, a pedido, passeia de bicicleta em ruas onde circulam numerosos veículos. Não se dirige, hesitando, como cego que conhece os obstáculos pelo som ou pela «presença». Não! Ele vê sem olhos! Ele vê com a pele!

Este fenómeno, que parece confirmar as teorias de Jules Romains, acerca da visão extra retiniana, espantou milhares de pessoas, perturbou numerosos sábios.

Alguns ficam cépticos, porque não chegam a compreender. Entretanto, tiveram de confessar que não descobriram nenhuma falcatrua.

Os ingleses, que não costumam perturbar-se facilmente, ficaram estupefactos com as faculdades extraordinárias desta personagem.

Um grupo de americanos cépticos que tiveram conhecimento da experiência, feita, com sucesso, em Inglaterra, não se convenceram com os comentários entusiásticos e convidaram Kuda Bux a repetir-lhes a experiência, ao que ele acedeu.

Aplicaram-lhe então nos olhos massa de farinha triga em espessa camada e cobriram-na com algodão hidrófilo, segurando tudo com ligaduras das que se usam nos pensos de feridas e enrolando-lhe a cabeça com cinco toalhas.

Vendado desta maneira, escrevem num papel: «Pode ler isto?» e Kuda Bux repete a lápis a pergunta. Escrevem de novo: «Como fez isso?». E ele repete, acrescentando: «Veja se consegue adivinhar!».

Traçam num papel um desenho estranho com muitas curvas e contra-curvas e Kuda Bux, de lápis na mão, segue rigorosamente toda a complicada figura.

Em Manchester, fizeram-no observar por um médico eminente, antes de uma representação no Teatro do Hipódromo. O médico, muito céptico, empregou também a massa de farinha para lhe obturar os olhos e impedi-lo de ver e, como não acreditava na possibilidade de ver sem olhos, disse-lhe que montasse numa bicicleta e fosse passear nas ruas de Manchester, durante o tempo que quisesse, acrescentando, irónico, que seria bom ter cuidado com a circulação...

— Agradeço-lhe muito, Dr., mas não se inquiete, que eu vejo perfeitamente — respondeu Kuda Bux.

Desceu as escadas a quatro e quatro e montou na bicicleta, enquanto um jornalista e alguns curiosos o seguiram de automóvel.

Aterrorizados por verem esse homem em bicicleta com a cabeça ligada daquela forma, os automobilistas, cheios de pânico, faziam grandes curvas para evitá-lo. Kuda Bux mantinha-se calmo.

Três sábios quiseram examiná-lo depois da experiência: o sr. Edouard Andraden, professor de Física da Universidade de Londres, o Dr. J. G. Porter Philips, director do Bethlem Royal Hospital e o Dr. Jennings Marshall, cirurgião do Hospital de Charing Cross, que o submeteram a várias experiências. Kuda não teve dificuldade em se orientar e em ler sem os olhos e, como brinde, à margem das experiências, provou que era capaz de parar o coração, quando quisesse.

— Tactêem-me o pulso, — disse ele ao Dr. Philips.

O seu corpo tornou-se rígido, os seus lábios cerraram-se e o pulso deixou de bater. O electrocardiograma registou o fenómeno.

Os médicos ficaram extremamente perturbados. O que ele fazia era cientificamente impossível. Mas tiveram de reconhecer que ele fazia o que prometia e que tinham assistido à coisa mais incrível do mundo.

Eis como esse extraordinário hindu de 47 anos conta os meios que empregou para tal fim:

Nasci em 1905 em Akmur, no Estado de Cachemira, de família burguesa. Meu pai era engenheiro. Aos 13 anos, quando andava na escola, um prestidigitador foi ali dar uma representação. Fiquei muito impressionado e convencido de que era magia verdadeira. Resolvi seguir esse encantador; e reunindo todas as economias, fugi de casa e tomei o comboio para Lahore, que ficava a 200 milhas da minha terra.

«Encontrei-o então numa modesta oficina, tentando aperfeiçoar os seus *passes* e ofereci-lhe os meus serviços para o ajudar. Passei a procurar a clientela.

«Durante algumas semanas a coisa pareceu-me melhor do que ir à escola, mas sofri amarga decepção ao descobrir que havia apenas habilidade na técnica do meu patrão.

«O herói» depressa foi apeado do seu pedestal e convenci-me de que, se existia a verdadeira magia, só poderia encontrar-se nos *yoguis;* mas, ao contrário deles, eu queria obter as suas faculdades para me tornar conhecido e rico.

«Deixando o professor (na Índia, chamam professores aos prestidigitadores), fui actor ambulante até aos 16 anos e meio, quando consegui arranjar uma carta de apresentação para um sábio *yogui* que habitava em Hardawar.

«Começou a minha instrução pela cultura física e fez-me executar os movimentos mais difíceis para me assenhorear da respiração. Ao fim de algumas semanas tornei-me impaciente e pedi ao meu iniciador que me obrigasse à ginástica mental, de preferência à ginástica física, ao que ele respondeu:

«— Se aprenderes a controlar o corpo, o «contrôle» do espírito virá automàticamente.

«— Eu desejo as duas coisas — respondi. E continuei a importuná-lo, até que acedeu.

«— Então, vou indicar-te os exercícios para desenvolver o teu espírito *consciente.*

«— Porque diz «consciente»?

«— *Porque cada um tem dois espíritos: o consciente e o subconsciente. O subconsciente está nitidamente concentrado, enquanto o outro é o que cada um utiliza. Está espalhado e desorganizado. Interessa-se por milhares de coisas diferentes, as que tu vês em torno de ti e aquelas em que pensas intimamente. Portanto, deves concentrar-te de tal maneira, que possas realizar uma só coisa de cada vez e nada de qualquer outra.*

«Após dois anos e meio desta prática diária, eu era capaz de ver a cabeça de meu irmão durante dois minutos e um quarto, como se ao pé de mim estivesse. Eu fazia progressos, mas uma coisa interessante se produziu. Os exercícios fizeram-me perder o olfato. Então a necessidade de ganhar a vida obrigou-me a partir de Hardawar para Calcutá, onde realizei sessões de prestidigitação, sem abandonar os meus exercícios pessoais.

«Um dia, em Dacca, no Estado de

Bengala, ao representar num colégio, vi um homem que podia andar sobre o fogo. No fim da demonstração, esse «fenómeno» convidou alguém a imitá-lo. Apresentei-me com mais três outros assistentes. Estes, quando experimentaram, feriram gravemente os pés e a multidão começou a rir-se quando eu avancei. *Concentrei-me então com todas as forças, dizendo comigo mesmo: «O fogo é frio, o fogo é frio e não me queimará!». Cheguei a concentrar-me ao ponto de só ver o fogo e a pensar que o fogo era frio. E consegui atravessá-lo sem me queimar.*

«Alguns anos mais tarde, em presença dos membros da Universidade de Londres, para Investigações Psíquicas, repeti a experiência. Os médicos presentes tiveram de confessar que eu tinha dons excepcionais. Disse então a mim mesmo: «O poder começa a visitar-me». E lembrei-me de uma frase do velho *yogui* de Hardawar: «Certas pessoas concentram-se com tal força, que chegam a ver sem se utilizarem dos olhos». Doravante, o meu fim será esse; ver sem os olhos. Todas as noites acendia uma vela e começava a fixar a chama. Uma chama de vela, como todos sabem, tem três partes distintas. Eu colocava a vela a pequena distância, com a chama diante dos olhos de forma que não fatigasse nenhum músculo dos olhos, olhando para cima ou para baixo. Então começava a fixar a parte negra da chama, até abstrair por completo o que me rodeava. *Lentamente, fechava os olhos e concentrava-me na fisionomia de meu irmão. Fazia isto todas as noites antes de me deitar e, em 1929, quando tinha 24 anos, cheguei a visionar a cabeça de meu irmão, durante três minutos, sem me distrair.*

«Tinha sempre um cronómetro para verificar os meus progressos, segundo por segundo, o que me dava ao mesmo tempo encorajamento para continuar.

«Então comecei a notar que, fechando os olhos depois de fixar fortemente um objecto, chegara a ver obscuramente o seu contorno. Todos sabem que nós temos dois sentidos da vista, como temos dois sentidos do olfato, do gosto, do tacto e do ouvido. Há o sentido exterior que está muito desenvolvido e é o que nós usamos. Mas há também o interior. Se nós desenvolvermos este último como desenvolvemos o outro, poderemos cheirar sem narinas, gostar sem língua, ouvir sem ouvidos, apalpar sem toque e ver sem olhos, Todas as noites perseverava nos meus exercícios. Em breve comecei a trabalhar com um baralho de cartas. Fechava os olhos, tirava a carta de cima, mantinha-a na minha frente procurando vê-la e, com um lápis na outra não, escrevia num papel o que ela representava. Tirava outra e fazia o mesmo. Exercitei-me com o baralho todo e no fim verifiquei um êxito de 60 a 70 por cento. Em 1933 podia ler um livro, velando os olhos completamente; agora tenho o dom de vêr sem os olhos.

Depois, acrescentou:

— Você está com vontade de fazer uma pergunta. Se posso ver através de uma folha de metal. Não! Não posso! Eu não utilizo totalmente os olhos quando estão vendados e sei que é com os poros da pele nua que posso ver. Mas nada verei, se parte da pele *nua* não estiver em frente do objecto que me apresentarem. Se puserem uma folha de metal diante de mim, não lerei num livro que esteja do outro lado, a não ser que ponha lá a mão. Então já posso ler.

Proseguindo no seu raro destino, Kuda Bux continua a causar a admiração de todos os que assistem às suas perturbantes demonstrações.

Ele crê ter sido designado para revelar aos homens o imenso campo das possibilidades de cada um de nós...

(Do *Samedi-Soir*, de Paris)

Tradução de Mário Bacelar

Outra Vitória do Espiritismo

Sabe-se como reagiu o Parlamento Inglês à extinção e substituição de duas antigas leis, velhas de séculos, que se aplicavam a médiuns honestíssimos, como se fossem verdadeiros bandidos. Essa luta memorável em que tomaram parte espiritas e não espiritas transcendeu as fronteiras da velha Albion num eco estranho que despertou consciências adormecidas. A Turquia é uma região onde o debate londrino repercutiu, dando origem à formação de uma corrente que poderia imitar-se com grande vantagem para a doutrina.

Vem isto a propósito de uma nota publicada na revista The Greater World *(O Mundo Maior)* e segundo a *qual o Espiritismo é reconhecido como religião, ao lado do Anglicanismo e do Metodismo. Foi um passo gigantesco, verdadeiramente extraordinário. Os ingleses são tradicionalistas, aferram-se ao antiquado, mas quando reconhecem a utilidade de uma ideia tomam decisões fundamentais. Nisso, ninguém lhes tolhe o passo.*

Segundo aquela revista, o Marechal do Ar, Lord Dowding, grande paladino do Espiritismo cristão, pediu um esclarecimento na Câmara dos Lordes, com vista ao Ministro do Ar, Lord de L'Isle and Dudley, que acabou por firmar o seguinte despacho:

a) *O Espiritismo é reconhecido como religião no serviço militar.*

b) *Todos os militares do Exército, Marinha e Aviação têm direito a que nos seus documentos militares e respectivos distintivos seja anotada a sua crença espirita.*

c) *Os espiritas do Exército, Marinha e Aviação podem realizar sessões, sempre que haja dependências ou salões disponíveis. Os oficiais de serviço velarão pelo cumprimento desta determinação.*

Finalizando, o Ministro do Ar disse que, sendo o Espiritismo reconhecido como religião, como tal deve ser respeitado.

O Dr. Sérgio Vale, correspondente em S. Paulo, escreveu este artigo

Da Evolução M

(CONVERSA DEI

II

No evolver dos tempos, em que época começou o homem a inquietar-se com o seu destino? Embora não se possa fixar, cronològicamente, uma data, psicològicamente foi quando, transposta a fase da assimilação experimental, por meio do acto reflexivo e criado o automatismo, sob cuja direcção vegetam ainda os irracionais e os órgãos do nosso corpo, admiràvelmente adaptados aos respectivos meios ambientes, encheu-se-lhe, por assim dizer, a medida com a cota do instinto animal, que lhe proporcionou a maturação biológica da espécie. Continuando-se para cima, iniciou-se a formação da zona racional e consciente, intermediária, entre o instinto cristalizado no seu automatismo multimilenário e a racionalidade primitiva e nascente, de que os animais domésticos ou domesticáveis nos fornecem o exemplo.

Passamos, na realização dos nossos actos, segundo Henrique Mavit, do conhecimento congénito do instinto para o conhecimento inato da inteligência. A diferença é aparentemente sibilina: congénito significa nascido e gerado com o indivíduo; inato, não nascido, mas incorporado, inerente. O instinto de conservação e o instinto sexual seriam congénitos; a precocidade, o talento artístico, certas tendências individuais, seriam inatas. O congénito é geral, pertence a todos os animais; o inato é individual e colabora na formação da personalidade.

Quando o homem neandertaliano, há 50 milénios, começou a enterrar os seus mortos, reunindo-os por vezes em cemitérios e dando-lhes a companhia de alimentos, utensílios, vestuários e armas, protegendo-os contra o esmagamento, já se lhe ultrapassara a fase do instinto puro e se lhe nascera a fantasia, a imaginação, o sonho de outra vida. Desde aquela época remotíssima se iniciou a escalada aos céus distantes, para os quais endereçava o olhar torturado, a mando da razão adolescente, com a mesma habitualidade que leva a agulha de uma bússola a voltar-se para o Norte.

Os Samhitas são colecções de hinos da mais antiga literatura ariana, cantados em louvor de diferentes deuses ou *Devas*, sinónimos de resplandescentes. As primeiras conquistas religiosas dos pensadores hindus, elogiados calorosamente por Max Müller, em virtude da potência e da envergadura de suas asas, capazes de pairar a grandes alturas metafísicas, datam de 8.000 anos ou mais. E a síntese a que chegaram impregnou mais tarde todas as religiões com o seu monoteísmo: «*O que existe é Um só; os sábios dão-lhe nomes diferentes*».

O livro de Ptah-Hotep, comprado a um felá, em 1847, por Prisse d'Avennes, foi traduzido para o inglês por Battiscombe G. Dunn. Suas instruções datam de 3.350 anos antes de Cristo, antecipando-se de 2.000 anos a Moisés com o seu decálogo, que lhe foi ditado 1.500 anos antes da era cristã, na sarça ardente do Monte Horeb.

A moral conhecida pelos nossos antepassados, que nos antecederam na Terra há 5.301 anos, pode competir com algumas máximas dos pregadores cristãos dos nossos dias.

Vejamos algumas:

«Se exiges responsabilidades, esforça-te por ser perfeito».

«Se tomares parte num conselho, lembra-te de que o silêncio vale mais do que o excesso de palavras».

«Se és prudente, ocupar-te-às da tua própria casa; amarás tua mulher; garantirás a sua alimentação; vestí-la-às e dela cuidarás se estiver doente. Enche o seu coração de alegria, durante toda a sua vida, e não sejas severo».

«Sê bom para com os teus criados, na medida de tuas posses. A paz e a felicidade ausentam-se da casa onde os criados são maltratados».

«Não faças mais do que aquilo que te mandaram fazer».

«Não sejas vão por seres instruído; continua antes a instruir-te, falando, ora com o ignorante, ora com o sábio».

«Não procures fazer-te temer, porque Deus te castigará».

Diante do Infinito, exclamou Pasteur, «*il n'y a qu'a se prosterner*». Essa expressão partiu de um sábio moderno, autêntico, completo, o «génio puro», na opinião de Pierre Devaux, o supremo ideal humano, o super-homem de Pietro Ubaldi, pois concorriam nele, qual mais perfeito, todos os atributos do herói pelo qual ansiamos: do santo, a vontade de praticar o bem; a delicadeza e a sensibilidade do artista; a vontade dominadora na concepção das experiências e no renovamento das hipóteses; a intuição metagnómica de génio».

Foi para perceber e realizar esse infinito — é preciso distinguir entre o conhecimento e a realização de Deus — que o homem se curvou aos seus manipansos, adorou o fogo com os zoroastrinos, imolou animais e semelhantes diante dos altares pagãos e ajoelhou-se diante da cruz. Apegou-se aos Rishis dos Vedas, com o hinduísmo, que misturou a moralidade do cristianismo com a filosofia do budismo; ao Moisés da sarça ardente do Monte Horeb, onde lhe ditaram os dez mandamentos; às profecias de Isaías; ao Zoroastro ou Zaratrusta, em cujas mãos foi colocado o Zend-Avesta, onde o sentimento da Justiça alcançou inexcedível consagração; à «ciência da vida», à inundação do mundo pelo amor, de Buda; à filosofia ética de Confúcio, traduzida na Regra de Ouro, antecipando-se 478 anos ao Cristo — «não faças aos outros o que não desejas que te fizessem»; ao Cristo magnânimo do Sermão da Montanha e do Gólgota; às epístolas de S. Paulo; ao sensualismo religioso de Maomé, que prometia a salvação a quem praticasse «um décimo da caridade que Alá ordenou»; às 95 teses contra o credo ortodoxo e às traduções para o alemão do Ve-

lho e do Novo Testamento, de Lutero; às obras Filosóficas e à «Primeira Visita ao Céu», de Emmanuel Swendenborg; às «inspirações» de Prentice Mulford, Vivekânanda, Elifas Levy, Helena Blavastky, Annie Besant, Mary Baker, Pietro Ubaldi...

Qual seria a função especifica do mediunismo, que reapareceu e recrudesceu no meio de todas as religiões, com espantosa espontaneidade? Qualquer que seja a crença ou a descrença do observador, qualquer que seja o dogma religioso ou cientifico que decrete para o raciocínio humano uma verdade intocável e absoluta, ainda há de sobrar, nos escaninhos da consciência ditatorial, pequena parcela de bom senso para não forçar e violentar os factos.

Abstracção feita de todo o acervo gigantesco a que a fenomenologia espirita deu nascimento, lembremos aqui sòmente a manifestação de Hydesville, na casa de John Fox, e da qual foram instrumento Kate Fox, de 12 anos, e Margaret Fox, de 15. dade zombadora de suas crenças mais arraigadas. Lembremos ainda o caso do juiz americano Edmonds, que viu, de uma hora para outra, a sua filha Laura, *católica fervorosa,* tomada de um poliglotismo estranho de 10 linguas que jamais estudou. Quem, investido da função de juiz, de posse desses autos devidamente instruídos, teria a coragem de tomar as testemunhas inocentes pelos réus e acusá-las de mistificadoras? Pois é o que se fez e se faz, quando a história se repete.

O fenómeno mediúnico, biológico, universal, «com tendência à personificação», como já o assinalara Maxwell, recebido com indignação por uns, com mofa por outros, tal como o fonógrafo de Edison, que Bouillaud quase esganou na pessoa de seu representante Moncel, é um fenómeno neutro, imparcial. Ressurgiu, espalhou-se, multiplicou-se, porque lhe está chegando a vez, no horário da evolução. Em virtude dessa impessoalidade, é-lhe indiferente Se os incomoda, se os magoa, se os contraria nas suas pretensões, nas suas escolas e nas suas filosofias, que se avenham com os espíritos comunicantes ou com... o diabo. Se são eles que as fazem, eles que as paguem. Lembre-se a ciência das Academias, para consolo, de que o imortal D. Quixote, durante as suas memoráveis aventuras, também se atribuiu grandes capacidades, mas ninguém acreditou nelas, nem mesmo Sancho Pança, que o serviu com imensa devoção e lhe deu sempre conselhos mui salutares.

Sob o pretexto de que a razão humana é falível e de que é nulo o nosso conhecimento da essência das coisas, o dogma religioso ou o dogma científico (porque a ciência também os decreta, *negativos)* baixam os nossos adversários um edital a que ninguém obedece e que empurra para as fileiras da irreligiosidade um número cada vez mais vultoso de revoltados. O apelo aos dogmas, os quais afrontam ainda

orfológica e Espiritual

ICADA À MOCIDADE ESPIRITA)

O episódio é bastante conhecido e vulgarizado; tiremos dele apenas algumas conclusões, endereçadas às pessoas que julgam com a cabeça por cima dos ombros.

Quem não se curvará à evidência de que, *diabo ou não,* uma força manifestou-se ali, com desagrado geral, alarmou os habitantes da casa, conversou com eles por meio da tiptologia e deu de si todos os elementos identificadores? O seu nome — Charles Rayan, a história do assassínio de que foi vítima e, até, a presença de seus ossos jacentes e ocultos no celeiro da casa... Por esse *crime* contra as religiões e contra a ciência, ambas, aliás, sempre desavindas, as inocentes meninas tiveram a vida mudada em inferno. E quase foram fuziladas pela multidão indignada contra a *impostura*...

Ponhamo-nos na situação dessa família (ainda é o meio mais prático para uma pessoa compreender uma injustiça) situação pela qual passaram antes o Dr. Larkin, sòmente porque registou os fenómenos incríveis observados numa cliente, e o *pastor protestante* Stainton Moses, dentro do qual explodiu mediunia crença, digamos na linguagem dos que o temem, dentro da qual se inscreva a próxima *vítima.*

Na espécie humana o mediunismo é biológico; no indivíduo é manifestação fisiológica de uma força nascente. Lògicamente (Ah! se a lógica penetrasse nesses domínios!) quem o deve adversar não será o que creia nas três verdades fundamentais, substância obrigatória de todas as religiões — Deus, sobrevivência, moral — mas o materialista orgulhoso, cientificista e amoral, que nos quer, a todo o transe, levar para a companhia dos animais.

O neo-espiritualismo põe as suas achegas a serviço das três entidades — Deus, sobrevivência e moral — sem tomar em consideração a tirania do dogma, quer o que nos force a crer na subida de Nossa Senhora ao céu com todo o seu corpo físico, quer o que nos induza a admitir um subconsciente mais poderoso, mais inteligente, mais actuante do que o nosso próprio Deus.

E não nos tomem a nós, simples registadores e comentadores do fenómeno biológico da mediunidade, como responsáveis e criadores dele. mais a teimosia do materialismo e a indiferença religiosa, dominantes por toda a parte, equivale a um jacto desmoralizante de inflação em finanças públicas avariadas, reduzindo a papel pintado o valor do dinheiro, diante do qual fogem todas as mercadorias úteis. Dogma algum, parta de onde partir, das igrejas ou do cientificismo, restabelecerá a confiança perdida no *magister.* Cada consciência quer opinar inteligentemente, a favor ou contra.

E quando junto das religiões lhes surge, solidàriamente, não pela frente, mas aos lados, uma ciência que não as nega e não as contraria, senão que lhes diz às pretensões da imortalidade — *muito bem, apoiado, eis aqui as provas materiais, objectivas e biológicas das vossas crenças e das vossas hipóteses* — ajudando-as, como o admitiu o Cardeal Lépicier, a «*dar o golpe de morte no materialismo*», os melindres e os ciumes dos monopolizadores de Jesus e de Deus, da moral e da sobrevivência, rejeitam a colaboração espontânea e gratuita para nos chamar de nomes feios.

Como se o materialismo não fosse,

actualmente, o senhor do mundo torturado e malferido pelas suas mandíbulas de irracional; como se não estivéssemos na ante-véspera de novas hecatombes.

O mediunismo, do qual sempre se teve notícia através de povos e de crenças das mais antigas e respeitáveis, recrudesceu há 100 anos. Por que razões? Quem o chamou? Não coincidiu a sua revivescência com o auge do domínio materialista, no último quartel do século passado? Já não venceu o materialismo em pelejas memoráveis, *arrebatando de seus quadros algumas de suas figuras mais preclaras?*

Como todos os fenómenos biológicos, o mediunismo não é moral, nem imoral; não é bom, nem mau; não é conveniente, nem inconveniente. *Existe.* Sábios materialistas o confirmaram. Alguns se espiritualizaram por seu intermédio. Se é por vezes mal utilizado e mal interpretado pelos aproveitadores de todos os tempos, não lhe cabe a culpa. Não há neste mundo quem se utilize até das claridades do sol para ostentar, impùdicamente, as suas vilanias? Não há quem se acoberte com as bênçãos dos céus estrelados para cometer os seus crimes? Ninguém o inventou: apareceu biològicamente, no meio da evolução religiosa do homem. É privilégio trazido pela maturação. Pode, lògicamente, assumir todos os aspectos da alma humana, para o bem ou para o mal. Não adianta ignorá-lo; ele realejará as suas canções aos ouvidos dos incrédulos, tal como o fonógrafo de Edison na Academia de Ciências de Paris, retirando o episódio trági-cómico noticiado por Flammarion. Apenas se defende, quando atacado.

Se o materialismo bruto, a cujas mãos as religiões passaram o cetro e o domínio do mundo — quem tiver vocações para mártir, que busque as razões dessa derrota — se revolta contra ele, nega-o, calúnia-o, ridiculariza-o, tanto melhor. Assim como se entristece, quando é obrigado a revidar a um apóstolo de qualquer religião, alegra-se até ao delírio, quando agarra por uma perna alguns desses embrutecedores da alma da mocidade, ansiosa pela verdade, pela justiça, pela caridade e por Deus, e os vira pelo avesso, desmarcarando-os na sua insignificância mental, no seu horror à evolução e consequente amoralidade.

Nem mesmo as doutrinas teosóficas e esotéricas, que o têm, aliás, nos seus alicerces, pois ele lhe fornece, diàriamente, o material humano sobre o qual vicejam, poderiam dispensar-lhe a colaboração, quando enfrentam o monstro do materialismo, «*tipo*, diz Annie Besant, *que não pode ser convencido senão pelo testemunho dos sentidos*». Sim, quando os seus sentidos não são como os dos dinossauros: perdidos na massa de 60 toneladas, presidida por uma cabecinha de pássaro.

A sobrevivência e a encarnação encontramo-las na doutrina vedantina, segundo a qual os *Pitris* ou almas dos antepassados se associam às nossas preces; no Bramanismo onde, pela voz de Krishna, a alma encontra Deus e fica livre do renascimento e da morte, bebendo a água da imortalidade, depois de se despojar várias vezes das roupas usadas, isto é, dos corpos perecíveis. No Budismo, surge a lei do karma, a necessidade do renascimento, tudo dependendo de actos cometidos em existências anteriores. No Egipto, falava-se no *duplo*, nas duas individualidades confundidas durante a vigília, mas separadas durante o sono. Na Grécia, os sarcedotes, as sibilas, as pitonizas e os adivinhos enchem as crónicas da história e da literatura com as suas clarividências e as suas profecias. Heródoto, Plutarco, Cícero, Pitágoras, Tácito, Sócrates, todos foram *iniciados*, todos conheceram os *mistérios*, isto é, a comunicação com o mundo oculto, conversaram com espíritos familiares, ouviram-lhes os conselhos, as advertências e as profecias. Sócrates possuia o seu *daimon*, que o acompanhou até às vésperas da morte. Os gauleses emprestavam dinheiro para ser pago no outro mundo. Convicção firme...

Schopenhauer já aconselhara aos seus contemporâneos que dispensassem a maior atenção aos fenómenos, «*relacionados entre si*», do magnetismo animal, das curas simpáticas, da magia, da segunda vista retrospectiva, do sonho verdadeiro, das aparições de espírito, citando a vidente de Prevorst, Nikclai e Brière de Boismonte, afora uma bibliografia verdadeiramente exuberante.

Tais fenómenos, para cuja explicação fisiológica ele procurou concorrer com a hipótese do «*orgão do sonho*» (que pode entrar em actividade no estado de vigília), com a segunda vista ou deutoroscopia — naquele tempo ainda não se conhecia bem a sensibilidade medúnica e a existência do corpo astral ou perispírito — violam, aparentemente, as leis da natureza, contrariam a causalidade física e o entrosamento das causas segundas. Confirmam tudo quanto viria a ser mais tarde denominado fenomenologia espirita.

Nas manifestações anímicas, misturadas, aliás, com as manifestações espiritóides, entrevê Schopenhauer, no seu livro «Ciências Ocultas», a confirmação de sua teoria sobre a *vontade* como princípio da vida espiritual e corporal.

A *vontade* seria a «coisa em si», sugerida por Locke, examinada por Kant, mas solucionada pela sua filosofia (e dele, Schopenhauer):

«Não sòmente a filosofia kantiana (teoria fundamental de Kant — oposição entre o fenómeno e a «coisa em si»), diz ele, senão também a minha filosofia, graças ao estudo precioso desses factos, encontram uma confirmação importante na suposição de que a *vontade* é que, na realidade, actua e obra, tal como se fosse a «coisa em si».

Para Schopenhauer, o intelecto é uma força superficial, incapaz de chegar fisicamente ao fundo dos factos dessa natureza. Só a clarividência confirma a doutrina kantiana da idealidade do espaço, do tempo e da causalidade.

Para Bacon, a magia é a metafísica prática; Schopenhauer vê nela a confirmação da sua teoria, segundo a qual a «*vontade é a realidade única*», o coração de todas as coisas, a realidade metafísica *que não é destruída pela morte.*

A *vontade* dos vivos ou a *vontade* dos mortos projectar-se-ía sobre o «órgão do sonho» dos portadores da segunda vista ou deutoroscopia, assim como os raios de uma luz ferem a retina.

Se a morte não é o aniquilamento total, pondera ele, se há alguma coisa no céu, no inferno ou no purgatório, inventado por Gregório o Grande, no século VI, porque esta «alguma coisa» não se manifestaria?

Ignorante do corpo astral, chega a afirmar que «*a vontade do defunto permanece sempre voltada para os assuntos terrestres*», recorrendo à potência magnética, que é a primeira realidade metafísica.

Admite, afinal, a acção real dos mortos no mundo dos vivos, de modo raro e excepcional, pois depende de condições que não se encontram fàcilmente reunidas. Sabia diferençar as alucinações puras, por enfermidades corporais, das alucinações *veridicas.*

O caso especial do colega Silva Mello, do qual nós fomos forçados a dizer algumas verdades na réplica publicada em livro, caso famoso, porque relatado por ele mesmo, pelo biopsicólogo *materialista* que sente, à noite, no escuro, a presença indesejável de «alguma coisa» que lhe sopra aos ouvidos ou que lhe vai

agarrar uma perna, pondo-o completamente apavorado, já merecera, antecipadamente, de Schopenhauer (também dotado de mediunidade), a seguinte observação:

«Em sociedade ruidosa e à luz de muitas velas, o meio nocturno já não é o momento propício para o aparecimento do espírito. É preferível a *noite escura e silenciosa*, porque, então, instintivamente, teremos a chegada das aparições que se apresentam como coisas inteiramente exteriores, ainda que a causa imediata (a mediunidade, sabemo-lo hoje) esteja em nós mesmos, pelo que de nós mesmos nos tememos. Por isso, aquele que teme tais aparições, rodeia-se de gente».

Um século depois dessa auto-observação, o Prof. Silva Melo exonerou-se dos seus complexos (Vide *O HOMEM, pág. 402, 2.ª edição de 1945)*, nesta confissão:

«Trata-se de um fantasma invisível, que não aparece, que não faz ruído, que não tem nada de maléfico e, por isso, nem medo nem pavor deveria causar. *É nocturno, só da escuridão*. Deve manifestar-se por um leve sopro atrás da orelha ou da nuca, um toque muito ligeiro, quase imperceptível, numa das faces, talvez na própria mão, sobretudo numa perna deixada descoberta, por exemplo, ao descer do leito, no escuro. E seria só isso. Absolutamente nada mais. Mas o medo é tão grande, tão intenso, que pode fazer arrepiar os cabelos, disparar o coração, resultando daí uma imobilidade pétrea, pois qualquer movimento parece que será motivo para o fantasma executar a acção que está sendo temida. Daí a imobilidade, a falta de coragem para sair da cama ou executar livremente qualquer movimento. Por essa simples razão, nunca ousei ou talvez nunca ousaria dormir sòzinho numa casa isolada ou mesmo num quarto muito afastado de outros habitados».

Sob o ponto de vista filosófico, concluíu razoàvelmente Schopenhauer, depois de nos exibir toda a sua formidável cultura de humanista e toda a percuciência de sua capacidade de raciocínio, tais fenómenos são «*os mais importantes que se nos oferecem no campo da experiência*». Isto foi dito há mais de 100 anos (1788-1860), antes de Kardec, de Crookes e de Richet. Se houvesse assistido às experiências destes últimos ou delas tomara conhecimento, aceitá-las-ía com a maior naturalidade, pois o seu espírito genial de filósofo já havia, metafisicamente, considerado o assunto sob todos os seus aspectos.

* * *

A multiplicidade de religiões equivale à multiplicidade de espécies animais. Se Deus o permite, através de suas leis, na evolução física, e o permite agora por meio do livre arbítrio, na evolução espiritual, cumpre-nos, como personagens entregues aos caprichos de Sua imaginação criadora, representar os nossos papeis com a perfeição possível e com a maior humildede. E o bom actor, o desejado de todos os elencos, não será certamente o que não se atenha ao seu papel, o que balburdie a peça, entrando nos bastidores ou saindo deles a seu bel-prazer, monologando ou dialogando fora de propósito, olhos e ouvidos indiferentes às marcações e aos cochichos do ponto.

Não imitemos o poleá de Machado de Assis, que dissecou tão miudamente a sua mosca azul, com asas de ouro e granada, que nas mãos se lhe esvaiu a «visão fantástica e subtil»:

«Hoje, quando ele aí vai, de áloe e
[cardamomo
Na cabeça, com ar taful,
Dizem que ensadeceu, e que não
[sabe como
Perdeu a sua mosca azul».

Como irmãs da mesma confraria, em busca do mesmo ideal — o conhecimento e a realização de Deus por meio da espiritualidade e da moral — não se hostilizem nem se maltratem as religiões, pois filiadas estão todas elas a uma única paternidade, a paternidade de Deus. Que culpa se distribuirá a um homem que assimilou a crença de seus pais, de sua cidade ou de sua Pátria? Componentes da mesma família, se entre nós se admitem admoestações ou correcções fraternas, não nos esqueçamos jamais da fraternidade, nem transformemos Deus em padrasto.

Se o regime vigorante na família se ampliasse em constituição para as sociedades e para as nações, a humanidade aceleraria, com as suas próprias energias, a ascenção para Deus, como um balão que, largado no espaço, se desfizesse dos lastros impedientes à subida. Se os membros da associação familiar, deixando-se levar pela intolerância e descaridade, se desbocasse em dictérios, vasculhando os erros, recriminando os temperamentos, acentuando as diferenças que por acaso se fizessem notar sob o mesmo tecto protector, em breve o desquite, o divórcio, a dissolução, a debandada, calando-se o gorgeio da passarada infantil dentro do lar e apagando-se a fumaça exterior da chaminé, sinal de actividade e de vida de seus moradores.

Cada religião representa um estádio evolutivo do homem metafísico. Por mais que nos fechemos em dogmas, quer sejam teológicos, quer científicos, com os quais nos investimos a nós mesmos de poderes discricionários que decretam verdades, não podemos exercer as mesmas violências sobre o instrumento insubstituível através do qual a verdade decretada terá de passar, como órgão executivo que ele é. Um antropófago dos nossos dias, para deixarmos em paz os ossos do Neandertal e do Gro-Magnon, ao desconfiar, através da vidência provável ou dos sonhos, de um ser desprovido de corpo físico, que vê os seus actos ou intervém na sua vida, claro que multiplicará a antropofagia, o instinto guerreiro, aquilo que ele considera as suas virtudes capitais, para brindar com a prebenda a seu Tupan. Certamente que se repetirá no mundo espiritual a história que hoje podemos reconstituir, através da paleontologia; variedade infinita de seres vivos, que a biologia e a zoologia ordenam e classificam, desde a monera até o homem. Tudo com o telefinalismo de se obter um instrumento — o nosso cérebro — com o qual, segundo o génio de Goethe, se firmou a «*primeira relação da natureza com Deus*».

As diversas religiões são moldes humanos, são concepções ideológicas resultantes do poder compreensivo, do conhecimento e até do temperamento dos povos em que surgiram. Vede, por exemplo, o islamismo, mistura, em partes quase iguais, do sensualismo da raça e do *slogan* — «Só Alá é Deus, e Maomé seu profeta», sussurrado aos ouvidos mais próximos, aos da mulher Khadija, aos do escravo cristão Zeid, aos do mercador de Meca Abu-Behr e aos do gigante Omar. Começou humilde e democràticamente, alimentando-se com máximas de boa moralidade, para se transformar mais tarde em flagelo dos seus inimigos. O colérico e vingativo Deus dos judeus não se fazia amar: fazia-se respeitar. Naturalmente foi plasmado à feição de povo sobre o qual deveria reinar. Flagelo dos seus inimigos, eis a pecha indelével com que podemos estigmatizar as religiões poderosas, sobretudo quando as sustém e as ampara o braço forte do poder temporal.

Assim como foi útil e necessário à nossa evolução física o regime de franca liberdade há-de a liberdade

de consciência constituir o factor mais decisivo da nossa ascensão espiritual. E não nos arvoremos em juízes uns dos outros, em julgadores apressados, pois o nosso papel é o de actores e não de autores; nem nos impacientemos com a morosidade do «processus». Obedeçamos ao plano do Criador e lembremo-nos de que a velocidade de uma combustão altera o resultado final da experiência.

A multiplicidade de religiões corresponde à variedade de espécies animais. Se nem todas sobreviverão, se muitas copiaram os insectos na sua teimosia de multiplicação inútil, sem esperança de progressos apreciáveis, pois as mutações do ambiente encerraram o ciclo; se algumas, como os dinossauros, cresceram em volume e minguaram em massa cerebral: se outras, como as baleias, desgarraram-se dos seus elementos naturais, deve haver um tipo, semelhante ao que na evolução biológica redundou no homem, e que vai completar a sua evolução, despojando-se, progressivamente, de suas imperfeições, elevando-se à mais alta e à mais pura espiritualidade. Resume-se esta na Justiça, conforme a cultuaram Zaratrusta e Confúcio; no perdão aos próprios inimigos, quando estes não sabem o que fazem, como o exemplificou o Cristo no momento doloroso da cruz. Na Caridade segundo S. Paulo, isto é, não a que distribui todos os bens em sustento dos pobres; não a que se deixe queimar viva para testemunhar a fé, ou que, com essa fé, remove montanhas; não a que fale a língua dos homens e dos anjos e que saiba todos os mistérios e toda a ciência. Mas a que não se regosija com a injustiça, regosijando-se com a verdade; a que não busca os seus próprios interesses; a que não se jacta, não se ensoberbece, não é invejosa nem maligna. A caridade que tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Diversificam entre si as religiões, graças aos elementos que assimilam das superstições, das tradições, da raça e até do clima e do ambiente em que se originaram. Há quem fale, pejorativamente, do catolicismo dos trópicos, referindo-se ao catolicismo brasileiro. E quem o fala é brasileiro, é católico, é ilustríssimo. As virtudes básicas da pureza e da caridade são essenciais em todas as religiões. A crença em Deus e na sobrevivência é uma constante em todas elas. Por que, então, se entrematam e se anatematizam? Deus, sobrevivência e moral, eis os três factores que as uniformizam e as tornam solidárias entre si.

PREDESTINAÇÃO

Por ALFREDO MIGUEL

Há quem ensine e há quem acredite que os homens sábios, justos e bons, que ocasionalmente aparecem, sobrepondo-se ao seu meio e à sua época, são almas predestinadas, seres a quem Deus concedeu os dons especiais de uma vida santificada na virtude. A nós, entretanto, quer-nos parecer que a doutrina da predestinação, embora contando muitos defensores, é indefensável como a velha patranha bíblica da parada do sol por Josué... Nisto, como em outras questões análogas, um pouco de reflexão mostrará de que lado está a lógica. Ponderemos e vejamos. Ora, se um grande reformador ou apóstolo é um eleito do Senhor, de quem teria recebido os altos predicados que o guindaram à admiração e à glória, que dizer então de um grande celerado, e de quem recebeu ele os sentimentos perversos que o tornaram odioso e execrável? Suas almas, segundo o dogma da unicidade, não foram formadas para virem a este mundo e aqui não estão vivendo pela primeira vez? Partindo, pois, deste princípio, como conciliar o antagonismo entre o apóstolo e o sicário, entre o homem de bem que sente horror ao crime e o sacripanta que mata sorrindo? Eis duas individualidades opostas, dois destinos desiguais, e, no entanto, dizem, são criações de um Deus soberanamente justo! E é de ver que o bom e o mau logo cedo se revelam por actos precoces que denunciam a sua índole. Temos aqui o recorte de um vespertino local com um telegrama de Fortaleza. Dá-nos notícia de um horrível fratricídio, praticado em localidade do interior, por um menor de 10 anos! Este brincava com seus manos e pediu à irmãzinha de 6 anos um objecto qualquer e ela não o satisfez. Enfureceu-se e apoderou-se de um machado, matando-a com três golpes na cabeça. O pequeno assassino quis ainda agredir as pessoas que o foram desarmar. A par de crianças de natureza malévola, indisciplinadas, de carácter selvagem, não obstante a educação e os exemplos de probidade de seus pais, vemos as que se distinguem pela nobreza de sentimentos e pelos actos de dedicação de que são capazes por amor ao próximo. «Assim como se vêem anjos de pureza e doçura nascerem e crescerem em meios grosseiros e depravados — observa um autor — assim também se encontram ladrões e assassinos em famílias virtuosas, num e noutro caso em condições tais que nenhum precedente atávico pode dar a chave do enigma. E prossegue o autor aludido (Leon Denis, «O Problema do Ser, do Destino e da Dor»): «Todos estes fenómenos, na sua variedade infinita, têm sua origem no passado da alma, nas numerosas vidas humanas que ela percorreu». Veremos que até nos casos de obsessão a alma revive as tragédias do seu pretérito obscuro...

Allan Kardec, Educador e Jornalista

pelo DR. VIRGÍLIO SOBRINHO

«A única coisa que a escola pode e deve fazer é desenvolver a aptidão para pensar».

JOHN DEWEY

Há muita gente que desconhece outras facetas da vida intensa e laboriosa do Codificador do Espiritismo. Muitas pessoas sabem apenas que Allan Kardec foi simplesmente um perfeito manejador de pesquisas mediúnicas.

Para dar uma ideia a quantos assim ainda pensam resolvemos efectuar este pequeno trabalho sobre dois aspectos fascinantes da existência do ilustre filho de Lyon: o de Educador e o de Jornalista.

Um dos campos do conhecimento humanístico em que tanto pontificou e tanto foi útil à França, sem dúvida alguma, cinge-se ao educacional.

Discípulo dos mais eméritos de Pestalozzi, desde cedo despertou para os variegados problemas do ensino cuidando acuradamente dos objectivos da técnica de ensinar, escrevendo a propósito o livro que se intitulou: «Curso Prático e Teórico de Aritmética», para uso dos professores e das mães de família. Isto em 1829.

Ele integrava o corpo dos pedagogos que acreditavam poder a família ministrar com bons resultados os primeiros estudos às crianças. Era a profecia para os Jardins de Infância!

Em Yverdum, na Suíça, concluiu os seus estudos. Descendente de família católica e instruído na escola do protestante Pestalozzi, centro educacional de onde partiram os primórdios do ensino da Escola Renovada, Allan Kardec transformou-se num lidador em prol da implantação em todos os países do sistema de seu antigo mestre, a quem substituía quando este viajava.

Aos catorze anos de idade penetrou no magistério, leccionando aos seus condiscípulos aquilo que já tinha aprendido com mais facilidade. Como os benfeitores da humanidade, cedo planificou o seu trabalho e a trajectória que seguiria para executá-lo. Teria que ensinar, no futuro, a Ciência Espírita a toda a gente, cumprindo as palavras de Jesus: «Ide e Pregai por toda a parte o meu Evangelho».

Observava, estudava, pesquisava e dedicava-se à técnica educacional. Como fruto de suas experiências em educação publicou em 1828 o livro «Plano Proposto para Melhoramento da Instrução Pública». Neste resultado de labores educacionais, Kardec demonstrou a sua técnica educativa.

Para maior propagação do método Pestalozzi, revolucionário naquela época, conhecendo profundamente o alemão e o francês, traduziu obras educacionais e de fundo moral, como as de Fénelon, para a língua germânica, merecendo os aplausos do seu ex-mestre.

Educador por excelência, psicólogo das multidões, Allan Kardec achava que o modo mais fácil de alfabetizar o povo era adoptar o ensino gratuito em qualquer ramo de estudos. Em seu próprio lar, à rua de Sèvres, de 1835 a 1840, transmitiu lições preciosas de Química, Física, Anatomia Comparada e Astronomia, completamente grátis, explicando-as de jeito atractivo.

O seu sistema de ensino consistia em levar a escola à criança. Preconizava o surgimento da Escola Nova quando fazia por adoptar o ensino à mentalidade infantil e ao educando. A sua maior preocupação fixava-se em modificar os métodos de ensino, tornando-os objectivos e leves para os estudantes.

O jovem como ser evolutivo carece de lições cheias de amor e de doçura para maior rendimento escolar. O respeito à personalidade do aluno encontrava em Kardec a expressão máxima, facto que manteve, inclusive, depois, na Codificação da Doutrina Espírita, cujos livros incrementam o sistema racional nos leitores.

Conhecedor profundo da psique infantil, levava a escola aos moços, não esperando que estes fossem procurá-la. Allan Kardec, realmente, era o bom senso pedagógico em sua mais bela perfeição. As obras legadas aos homens esclarecidos prestam-se para ponderar esta assertiva. Nenhum de seus livros foge ao crivo do raciocínio. Os volumes que deixou como herança das mais caras aos livre-pensadores constituem-se em insigne escola, porque instruem e elevam o espírito às percepções da majestade divina. A lógica do pensamento é desenvolvida nos seus trabalhos. Por isso o conceito do pedagogo americano é muito bem ajustado: «A única coisa que a escola pode e deve fazer é desenvolver a aptidão para pensar». As palavras de Dewey ajustam-se muito bem à escola viva de Kardec. O pensamento, a investigação científica e a observação séria formam o laboratório mais perfeito para a reforma íntima do homem. E Kardec logrou isto nos seus escritos.

Sentindo a dificuldade com que contavam os jovens para gravar em suas mentes as datas dos acontecimentos históricos e as descobertas de cada reinado francês, elaborou um quadro mnemónico da História da França e um método fácil de ensinar a contar.

A Escola Tradicional dominava naquele tempo. O sistema Pestalozzi continha, em seu todo, a reforma natural dos métodos e processos educacionais, e, para que o mesmo fosse aplicado com maior êxito, Kardec entendeu modificar o costume da memorização escolar. Não obteve muitos resultados, porque a Escola Tradicional estava radicada extremamente.

O Codificador do Espiritismo lutou pela reforma da Escola Antiga escrevendo compêndios em linguagem clara e incisiva para auxiliar à interpretação estudantil.

Falava e conhecia a fundo o idioma de Chateaubriand, lançando ao público, em 1831, a sua «Gramática Francesa Clássica».

Quinze anos após entregava à Livraria Académica, de Didier, os originais de mais dois livros didácticos: «Soluções Racionais das Questões e Problemas de Aritmética e Geometria» e «Manual dos Exames para os Títulos de Capacidade». O «Catecismo Gramatical da Língua Francesa», editado em 1848, destinou-se aos iniciantes na tradicional língua diplomática. Em 1849 foi entregue ao povo o «Programa dos Cursos Usuais de Química, Física, Astronomia e Fisiologia», os quais ministrava no Instituto Polimático. Logo depois, «Ditados Especiais so-

bre as Dificuldades Ortográficas» e «Ditados Normais dos Exames da Municipalidade e da Sorbonne».

Como educador compreensivo das inquirições dos educandos permitia o estudo esquematizado, ruminado, constante e geral, tornando-os perquiridores dos sérios problemas humanos.

Quem folhear, mesmo por mera curiosidade, os seus livros em que se acha vazada a doutrina dos Espíritos, verificará que seguem a planificação normal da didáctica, dando margens e provocando análises profundas das suas conclusões, do raciocínio seguro que desenvolve, despida a maneira de escrecer das figuras literárias, dos tropos e das metáforas que tanto embaraçam os leitores. Muito ao contrário, desvenda com naturalidade as altas questões metafísicas com tanta justeza e simplicidade, que qualquer pessoa de boa vontade entende o assunto sem carecer de ficar no vazio à procura do sentido das ideias desenvolvidas.

Como educador, fez dos seus livros escola volante, a qual encontra no Brasil o *climax* de seu didatismo, conseguindo alfabetizar os que ouvem as suas explanações.

Muita razão teve Ismael Gomes Braga quando disse que «onde há discípulos de Allan Kardec, no vasto território nacional brasileiro, surgem movimentos de alfabetização e de assistência social, por vezes amparados igualmente pelos membros de outras escolas religiosas e irreligiosas».

Uma verdade se nota no Brasil inteiro: os espíritas estudam a Codificação, debatem-na e, através dela, comparam os problemas humanos.

O Espiritismo como ciência-filosofia e religião leva os seus estudiosos à análise demorada dos acontecimentos sociais dos povos. E, desse modo, educa a personalidade encaminhando a muitos para a alfabetização e estudos superiores. Pelos estudos diários da filosofia, os Centros Espíritas, os Jornais e a Imprensa falada vão formando um ambiente intelectual nas massas.

Uma *élite* de homens à altura de engrandecer a Pátria. «A formação dessa *élite*, no dizer de Ismael Braga, é obra de Kardec no Brasil, obra sublime que nenhum missionário levou a cabo antes dele. Kardec é um dos alfabetizadores do povo brasileiro; está levantando o nível cultural do país para seus grandes destinos históricos. Mesmo do ponto de vista meramente patriótico, devemos prestar-lhe homenagem no dia do seu aniversário natalício: em 3 de Outubro».

E, ainda mais, se os brasileiros se tornam dia a dia mais espiritualizados, a causa maior é a sua própria evolução sob os estudos magníficos de Kardec. E, isto tudo, é uma consequência do método educacional adoptado em seus livros.

ALLAN KARDEC

★

«Imprensa e liberdade, jornalismo e consciência são termos de uma só questão. Onde a manifestação da consciência não for independente, não há jornalismo. Onde a imprensa existir, a independência no escrever é irrecusável».

RUY BARBOSA

O mestre de Lyon ergueu acima de todas as coisas a bandeira da felicidade em favor do povo.

Bacharel em direito, bacharel em ciências e letras, doutor em medicina, Léon Hippolite Denizart Rivail inclinou-se à educação total das juventudes, escolhendo como tribuna livre a maior escola viva: o jornalismo.

Quando os combates acirrados daquela época materialista para Ele e seus escritos se dirigiam, robusto como os que empunham armas construtivas de um mundo melhor, Allan Kardec, em linguagem atraente e altiva, derramou pela imprensa leiga colunas inteiras em defesa dos estudos acerca das mesas girantes que haviam colocado muitos cientistas em maus lençóis.

Como a correspondência que lhe era endereçada fosse muito volumosa resolveu enfeixar as respostas em órgão próprio, através do qual pudesse atender aos curiosos.

Assim apareceu a «Revue Spirite». Com esta bela revista surgiu também no cenário da fulgurante imprensa francesa, uma pena firme e resoluta ao serviço da liberdade de consciência.

Nunca foi um tíbio. O jornalismo especializado encontrou nele arma forte e na «Revue Spirite», fundada em 1 de Janeiro de 1858, uma trincheira denodada. Jamais tergiversou no cumprimento do dever de desvendar para as gentes os mais simples dos casos fenoménicos que se davam por toda a parte.

Sofreu como sofrem os idealistas. Carpiu as suas dores como aqueles que se votam ao bem humano. Jornalista a qualquer prova, nunca se mercenarizou e nem sequer temeu os pontentados e os seus opositores.

Recebia a crítica numa atitude sempre de tolerância. Mesmo nos mais difíceis instantes por que atravessou o Espiritismo, acossado pelos poderosos, o jornalista Kardec esteve sempre ao lado da verdade e da sua consciência.

Nem sofismas e nem meios hipotéticos para engendrar conclusões meritórias, causando o engodo a seus leitores, em tempo algum de sua luta foram usados, porque Kardec, antes de tudo, era independente e livre dos preconceitos sociais.

A verdade estava acima de tudo, até mesmo acima de sua própria personalidade.

As mais melindrosas questões so-

ROTEIRO

... ...

Pobres dos que trabalham inglòriamente voltados para baixo, sem uma centelha que os ilumine! São anódinos, massa amorfa que se não distingue, verdadeiras multidões sem objectivo movidas por instintos. Um dia atingirão camadas superiores, à força de repetir os mesmos passos. E se esse marasmo se mudasse em diligência, quantos marcos não ergueriam no caminho andado?

A modéstia do meu roteiro não permite apresentá-lo. É de luz bruxuleante, comparado a outros que se multiplicam em claridade. Como eu desejaria igualá-los ou imitá-los no rumo traçado! São verdadeiros luminares que acalentam as almas ansiosas e lhes dão vigor espiritual. Na poeira cósmica absorvem alimentos que nos transmitem por via magnética — ondas de harmonia que nos invadem e fortificam. São, ao mesmo tempo, incitamento e impulso para o mais além. Sempre a marcha em frente em demanda do melhor, uns auxiliando os outros, segundo as possibilidades! Sempre a obediência a poderes mais altos e ocultos! Quando nos julgamos no monte é o vale que surge. A ladeira apresenta seus perigos e dificuldades. Novo esforço, nova canseira, novo problema. E metemos ombros à empresa, que uma força está em nós a impelir-nos e a orientar-nos. É o roteiro que se revela, quase tangìvelmente. Chegamos ao cume e sentimo-nos deslumbrados. Que grandiosa paisagem! Se Deus está em tudo aquilo — está com certeza —, desde a ervinha ao disco solar, e no magnetismo que se desprende da atmosfera, não podemos deixar de ser imortais.

... ...

(De um novo livro de «Lia», recebido por Isidoro Duarte Santos)

bre a denominação dos princípios doutrinários foram tratadas em estilo jornalístico sem quebra de seu espírito impoluto e cheio de fé. Era a ética personificada.

Fez do respeito às crenças dos outros o traço marcante de sua vida de jornalista. Com o advento de «Revue Spirite», luzes edificantes brilharam na estrada do progresso humano.

Independente e consciencioso no escrever, Kardec traçou as pegadas dos jornais espiritas do universo, dentre os quais as centenas dos brasileiros.

Nunca a cobardia avassalou o seu espírito. Jamais a mentira e a falsidade avassalaram o seu pensar. Em tempo algum irreverência às religiões e doutrinas, por Ele foram ditas, proferidas ou escritas. Sempre se conduziu dessa maneira, porque chegava à conclusão exacta de que respeitando os outros credos fazia o seu respeitado.

Os jornais espiritas do Brasil, que se multiplicam cada vez mais, estão na obrigação de seguir a trilha feita por Kardec para que haja maior harmonia entre os homens.

E de há muito a imprensa espirita o vem seguindo e por isto mesmo cresce continuadamente. Há tempos já dizia o escritor cristão Tristão de Ataíde: «Como se vê, figurava o Brasil à testa de todas as nações do mundo no que diz respeito à imprensa espirita! Pela primeira vez, sem retórica alguma, curvara-se o universo ante o Brasil...».

Isto proferiu o escritor católico há mais de vinte anos e, comentando, por sua vez, uma estatística levantada em 1913! Se o Tristão de Ataíde soubesse que triplicámos aquele número, qual seria a frase exclamativa?!

Pois bem, agora que, depois do Congresso Eucarístico do Pará, os «ministros de Deus» acham de combater por todos os meios o Espiritismo, a Imprensa espirita está na obrigação de seguir Allan Kardec, *propugnando pela alfabetização do povo e esclarecê-lo sobre os problemas do Ser, do Destino e da Dor.*

É a hora em que os jornais precisam de estar unidos para espalhar profusamente a Terceira Revelação, como faria o Codificador.

Que os jornais espiritas continuem a difundir «a literatura espirita brasileira, fonte inestimável de instrução popular, preparação de uma *élite* pensante de alto nível cultural e científico que já se faz sentir nas mocidades e juventudes espiritas de nossos dias».

Aquele carácter marcante de Kardec que tão bem deu vida às palavras do patrono da Imprensa Brasileira «Imprensa e liberdade, jornalismo e consciência são termos de uma só equação. Onde a manifestação da consciência não for independente, não há jornalismo. Onde a imprensa existir, a independência no escrever é irrecusável» — carece vibrar nos jornalistas espiritas, herdeiros definitivos da trajectória luminosa do sábio de Lyon.

Luiz Postiglioni, em artigo publicado na revista «Estudos Psíquicos», escreveu: «O que distingue Kardec é um rasgo típico da sua maneira de pensar e de ser: — não é sòmente um homem de doutrina, mas também um homem de opinião, Senhor de extraordinária vontade, o seu exemplo é duma dedicaçdo e constância impressionante. Criador de uma ciência, expoente e filha de uma época apaixonada pela investigação, interpreta esse sentimento cósmico da interrogação acerca da realidade humana».

Exactamente isto: Kardec era um homem de opinião! E esta sempre a colocou a serviço da doutrinação das massas através da imprensa. Foi jornalista até como doutrinador. E são funções sociais que se confundem e se completam.

Em Allan Kardec o que se deu foi isto em toda a sua obra: o jornalismo doutrinando.

Sob esta expressão decisiva da sua personalidade, Kardec cresce e avulta aos olhos dos homens e das sociedades.

Os jornalistas espiritas devem fazer como sua, a legenda de Allan Kardec: «Não combater homens, nem nomes, mas os ideais e os princípios, e combatê-los com ideias, princípios e exemplos melhores».

FONTES DE CONSULTA

«*Obras Póstumas*» — Allan Kardec — Biografia — 1949.

«*Estudos Psíquicos*» — 1947 — «A alma de um livro» — Luiz Postiglioni.

«*Reformador*» — 1950 — 1953 — «10 e 2» — «Kardec no Brasil» — de Ismael Gomes Braga e «Espiritualismo e Espiritismo».

Lições de Ruy» — 1949 — Heitor Dias — I. O — E.

«*Vida e Educação*» — 1952 — 3.ª ed. — John Dewey.

A TESE ESPIRITA CONFIRMADA

pela Redacção da A.P.P.E.E.M.

«Não devemos temer o ridículo» — afirmou-se no 1.º Congresso de Parapsicologia

Em meados de Dezembro do ano findo realizou-se na cidade de Utrecht (Holanda) o 1.º Congresso Internacional de Parapsicologia, a que assistiram representantes de 60 países. Esta enunciação fala por si própria, de forma eloquente, acerca do progresso que se realiza em matéria parapsicológica (1).

O diário *La Razón*, de Buenos Aires, comentou o telegrama relacionado com aquela assembleia mundial e disse: «Em Utrecht estabeleceu-se o quartel general dos estudiosos que querem penetrar no «horizonte encantado». Conta com grandes reservas económicas e está disposto a realizar uma tarefa que prestes assombrará o mundo inteiro. Quando o homem vulgar depara com qualquer fenómeno que estuda a parapsicologia, a sua primeira reacção é de repulsa, visto não poder admitir a existência de factos que lhe modifiquem o modo de pensar».

Devido a este preconceito, é que os homens de ciência, sobretudo os psicólogos e psiquiatras da escola clássica, giram em torno de todas as hipóteses psíquicas, sem terem na devida conta o grandioso valor de um Dr. Léon Hippolite Denisard Rivail, de um Dr. Gustave Geley, de um Prof. Charles Richet, de um Dr. Paul Gibier, do Prof. Crookes ou de Lombroso.

A copiosa bibliografia espirita, metapsíquica e parapsicológica é já rica em antecedentes ilustrativos que corroboram indiscutìvelmente alguns antecedentes sumamente valiosos. Os resultados do Congresso Parapsicológico da Holanda aumentará ainda mais o acervo científico a favor do Espiritismo e ciências afins. O que queremos sublinhar é que, no mundo, nem tudo é cobardia; há nele homens valentes, como os já citados, aos quais se unem agora professores universitários de dezenas de países.

«O cepticismo desse homem vulgar é justificado» — diz o Prof. Tenhaef, director do Instituto Parapsicológico da Universidade de Utrecht. E acrescenta: «Nós trabalhamos cientìficamente, quer dizer, cada experiência é registada, conforme os casos, em discos ou microfotografia com auxílio de raios infravermelhos. Todas as pessoas que participam nas nossas experiências são prèviamente submetidas a exame de Raios X. Temos conseguido derrubar preconceitos existentes, principalmente no campo científico. Lembre-se que o próprio Einstein se tem interessado grandemente pelas experiências parapsicológicas e temos trocado interessantes impressões sobre isto».

O Prof. Tenhaef continuou a informar: «A existência de fenómenos de telepatia e de clarividência não necessita demonstração. Podemos produzi-los à vontade. E estamos em condições de provar experimentalmente a predição de acontecimentos futuros. Nesta ciência realiza-se primeiro a observação e a experimentação; depois é que vem a explicação e a teoria. E agora vejamos algumas experiências concretas. Com os meus colegas das Universidades de Friburgo e de Bonn, repeti uma experiência mais de 150 vezes e as probabilidades de o facto ser devido ao acaso ficam, assim, reduzidas a zero. Trata-se do seguinte: um sujeito em condições de vidência é submetido à prova de informar, com 24 horas de antecedência, quem se encontrará num lugar a determinada hora.

«A experiência mais comum consiste em dizer ao vidente que se transporte à plateia de um teatro e pense em aproximar-se de algumas pessoas de certa fila. O espectáculo realiza-se com 24 horas de antecipação. Ouve-se então a voz do vidente: «Vejo um jovem moreno de 25 anos, alto e magro; vem do hospital; parece ter vivido em condições deploráveis. À sua direita senta-se uma ruiva de uns 30 anos, de estatura regular; tem um pé ferido. Ama um homem que é polícia. Num assento da fila que lhe fica à frente encontra-se um homem robusto que hoje comprou um relógio e foi vítima de um desastre». Estas palavras são gravadas em disco. 24 horas depois, o Prof. Tenhaef, os seus ajudantes e o vidente vão ao teatro respectivo. Mais de 150 vezes se comprovou esta

(1) Parapsicologia: do grego «para», fora de, ao lado de; e «psique», alma; isto é, fora ou ao lado da alma ou espírito. O termo científico não varia em nada o sentido característico do Espiritismo.

experiência. No caso referido viu-se o jovem e a ruiva. Interrogado sobre a questão do hospital, o jovem declarou que seis meses antes tinha regressado da Rússia onde estivera prisioneiro com permanência em vários hospitais. A ruiva ferira-se a brincar com um gato, horas antes de assistir ao espectáculo, mas depois da profecia do clarividente. Houve, porém, uma surpresa: jurou que não estava apaixonada por nenhum polícia. Em compensação, o homem robusto era polícia. Foi isto que confundiu o clarividente. «Não são perfeitos», comentou o Prof. Tenhaef. O homem robusto comprara, efectivamente, um relógio. O incidente preanunciado consistia na rotura da sua lapiseira. «Começámos, dizendo que não devemos temer o ridículo — concluiu o Professor — e depressa se demonstrará que não somos nós, precisamente, os ridículos».

Todos os espiritistas do mundo experimentaram, certamente, uma gratíssima sensação pela realização do 1.º Congresso Internacional de Parapsicologia. Os 60 delegados presentes constituem um peso na marcha e evolução desta nova ciência, destinada a ingressar, como tal, nos estudos universitários, como já sucede na Universidade de Duke, dos Estados Unidos da América do Norte.

A moderna psicologia abre passos promissores, corroborando o que o Espiritismo nos vem dizendo há um século, desde que foi compilado, organizado, estudado e experimentado. Caminha, pois, rumo ao laboratório para orientar didàticamente as novas gerações que já têm um sentido real do significado desta espécie de disciplinas científicas. As experiências lhes demonstrarão também que não basta o conhecimento para comunicar com os chamados mortos; será preciso elevação moral dos experimentadores e seus colaboradores, posto que a vida vibra em todas as formas e manifestações. Para atrair espíritos de alta categoria, ter-se-á de vibrar em uníssono com eles; de contrário, a rotina geral será o factor principal.

A Redacção da A.P.P.E.E.M. sente-se feliz por comentar este grato acontecimento, donde se conclui que a prédica séria e metodizada que o caracteriza constitui, com o mencionado Congresso mundial, o melhor estímulo para a nossa tarefa de espalhar os princípios espiritas sem fanatismo, sem paixões nem agressões, limitando-nos a servir de modestos instrumentos divulgadores de uma doutrina científica e filosófica, destinada a redimir a espécie humana.

A VERDADE ACIMA DE TUDO

— por **LUÍZ DE BARROS CASTRO** —

No grupo falava-se de Espiritismo. Os que não acreditavam ficaram emudecidos, quando um dos presentes contou o seguinte, perante o pasmo de todos:

«Devia eu ter os meus onze anos e vivia com meus pais numa casa de campo, no interior da Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde. Meu pai era descrente nestas coisas de «almas do outro mundo» e homem destemido. Tínhamos por essa altura três cães, um dos quais muito corpulento e mau. Certa noite, seria uma hora da manhã, fomos despertados pelo latir furioso dos nossos três cães de guarda.

«Isolados no campo, meu pai acordou e logo pensou que seria ladrão ou malfeitor que por ali andasse, em virtude da insistência dos animais. Levantou-se então; e munido duma pistola, resolveu ir ao quintal. Eu, que sempre gostei de andar com ele, segui-o imediatamente.

«Aberta a porta, não longe dela havia uma laranjeira grande.

«Mal olhei para esse lugar, vi ao lado da planta uma forma humana de tamanho descomunal! Passava muito acima da dita laranjeira e era contra essa forma que os cães arremessavam.

«Meu pai viu a mesma coisa e levantou a pistola corajosamente. Tentou disparar, mas por mais esforços que fizesse, não conseguiu fazer fogo. A figura gigantesca ali continuou ameaçando, sòmente pelo seu tamanho espantoso!

«Os cães continuavam cada vez mais excitados e o mais corpulento foi o que mais se aproximou. De repente, porém, o animal é projectado com incrível rapidez contra o tronco de outra árvore que ali havia e cujo tronco se bifurcava em dois ramos, formando ângulo agudo. Com extraordinária precisão, ali foi engastalhado o corajoso animal, donde não conseguiu libertar-se!

«Em face de tão manifesta impotência, meu pai, por certo assustado como nunca estivera, puxou-me e fechou a porta! Desde essa memorável noite, meu pai mudou muito a respeito de «certas coisas» em que primeiro não acreditava e afirmava não temer... Quanto ao nosso fiel e valente cão de guarda, apresentou no dia seguinte um dos lados da cabeça muito inchado.

Ficou sempre doente, e pouco depois morria.

Terminado o estranho caso, os incrédulos calaram-se e ficaram meditando, porque não lhes era possível duvidar da idoneidade daquela pessoa tão conhecida e do seu carácter habitualmente sério. E eu achei tão interessante esta manifestação, que me pareceu digna de ser levada ao conhecimento dos leitores de Estudos Psíquicos.

O Sr. Hemitério Macedo de Lima (o nome do nosso amigo e colega de trabalho) é funcionário dos C. T. T., natural das Ilhas de Cabo Verde, residente em Luanda, e autorizou-me a mencionar o seu nome, pois está pronto a confirmar a quem quiser, que o que aqui se se afirma é verdadeiro.

MORTE SEM SOFRIMENTO

Por CYRILO ALLEIXO

Morrer, eis um fenómeno a que ser algum pode escapar e a que diàriamente são sacrificadas cerca de cem mil pessoas, em todo o mundo.

Conforme as convicções de cada um, a morte tanto pode representar o fim de tudo, como o limiar de outra vida, evitando-se geralmente fixar a atenção nesse fenómeno, que de bom grado a maior parte da humanidade baniria da superfície do globo, se lhe fosse dado interferir nos planos extra-terrenos.

É que morrer, é, para muitos, sinónimo de aniquilação total do ser, e daí o horror que tal ideia desperta em quem se deixa iludir pela aparência das coisas.

Em tais casos, a conclusão não pode ser, de facto, outra.

Perante um corpo que a morte imobilizou e do qual nada mais há a esperar, que outro raciocínio poderá haver, quando se crê apenas na parte objectiva das coisas?

Cessaram as funções vitais, cessou a vida; o resto, é matéria inerte, com destino ao grande vazadouro universal... O pensamento e a inteligência, bem como os bons e maus sentimentos, deixaram de existir, produtos que eram do funcionamento orgânico, restando apenas a recordação dessa máquina vivente, condenada agora, a inexorável e definitiva desagregação.

Triste conclusão esta, responsável por desesperos que tocam a raia da loucura, para os quais não pode existir qualquer lenitivo, uma vez que o maquinismo humano, posto à margem, jamais poderá voltar a funcionar.

Diferente é a condição dos que não circunscrevem a vida aos elementos ponderáveis. Sabendo que o corpo não é mais do que simples instrumento do espírito, não podem sentir aquela sensação de vácuo dos anteriores, e se o envoltório material ficou inerte, é porque o princípio de vida dele se retirou, para dar ingresso num outro plano, constituído por vibrações mais subtis.

Sabendo, portanto, que a morte só atinge a matéria, deixando intacta a individualidade, assistem com certa calma e resignação a essa operação natural, na certeza de que nada se perde, mas apenas se opera uma mutação, demasiadamente delicada para as percepções orgânicas.

Morrer é mudar de corpo e de cenário. O corpo baixa à sepultura e o espírito evola-se para um meio próprio, onde continua a sua existência num outro corpo mais delicado, constituído por elementos adequados às novas condições de vida.

As células materiais, até então unidas pela força que se retirou, são postas em liberdade, preparando-se para novas combinações.

Um corpo morto é como um corpo de exército a que faltasse o chefe, prestes a desagregar-se, com a retirada dos soldados que o constituem.

Assim, os átomos de um cadáver, sentindo faltar-lhes a direcção superior que os mantinha unidos, não tardarão em fazer parte de novas moléculas, nesta eterna circulação de matéria, que entretém a vida nos sistemas planetários.

Aparentemente, a morte parece ser o fim de tudo. Que se passa, porém, no invisível?

Soada a hora extrema, trava-se a princípio luta entre a alma que vai libertar-se e o corpo, que procura retê-la a todo o custo.

A intensidade deste conflito depende de vários factores, podendo passar despercebida, ou tomar aspectos espectaculosos, assim como durar breves instantes, ou prolongar-se por dias seguidos.

Nessa contenda, cada parte do organismo procura reter aquilo que até aí lhe pertencia. Assim, o sistema muscular tenta suster as forças matrizes; o nervoso luta pela manutenção dos sentidos físicos, o cerebral pela retenção do princípio intelectual, etc.

Após algum tempo de luta, em que o organismo não levou a melhor, a alma dá início à sua libertação, a qual começa por uma luminosidade em volta da cabeça, cuja intensidade vai aumentando com o enfraquecimento das forças físicas, ao mesmo tempo que o cérebro vai atraindo a si todos os elementos de vida e sensibilidade, espalhados pelo aglomerado fisiológico.

As extremidades tornam-se frias e obscuras, enquanto o cérebro brilha intensamente, até que, em dada altura, do organismo combalido, gradualmente se destaca um outro, em tudo semelhante àquele, porém, de natureza etérea.

Quem assiste aos últimos momentos de certos moribundos tem a impressão de que o seu sofrimento é grande, mas, em muitos casos, é ele mais aparente do que real, devendo-se os sintomas espectaculosos ao processo da retirada do corpo, das forças vitais e intelectuais, concentradas a princípio no cérebro e finalmente no perespírito.

A morte corresponde assim a um nascimento no Além, a que nem sequer falta o cordão umbilical, constituído por um laço luminoso, unindo o corpo fluídico à carcassa abandonada, cujo rompimento marca a separação definitiva do espírito e a morte real do organismo físico.

Segundo observações competentes, na altura em que aquele cordão se rompe, parte do fluido vital volta ao corpo e espalha-se por todos os orgãos, impedindo assim a rápida dissolução do corpo.

Em virtude de o cordão fluídico se conservar, por vezes, ligado ao cadáver durante bastante tempo, é prudente não proceder à inumação, antes dos sinais característicos da decomposição; de contrário, pode suceder darem-se à sepultura criaturas cuja morte é aparente, como em certos casos de letargia, catalepsia, etc.

Uma vez desembaraçado do corpo, mediante a rotura daquele cordão e nada mais o retendo a este mundo, o perespírito, contendo em si a centelha divina, faz o seu ingresso num ambiente que lhe é próprio, porque a vida não cessa, mas antes se desdobra numa variedade infinita de planos.

No trespasse, há a considerar ainda o pormenor conhecido por «epílogo da morte», em que num curto espaço de tempo se assiste a detalhada reprodução de todas as cenas e acontecimentos da nossa vida, incluindo os mais insignificantes, como se tudo houvesse sido filmado momento a momento, para, no limiar do etério, nos forçar a rever toda a nossa conduta terrena.

Momento solene esse, de gratas alegrias ou de sombrias espectativas, conforme o nosso comportamento na vida que vai findar.

Um outro fenómeno a considerar, também, é o da perturbação.

Ao transporem-se os umbrais do além, raras são as pessoaos que não se sintam dominar por acentuado torpor, donde resulta o embotamento geral da sensibilidade, tornando a alma inconsciente do derradeiro alento.

A perturbação, que pode durar apenas alguns minutos ou prolongar-se por muito tempo, conforme o género de morte e a natureza do desencarnado, é a condição natural na hora extrema.

Se nos fosse dado observar o que se passa junto a um moribundo, quando se aproxima a última hora, ficariamos tão surpreendidos com a beleza do espectáculo, que a morte perderia todo o seu terror e mostrar-se-nos-ia aquilo que realmente é: o meio de regressarmos às luminosas paragens espirituais.

Enquanto no mundo, lágrimas e gemidos acompanham a desencarnação, prejudicando-a altamente; no invisível, amigos e parentes cercam geralmente o agonizante, ajudando-o na rotura dos últimos liames, para com ele se librarem ao espaço, espectáculo grandioso, a que nem sequer falta música — a música transcendental.

São inúmeros os casos testemunhando a presença de entidades extra-terrenas, junto ao leito dos agonizantes. Cita-se apenas um dos muitos apresentados por William Stainton Moses.

Próximo de uma criança gravemente enferma, tomada já dos espasmos da agonia, encontrava-se um seu irmãozito de 3 a 4 anos, o qual, em dada altura, exclamou cheio de alegria, apontando para o leito do moribundo: «Ó mamã, que lindas senhoras estão ao pé do irmãozinho! Bonitas senhoras, mamã; elas querem levá-lo!».

Quando as pessoas presentes olharam para o sítio indicado, o pequenino enfermo havia exalado o último suspiro.

Transporta a hora extrema e à medida que a perturbação se dissipa, a alma encontra-se num estado semelhante àquele, quando despertamos de profundo sono. A princípio as ideias são vagas, incertas, sem consciência do lugar em que se está, mas pouco a pouco tudo se vai aclarando e a luz acaba por voltar ao espírito liberto.

Esse despertar porém, toma variados aspectos: calmo para uns, proporcionando-lhes sensações deliciosas, aterrador para outros e cheio de tétricas perspectivas, conforme o deve e haver de cada um.

Aqueles que da vida fizeram o trampolim para a satisfação de pendores suspeitos, repudiando o mais leve sopro espiritual, é-lhes custoso compreender o novo estado, estabelecendo-se assim em seu espírito grande confusão, que só o tempo e a ajuda de entidades espirituais, a isso dedicadas, conseguem dissipar.

Se em certos casos é perfeita a consciência do novo estado de existência, noutros, a alma, saindo do seu torpor antes do corpo baixar à terra e julgando-se ainda viva, fica perplexa ante o que a rodeia.

Para ilustrarmos este último caso, transcrevemos a seguinte citação de Ernesto Bozzano: certa senhora, ciente do seu próximo fim e sem qualquer temor, resolveu observar friamente o processo da morte, com o interesse de uma pesquisadora imparcial.

Assistiu impassível à marcha da sua agonia, com o intuito de poder transmitir mais tarde à humanidade as observações colhidas e libertá-la do terror que a hora fatal lhe desperta.

Esse permanente estado de atenção acabou por esgotá-la, sentindo-se então dominar por branda sonolência, acompanhada de indizível bem estar, até que finalmente mergulhou em completa inconsciência.

Quando despertou, ficou bastante pesarosa pelo sucedido, pois não queria perder qualquer pormenor do fenómeno.

Esse despertar, porém, era tão doce, que nem sequer procurava abrir os olhos, deixando-se empolgar por aquela sensação de paz e de serenidade, baldamente suspirada no decurso de sua existência.

Como se sentisse assim tão bem, pensou não ser chegada ainda a hora de dar o grande passo.

Acabara de fazer esta reflexão, quando lhe chegou aos ouvidos um rumor de conversa próxima, verificando que falavam de si, com os verbos no imperfeito: «Ela era, ela estava», etc.

Ficou surpreendida com o facto, concluíndo que, certamente, a julgavam já morta. Chamou então pelas suas amigas, a fim de lhes desfazer o equívoco, mas por mais que alteasse a voz, não conseguia fazer-se ouvir e, como se sentisse melhor do que nunca, preparava-se para ir ter com elas ao aposento próximo, quando foi tomada de vivo espanto. Olhando para o leito, viu nele estendido um cadáver, que imediatamente verificou ser o seu.

Exultou com a descoberta, por sentir uma exuberância de vida jamais igualada e por ter conseguido passar para o etéreo, sem o mínimo sofrimento.

Há quem sorria ante a ideia de um outro mundo, cheio de vida e de beleza, tão real no entanto para os desencarnados, como este o é para os mortais.

Tudo é relativo e esse mundo invisível não é pura abstração, porque, sendo constituído por matéria quintessênciada, não pode deixar de apresentar-se sob forma concreta aos espíritos, revestidos também de um corpo de natureza análoga.

E como a matéria se vai potencializando à medida que a rarefacção se acentua, a vida no invisível é mil vezes mais intensa do que esta, causando tanta surpresa aos espíritos menos avisados, como a quem do mundo não conhecesse senão o modesto recanto onde nasceu e fosse transportado ao seio das grandes metrópoles.

Morrer sem sofrimento é, sem dúvida, uma das grandes ambições humanas.

Será possível consegui-lo? Como?

Possível é, mas muita gente não está ainda em estado de poder acatar as regras que asseguram aquele objectivo.

Senão, vejamos: a extinção da vida somática implica a separação definitiva da alma, em virtude do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo.

Esta separação, porém, não é brusca, porque o perespírito só gradativamente se desprende de todos os órgãos, tornando-se enfim completa, quando já não exista o menor átomo daquele ligado a qualquer parte do corpo.

A sensação da alma, na ocasião da morte, está subordinada à maior ou menor dificuldade da separação do elemento perespiritual e portanto a morte poderá ser isenta de dor se a extinção da vida orgânica ocorrer quando o desprendimento daquele for já completo, ou assaz dolorosa, se na altura daquela extinção existirem ainda numerosos pontos de contacto entre os dois elementos: físico e perespiritual.

Verifica-se, assim, que o trespasse é tanto mais doloroso, quanto maior for a força coesiva entre aqueles dois elementos, a qual, por sua vez, está na razão directa do apego aos bens materiais.

Nos seres cujas preocupações digam respeito apenas às ilusões da matéria e cuja consciência se acha denegrida e manchada por deslizes vários, aquela força atinge a sua máxima intensidade, ao passo que, nas almas puras e de consciencia

limpa, antecipadamente identificadas com a vida espiritual, esse apego é pràticamente nulo e a afinidade entre o prespírito e o corpo, insignificante.

Sabemos então como tornar fácil ou penoso esse desprendimento, uma vez que ele depende do grau de pureza e espiritualização da alma e da tranquilidade da consciência.

No primeiro caso, há tremenda luta entre o espírito que não quer ser expulso e o corpo que não pode albergá-lo por mais tempo.

O moribundo, em vez de se abandonar aos impulsos da natureza, resiste com todas as forças, podendo prolongar assim a luta por dias, semanas e meses inteiros.

No segundo caso, tudo se passa de forma diferente. Como os laços fluídicos são frágeis, a sua rotura é suave e acompanhada de plena confiança no futuro, a que se segue um despertar cheio de alívio e de alegria.

Para se suprimir, ou pelo menos atenuar o sofrimento da última hora, é necessário, pois, trabalharmos na purificação da nossa alma, dominando as inclinações duvidosas e orientando a nossa vida pelos ensinamentos daquele que morreu pela humanidade.

Não receieis, se sois aduladores da matéria, pôr de lado vossos gostos grosseiros, porque, para além deles, outros existem, infinitamente superiores, que vos será dado também sentir, quando vossa alma tiver adquirido a necessária pureza que lhe permita sintonizar-se com vibrações mais subtis e elevar-vos a planos de beleza superlativa. Oremos por todos que morrem sem o baptismo espiritual, porque a prece, quando sincera, é magnetização psíquica, muito contribuíndo para o desprendimento do perispírito.

Trabalhar por uma morte serena, é trabalhar ao mesmo tempo pela felicidade futura, a que S. Paulo se referiu nestes termos: «Os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem penetrou no coração dos homens o que Deus preparou para aqueles que O amam».

Assine os Cadernos de MEDICINA NATURAL, complemento lógico da cultura do Espírito que todos preconizamos!

Peço um número espécime à Administração, R. do Salitre, 149, 1.º.

A DOR

Pelo DR. PAULO HECKER
(Correspondente em Porto Alegre)

As sensações e emoções desagradáveis não constituem sanções divinas, porque Deus, dispondo de meios adequados e suasórios para conduzir suas criaturas ao destino de perfeição que lhes traçou, não castiga.

Justiçar é próprio dos homens, embora a ciência pedagógica combata a inflição de quaisquer sofrimentos físicos, mandando que se estimulem as tendências boas e se obstaculizem as más, pois a criança só será cumpridora e disciplinada quando for feliz.

Admitir que a dor seja imposta pela Divindade como fim de redimir erros, dada a tendência inferior humana, eternizaria o mal, o que é absurdo.

No plano geral da criação o castigo não tem cabido, nem mesmo sob a forma expiatória, porque a dor não é «um buril com que os céus lapidam a alma humana», mas sim um sintoma de destruição e de atraso.

Contém-se na natureza como resultante lógica do procedimento mantido, para efectivar a lei de acção, e nunca como imposição punitiva.

Pode valer como piedosa advertência, espécie de aviso misericordioso que anuncia a existência de um mal que reclama atenção imediata. Assim, o sofrimento está para a orientação dos espíritos, como os sinais luminosos nocturnos das estradas estão para os itinerantes: mostra-lhes que existe ali um perigo que exige cuidado.

O fenómeno doloroso em si não traz vantagem alguma ao progresso espiritual; ao contrário, os homens feridos pelo sofrimento baixam a cabeça para o solo e, não raro, esquecem Deus e se presumem abandonados. Factos esses que entravam o progresso, impossibilitando a ascenção das almas. Agora, a maneira pela qual o sofredor se submete às vicissitudes da vida, essa, sim, influi nos seus destinos, de sorte que se bem houver suportado as agruras que lhe tocarem, tirará largas lições da experiência com grande proveito próprio, pois a resignação é virtude activa altamente meritória.

A dor em si é característica de anormalidades que precisam ser concertadas e, quase sempre, por acréscimo misericordioso, traz em seu bojo uma provação, a fim de mostrar ao paciente que ele não está nas condições morais de aperfeiçoamento em que se presume.

A mágoa física ou moral é um estado de alma que dura apenas enquanto o mal permanece, e é tão natural e necessária quanto o contentamento, que é estável. São vivências de um mesmo facto, o verso e o reverso de uma atitude, representando sempre as colheitas das semeaduras que se fizeram.

Não se confunda o resultado normal de um acto que acontece independente da vontade, como inferência fatal e imutável de uma lei natural, com prémios ou recompensas celestes. Pela bondade das leis perfeitas do Criador, o mal é sempre menor que a causa que lhe deu origem, ao passo que o bem, ao invés, é maior. O acréscimo a que se referiu Jesus, só é feito no sentido do bem; mesmo aí conserva certa proporção com o mérito de cada um e se efectiva no sentido da vantagem maior dos seus progressos espirituais.

Tomados como tipos o remorso e o prazer, impõe-se a conclusão de que aquele corresponde ao facto mau, como este ao bom; daí, a fatalidade kármica de se ser infeliz ou feliz consoante se tenha andado bem ou mal. Deste modo, na vida se efectiva a lei de responsabilidade, indefectivelmente ligada à de causa e efeito.

A dor, de conseguinte, jamais integra uma expiação, pois expiar é resgatar uma culpa pelo cumprimento de certa pena; logo, porque na lei não cabe o castigo, jamais o sofrimento terá função expiatória.

A justiça vinda do Alto chama-se misericórdia e consiste sempre em conceder o perdão pelo favorecimento perene de novos ensejos e oportunidades outras para o resgate das faltas e o culto do amor.

UMA HISTÓRIA SINGULAR

Os fantasmas ingleses sempre se misturaram, com o maior à vontade, na vida quotidiana dos seus descendentes vivos.

Até hoje, porém, nenhum dos hóspedes do Além foi até ao desaforo de pretender conservar direitos conjugais sobre a sua viúva.

Parece, todavia, que só existe, da parte deles, simples excesso de discrição ou, talvez, o resultado da incapacidade de se exprimir em linguagem acessível aos nossos sentidos limitados. Mas, na realidade, o casamento não se anula pela morte de um dos cônjuges. O laço sagrado contraído «para o melhor e pior» fica intacto. Em conclusão, as autoridades religiosas cometem erro profundo permitindo novo casamento aos viúvos. Esta teoria não foi imaginada por um cenáculo de fantasistas em plena divagação, mas por um grupo de espiritas que existem no colégio e nas velhas casas de Oxford. Os membros da associação vêm de todos os cantos de Inglaterra, pertencem aos meios mais diversos e são de todas as idades. Têm sòmente um ponto comum: são cristãos ferventes. O problema que os absorve é o do mundo dos mortos, o que lá se passa, da influência que ele tem sobre o dos vivos. A questão é daquelas que todos nós já fizemos ou fazemos inevitàvelmente. Mas, para a pequena comunidade de Oxford, resolver este enigma é o objectivo número um, porque a sua existência é que levou à constituição daquela Sociedade. E Rose Marie Adrian, que a fundou, foi levada a isso pelo facto estranho da sua situação pessoal: alguns meses antes descobriu que o marido com quem vivera 13 anos, era, na realidade, um cidadão do Além que, para voltar à terra edesposar a mulher que sempre amara, havia tomado «de empréstimo» a aparência de outra personagem.

Na sua juventude, Rose Marie (filha de mãe francesa) habitava com seus pais, numa propriedade entre Calais e Saint-Omer. Em 1918 (tinha então 17 anos) apaixonou-se loucamente por um jovem francês de 20 anos, que encontrou em Calais durante as festas do armistício.

Miguel (assim se chamava ele) não estava menos apaixonado pela *miss Adrian*. Mas ele era um simples marinheiro, ao passo que os pais de Rose Marie eram burgueses refinados e importantes. Numa palavra: seus pais opuseram-se à união projectada pelos namorados.

Nessa época as raparigas inglesas não tinham a liberdade que têm hoje, e Rose Marie submeteu-se. Mas teve tal desgosto, que a sua saúde alterou-se. Vendo isto, o senhor Adrian decidiu que a única solução era mudar de ambiente. Acompanhado da esposa e da filha, emigrou para Perth, na Austrália. Lá, realizou-se o que previra. Instalada nos antípodas, num mundo completamente diferente daquele onde tinha vivido até então, Rose Marie esqueceu pouco a pouco a França. Teria esquecido também o Miguel? Na aparência, sim. Entretanto, apesar de ser rica e encantadora, ficou obstinadamente solteira, mesmo depois de uma epidemia lhe ter levado, simultâneamente, o pai e a mãe. Não obstante, mantinha a promessa feita a seu pai, à partida de Calais, de não tentar ver o seu grande amor ou ter contacto com ele.

Mas o destino tinha outros projectos. Em 1935 Rose Marie e Miguel encontraram-se sùbitamente face a face, em Melbourne. Reconheceram-se imediatamente, ou melhor, ele reconheceu-a, porque, afirmou, ela não tinha mudado, apesar de haverem passado dezassete anos. Ele, pelo contrário, estava fisicamente transformado. O delgado rapazinho de ar romântico, tinha-se tornodo em possante matulão com obros largos e feições rudes sob o boné de marinheiro. Mas logo que começou a falar, não havia dúvida possível. A sua alma e o seu coração eram os mesmos. Juntos, a inglesa e o francês, evocaram as suas lembranças e o passado retomou-os de tal maneira, que ressuscitaram o seu belo projecto interrompido: casaram-se. Ela tinha 34 anos; ele 37, e, durante trez anos, conheceram uma felicidade permanente. Via-se bem que o pai Adrian tinha cometido um grande erro. Depois, numa bela manhã de 1948, Rose Marie sofreu um choque medonho, ao ouvir o marido declarar:

— Acabo de descobrir uma coisa terrível. Eu não sou Miguel e não sou o teu marido, porque, quando te desposei, já tinha mulher legítima, que ainda está viva.

Explicou que não era um marujo francês, mas um inglês de boa família, que viera muito novo para a Austrália, onde, ao chegar à maioridade, casara com uma alemã, oito anos mais velha. Em 1934, quando passeava sòzinho a cavalo, o animal assustou-se, atirando-o a terra onde tinha fendido o crâneo. O que se passou depois, era incapaz de dizê-lo. Quando voltou a si, encontrava-se num hospital de Melbourne, falava correctamente o francês (que ignorava anteriormente), só conhecia algumas palavras de inglês e dava, sem hesitar, como sua, a identidade de Miguel (de quem até então ignorara a existência). As autoridades australianas, persuadidas de que ele desertara de algum navio francês, tinham-lhe permitido estabelecer-se no país, o que ele agradeceu com reconhecimento. Quando «reencontrou» Rose Marie, teve imensa alegria e durante treze anos não duvidou da sua personalidade.

Mas, três dias antes, a sua verdadeira identidade voltava-lhe sùbitamente à memória. Uma rápida verificação provava-lhe que não se enganara. E sua mulher (a verdadeira) continuava a viver na sua casa de Adelaide. Então, atrapalhado, perdido, pediu conselho a um padre e este disse-lhe que falasse verdade e que voltasse para aquela que, aos olhos de Deus, era sua legítima companheira.

Rose Marie, ao ouvi-lo, julgou endoidecer. Por um lado, como acreditar em tal história, pois que aquele que tinha sido seu marido durante 13 anos a reconhecera tão ràpidamente quando se encontraram e, sobretudo, como explicar ter ele evocado com todos os pormenores e com tanta emoção os seus amores de adolescente, citando factos particulares que só Miguel podia conhecer?... Por outro lado, ela não podia negar que este homem nada tinha de comum com o outro que ela amava. Durante a sua estadia na Austrália, Miguel aprendera certamente, o inglês, mas falava-o de maneira rude, com acento em que misturava o nasalado australiano com certas características tìpicamente francesas. Agora «aquele que já não era Miguel» exprimia-se, não sòmente em puro inglês, mas com umas entonações e frases que, mesmo na Inglaterra, revelam imediatamente os estudantes de Oxford. E as suas maneiras eram aristocráticas.

O ex-Miguel voltou à cidade de Adelaide. Rose Marie, com o coração despedaçado, expatriou-se uma vez mais. Trocou a Austrália pela Inglaterra e, ao chegar, o seu primeiro cuidado foi pedir a amigos que iam a França que se informassem sobre Miguel. Não foi fácil, em virtude dos estragos sofridos durante as batalhas de 1940, mas a sorte ajudou. Descobriu-se que o marinheiro morrera de acidente, no dia de 1934 em que aquele que iria emprestar-lhe a sua personalidade tinha dado a queda do cavalo, no outro cabo do mundo.

A partir deste momento, Rose Marie convenceu-se de que tudo isto estava coordenado; que, ao desencarnar, Miguel tinha imediatamente descoberto o lugar onde se achava, na terra, aquela que ele sempre amara, mas que nunca pudera encontrar enquanto vivo e que o seu espírito, para poder encontrar a bem-amada, se apoderara do envólucro carnal daquele que uma coincidência misteriosa transformara no mesmo instante em corpo sem alma.

Mas, porque cessara o milagre tão bruscamente?

Isto também Rose Marie quis saber. Foi para isso que ela fundou a sua Sociedade, ou seja, para a descoberta do que se passa no «outro mundo».

E esta Sociedade, depois de longos meses de estudo e de meditações, chegou à conclusão de que, quando marido e mulher morrem juntos, eles fundem-se ambos, tornando-se numa só criatura espiritual. Daí a necessidade de considerar o laço do casamento como indissolúvel, mesmo depois do falecimento de um dos cônjuges.

Há, mesmo, fortes razões para crer que as forças maléficas que se manifestam tantas vezes do Além, sejam «radiadas» pelas vítimas de *quiproquos* deste género.

Seguramente, isto não passa ainda de hipótese. Mas o pior é que a estranha aventura «do homem que todos tomaram por Miguel», é uma realidade.

(De *La Presse*, de Paris, de 8-12-53, traduziu Mário Bacelar).

Nota da Redacção

As conclusões do articulista são verdadeiramente hipotéticas, no tocante ao destino de marido e mulher, quando morrem juntos. O casamento é um acto social sem carácter de indissolubilidade. É uma experiência extensiva a todos os seres humanos e que assume aspectos diferentes, consoante a região e o país.

Quanto à irradiação de forças maléficas, em virtude de casos deste género, estamos de acordo, pois há seres que ignoram a sua condição de espíritos desencarnados e obsidiam os que ficaram.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O CÃO CONHECIA A DATA

O *Psychic News* publicou em Setembro último curioso relato acerca das faculdades inteligentes manifestadas por um «lobo de Alsácia». Diz o articulista:

«Uma velha cantiga outrora célebre dizia: «Se queres saber que hora é, pergunta-o a um agente de polícia». Mas o sr. Beer, director do «Granada», de Kensington, dará uma versão mais moderna: «Se queres saber em que dia estamos, pergunta-o a um «lobo de Alsácia».

«O sr. Beer podia justificar o seu conselho como sendo o resultado da sua experiência com *Rita*, cadela inteligente, amiga de Bob Smith, de Rotherhithe.

«O sr. Smith comprou-a muito pequenina — agora tem 5 anos — e quando ela tinha alguns meses punha-se a ladrar, quando ele falava: 4 vezes, numa frase de 4 palavras, 3 vezes numa de 3 e assim sucessivamente...

«Deste modo, nossa «alsaciana» aprendeu a contar garrafas, a fazer sortes de cartas e a «dizer» a data.

«Recentemente, o *Empire News* nomeou um noticiarista para indagar o que havia e este senhor viu *Rita* e o seu dono entreter uma assembleia no «Granada», de Kensigton. No secritório do sr. Beer viu o animal a trabalhar brilhantemente. Contou perfeitamente um número de garrafas e ladrou ao esconderem uma ou duas... Reconheceu também as cartas de jogar, à excepção das figuras. O nosso noticiarista escolheu uma carta, ao acaso, e não a mostrou a ninguém. Pois *Rita* ladrou 5 vezes para a cor, 4 vezes para o naipe e 10 vezes para o número. O sr. Beer saiu do escritório e o noticiarista pensou num número. Pois *Rita* deu esse número exactamente.

«A experiência relativa à data é a seguinte, contada pelo próprio sr. Beer: «Outro dia, no palco, fiz todas as perguntas e era a primeira vez que eu via a cadela. Perguntei-lhe a data em que estávamos nesse dia e que eu julgava ser 5. O animal respondeu 4. Como eu lhe perguntasse qual de nós tinha razão, *Rita* ladrou novamente 4 vezes.

«Quem tinha razão era ela, disse o sr. Beer filosòficamente...».

Este animal maravilhoso suplanta alguns bípedes em inteligência. E se houvesse um método de «intercâmbio linguístico» entre homens e cães, é bem natural que a nossa admiração fosse ainda maior.

Por estas colunas têm passado muitos casos semelhantes em que se evidencia a inteligência dos animais chamados inferiores, mas que o não são, em boa verdade. E até os anfíbios, como as focas do Ártico, nos dão soberbas lições de compreensão e agilidade surpreendente, que ultrapassam o nível de alguns humanos.

UM NOVO AUTO DE FÉ

Lemos a seguinte nota na *Prédica del Pensamiento Espiritualista Moderno*, de Buenos Aires:

«Os diários da capital, com data de 9 de Dezembro de 1953, informaram que após uma procissão na paróquia de Santa Clara, de Flores do Sul, os fiéis responderam a um convite da véspera, dirigindo-se a um terreno baldio fronteiro ao templo e ali fizeram uma fogueira com uma porção de revistas, folhetos e livros espiritas e de outras tendências filosóficas e espiritualistas.

«O pároco declarou que esta atitude teve a sua aprovação, pois as referidas publicações, em insistente campanha, atentavam contra a doutrina da igreja.

«Conhecemos todas as publicações espiritas do país e afirmamos que nenhuma delas difama e ataca a igreja, como diz o pároco. Em troca, podemos oferecer-lhe diários e revistas católicos que, frequentemente e *significativamente*, apresentam o Espiritismo como grave mal social, dizendo que os seus adeptos são candidatos ao manicómio e os médiuns estão atacados de perigosas doenças.

«Compreendemos muito bem que a marcha dominadora do Espiritismo em todas as nações do mundo alarme os representantes da igreja católica; mas as ideias nunca poderão ser detidas com estes novos autos de fé, que não dignificam aqueles que os realizam ou fomentam.

«Os espiritistas sabem que a falta de cumprimento dos princípios evangélicos extingue o sentimento religioso na criatura humana, quer neste caso, quer noutros em que se atenta contra a doutrina, e cumprirão o mandato do Cristo: Perdoar aos seus inimigos e orar pelos que perseguem o Espiritismo, *ideal que é a continuidade histórica e divina do primeiro Cristianismo*».

O ENSINO ESSENCIAL DO ESPIRITISMO

O Nosso, do Rio de Janeiro, transcreveu de *Yours Fraternally*, órgão da Federação Espirita Internacional, o seguinte comunicado de P. Wilson, presidente da União Nacional Espirita Inglesa, ao Congresso Espirita de Estocolmo (1951) e que vamos arquivar nestas colunas:

«Às vezes somos levados a crer que no Espiritismo há tantas escolas, como espiritistas. Certamente, cada um de nós deve encarar de qualquer forma a observação de que o Espiritismo diz isto ou aquilo, ficando a pensar se, de facto, qualquer de nós terá sustentado pontos de vista tão variados.

«Entretanto, atrás dessa variedade, não é difícil descobrir opiniões unânimes sobre certas ideias básicas.

«A primeira surge da própria variedade: é o reconhecimento do direito e dever inerente à consciência individual de escolher os próprios credos. Desde que admitimos a possibilidade de uma corrente contínua de inspiração para a humanidade, vinda do mundo invisível, as alegações e autoritarismos, seja nos centros, seja nas academias científicas, começam a ceder. Pode dizer-se então que essa ideia da corrente inspiradora é a mensagem fundamental do Espiritismo para a humanidade. No entanto, se limitássemos os pensamentos, ignoraríamos alguns dos seus melhores aspectos.

«Encarando o assunto de forma mais analítica, sugiro três ideias principais que podem distinguir-se

em qualquer pensamento espiritualista e que resumo nestas afirmações:

1 — Eles hão-de voltar.
2 — A morte não é o fim.
3 — A morte não é o começo.

«As duas primeiras estão claramente interligadas. Dizemos que a personalidade humana sobrevive à morte corpórea, porque amigos que conhecêramos em vida voltaram após a morte para nos convencer da continuação da sua existência, mantendo interesse pelos nossos assuntos. Sei da realidade do mundo espirita pela mesma razão por que conheço o continente americano: tenho entes queridos em ambos. Recebo notícias de minha esposa que atravessou as fronteiras do lado espiritual há dois anos e meio, com a mesma certeza com que recebo notícias de meu filho que partiu para os Estados Unidos, há 15 meses. Mais ainda: por minha esposa sei de coisas que meu filho faz, antes dele mas dizer.

«Nunca estive na América, mas conheço pessoas que lá estiveram. Conscientemente, nunca visitei o mundo espiritual, mas tenho amigos dignos de fé que afirmam ter lá estado e de quando em quando tenho notícias daqueles que lá estão agora. Não obstante, quando digo a última frase sou obrigado a admitir que as ideias com que ela implica estão em parte em oposição com as palavras que usei, pois o terceiro princípio que emerge dos dois primeiros é que o homem tem uma natureza espiritual não limitada pelo envólucro físico.

«Qualquer ideia, então, de que a morte seja o começo de vida espiritual, é insustentável. Aperfeiçoamos o carácter espiritual enquando tivermos forma física. A continuidade da vida após a morte, que o Espiritismo prova, é espiritual e não física. Aqui mesmo devemos falar em visitar o mundo dos espíritos. Não seria melhor considerar a vida física da mesma natureza do universo divino, com características materiais e limitadas? A razão de tal visita está na possibilidade do ser espiritual se treinar em certas medidas de controlo. Não será experiência generalizada em que se progrida mais seguramente pela deliberada limitação de funções? *Per gradum non per saltum.*

«Assim, sugiro que a Mensagem do Espiritismo à humanidade seja essa concepção do homem como ser que agisse continuamente, mas limitando as actividades, quando em contacto com o mundo material, a fim de desenvolver o controlo de seus poderes e faculdades espirituais.

«Desta concepção se deduzem todos os demais princípios com a mesma segurança com que a noite se segue ao dia. Particularmente, o princípio da responsabilidade pessoal como atributo de um ser espiritual livre que deve escolher os seus pontos de vista e as fases da vida, é uma consequência inevitável.

«Existe, realmente, uma corrente contínua de inspiração vinda do mundo invisível e nós próprios somos partes dessa corrente e participantes dela».

NOVAMENTE O «MAGO DE NÁPOLES»...

A revista londrina *Two Worlds* publicou em Julho de 1953 interessante relato acerca da nova cura obtida pelo magnetizador italiano Aquiles D'Ângelo, mais conhecido pelo «Mago de Nápoles». Quem descreve o acontecimento é a sr.ª Sheppard no jornal espirita *American Fate* e que o *Two Worlds* transcreve na íntegra.

Diz ela que alguns anos antes soube que o grande tenor italiano Gigli perdera a voz e por isso ficara emocionadíssima em face do grande desastre que isso constituía.

Gigli foi a Roma e a Paris, a fim de consultar os melhores especialistas do género, sem o mínimo resultado, até que recorreu a Aquiles D'Ângelo. Este visitou o enfermo e a porta cerrou-se atrás de ambos: um grande tenor e um analfabeto. Durante meia hora ouviram-se vozes murmuradas. Nova meia hora passou, ante a cruel espectativa dos amigos de Gigli que se encontravam na sala de espera, sentindo que nada mais havia a fazer. Mais um instante... e ouviram-lhe a poderosa voz em canto libertador, numa vitória completa das cordas vocais. Gigli cantava como nunca. A porta abriu-se e a voz de Itália elevou-se pessoalmente num sorriso prazenteiro e encheu a rua, provocando a aglomeração dos transeuntes que exclamavam, de pescoço estendido!

«—Gigli canta outra vez! Viva Gigli!

Quando a ex-rainha Maria José cegou e os médicos a declararam incurável, Aquiles D'Ângelo curou-a em dois tratamentos seguidos.

Coppi, ciclista popularíssimo em Itália, deu uma queda em Roma e procurou o curador. Os médicos tinham dito que não podia correr durante seis meses e dois dias após o tratamento tomou parte na *Volta da Europa* em bicicleta onde se portou galhardamente. Diz ele:

— O homem apenas me tocou; depois fez deslizar o dedo ao longo da perna. Parecia lume, como se milhares de agulhas me picassem a pele. Por fim disse-me que estava curado.

Aquiles D'Ângelo é napolitano, tem 44 anos de idade, é filho de um carpinteiro e começou a trabalhar como engraxador, sem tempo para ir à escola. Depois foi porteiro e chegou a utilizar as andas para efeito de propaganda. Um dia, quando caminhava com um grande letreiro, caiu ao chão e sofreu uma comoção cerebral. Só 26 horas mais tarde recobrou os sentidos. A articulista acrescenta:

«Um médico e uma enfermeira aproximaram-se do doente e admiraram-se de ouvir chamar pelos seus nomes. D'Ângelo nunca os vira nem ouvira. Um novo mundo se abria para ele, pois a sua faculdade nascente desconcertava os próprios médicos. Este pobre analfabeto desafiava a lei, curando enfermos desenganados e podia chamar qualquer pessoa pelo seu nome: «Mostre-me a cara e eu lhe direi imediatamente o seu nome completo». Mais aborrecido é o seu poder electromagnético. Se lhe apertam a mão, pode transmitir fàcilmente a sua corrente eléctrica e, se quiser, produzirá um choque nervoso com um leve toque de dedos».

D'Ângelo foi a Paris para ser examinado, a pedido de alguns psiquiatras. A primeira coisa que lhe disseram foi que desse provas do seu poder. D'Ângelo fixou um grande relógio de sala, que parou no mesmo instante; e quando saiu, esboçou um sorriso, fixando outra vez o relógio, que começou a trabalhar imediatamente. O pêndulo estivera parado 55 minutos, o tempo que durara a entrevista.

D'Ângelo é o homem mais bem pago de Itália. Ganha 250.000 liras por dia, ou sejam 140 libras esterlinas, uma coisa semelhante e 10.000 escudos. Cobra bem o seu trabalho se o doente é rico, mas nada leva aos pobres e até os ajuda pecuniàriamente. Os doentes aglomeram-se diàriamente na rua, mas às vezes sem resultado, porque ele é tão honesto, que diz a muitos: «Vá para casa, que nada lhe posso fazer». E se o doente insiste, manda-o embora.

Notas & Comentários

OS MÉDIUNS E A TELEVISÃO

Segundo lemos em Two Worlds, o médium Joseph Benjamim foi sondado por um produtor de televisão no sentido de fazer uma demonstração de clarividência. Chegou mesmo a receber convite para ir ao estúdio, mas recusou, quando soube que a sua experiência seria apresentada como passa-tempo. Agora estão a discutir a possibilidade da demonstração numa sala com assistência adequada, a fim de televisarem oportunamente.

Desta nota se vê que a televisão deseja explorar os grandes acontecimentos, tendo em vista o objectivo comercial puro e simples. Ora, o Espiritismo não é prestidigitação, nem arte correlativa. Os seus fenómenos são coisas sérias e contingentes, pois ninguém poderá garantir que em tal dia e a tal hora o médium estará em condições de dar ao público o que o público espera dele.

Assim não pensou o aludido produtor e assim não pensam, infelizmente, muitos leigos endinheirados que reptam os médiuns a produzir este ou aquele fenómeno, em ambientes pré-estabelecidos. Os fenómenos observam-se, não se provocam. Quem pode dar origem a uma aurora boreal ou à queda de meteorites? Por isso achamos caricatos os reptos ou convites a médiuns, para que produzam este ou aquele fenómeno.

A investigação psíquica deve limitar-se a especialistas e não estender-se a gregos e troianos que a possam denegrir e abastardar com a sua ignorância.

AS RAZÕES DO DR. GARBETT

São três as razões segundo as quais o Dr. Garbett, arcebispo de York, não pode aceitar o Espiritismo (sic):

1.ª — Não estou convencido da realidade das sessões;

2.ª — Não aceito a crença, quanto à vida futura;

3.ª — Nada pode suplantar as Escrituras Sagradas.

Claro, que este critério é puramente individual e não encontra eco noutros prelados anglicanos que pensam diferentemente. Assim, em Maio passado o arcebispo expôs a sua maneira de ver a uma comissão de pastores, dizendo que a comunhão com aqueles que nos deixaram podia encontrar exacta expressão na comunhão dos santos, mas não conseguiram pôr-se de acordo nesta matéria.

Há muitos elementos do clero que não partilham das razões do Arcebispo, a começar pelo Reverendo W. S. Pakenham-Walch, vigário de Sulgrave. Este pastor afirma que a comunhão dos Santos inclui a comunhão com os invisíveis e que é tempo de pensar a sério nestas coisas e considerar as possibilidades maravilhosas que se oferecem aos humanos.

Assim, as três razões do Dr. Garbett estão em risco de fracassar, se não fracassaram já perante a comissão encarregada de unificar certos pontos de vista, quanto a um problema muitas vezes debatido na religião anglicana, cujos membros não se dispõem a aceitar dogmàticamente a opinião de quem quer que seja.

A era do racionalismo abriu os olhos da inteligência a muitos que os fechavam por interesse próprio ou subordinação a princípios estabelecidos. Quem quiser convencer incrédulos há-de apresentar-lhes argumentos lógicos que falem à razão, pois só esses ganharão consciência para as fileiras da Verdade.

EM DEFESA DO ESPIRITISMO

Em 29 de Dezembro último reuniu-se na Confederação Espirita Argentina a Comissão de Defesa do Espiritismo, perante sócios de sociedades confederadas e outras livres, além de redactores de diversas revistas da especialidade. Em nome de todos falou Santiago Bossero, propondo que se formasse uma Concentração Espiritista Argentina em Defesa do Espiritismo, com o fim de realizar uma tarefa activa e contínua. Entre os modos de acção indicados estão os seguintes: dirigir-se em carta às autoridades constituídas, demonstrando a injustificação dos ataques feitos há pouco a uma doutrina legalmente reconhecida; escrever outra ao Vaticano, que se difundiria extensamente nos meios católicos e na opinião pública; dirigir-se à Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro, solicitando a redacção de um trabalho em que se demonstre profissionalmente que a doutrina espirita não gera transtornos psíquicos nem loucura.

A nova comissão ficou assim composta: Pelas Sociedades Confederadas, Santiago Bossero, Héctor Centrón, Rafael Vitali, Oscar Lavalle e Osvaldo Lorenzo. Pelas Sociedades não Confederadas, Rafael El Busto, de «Constância»; Carlos Lauri, de «Luz del Porvenir»; Sara Dora e Elena Artese, de «Providência» e José Quirós, de «Luz e Verdade», de Banfield. Pela Imprensa Espirita, Nicolás Galazzo, de La Fraternidad; Natálio Ceccarini, de Progreso Espirita, e Arturo Gilly, de Prédica.

Felizmente, os espiritistas argentinos têm liberdade de expressão e podem fàcilmente revidar os ataques dos adversários, embora o façam sempre com aprumo e galhardia. Temos a certeza de que saberão dominar a enxurrada, porque a verdade não tem pés e anda. E nada pode opor-se à realidade dos factos. Por isso é que muitos sábios modernos são espiritistas e outros aceitam a hipótese espirita, que é lógica e francamente racional.

Esses ataques produzem reacções adequadas e contrárias, estimulando ao mesmo tempo a capacidade de resistência dos adeptos sinceros. Assim, como razão lhes chamaremos providenciais.

Os confrades argentinos tiveram de enquadrar-se na lei, mas ficaram em posição melhor e mais airosa para defender os nossos postulados. Seria natural que tal sucedesse em todo o mundo. A luta das ideias é necessária à cultura universal. E o espírito lucra sempre com embates de opiniões fora do campo subversivo, absolutamente contrário aos princípios que defendemos.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como fora anunciado, o nosso confrade Costa Cabral, Presidente da Ordem Esotérica Iniciática e da Sociedade Portuguesa de Naturologia, realizou em 31 de Janeiro uma conferência no Centro E. Luz e Amor, subordinada ao título «Naturismo e Espiritualismo». Começou por apresentar os pontos de contacto entre as duas doutrinas e ventilou a seguir alguns temas importantes, como evolução, karma e ascensão espiritual, dizendo que o naturismo tende à perfeição pela modificação do procedimento individual. Falou na alimentação dos médiuns e expôs como se podia coadunar o regime dietético com as ideias espiritualistas. Afirmou que a carne desenvolve as paixões inferiores e a criminalidade e informou que na América do Norte os magarefes não são admitidos como jurados. Aludiu também ao tabaco, que produz uma grande percentagem de cancerosos, e disse que a incompatibilidade dos alimentos era o maior perigo da boa nutrição. Finalmente comparou o temperamento dos animais herbívoros com o dos carnívoros, incitando os ouvintes à alimentação vegetariana e à prática do Espiritualismo. Foi um belo trabalho, escutado com a maior atenção.

No dia 14 de Fevereiro coube a vez a António Cardoso, com o tema «O Problema dos Fantasmas». Em cerca de hora e meia expôs interessantes casos de fantasmas que agrupou num quadro de cinco classes, a saber: *fantasmas divinos* (visões objectivas e subjectivas), *fantasmas de corpo etérico, fantasmas dos vivos* (conscientes e inconscientes), *fantasmas dos mortos obtidos em laboratório e fora do laboratório* (habituais, minúsculos, proféticos e mecânicos) e *fantasmas vampiros,* hostoriando e analisando estes casos numa linguagem sugestiva.

As notas que tomámos dariam para larga resenha e pena é que a falta de espaço nos limite a acção neste momento.

Na verdade, António Cardoso tem-se afirmado ùltimamente como expositor consciencioso de variados temas espiritas e por isso não admira que ganhasse a simpatia dos ouvintes, que lhe auguram um belo futuro de conferencista.

Nos *fantasmas de corpo etéreo* interpretou as experiências de Durville e Albert de Rochas e chegou à conclusão de que o corpo etéreo se desagrega ao cabo de dois dias. Falou na *teoria das representações* para dizer que o indivíduo não pode sair de si próprio, citando alguns fenómenos para combater esta velha teoria.

Também em 7 de Março o nosso consócio Fernando Alves Martins se estreou como conferente, falando mais de duas horas sobre grafologia e ciências correlativas, a que nos referiremos no próximo número.

SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Devido à falta de espaço só no próximo número daremos notícias deste habitual sorteio.

REPRESENTANTE EM S. PAULO

O nosso confrade António Pereira Correia é o representante de *Estudos Psíquicos*, em S. Paulo, para efeitos de assinaturas, e deve ser procurado no Instituto Espirita de Educação, R. de Santo Amaro, 362, ou pelo telefone 7-2759.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM ABRIL DE 1954

Grupo de Irradiação Mental

Todas as 5.as feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Grupo «Irmão Rhammurthi»

Todas as 2.as feiras, às 21.30, com a médium D. Maria da Glória.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as 6.as feiras, às 21.30, com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 3, Sábado, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 4, Domingo, às 16 horas — Conferência de D. Ivone de Sousa, intitulada «O Espiritismo na Evolução Humana».

Dia 11, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 14, 4.ª feira, às 21.30 — Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática).

Dia 17, Sábado, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 18, Domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 25, Domingo, às 16 horas — Conferência por António Cardoso, intitulada «Fenómenos Radiestésicos».

Dia 28, 4.ª feira, às 21.30 — Grupo «Irmão Rhammurthi» (parte prática).

Dia 1 de Maio, Sábado, às 21,30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Nota — As conferências são publicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, estar munidos da última quota paga.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos destinados ao Fundo Permanente de Beneficência:

Mês de Março — Mário Carvalho Nobre, de Marinha Grande, 20$00; D. Maria Madalena de Jesus Macedo, de Oliveira, 30$00; Adriano Lopes do Paço, de Pinheiro, S. João de Loure, 20$00; B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Subscrição do 45.º sorteio de livros espiritas, 150$00. Total—260$00.

Diversos para o Grupo de Protecção às Crianças e entregue ao mesmo em Janeiro e Fevereiro — 635$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias reliigões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espírita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
O Reino de eJsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Espiritismo, **da Redacção**; Concepção Evangélica da Liberdade — II —, pelo **Dr. Noraldino de Melo Castro**; Confraternização Espiritual; Consciência da Responsabilidade, pelo **Dr. Djalma de Matos**; Da Evolução Morfológica e Espiritual — III —, pelo **Dr. Sérgio Vale**; Lesage, Artista e Mensageiro do Além; Notícias do Brasil; Uma Defunta Narra as Suas impressões do Além; Síntese (Capítulo do livro «Novos Caminhos», ditado pelo **Espírito de Lia**); A Íris-Diagnose, por **António Cardoso**; «Ronda Espiritual», por **Leopoldo Machado**; A Ciência do Yoga e o Automatismo do Sistema Nervoso Vegetativo, pelo **Dr. João Filipe Ferreira**; O Governo de Israel Reconhece o Espiritismo; Hospital Espírita «João Evangelista», por **Joaquim da Silva Gomes**; O Drama da Loucura, por **Luís de Barros Castro**; As Obras de F. Cândido Xavier; Uma Conferência Sobre Grafologia; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

AGOSTINHO LESAGE

(Ver página 108)

15.º ANO ABRIL DE 1954 N.º 4

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO | LISBOA, ABRIL DE 1954 | N.º 4

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ESPIRITISMO

A palavra «espiritismo» anda abastardada em boca de leigos e já é tarde para a substituir sem desvantagem. Com efeito, o ideal seria arranjar outra que pudéssemos alimentar com seiva nova, imprimindo-lhe carácter filosófico e científico na verdadeira acepção do termo. Um século de lição contínua basearia assim uma ideologia que está sofrendo as consequências da sua popularidade. Agora, o remédio é enfrentar a questão com denodo, ensinando e saneando. O maior trabalho deve ser feito dentro das fileiras, pois muitos «adeptos» ignoram o que seja a Doutrina. Começam a praticar sem base filosófica e desprestigiam a causa que julgam defender. É o caso do cego a guiar um cego. Quem quer saber aprende com quem não sabe. Triste aprendizado e triste apostolado!

É preciso disciplinar as massas, dar-lhes conteúdo mental, reformá-las e vigorizá-las, explicando-lhes que a palavra abastardada não tem culpa dos maus cultores; que a verdade pode ser oculta aos olhos dos homens, mas permanece límpida aos olhos de Deus; que o esforço hipócrita não pode cimentar obras reais; que o Espiritismo, enfim, é obra superior que nenhum potentado conseguirá destruir jamais.

Mas tudo isto deve ser feito serenamente, de olhos postos na luz eterna que nos guia.

Há no campo espirita quem preconize a existência de hierarquias obedientes a poder central que as oriente. E que assim haveria respeito ao existente, uniformidade e continuidade. Quanto a isto, já expusemos a nossa opinião. As doutrinas evolucionistas exigem liberdade. Não se pode condicionar o pensamento. Podem amarfanhá-las, limitar os seus voos objectivos, dando impressão de marasmo intelectual. No fundo, porém, a fonte continua a jorrar em demanda do oceano.

O Espiritismo é água corrente. É actualização de princípios eternos, porque naturais. O estagnamento cristaliza, é anti-progressivo.

Portanto, o caminho está aberto à iniciativa. Cada um pode e deve estudar de harmonia com os fundamentos. Classes, para quê? Para dar foros à ideia preconcebida? Para condicionar a luz meridiana? Para criar seitas e capelinhas? Para lançar o caos onde existe animadversão?

Que importam as controvérsias dos adeptos, se tendem a esclarecer pontos de doutrina? O esclarecimento filosófico vale mais que a combinação preparada.

Sejamos verdadeiros e francos em nossas atitudes. Há coisas que não podem explicar-se à luz dos postulados? Declaremo-lo firmemente e lealmente. O Espiritismo não define tudo. É uma ciência em laboração. Amanhã terá maior amplitude, iluminará novos sectores, alargará a sua influência a outros campos arroteados.

Que faz a Química, a Física, a Astronomia? Que faz a Medicina? Que faz a Matemática? Disseram a última palavra? Resolveram todos os problemas? Quantas dúvidas, quantas interrogações estão de pé nesses campos vastíssimos! Quantas pesquisas erradas, quantos esforços inglórios! E por isso deixam de constituir ramos científicos? Deixam de orientar o universo material?

Devemos trabalhar, como se pertencêssemos a um congresso permanente. Devemos depositar as nossas dúvidas no dossel da imprensa espirita, onde as grandes questões se derimem. Não há tablado maior nem melhor. Trocar impressões é atrair as almas e auscultá-las. Auscultemo-nos, pois, uns aos outros, nas agremiações a que pertencemos. Organizemos tertúlias sobre a arte de estudar e reabilitemos a palavra «espiritismo». É trabalho de garimpeiro na lavagem da pérola.

Porque o Espiritismo vive e progride, mesmo sob o labeu de ganga espúria. Desfazer a ganga é sanear o ambiente e alargar as margens do rio. Então a corrente será mais forte e mais pura.

CONCEPÇÃO EVANGÉLICA DA LIBERDADE

pelo **DR. NORALDINO DE MELO CASTRO**

II

5.° — A CONCEPÇÃO ILUMINISTA

30 — O Iluminismo, também conhecido como «Século das Luzes» ou «Época da Ilustração» tem o seu apogeu no Século XVIII. É ardoroso defensor da liberdade humana. Tem fé absoluta no direito. Dá particular valorização à Liberdade. Vai a ponto de pretender «dar liberdade ao homem por meio de normas jurídicas». Quis colocar dentro da norma não a regulamentação da liberdade, mas a própria liberdade. Sustenta que «o direito e a liberdade são filhos da ordem jurídica, que deriva da essência das coisas», ou seja da própria lei.

31 — Proclamados os direitos do Homem, traduzidos em síntese, no Liberdade, Igualdade e Fraternidade, os iluministas passaram a preceituar que a norma e a liberdade nascem do livre pacto dos homens, determinados segundo a recta razão e a lei natural.

32 — Coincidem no sentido objectivo a lei e a liberdade. Pretende-se colocar a liberdade natural do homem dentro do direito. Aparece, desta forma, o conceito de liberdade como faculdade de fazer o devido. Converte-se a liberdade em lei que, por sua vez, se converte em ordem natural. *Rousseau* qualifica essa orientação de pecado, pois, na essência, era kantiana.

A liberdade era um *prius* teorético. Não era ainda um *prius* ético e político. Surge, a esta altura, a «teoria dos direitos individuais, naturais e originários». Desaparece o *jus in omnia,* mas permanecem certos direitos — liberdade de consciência, jurídica, económica e pessoal». *(Soler e Moncada).*

33 — O Direito deixa de ser equação hipotética para ser necessária. A liberdade do homem desaparece diante da norma, em cujo sistema não tem cabida a liberdade real, simples pressuposto para que a norma seja compreendida. O homem cria o direito, visando alcançar, através da lei, o «regulador social» — o que a religião, durante séculos, «transferiu para a outra vida». Já o grande *Carrara* achara inconcebível a ideia de direito, a menos que derive do pressuposto da existência de uma lei suprema, emanada de Deus. (Programa, T. I., Prólogo). Admitida a inteligência do Criador, é preciso que o criado, a criação, responda a uma ordem e da lei suprema são derivadas todas as leis — a lógica, a física, a moral e a jurídica».

34 — Esse pensamento já tem raiz em *Locke,* que sustenta que o «estado de natureza tem lei natural que o governo e a cada qual obriga; a razão é que a dita lei ensina à humanidade, sempre que ela queira consultá-la, pois sendo todos iguais, independentes, ninguém deverá prejudicar a outrem...». A seguir ainda sustenta que os homens «descendem do Criador todo poderoso e infinitamente sábio».

35 — A norma, prescrevendo limitações, regula a conduta do homem. Se se depara conduta contrária, dá oportunidade a que a liberdade intervenha a seu favor. A conduta, concebida como manifestação da «liberdade criadora» *(Korn),* conforme ou contrária à norma, determina os actos — neutros, indiferentes, estranhos — e a imparcialidade do Estado, frente às liberdades individuais.

36 — Conhecida a norma, a lei, o homem e a liberdade, mister se torna definir o homem ideal que, na concepção de *Descartes,* se retrata na fórmula — «Cogito, ergo sum» (Penso, logo existo).

37 — São figuras de relevo do Iluminismo: *Locke, Rousseau* e *Kant.*

Locke — Para ele, o homem goza, no estado de natureza, da liberdade plena para dispor de suas posses e de sua vida. Não é livre, porém, para dispor e destruir a si mesmo, nem a critura alguma, em seu poder, a menos que o reclame uso mais nobre que a mera conservação. O estado natural, por conseguinte, é um estado de perfeita liberdade, a liberdade de, dirigindo suas acções e dispondo de seus bens, agir o homem como entender. Não pode entregar-se ao Estado, pois sendo propriedade de Deus, tem de

orientar-se no sentido de sua própria conservação. Renunciar a esse mínimo de liberdade seria destruir-se. Esta liberdade não é arbitrária, mas admite uma lei que a limite, regulando a sua manifestação.

Ora, admitindo-se a liberdade como norma que antecede à lei, seria mais razoável, para *Soler*, a fórmula inversa, ou seja — «onde não há liberdade, não é concebível a lei». E realmente esta fórmula é mais razoável, porque a lei resulta da liberdade. Se não há liberdade, há opressão, tirania, preponderando a vontade do tirano, que abole as leis e impõe a vontade individual. Essa ordem de coisas justifica o pensamento de *Carrara*, que sustenta ser o direito penal «a forma plena de direito», «o código supremo da liberdade». Limitada a liberdade, absoluta ou relativamente, torna a limitação de aspecto curioso, pois ela se identifica com a justiça.

Rousseau — É eclético e dá a impressão de que não se encontra filiado a escola alguma. Combate o materialismo ateu e o racionalismo puro. Faz da razão um postulado, estranho à matéria. «Triste filosofia — exclama *Rousseau*, referindo-se aos materialistas — a que desconhece o posto que o homem ocupa no universo e o rebaixa ao nível dos brutos, que prefere dar o sentimento às pedras do que conferir uma alma aos homens!».

Justiça e bondade são afeições da alma iluminada pela razão. Opunha aos jusnaturalistas e à doutrina dos intelectualistas «o carácter emotivo da natureza, da lei e do direito», se não se fundam sobre a natureza do coração humano.

O homem, se não social, se transformará em ser sociável, contemplando as misérias e as dores alheias. Por isso, estabelecer o equilíbrio entre o sentimento e a razão do homem, significa restabelecê-lo entre o estado de natureza e o estado civil na vida social. «O remédio para a corrupção não é o retorno ao primitivismo, onde o instinto e o sentimento predominam como regra de conduta. O remédio eficaz é restituir a razão à sua função de «intérprete e guia do sentimento». A paz e a felicidade social serão alcançadas não com o retorno à natureza, estado já superado, mas com o comércio da arte e da ciência realizar o consórcio social, em que os direitos naturais sejam respeitados.

O ponto de partida, portanto, na base da construção política de *Rousseau*, é o direito natural da liberdade, da igualdade. Alicerçando sua doutrina nos epicuristas, criou a doutrina do contrato social, que surge como facto empírico.

É necessário que os indivíduos, por instantes, confiram ao Estado os seus direitos, o qual, depois, os devolverá a todos, mas com o nome substituído, pois em vez de direitos naturais, serão direitos civis. «A devolução, sendo para todos, a igualdade fica assegurada, conservando, cada um, a sua liberdade. A transferência temporária de direitos não é alienação, pois a liberdade é inalienável, confunde-se com a própria natureza humana. Ela, em estado de natureza, surge tutelada e, constituindo o princípio de Autoridade, tem ele a missão de garantir a liberdade, a fim de que os direitos fundamentais sejam assegurados. Admite haja um instante em que o homem é obrigado a renunciar à liberdade natural, conseguindo maior segurança, para harmonizar a vontade empírica e a liberdade de cada membro da colectividade. Troca-se a liberdade natural pela liberdade política. Não é negativa. É positiva, de colaboração. Ser livre equivale a obedecer a «vontade geral». Vontade geral equivale ao Estado. E quando isso acontece obriga o recalcitrante, que nada mais faz do que ser «obrigado a ser livre».

E o verdadeiro conceito de liberdade em *Rousseau*, bem como da lei, corresponde a que «liberdade significa subordinação a uma lei severa e inviolável que todo o indivíduo erige sobre si». Não admite (sociedade ideal) o livre arbítrio do indivíduo, no que «vê um pecado contra o verdadeiro espírito de toda a comunidade humana». Acentua, afinal, que se deve atender a limitação e a generalização de conceito de liberdade:

> *Il faut bien distinguer la liberté naturelle, que n'a pour bornes que les forces de l'individu, de la liberté civil, qui est limitée par la volonté général; et la possession qui n'est que l'effet de la force ou le droit du premier occupant, de la propriété, que ne peut être fondés que sur un titre positif.* — (Del Vecchio, Solari, Moncada e Soler).

Kant — O termo liberdade é equívoco. *(Serrano)*. Em seguida, esse Professor atribui à personalidade dois elementos importantes — a consciência reflectida e a liberdade. «Liberdade é o poder que o homem tem de se determinar a si próprio». E acrescenta: — «Ora indica o livre arbítrio (liber-

dade moral), fundamento de todas as outras, ora indica o poder exterior de agir e executar movimentos, sem sofrer violência alguma. (Liberdade física). E conclúi que só interessa a liberdade moral, que, para *Kant*, consiste na sua obediência. (*Crítica da Razão Prática*. L. I, prob. I, II. É condição *a priori* da lei moral, de que a liberdade é *ratio essendi*. A lei moral é *ratio cognoscendi* da liberdade. Busca o uso moral da razão e fundamenta nele os conceitos de Deus, liberdade e imortalidade. Vontade livre é justamnte aquela em que «a simples forma legislativa das máximas pode servir de lei» — isto é, «o único que pode servir de um motivo determinante e da vontade livre». «Liberdade e lei prática incondicionam e correspondem uma à outra». (Idem). «O homem de *Kant* é a «integração da vontade humana numa ordem racional de fins, achando, nessa integração, a própria lei, que não é imposta do exterior, mas por alguma coisa que está nela e que se chama autonomia». A respeito escreve *Gentile Giovanni:*

> *La libertad de que se habla antes de* Kant *es bien otra cosa de la autonomia kantiana, no obstante que la dos palabras puedan parecer sinonimas y puedan, de hecho, usar-se una por otra. Aquella libertad es la libertad del querer, que es livre, no porque tiene en su contra, sino en si la ley y no puede no conformarsele si se realiza a si mismo. Aquella libertad se une por esto al concepto de la dualidad irreductible del bien y de la voluntad. La autonomia, en cambio, es la afirmación de la unidad inseparable de los dos términos.*

A seguir define que a «velha liberdade é atributo de um pseudo espírito, ao passo que a autonomia o é do verdadeiro espírito».

Ninguém levou tão longe, tirando *Hegel*, o conceito de uma liberdade humana, cuja essência está no recalcamento ou na subestimação do indivíduo empírico, em benefício de um eu racional e transcendental, identificado com a Razão, coincidindo com a razão e o Estado, como Ideia. Admite a liberdade com causalidade — «objecto supra sensível», equiparado à categoria, na especulação.

Kant — observa *Pedro Lessa* — sustentou o pró e o contra — distinguiu o mundo fenomenal ou das aparências e o mundo noumenal ou das realidades, das coisas em si. (*Crítica da Razão Pura*, tr. Francesa, II, n.º 606, páginas 641 e seguintes). Sustenta que o homem-fenómeno é sujeito ao determinismo, ao passo que o homem nóumeno, cuja existência independe do tempo e do espaço, goza da liberdade. A contradição a que foi levado o genial pensador deflui da sua concepção restrita de causalidade ...conduz à ideia da liberdade humana como uma consequência natural. «*Kant*, aliás, admitia que a moralidade tem por condição necessária o livre arbítrio, e que a ideia de dever implica a de poder moral. Não fosse livre o homem, absurdo seria impor-lhe obrigações morais, — ad impossibilia nemo tenetur». — *(Serrano)*.

38 — O ilustre *Prof. Carlos Campos*, em sua obra «Sociologia e Filosofia do Direito», escreve que o «imperativo categórico do dever, de que se deduz a necessidade da liberdade e a filosofia moral e jurídica, valendo em si e por si, é ainda o mesmo elemento que encontramos no idealismo de *Hegel* e *Platão*, onde o conceito de ideias se torna realidade fortemente impregnada de interesse superestimado para a sua mais perfeita realização, com valor em si e por si. «Na filosofia metafísica do *Schopenhauer*, a vontade — a coisa em si com valor em si — desempenha o mesmo papel. Coloca a vontade racional incondicionada, conforme ao dever de *Kant*, colocando-a no fundo das coisas e também na base da personalidade humana». E mais adiante esclarece que *Schopenhauer* antecipou *Lamarck* e *Darwin* — e fundamentou a sua realização metafísica da ideia de liberdade em uma teoria evolucionista. «Já para *Ihering* — explica — o direito não tem por fim realizar a vontade, que não tem valor em si e por si, mas o interesse, que é o seu fim. E tanto é verdade que o interesse e não a vontade é que é o objecto de direito». Direito que não tem vontade — exemplifica — é o *infans*, mentecapto — não tem conhecimento dele — o nascituro.

39 — Em razão desse pensamento, destacam-se duas escolas, segundo a lição de *Vanni*, que estudam o direito — a escola da vontade e a escola do interesse. Filiam-se à escola da vontade: *Hegel*, para quem o «direito é a existência da vontade livre, a liberdade como ideia». Para *Rosmini* é a «faculdade de fazer o que nos apraz, protegidos pela lei moral que aos outros impõe o respeito». Já para *Savigny* é «a sanção da liberdade moral inerente a cada homem» e, para *Spencer*, «é a liberdade que tem cada um de

fazer o que lhe aprouver, contanto que não lese igual liberdade de outrem».

Dois nomes agigantam-se na Escola do interesse: *Dernburg* define-o: «direito é a cota nos bens da vida que toca a uma pessoa na sociedade humana»; *Ihering* apresenta a célebre e discutida definição — «direito é o interesse juridicamente protegido».

40 — *João Arruda,* preclaro professor paulista, oferece-nos a definição do saudoso *Pedro Lessa,* considerando-a a mais completa — «Direito é o conjunto de condições de vida e desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, garantidas, ou que o deveriam ser, pela força coercitiva do Estado». E explica aquele professor que é o próprio direito natural, com base na vida e no desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, o que o torna diferente do de *Rousseau,* que só o conhece com base na razão.

41 — Na «Filosofia dos Valores» *(Hessen)* — afirma-se que «a possibilidade da liberdade» é compatível com «o princípio da causalidade». Significa que todo o facto exige uma causa. Os actos da vontade humana não são causalmente condicionados. Distingue, a essa altura, o que seja «causas necessárias» e «causas livres», como solução da moderna neo-escolástica. «O problema da liberdade, escreve *Hessen,* segundo *F. Gutberlet,* torna-se de difícil solução perante o princípio de causalidade, porque aqueles que negam a liberdade se fundam num falso conceito de causa com o qual ela vem de facto tornar-se inconciliável». Define como rigoroso conceito de causa — a «razão suficiente da verificação dum facto». Mas, essa razão pode encontrar-se num agente necessário ou num agente livre. Depois de citar *Hartmann* com o seu indeterminismo e criticá-lo, porque monístico, elogia *Kant,* quando se refere ao determinismo dos valores morais, equivalente à lei moral. Conclui, afinal, que «o homem se acha submetido a uma dupla lei determinante dos seus actos — uma determinação ontológica e outra determinação axiológica — a uma lei causal e a uma lei final.

«Enquanto mero ser da natureza, o homem é determinado causalmente em todas as suas inclinações e aversões; como pessoa, porém, é portador da lei dum outro determinismo que provém do reino ideal dos valores». *Hessen* considera ambas as soluções — a escolástica e a de *Hartmann* — como aceitáveis, embora eivadas de certas dificuldades. Afirma que a liberdade de vontade é uma coisa real. Invoca ainda *Kant:* «Parte dum outro facto e deduz dele o facto da liberdade. E o facto de que *Kant* parte é o facto chamado a Moralidade. Ou, por outras palavras, este facto é o facto do dever, do «imperativo categórico». «Pode, logo deves», eis o fundamento da tese da liberdade em *Kant,* depois de reduzida esta tese à sua fórmula mais simples. O seu raciocínio cifra-se no seguinte: A característica essencial do moralmente bom é o seu carácter do dever — ser absoluto. E reduz o pensamento de *Kant* a um silogismo: «a moralidade existe; a sua essência postula a liberdade do homem; logo o homem é livre».

42 — *Hegel* coloca-se com a sua teoria das ideias na fase de transição, entre o século XVIII e o XIX. A sua filosofia resume-se «em voltar a unir e identificar o ideal e a realidade, incluída nesta a história». Criou o método dialéctico — tese, antítese e síntese, correspondente à lei ôntica do devir. Identifica o pensar e o ser. A filosofia jurídica, para ele, tem por objecto três coisas — a Ideia do Direito, o Conceito de Direito, através do qual a ideia se dá a si mesma e a Realidade, e, finalmente, o conceito na História. «O campo do direito é, em geral, a espiritualidade e seu próximo lugar e ponto de partida é a vontade, que é livre, de sorte que a liberdade constitui sua substância e sua determinação; o sistema do Direito é o reino da liberdade realizada, o mundo-Espírito, como segunda natureza». (§ 4.º) — Defende o idealismo absoluto com o «princípio da identidade».

VI

A IDADE MODERNA — ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

43 — O final do século XVIII é fecundo e inovador na história da Europa, numa luta de tradições e novas formas de vida. Nasce sob o signo da Revolução Francesa e dele não nos podemos abstrair ou fugir. Desenvolveram-se dois períodos distintos — a Contra-Revolução e o Constitucionalismo.

A Contra-Revolução, juntamente com o Romantismo e o Idealismo Alemão, tomaram aspectos relevantes. A Contra-Revolução combateu os dogmas, o estado de natureza, e contrato social, a soberania do povo e a liberdade abstracta. Defendia nova conceituação da origem divina do poder, fundamentação da autoridade do Estado na natureza humana e o valor da tradição e da história. Eis quando apareceu *Savigny* e a Escola Histórica e *Ihering* e a Escola da

Evolução do Direito. O Romantismo tinha concepção sentimental do homem, defendendo-o como essencialmente bom. Lutou contra os enciclopedistas. Já no Idealismo alemão, em que se avulta o pensamento de *Kant*, doutrina «essencialmente epistemológica», ou seja a crítica do conhecimento com o Idealismo de *Fichte*, chamado subjectivo, em que o real aparece reduzido ao Eu. *Schelling* fundou o Idealismo objectivo, «em que Eu e Não-eu são fundidos num princípio superior, de natureza irracional».

O Constitucionalismo defendeu três ordens de ideias liberais, democráticas e positivistas. Já no século XIX se apresentam outras três correntes — o Positivismo ou neo-kantismo, o Marxismo e o Catolicismo, avultando-se os nomes de *Comte, Marx, Leão XIII* e mais os de *Bentham, Spencer* e *Durkheim*.

44 — O Marxismo é o materialismo naturalista. «É *Hegel* decapitado». Estabelece o proletariado como «ditadura de uma nova classe», perante a qual de «nada valem os direitos e as liberdades do indivíduo». É teorético e excessivamente ideológico. Dentro do seu materialismo histórico não há cabida para nenhum «ideal» e nenhuma verdade, no sentido em que sempre foram entendidas, de *Sócrates* a *Hegel*.

45 — E, finalmente, o *Catolicismo*, ou seja a Filosofia Católica, procurou refutar aquelas doutrinas com várias encíclicas, que contêm a nova doutrina da Igreja.

A Encíclica *Quanta Cura*, do Papa Pio IX, versa matéria cultural e política. O *Syllabus*, apenso àquela Encíclica, enumera os «oitenta erros» em matéria de religião, ciência, política e vida económica, que a Igreja, sob o nome de «modernismo», considera a síntese das heresias contra a fé católica. Condena o «naturalismo», o «racionalismo», o «regalismo ou doutrina da supremacia do poder civil sobre o eclesiástico», o «socialismo», o «comunismo», o «liberalismo». Vieram depois as Encíclicas «*Rerum Novarum*», do Papa Leão XIII, e «*Quadragesima Ano*», do Papa Pio XI. Aquela refere-se à melhoria dos trabalhadores e esta tem por objecto a restauração completa da ordem social. *Moncada* afirma que as encíclicas têm mais de «histórico» do que de eterno e duvida de que o seu «corporativismo de associação, em regime livre, possa realizar-se, a princípio, sem um forte Estado autoritário, que o imponha... como *Rousseau* pretendia impor a liberdade pela força».

(continua)

CONFRATERNIZAÇÃO ESPIRITUAL

A Flama, *de Uberaba, Estado brasileiro de Minas Gerais, publica o seguinte comunicado, a que damos acolhimento com o maior prazer, certos de que produzirá agradável sensação entre os leitores:*

Notícia muito alvissareira constitui a iniciativa de valorosos integrantes do Exército Nacional que acabam de organizar a Festa de Confraternização Espiritual do Núcleo dos Militares Espiritas e da Cruzada dos Cadetes Espiritas da Academia Militar das Agulhas Negras. As solenidades realizar-se-ão a 3 de Abril no Cinema da Academia e do programa consta a presença de várias personalidades de vulto nos meios doutrinários, conforme se infere a seguir:

PROGRAMA

Às 18 horas — Recepção aos convidados, em frente do Cinema Escolar.
Às 19 horas — Prece de abertura, acompanhada pela Banda da Academia.
Saudação à Cruzada dos Militares, à Federação Espirita e aos visitantes.
Conferências pelo Prof. Pietro Ubaldi, por Chang-Sing e por Humberto Rhoden.

Comparecerá o médium Francisco Cândido Xavier.

Os trabalhos serão irradiados pela Rádio Guanabara, programa «Selecções Espirituais», na frequência de 1.300 kilociclos.

COMPROMISSO DOS CADETES ESPIRITAS

«Com o pensamento em Deus, no Brasil e no Exército e conscientes da responsabilidade que nos é confiada, prometemos consagrar o melhor das nossas energias, o mais puro de nossos sentimentos e todo o nosso idealismo à espiritualização do nosso Exército, à Educação Nacional, à felicidade dos brasileiros e à grandeza da nossa Pátria».

Isto é tão expressivo e grandioso que dispensa comentários. O Espiritismo não morre, nem morrerá.

CONSCIÊNCIA DA RESPONSABILIDADE

pelo **DR. DJALMA DE MATOS**

Todo o espirita cônscio das suas responsabilidades —já o dissemos—deve ter a preocupação constante de corrigir os próprios defeitos e reparar, quanto possível, as faltas que houver cometido.

Nesse sentido é o ensinamento diuturno dos mentores encarnados e do plano invisível calcado nos imperativos da lógica e da boa razão.

Dizem eles que os deveres do espirita não consistem sòmente em conhecer a doutrina, compulsar seguidamente os livros para ouvir as comunicações dos espíritos, dos mestres, frequentar sessões mediúnicas, conseguir receitas e receber passes magnéticos — mas, principalmente, muito principalmente, em servir-se do conhecimento das verdades espiritas e dos conselhos que recebem do Além, para reformar-se empenhada e persistentemente em manter, todos os dias, a todas as horas, a cada minuto que passe, o firme propósito de polir as arestas do seu carácter, eliminar hábitos prejudiciais ou inconvenientes, dominar paixões, refrear instintos, evitar palestras ociosas que envolvam maledicência, linguagem grosseira e indecente, começando por banir da mente os pensamentos impuros e perversos.

— A quem muito for dado, muito será pedido! — disse Jesus.

O crente espirita, portanto, que já muito recebeu, — que sabe donde vem e para onde há-de ir, e conhece a infalibilidade da lei de causa e efeito, não ignorando que as faltas desta existência acarretam dolorosas consequências na vida do Espaço e em futuras encarnações, — que vê, enfim, iluminado na sua frente o caminho por onde tem de seguir, — tem muitíssimo mais responsabilidade em desviar-se da senda recta do cumprimento do dever, do que o comum dos homens.

Espiritas há que se penalizam, e até mesmo condenam a incompreensão dos adeptos de outras confissões religiosas e dos materialistas, mas ainda não demonstraram, pelo modo de proceder, que o conhecimento da doutrina que dizem professar lhes tenha sido proveitoso. Se são homens, continuam com os mesmos hábitos viciosos: frequentam tabernas e outras casas de reputação duvidosa, para malsinar do próximo, proferir obscenidades, embriagar-se, dissipando, muitas vezes, o produto do seu trabalho na jogatina e na libertinagem... Se mulheres, sentem prazer em reunir-se, para criticar, maldizer, comentar e propagar escândalos em linguagem, não raro, que não prima pela decência, — quando não chegam ao extremo, uns e outros, de desvirtuar a faculdade mediúnica, dela se servindo para fins mundanos.

Com tal procedimento, preferível seria que não se dissessem espiritas. Se conhecem a doutrina e acreditam nas verdades que nela se contém, e não fazem por reformar-se, por melhorar o próprio «eu», — se deixam que os defeitos pormaneçam incrustados ao seu ser, como as ostras ao rochedo, — se contemporizam com os vícios, que lhes prejudicam a saúde e aviltam o carácter, demonstram uma lamentável incompreensão da responsabilidade. E, espirita que não tenha consciência da responsabilidade, é coisa que se não concebe.

Os pais, os mestres e os dirigentes de sociedades e trabalhos espiritas, bem como os médiuns desenvolvidos, é que têm, sobre todos, o mais estrito dever de dar o exemplo do bom procedimento, para que se não extraviem as almas ainda inexperientes que dependem da sua orientação.

Nenhum homem ou mulher espirita pode dizer, para coonestar vícios e hábitos inconvenientes, que não tem culpa de ter nascido assim, que esse é o seu feitio, o seu modo de ser, que não pode dominar-se e corrigir as imperfeições inatas. Não. O espírito tem a sagrada obrigação de empenhar-se por ser senhor de si mesmo, para não ser joguete das paixões, dos instintos inferiores e das circunstâncias ocasionais.

Não foi para outra coisa que veio encarnar na Terra.

Desse dever não se exime, nem mesmo na mais avançada idade, porque sabe que é sòmente o corpo que envelhece, e que a vida continua, e com ela a evolução do espírito. Não pode, por conseguinte, deixar de compreender que, quanto menos imperfeições levar para a vida do Espaço, mais brandas serão as provas que terá de passar em futura encarnação, e, assim sendo, até os derradeiros momentos da existência terrena são oportunos para alijar o lastro prejudicial dos maus vezos e defeitos.

Porto Alegre, Dez.º, 1953.

O Dr. Sérgio Vale, correspondente em S. Paulo, escreveu este artigo

Da Evolução M

(CONVERSA DE

III

Há uma concepção de Swami Vivekânanda, renomado pregador religioso hindu, que gostamos de citar, porque nos dá a inteligência da identidade das religiões. Partindo do princípio de que a verdade há-de ser universal, ou não será verdadeira, Vivekânanda vos oferece à meditação a seguinte analogia:

«Se eu sòmente possuísse seis dedos em minha mão, e vós todos cinco, decerto não pensaríeis que a minha mão com seis dedos fosse a verdadeira intenção da natureza, mas reconheceríeis que tal mão é anormal e defeituosa. Assim também é o caso das religiões. Se um credo só devesse ser verdadeiro, e todos os outros falsos, teríeis o direito de dizer que aquele credo é anormal e defeituoso».

Se cremos em Deus, na sobrevivência e na moral, pouco importa a nossa companhia com os Vedas, com a Bíblia ou com o Alcorão. Se o crente se contenta e se satisfaz com uma vida só, que lhe dará oportunidade bastante para se salvar e argumento suficiente para explicar a desigualdade de aptidões e de sofrimentos, tanto melhor, chamemos a este religioso de económico. E respeitemo-lo.

Se o livre pensador, que se exclui voluntàriamente do quadro de todas as religiões conhecidas, respeitou a moral e, não sòmente acreditou em Deus, mas — o que é capital — soube realizá-lo em si, estendendo aos seus irmãos a justiça e a caridade, quem lhe pedirá contas aqui na terra ou na erraticidade? A finalidade de todas as religiões não é induzir-nos a crer nesse ou naquele Deus, o qual tomará, obrigatòriamente, como a água, a forma do respectivo recipiente. O Deus do antropófago será o Deus do antropófago, vale dizer, um antropófago sublimado e multiplicado; o Deus de Pasteur será o Deus de Pasteur, diante do qual *il n'y a qu'a se prosterner;* o Deus de Einstein será o Deus de Einstein, perante o qual *todos somos sábios e patetas.*

Agora uma pergunta indiscreta, aparentemente inoportuna: para que servem as religiões? Elas não evitam os nossos sofrimentos, a que ficamos todos igualmente sujeitos, desde o primeiro choro do recém-nascido. Se alguma promete o contrário, charlataneia, para arranjar prosélitos.

Vimos, pelo estudo da evolução morfológica, que, sem a faculdade de reagir ao ambiente, sem a instabilidade dos seres inadaptantes, o homem, hoje, não seria homem: seria talvez um jacaré. E a revolta é inútil. O trabalho realizado é irreversível. Não insistamos em que o mundo se adapte a nós: a nós o dever de nos integrarmos nele, por bem ou por mal. Costuma-se dizer que a atitude da avestruz não é científica, nem filosófica. Temos que reduzir o nosso peso específico para subirmos a planos espirituais.

Há uma lei ao mesmo tempo física e psicológica, que condiciona e regulamenta a nossa capacidade de gozo e de sofrimento. Funciona automàticamente, dentro daquele equilíbrio de água em vasos comunicantes. Assim como os animais mais nobres se dotaram com o aparelho precioso da homotermia, que os liberta da tirania do ambiente, auto-regulando a sua temperatura, por intermédio de um mecanismo fisiológico complexo do qual participam a pele e o sistema nervoso central da zona hipotalâmica, podendo suportar sem grave dano as mudanças termométricas mais extremadas, há, psicològicamente, um recurso que se nos apresenta através de uma lei a que chamaremos — lei da compensação.

Diante da dor ninguém chora eternamente, nem se ri e delira muito tempo, quando a felicidade e o prazer comparecem. Como a ameba, incorporamos e assimilamos tudo que esteja imerso no meio em que vivamos. E a vida continua. Agitados como as árvores pelos ventos e as tempestades, gememos e sacudimos violentamente os nossos galhos durante a tormenta; mas, sobrevinda a bonança, as copas esmeraldinas sorriem aos raios do sol, cantando alegremente na voz dos passarinhos.

Não há surpresa dolorosa ou agradável que, na hora seguinte ao seu aparecimento, já não se tenha atenuado em sua excitação. Freiamos as nossas sensações, assim como regulamos a nossa temperatura interior. Não há sorte grande que nos torne maiores, nem lucros que não nos embotem a sensibilidade. E o aborrecimento do rico costuma ser a alegria do pobre. Um exemplo, para amenizar:

Um colega muito rico planejou, há uns 25 anos, viagem de recreio e de estudo aos Estados Unidos, do que falava sempre aos companheiros, no encontro diário das clínicas hospitalares. Tudo combinado e tudo previsto, faltava-lhe sòmente a compra das passagens.

Um dia, surpreendeu-nos com a notícia de que ganhara, na véspera, 200 contos na lotaria. Chuva no molhado. Alguém lhe disse:

— Agora você vai mesmo, não é?

Pois o homem já havia incorporado, com os seus pseudópodos amébicos, ao vasto património, a quantia imprevista. Por isso replicou com aquela cara descontente de quem regateia:

— O dólar está oscilando muito. Vou esperar mais um pouco...

Através de milénios sem conta o homem luta bravamente, corpo a corpo, com o meio ambiente, para sobreviver a todos os cataclismos e para conquistar o instrumento de sua elevação espiritual — a consciência — representante credenciado de Deus. Por isso, vive e sofre; por isso, sofre e morre; por isso, morre e renasce. «Se a natureza não teme

e não foge à morte — adverte-nos A GRANDE SÍNTESE, de Ubaldi —, é porque esta é *condição de vida* e, de sua intima economia, nada a morte aniquila».

O atrito, a lixa, o buril e o escopro trabalham continuamente sobre o nosso mármore, justamente porque somos de um mármore sensível, modelável e aperfeiçoável. A luta prossegue no campo da moral, pois não há virtude sem renúncia, sem duelo mortal entre os instintos pré-históricos que nos atraem para a besta, e a superconsciência nascente, que sonha com a angelitude.

A luta, por conseguinte, a dor, é condição necessária à evolução geral. O ser vivo, mesmo que conseguisse domar todas as forças do mundo cósmico, o ar, as águas, as ondas sonoras e luminosas, até as ondas psiquicas que nos põem em contacto com todo o universo, através da telepatia e da clarividência, ainda assim precisará da luta intestina de suas células contra os micróbios invasores para o exercício das forças ofensivas e defensivas. O equilíbrio não nasce da inércia: resulta do contraste de forças que geram o progresso. O próprio micróbio, o infinitamente pequeno, dá a sua nota harmoniosa no concerto universal. Excitando as reacções orgânicas de defesa, é ele quem promove a saúde perfeita e as imunidades protectoras.

Se conseguíssemos, para corrigir a natureza, à força de mil cuidados, impedir que um ser vivo se livrasse da luta contra os germes patogénicos no seu meio interior, desde os primeiros dias de vida, deixá-lo-íamos para sempre indefeso e escravizado ao ambiente estéril de uma estufa.

A luta nunca se extingue, para nosso benefício: apenas muda de ambiente ou de aspecto. Do mundo físico se transfere para o mundo moral, onde promove a ascensão de todos os espíritos.

Nem é preciso penetrarmos no interior do organismo humano para ajuizarmos de suas faculdades reaccionais, diante da variedade infinita de estímulos exteriores.

Tomemos como exemplo a nossa pele, órgão de protecção e emuntório para os produtos resultantes das combustões orgânicas. Finas ramificações de filetes nervosos alteiam-se no córium capilar, na zona superior do derma, sempre vigilantes para a sensibilidade geral, térmica, dolorosa e táctil. Apesar da variável espessura da pele (0,05 mm a 1 mm.) e da camada superficial de células inertes e caducas, em cada centímetro quadrado de tegumento aglomeram-se de 100 a 1.200 pontos dolorosos.

A pele é, por conseguinte, um delicado aparelho de protecção para a nossa integridade física. Onde quer que a toquemos, dá logo o sinal de alarme, fazendo-nos ao mesmo tempo a defesa e acarretando-nos o inevitável sofrimento.

Se não estivermos satisfeitos com essa situação biológica irreversível, imaginemo-nos insensíveis ao calor, à dor e ao tacto. Ser-nos-ia possível, então, sobrepor os nossos braços a uma chapa de fogão aquecido ao rubro, sem que o sentíssemos. O nosso cigarro morreria entre os nossos dedos indiferentes. Que nos teria acontecido? O bacilo de Hansen, graças ao tropismo que possui pelas determinações nervosas periféricas, subverter-nos-ia a sensibilidade, acabando por extingui-la completamente. Sair-nos-ia pior a emenda do que o soneto.

Não julgueis, porém, que o hanseniano passará toda a sua vida em lágrimas e desesperos. Convivi com eles, como médico assistente, dentro de um leprosário do Estado de S. Paulo.

E quem dá assistência médica aos hansenianos se admira da resignação que os ampara na incomensurável desdita. Vencidas as agruras que lhes são o conhecimento do mal e a segregação obrigatória, adaptam-se — admirável plasticidade da alma humana! — ao novo ambiente em que viverão, talvez, o resto da vida. Todos os instintos que esporeiam, atordoam e modelam a espécie humana continuam a encontrar neles a mesma argila maleável, a mesma carne frágil, que já se vai corrompendo antes da morte, numa antecipação dolorosa à decomposição final. A doença que os desnerva e os desmedula, que os mutila e os deforma nos dá a medida exacta de nossa miserável e precária condição humana, de nossa predestinação à dor e ao sofrimento.

A evolução biológica, incluindo sob tal rubrica a física e a espiritual, está de tal modo associada à lei universal do sofrimento, que, até as células, isoladamente consideradas, não trabalham, não produzem, não cumprem os seus deveres, se as cumulamos de regalias e de superfluidades.

Pelo método de Carrel, se às células hepáticas imersas no seu meio de cultura, se adiciona ou se per-

orfológica e Espiritual

ICADA À MOCIDADE ESPIRITA)

mite alimentação excessiva, passam imediatamente à vadiagem e à ociosidade. Multiplicam-se, proliferam abundante e inconvenientemente, deixando de elaborar o glicogénio. Sofrendo, trabalham; na abundância, degeneram.

Levemos a sabedoria adquirida no estudo da evolução morfológica do homem para a análise de sua evolução espiritual. Sintetizemo-la em duas leis:

1.º — A natureza, oficina de Deus, não tem pressa e sempre nos permitiu a máxima liberdade, inclusive a do erro;

2.º — Nenhuma conquista irreversível e ascendente foi obtida sem luta e sofrimento.

Para conciliarmos a dor que nos espreita de todos os lados, com a existência da perfeição divina de um Ser Supremo, é mister que, humildemente, a tomemos como consequência de nossas faltas e de nossas imperfeições. Urge que creiamos em Deus e desejemos que ele exista e,

por outro lado, que nos conduzamos como se ele existisse. É o conselho que nos dá Miguel Unamuno.

Repitamos as palavras da prece do viandante, de Ubaldi: «A tua dor passará e, por virtude dela, subirás e o resultado permanecerá. Não temas a morte, sem a dor. Elas não são nem um fim, nem um mal: são o ritmo de renovação e o caminho das tuas ascensões».

* * *

Tomai exemplo do trabalho moroso e selectivo da evolução, na luta multimilenária do reino vegetal para recobrir a superfície desnuda da Terra, no período Médio Devoniano.

Durante cerca de 500 milhões de anos, ou 500 mil milénios, na intercadência de espasmos cósmicos e de revoluções geológicas, rochedos calvos e planuras estéreis eram batidos severamente pelos ventos.

Estava naturalmente implícita no Código de Deus, que se manifesta através de leis irrevogáveis, a intenção de mudar o cenário, depurando a atmosfera e protegendo o solo com o manto verde — substância intermédia — uma transição entre o mineral e o *élan* vital, isto é, o reino dos vegetais. Criou-se lentamente um instrumento de máxima eficiência, que estabeleceu as relações necessárias entre a luz solar e a crosta primitiva do planeta.

Desde o nascimento da primeira planta clorofilada, que protegeu o terreno com as suas raízes e enriqueceu o ambiente com o oxigénio, desde a alga marinha até a metamorfose do vegetal dotado com o órgão de reprodução da flor, muitos e muitos milénios se escoaram.

E a selecção natural, as adaptações de órgãos recém-criados ao meio instável e mudadiço realizaram-se dentro da liberdade sempre irrestrita, dentro da lei dos ensaios e dos erros.

As algas marinhas — Adão e Eva de todas as plantas terrestres — apertadas entre as ondas e os rochedos, com os caules e pedúnculos rudimentares, esboçaram um sistema de «tubos-peneira», através dos quais a matéria alimentar lhes passava lentamente de um a outro extremo. Nasceram-lhes dois órgãos, um de sustentação ou de ancoragem (as futuras raízes), ainda impróprio para a função, mas com a ajuda do qual se livraram da água; outro, preposto ao novo tipo de reprodução para funcionar no meio terrestre.

À proporção que conquistavam o meio sólido da terra, transformando-se de corpos flutuantes em plantas fixas, tiveram que modelar a sua estrutura, a qual se banhava directamente nos alimentos contidos na água do mar, em órgãos diferenciados: desenvolveu-se-lhes um sistema de vasos, nas raízes, para a captação da água e dos sais minerais da terra; e o instrumento da folha verde, para captar o carbono da atmosfera, sob a acção da luz solar.

O tecido clorofilado tornou-se laboratório onde as matérias primas da seiva e as energias do ar se conjugavam para a construção da substância vegetal, estabelecendo-se um intercâmbio em duplo sentido: os vasos longos e microscópicos dos tubos lenhosos carreavam a matéria nutritiva para cima, para a parte superior da planta, onde outro sistema de transporte, agora em sentido inverso — os vasos liberianos, de protoplasma vivo e activo — distribuía a seiva, enriquecida pelo aparelho respiratório da folha verde, a todas as células do indivíduo.

Na intimidade da folha verde, através dos estomas que a perfuram em ambas as faces, o anidrido carbónico do ar é posto em contacto com a clorofila viva. Sob as bênçãos da luz solar, origem da vida, abrem-se os estomas, acelera-se a ascensão da seiva com a actividade das raízes; fecham-se na obscuridade, retardando-se a evaporação e o consumo do carbono.

Ao mesmo tempo que se estruturava o esqueleto da substância lenhosa do corpo vegetal e se arquitectavam as células embrionárias indiferenciadas capazes de se multiplicarem, ao se afastarem as plantas para longe das águas, modificavam-se-lhes as células reprodutoras em luta contra a dissecação. Surgiram os esporos.

Transferindo-se do meio aquoso para o meio terrestre, as plantas adaptaram-se, adquirindo caracteres que se lhes imprimiram nas células reprodutoras. Houve um tipo que já se mantinha em atitude vertical, mas não se provera ainda de raízes e de folhas, graças à presença de dois caules: um aéreo, bifurcado; outro, deitado sobre a terra e recoberto de pelos de absorção.

A flor, meio de reprodução, já completamente emancipado de humidade ambiente, sòmente pintalgou o verde das folhas com os tons variegados de suas pétalas, quando os esporos, as sementes e o tubo de pólen dos angiospermas foram superados maravilhosamente pela selecção natural.

Vêde bem, para consolo, para exercício de paciência e para confiança no resultado final da evolução, lei fatal, lei divina, pseudónimo da vontade omnipotente de Deus: duzentos e cinquenta milhões de anos, ou sejam dois milhões e quinhentos mil séculos, ou seja duzentos e cinquenta mil milénios se escoaram na ampulheta do tempo antes que uma alga marinha, transplantada progressivamente para a superfície da terra, agora propícia à iniciação e à sobrevivência do reino animal, pudesse sorrir ao sol com as pétalas coloridas ou o mimoso assetinado do triunfo e da glória da primeira flor.

Baseados nos indícios circunstanciados dos fósseis, da anatomia comparada e da embriologia, poderemos recompor a história da vida dentro do lapso de 500 milhões de anos. Todos os nossos problemas sociais, morais e espirituais são semelhantes às adaptações observadas no reino vegetal e no reino animal para que os seus representantes possam evolver-se e sobreviver. Todos os ensaios e todos os erros nos são permitidos, dentro da liberdade e da responsabilidade.

O homem saudável e rijo — o ideal único a que se apegam os materialistas — é um espectáculo de deslumbramento para os nossos olhos, assim como o vegetal adulto e robusto é um encanto e uma promessa para a nossa felicidade.

Nas camadas geológicas lemos apenas, através da observação e da intuição de Darwin, algumas páginas de um poema grandioso. Até que o animal-homem conseguisse desdobrar em linha vertical a sua coluna óssea, pondo-se em atitude erecta e de face voltada para os céus, milhões de milénios se consumiram em agitações cósmicas formidáveis, na forja ou no cadinho da selecção natural, em obediência a leis de Deus. Fisicamente edificado, o animal sentiu o desabrochar de uma consciência elementar que se evolveu sempre para o melhor e para o mais alto. As excepções que, por vezes, registamos com mágoas, cabem, para nosso consolo, dentro das leis da hereditariedade descobertas por Mendel. O retorno imprevisto ao passado, nos caracteres recessivos, é, todavia, mais uma prova do labor evolutivo. A filosofia materialista do século, sobre cuja cabeça se acumulam borrascas nascidas do seu baixo magnetismo, aqui se detém nas suas aspirações. Mas os que acreditamos em Deus queremos mais: queremos ver, no meio da copa verdejante, o colorido das flores, esperança

segura dos frutos de amanhã; queremos sentir no homem moço, fisicamente completo, na plenitude de sua estrutura bem adaptada à luta planetária, o suave perfume da espiritualidade promissora, os imperativos da moral e da justiça, para as bênçãos finais e apoteóticas do Amor Universal.

* * *

Para que o nosso encontro dessa assentada não redunde em prejuízo para todos vós, quero depor em vossas mãos uma receita, por cujo intermédio vos adaptareis mais fàcilmente à vida planetária, que nos coube no momento, contemporâneamente. O remédio é excelente. Asseguro-vos *in fide gradus*. Experimentei-o várias vezes com resultados tão brilhantes, em mim próprio, que não venço a tentação de pô-lo ao vosso alcance, fraternalmente.

De sua fórmula quais serão os ingredientes? Nada de mau paladar ou de mau cheiro. Prepara-se a panaceia — sim, ela o é, inegàvelmente — juntando-se partes iguais de boa dose de *espiritualidade* e outra de *imaginação*.

A filsofia que a vai manipular há-de ser, obrigatòriamente, de personalidade idónea, isto é, espiritualista; a imaginação nada requer de extraordinário: pode ser a imaginação vulgar que se encontra no *homo sapiens*, desde quando este começou a emergir, entre 50 a 100.000 anos, do *homo faber*.

E é natural que mostreis — vejo-o em vossos olhos — grande curiosidade de saber como foi que descobri a maravilha. Irei ao vosso encontro.

Houve um período de minha evolução em que, resumidamente, tudo me saía às avessas. Calouro ainda, na escola da vida, a mim me pareceu que tal judiação me fora endereçada em carta expressa, com exclusão de todo o mundo. Ao invés de saúde, macacoas de toda a espécie; ao invés de facilidades, percalços. O mocinho materialista, que já tinha assinado a demissão de Deus, enraiveceu-se. Deu um balanço nas suas convicções e só encontrou uma resposta — nada! Lògicamente, não viu mais em si razões para continuar a viver. Não sei mesmo por que todos os materialistas não acabam consigo, na primeira contrariedade mais séria que os desmoraliza. Não vos assusteis, porém; eu não me matei... Pensei firmemente no suicídio e armei-me de revólver, que metia todas as noites debaixo do travesseiro, para não levantar suspeitas. Eu imitava, sem que o soubesse, Schopenhauer, cuja misantropia *(minha condição é miserável,* dizia ele) exigia a presença de um revólver carregado debaixo do travesseiro.

Insónia, dores, preocupações de toda a ordem, desde a falta de dinheiro até a falta de esperança, foram-se desvanecendo e ausentando progressivamente, como se os raios de um sol amigo se dignassem espantar as brumas interiores de minha vivência.

A ideia fixa de que me mataria, no momento necessário (não vos garanto que o fizesse), agiu sobre mim como sedativo poderoso e permanente. Passei a dormir tranquilamente. Voltou-me o apetite. Com as forças físicas regressaram as suas companheiras — as energias morais. Ao fim de algum tempo, encontrei-me curado de todo, renascido, e com o catalizador, isto é, o revólver, na casa de penhor, onde nunca mais o fui buscar.

Não vos apresseis a tirar conclusões. Não vos aconselho nem o suicídio, nem mesmo a premeditação dele. Que o façam os materialistas torturados. Pois não disse um deles, dos nossos e dos mais gloriosos nas letras pátrias (Machado de Assis), que «cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes?».

A experiência meteu-se na pista do processo que mais tarde descobri, já espiritualizado e concordante com a reintegração de Deus nas suas funções. Substituí a ideia primária e grosseira do suicídio pela ideia genial de me considerar morto e... enterrado, com 50 anos sobre o trespasse.

Afinal, se a tranquilidade me viera da *ideia* de morrer, ao tempo em que considerava a morte o ponto finalíssimo de tudo, agora, quando sei que a vida continuará mais bela e mais feliz, ou menos feia e menos infeliz, estando a escolha inteiramente nas minhas mãos, não me elimino mentalmente, por meio violento: dou-me como morto.

E a sensação, garanto-vos, é simplesmente deliciosa... Aconselho-vos, pois, diante das maldades, das incompreensões, dos sofrimentos, das dores que nos assediam, sem que abandonemos a luta e a reacção viril, que nos apalpemos o rosto, como aquele personagem de Eça de Queirós, quando queria sentir sob os dedos a sua caveira futura.

Há muita igualdade e semelhança nos ossos; eles representam, sobretudo, o único património imperecível, que herdaremos deste mundo da matéria. Podemos sacar sobre eles, para sanar as nossas dores ou para conter os nossos ímpetos, como sacaríamos sobre bancos, em que fizéssemos depósitos. Não há transacção mais segura na terra. De permeio às indecisões e às surpresas da vida planetária, salvam-se-nos os ossos na pontualidade da sepultura. Pensai neles, vêde-os em todos os vossos semelhantes com a frieza e o desprendimento dos monges do mosteiro de Trappa, quando, saindo do mutismo voluntário, saudavam-se cordialmente em cada encontro com a advertência necessária para manter intemerata e vigilante a consciência: *pensai na morte, irmãos!*

Se nos imaginamos mortos — e essa imaginação não será alucinatória, mas de realidade assombrosa, que o tempo fàcilmente confirmará — antecipamos o fim de um ciclo doloroso e antevemos a perpectiva de uma serenidade olímpica ou de nova experiência em reencarnação mais perfeita. Derrama-se-nos sobre o espírito ansioso, infiltra-se-nos no trabalho de todas as glândulas, da que gera a impureza, da que alimenta a cólera, da que alvoroça o egoísmo, uma inibição que nos promove o bem-estar e a paz.

Eis a fórmula que vos prometi para conseguirdes bons momentos de serenidade. Qando vos entrardes da convicção de que o futuro vos eliminará da vida terrestre com *absoluta segurança,* tão absoluta que já vos podeis considerar de posse dele, ao entreabrirdes os olhos em cada manhã, tereis um sorriso e uma expressão carinhosa de ressuscitados para o nosso Divino Pai, externareis a mesma esperança e a mesma alegria do recém-nascido, que balbuciasse:

— Bom dia, meu Deus! Vós ordenastes que comparecêssemos a mais uma aula na Escola da Vida, para remate de nossa aprendizagem, pois certo é que desejais a nossa felicidade, como nós desejamos a de nossos filhos. Dai-nos a luz para vos conhecer, mas sobretudo para vos realizar em nós, tornando-nos progressivamente mais perfeitos; dai-nos força para não fraquejar jamais na luta depuradora, resignação para que o nosso sofrimento redentor nos seja creditado e bendito. Aqui estamos, Senhor, às vossas ordens. Sòmente vós sabeis o que nos convém e o que nos falta.

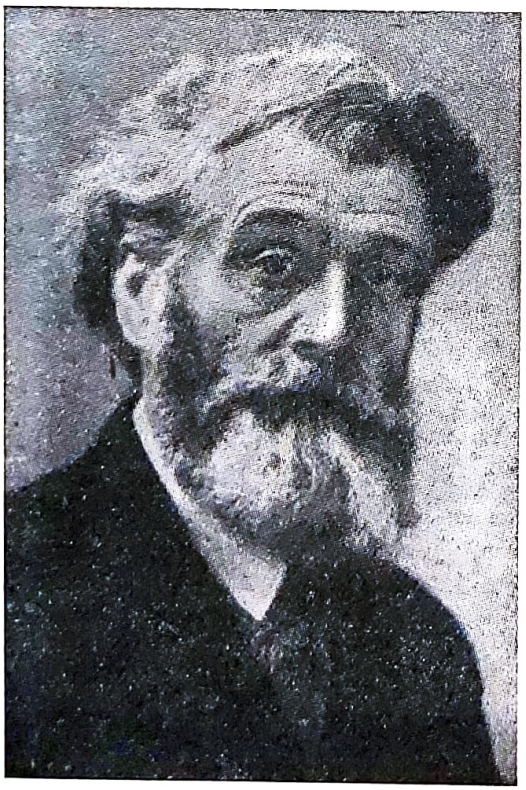
F I M

LESAGE, ARTISTA E MENSAGEIRO DO ALÉM

Agostinho Lesage, o célebre pintor-mineiro cujas telas mediúnicas figuraram em dezenas de exposições com grande agrado do público, acaba de desencarnar com 78 anos de idade, após uma operação cirúrgica melindrosíssima, durante a qual revelou uma extraordinária resignação. Não poderíamos assinalar melhor o acontecimento do que transcrever um artigo de La Presse, *de Paris, acerca deste notável servidor do Espiritismo.*

Após os quarenta anos, Agostinho Lesage viveu um singular destino. Até aos 36 era um mineiro como os outros, na sua aldeola de Saint-Pierre-les-Auchel, perto de Béthune. Lá nasceu a 9 de Agosto de 1876 e lá cresceu. E quando, aos 14 anos, deixou a escola primária — a única que frequentou —, para seguir o caminho da mina, a exemplo de seu pai, nada o distinguia dos seus pequenos camaradas, a não ser, talvez, um gosto inabitual nesta idade pelo isolamento e pela reflexão.

Depois do serviço militar que prestou em Dunkerque, voltou à sua aldeia e instalou-se com a família num povoado próximo das minas de Ferfay, onde retomou o lugar de mineiro. Foi ali que cresceu o seu filho e a sua filha, na serena atmosfera de vida familiar singela e sem história.



AGOSTINHO LESAGE

Nada deixa prever a agitação que o espera, nem como será provado. Estamos em 1911 e Agostinho Lesage tem 35 anos.

Uma vez trabalhava ele sòzinho, deitado, numa galeriazinha isolada da mina, e ouviu claramente uma voz dizer-lhe:

— Um dia serás pintor.

Imaginem a sua emoção. O mineiro sentiu os cabelos em pé e depois convenceu-se de que estava louco.

Guardou o maior segredo da sua aventura e tentou em vão esquecê-la. Dias depois, no mesmo sítio e nas mesmas condições, ouviu a mesma voz, com nitidez:

— Um dia serás pintor.

Desta vez Agostinho Lesage contou o caso a Ambroise Lecomte, que era o seu maior amigo. Mas pediu-lhe segredo. Foi na época em que o célebre curador Jean Béziat dirigia em Douai o Instituto Psicológico. Os dois amigos dirigiram-se ali, esperando obter a explicação do curioso fenómeno passado com o mineiro. A viagem não os esclarecera bem. Compraram então uns livros espiritas, entre eles, *Depois da Morte,* de Léon Denis, e fundaram um grupo. Estas coisas apaixonam...

Após algumas sessões, Agostinho Lesage recebe, enfim, uma mensagem compreensível:

«As vozes que ouviste são reais. Um dia serás pintor. Cumpre à letra o que te dissermos e a tua missão se exercerá. Tu serás a mão que executa e nós o cérebro que concebe. Serás pintor e as tuas obras serão julgadas pela ciência. Elas representarão as antigas religiões do mais remoto passado e cujo enigma se conhecerá um dia».

Será preciso dizer que o jovem mineiro ignora qualquer pintura e até o próprio desenho? Portanto, executa instruções recebidas. Para a primeira obra adquire uma tela de nove metros quadrados que instala no pátio da casa onde mora. Depois, guiado pelos amigos do Alto — através de escrita automática — compra tintas e pincéis e mete-se ao trabalho.

À noite, extenuado pelo esforço diurno, aproxima-se da tela e toda a fadiga desaparece. É assim que vê nascer a primeira das

sete ou oito telas que vão assombrar o mundo, porque Agostinho Lesage revela-se imediatamente um artista extraordinário, embora afirme que só transcreve o que lhe ditam os espíritos.

De facto, a sua maneira de pintar é anormal. De pé, em frente da tela segura à parede com alguns *punaises*, começa o quadro pelo meio e pela parte superior. Só dispõe de pincéis e godés; e quando começa um quadro, nada sabe do que vai pintar. Do alto da tela vai descendo gradualmente, plano por plano. Os motivos semelhantes que, em regra, se repetem à direita e à esquerda da tela são absolutamente idênticos e o artista demonstra perfeita segurança de mão e precisão surpreendente. Não hesita nunca e não procura qualquer momento de inspiração. Pelo contrário, chega a analisar de novo um pormenor e demora horas sobre o mesmo centímetro quadrado, como se o inspirador não estivesse contente com o trabalho.

Agostinho Lesage pinta no estado de vigília e pode trabalhar na presença de muitas pessoas, sem se incomodar com isso. A sua obra semelha-se ao labor do miniaturista, do iluminador de missal, e embora se desdobre em superfícies frescas, faz emudecer os especialistas. Como é que este homem sem instrução, que nunca teve tempo nem ideia de ler livros ou publicações referentes a pintura ou história da arte, realiza estes quadros harmoniosos cheios de figuras egípcias, de motivos arquitectónicos, de estátuas, de hieróglifos, de túmulos faraónicos, de imagens santas, de budas, de máscaras negras, de abóbadas, etc.? O mistério continua.

A guerra de 1914 interrompeu a obra de Agostinho Lesage. Entretanto, e sempre inspirado por «seus guias», descobriu em si um dom de curar e foi assim dos primeiros curadores a responder em tribunal correccional por exercício ilegal da medicina. Claro, que foi absolvido.

Mobilizado em 2 de Agosto de 1914, só em 1916 retoma o lugar na mina de Ferfay e volta a pintar nas horas de ócio. Mas só em 1923 se resolve a deixar a mina, para se dedicar inteiramente à sua obra. Em 1926 expõe na Sociedade Nacional das Belas-Artes. Em 1927 é submetido a rigorosa prova no Instituto Metapsíquico de Paris. Ali, diante de homens de ciência, de pintores célebres e de jornalistas, executa uma tela de $2^m \times 1^m,50$, trabalhando regularmente das 7 às 11 horas e das 14 às 18. Em 1929 é admitido no Salão dos Artistas Franceses, onde exporá daí em diante.

LESAGE EM TRAJO DE MINEIRO

Ao todo, Agostinho Lesage pintou cerca de 800 quadros dispersos pelo mundo inteiro — o Presidente Roosevelt possuía um — sem que ninguém pudesse dar a explicação racional do seu extraordinário talento.

Claro que muitos sábios, artistas e investigadores têm meditado neste caso, dando numerosas explicações a respeito da sua obra, chegando até a formular hipóteses. Mas nenhum encontrou a chave do mistério.

É preciso atender aquilo que afirma o próprio interessado: os espíritos que o guiam, que o levam a executar estes quadros, que lhe dirigem literalmente o pincel sobre a tela são o único motivo do seu grande talento.

Embora seja difícil de o provar, é evidente que Agostinho Lesage parece a reencarnação de um artista de outra época. É quase certo que ninguém poderia hoje inventar, com tão grande riqueza imaginativa, estes motivos ornamentais que muitos lapidários de safira vêm admirar, na pesquisa de novos modelos.

Examinando-lhe a obra, vê-se que, no curso da sua carreira, teve duas «maneiras» de pintar. Duas entidades parecem associadas para lhe guiar a mão. Uma viagem que fez ao Egipto em 1939 é neste particular bastante significativa.

Já dissemos que Agostinho Lesage só deixara a sua aldeia para cumprir o serviço militar ou para se deslocar à capital. Não tinha verdadeiramente o gosto das viagens, mas sentia grande atracção pelo Egipto. Os seus meios não lhe permitiam esse deslocamento; mas, em 1939, dois mecenas que se interessaram pelo seu caso ofereceram-lhe a viagem, que lhe proporcionou uma exposição das suas principais obras no Cairo.

Durante a viagem visitou no Vale dos Reis as ruínas duma pequena aldeia que recentemente haviam descoberto. A aldeia era do tempo de Ramsés II, habitada por setecentos ou oitocentos operários especialistas de trabalhos funerários. Descendo ao pequeno túmulo pessoal de um destes operários, chamado Mena, qual não foi o espanto de Lesage ao descobrir num muro um grande fresco admiràvelmente conservado, no qual reconheceu uma cena de colheita egípcia que ele pintara na sua aldeia, alguns dias antes da partida para o Egipto! A própria tela fazia parte das obras expostas no Cairo.

«Uma complexa emoção se apodera de mim — conta Agostinho Lesage — e não poderei traduzi-la exactamente. Este fresco tive eu a impressão de ter sido feito por mim mesmo. Senti-me ao mesmo tempo transportado e varado de surpresa».

É preciso renderem-se à evidência: as duas obras coincidiam em todos os pormenores. O arqueólogo que guiava os visitantes foi preciso: este túmulo, só descoberto em 1937, era pouco conhecido e visitado; nenhuma reprodução deste fresco poderia existir em França e a pintura não tinha sido inspirada, mesmo inconscientemente, por qualquer leitura ou fotografia.

Temos, pois, de admitir o inexplicável. Agostinho Lesage, que agora tem setenta e sete anos, constitui para a hipótese espirita um caso excepcionalmente eloquente. Tanto, que não se poderá explicar racionalmente e cientìficamente o facto de um mineiro sem instrução e tendo vivido mais de trinta anos no fundo da mina e ignorando até o nome das cores que empregava, poder realizar instantâneamente, sem aprendizagem, sem estudos especiais, obra tão abundante e tão rica que merecesse figurar entre as mais autênticas obras-primas dos maiores artistas. Por isso, temos de admitir que há ali «outra coisa».

Esta outra coisa é o «Além», com o qual os espiritas se esforçam por estar em estreita comunicação.

(Trad. por I. D. S.).

NOTÍCIAS DO BRASIL

LIGA ESPIRITA DO DISTRITO FEDERAL

Em carácter provisório, até que resolva o problema da sua sede, a Liga Espirita do Distrito Federal *(ex-Liga Espirita do Brasil) está instalada na sede da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,* Avenida Rio Branco, 4, 15.° andar — *Rio de Janeiro (Brasil).*

CENTRO ESPIRITA «18 DE ABRIL»

Em virtude da mudança da sede da Liga Espirita do Distrito Federal, o Centro Espirita «18 de Abril» passou a realizar as suas sessões de estudos doutrinários também na sede da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, às quintas-feiras, das 20 às 21 horas.

ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL ESPIRITA

Está em franca actividade a campanha pró Colégio Espirita no Rio de Janeiro. A Organização Educacional Espirita, fundada há pouco tempo, está desenvolvendo grande actividade no campo educacional do Espiritismo. O objectivo da Organização é criar, no Brasil e não apenas no Rio de Janeiro, um sistema educativo que venha do curso primário até chegar ao superior. No momento, porém, o objectivo central é a fundação do Colégio Espirita. A Organização tem feito diversas visitas ao interior. Ainda há poucos dias esteve em Volta Redonda, sede da Companhia Siderúrgica Nacional, onde foi fraternalmente recebida. Estão à frente desse movimento homens de responsabilidade, como o Prof. Lauro Pastor, do Colégio Pedro II; Prof. Torres Pastorino, ex-padre, professor do Colégio Militar; general Mário Travassos, um dos comandantes de Força na última guerra, ex-comandante da Academia Militar de Agulhas Negras e ex-Inspector do Ensino do Exército. Tendo-se afastado da actividade mino Exército, este general dedicou-se com muito entusiasmo ao movimento educacional no meio espirita. O Secretário da Organização é o capitão Jaime Rolemberg, elemento inteligente, activo e ardoroso. Há outros confrades de responsabilidade no movimento pró-Colégio Espirita. Espera-se que ainda este ano, como parte das actividades iniciais da Organização Educacional Espirita, seja aberto um concurso de admissão, sob a orientação do Prof. Lauro Pastor. A Organização Educacional Espirita tem a sua sede provisória na Rua do Acre, 47, 8.° andar, Rio de Janeiro.

ANÁLISE BÍBLICA

Está sendo esperado para muito breve um livro de Mário Cavalcanti de Melo, sob o título «Da Bíblia aos Nossos Dias». É um livro de crítica e de análise, com argumentação segura e corajosa. Mário Cavalcanti de Melo é um dos autores do interessante livro «A Reencarnação e suas Provas», em companhia de Carlos Imbassahy. Aguarda-se com muito interesse o novo livro de Cavalcanti de Melo.

UMA DEFUNTA NARRA AS SUAS IMPRESSÕES DO ALÉM

PARIS, Março — Experiências científicas, metòdicamente conduzidas há quinze anos e cujo alcance considerável não escapou a recente congresso médico americano, lançaram luz inteiramente nova sobre o problema da morte e do além.

Não se trata, é claro, de revelações que tenham qualquer relação com assuntos de carácter metafísico ou religioso. O Dr. S. J. Haycox, o americano que apresentou o fruto de suas longas observações, restringiu-se rigorosamente aos domínios da medicina e da psicologia.

Para controlar a série de investigações em torno do outro mundo e que pôs em prática por meio do aparelho reanimador do coração que ele próprio inventou, o Dr. Haycox procurava há muito tempo um paciente de experiência tão extensa quanto possível.

Em dias recentes, um colega veio falar-lhe sobre uma enferma que havia muito se encontrava em estado de morte aparente, em misteriosa letargia. Chamava-se Ann Belt.

Ao lado dessa doente, o Dr. Haycox não encontrou, a princípio, senão mutismo total. Só após prolongada espera conseguiu obter que ela entrasse num estado de semi-consciência, que parecia muito doloroso.

— Fala — disse ele. — É preciso que fales, Ann Belt.. Tu lembras-te...

Enfim, obedecendo às sugestões imperiosas do médico, a morta aparente respondeu:

— Havia luz, cores, sons. Depois tudo era negro, negro, negro...

— E então?

— Sim, é preciso que eu continui a falar. Quando estava morta procurei uma mulher que ia pôr uma criança no mundo. E para essa criança se transferiu o meu ser imaterial, o meu espírito. Tornei-me homem, soldado. Minha morte foi muito penosa, fui abatida por um tiro, onde, já não sei mais — nalgum porto de mar. Fazia calor, muito calor. Depois de minha morte...

— Sim?

— Tornei-me criança de novo... Como é estranho! Revivi tudo, da morte ao nascimento. E recomecei. Estive na terra sete vidas, sete vezes...

Ann Belt volta a silenciar. O Dr. Haycox exorta-a com mais insistência:

— E antes dessas sete vidas? Recorda!

— Antes, antes, não me lembro mais.

Esse primeiro encontro com um ser humano retornado do além ocorreu em Maio de 1937. Duvida-se de que ele tenha sido muito interessante, porque o Dr. Haycox, que é a um tempo médico e psicólogo, deixou escapar oportunidades semelhantes. Lembrou-se, no entanto, de propor à clientela o prolongamento da vida dos agonizantes, após o falecimento, ressuscitando-os por alguns dias por meio do seu aparelho. E cada uma dessas intervenções de carácter excepcional rendia-lhe mil dólares...

Eis um facto extremamente curioso: nos numerosos arquivos que as ressurreições lhe permitiram organizar, vê-se que quase todos os seres humanos assim reconduzidos à vida atestavam que tinham visitado um país maravilhoso, de luzes arrebatadoras e de sinfonias mais melodiosas que as que ouvimos no curso da existência terrena.

Nos meios clínicos dos Estados Unidos, mais particularmente entre os cardiologistas e psiquiatras, não houve ainda nenhum pronunciamento definitivo sobre essas sensacionais verificações, que suscitaram grande interesse. Há demasiado número de factores que intervêm ao mesmo tempo.

Diversos especialistas calculam que, em princípio, as impressões luminosas e musicais podem ser atribuídas a distúrbios da circulação ou a carência de oxigénio no cérebro. Comparam essas impressões às que se verificam com os doentes sujeitos a desmaios e com as pessoas perigosamente dadas ao uso de narcóticos. Mas, na realidade, eles próprios o reconhecem, dessas comparações não se pode extrair argumento científico e determinar uma relação bioquímica certa de causa e efeito.

Como quer que seja, está provado que, à margem do nosso mundo real, existe um outro mundo, perceptível aos espíritos e comparável talvez aos espaços resultantes da especulação matemática, aos quais, de resto, ele se mostra superior, pelo menos pelo seu aspecto deslumbrante.

EUROPRESS

SÍN

Transcreve-se o Capítulo 4 ditado pelo espírito de

Toda a evolução é um processo de síntese, em relação ao estado anterior. A variedade celular dos compostos orgânicos é uma forma de análise cósmica na degradação da substância. Mas o psiquismo, tal como o compreendemos, está longe de ser a unidade colimada. Essa está mais distante e o caminho é difícil de percorrer.

Que é o diamante? Uma síntese carbonífera, alvo do mineral que obedece à lei. O espírito atravessa milénios de esforço contínuo para se burilar e quintessenciar. A divagação objectiva-se, o impreciso define-se num dealbar de aurora que tem o mesmo nome, sendo ocaso. A aspiração reúne mil impulsos reprezados. É a liberdade condicional a reagir no seu meio, a asa de encontro às grades que a separam do azul do céu.

Tudo isso vive em nós num esforço de síntese que poucos sabem avaliar. Os olhos fixam imagens visuais, condensam realidades que são parte do problema. Os ouvidos perscrutam um mundo estranho de sons amalgamados que só o tacto espiritual apreende em justa grandeza. O composto é bela fase do progresso que o psiquismo escolhe para se afirmar no rumo cíclico. À medida que a matéria evoluciona, novos corpos se formam subordinados à lei. O impulso gera a metamorfose e a variedade vai regressando à unidade.

O mundo de ontem é análogo ao de hoje. Sejam quais forem os elementos de trabalho, o fim é o mesmo: evolver para nova fase, atingir mais altos cumes. E depois ainda há vereda a devassar...

Peregrinação incessante a caminho do velo de oiro, quantas vezes lhe passamos próximo sem o ver! A dispersão vence a atenção. Um compasso de espera altera o ritmo da marcha, mas não há retrocesso. O veículo não anda para trás...

Todo o progresso é síntese de equilíbrio. O que se adquiriu não se perde. Refunde-se com a nova aquisição, dá-lhe tonalidade, caracteriza-se e orienta-a para estados mais perfeitos.

O processo — como já disse noutra obra — é oculto à inteligência do homem. Cada qual tem o seu caso particular, mas não o pode analisar em pormenor. Na antecâmara do fenómeno está o incognoscível.

É o mistério da criação, é a treva e o silêncio a barrar a passagem ao espírito.

Todavia, nós sabemos que o maior está no menor. A síntese diminui o volume do objecto, mas aumenta a potencialidade. Sendo menor, é maior. Armazena energia em combinações adequadas, sempre mais eficientes e mais leves, mantendo a harmonia geral que não pode ser alterada.

O universal é homogéneo, está ligado nas mais ínfimas partículas. Modificar a posição de um átomo é modificar o cosmos.

★

Deus fez o mundo por esforço de vontade e pelo mesmo esforço a criatura o destrói, para o renovar. É a construção metódica, a conservação providencial que vem após os grandes cataclismos, muitas vezes provocados pela insatisfação do espírito.

A síntese é aperfeiçoamento, estabilização de forças imponderáveis. Assim, o homem é agente evolutivo, porque o livre-arbítrio o impele a feitos que alteram os ambientes, em virtude da lei de causa e efeito.

Reunir, apurar, concentrar, é obra de síntese. As operações de genética, os trabalhos de óptica, os progressos mecânicos, tudo é revelador de um princípio vital que conduz ao melhor pelo menor esforço. É síntese pura de que os vindouros beneficiarão em grande escala. Eles, por sua vez, sintetizarão novas forças, procurarão outros compostos. E assim, sucessivamente, em série ininterrupta de avanços que revelam a nossa origem divina.

E S E

do livro "Novos Caminhos", a e a publicar em breve

A natureza das espécies demonstra perfeita unidade e sentido na evolução universal.

Toda a experiência é criadora. Atrai beleza formal, síntese da beleza morta que o progresso transformou.

Quem dirá que a asa irisada foi larva de mísero aspecto? E, contudo, o simples abandonou a forma primitiva e assumiu forma surpreendente.

Eis, porque a desagregação celular obedece a leis comuns e não deve infundir receio. Saibam-no aqueles que se aproximam do fim da vida terrena e que tremem à simples ideia da morte orgânica. O espírito não se desagrega. Mantém-se coeso, expansivo e dinâmico, porque a mutação lhe deu poderes eficientes. Não temais pelo seu futuro. Só irá onde as asas o levarem. E onde se encontrar, o meio lhe será propício; aliás, não se fixará.

Nova síntese, novo ambiente, novos elementos de luta. É a perspectiva geral que aguarda o ser em sua viagem eterna. A vida é uma engrenagem maravilhosa de que fazemos parte. Ao mais ligeiro impulso, gira a corrediça e ocupamos o lugar que nos compete. Há um único lugar para cada um. Uma única função. Está explicado porque não há duas almas iguais, dois seres iguais...

Essa variedade imponente que ofusca os sentidos saiu do foco gerador atraída e repelida por outros seres, sem prejuízo da unidade. O que parece incongruente é congruente. O que nasce é síntese do que morre. Transmutam-se os veículos, mas a essência fortalece-se. Se assim não fosse, como seria o progresso? Não poderíamos concebê-lo.

Se nada se perde na matéria, como se há-de perder no espírito? E se o esforço realizado fosse destruído sem compensação, de que serviria a vontade e o anseio? De que serviriam esses elementos que encontramos ao alcance para activar a jornada? Como explicar a síntese colectiva baseada no desejo de caminhar em superação constante?

★

Na viagem dos séculos todas as espécies são necessárias. E fases há em que umas tenham de ser absorvidas por outras. Ainda aqui há síntese obediente a desígnios divinos. O «homem lobo do homem» nem sempre se encara no verdadeiro sentido. Os instintos são de origem espiritual ao serviço da evolução. As inundações obedecem à lei da gravidade. As moléculas aquosas agregam-se segundo princípios conhecidos e ninguém as condena pelos malefícios causados. Os ignorantes tomam o sol pela sombra e seus juízos levianos não pesam na balança da sabedoria. No fundo das acções humanas há mais filosofia do que julgam os filósofos. Os seus conceitos são errados no tocante ao mundo psíquico e muito mais no tocante ao mundo espiritual.

Há vantagem no estudo destes problemas. Abrem-se os olhos e o mundo fica mais pequeno, com menos fantasmas. O conhecimento dá firmeza e engrandece. É a bola de neve que rola e aumenta de volume, enquanto o Sol não delimita ou desfaz a substância. Depois, o aglomerado deixa de existir virtualmente...

A cada choque, seu avanço. A cada salto, seu recuo aparente. Mas todo o movimento é no sentido da marcha, embora semelhe o contrário. É que o observador não sabe observar. Restringe-se à aparência, ao exterior daquilo que lhe fere a retina e diz que o mundo retrograda. Não retrograda. A aspiração do observador é que vai à frente do progresso do mundo e lhe dá a impressão de desarmonia.

A síntese espiritual é mais perfeita que a material, portanto mais difícil de compreender.

A cada choque, seu avanço. É pena que a humanidade não cogite na sua triste condição e não se integre em nova síntese moral e espiritual...

A ÍRIS-DIAGNOSE

por **ANTÓNIO CARDOSO**

Há mais de 3.000 anos que os curandeiros nos vêm afirmando que os olhos são mais do que simples «janelas da alma» como os define Rodrigues Lobo; eles reflectem, com extraordinária precisão, o estado de saúde ou doença do organismo, e neste último caso, qual o órgão directamente afectado. Deve-se porém, a um estudante de medicina, chamado Péczely, de nacionalidade húngara, o facto de ter chamado a atenção da *Ciência Oficial* para este maravilhoso método de diagnóstico. As coisas passaram-se assim: um dia Péczely decidiu domesticar um mocho. Durante um certo tempo nada se passou digno de nota, mas um dia o animal, retomando o seu instinto, agarrou-se com toda a força por uma das patas ao braço do seu dono. O jovem procurou desprender a pata, mas todos os esforços resultavam inúteis. As unhas estavam de tal maneira agarradas ao braço de Péczely, que este, aflito, não teve outro remédio senão cortar a pata do mocho. Acto contínuo, reparou, com extraordinária admiração, que na íris correspondente do animal apareceu uma risca — *sinal esse que foi a pouco e pouco desaparecendo à medida que a pata ia sarando.* Este facto, que talvez muitos de nós, se fôssemos protagonistas, não ligássemos importância, fez despertar no espírito do jovem estudante a ideia que devia haver uma relação entre as riscas existentes nas íris dos animais e seres humanos, e as doenças que eles apresentam. Lançando-se de alma e coração ao estudo chegou a conclusões interessantíssimas. Assim, verificou que determinado órgão afectado, determina em todos os indivíduos uma risca no mesmo local da íris. Por exemplo: tenho na minha frente seis indivíduos doentes do pulmão esquerdo. Em todos eles aparecerá um determinado sinal no mesmo sítio da íris. Mas como isto ainda fosse pouco, Péczely verificou ainda que pelo exame minucioso dessas riscas — feito com poderosos instrumentos de aumento — pode-se dizer se é uma enfermidade aguda ou crónica, uma crise depurativa, etc.

Como os meus leitores decerto estão calculando, estas interessantíssimas conclusões de Péczely chamaram a atenção de um grande número de estudiosos para esta maravilhosa ciência. Desde essa altura até aos nossos dias muito e muito se tem avançado, muitas descobertas se têm feito, e é cada vez maior o número de médicos que no estrangeiro vão fazendo uso deste método de diagnóstico. Quando no verão passado estive em Barcelona e visitei o Dr. Ferrándiz, tive a agradável surpresa de ver sobre a sua mesa de trabalho um complexo aparelho, em forma de óculo que, apetrechado com um sistema próprio de iluminação, permitia um exame minucioso da íris. Notei ainda que nas fichas dos doentes encontravam-se impressas duas íris, onde o médico marcava os sinais que por intermédio do aparelho em questão ia observando nos doentes.

Na clínica de Karlsruche têm-se feito centenas e centenas de observações pela íris, e os médicos que a eles têm procedido, têm chegado por vezes a conclusões interessantíssimas. Um exemplo entre muitos, é o caso de uma mulher de uns trinta anos que uma vez entrou nessa clínica queixando-se de vertigens e fortes dores de cabeça. A doente não suportava luvas nem sapatos. Ao princípio os médicos supuseram que todos estes sintomas tinham a causa num simples período de transição, mas por fim chegaram até a pensar que a rapariga devia ter um tumor no cérebro. Pois bem: foi-lhe feito o exame da íris revelando este um facto que os médicos estavam muito longe de supôr; a doença da rapariga era provocada por um desenvolvimento anormal da glândula pituitária. Os médicos, utilizando este processo de diagnóstico, tinham descoberto assim fàcilmente a doença da rapariga, o que não tinha acontecido antes disso.

No verão passado, quando, em férias, me encontrava em Mem-Martins, a senhoria do prédio em que eu morava adoeceu gravemente. O médico veio e, utilizando os processos vulgares, diagnosticou-lhe uma afecção qualquer no estômago e pedra no fígado. Como sabiam que me dedicava ao estudo da íris-diagnose, pediram-me — a senhoria, marido e filhas — para fazer um exame dela, sem me terem dito, claro está, para que não houvesse qualquer sujestão, aquilo que o médico lhe tinha dito.

Examinando a íris com uma lupa e uma lâmpada de pilha, para que a iluminação fosse perfeita, descobri-lhe uma afecção do estômago e num dos rins. O meu diagnóstico do estômago foi confirmado não só por ela, mas pelo relatório de uma radiografia que tirou ao estômago e que me mostraram.

— E no fígado não vê nada? — perguntou-me ela.

— Não vi, mas vou examinar novamente.

Diriji então toda a minha atenção para a região da íris correspondente ao fígado, mas por mais que tentasse descobrir algo de anormal, nada vi.

— Pode ser, Sr.ª Soledade —disse-lhe eu — que de facto tenha qualquer enfermidade no fígado. Mas confesso, não vejo nada. Só lhe vejo no estômago, que a radiografia confirma e no rim (já não me lembro se era o direito, se o esquerdo), o que está em desacordo com a opinião do médico.

Pois, quando depois de ter voltado para Lisboa, fui um dia a Mem-Martins visitá-la, fiquei estupefacto ao saber que exames posteriores vieram dar razão àquele que lhe havia feito na íris.

No *Centro Espirtualista Luz e Amor* apareceu-me um dia uma Sr.ª para lhe examinar a íris. Disse-lhe que devia ser muito nervosa (revelado por círculos concêntricos existentes na íris), e que devia portanto sentir muitas vezes palpitações no coração, não motivadas por qualquer doença, mas sim por esse excesso de nervosismo.

— É exactamente isso que me diz o médico. O que sinto no coração é tudo do meu grande nervoso.

Nessa Sr.ª examinei a seu pedido as regiões correspondentes aos pulmões. Em ambas as íris nada notei de extraordinário.

— Nem vestígios de cicatriz?

— Nada lhe vejo.

— Interessante! Estive doente de um pulmão; mas o médico declarou-me curada, e a radiografia que tirei veio demonstrar que isso é verdade!

O meu exame estava mais uma vez certo!

Nas íris castanho-escuras o exame é mais moroso, requerindo grande atenção e paciência, mas nas azuis um exame superficial pode ser feito mesmo sem o auxílio de lupa

e lâmpada. Para exemplo, basta citar o caso de uma Sr.ª que me foi apresentada por uma pessoa amiga e a quem momentos depois lhe estava a dizer que devia sentir perturbações num determinado rim — que indiquei. É que enquanto as duas Sr.as falavam, eu, reparando que a Sr.ª que me foi apresentada tinha os olhos azuis, tentei ver se lhe descobria qualquer anormalidade, tal como sucedeu. Resta-me acrescentar que, ao dizer a doença que a Sr.ª tinha, esta arregalou os olhos, dizendo-me que de facto tem sentido perturbações nesse rim.

Claro que — volto a repeti-lo — para uma observação mais minuciosa teria já que utilizar uma lupa, no caso de não dispor de um instrumento próprio para esse exame.

O Dr. Vida que na clínica de Kaslsruche muito se tem dedicado ao estudo desta ciência, afirma que nos diagnósticos da tuberculose a percentagem de erro tem sido inferior a 15%, de doenças dos rins de 10%, e que essa percentagem é ainda menor no caso de doenças do estômago. De facto, pelas observações que tenho feito, tenho verificado que as enfermidades do estômago e intestinos são muito fáceis de descobrir, em virtude da sua situação na íris não admitir quaisquer confusões. De facto, o estômago e os intestinos estando localizados à volta da pupila, não podem dar lugar a dúvidas. Não me lembro de me haver enganado uma única vez ao diagnosticar uma doença do estômago ou intestinos (1).

Esta ciência — que podemos considerar um dos mais rigorosos e modernos métodos de Adivinhação — tem merecido a atenção de diversos ocultistas, que tentam tirar dela certas conclusões. Assim o Dr. Pietro M. F. Salvi, baseando-se naquela frase tão do agrado dos poetas: «os olhos são o espelho da alma» afirma que se um indivíduo se encontra com uma obsessão, a entidade actuante não poderá exercer domínio nos olhos. Não conheço quaisquer trabalhos experimentais do Dr. Salvi que lhe permitam fazer uma afirmação desta natureza, assim como não sei se ocultistas ou parapsicologistas se têm dedicado a esta questão e em caso afirmativo se chegaram a idênticas conclusões. Acho portanto que a afirmação do Dr. Salvi deve ser acolhida com grande reserva, até que novas descobertas se façam neste campo tão fértil de surpresas, que é o da íris-diagnose.

(1) A prisão de ventre encontra-se assinalada também na íris.

"RONDA ESPIRITUAL"

por **LEOPOLDO MACHADO**

O fenómeno lítero-mediúnico Lia - Isidoro Duarte Santos, embora originalíssimo e excepcional, ainda não nos havia impressionado vivamente, a despeito de sermos até um dos colocadores de seus volumes no Brasil.

Ainda não havíamos lido os volumes da dupla excepcional!

Seria uma falta gravíssima, a nossa, se o prezadíssimo Isidoro não soubesse como tem sido a nossa vida nestes últimos anos...

Em face da nossa afinidade e da afinidade das nossas companheiras — a Marília e a Lia — era para já nos termos manifestado sobre o fenómeno mediúnico e sobre os livros recebidos e publicados.

Mais ainda sobre o fenómeno, que de nada precisam de nós os livros da dupla! Muito menos o conceito literário do Isidoro, na verdade muito acima do que pudéssemos dizer e opinar sobre ele!

O fenómeno foi assim:

Vinha o Isidoro, dentro do seu dinamismo do espírita mais agitado e laborioso do velho e generoso Portugal, publicando livros, elaborando versos, editando a mais bem feita revista espírita que conhecemos, espalhando artigos substanciosos por toda a parte, quando lhe morre a esposa, a Lia, passando ele pelo golpe por que havíamos já passado quatro meses antes.

E, por singular coincidência para nós ambos, a Marília lá estava, ao lado do leito mortuário, aguardando o Espírito que se desprendia.

Fora a Lia, como a nossa Marília, uma eficiente colaboradora do marido, sempre a seu lado, nos árduos labores da difusão da Doutrina. Seu pendor lítero-doutrinário manteve-o oculto. Revelou-se na Espiritualidade. E vertiginosamente. Previne o marido de que tem coisas muito interessantes para ditar-lhe. Que ele se prepare para receber, de parçaria, muitos livros. E os livros vão surgindo. Todos, muito bem apresentados gràficamente e, por certo, literàriamente primorosos, que da pena do Isidoro Duarte Santos não se pode esperar outra coisa. Primeiro, Dois Mundos. Mal terminara o livro e voltara de uma viagem a Espanha, recebe o segundo, Almas Errantes. Estaria terminado aí o novo ciclo? Nada! Recebe novo aviso: «Brevemente, voltaremos ao trabalho. Temos que variar os assuntos». E veio, então, o terceiro volume, o Ronda Espiritual, que acabamos de ler, de uma arrancada, para o relermos, depois, com mais serenidade. Terceiro volume que não será o último, pois mais dois já estão prometidos para muito breve.

Ronda Espiritual *é, na verdade, um livro diferente, de análises e de críticas. De crítica serena, aliás. Diz o grande Espírito que o inspirou ao Isidoro, seu esposo: «A obra que aí está é de crítica serena, e ninguém poderá atribuir-lhe pensamento ambíguo ou desejo evidente de malsinar. Os bons hão-de lê-lo de sorriso nos lábios, abanando a cabeça em sinal de acordo, porque sabem que tais fantoches não são feitos à sua imagem. Os maus hão-de abespinhar-se e sentir o aguilhão no recesso de suas almas...».*

Nós o lemos, colocado no meio termo, entre os bons e os maus, talvez pendendo mais para o segundo grupo. Por isso mesmo gostámos imensamente de A Beata, O Falso Amigo, O Advogado. *Páginas fortes, retratos vivos, evidentemente, do que sabemos, do que já fôramos...*

Iremos reler a RONDA ESPIRITUAL.

Iremos ler DOIS MUNDOS *e* ALMAS ERRANTES, *basta que nos sobre um pouco mais de saúde, de vida, de tempo. Leitura que faremos por um imperativo de nossa grande e velha amizade, que se projecta de um passado longínquo, de pretéritas existências. Nossa amizade e a amizade de nossas companheiras, no outro lado da Vida, embora nem nós nem elas tivéssemos vidas em comum, vivendo no mesmo ambiente, respirando o mesmo ar; embora nos reencontrássemos tão tarde na existência presente.*

Saber e sentir que nossos mortos queridos estão connosco, agitando-se ao nosso lado, colaborando connosco, eis uma das glórias do Espiritismo, que nenhuma outra religião, nenhuma outra doutrina confere, distribui, permite.

Uma grande coisa, o Espiritismo!

A CIÊNCIA DO YOGA E O AUTOMATISMO DO SISTEMA NERVOSO VEGETATIVO

A Índia, berço de uma civilização autóctone, onde vivem trezentos e cinquenta milhões de seres, sem unidade de raça ou de cor, sem unidade política nem geográfica, sem unidade de cultura ou de clima, dá ao mundo exemplos de uma vida moral de inigualável beleza que contrasta com o prosaísmo material e egoísta que caracteriza a civilização ocidental. A humanidade indiana criou mil cultos, dez mil deuses que vivem numa anarquia aparente, mas que, no entanto, não são mais do que facetas inúmeras de um mesmo diamante!

«Le charme qui touche le plus les âmes est le charme du mystère», diz Anatole France. O hindu, integrado numa metafísica complicada, sem noção de elo colectivo, procura resolver os mistérios da alma, na ânsia de melhor conhecer o homem, «esse desconhecido», como lhe chama Carrell. A pátria de Brama e de Buda, de sábios como Bose e Raman, poetas e pedagogos como Sarkar e Tagore, apóstolos como Gandhi e Vivekânanda, tem uma história, um espiritualismo religioso característico, uma arte *sui generis* e inconfundível e uma actuação política de incontestável beleza. A Índia esquadrinhou todos os sectores do saber humano, não se limitando a contemplar o absoluto. Não só aprendeu como criou à posteridade. É abundantíssima a sua literatura científica.

Mas não é dessa Índia faustosa, dessa Índia artística e literária de que vou falar. Movido só pelo desejo de divulgar um aspecto sempre palpitante da remota pátria dos Vedas, venho apenas desfiar uma faceta da Filosofia indu: *Ciência do Yoga,* na velha península indostânica; a par de rajás que levam uma vida puramente material, cercados de todos os confortos e prazeres, há espíritos que, vivendo uma vida inteiramente imaterial, se alheiam por completo de tudo quanto se prenda com o prazer físico. Uma dessas classes que verdadeiramente representam a mentalidade hindu pertence ao tipo «yogui».

A ciência do yoga é velhíssima. Há tratados escritos em sânscrito, língua vernácula, que no-lo atestam. Parece que, já 200 anos A. C., os yoguis hindus tinham aprendido a dominar o sistema nervoso vegetativo. Esta afirmação, que por ora parecerá revolucionária, será em breve demonstrada com factos concretos.

Todos os tratados de filosofia nos ensinam que o nosso sistema nervoso vegetativo é absolutamente independente da acção da vontade. Recentemente, porém, *testes* experimentais, realizados por investigadores europeus, têm-nos demonstrado que existem relações entre a acção psíquica voluntária e os fenómenos que pertencem ao domínio do sistema nervoso simpático — comprovando e valorizando a velha ciência do yoga hindu. A acção que exerce a consciência sobre os fenómenos fisiológicos observa-se a cada passo. Em especial, no que diz respeito à fisiologia circulatória, à influência das emoções sobre o ritmo cardíaco, sobre os fenómenos vaso-motores, a observação é frequente. Tinel e outros autores descreveram já crises de hipertensão, da cólera e da angústia. De resto, já há trinta anos, os célebres trabalhos de Pavlov nos mostraram as relações que existem entre as percepções sensoriais e as secreções, e com os reflexos condicionados. Recentemente, Melnikov mostrou o valor destes reflexos nos processos de imunidade.

Para mais, é sabido que os débeis, nos quais a actividade cerebral está reduzida ao mínimo, estão sujeitos a crises comiciais. Semelhantes crises, às vezes, aparecem em indivíduos com mentalidade perfeita, durante o sono, quando a actividade dos centros superiores está limitada. Os psiquiatras alemães Wenckebach (1) e Wiermsa (2) estudaram as modificações do ritmo respiratório ligadas à actividade da consciência. A atenção profunda — dizem aqueles autores — diminui ou faz desaparecer a aritmia respiratória, enquanto a distracção, ou melhor, a difusão do pensamento aumenta a aritmia. Wiermsa apresenta curiosas observações pessoais. Os melancólicos, cuja actividade psíquica é intensa, têm um ritmo respiratório regular. Os neuróticos, cuja atenção é variável, apresentam, pelo contrário, frequentemente, a aritmia respiratória. Dois intelectuais observados por Wiermsa, ambos com aritmia respiratória, apresentavam um ritmo regular no momento do exame, quando o trabalho cerebral atingia neles o máximo.

Já Mackensie descreveu a aritmia infantil, uma aritmia respiratória que aparece numa idade em que o intelecto tem um potencial mínimo. Tal é a aritmia dos indivíduos de psiquismo apagado, cuja cerebração se aproxima dos mamíferos inferiores. Recentemente, Abrami (3) e os seus discípulos publicaram uma curiosa observação de hipertensão voluntária. Como se sabe, as variações da tensão arterial são mínimas num indivíduo normal. Durante o dia, essas variações são quase nulas e de ano para ano a diferença que se nota é desprezível. Esta estabilidade tensional, de resto indispensável para o bom funcionamento do aparelho cárdio-vascular, é mantida por mecanismos reguladores de grande precisão. O carácter essencial desta estabilidade é o *automatismo*. Todos os fisiologistas nos dizem que esse equilíbrio tensional está completamente fora da acção da vontade. E compreende-se que assim seja, porque, no caso contrário, o sistema circulatório estaria sujeito a inúmeras perturbações, ocasionadas pelas acções psíquicas de cada indivíduo. Aqueles autores, tratando deste assunto, perguntam: «Terá sido sempre assim no reino animal? E mesmo nos organismos tão perfeitos como o nosso, esta separação entre o funcionamento dos centros psíquicos e o aparelho neuro-vegetativo será absoluta e radical como parece? Por ser tão invulgar quanto inútil, e mesmo nociva, a interferência da vontade sobre um fenómeno manifestamente automático, como é a regulação da tensão arterial, deverá ser considerada como impossível?».

Estes mesmos autores respondem às mencionadas perguntas, apresentando o caso de um tal Dino Galardi que, na verdade, deve ser considerado como sendo um caso excepcional na Europa. Trata-se de um facto que se deve incluir no quadro da supremacia do consciente sobre as funções vegetativas: um caso de hipertensão arterial voluntária. É uma hipertensão passageira, muito curio-

sa, fortíssima, pois que aumenta muito os valores da máxima e da mínima — atingindo ao mesmo tempo as pressões arterial, venosa, raquidea, retiniana e ocular — acompanhada de taquicardia, de um aumento manifesto do índice oscilo-métrico, envolvendo em 50 ou 60 segundos, e susceptível de ser reproduzida muitas vezes durante o mesmo dia. Tais são as características desta crise de hipertensão provocada pela vontade. Estudando desenvolvidamente os efeitos de semelhante hipertensão, Abrami e seus discípulos discutem e excluem diversas explicações, tais como esforço muscular, hipertensão abdominal, crise adrenalínica, e atribuem aqueles curiosos fenómenos à acção do sistema nervoso vegetativo.

Ùltimamente, a escola de Laubry (*) publicou um trabalho interessantíssimo sobre a interferência da actividade cortical sobre o sistema neuro-vascular. Ficou demonstrado que certos indivíduos normais podem, pela vontade e instantâneamente, acelerar ou moderar o ritmo cardíaco. Além disso, em indivíduos quais reputam extraordinários. Da superintendência do *yogui* sobre o seu sistema muscular resultam consequências curiosas. Essa superintendência pode, por exemplo, provocar movimentos laterais dos músculos grandes rectos do abdómen, cujo efeito é uma massagem limitada, de resultados seguros e eficazes. Esta autoridade electiva e absoluta que o *yogui* possui sobre os seus músculos voluntários também é extensiva, da mesma forma, às fibras lisas. O *yogui* pode regular, à vontade, os movimentos peristálticos e antiperistálticos; consegue mesmo regular, como melhor lhe apraz, os esfincteres anal ou vesical e, por sucção ou aspiração, fazer penetrar água ou leite no seu tubo digestivo e, sem nenhum instrumento, pode executar uma injecção vesical ou uma lavagem do intestino. Segundo os gráficos obtidos por Laubry e Brosse, notam-se, durante os exercícios, as seguintes modificações:

1.ª — *Modificações voluntárias do ritmo da intensidade respiratória.* — Durante os exercícios de *yoga,* as fases de apneia completa dão-se em inspiração ou expiração forçada. A apneia é sempre seguida por uma inspiração profunda e prolongada;

2.ª — *Tensão muscular.* — Observa-se durante a inspiração e a expiração forçada e também durante a primeira parte da apneia. Quando a contracção macroscópica e a curva muscular terminam, segue-se a contracção do diafragma e dos outros músculos;

3.ª — *Fenómeno da concentração mental.* — É o elemento que se associa aos dois precedentes e representa a parte mais importante para o *yogui.* É uma meditação sistemática e organizada cujo objecto varia: a projecção sobre um órgão ou uma função do organismo num *hatha yogui,* um conceito filosófico num *radja yogui.* O fenómeno complexo realizado pelo *yogui* produz modificações de vária ordem:

a) — *Ritmo cardíaco.* A taquicardia é a regra. O ritmo varia durante a apneia, sem contudo se poder diagnosticar uma arítmia do tipo sinusal;

b) — Amplitude do pulso. Este apresenta modificações sensíveis na amplitude e no número das pulsações. Estas modificações são mais nítidas, quando a concentração do indivíduo atinge o máximo.

c) — *Modificações do choque cardíaco.* No traçado pneumográfico, as variações de inscrição do choque precordial no período de apneia revelam intensidades variáveis e desvio do coração em relação à parede. Confrontando os dados gráficos com a auscultação, nota-se que aqueles coincidem com os momentos de silêncio completo e com um pulso quase imperceptível.

4.ª — *Modificações do electrocardiograma.* — As modificações atingem as diferentes ondas, na amplitude e nas suas relações recíprocas; num mesmo traçado encontram-se ondas irregularmente espaçadas, por vezes de poucos minutos, outras vezes de alguns segundos. Em suma: o electrocardiograma mostra a existência de perturbações no seio do miocárdio.

E, para terminar, Laubry e Brosse acrescentam: «É nestas últimas condições que nós observamos a queda da voltagem e abaixamento do metabolismo basal. É também nestas condições que os mais experimenta-

Pelo DR. JOÃO FILIPE FERREIRA

Assistente da Faculdade de Medicina do Porto

com aritmias funcionais aqueles autores observaram uma modificação favorável, sob a influência da concentração profunda e mantida. Nestas condições, as irregularidades do ritmo desapareciam, deduzindo-se desse facto que a arítmia tinha por causa estados emotivos difusos. O facto de semelhantes casos serem raríssimos no Ocidente levou Laubry e Brosse a dirigirem-se à Índia, para, *in loco,* colherem elementos, e observaram uma classe especial de indivíduos que vivem naquelas paragens, denominados *yoguis.*

Na Índia, escolas seculares chamadas de *yoga* ocupam-se em treinar indivíduos para um *contrôle* fisiológico, que até há pouco era desconhecido no Ocidente. Na verdade, o que actualmente as revistas europeias da especialidade nos expoem já era sabido na Índia desde a mais remota antiguidade. Aqueles investigadores europeus, num recente trabalho que publicaram, relatam desenvolvidamente as suas observações esfigmográficas e cardiográficas. Descrevem, em primeiro lugar, alguns factos praticados por yoguis da escola do Palácio de Mysore, os

dos *yoguis* se fazem enterrar vivos. Tivemos ocasião de observar um deles, que se sujeitou a ser enterrado durante várias horas sob o *contrôle* de um júri médico de Barodá. Registaram-se 168 pulsações no fim da experiência. Aquele indivíduo realizou novamente o estado fisiológico que lhe permitira fazer tal demonstração».

Indivíduos com semelhantes faculdades, capazes de dominarem de uma forma perfeita a sua máquina orgânica, só os há na Índia. Nas ruas de qualquer povoação indiana é frequente verem-se indivíduos, geralmente barbados, que apregoam serem santos e clarividentes, oferecendo dizer o passado e o futuro do freguês. Não passam de charlatães e aventureiros. Em geral são sapateiros, postados às esquinas, prontos a deitarem a meia sola «à la minute». Quando em qualquer ponto aparece uma cobra, o hindu, não podendo matá-la em obediência aos seus sagrados princípios religiosos, recorre ao tal sapateiro, conhecido na Índia Portuguesa pelo nome de *garopeiro,* que, em geral, também é encantador de serpentes. Há os que, tocando uma gaita, procuram

estontear uma cobra-capelo, para, quando ela se encontrar tonta pela macabra música, lhe comprimir o pescoço, a fim de expulsar o veneno retido nas suas glândulas salivares. Outros apresentam-se nas ruas esmolando, em atitude de sacrifício. Às vezes é simplesmente em obediência a preceitos religiosos. São os vulgarmente chamados *faquires*.

Ora, uma das características mais salientes do espírito hindu é a sua imensa *religiosidade*. Não há no mundo povo mais religioso do que o hindu, e a Índia é, incontestàvelmente, o maior viveiro de religiões que se conhece. O budismo, o jaivismo e o induísmo, em todas as suas modalidades, nasceram e criaram-se na Índia, como erva daninha em canteiro abandonado. O cristianismo e o islamismo, introduzidos pelos conquistadores e invasores do Ocidente, também medraram com exuberância, contando actualmente o primeiro quase seis milhões e o segundo oitenta milhões de crentes. Todo o hindu, mal começa a viver para a luz da razão, sente a necessidade instante de um Deus, seja ele Cristo, Buda ou Brama — se não forem os três ao mesmo tempo. Por vezes, o excessivo misticismo degenera em fanatismo grosseiro, e então surgem os tresloucamentos com toda a casta de sacrifícios condenáveis, como aqueles em que os crentes se deixam esmagar sob a pata dos elefantes sagrados ou oferecem estòicamente o corpo à carícia das chamas. Mas, a par dos charlatães ou indivíduos passivos do género *médium*, outros há que se treinam numa ciência especial, cuja finalidade é o domínio integral do organismo.

Seria necessária uma obra extensa para se descrever desenvolvidamente a natureza, o significado do *yoga* e as bases nas quais esta ciência se funda. Vou focar, por isso, um dos aspectos da mentalidade hindu, que criou uma ciência nova que nos dá novas faculdades, algo superiores às normais, fazendo-nos antever poderes sobrenaturais de regulação e de ordem.

É sabido que os músculos do coração, das artérias e do intestino não podem ser dominados por um indivíduo normal. Podem, porém, ser contraídos voluntàriamente por meio de certos processos de *prânáyama*. Para a compreensão de tais fenómenos, julgo conveniente traçar, embora resumidamente, os princípios fundamentais da ciência do *yoga*.

A palavra yoga deriva de yuga, que significa juntar ou fundir. Na fundição, duas peças do mesmo metal são transformadas numa só peça. No yoga da filosofia indu, o espírito personificado *jivátma*, o qual é uma parte do espírito universal, *paramatma*, é transformado num só, confundindo-se com o espírito universal por meio de determinados exercícios físicos e psíquicos. São numerosos os livros sobre *yoga*, tanto em vernáculo (sânscrito) como em inglês, e cada autor define o yoga a seu modo. Mas a melhor definição que encontrei, a mais racional, parece ser a seguinte: «yoga é a ciência pela qual a inteligência humana consegue colocar-se num plano de vibrações superiores, podendo desta forma perceber, colher e assimilar os movimentos infinitesimais do cosmos que se passam à nossa volta». Alguém aventou a hipótese de todos os milagres feitos por santos e magos, em todos os tempos, e em todos os climas, terem sido realizados pela ciência do yoga.

Sintetizando, pode dizer-se que o yoga consiste na desmaterialização do indivíduo, na sua superação do mundo físico. Os principais *yoguis* podem classificar-se em três categorias:

1.ª — Os *Hatha yoguis, profissionais*, os que dominam o organismo. Praticam o yoga com fins terapêuticos ou simplesmente higiénicos. Geralmente são professores de cultura física nas escolas especiais. Uma delas é patrocinada pelo Maharajah de Misore. Levam uma vida normal; são casados e têm família. O seu sistema de ginástica médica, diz Laubry, merece toda a atenção dos higienistas ocidentais.

2.ª — Os *Hatha yoguis não profissionais*. Praticam o yoga simplesmente com fins higiénicos — uma higiene relacionada com a vida religiosa, que lhes dá um perfeito estado de equilíbrio físico e moral. As restrições alimentares que impõe o yoga não representam ascetismo nem superstições, mas sim a aplicação prática de uma nova ciência, de uma ciência racionalmente aplicada.

3.ª — Os *Raja yoguis*. — A finalidade, neste caso, é a disciplina mental. A obtenção de poderes fisiológicos sobrenaturais não lhes interessa. Praticam o yoga para exaltarem as suas propriedades psíquicas e mentais.

Para se adquirirem as faculdades excepcionais dos yoguis é necessário executar, sucessiva e gradualmente, exercícios bem definidos. Um grau da escala é sempre mais difícil do que o precedente. Em breves linhas explicarei os exercícios aconselhados. Mas a simplicidade do esboço que vou traçar não corresponde, de nenhuma forma, à prática necessária para o bom êxito. Aqueles que desejarem aperfeiçoar-se nesta ciência deverão procurar um *guru*, para, em contacto com ele, poderem realizar, *pari-passu*, os diversos graus necessários para a obtenção de tais faculdades sobrenaturais. Os testes por ele executados dirão se o candidato está ou não em condições de prosseguir. Basta dizer que, dos que tentam, só um por mil atinge o êxito.

Os diversos graus pelos quais o aluno tem de passar são os seguintes, em língua vernácula: *Yama, Niyana, Azana, Prânáyama, Pratyáhár, Dhárana, Dhyána e Samádhi*.

A explicação destes termos, de acordo com os *yoga-sutras* de Patanjali, é a seguinte: *Yama* significa fidelidade e continência. *Niyana* significa higiene externa e interna, alegria, estudo e culto por Deus. *Azana*, o terceiro grau, é a atitude de contemplação. É necessário manter o corpo em máxima quietude, pois o mínimo movimento estorvaria a acuidade da força de vontade. A melhor atitude é a *Padmasana*: indivíduo sentado, com os pés cruzados à maneira de Buda, com o pé esquerdo colocado na coxa direita e o pé direito na coxa esquerda. A finalidade dos dois primeiros graus é o treino dos músculos do corpo. Existem oitenta e quatro atitudes diferentes de *Azana*, e cada uma delas treina e excita determinados músculos e nervos. Esta postura é utilizada como meio terapêutico para a cura de certas doenças crónicas. Por exemplo, emprega-se a posição *Sarvánga-Sádhana* para a cura da epilepsia, por ser considerada como tendo uma acção sedativa sobre o sistema nervoso. Quando o indivíduo consegue executar com toda a perfeição o *Azana*, isto é, abstrair-se de tudo o que o cerca, está em condições de executar o quarto grau, chamado *Prânáyama*.

A principal finalidade do *prânáyama* é o *contrôle* dos centros nervosos que comandam os movimentos automáticos da respiração. Como é sabido, o acto respiratório está sob a dependência do nervo vago. As fibras aferentes deste nervo, quando excitadas param a expiração, para darem começo à inspiração, que é executada pela excitação das suas fibras eferentes. Pois, *Prânáyama* é na verdade o processo pelo qual o vago pode ser dominado pela vontade. Portanto, pode-se, *a priori*, antever a importância que pode ter uma prática do *Prânáyama*. É sabido que uma grande parte das forças vitais está sob a de-

pendência do nervo vago. Quando o yogui consegue adquirir o poder de controlar este nervo, diz ele, não existe nenhuma força na Natureza que por ele não possa ser dominada. O *Prânâyama* é importantíssimo. Segundo a ciência do yoga, por cada respiração inala-se uma certa quantidade de electricidade, ou, melhor, energia do ar atmosférico. Esta energia é absorvida pelo sangue e depois cedida aos nervos reguladores dos músculos involuntários. A absorção desta energia desperta funções latentes do sistema nervoso chamado autónomo. A respiração tipo yoga é muito especial. Consiste no seguinte: enche-se de ar a parte superior dos pulmões e depois continua-se a respiração, de maneira que, pouco a pouco, se encha a porção média dos pulmões por expansão gradual das costelas correspondentes. Segue-se a replecção da porção inferior do tórax até a expansão atingir o máximo. Agora, a posição de *Siddhazana:* cabeça estendida, músculos do pescoço contraídos, calcanhar de um pé colocado no períneo, por forma a comprimi-lo, e outro calcanhar a exercer pressão no púbis. Por este processo, o yogui consegue distender todo o pulmão, desde o vértice até à base, de maneira a absorver o máximo de *Prâna* (energia). Como se concebe, a execução de semelhante respiração é dificílima. Sòmente indivíduos bem treinados é que podem adquirir a perfeição. O *Prânâyama* exalta o cérebro, o qual, após repetidas experiências, está em condições de entrar em relação com «vibrações superiores». Aparece então a *superconsciência*. É esta a finalidade do *Prânâyama* na Ciência e na Filosofia do yoga.

O grau a seguir é o *Pratyâhâr*. Consiste em pensamentos sagrados. O sexto grau é o *Dhârana* — concentração do pensamento em determinado ponto, com exclusão de todos os outros. Este grau para o yogui é um dos mais importantes. É o processo pelo qual o yogui consegue ver o que se passa no seu organismo e na natureza. Sente o *Prâna*, isto é, a energia, atravessar os seus *chakras*, o que, em anatomia, corresponde a plexos nervosos. Para fazer parar o influxo nervoso em determinado plexo, o yogui toma atitudes especiais, por forma a comprimir a região do plexo visado; dessa compressão resulta uma congestão localizada, que favorecerá a passagem do influxo nervoso, provocando assim a aceleração ou o retardamento das funções de um determinado órgão.

O grau seguinte é o *Dhyâna:* significa a contemplação do eu (atmã). Laubry e Brosse, pelas constatações esfigmográficas e cardiográficas já mencionadas, provaram que a explicação dada pelos *yoguis* corresponde a factos reais. Vemos que, na verdade, durante semelhantes exercícios de yoga, os processos de investigação modernos nos apresentam modificações importantes no domínio da circulação. Como foi demonstrado, é sobretudo curioso o que se passa quanto ao rítmo cardíaco. As observações daqueles investigadores demonstram-nos, portanto, que, indubitàvelmente, o yogui pode agir no seu sistema nervoso vegetativo, e que essa acção depende da vontade do indivíduo. Portanto, nessas condições, aquele sistema nervoso deixou de ser autónomo. Nenhum livro de fisiologia admite excepções quanto à autonomia do sistema nervoso vegetativo. Seriam propriedades latentes, postas em evidência sòmente pelos processos que o yoga nos ensina? Seja como for, o certo é que o facto é verdadeiro e concreto.

Os velhos livros sobre a ciência do yoga, antiquíssimos, falam da construção e da acção do sistema nervoso. Teriam os yoguis naquela época dissecado cadáveres para obterem os conhecimentos que até certo ponto condizem com os modernos conhecimentos de Anatomia; ou seria por «visão interna» que os yoguis adquiriram tais conhecimentos? Parece que esta segunda hipótese é mais aceitável.

A literatura yoga descreve dez *Vayunadis*, quer dizer, cordões nervosos. *Idá*, do lado esquerdo do corpo, o qual atravessa o crânio e se junta ao *Brahma-chakra* (cérebro). *Gandhari*, no olho esquerdo. *Hastupiotrá*, no olho direito. *Pushá*, no ouvido direito. *Yashaswini*, no ouvido esquerdo. *Aalanbushá*, na boca. *Kuhu*, no pénis, e *Shankhini*, no períneo. De todos esses *nadis*, os três mais importantes são: *Idá*, *Pingalá*, e *Sushumná*. A literatura yoga diz-nos a localização destes três nervos. O *Idá* está situado do lado esquerdo do *Merúdanda* (coluna vertebral) e termina na narina direita. O *Pingalá* está colocado do lado direito da coluna vertebral e termina na narina esquerda. O *Idá* e o *Pingalá* cruzam-se e têm a sua origem no *Múládhara-chakra*, situado no *Mulsthâna* (períneo).

Pela descrição dada pelos yoguis, deduz-se que o *Idá* e o *Pingalá* devem corresponder aos cordões do sistema nervoso simpático. É muito provável que o *Muládhára-chakra* seja o plexo hipogástrico. O terceiro *nadi*, *Sushumná*, passa através do *Merúdanda* (coluna vertebral) e corresponde, como se vê, à espinal medula. Atravessa o *Talu* (corresponde à base do crâneo) e junta-se ao *chakra*, constituído por milhares de ramos, chamado *Brahma-chakra*, o qual, evidentemente, corresponde ao cérebro. Os autores yoguis descrevem o sistema nervoso muito desenvolvidamente. No que acaba de ser lido, só ficou um pálido esboço deste complexo assunto. Um estudo comparativo entre a terminologia anatómica citada no *Hatha-yoga-Pradipika* e a anatomia ocidental, verifica-se que aos plexos hipogástrico, solar, cardíaco, faríngeo, cavernoso, etc., correspondem nomes especiais, cuja descrição se adapta perfeitamente, como prova o investigador indú Vasant Rele na sua brilhante tese «The Mysterious Kundalini», aos nossos modernos conhecimentos de Anatomia.

Ao *Kundalini* é atribuída a forma de uma serpente. Arthur Avalon escreveu um monumental tratado sobre o conceito do yoga, intitulado «The Serpent Power». Baseando-se nas descrições dos antigos livros sobre tal assunto, nele deduz que o chamado *Kundalini* é o nervo vago direito. E a finalidade dos diversos exercícios do yoga é a excitação deste *Kundalini*, despertando nele propriedades latentes. O influxo nervoso corre através do *Kundalini* e pára em determinado plexo, conforme a atitude especial que o yogui toma, durante o exercício. E é desta forma que, agindo conscientemente no plexo que deseja, intervém na actividade de um determinado órgão e, portanto, na sua função. Esta acção nervosa torna-se consciente através de ramificações que ligam os plexos com o sistema nervoso central e com o córtex cerebral.

Tal é a explicação da função fisiológica obtida pela exaltação de propriedades normalmente latentes que o vago possui. Mas admitir que acções puramente dependentes do sistema nervoso autónomo possam estar sob a dependência directa do psiquismo voluntário, parece ser uma atitude revolucionária. Contudo, os estudos de Laubry, de Abrami e de outros já citados, vêm confirmar as concepções hindus acerca da interferência da actividade cortical sobre o sistema neuro-vegetativo. Em especial, no que diz respeito ao aparelho circulatório, é conhecida a influência das emoções sobre o ritmo cardíaco e sobre os fenómenos vasomotores.

O Governo de Israel reconhece o Espiritismo

O Espiritismo acaba de alcançar nova vitória. Uma vitória retumbante, das que atestam o carácter de uma época e o bom senso e compreensão dos governantes.

As ideias são aves aladas que fazem a viagem do mundo. E quando elas se dirigem ao coração do homem e o preparam para o derradeiro momento, instalam-se aqui e ali, lançam raízes fundas e tomam conta do terreno.

Os jornais de Israel relatam sessões espiritas nas primeiras páginas, sobretudo em Jerusalém e Telavive, desde que o Movimento Espirita foi reconhecido em decreto governamental.

Eis como este diploma esboça a finalidade do Movimento:

«Estudar e realizar experiências práticas em todos os campos ligados à ciência do Espiritismo; difundir a ideia através de propaganda, informação e demonstração, e prestar assistência a todos os adeptos, sem distinção de cor ou de raça».

O presidente desta organização é Moshe Baharav, antigo oficial do exército britânico e actual gerente da Israel Salt Works C°, a quem se deve a publicação da primeira obra espirita traduzida em hebraico antigo, da autoria de Artur Findlay: «No Limiar do Etérico».

Desde o princípio de 1954 que ali têm aparecido inúmeros artigos em Inglês, Hebraico e Idish, a linguagem usada pelos jornais de Jerusalém e Telavive.

Para se ver a importância deste movimento basta dizer que o jornal Maariv *consagrou seis colunas a um artigo acerca do Espiritismo científico, filosófico e religioso, ilustrado com a fotogravura de uma sessão de dois assistentes em que se viam três entidades espirituais.*

Já é tempo de se reconhecer o Espiritismo como doutrina útil e necessária nos tempos que decorrem, cheios de egoísmo e rivalismo. O seu nome anda achincalhado e deturpado na boca de muitos indivíduos conscientes e inconscientes. Por isso esta notícia vem no momento oportuno. Pouco a pouco, a luz espanca as trevas e ergue tronos à Verdade.

Se assim é, não existe nenhuma razão para não admitirmos que a vontade não possa provocar acções semelhantes.

O conhecimento de centros simpáticos cerebrais, descritos por Major, leva-nos a admitir a existência de ligações estreitas entre o córtex cerebral e o sistemna nervoso vegetativo. É curioso agora verificar que certos fenómenos considerados unânimemente como sendo funcionalmente automáticos e totalmente independentes da acção da vontade, possam ser provocados pela força de vontade, por indivíduos devidamente treinados. Existem na literatura médica alguns exemplos de indivíduos, aliás normais, que modificam voluntàriamente o ritmo do coração. Pois se assim é, forçoso é admitir que não é tão difícil como se supõe transpor a barreira que existe entre o psiquismo consciente, voluntário, e as funções da vida vegetativa.

É fácil deduzir as consequências que surgem, se concebermos um tal facto. Em primeiro lugar, aparece um problema importantíssimo de perturbações vasomotoras de origem psíquica, voluntária e histérica. Evidentemente, os sinais patognomónicos descritos na obra magistral de Babinski nada sofrerão com o *bouleversement* produzido por estas noções modernas. Mas o caso muda se focarmos o problema da reprodução voluntária das perturbações funcionais. É que, nestas condições, a excitação voluntária do simpático provocaria perturbações variadas, as quais, no estado normal, obedecem ao automatismo de centros periféricos medulares, ou mesmo cerebrais. Por outro lado, da observação dos médicos empregados pela ciência do yoga, deduz-se uma conclusão prática de alto significado e alcance fisiológico e educativo: *a concentração mental é um bom meio terapêutico para os neurasténicos.*

Estamos, pois, em face de uma fisiologia humana, bem diferente da simples fisiologia animal. A vontade parece agir como um agente farmacodinâmico. E semelhante acção da consciência faz-nos antever um poder infinito de regulação e de ordem. A noção de uma função aparece-nos, não como sendo automática, alheia à acção da vontade; pelo contrário, parece-nos estar sujeita a um mecanismo complexo, que actua, por assim dizer, num sentido vertical.

---

(1) — *K. Wenckebach:* «Die unregelmässige Hertztatigheit und ihre klinische Bedeutung», Leipzig, 1914.

(2) — *Wiermsa:* «Die Einfluss von Bewusseinszustanden auf den Puls und auf die Atmung» (Zeitschrift f. d. Ges. Neurologie und Psychiatrie, Bd. 19, 1913).

(3) — *Abrami, R. Wallich et Bernarl:* «Hypertension artérielle volontaire» (La Presse Médicale, 26-2-36, n.° 17).

(4) — *Laubry et Mlle. Brosse:* «Interférence de l'activité corticale sur le système neuro-vasculaire» (Presse Médicale, 19-10-35, n.° 84).

(De «Dhâranâ», do Rio de Janeiro)

Hospital Espirita "João Evangelista"

por **JOAQUIM DA SILVA GOMES**

Pode às vezes acontecer (bem raramente, aliás), e por motivos e razões que não nos compete nem queremos analisar, ser o trabalho dos espiritas cristãos na *Seara do Mestre* um tanto moroso, de algum modo displicente e pouco progressivo, mas o que não há a negar é que, quando verdadeiramente sentido, é sempre executado com elevado ânimo, com extraordinária fé e perseverança.

A Directoria do Instituto Espirita João Evangelista, sito à Rua Santo Elias, n.º 288, ciente e consciente das suas responsabilidades doutrinárias e dando cumprimento ao seu vasto programa de realizações de *Sempre para a Frente e para o Alto*, sem confrontar encargos com possibilidades financeiras, mais uma grande obra vai iniciar e com toda a certeza concluir, convertendo assim uma velha aspiração em magnífica realidade no sector da assistência social — a construção do *Hospital Espirita João Evangelista*.

A planta do edifício, em dois amplos pavimentos apenas, é sóbria, sobremodo simples, muito harmoniosa e provida de todos os requisitos modernos. Comportará o edifício acomodações para 70 internados, distribuídos por enfermarias de 6 leitos e alguns apartamentos individuais, cujo internamento será pago. Todos os demais internamentos e tratamentos de qualquer espécie em suas clínicas, médica, cirúrgica, obstétrica e dentária, bem como no ambulatório anexo, serão inteiramente gratuitos, sem qualquer distinção de raça, tendência política ou credo religioso.

O custo desta obra está calculado em alguns milhões de cruzeiros, importância esta sobremodo vultuosa para uma instituição sem outros recursos próprios e meios de renda que não sejam aqueles provenientes de reduzido património, pequeno número de associados contribuintes e a generosidade de adeptos e amigos.

Mas... perguntar-se-á: com que contava mais, finalmente, a Directoria do Instituto Espirita João Evangelista, em outros meios materiais e financeiros, para se arrojar a levar avante tão extraordinário empreendimento? Pouco mais de nada... e muito!

Um terreno apenas, que já lhe havia sido doado para este fim por um grande e generoso benemérito, uma grande confiança em si mesma e uma extraordinária fé, sobretudo, no auxílio dos seus guias e protectores espirituais, que, mercê de Deus, nunca lhe faltou na hora própria, em tudo quanto já foi realizado pelo Instituto Espirita João Evangelista, notadamente no sector da instrução através do seu Educandário, com mais de mil alunos matriculados nos seus diversos cursos, no Lar de João, onde se acham, sob o pátrio poder da Instituição, 10 criancinhas, órfãs e abandonadas após o nascimento pelos seus progenitores, e na Casa de Saúde a ser substituída pelo *Hospital Espirita João Evangelista* em seu devido tempo, onde anualmente são atendidos, tratados e curados muitas centenas de necessitados nas suas clínicas e ambulatório.

Não se marcou tempo para a execução da obra, nem mesmo se sabia quando e como poderia ser iniciada; sabia-se, entretanto, e quase com toda a certeza, que ela se iniciaria mais tarde ou mais cedo, que os donativos viriam, que não se tratava de uma fantasia ou plano inconcebível, mas uma ideia bem firme, posta em marcha acelerada, para converter em realidade a maior aspiração da Directoria do Instituto Espirita João Evangelista.

Como era natural, a ideia correu célere em todos os quadrantes, fez-se largamente conhecida e apadrinhada, entrou a fundo na compreensão de muitos espiritas, outros, adormecidos mas despertados e tocados pela grandiosidade da obra e sua elevada finalidade caritativa, entraram no bom caminho, os primeiros donativos começaram a chegar, o exemplo frutificou e muitos corações foram sensibilizados.

Foi assim, com a graça de Deus altíssimo que tudo ordenou e possibilitou, com a sabedoria de Jesus bondoso que tudo protegeu e amparou, e com João Evangelista que tudo ensinou, guiou e assistiu, que pôde finalmente a Directoria do Instituto Espirita João Evangelista, com o coração emocionado e transbordante de alegria e contentamento geral de toda a família espirita pernambucana, lançar no populoso bairro da Casa Amarela, à Rua Padre Lemos, n.º 674, às 10 horas do dia 7 do mês em curso, a pedra fundamental do *Hospital João Evangelista*.

Recife, Março de 1954.

O DRAMA DA LOUCURA

por **LUÍS DE BARROS CASTRO**

Eis um assunto da maior importância e que interessa a todos os sectores da população e a todos os governos.

Não há ninguém que não conheça loucos, mas a maior parte desconhece a causa da loucura.

As pessoas mentalmente bem formadas, mesmo desconhecendo as razões fundamentais da loucura, sentem-se instintivamente tristes ao contemplarem um anormal, mas os ignorantes e atrasados riem-se e excitam o pobre louco!

O louco quase sempre é um inútil socialmente, pode representar um sério perigo para qualquer pessoa e propriedade, é um contrapeso para todos e representa uma responsabilidade para o Estado, que terá de o acolher, alimentar e proteger. Mas de todos estes grandes prejuízos, o maior ainda é o que ele próprio sofre, pois está impossibilitado de caminhar, acompanhando a evolução em que todos — os normais — automàticamente progridem.

Muitos loucos são videntes em elevado grau, mas desconhecem essa qualidade. A sua própria ignorância e a incompreensão geral contribuem para a loucura se radicar.

Um grande desgosto, quando aquele que o sofre não sabe que é necessário disciplinar, não só a dor, como a alegria, pode levar à loucura. É por isso que é necessário dominar com a maior coragem todas as situações em que os nossos sentimentos sejam profundamente abalados. Quando se tem alguns conhecimentos da vida eterna da alma é muito fácil não chegar ao último extremo do desespero.

A perda de um ente familiar, por exemplo, para pessoas que julgam que a verdadeira vida é a que se vive na Terra, causa tão fundo desgosto, que chegam a estar anos e anos sem abrir as janelas, vestindo sempre de luto, não saindo à rua, não querendo ouvir música, vivendo, enfim, numa apatia terrível e chorando desoladamente à menor lembrança do extinto, porque consideram irreparável a perda que sofreram.

Ora, não é assim, e estas atitudes destituídas de bom-senso são prejudicialíssimas, não só aos que ficam, como aos que morreram.

Neste sentido era bom que todos — fossem ou não espiritas — soubessem que não há perdas irreparáveis, porque aqueles que morrem apenas mudam de estado, abandonando o corpo, e estão sentindo com igual intensidade a nossa dor, ou então, não a compreendendo, dada a realidade da continuação da sua existência.

Essa dor prejudica o encarnado, porque o pode levar à loucura, e prejudica o desencarnado, porque o obriga a permanecer na Terra, junto às pessoas que sofrem, com tão grande mágoa, uma perda que é apenas ilusória.

Certamente que nós temos sempre de sofrer com essa perda e é natural uma sincera manifestação de pesar, mas daí a ficar durante anos e anos debaixo dessa errada convicção, é que é de lamentar e não de louvar. Demonstra sòmente ignorância da vida do espírito para além da vida terrena e essas pessoas julgam que Deus só nos assiste enquanto cá andamos, e nos abandona, quando o corpo baixa à campa. Esquecem-se de que, com essa atitude, conferem extraordinária imperfeição a Deus e à sua obra! O que assim procede não é só ignorante; é louco temporário, com muitas probabilidades de chegar a definitivo, se, em cima de um desgosto dessa natureza, outro o atinge da mesma aparente violência.

Também a perda de bens terrenos contribui largamente para a anormalidade do espírito — tal a importância que se dá à riqueza. Por isto talvez seja maior a percentagem de loucos, do que pela perda de entes queridos!

Há loucos que toda a gente conhece logo que os vê, por seu comportamento, mas há muito mais loucos não menos prejudiciais e perigosos que, todavia, aparentam toda a normalidade. Há estados mentais tão sobrecarregados de pensamentos maus, que muitas vezes culminam em loucura explosiva, dando a impressão de ter surgido instantâneamente, mas que de há longo tempo se vêm preparando. Dramas íntimos que o próprio paciente não sabe muitas vezes exprimir para se poderem neutralizar e cuja causa próxima e fundamental é a ignorância total de certos conhecimentos, que aliviariam a humanidade de tão graves perigos.

Todos os viciados — seja que espécie de vício for — são loucos!

São loucos os glutões, os alcoólicos, os gozadores, os jogadores de todos os jogos, sem excepção, os sarcásticos, os cínicos, os violentos, os preguiçosos, os activos em demasia, os imorais, os brincalhões, os palradores, os que falam mal de toda a gente e acham tudo mau ou bom sem o ser, os apaixonados em demasia seja pelo que for, os que se afligem por tudo e por nada, os ambiciosos, os avarentos, etc.; etc.

Há loucuras colectivas que são derivadas de paixões que fizeram vibrar, à vezes intensamente, um pequeno grupo, mas que se foram espraiando até atingir todos os assistentes. Exemplo, a exaltação a que chega a multidão num campo de futebol. Vêde a futilidade que originou tão descontrolado entusiasmo, que tanto desastre tem causado!

Nas revoluções, a loucura se espraia também em ondas que atingem quase todas as camadas sociais, nascendo numa cidade e reflectindo-se num país inteiro. Exemplo, a Revolução Francesa de 1789. Proveniente dessa loucura colectiva, que de há muito se vinha acumulando, correu imenso sangue inocente!

Singular ou colectiva, a loucura é proveniente da ignorância que não sabe como afastar as forças do mal. As pessoas tornam-se joguetes de tais forças (espíritos desencarnados em grande estado de atraso) e, por intuição própria, vão fazendo tanto mal por toda a face da Terra. É um medonho drama que a humanidade vem vivendo e sofrendo há muitos séculos, mas que um dia há-de desaparecer e com ele o cortejo de vícios e defeitos que a ignorância tem mantido.

Também na Terra há-de haver perfeição, como a há em mundos outrora imperfeitos. Muitos séculos terão por certo de passar, mas os séculos pouco contam em face da eternidade.

O louco comum não é pois o que toda a gente nota, mas sim aquele

que caminha na rua, ao nosso lado, e que todos consideram muito normal. É que não há ninguém que não tenha uma faceta mais ou menos condenável — a mim próprio me incluo nesse número — e o leitor, por certo, não ficará ofendido, se lhe disser que faça um pequeno exame de consciência... pois que, se fôssemos perfeitos, não viveríamos cá.

Sem receio de errar, podemos afirmar que, no mundo, talvez não haja 5% cujas faculdades sejam perfeitamente equilibradas. De resto compreende-se, pois só isso justifica o extraordinário número de habitantes que há no Planeta, tão lenta é a evolução. É que os equilibrados, como, por exemplo, o Cristo, não voltam mais a este Mundo, ou só voltam em casos muito excepcionais. Noutros pontos do espaço sideral se desenvolve a sua actividade benéfica e por isso raramente voltam, mas os efeitos dessa actividade reflectem-se na marcha progressiva da humanidade.

Os espíritos inferiores como que hipnotizam os encarnados, com tal intensidade, que estes só vêem ou ouvem o que o espírito obsessor faz ou diz e lhes ordena!

Essas entidades atrasadas têm ao seu alcance mil formas de convencer os encarnados a que abandonem a boa maneira de viver.

Até aqui o louco não tinha tratamento adquado e, ainda hoje, nos estabelecimentos oficiais, se não adoptou o que convém e verdadeiramente dá resultado.

A normalização dessas pessoas é já possível, graças ao Espiritismo. São já muitos os êxitos conseguidos e tempo há-de vir, em que os manicómios utilizarão tão valioso auxílio, como é este que o Espiritismo pode prestar com toda a eficiência, aliviando grandemente tão pesados encargos que os Estados são obrigados a suportar.

Honra, pois, a esta admirável doutrina, ciência das ciências, — para muitos a revelação máxima, com toda a justiça — que, só pelo bem que sob este aspecto pode proporcionar à escravizada humanidade, é digna de toda a admiração e de profundo estudo.

É certo que há infinitos graus de loucura, mas, felizmente, um grande número deles são, pelo menos para os outros, completamente inofensivos. As pessoas que, por exemplo, têm a mania da excentricidade no vestir, o mais que nos podem causar é um sorriso de compaixão.

Não é destituída de realidade a afirmação de não sei que doido, que disse que o manicómio era o quartel general e que o grosso da coluna andava na rua!

Algumas formas de loucura em que ninguém repara, são suficientes para confirmar aquele curioso pensamento: Fumar, beber até perder a razão, rezar só com o intuito de pedir perdão e não pensar em evitar o mal, arranjar inimigos por causa do futebol, comer demasiadamente, julgar-se doente, falar pelos cotovelos ou observar um mutismo constante, dançar, gesticular exageradamente quando se fala, dar-se ares importantes julgando-se superior a todos, não ser delicado para ninguém, mas querer ser o centro de todas as atenções, caminhar com afectação, ser distraído a ponto de se esquecer de vestir parte da indumentária quando vai sair, dizer que se sabe fazer tudo quando para quase nada se tem préstimo, etc., etc., são tudo graus de loucura extensivas a muita gente.

Aproxima-se o Terceiro Milénio e com ele o evento do Espiritismo em toda a sua força, abraçando a face da Terra e orientando a humanidade pelo Verdadeiro Caminho.

Nesta encarnação, pouco poderemos ver e usufruir dos benefícios das Leis perfeitíssimas que hão-de governar os homens no próximo milénio, mas não duvidamos de que havemos de ver noutras encarnações esse alto grau de perfeição que já se poderia ter atingido, se o egoísmo e a ambição não tivessem tornado os homens... tão loucos!

Todo o encarnado se pode precaver contra a loucura, se souber que, para afastar os espíritos inferiores, basta pensar nas Forças Superiores, ou sejam os Espíritos de grande perfeição. Se, a par destes pensamentos, se corrigir a atitude mental, isto é, não pensar mal de ninguém, não desejar o mal seja a quem for (e muito menos fazê-lo), não ser vingativo, não espalhar a calúnia, não prejudicar o semelhante, estaremos mais ou menos a coberto da loucura. E que ninguém despreze este perigo.

Por aqui se vê quanto é necessário sermos cuidadosos connosco próprios e também quanto é difícil seguir tais preceitos, dada a fraqueza humana. Mas todo o esforço que se faça neste sentido é sempre útil e nunca será perdido.

Avante, pois, para que o drama vá diminuindo em sua gravidade, dando lugar ao comportamento mais racional de todos nós, a fim de estarmos mais em conformidade com a maravilhosa harmonia do Universo.

Luanda, Janeiro de 1954.

AS OBRAS DE F. CÂNDIDO XAVIER

O Diário da Tarde, *de Belo Horizonte, Minas Gerais, publicou a seguinte notícia:*

«Chico Xavier, o modesto cidadão de Pedro Leopoldo e cujo nome se projectou no mundo como uma das maiores expressões do Espiritismo da actualidade, será agora mais intensamente focado com a recente versão inglesa de uma das obras por ele psicografadas,o livro «Paulo e Estevão», romance de Emmanuel. Dos primeiros volumes que o conhecido médium «recebeu» de além-túmulo, acaba este de ser impresso pela Editora LAKE, para distribuição no mercado livresco das Ilhas Britânicas.

★

«A versão de «Paulo e Estevão» para o Inglês representa um grande passo na divulgação das 45 obras psicografadas por Chico Xavier. E outro facto que constitui novidade é a próxima impressão nos Estados Unidos de «Há Dois Mil Anos», outra obra literária muito conhecida do médium de Minas Gerais.

«Representante de uma editora mineira entrou em entendimento com a Federação Espírita Brasileira para a impressão, em inglês, de «Há Dois Mil Anos». Dessa forma esse romance já foi vertido para o Castelhano e o Esperanto, assim como o «Crónicas de Além-Túmulo» será lido também Inglês, o que equivale dizer que terá penetração maior, principalmente na Europa e na América.

★

«É curioso assinalar em tudo isto o completo desprendimento de Chico Xavier. Esse médium não recebe um centavo da venda dos livros por ele psicografados e cujos direitos autorais são cedidos à Livraria da Federação Espírita Brasileira, que é hoje a segunda editora do Brasil, ocupando, no Rio de Janeiro, nada menos de dois quarteirões, o que se deve, em grande parte, ao produto das vendas das obras psicografadas pelo médium de Pedro Leopoldo, homem de 40 anos, modesto funcionário do Ministério da Agricultura e que dorme apenas 3 a 4 horas por noite, por não dispor de tempo para descansar.

Uma Conferência sobre Grafologia

Como fora anunciado, o nosso confrade Fernando Alves Martins realizou no Centro E. Luz e Amor uma interessante conferência intitulada «A Grafologia e Outros Preciosos Métodos Herméticos de Análise Psicológica do Homem».

Embora se tratasse de uma estreia, conseguiu prender a assistência durante mais de duas horas, em exposição amena, à luz de improviso que revelou a presença de um elemento muito útil.

Vamos dar uma ideia sucinta do esforço realizado por Alves Martins, que, logo de começo, colocou o assunto no quadro da psicologia geral, entrando, a seguir na Psicologia Trancendental. Eis o esquema:

Psicologia transcendental, transcendente ou hermética
- Métodos Directos
  - Fisiognomonia
  - Frenologia
  - Metaposcopia
  - Quirologia
- Métodos Indirectos
  - Astrologia
  - Grafologia

Começou por aludir à fisionomia dos cadastrados, seres estranhos que revelam o seu carácter, e citou Pasteur e outros cientistas. Disse que a fisiognomonia começou a estudar-se antes de Cristo (Aristóteles e Marco Aurélio) e apontou os progressos efectuados por Laváter, afirmando a necessidade de conhecermos o ambiente que nos cerca.

Acerca da frenologia, demonstrou que a pricípio estava ligada à fisiognomonia, mas depois se diferenciou. Pela conformação do crânio, o fenólogo podia avaliar a carácter do indivíduo. Teceu considerações sobre o paralelismo psicofisiológico, dizendo que a teoria das licalizações cerebrais era muito relativa e que a frenologia tinha o inconveniente de exigir a presença dos indivíduos.

A metaposcopia baseia-se no formato e grandeza das rugas da fronte, cujas linhas se classificam especificamente, dando-lhes os nomes dos planetas do nosso sistema solar.

Passando à quirologia e quiromancia, disse que eram baseadas no carácter dos dedos e nas linhas do metacarpo.

Porque será que as linhas têm ligação com o futuro? perguntou —. E a propósito contou casos pessoais, concluindo que é uma ciência que deve ser tratada a sério. Desenvolveu considerações sobre livre-arbítrio e determinismo e concluiu que no meio termo estava a verdade, isto é, que o livre-arbítrio não é absoluto. Bastava pensar no determinismo fisiológico para se ver que o obstáculo físico condiciona a nossa liberdade.

Referiu-se ao Karma e à Palingenesia. Se uma vida deixava marcas no espírito, estava condicionada a vida futura. Havia, pois, determinismo. Assim, porque não estariam as linhas da mão relacionadas com o Karma? Em seu modo de ver podíamos modificar o destino, desde que o conhecêssemos antecipadamente. Então a quirologia era útil, porque auxiliava a conhecermo-nos e a evitar o mau futuro.

Falou também da astrologia, ciência antiquíssima importada do Oriente, onde se notabilizou 2.000 anos A. C. e disse que os caldeus se vestiam segundo os planetas.

Referiu-se às influências electromagnéticas, à Lua e ao Sol. Falou nas marés e nos movimentos da Terra (rotação e translação), demonstrando que os astros do nosso sistema influenciam o globo que habitamos. Neste momento explicou que Verrier, ao estudar os movimentos de Urano, viu certas perturbações e determinou a posição do futuro planeta (Neptuno), escrevendo a Gall a indicar a posição. Este lá o viu. E o mesmo se deu com Plutão. Portanto — acrescentou — as influências electromagnéticas existem.

Para corroborar as suas palavras acerca da influência dos astros, indicou o exemplo da galinha no choco. Deitam-na em lua favorável; de contrário os pintos não nascem ou nascem mal.

— Em face disto, — comentou — agora já se compreende a Medicina Oculta de Paracelso. As plantas são governadas por certos planetas, cujos movimentos em torno do sol se diferenciam. Em cada segundo, as influências se modificam, mas há sempre uma que nos domina.

Disse que a astrologia prevê o futuro do indivíduo. Hitler acreditava nela. Tudo o que intentou foi em virtude do conselho de astrólogos. Não previu a derrota, mas impulsionou a humanidade em determinado sentido.

Um disse-lhe que perderia a guerra e mandou-o fusilar. Um dos seus grandes erros foi a invasão da França, indicada em Calais por um astrólogo que errou o cálculo.

A metagnomia (clarividência e psicometria) mereceu-lhe referências à aura humana que se reveste de várias cores, de harmonia com as qualidades do indivíduo e cujas modificações os médiuns conhecem.

Por fim entrou no campo da grafologia, que é baseada na grafia individual. Esta parte da conferência interessou vivamente o auditório que chegou a estar suspenso das palavras do orador. Referiu-se aos primeiros passos da criança, que imita os traços das letras feitas pelo professor, até se tornarem automáticos, divergindo depois, segundo os impulsos interiores. O psiquismo gera-se na letra pelos movimentos da mão; por isso, comparando a grafia de hoje com a de ontem, notamos grandes diferenças. Não prevê o futuro, é certo, mas revela o passado e o presente. É o automatismo que permite a gravação da capacidade nesse momento. E só quando a grafia é automática é que se pode verificar o carácter do indivíduo. Eis porque condena o automatismo da oração. Pode-se rezar e pensar nas coisas da vida e as palavras não corresponderem ao pensamento e ao sentimento. A oração deve ser criada no momento e não segundo a necessidade de cada um.

Comparou o complicado maquinismo dos laboratórios oficiais com a simplicidade destas ciências que não exigem a presença de ninguém. Finalmente, dissertou sobre as várias formas de letra, intensidade, firmeza, dimensão, ordem, continuidade, harmonia e desarmonia e terminou dizendo que voltaria ao assunto, que era vastíssimo e não podia expô-lo numa só palestra.

Foi uma lição utilíssima que causou óptima impressão nos assistentes.

No próximo mês de Junho concluirá esta bela exposição.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

IDENTIFICAÇÃO

O jornal *Unificação*, de S. Paulo, publicou em Outubro último um relato curioso que obrigará a meditar muitos incrédulos.

«Certa manhã — diz o articulista — uma de minhas cunhadas estava nos seus habituais quefazeres na varanda da casa, quando ouviu palmas no portão. Olhou e deparou com um maltrapilho: pés descalços, calças rotas, sem casaco e camisa em trapos. Nesse meio tempo, minha sogra e uma outra filha, que vinham da casa, chegavam a tempo de ouvir o homem a pedir esmola «em nome de Deus».

«Nenhuma delas ocultou a admiração, não pelo peditório, coisa banalíssima, mas pela expressão e porte do mendigo: os olhos brilhavam com intenso fulgor; a voz era firme e clara; as mãos, de longos dedos, eram limpas e bem tratadas, aparentando distinção incompatível com o seu estado de pedinte.

«Minha sogra, médium dotada de várias faculdades, mandou-o entrar; e enquanto os filhos lhe serviam o café com comesainas e o observavam com interesse, ela foi buscar uma camisa e um casaco de meu sogro e ofereceu-lhos, convidando-o a tirar a roupa por estar muito frio. Mas ele só vestiu o casaco. Depois colocou a camisa no braço, agradeceu o presente e retirou-se. Qual não foi, porém, o espanto delas, quando o viram desaparecer, mal tinha dado vinte passos na calçada da rua!?

«Na noite do dia seguinte, uma médium que costumava assistir aos trabalhos e era sempre das primeiras a chegar à sessão, apareceu à última hora, quando a sessão já tinha começado, motivo por que não lhe fora possível tomar conhecimento do que ocorrera na manhã do dia anterior. Mal se acomodara na cadeira foi actuada por uma entidade que, depois dos habituais cumprimentos à assistência, se dirigiu àquelas senhoras e lhes falou nestes termos:

«— Lembram-se de mim? Sou aquele que esteve ontem nesta casa e a quem vocês deram de comer e vestir. Causei-lhes admiração pela singularidade da minha pessoa. Mas assim era preciso. Pertenço ao número de uma falange de Espíritos que, com a permissão do Mestre, veio à Terra procurar os lares onde se pratica a caridade. Felizes os que se entregam à prática da caridade.

«Houve comoção, lágrimas e louvores ao Pai pela dádiva de tão notável acontecimento. Tirem os confrades as conclusões que entenderem».

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, sediada em Porto Alegre, Brasil, está a realizar uma grande obra de propaganda com a «Instituição Cultural Espirita» que engloba um serviço de livraria e a montagem de uma gráfica. Como se depreende, a intenção desta colectividade é objectiva e prática: difundir as obras fundamentais da nossa Doutrina ou de cultura semelhante, baseada numa boa tipografia que proporcione às entidades federadas a publicação de trabalhos úteis, como jornais, revistas, impressos, relatórios, etc., a preços convidativos e com esmerada execução.

Além disso, serão ali admitidos aprendizes de menor idade que poderão, gratuitamente, adquirir uma profissão que os apetreche para a vida.

O plano da Federação é instalar a livraria durante o ano corrente, pois já estão a reparar as instalações nas lojas da sede própria, à Avenida Desembargador José Rocha, 57.

A Reencarnação, donde extraímos os elementos desta notícia, publica uma gravura em que se nota a *Intertype* em pleno funcionamento.

Para se ver a grandeza do programa estabelecido, basta dizer que se está a desenvolver uma campanha para o empréstimo de um milhão de cruzeiros.

Estamos certos de que a emprensa será coroada de êxito, a exemplo de outras que se processam em vários sectores espiritas brasileiros. Dentro de alguns anos o espiritismo riograndense será uma verdadeira potência social e as suas obras projectar-se-ão na terra do Cruzeiro do Sul, como já o estão fazendo o Hospital Espirita de Porto Alegre e o Instituto Dias da Cruz.

PRESSENTIMENTO SALVADOR

O *Psychic News* de 17 de Outubro de 1953 insere uma notícia referente às faculdades psíquicas do Primeiro Ministro britânico, sr. Winston Churchill.

O caso passou-se há 14 anos, durante um ataque aéreo e parece que o pessoal de cozinha da célebre residência n.º 10 de Downing Street, em Londres, deveu a vida às faculdades psíquicas do grande político inglês. Estava este a jantar, quando as sereias começaram a fazer-se ouvir, anunciando a chegada de bombardeiros nazistas. Nesse instante teve o pressentimento de que alguma coisa de mais terrível estava iminente.

No seu livro «Ghosts Over England» (Fantasmas Sobre a Inglaterra), Thurston Kopkins escreve:

«Com essa ideia fixa, perguntou a si próprio o que iria acontecer, quando viu um quadro descerrar-se na sua mente: As bombas caíam na Horse Guards Parade e as placas envidraçadas da cozinha com 8 metros de altura não tinham sido protegidas contra os estilhaços».

Winston Churchill dirigiu-se imediatamente à cozinha, disse ao despenseiro que pusesse a comida na estufa da sala-de-jantar e deu ordem ao pessoal que se abrigasse do ataque aéreo. Ao voltar à mesa, cerca de três minutos depois, sentiu-se um terrível estampido, à queima-roupa. A violência do choque indicava que tinham alvejado a residência do Primeiro Ministro.

A polícia pessoal de Churchill correu logo ao seu aposento a informá-lo de que a cozinha fora grandemente danificada, assim como a

despensa e as secretarias da secção de tesouraria.

Registando isto no seu diário, do qual Thurston Hopkins extraiu o relato, Churchill escreve:

«Entrámos na cozinha para ver a cena. A destruição era completa. A explosão desmantelara a espaçosa e elegante cozinha com os seus utensílios, tudo reduzido a um montão de pedras e de cisco.

«A grande placa de vidro da janela ficara desfeita em mil fragmentos que se espalharam no pavimento e poderiam ter ferido os ocupantes, se lá estivessem. Mas a minha feliz inspiração que eu podia fàcilmente ter negligenciado, chegou na hora própria».

FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

Há tempos publicámos uma notícia referente à Federação Espirita Brasileira que foi mal compreendida por alguns leitores de Além-Atlântico, talvez porque os termos usados por *La Revue Spirite* se prestassem a interpretações diferentes. Dizia a revista francesa que a Federação Espirita Brasileira «controlava o movimento espirita em todo o país, obediente ao espírito das obras de Allan Kardec». Quem é que era *obediente?* O movimento espirita ou a Federação? Aqui estava a ambiguidade.

A *Revue Spirite* deve ter-se querido referir ao movimento espirita kardecista e, assim, a notícia está certa. A Federação Espirita Brasileira controla esse movimento gigantesco e concorre para ele com edições sucessivas das obras de Kardec. Se não fosse o labor ininterrupto do seu Departamento Editorial — o segundo em grandeza na terra de Santa Cruz — o Espiritismo luso-brasileiro continuaria durante muito tempo amortecido.

O Conselho Federativo Nacional, que segue as normas da Federação, embora com autonomia própria, orienta todas as Ligas, Uniões, Federações ou Sociedades que se regem pela codificação kardeciana. Portanto, nesta conformidade, a Federação orienta, directa ou indirectamente, o movimento kardecista no Brasil. Cremos ficar esclarecida a questão. A obra da Casa de Ismael merece-nos o maior respeito e já lhe dedicámos um número especial repleto de gravuras, como justa homenagem ao seu trabalho elevado e honesto. Que os bons espíritos continuem a velar pela Federação e que a sua moderna rotativa se desentranhe em livros sempre mais belos e eficientes. Há muitos autores que é preciso revelar ao grande público, a fim de arejar a Doutrina, fortalecendo-a com novos argumentos. Ninguém como o Departamento Editorial da F. E. B. poderia dar esse passo decisivo, com vista aos meios científicos e filosóficos que têm o Espiritismo no mais nobre e justo conceito. Aqui fica a nossa sugestão e os votos de bom êxito que endereçamos aos irmãos e amigos que impulsionam a Federação Espirita Brasileira.

UMA CURA ESPANTOSA

No dia 4 de Janeiro último apresentou-se no Centro E. Luz e Amor uma menina de 15 anos transportada quase ao colo por sua mãe, Maria C. Rezende, em virtude da doente parecer atacada de paralisia nos braços e nas pernas. Tinha a boca semi-aberta e a baba a cair-lhe constantemente.

A cabeça transpirava-lhe em suor abundante e nauseabundo que lhe encharcava as faces. Segundo narrou a mãe aflita e lacrimosa, sua filha emudecera dois meses antes e não comia nem dormia. Possessa, soltava grunhidos, os punhos cerrados e a cabeça pendente para um e outro lado. E, tendo feito tudo para a salvar, aqui veio, depois de a ter entregue aos cuidados dos médicos, Dr. Francisco de Vasconcelos, R. de Santos, o Velho, 78, Dr.ª Maria Luísa Antunes, R. do Olival, 178-2.º e Dr. José Pereira, R. das Gáveas, 6, de Lisboa, que foram unânimes em denominar o caso de epilepsia. Disse que a haviam sujeitado a tratamento metódico e rigoroso, ao qual não foram estranhos os medicamentos e práticas aconselhados em tais doenças. Tudo em vão. Por fim, o Dr. Francisco de Vasconcelos opinou que a doente não resistiria; todavia, «caso ainda vivesse no dia seguinte», que a levassem ao Hospital de Santa Marta, a fim de sofrer punção na espinha e ser operada de um ovário.

A pobre mãe, na expectativa de perder a filha, lembrou-se de perguntar a certa amiga se conhecia algum centro espírita onde pudesse levar a doente, como último recurso, agarrada à derradeira esperança de uma cura miraculosa.

Foi neste estado de miséria física e espiritual que ambos chegaram ao Centro. Tomaram parte na sessão do «Grupo Irmão Rhammurthi», e ali foi sujeita a uma divina irradiação, que fortemente actuou na paciente, a qual desde logo sorriu e começou a falar, para maior pasmo da assistência. E quando a mãe a pretendia conduzir ao seu lugar foi-lhe dito que se deixasse ficar, porque ela iria por seu pé.. Duas sessões depois estava consolidada a cura da... epiléptica.

A fé da pobre mãe salvou a filha de morte certa. Deus é grande e manifesta-se oportunamente. Temos em nosso poder o documento comprovativo, devidamente assinado pelos pais da doente.

Os homens ignoram o mecanismo destas curas erròneamente chamadas miraculosas. Desta opinião é o tenente-coronel-médico Meireles do Couto, que se doutorou com a tese «O Médico Perante o Milagre» e afirmou há pouco, segundo relato do *Diário de Notícias* (4-5-954), que os milagres ocorridos em Lurdes não tinham explicação plausível.

Se a medicina galgasse a muralha que a separa do psiquismo e estudasse as grandes potencialidades da alma humana talvez encontrasse *explicação plausível* para este e outros casos.

O mesmo facultativo preconizou a criação urgente de um gabinete médico em Fátima, a fim de se proceder à observação imediata dos miraculados, à semelhança do que se faz em Lurdes.

Muitas curas espiritas têm sido cientificamente observadas por especialistas idóneos. A célebre operação de apendicite feita pelo espírito do Dr. Luís do Amaral, em Pindamonhangaba, Estado de S. Paulo, foi objecto de radiografias, antes e depois do acontecimento, que suscitou enorme celeuma na grande imprensa do Brasil, chegando o jornal *A Noite* a dedicar-lhe duas páginas inteiras.

Repetimos: os homens ignoram o mecanismo destas curas, que estão dentro das leis naturais.

Mais uma vez afirmamos: a medicina oficial devia aliar-se à medicina psíquica, ou, pelo menos, estudar os métodos usados neste departamento e pô-los em prática em casos alheios à terapêutica usualmente empregada.

Vimos a rapariga antes e depois da normalização. Trata-se, na verdade, de uma cura autêntica, daquelas que tocam o cérebro e o coração das pessoas bem formadas. O Alto vela por todos nós. O essencial é pôrmo-nos em condições de receber o seu auxílio e poder irradiá-lo sobre os doentes.

Notas & Comentários

SONHOS PREMONITÓRIOS

Há quem diga que os sonhos são ilusões, verdadeiras fantasias sem objectivo sério. Há quem os atribua a imaginação exaltada ou a extremo nervosismo. Mas o problema é mais difícil do que à primeira vista parece. Muitos investigadores lhe têm dedicado a atenção, embora não consigam resolvê-lo, sobretudo no campo da psicologia clássica.

Já temos falado a respeito do sonho, carreando achegas para o seu estudo. E seria interessante que outros o fizessem igualmente. Com isso ganharia o psiquismo e, portanto, a doutrina espírita. Quanto mais tempo gastarem os físicos a investigar na sombra, menos probabilidades terão de encontrar o sol.

Abraão Lincoln foi um dos melhores Presidentes dos Estados Unidos, a quem se deve a unificação daquele grande país norte-americano.

Uma vez, em 1865, os membros do seu governo entraram na sala do conselho para uma reunião e o Presidente estava sentado à mesa com a cabeça entre as mãos, em atitude meditativa.

— Cavalheiros — disse ele —, daqui a pouco receberão importantes notícias.

Um dos circunstantes perguntou:

— Boas ou más? É coisa séria?

— Nada ouvi, nem recebi novas de espécie alguma. A noite passada tive um sonho. Sonhei que estava sòzinho num bote, sem remos e sem leme. Inteiramente desamparado na vastidão do Oceano.

Após momentâneo silêncio, o Presidente acrescentou:

— Muitas vezes, durante a guerra, tive este sonho. E sempre na véspera de uma grande batalha. Talvez amanhã, talvez dentro de horas, tenham notícias importantes.

Realmente, cinco horas depois, Abraão Lincoln caía assassinado pelas balas de um fanático adversário...

Também o italiano Guglielmo Tacconi, homem dos seus 42 anos, acordou um dia com muito mau humor e comunicou à esposa que sua falecida mãe lhe aparecera em sonho, dizendo-lhe que se preparasse para morrer.

Guglielmo não gostou do negócio e procurou o vigário para que lhe ministrasse os sacramentos. Este procurou tranquilizá-lo, mas acabou por aceder ao que lhe era pedido, de maneira patética. Voltou para casa menos inquieto, mas de noite teve um ataque cardíaco e morreu.

Estes mistérios não explica a ciência presunçosa. Chama-lhes pressentimentos e não vai mais longe, porque assim é preciso. Mas as faculdades da alma desdobram-se indefinidamente, mau grado a estreiteza dos sábios que negam o que se não processe dentro de seus cânones.

A ALMA DOS ANIMAIS

O Diário de Notícias inseriu dois comunicados que nos fazem pensar na alma dos animais, cuja existência é negada pela maioria das pessoas que temem estudar o fenómeno psíquico, com receio de serem levados a rectificar as ideias. Como é sabido, os cães demonstram inteligência e compreensão que ultrapassam o instinto e nos obrigam a formular interrogações que se perdem em nosso mundo interior.

O primeiro comunicado refere-se a uma cadelita que apareceu na estação do Entroncamento, vinda não se sabe de onde e que o pessoal ferroviário resolveu adoptar, em virtude da sua docilidade e mansidão, pondo-lhe o nome de «C. P.». Pouco depois teve três cachorritos, um dos quais morreu e alguém atirou para longe, numa linha de resguardo. Entretanto o animal entristeceu e um guarda viu-o levar na boca o filho morto e dirigir-se para um sítio mais distante, onde fez uma cova, como se tivesse ali intervindo a enxada. Quando viu que a profundidade era suficiente, meteu nela o cadáver, que tapou cuidadosamente, e voltou a ser a mesma cadelita viva e dócil que todos conheciam.

O segundo refere-se a um cão de Pereiro de Palhacana, cujo dono possuía um burro que dormia num estábulo. Altas horas da noite o homem acordou ao som de ladridos e latidos. Era o cão, que ao mesmo tempo raspava na porta com as unhas, chamando o dono, naturalmente para acudir a qualquer coisa. Este levantou-se com a esposa e seguiram o animal, que corria para o estábulo. Verificaram então que o burro tinha a rédea enrolada ao pescoço e, quanto mais se esforçava para se desenvencilhar, mais a apertava. Já de língua de fora, morreria asfixiado se não fosse a intervenção salvadora do cão.

Há tempos também de Roma nos veio o seguinte telegrama: «A fidelidade dos cães para com os donos acaba de ser mais uma vez demonstrada com um italiano que levou o cão para a Sicília e o abandonou em Messina para não pagar imposto camarário. De regresso a Scilla (Itália do Sul), o dono ficou surpreso ao ver voltar o animal, depois de ter atravessado a nado o Estreito de Messina. Comovido com esta prova de fidelidade, resolveu conservar o seu cão e... pagar o imposto».

Como se vê, os exemplos surgem a cada passo. Basta ler os quotidianos e anotar estas notícias, que surpreendem pelas lições que oferecem.

CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS

No Colégio Militar do Rio de Janeiro são espíritas mais de 50 professores e algumas centenas de alunos, razão por que foi criado o Núcleo Espírita em Outubro de 1952, a fim de prestar assistência religiosa aos servidores deste educandário.

As finalidades e actividades desta agremiação são amplamente especificadas em duas publicações que acabamos de receber e às quais faremos referência no próximo número.

Em clara demonstração de entusiasmo e amor à Causa, acabaram de adquirir uma pequena tipografia destinada à publicação de um Boletim mensal.

Fiquem certos os jovens confrades de que receberão a nossa revista em regime de permuta. Assim demonstraremos o apreço em que temos a sua lógica atitude.

Chamamos a atenção para a página 110 deste número, onde se poderá ler uma notícia sensacional sobre confraternização espírita no exército brasileiro. As forças armadas do país irmão aceitam o Espiritismo com simpatia crescente, razão por que a Doutrina ali cria raízes fundas que nenhum vento destruirá.

Noticiário

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MAIO DE 1954

Grupo de Irradiação Mental

Todas as 5.as feiras, às 21.30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Grupo «Irmão Rhammurthi»

Todas as 2.as feiras, às 21.30, com a médium D. Maria da Glória.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as 6.as feiras, às 21.30, com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 9, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General «Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 16, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 19, 4.ª feira, às 21.30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 23, Domingo, às 16 horas — Festa de Caridade do Grupo «Irmão Rhammurthi», com música, canto e declamação, cujos bilhetes estão patentes na sede do Centro.

Dia 30, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Mais uma vez tivemos o prazer de ouvir a nossa colaboradora D. Ivone de Sousa, em 4 do corrente, numa exposição subordinada ao título «O Espiritismo na Evolução Humana». Disse que o Espiritismo era uma doutrina científica e citou palavras de Bozzano, Geley e outros para corroborar as suas afirmações, apresentando alguns factos e afirmando que a nossa doutrina é a única força capaz de renovar moralmente o indivíduo. Presidiu António Cardoso, que se congratulou com a bela lição ouvida e com a qual todos aproveitaram.

Também em 25 do mesmo mês António Cardoso realizou a sua conferência «Os Fenómenos Telemnésicos». Começou por definir a telemnesia e citou as duas hipóteses metapsíquicas que tentam explicar o mecanismo destes menómenos, defendendo a que lhe pareceu mais consentânea com a análise teórica e a experiência.

Referiu-se às Leis da relação psíquica, que condicionam os ditos fenómenos e esquematizou-as no quadro negro. Aludiu às experiências feitas com o jornalista inglês William Stead e às que ele próprio realizou com a médium D. Maria Helena de Carvalho e afirmou que tais fenómenos, longe de nos afastarem da teoria espírita, provam-na, pois, como disse Bozzano, «o Animismo prova o Espiritismo».

GRUPO «IRMÃO RHAMMURTHI»

Este grupo, que trabalha no Centro E. Luz e Amor às 2.as feiras, tem entrado numa bela fase de actividade beneficente. Eis o seu balanço de Março e Abril:

Fundos recebidos

Saldo em caixa e ofertas para a compra de uma estante	368$90	
Para um cèguinho	30$00	
Para o grupo	50$00	
Venda de um brinco oferecido por D. Maria Raquel	80$00	
De uma irmã agradecida	50$00	
Produto de um leilão familiar	181$40	
Compra de uma estante		350$00

Beneficência

A uma mãe necessitada		10$00
A um cèguinho		20$00
A um pobre		2$50
A outro cèguinho		30$00
A uma senhora, como auxílio para o curso de dactilógrafa, a fim de se empregar		100$00
Para o Fundo de Beneficência do Centro E. Luz e Amor		50$00
A duas vèlhinhas		40$00
Saldo para o mês seguinte		157$80
	760$30	760$30

Roupas oferecidas ao Grupo no mês de Março:

1 par de sapatos usados; 1 vestido, 1 casaco e 1 saia, usados; 3 vestidinhos, 2 combinações, 3 cuecas, 2 coletinhos e 1 jalequinha, usados; 6 camisas de homem, usadas; 2 camisas de rapaz, usadas; 2 blusas; 2 vestidos de algodão, usados; 1 casaco, 1 saia e 2 camisolas interiores, usados; 4 vestidos novos de criança; 1 vestido de bolero e saia, usado; vários retalhos de fazenda.

Quase todos estes objectos foram entregues ou mandados transformar.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos destinados ao Fundo Permanente de Beneficência:

Mês de Abril — B B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. O. L., 20$00; J. H. S., 2$50; José Maria Pires, 20$00; Policarpo Rocha, 30$00; Grupo «Irmão Rhammurthi», 50$00; Subscrição do 46.º Sorteio de Livros Espíritas, 150$00. Total — 312$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de eJsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONAN DOYLE

(Ver pág. 137)

CONTÉM: Avanço Promissor, da **Redacção**; Versículos Evangélicos ou Sentimento Jurídico?, -I-, pelo **Dr. Sérgio Vale**; O Espiritismo em Cuba; Colégios Espiritas, por **Leopoldo Machado**; Conan Doyle e a Reencarnação, -I-, por **Deolindo Amorim**; Orientação Matrimonial, por **Tito L. Bancéscu**; Crise do Sentimento Clássico Científico-Filosófico, por **Isidro Inda**; O Supremo Ideal, por **Natálio Ceccarini Filho**; Recordar É Viver, por **José Simões de Matos**; A Evolução de Richet; Espiritismo-Religão ou Espiritismo-Ciência?, por **Luís de Barros Castro**; No Caminho Certo..., por **Leopoldo Machado**; Concepção Evangélica da Liberdade, -III-, pelo **Dr. Noraldino de Melo Castro**; Ex-Sacerdote Católico Faz Declaração de Fé Espirita (De um discurso proferido pelo ex-padre **Professor Clemente Brünning**); Eutanasia e Suicídio, por **Alfredo Miguel**; Pensamento, pelo **Professor Octávio Marialva**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

15.º ANO MAIO DE 1954 N.º 5

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores — **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1954 — N.º 5

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

AVANÇO PROMISSOR

As notícias que publicámos últimamente com relação aos favores que o Espiritismo tem alcançado em várias partes do mundo são muito animadoras. Compensam bem os ataques sofridos, as dificuldades levantadas e a guerra surda de que ainda são alvo os seus adeptos que vivem em regiões infensas às ideias novas. Cremos que, no fundo de tudo isto, há um erro psicológico a evitar ou a emendar. A doutrina espirita dignifica e fortalece o homem, dá-lhe orientação e segurança moral, como nenhuma outra doutrina. Seus adeptos adquiriram convicções firmes, inabaláveis, que nada deste mundo conseguirá destruir. Entravar ou perseguir uma ideia assim, é alimentá-la. As causas justas mais se radicam e engrandecem na adversidade do que em terreno desbravado. As facilidades demasiadas desinteressam o indivíduo dos alvos perquiridos. Na luta é que se temperam as qualidades, na luta é que se formam os caracteres, na luta é que se afirmam as almas nobres. Por isso é necessário sofrer o peso da injustiça para que resulte profícuo o apelo às forças interiores.

Lembram-se, acaso, alguns adversários nossos, do martirológio dos primeiros cristãos? Sabem como se dirigiam ao circo a enfrentar a morte? Quem se lembraria de oferecer abjurações àquelas almas transfiguradas pela luz poderosa do Cristianismo?...

Os espiritas hodiernos, os verdadeiros espiritas, que fizeram profissão de fé no Evangelho Novo, são cristãos progressivos que tudo enfrentarão, até as maiores truculências, para manter a chama sagrada que os envolve. A cada passo da Doutrina, nesta ou naquela latitude, suas almas rejubilam, porque a aurora vai esclarecendo outros irmãos, roubando-os ao erro e ao vício, numa renovação espiritual que muitos não podem conceber.

Há pouco foi a livre Inglaterra, onde Lord Dowding, vencedor da maior batalha inglesa, tem sido um verdadeiro arauto; depois a Turquia, onde o Espiritismo Científico foi quase oficializado; depois, o Estado de Israel, cujo governo reconheceu o Espiritismo por decreto; finalmente, o governo de Cuba, destinando 5.000 pesos ao Congresso Espirita Pan-americano, equivalentes a 125 contos na nossa moeda. Há, portanto, avanço promissor no movimento espirita e, consequentemente, razão para se alegrarem os profitentes da Doutrina.

Graças a Deus, todos os governos e até as próprias religiões constituídas reconhecem a força moral do Espiritismo. Os espiritas são homens de ordem, elementos pacíficos que desejam converter pela persuasão. Não tomam parte em concluios políticos nem pertencem a associações secretas. Auxiliam o Estado, submetendo-se de bom grado à lei e promovendo o bem da nação. Onde estiver um espirita, está um elemento de trabalho honesto e conscienciozo. Assim o reconhecem as autoridades brasileiras, contribuindo anualmente com milhões de cruzeiros para as obras espiritas. E tanto se enraizou nas almas a ideia de que a nossa doutrina faz homens bons, que a simples notícia de um melhoramento particular ou avultado donativo leva muitos a perguntar se não será obra de adeptos do Espiritismo.

Continuemos em nossa marcha ordeira e promissora, amando, perdoando e trabalhando pelo bem do próximo, que a obra aumentará de volume e projectará luz radiosa sobre a humanidade que se esforça por um mundo melhor e mais equitativo. Sejamos factores de ventura colectiva, abramos os braços generosos aos que necessitam de ajuda na ladeira da vida e teremos direito, por nossa vez, ao auxílio do Alto, tantas vezes impetrado em concentrações mentais e tantas vezes recebido. O avanço promissor da Causa é garantia da verdade e realidade da nossa posição no mundo em que vivemos.

VERSÍCULOS EVANGELICOS OU SENTIMENTO JURÍDICO?

Pelo DR. SÉRGIO VALE
(Correspondente em S. Paulo)

I

A filosofia espirita, fundada em factos positivos e experimentais, não pode admitir que um fenómeno de qualquer natureza, provocado ou observado, quer seja físico, químico, biológico ou espiritual, possa excluir-se ao monismo reinante, tanto no micro como no macrocosmo.

O trabalho da ciência tem consistido, através dos séculos, com velocidade crescente, na pesquisa das causas e na integração dos efeitos nas leis divinas que nos regem. Se o Universo é obra de um Deus, se um Deus vive nele, no âmago de todas as forças, há-de prevalecer em tudo a unidade e a coerência. As contradições são sempre aparentes. Produto exclusivo de nossa ignorância. O relativo custa a compreender o Absoluto, ainda mesmo que seja relativamente.

Uma das contradições assinaladas pelos estudiosos da Filosofia do Direito estaria entre a consciência cristã e o sentimento jurídico, que nos são apresentados como adversários. Toda a construção jurídica, a que o Cristianismo emprestou, aliás, a essência da sua benignidade, seria desautorizada pelos Evangelhos. Veremos que não houve nem poderia haver tal incompatibilidade. Exorbitaram, como sempre, não sómente o amor excessivo à letra, que mata, senão também a credulidade absurda na infalibilidade do texto evangélico, como se ele fora escrito do próprio punho de Jesus Cristo. E não contivesse contradições flagrantes.

À proporção que evolveu no Planeta, principalmente depois do advento da Ciência, a humanidade percebeu que fora vítima de embustes e de mistificações, tal como a criança que acaba por descobrir a não existência do *Pai Natal*. A uma fase de incredulidade absoluta seguiu-se outra de incredulidade absoluta. De um lado, as sacristias; do outro, os laboratórios. Iludido naquilo que lhe parecia ser a «sua boa fé», quando era apenas a sua natural e justificada ignorância, o homem retirou os olhos do Céu (uma camada azul de ar atmosférico!) e os fixou, desapontado, na Terra. Uma luz penetrou-lhe no espírito, com o auxílio de Darwin: a lei da evolução. Então, ele pôde conceber a imutabilidade do Deus Eterno e a sua progressiva ascensão. Aprendeu que a sua microscópica personalidade, imortal como espírito e perecível como animal terrestre (um simples mamífero superior), semelhava muito o alpinista, o qual não pode transferir a ninguém o seu penoso e difícil trabalho, que lhe custa muito esforço e muitas privações.

Ao materialismo se lhe afigurou que as descobertas científicas haviam destronado o Criador. Erradamente e parasitàriamente, como sempre. Os mais autênticos revolucionários da ciência — Newton, Copérnico, Darwin, Pasteur, Einstein — continuaram deístas dentro das suas obras imortais e, sòmente, despojaram Deus dos seus atributos emprestados pela ignorância humana, dos seus atributos chamados antropomórficos. Ao Deus interventor, colérico, judaico e falante sucedeu, integrado no Universo e uno com ele, um Deus Necessário, Infinito, Indefinível, que nos atrai como um imã, através das suas leis irrevogáveis e eternas.

Confessemos que o Espiritismo não nasceu da credulidade simplória, da fé do carvoeiro, do fideísmo. Se assim fosse, poderíamos concluir pela sua inutilidade, pois há religiões antiquíssimas que defendem, eloquentemente, os direitos de posse daquelas nascentes. Se manusearmos os Evangelhos usando o critério positivo que a ciência espirita nos forneceu, encontraremos em Tomé o nosso precursor. Ele amava Jesus, queria-lhe bem, mas não dispensava as provas... Se é certo que a Allan Kardec se deve a Codificação que resume a Doutrina dos Espíritos, não é menos certo que o seu critério deve ser obedecido: «*O Espiritismo ou será científico ou não subsistirá*». Coloca-se, como a bissetriz de um ângulo agudo, entre a linha oblíqua da credulidade fanática e a outra, não menos oblíqua, do cientificismo religioso. Conquistou as trincheiras do materialismo com as armas com que este as escavou e as fortaleceu: com o facto experimental apurado por

sábios incrédulos, que se voltaram afinal para Deus.

Foi a mesma ciência — a ciência é uma só — que provou e comprovou, através das eminências de William Crookes, de Lodge, de Myers, de Richet, de Lombroso, etc., que a hipótese espiritista se revestia do maior cunho de vericidade. Vejamos como a nossa filosofia, desembaraçada de todos os tabos a que se prendem os de muita e os de pouca fé, procura solucionar a contenda da incompreensão entre a consciência cristã e o sentimento jurídico. Contenda que tem feito correr muita tinta...

Segundo alguns estudiosos da Filosofia do Direito, haveria uma dualidade de vozes em diálogo permanente, ora falando o sentimento jurídico, anterior ao Cristianismo, ora a consciência cristã, que vincularia a nossa vontade, pondo «a ferros o nosso egoísmo». O Cristianismo aconselha: «amai os vossos inimigos, abençoai aqueles que vos perseguem»; o sentimento jurídico ordena: «*a luta pelo Direito é um mandamento sagrado da nossa conservação moral*» (Jhering). A quem quer que te dê uma bofetada na face direita oferece-lhe também a esquerda, a quem te roube a capa não o impeças de te levar também a túnica, insinua a consciência cristã; «*quem se conduz como um verme não pode depois queixar-se de que o pisem*», replica Kant, ou, então, «*um direito amável para com todos não faria sentido algum*» (Goethe).

Conquanto a *Bíblia* não seja para os espiritistas a autoridade suprema e infalível — ela acha-se referta de contradições, como o veremos mais além —, não podemos deixar de lembrar aos *evangélicos* que o Cristo, ao ordenar «*Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*», rendeu ao Direito e às Leis o melhor tributo da sua homenagem; delineou os dois campos que se interpenetram, o da vida espiritual e o da vida material, nos quais se subdivide a actividade planetária e humana.

Depois do conhecimento da Biologia, que nos ensina como a vida se houve inteligentemente para se organizar numa verdadeira Constituição penosamente elaborada — um estatuto para a direcção dos fenómenos vitais — o estudo da Filosofia do Direito nos abre novas perspectivas de grande amplitude para nos orientarmos na vida social.

Ninguém nos doutrinou e nos advertiu com mais proficiência sobre o merecimento e o papel do Direito, «*velha e sempre nova canção da humanidade*», sobre a necessidade da sua integração e consubstanciação nas almas, do que o eminente jurisconsulto e pensador alemão Rudolf von Jhering. Toda a edificação legislativa inspira-se na alma popular, nos seus anseios, nas suas lutas, nas suas necessidades. Ele aconselha que instilemos o sentimento jurídico, o dever jurídico no ânimo dos estudantes das escolas secundárias e até primárias.

O seu livro *A Luta pelo Direito* obteve de Laveleye o qualificativo de «Bíblia da Humanidade Civilizada». Inspirou-se no pensamento olímpico de Kant, resumido nas seguintes palavras: «Quem anda de rastos, como os vermes, nunca terá direito de queixar-se de que foi calcado aos pés».

A dignidade do homem, que todos sentimos dentro de nós, em grau variável, é certo, não no-la doaram o arbítrio e a violência dos senhores de baraço e cutelo, senão foi arrancada das suas mãos criminosas e brutais pelo nosso sangue e pelo nosso brio, pela manifestação corajosa e firme do sentimento jurídico, crescentemente vitorioso. Negá-lo seria desconhecer as páginas mais dolorosas, mais vibrantes e mais decisivas da história da humanidade. Os mesmos mártires do Cristianismo nascente, quando morreram às mãos dos seus perseguidores, tiveram de se curvar ao direito da força. Se pudessem resistir com êxito, tê-lo-iam feito. Mais tarde, quando a força temporal foi cair nas mãos de outros «cristãos», a história repetiu-se, mas em sentido contrário.

«Aquele — diz Jhering — que não sente quando o seu direito é insolentemente desprezado e calcado aos pés (não se trata simplesmente do objecto deste direito, mas da sua própria pessoa); àquele que não experimenta a irresistível necessidade de defender a sua pessoa e o seu justo direito, não temos que prestar auxílio e nenhum interesse temos em convertê-lo». Sem que se menospreze a condescendência, a suavidade, a ternura, a renúncia e o amor — *está claro que tudo isto tem de ser espontâneo e voluntário, ou terá outro nome* — apenas se repele a indigna tolerância da injustiça, da covardia, da indolência e do menor esforço.

Aos que desaprovam a sua filosofia, sem apresentar, no entanto, uma fórmula que a substitua com êxito, isto é, um modo prático e generalizável para resolver os atritos sociais, sem retrocesso e sem involução, faz ele a pergunta que se segue: «Que deve fazer o interessado, quando o seu direito é calcado aos pés? Aquele que puder opor à minha res-

posta uma outra solução defensável, isto é, conciliável com a manutenção da ordem jurídica e com a ideia da personalidade, ter-me-á vencido».

Para Jhering, o direito é uma força viva; não é uma abstracção. Lembra que a Justiça sustenta numa das mãos a balança, em que pesa o Direito, e na outra a espada de que se serve para o defender. «A espada sem a balança é a força bruta; *a balança sem a espada é o símbolo da impotência*».

Amamos o nosso Direito na medida e na proporção dos sofrimentos que ele nos custou. «Quando Deus quer a prosperidade de um povo não lhe dá aquilo de que necessita, não lhe facilita sequer o trabalho para o adquirir, mas torna-lho mais duro e mais difícil». *Quando Deus quer,* vêde bem, não se trata por conseguinte de um opositor materialista ou ateu, como não o eram também nem Goethe, nem Kant, a cujas opiniões sobre o assunto já nos referimos.

Quem quer que se cale ou transija com a violação acintosa do seu Direito — indivíduo, classe ou nação — assina com a sua própria mão o seu banimento do mundo moral e fortalece, e sanciona, e aplaude o arbítrio de que foi vítima, injectando-lhe novas audácias.

Quando a discussão chega a tais alturas, o místico ou romântico que julga possível a qualquer alpinista a escalada facílima do Everest costuma alegar a experiência vitoriosa da «não violência» do advogado Gandhi: obteve a independência da Índia sem derramamento de sangue. Não se nega o valor de experiência alguma. Tal procedimento não seria científico, nem honesto. Mas sobra-nos sempre o direito de explicá-la. Gandhi era um asceta, um desprendido do mundo e de si mesmo, já com bastante cheiro de santidade. Vestia-se, alimentava-se e dormia da maneira mais simples e original. Deixou-se prender mais uma vez e reagia aos adversários, castigando-se a si próprio com as greves da fome. Quem puder imitá-lo que o faça. Ninguém nega a sublimidade desse ideal. Conquistará os nossos aplausos e a nossa admiração.

Coroou-se-lhe a intervenção política com o melhor êxito: sòmente foi vítima da violência final, isto é, sòmente foi assassinado *depois* de haver realizado a sua missão.

Em regime de arbítrio, em cenário de brutalidades, o seu sangue poderia ter sido derramado no *primeiro* dia do apostolado. A quantos missionários indefesos isto já aconteceu! Além disso, Gandhi teve como opositor uma nação digna do seu idealismo, a Inglaterra, a Inglaterra restante de duas conflagrações tremendas, que lhe acrisolaram as virtudes de povo civilizado e cristão. A Inglaterra colaborou, por conseguinte, com 50 % dos louros que couberam a Gandhi: cedeu *espontânea e voluntàriamente,* em benefício do próximo, abriu mão do seu direito que se lhe tornara caduco pela evolução. A experiência de Gandhi prova que a «não violência» sòmente sai vitoriosa quando obtém a colaboração da magnanimidade. Que sucederia a Gandhi e à Índia se tivessem que defrontar a Alemanha do Kaiser ou do Hitler, a Itália de Mussolini, ou a Rússia de Estaline? Seria aconselhável a mesma experiência nas condições aqui lembradas?

Quando o espiritualista repudia o equilíbrio e o meio termo para buscar as extremidades, onde vegetam os erros e as utopias, perturba o trabalho moroso da evolução. Nem Gandhi, que viveu e morreu no extremo do sacrifício, pondo a sua vida, voluntária e deliberadamente nas mãos dos assassinos e advogando o «direito de morrer»; nem S. Tomás de Aquino — a cuja teologia anacrónica se acha escravizada uma seita cristã — que outorgava à medicina social o remédio enérgico, o direito lícito e necessário (*«laudabiliter et salubriter»*), louvável e vantajosamente, de eliminar os celerados do organismo social, quando a *sentença legítima* de um juiz assim o entendesse, evitando-se a confusão entre religiosidade e *sentimentalismo.* Se a filosofia de S. Tomás está, evidentemente, errada, pelo barbarismo que encerra e contra o qual protestam as leis brasileiras, a espiritualidade estreme de Gandhi é, evidentemente, utópica.

Sem que o direito de matar esteja jamais inscrito na consciência do homem evolvido espiritualmente, a Lei sem a Espada seria, como disse Jhering, «o símbolo da impotência». Alguém, em país policiado, tem de se incumbir do cumprimento de sentenças judiciais. Se encontrar violência, terá de usar violência. *Os simplórios confundem as duas violências e fundem-nas numa só, o que é visão mística ou utópica da realidade.*

Suponhamos que um biologista condenasse e impedisse as *violências* dos fagócitos que englobam e matam os germes ofensores; dentro de pouco tempo não haveria mais biologistas, nem para contar a história. Sem o apoio da Força, o Direito — necessidade vital nos planos evolutivos — deixaria de exis-

tir, a Justiça pereceria e voltaríamos ao tempo dos trogloditas. Kant ensinou-nos um teste muito seguro que aquilata o valor de um princípio: *generalizá-lo*. Se o bem se fortalece — legitimidade; se a confusão e o mal imperam — erronia.

O darwinismo social manifesta-se aqui, não sob a forma impulsiva com que impele a vida em geral, mas sob a aparência de embates incessantes, de lutas pacíficas da inteligência, cada vez mais esclarecida, sendo estes os factores insubstituíveis da evolução dos valores morais e jurídicos, numa atmosfera serena de tolerância e de paz. O papel da Força na formação e no desenvolvimento do Direito é antes de defesa e de conservação. Não se pode conceber a Força ao mesmo tempo criando e aniquilando o Direito. Quando Jhering comparou o Direito com Saturno, que devorava os seus próprios filhos, porque toda a renovação implica rompimento com o passado, não pôs o Direito sacrificando-se pelo Direito, pois a sua função e razão de existência concretizada em leis é lutar «contra a injustiça», que muitas vezes é o direito em gestação, contra formas vagas, nebulosas, que aspiram a unir-se ao já formado sistema de leis. Como Saturno, o Direito devora os seus próprios filhos, porém mau grado seu. Qual será, então, o factor que o obriga a tal violência? Deverá ser a Força? Não. Justamente porque o Direito é «uma ideia de força», não se pode conceber um Direito que não seja ao mesmo tempo uma Força, nem uma Força livre do Direito.

Considerando-se a evolução como agente de acção contínua, cuja influência não cessa mesmo após as conquistas mais avançadas, deve-se encarar a força como antemural que zela pelo Direito, contra todas as inovações imprevistas que visem restringi-lo, modificá-lo ou anulá-lo. O Direito há-de ser a forma estática da Força; a Força há-de ser a forma dinâmica do Direito. Todo o Direito, só o é, de facto, quando se muda em Força, e vice-versa. Se todo o Direito novo é conquista das necessidades bio-éticas (Puglia), é busca da maior felicidade (Spencer), tendo por objecto a oportunidade (Jhering), todas as vezes que ocorrem as exigências de tais factores «*modificadas as relações sociais,* como lembra Pedro Lessa, *alteradas, por exemplo, as condições económicas de uma sociedade, faz-se necessário reformar as normas jurídicas correspondentes*».

Clóvis Beviláqua, no prefácio que escreveu para a tradução portuguesa da maravilhosa obra de Jhering, define o Direito como sendo «um aspecto dessa energia que elabora o polimorfismo dos seres». A definição estaria perfeita, se a palavra «aspecto» fosse substituída pela palavra «produto». O Direito não é um aspecto da Evolução (a energia que elabora o polimorfismo dos seres), não é modalidade dessa energia vulcânica e omnipotente, tão poderosa no mundo físico, quão grandiosa no mundo espiritual: é um dos produtos dela, tal como a Moral e a Espiritualidade. Nas lutas sociais de todos os tempos, lutas para modificações ou para aditamentos de novos valores jurídicos, forças livres aspiram à aquisição de uma consciência, trabalham pela sua encarnação em leis e pela passagem do movimento à estabilidade, ao passo que o Direito formado, tal como o ser vivo diante da Evolução, representa a mesma força, porém sob a forma estática, defendendo intransigentemente a sua prioridade. A Evolução, sim, um dos pseudónimos de Deus, é que faz progredir o Direito sempre para o alto, sempre para a luz, «*produzindo frequentemente o mesmo resultado que o paralelismo das forças: o desvio das linhas rectas componentes numa diagonal*» (C. Beviláqua).

Não nos esqueçamos um só momento de que o corpo do Direito é um organismo vivo, sensível, embora maleável e adaptante, não sendo digno dos povos amadurecidos — o povo suíço e o povo inglês, por exemplo — desconhecimento da subordinação do Direito ao estado de desenvolvimento em que vivamos. Como consequência do desenvolvimento social, do amadurecimento da raça ou do povo, ao qual está adstrito em subordinação imperiosa e lógica — não é uma causa que tire de si mesma o apoio para modificar a sua posição, de pretensão semelhante à do Barão de Munchausen, quando se puxava pelos cabelos para arrancar-se do pântano em que chafurdava — cumpre aos descontentes das leis superadas pela evolução contínua do meio social, não as aniquilar e as destruir, mas criar um ambiente de compreensão, propício à modificação desejada e necessária. Diante da nascente majestade, do novo Direito, a árvore da humanidade, após a florescência indispensável, se apendoará de frutos sãos e preciosos, numa renovação salutar, cuja defesa maior está na sua irresistível aspiração para o Bem.

Nos terrenos vulcânicos, revolucionados na intercadência dos movimentos sísmicos, não se enraízam as construções sólidas e eter-

nas, para, no alto, alardearem, em pleno sintoma de força e de vitalidade, a altivez dos seus zimbórios e a flecha dos coruchéus em que se acuminam.

O falso dos extremismos e das ditaduras que propõem reformas radicais está na visão deformada através da qual interpretam as injustiças sociais. Os sonhadores e os utopistas, admitindo-se que estejam procedendo de boa fé, tomam o problema por uma só face, como se a simples partição das fortunas e dos bens materiais, quer se processe pela simplicidade do método evangélico, quer à custa da violência dos reformadores modernos, pudesse remediar males seculares e nos dar de chofre a bem-aventurança, dispensada a tarefa educadora da evolução individual. O problema é muito mais complexo. A solução repontará ao cabo de umas tantas conquistas preliminares que habilitem os ignorantes e os maus a tomarem, por suas próprias mãos e com o seu próprio esforço, o quinhão natural a que terão direito. Não se injecta saúde e equilíbrio em nosso organismo físico: criam-se condições, propicia-se o ambiente, evitam-se as causas mórbidas, vacinam-se os predispostos, e temos estabelecidas as garantias de saúde e longevidade. E tudo se conseguirá dentro da evolução natural do espírito humano, cujas armas de luta já não podem ser mais, felizmente, o machado de sílex dos filhos das cavernas ou a dinamite do não menos bestial reformador moderno, para o qual o homem é conglomerado de células geradoras de instintos.

Não queiramos substituir a sabedoria divina, cujas leis presidem à evolução geral, em todos os planos da vida. Somos partes infinitésimas de um mundo infinito. Somos apenas uma bruxuleante centelha espiritual, cuja visão sòmente se tornará mais lúcida à medida que, como o alpinista, nos elevarmos a alturas descortinadoras de horizontes mais vastos.

O nosso corpo material esteve sempre, desde os primeiros passos da evolução da vida, subordinado a leis de suprema sabedoria, assecuratórias de absoluta liberdade, condicionada pela responsabilidade e pelo sofrimento. O nosso corpo espiritual, em vésperas do terceiro milénio, não alcançou os horizontes que actualmente pode divisar senão dentro das mesmas leis inflexíveis e fatais.

O conhecimento do facto dos factos, da lei das leis, da verdade das verdades, da força omnipotente através da qual a vontade de Deus, de modo irrevogável e definitivo — o conhecimento do instituto da evolução — equivale, em síntese, a todas as filosofias e a todas as religiões. A obra divina, da qual participamos, vive eternamente em trabalho e progresso, evolvendo em espiral, *com ou sem a nossa colaboração*. Afinal, nós e o mundo somos uma realidade. Os nossos sentidos físicos, dentro das suas limitações naturais; as nossas antenas psíquicas nas múltiplas potencialidades com que se vai revelando; a nossa consciência, que os próprios negadores insensatos possuem, tudo nos afirma, nos garante, nos jura, que uma realidade visível pressupõe, obrigatòriamente, pela lei da dualidade, uma realidade invisível, mais real e mais verdadeira.

Continua)

O ESPIRITISMO EM CUBA

Segundo escreve o Boletim de Informação e Propaganda, órgão espirita de Havana, o Estado Cubano ofereceu 5.000 pesos (equivalentes a 125 contos na nossa moeda) para a realização do Congresso Espirita Pan-Americano. É a primeira vez na história de Cuba que se verifica um donativo deste género para um Congresso Espirita.

Os espiritas locais é que se esforçaram para o conseguir. Foram os confrades Juan Hoyos, Carcassés, Ariza, Payás, Ojeda y Cruz, de Santiago de Cuba, juntamente com Nicolás Medina, Rigal e Quintana que se avistaram com o Dr. Anselmo Alliegro, membro do governo, expondo-lhe os motivos do Congresso, ao que ele se comprometeu a obter autorização do Presidente da República para o efeito. E fez mais ainda: como a entrega do donativo demoraria alguns dias, adiantou do seu bolso a quantia citada, dias antes de começar o Congresso. Quando o presidente do 3.º Congresso Espirita recebeu o donativo do Estado, devolveu-o ao Dr. Alliegro, agradecendo-lhe o valioso auxílio prestado aos espiritas do continente americano.

COLÉGIOS ESPIRITAS

por LEOPOLDO MACHADO

(Correspondente em Nova Iguaçú)

Tomámos conhecimento do plano e da acção que está desenvolvendo a Organização Educacional Espirita, com a honrosa visita que seus organizadores nos fizeram no Lar de Jesus. Foi motivo de júbilo para todos nós, já porque sempre sentimos que «o Espiritismo é obra de educação», já porque puseram, em confiança e sem nos consultar, o nosso nome entre os primeiros chamados. Certamente, em função de um velho acerto nosso, que, parece, se tornou *slogan:* «Prefiro amargar a decepção de um fracasso, do que o arrependimento de não haver contribuído para uma grande obra espirita». Ora, a existência de colégios espiritas implica, naturalmente, uma *grande obra espirita...*

Já houve outras tentativas de ginásios espiritas, todas elas fracassadas. Naturalmente, porque ainda não lhes soara a hora, que «tudo vem a seu tempo». Nós mesmo já alimentámos este desejo, que não pudemos pôr em prática ao lado do Almirante Pamplona, no *Colégio Nacional;* nem em Paraiba do Sul, onde fundámos o actual *Liceu Sul Fluminense,* ainda com o velho Almirante; nem em Nova Iguaçú, onde construímos, sòzinho, o Ginásio Leopoldo. Fundámo-lo com o propósito de, mais tarde, transformá-lo num colégio francamente espirita. Fizemos três tentativas sérias para tanto, verificando, de início, que a maior dificuldade deriva da falta de professores espiritas capazes e de esclarecimento dos próprios espiritas. Assim é que, livre de dívidas, procurámos reduzir o nosso colégio a uma coisa exactamente como desejam os pioneiros da actual organização. Da segunda e última vez, só pudemos contar com a colaboração franca do Lins de Vasconcelos, que subscrevera 50 cotas. Outro confrade, plutócrata e de posição no meio espirita, alicerçou sua recusa, citando fracassos do velho Almirante, do Liceu Espirita de São Paulo, do Colégio do Figner, que o Leone Kaseff dirigira...

E outros percalços? Menores, é certo, porque de gente de fora... Primeiro, as hostilidades do reverendo de cá: boa criatura, ruim cultura geral e péssimo fanatismo religioso.

Ofereceu-se, generosamente, assim que passou, no Governo Getúlio Vargas, a Lei de Ensino — Lei que ele, Getúlio, feito deputado e líder de sua bancada, impugnara em 1925, afirmando, na tribuna da Câmara, que não acreditava «no Catolicismo de fachada do povo brasileiro» —. Ofereceu-se o reverendo de cá, assim que passou a Lei do ensino religioso nos colégios, para dar aulas de catolicismo no *Ginásio Leopoldo,* gratuitamente. «Diga a ele que não. O director do Colégio é espirita. Se não puder ensinar o Evangelho pela interpretação que lhe dá o Espiritismo, outra religião não se ensinará aqui», respondemos a seu emissário, seu sacristão e nosso aluno nocturno. Foi o sinal de hostilidades e de rivalidades contra o nosso ginásio. Rivalidades e hostilidades que culminaram no convite propositado a outro reverendo, três vezes doutor e sumidade oratória, para fazer ataques gratuitos a religiões alheias e convites acintosos a outros religiosos. Fomos, então, nominalmente, atacado e convidado a discutir, publicamente, com o reverendo. Houve a discussão, a despeito da oposição formal de três mulheres de nossa estima: a esposa, a irmã e a mãe. «Não há só você espirita e já havia espiritismo aqui antes de você chegar». O argumento mais forte delas, a que respondemos: «Mas o desafiado fui eu, e sou eu o presidente do Centro Espirita e o director do Ginásio. Se é certo que estou febril, menos certo não é que ninguém acreditaria que não compareço à polémica por doença. Além do mais, vejo nisso o desejo de arrazar, de uma só vez, o Espiritismo e a educação na terra. Se eu for derrotado, ou por fuga ou por falta de argumento, ficará, pràticamente, arrazado aqui o meu ginásio e o centro espirita». E fomos à polémica. O que foi ela, sabe toda a gente, pois teve repercussão nacional. E, depois de dobados os anos, o velho reverendo, que polemizou connosco, manifestou-se em espirito, na reunião mediúnica que dirigimos; e o outro, que engendrou a coisa, visitou-nos durante a nossa enfermidade, dando-nos com isso provas de certa superioridade, ou de certo processo de servir bem a sua doutrina...

O Colégio Leopoldo continua leigo, a despeito de tudo.

Se nunca se ministrou nele aula de Espiritismo, outra religião não foi, também, ensinada...

Aqui deixamos estas coisas como desbravador, apenas, deste sector de propaganda da Doutrina.

Em Nova Iguaçú, hoje, não se ataca o Espiritismo. Nem existem rivalidades religiosas. E o velho Colégio Leopoldo, o mais antigo da cidade e da zona, se é apontado, vez ou outra, como «o Colégio dos Espiritas», não chegou a ser — ai de nós! — um colégio francamente espirita, para que fora construído, como era desejo de seu fundador.

Cremos no êxito da Organização Educacional Espirita. E porque seus organizadores o sabiam antes de sua visita, incluiram o nosso nome entre os primeiros convocados.

E fizeram muito bem.

(Irradiado por «Selecções Espiritualistas» da Rádio Guanabara, *do Rio de Janeiro)*

NOVOS LIVROS

Aguardamos as seguintes obras:

AVE-CRISTO — romance de Emmanuel, recebido pelo médium F. Cândido Xavier.

NO PAÍS DAS SOMBRAS, pela médium d'Esperance.

O PSIQUISMO EXPERIMENTAL, por Alfred Erny.

CINZAS DO MEU CINZEIRO, por Manuel Quintão.

A REENCARNAÇÃO E AS SUAS PROVAS, por Cavalcante de Melo.

CONAN DOYLE E A REENCARNAÇÃO

Por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

A tese reencarnacionista é, como se sabe, a coluna central da doutrina espirita. Sem a reencarnação, todo o corpo de doutrina codificado por Allan Kardec ficaria, a bem dizer, privado de argumentos lógicos para explicar a justiça divina e outras questões de natureza filosófica, moral e religiosa. Todavia, apesar de muito velha, pois a sua história tem raízes nas civilizações mais remotas, a ideia reencarnacionista ainda não é aceita pela totalidade dos grupos e pessoas que admitem a comunicação dos espíritos. É o caso dos espiritualistas ingleses, norte-americanos, holandezes, australianos, etc. Estão certos, por exemplo, os ingleses e os partidários de sua escola, porque não se dizem *espiritas* nem adoptam a palavra *Espirtismo*: praticam o mediunismo, têm organizações espiritualistas já um tanto antigas (algumas delas de tipo religioso), cultivam a fenomenologia espirita, principalmente a de efeitos físicos, mas fazem questão de dizer que são *espiritualistas* e não pròpriamente *espiritas*. Daí a denominação de *escola espiritualista inglesa*, isto é, a prática do mediunismo à feição inglesa, segundo o sistema e as ideias dos ingleses.

A escola norte-americana — *moderno espiritualismo* — (se é que podemos dar qualificativo de *escola* ao movimento espiritualista dos Estados Unidos) também não aceita a designação de *Espiritismo*. De modo geral, porque a generalização é sempre

I

mais cómoda, diz-se *Espiritismo* na Inglaterra, nos Estados Unidos, etc, e por isso os espiritualistas desses países são chamados *espiritas*, até mesmo por força do hábito. Na realidade, porém, não são espiritas, uma vez que não seguem a orientação da doutrina espirita. Formam grupos à parte, com organização e concepções *sui generis*, embora tenham por base o fenómeno de além túmulo.

Segundo a terminologia de Allan Kardec, *espirita* ou, se quiserem, espiritista, é aquele que, além de aceitar a comunicação dos espíritos, aceita os princípios da doutrina espirita «e com eles conforma os seus actos». A palavra *Espiritismo*, criada por Allan Kardec, tem aplicações determinadas (1). Não se lhe pode dar extensão demasiada. Lògicamente, quem não aceita a doutrina espirita não é *espirita*, embora creia na manifestação dos espíritos ou seja médium. É o exemplo dos espiritualistas ingleses e dos moderno-espiritualistas norte-americanos, pois, tanto os primeiros como os segundos, não se consideram espiritas. Eles são coerentes, e por duas razões bem lógicas:

1.ª — Porque não admitem a *reencarnação*, e a reencarnação é uma das teses básicas do Espiritismo;

2.ª — Porque o Espiritismo não tem organização religiosa (culto material, sacerdotes ou pastores, etc), e os espiritualistas ingleses e norte-americanos têm igrejas, pastores, ritual, etc.

Se *espirita*, pela conceituação de Allan Kardec, é quem aceita os princípios doutrinários do Espiritismo, e aqueles nossos Irmãos não aceitam esses princípios, cujo argumento fundamental é a reeencarnação, lògicamente eles têm razão quando se dizem apenas espiritualistas e rejeitam, por isso mesmo, a denominação especial de *espiritas*. Quando alguém se apresenta como espirita, é claro que aceita a doutrina espirita, codificada por Allan Kardec; e quem aceita a doutrina espirita concorda naturalmente, lògicamente, com os seus princípios fundamentais, como a preexistência da alma, a individualidade da alma (princípio contrário ao panteísmo), a reencarnação e, finalmente, todos os outros princípios que decorrem da doutrina.

A organização espiritualista dos Estados Unidos, embora tenha partido, no século passado, do fenómeno de além-túmulo, não tem as verdadeiras características da organização espirita, exactamente porque, segundo Allan Kardec, o Espiritismo não tem culto material nem sacerdotes. Além disto, há uma divergência capital: a reencarnação. É verdade que, actualmente, já se encontram muitos partidários da reencarnação na Inglaterra, embora não formem, ainda, um corpo apreciável de

adeptos. Trateremos deste ponto mais adiante.

Posto o assunto nestes termos, é fácil compreender, agora, o facto de certos autores de nomeada — anglo-saxões, eslavos, etc. — terem escrito muito sobre o fenómeno espirita e não terem feito qualquer referência à reencarnação. Alguns autores ilustres, por exemplo, nem sequer se preocuparam com a questão reencarnacionista, embora tenham escrito verdadeiros tratados sobre experiências mediúnicas, materializações, etc. Não há o que estranhar, porquanto nem todos os estudiosos e experimentadores da fenomenologia espirita tiveram preocupação filosófica. Grande parte deles, como iremos ver, ficou apenas no campo exclusivo do fenómeno. Os autores ingleses, com especialidade, não esposaram a teoria da reencarnação, justamente porque a reencarnação, na Inglaterra, encontrou sempre muita resistência. Quem o diz, por exemplo, é Léon Denis, quando se refere à reencarnação:

> *Por muito tempo, no ápis anglo-saxónio, as mensagens dos espíritos não falavam dela; muitas até a negavam, e isto serviu de argumento capital para os adversários do Espiritismo.*
>
> *Os preconceitos de raça e de religião* —acrescenta Léon Dinis — *que, na terra, exerceram influência considerável nesses espíritos, continuam a exercê-la na outra vida.*

Alguns espíritos, na Inglaterra, ainda influenciados pelo preconceito de cor e, também, pelas tradições de nobreza, chegaram a negar a reencarnação. Muitos adversários da tese reencarnacionista se arrimaram a este facto e, assim, supuseram que a reencarnação já estivesse desacreditada, simplesmente porque certos espíritos desencarnados, ainda cheios de preconceitos, negaram o princípio das vidas sucessivas. Um espírito que tenha sido, na terra, um *lord* inglês, não se conformaria em vir novamente à terra para reencarnar como graxeiro. Enquanto o espírito não se desenvolve, não se ilumina, continua a cultivar as suas convenções sociais, seus preconceitos. É natural, portanto, que alguns espíritos se tenham manifestado na Inglaterra e, de acordo com a mentalidade dominante no meio inglês, tenham repelido a ideia reencarnacionista. Muitos espiritualistas ingleses, por sua vez, entendiam que a reencarnação ainda não estava *provada* experimentalmente. Tão forte foi a oposição que se levantou, entre os ingleses, contra a reencarnação, que os próprios espíritos orientadores do movimento espirita acharam prudente contemporizar, dar tempo ao tempo, como se costuma dizer. A informação é, ainda, de Léon Denis:

CONAN DOYLE

> A reencarnação *produziu logo a princípio tal choque, levantou tanta repulsão, que os espíritos dirigentes do movimento julgaram mais prodente contemporizar. Deixaram primeiramente disseminar-se a ideia em meio melhor preparado..* (2).

Depois de Léon Denis, outro grande autor, uma das maiores autoridades científicas do movimento espirita — Ernesto Bozzano — fazia, ainda sobre a objecção dos ingleses à tese reencarnacionista, a seguinte observação:

> *Contudo, não há negar que o debate reencarnacionista é um facto, assim como, nos povos anglo-saxónios, a invencível* aversão de raça *contra a aludida hipótese, aversão que chega ao ponto de haver médiuns que se revoltam, em lhes acontecendo receber mensagens que tendam, embora tìmidamente, a afirmá-la e que não sossegam enquanto não obtêm, do espírito comunicante, a desejada retratação...* (3).

Foi precisamente este argumento, isto é, o de alguns espíritos terem dado comunicações contra a reencarnação, que serviu de ponto de apoio ao prof. Morselli, cuja tese foi inteiramente refutada por Bozzano. Já se sabe, portanto, que a reencarnação não encontrou afinidade no temperamento, na cultura e na educação do povo inglês e de outros povos da mesma origem. Só mesmo com o tempo, com a experiência, com o sofrimento, é que, aos poucos, a ideia reencarnacionista, como já está acontecendo, irá penetrando nos povos anglo-saxões.

Quem, portanto, procura tomar conhecimento da literatura espirita por intermédio de fontes inglesas ou americanas, sem tomar conhecimento de outras fontes, está sujeito a formar opinião unilateral, justamente porque os autores ingleses não podem servir de base para o conhecimento completo da doutrina espirita. No campo da fenomenologia, sim, os ingleses produziram muito; com relação à filosofia, entretanto, os franceses e, de um modo geral, os autores de procedência latina foram muito mais profundos. Não é possível, finalmente, argumentar com autores ingleses ou eslavos a respeito da reencarnação, quando já é bem sabido que os ingleses são, tradicionalmente, anti-reencarnacionistas.

Há mais de vinte anos, por exemplo, o reverendo Armando Ferreira, doutor em Filosofia e Teologia, então Pastor da Igreja Presbiteriana de Friburgo (bela e culta cidade brasileira, no Estado do Rio de Janeiro), escreveu um folheto para demonstrar que a doutrina da reencarnação não é matéria pacífica entre os autores espiritas mais categorizados. Com isto, sem dúvida, queria o ilustre teólogo protestante provar que nós, os espiritas, somos mais realistas do que o rei, pois, enquanto escritores espiritas dos mais eminentes nem de leve cogitam da ideia reencarnacionista, nós vivemos agarrados a essa teoria, como se fosse ela uma trincheira inexpugnável. Intitula-se o folheto: *A Reencarnação*. O ilustrado pastor, infelizmente, viu apenas um lado da questão: o lado anti-reencarnacionista. Não se pode nem se deve ser unilateral em assunto de tanta amplitude e complexidade. Tendo-se apoiado apenas em dois autores, aliás notáveis — Conan Doyle (inglês) e Aksakof (russo) — o pastor brasileiro chegou à conclusão de que *a doutrina da pluralidade de existências não está firmada*. Sim, não está firmada, porque não encontrou a aceitação dessa doutrina nas obras dos dois eminentes autores citados. Dizia, então, o reverendo Armando Ferreira:

> *... a reencarnação, longe de ser um facto indiscutível no meio espirita, como quer muita gente que o seja, é, ao contrário disso, uma questão de mera e simples opinião, a qual, por seu turno, tem dividido profundamente a família dos adeptos do Espiritismo.* (Sic).

Não há, como se vê, qualquer novidade nas palavras do teólogo protestante, uma vez que nós mesmos estamos dizendo que os espiritualistas ou moderno-espiritualistas norte-americanos, assim como os espiritualistas de origem escandinava, nórdica, etc., não aceitam a reencarnação, a não ser no círculo restrito de opiniões individuais. A ideia reencarnacionista, com a codificação de Allan Kardec, fixou-se, porém, e com relativa facilidade, entre os povos de origem latina. O pastor brasileiro não citou os Autores favoráveis à reencarnação.

Como o reverendo Armando Ferreira, outros adversários do Espiritismo e, especialmente, da tese reencarnacionista, apresentam o mesmo argumento, isto é, o facto de não ser a reencarnação, entre os próprios espiritualistas e espiritas, um terreno pacífico, um ponto liquidado. Convém notar, entretanto, que o facto de haver divergência a respeito da reencarnação, entre os dois maiores grupos — o latino e o anglo-saxão — não invalida a consistência do princípio reencarnacionista, uma vez que este princípio tem, a seu favor, argumentos lógicos, morais, históricos e até experimentais. Os argumentos têm sido negados, mas ainda não foram destruídos ou suplantados. Logo, a tese reencarnacionista continua de pé, apesar das discordâncias. Uma coisa é discordar de uma doutrina e outra coisa, mais importante e mais difícil, é destruír ou anular essa doutrina.

Tendo em vista, finalmente, a circunstância de haver o digno pastor protestante argumentado, de preferência, com o escritor Conan Doyle, prometemos examinar, no próximo artigo, a posição desse apreciado escritor inglês em face da reencarnação.

---

(1) Allan Kardec — *Obras Póstumas.*

(2) LÉON DENIS — *O Problema do Ser, do Destino e da Dor.*

(3) E. BOZZANO — *Psicologia e Espiritismo* (Réplica ao prof. Henrique Morselli).

(Continua)

ORIENTAÇÃO MATRIMONIAL

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário, Argentina)

Sendo o Espiritismo ciência de observação e experimentação, a sua amplitude de modo algum exclui a vida prática no conjunto social. Entendemos, pois, que a união matrimonial representa um factor de importância transcendente na trajectória terrestre dos seres que se decidem a levar a existência em comum, suportando uma luta tenacíssima. Da felicidade ou infelicidade conjugal deriva geralmente o futuro dos filhos.

O ideal espirita não pode nem deve ficar alheio à orientação matrimonial, em virtude desse acto, desde que tenha sido realizado com ponderação e sensatez, ter raízes nas existências anteriores.

Daí se infere que, para interpretá-lo com naturalidade e lógica, o raio de acção do Espiritismo requere constante alargamento das esferas terrestres, dentro das quais agimos. Por isso cremos que as instituições espiritas têm obrigação moral de expôr pedagògicamente um problema desta importância.

A juventude tem direito a beneficiar deste ensinamento, tão útil, como necessário. As escolas de orientação matrimonial desempenhariam assim uma função social de inegável importância. Deste modo se evitariam muitas desavenças que se produzem nos matrimónios malavindos, incapazes de se compreenderem, de se tolerarem e de se amarem, de harmonia com as leis divinas. E o Espiritismo oferece antecedentes de inquestionável valor, demonstrando que a actual união conjugal não obedece a casos fortuitos, mas a uma relação de factos preexistentes.

Dois seres unidos pelo matrimónio encontram sérias dificuldades na sua rota, especialmente de origem económica ou afectiva. Deve-se dizer que os cônjuges, enquanto se encontravam no espaço, tiveram tempo suficiente para analisar e meditar acerca da nova empresa que os dois espíritos realizariam. Claro que, na vida do espírito, tudo se olha com optimismo, confiando no desejo de vencer os escolhos que se examinaram. Dentro da carne e num mundo cheio de egoísmo e maldade, como é o nosso, observa-se a vida por outros prismas, a vontade fraqueja e o lar matrimonial converte-se num inferno. Demais, bastará dizer que nos matrimónios opulentos a felicidade é mais rara do que nos lares modestos.

A missão do ideal espirita é, pois, encarar estas questões com critério didáctico, para formar e reformar juventudes conscientes do matrimónio, que deve desempenhar uma função sumamente delicada, já que a formação do lar não se baseia apenas no acto genésico, nem no facto do esposo ter criado, cozinheira, lavandeira, porteira e até secretária que trabalha 14 horas por dia sem remuneração, nem no facto dela, por seu lado, como esposa, dispôr de um homem que lhe traga o soldo mensal e ela o administrar como entender. Em nossa opinião, trata-se de coisa mais importante: é que vivam unidos e na melhor harmonia e respeito mútuo. Só assim o matrimónio poderá ter filhos, moral e fisicamente sãos. E quanto à educação, — disse-o um grande pedagogo europeu — começa no seio materno e nela devem colaborar com a máxima eficiência.

Citemos, de passo, como exemplo, um casal de três filhos. São três psicologias diferentes que é mister analisar, estudar, corrigir, estimular, polir, aperfeiçoar. Neste caso, a esposa tem que contar com a colaboração do marido, em vez de aterrorizá-los com a ameaça do pai quando vier do trabalho, castigando-os corporalmente pelas travessuras, próprias das crianças. Os inibidos são múmias que se transformam em déspotas.

Mas voltemos ao caso: a orientação matrimonial no campo espirita é uma necessidade, sobretudo nos países de muitos analfabetos. A ignorância dos cônjuges provoca episódios desagradáveis, divórcios e uxoricídios deploráveis que os filhos pagam caro. E os pequenos que se formam em lares desarmónicos são psìquicamente deformados.

Que os organismos espiritas orientem a sua mocidade no verdadeiro caminho, criando nele o sentido da responsabilidade, para que das nossas fileiras saiam casais felizes e filhos que sejam verdadeiras fortalezas espirituais, capazes de marcar rumos cada vez mais nobres e elevados aos seus descendentes.

(Trad. de I. D. S.)

Crise do sentimento clássico científico-filosófico

Por ISIDRO INDA
(Da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires)

NADA há tão surpreendente e que inspire maior compaixão do que a manifesta indiferença do homem consciente perante tudo o que respeite à transcendência da sua personalidade.

Se não fosse o conhecimento que se tem da palingenesia, seria indispensável adquirir madureza para fazer observações no campo espiritual.

Contudo, é forçoso reconhecer que o estudo introspectivo adquire dia-a-dia mais interesse, quanto à potencialidade do espírito ligada a certos fenómenos supranormais.

Sem dúvida que, experimentando semelhante sentimento e possuindo os conhecimentos necessários, estarão em melhores condições para enfrentar a crise que a ansiedade do seu ignorado futuro lhes apresenta.

Poderão compreender e serenamente esperar a metamorfose que a todos iguala, que termina uma fase e dá começo a outra.

Estudando as *Ciências do Espírito* em sua profundidade, afastarão a incerteza e o pessimismo que sentirão em certos estados da sua vida; acharão firmeza na convicção e a conformidade servirá de paliativo à rebeldia não razoável.

Extraia-se o exemplo desta anedota, que é interessante mestra da filosofia hindu:

Certo indivíduo lamentava-se desesperadamente de uma desgraça que lhe acontecera. Um filósofo que o ouviu aproximou-se para o consolar e a muito custo conseguiu dizer-lhe:

— Meu filho, se a tua dor tem remédio, porque te afliges?

Depois de pequena pausa, o interrogado respondeu:

— É que não tem remédio, senhor.

— Então, porque te afliges?

Sabemos, acaso, se a dor não é o acicate necessário que nos toca numa curva da vida para lhe mudar o rumo? Sem isso não poderíamos conhecer essa felicidade efémera que tanto nos encanta e tampouco nos lembraríamos de elevar o pensamento ao Criador, em acção de graças por ela.

O espírito actua como um dínamo, ao fornecer-nos energias renovadas para lutar por um ideal de perfeição.

E ainda bem que cumpre o seu intento, porque a actual crise da civilização, que é miopia da época, tem origem na carência de ideais elevados, generosos, humanitários, que predispõem à fraternidade.

Que são os ideais, senão um conjunto harmonioso de ideias, cada qual mais sublime, que servem de veículo ao homem para se manter em perpétua actividade e procurar concretizá-las?...

Toda a ideia nova, construtiva, é luz que desce verticalmente ao nosso espírito, numa intuição para o progresso moral.

Não devemos nem podemos interceptá-la sem medir as consequências que incidem em nossa alegria e razão de viver (1).

É desventurado todo aquele que só vive o instante fugitivo, que não sente o incentivo do espírito para obras imperecíveis.

O espírito e a matéria, com suas concepções e interpretações, estabeleceram dois bandos irreconciliáveis.

Famosas foram as controvérsias que altivamente manteve Camilo Flammarion com Moleschott, Buchner e outros, e o Conde Aksakoff com o Dr. Hartmann, cada lado defendendo a posição com afinco e convencimento profundo. Assim devia ser, porque no mundo das ideias cabem todas as lucubrações; hipóteses atrevidas passam a teorias e estas, depois da análise prévia, comprovação e aceitação, às leis gerais, que acabam por se impor a todos.

Temos, pois, que são necessários dois factores: o tempo e a razão. O primeiro obriga a reflectir, pondo de lado a paixão momentânea; a segunda, para que, uma vez expostos o pró e o contra, triunfe o melhor, isto é, o fruto do raciocínio.

Mas a reflexão e o raciocínio são faculdades inerentes ao espírito e este, como centelha divina, só pode tender à verdade intrínseca.

Demais, o tempo cinzela as coisas e os pensamentos, quer sejam filosóficos, científicos, religiosos, etc.; e de tal modo o faz, que a negação de ontem é a verdade de hoje ou *vice versa*. E, assim, de ciclo em ciclo, progride o homem e a sociedade.

O conceito anacrónico que da matéria se tinha há poucos anos foi revisto e corrigido, por se considerar erróneo. A lei do progresso universal baseou escolas filosóficas que se intitularam materialistas, racionalistas, positivistas, existencialistas e agora energetistas.

À medida que o pensamento humano consegue novas conquistas, mudam a denominação sem hesitar, na esperança de sobreviver. Mas o tempo prossegue em sua marcha e a Física lhes impede o movimento.

NEO-CONCEITO DA MATÉRIA

Olhada objectivamente, a matéria deixa de ser apenas sólida, líquida, gasosa, visível e tangível, ou susceptível de ser medida e pesada, pois hoje é considerada também radiante e etérea.

Foi esmiuçada até ao átomo e depois tocou a vez a este. Investigando sem descanso, ao apresentarem as suas conclusões, os físicos informam que o átomo se compõe de electrões, protões, fotões, etc., elementos diferenciados, não só pela carga de electricidade positiva, ou negativa, mas também pelo comportamento inconstante dos núcleos. Chegou-se até a afirmar que a matéria, em última instância, era energia. Quão profundo é o pensamento de Charles Richet, ao dizer: «Pensando, o homem descobre os segredos da matéria, dobra-a, transforma-a, reproduz, nos laboratórios, caminhos traçados pelo *Verbo de Deus;* pensando, o homem compreende a unidade da natureza, pois que matéria e energia são meros aspectos da substância».

E agora surge a interrogação: Que é energia?

Segundo o dicionário castelhano, é só actividade. Pobre conceito! É sabido que não há actividade sem vibrações e estas são emissões de fluidos ou radiações de ordem diferente. E em menor escala as que percebemos pelos nossos sentidos e que se traduzem em som, luz e calor.

Recordemos que Madame Curie não só surpreendeu o mundo ao isolar um elemento da matéria que irradia energia, mas também afirma que as irradiações são fenómenos mundiais.

E, com efeito, assim é, pois está demonstrado que tudo irradia, que vivemos em meio de uma sinfonia

de ondas, que tudo vibra em derredor e que o nosso organismo está submerso nessas vibrações ([2]).

Além das radiações radioeléctricas, de Hertz, e da radioactividade, de Rutherford, está anunciado por Pietro Ubaldi o próximo descobrimento das vibrações psíquicas, através das quais se comunicam os dois mundos.

«Metais e substâncias conhecidas até ontem como inertes, uma vez submetidos ao bombardeamento subatómico no ciclotrão de Lawrence (Prémio Nobel de Física), produziram mais de 400 elementos radioactivos novos» ([3]).

E, não obstante a sucessão vertiginosa de assombrosos descobrimentos, há um sector importante de *titulares materialistas,* que são uma espécie nova de iconoclastas do pensamento científico contemporâneo, porque negam o inegável e, para acreditarem em qualquer coisa, é indispensável demonstrar-lha por meio de um dos seus sentidos.

Ora estes cépticos não saberão que a matéria é, sob todas as formas, socorrida, guiada e organizada pelo espírito, que está em toda a parte, em graus diversos de manifestação? ([4]).

Os que se opõem por sistema ou impelidos por mal entendido amor-próprio fingem ignorar que o Invisível interveio sempre nas grandes manifestações evolutivas da história ([5]).

O edifício do antigo conhecimento clássico científico e filosófico cai pela base em não reconhecer que o invisível desloca o visível.

O abstracto impera sobre o concreto, o energético-radiante converte o sólido em actividade pura, até chegar, finalmente, à actividade mental ([6]).

FACULDADES EXTRAORDINÁRIAS DO NOSSO ORGANISMO

As faculdades latentes do nosso organismo, embora só exteriorizadas por seres extraordinários (sensitivos ou mediúnicos), para o vulgo e certos representantes de velhas religiões positivas eram coisas de «bruxaria» ou manifestações «diabólicas».

Vencidas certas resistências interessadas, já hoje se aceitam essas coisas nalgumas Faculdades de Medicina estrangeiras.

O professor Charles Richet (Prémio Nobel de Fisiologia), depois de estudar essas faculdades, escreveu o seu «Tratado de Metapsíquica» e, segundo a clássica representação, podem ser encaradas como físicas, subjectivas ou mentais.

A metapsíquica mental pode resumir-se numa frase curta: factos que os nossos sentidos normais não podem revelar e que, não obstante, chegam ao conhecimento humano.

É a este grupo que me referirei mais adiante. Ernesto Moog ([7]) afirma que há outros fenómenos englobados pela metapsíquica subjectiva ou mental, além da criptestesia ou trabalho subconsciente (realizado pela consciência latente, como a consciência normal ou de vigília, segundo afirma Pietro Ubaldi). Assim, *criptestesia* ou sensibilidade oculta; *criptomnesia* ou memória subconsciente oculta; e *metagnomia* ou conhecimento de factos fora do alcance dos sentidos.

A metapsíquica subjectiva ou mental é, pois, a parte que estuda, analisa e classifica fenómenos mentais. Por isto se vê a dificuldade dos investigadores em deslindar, classificar e interpretar o que se relaciona com o supranormal.

Este autor termina, afirmando que os verdadeiros processos para-normais são dinâmicos, móveis, poliformes; oscilam do físico ao psíquico e *vice versa* e invadem as duas zonas ao mesmo tempo.

Muitos exemplos desta espécie podem ser observados na utilização da Radiestesia e Telestesia, ciências modernas que tratam do estudo e aplicação científica das radiações da matéria e que só podem tangibilizar-se por meio de vibrações misteriosas ainda desconhecidas que emitem e recebem alguns indivíduos de sensibilidade especial, radiações humanas actualmente estudadas em França pelo engenheiro Georges Gonzalès.

Talvez a criptestesia ou sensibilidade oculta, através da sensibilidade humana, consiga captar ondas, emanações ou fluidos provenientes de toda a matéria, quer seja mineral, vegetal ou animal.

O melhor instrumento é o radiestesista que, pelas condições que deve reunir, em nada se diferencia de um bom médium. Não nos esqueçamos de que há duas espécies de médiuns: os que têm faculdades «psicológicas» excepcionais e os que têm faculdades «mecânico-físico-químicas», ainda mais excepcionais, segundo Charles Richet.

Sendo o papel do sistema nervoso muito preponderante no esclarecimento dos fenómenos que se manifestam por sua intervenção, o operador, a quem também se chama «radiofísico», tem que evitar a fadiga, a insónia, o excesso de comida e bedida e ser são de corpo e espírito, além de possuir o sentido da responsabilidade moral.

Terá igualmente de possuir cultura e certa bagagem intelectual (cérebro evolucionado); de contrário a interpretação dos movimentos do pêndulo ou da varinha serão erróneos ([8]). Será obrigado a trabalhar em óptimas condições de saúde, evitando fazê-lo com «atmosfera desfavorável», isto é, em dias de tormenta. E por último o radiestesista deve ter qualidades indispensáveis, como a prudência e a modéstia ([9]).

Portanto, não é ousado dizer que possui um sexto sentido, subordinado a pequenos sacrifícios que vale a pena fazer para satisfação desse digno e delicado sentido.

Sensitivos, médiuns curadores ou terapeutas, como Paul Hareng e a Senhora Couret, na pequena vila Gargeau (Orleães, França) utilizam o pêndulo em seus diagnósticos, com resultados admiráveis. A sua fama transcendeu as fronteiras da sua pátria, e da Bélgica chegam ali centenas de doentes em busca dos seus serviços.

Paulo Hareng observa o enfermo com o pêndulo e em casos incuráveis de karma desengana o infeliz; mas se há necessidade de intervenção da medicina, recomenda o recurso aos clínicos ([10]).

«Quanto estudo, experimentação e observação são necessários para que um dia se descubram os fios que ligam entre si tantos factos múltiplos, desconexos ou extraordinários que, maravilhando-nos por serem inabituais e incompreendidos, nos levam a qualificá-los de inverosímeis!

«Acertado é, pois, considerar a vida como um sonho; e tendo em vista que factos estranhos nos dão direito a esperar um poder maior e um futuro melhor, já que nos rodeiam forças desconhecidas, provàvelmente benfeitoras, esforcemo-nos por merecer esse futuro e tornemo-nos dignos dessas forças. Tenhamos coragem de amar o bem e detestar o mal, se, de facto, desejamos colaborar num mundo melhor» ([11]).

([1]), ([4]), ([5]) — Pietro Ubaldi, «A Grande Síntese».

([2]), ([3]), ([8]), ([9]) — J. A. Duolout, «Radiestesia».

([6]), ([7]) — Ernesto Moog, «Nueva Visión del Universo — Nueva Imagem del Hombre».

([10]) — «Revista de Metapsicologia» (Junho de 1952).

([11]) — Charles Richet.

O SUPREMO IDEAL

Por NATÁLIO CECCARINI FILHO

Quando o homem se detém a pensar no porquê da vida, na razão da sua existência, no fim de todas as coisas, começa a despontar nele a necessidade vital do seu espírito, por revelar-se a si mesmo e mostrar-lhe o caminho a percorrer em sua trajectória evolutiva.

Pois este homem que talvez tenha vivido até esse momento entregue a todos os gozos e limitações da matéria, aprisionado nessa rede falaz tecida pelo crú materialismo da época, escravo de inúmeros problemas artificiais forjados pela sua ignorância e vaidade, sofrendo tremenda angústia, toma a única decisão que o pode salvar: meditar sobre si próprio, sobre o mundo, sobre o que acontece, o que o afecta e dele participa. Chega a reconhecer uma existência frustrada, erma de finalidade nobre, dissipada em erróneos prazeres.

E o raciocínio deste homem é o de milhares de homens que viveram completamente esquecidos do verdadeiro sentido da existência, apegados às riquezas materiais, se as possuiram, ou a consegui-las se as não tiveram, fundamentalmente egoístas com relação às ideias, aos sentidos e às ambições. Não alentou em seu espírito a força poderosa de um ideal superior que teria trabalhado no aperfeiçoamento da sua personalidade moral e daria valor efectivo à sua existência.

Todos os indivíduos que pertencem à sociedade planetária parecem contrariar os interesses da comunidade, isto é, oporem-se ao progresso de si mesmos como entes espirituais. E a incompreensão, o conflito, a incerteza, traduz esta vontade equívoca do homem reflectida na hora crucial, com vista à permanência e ao futuro do próprio mundo. Pareceria que, apesar do enorme progresso do pensamento científico, da evolução das ideias, dos alardes da técnica, tal desenvolvimento não tivera simultâneidade no moral, nos sentimentos e nos costumes.

Os crimes aumentam em diversos aspectos. Crime, não só no acto de tirar a vida ao semelhante, em provocar a morte do próximo, quer em guerra, quer pela rapina ou extravios emocionais, mas também pela perseguição, pelo poder opressor e liberticida, pela lei anti-social, pela exploração do homem, pelas condições de miséria, fome e doença que sofrem muitos sectores humanos. Tudo isso também é crime.

Ao comprovar esta diversidade de condições que o homem experimenta em vários graus, parecerá, repetimos, que o progresso marcha para trás, apesar do avanço da ciência e o conforto de que gozam alguns povos em relação a outros.

E isso não pode ser de outra maneira, se atendermos às causas conducentes. A evolução natural do ser obrigou-o a reagir no seu momento histórico contra o pensamento religioso e filosófico dominante, ao longo do medievo que, embora impregnado de fantasia e superstição, grosseiro ainda na expressão do verdadeiro divino e espiritual, cruel em sua intolerância, cumpriu a sua parte útil como fase de superação da época precedente. E esse ideal dominante e condutor do homem nas artes, nas ciências, nas filosofias, aporta a um novo ideal, onde Deus e Espírito são substituíveis pela Matéria. O ideal materialista enche os âmbitos mentais do indivíduo; suas ideias e sentimentos só têm como expressão o imediato e prático, o gozo da existência na totalidade do apetecível.

As consequências morais do sentir e pensar em termos nìtidamente materiais, reconhecido igualmente o que no campo do progresso científico se tem feito de útil, traduzem-se no profundo desassossego do homem presente, presa de desesperações na luta pela vida, ou possuído de uma atitude indiferente aos acontecimentos ou cheio de náuseas suicidas pela existência.

Duas bárbaras e sangrentas guerras preencheram metade do século presente e uma terceira em potência a desgastar psìquicamente a humanidade, consumindo-a na desesperança, frustrando-a em suas genuínas realizações espirituais. É que o vício, a libertinagem, o egoísmo e a posse de riquezas não podem chegar a outras conclusões. E estas formas negativas de existência são produtos da noção materialista do homem, da vida e da história. É o esquecimento de Deus e do Espírito; é a ignorância do homem, quanto à sua verdadeira finalidade; é a falta de um supremo ideal de perfeição e de luta.

Essa falsa atitude de gozar a todo custo, de arrancar à vida o que ela pode proporcionar de bom e prazenteiro e a ideia de que todos os meios são bom para atingir um fim é que levou o ser à presente situação de relaxamento moral e de desesperada angústia espiritual. E a salvação está em renunciar de tal modo a viver, em trocar os termos, em voltar a Deus e ao Espírito pelo conhecimento e pelo amor.

É por isso que milhares de homens se detêm a pensar em si mesmos, no porquê da vida, no fim de todas as coisas, na força interior do próprio espírito que os anima e chicoteia, para que desperte, se descubra em sua essência, interprete o seu pensamento orientador oculto na criação, se coloque nela e, rectificando a marcha, transite pela senda da sua evolução moral.

É a volta do homem ao bom caminho; o filho pródigo que regressa à liberdade do Pai; é o reencontro com o Supremo Ideal de toda a criatura: Sabedoria e Amor.

E neste retorno do homem que sente novas inquietações acerca dos problemas do ser, do destino e da vida, que já pensa, elabora uma fé diferente e trata de concretizá-la em concordância com o pensamento director ou divino descoberto no seu íntimo, — estamos certos disso — o saber espirita dará imensa contribuição.

O Espiritismo criará no povo esta nova consciência do homem, restabelecerá o Supremo Ideal esquecido, outorgando a todos, como luminosamente ditou uma elevada entidade espiritual: «... a coragem da resignação baseada numa fé racional e lógica de uma vida futura».

Para a consolidação deste Supremo Ideal firmado na imortalidade da alma, o Saber Espirita concorrerá com sua palavra de Verdade, com seus factos indiscutíveis e com a colaboração invencível dos Espíritos Superiores que dessa dimensão do Além trabalham no Plano de Deus pelo advento de uma nova era de amor, justiça e trabalho fecundo.

O homem já não crê cegamente. Começa a pensar com profundidade e certeza. A sua indagação do mistério, a sua busca da verdade estão no caminho da sua autêntica libertação. Portanto, o *Supremo Ideal* está em marcha.

Los Ceibos 97, El Palomar
República Argentina

(I. D. S. traduziu)

RECORDAR É VIVER

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

O verdadeiro discípulo tem necessidade de recordar os exemplos e ensinos do seu Mestre, para melhor poder viver sua doutrina. Desse modo, o Mestre, vive novamente na vida do discípulo, como complemento de sua obra.

Foi por essa razão que JESUS disse: «Eu sou a Cepa e vós sois as varas que emanam da mesma Cepa. E, para terdes vida Eterna, precisais de permanecer nesta ligação, como eu estou ligado Aquele que me enviou. Porque o que eu digo e faço, não o digo e faço por mim, e sim em obediência àquele que me enviou».

O filho obediente, que mora com seu pai, sente-se feliz na sua presença e toda a sua glória ele refere à autoridade de seu pai. São para ele todas as suas atenções e respeito, porque dele tudo recebe. E o pai sente-se feliz em dar ao filho todo o seu amor e poder.

Jesus é uma expressão de Amor e Sabedoria que nos afirma: «Eu e meu pai somos um».

No dia em que a humanidade se integrar na Lei do Pai, tornando-se obediente aos ditames de sua consciência, também poderá ser una com ele, como Jesus o foi. Então, o Filho não precisará mais de procurar o Pai fora de si, porque o sentirá verdadeiramente no seu coração.

Nem precisará de orar para fazer valer o seu direito e a sua vontade. A Vida, em tal circunstância, é uma prece permanente e na sua vontade se cumpre a vontade do Pai. *Jesus disse: «Não vos afadigueis tanto pelas coisas deste mundo. Vêde que os pássaros nada disso fazem e vivem felizes nos seus ninhos, em perfeita harmonia entre si».*

Significa dizer que o Pai não deu mais protecção e auxílio a eles do que ao homem. Apenas, eles vivem mais em obediência às suas leis, através do seu instinto, do que o homem através de sua consciência. Porque no dia em que o homem for obediente à sua consciência, *como os animais são obedientes ao seu instinto,* sentirá o Amor de nosso PAI e sua divina protecção, como se faz notar na vida dos irmãos menores, em suas várias modalidades. *Porque a sua Lei e o seu Amor são a manifestação de uma lei perfeita e imutável. «Vinde a mim e eu vos aliviarei a todos». Isto significa dizer:* «Dai-vos por seu amor uns aos outros, porque junto dos que melhor me compreenderem e sentirem eu estarei presente, para falar como é preciso e agir como o caso requere. Imitai o bom Samaritano e vos reconhecerão, como meus discípulos».

JESUS, neste conselho, nesta advertência, indicou-nos o Caminho da Realização para alcançar a felicidade que todos amejam.

Por isso, sentimos necessidade de amar, de ser justos. É por não sermos como deviamos, que SOFREMOS. A Luta está connosco. *Os princípios divinos, em nosso espírito, são resultado de nossa filiação com o PAI, que reclama VIDA PERFEITA.*

A EVOLUÇÃ

RUMO ÀS CONVI

Resposta concludente dos factos aos que insistem em negar ao fundador da Metapsíquica as convicções espiritas da existência, da sobrevivência, da comunicabilidade, e até da reencarnação dos espíritos.

Escreveu o Sr. Henri Blondel, há tempos, na «Revue Spirite», um artigo intitulado «Charles Richet Etait-il Spirite?», no qual concluia por uma resposta inteiramente favorável a esta pergunta, considerando Richet como um homem que se tornara espirita diante da evidência dos factos. Estaria certo o Sr. Blondel? A todo o momento pessoas que discordam do Espiritismo se levantam nas cátedras, ou publicam artigos em jornais e revistas, ou afirmam em seus livros que o grande fisiologista e médico francês era anti-espirita. Dizem mesmo que o «Tratado de Metapsíquica» é uma espécie de refutação científica do Espiritismo, e a teoria das vibrações do éter, enunciada por Richet, de maneira muito vaga, na sua conferência de despedida da cátedra da Faculdade de Medicina de Paris é uma confirmação de que o sábio não se curvava diante da «teoria espirítica», para usarmos a expressão de Bozzano.

KARDEC E RICHET

No «Tratado de Metapsíquica», realmente, Richet coloca o problema das manifestações espiritas em terreno puramente materialista. Não obstante apresentando os fenómenos de criptestesia e ectoplasmia como cientificamente comprovados, entende que outros fenómenos dependem de novas experiências e que nenhum deles deve ser atribuído à manifestação de Espíritos. Chega mesmo a dizer que Allan Kardec era dotado de «credulidade exagerada» e a criticar a filosofia espirita como absurda, porque baseada «no absurdo» das comunicações de entidades extra-corpóreas. Apesar disso, reconhece a grande contribuição de Kardec para o estudo do assunto, louva-lhe o zelo e a dedicação e reconhece que o mestre se baseava sempre na experiência, andando, dessa forma, lado a lado com a ciência, na busca objectiva da verdade.

CONFIRMAÇÃO PRÁTICA

De que valem, porém, as opiniões cautelosas de Richet, diante da avalanche de factos, e portanto de provas, por ele reunidas naquele livro, fruto de mais de vinte anos de estudos e pesquisas pacientes do, talvez, maior cientista da época? O próprio Richet deixa entrever que a sua opinião é muito falha, insuficiente, diante da evidência gritante dos factos por ele observados. É assim que, instado pelos discípulos e colegas, propõe timidamente a teoria das vibrações do éter, e diz que se trata apenas de uma teoria provisória, uma simples hipótese de trabalho, para o prosseguimento da sua tarefa.

Percebe-se que o grande sábio já estava convencido de que a verdade se encontrava do outro lado, justamente daquele lado que ele não queria aceitar. Entretanto, como os seus colegas de ciência continuavam empolgados pelos mesmos preconceitos, cuja força ele tivera de conhecer em si mesmo, impedidos de aceitar a clareza e a simplicidade natural da explicação espirita, Richet faz uma última concessão, acenando-lhes com a teoria das vibrações. O seu receio maior, por certo, era de que os cientistas, sem uma hipótese materialista em que se apoiar, abandonassem o campo, voltassem as costas à verdade maravilhosa que ele havia estudado com tanto carinho e tantas esperanças.

CARTA A BOZZANO

E tanto assim é que, logo mais, o grande sábio endereçava a Ernesto Bozzano aquela carta que se tornou célebre, conhecida no mundo inteiro, depois da divulgação que lhe deu o «Psychic News», de Londres, em seu número de 30 de Maio de 1936. Nessa carta, que o Dr. Sérgio Valle incluiu no seu livro «Silva Mello e os seus Mistérios», Richet declara francamente a sua adesão à «hipótese espirita». Bozzano havia-lhe escrito, «expressando-lhe, com certa timidez», segundo as suas próprias palavras, a esperança de que determinado termo de uma carta anterior quisesse dizer mais do que parecia. E Richet respondeu-lhe da seguinte maneira confirmando a esperança de Bozzano: «E agora, abro-me a você, de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hylsop e sir Oliver Lodge, obteve-o você, por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência. Creia, peço-lhe, nos meus integrais sentimentos de simpatia e gratidão».

Como se vê, o sábio rendeu-se à evidência dos factos, e agradece ao seu amigo Bozzano a ajuda que lhe deu com suas «magistrais monografias», para livrá-lo das torturas da dúvida científica, ou melhor diríamos, da dúvida materialista, que tanto o atormentara.

A CAIRBAR SCHUTEL

A carta a Bozzano teve divulgação internacional, publicada que foi num jornal de grande circulação como o «Psychic News». Além disso, a importância das circunstâncias que a rodearam, o valor científico do destinatário, largamente conhecido e respeitado nos meios científicos da Europa, contribuiram para que ela repercutisse por toda a parte. Há pouco, porém, o Sr. Ítalo Ferreira, ex-prefeito de Matão e discípulo de Cairbar Schutel, a pedido do cronista espirita Irmão Saulo, do «Diário de São Paulo», descobriu naquela cidade, em mãos da Sr.ª Antónia Perches Campelo, uma das continuadoras da obra de Schutel, o fac-símile de uma carta de Richet ao fundador de «O Clarim». Nessa

O DE RICHET

ÇÕES ESPIRITAS

carta, agradecendo um livro que Schutel lhe enviara, Richet confirma a sua crença na sobrevivência, de maneira eloquente e inegável.

Transcrevemos o trecho em que o faz. É o seguinte:

«Merci, cher Monsieur, de votre livre. Comme vous avez raison d'etudier le mistère de la mort et a la metapsychique! *Mors janua vitae*». Esta última frase, em latim, traduz-se por «A Morte é a porta vida».

VALOR DOCUMENTAL

Essa carta, divulgada em fac-símile na «Revista Internacional do Espiritismo», número 6, a 15 de Julho de 1936, confirma plenamente a dirigida a Bozzano. A diferença de data na publicação de ambas é pequena, mostrando que o estado de espírito de Richet era exactamente o que revelara ao seu amigo Bozzano, de maneira confidencial. O valor documental dessa carta de Richet a Schutel é portanto inegável. Podemos juntá-la às provas de que até agora dispomos sobre a conversão de Richet à realidade da explicação espirita dos fenómenos.

CRENÇA NA REENCARNAÇÃO

Na mesma oportunidade, o Sr. Ítalo Ferreira entregou ao Irmão Saulo um volume da novela de Richet, «À porta do mistério», escrita após o «Tratado de Metapsíquica», e editada pela primeira vez, antes da edição francesa conhecida, numa tradução da Sr.ª Virgínia de Castro e Almeida, em folhetim numa revista portuguesa. D. Antónia Perches Campelo, que recortou e coleccionou o folhetim, guarda esse exemplar valioso.

«À Porta do Mistério» é uma novela reencarnacionista. Richet diz que se trata de simples fantasia, mas acrescenta: «Os estranhos fenómenos que se registam nesta narrativa estão em rigorosa conformidade com certos fenómenos verdadeiros». E logo mais, acentua: «É, seguramente, uma ficção, mas toda essa ficção está cravejada de verdades desconhecidas». Mais adiante, ainda, afirma: «Apesar da ousadia deste livro, estou convencido de que os bisnetos dos nossos bisnetos — e isso não fica muito longe — me acharão prudente demais. A minha audácia de hoje será então quase uma imperdoável timidez».

Note-se que Richet afirma a existência de «verdades desconhecidas», de que a sua novela está cheia, e termina prevendo aquilo que realmente já acontece, em nossos dias, quando tantos espiritas não lhe perdoam a timidez com que enfrentou os preconceitos científicos da época. Esse prefácio não é uma profecia, porque é uma previsão matemática. Richet, convencido da realidade da sobrevivência e da comunicabilidade dos espíritos, convencido da existência da lei da reencarnação, sabe que os pósteros o julgarão com rigor, pois não poderão compreender a tremenda complexidade das malhas em que ele se encontrava, no meio científico da época. Mas como são perdoáveis as suas vacilações, como é explicável a sua timidez, quando nos lembramos de que, ainda hoje, os homens de ciência, impregnados dos princípios destruidores do materialismo, se recusam a fazer até mesmo o que Richet não vacilou em fazer, as experiências e os estudos que o levaram à convicção espirita dos seus últimos dias!

NECESSIDADE DE RELIGIÃO

Aliás, segundo se depreende das afirmativas contidas em seu último livro intitulado «Au secours», Richet acabou por reconhecer a necessidade de uma Religião científica que nasceria dos estudos sobre a sobrevivência. Eis algumas das suas expressões: «Em geral, essa transformação moral que as ciências não nos podem oferecer, as religiões pretendem ocasionar e proclamam a fraternidade, sem, contudo, a praticar. Esperemos pelo mundo novo que entrevemos em nossos sonhos do porvir, ali pelos 2035... 20350... 203500..., que sei eu? Conhecerá ele uma nova religião? Racionalista inveterado, vejo-me obrigado a testemunhar que foi sempre uma religião que dominou os homens. E religião é crença em forças morais que excedem as forças materiais»... «Como sou audacioso, afirmo que a humanidade necessita de uma religião, de uma adoração que não seja a do dólar, e afirma também que as concepções da humanidade futura alcançarão muito além da explicação material e mecânica das coisas que nos surpreendem. A vida não valeria o trabalho de ser vivida, se tivéssemos sòmente o nosso corpo, mais ou menos infecto, para fazer viver, com as suas enfermidades inelutáveis, debilidades e senilidades...». «A crença na imortalidade é a base fundamental de todas as religiões». «Que os deuses imortais nos preservem de traçar os lineamentos dessa religião futura; no entanto, no amontoado confuso das ciências metapsíquicas, há alguma coisa que nos permite nutrir esperanças. Essa nova religião que pressinto nos sonhos vaporosos da minha imaginação não será pregada por um Moisés, um Cristo, um Buda, um Maomé. Não terá Messias nem profetas, mas, ao contrário das demais religiões, as suas bases serão científicas. O inabitual e o imprevisto serão admitidos pela ciência».

ÚLTIMAS CONVICÇÕES

Aí estão as últimas convicções do grande sábio e fundador da Metapsíquica. A sua declaração está enfática: «Afirmo também que as concepções da humanidade futura alcançarão muito além da explicação material e mecânica das coisas que nos surpreendem». Ele quer referir-se, evidentemente, à explicação espiritualista, não só nos fenómenos metapsíquicos, mas da própria vida e da sua razão de ser. À vista do exposto, conclui-se que, se Richet começou quase que antiespirita, ele acabou quase integralmente espirita.

(De «Unificação», de S. Paulo)

ESPIRITISMO-RELIGIÃO OU ESPIRITISMO-CIÊNCIA?

Por LUIS DE BARROS CASTRO

(Correspondente em Luanda)

O Espiritismo pode ser considerado como religião ou deve ser considerado como ciência, senão ciência das ciências? É na Inglaterra que o Espiritismo é tido oficialmente como religião. É de admitir, todavia, que também deve haver muitos ingleses que o não seguem como religião. Mas quando um Governo como o da Inglaterra se decide a oficializar o Espiritismo e autoriza a sua prática como Religião, não é, claro está, de ânimo leve, que assim procede, porquanto, para legislar, dedicou ao assunto profundo estudo. Muitos dos membros desse Governo, aliás, conheciam o Espiritismo a fundo, não esquecendo, ainda, que a Família Real Inglesa já de há muito tinha e tem por esta Doutrina a consideração que merece e que só lhe nega quem a desconhece.

Não deixarei de salientar aqui a extraordinária importância que, para o Espiritismo, tem o facto de a Inglaterra o oficializar, concedendo-lhe direitos iguais aos de qualquer religião.

É um argumento de grande peso a favor dos que o tomam na acepção de religião. Grandes autoridades, como, por exemplo, Pietro Ubaldi, verdadeiro místico, — da FÉ e da CIÊNCIA — parecem confirmar que o mesmo deve ser considerado como religião. E Allan Kardec, o respeitado codificador, com a sua religião dos espíritos?

Entretanto, os que o têm como ciência, não são menos autorizados e esclarecidos, nem trataram o assunto com menos seriedade e honestidade, nem com menos cópia de argumentos valiosos. E a divergência continua a subsistir.

Há um grande número de pessoas que assistem e que organizam sessões espiritas, mas continuam sendo crentes de várias religiões. Isto, porém, não conta, porque procedem geralmente com pouco conhecimento do Espiritismo e quase sòmente por curiosidade de fenómenos supranormais.

Também na América há escritores espiritas de valor, mas que se preocupam pouco com o carácter religioso ou científico do Espiritismo. E esta despreocupação, bem vistas as coisas, abona mais o lado científico do que o religioso.

E porquê religião?

Religiosismo implica adoração, genuflexão, rezas, cerimónias, ambiente próprio, pedidos de compaixão, abstenção por parte do adorador, do seu próprio raciocínio, em face de imagens de deuses ou de santos.

Ora o espirita, ainda que tenha o Espiritismo como religião, não se pode comparar de maneira alguma a esse adorador vulgar. Não tendo imagens de qualquer espécie, nem ritos, ele não precisa de adorar, de genuflectir-se, ou de rezar.

Se vidente, pode contemplar os Espíritos Superiores, receber seus fluidos salutares e os próprios conhecimentos, por várias maneiras, cada qual mais perfeita e convincente. Jamais sua personalidade se aniquila ou sua razão se perde, mesmo em face da concepção de Deus, pois nunca lhe dará a forma humana, como acontece com quase todas as seitas religiosas.

O Espirita, para *ver* Deus, não precisa de ir a lugares especiais — como igrejas, sinagogas, templos, enfim, dos muitos milhares que por todo o Mundo existem — uma vez que, concebendo Deus ùnicamente como LUZ em vibração permanente, essa LUZ está em toda a parte sem excepção, tudo penetrando e animando. Portanto, o espirita, o mais que pode ter em presença de Deus, é mudo respeito, muda admiração pelas infinitas maneiras por que Deus se manifesta claramente: desde o mais pequenino grão de areia ao desabrochar de uma flor, do pequenino verme ao brilho das estrelas, em toda a variedade infinita de fenómenos naturais. Para o espirita, o Grande Templo de Deus é o Universo infinito!

Aos Espíritos Superiores repugna a adoração e muito mais a deificação.

Assim como na Terra um grande homem é naturalmente modesto e humilde e não permite que o adorem mas que o respeitem, assim também no Espaço ou plano astral, um Grande Espírito não louva quem o adore, mas sim quem respeite e siga os seus conselhos, que são sempre conducentes a maior perfeição moral. Jamais ninguém verá que um Alto Espírito tolere que o comparem a Deus, por maior que seja a sua perfeição! E que a perfeição total é Deus e os Altos Espíritos sabem que, para chegarem a Deus, — Perfeição Absoluta — têm à sua frente um caminho tão longo a percorrer, como a própria eternidade! Logo, divinizar qualquer espírito como fizeram ao Cristo, a Maomé, Brama, Confúcio, etc., apesar de suas qualidades extraordinárias, é simplesmente absurdo, que ofende grandemente os próprio divinizados.

Siga-se a boa moralidade por eles pregada e exemplificada, em vez do que tão correntemente se vê, que são pessoas adorando e rezando, mas tão longe de seguirem a doutrina que esse grandes Espíritos nos legaram.

Em meu modesto entendimento, a palavra religião, em Espiritismo, é descabida, ou então é necessário especificar o sentido em que deve ser tomada, pois que não há paralelismo em face da religiosidade de qualquer seita e a religiosidade do Espiritismo.

O Espiritismo caracteriza-se por sua tolerância em presença dos vários credos religiosos — justifica mesmo a existência de todos eles —, mas nunca se poderia caracterizar, por se aproximar ou assemelhar à religiosidade de qualquer desses credos.

Nem de outra forma podia ser, porque a existência do Espiritismo se baseia em factos reais, tão reais que são susceptíveis de demonstração categórica em qualquer ocasião.

Afirmar que Buda existiu, é lógico, é possível; mas crer que desceu ao seio de Mâyâ sob a forma de um pequeno elefante, é simplesmente absurdo!

O Cristo existiu, — é possível, é

natural; mas acreditar que era filho de uma mulher casada e que seu pai não era o marido da mãe, nem nenhum homem, é absurdo, é ilógico é anti-natural. Já que o quificar a Cristo, não é necessário desonrar-lhe a família. Já que o quiseram divinizar, não é necessário forçar as leis de Deus que para a Terra foram estabelecidas, e tão perfeitas, que nem sequer admitem excepção. Quero-me referir à forma por que nascem todos os homens, à qual o Cristo teve que sujeitar-se, quando resolveu baixar à Terra.

A estes e outros absurdos já o Espiritismo *científico* deu a condigna resposta, tão científica, tão irrefutável, que todo o valor que primeiro tinham esses absurdos se desvaneceu, sòmente tendo hoje cabimento no ânimo dos que se comprazem em amar o aspecto fantástico das coisas, sem curar de compreendê-las.

Por outro lado, as religiões, em face do atraso da maioria dos homens, tiveram, por assim dizer, necessidade de objectivar Deus e outra maneira não viram, senão a de dar-lhe a forma humana e até as suas virtudes e defeitos! A maior falta das religiões é terem cristalizado nessa concepção e promovido lutas entre si e consequentemente entre povos.

O Espiritismo esclarece todos os pontos duvidosos dessas teorias religiosas, não impondo outra religião, mas demonstrando cientificamente onde está a Verdade que esses crentes — uns mais conscientemente do que outros — procuram. Portanto, tem carácter científico, embora transcendental.

O Espiritismo não combate as religiões, mas não pode aumentar o número das existentes, sob pena de passar a ter tanto valor como elas. Pelo contrário, o seu evento deve vir a ter, como consequência, o desaparecimento gradual dessas religiões e a prova é que todas elas são inimigas (!) do Espiritismo, pois, seus mentores, delas, já viram o que ele representa para a existência de tais credos.

Não há motivos que justifiquem o pretenso carácter religioso que ao Espiritismo tantas pessoas atribuem.

Os fenómenos espiríticos são conhecidos desde os primórdios da Humanidade e tiveram em épocas mais ou menos distantes da nossa, cabal explicação. Mas o facto é que muitos milhões de espíritos não podiam compreender tanta transcendência e os iniciados dessa época — que conheciam a Verdade — não só não a revelavam nem explicavam, como até a ocultavam. Tinham que proceder assim, sob pena de incompreensão geral.

Mas a humanidade tem que caminhar e hoje os iniciados — OS ESPIRITAS —, devem ajudá-la, facultando-lhe esse conhecimento, pois que, ainda que haja obscurantismo, pela posição que o Planeta Terra ocupa no espaço, está-se numa curva de existência em que a Luz surgirá, a todos atingindo. A alvorada do Terceiro Milénio está já dissipando as trevas em que o género humano tem vivido, como prova a emancipação espiritual que por toda a parte do Mundo se manifesta, graças precisamente a essa posição e à científica doutrina do Espiritismo que, sem paixão sectária, sem violência, embora com entusiasmo próprio de quem descobriu a Verdade que há muito procurava, tanto tem contribuído para essa radiosa emancipação!

O passado morreu para sempre e só o porvir contém em si a esperança e o alento que animam a prosseguir no caminho da existência terrena.

Mercê da Luz do Espiritismo, o terror do futuro transformou-se em certeza tão bela, que a ânsia do homem está toda em chegar ao fim da viagem e não arrasta já consigo o pesado fardo das saudades da vida que passa, que durante tanto tempo considerou melhor.

A saudade retarda a marcha ascensional, porque vive desse passado! A esperança dá asas, porque vive do futuro!

O mistério, depois de submetido à análise da lógica e da razão, desvaneceu-se, com a mesma segurança com que o Sol derrete a neve. Não fosse essa análise feita por homens abertos à luz de largos horizontes e ainda hoje esse mistério, que durante tantos séculos oprimiu a multidão ignara, continuaria a fazer da vida simultâneamente — vêde o contrassenso — a melhor e a pior das coisas!

A vida era então a anteporta de um mais que certo inferno; daí, ser a melhor das coisas, enquanto durava, e ser a pior, porque, conforme ia decorrendo e aproximando-se do fim, se iam antevendo — e com que terror! — as portas desse inevitável e horrendo inferno!

Para cativar a compaixão dos deuses, vá de deixar tudo ao templo ou ao próprio sacerdote e de mandar realizar, a troco de dinheiro, cerimónias religiosas «*ante* e *post mortem*», para que os deuses se não esquecessem do miserando pecador!...

Só se por tudo isto ter sido varrido pela científica vassourada do Espiritismo, se tenha que dizer:

— Divino Espiritismo, que, por tua ciência, para sempre me libertaste a alma do pesadelo horrível que séculos e séculos mortificou e aterrou a pobre Humanidade!

A religião é consequência do desconhecimento da Verdade. Quanto mais o homem desconhece o futuro que o aguarda para além da vida terrena, tanto mais religioso se mostra.

Se o Espiritismo desvenda exactamente esse mistério, automàticamente esse sentimento religioso perde a razão de existir. Porque há-de, então, o Espiritismo ser considerado religião?

Eis como penso e julgo haver muitos que me acompanhem.

Luanda, Abril de 1954.

NO CAMINHO CERTO...

Por LEOPOLDO MACHADO

Cada dia que passa é mais um passo
Que dou para a velhice... Ah! quem me dera
Que eu pudesse fazer o que hoje faço,
Nos dias do porvir!

Eu, que já fui um bólide no Espaço,
Riscando um céu azul de primavera,
Agora sinto um mórbido cançaço:
— Morte, estás para vir ?!

Cada dia que passa é mais um dia
Que me afasta da carne e me aproxima
Do meu termo final!

Tristeza para mim? Muita Alegria,
Gozo de quem vislumbra a aurora opima
Da Vida Espiritual!

CONCEPÇÃO EVANGÉLICA DA LIBERDADE

pelo **DR. NORALDINO DE MELO CASTRO**

III

46 — A Época Contemporânea assinala-se por três correntes — A Democracia, o Fascismo e o Nacional Socialismo, sem considerar a ditadura russa. Do Fascismo e Nacional Socialismo, sabemos o que resta. Lembramo-nos de que, em 1939, antes do início da guerra, lemos, algures, que o mundo não pertencia aos rufos de tambores de Hitler e de Mussolini, como não pertencerá jamais a ditador algum...

47 — O «Direito é norma», define Kelsen. O conceito de norma corresponde ao dever ser. «Direito e não outra coisa: — é o *dever ser* com que a Teoria Pura do Direito apresenta o direito positivo, assim como a expressão da legalidade causal é o *ter que ser*. «Norma é o pensamento dotado de poder».

48 — O Direito, segundo o mesmo pensador, é a realidade. A norma é a lei natural. Vinculam-se duas situações — *é* e *deve ser*. Aquela predicativa, esta normativa. Àquela ocorre uma relação imputativa, mas não é fatal que ocorra. A esta depara a ideia de valor. A norma, pois, «diz o que *deve ser* e ordena o que se *deve fazer*, quando não se cumpre o dever». E a tanto fica reduzida a ideia de liberdade, cuja definição tem sido o tormento dos filósofos». (Vidé n.º 29).

49 — Carlos Campos escreve que Kant tomou o *dever ser* como *ser* — reservando-lhe o domínio do *a priori*, tomado como dado de razão prática. A primeira limitação que devemos fazer aqui e que é comum ao conhecimento do não eu, é o do real em geral, isto é, que no *eu* só pode existir verdadeiramente como *ser* o que está no presente ou que esteve no passado. Mas acontece que *vir a ser* como o *dever ser* no *eu* também se introduz, mas apenas como dever, como sentimento, aspiração, não como a coisa, o ser, objecto de conhecimento possível, de que a consciência toma conhecimento, mas como aspiração. «Explica que, em Kant, o dado da razão, existindo por si e em si, é como se a coisa existisse, quando na verdade é apenas um sentimento de possibilidade da coisa que existe, não a coisa como objecto do conhecimento».

50 — Cita Stammler e o mundo dos *telos*. — «Se esse *telos*, esse mundo das possibilidades e da aspiração não existe como ser, mas apenas como dever ser, como a aspiração; se no nosso pensamento só pode existir o que não é, essa aspiração, esse dever, só poderá ser pensado com os materiais do ser, do que existe ou do que existiu». E define: — «O mundo dos *telos* não é mais do que o mundo da causalidade, aí projectado como aspiração. Não é o ser, mas o dever-ser».

51 — Conduzido, portanto, por essa série de pensamentos, — que a liberdade é aspiração, representada pelo dever ser, como base no mundo da causalidade, só pode ser pensada no presente e no passado e encarada como norma do dever ser no mundo do ser, quanto ao futuro.

52 — Ensina Kelsen que as normas jurídicas não podem identificar-se com o imperativo categórico. A sua validez é hipotética e histórica. A norma jurídica converte-se em proposição de lei. Não é imperativa, à semelhança da norma moral. Deve ser entendida como juizo hipotético, que tem como consequência uma situação de facto, que é a obediência à lei moral e não à lei jurídica.

53 — O direito natural é atributo do homem, é anterior e superior à sociedade, mero agregado artificial. A liberdade jurídica é a mesma liberdade natural, parcialmente delegada. Como delegação é um acto livre, para cuja conservação o homem mantém o direito de resistência à opressão. A liberdade que manda, manda juridicamente, não por delegação. As normas, pois, referindo-se à liberdade, decidem como o homem deve fazer. Para Kelsen, o direito, como norma, limita a ciência jurídica, que é a ciência de normas. Determinadas normas de moral universal, se dirigem a todos os homens. Têm âmbito pessoal de validez por princípio e ilimitado

quando a vontade e a liberdade se resolvem em um complexo de normas que fixam as condições que o direito exige para atribuir um facto a um sujeito ou para ter determinada acção como produtiva de determinadas consequências jurídicas.

54 — O real conceito de liberdade diante do Direito, na lição de Kelsen, «é uma construção feita aos fins da imputação», é «a imputação o que leva à construção da vontade» (Teoria Geral do Estado). Soler considera inexactas as soluções de Kant, a dos Iluministas. Qualifica de ideal a solução que vimos de apresentar, de Kelsen.

55 — Resultam do exposto, segundo os autores que vimos invocando, cujas ideias resumimos, três conceitos para a liberdade — *a)* Conceito metafísico de liberdade natural, (Ética de Nicómaco, III, VI); *b)* Conceito com base na realidade, que impõe sanções; Jurídico de liberdade, como possibilidade empírica — dando ao homem capacidade de entender as leis, de aceitá-las ou não; *c)* conceito de liberdade jurídica — que supõe livre o indivíduo, no sentido de escolher «entre uma pluralidade de possibilidades ilícitas».

56 — E a liberdade, aspiração suprema, há-de reinar na Terra, levando paz e justiça aos povos, que verão nela as bênçãos santificantes do Espírito do Senhor! É a grande esperança do porvir! E esta liberdade, encarada sob qualquer dos aspectos apresentados, não solucionará o problema. Sòmente a liberdade, sob a conceituação evangélica, implantará o direito no coração do homem e fá-lo-á senhor do seu destino.

7.° — O CONCEITO EVANGÉLICO DE LIBERDADE

57 — Nas várias escolas filosóficas examinadas, encontram-se vários pontos de contacto com a Doutrina Espirita.

Esta valoriza a virtude, sob todos os *nunances*, o que a aproxima da doutrina de Platão.

Ensina que a criatura deve superar as paixões que a inferiorizam na auto-reforma. Nivela os homens. Classifica-se entre os estoicos.

Encontra-se em Rousseau o «postulado da razão» — mas, *sem* Deus. No Espiritismo a Razão é um dos alicerces doutrinários, mas *com* Deus. Daí, a grande diferença. O renomado pensador vislumbrou uma grandeza, porém, a desvirtuou.

Antes de Rousseau, apenas Leibnitz teve visão de uma verdade espirita — retraiu o princípio a Deus, de onde tudo procede por criação. Esta é também a concepção espirita, todavia evolucionada. Tudo procede de Deus-Criador, que tem a sua conceituação ampliada para a ideia de Deus-Pai!

Em Locke, também, vemos grande afinidade: «... sendo todos iguais, independentes, ninguém deverá prejudicar a outrem...». Assertiva nitidamente evangélica: Não se faça a outrem o que não quer que se lhe faça. Ainda outro pensamento afim, que a Doutrina Espirita consagra e proclama: «os homens descendem do Criador todo poderoso e infinitamente sábio».

58 — A igualdade, no Espiritismo, a nosso ver, tem dupla acepção. Uma, é a de que todos são iguais diante de Deus, na sua criação, origem e direitos. A todos se abriu a porta da evolução, sendo-lhes oferecidas iguais oportunidades de conquistas morais e espirituais. Outra, que torna a criatura sujeita a uma lei indefectível — «a cada um segundo suas obras». Inicia-se, com isso, o aparecimento de uma aparente desigualdade, que não procede do Criador-Pai, mas que surge do próprio indivíduo, artífice de seu destino. Eis, porque há diferenciação de aptidões, de sentimentos, mostrando e evidenciando os diversos graus na evolução de cada um.

59 — Todas aquelas escolas filosóficas apresentam soluções incompletas e insatisfatórias para os problemas humanos, morais e espirituais. Buscaremos, então a solução evangélica, a Lei de Vida Eterna, de redenção e de harmonia, para solvermos a questão.

Então, de início, verificamos que, nos Evangelhos, o Cristo mostra, claramente, dois planos — o da Terra e o de Deus.

Para a integração, no primeiro, recomenda obediência integral aos poderes constituídos, quando manda dar a César o que é de César. Esse espírito de submissão acentua-se em Paulo, quando aconselha:

> «pagar a todos o que lhes é devido; a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra». (Romanos, 13:7).

Ante essa evidente ordem natural, a criatura exerce e adquire direitos, gozando, na sua plenitude, das liberdades jurídicas, outorgadas e asseguradas pela lei dos homens.

60 — Mas, para integração definitiva em amplos planos, harmònicamente ajustados, é

forçoso alcançar a liberdade evangélica, ou seja a comunhão com Deus.

Jesus não fala em Caridade, mas em Amor. Muitos tradutores traduzem «caridade» por Amor. «Deus é Amor». (João, I, 4:7). A doutrina do Nazareno é expressão de Amor e de Vida. Ao lado do «não deveis julgar» encontra-se o

> «não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a recta justiça». (João, 7:24).

O Divino Rabi, revelando aos homens a doutrina do Pai (Deus), aponta o caminho, seguro de conquistar a liberdade:

> «Se *permanecerdes* na minha palavra sereis verdadeiramente meus discípulos»; e «conhecereis a verdade e a verdade vos livrará» ou «libertará», segundo alguns tradutores. João, 8:31-32).

Mas, o que é a Palavra do Senhor e o que é a Verdade, a que o Mestre se referia?

I — Jesus ensinou que a palavra dele é o conjunto de leis que transmitiu à humanidade. Ensinou, sim, o que ouviu do Pai, que «é verdadeiro». (João, 7:28). E o que foi que ouviu do Pai? O que ensinava, o que transmitia aos homens, como norma de conduta.

> «A palavra que acabais de ouvir não é minha, mas sim, do Pai, que me enviou». (João, 14:6).

A sua convicção, a sua crença no poder da palavra do Pai fôra tão grande, que chegou a afirmar, categórico:

> «Eu conheço o Pai, guardo-lhe a palavra». (João, 8:58).
>
> Mostrando-nos o «caminho», conduziu-nos à «verdade» e à «Vida». (João, 14:6).

Imitemos, portanto, o «Modelo e Guia», na conquista de nosso aperfeiçoamento moral. Guardemos a palavra, cujo espírito nos iluminará e orientará, permitindo que o Amor se realize entre os homens de boa vontade:

> «Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros». (João, 13:34-35).

A palavra de Deus é a doutrina que Jesus pregou, viveu e exemplificou.

II — Jesus silenciou diante de Pilatos, quando este lhe perguntou:

> «Que coisa é a verdade?». (João, 18:38).

Tinha Ele, no entanto, já ensinado o que é a Verdade, que «libertará». O Mestre, orando por seus discípulos, deprecou ao Pai:

> «Eu não peço que os tire do mundo, mas sim que os guarde do mal. Santifica-os para a Verdade. A Tua Palavra é a Verdade». (João, 17:17).

É condição, para o conhecimento da verdade, a permanência na palavra do Cristo, com fidelidade absoluta e no «amai-vos»:

> «Quem me ama guardará a minha palavra, meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele habitação». (João, 14:23-24).

Suprema esperança! Edificante consolo! Mas, para encontrar-se a morada santa, na mais perfeita comunhão, há um ciclo doloroso a vencer: «a morte eterna...»:

> «Se alguém guardar a minha palavra não verá a morte eternamente». (João, 8:51).
>
> «Se alguém guardar a minha palavra não provará a morte eternamente». (João, 8:52).

Sabe-se que o fenómeno «morte» é instantâneo, passageiro. Como pode ser visto e provado eternamente? Acreditamos que essa «morte» só poderá ser equiparada à «reencarnação», o que dará ao espírito a impressão de longa duração. (Conceito de eternidade). Isto ele pode «ver» e «provar» longamente, em várias vidas.

Se alguém tiver fidelidade, — permanência na palavra de Deus — alcançará a reforma interior, a sua edificação. Cresce no conhecimento de Deus, integra-se n'Ele, para realizar o milagre, (facto extraordinário), da comunhão indispensável à redenção do espírito. Nessa oportunidade, estará liberto de arestas e de imperfeições, que o escravizavam à Terra, que não será msai instrumento de provação. Verá um plano de regeneração, quando poderá repetir com o Cristo:

> «Eu conheço o Pai, guardo-lhe a palavra».

O Espírito, liberto do círculo das provas, da «morte eterna», amará o semelhante, estabelecendo o reinado do Rebanho Único, sob a direcção amorável do Bom-Pastor. Viverá a Lei-Maior:

> «E eu vos dou um novo mandamento, que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vós também mùtuamente vos ameis». (João, 13:34).

O homem evangelizado, que ama seu irmão (Vós todos sois irmãos, João), que exemplifica a palavra de Deus, que é por ele guardada, dispensará a tutela das liberdades do mundo, porque pertencerá à família da fraternidade universal, integrado, naturalmente, na ordem das coisas santas, onde o respeito, a obediência, a moral, o Amor imperam, determinando-o para o bem. Realizará a comunhão com Deus — Justiça e Paz. (Rom., 14:17). Encontra-se com Deus. E foi por essa razão que Paulo, o iluminado de Damasco, o Consolidador do Cristianismo, asseverou:

> «Ora, o Senhor é Espírito; e onde há o Espírito do Senhor, aí há Liberdade». (2, Cor., 3:18).

Reinará, nesse dia, a lei moral, que suplantará as demais. Haverá ordem, igualdade de tratamento, identidade de interesses, porque se realizará, na Terra, a Justiça, conducente à Paz, ao bem-estar social. Não haverá tiranos, nem precisará de sanções, pois onde reinar o Espírito do Senhor, haverá liberdade — que abre as portas do Amor e da Fraternidade, do Entendimento e da Concórdia. Realizar-se-á a libertação do ser, através do conhecimento da Verdade remissora, que transformará e livrará o homem, então discípulo efectivo do Senhor, até ao ciclo das provas e das múltiplas reencarnações.

A liberdade evangélica, realizada com Deus, na plenitude de seu Espírito entre os homens de boa vontade.

Enquanto a Terra estiver divorciada do Espírito do Senhor não haverá discípulos, a Verdade não será conhecida e não haverá liberdade, no sentido evangélico. Serão desconhecidas a Paz e a Justiça. E o homem continuará jungido à «morte eterna», escravo de suas imperfeições. Não haverá fraternidade, que permite a comunhão com Deus. Não se atingirá a liberdade evangélica, que, juntamente com a perseverança, salva a criatura para Deus e para a Vida:

> «O que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entra em juízo, pelo contrário já passou da Morte para a vida». (João, 5:24).

NOTA — Já tínhamos concluído este trabalho, quando lemos em «Manual de Direito Penal», do Prof. Lídio Machado Bandeira de Melo, catedrático de «Direito Penal» na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, o seguinte:

«O ponto de partida do estudo metódico do Direito Penal é o conceito de Liberdade Humana».

«O homem, com o uso de sua liberdade, valoriza ou desvaloriza a criação.E, por isso, direi, modificando uma fórmula de Berdiaeff: «Usar bem a sua liberdade (usar de sua liberdade para o bem) é o mais alto dos deveres humanos para com Deus. E é a essência integral do Cristianismo».

OBRAS CONSULTADAS

1) *Aristóteles* — «Ética a Nicómaco»; 2) *Aristóteles* — «A Política; 3) *Carlos Campos* — «Sociologia e Filosofia do Direito;) *Cossio* — «La Plenitud del Orden Jurídica»; 5) *Crosse* — «Filosofia della Prática»; 6) *Del Vecchio* — Filosofia de Direito»; 7) *Foillée* (Albert) — «Libertad y Determinismo»; 8) *Giole Solari* — «Filosofia del Derecho Privado (T. I.)»; 9) *Giovanni Gentile* — «Los Fundamentos de la Filosofia del Derecho»; 10) *Gustavo Le Bon* — «L'évolution de la matière»; (11) *Evangelhos* — «Novo Testamento»; 12) *Hegel* — «Filosofia del Derecho»; 13) *Icilio Vanni* — «Filosofia del Derecho»; 14) *João Arruda* — «Filosofia de Direito»; 15) *Jónatas Serrano* — «Filosofia de Direito», 16) *Johannes Hessen* — «Filosofia dos Valores»; 17) *Kant* — «Crítica da Razão Prática; 18) *Kant* — «Critique de la Razon Pure»; 19) *Kelsen* — «La Teoria Pura del Derecho»; 20) *M. Sanco Izquierdo* — «Princípios del Derecho Natural»; 21) *Moncada* — «Filosofia de Direito e do Estado»; 22) *Pietro Ubaldi* — «A Grande Síntese»; 23) *Pontes de Miranda* — «Democracia, Liberdade, Igualdade»; 24) *Paulo Nogueira Filho* — «Regime de Liberdade Social»; 25) *Radbruch* — «Filosofia de Direito»; 26) *Sebastián Soler* — «Ley, História y Libertad».

F I M

EX-SACERDOTE CATÓLICO FAZ DECLARAÇÃO DE FÉ ESPIRITA

(Do discurso proferido pelo ex-padre Professor Clemente Brünning, na Federação Espirita Catarinense)

CREIO no Espiritismo, porque me fala de Deus, procura a Deus e respeita a Deus, como Criador e Senhor dos seres e dos mundos.

Creio no Espiritismo, porque vive e exemplifica, de mil modos, a genuína Caridade, fora da qual não há salvação.

Creio no Espiritismo, porque professa a Lei da Reencarnação, de pleno acordo com a Natureza, a Razão e a Justiça Divina.

Creio no Espiritismo, porque vive empenhado em ensinar a sã Moral à Sociedade.

Creio no Espiritismo, porque representa um precioso Farol para todo o seu humano, tanto na vida de aquém-túmulo como na de além-túmulo.

Creio no Espiritismo, por ser Porta Aberta, Ponte de Ouro e Escada de Jacob para a Comunhão com as entidades espirituais.

Creio no Espiritismo, por me assegurar a Unidade da Vida, a Imortalidade da Alma humana, a verdadeira concepção do Universo e a Fraternidade Cósmica.

Creio no Espiritismo, por ser essencialmente humanitário, altruísta, benefiecente, educativo, moralizador e regenerador, unificando a criatura com o seu Criador.

Creio no Espiritismo, porque zela e resguarda, com infinito carinho, o bem-estar e a saúde corporal e espiritual de seus sequazes e, ainda, de numerosas outras pessoas, que, mau grado proibições expressas, o vêm consultar e pedir-lhe auxílios.

Creio no Espiritismo, por ser Árvore verdejante e rica em frutos evangélicos, em perfeita obediência aos incomparáveis ensinamentos de Jesus, o Cristo e Mestre dos mestres.

Creio no Espiritismo, porque, através dele, como Terceira Revelação que é, me fala o Espírito da Verdade, o Consolador prometido pelo Cristo de Deus, o qual se irradia por toda a Humanidade, ensinando-lhe toda a Verdade e toda a Justiça.

Creio no Espiritismo, porque, ao invés de se ocupar com críticas infrutíferas e deletérias, se empenha denodamente por viver os sacrossantos princípios e verdades do Evangelho, de que se tornou depositário autorizado, pela voz dos Espíritos, descidos de planos superiores para este fim.

Creio no Espiritismo, por não ser uma religião inçada de dogmas arbitrários e obsoletos, contrários a toda a evolução e progresso, mas, sim, o mais esplêndido Código de Leis Divinas e Naturais, baixado pelo próprio Deus para a vida do homem na Terra e no Espaço.

Creio no Espiritismo, porque sabe inspirar forças irresistíveis e immoredouras ao homem, à mulher e à criança, levando-os a suportar, com fé, esperança e amor, o pesado fardo, tecido de dores, enfermidades e trabalhos, originados, aliás, em grande parte, pelos próprios, em existências anteriores.

Creio no Espiritismo, por induzir, gradual e seguramente, os seus adeptos a absterem-se de todos os erros, vícios e paixões degradantes e embrutecedoras, como sejam: a ociosidade — mãe de todos os vícios —, a indolência, os abusos do jogo, do fumo e das bebidas, o orgulho, a vaidade, a ira, o ódio, a inveja, a vingança, o assassínio, o suicídio, a maledicência, a avareza, a cobiça, a intemperança, a imoralidade, a infidelidade conjugal, a desobediência aos pais e legítimos superiores, o roubo, etc.

Creio no Espiritismo, porque é penhor e garantia para melhor compreensão dos homens entre si, com relação aos gravíssimos problemas que, agora mais que nunca, nos afligem e para o estabelecimento de uma Humanidade mais espiritualizada.

Creio no Espiritismo, porque, para mim, estreitou, pelo menos lógica e intuitivamente, os laços afectuosos que me unem a todos aqueles que me são caros, conquanto invisíveis aos olhos físicos.

Creio no Espiritismo, porque é o sopro criador e o fogo purificador do Espírito de Verdade Integral, que renovará a face da Terra e fará da Humanidade uma só Família feliz e bendita, digna de figurar como um só elo luminoso, a sintonizar com outras tantas

EUTANASIA E SUICÍDIO

Por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

Para José Ingenieros, os consensientes da chamada morte piedosa, são pessoas que desejam suicidar-se e que não podem realizar esse desejo por si mesmas. Embora não sendo espirita, eis como em breves palavras traduziu, neste particular, o sociólogo e psiquiatra portenho, o pensamento dos espiritas. Evidentemente, o indivíduo que, presa de doença julgada incurável, ou torturado, no leito, por atrozes padecimentos, suplica a alguém que o mate para poupar-se a maiores aflições, sendo atendido, mais não faz do que praticar o suicídio. Consumá-lo-ia directamente caso tivesse ao alcance da mão um revólver ou um frasco de veneno. Eutanasia e suicídio são, portanto, sinónimos, e contra ambos se insurge, formalmente, o Espiritismo. Este nos ensina que a Terra é um mundo de expiações e provas, onde todos estamos em acerto de contas com a Justiça infalível, sentenciados à dor, que nos obriga a ressarcir um pretérito delituoso... Assim sendo, como não considerar uma insânia o acto de quem, voluntàriamente, se evade do cárcere da carne, se a ele será forçado, mais tarde, a voltar, com a culpa agravada, para cumprimento da pena? É muito para lamentar que os materialistas não saibam isto, e ao lado deles haja religiosos, alheios à realidade espiritual, prontos a cederem a desígnios funestos, quando mais acossados se vêem pelo sofrimento. Fácil, todavia, será perceber que toda a deserção significa pusilanimidade e covardia, e quem se proscreve do mundo pela eutanasia é bem o desertor que fugiu de uma luta por não ter a coragem precisa de enfrentá-la. Não importa que a ciência médica o tivesse desenganado. Os diagnósticos da medicina, tanto quanto os seus prognósticos, também falham! Havemos ainda de convir que comete crime de homicídio — por mais que se tenham em conta as atenuantes — quem quer que seja que, sponte sua, ou a pedido de doente sem esperança de cura, o mata, por suposta piedade... Haverá, porventura, um «direito de matar»? Nós, os espiritas, sustentamos que não. Temos, sim — para usarmos a expressão de um distinto magistrado brasileiro — temos o direito de viver e não o direito sobre a vida. O direito de tirá-la só Deus o tem, que no-la deu. A Eutanasia, contudo, é um tema profundo e controverso, pois ao lado dos que a condenam em nome dos mais altos princípios do direito, da filosofia e da moral, agrupam-se, numerosos, os que a defendem com muito ardor...

Humanidades semelhantes, existentes, por certo, no imenso Universo.

Concluindo a primeira parte de nossa meditação, proclamemos:

Felizes aqueles que, de coração, podem afirmar, quando necessário, que são espiritas crentes e praticantes, demonstrando-o em sua vida diária.

Feliz de quem, reconhecendo-se *Espírito, vive a Vida dos Espíritos*, de preferência à do animal irracional. Dirão muitos ser isto demasiado difícil, por muito ideal, para ser cumprido por simples terrígenas. E, no entanto, Jesus, que tão bem conhece a natureza humana, o diz absolutamente indispensável para se obter a Vida Eterna. Quem não se negar heroicamente a si mesmo não poderá entrar no Reino dos Céus. Abençoadas todas as pessoas que dominarem persistentemente sua natureza inferior, impondo-lhe o freio das virtudes e vivendo, desde já, na medida do possível, a vida dos Anjos, isto é, dos espíritos libertos das exigências degradantes da carne e de todas as inferioridades próprias da matéria.

Felizes os indivíduos que, em suas dificuldades e necessidades, antes de tudo, elevam a mente às puras regiões da Espiritualidade, donde vem toda a Luz, toda a Vida, toda a Força, todo o Auxílio.

PENSAMENTO

«Existe no homem uma força secreta que ele pode projectar a distância e por cujo intermédio se conseguem realizar certos actos fora das condições normais da preensão e do tacto».

WILLIAM CROOKES

O leitor terá já ouvido falar, alguma vez, nessa ciência misteriosa que se chama *Mentalismo?*

É provável que sim. Mas, decerto, jamais fez uma ideia exacta do que ela encerra em si, realmente.

Ora, o facto é que, examinando a base de todos os triunfos que surpreendem, sejam de dominação, de talento, ou de amor, encontrar-se-á sempre resplandescente a mesma palavra mágica.

O poder de um grande chefe, não consiste noutra coisa senão na força rádio-mental. A riqueza de um grande capitalista, não é mais do que o resultado da força rádio-mental! Os sucessos políticos, científicos, artísticos, ou psíquicos de um outro, força rádio-mental!

Todo aquele que possua esta força maravilhosa, será três vezes rei: rei da vontade que impõe, rei da chave que traz o êxito, rei da atracção irresistível.

— Mas (e é legítima a ambição) de que modo adquirir o conhecimento dessa força secreta, que influi tão poderosamente sobre a imaginação, desejo ou vontade de cada mente individual? — perguntará o pupilo que nos lê, ansioso por saber *como*, antes do *porquê*.

Faremos o possível por demonstrar, não por meio de teorias, que são as bolas de sabão que servem de brinquedo aos pelotiqueiros da ciência, mas fácil e correntiamente com a apresentação de um estudo experimental baseado na moderna síntese de grandes psiquistas (3) que dedicaram a vida inteira a este assunto.

★

Saibamos distinguir, em primeiro lugar, o verdadeiro significado deste termo novíssimo, que se chama *Mentalismo* e se define assim:

— A acção da força rádio-mental que se exerce sobre nós próprios e domina os outros corpos viventes ou inanimados.

É claro que sempre houve alguns tratadistas avançados que pregaram a sua teoria favorita; mas, apesar de todas as hipóteses terem variado e diferido de ano para ano, o certo é que os efeitos foram em geral os mesmos.

A nossa definição de Mentalismo inclui, por esse motivo, todos os fenómenos divulgados sob o dístico de Magnetismo Psíquico, Influência Telepática, Mesmerismo, Braidismo, Faquirismo, Fascinação, etc., os quais não são mais do que fases de uma energia oculta, intangível e omnipotente, que governa a alma e o corpo, e nós tentamos chamar, em última análise, *projecção do pensamento*.

Recearia, neste sentido, vir depreciar a inteligência dos que fizerem o favor de me ler, apresentando uma argumentação completa, que tivesse por fim demonstrar a evolução da força prodigiosa que existe, em estado latente, na maioria dos homens, e que só alguns raros conseguem desenvolver eficazmente.

As páginas da história estão repletas de inúmeros factos que atestam a dominante influência desse poder interno tão desconhecido, cujas leis imutáveis e concretas, se bem que tendo sido descobertas entre nós quase nos dias de Edison e Marconi, eram já quase discutidas em segredo pelos antigos magos da Caldeia e da Pérsia.

★

Poder-se-ia, agora, abordar o *mistério* da força rádio-mental.

Mas já todos sabem hoje (ou quase todos) que o pensamento não é sòmente uma força dinâmica, senão também uma coisa existente, tal como as outras coisas materiais, possìvelmente fotogrável segundo certos princípios e condições (2), e que a sua energia se transmite de cérebro a cérebro, em ondas vibratórias, que reproduzem pela *indução mentativa* a ideia ou emoção original.

W. W. Atkinson, o erudito ocultista e psicólogo, resumiu uma boa parte desta filosofia na seguinte tese: «Quando pensamos, emana de nós uma corrente etérea que, até certo ponto semelhante ao raio de

luz, penetra na alma das outras pessoas, e aí faz valer a sua influência, mesmo que os indivíduos se encontrem separados por grande distância. Um pensamento é projectado. Que se passará?

«Não vemos o pensamento, está claro, como não vemos os gases. Mas podemos percebê-lo em nós, verdade que tem sido atestada por avultado número de pessoas, ao passo que outro tanto não se poderá dizer das vibrações de um imã gigante, porque esse nenhuma influência exerce sobre o nosso organismo, apesar da sua capacidade de atrair um bloco de ferro com centenas de kilogramas.

«Com efeito, o mundo sempre acreditou, mais ou menos vagamente, na transmissão dos pensamentos e as descobertas científicas decentes não têm feito, pela maior parte, senão confirmar as suas convicções» (3).

Apesar de tudo, vemos ainda muitos sabichões letrados rirem-se *in loco* destas afirmações categóricas, do mesmo modo que alguns passadistas de renome pretendiam contestar a existência dos raios x e da telegrafia sem fios.

A negação, porém, não é resposta...

Quando se afirma que o pensamento que se elabora nas profundezas da massa cerebral pode agir conscientemente a distância e suscitar ideias ou sensações, há no fundo desta asserção um cunho evidente de verdade.

Alguns estudantes de ciências psíquicas possuem, de facto, a faculdade de volição telepática num grau quase vizinho do prodígio, e os resultados que têm obtido pareceriam incríveis para certos empíricos clássicos, cujas lucubrações não vão além das retortas de laboratório.

Ora, a explicação do fenómeno da projecção mental é um problema aliás simples, que tentaremos elucidar com alguns exemplos demonstrativos, mercê do estudo que fizemos da identidade na natureza humana.

Aqui estão dois indivíduos: A e B. O indivíduo A, pensando fortemente, mantém a imagem viva do seu pensamento, sendo o seu cérebro, por conseguinte, a sede de ondulações de sentido e raio determinados, que se propagam exteriormente.

O indivíduo B é afectado por elas em todo o seu organismo, ficando a sua mente a vibrar em uníssono com a de A, visto as células cerebrais de B estarem vibrando de harmonia com o mesmo raio de onda, o qual reproduzirá nele a mesma ideia.

É um facto idêntico ao que se dá, afinal, quando fazemos vibrar um diapasão diante das cordas distendidas de um piano: os sons do piano hão-de vibrar fatalmente e sempre com o diapasão, em virtude da tendência ao uníssono do mundo físico ou mental.

★

Faça-se a luz concretamente.

Se «pensar é uma acção divina», como explica algures Aristóteles, torna-se mister saber pensar (dominar o pensamento) para podermos assim dinamizá-lo por meio da vontade consciente.

Talvez julgueis possuir já em certo ponto essa faculdade mento das leis que regem o «eu» a condição sobremodo necessária para realizar toda e qualquer acção radiogénica.

«Aquele que ousa reconhecer o seu *eu*, pode esperar serenamente, porque o destino rápido ralizará os seus desejos» (5).

Não resistimos, todavia, à tentação de considerar nos exercícios que deve praticar o candidato à magia mental, e são os seguintes:

1.º *Governo de si próprio.*

Pelo PROFESSOR OCTÁVIO MARIALVA

2.º *Calma.*
3.º *Respiração profunda.*
4.º *Concentração.*
5.º *Positividade.*

requerida, por ser o conheci-

Dou esta explicação particularmente (note-se bem) ao leitor que se sentiu atraído para o lado esotérico da questão, isto é, para aquele que desejar conhecer melhor o seu verdadeiro ser interno, no intuito de penetrar alguns dos segredos do Silêncio.

... ...

Resta-nos saber o *modus faciendi* para a irradiação da força do pensamento.

Entrevistemos uma autoridade (6) no assunto:

— Quase toda a gente sonha com as delícias de comunicar com um amigo ausente, sem recorrer ao telefone, ao telégrafo ou ao correio. Julgam certas pessoas que lhes

bastará, para conseguir esse fim, um ligeiro esforço, e surpreendem-se quando nada conseguem na sua tentativa. É, no entanto, indispensável que se saiba pensar, antes de poder projectar o pensamento através do espaço. Os pensamentos fracos e vacilantes da maioria das pessoas não produzem senão ténues vibrações, que nascem e se esvaem na atmosfera a cada passo, sem originar nenhuma forma definida. Uma forma-pensamento deve ser nìtidamente recortada e de uma vitalidade sólida, se for destinada a ser lançada numa direcção definida e se dela se requer força suficiente para que determine reprodução idêntica a si própria.

Exemplificando...

Há dois métodos de transmissão do pensamento: um que se pode chamar físico e outro psíquico, ou seja, um, proveniente tanto do cérebro como do mental e o outro só do mental. Um pensamento pode ser engendrado pela consciência, produzir uma vibração no corpo astral e por último, nas moléculas mais densas do corpo físico; sob a acção destas vibrações cerebrais é afectado o éter físico e as ondas exteriorizam-se até que atingem um outro cérebro e aí determinam vibrações mais lentas. Mas este longo caminho não é indispensável. A consciência pode, quando produz vibrações no seu corpo mental, dirigir directamente essas vibrações sobre o corpo mental da consciência receptora, evitando assim o circuito que acabamos de descrever.

Examinemos o caso...

Existe no cérebro um pequeno órgão, a glândula pineal, cujas funções são desconhecidas dos fisiólogos e com as quais se não interessam os psicólogos ocidentais. É um órgão rudimentar na maioria dos indivíduos, mas que, longe de retrogradar, evolve, e cuja evolução é fácil de motivar a ponto de pôr este órgão em condições de desempenhar a sua função própria, a que, no futuro, desempenhará em todas as mentes. Esta glândula é o órgão da transmissão do pensamento, como o aparelho visual é o da visão e o auditivo da audição. Quem pensar assìduamente numa só ideia, concentrando nela uma atenção mantida, terá a consciência de uma ligeira comoção na glândula pineal. A vibração produziu-se no éter onde a glândula emerge e motivou uma ligeira corrente magnética, originando sensação de formigueiro nas moléculas densas.

E acontece que tal vibração no éter da glândula pineal determina ondas no ambiente, semelhantes a ondas de luz, se bem que mais pequenas e mais rápidas. Essas ondas propagam-se em todas as direcções pondo o éter em movimento, e produzem, por sua vez, outras no éter da glândula pineal de um outro cérebro para serem transmitidas daí ao corpo astral e mental, conquistando assim a consciência segundo a ordem regular.

★

Quer dizer tudo isto, que a vontade concentrada num pensamento é uma das virtualidades do dinamismo psíquico, por outros chamado fluido ou força rádio-mental, cuja intensidade biométrica se pode modernamente aferir pelo magnetoscópio de Rutter, pelo pêndulo de Briche e pelo estenómetro de Joire.

Trata-se, não resta dúvida, do mesmo *akasa* dos hindus, o *aor* dos hebreus, o *azoth* dos alquimistas, o *magnete* de Paracelso, o *od* de Reichembach, o *alcahest* de Van Helmont, o *meteter* de Myers, que tanto os clarividentes como os indivíduos magnetizados conseguem ver sob as formas mais variadas e colorações características, que sempre ultrapassaram os limites do cérebro humano.

Mediante esta energia psíquica induzida, todos os aparelhos nervosos podem comunicar entre si, dela vêm as previsões, por ela se produzem os fenómenos assombrosos de dupla vista, levitação, influência a distância, biconporeidade, morte aparente, crescimento rápido de plantas, etc., que eram até há pouco tempo o segundo segredo impenetrável dos faquires.

---

(1) Prentice Mulford, W. W. Atkinson, S. Mukeriji, La Mote Sage, Ramacháraca, T. Dumont, H. Hara, etc.

(2) Com.te Darget, *Photographies fluide-magnetiques.*

(3) Vid. *Mental Magic.*

(4) Guibert.

(5) H. Wilman.

(6) A. Besant. *Le Pouvoir de la Pensée.*

Obras de Pietro Ubaldi

Embora as obras de Pietro Ubaldi se encontrem esgotadas, temos as seguintes, que vendemos ao preço abaixo indicado:

Fragmentos de Pensamento e de Paixão (edição de luxo)	**150$00**
As Noúres (idem)	**140$00**

Vêm a caminho «A Grande Síntese», «As Grandes Mensagens», «Ascensões Humanas» e «Problemas do Futuro», que nos cederam, por especial deferência.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

MANIFESTAÇÃO EM VIDRO

O jornal *Forces Spirituelles*, de Outubro-Novembro de 1953, publicou uma notícia acerca de um fenómeno pouco vulgar e subscrita por Marot Thessen. Trata-se de um desenho representando uma congelação sobre vidro à temperatura de 12 graus em 8 de Fevereiro de 1953 e que ilustra esta página.

O desenho foi copiado ràpidamente por um confrade, antes que desaparecesse, por causa do calor do fogão. Na base da vidraça estava uma folha de papel seguro por duas obreias e não aderia completamente às vidraças.

Note-se a linha vertical a partir do papel, apesar deste não aderir completamente. À direita desta linha, vários raios em linha recta partem dum bloco uniforme de vidro e alargam-se até atingir a linha vertical, onde param nìtidamente. Outros parecem formar hastes ou folhas com belas cristalizações nas extremidades, cristalizações de finura extrema, com flores e que aquele confrade só pôde copiar muito imperfeitamente.

Ao centro, um jacto projectando-se em linha recta obliquada, alargando-se e terminando também por aglomerações de florinhas ou de formações semelhantes a flocos de fumo.

Por cima do jacto, novas formações como as de baixo e outro jacto colado à linha vertical, o qual se vai alargando, sem colidir com ela.

À esquerda desta última, vêem-se novos jactos, que partem da base ou dos lados, uns sem flores e outros com flores. E para remate de tudo isto, na parte superior, um jacto em arco, formando uma espécie de auréola aos dois desenhos.

Esta congelação muito bem ordenada em fundo uniformemente congelado e cuja formação nada tinha de semelhante com a que vemos habitualmente e que fazem lembrar folhas de carvalho, não existia nas outras vidraças que estavam também congeladas, mas sem flores. A vidraça contigua da mesma janela, onde havia papel idêntico, tinha congelação uniforme.

E o articulista acrescenta:

«Intrigado por esta formação de geada que se produziu exclusivamente na vidraça junto ao lugar onde costuma trabalhar, o nosso amigo submeteu o esboço à senhora

Congelação de vapor de água atribuída a uma entidade espiritual

L. P., que era a médium, através da qual se obteve o fenómeno. Eis o que ela recebeu, proveniente do seu espírito-guia:

«A cristalização fez-se pelo processo habitual (natural em física), mas a composição do desenho é obra de um espírito familiar que quis dar uma mensagem de amor. Não se trata de espírito-guia, mas de uma senhora falecida há pouco».

Como se vê, os amigos invisíveis estão presentes mais vezes do que julgamos e manifestam-se de mil modos diferentes.

UMA AVENTURA ESPANTOSA

A *Revista Internacional do Espiritismo* publicou a seguinte notícia:

«O Prof. Bertrand, de Paris, contou ao *Eclaireur de Nice* a história que segue:

Há dois anos passei as minhas férias em Interlaken, em companhia de minha mulher, uma filha e dois estudantes escoceses. Eu e estes dois últimos tentámos, com um guia, escalar o Titlis. Havíamos atingido Jochlestischer. Fatigado pela subida sentei-me numa rocha à beira de deslumbrante geleira, esperando o regresso dos meus dois companheiros, que continuavam a ascensão ao pico Titlis.

«Estava, pois, sentado, admirando a paisagem alpestre, quando, de repente, fui presa de mal-estar e me senti enregelado. Tirei um charuto e quis acendê-lo. De súbito, senti que meus braços se enrijaram. Não mais pude mover-me. Compreendi que fora atingido pela cãimbra e que morreria ali, se meus amigos, que já se encontravam distantes, não voltassem depressa.

«Todo o meu sangue afluia ao coração e senti que meus membros se entorpeciam, mas o espírito estava tranquilo. Repentinamente. sem perder o conhecimento, vi toda a paisagem e os meus companheiros a subir um trilho que não era usado e o guia que ficara para trás a devorar as provisões e a beber o vinho que lhes pertencia.

«Em seguida, meu olhar dirigiu-se para Brunnigpass, que ficava longe. Acolá vi rodar uma carruagem ocupada por minha mulher e filha. Onde iriam elas?

«Como meu espírito, que parecia separado do corpo, subisse sempre mais, notei com surpresa que me encontrava em baixo. Era, efectivamente, o corpo pálido e rígido do velho Bertrand que lá estava sentado à borda do rochedo. Seria possível que eu tivesse estado nesse envoltório?

«Durante o curso destes pensamentos, senti-me parado, como se

um fio me ligasse ainda às coisas da terra. E eu sentia que começava a descer aos saltos, para o meu corpo, sempre a descer com maior rapidez. Quando voltei a mim, novamente senti forte dor no coração. Abri os olhos e vi-me deitado no chão com o peito descoberto e os meus companheiros a friccionarem-me enèrgicamente com neve. Fui então assaltado por violenta cólera e disse-lhes, gaguejando:

— Porque me forçastes a voltar? Sentia-me tão bem!...

Censurei o guia por ter tomado o trilho desconhecido e por haver bebido, às escondidas, o vinho dos meus amigos. Este empalideceu e retirou-se apressadamente. No povoado que estava em baixo contou que andara às voltas com o diabo, que lhe dissera tudo o que fizera durante a escalada.

«Depois de breve repouso que me restituiu as forças, desci ao vale com o auxílio de meus companheiros. Em Interlaken encontrei uma carta de minha mulher, que dizia ter aproveitado o bom tempo para atravessar o Brünning e que me esperaria em Lucerna. A minha visão fora, portanto, confirmada.

«Dirigi-me a Lucerna, onde me reuni a minha mulher e filha. Tinha passado por uma aventura espantosa».

CONGRESSO ESPIRITA MINEIRO

Com amável dedicatória recebemos os Anais do 2.º Congresso Espirita Mineiro, realizado em Belo Horizonte, de 3 a 5 de Outubro de 1952, a que oportunamente nos referimos. Tivemos agora ensejo de ler as teses ali apresentadas e que nos impressionaram pela sua objectividade e grande alcance doutrinário. Eis o título desses trabalhos magníficos: «Criação de Educandários Espiritas»; «Directivas para a Unificação do Espiritismo em Minas Gerais»; «Criação de Alianças Municipais»; «Disseminação do Espiritismo na Mocidade e na Juventude»; «Criação de Núcleos Femininos nas Sociedades Espiritas»; «Disseminação do Espiritismo desde a Infância»; «O Espiritismo como Religião»; «Existência de Deus»; O Espiritismo, Religião do Cristo»; «Deus»; «O Perdão em Face da Lei de Causa e Efeito»; «Deus Existe?»; «Vidas Sucessivas»; «À Margem do Congresso» e «Projecto de Lei de Auxílio e Justificativa».

A Comissão encarregada de redigir e coordenar este importante volume compunha-se dos queridos confrades Camilo Rodrigues Chaves, Ademar Dias Duarte, Efigénio de Sales Vítor e Noraldino de Melo Castro, nosso redactor-correspondente em Belo Horizonte, cujo artigo «Concessão Evangélica da Liberdade», em publicação nesta revista, os leitores têm apreciado.

Estes amigos faziam parte da Comissão Organizadora do Congresso e desenvolveram extraordinária actividade de que resultou um êxito verdadeiramente singular.

O Congresso aprovou, além das teses mencionadas, a *Declaração de Princípios* que passamos a transcrever:

Os espíritos crêem:

I — Na existência de Deus, Inteligência e Causa Suprema de todas as coisas.

II — Na existência da alma, unida, durante a vida terrestre, ao corpo físico perecível, por um elemento intermediário chamado perispírito ou corpo etéreo.

III — Na imortalidade da alma, sua evolução contínua até à perfeição por estágios progressivos; sua reencarnação sucessiva em planos de vida correspondentes ao seu estado de adiantamento.

IV — Na responsabilidade individual e colectiva entre todos os seres, segundo a lei da causalidade.

V — Na comunicação dos vivos com os mortos péla mediunidade.

VI — Que, pelo conhecimento exacto de tais expressões e uma vida pautada nas mesmas, praticarão a verdadeira religião.

Aos nossos amigos de Minas Gerais apresentamos cumprimentos de inalterável simpatia. Que o Dr. Noraldino seja o intérprete deste sentimento junto dos confrades mineiros que terão sempre em *Estudos Psíquicos* um arauto à sua disposição.

APARIÇÃO NO LEITO MORTUÁRIO

A propósito das sessões que o nosso colaborador António Cardoso realizou no Centro E. Luz e Amor com a médium D. Maria Helena de Carvalho, que acaba de seguir para S. Paulo, e durante as quais, na opinião daquele confrade, se obtiveram simplesmente *fenómenos telemnésicos,* opinião de que discordamos, transcrevemos da *Revista Internacional do Espiritismo,* de Matão, o seguinte articulado do Rev.º Minot Savage:

«Numa cidade situada nos arrabaldes de Boston, estava moribunda uma menina de 9 anos e acabava de designar os objectos que queria deixar às suas amiguinhas, entre as quais uma da mesma idade chamada Jení.

Pouco depois, ao aproximar-se a hora da agonia, a moribunda começou a dizer que via em torno de si pessoas amigas que ia nomeando. Entre outras, disse ver o avô. Depois manifestou viva surpresa e dirigiu-se ao pai, exclamando:

«— Porque não me disse que a Jení tinha morrido? Está aqui, a minha Jení. Veio com os outros a receber-me.

«É de notar que a criança ignorava por completo o que se relacionava com a amiguinha, porque seus pais evitaram sempre falar-lhe a respeito, para evitar possíveis emoções que lhe poderíam ser funestas. Mas a Jeni já tinha morrido havia pouco.

«Tal o facto que contém um elemento de natureza não comum. Com efeito, se é possível supôr que a menina imaginasse que via os avós, não havia, contudo, razão alguma para supor que visse também Jení. A circunstância de lhe ter destinado alguma lembranças, a surpresa experimentada e as palavras que então pronunciou, demonstram que tudo isso é difícil de explicar pelas hipóteses normais».

A palavra *telemnesia* foi criada por Hyslop para designar o fenómeno, segundo o qual um passivo vai buscar elementos ao subconsciente de pessoas próximas ou afastadas. Isto é pura telepatia, que não exige a queda em transe. Além disso, se o passivo vasculha no subconsciente de outrem, deve trazer apenas elementos conhecidos de quem é objecto da pesquisa.

Como pode a telemnesia explicar o caso da menina moribunda com relacão à sua amiga Jení? E como poderá António Cardoso explicar o facto da médium D. Maria Helena de Carvalho rebuscar no subconsciente de um assistente coisas que ele inteiramente ignorava e que se relacionavam com o estado do seu vestuário?

Ter aversão a certos fenómenos ou procurar ignorá-los *a priori,* não é das melhores coisas na investigação psíquica. Quando há critério científico e desejo de atingir a verdade, embora relativa, devem-se abandonar apriorismos que só conseguem afastar o pesquisador do seu verdadeiro objectivo.

Dizemos isto a um companheiro que muito prezamos, para que ele medite nas directrizes que escolheu no seu trabalho. É preciso cuidado com *palavrões* metapsíquicos, às vezes tão arrevezados, que nem os próprios inventores sabem claramente o que significam...

Notas & Comentários

UM CASO DE POLIOMIELITE

Na sua edição de 25 de Abril de 1953, o Psychic News referiu-se a um caso de poliomielite tratado pelo grande curador Harry Edwards e pela sr.ª Burton, sua auxiliar, no salão da Câmara Municipal de Birmingham, sob os auspícios do Centro Espiritualista de Silver Street, King's Heat. Foi tão grande a surpresa da doente, que desmaiou. Pela primeira vez, após muitos anos, conseguiu mover o pé direito e o artelho, que se mantiveram sempre anquilosados.

Dirigindo-se aos espectadores, no princípio da sessão, Harry Edwards salientou que «sem o auxílio dos do Além», que trabalhavam por seu intermédio, nada poderia fazer.

Após esta demonstração, numerosas pessoas pediram tratamento e todos sentiram verdadeiros alívios.

Edwards frisou que sem auxílio do Além nada poderia fazer. As curas extraordinárias que tem feito em toda a Inglaterra e noutros países limítrofes, como Holanda e Dinamarca, chamaram a atenção de milhares de almas para o Espiritismo, que vai alargando a influência, apesar da guerra aberta que lhe movem.

IMPRESSÕES DIGITAIS

A revista Constância, de Buenos Aires, transcreveu de O Nosso, do Rio de Janeiro, o seguinte telegrama de Génova:

«As impressões digitais revelam a natureza da alma do indivíduo. Tal a conclusão a que chegou, depois de longos estudos, o criminologista genovês António Cánepa, de 25 anos, diplomado pelo Instituto de Ciências Aplicadas de Chicago.

«Segundo ele, é possível estabelecer com segurança e «a priori», pelo exame das impressões digitais, se um indivíduo é atreito ao roubo, ao assassino, ou se está atacado por loucura.

«Para comprovar a exactidão da sua teoria, o criminologista, quando esteve nos Estados Unidos, solicitou fichas de presos de uma penitenciária e indicou os assassinos e os ladrões.

«Certo número de impressões de guardas, que tinham sido misturadas com as outras, devolveu-as o sr. Cánepa, dizendo que não se tratava de pessoas criminosas. Nova experiência realizada numa penitenciária italiana deu os mesmos resultados».

Afinal, não há nada de novo debaixo do sol... Simplesmente, há coisas «ocultas» que a «ciência» não aceita, ou, se aceita, é com enorme dificuldade.

O NOVO LIVRO DE PAPINI

Segundo telegrama da Agência A. F. P., o novo livro de Giovani Papini, intitulado «O Diabo», despertou viva reacção nos meios do Vaticano.

«Frisam esses meios que a ideia, segundo a qual Deus, em sua misericórdia infinita, perdoará ao próprio Satã e acabará com o inferno, que é desenvolvida pelo autor, é inadmissível. Essa teoria, dizem eles, opõe-se à doutrina católica, que se baseia em textos do Evangelho e considera o inferno como eterno.

«Ao contrário do que pensavam alguns, logo depois do aparecimento da obra, é provável que Papini seja convidado a reconsiderar no que afirmou».

A ideia exposta pelo escritor italiano só em romance poderia ser ventilada e com vista a leitores de fraca inteligência ou de inteligência acomodatícia. De duas, uma: ou o inferno existe ou não existe. Se existe, Deus não pode reconsiderar na sua obra, derrogando hoje o que fez ontem e destruindo-lhe a própria eternidade. Se não existe (o inferno), para que gastar cera com ele?

Em nossa opinião, o inferno é uma ideia qualquer e coloca Deus em posição de inferioridade para com os homens. Se a pena é proporcional ao delito — e assim tem sido nos códigos terrenos — como poderia adaptar-se castigo eterno à simples falta temporária? Onde ficaria a omnisciência de Deus? Logo, aceitar a ideia de Inferno, tal como corre mundo em letra de forma, é admitir um Deus imperfeito, que não concebemos sob princípio algum. Deus é a perfeição das perfeições, a sabedoria das sabedorias, e não deseja a morte do ímpio, mas que ele se redima pelo seu esforço.

Achamos que Papini deveria empregar o tempo na consolidação da obra que encetou e não gastá-lo em coisas infantis, impróprias do seu estofo mental. A humanidade do século vinte tem direito a luz diferente.

O MUNDO MARCHA...

Em Montevideu, capital do Uruguai, fundou-se há pouco a «Sociedade Uruguaiana de Investigações Parapsicológicas», com sede na Rua Carlos Maria de Pena, 4.751, e de que fazem parte os seguintes intelectuais, como sócios fundadores: Dr. Martinez Visca, psiquiatra; Dr. Oreste Piandra, cardiólogo; Dr. Frederico Marchesi, professor de filosofia; Dr. Juan Zilio, professor de linguística; e Dr. Luigi Restelli, professor de psicologia.

Eis uma notícia auspiciosa para todos nós, que desejamos maior aproximação entre a ciência oficial e os fenómenos psíquicos. Desprezar o seu estudo ou mesmo descuidá-lo é delito grave cometido por aqueles que trabalham na orientação do homem.

O fim desta Sociedade é a pesquisa dos fenómenos paranormais, do ponto de vista estritamente científico e à margem de interpretações religiosas. Nem de outro modo se reuniriam individualidades mentalmente responsáveis. Só assim poderão chegar a conclusões verdadeiras. E nós, que aqui moureiamos há tantos anos como cavouqueiros de ideal sem mancha, aguardamos os trabalhos dos cientistas uruguaianos para os difundir em nossas colunas. Teremos nisso o maior prazer, mesmo que atinjam alvos diferentes. O Espiritismo deve estar sempre de acordo com a ciência, como disse Allan Kardec. De outra forma perderá o seu carácter dominante e inconfundível.

Noticiário

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

O Fundo de Beneficência (modalidade de livros espiritas) distribuiu os seguintes brindes pelos respectivos subscritores :

MÊS DE FEVEREIRO

«Obras Póstumas» — D. Maria Ilídia Armada, de Lisboa.

«Corpo e Espírito» — Isaac Oliveira Marques, de Viseu.

«O Que é o Espiritismo» — D. Urânia da Silva Jácome — Ponta Delgada.

«Manual do Dirigente das Sessões Espiritas» — D. Antónia Pontares de Lemos Rosário — Cidade da Beira, Moçambique.

MÊS DE MARÇO

«A Lei do Novo Pensamento» — Bartolomeu Bana Martins, de Manique do Intendente.

«O Que é o Espiritismo?» — Manuel Lopes Gonçalves, de Lisboa.

«Emmanuel» — João de Deus Santana da Fonseca, de Lisboa.

«Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita» — Manuel José Rodrigues, de Caldas da Rainha.

MÊS DE ABRIL

«Nos Umbrais do Além» — D. Carlota Valério da Silva, de Lisboa.

«Cientismo e Espiritismo» — D. Aurora Augusta Franco, de Lisboa.

«Crónicas de Além-Túmulo» — Lourenço Alves Ribeiro, de Lisboa.

«Pierino Gamba» — António dos Santos, da Hortinha, Alhandra.

D. MARIA HELENA DE CARVALHO

Em 18 de Abril último embarcou no «Louis Lumière», com destino a S. Paulo, a nossa irmã D. Maria Helena de Carvalho, médium de interessantes faculdades que tivemos ensejo de apreciar no Centro E. Luz e Amor, em sessões dirigidas pelo nosso confrade António Cardoso.

Desejando-lhe as maiores felicidades na sua nova vida, fazemos votos para que ela seja em terras de Além-mar um elo do Espiritismo luso-brasileiro.

«UM ESPÍRITO ATRAVÉS DO COSMOS»

Há 11 anos, o Prof. Leopoldo Machado recebeu os originais de um livro mediúnico para os ler e dizer se valeria a pena publicá-lo. Trata-se de «Um Espírito Através do Cosmos», obra atribuída ao espírito de António Castro Lopes e que descreve a vida em outros mundos percorridos por ele, à semelhança de André Luís. Lido o original, aquele nosso colaborador e amigo publicou o prefácio na *Revista Internacional do Espiritismo* em Fevereiro de 1944. Não calculava que o livro viesse a lume ,mas vai ser publicado pela *Editora Aurora*, do Rio de Janeiro. Deve estar pronto até fins de Maio e será mais uma óptima leitura. Aguardemo-lo.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JUNHO DE 1954

Grupo de Irradiação Mental

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Grupo «Irmão Rharmmurthi»

Todas as 2.as feiras, às 21,30, com a médium D. Maria da Glória.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as 6.as feiras, com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2 de Junho, 4.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 6, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua» com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

13, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 16, 4.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigida por António Cardoso.

Dia 20, Domingo, às 16 horas — Conferência por Fernando Alves Martins, intitulada «Estudos Práticos de Grafologia».

Dia 27, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 30, 4.ª feira, às 21,30 — Sessão do Gruo «Ernesto Bozzano», dirigida por António Cardoso.

Dia 4 de Julho, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

GRUPO DE PROTECÇÃO ÀS CRIANÇAS

Este Grupo destribuíu as seguintes roupas em Janeiro, Fevereiro e Março últimos, em bela manifestação de bem-fazer:

4 enxovais completos para recém-nascidos, com 6 fraldas, 2 camisas, 2 chambres, 2 cueiros, cobertor, colete, casaquinho, touca e meias.
2 casaquinhos de lã.
2 pares de meias de lã.
2 toucas de lã.
1 fato completo (vestido, combinação, cuecas, camisa e camisola).
1 camisola de lã.
1 par de calções de fazenda.
1 par de cuecas de flanela.
1 casaco de lã.
1 combinação de flanela.
1 vestido de lã.
1 casaco de lã.

20 escudos mensais a uma velhinha (60$00).

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Maio — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; D. Alice Moreira, de Lisboa, 25$00; Severo Moreira, de Lisboa, 25$00; M. Z. A. S., de Lisboa, 50$00; José Maria Pires, de Lisboa, 40$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Subscritores do Fundo de Beneficência «Livros Espiritas», 150$00. Total — 330$00.

Diversos para o Grupo de Protecção às Crianças em Março e Abril e entregue ao mesmo ..... 657$50

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
O Reino de eJsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Saber esperar, da **Redacção**; Versículos Evangélicos ou Sentimento Jurídico ?, pelo **Dr. Sérgio Vale**; Aquele Sonho !, por **Luís Patraquim**; 30 Anos de Actividade Espirita; A Vidência de Einstein Que o Mundo Desconhece; Nem Comércio de Perdões, Nem Céus de Fantasia, por **Luís de Barros Castro**; Conan Doyle e a Reencarnação, por **Deolindo Amorim**; Um Grande Médium, por **Alfredo Miguel**; Mussolini «Viu» o Seu Trágico Fim, por **Stephen Foster**; O Espiritismo no Brasil, por **Armando Ferretti**; Espiritismo e Loucura, por **Conrado Ferrari**; Efigénio de Sales Vitor, por **Noraldino de Melo Castro**; As Curas de Léon Alalouf, por **Jean Palaiseul**; Autómatos, por **Cyrilo Aleixo**; Festa de Caridade no Centro Espiritualista «Luz e Amor»; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

AS CURAS DE LÉON ALALOUF

(Ver pág. 183)

15.º ANO JUNHO DE 1954 N.º 6

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ✦ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1954 — N.º 6

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

SABER ESPERAR

A luta das ideias equaciona forças prodigiosas, activa a inteligência e desdobra o pensamento em proporções que não sabemos aquilatar. Nem mesmo os verdadeiros pensadores. A ideia é um mar-largo emocionante cheio de cambiantes e perspectivas. E à medida que navegamos, deixando para trás o «conhecido», sentimos crescer em nós o desejo de galgar a fronteira que nos separa de qualquer coisa a que estejamos ligados.

Os apóstolos olham em frente como as águias, sacrificam-se de boamente, convictos de poder mais alto a que obedecem e nada lhes modifica o panorama do seu mundo moral. Nem a lei dos homens, nem os hábitos sociais, nem a atmosfera mental dos contemporâneos. Cingidos ao ideal, certos de cumprir dever indeclinável, aí vão de velas pandas dispostos a vencer o perigo. O motejo não os abala, o murmúrio não os incomoda. Servem até de estímulo ao seu labor quotidiano, que aumenta sempre, por maior que seja o avanço. Muitos sucumbem a meio da jornada; outros, porém, lhes continuam o trabalho principiado. O ritmo da obra prossegue e as ideias voltam a agitar o espírito humano.

A Doutrina espirita adapta-se a este quadro com realidade espantosa. Acossada aqui e ali por várias gentes, mantém-se inalterável no seu objectivo regenerador. O desvirtuamento, a deturpação malévola, a guerra surda, a maquinação oculta, nada serve à modificação de adeptos que têm o condão de saber esperar a hora das realizações. Elas virão um dia, não importa quando. Entretanto, trabalhe-se como se fosse a última hora de vida, isto é, apele-se para tudo que possa cimentar o caminho a percorrer, a fim de que os passos sejam mais seguros.

Saber esperar é certeza de vencer. A impulsividade é boa em certos casos; mas só a constância permite consolidar o empreendimento.

O desânimo é sintoma de fraqueza e os espiritas devem ser fortes e animosos. Sabem o que os espera, sabem que se elevarão por esforço próprio e não deixarão que outros façam o que a eles compete.

A fase da conversão é dura para alguns que se encontram imbuídos de ideias antigas. Depois é que vem o apostolado. Então o homem transfigura-se, renova-se, sofre o banho lustral dos verdadeiros inspirados e não sofre temores.

Os prosélitos não contam. São rebanho amorfo e tão depressa estão à direita, como à esquerda. Seguem o jogo das conveniências. São como beatos falsos que batem no peito depois de bater no próximo. Esses não sabem esperar os tempos ou as circunstâncias. Com elas não conta a Doutrina. Com os adeptos, sim; com os adeptos é que se edificam os grandes monumentos morais e espirituais. Eles é que sabem esperar silenciosamente. Sofrem inclemências, zombarias, impropérios, mas a sua crença é inabalável, resiste às maiores provações da vida.

O Espiritismo é um ideal vivo que se alimenta de sacrifício, o sacrifício daqueles que viram a Luz e nunca mais voltaram às trevas. Assim alargará as fileiras, assim atrairá sequiosos e desiludidos de outros credos. E o mar será oceano destinado às rotas maravilhosas do progresso.

Esperando, ganharemos sabedoria e aumentaremos experiência. Os nossos actos serão mais sensatos, mais judiciosos, mais harmónicos. A doutrina lucrará com isso, porque resultará mais adequada à evolução da humanidade. Que importa que nos chamem loucos, se nós poderíamos diminuir a população dos manicómios que a medicina oficial não pode curar ?

Tenhamos consciência do nosso papel e continuemos a marchar direitos ao futuro, que a luz de um novo sol desponta no horizonte do mundo anquilosado.

VERSÍCULOS EVANGÉLICOS OU SENTIMENTO JURÍDICO?

Pelo DR. SÉRGIO VALE
(Correspondente em S. Paulo)

II

A nossa filosofia não exclui o espírito invisível, nem renega o corpo material, para se forrar à animalidade de que participamos: não é materialista, nem mística. Ausculta no homem a alma imortal, destinada a planos que lhe são apropriados e proporcionados, aonde irá viver graças à existência do seu veículo astral, e palpa-lhe a carne perecível e animal, estrutura de sua morfologia terrena. A organicidade subordina-se às leis planetárias; a espiritualidade transfere-se a planos de progressiva elevação, onde o peso específico é cada vez mais leve, e procede de acordo com as leis cósmicas.

Ensina-nos a biologia que os animais são todos necessàriamente egoístas e mais ou menos gregários. Por uma exigência inevitável: para sobreviverem. Por meio do egoísmo, realiza-se a defesa e a afirmação da vida; o instinto gregário funda-se na necessidade de protecção do que lhes pareça o *bem comum*. A vida pressupõe o egoísmo, o qual lhe fornece a energia para a defesa e para o ataque.

Sem a arma defensiva do egoísmo, o ser vivo não poderia evoluir, porque se destinaria inevitàvelmente à morte. Um ser vivo, de qualquer espécie, desapercebido do egoísmo, seria quase um nati-morto. O *primum vivere* é um imperativo biológico. Sem que apelasse para a biologia, Jhering definiu-o como «o *motor de toda a actividade social*». Não se podendo prescindir da função vital desse motor, cumpre se lhe conceda a liberdade de acção, contanto que «*ao trabalhar para alcançar os seus fins não recorra a meios proibidos*». As fronteiras naturais de um Ego confundem-se com as fronteiras naturais de outro Ego. Se o uso lícito e necessário do egoísmo lhe garante a vida e a sobrevivência, o instinto gregário lhe dá o remédio que impedirá «os meios proibidos». Cada egoísmo encontrará no egoísmo vizinho a inspiração e a experiência para traçar no seu *modus vivendi*. Se não houvesse atrito, não haveria selecção, nem evolução. Se a ausência do egoísmo acarreta a morte, por omissão, o desprezo pelo egoísmo alheio também o faz, por comissão.

Como os rios, o Direito jamais caminha em linha recta, sem curvas, sem rodeios, sem cachoeiras, sem inundações. Mas caminha sempre para terminar um dia numa «*lei natural*», a que Spencer chamou «*regra de conduta suprema, invariável, obrigatória para todos os homens*». A evolução parte do indefinido para o definido, pois a noção da igualdade e da justiça não pode nascer senão gradualmente. «Se a história universal houvesse de reproduzir-se mais cem vezes, opina Jhering, outras tantas a humanidade viria, como em nossos dias, a parar no Direito». Este facilita a nossa adaptação no planeta; sua inviolabilidade faculta-nos a segurança, a paz, a prosperidade; sem ele, na vigência do despotismo, o homem deixa de ser uma criatura digna e livre para se transformar em escravo, servil e amoral. A regra de generalização de Kant inspira sempre qualquer sociedade que pretenda organizar-se e sobreviver aqui na vida planetária, onde estagiamos presentemente: «*age de tal modo que o teu procedimento possa servir de norma universal*». Do atrito do egoísmo contra o egoísmo, na vida gregária, da qual o animal homem não pode desertar, nasce a *lei* «conjunto de condições de vida de sociedade, garantidas pela *coacção*», ou «coligação das pessoas inteligentes e previdentes contra aqueles que nada sabem prever».

Acontcerá, então, que os reclamos da biologia, as admoestações da sociologia, os fundamentos da observação quotidiana, as provas da experiência reiterada se integram unitária e harmònicamente nos imperativos da Vontade Divina e na universalidade das leis morais. As normas que presidem aos instintos puramente biológicos (egoísmo) nos conduzirão, em sucessão lógica de causas e efeitos, ao altruísmo (igualdade), à justiça (equidade), à moral (ordem) e ao Amor Universal (DEUS).

Negar o Direito, desprezar o Direito, como

o insinuam alguns místicos, na sua ânsia utópica de queimar as etapas evolutivas que nos levarão *progressivamente* (como Deus o preferiu!) à maturação biológica da espécie, à equidade, à ordem, à dignidade humana, é ignorada e sancionada pela vontade comum em benefício do bem comum, é, *aqui neste planeta*, a única garantia de evolução, de paz, de felicidade relativa, de formação de caracteres e de florescimento da moral. As revelações divinas, das quais a luz do cristianismo foi a mais autêntica de todas, não substituem — leia-se a história religiosa destes últimos 2.000 anos — o trabalho educativo árduo e penoso da evolução, uma vez que Deus não nos impõe a verdade, mas nos deixa a liberdade e a responsabilidade. Se é verdade que os anjos cairam do poder e da glória, apesar de nascidos perfeitos das mãos de Deus, conforme nos conta a teologia católica, o nosso Pai está experimentando, agora, outro processo de criação através do sofrimento e da morte...

Quando o Cristo doutrinou — «*dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*», discriminou os dois planos em que se subdivide a nossa actividade: o respeito às leis humanas que estabelecem o equilíbrio entre o positivo e o negativo, entre a acção e a reacção dos egoísmos, coagindo a «*criminalidade intrínseca da agressão*» (Spencer) e possibilitando a evolução entre os dois factores antitéticos da liberdade e da responsabilidade, salvaguardando cada vez mais o bem comum; e a outra actividade, a que a religiosidade instintiva (Jung), auxiliada pelas revelações periódicas e progressivas, nos orienta para Deus, que se aproxima do nosso intelecto e do nosso coração.

Todo o procedimento é uma experiência. Quando o homem erra, corrige-se, mais cedo ou mais tarde. Viver inteligentemente é viver bem adaptado ao mundo, mas com os olhos em Deus. Serão eliminadas todas as causas que no-lo impeçam. Sem acção, certa ou errada, não pode haver evolução. Todos os seres que agem visam um fim. O homem caminhará na terra entre o prazer e a dor até realizar o ideal da perfeição.

O indivíduo, como unidade social, é livre, como o é a célula integrada no organismo físico: é livre para cumprir o seu dever. Mas não pode gozar da liberdade absoluta de dispor da sua propriedade, dos seus filhos, nem da sua dignidade, porque o seu interesse há-de sempre coincidir com o da sociedade em que vive. O Direito tem função educativa e social: é uma protecção ao bem comum. Não podemos abrir mão dele, assim como não se admite, perante as leis biológicas, que uma célula trabalhe, exorbite, sem consideração e respeito pelo organismo em que vive e de que depende. A lei da igualdade é indispensável a qualquer comunidade; sê-lo-á cada vez mais; não subsistirá nenhuma associação, nenhuma vida gregária, sem a obediência a leis, quaisquer que sejam. O homem livre adaptar-se-á à vida nacional e à vida internacional, assim como os animais se organizaram pelo instinto e pela experiência. Os seus sentimentos e os seus ideais amoldar-se-ão, por bem ou por mal, ao novo estado social, que há-de ser o da paz. A lei natural tem o mérito de ser, ao mesmo tempo, um imperativo moral a que chega o homem pela experiência ou por uma intuição vinda do Alto.

Amenizemos um pouco a nossa tese com a citação oportuna da experiência simulada, em que se empenhou um jesuíta, e da qual nos forneceu o protocolo para averiguações.

Lemos, com sumo prazer, os livros do padre americano Fulton Sheen, vasados em estilo vivo, espirituoso, agradabilíssimo, livros nos quais versa temas filosóficos, sociológicos, religiosos. Quase sempre concordamos com as suas soluções, pois via de regra ele as fundamenta com a mais alta espiritualidade. E a vera espiritualidade é comum a todos os espiritualismos.

De uma feita, em o *Problema da Liberdade*, associou, indevidamente, a nosso ver, a caridade com a justiça, nas medidas que propôs para a manutenção da paz social. E ilustra a sua ideia com a história de dois monges, que vamos reproduzir, com a devida licença:

«Um deles — diz o padre sociólogo — tentava explicar aos demais como, no debate sobre a propriedade, surgiram discórdias nos países capitalistas e as proscrições na Rússia soviética e em outros domínios fascistas.

Um dos monges pôs a mão sobre uma pedra e disse: «*Esta pedra é minha*». O outro, cheio do espírito da caridade, concordou: «*Está bem, pode levá-la*». Ao que o primeiro replicou: «*Oh, não. Você deve dizer: é minha! pois assim podemos discutir sobre isso e ter o nosso conflito de classe*». Então, disse o segundo monge: «*É minha!*», e o primeiro respondeu: «*Está bem, pode levá-la*».

E terminou toda a contenda, diz o publicista, porque houve caridade. Percebe-se que, forte em teologia, o jesuíta Sheen não obe-

deceu às regras imparciais da ciência experimental. O observador não deve forçar as condições para forças as conclusões. Se eu juntar num só continente açúcar, melado e rapadura, está claro que predeterminarei o aparecimento de um corpo adocicado. A experiência torna-se desnecessária, porque não prova nada.

É óbvio que, em havendo amor e caridade, voto de renúncia, ausência de família, não poderá haver atrito. Ao contrário, haverá outro tipo de competição entre os concorrentes, cada qual querendo mostrar-se mais perfeito. Foi o que aconteceu com os dois monges.

A questão social articula-se, a cada momento, em ambiente de luta, de choque de interesses, nesta escola e penitenciária do mundo. Não pode depender da caridade e do amor, porque tais virtudes são voluntárias e não se decretam: só as possui quem as possui. O homem saudável e hígido não exigirá saúde dos que se acham enfermos; andam estes, aliás, à procura do remédio... Se fôssemos esperar que os sofredores e os famintos se santificassem para usar a caridade nas suas relações sociais, jamais obteríamos a paz. O padre Sheen imaginou dois monges adultos, em pleno exercício do seu ministério, isto é, *imaginou uma situação já solucionada por si mesma,* pois as duas partes, tendo alcançado a espiritualidade e feito votos de pobreza e de desprendimento, sem encargos de família, não poderiam disputar entre si coisa alguma, afora a prática da virtude. Daí, o jogo de empurra, cada qual querendo mostrar-se mais perfeito.

Sheen não conseguiu a solução justa. Inventou um atrito impossível entre dois desprezadores ajuramentados da propriedade. Arquitectemos a situação diferentemente, comportando soluções imprevistas.

Dois sitiantes, igualmente pobres e trabalhadores, sobrecarregados de mulher e filhos, possuem justamente nos limites de suas propriedades territoriais, uma pedra (para conservarmos o mesmo pomo de discórdia...), uma grande pedra que aflora da terra, recebendo no dorso nu o castigo do sol e dos temporais. Ambos os sitiantes precisam dela para construções, digamos, para alicerces de duas casas novas que desejam edificar, visando maior conforto para as suas respectivas famílias. Eis uma experiência rigorosamente científica.

Três atitudes poderiam tomar os dois lavradores:

Primeira: ambos se dizem proprietários da pedra e preparam as suas armas para impor uma solução arbitrária e violenta, ao gosto dos extremistas de todos os credos. Egoísmo contra egoísmo. Batem-se em verdadeiro duelo e caem ambos mortos. Os filhos varões dos dois lados continuarão a guerra...

Segunda: o sitiante *caridoso* cede à imposição do vizinho arbitrário, para não brigar.

Terceira: amigàvelmente, dentro do âmbito da Justiça, os dois vizinhos sentam-se sobre o dorso da pedra, acendem os seus cigarros de palha, descansam as suas enxadas e concordam em dinamitar a pedra, ficando cada um com metade dos destroços.

Qual das três soluções é a ideal, à luz da espiritualidade e da moral? A das armas, a da caridade ou a da Justiça? A justiça biológica, da qual é ardoroso partidário o nosso colega Silva Melo, daria razão ao que possuísse mais espingardas, mais pólvora e melhor pontaria — ao mais forte e menos escrupuloso. Assim agem o leão, o tigre, etc.

A caridade aplaudiria o que se deixou espoliar, premiando ao mesmo tempo as duas partes litigantes: ao vencido o título honorífico de cidadão boníssimo, talvez santo, e ao vencedor o *direito* de renovar amanhã o mesmo processo, acoroçoado pela impunidade.

Será possível que, ao cabo de alguns meses, com as forças de suas armas aumentadas dos bens alheios roubados, já tenha desfeito a linha divisória, senhoreando-se das terras vizinhas, das quais expulsaria o legítimo proprietário.

A solução equitativa, a solução educadora, a solução ideal seria a que apelasse exclusivamente para a balança da justiça. Fora disso, meus irmãos, não se resolve nenhum problema social definitivamente. Estaremos sempre ameaçados de conflitos, de guerras, de conflagrações.

Mas não caluniemos a biologia, cujos ensinamentos são bem diferentes daqueles que os materialistas nos querem insinuar. Ela adverte-nos sobre o que devêramos ser, socialmente, para desempeço do caminho da civilização. Admoesta-nos a impaciência, as revoluções intempestivas, a destruição radical do organismo político para fundi-lo ou vasá-lo em moldes novos, sem ligação com o passado, nem aproveitamento da experiência penosamente conquistada. Ensina-nos, com o exemplo de cada dia, que, para a conquista dos graus mais elevados e mais perfeitos da evolução, o ponto está em avan-

çar com moderação, conservando sempre intacto o núcleo primitivo, sobre o qual actuarão as reformas necessárias. Decepar membros, suprimir órgãos, criar funções sem correlação, não é melhorar nem progredir. É subverter as leis da vida, que são as mesmas em todo o planeta.

A justiça deflui naturalmente do reconhecimento da igualdade. Para Emerson, onde se observa diferenciação de funções, não se pode estabelecer uma hierarquia absoluta de valores; imaginou a situação seguinte, uma fábula em poucas palavras: «*Se eu não posso carregar florestas nas costas, declara o esquilo à montanha, você também não pode quebrar uma noz!*».

Sob o ponto de vista biológico, o ideal é o equilíbrio orgânico, a harmonia das funções, em suma, a saúde. Biològicamente considerado, o bem é o que benfaz a vida física; é uma noção empírica de cuja realidade e de cuja evidência nos informamos tantas vezes quantas nos dermos a experiências. Multipliquem-se as células, e tereis o órgão; coordenem-se os órgãos e alcançareis o aparelho; entrosem-se os aparelhos e obtereis o indivíduo; associem-se os indivíduos e organizareis o Estado. As leis que regem a vida celular — leis de igualdade, de equilíbrio e de harmonia — leis inexcedíveis de subordinação recíproca e de especificidade de funções, juntam-se em decretos nos órgãos; elaboram-se em estatutos nos aparelhos; organizam-se em códigos nos indivíduos; promulgam-se em constituições no organismo social.

Do microcosmo humano, do seu funcionamento perfeito, conquista de experiências multimilenárias, através da selecção das formas orgânicas, podemos tirar o modelo para a direcção da vida colectiva. E a desobediência a tais normas redundará em patologia ou em monstruosidades mais ou menos vivedouras, do organismo físico; em anarquia, desordem, revoluções ou ditaduras, no mundo social.

Todas as células do corpo humano, colaboradoras no êxito final da vida e da saúde, recebem nutrição e protecção, estímulo e prémio, nas matérias componentes do plasma e no oxigénio carreado pelo glóbulo vermelho. Há um óptimo de assistência, quando o trabalho de cada uma se multiplica, e um limiar comum para o exercício natural de suas funções. É tão bem proporcionada a cota alimentar ao trabalho realizado que, se superalimentarmos as células, postas no seu meio de cultura, pelo processo de Carrel; se lhes permitirmos uma alimentação excessiva, além das suas necessidades, ao invés de produzirem o trabalho que lhes é próprio, passam a multiplicar-se abundantemente. Entram em franca vadiagem, como os homens muito pletóricos de bens físicos e de bens materiais. As células do fígado, em situação semelhante, já não produzirão o glicogénio, uma das missões mais importantes de sua vida.

Não é preciso pertencer a esta ou àquela religião, à filosofia rubra ou à filosofia branca, à magia boa ou à má, para que cada um de nós verifique no mundo orgânico ou no mundo social muita hipertrofia, muita calosidade, muita banha desnecessária e até anti-estética, ao lado da anemia, da atrofia, da decomposição infantil, da devastação permanente da fome. Para maior infelicidade nossa, no organismo ou na sociedade costuma surgir a insidiosa célula cancerosa, que desobedece ao ritmo normal das leis biológicas para destruir tudo quanto represente trabalho construtivo do nosso organismo físico ou da nossa evolução espiritual.

As nossas células, variáveis em forma, em estrutura e em função, organizam-se em tecidos diferenciados, em orgãos de funções distintas, mas interdependentes e solidárias, em aparelhos complexos, que presidem a determinados sectores orgânicos, encontram correspondências surpreendentes, igualdades flagrantes, semelhanças perfeitas, identidades coincidentes com os milhões de seres humanos que constituem o arcabouço de uma nação policiada.

Do equilíbrio e da harmonia reinantes no organismo do ser vivo provém a saúde física e a saúde mental; da harmonia e do equilíbrio reinantes no organismo social provém a felicidade e a paz. Assim como todas as células do corpo humano são satisfeitas quanto às suas necessidades mínimas de nutrição e de defesa, graças ao concurso de órgãos a este fim destinados, os homens aglomerados em sociedades, em qualquer ponto da terra, não podem ser privados dos bens que lhes são indispensáveis à vida.

As células intrusas, as células cancerosas, os órgãos hipertrofiados, invasores das regiões alheias, as anomalias congénitas, as enfermidades, as monstruosidades, tudo quanto perturba e balburdia a vida colectiva do ser humano, sob o ponto de vista biológico, encontra similitudes no organismo social, quando, irracionalmente, desobedece às leis

morais e aos imperativos da justiça, baseada na igualdade relativa, ao tentar resolver os seus problemas.

Na constituição do ser humano, obra-prima da evolução morfológica, encontra o organismo político o modelo e o programa de acção de que auferirá a vida integral, a prosperidade, a harmonia e a paz, sem que se quebrem jamais, tanto no ser vivo como no corpo social, a interdependência, a correlação fisiológica, a subordinação recíproca de todos os órgãos.

Qualquer prevalência, qualquer egoísmo, qualquer açambarcamento degenera imediatamente em patologia ou revolução, e os dois organismos, adoecidos e sofredores, anarquizados ou transtornados, deperecem e morrem. Há perfeita entrosagem de forças em nosso maquinismo orgânico, modelo de respeito pela igualdade dentro da desigualdade, de reciprocidade de favores, de fraternidade e de liberdade. Há células, como há indivíduos, que se destinam, por natureza, a trabalhos de maior ou menor responsabilidade, de maior ou menor delicadeza. Essa diferenciação é necessária, essa desigualdade existirá sempre, por mais que tentemos eliminá-la com os recursos de que os povos esclarecidos vão lançando mãos: a imperiosidade da instrução gratuita em todos os seus graus, gratuita e seleccionadora; as oportunidades iguais oferecidas a todos os cidadãos; uma situação material de segurança mínima, quanto às necessidades primárias do ser vivo — alimentação, moradia, protecção à infância e à velhice, amparo na enfermidade. Enfim, assim como a célula, conforme a sua natureza, recebe a nutrição e a protecção, mercê da função de órgãos e de aparelhos especializados, que lhe pagam o salário correspondente ao seu trabalho fisiológico, assim o indivíduo, a unidade social, integrada no todo, isto é, na nacionalidade, deve ser assistido em todas as suas necessidades.

Uma classe privilegiada, dominadora, tirânica, abdominosa, é um órgão hipertrofiado que ultrapassou os seus naturais limites topográficos, e por isso comprime, congestiona, espolia os vizinhos, originando conflitos graves, revoltas profundas na vida social, tais as que, pela mesma razão, surgem no organismo animal.

Não caluniemos, pois, a biologia. A justiça dominante nos seus domínios é tecida de serenidade, de equilíbrio e de inteligência; é justiça modelar, aprendida através de lutas evolutivas multimilenárias, em obediência à vontade divina, que a tudo preside por meio de suas leis.

A igualdade dos seres humanos, igualdade nas necessidades, nas dores e nas alegrias, não nos pode obscurecer o princípio de que as funções várias em que se subdivide o trabalho e a vida subtendem e exigem órgãos diferentes. No corpo humano, a direcção, a presidência do sistema nervoso não pode ser desempenhada por outros sistemas vicariantes ou sucedâneos.

Enquanto a humanidade não se convencer de que o egoísmo primitivo e o instinto animal de que se deve despojar, se quiser sobreviver, são, agora, factores de auto-destruição; enquanto não se entrar da convicção de a ciência e a técnica sem o reinado da justiça acenderão fogueiras no mundo inteiro, com prejuízos cada vez mais generalizados e mais totais; enquanto o bruto se recusar a compreender a acção carbonizadora do fogo, dentro do qual mete a mão pesada de troglodita, automàticamente, em busca do equilíbrio inevitável, os pratos da balança oscilarão violentamente, mas a balança permanecerá no seu posto à espera do respeito à lei moral. Até quando esta loucura e este sofrimento? Até quando forem necessários...

(Continua)

AQUELE SONHO!

Por LUÍS PATRAQUIM

Ódio, inveja, dor... não existia!
Da terra, tão escura, longe estava...
E de paz, com doçura me falava,
Alguém de voz etérea, que dizia:

— Filho meu! Eis o Céu! Luz e magia!...
Fitei-o: de mãos postas. Ele orava...
E nos olhos azuis, ternos, brilhava
O Infinito! A Fé e a harmonia!

Quis andar e não pude!... Ali fiquei...
E extasiado e humilde me ajoelhei,
Perante o Salvador!... Era Jesus!

Minha alma, já remota, então chorava...
E a seus pés perdão lhe suplicava...
Cúmplices do horror de sua cruz...

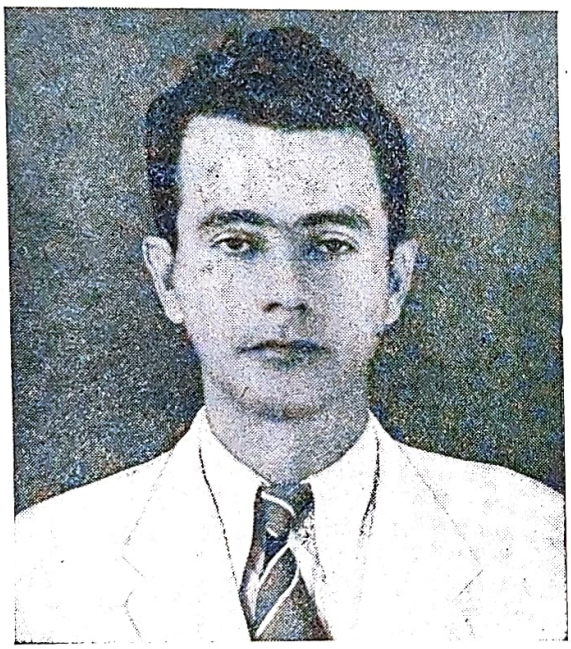
Lourenço Marques, Abril de 1954

30 Anos de Actividade Espirita

É com grande prazer que registamos nestas colunas o resumo biográfico do nosso representante em Maceió, sr. Jaime Xavier Silva, no momento em que as suas actividades completam 30 anos de intenso labor espirita.

POR ter ouvido falar em Espiritismo, em Maio de 1919, quando ainda não contava 13 anos, tornou-se um sincero e estudioso adepto da extraordinária Doutrina Espirita do codificador Allan Kardec.

Meses pouco depois daquela data, sua mãe convida-o para assistir a uma sessão experimental no Grupo Espirita «Santo Agostinho» (como era conhecido naquele tempo), em casa do confrade Pedro Vieira da Costa. Foi presidente do antigo Grupo Espirita «Amor e Graça»; fundou, com outros confrades, em 21 de Julho de 1928, o Grupo Espirita «Manuel António da Cruz» como secretário; foi presidente, vice-presidente, 1.º e 2.º secretário, tesoureiro e procurador em diversas directorias do Centro Espirita «Manuel Baptista», sendo, no momento, vice-presidente, reeleito; foi presidente, em duas eleições seguidas, do Grupo Espirita «Óscar Meneses de Mendonça»; secretariou a Sociedade Espirita «Discípulos de Jesus»; fez parte da directoria do Centro Espirita «William Crookes»; foi presidente, vice-presidente e secretário da então Confraternização Espirita de Alagoas, foi antigo representante do Jornal Espirita, do Rio Grande do Sul, Brasil, e da Revista de Espiritismo, de Lisboa. É, há quase 30 anos, representante do Reformador, que se edita no Rio de Janeiro, e foi delegado da «Liga Espirita do Brasil» e da Federação Espirita Portuguesa; representou vários jornais e revistas espiritas d'aquém e d'além mar. Foi um dos fundadores da antiga escola, hoje Grupo Escolar «Zaneli Caldas», em Setembro de 1938, e em 31 de Março deste ano ampliou-o para Ginásio «Zaneli Caldas» que funcionará no próximo ano de 1955. Foi co-fundador, em 1939, da Assistência aos Necessitados «Leopoldo Pereira». Em 1951, depois de uma luta renhida, viu a sua ideia concretizada na «Escola Fernando Montenegro», cujo prédio foi há pouco inaugurado e que comportará mais de 200 crianças pobres, junto ao Centro Espirita «Manuel Baptista» e é gratuita, como o Ginásio «Zaneli Caldas». Fez parte da Federação Espirita de Alagoas, onde é representante do Centro Espirita «José Eusébio», tendo na penúltima directoria ocupado o cargo de 3.º secretário. Em 3 de Outubro de 1953 tomou posse do cargo de Mentor da Mocidade Espirita «Noemi Lício Marques», como membro fundador. Em 20 de Março deste ano inaugurou na sua residência a Escola de Evangelização Espirita «Celina». É colaborador do jornal A Luz e tem colaborado em diversos órgãos da imprensa do país. Foi um dos felizes componentes das extraordinárias sessões de materialização, primeiro em casa do confrade Erasmo Porangaba, depois na Creche Modelo «Leopoldo Pereira» por mais de um ano (1952), tendo colaborado nas sessões experimentais levadas a efeito pelo confrade (já liberto da carne) Alípio do Nascimento Carvalho, no Centro Espirita Alagoano «Melo Maia». Tomou parte no Primeiro Congresso Espirita de Alagoas, em 1929, e no Segundo Congresso Espirita Nordestino, reunido em Maceió em 3 de Outubro de 1946. Foi por mais de uma vez componente da Directoria do Orfanato «São Domingos» e foi um dos convidados para a Primeira Concentração Espirita Brasileira, em Vitória, Estado do Espírito Santo, realizado de 5 a 8 de Setembro de 1953.



JAIME XAVIER SILVA
(nosso representante em Alagoas)

Como se vê, o confrade Jaime Xavier Silva tem desenvolvido extraordinária actividade e continua ainda a desenvolver, mercê do seu espírito combativo e amor à causa que defende.

Os nossos parabéns pelo seu trigésimo ano de actividades.

A VIDÊNCIA QUE O MUNDO

O maior sábio contemporânea, quando recebeu o prémio Nobel, despediu-se dele dando metade a sua primeira mulher e a outra a uma instituição de caridade. Ofereceram-lhe dezenas de automóveis das melhores marcas, mas nunca teve nenhum. Só queria uma casa para se albergar, alimentos simples para se manter e comboios de 3.ª classe para viajar. Não quer o ouropel das grandezas.

Antes da mais nada, a verdade é para ele o mais importante factor da vida, o único valor existente, quer se trate do universo cósmico ou material.

Eis um facto que demonstra a pouca importância que ele atribui ao dinheiro: Uma vez sua esposa Elsa pôs-lhe 2 dólares no bolso para que ele tivesse algum dinheiro em qualquer caso imprevisto. Dois anos depois, encontrou os dólares no mesmo sítio.

Raciocina sempre com lógica. Às vezes recebe tanta correspondência, que o porteiro vê-se obrigado a levar-lha em sacos. É de toda a espécie e vem de todas as partes do mundo. Julgam-no um oráculo público que têm o direito de comentar.

Logo que recebeu o prémio Nobel que lhe deram «pela sua contribuição à teoria da física e especialmente pelo descobrimento da lei do efeito fotoeléctrico», foi a Oslo, capital da Suécia, para receber as honras adicionais.

Era um dos dias mais importantes da sua carreira. A ciência mundial estava ali reunida e ele apresentou-se com um velho e gasto smoking. Então um amigo disse-lhe aparte:

— Não tens outro?

— Que inconveniente há nisto? — respondeu.

— Não é muito apropriado. Esta ocasião exige um traje de rigor.

— Não tenho nenhum.

E entrou no salão com joelheiras nas calças e os ombros do casaco enrugados. Mas, apesar do traje com quase dez anos de uso, os que assistiam à recepção viram a «surpreendente e notável expressão da grandeza, quando encarna num esqueleto humano».

De entre as recordações de infância, uma lembra com emoção: tinha quatro anos, e seu pai, que era electroquímico, ofereceu-lhe uma bússola. Uma bússola! Não admira que passasse horas inteiras com esse inventozinho que indicava o Norte.

Que mistério era esse? Porque é que aquela ponta de ferro marcava o Norte? Porquê?...

Ninguém pôde responder ao menino, nem ele sequer poderia imaginar que, cerca de quarenta anos depois, seria a bússola do mundo.

Tendo partido para Munique no ano anterior sem obter o diploma, não pôde ingressar na Academia sem prévio exame. Em Física e Matemática obteve classificações tão altas que os professores ficaram assombrados.

Aos 18 anos, com fervor inigualável, leu Darwin, Espinosa, Hume e Kant e tudo o que o levara a descobrir os princípios e as leis do universo.

Aos 21 anos, em 1900, completou o curso de Filosofia e Letras. Aos 24, com a serenidade da montanha, entrou na oficina da publicação científica «Annalen Der Physic», em Zurique, e colocou no gabinete do director trinta páginas do manuscrito que abarcavam o credo da teoria que mais tarde faria progredir a ideia da criação, dizendo com estranha simplicidade:

— Talvez o senhor tenha lugar para publicar isto.

«Isto» era o documento hoje famoso que se conhece como «teoria espacial da relatividade» e continha novos conceitos acerca da luz, do tempo e do espaço. Esta teoria minava as leis clássicas tradicionais e mecânicas que os homens de ciência haviam utilizado em seus cálculos e determinações dos fenómenos celestes de contracção do universo.

Atacava o fundamento dessas leis da forma mais radical e revolucionária que jamais homem algum atingira desde o princípio do mundo. Afirmava que a nossa visão da ciência é relativa, que julgomos mediante sentidos humanos que nada verificam com exactidão, quer objectiva, quer subjectivamente, e que tais leis eram fictícias e portanto deviam eliminar-se. Ao mesmo tempo apresentava uma nova teoria do universo baseada em dois postulados. Um, de simplicidade aterradora, em que dizia que o movimento é relativo. Nunca teríamos noção do movimento de um comboio que corresse suavemente a velocidade constante, a não ser que vissemos mover os objectos, olhando através de uma janela, e nunca poderíamos descobrir o movimento terrestre para a frente, se não vissemos os corpos celestes.

Atacava o princípio fundamental da Física e proclamava que a teoria tradicional da luz era insustentável. Sabendo

DE EINSTEIN DESCONHECE

qual era a massa do Sol e que curvatura do espaço a produziria, calculava quantos raios luminosos se desviariam ao passar por ela.

Newton dizia que os raios luminosos e outros corpos tendem a transmitir-se em linha recta; mas Einstein dizia que não podia existir linha recta no universo e que os raios luminosos que chegavam do Sol se desviariam, seguindo a curvatura do espaço na vizinhança solar.

Esta maravilhosa dedução do grande sábio foi confirmada pelos sábios do mundo, quando demonstrou a causa do movimento aparentemente errante do planeta Mercúrio.

Combateu a tendência da ciência para medir os corpos celestes com aparelhos terrestres. Negou resolutamente as teorias arcaicas do absoluto, do tempo, espaço e movimento e apresentou um conceito novo do tempo e do espaço.

Predisse a medida exacta do desvio da luz, em sua trajectória, de uma estrela distante para a Terra. Seguiu a órbita de Mercúrio no seu celeste errar com a única diferença de 43 segundos de arco (um arco é uma parte da circunferência de um círculo). Dizia ele:

— Tomai como exemplo a luz, que caminha à velocidade de 186.310 milhas por segundo. É razoável supor que poderemos aplicar a mesma unidade de medida que se utiliza na Terra para a enorme velocidade da luz, sem cair em erro?

Estas deduções permitiram-lhe encarar a inexplicável acção de Mercúrio, que sempre se atrasava no encontro com o Sol, apesar da teoria de Newton, e predisse com a sua misteriosa fórmula matemática o periélio de Mercúrio.

Demonstrou que a lei de Newton, ignorando a velocidade da luz, não era base correcta para medir o movimento de Mercúrio. Dizia que a gravidade é correlativa e dependia do lugar onde o objecto está fixo no espaço.

Destruiu uma lei respeitada e aceita durante três séculos; e quando a ciência sorria com cepticismo da «loucura» de Einstein, este disse:

— Querem comprovar o que digo? Observem o próximo eclipse solar.

Ergueram-se como um só homem para esclarecer o pleito.

Duas famosas e custosas expedições de sábios partiram em dois barcos, com toneladas de equipamento. Em 6 de Novembro de 1919, na reunião da Sociedade Real de Londres, o presidente John Thomson anunciou, de pé, em meio de impressionante silêncio, que as experiências e as comprovações realizadas davam razão a Einstein.

Quando lhe comunicaram a notícia, o maior dos sábios contemporâneos não experimentou prazer algum, facto este que levou um amigo presente a exclamar:

— É para mim um privilégio achar-me hoje aqui. Você deve ser um homem feliz. Nas suas mãos está a prova da sua teoria.

— A prova?... A prova?... — repetiu Einstein com ar confuso e interrogativo —. A prova?. . . Eles necessitam dela. Eu, não!

— Como chegou você à sua teoria? — perguntou-lhe o jornalista familiar e amigo em certa oportunidade propícia que tanto havia buscado.

— Foi através de uma visão.

Uma noite caira ele em desespero, verdadeiramente desalentado ante mistérios tão profundos, que nenhum argumento solucionava. Quando se cai nisso, nada nos serve, nem as horas de trabalho, nem os êxitos anteriores... nada. Desaparece toda a confiança. «É inútil — pensou ele —. Não chego a nenhum resultado. Com infinita precisão, com a sua unidade de volume e espessura, distância, tempo, espaço, o universo alinhou-se na mente de Einstein, peça por peça, como quebra-cabeças monolítico. E logo qual gigantesco troquel que imprime indelevelmente, um enorme mapa do universo se esboçou em visão nítida.

Então chegou a paz, a convicção, e uma serenidade omnipotente que nada poderá abalar, enquanto Einstein viver.

«Traduz em palavras a visão e escreve-a com clareza nas Tábuas, para que a possa interpretar quem as ler. Porque a visão é para o momento oportuno, mas finalmente falará sem mentir. Ainda que demore, espera-a, porque chegará com certeza. Não demorará!».

Sem dúvida, foi essa visão que o levou mais tarde a afirmar textualmente esta legenda diamantina que o revela como portador da palavra de Deus: «O homem encontra-se na Terra só para auxiliar o próximo».

(Fragmento da Vida de Einstein documentada pelo famoso jornalista russo Dimitre Marianoff e articulado por S. G.).

(Traduzido por I. D. S. do *Boletim Espiritista*, de Buenos Aires).

Conheço pessoas que se dizem espiritas, algumas com grande noção dos princípios que nos orientam e que revelam esses conhecimentos na mais simples conversação, mas que estão longe de os seguir pròpriamente em sua maneira pessoal de viver.

Quando descubro o contrassenso, fico mais penalizado, do que se encontrasse tal defeito em qualquer outra pessoa, que desconhece ou não concorda com a Doutrina que adoptamos. É que neste caso ela está implicitamente desculpada.

Não é de admirar que um católico, um protestante, um maometano, um budista, etc., fumem, bebam álcool, ou sejam famosos glutões, ou tenham quaisquer outros vícios, porque a religião que seguem não lhes proibe formalmente tais desmandos, embora recomende mais ou menos certa moderação. Aquele que me diz que não concorda connosco, parto do principio de que ou não estudou convenientemente a nossa salutar doutrina, não tem capacidade para assimilar, ou então prefere não concordar, por se sentir incapaz de seguir o rigorismo que ela impõe.

Quando encontro, porém,, alguém que concede que o Espiritismo é Doutrina ideal e o defende com entusiasmo, mas é incapaz de observar esse rigorismo tão útil sob todos os aspectos que é dominar os seus próprios vícios, é que fico surpreso e confundido com semelhante dislate. E tantos eu conheço, que não resistem a vícios condenáveis, tão prejudiciais e degradantes para o espírito!

Ver um *espirita* viciado no fumo, no café, pondo em primeiro plano com estulto entusiasmo o prazer sexual, ser tão ambicioso de dinheiro como qualquer avarento materialista, vê-lo enfim agarrado à vida terrena com tão arreigado interesse, que bem se vê estar disposto a poucos escrúpulos para conseguir quanto pretende, é de ficar desolado! E ver mulheres que conhecem a existência da alma, apreciam a nossa literatura, assistem a sessões espiritas, mas em casa continuam acendendo a lâmpada a santos todas as noites, vão a missas, faltam a deveres primordiais de mães e de esposas, fumam, vestem trajos masculinos, e têm língua tão maldizente, tão viperina, que causa calafrios?!

Em que conta têm essas pessoas o Espiritismo? De que lhes serve e que pretendem? Pobre gente! Que desorientação e que falta de senso! Se algum deles me ler, pare um momento e chore por si próprio, que bem digno é de pena o seu estado de espírito! Suspenda a leitura e olhe para si em rápido exame de consciência, que não lhe será fácil descobrir as consequências do procedimento errado que vem tendo e a degradação a que fatalmente chegará, se não suspender a marcha inconsiderada!

Mais vos vale abandonar o nosso grémio, porque seremos sempre intransigentes convosco.

O materialista, o ateu, o fanático, o crente do mais absurdo credo, está em grau superior a vós, pois tem a desculpá-lo a ignorância total de princípios salvadores. Tais atrasados são por certo protegidos e orientados por Forças Superiores, ao passo que vós apenas atraís forças inferiores — espíritos maléficos — que vos causarão, mais dia menos dia, grandes males. Vós bem sabeis que é assim; logo, tendes a responsabilidade do conhecimento. A consequência é um desencadeamento mais eficaz dessas entidades baixas, que passarão a fazer parte da vossa assistência, intuindo-vos cada vez mais para o mal. Assim, se começastes a fumar por brincadeira, ficai certos que passareis a fumar por vício; se faltastes uma vez ao vosso dever moral de correcto procedimento em tudo, não mais vos faltarão ocasiões de novamente esquecer a moralidade; se uma vez a voz do bom-senso abafastes, mais vezes o havereis de fazer, impelidos pelo precedente; se à consciência opondes o vosso egoísmo, o vosso desordenado desejo de gozo, ai de vós, que já não podereis parar no plano inclinado em que vos lançou o desequilíbrio de um primeiro passo dado em falso, por vossa culpa!

A vossa mentalidade se irá transformando insensível e gradualmente e nem sentireis o deslize que vos lançará num abismo horrível, donde tereis de sair, por vosso próprio esforço! Que trabalhos, que desespero, que desânimos vos aguardam, que titânicas lutas tereis de vencer para vos libertardes do enleamento urdido pelas forças do mal! Estas são gigantescas em seu poder e só quando vos tiverem reduzido à escravidão, tornando-vos tão maus e inferiores como elas, é que podereis ver, para vosso maior sofrimento, a profundidade do abismo em que caístes! E a LUZ a atraír-vos do alto, tão alto, que a julgareis de todo inacessível!

O Espiritismo é escola de perfeição moral, tendo, portanto, de colidir com todos aqueles que procedem contràriamente aos seus princípios.

Se ele não tivesse compensação para o rigorismo que impõe, compreendia-se que ninguém o seguisse, porque faltaria equilíbrio para o sacrifício que demanda. Mas tem e em larga e consoladora medida!

Disponde-vos a colher os bons resultados e exultareis de alegria como eu e tantos milhões de homens que o estudaram e agora são senhores de si e do seu destino! Não é a longo prazo que esses resultados se colhem, não. São prontos, são imediatos.

Lede os livros indicados para um bom esclarecimento e, conforme os postulados forem surgindo, tentai pô-los imediatamente em prática e a compensação do vosso novo procedimento será sequência natural. Espíritos Superiores logo estarão convosco, auxilando-vos na tentativa; e enquanto nela presistirdes, não vos abandonarão jámais.

Tende absoluta confiança nas afirmações, pois não demorará muito, que as vejais transformadas em realidades surpreendentes! Não encontrareis mistérios ou imposições que a razão condene.

Só há um caminho para aquele que teve a ventura de ser esclarecido: ou se segue o Espiritismo, ou se renuncia a ele. Só há uma atitude e esta tem de ser perfeitamente definida, para bem de vosso interesse.

O que renúnciar, deve fazê-lo escolhendo outro sistema filosófico, qualquer seita religiosa, outra doutrina orientadora de seu espírito, ainda que absurda e errada, à qual se entregue completamente, não misturando nenhuma destas coisas com o Espiritismo!

Este não tem paralelo, semelhança ou aproximação com tudo quanto existiu antes dele, ou existe ainda.

Muitas doutrinas absurdas que ainda predominam na Terra são res-

NEM COMÉRCIO DE PERDÕ

Por LUÍS DE

(Corresponde

tos de um passado de obscurantismo que lentamente há-de ir desaparecendo. Infelizmente, ainda são necessárias, dado que grande parte da Humanidade não poderia receber de repente toda a LUZ que o Espiritismo espalha a jorros. Ficaria ofuscada e confusa. A adaptação à luz tem que ser gradual, a fim de evitar a cegueira.

O Espiritismo não se presta a comércio de perdões, nem a céus de fantasia.

Aquele que cumpre os seus preceitos morais (não cerimónias, que as não tem), receberá infalìvelmente os seus benefícios, porque a eles tem direito.

Quem lhes fugir, terá também o castigo, sem possibilidade de a ele se esquivar, pois não lhe valerão, nem categoria, nem dinheiro!

Por compaixão, movidos pelo vosso desequilíbrio, é que vos aconselhamos a não esperar nada de nós, porque onde está a Verdade está o bom conselho, ainda que duro e amargo.

Cumpri vós próprios os mandamentos que conheceis, se não quereis incorrer em graves faltas.

Vós não tendes o direito de desacreditar uma Doutrina, com o contraste do vosso procedimento. Quem pode acreditar na sua virtude, se mostrais que ela não corrigiu vossos defeitos?

Se continuais a ser exaltados, intolerantes, injustos, odientos, maldizentes, egoistas, vingativos, invejosos, teimosos, maus para qualquer pessoa, cínicos, materialistas, gozadores, apaixonados, ciumentos, desanimados, viciados seja no que fôr, e além de tudo isto misturais Espiritismo com ritos e cerimoniais religiosos, de que vos serviu conhecer os argumentos irrefutáveis que condenam tais defeitos e as vantagens de vos libertardes de tão grandes aleijões da alma? Para pregar aos outros? Como podem eles crer-vos, vendo que a fraqueza de tais faltas existe em vós?

Onde está a vossa personalidade e o orgulho que devieis ter de a mostrar forte e bem vincada? É melhor não alardear ciência que em nada vos beneficiou, nem o vosso espírito fortaleceu.

A vossa doutrina não necessita da vossa propaganda, uma vez que a não dignificais pela correcção de acções e atitudes.

Todo aquele que se refestela nos prazeres baixos que a Terra proporciona revela que está satisfeito num mundo onde a imperfeição é manifesta. Essas pessoas, como que retardam o seu aperfeiçoamento espiritual durante milhares de anos. Parece exagerada a afirmação, mas tudo indica que tem de ser assim, porque está de acordo com as Leis da ascenção espiritual.

Só quem desconhece que o espírito sofre imenso, sujeito ao corpo físico, é que se pode considerar feliz, enquanto encarnado. É tão grande a inconsciência em que vivem, que nem sentem o peso que arrastam, como se estivessem habituados à tortura da grilheta.

Mas o desespero em que vive o espírito ultrapassa em muito, o sofrimento da carne!

Vós, que amais o mundo, sois como o inculto, que só se sente bem entre os ignorantes. Num ambiente superior sente-se deslocado. A Providência se encarregará de vos fazer abandonar o mundo que amais, precisamente na altura em que mais desejarieis nele permanecer.

Consideremos o planeta Terra, só como um ponto de apoio em que nossos pés têm de tocar, para dar o salto que nos levará ao nosso verdadeiro destino.

A vós, que, como eu, tivestes a felicidade de tomar contacto com a Doutrina, eu peço que não a considereis como simples passa-tempo, qual romance que prende a atenção, mas se esquece logo, ao voltar da última página.

Ficai certos de que a vossa mente está adormecida e que o Espiritismo veio sacudir-vos do marasmo em que tendes vivido, ou viveis. Acordai, irmãos, e deixai que os vossos olhos fiquem deslumbrados pela Luz que vos iluminará o caminho em direcção ao infinito, à liberdade, ao Supremo Bem — que é Deus — e vereis que júbilo sentirá vossa alma! Se estais no limiar da emancipação espiritual (suprema aspiração da alma humana), porque hesitais em transpor o último degrau? Lançai-vos confiadamente no banho de Luz regenerador e o sofrimento do vosso passado diluir-se-á na vossa memória.

Só o Espiritismo indica a superior maneira de viver, considerando de forma diferente as vulgares paixões que movimentam a maioria dos mortais. O «progresso» que se observa hoje em muitos lugares da Terra é indício aparente de civilização. Nas grandes cidades, o indivíduo é solicitado pelos desejos mais absurdos e, sob esta influência constante, o carácter se vai lenta e progressivamente mudando, de maneira que o homem vive sofrendo a maior parte da vida, dado que não pode ter quanto seus olhos cobiçam.

Só o espirita consegue alheiar-se de desejos desordenados, embora seja obrigado a ver diàriamente a opulência, tantas vezes ofensiva, dos poderosos senhores do Mundo! Só ele consegue ser virtuoso, embora obrigado a viver num ambiente em que o vício campeia soberano, regulamentado pela própria lei oficial! Só o espirita consegue obedecer à moral da honestidade, num meio em que a luta pelo dinheiro atropela todos os princípios e falseia todas as leis de justiça! Só o espirita pesa a palavra egoismo, num mundo em que os actos de altruismo são tão esporádicos, que se assinalam nos jornais com o relevo que se dá aos desastres invulgares. A preocupação pela vida do nosso semelhante, do nosso irmão, não deveria ser moeda corrente? Mas a moeda corrente é a exploração do homem pelo homem, ou a mais completa indiferença por aquele que se debate na negra e atroz miséria! Sim. Isso é que é moeda corrente e que raramente se põe em evidência!

O Espiritismo é a única doutrina que apresenta tudo isto à consciência e que falharia a si própria se transigisse com faltas de qualquer espécie. Dentro desta doutrina não há situações acomodatícias, nem se tolera a cínica precaução de estar de bem com Deus e com o diabo.

Quem a ela vier de coração limpo e de ideias puras encontrará alívio para todos os males, solução para todos os problemas de ordem moral e até material, saberá, enfim, a orientação que deve dar a seus passos, a finalidade da vida, acabando com as hesitações que primeiro o alanceavam e que ninguém lhe ajudava a solucionar satisfatòriamente.

É ciência que se basta e supera todas as outras, sem receio de desmentido.

Luanda, Março de 1954

ES, NEM CÉUS DE FANTASIA

ARROS CASTRO

e em Luanda)

CONAN DOYLE E A REENCARNAÇÃO

Por DEOLINDO AMORIM
(Correspondente no Rio de Janeiro)

CONAN Doyle (Artur) escreveu, como se sabe, dois bons livros sobre o Espiritismo: *O Espiritismo, sua história, sua Doutrina, seus Factos* e *A Nova Revelação*. Conquanto não tenha sido um reencarnacionista convicto, do porte de um Léon Denis ou de um Gabriel Delanne, não NEGOU própriamente a reencarnação. Quem no-lo demonstra é ele próprio, e no mesmo livro que serviu de base ao pastor Armando Ferreira para dizer que a tese reencarnacionista ainda não está afirmada. Note-se que Conan Doyle diz apenas que a reencarnação não é aceite pelos ingleses e que os seus compatriotas julgam a reencarnação uma hipótese, porque ainda não está provada. Com o prestar essas informações, o escritor não diz qual o seu pensamento, qual a sua opinião, na Inglaterra, sobre o assunto. Não se pode concluir daí que Conan Doyle tenha sido anti-reencarnacionista. Eis aqui, por exemplo, o que disse o apreciado escritor inglês sobre a ideia reencarnacionista em seu país:

> *Na Inglaterra os espiritas estão em desacordo a respeito do problema da reencarnação. Alguns crêem nela, outros não, sendo que a CRENÇA GERAL é que, não estando provada a dita doutrina, o melhor é excluí-la do Espiritismo activo.*

Temos aí apenas uma informação, aliás muito sabida, porque há muito tempo já se conhece o pensamento da maioria dos espiritualistas ingleses sobre a reencarnação. Conan Doyle, de si mesmo, não faz afirmação alguma nessa passagem. Pelo que está escrito nesse trecho, nada se pode dizer sobre a opinião particular do escritor, uma vez que ele, aí, nem afirma nem nega coisa alguma: diz simplesmente como pensam os ingleses sobre o assunto. Ninguém pode dizer que Conan Doyle tenha combatido a tese reencarnacionista, embora não tenha feito profissão de fé. Por sua vez, o mesmo escritor cita comentários de uma senhora, inglesa ou norte-americana (Ana Blackwell), que, tendo conhecido Allan Kardec pessoalmente, publicou informações muito interessantes sobre o codificador do Espiritismo na intimidade e demonstrou, até, muita admiração aos dotes de inteligência e bondade do codificador. A senhora Blackwell, citada na obra de Conan Doyle, quando se refere, porém, à reencarnação, diz apenas o que outros já disseram, isto é, que a mentalidade inglesa, diferente da mentalidade francesa, *se opõe admitir qualquer teoria sem que antes sejam comprovados os factos em que se funda*. Isto, como se vê, não passa de uma informação. Aliás, a mentalidade francesa, muito racionalista, muito lógica, não é tão simples como diz ou faz supor a senhora Blackwell. Deixemos este assunto, porém. Até aqui, nenhuma afirmação *contra* a tese reencarnacionista. A única opinião positiva, contra a reencarnação, é a de G. Howitt: *Se a reencarnação fosse um facto certo, ao invés de ser um facto recusável, haveria milhões de espiritas que, ao entrarem no outro mundo, buscariam em vão a seus parentes, filhos, amigos... Há chegado a nós outros alguma palavra de tal desdita nos milhares e milhares de comunicações espiritas? Jamais! De modo que ainda que fosse só por isso deveríamos declarar falso o dogma da reencarnação, como é o inferno, do qual surgiu.* Afinal de contas, que tem isto de lógico, de coerente?... Há, aqui, um amontoado de palavras e, no fundo, um disparate, porque Howitt compara a reencarnação com o dogma do inferno, quando a reencarnação é uma doutrina que destrói fundamentalmente o dogma do inferno. Nada, portanto, de apreciável, de firme contra a reencarnação. Outra citação contrária à tese reencarnacionista é a de Ema Britten, senhora de origem anglo-saxónica. Segundo essa senhora, milhares de espíritos protestam contra a reencarnação. Suas ideias estão bem de acordo com a mentalidade inglesa. Que disse ela, porém, de importante? Nada. Apenas isto: *milhares de seres (espíritos) protestam, no outro mundo, contra a reencarnação através de médiuns notáveis*: Isto, por si só, nada prova contra a reencarnação; o argumento não convence nem derruba as ideias já firmadas

em favor do princípio reencarnacionista. Todas essas observações foram extraídas da obra de Conan Doyle, mas é indispensável, agora, chegar ao ponto capital: a posição de Conan Doyle em face da reencarnação.

Como já vimos, o escritor inglês transcreveu diversas opiniões desfavoráveis à ideia reencarnacionista, mas o que nos resta saber é justamente o que ele próprio pensa da reencarnação, se endossa totalmente os conceitos transcritos em sua obra. É precisamente o que vamos examinar. Se, na realidade, Conan Doyle não se fez adepto absoluto da reencarnação, pelo menos aceitou esse princípio com alguma ressalva. Não negou, portanto, a tese reencarnacionista. Aqui estão palavras de Conan Doyle:

> *A reencarnação, parece, é um facto, mas não universal, necessàriamente. A respeito da ignorância em que, sobre este ponto, se acham os espíritos, nada há de estranho, posto que é coisa do futuro e se nós outros não vemos ainda claro acerca de nosso futuro, é possível que os espíritos tenham as mesmas limitações.*

Vê-se claramente que o escritor não é categórico ao tratar da reencarnação. Inclina-se para o princípio reencarnacionista com prudência, com alguma restrição, mas a verdade é que, apesar de inglês, apesar de dizer que no seu país há muita objecção a essa tese, ele próprio deixa transparecer, sem obscuridade, que admite a reencarnação. Embora não tenha tido muita preocupação com este problema, Conan Doyle *justificou* a reencarnação, e fê-lo em termos que não deixam a menor dúvida:

> *Quando nos perguntamos: onde estávamos antes de nascer?», só possível a resposta partindo da reencarnação, com largos intervalos de descanso do espírito entre uma e outra de nossas vidas terrenas, pois é inconcebível que tenhamos vivido por toda uma eternidade (1).*

É certo que o escritor não põe o problema em termos claros, tanto mais que a ideia de «descanso do espírito entre uma e outra de nossas vidas» não corresponde exactamente à concepção espirita da reencarnação. De qualquer forma, porém, está implícita, nesse passo, a ideia reencarnacionista. No mesmo trecho, Conan Doyle chega a dizer que *a existência posterior parece o postulado da anterior.* Que é isto, senão a reencarnação? Embora com as ressalvas de *parece, é possível,* etc. o escritor inglês não rejeitou a reencarnação. Basta dizer que, a certa altura da sua obra, também justificou o esquecimento do passado, que é um ponto básico da tese reencarnacionista, segundo o Espiritismo (2). Ora, quem escreve isto compreende muito bem a teoria da reencarnação à luz do Espiritismo:

> *tal recuerdo* (refere-se ao *esquecimento do passado) complicaria enormemente a nossa vida presente, y que aquellas existencias pueden muy bien formar um ciclo como un rosario de vidas ensartadas en una sola personalidad (3).*

O ponto de vista de Conan Doyle é o mesmo da doutrina espirita: a recordação ou lembrança do passado traria grandes dificuldades à existência actual, porque, longe de concorrer para a fraternidade e o progresso espiritual, reavivaria velhas lutas, velhos ódios oriundos de existências anteriores. Na mesma obra, tão citada como argumento forte contra a reencarnação, o escritor ainda vai mais longe, porque declara que as experiências hipnóticas do famoso experimentador francês, coronel Rochas *parece firmarem provas em favor da reencarnação.* Em suma, colocado sempre no terreno das possibilidades, Conan Doyle concluiu prudentemente: «conviria reservarmos a melhor acolhida à possibilidade da reencarnação».

Depois de tudo isto, podemos chegar naturalmente às seguintes conclusões:

a) apesar de não se ter declarado reencarnacionista integral, Conan Doyle não fez oposição a essa crença, mas chegou a admiti-la em linhas gerais, sem descer, todavia, a pormenores;

b) se, portanto, Conan Doyle *não negou* a reencarnação, mas apenas transmitiu algumas opiniões alheias, opostas a esse princípio filosófico do Espiritismo, não se pode tomar o pensamento desse escritor inglês como argumento contrário à reencarnação, porque ele próprio não sustentou tese alguma em desacordo com a ideia reencarnacionista.

É indispensável notar, finalmente, que tanto Conan Doyle como outros autores europeus não se preocuparam profundamente com a doutrina

UM GRANDE MÉDIUM

Por ALFREDO MIGUEL

Correspondente na Bahia

Chamam-lhe taumaturgo e celebram-lhe a santidade, mas um espírito de grande envergadura, um poderoso médium ao serviço do Bem, é o que ele foi. Mais de cinquenta factos havidos como «milagres» figuraram no processo da sua canonização. Foi vidente, audiente, curador, inspirado, profético; foi ainda médium de efeitos físicos, de materialização e de transporte. Uma das mais assinaladas manifestações da sua assombrosa mediunidade, é aquela da sua aparição em Lisboa, no mesmo momento em que pronunciava um sermão em Pádua, na Itália. Seu pai, acusado injustamente de cumplicidade num assassínio, ia ser decapitado. Recebendo intuição do ocorrido, Santo António de repente pára de falar, seu corpo se imobiliza, dando a impressão de ter mergulhado em sono... E surge em Lisboa, diante dos juízes, provando a inocência do seu pai e livrando-o do suplício. Reintegrando-se no seu veículo material, continua a prédica interrompida; aos fiéis pede desculpas pelo demorado intervalo e conta como conseguira salvar o progenitor.

Outro feito deste género ocorreu em Santo Afonso de Liguori, na manhã de 21 de Setembro de 1774. Após dizer missa em Arienzo, o prelado cai num deliquio, jazendo o seu corpo sobre um sofá até às 7 da manhã do dia imediato. Durante todo esse tempo estivera Afonso de Liguori assistindo aos últimos momentos do Papa Clemente XIV, que cerrou os olhos para sempre justamente àquela hora. Dizem que esse desdobramento do piedoso monge valeu-lhe a canonização antes do tempo prescrito.

Fenómenos são estes tidos por muitos como lendas, por não verem como os possam explicar as leis da matéria. Outros, afeitos à crença no maravilhoso, preferem aceitá-los à revelia de qualquer explicação plausível e os colocam sob a rubrica obsoleta de «milagres». Com este vocábulo medieval se tem insinuado que são sobrenaturais acontecimentos naturalíssimos, pois que nada existe fora ou acima da Natureza. Agora, porém, outra deve ser a linguagem ao ocuparem-se de factos transcendentais, depois que sábios dos mais reputados examinaram todos os aspectos do onímodo mediunismo. Aí está toda uma rica literatura, abundante nos relatos e interpretações dos fenómenos anímicos e espíritas, dentre os quais a exteriorização do nosso duplo ou corpo etéreo. Multiplicam-se os nomes de indivíduos que, sem serem «santos», entraram em êxtase e se mostraram simultâneamente em dois lugares, assim como de outros que possuiram os possuem os mesmos dons de Fernando de Bulhões, o festejado Santo António da agiografia católica. Os fenómenos de bilocação ou bicorporeidade são estudados exaustivamente por Ernesto Bozzano num longo capítulo do seu livro «Animismo ou Espiritismo?» *e por outros autores espiritualistas, todos concordes numa explicação científica e racional que afasta por completo a ideia de milagre. E como não havendo «milagres» não haverá «santos», é lícito ver no religioso português um médium poderoso e excepcional, como tantos que inscreveram os seus nomes na história do Espiritismo sem ambicionarem a glória dos altares.*

espírita, porque se interessaram apenas pelo fenómeno. O próprio livro histórico de Conan Doyle — «*O Espiritismo, suas Doutrinas, sua História e seus Factos*» — embora faça alusão à doutrina, não é uma obra doutrinária. A obra de Conan Doyle, como história de fenomenologia, desde Swedenborg, é notável, pode-se dizer, até, que é obra de citação obrigatória; mas não é um trabalho de interpretação filosófica. É mais expositivo, e, como livro de exposição, tem grande valor histórico. É natural, portanto, que Conan Doyle, preocupado apenas com o fenómeno, não tenha meditado a respeito da parte filosófica do Espiritismo. Com a grande guerra de 1914-18, porém, o escritor inglês tornou-se um tanto místico. Trataremos deste ponto no próximo artigo.

---

(1) CONAN DOYLE (Arturo) — *El Espiritismo, su história, su doctrina, sus hechos*, págs. 232-3. Tradução para o castelhano de E. Díaz Retg — Editorial «Shapire» — Buenos Aires.

(2) ALLAN KARDEC — *Livro dos Espíritos* — Parte II, cap. VII — Edição da Federação Espírita Brasileira.

(3) CONAN DOYLE — Obra citada.

(Continua)

MUSSOLINI «VIU» O SEU TRÁGICO FIM

Por STEPHEN FOSTER

Cansado de um dia de trabalho, sentei-me no refeitório entre muitos indivíduos que ganhavam a vida com o suor do rosto.

Que poderiam dizer da sua vida? Cáda um deles era, como eu, uma unidade desta vasta urbe.

Depois de jantar recolhi a casa num autocarro repleto de passageiros. Sentei-me, evoquei o passado e cogitei no dia de amanhã. Por fim adormeci; e no dia seguinte, quando acordei, dirigi-me ao aeroporto, a fim de me encontrar com um amigo. Ele já lá estava com o seu avião particular e por isso levantámos voo para um país cheio de sol. Pouco depois descemos e pousámos num aeródromo. Estávamos na Itália e os dois entrámos na maravilhosa casa do meu companheiro.

UM CASTELO ITALIANO

Ao fundo do aeroporto há extensos relvados e jardins, junto de um velho castelo. Por toda a parte se vêem guardas. É que o meu amigo esperava outro visitante, o chefe de um império que não acreditava na derrocada.

Alguns serviçais levam-me a bagagem e mostram-me os meus aposentos. Que grandeza! Eram próprios de reis ou milionários!

Após um banho em tina de mármore, troquei o fato por outro especial que tive de alugar em Londres e perambulei através desta mansão vastíssima cheia de obras de arte inestimáveis. Numa mesa havia dois vasos. Um deles, de Dresde, tinha o seguinte letreiro: «Há pessoas forradas de ouro, como este vaso». O outro era de barro, custara pouco dinheiro e tinha estes dizeres: «Só barro, mas perfumado pelo bálsamo do amor».

Agora dirigimo-nos à sala de jantar. Uma verdadeira refeição de deuses! Depois seguimos para o grande páteo à espera do segundo hóspede. Cerca de dez guardas a cavalo abrem alas, rodeando um grande automóvel, e alguns homens de brilhante uniforme parecem verdadeiros manequins. O meu amigo saudou-os e apresentou-me a ele. Sim, devia ser Mussolini, o chefe do Império Romano.

Que bagagem a sua!... Parecia ter mudado de casa, quando, afinal, vinha ali a passar três dias!

Tomámos chá à beira do lago e separámo-nos para nos reunirmos ao jantar.

A BOLA DE CRISTAL

Em seguida dirigimo-nos à Biblioteca, onde havia grande porção de livros. Por toda a parte Budas de pedra, de madeira, de ouro, prata, alguns tão antigos, que era impossível conhecer-lhes a idade. Ao centro, uma pequena mesa redonda com uma bola de cristal de 10 polegadas de diâmetro (25 centímetros) incrustada numa armadura de ouro. Disseram-me que tinha 3.000 anos!

Sentámo-nos os três a olhar para ela, à luz de um magnífico candelabro de cristal.

O meu amigo W. X. era um grande ocultista. Eu, pela minha parte, queria conhecer os profundos mistérios da vida. Mussolini, esse, conhecia tudo, excepto uma coisa: não sabia como vencer o medo.

Após alguns momentos, todos pudemos ver uma cena viva na bola de cristal. Grandes fileiras de montanhas e um aeroplano surgiram em forma de pintura e terminaram em labaredas ao lado da montanha.

CENAS DO PASSADO

Depois vi o rosto de um amigo. Uma semana depois tive conhecimento da sua morte num desastre de avião, precisamente no instante em que apareceu na bola de cristal.

Seguiram-se outras cenas, sucessivamente, de grandes estadistas antigos que haviam tido morte violenta, alguns deles vitimados pelos próprios guardas de suas cortes.

Por mais anos que viva, nunca esquecerei a cara de Mussolini. Ficou pálido e amedrontado. Percebi que tinha visto o seu fim, não muito distante, com todos os pormenores.

Depois apareceu novo quadro. Um grande vulto do passado à beira-mar a oferecer um navio cheio de galerianos.

No outro dia o meu amigo levou-me a uma doca próxima, onde tinha um dos melhores iates que o dinheiro pode comprar e a mão do homem pode construir. Ofereceu-o a Mussolini.

Quarenta e oito horas após o jantar dos três partimos para Roma, onde era esperado o homem-deus. Eu e o meu amigo fomos admirar as maravilhas de S. Pedro. Mussolini foi tratar dos negócios do Estado. Depois partimos novamente, para jantar, como na noite anterior.

Nem que eu fosse testa-coroado veria tantos guardas à minha volta, como quando passei através da multidão que esperava o chefe.

No terceiro e último dia passei o tempo no jardim e na livraria, até que o meu amigo me pediu que voltássemos à bola de cristal, pois o seu hóspede desejava concentrar-se nela antes de partir.

Novas cenas surgiram. Pude ver a minha própria casa desaparecer, com seus milhares de livros, trabalho de uma vida inteira. E a do meu amigo destruída pela guerra com todas as obras maravilhosas.

Apareceu também uma estranha cena de navios a naufragar e homens como Mussolini a lutar com guardas na rua.

Mais uma vez aquele cristal de 3.000 anos predisse o futuro. O meu amigo e Mussolini tinham visto o fim de suas vidas terrenas e nada podiam fazer para o evitar...

(Do *Psychic News* de 20-1-954)

Ler no próximo número «Um Médium-escultor», «A Quarta Dimensão», «Madame Fraya, médium de Reis e Príncipes» e «A Vida no Mundo dos Espíritos».

O ESPI

UMA VISI

FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO

Eram 9 horas da manhã de um belo dia carioca do mês de Julho, quando chegámos à Avenida Passos, 30, sede da Federação Espirita Brasileira, monumental instituição que centraliza toda a actividade do país irmão.

Na véspera haviamos recebido no hotel, o convite do Dr. Wantuil de Freitas, seu digno presidente, que, além de nos enviar cordiais e afectuosas saudações, nos prometia uma visita às dependências da instituição, a fim de podermos levar aos nossos compatriotas argentinos uma ideia da sua potencialidade e grandeza.

Acompanhados, como sempre, pelo nosso querido irmão e amigo sr. Silvio Romero de Morais Sobrinho, membro activo da Secretaria de Assuntos Infantis da Liga Espirita do Distrito Federal, chegámos à Federação, onde gentilmente nos recebeu o sr. Administrador Geral, que nos mostrou, uma a uma, todas as dependências, informando-nos sobre o movimento daquela colectividade. É realmente assombroso, primeiro, a grandiosidade de quanto ali se observa e, segundo, a ordem, a disciplina e o zelo com que todos os funcionários encaram e cumprem a sua tarefa.

Nada existe ali subordinado à vontade pessoal. Tudo caminha segundo inteligentes normas que se cristalizam em acção colectiva de interesse para o ideal. Desde o gabinete do presidente até à modesta porteira, em toda a parte se nota o mesmo ambiente de trabalho, de desinteresse material e de amor à Causa. Só assim se justifica o enorme progresso do Espiritismo no Brasil e o respeito e simpatia de que goza em todos os sectores da população, pois ninguém pode combater o que é eminentemente construtivo para a evolução e bem-estar da humanidade.

Em primeiro lugar nota-se a amplitude do edifício que, embora não seja de construção moderna, constitui um enorme solar de dois andares. As dependências adaptam-se às características da casa e têm um sem número de ambientes que preenchem todas as necessidades da Federação.

Tem um amplo salão de conferências com capacidade para 600 pessoas sentadas e 1800 de pé. Ali têm realizado magníficas conferências eminentes homens de ciências e de letras ligados à Doutrina.

A sua biblioteca pode considerar-se uma das mais completas do país e contém obras raríssimas, além das últimas novidades impressas em várias línguas.

Funciona todos os dias úteis e atende, não só a leitores espiritas, como a outros que desejam informações de vários ramos de ciência ou de arte. Para isso conta com 15.000 volumes, sendo 2761 espiritas.

A administração está a cargo do 3.º secretário, Paulo Oliveira Ludka, a quem se deve o excelente movimento da mesma e o lugar de relevo que ocupa entre as instituições culturais brasileiras.

Merece também a nossa atenção o departamento de «Assistência aos Necessitados», pela obra meritória que realiza e cuja direcção está entregue ao confrade Manuel Pereira Marques.

Diàriamente se atende a centenas de consultas por correspondência, nas quais se apresentam intrincados problemas de ordem espiritual, a que se procura dar solução com preces e conselhos adequados.

Além disso, há um consultório médico externo, perfeitamente instalado, a cargo do Prof. Dr. Luís Guillon Ribeiro, um dispensário atendido por bondosas irmãs, duas farmácias (uma alopática e outra homeopática), um consultório odontológico e um sector de subvenções a necessitados.

Passamos em seguida a uma das dependências mais simpáticas e de maior importância pela benemérita função que realiza dentro da obra espirita. Trata-se do Gabinete da Infância Espirita, *a cargo do Dr. Carlos Lomba e da Dr.ª Lenice Dias Campos.*

Enquadrar a infância nos sábios postulados do Espiritismo é construir um futuro promissor, é formar as gerações vindouras que hão-de salvar o mundo da crise espiritual que atravessa. É esse o objectivo

RITISMO NO BRASIL

'A À FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

Artigo de ARMANDO FERRETTI

deste departamento da Federação Espirita Brasileira, educando a infância nos sagrados princípios do Evangelho. Para isso dispõe de pessoal especializado, com modernos e eficazes métodos pedagógicos e o material didático necessário, como pudemos ver na aula a que assistimos, pois amàvelmente nos convidaram a presenciar a projecção de uma película colorida de carácter evangélico, relatada em forma de conto. As cenas eram de interesse para as crianças, que atentamente se concentravam na tela, no vivo desejo de não perder um pormenor. Ao mesmo tempo a mestra ampliava, com a sua explicação, alguns conceitos ambíguos, completando assim o ensino. No fim, os alunos resumiram o assunto com verdadeira precisão, o que nos levou a felicitar o Dr. Carlos Lomba pela eficácia do seu método e pela grande obra que realiza na formação das consciências de amanhã.

Depois levaram-nos ao gabinete da Juventude Espirita, cujo director e o jovem Nogueira Gama. A actividade que desenvolve esta juventude espirita no Brasil é tão grande e meritória, que não podemos pormenorizá-la nas estreitas linhas desta nota, e por isso deixaremos o seu comentário para outro artigo.

A sala de reuniões da Direcção da Federação é um vasto e confortável recinto onde periòdicamente deliberam os seus membros. Numa parede há vários retratos de directores desencarnados, entre eles o do Marechal das Forças Armadas Newton Quadros, que foi o primeiro presidente da Federação Espirita Brasileira. Também gostámos de ver dois belíssimos quadros mediúnicos que podem considerar-se verdadeiras obras de arte.

E terminámos a nossa visita a este sector, percorrendo o gabinete do presidente, a tesouraria, a administração, o consultório jurídico e outras dependências de menor valor. Faltava, porém, o mais importante: a imprensa, que funciona noutro edifício, dirigida pessoalmente pelo Dr. Freitas. Aproveitando o resto da manhã, tomámos um taxi e lá nos dirigimos.

Descubrir pormenorizadamente a magnificência e grandiosidade do estabelecimento seria também motivo de outra crónica. Consta de vários andares que se alargam cada vez mais com a aquisição de casas limítrofes. Dispõe de máquinas modernas que nada têm que invejar às dos grandes rolativos do país. Ali se imprimem todos os livros espiritas brasileiros. E as obras de Kardec editam-se sem benefício algum para a instituição, pelo que se consegue um preço sem concorrência, servindo-se deste modo a difusão e o conhecimento da Doutrina. Estas edições e as dos livros de Chico Xavier têm atingido cifras fabulosas.

Também se imprime nela uma colecção de livros de Esperanto, língua internacional criada por Zamenhof e cujo ensino na Federação está a cargo do professor Ismael Gomes Braga.

Por último referimo-nos ao órgão oficial da instituição: Reformador, *ali também editado e cujo inestimável valor informativo, literário e doutrinário merece um posto de honra na imprensa espirita brasileira. Acaba de fazer 71 anos de existência com a tiragem de 20.000 exemplares.*

Tal é a importância da Federação Espirita Brasileira que, pode dizer-se, exerce o decanato das suas congéneres sul-americanas. A maior parte do seu prestígio deve-se ao actual presidente Dr. Wantuil de Freitas, que tem sido reeleito para esse cargo.

A sua personalidade é muito conhecida dentro e fora do país. Intelectual de prestígio e espirita convicto, põe a serviço da Causa todo o seu valor moral e material. Fundou o Conselho Federativo Nacional, a que preside desde 1949. É director humano dos trabalhos do Grupo «Ismael» e autor de várias obras espiritas, entre elas a «Síntese do Novo Testamento». Mas o seu mérito principal foi a idealização e criação da mais gigantesca obra mundial de propaganda espirita: o Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira. Felicitamos, pois, o Dr. Freitas pela enorme contribuição que trouxe ao Espiritismo e formulamos os mais ardentes votos para que a protecção do Alto continui a iluminá-lo nesta grande cruzada de amor e aperfeiçoamento humano.

(De *Constancia*, de Buenos Aires)

É com o maior prazer que transcrevemos o artigo do nosso confrade argentino Armando Ferretti. As suas impressão vividas são palpitantes de verdade.

Em 1948 tivemos ensejo de publicar um amplo estudo acerca da Federação Espirita Brasileira, ilustrado com 10 gravuras sugestivas. Ali fizemos a história dessa extraordinária colectividade, cuja expansão se evidencia a cada instante, mercê do seu Departamento Editorial. Antes e depois dessa data, muitas notas escrevemos sobre as suas tarefas, entre as quais nos cumpre salientar a difusão das obras de Allan Kardec, o insigne codificador do Espiritismo. Fazemos, pois, nossas as palavras de Armando Ferretti. Seus votos são os nossos votos. Que o estandarte da Federação se estenda pelas terras do Cruzeiro e ilumine o povo irmão que daqui saudamos ardentemente.

ESPIRITISMO E LOUCURA

Alocução feita através da Rádio Itaí na "Hora Espirita" da Federação Espirita do Rio Grande do Sul

Festejado psiquiatra patrício, adversário do Espiritismo, escreveu há cerca de 20 anos uma obra que alcançou a repercussão por ele desejada, principalmente nos meios onde se combate a Doutrina dos Espíritos.

Tem aquela obra servido de argumento de quilate, até hoje, para o ataque ao Espiritismo; e, não obstante, foi ela baseada em observações colhidas em pesquisas apressadas, feitas levianamente pelo autor em centros que nada têm que ver com a nossa Doutrina e qua nada possuem de comum com ela, a não ser a mediunidade, dom que não é privilégio dos espiritas, mas que se encontra em todas as camadas sociais e em todas as latitudes do globo, desde os selvagens africanos aos super-civilizados europeus, desde as macumbas da Costa do Ouro ou do Brasil, aos laboratórios dos cientistas experimentadores da Alemanha, Inglaterra, Itália, Estados Unidos ou Austrália.

Depois de assistir sem método e sem nenhum critério científico a algumas reuniões de *candomblé* e congéneres, no Rio de Janeiro, concluíu que o Espiritismo é factor de loucura.

Se tais práticas pudessem ser comparadas ao Espiritismo, também nós concordaríamos que ele concorresse para encher os manicómios. É, porém, tão evidente que essas casas nada têm de espiritas, e o assunto já tem sido tão exaustivamente debatido, que não há ninguém de boa fé que hoje faça confusão.

Não há quem possa supor espirita o actual Sumo Pontífice Romano, Pio XII, e no entanto S. S. viu o falecido papa Pio X depois de morto e o ouviu falar-lhe, segundo descreve o autorizado e o ouviu falar-lhe, segundo descreve o *Almanaque de Santo António,* publicação portuguesa.

O fenómeno é absolutamente igual ao que se verifica com qualquer médium vidente nas sessões espiritas. Queremos, com isto, apenas certificar que a mediunidade surge em toda a parte, sem que ao homem seja possível criá-la ou evitá-la. Foi dela que nasceu o Espiritismo; não foi este o inventor da mediunidade.

Longe de ser a prática espirita factor de loucura, o que verifica toda a pessoa que, honestamente, sem interesses ocultos e sem espírito preconcebido, estude a Doutrina e a sua prática, é que ela concorre para criar no indivíduo alicerce de estabilidade, clima de serenidade, confiança, fé esclarecida, tranquilidade de mente e de consciência que só podem concorrer para o equilíbrio nervoso e mental.

Quem tenha confiança em si próprio, nos desígnios de Deus e no destino das criaturas, coloca-se por certo ao abrigo das lutas íntimas, dos receios e terrores que, estes sim, são causa de psicopatias.

Ensina o Espiritismo que na Criação não há mistérios, sobrenatural, privilégio de qualquer natureza; nada há que não possa ser desvendado e explicado, embora exista muita coisa que ainda desconhecemos; tudo obedece no plano espiritual a leis naturais e eternas, justas, imutáveis, tal como no plano físico. O Espiritismo não é esotérico; sendo, antes, o Consolador prometido por Jesus à Humanidade, é doutrina para doutos e para incultos.

Naturalmente que ninguém deve dedicar-se à prática do Espiritismo sem estudá-lo. Já nos primórdios da codificação, há um século, Allan Kardec, o médico, educador e filósofo francês, chamou a atenção, insistentemente, nas suas obras e na revista por ele fundade em Paris e ainda existente, para os perigos a que se expõe quem se aventure a tentar o intercâmbio com o mundo invisível, se prèviamente não se preparar.

Quem fizer experiências químicas sem estudar química, expor-se-á,, naturalmente, a graves riscos, e da mesma forma quem quiser dirigir aviões sem aprender o respectivo manejo. Idêntico é o perigo a que se expõe quem pratique Espiritismo sem o indispensável estudo. Nem por isto se condena a Química ou a Aeronáutica por perigosas. Condena-se sòmente o Espiritismo.

Há poucos anos surgiu nesta Capital, em virtude de um filme aqui exibido, verdadeira epidemia de sessões chamadas «do copo». Os órgãos dirigentes do Espiritismo e as organizações espiritas logo sairam a campo para alertar, pela rádio, pela imprensa e nas tribunas públicas, advertindo do perigo a que se expunham os que se entregavam a tais experiências sem prévio estudo.

O Espiritismo não se preocupa com o aumento numérico dos profitentes, mas com a qualidade deles. Prefere poucos esclarecidos e conscientes, combatendo por todas as formas o fanatismo e a ignorância.

Há psicopatias e neuroses produzidas por choques psíquicos violentos, terrores, grandes perdas, complexos, desvios sexuais, ideias de suicídio e outros. É o Espiritismo remédio poderoso contra esses males. O espirita, que o seja de facto, ja-

mais será vítima de qualquer deles, porque é esclarecido sobre as causas de todos os males que hoje nos afligem e a repercussão real, no futuro, dos desvios de hoje.

Nunca um espírita iria ao suicídio; ao contrário, o Espiritismo salvou milhares de pessoas desse desfecho, por todos os motivos condenável. A convicção na realidade das vidas sucessivas dá ao homem tal confiança na justiça divina, enche-o de coragem em tão grande dose, que só isto é capaz de livrá-lo daqueles males que, na verdade, são consequências de delitos praticados no pretérito do espírito.

É verdade que as estatísticas aparecidas em obras que combatem o Espiritismo apresentam como espíritas a indivíduos que se dizem tal, só porque recorreram a médiuns em busca de cura. Essas estatísticas, porém, são capciosas. Tais indivíduos, quando recorreram ao Espiritismo já eram enfermos e fizeram-no precisamente, procurando uma tábua de salvação; ou então classificam-se como espiritistas a indivíduos que nada têm com a nossa Doutrina, daquelas classes a que nos referimos no início desta exposição, principalmente os que se dedicam à magia negra.

A realidade, no entanto, é bem o inverso disto.

dico, podemos citar a de outro médico não menos ilustre, catedrático da Faculdade de Medicina de Recife, o professor Luís de Góis, publicada no *Jornal do Comércio*, da Capital da República, de 9 de Junho de 1939, que, desassombradamente, com a sua autoridade profissional e de mestre, assim se externa: «Pelo que se tem observado sobejamente, nego que a maioria, ou até a mínima parcela, dos alienados encerrados nos hospitais, devam seus males ao Espiritismo. Este cura as psicopatias, não as produz. É preciso, pois, pôr abaixo toda essa campanha que se vem desenvolvendo no Brasil, contra as actividades espíritas».

Para quem desejar um estudo honesto, desinteressado, sem preconceitos, encontram-se obras do mais alto valor científico, escritas por homens de reputação mundial, destacando-se dentre eles César Lombroso, o grande criminologista italiano, criador de uma escola; Russel Wallace, o grande naturalista inglês; Camilo Flammarion, o maior astrónomo do século XIX; *Sir* Oliver Lodge, membro proeminente da Sociedade Real de Londres e físico de projecção internacional; Alexandre Aksakoff, conselheiro de Estado na Rússia imperial e professor na Universidade de Leipsig; Frederico Myers, cientista inglês de

Por CONRADO FERRARI

PRESIDENTE DO HOSPITAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE

Nos sanatórios espíritas a maioria absoluta dos internados são profitentes de outras religiões. Se o Espiritismo fosse causador de loucura, esses sanatórios, naturalmente, ficariam superlotados pelos próprios espíritas. Conhecemos em funcionamento no Brasil oito sanatórios e hospitais espíritas do porte do existente nesta Capital. Ao preencherem as fichas de hospitalização, os responsáveis pelos doentes declaram a religião que professam. É óbvio que não ocultariam a sua qualidade de espírita, se realmente o fossem, mesmo na esperança de obterem atenções e vantagens especiais. Pois bem: na estatística do Sanatório de Uberada, no decénio de 1934 a 1944, aparecem estes dados: tratados, 1.352; declararam-se católicos romanos, 1.240; protestantes, 30; indiferentes, 43; *e espíritas*, 39; isto é, *apenas 3 % de espíritas* para 90 % de católicos, 2 % de protestantes e 4 % de indiferentes. Os registos dos demais hospitais espíritas, inclusivé o desta Capital, são idênticos. Mas não é apenas nos registos dos hospitais espíritas. O interessante livro «Têm razão?», do Dr. Inácio Ferreira, médico psiquiatra mineiro, dá-nos a conhecer registos que provam exactamente o contrário da tese que se pretende defender, de que o Espiritismo é causadoh da loucura. Nos elementos por ele publicados e tirados dos registos oficiais, inclusivé do Hospício Juqueri e da Estatística Policial, ambos de São Paulo, aparecem os católicos com 82 a 90 % e os espíritas com 1 a 9 %.

Aliás, contrapondo-se à opinião de um mé-

renome; o inigualável físico inglês *Sir* William Crookes, autor de importante descobertas científicas; e o fisiologista francês Charles Richet, prémio Nobel e catedrático da Universidade de Paris, além de dezenas de outros não menos dignos e não menos idóneos.

Muitos desses homens entraram a pesquisar os fenómenos espíritas para desmascarar o Espiritismo, alguns comissionados por Associações Científicas, e, depois das mais rigorosas precauções e *contrôles*, declararam-se convencidos da realidade desses fenómenos. Charles Richet, já citado, materialista intransigente, dedicou-se durante trinta anos às referidas pesquisas. Escreveu várias obras sobre as suas experiências espíritas, obras que baptizou de «metapsíquicas», sendo a mais importante a denominada «A Grande Esperança». Nessa obra idz o autor: «A metapsíquica irá mais longe do que se supõe. Mas eu quis ser muito prudente, excessivamente prudente, talvez. Só aceitei aquilo que fosse vinte vezes dmonstrado e bem demonstrado». E no final diz: «Sem dúvida, quando falo de ciências refiro-me às ciências clássicas, cultivadas e ensinadas (que amo e admiro com todas as forças do meu ser). No entanto, por belas e poderosas que sejam, elas são incapazes de mudar profundamente a nossa consciência e a nossa moral. Portanto, não é nas ciências que deposito a Grande Esperança; é na metapsíquica, porque ela se estende a regiões de tal forma desconhecidas e vastas, que é com dificuldade que divisamos a sua extensão.

Digo, pois, com toda a audácia que dá uma convicção profunda: *A metapsíquica é a grande esperança*».

Lombroso, de início inimigo feroz do Espiritismo, mais tarde, depois de pesquisas que duraram anos, respondendo a uma interpelação, assim se expressou: «Sinto-me envergonhado e pesaroso de ter combatido com tanta insistência a possibilidade dos factos espiritas».

Recentemente, um general-médico do exército italiano, Dr. Plácido Consiglio, chamado pùblicamente a pronunciar-se sobre os casos que mais se prestam à cura pelas irradiações que emanam dos dedos dos médiuns curadores, assim respondeu: «Podem dividir-se em dois grupos: neuróticos e psico-neuróticos, emotivos depressivos com fobias e obsessões, e tendências cenestopáticas. Nesses casos, os resultados das irradiações podem ser benéficos e vantajosos». (*Gazeta de São Paulo*, de 2-2-1951).

O eminente psiquiatra norte-americano Prof. Carl Wicklond tratou milhares de casos de obsessão em seu Instituto Nacional de Psicopatia, de Los Angeles, durante trinta anos, entre 1896 e 1926, utilizando-se da mediunidade de sua esposa, escrevendo depois o notável livro «Trinta Anos Entre os Mortos», no qual descreveu centenas de casos em tudo idênticos aos que nós verificamos aqui.

Homens de tão sólida envergadura moral, mental e científica, não podiam ser enganados por exploradores ou mistificadores, que os há, sem dúvida; submeteram-se, isto sim, à realidade dos *factos* por eles próprios controlados.

Aliás, o exercício da mediunidade no intercâmbio com o mundo invisível e na cura da obsessão, a continuidade de factos de que a Bíblia Sagrada está repleta, especialmente nos Actos dos Apóstolos, em que são relatados fenómenos idênticos aos que hoje presenciamos.

É, além disto, o cumprimento do preceito do incomparável Mestre Jesus, que, ao despedir-se, após a ressurreição, exortou aos seus seguidores: «Ide e pregai o Evangelho por todo o mundo. Aquele que crer e for baptizado será salvo; o que, porém, não crer, será condenado. E estes prodígios seguirão aos que crerem: em meu nome expulsarão demónios; falarão em novas línguas; manusearão serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal; *porão as mãos sobre os enfermos e os curarão*».

Se o sinal dos que crêem é, segundo Marcos (Cap. XVI, vers. 17 e 18), a expulsão dos maus espíritos em nome de Jesus e a cura dos doentes pela imposição das mãos, esse sinal está sem sombra de dúvida com os espiritas. E se o Espiritismo é senhor do dom de curar, não pode, em boa lógica, ser factor de loucura.

Nem se diga que apenas aos apóstolos fora transmitido o poder de curar. O próprio Evangelho relata, segundo o mesmo evangelista (Cap. IX, vers. 38 e 1), o caso de um indivíduo que curava enfermos invocando o nome de Jesus sem pertencer ao apostolado. Querendo os discípulos impedir que o fizesse, o Mestre desautorizou-os, dizendo: «Não lho proibais, porque ninguém pode fazer milagres em meu nome, e logo depois falar mal de mim. Quem não é contra nós é por nós».

A obsessão por espíritos inferiores (demoníacos, como os qualificam os Evangelhos) é a maior causadora de desequilíbrios mentais. Nada mais natural que para um mal espiritual se aplique terapêutica espiritual. É por isto que o Espiritismo procura afastar os obsessores, esclarecendo-os nas suas sessões, de vez que não possuem seus profitentes a força de que dispunha o Mestre e que lhe permitia expelir os obsessores apenas com uma palavra ou um olhar.

Um caso verificado em nossa cidade, um dentre centenas de outros devidamente registados, ilustra cabalmente a tese. Por solicitação de oficiais da Carta Geral da República (Serviço Geográfico do Exército), foi internado no Hospital Espírita um soldado que se alienara, tornando-se agressivo e recusando alimentar-se. Examinado pelo médico director do Hospital, este entregou o caso a um grupo de trabalhos mediúnicos para desobsessão, dizendo não ser indicado para a terapêutica médica. Presente a uma sessão o paciente, apresentou-se o espírito de sua ex-noiva que declarou existir entre ambos um pacto feito em vida dela e que estava sendo violado por ele, de vez que pretendia ligar-se a outra moça. Era seu intento, disse, aliená-lo para que não pudesse consumar a traição. Esclarecido pelo director dos trabalhos, o espírito afastou-se, prometendo pôr termo à obsessão. Realmente, o rapaz normalizou-se em seguida, voltando ao quartel na semana seguinte, sem tomar uma só colher de remédio e permanecendo perfeitamente bem.

São bem actuais, para terminar, estas palavras do reverendo Haraldur Nillssen, da Igreja Nacional da Islândia, professor de Teologia na Universidade de Reykjavik, médium que sofreu tenaz perseguição dos seus colegas do clero dinamarquês: «Naturalmente que a Igreja Dinamarquesa pode levantar-se contra nós, que cremos haver no Espiritismo algo de bom e muito belo, haver muito de cristão; porém, isto nada mudará. Os bispos e os pastores dinamarqueses não poderão modificar a ordem natural das coisas. Nada lhes adiantará esbravejar. Se Deus quis que entrássemos em relação com os mortos, ou melhor, que os mortos entrassem em comunicação connosco, porque foram eles que a iniciaram, então eles intensificarão, com o tempo, esta comunicação, ainda que os pastores da Dinamarca e dos outros países se levantem contra eles. É facto bem conhecido na História que as igrejas opuseram sempre a maior resistência cada vez que Deus quis que a Humanidade progredisse mais um passo», e ainda esta notável advertência do profeta Isaías, constante dos Actos dos Apóstolos (Cap. XXVIII, vers. 26 e 27): Vai a esse povo e dize: com o ouvido ouvireis e não entendereis e com os olhos vereis e não percebereis — porque o coração desse povo se endureceu e eles fizeram surdos seus ouvidos e apertaram os olhos para não ver e não entender com o coração, para não se converterem e para que eu não os cure».

EFIGÉNIO DE SALES VÍTOR

Por NORALDINO DE MELO CASTRO

O Espiritismo Mineiro vem sofrendo, ùltimamente, desfalques apreciáveis. Há pouco vimos fechar os olhos o saudoso irmão, António Loreto Flores, ídolo da pobreza. O seu sepultamento, o maior já visto em Belo Horizonte, foi verdadeira consagração ao esforço silencioso de um batalhador de boa vontade. Deixou o Centro Espirita «Amor e Caridade», que vem de receber doação de seu terreno, até então aforado. Pouco depois, falecia Manuel Nunes, funcionário da Central do Brasil que, no Bairro de Santa Teresa, deixou um marco apreciável da sua bondade — a sede própria do Centro Espirita Bitencourt Sampaio, prédio de dois pavimentos, por ele construído.

No dia 4 do corrente fomos surpreendido com o passamento do Dr. Efigénio de Sales Vítor, um digno e operoso servidor do Mestre, com a idade de 51 anos. Fomos companheiros de longa caminhada e foi a nós que ele sugeriu a realização do Primeiro Congresso Espirita Mineiro. Levámos a ideia a Rodrigo Agnelo Antunes, hoje internado no Hospital São Lucas e ao Prof. Cícero Pereira, então directores da União Espirita Mineira. E realizado o certame, coroado de êxito, esboçada a organização federativa, em Minas Gerais, Efigénio deu sensacional entrevista a um jornal do Rio de Janeiro, pugnando por um movimento nacional, que marchasse da periferia para o Centro. E vieram depois todos os outros congressos, numa sucessão feliz, que culminou na realização do Pacto-Áureo, à margem do Pan-americano. Foi um dos fundadores do Cenáculo Espirita Tiago Maior, instituição operosa, que dirigia, ainda no seu último alento. Junto ao Tiago, criou a Sopa dos Pobres, — Sociedade Amparo à Pobreza, — que há treze anos vem alimentando os pobres da Serra, bairro populoso e que muito lhe ficou a dever. Por ocasião da passagem de um dos interventores em Minas Gerais, cremos que o Desembargador Nísio Baptista, conseguiu um enorme terreno anexo à *Sopa*.

Conversando com um amigo nosso, no sábado, disse-me que, no dia seguinte, iria estudar, com o Dr. Efigénio, o plano de aproveitamento do terreno da *Sopa*, para ali construir um grande pensionato, a fim de proporcionar renda assegurada à manutenção da *Sopa*. Comuniquei-lhe então que Efigénio acabava de ser sepultado, mas creio que o seu ideal será levado avante.

Este, o companheiro que perdemos. Ainda recentemente, quando secretariava o 2.º Congresso Espirita Mineiro, foi ele que nos sugeriu a magnífica declaração de princípios. E foi quem nos escreveu o discurso, então por nós lido, visto que não tivemos tempo de fazê-lo. E foi ele quem nos pediu, cinco dias antes de seu retorno, que enquadrassem em seus programas e em seus próximos congressos, a mesma declaração básica e assegurадora ao Espiritismo de seu enquadramento na protecção constitucional.

— Você não imagina, — dizia-me ele, — o valor dessa declaração de princípios. Pense bem qual não será a repercussão nacional, quando todos os Estados da União declararem, por seus Congressos Espiritas, que o Espiritismo é a Religião dos Espiritas... Precisamos de mandar pedido especial a todos os nossos amigos. Você já pensou no alcance da sua aprovação, aqui, quando 3.000 pessoas, de pé, aprovarem aqueles princípios?

Homenageando, por isso mesmo, o nosso amigo querido, que reencontraremos um dia, transcrevemos aqui os princípios que ele nos pedia transmitisse ao Brasil.

Os Espiritas crêem no seguinte:

I — *Existência de Deus* — Inteligência e Causa Suprema de todas as coisas;

II — *Existência da alma,* — unida, durante a vida terrestre, ao corpo físico perecível, por um elemento intermediário chamado perispírito;

III — *Imortalidade da Alma,* — sua evolução contínua até à perfeição, por estágios progressivos; sua reencarnação sucessiva em planos de vida correspondentes ao estado de adiantamento;

IV — *Responsabilidade Individual* — e colectiva entre todos os seres, segundo a lei da causalidade;

V — *Comunicação dos vivos com os mortos,* pela mediunidade;

VI — Que, pelo conhecimento exacto de tais expressões e uma vida pautada nas mesmas, estarão praticando a *Verdadeira Religião.*

AS CURAS DE LÉON ALALOUF

Por JEAN PALAISEUL

Não se encontra todos os dias um curador que seja ao mesmo tempo homem de letras. Da mesma forma, quando essa ocasião se apresenta, é preciso aproveitá-la para obter uma resposta a esta apaixonante pergunta: Porque será que certos seres são dotados de um fluido capaz de curar as doenças mais rebeldes à terapêutica oficial praticada pelos médicos ?

Foi o que eu fiz, interrogando aquele a quem chamam o «Príncipe dos Curadores».

Léon Alalouf estava diante de mim, sorridente, com a mão estendia e logo tive a impressão de o ter já visto em qualquer parte. Esses olhos de azul-cinzento, que devem fazer palpitar muitos corações femininos; esses lábios um tanto gulosos; essa fronte ornada de caracóis negros, tudo isso já eu conhecia. Eu até já conhecia a cor do seu fato, um azul que evocava o céu do Meio-Dia, quando está mergulhado nas brumas matinais.

Sùbitamente, a descrição do herói do romance, que havia lido na véspera, veio-me à ideia. Era feita humoristìcamente por outra personagem: «Fronte alta, inteligente. Olhos de veludo. Cabelos negros deitados para trás em ondulações naturais. Boca voluptuosa de um tom especialmente estudado para filmes coloridos. Sinal particular: Olhar fascinante».

O herói de livros cujos sinais coincidiam de maneira tão precisa com os do homem que estava na minha frente chamava-se Sérgio.

— Se faz favor — disse-lhe eu, inocentemente — vamos começar pela sua identidade: Você chama-se Léon Sérgio Alalouf ?

— Sérgio Léon, sim.

Custou-me a reprimir um sorriso triunfante. A minha ratoeira tinha funcionado bem. Tinha ganhado. Léon Alalouf, o autor do romance, e Sérgio, o seu herói, eram a mesma pessoa.

Embora ele tivesse dito no prólogo do seu livro: — certamente por modéstia — «Se, para escrever a minha obra, me servi nalguns pormenores da minha experiência passada; se certos episódios me foram inspirados por factos reais, quero afirmar aqui que «esta vida que existe em mim... é um simples romance e não uma autobiografia», foi a si próprio que se referiu.

Eu tinha tido esse pressentimento ao ler as aventuras de Sérgio. Sabendo por experiência que um autor põe sempre nas suas personagens muito mais de si mesmo do que ele imagina, eu resolvera esclarecer esse problema. Se não estava em erro, o meu trabalho seria simplificado: com efeito, como sonhar confissão mais completa, maior franqueza que a de um homem que julga esconder-se atrás de seres que ele afirma ter inventado inteiramente ?

Com a primeira pergunta ganhei um ponto. Alalouf, cujo nome usual é Léon, chama-se também Sérgio, como o herói de «Esta Vida que Existe em Mim», herói que é igualmente dotado de fluido curador. Mas eu tinha necessidade de outras provas. Sempre com ar indiferente, continuei:

— E quais são os seus gostos ? A pintura, a escultura, a música, o cinema ?

— A música. Ganhei o segundo prémio de violino do Conservatório de Paris.

Como o seu herói Sérgio ! Desta vez já não havia dúvida. Mais algumas perguntas de algibeira e fiquei sabendo, com a mesma certeza, que Alalouf tinha compilado em *Couke*, seu segundo romance, a soma dos conhecimentos que obteve numa viagem ao Tibet e que era ele que falava pela boca do seu herói masculino Leolham, um nome que faz pensar em Léon...

Só me restava verificar se os episódios que me tinham chocado nos seus livros eram «extraídos da sua experiência passada» e segundo a tradicional fórmula da Rádio-difusão. Para mais amplos pormenores, só podia reportar-me às obras do célebre curador-autor.

Eu não me darei ao ridículo de apresentar Léon Alalouf. Tantos artigos jé lhe têm sido consagrados, em França e no estrangeiro, que se conhecem as linhas gerais da sua carreira. Sabe-se que nasceu em Salonica em 25 de Dezembro de 1905; que veio para França em 1920 e se naturalizou francês; que em 1926 obteve o diploma de engenheiro do Instituto Electrotécnico; que há mais de 20 anos cura doentes em Toulouse, onde habita, e em Paris onde vem uma se-

mana em cada mês. Sabe-se, sobretudo, que ele faz milagres... Mas ele tem outros segredos que eu surpreendi ou consegui arrancar-lhe, apesar da sua espantosa discrição.

Talentoso violinista, como o prova o seu prémio do Conservatório, Alalouf podia ter feito um grande nome na música. Podia, igualmente, ter consultório médico na Grécia, pois possui o diploma de Doutor em medicina pela Faculdade de Atenas. Teria também êxito na política e no Exército, graças a um passado militar digno de menção. Alistado no Cruz Vermelha Francesa em 1917, foi ferido pela primeira vez em Monastir e citado na ordem do exército aliado como o mais novo dos alistados. Durante a última teve vinte e sete ferimentos, alguns dos quais são a causa da sua actual dificuldade de expressão, e foi transferido da Infantaria para a Segunda Repartição e foi citado na Ordem do Exército pelas investigações que fez sobre os submarinos alemães. Após o armistício, lançou-se na Resistência. É titular de quatro condecorações inglesas, de duas americanas, da Cruz da Libertação, com atribuição da Cruz de Guerra, da medalha da Resistência e foi proposto, a título excepcional, para a Legião de Honra e Medalha Militar, com os seguintes motivos:

«Patriota ardente, Léon Alalouf deu-se inteiramente à Resistência. Enfrentando todos os perigos, atravessou vinte e sete vezes a fronteira espanhola, cumpriu todas as missões perigosas que lhe foram confiadas, quer pela Comissão de Argel, quer pelo coronel Malaise, em Madrid. Preso pela Gestapo na fronteira de Espanha, interrogado e torturado (foi pendurado pelos braços e moído com pancadas), soube manter o silêncio Metido num comboio de deportados, evadiu-se e voltou para o serviço da Resistência. É um exemplo de coragem e de abnegação».

Na numerosa clientela de Alalouf, encontram-se pessoas de modesta condição, reis, príncipes, chefes de Estado... e médicos!

Mas a folha de serviço militar de Alalouf é ofuscada pela sua folha de curador. Léon Alalouf possui nada menos de 127.000 atestados de curas e nem todos aqueles a quem ele deu a saúde lhe enviaram testemunho escrito! Esta colecção impressionante é completada por 2.000 *clichés* radiográficos, permitindo comparar o estado dos órgãos doentes, antes e depois do tratamento...

Os seus clientes vêm de todas as classes e de todas as partes do mundo. Tratou reis, chefes de Estado, ministros, príncipes, sacerdotes do alto clero, artistas, etc., etc.

Afonso XIII, Anatole de Monzie, Gaston Doumergue, recorreram ao seu fluido.

Gandhi, que passou oito dias em sua casa em 1932, declarou-lhe um dia:

— Você tem extraordinário poder de revitalizar os corpos depauperados, um poder nìtidamente superior ao meu...

E foi a convite do Mahatma que ele fez a sua viagem à Índia e ao Tibet.

Já foi chamado algumas vezes à Corte de Inglaterra (como agradecimento das suas intervenções foram-lhe enviados dois convites para a coroação) e eu vi-o há dias franquear o portão do Palácio Bourbon, a fim de prodigalizar os seus cuidados a uma personagem importante da Assembleia Nacional.

Porque no monte de retratos dos seus clientes eu reconheci uma artista que desejava manter o anonimato, graças a uns enormes óculos escuros, informou-me que vinte e sete artistas do palco e do cinema vinham tratar-se regularmente.

— Elas não estão doentes — exclamou — mas as minhas radiações rejuvenescem-nas...

Por fim, confessou-me que lhe fizeram riquíssimas ofertas para se instalar no estrangei-

ro, especialmente no Brasil e nos Estados Unidos, mas que recusou, porque queriam impôr-lhe uma tabela de preços. É que ele não faz comércio do seu dom, mas sim um sacerdócio.

Léon Alalouf descobriu casualmente a sua faculdade. Uma rapariga havia desmaiado e ninguém conseguia reanimá-la. Ele pôs-lhe as mãos na fronte, conservou-as imóveis um instante e desceu-as para as fontes. Ao fim de poucos segundos, a rapariga estremeceu e voltou a si. Eis como êle explica o fenómeno:

— Eu tinha-me convencido de que lhe poderia transmitir um pouco da força vital que existia em mim, visto que se salvam vidas com transfusões de sangue. Porém tal ideia nunca me viria à mente se não fossem certas coisas que a minha mãe contava. Dizia ela que minha avó, que eu não conheci, curava os doentes pela simples aposição das mãos. Ela era muito boa e dedicada. Nos dias de mercado atendia os doentes que lhe apareciam: reumáticos, estropiados, etc. Foi, portanto, com a vaga esperança de poder curá-la, que eu pus as mãos na fronte da rapariga. Esta esperança, confesso, era tão razoável como a de um rapaz que nunca tocasse um violino e que imaginasse que podia fazê-lo, só porque o seu avô era um talento musical.

Esta primeira cura teve o condão de trazer-lhe à memória certos factos da sua infância. Lembrou-se de ter um dia brincado muito tempo com um peixe que seu pai havia pescado, e uma semana depois foram encontrá-lo no meio dos seus brinquedos, mumificado, como se fosse obra de um grande embalsamador.

Uma outra vez, morreu-lhe um ratinho branco domesticado. Acariciou tanto o pequeno cadáver que, tal como se tivesse sido mergulhado em água petrificante, o bicharoco pareceu transformar-se numa estátua de alabastro que ele pôde conservar em cima do fogão de sala. Lembra-se também de algum tempo antes da cena do desmaio ter notado que ao aproximar a mão dum diapasão a vibrar as notas se reforçavam e baixavam de som.

Dores de cabeça curadas num instante e uma chaga purulenta lavada da infecção e fechada em 24 horas íam acabar de vencer o seu cepticismo.

Mas na mesma época Léon Alalouf foi objecto duma manifestação ainda mais pasmosa.

— Uma noite —conta ele— na família da minha mulher falava-se dum rapaz que havia desaparecido na guerra. O assunto não me interessava e fui-me deitar; mas, ao entrar no quarto, vi na minha frente um zuavo e ao mesmo tempo veio-me à ideia que era o rapaz de quem se falava. Voltei à sala onde ainda conversavam e descrevi o soldado com tantos pormenores, que a dúvida era impossível!

Foi assim que teve conhecimento da sua clarividência, que hoje lhe permite diagnosticar com precisão a parte do corpo doente que apresenta lesões orgânicas internas. Graças a esse poder maravilhoso, foi lhe possível em numerosas ocasiões, situar o lugar exacto onde se encontrava um objecto perdido, descrever sítios que nunca visitara, anunciar acontecimentos que se realizaram em dias seguintes, perceber imagens de personagens ausentes e até enganar um profissional de «vermelhinha».

A cena passou-se num bazar. Convidado pelo jogador a fazer uma partida, Alalouf aceitou. Três vezes seguidas designou sem hesitar o às de paus que o outro escondia com perícia entre várias cartas. Era constume, ao princípio, deixar ganhar o cliente para lhe inspirar *confiança*...

Mas o pior foi Alalouf continuar a ganhar, mesmo quando o adversário decidiu recuperar o perdido. Perante uma roda de papalvos que gozavam ao ver o intrujão ser depenado pelo homem honesto, encontrava sempre o famoso às de paus. Descoroçoado, o jogador abandonou a partida.

— Agora, que me ganhaste quinhentos francos — disse ele — explica-me como é que fazes isso!

— Escuta — respondeu o curador —. Eu julgo que vejo as tuas cartas, mesmo pelas costas.

O homem não acreditou em explicação tão fantasista e exclamou:

— É melhor confessar que fazes batota.

E saíu enfurecido, apupado pela multidão.

O seu fluido e a sua clarividência fizeram de Léon Alalouf o *recordman* dos atestados de curas. São eles que levam os americanos a tomar regularmente o avião para vir procurá-lo, imitados por ingleses, escandinavos, sul-americanos. São eles ainda que permitiram ao seu advogado Moro Giafferi, lançar em plena audiência esta réplica ao presidente do tribunal que tinha chamado «médico» a Alalouf:

— «Não, senhor, Presidente, não lhe chame «médico», porque ele cura!

(Traduzido de *Noir et Blanc*, por Mário Bacelar).

AUTÓMATOS

Por CYRILO ALEIXO

A imprensa, de vez em quando, põe-nos ao corrente dos progressos feitos na construção de autómatos, que o homem, na sua ânsia de tudo imitar, procura, talvez, tornar mais perfeitos do que ele.

Depois da poetisa electrónica, autómato destinado à composição de versos, aparece-nos um outro, no qual o seu autor procurou introduzir características humanas.

Duas células foto-eléctricas, um microfone com amplificador e vários contactos eléctricos, espalhados sobre a cobertura, desempenham respectivamente as funções da vista, audição e tacto, orientando-se, ainda, por meio de certos dispositivos, colocados no «pescoço» e noutros pontos.

Além disso, reconhece os obstáculos a distância e só age segundo as impressões recebidas por intermédio dos «órgãos dos sentidos».

Uma «memória», constituída por uma fita metálica, onde se vão gravando as impressões captadas, permite-lhe, também, tomar conhecimento do mundo exterior e «experiência da vida», segundo os cálculos do seu inventor.

Tal como a «poetisa» atrás citada, este novo autómato tem a sua linguagem própria, uma linguagem matemática, constituída por dois algarismos, podendo manter com ela uma certa conversação, durante a qual ambos exteriorizaram as suas «ideias».

Deve ser original e curioso um colóquio dessa natureza, fértil, sem dúvida, em ideais puramente mecânicos!

Finalmente, para que a semelhança connosco seja tão perfeita quanto possível, este produto maquinal possui também os seus caprichos e uma certa independência.

A vaidade e o orgulho de certos alquimistas do século XX, parece levá-los a ver em Deus um rival, que a todo o custo urge suplantar, como se o ente humano fosse um aleijão, um aborto da natureza, cuja substituição por uma combinação de molas e alavancas se impõe, para o estabelecimento da decantada felicidade na crosta terrestre!

Esses construtores de autómatos, não deixam, contudo, de ter alguma razão.

De facto, em face das sombrias perspectivas presentes, poderá parecer à primeira vista que o homem, com todo o seu cortejo de defeitos e de imperfeições, seja incapaz de criar uma atmosfera mundial, inteiramente desanuviada, e daí, talvez, a lembrança de construirem seres sintéticos, susceptíveis de aperfeiçoamentos, inteiramente vedados aos de carne e osso...

Tola pretensão essa, proveniente dos que, fanatizados na matéria, se convencem de que a única diferença consiste apenas em os humanos serem formados à base de azoto, carbono, oxigénio, hidrogénio e nada mais!

Autómatos com inteligência e raciocínio, amor fraterno, caridade e abnegação, onde está o artífice capaz de consegui-lo?

O homem escusa, pois, de perder tempo, porque não é por meio dos seus artefactos que alcançará tal objectivo.

Todos nós temos em potência aquelas qualidades e muitas mais ainda, num sucessivo e infinito desdobramento, através do grandioso desabrochar psíquico. No âmago de todos os seres encontra-se tudo o que é necessário a uma felicidade absoluta.

O nosso criador, infinitamente perfeito, tudo previu, nada nos faltando, portanto, para atingirmos aquele estado, mediante a auto-conquista individual. Somos portadores dos germes das mais sublimadas virtudes, sementes de luz, cuja germinação, através de nossos esforços milenários, nos há-de deliciar mais tarde, com seus esplêndidos frutos.

Como obreiros de nossos próprios destinos, compete-nos trazer ao plano das realidades essas possibilidades embrionários, que nos vão tornando cada vez melhores e mais sensíveis às vibrações do bem e do belo, identificando-nos, assim, gradativamente, com a fonte original.

Enquanto nos conservarmos jungidos às inclinações de baixo estofo e escravizados à sua tirania, as vibrações serão baixas e grosseiras, não logrando despertar os superiores estados da consciência, essa «Bela Adormecida do Bosque», que, em regiões remotas do nosso psiquismo, aguarda lhe quebrem o encantamento.

Que faculdades poderão ter os autómatos? Memória, raciocínio, inteligência? Sem dúvida, poder-se-ão obter espécimes aperfeiçoadíssimos, capazes de nos ultrapassarem em certas tarefas, tais como os modernos cérebros electrónicos, com os quais se obtêm

os mais complicados cálculos, com uma rapidez incrível e incompatível com as possibilidades cerebrais humanas.

Nos aviões de velocidade ultrassónica, está, também, reconhecida a superioridade dos pilotos electrónicos, dada a rapidez com que têm de operar e, por isso, o homem se esforça por criar máquinas que, com perfeição e celeridade, possam executar os mais variados trabalhos.

Porém, não nos devemos sentir inferiorizados por isso, pois que se trata, afinal, do fruto da inteligência humana, desse atributo divino, que máquina alguma jamais poderá possuir.

Dar consciência a um engenho metálico, dar-lhe enfim alma, é objectivo que jamais poderá ser alcançado.

Uma máquina, há-de ser sempre um conjunto, mais ou menos engenhoso, de uma certa quantidade de peças, mas sem aquele sopro vital que nos caracteriza.

Acaso pensará o homem descobrir algum dia a fórmula do espírito, para com ele dotar os seus engenhos? Por enquanto, talvez não, dada a convicção materializada de que da vida só participa o corpo fisiológico, sendo tudo uma questão de jogo de peças, auto-accionadas, já se vê.

Todavia, quando se convencerem da existência de um princípio de vida independente do organismo — seu dirigente, afinal — não é para admirar que a louca pretensão de alguns os lance nas mais extraordinárias lucubrações, a fim de alcançarem aquela fórmula mágica, que lhes permita igualar a obra do supremo Criador.

Penetrar, porém, no domínio do espírito com o fim de sondar-lhe a origem, seria o mesmo que pretender perscrutar o Incriado, a causa das causas, na qual tudo está contido.

Mas não; por mais que se faça, nunca se conseguirá senão um rígido conjunto mecanizado que, se em muitos casos nos presta valiosa cooperação, não logrará, contudo, ultrapassar seus limites maquinais.

As faculdades anímicas são atributo do espírito e não da matéria, legado precioso que caracteriza a nossa origem divina e que sábio algum jamais poderá imitar.

A finalidade de todos os seres é bem diferente da dos engenhos mecânicos: o desenvolvimento psíquico, através do esforço e trabalho individual, até integração total no foco da perfeição absoluta.

E assim, ao passo que aqueles não podem ultrapassar suas possibilidades estritamente materiais e inconscientes; do homem, herdeiro dos bens, há a esperar os mais arrojados voos no domínio espiritual, onde, após longos ciclos de luta e de sofrimento, encontrará, finalmente, a suspirada bem-aventurança.

Autómatos somos todos nós, ou, pelo menos, uma grande maioria, sentindo apenas, como palpável realidade, o conjunto das peças do organismo, do qual nos servimos para fins puramente materiais, tendo, neste caso, em nosso desfavor a própria inteligência, empregada, muitas vezes, no refinamento das tendências de baixo calibre.

O fermento divino, nesses autómatos de carne e osso, abafado pelas tonitroantes imposições da zona animalesca, parece nem mesmo existir, resultando daí uma semelhança tão grande entre uns e outros, que quase se confundem.

Com efeito: enquanto as máquinas são utilizadas pelo homem, os autómatos biológicos põem-se incondicionalmente à disposição das diabólicas forças inferiores, afastando-se, assim, da sua verdadeira finalidade.

Mas a lei é lei e fez-se para ser cumprida, pelo que as consequências, sempre penosas da sua transgressão, se encarregarão, com toda a segurança, de colocá-los em bom caminho.

Referimo-nos, bem entendido, às leis divinas, tão sábias como inflexíveis, ante as quais todos têm que curvar-se, quer sejam ricos, pobres, humildes ou poderosos.

Se não fosse esse código celeste, há muito que o caos se teria instalado no universo; mas, longe disso, o que vemos é ordem e progresso, embora em certos ciclos, como o actual, tenhamos a impressão do contrário.

Bendito seja ele, por velar constantemente pela nossa segurança, actuando como corrector, na altura própria, quando, em nossa ignorância e insensatez, nos desviamos por trilhos duvidosos.

Mas a dor, como grande mestra que é, obriga-nos vezes sem conta a desistir do atentado à harmonia universal e a ressoldar com pranto, os seus elos partidos, pela nossa triste leviandade.

A massa humana necessita do sofrimento para sua purificação, como as obras do oleiro, do calor ardente e a pedra bruta, das marteladas impiedosas do escultor.

A vida é bendito aprendizado, mas a maioria dos humanos, quais crianças endiabradas, esbanjam-na em mil futilidades, desprezando assim este ensejo sacrossanto da sua ascensão.

FESTA DE CARIDADE NO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Organizada pelo Grupo "Irmão Rhammurthi"

Naquele domingo, 23 de Maio, muito antes das 16 horas já as salas do Centro Espiritualista Luz e Amor se encontravam completamente cheias; muitas senhoras, homens e crianças, pessoas de todas as classes, sócios e não sócios, tinham acorrido à nossa sede, a fim de viverem algumas horas em animada confraternização espiritualista. Na verdade é digno de apoio o trabalho que as senhoras do Grupo «Irmão Rhammurthi» vêm exercendo, pois graças ao seu dinamismo salutar, à sua persistência e dedicação inalterável, já muitas famílias têm sido ajudadas, muitos pobres se têm sentido menos pobres, muitas criancinhas têm sentido menos fome e frio!

Ao entrarmos na sala, vimo-la cheia de lindas flores, não só em vistosas jarras, mas ornamentando também o quadro com a imagem do Cristo, emprestando assim ao ambiente maior beleza e espiritualidade, pois, como disse Mantegazza, «a flor é o altar esplêndido sobre o qual a vida vegetal realiza o rito do Deus do amor, e aí acumula os tesoiros reunidos há séculos por uma hora de encanto».

Gentis meninas distribuiam cartões pela assistência nos quais se lia este belo soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier e atribuído ao espírito de Valado Rosas:

CONVITE

Vem ao banquete do Evangelho augusto!
Mas ouve, irmão. Esquece, enfim, lá fora.
Os tormentos da sombra que devora
Teu coração que vaza pranto e susto.

Traze a Jesus um coração robusto
No amor sublime que nos aprimora
E cultiva a esperança irmã da aurora
Na noite que atravessas, crendo a custo...

Cessa as imprecações e os vãos lamentos,
Enxuga sem revolta os pés sangrentos,
Longe da sombra que trilhaste a esmo,
E encontrarás o Cristo Soberano,
— Ó torturado coração humano —
No templo eterno e vivo de ti mesmo.

Um facto digno de nota foi o vermos entre as amáveis meninas que nessa tarde tanto contribuiram para o brilhantismo da festa, Maria Adília Resende, que segundo *Estudos Psíquicos* relatou no último número, quando veio pela primeira vez a esta casa, pouco mais era do que um farrapo humano, atacada de paralisia nos braços e nas pernas, não comendo não dormindo, etc., dada mesmo já como perdida! Felizmente, hoje encontra-se curada... apesar de alguns sectores continuarem a apelidar as nossas práticas de diabólicas. É caso para dizer que o *Diabo* não é tão mau como o pintam...

Poucos minutos depois das 16 horas começou a 1.ª parte da festa. D. Maria da Glória — directora e médium do Grupo «Irmão Rhammurthi», subindo ao estrado dirigiu aos presentes as seguintes palavras:

«Prezados confrades: Vindes assistir a uma festa de caridade promovida pelo Grupo «Irmão Rhammurthi». É uma festa singela mas cheia de boa vontade e grande amor; só assim poderia reunir um grupo de gentis cooperadoras que formam um lindo ramo de rosas perfumadas, neste ambiente festivo e enternecedor. Bem hajam, queridas senhoras e senhores, em nos virdes deliciar com a vossa arte musical e belo canto. Em nome do «Irmão Rhammurthi» agradeço a todos os cooperadores a sua desinteressada ajuda, principalmente ao nosso confrade Sr. Tenente Isidoro Duarte Santos, digníssimo Presidente desta Casa, que tudo nos facilitou dentro da melhor boa vontade».

As últimas expressões foram ditas em tom de grande comoção.

Após estas palavras de abertura, começou a parte artística pròpriamente dita, tendo a confrade D. Maria Luísa Macedo sido escolhida para anunciar os artistas que iam surgindo. E assim tivemos o prazer de ouvir em 1.º lugar a senhora D. Arminda Correia, acompanhada ao piano por D. Dália de Lacerda, cantar primorosamente «Quatro Canções de Saudade e de Amor», música de Rui Coelho e letra de Afonso Lopes Vieira.

A animadora do programa — D. Maria Luísa de Macedo — recitou, com aquele brilhantismo que lhe é peculiar, «A Pequena das Violetas», da Dr.ª Domitila de Carvalho.

O violinista Carlos Dias, acompanhado ao piano por D. Dália de Lacerda, tocou em seguida a lindíssima «Sonata de Toselli». Ao ouvirmos tão belo trecho musical, os nossos pensamentos transportaram-se a regiões distantes, a esferas onde impera o Amor e a Pureza, e a maldade dos homens não tem lugar.

D. Alice Pancada, que cantou dois trechos musicais, entre eles «Ave-Maria», deliciou-nos com a sua voz de oiro, tendo sido muito aplaudida. Foi acompanhada ao piano por D. Maria Amélia Rebelo da Silva, confrade que os nossos consócios há muito conhecem como pianista das sessões realizadas com a médium D. Maria Cecília Gorina, que se encontrava também na assistência.

O antigo jornalista Morais Canaveira deu também a sua valiosa colaboração a esta festa, tocando ao piano «Dança Portuguesa», «Parar é Morrer» e «Marcha de Lisboa», trechos de carácter popular, todos da sua autoria, que a assistência escutou com muito agrado, tendo-lhe prodigalizado fortes aplausos.

Com a actuação de Morais Canaveira terminou a 1.ª parte da festa. Durante o intervalo realizou-se o leilão à americana de diversos objectos, com o fim de aumentar os fundos do Grupo de Caridade. Entretanto, ia-se fazendo larga distribuição de bolos e refrescos, que a assistência consumia com prazer. Numa das salas contíguas, o confrade Adriano Paraíso tocava, no seu acordeão, alguns trechos populares, portugueses e estrangeiros, que serviram para tornar ainda mais alegre o ambiente.

A 2.ª parte começou com a actuação de D. Arminda Correia, que voltou a deliciar-nos com a sua esplêndida voz. Acompanhada ao piano

por D. Dália de Lacerda, cantou «Aquela Moça», em música de Luís de Freitas Branco, e «A Lavadeira e o Caçador», letra de João de Deus e música de Viana da Mota.

O nosso amigo e confrade Jorge Raimundo fez a sua estreia em público — e podemos dizer, sem exagero, que agradou completamente. Com grande à vontade, com um jeito que lhe é peculiar, contou algumas engraçadíssimas anedotas, que provocaram grande hilariedade em toda a assistência.

O cego António de Oliveira tocou em seguida no seu acordeão os belos trechos: «Marcha Militar», de Schubert, «Cântico Hindu», de Rimski-Korsakoff, «Ave-Maria», de Gounot e «Czardas», de Monti.

Foi com o maior prazer que ouvimos em seguida Filipe Sardo, artista que há muito não temos o prazer de ouvir na nossa Rádio. É com saudade que recordamos as belas canções que Filipe Sardo cantava nas Emissões Recreativas do Rádio Clube Português. Foi, portanto, com redobrado prazer que voltámos a ouvir Filipe Sardo, que cantou primorosamente «Ela» e «Num Paraíso que eu Imaginei». Foi muito aplaudido, tendo recebido numerosos abraços. Ao piano esteve D. Dália de Lacerda.

O nosso confrade António Cardoso recitou em seguida «O Fiel» de Guerra Junqueiro. De tal maneira interpretou este belo trecho, que fez vibrar a assistência, arrancando lágrimas a muitos olhos.

A voz de oiro de D. Alice Pancada fez-se novamente ouvir, agora em «Rouxinol» e ainda noutro belo trecho, acompanhada ao piano por D. Maria Amélia Rebelo da Silva.

O nosso confrade Morais Canaveira fez-se no novo ouvir em alguns trechos de piano.

E a 2.ª parte terminou com a poesia «Jesus e o mendigo» recitada pela menina Maria Manuela. Cantou em seguida uma conhecida canção, com muito jeito e graça. Recebeu muitas palmas.

Durante o curto intervalo que se seguiu fez-se outro leilão.

A 3.ª parte começou com Filipe Sardo. Acompanhado ao piano por António de Oliveira, seu velho amigo, cantou a linda canção «Meu Alentejo». Facto curioso: antes da festa, nenhum deles sabia que se encontrariam na festa.

D. Maria Luísa Macedo voltou a afirmar a sua arte, no poema «Rodando», do grande poeta brasileiro Olegário Mariano.

A menina Mercedes e o menino José Raúl — duas engraçadas crianças — recitaram, com agrado geral, algumas interessantes poesias.

O nosso confrade Jorge Raimundo voltou a provocar a hilariedade da assistência, contando engraçadíssimas anedotas. De novo lhe notámos o jeito extraordinário que possui para este género de espectáculo.

António de Oliveira tocou em seguida um trecho da «Cavalaria Rusticana» e a belíssima «Lenda do Beijo», que a assistência escutava em religioso silêncio e lhe prodigalizou, no final, justíssimos aplausos.

Morais Canaveira fez-se de novo ouvir em algumas anedotas e num soneto cómico da sua autoria.

António Cardoso voltou a subir ao estrado, desta vez para recitar «O Cavalo das Touradas», de Eugénio George — poesia que critica a barbaridade e vergonha das touradas, pseudo-desporto que não tem razão de existir em pleno século XX.

E a festa terminou com uma bela canção por D. Alice Pancada, acompanhada ao piano por D. Maria Amélia Rebelo da Silva. Podemos dizer, sem exagero, que a festa terminou com chave de oiro.

Eram 20 horas aproximadamente! Todos se retiraram bem dispostos, depois de algumas horas de agradável convívio espiritual, graças à diligência e dinamismo dum grupo de senhoras, que sabem exemplificar a moral espírita, praticando a CARIDADE!

Bem hajam!

SOLILOQUIO

Por MANUEL CAVACO

Diz o Evangelho do Cristianismo que: «a salvação reside na remissão dos pecados». Esta justiça divina confere a cada um de nós, em verdade, mérito próprio.

Aquele ensinamento não nos deixa a menor dúvida de que a nossa liberalização reside na remissão das nossas responsabilidades, antigas e recentes, pelo nosso próprio esforço; e quando atingirmos esse grau superior da evolução, posto que não tenhamos alcançado a perfeição absoluta, seremos suficientemente perfeitos para agir em qualquer sentido sem quebrar nem perturbar sequer a harmonia divina tão variada e diversamente manifesta na criação cósmica da qual, momento a momento, cada um de nós é um aspecto novo.

A remissão das nossas responsabilidades consegue-se por um procedimento correcto, impoluto, digno daquelas «obras valorosas que nos vão libertando da lei da morte».

É difícil distinguir as obras verdadeiramente valorosas que nos redimem; todavia, o aproveitamento colhido da experiência feita através da pluralidade das existências sucessivas, será guia segura duma boa orientação; e a firmeza de um carácter digno será índice do aproveitamento obtido.

Certo: o primeiro passo de um procedimento construtivo é não fazer aos outros aquilo que não queremos para nós; porque, por força da lei de causalidade, «assim como fizermos, assim acharemos»; depois, fazer aos outros aquilo que quereríamos para nós; é o segundo passo. Depois, o mérito trará a redenção.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA SESSÃO DE MATERIALIZAÇÃO

Progreso Espirita, de Buenos Aires, insere o seguinte comunicado de John Mc. Laughlin, relativo a uma sessão de materialização e que passamos a transcrever:

«Um sábado de Setembro de 1951 dois diários de Chicago inseriam o mesmo anúncio: Rosemary Kelly, pastora da Igreja Espiritualista Episcopal, na Avenida Belmont» (*Igreja Espiritualista* é sinónimo de Centro Espirita). E a seguir acrescentava: «Darei pública demonstração de materialização espirita às 8 horas da noite. Estão convidados a presenciá-la».

«Fui lá e descobri que a Igreja era num sótão onde cabiam cem pessoas. Ao fundo havia uma tribuna e um altar. Na parede estava suspenso um quadro feito por um pintor clarividente, indicando o guia espiritual dos médiuns.

«A médium era uma formosa morena de tipo latino, mas de nome judaico. Explicou o mecanismo da materialização e o comportamento de cada assistente naqueles trabalhos, dizendo que o espírito não pode prejudicar o homem e que, no fim das sessões, se sentia doente. No seu caso, a maior parte do ectoplasma desprendia-se-lhe da parte superior da cabeça e por isso tinha dores durante algumas horas.

«O salão estava iluminado por duas lâmpadas coloridas de 50 vátios cada uma.

A médium convidou os presentes a examinarem o salão e as mulheres a tirar-lhe o vestuário e a mudar-lho. Cinco delas procederam a essa operação.

«Rosemary encarregou um homem de pedir a todos que não mexessem as mãos, quando o espírito materializado estivesse a falar, para que nenhum lhe tocasse e prejudicasse a médium.

«Esta caiu depois em transe; e *Pansy*, seu espírito-guia, saiu do gabinete para uma saudação geral e prometer uma sessão interessante. É uma entidade que na Terra viveu muitos anos, mas que se materializa e fala como uma criança de 1 metro de altura.

«A sessão durou mais de uma hora e foi considerada simples demonstração. Os primeiros 15 minutos foram desalentadores. Os espíritos queriam materializar-se, mas faziam-no separadamtnte, pedindo a seus familiares que se aproximassem, antes de se tornarem invisíveis. Isto causou risos. Mas tudo se recompôs e os espíritos mantiveram-se materializados.

«Um deles disse que era um soldado americano morto em França em 1917. Pediu repetidamente que se aproximasse uma pessoa de família que dizia estar na sala, mas ninguém respondeu. Ele então retirou-se, dizendo que devia estar equivocado.

«Veio também um espírito depois de visitar a esposa. Esta começou a chorar (é a primeira vez que vejo chorar alguém na presença de um espírito e já vi milhares de seres humanos encontrarem-se com espíritos). Isto confunde a entidade espiritual, que pede à esposa que deixe de chorar, exclamando:

«— Eu não estou morto. Tu podes ver-me, não é verdade? Eu não estou jazendo sob dois metros de terra. Estou aqui... Olha!

«O pranto cessou e a entidade continuou:

«— Vivo num belo mundo onde estarás um dia. Eu te esperarei.

«Em seguida, obedecendo talvez a ideia súbita, preveniu a esposa:

«— Mas não cometas nenhuma loucura para abreviar a tua vinda...

«A esposa prometeu e o espírito retirou-se.

«Por fim, o espírito-guia convidou os circunstantes a examinarem a médium, antes dela sair do transe. Para isso correram as cortinas do gabinete, que foi iluminado a luz vermelha. Todos a viram adormecida e sobre ela os restos do ectoplasma».

Em nota da redacção, *Progreso Espirita* diz que cada assistente pagou um dólar, como fundo para a construção de uma igreja (centro). As sessões públicas regulares de materialização custam 3 dólares por pessoa e os médiuns de fotografias psíquicas cobram 5 dólares. De resto, é habitual nos Estados Unidos remunerar os serviços profissionais dos médiuns.

NOTÍCIAS DO BRASIL

Em assembleia realizada em 9 de Maio último, foi eleita a nova directoria da Liga Espirita do Distrito Federal (ex-Liga Espirita do Brasil) para o triénio 1954-57, tendo sido aclamado presidente o Dr. José Augusto de Miranda Ludolf, advogado, conferencista espirita, figura de projecção capaz de impulsionar e prestigiar a colectividade a que pertence.

Este confrade foi presidente interino da Confederação Espirita Pan-americana (CEPA), representou o movimento espirita brasileiro no 3.º Congresso Espirita Pan-americano realizado em Havana, no ano passado, dirigiu sociedades espiritas em Minas Gerais, era vice-presidente da Liga e, finalmente, é membro do Conselho Federativo Nacional Espirita, como representante de Minas.

A Assembleia Geral prestou significativa homenagem ao ex-presidente Aurino Souto, que passou para a vice-presidência, visto que, tendo sido presidente da Liga durante mandatos sucessivos, muito fez pela instituição. Os novos administradores esperam resolver brevemente o problema da sede própria, problema que já foi encarado pela administração anterior. Por enquanto, a Liga está instalada na sede da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, mas espera, dentro de algum tempo, transferir-se para a sede própria.

A eleição decorreu em ambiente de absoluta compreensão e cordialidade, tendo os directores sido unânimemente eleitos pela ordem seguinte:

Presidente — Dr. José Augusto de Miranda Ludolf; *1.º vice-presidente* — Aurino Barbosa Souto; *2.º vice-presidente* — Álvaro Brandão da Rocha (reeleito); *Secretário-Geral* — Deolindo Amorim (reeleito); *1.º Secretário* — Prof. Edson Araújo de Abreu; *2.º Secretário* — Capitão Vitor Alencastre Guimarães; *1.º Tesoureiro* — António Macário Pinheiro (reeleito); *2.º Tesoureiro* — José

Bicalho; *Procurador* — Dr. Sílvio Freire (reeleito); *Bibliotecário* — Dr. João Carlos Moreira Guimarães; *Director de Assistência* — Coronel Dr. Telémaco Gonçalves Maia; *Director da Educação* — Sr.ª Idalina de Aguiar Matos (reeleita); *Director da Juventude* — Prof. José Jorge (reeleito). COMISSÃO FISCAL — Afonso Jerónimo Ferreira Leal, Álvaro de Freitas Frazão, Ary Kerner Póvoa, Germano Gonçalves e Nelson Baptista de Azevedo. SUPLENTES DA COMISSÃO FISCAL — Prof. Sebastião Tourinho, Flávio de Sousa Pereira, João Sizínio de Araújo, João Ribeiro Coelho e Dr. Lauro Sales.

O endereço provisório da Liga Espirita do Distrito Federal é na Avenida Rio Branco, 4, 15.º andar, Rio de Janeiro.

À simpática agremiação, os nossos votos de prosperidade e a simpatia inalterável de *Estudos Psíquicos*.

MACKENZIE KING FALAVA COM OS ESPÍRITOS

Careta, popular revista carioca, inseriu há pouco um artigo acerca das convicções espiritas do antigo Primeiro Ministro do Canadá, Mr. Mackenzie King. É esse artigo que transcrevemos a seguir:

«Nenhum canadiano acreditou na notícia publicada há pouco no *Psychic News*, de Londres, o qual dizia que Mackenzie King, morto em 22-7-1950, fora sempre espirita convicto. Conversava secretamente com os mortos... Melhor: recebia conselhos do além-túmulo, quer do seu predecessor, Sir Wilfrid Laurier, quer do presidente Franklin Roosevelt. De tempos a tempos, entretinha-se também com o seu cão *Pat*, um «terrier» irlandês, habitante igualmente do reino das sombras.

«Como austero estadista que durante mais de 20 anos manteve as rédeas do governo canadiano, elevou o seu país ao nível das primeiras potências do globo. Diz-se que chegou a praticar a *necromancia*... Ao saber isso, a gente séria perdeu o fôlego.

«Acontece que um marechal do ar faz dançar as mesas. Mas é britânico. Os nevoeiros do Tamisa podem ter-lhe embrumado o cérebro. Para Mackenzie King, modelo de governante, espírito lúcido e prático, antigo director de pesquisas industriais no Instituto Rockfeller, a coisa muda de figura...

«Com o fim de esclarecer este enigma histórico, o sr. Blair Frazer, director da revista canadiana *Mac Clean*, foi a Inglaterra, onde esteve longos meses a interrogar testemunhas, a confrontar datas, a seguir a pista do notável político. O mistério foi agora desvendado. O sr. Frazer reconhece que Mackenzie King frequentou centros espiritas ingleses, assistiu a sessões e fazia perguntas aos mortos através da célebre médium Geraldine Cummins. Também por intermédio da sua mãe, por quem tinha verdadeira adoração, convocava ilustres desencarnados, no propósito de lhes pedir ajuda e conselho. Desse modo, em certa ocasião falou com Roosevelt — seu amigo de sempre — para saber se devia ou não abandonar o poder.

«— Permaneça no seu posto—disse-lhe o amigo —. O Canadá precisa de você.

«Mackenzie obedeceu. Tempos depois, o médium recebeu outra mensagem. Roosevelt aconselhava-o a resignar as suas funções. Mackenzie concordou logo em demitir-se.

«Outra vez, em 1948, Roosevelt, a quem a morte não libertou dos cuidados terrenos, informou Mackenzie do perigo que representava o choque nos estados asiáticos. O caso da Coreia confirmou a mensagem em que afirmava que o conflito se daria no prazo de dois anos, o que se confirmou igualmente.

«Em seguida, Roosevelt aconselhou Mackenzie que não se preocupasse com o que os aliados e a Rússia faziam em Berlim. Isto passou-se na época da famosa *ponte aérea*.

«— É um truque dos russos — advertiu ele.

«O sr. Frazer verificou no seu inquérito que o Primeiro Ministro canadiano jamais fizera qualquer coisa importante na sua vida sem consultar os defuntos. O acordo de Ogdensbourg, em 1940, estabelecendo uma Comissão de defesa comum entre o Canadá e os Estados Unidos, foi-lhe aconselhado pelo espírito de *Sir* Alfred Laurier. O mesmo aconteceu na convenção de Hyde Park, em 1941.

«Nem todos esses conselhos foram recebidos verbalmente nas sessões espiritas em que tomou parte o eminente homem de estado. A sr.ª Cummins, intérprete dos grandes mortos, transmitia as mensagens por escrita automática. Os documentos existem. Ela constitui também a prova viva em apoio das sensacionais revelações do *Psychic News*, confirmadas agora no inquérito do sr. Frazer.

«Durante a vida, Mackenzie manteve em segredo as suas relações com o Além. Sabia muito bem o que pensariam disso racionalistas e católicos. Se estes últimos admitem a intervenção dos santos, — que são mortos — no caso dos vivos não deviam condenar qualquer prática de necromancia. Quanto ao simples materialistas, negam a sobrevivência, e portanto a possibilidade de contacto com os defuntos.

«Há também os metapsiquistas, que não duvidam do poder dos médiuns. Pelo contrário. Mas atribuem tão sòmente aos vivos os fenómenos que os adeptos do género de Mackenzie King aceitam como autênticas manifestações supraterrestres. Para os metapsiquistas, na verdade, o médium não é intermediário de almas errantes em busca de confidências. É a subconsciência dos vivos que dita, sem querer, as respostas transmitidas, oralmente ou por escrita automática.

«A referência ao célebre estadista canadiano prestigiou muito a posição dos adeptos do credo espirita e suscitou novos e impressionantes debates entre os campos opostos. Tanto melhor, se, no fim de contas, essas discussões aproveitarem à Verdade».

Temos em frente a revista *Maclean's Magazine* de 15 de Dezembro de 1951, donde o articulista da *Careta* extraiu o relato que transcrevemos. A revista canadiana insere seis grandes gravuras, entre as quais a de *Pat*, o cão favorito, e a de Geraldine Cummins, a médium britânica que transmitiu as mensagens de Franklin Roosevelt. Ali se vê também a gravura do relógio de ouro que a Rainha Vitória ofereceu à médium Georgiana Eagle pela sua extraordinária clarividência revelada em Osborne House, em 1846, e que, mais tarde, a conselho de William Crookes e Russel Wallace, foi entregue a Etta Wriedt, considerada a melhor médium de então.

Um novo livro

Temos em depósito

A FELICIDADE NO CASAMENTO

uma verdadeira enciclopédia prática e científica, da autoria de 38 especialistas norte-americanos, que esgotam este importante assunto.

Um grosso volume ilustrado

Preço 150$00

Notas & Comentários

UM MONUMENTO ÀS IRMÃS FOX

Segundo lemos em Predica del Pensamiento Espiritualista Moderno, os Estados Unidos da América, pátria da liberdade, são o único país do mundo que erigiu um monumento às irmãs Fox, precursoras do Espiritismo.

Acrescenta o periódico que foi Conan Doyle que num artigo publicado em Maio de 1922 no Progressive Thinker sugeriu a ideia, sendo aprovada pela Federação Espírita Internacional que, por sua vez, solicitou o apoio económico das várias nações nela representadas para a consecução do alvitre.

Grandes foram as dificuldades a vencer até 1928, data em que foi inaugurado o monumento que recorda os primeiros fenómenos espiritas registados em Hydesville.

Está edificado em Plymouth-Church, num terreno avaliado em 220.000 dólares, ou sejam 6.300 contos na nossa moeda.

CONCORDATA ENTRE A ESPANHA E O VATICANO

Segundo o Reformador, do Rio de Janeiro, a Espanha fez uma concordata com o Vaticano. Eis a parte substancial desse documento histórico:

a) A Igreja receberá uma subvenção anual do governo espanhol.

b) Todas as terras, edifícios, tipografias e tesouros (sic) das igrejas, estarão isentos de impostos.

c) Os padres não poderão ser julgados pelos tribunais sem consentimento da Santa Sé.

d) Antes de julgar um sacerdote acusado de actos criminosos, o magistrado deverá obter consentimento das autoridades religiosas.

e) Os julgamentos de religiosos deverão ser realizados com precauções que evitem a publicidade.

f) As sentenças serão cumpridas em conventos e não em prisões do Estado.

g) A polícia não poderá entrar nas igrejas, capelas e seminários.

h) Só a Igreja poderá anular casamentos e deliberar sobre separação de corpos.

i) O ensino religioso católico será obrigatório e ministrado por professores aprovados pela Igreja.

j) As cerimónias e manifestações religiosas fora dos domicílios só poderão ser realizadas pelo culto católico.

Quanto aos direitos do cidadão, temos o seguinte:

a) Os indivíduos de países não católicos poderão, mediante pedido especial, deixar de frequentar as aulas de religião.

b) Ninguém será prejudicado pelas suas crenças religiosas ou pelas práticas do seu culto, sempre que se realizem em particular.

O que aí fica é bem elucidativo no tocante ao movimento das ideias. As palavras do Cristo: «O meu reino não é deste mundo» encontram-se aqui verdadeiramente aplicadas para edificação dos que estudam a doutrina espírita.

A frase evangélica «os tempos são chegados» tem flagrante oportunidade. O Cristo disse: «Só a verdade vos fará livres». Mas só quando o homem for realmente livre a poderá conhecer em plenitude.

O ESPIRITISMO DEFENDE-SE

O Espiritismo na Argentina atravessa uma fase incisiva. Ao cabo de lutas titânicas foi enquadrado na Lei e as suas práticas condicionadas, como já tivemos ensejo de referir nestas colunas. E como também já relatámos, os católicos militantes insurgiram-se contra a propaganda espírita e puseram em prática os processos mais nefandos.

Agora fundou-se a Comissão Argentina de Defesa e Propaganda do Espiritismo, com sede em S. Bustamante 463, Buenos Aires. Eis o manifesto que acaba de lançar a público:

«A defesa do Espiritismo exige mais do que organização. Atingido o alvo com a formação desta Comissão, é imprescindível fortalecer este organismo com um sólido apoio económico que permita enfrentar ràpidamente as despesas que demandarão as acções intensivas de vastas projecções.

«As campanhas a empreender estão ligadas a esse factor indispensável, em virtude do deslocamento de oradores, hospedagem, aluguer de salões, impressão de cartazes de propaganda, prospectos, folhetos, publicações, etc., etc., inerentes à grandeza das mobilizações em massa, que requerem a criação de um Fundo de Propaganda em que devem inscrever-se todos os espiritas com quotas de 5 e 10 pesos mensais, ou segundo as suas possibilidades.

O adepto deve pensar que, subscrevendo-se para a defesa da doutrina espírita, cumpre um iniludível dever de solidariedade fraterna, pondo em evidência a sua responsabilidade pessoal, implícita no conhecimento das leis divinas, pois foi dito: «a quem foi dado, muito será pedido».

«Irmão espírita! Subscreva-se alegremente para o Fundo de Propaganda. Não permita que o seu nome falte na lista dos quotizantes para a defesa da verdade espiritual!».

Num país como a Argentina, em que os cidadãos expõem livremente as ideias, justifica-se bem o procedimento dos espiritas ante as reacções clericais. A lei do país não faz acepção de pessoas ou de credos. Em igualdade de circunstâncias, todos gostam de lutar. Quando virá o dia em que, no mundo moderno do após-guerra, se fale tão à vontade como nos antigos tempos chamados ominosos?

DÉCIMA HIGIÉNICA

O Dr. Latamendi, médico do século XIX, escreveu a seguinte estância:

Usar de poucos remédios
em vida bem ordenada,
e ter presente o que segue,
não o esquecendo por nada:
Comida bem moderada,
exercício e diversão,
beber com moderação,
sair ao campo e espraiar,
pouco encerro e muito ar...
e continua ocupação.

Nesta tradução se encerram verdades de todos os tempos que todos podem e devem aproveitar.

Noticiário

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mais um mês, mais uma distribuição de brindes literários pelos subscritores da modalidade «Livros Espiritas». Fundo de beneficência, fundo de prazer espiritual para quem dá aos necessitados, fundo de prémios utilíssimos que deixam sempre grata recordação.

Desta vez distribuiram-se os seguintes livros:

«Almas Errantes» — Rui de Jesus, Posta Restante, Luanda.

«Contribuições para o Espiritismo» — D. Virgínia de Moura Lameiras Fernandes, de Lisboa.

«Manual do Dirigente das Sessões Espiritas» — M. Gonçalves Viana, do Porto.

«Ronda Espiritual» — Fernando Henrique Soares, de Ponta Delgada.

Para os felizes contemplados vão as nossas felicitações, com desejos de saúde e progresso espiritual.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o nosso colaborador Fernando Alves Martins realizou em 27 do corrente no Centro Espiritualista Luz e Amor uma conferência intitulada «Estudos Práticos de Grafologia.

Recapitulando o que já havia dito há tempos acerca deste problema, entrou depois na parte prática, pedindo à assistência que lhe fornecesse manuscritos, a fim de poder analisá-los e revelar o carácter de cada um pelos traços da caligrafia.

Podemos dizer que Alves Martins conseguiu um belo triunfo, pois as suas afirmações acertaram em mais de 95 por cento dos casos que lhe foram apresentados. Prova-se assim a extraordinária vantagem de se estudar grafologia, principalmente aqueles que, pela natureza de suas ocupações, são obrigados a lidar com muitas e variadas gentes reservadas e expansivas. Na escolha dos amigos, no mundo dos negócios e até no trato vulgar é de grande vantagem conhecer com quem se lida. Esta verdade foi reconhecida por todos os presentes, que demonstraram o mais vivo interesse pela exposição do conferente, chegando ao ponto de adquirir o livro «Grafologia», da colecção «Manuais das Ciências Herméticas», que temos em depósito nesta redacção ao preço de 55$00 e que pode ser enviado à cobrança para qualquer parte do império.

O trabalho de Alves Martins estendeu-se para lá das 19 horas, para atender todos os pedidos de leitura de manuscritos que se encontravam na mesa.

A Alves Martins os nossos parabens pela sua magnifica exposição.

REPRESENTANTE EM S. PAULO

O nosso representante em S. Paulo para efeito de assinaturas é o confrade António Pereira Correia, que mudou o escritório para a Rua Riachuelo, 265, 6.º s/606, onde continua ao dispor de todos os amigos, mantendo a Caixa Postal 9289 para efeitos de correspondência.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JULHO DE 1954

Grupo de Irradiação Mental

Todas as 5.as feiras, às 21,30, dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Grupo «Irmão Rhammurthi»

Todas as 2.as feiras, às 21,30, com a médium D. Maria da Glória.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as 6.as feiras, às 21,30, com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 4 de Julho, Domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 11 de Julho, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 14 de Julho, 4.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 18 de Julho, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 25 de Julho, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Fenómenos Magneto-hipnóticos».

Dia 28 de Julho, quarta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigida por António Cardoso.

Dia 1 de Agosto, domingo, às 16 horas — Sessão de encerramento dos trabalhos do Centro com exposições feitas por vários oradores.

Nota — As conferências são públicas para indivíduos acompanhados por qualquer sócio e as sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia, devendo, para isso, virem munidos da última quota paga.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos demais anos, o Centro Espiritualista Luz e Amor encerrará os seus trabalhos no dia 1 de Agosto próximo, com uma sessão solene em que vários oradores aludirão à obra realizada no ano transcorrido.

Em seguida, principiarão as férias do Centro, que terminarão em Outubro, como habitualmente.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos destinados ao Fundo Permanente de Beneficência:

Mês de Junho — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; António Costa Lopes, de Tomar, 10$00; Mário Mateus da Silva Dias, de Lourenço Marques, 30$00; Armindo Acácio Pinto da Cruz, de Luanda, 30$00; Júlio Magalhães, de Sintra, 10$00; Joaquim Fernandes, de Lisboa, 5$00; Grupo de Protecção às Crianças, 20$00; Maximino Belo Cruces, de Lisboa, 10$00; Manuel Marecos Henriques, de Santarém, 20$00; D. Maria Conceição Mesquita Ferreira, de Lisboa, 2$50; D. Conceição da Nazaré Dias, de Lisboa, 50$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. Idália Conceição Gonçalves Pinto, por alma de seu marido, 50$00; Subscritores do Fundo de Beneficência (modalidade de Livros Espiritas), 150$00. *Total* — 427$50.

Diversos, para o Grupo de Protecção às Crianças e entregues ao mesmo, em Maio, 257$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	45$00	57$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	15$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Parnaso do Além-Túmulo		65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*		35$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	66$00
Do Pais da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Magia Mental, por *Atkinson*	70$00	85$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* ...	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen* ...	45$00	
O Reino de eJsus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*...	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	46$00	58$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

Relógio oferecido pela rainha Vitória e entregue à médium Etta Wriedet, através de quem a soberana «falou» em 1911

(Ver pág. 202)

CONTÉM: O Tempo, **da Redacção:** Versículos Evangélicos ou Sentimento Jurídico?, pelo **Dr. Sérgio Vale;** A Vida no Mundo dos Espíritos, por **Margery Lawrence;** Madame Fraya, Médium de Reis e Príncipes, por **Warrigton Dawson;** A Realeza e o Espiritismo — As Sessões da Rainha Vitória, por **Fred Archer;** João Amado Venâncio; Conan Doyle e a Reencarnação, por **Deolindo Amorim;** Cruzada dos Militares Espiritas; Ao Beber nas Águas do Letes, por **Cyrilo Alleixo;** O Mestre Jesus, por **F. Noronha;** Ouvir, Pensar e Falar, por **Luís de Barros Castro,** O Fenómeno Chico Xavier, por **Alfredo Miguel;** A Luz do Mundo (Mensagem recebida pelo **Médium Francisco Luciano**); Académicos, Sábios e Preconceitos, por **Anselmo Paermentier;** Um Médico Opera em Estado de Transe; O Espiritismo na Evolução Humana, por **Adelaide Ivone de Sousa;** Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

15.º ANO JULHO DE 1954 N.º 7

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1954 — N.º 7

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

O TEMPO

Disse um dia Pasteur: «Quando perco uma hora roubo a humanidade».

Este pensamento encerra elevado conceito e leva-nos a meditar no esforço realizado. Teríamos, acaso, cumprido bem o nosso dever para com Deus, para connosco, para com o semelhante? Convencidos da natureza divina de nossa missão, realizámo-la com verdadeiro sentido humano?

De que serve o tempo? Em que consiste? A quem pertence? Que atitude devemos assumir ante o futuro?

Responder a isto é fazer psicologia transcendente. O porvir do homem semelha uma estrada deserta. À medida que se avança urbaniza-se a paisagem, polvilha-se de beleza natural, plantando árvores, erguendo muros, abrindo veredas de acesso. Cada um tem o seu desejo e a sua arte. O tempo está em branco: é a estrada. Cobri-lo de efemérides é realizar a vida, é mudar o futuro em presente.

No plano terreno, o tempo é essencial, está ligado ao acto. Os segundos sucedem-se sem parança. E essas partículas de tempo pertencem à vida total dos seres. Se delas depende o bem-estar colectivo, é crime defraudá-las.

Por isso devemos aproveitar o tempo no melhor sentido, dele extraindo beleza, harmonia, felicidade, para nós ou para os outros. Assim, não roubaremos a humanidade, não contrairemos dívidas, não enfraqueceremos o sector que nos foi entregue.

A aptidão, o discernimento e a inteligência são instrumentos da evolução individual. Cada um os aplica a seu modo, destruíndo ou construíndo. Mas o tempo é inexorável. Não espera. É a folha em branco que regista os factos, caracteriza os seres, liga as épocas. Nela se vê em pormenor o desfalque de A e B, que a História inscreve em seus anais indeléveis.

A folha em branco será tudo o que quisermos: guerra ou paz, alegria ou dor, degradação ou virtude. Aguarda acções de toda a espécie para a construção panorâmica. Somos nós que a preenchemos, somos nós que lhe damos forma e aspecto e a subscrevemos, finalmente, com a nossa rubrica indelével.

Devemos, pois, trabalhar afincadamente, sem dar pelo tempo que passa. Ele marcará os passos do viandante, com certeza matemática. Que as nossas pegadas sejam boas e sirvam de exemplo às caravanas que nos seguirem.

Que a razão nos governe sempre e não queiramos governar os outros, julgando-nos superiores a eles, quer em ciência, quer em sabedoria.

Que os fracassos sejam tomados como lições úteis e não como sintoma de incapacidade ou de fraqueza.

Que a boca se abra para louvar e jamais para denegrir.

Os caminhos da opulência nem sempre conduzem à virtude: a primeira é calculada e a segunda instintiva.

Tudo isto ensina o tempo que, além do mais, é grande mestre. É nele que se radica a experiência e se apoia a verdade relegada.

Aproveitemo-lo judiciosamente em todos os momentos da vida. Reabilitemos os caluniados que não conseguiram provar a boa-fé; defendamos os humildes a quem se negou um lugar ao sol; acarinhemos o velho e a criança — dois extremos opostos de um ciclo moral e mental.

Que um minuto não passe sem a nossa presença efectiva nos acontecimentos do mundo. A maior glória do homem é saber viver em paz. Só a paz constrói, só a paz dignifica.

Estas verdades estão nas dobras do tempo. Se não fosse a ignorância, toda a gente as conhecia e utilizava em proveito colectivo.

O conceito de Pasteur é desabafo de homem que sabe o que quer e para onde vai.

VERSÍCULOS EVANGÉLICOS OU SENTIMENTO JURÍDICO?

Pelo DR. SÉRGIO VALE
(Correspondente em S. Paulo)

III

Não obstante as desigualdades de classes, do mesmo grau das diferenças fisiológicas existentes entre as nossas células corporais, e que requerem naturalmente tratamentos desiguais, como prémio ao esforço individual, a todos os homens se deve proporcionar a realização de um anseio — o anseio de ser feliz. Será difícil a uma criatura deste planeta, na era presente, por mínimo lhe seja ainda o senso moral e embrionário o sentimento da justiça, a concepção de que a medida de benefícios reclamados para si é a mesma que deve caber ao seu semelhante? Esse critério não se impõe pela força natural da sua racionalidade e da sua evidência? Por que razão vasos iguais não se encherão da mesma quantidade de líquidos? Por que razão o conteúdo de um continente da mesma capacidade há-de fraccionar-se em quantidades diferentes?

O nosso alvo não deve ser a *nossa* saciedade: esta máxima é dos irracionais. A meta verdadeira é o *bem comum*. A minha felicidade depende da felicidade do meu semelhante e do meu igual, ou dependerá de luta fratricida e de guerras improdutivas; o fiel da balança, a Justiça, não permitirá jamais o desnivelamento dos dois pratos. Não temos direito a gozo algum que redunde em sofrimento para o nosso próximo, *principalmente quando este aprendeu a amar e defender a sua dignidade de homem, não se deixando roubar ou espoliar*. Fora do equilíbrio não há justiça, nem paz. A Justiça governará os homens como a lei da gravitação governa as massas siderais: infalível e universalmente. Quando *todos* os homens forem conscientes dos seus direitos e souberem defendê-los com a sua dignidade.

Ao ideal de saúde para o corpo físico corresponde, em outro plano, o ideal de perfeição para o nosso espírito, que nos accionará a conduta e no-la orientará no sentido desejado, quer busquemos a causa primária e original em Deus, a suprema perfeição em substância, na expressão de Kant, quer a criemos no interior de nós mesmos, por um esforço esclarecido da nossa vontade, por uma intuição paradoxal que nega Deus, mas não se nega a si mesma, alcançando, mau grado seu, no mundo do puro entendimento e das coisas úteis, segundo a filosofia de Spencer e do Positivismo, o imperativo categórico da lei moral. Com Deus ou sem Deus, o espírito descobre, depois de experiências infinitas (a evolução não tem pressa), o seu alimento e o seu ambiente, assim como os instintos de nossas células, através de multimilenárias tentativas, sabem das suas necessidades. «Para um homem de bem», pergunta Emmanuel Kant, «que se encontre na mais atribulada situação de vida, situação que poderia ter evitado se não se preocupasse com o dever, não será porventura um conforto o conhecimento de ter permanecido na sua dignidade de homem justo, honrando desse modo na sua pessoa a humanidade, além de não encontrar motivo algum capaz de envergonhá-lo perante si mesmo, mantendo-se serenamente diante do olhar perscrutador da própria consciência?». Sim, respondemos nós, mas isto sòmente lhe será possível quando a imagem indelével da balança da Justiça se lhe incrustar no coração, depois de examinada, sob todos os seus aspectos, pela sua inteligência e pelo seu raciocínio.

A nossa felicidade não se subordina à eventualidade dos factores puramente biológicos, conforme o pensamento de Spencer, nem aos direitos do Estado com que nos ameaça Hegel, nem ao livre contrato social das vontades individuais da filosofia de Rousseau. A base sobre a qual o homem pode firmar a sua felicidade precisa de ser mais sólida e mais duradoura. O governo legítimo não é o que promana do variável consentimento dos governados, como o estabeleceram os patriarcas da Independência norte-americana, pois tal consentimento pode ser desvirtuado pela ignorância, pela corrupção ou pela má-fé. O governo legítimo possui características impessoais, intemporais, universais. *Deve*

servir para todos os povos, assim como as leis da biologia governam todos os seres vivos. Deve ter como base o Bem Comum, assim como a biologia procura a saúde comum. Há-de inspirar-se na Justiça e na Moral (imperativo categórico de Kant), assegurado pela força do Direito, concretizado em leis garantidoras da igualdade.

O homem comum tem o instinto da felicidade, mas pode desviar-se do alvo natural para ir bater a portas erradas. Baterá na porta do Estado, com Mussolini, escravizando-se; confundir-se-á com o partido político do comunismo, mudando apenas de senhores. Caminhos errados que nos conduzirão fatalmente a derrotas. As provas nos estão vivas e frescas na memória.

A consciência moral de cada um é que delegará poderes aos governadores. Quando o homem se liberta de Deus torna-se presa fácil dos homens-panaceia. Os animais submetem-se aos seus instintos; os homens, justamente porque são deuses, são livres e responsáveis. Só não se inferiorizam quando se curvam à Lei. E esta é, no dizer de Jean Lacroix, «a encarnação do *espiritual* na ordem *temporal* da sociedade». Platão, ao imaginar a República Ideal, composta de granjeiros, lavradores, soldados ou guardiães, homens e mulheres gozando dos mesmos direitos, imaginou para o organismo social um órgão de direcção semelhante ao nosso cérebro — a classe de filósofos — devidamente instruída e seleccionada. A sua conclusão, rigorosamente científica, lógica, evidente por si mesma, foi a seguinte: «*A menos que os filósofos se tornem governantes, ou os governantes estudem filosofia, não se porá termo às aflições dos homens*». Um outro corolário que se pode tirar da filosofia de Platão é que o sistema nervoso de um país, isto é, os seus dirigentes, só deveria ser escolhido pelas unidades mais nobres, pelas células nervosas, pelos cidadãos mais lúcidos e mais responsáveis. O voto universal, indiscriminado, fará com que corramos o risco de elevar à suprema direcção nacional um digno representante do tecido conjuntivo ou do tecido ósseo. Muito úteis, não há dúvida, mas congènitamente inabilitados para o exercício da função intelectual. A escolha ou a eleição não se fará de entre os elementos mais capazes, mas de entre os mais numerosos. Viola-se uma lei biológica absoluta: à delicadeza da função deve corresponder a delicadeza do órgão. E a maioria é sempre inepta.

Marco Aurélio aconselhou e viveu a seguinte máxima: Justiça para com os semelhantes e indiferença pelo seu próprio destino. Ele via na coordenação, na interdependência e na reciprocidade de tudo na natureza a necessidade do reinado absoluto da Justiça. A fraternidade dos homens decorre da paternidade de Deus, diz Espinosa. Kant considera indignidade aproveitar um homem como objecto de lucro para outro homem.

As máximas de Buda chegaram até nós e viverão pelos séculos além. Ensinava e praticava a alegria da renúncia. O caminho do Bem; o alvo supremo da vida humana está no respeito mútuo de todos os credos e de todas as raças. A tolerância ele a prescreve de modo original: «*Se não posso convencer-te, nunca poderei condenar-te*». Para que o homem se possa libertar das garras das suas paixões, que o acorrentam à miséria e à morte, como escravo atado a uma roda — a roda das reencarnações — acena-lhe com o *Caminho Óctuplo,* dentro do qual coloca as *ideias justas* em primeiro lugar, antes dos sete mandamentos que se seguem: objectivos elevados, palavras bondosas, rectidão de procedimento, meios de vida inofensivos, perseverança no bem fazer, actividade intelectual e profunda meditação.

Zoroastro viveu 650 anos antes de Cristo e erigiu um monumento imperecível à ideia da Justiça. O que sobrou da teologia, da ética e da filosofia do Zend-Avesta, o Evangelho persa, em consequência de guerras religiosas nas quais os soldados embriagados destruiram o templo e assassinaram o profeta e os sacerdotes, bastaria para espiritualizar a humanidade, se esta não preferisse o caminho da dor, isto é, o caminho da evolução. Entre as forças do Bem e as forças do Mal, entre Ahura e Ahriman, na luta entre a luz e as trevas, prevista por Deus, interpõe-se, como fortaleza inexpugnável contra o Mal, o *homem justo.* Aconselha-nos Zoroastro a que pensemos com Justiça, pois, se enganamos o nosso semelhante, não nos é possível enganar a Deus. Aquele que tem contemplação para o injusto e o mentiroso «*rega a semente da falsidade, de que nasce o escalracho da injustiça*». Exige mais ainda: exige que protestemos contra a injustiça, porque «acha mais graça aos olhos de Deus, nos céus, aquele que na terra intercede pelo pobre e o oprimido». Quem se nutre de pensamentos justos discorre com Justiça. Sem a resistência desta o Mal dominaria o mundo para sempre. O caminho da Justiça está, para Zoroastro, na *Regra de Ouro:* «*Não faças*

aos outros o que não é bom para ti mesmo».

Conheceis perfeitamente a essência da doutrina cristã. Nela vivemos e respiramos, apesar da discordância em coisas secundárias. Os Evangelhos são palavras e as palavras querem-se interpretadas. Há quem transforme o Cristo em arruaceiro, em agitador, em anarquista, com os Evangelhos na mão. O Cristo transformou a justiça passiva, segundo os conceitos de Zoroastro e de Confúcio — «Não faças aos outros o que não queres que te façam», no interesse maior do Amor, o qual toma a iniciativa — «*Faze aos outros o que queres que te façam*».

Haverá contradição entre o enunciado da primeira máxima, que se pode corporificar na Justiça, e a segunda, representada pela Caridade? Façamos a experiência de Kant — *generalizemos,* isto é, tiremos a Justiça das relações humanas, no século presente. Que aconteceria? Continuaríamos na nossa ascensão — lenta, mas visível — para estádios evolutivos de maior espiritualidade? Não sofreria abalo algum a marcha da civilização para Deus? Quem coibiria os apetites desenfreados do egoísmo universal?

Na aristocracia dos filósofos e dos pensadores, assim como na nobiliarquia dos missionários que baixaram à terra para traçar à humanidade sofredora novos rumos e novas compreensões, a ideia da Justiça ocupou sempre os melhores lugares. O monumento do Amor não pode ser erigido — *é a dolorosa experiência da vida que no-lo ensina* — senão sobre o pedestal da Justiça. Em sendo justo, traçando-se uma vida de equilíbrio e de respeito aos bens alheios, de qualquer natureza que sejam, estará o homem nas mesmas condições da árvore frutífera: já vegetou na humidade sombria da terra, quando semente, obedecendo às atracções do geotropismo; já se libertou para o alto, subindo verticalmente, em busca do oxigénio e da luz; já se opulentou com as fibras do lenho, para a atitude eréctil e a resistência aos temporais; já se esgalhou em braços, formando a copa esmeraldina, no meio da qual desabotoam as flores, apendoando-se, afinal, de frutos.

A doutrina do Cristo, se é uma doutrina de mansidão e de amor, preconizado para a solução dos conflitos entre os homens, todos irmãos e filhos do mesmo Pai, se é um bálsamo para os sofredores, é, ao mesmo tempo, um protesto indignado, veemente e firme contra as injustiças sociais. A sua missão preocupou-se com as duas vidas do homem: a vida espiritual e a vida material. Em muitas das suas palavras, em várias das suas atitudes corajosas e viris houve a reprodução de um advogado eloquente diante do pretório, acusando os algozes e defendendo as vítimas. Contrapondo às injustiças as doçuras do amor, não seria crível que tal procedimento redundasse na fermentação de novas injustiças na alma dos maus. Não diremos que fosse um comunista de fins, à moda russa: desejava um comunismo de meios, pelo qual todos os espiritualistas anseiam. O seu *processus* de reparação das injustiças aconselhava aos ricos e aos poderosos que se despojassem, *espontâneamente,* das suas superfluidades para o socorro aos irmãos necessitados. Não aconselhava ninguém a tomar com as próprias mãos manchadas de sangue a riqueza alheia.

Mas a prescrição para amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos equivale a uma promulgação de espiritualidade. Pressupõe o indivíduo na posse de uma disposição moral inexcedível na sua pureza. Isto seria a meta, o ideal, o fim. O distintivo do amor divino é a espontaneidade: o do amor humano é a reciprocidade. Por conseguinte, não pode ser ordenado nem intrometido num mandado de segurança ou num *habeas corpus*.

O amor reinante no seio das famílias legítimas e cristãs, conquanto amparado pela espiritualidade, isto é, por uma concepção espiritualista da vida, nutre-se de reciprocidade e firma-se em instintos poderosos, presentes até nos irracionais. Os homens amam *naturalmente* as suas companheiras e os seus filhos, na medida em que este amor é correspondido. Humanamente falando, não se pode exigir um amor unilateral, a menos que o seu portador seja um iluminado, como Buda e Jesus, ou um santo, como Vicente de Paulo e Francisco de Assis. O amor desinteressado é, realmente, a solução ideal; mas só poderá sobrevir no estado de espiritualidade, de maior ou menor amplitude. O amor divino é um efeito cuja causa está na espiritualidade.

Suponhamo-nos fisicamente enfermos. Ansiamos pela saúde perfeita, um estado definitivo de equilíbrio orgânico. Ansiamos, mas não podemos decretar um estado de saúde, como um ditador decreta um estado de sítio.

A criatura humana, na fase actual de evolução por que transita, é um feixe de tendências e de desejos, colocados entre semelhantes nas mesmas condições. Não pode galgar de um salto o cume da perfeição. Na impossibi-

lidade de nos canonizarmos santos, contentêmo-nos com os prémios menores conferidos aos *virtuosos* e aos que, dentro dos limites da razão humana, submetem a intenção, os instintos e a vontade à lei moral e ao dever. Este mesmo cumprimento voluntário de todas as leis morais só o pode consumar quem se encha prèviamente de uma espiritualidade confundível com a integração em Deus. Sòmente ouve a voz da consciência quem a adquiriu. Sòmente vive espiritualmente quem já se dotou de espiritualidade. Cairíamos, então, num círculo vicioso: se o mandamento de Deus se realizou em nós, se o amor divino nos consumiu e nos queimou todas as pretensões egoísticas e más, todos os desejos inferiores, já não pertencemos à humanidade, já não lutamos pela virtude, *já não precisamos de mandamento algum.*

Deus preferiu — interrogai-O, se quiserdes — que as criaturas humanas dele emanadas viessem viver num planeta onde dominem as mais inflexíveis leis da evolução e o princípio absoluto da relatividade. Evolução e relatividade subtendem-se e completam-se. O processo evolutivo realiza-se dentro da relatividade: os seres ascendem em ritmo desigual. Na evolução morfológica do passado, assim como na evolução espiritual do presente e do futuro, as espécies novas e mais perfeitas, os conceitos mais sublimados, não conquistam de improviso e com unanimidade os animais e as almas. Aparecem primeiro os precursores que apresentam as novidades morfológicas e as sínteses filosóficas, pagando sempre muito caro a exibição do seu progresso. E os que evolveram mudaram sempre de plano: aquáticos, anfíbios, terrestres, aéreos... Se a Terra é, para o nosso espiritualismo, um planeta de expiação e de provas, de aprendizagem e de estudos — uma Escola — a atitude menos utópica, mais racional e mais útil que deve assumir o tipo médio do espiritualista (nos extremos está sempre o erro) é a que semelhe ou reedite o procedimento do educador normal, perante os discípulos contidos na classe. Já compreendeu e quer fazer compreender, como o pai diante dos filhos. Educador sempre; jamais concorrente, jamais explorador, entre os quais reina a animalidade sob a forma menos evolvida. É o máximo de equanimidade que se pode conseguir na fase biológica em que vivemos.

Duas vontades se defrontam: a dos alunos que opinam sempre pela lei do menor esforço e a do mestre, cioso do cumprimento do seu dever e do aproveitamento geral. A primeira necessidade é a manutenção da ordem, fraternal mas enèrgicamente, pela bondade que não deve ser confundida com a fraqueza, pela inteireza de carácter do professor. Acontece, porém, que os componentes de uma classe de 30 ou 40 alunos estagiam em graus evolutivos diferentes. Se uns já alcançaram a fase biológica em que a Justiça foi assimilada pelo psiquismo, é possível que outros só se contenham diante de uma coacção mais fácil de ser por eles entendida — a da força. Força do Bem, mas força. Variemos, porém, o temperamento e o peso específico do mestre. Se for um santo rigorosamente obediente à letra evangélica, preferirá tornar-se vítima e entregar-se-á humildemente à discrição da turma. A responsabilidade dos acontecimentos escapa-se-lhe e transfere-se aos alunos. A disciplina e a ordem passarão a depender dos que deviam ser disciplinados e ordenados. Ninguém pode prever os resultados. Se o mestre é um energúmeno que exemplifica os seus vícios e os seus defeitos de educação, teremos a desordem total.

A média dos homens matriculados presentemente na Escola da Terra não apresenta alto índice de moralidade, de respeito à Lei, ao Direito e à Justiça. Se dispensarmos a colaboração dessas forças coercitivas, sob o pretexto de que sòmente o Amor constrói e de que a violência, qualquer que seja, ainda que seja a violência da Lei, é desobediência ao exemplo ideal do Cristo, como o sustenta o misticismo, a Escola da Terra mudar-se-á num inferno verdadeiro, retornando o homem à era dos trogloditas.

Antes de amar — isto por uma sequência imperiosa da evolução — deve o homem aprender a respeitar as leis, a reverenciar o Direito e a temer a Justiça. Depois o Amor será a norma comum e geral... noutro planeta. Porque quando a turma de alunos se tornar homogèniamente capaz, uniformemente evolvida, espiritualmente preparada para o curso final do Amor, não descerá jamais, senão voluntàriamente e em missão especial das potestades do Bem, ao calabouço onde respiramos e sofremos no ano escolar de 1954.

Se a finalidade de todas as Escolas é conferir um diploma de capacidade para o exercício de um mister, quando o terrícola é aprovado na sua capacidade de amar à moda de Jesus, de Francisco de Assis, de Ramacrishna, de Gandhi, é transperido compulsòriamente para Escolas Superiores. De modo que o Amor, aqui neste planeta, quando obtém o seu diploma, vai viver noutras moradas.

Sòmente os repetentes voltarão obrigatòriamente. Sòmente os missionários são capazes de arcar com os encargos sobre-humanos de um apostolado na Terra.

Não podemos fugir a esta evolução sábia e necessária, obediente às leis de Deus e que se processa através dos tempos e das estações. No programa da árvore, como no evolver da nossa espécie, tudo trabalha e luta por um ideal: o fruto, para o vegetal; o Amor para a humanidade.

Vede que não repudiamos o imperativo do Amor, nem a sua sublimidade. Deus é Amor; mas Deus é o Absoluto e nós vivemos no Relativo. Apenas não antepomos a frutificação à indispensável e preliminar florescência. Quem no-lo ensina e no-lo prova? A biologia, a Filosofia do Direito, a moral, o ensinamento de todas as Escrituras Sagradas do mundo. A fé religiosa deve assentar, tanto quanto possível, nos conhecimentos que a ciência nos está fornecendo. Destarte elas se reconciliarão para a felicidade do mundo.

Como conciliar a necessidade absoluta da Justiça, para que a evolução moral e espiritual da humanidade se complete, com uma passagem dos Evangelhos expressa em termos tais que, ou os aceitamos na íntegra ou os recusamos inteiramente?

A filosofia espirita — e nisto divergimos fundamentalmente da filosofia católica e da filosofia protestante — não aceita a Bíblia como a «palavra de Deus». Aceita a Bíblia, estima-a, louva-a, admira-a, assim como aceita, estima, louva e admira todas as Escrituras Sagradas de todas as religiões: expurgada dos erros, das interpolações e das contradições. Em todas elas busca respeitosamente a verdade, sem abdicar jamais dos conhecimentos e das observações conquistadas na Escola da Terra, que é a Escola de Deus.

O fundamento básico da Doutrina dos Espíritos está no uso consciencioso do mediunismo cristão, piedoso e puro, e na clarividência a que chegaram alguns médiuns de impecável procedimento. Através do mediunismo recebemos dos outros planos algumas informações codificadas pelo critério inexcedível de Allan Kardec. Todas as religiões do passado se utilizaram, quer o soubessem, quer não, desta via única, precária às vezes, às vezes enganosa e falha, por meio da qual exercitamos o nosso discernimento, progressivamente apurado.

Admitindo-se que os Evangelistas, desprovidos do auxílio da taquigrafia, eram amparados por eventuais dons mediúnicos, não aceitamos as suas informações, quando se manifestam evidentemente contraditórias ou destoantes do bom senso universal.

A passagem evangélica que a Filosofia do Direito repudiou e repudia, não em nome da irreligiosidade, mas do senso comum, é aquela em que Lucas atribui ao Cristo as seguintes palavras:

— «*Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te roube a capa, não lhe negues a túnica*».

Se existe verdade digna de consideração nesses dois preceitos, toda a construção jurídica, penosamente conquistada, através dos séculos, é um amontoado de mentiras. As duas proposições completam-se, reforçam-se e tiram-se a si mesmas todas as dúvidas de uma interpretação mais liberal. Não são parabólicas, nem metafóricas. Se a primeira deixasse alguma indecisão sobre o dever que nos corre de apanhar gratuitamente, a segunda concordaria com a livre actividade de todos os ladrões.

Sim, um santo é capaz de despir a sua roupa para vestir um mendigo esfarrapado. Mas a santidade implica a *espontaneidade*. E na liberdade do gesto está o selo da benemerência. Um santo roubado na sua capa e na sua túnica, esbofeteado gratuitamente, já não seria um santo no exercício sagrado da sua missão divina, porque seria, antes de tudo, um espoliado digno de piedade.

Jesus-Cristo, o «enviado do Pai», decretou uma legislação moral para o nosso planeta, do qual foi sempre o Governador. Mas este nosso reformatório é presidido por uma Lei sobrenatural — a Lei da Evolução.

As unidades humanas caminham a passos desiguais, misturadas e confundidas, em atritos necessários — os evolvidos e os involvidos — na classificação de Pietro Ubaldi.

O Amor, no seu significado místico, é o ideal, é a meta, é a frutificação, mas é regime, ou melhor, é um estado reinante, espontâneamente, na alma dos santos. Exemplo: um S. Vicente de Paulo ou um S. Francisco de Assis. Estes sobrepõem-se a quaisquer leis. São candidatos a outras moradas do Universo. Concluiram o trabalho evolutivo e livraram-se da roda das encarnações. Qualquer legislação lhes é dispensável. O que havia neles de humano já se lhes desfez na poeira dos séculos.

(a concluir)

A Vida no Mundo dos Espiritos

Por MARGERY LAWRENCE

Uma das mais frequentes afirmações acerca da vida futura é esta:

— Não sabemos como ela é. Ninguém de lá voltou para no-lo dizer.

E, todavia, semelhante afirmação é das mais incorrectas que se podem fazer. Muitas pessoas têm voltado para nos falar dessa vida. É claro que já não trazem corpo físico; deste modo, não podemos vê-las ou apertar-lhes a mão. Mas têm voltado, têm sido reconhecidas e acolhidas com amizade. Além disso, têm fornecido muitíssimas informações a respeito do país em que vivem, destinadas a quem se quiser dar ao trabalho de as ler e meditar.

O outro mundo — o círculo ou plano de existência que está para além do nosso globo — é conhecido por vários nomes, tais como céu, terra de verão, plano astral, e muitos outros. Nas minhas experiências, é costume fazer as seguintes perguntas: «Como é isso?», «Encontraremos depressa os nossos entes queridos?», «Como se viaja?», «Vive-se em casas ou cidades?», «Há lá comida ou descanso?», «E acerca de vestuário?», «E como se passa o tempo?».

O ENCONTRO COM OS AMIGOS

Uma das coisas que embaraçam muita gente reside no facto das descrições do Além diferirem muitíssimo umas das outras — embora a resposta seja realmente simples. No nosso mundo físico, há inumeráveis e diferentes regiões habitadas por várias raças, com diversos climas, alimentos, vestuário, costumes, etc. Assim, as descrições da Gronelândia, das Ilhas do mar do sul, de Londres ou do Arizona, variam imenso, apesar de serem descrições de partes do mundo terreno.

Deste modo, no outro mundo haverá tantas regiões, povos e condições diferentes, como aqui; embora diferentes, são de várias partes dum mundo e todas mais ou menos solidárias entre si. Os que se amam verdadeiramente, prestes se encontrarão em obediência à lei de atracção universal e não haverá doença nem pobreza, nem sangue, nem horror, nem tirania, nem injustiça, nem infelicidade, excepto nas mais baixas camadas do Astral, chamadas «Inferno» ou «Purgatório».

Como é isso, afinal? Entidades que se comunicam connosco falam-nos de vastos mares encrespados e cadeias de montanhas, de ilhas e continentes, de rios, lagos e florestas, ermidas isoladas, onde podem viver os que amam a solidão, pequenas aldeias ou grupos de casas, onde vivem e trabalham alegremente pequenas comunidades, grandes cidades brancas, sem ruas congestionadas, onde árvores frondosas crescem ao longo das estradas e onde crianças brincam pelos parques e jardins intermináveis... Quer dizer: não há aqui beleza que lá não exista igualmente, mas quase sempre mais quintessenciada.

E há lá belezas que nos são totalmente desconhecidas, assim como novas e soberbas cores (a coloração desse mundo é muito mais ampla do que a nossa e de matiz mais delicado), árvores e flores, aves e insectos que nunca vimos na Terra...

Há grandes Salões de Estudo, de música, de literatura, de ciência, de arte, onde se encontra tudo que é digno do que tem sido escrito, cantado ou composto, inventado ou pintado, e muito mais ainda, visto que tudo o que se deseja pode ser obtido.

Em geral, só avaliamos um bem depois de o perder. Na Terra, apenas existe a sombra de todas essas coisas. As próprias coisas existem no Além, onde têm a sua origem e são projectadas na Terra através de alguns cérebros receptores.

O PODER DO PENSAMENTO

Como se viaja? É um mundo regido pelo pensamento, não obstante ser inteiramente sólido e tangível para os que lá vivem, assim como a Terra o é para nós. As viagens obedecem, em absoluto, à força do pensamento. Desejamos estar num certo lugar, ou com uma certa pessoa — e estamos lá.

O caso é que, no Outro Mundo, podemos criar tudo o que quisermos pelo poder do pensamento, desde o alimento e as bebidas, ao vestuário, aos carros, às casas, etc. Isto explicará uma passagem do «Raymond», de Oliver Lodge, que tantos engulhos tem causado.

É quando um espírito diz que acabava de tomar um «whisky» com soda, coisa que me faz lembrar tanto o que se tem escrito acerca de alimento.

Muitos do que chegam ao Além, desejam logo comida e bebida, carros, vestuário, etc., como quando estavam na Terra; e logo que os desejam, «criam-nos» mentalmente e sentem com eles a mesma satisfação que nós sentimos com as coisas que nos cercam. Mas após um momento, estendem o desejo a tudo o que os rodeia — especialmente ao alimento. As almas evolvidas não necessitam de comer, nem de dormir, embora haja muitas Casas de Repouso, onde podem descansar em doce semi-transe, a que talvez pudéssemos chamar sono, se fosse necessário.

O APEGO À TERRA

É natural que os mais jovens, os menos adiantados, ainda estejam apegados às coisas materiais e «construam» as casas mais dispendiosas, roupas, etc. O que, por vezes, conduz a cenas engraçadas, como certa rapariguinha que era cozinheira na Terra e usará diamantes e comerá em baixela dourada numa casa semelhante ao Palácio de Buckingham.

Da mesma forma, os ignorantes que gostam de frivolidades e que não podem conceber a vida sem bailes, corridas de cavalos e tudo o que prende a atenção das pessoas mundanas (no Além encontrarão fàcilmente o seu nível próprio), «construirão» essa espécie de vida conforme seus gostos e tendências, em virtude do poder dos seus pensamentos.

Para eles isto é inteiramente real como a vida planetária, mas, embora verdade, devem ser criações artificiais que divertem e distraem os espíritos superiores. No entanto, ninguém se ri, visto ser uma fase que atinge muitas almas jovens e ignorantes, como sucede com as crianças que, pouco a pouco, abandonam os brinquedos. Da mesma

forma, eles crescem e dirigem-se para a realidade.

Quanto ao vestuário, é a mesma coisa. Basta pensar nele. Se você quiser reproduzir os modelos de Paris que usa aqui, reprodu-los, embora pareça amalucado. Quando aparecem aos seus amigos da Terra, os espíritos escolhem geralmente o vestuário que cá usaram para maior facilidade de identificação. Mas depois, todas as almas tomam posse gradualmente do seu vestuário, constituído pelas vibrações da sua personalidade semelhantes a leves túnicas flutuantes de vários tipos e cores, que os nossos médiuns têm assinalado. Conforme for o desenvolvimento espiritual e o carácter, assim será a cor do vestuário: lilás, rosa, coral, malva, ouro, azul, verde pálido.

A cor branca indica o mais alto desenvolvimento e o mais belo carácter e reúne em si todas as cores conhecidas e muitas outras. Mas o branco do vestuário de um Espírito Superior é brilhante, luminoso, muito diferente do branco sem interesse a que damos esse nome.

NÃO HÁ TRABALHO FORÇADO

À pergunta: «Que fazem eles de dia?», a resposta é «trabalham, estudam, fazem experiências, progridem» e se alguém torce o nariz a tal programa, digo-lhes que ninguém é obrigado a trabalhar. Não se obriga ninguém a fazer isto ou aquilo. A lei do Amor é a base da vida de relação, isto é, paciência e bom entendimento, até que o enfermo desperte para a nova vida e se disponha a trabalhar e a estudar para seu progresso...

Todos têm qualquer dom especial, interesse ou talento muitas vezes ocultos na vida terrena, e no Além são impelidos para espíritos semelhantes, formando grupos afins sob a orientação dos Mestres, que os ensinarão a usar as faculdades para bem da humanidade. Assim, químicos, médicos, artistas, músicos, inventores e matemáticos, reúnem-se nos seus grupos a trabalhar em novos planos, em novas belezas, em novas invenções para auxílio do homem e projectam os seus pensamentos sobre a terra.

UM LUGAR PARA TODOS

Meu pai continua a trabalhar em leis com um grupo de brilhantes advogados, a fim de melhorarem as nossas leis — foi um dos que concorreu para que o Governo alterasse as velhas leis de divórcio que tanto oprimiam as mulheres.

T. P. O'Connor, o «Pai da Câmara dos Deputados», como lhe chamavam em vida e até depois da morte, continua a auxiliar a política do seu país, a Irlanda, e a manter com outros colegas as controvérsias oratórias de que ele gostava tanto.

Um notável aviador meu conhecido ajuda os inventores da Terra a afinar um admirável tipo de aeroplano. Todos os espíritos, afinal, encontram gradualmente os seus lugares, as suas vantagens, os seus amigos sinceros e o trabalho, pois ninguém está sózinho, perdido ou abandonado.

Aqui todos são retribuídos no seu afecto, à excepção dos que nunca amaram na sua vida. Estes, irão para as esferas inferiores até compreenderem que o amor é toda a lei da vida.

E os maus, os assassinos, os traidores, para onde vão?

Esses vão para os vales mais baixos e profundos do astral, esses lugares escuros e desolados que o Cristo visitou e que o levaram a falar em «espíritos do inferno», que voluntàriamente escolhem o caminho errado e não podem tomar parte na vasta e bela vida do Além. Permanecem na escuridão que eles próprios criaram até compreenderem e se arrependerem de suas culpas. Só então começam a palmilhar a longa e fastidiosa ladeira. Felizmente para eles, há sempre almas generosas que os ajudam, desde que desejem ser ajudados.

ALEGRIA PLENA

«Mas, estão sempre a trabalhar? Não se divertirão?» — perguntam alguns.

Antes de mais nada, o maior divertimento reside no trabalho. Depois, eles divertem-se. Se viver com os que se amam, ter saúde e força, gozar a luz do sol admirar o céu azul e o oceano majestoso, a amizade, o amor e a alegria e essa coisa que se chama felicidade (que poucos de nós aqui idealizámos ou nenhum decerto conheceu), se tudo isto pode considerar-se divertimento, então, sim, existe aqui.

Os chamados mortos que buscaram a felicidade, encontraram-na verdadeiramente, sendo vulgar algumas entidades espirituais dizerem nas sessões que ouvem risos de criança misturados com vozes de adultos que andam com elas.

RESPOSTA AOS MOFADORES

Sei que este artigo será considerado um disparate pelos cépticos, mas a eles direi: «Venham, investiguem antes de zombar. Leiam, estudem, ouçam, como eu fiz durante muitos anos, antes de emitir opinião. No fim desse tempo, duvido que ainda zombem».

Sei que os meus estudos me têm dado algum conhecimento do mundo para onde irei quando «morrer». Não o conheço em pormenor — seria exigir muito —, mas sei o bastante para não me sentir lá estranha. Tanto assim, que, embora goze a vida sem desejos de abandonar o mundo, enquanto não concluir a minha tarefa, encaro a morte como a Grande Aventura.

(Tradução de I. D. S., do Psychic News, de 17-1-942).

A FELICIDADE NO CASAMENTO

Uma obra notabilíssima escrita por 39 especialistas americanos com sentido eminentemente prático. Milhares de questões da vida conjugal, desde o princípio da atracção sexual à vida do casal e à formação da família feliz e sadia, estudadas por médicos e professores com longa prática do assunto.

Compõe-se de cinco partes este volumoso livro de 640 páginas (grande formato), repleto de gravuras, a saber:

Preparo para o casamento — O Casamento (1.ª e 2.ª Secção) — Concepção, gravidez e parto — A Criança no ambiente familiar — Problemas sociais do sexo e do matrimónio.

Todos os homens e mulheres que desejam constituir família o devem ler, para evitarem percalços e desilusões.

Preço 150$00

MADAME FRAYA, MÉDIUM DE REIS E PRÍNCIPES

Por WARRIGTON DAWSON

Jean Jaurés, famoso *leader* socialista francês do princípio deste século, foi avisado por um médium de que morreria de morte violenta.

Ao que Jaurés, que também era médium, respondeu:

— E será na véspera duma declaração de guerra.

Realmente assim aconteceu. Foi assassinado na véspera da guerra de 1914, que ele sempre tentou evitar.

O médium que fez esta profecia há 44 anos acaba de passar ao mundo dos espíritos. Era a célebre vidente francesa Madame Fraya. A sua verdadeira idade era um mistério. Depois de passar os 80, costumava dizer:

— A idade não interessa. Para mim deixou de existir.

Quando o governo francês se preparava para deixar Paris em Agosto de 1914, Madame Fraya recusou partir, dizendo a Clemenceau e a Aristides Briand:

— Os alemães não entram em Paris.

Em Março do mesmo ano, profetizou à rainha Sofia, irmã do Kaiser, que ele cairia e ambos seriam rodeados de milhares de mortos. Disse também à rainha que o Kaiser não entraria em Paris. A verdade dessas profecias é hoje um facto histórico.

Entre as pessoas famosas que frequentemente buscavam a sua opinião contam-se o ex-rei Afonso de Espanha, a rainha Amélia de Portugal, a rainha Maria da Roménia, a neta da rainha Victória, e rei Alexandre da Jugoslávia, os grão-duques Nicolau e Alexandre, da Rússia, Edmundo Rostand, autor do «Cirano de Bergerac» e de o «Aiglon», Anatole France, Pierre Loti, e, pràticamente, todos os imortais da Academia Francesa.

O Dr. Léon Binet, decano da Faculdade de Medicina de Paris, que está fazendo experiências de influência magnética a distância, claramente metafísicas, em oposição à atitude materialista da maioria dos médicos, sabedor das faculdades de Madame Fraya, pediu-lhe que se sujeitasse a algumas experiências.

Sem lhe dizer nada, levou-a a diferentes escolas onde lhe pediu que examinasse as mãos de algumas crianças escondidas atrás duma cortina. Em todas ela fez a análise correcta do carácter e aptidão das crianças.

Ler na palma da mão é simplesmente um meio de que Madame Fraya se servia para estabelecer o contacto com as pessoas, mas a sua faculdade era verdadeiramente psíquica. Ela costumava dizer:

— Cada um dos meus clientes, traz-me o seu estado de alma e as suas radiações pessoais e eu sinto logo as perturbações. E quando alguém está para morrer de morte violenta é uma verdadeira angústia que se apodera de mim.

Entre as suas profecias mais singulares conta-se a de um rapaz chamado Henri Gans, mobilizado com as primeiras tropas enviadas contra o exército alemão. A poetisa Ana de Noailles consultou Madame Fraya sobre o seu paradeiro e a resposta foi: «Vejo-o ferido numa perna e a perder tanto sangue, que morrerá».

Gans fez a guerra toda sem um beliscadura e toda a gente pensou que Madame Fraya tinha falhado. Porém, dez anos depois, Gans foi ferido numa coxa por um desajeitado atirador durante uma caçada e morreu da hemorragia.

Educada para pianista de concerto, chegou a obter um êxito considerável; mas aos dezanove anos casou com um professor de filosofia e veio para Paris, onde os amigos tiveram conhecimento das suas faculdades psíquicas. No entanto, a pioneira do feminismo francês, Madame Severine, é que a fez acertar com a verdadeira vocação, induzindo-a a ler a sina nas mãos, numa festa de caridade. Todos os janotas de ambos os sexos lhe estenderam a mão para se divertirem e ficaram espantados com o que lhes disse.

Nos últimos anos da sua vida, Madame Fraya esteve de cama entrevada pelo artritismo, mas o seu espírito continuava brilhante e a receber impressões psíquicas, embora em menor extensão.

Dizia que as melhores horas para receber eram das 2 às 9 da manhã e sobretudo quando estava em jejum.

Pode-se dizer sem receio de desmentido que Madame Fraya foi a melhor continuadora da célebre clarividente Madame de Hebes, afilhada e protegida de Alexandre Dumas, filho, o grande escritor a quem ele ficou devendo a sua carreira de médium extraordinária.

(De *Psychic News*)

A REALEZA E AS SESSÕES DA R

POR FRED

A fim de comemorar a coroação de Isabel II de Inglaterra, Fred Archer, actual director do semanário londrino Psychic News, publicou alguns artigos relativos à ligação da família real inglesa com o Espiritismo, desde a Rainha Vitória aos nossos dias. São esses artigos que resolvemos traduzir para os leitores da nossa revista.

Esta história principia com a Rainha Vitória, matriarca da Casa de Windsor, além de cujo reinado a memória não alcança. Em certo sentido, principia antes do advento do Espiritismo moderno, visto que, dois anos antes das «pancadas» de Hydesville, em que toda a gente falou, já a Rainha tinha realizado sessões em Osborne House, a sua casa da ilha de Wight.

Deste modo, Vitória foi uma das primeiras a receber a nova luz que iluminava a escuridão de muitas pessoas das gerações vindouras.

A sua médium era Georgiana Eagle e a prova de uma sessão recorda-se permanentemente e inegàvelmente.

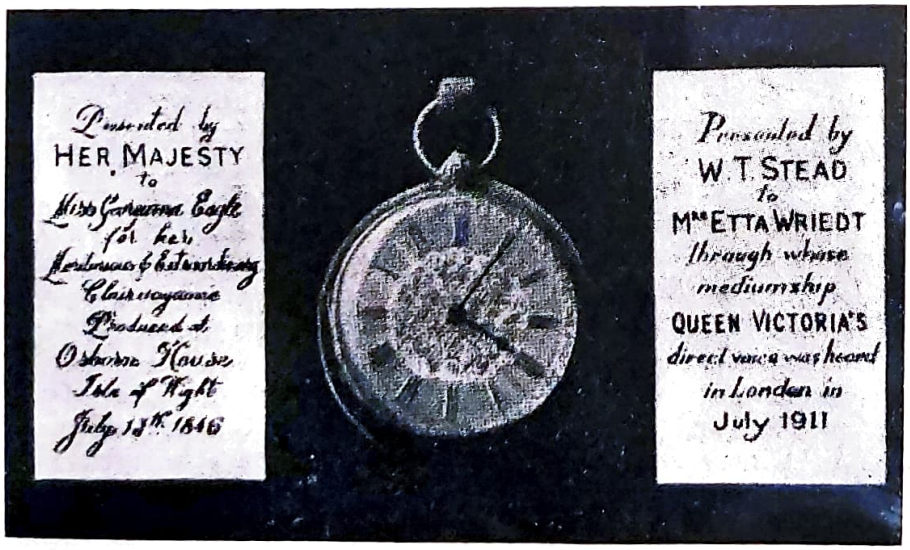
O facto foi comemorado por um relógio de ouro em que a Rainha mandou gravar a seguinte legenda: «Oferta de Sua Majestade a Miss Georgiana Eagle pela sua meritória e extraordinária clarividência revelada em Osborne House, ilha de Wight, no dia 15 de Junho de 1846». Note-se que isto se passou 15 anos antes da morte do Príncipe consorte, que sabia das sessões da Rainha e, segundo todas as probabilidades, a elas assistia. Assim, não se pode dizer que a Rainha Vitória — como afirmaram erradamente alguns espiritas de relevo, como Oliver Lodge e Conan Doyle, — se não interessasse pelos fenómenos psíquicos antes da morte do seu amado companheiro.

O presente que a Rainha Vitória ofereceu à mediunidade teve uma história notável. A Rainha confiou-o ao célebre jornalista e espirita William T. Stead, explicando-lhe que, tendo falecido a médium a quem se destinava, desejava que fosse oferecido ao médium que ele considerasse mais abalizado.

Stead consultou dois outros espiritas de relevo — Sir William Crookes e Alfred Russel Wallace — os quais escolheram a médium americana de voz directa Etta Wriedt, a quem foi entregue o relógio.

Portanto, era lógico que, dez anos após a sua desencarnação, a Rainha Vitória se comunicasse em Londres por esta médium.

A história não termina aqui. O que se segue abrange três reinados e liga a Rainha Vitória a um estadista dos Domínios Britânicos, em cujo bolso o relógio fez a sua viagem seguinte.



Este relógio foi oferecido pela rainha Vitória e entregue à médium Etta Wriede, através de quem a soberana «falou» em 1911

Como isto ocorreu foi-me contado pela falecida Duquesa de Hamilton e publicado a primeira vez, quando, após a sua morte, eu revelei que o antigo Primeiro Ministro do Canadá, Mackenzie King, era espirita havia muito tempo.

Diga-se de passagem que a biografia de Mackenzie King publicada há pouco reconhece o seu interesse pelo Espiritismo. A revelação que fiz no *Psychic News* de um segredo mantido avaramente pelos seus amigos e colegas poli-

O ESPIRITISMO

AINHA VICTORIA

ARCHER

ticos causou furor através do Atlântico. Muitos teriam gostado de refutar os factos, mas eram incapazes de o fazer, embora o tentassem em vão.

Na velhice, Etta Wriedt resolveu devolver o relógio à Grã-Bretanha e pediu a Mackenzie King (que realizava sessões com ela) que se encarregasse da entrega.

JOHN BROWN

O Primeiro Ministro Canadiano passou o relógio à Duquesa de Hamilton e esta ofereceu-o à *London Spiritualist Allance,* que ainda o tem em seu poder.

Mas o interesse da Rainha Vitória pelos fenómenos psíquicos não se pode avaliar sem falar no seu criado John Brown. Este jovem escocês tem um lugar único nos anais da Rainha Vitória e muito se tem especulado acerca da sua verdadeira posição.

Brown era a única pessoa que tratava a Rainha como um ser humano, que ousava dirigir-se-lhe, quando os outros permaneciam em silêncio até que ela lhes falasse.

Quando a Rainha se queixou de ter sido picada por um alfinete que usava para ajeitar o xale, só Brown lhe teria podido dizer: «Porque não mantém a cabeça erguida?».

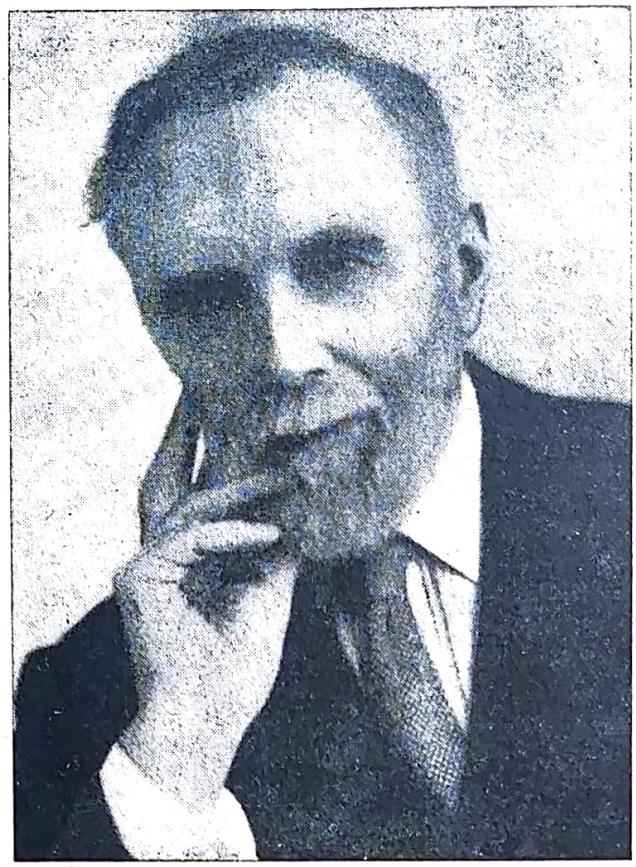
Há também o incidente relativo a certo prelado anglicano e familiar da Rainha, pelo qual Brown e os presbiterianos nutriam fraca simpatia. Uma vez, Sua Majestade exclamou, dirigindo-se a este dignitário:

— Tenho a certeza de que o meu caro bispo irá direito ao céu, quando morrer.

John Brown, que estava presente, respondeu imediatamente:

— Que Deus o ajude, quando encontrar João Knox!

A Rainha divertiu-se com a resposta. Mas os que a rodeavam é que se não divertiram, pois odiavam Brown, em virtude da sua influência sobre ela, assim como aqueles discursos mordentes e o desprezo que demonstrava por todos eles.



Robert James Lees

A PROTECÇÃO DA RAINHA

O boato correu e muitos partilharam deste ódio. Um dia, porém, um anarquista agarrou-se à janela da carruagem real, brandindo uma pistola em frente da cara da Rainha, e John Brown desarmou o tresloucado e o «Grande Favorito da Corte» avançou um passo na simpatia do público.

Era muito popular entre os seus companheiros de serviço. Consideravam-no um bom amigo no exercício da sua autoridade, pois conseguiu obter-lhes mais conforto e privilégios do que nunca.

Só Brown ousava criticar as ordens da Rainha. Quando ela despediu um lacaio por ter deixado cair uma salva na sua presença, os circunstantes ouviram Brown dizer-lhe:

— Que fazeis a este pobre rapaz? Nunca deixastes cair nada?...

Entretanto, se Brown era às vezes brusco para com a Rainha, entendia que ninguém lhe podia faltar ao respeito.

Mr. Galdstone tinha o mau sestro de falar em sociedade, como se falasse em comício público. Pois John Brown talvez fosse a primeira pessoa que fez parar a verborreia do Primeiro Ministro.

Certo dia, ao jantar com a Rainha, eternizava-se num assunto que a irritava, quando uma voz lhe disse ao ouvido:

— Olhe, que já falou demais!

O estadista ficou desconcertado e calou-se imediatamente.

Porque seria este procedimento tolerado pela Rainha, de quem tremiam os príncipes e o Primeiro Ministro? John Brown era honesto, de falas simples e homem de bom senso, mas estes predicados não eram os que mais se impunham na Corte.

AMIGO FIEL

Qual foi então o serviço prestado por este brusco escocês à Rainha, para que ela se mostrasse «amável, grata e amiga» e o descrevesse como «o mais sincero, mais fiel e melhor amigo?».

A explicação é simples. É que John Brown foi o médium, o intermediário, a ligação entre ela e o seu querido Alberto, durante os longos anos de solidão que haviam decorrido desde a morte do Prncipe Consorte.

Como chegou ele a esta situação?

Após a morte de Alberto, a Rainha ficou inconsolável. Os ministros só a grande custo a conseguiram interessar na política e por longo tempo recusou aparecer em público.

Foi neste período que o jovem médium Robert James Lees começou a receber comunicações do Príncipe Alberto; e Jimmy Burns, director de um jornal espirita, mostrou-as à Rainha, que mandou dois cortesãos, incògnitamente, a casa do médium.

Lees caiu logo em transe, sem a mínima preparação; e quando os dois emissários da Rainha entraram no seu quarto, deu-lhes as boas-vindas. E logo o Príncipe Consorte lhes falou através do médium, dizendo: «Você é Lorde fulano... e você o Conde cicrano», nomes que eles deviam conhecer.

O Príncipe Alberto, sempre por intermédio de Lees, apertou-lhes a mão dando o sinal da maior hierarquia maçónica — segredo que o médium ignorava inteiramente.

O Príncipe deu mais provas pessoais destinadas à Rainha, incluindo factos que só ela podia confirmar. Depois, para demonstrar a identidade, escreveu uma mensagem que assinou com um nome familiar usado entre os dois e com o qual subscrevia a correspondência particular com a Rainha.

Pouco depois dos embaixadores entregarem os seus relatos, Lees foi convidado a ir ao Palácio Real, onde realizou algumas sessões para Sua Majestade.

Vitória ficou tão impressionada com o resultado destes trabalhos, que convidou Lees a entrar para o seu serviço, a fim de poder dispor de todo o tempo. Lees, porém, recusou o emprego — mais tarde tornou-se um dos melhores escritores místicos do século XIX — e por seu intermédio o Príncipe Alberto informou a Rainha que havia um médium perto dela que podia manter a ligação estabelecida com o mundo espiritual.

Esse médium era John Brow e Lees prometeu realizar novas sessões com a Rainha, no caso de Brown não conseguir ajudá-la.

CONTACTO PERMANENTE

As relações entre Lees e a Rainha duraram sempre. Quando ele publicou o seu livro «Trough the Mists» (Através da Névoa), ela encomendou-lhe seis exemplares encadernados para oferecer a familiares.

Muitas vezes lhe ofereceu títulos de honra e presentes, que ele nunca aceitou. Pouco antes da sua morte, a Rainha mandou-o chamar e agradeceu-lhe o que ele lhe fizera.

As datas são elucidativas. Foi em 1863 que Lees realizou a primeira sessão na presença de Vitória. Em 1864, John Brow, primeiramente ligado à Rainha só em Balmoral, foi escolhido para ficar «em constante ligação com Sua Majestade».

As línguas começaram a badalar acerca da ligação entre a Rainha e John Brown.

Sempre que se encontrava aflita e queria resolver algum assunto, diziam os cortesãos que olhava primeiro para o busto do Príncipe Alberto e depois para John Brown.

Nos meios da Corte, incluindo alguns membros de sangue real ultrajados pela ausência de servilismo de Brown, chegaram a odiar o favorito e a temer a sua influência.

Os mais prudentes, como Disraeli, achavam que deviam aceitar os factos para captar as boas graças da Rainha. Um biógrafo chegou a dizer, reflectindo a convicção de muitos, «que Sua Majestade, John Brown e o espírito de Alberto formavam uma espécie de triângulo místico».

Só depois da morte do Príncipe é que o povo começou a saber o que devia à sua sábia política. Acaso a Rainha teria agido sob a égide do marido, nos anos que se seguiram? Os relatos dos seus órgãos jornalísticos e doutros periódicos indicam que podia ser assim, pois um historiador fez o seguinte comentário:

«Ela procedia geralmente como o Príncipe Consorte teria procedido... e o menos que

se poderia dizer — cada um que tire as suas conclusões — é que, se a Rainha procedeu sob influência de uma vontade estranha, foi levada a agir como grande e sábia rainha.

A MORTE DE BROWN

Quando Brown morreu, ela própria é que tomou as disposições para o enterro e mandou-lhe erigir um monumento e um belo mausoleu na propriedade de Balmoral. Ao mesmo tempo o seu busto aparecia em todos os quartos da Rainha, tal como as suas fotografias lá figuravam quando era vivo. Mais ainda: em memória de Brown ofereceu a cada serventuário um alfinete de ouro de gravata pedindo-lhes que o usassem em todos os aniversários da morte dele; e no resto da vida todos os domingos, mesmo em viagem, dois saleiros que Brown lhe oferecera figuravam na sua mesa; se lá não estivessem, ela não começava a refeição.

Mas o procedimento dos outros foi tão significativo como o da Rainha, cujo secretário — Lord Ponsomby — se apoderou do «Diário» do morto, para o destruir tempos depois.

Mais tarde, a Rainha causou viva consternação, quando anunciou que desejava publicar a biografia de Brown, escrita por ela própria, ideia depois abandonada a instâncias do Dr. Davidson, futuro arcebispo de Cantuária, sempre oposto à simpatia da Rainha pelo Espiritismo. Numa longa entrevista com ela, ameaçou resignar o seu cargo, se o livro fosse publicado.

Após a morte da Rainha, tudo foi destruído: o monumento de Balmoral, o quadro do mausoléu, os bustos e quaisquer outros vestígios da existência de Brown. Mas a mais bela prova que a Rainha podia dar é a que figura na lousa de Brown e que os ímpios não poderão apagar: «*Este amigo em cuja fidelidade confiais, este amigo que vos deram em circunstâncias que não podeis controlar, foi um presente divino*».

... Circunstâncias que não podeis controlar... presente divino... À luz do que eu escrevi, haverá coisa mais eloquente?

Embora o relato das sessões da Rainha e de Brown estejam perdidos para o mundo, a oposição da Corte e da Igreja não impediu que os descendentes da Rainha Vitória tivessem conhecimento da mediunidade e da vida após a morte.

(Do «Psychic News, de 23-5-953, traduziu I. D. S.)

JOÃO AMADO VENÂNCIO

No dia 24 do corrente regressou ao Brasil o nosso velho amigo João Amado Venâncio, comerciante em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, um dos mais belos Estados brasileiros.

Falar deste confrade é falar de Espiritismo, pois se encontra ligado a obras de vulto, como o Hospital Espírita de Porto Alegre, uma das maiores e melhores instituições do género, hàbilmente dirigida por Conrado Ferrari, director de Desobsessão.

Sabendo do projecto da nossa ida ao Brasil, logo se prontificou no auxílio às comissões organizadoras, com aquela franqueza que lhe é própria e que chega a impressionar pelo inesperado da carinhosa atitude.

As nossas impressões, trocadas ao longo de três meses céleres, revestiram carácter particular e doutrinário e foram altamente proveitosas, do ponto de vista do intercâmbio espírita luso-brasileiro.

Se nos for possível, lá estaremos em Porto Alegre, para abraçá-lo novamente e a outros amigos dedicados, como José Simões de Matos, Conrado Ferrari, Paulo Hecker e Francisco Spinelli, todos velhos conhecidos e amigos, aos quais nos ligam os mais fortes laços de afinidade espiritual.

Tivemos pena da separação deste cooperador magnífico, mas ele viera para visitar os seus familiares e não lhe era possível ficar mais tempo entre nós.

Que encontre sua esposa e filho em boa disposição. Estudos Psíquicos *deixa-lhe aqui um abraço sincero, extensivo à família espírita riograndese, pela qual sentimos inclinação muito particular.*

CONAN DOYLE E A REENCARNAÇÃO

Por DEOLINDO AMORIM
(Correspondente no Rio de Janeiro)

QUANDO Conan Doyle escreveu o seu grande livro *O Espiritismo, suas doutrinas, sua história, seus factos*, livro que constitui, sem a menor dúvida, uma das melhores e mais autorizadas fontes de consulta sobre a história dos fenómenos espiritas, não teve a intenção de fazer pròpriamente a história da doutrina, mas dos factos que deram origem à doutrina. Conan Doyle escreveu, portanto, uma história dos fenómenos de «além túmulo», mas não escreveu a história da doutrina. A verdadeira história do Espiritismo exigiria INDISPENSÀVELMENTE o estudo geral do fenómeno e da doutrina. Conan Doyle restringiu o seu trabalho ao fenómeno, simplesmente. Não se preocupou com a doutrina. No campo fenomenológico, evidentemente, o grande escritor inglês deixou uma obra valiosa, indispensável a qualquer estudioso do Espiritismo.

Se, portanto, Conan Doyle não pretendeu escrever a história completa do Espiritismo, porque lhe interessou apenas a história dos fenómenos e a vida de médiuns célebres, a começar em Swedenborg, é natural que, no seu livro, tenha o ilustre autor tratado da parte doutrinária apenas de relance, como se costuma dizer, ou muito por alto. Basta dizer que, quando se refere ao Espiritismo em França, Conan Doyle diz simplesmente o seguinte:

> *O Espiritismo em França concentra-se na figura de Allan Kardec, cuja teoria característica consiste na crença na reencarnação* (1).

III

Como se vê, muito lacónica, a referência ao movimento espirita de França. Depois disto, o autor apresenta as obras da codificação de Kardec, sem comentários. Pouco adiante, quando toca, *incidentalmente*, na reencarnação, é que o autor faz os comentários já citados no artigo anterior. Pouco disse, aliás, sobre a reencarnação, o que é fàcilmente compreensível, porque este assunto não estava previsto no plano da obra. Conan Doyle seguiu a linha de pensamento de Crookes, Barrett e outros autores europeus, cujos trabalhos, apesar de substanciosos sob o ponto de vista científico, não entraram na parte filosófica de além túmulo, porque se circunscreveram à parte experimental. Não é de estranhar que tal aconteça, principalmente em autores ingleses. Ernest Thompson, por exemplo, escreveu um resumo histórico do Espiritismo — segundo o critério inglês — mas passa muito por alto quando faz alusão à parte que toca aos espiritas franceses. Diz apenas que *o movimento espirita francês foi fundado por Allan Kardec. No «Livro dos Espíritos», Kardec expõe a filosofia que veio ser a base do Espiritismo não apenas em França, mas no mundo latino. Sua doutrina central é a reencarnação* (2). Como se vê, muito pouco sobre o Espiritismo em França, justamente porque, como bem diz o historiador inglês, a filosofia que serviu de base à obra de Kardec foi a reencarnação.

Não seria possível escrever a história geral do Espiritismo sem dar o devido relevo ao que ocorreu em França a partir de 1855, quando Allan Kardec iniciou os seus estudos da fenomenologia extra-terrena. Pelo menos, três factos fundamentais tiveram influência decisiva: a publicação do *Livro dos Espíritos*, em 1857, o aparecimento da *Revue Spirite* e a organização da *Sociedade Parisiense de Estudos Espiritas*, ambas fundadas por Allan Kardec, em 1858. O ponto de vista inglês e de outras correntes europeias é o de que a história do Espiritismo se resume exclusivamente à história dos fenómenos e dos médiuns; para nós, entretanto, filiados que somos à orientação de Allan Kardec, a história do Espiritismo sem a parte doutrinária está incompleta. A obra de Conan Doyle reflecte, portanto, a mentalidade inglesa.

Mais tarde, porém, depois de longa experiência, viria, como veio, a transição de Conan Doyle. Ele, que fora tão indiferente a cogitações filosóficas e religiosas, porque sempre se interessara mais pela experimentação científica, chegou a ficar, como já dissemos, um tanto místico, depois da 1.ª guerra mundial. Veja-se o que ele próprio confessa em seu livro *A Nova Revelação*. Tendo começado as suas investigações em 1887, Conan Doyle só veio a tomar

interesse pelas consequências filosóficas e morais da fenomenologia de além túmulo, muito depois, com a dolorosa experiência da guerra. Em 1882, ao terminar o curso médico, saía ele da Escola de Medicina muito impregnado de materialismo, por influência de professores e de leituras correntes na época. Quem o diz é o próprio escritor:

> *Quando, no ano de 1882, terminei a minha carreira, era eu, como outros muitos estudantes de medicina, um materialista em relação ao que se referia ao nosso destino pessoal. Tão-pouco me satisfazia a ideia de um Deus antropomórfico* (3).

Apesar de, mais tarde, haver tido provas concretas da sobrevivência da alma, através de fenómenos diversos, o grande escritor continuou indiferente às questões do destino humano, enfim, à alta filosofia. Admitia, sim, a existência — diz ele — de uma «força desconhecida ou inteligente»... Durante muito tempo, foi apenas um *dilettanti*, como ele se qualificava. Todo o seu interesse científico estava exclusivamente no fenómeno. Nada mais. A 1.ª guerra, com os seus horrores, com a orfandade e o luto, levaram Conan Doyle a sair da ciência pura e a procurar o *porquê*, a razão de ser de tudo isso... Eis, em palavras francas, como ele mesmo conta a sua transição para o domínio especulativo da filosofia e da religão:

> *Estalou a guerra. Em presença de um mundo agónico, em que, dia após dia, recebíamos notícias da morte da flor da juventude de nossa raça, em plena esperança, vendo em torno de mim esposas e mães sem um conceito claro do destino de seus entes queridos, senti que esse assunto, com o qual eu tanto já me havia preocupado, era, não já o estudo de uma força acima das regras marcadas pela ciência, mas alguma coisa tremenda, que punha abaixo as muralhas que separam os dois mundos.*

Bela confissão! Embora não tenha feito profissão de fé reencarnacionista, Conan Doyle passou a encarar os problemas de além túmulo com espírito filosófico e, já agora, com acentuada preocupação religiosa. Depois de tão profunda mudança interior, Conan Doyle discordou francamente de William Barrett, porque este último entendia, como ainda entendem muitos experimentalistas, que o fenómeno espirita não deve ter a menor ligação com o problema religioso. Conan Doyle, a esta altura, já se inclinava profundamente para o lado religioso do problema. Vê-se, portanto, que Conan Doyle, depois de algum tempo, já estava bem encaminhado para a parte filosófica do Espiritismo. É a necessidade do *porquê* das coisas. Não basta ver, observar, experimentar: é indispensável, depois, saber o *porquê* e *para quê*. Apesar de influenciado pelo pensamento inglês, Conan Doyle não ficou na experimentação pura. Depois disto, podemos tirar a seguinte conclusão:

- Tendo modificado muito a sua maneira de ver o problema de além túmulo, tanto assim que se dedicou, depois, com especial interesse, às consequências filosóficas e religiosas do fenómeno extra-terreno, na segunda fase de suas actividades espirituais Conan Doyle já não estava mais inteiramente preso à influência experimentalista inglesa.

---

(1) CONAN DOYLE — Ob. cit., pg. 228.

(2) E. THOMPSON — *The History of Modern Spiritualism*, pg. 40.

(3) CONAN DOYLE — *La Nueva Revelación* — Editorial Vítor Hugo — Argentina.

(Continua)

Obras de Pietro Ubaldi

Acabaram de chegar ao nosso depósito as últimas obras de Pietro Ubaldi, algumas das quais nos foram obsequiosamente cedidas por se encontrarem esgotadas:

Temos as seguintes, em número reduzido:

Grandes Mensagens	**130$00**
A Grande Síntese	**150$00**
Ascensões Humanas	**140$00**
Problemas do Futuro	**150$00**
Fragmentos de Pensamento e de Paixão ...	**150$00**

Estas obras, impressas em papel de linho puro e òptimamente encadernadas, constituem uma raridade bibliográfica, pois não voltarão tão cedo a editar-se.

Quem as desejar, não demore os seus pedidos.

Do Departamento de Publicidade desta magnífica organização sediada à Rua do Lavradio, 74, Rio de Janeiro, recebemos o seguinte comunicado, a que damos o maior relevo, em virtude da sua extraordinária importância. *Estudos Psíquicos* está de alma e coração com estes denodados obreiros, aos quais deseja os mais belos triunfos. Ao general Mário Travassos, seu actual presidente, dirigimos as nossas saudações, as saudações de um militar espirita que procurou sempre harmonizar os deveres de bom soldado com o sentimento fraternal que lhe impõe a doutrina.

CRUZADA DOS MI

No Brasil, as Classes Armadas têm tido um papel proeminente em todos os cometimentos que redundam num acontecimento marcante para a vida do país.

Nunca os militares estiveram divorciados do povo, pois que promanam desse mesmo povo, constituindo exemplo dos mais edificantes da pujança democrática e das tradições da Nação Livre, esta perfeita integração de sentimentos e de ideias, nas mais variadas oportunidades da sua história.

Nas Forças Armadas não há distinção de seitas, posição social ou cor da pele. Todos, pelo esforço próprio, podem galgar os mais elevados postos da hierarquia, habilitando-se devidamente, através das respectivas Escolas de Formação, Aperfeiçoamento ou de Especialização, que são modelos de ensino, de aproveitamento de valores e de selecção intelectual e moral.

Eis porque os militares não poderiam ficar indiferentes ao grande movimento espirita que se opera nesta terra, talvez no mundo inteiro, neste intercâmbio em que o Alto nos permite um melhor conhecimento dos nossos destinos futuros e nos orienta para o sentido espiritual da vida.

Desde muitos anos vêm os militares estudando o Espiritismo, tanto assim que a Federação Espirita Brasileira teve como primeiro presidente o então Marechal Ewerton Quadros, isto ainda no período monárquico, quando o catolicismo era a religião oficial.

Em todos os tempos, militares de todas as graduações integraram grupos espiritas e participaram dos trabalhos mediúnicos. Muitos deles fundaram associações espiritas nos mais longínquos recantos do país, onde iam prestar serviços profissionais, difundindo as verdades evangélicas.

Há dez anos, no entanto, surgiu uma organização, ainda ímpar, talvez, prenúncio do papel relevante reservado à Terra de Santa Cruz, como centro de difusão do Espiritismo, por isto mesmo já cognominada «Pátria do Evangelho e Coração do Mundo».

Por inspiração dos Espíritos superiores, surgiu no Rio de Janeiro, no dia 10 de Dezembro de 1944, a Cruzada dos Militares Espiritas, obra de fraternidade cristã, que se espalha vitoriosamente por toda a Nação e sob a protecção de Maurício — mártir do cristianismo no ano de 286.

Nasceu da vontade de um grupo de militares de afirmar, pùblicamente, a sua crença, no viver sem dispersão, em comunhão evangélica.

Há, neste facto, a existência da igreja invisível, pela qual serão pregados os Evangelhos entre os homens de boa vontade.

Vai neste propósito a sinceridade: não esconder a crença.

É ela natural e está legitimada na universalidade do direito divino: o da liberdade de culto.

Este direito transcende a mutabilidade da matéria, projectando-se no infinito, na esfera ausente de preconceitos ou convenções sociais.

A Cruzada dos Militares Espiritas não divide os homens, nem semeia ódios ou controvérsias pessoais.

Não há imposição de crenças nem de dogmas. Prega-se para quem quiser ouvir

ITARES ESPIRITAS

e aponta-se para os que têm olhos de ver.

A expressão moral-espiritual da Cruzada reside na liberdade de crer e no respeito a todas as demais crenças religiosas.

Não se disputam honras nem grandezas humanas, mas acredita-se no amor de Deus e propaga-se a verdade evangélica.

A Cruzada dos Militares Espiritas congrega homens que pregam o amor ao próximo, como um meio adequado à elevação da humanidade.

Tem como doutrina a Terceira Revelação, ensina o princípio reencarnacionista, segue o Evangelho do Cristo e aceita os três aspectos gerais do Espiritismo: ciência, filosofia e religião.

É, pois, inspiração de militares, reúne os homens de farda, sob os diferentes matizes — de terra, mar e ar —, homens de variadíssimos conhecimentos no domínio das actividades humanas e que com ela colaboram, tais como engenheiros, médicos, professores, para a pregação da verdade.

Os seus membros mais graduados na hierarquia social dirigiram ou dirigem massas humanas, ocupam ou ocuparam direcções de departamentos diversos e se recolheram, sentindo e verificando essa grande verdade, que é preciso dizer no interesse da humanidade.

A Cruzada é obra de militares que, no passado, já pregaram a fé cristã e continuam no espaço sideral ao serviço do amor e da caridade.

Organizada com base na Carta Magna da República, tem âmbito nacional, com sede na Capital Federal e Núcleos espalhados pelas Guarnições Militares, estando registada como Pessoa Jurídica no Cartório do 4.º Ofício de Registo de Títulos e Documentos.

Dentre os seus 23 Núcleos em funcionamento, nota-se o dos Cadetes Espiritas, instalado na Academia Militar das Agulhas Negras, que é a Escola de formação dos Oficiais do Exército; o do Colégio Militar, onde estudam os alunos do Curso Fundamental e futuros cadetes; o da Vila Militar da Capital Federal, cujas reuniões se realizam no Quartel General da 1.ª Divisão de Infantaria.

Depois de ser dirigida, por largo tempo, pelo velho e experimentado marinheiro — o Almirante Borges de Farias —, tem como actual Presidente o General Duque Estrada, antigo professor da Academia Militar, médico civil, matemático de renome e figura conhecida nos meios culturais. O 1.º Vice-Presidente é o General Mário Travassos, ex-comandante da Academia Militar, ex-Director-Geral do Ensino do Exército, ex-integrante da Força Expedicionária Brasileira, escritor e membro de relevo de várias associações pedagógicas. Como 2.º Vice-Presidente está o Coronel Dr. Paulino Barcelos, uma das personalidades marcantes do Serviço de Saúde do Exército, antigo Director de vários hospitais e experimentado comandante de Unidades do Quadro de Saúde.

Além dos estudos doutrinários, realizados em sessões domingueiras, nas quais oradores escolhidos abordam temas evangélicos, funcionam também as sessões práticas, mediúnicas e de caridade.

Empenha-se, no momento, a Cruzada, na aquisição da sua sede própria, em pleno coração do Rio de Janeiro, instalando, igualmente, os seus novos serviços: Relações Públicas, com ampliação das tarefas até agora realizadas pela rádio e pela imprensa; Assistência Social, mediante o funcionamento de ambulatórios, auxílio às pessoas, física e moralmente doentes, simultâneamente com o amparo à velhice; Estudos Evangélicos, Doutrinários e Mediúnicos, pela observação, investigação e perquirição dos fenómenos sob os três aspectos: científicos, filosóficos e religiosos.

É esta semente que a Cruzada dos Militares Espiritas lança para ser conhecida pelos militares das outras Nações, a fim de que se interessem pelo conhecimento das verdades espiritas e se enfileirem aos que sabem que precisam de trabalhar na seara do Mestre para o estabelecimento definitivo do império do Cristo na Terra.

Ao Beber nas Águas do Letes

Ao baixarmos de novo à crosta terrestre, cerrado vé desce sobre o pretérito e entre vagidos magoados damos início a mais uma fase da nossa evolução.

Na arena das lides redentoras nos encontramos desde esse momento, não para adornarmos um lar, ou servirmos, quais vivos bonequinhos, de entretenimento aos que nos recebem, mas com finalidades bem diferentes.

A sabedoria divina dá à criança um encanto e uma fragilidade tal, que, irresistìvelmente, nos levam a protegê-la e acarinhá-la, até poder ingressar também no torvelinho do mundo.

Bendito o esquecimento do passado, essa cortina impenetrável, para além da qual existe geralmente um mar revolto de paixões e vícios, ódio e desespero, que a todos horrorizaria e altamente comprometeria a nossa finalidade evolucionária.

Ao beber as águas do Letes, a alma mergulha num benéfico esquecimento, adornada com novas vestes, que lhe permitirão operar com mais facilidade, no mundo dos tirocínios rectificadores.

Contudo, desse pretérito esquecido emergem, sob a forma de inclinações, ideias inatas, etc., a herança das aquisições anteriores.

Longe, portanto, de uma alma virgem, cândida e inexperiente, estamos em face de almas em via de aperfeiçoamento, que vêm, não iniciar, mas continuar a vida em novo plano, onde lhes cumpre desbastar arestas e desfazer imperfeições, a fim de que se cumpra o su destino de engrandecimento progressivo, até à perfeição sideral.

Mas, vizinhos ainda dum passado animalesco, quando, através de formas inferiores nos ensaiávamos para a fase hominal, sentimo-nos subjugados ainda pelos instintos, que, com força incoercível, nos procuram reter nas sombras da rotina.

Todavia, o homem possui em si a força necessária para resistir a todo e qualquer ataque inferior, resistência essa que se impõe, a fim de aprendermos a dominar as baixas tendências, de contrário, as boas qualidades não sairão do estado embrionário.

Herdeiros de tesouros sem par, de virtudes divinas jazendo adormecidas em nosso âmago, cumpre-nos quebrar-lhes o encanto em que se encontram e despertá-las para a vida, para que a alma adquira as vibrações mais subtis, que lhes permitam identificar-se com vida cada vez mais esplendorosa.

Cada estádio de progresso tem por cenário um determinado meio, com o qual a alma deve ter a necessária afinidade vibratória, pelo que o ingresso nos sucessivos planos ascendentes se efectua de maneira segura e automática.

À medida que as vibrações psíquicas se subtilizam, vamos conhecendo ambientes de beleza e perfeição crescentes, até atingirmos estados de felicidade superlativa, inteiramente incompreensíveis ao nosso actual estado evolutivo.

E não podemos fazer uma ideia dessas condições superiores, porque cada plano que se segue, se desdobra em perspectivas imprevistas, sòmente perceptíveis mediante vibrações afins.

Nos domínios da matéria, as vibrações são baixas, dando lugar a aparências mais ou menos grosseiras.

À medida, porém, que vamos alijando a carga das imperfeições, a alma vai vibrando mais intensamente, achando-se automàticamente num meio de vibrações idênticas.

E como às baixas vibrações correspondem baixos estados emocionais e as vibrações subtis condicionam estados de alma mais delicados, segue-se que está em nossas mãos fugir das trevas para a luz, em demanda das mansões da bem-aventurança.

Um só meio existe para alcançarmos esse fim: apurar nossa condição vibrátil, porque uma vez ela apurada, encontrar-nos-emos em face de novas facetas da existência.

Para apurá-la, temos, portanto, de lutar pela nossa emancipação espiritual, desembaraçando-nos de tudo que nos mantenha acorrentados às inclinações inferiores.

Resistir-lhes, pois, é trabalharmos na modificação das radiações psíquicas; é prepararmo-nos para a sintonização com aqueles meios onde o bem reina soberanamente.

Enquanto nos aferrarmos aos velhos prazeres materiais, não poderemos sair do estreito âmbito das percepções grosseiras.

Em tudo, porém, há gradações e o mais ferrenho materialista não pode ficar eterna-

mente jungido ao círculo vicioso em que se fechou.

Pouco resolvidos a abandonarem essa rotina de prazeres fictícios, o tempo — esse grande mestre — se encarregará da tarefa, quando, atingido um certo ponto de saturação e sob a ameaça de certo vácuo nascente, sentirem necessidade de perscrutar o seu íntimo, onde instintivamente sentem a existência de novas fontes de vida.

Assim se inicia um novo ciclo de percepções, que a seu tempo se esgotará, para dar lugar a outro e assim sucessivamente, nesta arrancada para o Alto, em demanda do Zénite de perfeição.

É, portanto, contraproducente pretender que indivíduos pertencentes a determinado ciclo evolutivo, ingressem no imediato, sem primeiramente se encontrar exaurido o anterior. É como pretendermos duma criança a assimilação do que se encontra ainda além da sua capacidade, ou a maturação de um fruto, antes das fases preliminares.

Não nos cause mossa a diversidade de compreensão que nos cerca, porque isso é tão natural como o contraste entre os internos dum estabelecimento de ensino.

A ordem eterna é marchar, porque se em qualquer altura do progresso fosse possível a estagnação indefinida, não sairíamos do estado de infusórios, ou de batráquios.

Porém, como uma força poderosa nos impele sem cessar, não existe o perigo de qualquer estacionamento que não seja provisório.

Se o nosso fim é progredir sempre, porque resistimos conscientemente às forças amigas que pretendem elevar-nos na hierarquia universal?

Se é certo nada se conseguir sem a necessária maturação, a verdade, porém, é que, muitas vezes, o ser se encontra preparado já, para galgar outro degrau, mas, por inércia, vai-se deixando ficar, até que uma sacudidela mais violenta o impele para diante.

Porque não nos esforçarmos pela expansão anímica, se isso redunda em nosso benefício? E como? Evitando tudo que colida com as leis divinas, reveladas ao mundo, pelo mártir de Gólgota.

Se as leis humanas, apesar da sua natureza transitória, são já uma força, que dizer do código divino, eterno e imutável, cuja transgressão acarreta sanções infalíveis?

Mas o homem, uma vez de posse das

Por CYRILO ALLEIXO

Tudo cresce e progride; o que é impossível é transpor-se, dum salto, o que só se efectua à custa de sucessivas etapas.

As vibrações psíquicas, são, pois, o passaporte que nos assegura a admissão nos meios que nos são afins.

Como filhos de Deus e herdeiros do infinito e da eternidade, a majestosa lei da evolução encaminhar-nos-á com segurança, a passos de tartaruga ou de gigante, para os esplendores espirituais.

Do reino mineral, com a presença de pálidos pruridos psíquicos nos cristais, ao vegetal e deste ao animal, com início em rudimentaríssimas formas unicelulares, em aperfeiçoamentos constantes, através de períodos milenários, a parcela divina tem conquistado paulatinamente o seu progresso, atingindo sua expressão máxima no género hominal.

Mas não se ufane o homem, por se encontrar já tão afastado da monera, da medusa, ou dos vermes, porque distância ainda maior o separa dos estados angelicais, para onde deve dirigir agora seus vacilantes passos.

tépidas e fofas vestes carnais, inebriado com as vãs aparências deste mundo, esquece com facilidade suas tarefas santificantes buscando o jardim das ilusões, onde as flores não se ostentam mais que fugaz minuto.

Pela existência fora, recebe ela um sem número de avisos, através da voz da consciência, que, geralmente, procura abafar, mergulhando cada vez mais no báratro das paixões dominadoras. Seduzido pelas tentações que o cercam, coloca-se incondicionalmente ao serviço das baixezas terrestres, insensível a tudo o mais, sòmente lhe interessando o prazer imediato, única coisa que considera como certa.

E se num assomo mais enérgico a consciência consegue impressioná-lo um pouco, «não se deve deixar o certo pelo duvidoso»; corre logo pressuroso em busca de antídotos neutralizantes, com raciocínios como estes: «mais vale um pássaro na mão do que dois a voar», e «o que se leva melhor deste mundo, é o que se come, bebe e goza».

Isto, bem entendido, para as almas cobardes que, lançadas na luta, se põem à margem,

tementes do processo depurador, porque quando as resoluções são firmes e a vontade inabalável, não há obstáculos no caminho e a vitória virá coroar todos os trabalhos e sacrifícios.

Vindo ao tablado da vida, em demanda do progresso psíquico, quem procura fugir a esse objectivo falha redondamente na sua descida ao reino carnal, protelando assim a melhoria que a evolução lhe impõe.

No plano invisível, a alma tem, muitas vezes, nítida consciência dos bens terrenos, mas quando ali dá entrada, sente-se fascinada pelas falazes aparências das coisas, que tendem a desviá-la da sua verdadeira rota.

As tentações aqui são são grandes e a sua linguagem é tão perturbante, que difícil se torna resistir a essas sereias, comprometedoras dos nossos deveres.

Tomemos um exemplo: alguém a quem se confia certa soma com determinado fim, deixando esquecer, em virtude de múltiplas solicitações, os compromissos tomados, gasta tudo em suas fantasias e, quando mais tarde cai em si, verifica, contristado, o logro em que caiu, arrependendo-se de se ter deixado arrastar para as tentações que o infelicitam.

É aproveitar, portanto, enquanto não soa a hora da partida, a fim de podermos colher a incomparável alegria do dever cumprido.

Qualquer altura é boa para arripiarmos caminho: a questão é haver boa vontade e decisão. Há sempre possibilidade de seguir o que os bons propósitos nos ditam, mas, se por qualquer motivo vacilarmos, recorramos à prece, a essa muda mas vibrante linguagem que nos liga ao Criador.

A teimosia em nos mantermos agrilhoados a baixos valores vibratórios impele-nos muitas vezes a contrair pesados débitos, que nos infelicitam durante grandes espaços de tempo, obrigando-nos, pela lei da causalidade, a vidas futuras de muito sofrimento.

Todo o prejuízo causado em nossos semelhantes, por colidir com a lei da fraternidade, tem forçosamente de ser sentido pelos responsáveis, para aprenderem, assim, a ver no próximo uma parte de si mesmo, que é preciso amar e respeitar.

Virando-se o feitiço contra o feiticeiro, os perseguidos de hoje, se são espíritos ainda infantes, tornam-se geralmente algozes no Além, agarrando-se às suas vítimas, às quais procuram molestar o mais possível.

As grandes delinquências ao código extra-terreno não raro são a causa de muitas doenças mentais, de que os hospícios de alienados estão cheios, porque no perespírito se vão registando certos desequilíbrios temporários, quer sob a acção nefasta das vítimas, quer sob o acicate do remorso, podendo afectar o organismo fisiológico, mediante fenómenos epilépticos, demência, etc.

O quadro é bastante sombrio para encararmos de ânimo leve as nossas responsabilidades terrenas.

Expulsemos de nós como venenos letais os defeitos que nos atordoam e abrasemo-nos no amor divino, nesse amor que «cobre a multidão dos pecados» e que, subtilizando as nossas vibrações psíquicas, nos ergue dos antros miseráveis, às doces mansões siderais.

O mundo é vasta escola, onde de vida em vida se vai processando o aprendizado divino, até termos aprendido toda a lição de Deus, que Berry Benson ilustrou assim: «Um menino pequeno foi à escola. Era muito pequeno; tudo quanto sabia o havia obtido com o leite que mamara de sua mãe. O seu mestre (que era Deus) colocou-o na classe mais elementar e deu-lhe estas lições para aprender: «Tu não matarás. Tu não farás dano a nenhuma coisa vivente. Tu não roubarás». O homem não matou, mais foi cruel e roubou. No fim do dia (quando a sua barba estava grisalha — quando chegou a noite) o seu mestre (que era Deus) lhe disse: «Tu aprendeste a não matar, mas as outras lições não as aprendeste. Volta amanhã».

«No dia seguinte voltou o pequeno. O seu mestre (que era Deus) colocou-o numa classe um pouco mais adiantada e deu-lhe estas lições para aprender: «Tu não farás dano a nenhuma coisa vivente. Tu não roubarás. Tu não enganarás». O homem não fez dano a nenhuma coisa vivente; mas roubou e mentiu. E no fim do dia (quando a sua barba estava grisalha — quando chegou a noite) o seu mestre (que era Deus) disse-lhe: «Tu aprendeste a ser clemente. Mas as outras lições não as aprendeste. Volta amanhã».

«Outra vez no dia seguinte, voltou ele, como um menino. E o seu mestre (que era Deus) colocou-o numa classe um pouco mais elevada ainda, dando-lhe estas lições para aprender: «Tu não roubarás. Tu não invejarás». Assim o homem não roubou, mas enganou e invejou. E no fim do dia (quando a sua barba estava grisalha — quando chegou a noite) o seu mestre (que era Deus) disse-lhe: «Tu aprendeste a não roubar. Mas as outras lições não as aprendeste. Volta amanhã, meu filho».

... ...

O MESTRE JESUS

Por F. NORONHA
(Colaboração póstuma)

Grande iniciado, com o berço em Belém, da Terra Santa, então sujeita às águias das legiões romanas, teve como progenitores, José, carpinteiro, e sua mulher, Maria, residentes em Nazaré, Galiléa.

Ao tempo do seus nascimento, dominava Octaviano César, parente do conquistador da Gália que fora assassinado em Roma, em plena sessão senatorial.

Depois de ocorrências várias, Octaviano desafrontou-se de rivalidades e, recebendo da lisonja o título de Augusto, foi o primeiro imperador romano, chegando até nós vestígios do seu nome, no designativo do oitavo mês do nosso calendário.

Não consta que o carpinteiro José tivesse alcance ilustrado ou económico para curar da educação e instrução do filho.

A sua consorte, simples costureira, não ia mais longe no grau de polimento.

Eram trabalhadores vivendo do seu trabalho manual, e, nesta escola dignificante e de honra, cresceu Jesus, se informou e se fez homem.

Não pode pôr-se em dúvida, que a vergôntea daquele casal humilde e honesto haja respirado, a partir da alvorada do ser, num ambiente atmosférico límpido e sadio.

Era ele o filho legal de meros artífices, mas sobressaía em Israel, emocionante e peregrinamente, nada participava de venal e carnalidade, e quando dos seus contactos e diálogos com a samaritana, com a viúva, com a adúltera e com a Madalena, quando se elevava ao Pai Altíssimo, rogando-lhe clemência e misericórdia, transcendia nele a mística demonstração messiânica, impunha-se por natural eflúvio a sua missão de Enviado. E os Espiritas, de alma, de coração e de consciência, prestam-lhe culto sincero, aceitam-no como leal Mestre exemplificado, como guia de amor e tolerância, como égide de verdade autêntica, em Espírito, sem hipocrisias, sem soluções de continuidade e sem truques deprimentes.

João, o de Patmos e do Apocalipse, está na vanguarda dos seus discípulos.

O mandato de amor de Jesus, teve eco em João, que não cessou, enquanto vivo, de reproduzi-lo verbalmente.

Partiram em fora, em obediência ao Mestre, os apóstolos, a anunciar a todas as gentes a palavra do sublime doutrinador.

Era seu estilo o *Em espírito* e *Em verdade,* de que participava humanamente e que eles acatavam, sem embargo de serem por vezes mal recebidos e premidos por contrariedades.

Mas levaram também a sua cruz a calvário martirizante; e, sem embargo de apregoarem, não a letra, que mata, sim o testemunho imaterial de sensibilidade afectiva, o embuste e a perfídia de interessados em dogmas iludiu o doutrinamento do Crucificado, falsificando-o com audácia e inutilizando a sementeira apostólica.

Este não é o meu reino, foi sua expressão preclara, bem como: *dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.*

Por aqui fica demonstrado, com fulgor de evidência, que Jesus não se encontra integrado em recintos de eclésia e em negócios do mundo ou mundanos, mas no espírito e em verdade do seu próprio mandato de amor.

O discípulo que fora exilado em Patmos, que fora presente e a Mãe Piedosa à agonia do Moribundo, cravado de mãos e pés no madeiro do Calvário, tendo espetada na cabeça uma flagelante coroa de espinhos, esse discípulo de raridade ideal, teve até lhe esfriar a língua no céu da boca o convencimento da sua outiva, a visão do Flagelado e a noção exacto do Amai-vos. Somos irmãos, a fisiologia não nos abastarda e a mente, a espiritualidade aproxima-nos de Jesus.

Era doce o seu olhar, suave e penetrante a sua fala, só irado uma vez, quando viu transformado o templo em feira de vendilhões. Virás um dia, julgador impoluto, aplicar a justiça sem erratas aos não depurados pela provação. Então, o arrependimento sincero será a nota de clemência consonante com aquele brado de perdão, implorado de teu Pai para os teus carrascos, em meio de flagícios cruentíssimos.

Em tua missão de Enviado e de Julgador não cabem penas eternas, incongruentes com o Juiz de modalidade suprema, que deu às mães a abnegação sem paralelo e aos ninhos a gracilidade arrebatadora.

OUVIR, PENSAR E FALAR

Por LUÍS DE BARROS CASTRO

(Correspondente em LUANDA)

DIZ o povo que o «peixe morre pela boca». E ela é, efectivamente, o órgão que provoca as maiores calamidades.

Leitor amigo, já reparaste na quantidade de inimigos — ou pelo menos de pessoas que deixaram de simpatizar contigo — por causa de palavras que proferiste e que reconheces que não tinhas necessidade de proferir?

Quantas vezes, levado pelo desejo de falar, te meteste em conversas onde não eras chamado e acabaste por ficar aborrecidissimo com todos e até contigo mesmo?

Tu, convencido de que sabias mais do que os presentes, quantas vezes já deixaste péssima impressão no espírito de todos, coisa que terias evitado se tivesses resistido à tentação de falar?

A palavra é realmente um dom divino e por ela podemos receber e causar as maiores alegrias e provocar as maiores exaltações.

Tanto dinamiza, como petrifica. Acalma até à tranquilidade de alma e perturba até à loucura! Leva o medroso a praticar actos da maior coragem e reduz o valente a mísero vencido! A palavra domina as feras e os loucos e tem tal poder, que eleva a alma a Deus!

Sem ela seria impossível a exaltação patriótica das massas, o comando das multidões, a orientação do pensamento colectivo. Pela palavra se engrandece e coordena o esforço no trabalho. Por ela se comunicam os homens e se traduzem todos os estados de alma. Sem ela seria impossível o alto grau de civilização atingido pelos homens, como a ciência do passado se teria perdido toalmente, se não houvesse o veículo oral da tradição e da lenda, através dos séculos.

Faculdade excepcional e altíssima que a maioria possui e cujo poder a desconhece, — FALAR!

Só pela palavra falada ou escrita, foi possível a imortalidade dos grandes génios. Sem esta valiosíssima e preciosíssima faculdade, o Cristo teria ficado no olvido! Dois mil anos teriam volvido, durante os quais a Humanidade não teria a iluminá-la o imperecível brilho da sua palavra, que parece engrandecer-se tanto mais, quanto mais os séculos rolam!

O homem tem o dom de falar, mas poucos conhecem o poder da faculdade do Verbo. Por esse motivo muito se abusa da palavra, ignorando-se também que desse abuso resulta não só a diminuição de seu mágico poder, como acarreta os mais graves prejuízos. «Quem muito fala pouco acerta». E devemos acrescentar que muito se prejudica sob variadíssimos aspectos.

Quando se fala, expele-se fortíssima corrente de energia — o prana dos hindus — que, quando demasiadamente prolongada, se traduz em espantoso sumo de vitalidade, tão necessária a todo o organismo. Daí, muitas pessoas, quando chegam ao fim de longa e sobretudo inútil conversa, se declararem cansadas e sentirem necessidade de respirar fundo. Estão inconscientemente procedendo ao restabelecimento do equilíbrio dessa perda de energia que, da msma maneira, também inconscientemente desperdiçaram. Mas há pessoas que falam tanto, tanto, que esse equilíbrio jamais se restabelece e o físico o revela, apresentando-se

O FENÓMENO

POR ALFRE

(Correspond

O maior médium escrevente do mundo, de todos os tempos, possui-o o Brasil e reside na cidadezinha de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais. Nem Ermace Dufour, em França, nem Scaramuzza, em Itália, nem Davis, na América, se lhe equiparam, quer se considere a natureza do seu mecanismo pneumatográfico, quer se leve em apreço o volume da sua produção literária. Há cerca de vinte anos vem servindo como instrumento dos Espíritos superiores e até aqui não sofreu eclipse a sua mediunidade. O lápis de Chico Xavier, a deslizar velozmente sobre o papel, tem dado milhões de páginas versando todas as modalidades da cultura, e aí estão perto de quarenta livros a atestarem a sua fecundidade prodigiosa.

Casos menos extraordinários do que o desse sensitivo mineiro têm provocado no estrangeiro a curiosidade dos sábios, e estes não se dedignam de os estudar com todo o cuidado. Os sábios de nosso país, ao contrário, preferem guardar uma atitude de reserva. Ou fazem como o Dr. Silva Melo, que nos mais graves, nos mais transcendentes fenómenos conhecidos não viu mais do que o produto de engenhosas fraudes... Colectando material para o seu livro grande, de mais de 600 páginas, recentemente publicado, andou o doutor por Minas Gerais, porém tomou a precaução de evitar o Chico Xavier... A localidade de Pedro Leopoldo foi, outrora, a Meca dos jornalistas e literatos, quando os escritos do admirável psicógrafo tinham o sabor das coisas novas. O movimento foi com o tempo diminuindo, porém ainda hoje para lá afluem visitantes de toda a parte, do exterior inclusive. A popularidade de Chico vem daquele largo noticiário da imprensa brasileira e não sòmente da difusão de suas obras. Mas os homens que se dão a estudos sérios, mormente os corifeus da ciência oficial, têm-se abstido, digamos, cautelosamente, senão por tolo

CHICO XAVIER

O MIGUEL

nte na Bahia)

preconceito, de se aproximar do médium, de perquirirem e explicarem o que é aquilo que se passa quando ele cai em transe. Como pequena mas irrecusável prova do seu maravilhoso dom, pareceu-nos oportuno divulgar um soneto, que Chico Xavier, com a fronte apoiada na mão esquerda, os olhos cerrados e o lápis a correr celeremente, grafou num instante, enquanto se realizava a Festa do Livro Espirita, a 18 de Abril de 1950, na União Espirita Mineira, em Belo Horizonte:

O LIVRO

Ei-lo! Facho de amor que, redivivo, assoma
Desde a taba feroz em folhas de granito,
Da Índia misteriosa e dos louros do Egipto
Ao fausto senhoril de Cartago e de Roma!

Vaso revelador retendo o excelso aroma
Do pensamento a erguer-se, esplêndido e bendito,
O Livro é o coração do tempo no Infinito
Em que a ideia imortal se renova e retoma.

Companheiro fiel da virtude e da história,
Guia das gerações na vida transitória,
É o nume apostolar que governa o destino;

Com Hermes e Moisés, com Zoroastro e Buda,
Pensa, corrige, ensina, experimenta, estuda
E brilha com Jesus no Evangelho divino.

OLAVO BILAC

E assim permanece o fenómeno Chico Xavier a desafiar a argúcia de sábios e doutores...

de aspecto gasto, avelhentado e de saúde precária. Elas desconhecem que uma das maiores razões de seu mau estado é, exactamente, o exagero no uso da fala e por isso o continuam praticando. O palrador está sujeito a permanecer em constante estado de fraqueza que nenhum remédio debela, enquanto não descobrir que a causa está no desperdício de energia que só o muito palrar provoca.

As mulheres, principalmente, salvo honrosas excepções, prejudicam-se imenso, não só por muito falarem, como pelos assuntos de que se ocupam, geralmente fúteis, quando não de maledicência e comentário de vida alheia, com que jamais se deveriam ocupar. Se soubessem que sua beleza muito se prejudica com tal abuso, fàcilmente conseguiriam dominar tão má tendência.

Toda a pessoa que fala pouco é escutada com grande interesse, sendo fácil notar que quem fala quando é preciso imprime ao verbo um surpreendente poder, seja de convicção, seja de autoridade, seja de energia, de ordens que se cumprem sem objecção, seja de poder paralizante ou de movimentos agressivos.

As pessoas que fazem uso do Verbo com a consciência da força que o Verbo tem, não precisam de armas, nem de guarda, nem de ocultar-se, disfarçar-se, nem de usar quaisquer gestos ameaçadores. Caracteriza tais pessoas a serenidade e sente-se à sua volta uma irradiação de força, cujo potencial parece aumentar, à medida que procuramos localizá-lo. Seu silêncio perturba o mais ousado, sua palavra estarrece e paraliza!

Pelo contrário, o falador põe imediatamente a descoberto o seu feitio e embora por vezes dê a impressão de mata-moiros, a sua truculência raramente se traduz em actos correspondentes. Deixa-se o loquaz com alivio, porque ele se cansa e provoca cansaço a quem é obrigado a ouvi-lo. É que o falador, embora sem querer, *rouba* energia vital a quem o escuta; daí, o alívio que sentimos, quando nos deixa ou o deixamos! Quem há que não tenha notado esta verdade tão frequente?

Os velhos falam pouco, porque reconhecem a inutilidade da verborreia, poupando assim ao corpo abatido a preciosa corrente vital. Muitos ignoram que está aí a chave do prolongamento da sua vida.

O domínio das faculdades é absolutamente necessário, a fim de não provocar o desequilíbrio da saúde; mas, o da fala requer ainda maiores cuidados. Pela fala teus nervos vibram; pela fala teus músculos se põem em actividade; pela fala teu coração — outro músculo — se acelera ou pode parar como fulminado! Pelas palavras inconsideradas criarás as situações mais embaraçosas; provocarás tragédias irreparáveis e inimizades insanáveis; perderás tempo em discussões estéreis e grandemente prejudiciais. Se mal falares da vida alheia, fica certo de que o único atingido serás tu, porque atrairás o mal de que as tuas palavras se ocuparam. Por efeito de tua loquacidade viciosa, atrairás a mais baixa assistência espiritual que te perturbará a mente, havendo mesmo o perigo de chegares à loucura!

Aqueles que proferem palavras obscenas, se tivessem consciência do agravo que estão fazendo ao dom que lhes foi concedido, jamais se deixariam arrastar a semelhante degradação, que ofende directamente a Deus, porque a manifestação do Verbo em nós é a real manifestação de Deus! O Cristo ensinou a seus discípulos que não usassem de palavras ociosas.

Os Yoguis orientais, dominando a faculdade de falar, obtêm do Verbo quase todo o seu poder e, assim, fazem coisas tão surpreendentes, que tocam as raias do milagre e do incrível. O Verbo, tomado como dom divino e animado pela fé inabalável em Deus, faz do homem um Deus também!

Pedro, em nome do Cristo, curou aleijados de nascença, que ficaram normais no mesmo instante em que foram proferidas as palavras: «Em nome do Cristo levanta-te e caminha». E o pedinte largou as muletas, equilibrou-se, e, a gritar de contentamento, largou a correr! Poder do Verbo e da Fé! — PODER DE DEUS! VERBO! — MANIFESTAÇÃO DE DEUS!

E vós que falais, ainda ousais duvidar da existência de Deus? Que filósofos e que sábios sois vós, que não ouvis — e tendo ouvidos! — a própria voz do Deus que procurais? Vós, que vos moveis e falais e pensais e amais ou odiais, tendes desejos e renúncias, numa palavra, existis, sois tão sábios que nem ao menos notastes ainda que todas essas faculdades, esses altíssimos atributos, são, afinal, manifestações do Deus de que duvidais e que com sofísticos argumentos tentais negar?! Vós, que vos devíeis curvar perante o desabrochar duma flor! Vós, que devíeis ajoelhar ao contemplar o brilho das estrelas! A vaidade vos cega e Deus precisa realmente de ser duma bondade infinita para perdoar-vos as irreverências. Famosos sábios sois, mas grandes na ignorância de verdades por demais fáceis de verificar. Se o dom de falar sòmente fosse concedido a quem dele não abusasse e, portanto, o merecesse, veríeis quão raros o possuiriam e quantos «sábios» seriam e ficariam mais mudos do que rochedos!

Acaso, já alguém se lembrou de procurar justificação substancial para o facto de nascerem crianças totalmente surdas e algumas mesmo surdas-mudas?

O médico simplesmente cientista, diz: «Não fala nem ouve por defeito orgânico» e, mais ou menos, a maioria, não tendo bases para contraditar o cientista, aceita a explicação. Há realmente pessoas que, por defeito visível, estão impossibilitadas de falar. Mas há talvez muitas mais em que os órgãos fonador e auditivo são perfeitamente normais, e, todavia, são incapazes de funcionar! Porquê?

O médico espirita daria — e até o simples espirita — a resposta satisfatória. O mistério é apenas aparente e a resposta é simples, como simples é quase sempre o que nos parece complicado: É uma espécie de castigo que têm de sofrer os que abusaram, durante esta ou em passada encarnação, do dom de falar e de ouvir. Simples, lógico, perfeitamente aceitável, pela razão do próprio cientista que não seja pirrónico, nem dominado pelo sentimento de que ele é que tem o exclusivo de respostas que não admitem réplica, por mais absurdas que sejam!... Fica bem lembrar aqui, que o Cristo não foi diplomado por nenhuma universidade, sendo até muito possível que nem soubesse ler, mas de bem novo lhe ficou a fama de, com suas respostas a perguntas capciosas, ter deixado enfiados e confusos os doutores daquele tempo, tão dignos de acatamento como os de agora...

Também é bom lembrar que muitos dos sábios do presente,— apesar da sua infalibilidade e vaidade — não desdenham adorar e rezar ao iletrado Cristo! Cai assim na mais caricata contradição o seu procedimento, com suas afirmações!

Não há nesta divagação a mais pequena má vontade contra os cientistas, nem menos respeito pelos seus conhecimentos, de altíssima vantagem para o progresso humano, que não seja simplesmente um pouco de crítica construtiva. Veio a propósito do dom da palavra e no honesto desejo de mostrar que pode não ser concedido à nascença ou ser retirado em qualquer altura da nossa vida presente, se Deus achar que o seu uso nos pode prejudicar, pelo abuso que dele fizermos.

A peroração dirige-se, portanto, ao espantoso número dos palradores que desconhecem os perigos a que estão expostos. Trata-se de um vício que, como todos os outros — fumar, beber, etc., — proporciona certo e esquisito prazer, mas que de forma alguma compensa os males que provoca. Logo, deve ser evitado, ou, pelo menos, grandemente coartado. Ver, ouvir e falar, três faculdades preciosas que é preciso dominar, mas em especial a última. Tanto é assim, que, para elas, o povo tem o velho e previdente ditado: «Ver, ouvir e CALAR», que revela bem a vantagem do domínio sobre a língua...

Luanda, Abril de 1954.

A LUZ DO MUNDO

Irmão, não chores
se a noite te amedronta,
porque já existe Luz
há quase dois mil anos
para os que andam nas trevas
angustiados, sem rumo!
E essa Luz,
oh! irmão que choras,
é o nosso bom e meigo Jesus.

Oh! meu irmão, não chores
se a treva te amedronta.
A Luz permanecerá em ti,
se levantares os olhos
e vires Jesus.

Agora sim,
oh! meu irmão:
cantam as aves,
riem as flores,
o céu formoso
convida sempre,
porque Jesus,
vindo à Terra,
fez-se a Luz!

Oh! coração que choras,
porque em ti permanece a treva
e só há dor,
nunca te disseram
que já existe a Luz?...
Espanta a mágoa,
espanca as trevas!
Abre tua porta
e faz entrar,
meigo e sereno,
o bom Jesus.

Peregrino da estrada escura,
que vais cansado
e sem alento,
ainda não te contaram
que veio a Luz?...
Olha pró alto,
nunca pró chão!
Vê as aves,
como voam alegres!
Vê o espaço imenso,
iluminado,
e glorifica
no peito teu
o nome santo de nosso Deus,
que há dois mil anos quase
fez nascer
numa estrebaria,
na singela mangedoura,
a Luz que iluminaria o mundo:
o nosso Mestre, Jesus.

Mensagem recebida pelo médium Francisco Luciano e transcrita de «Água Viva», de S. Paulo

Académicos sábios e preconceitos

(CONTRADIÇÕES HISTÓRICAS)

Por ANSELMO PAEMENTIER (Da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires)

É erro pretender anular ou desfigurar uma verdade cientìficamente provada, valendo-se umas vezes de sofismas e outras do motivo infundado de não crer em tal verdade, quando um exame bem raciocinado transformaria esta atitude ou modo de pensar. Contudo, é um costume que degenera em aberração na grande maioria dos homens.

E o caso é que estes negadores de verdades são os menos indicados para isso, já que os seus conhecimentos reputados de científicos levariam a crer com certo fundamento na sua autoridade em matéria de investigação.

Bem sabemos que todo o descobrimento é acompanhado pela dúvida, pela desconfiança, pelo receio e até pelo desejo — em determinados sectores — de que alguns não cheguem ao conhecimento geral; mas, em homens cujo norte é o estudo, a análise dos acontecimentos no vasto campo da ciência, na filosofia, na psicologia, na biologia e demais ramos afins do saber, não se concebe o uso e abuso dos preconceitos destinados muitas vezes a torcer o rumo do novo e benéfico.

Com dados de juízos emitidos por homens, dos quais só poderíamos discutir o desejo de se manterem nestas teorias, sem pensar ou sem crer que nada permanece estático no Universo e que, pelo contrário, tudo avança, citaremos certos casos que a história apresenta como exemplos, deixando o comentário ao critério do leitor.

Comecemos por esta breve, mas terminante frase ditada por um dos maiores astrónomos da antiguidade (Ptolomeu). Diz assim: «Não há nada mais ridículo, mais estúpido, mais irrisório do que a hipótese idiota do movimento da terra». Apesar destas considerações de carácter «infalível», a terra gira sobre si mesma, em torno do sol, a velocidade fantástica.

Outro: o famoso químico Lavoisier foi encarregado em 1769 pela Academia de Ciências de fazer um relatório sobre a queda de aerólitos. Ateve-se, por sua vez, a uma observação do abade Bachelay de um fenómeno semelhante. Vejamos o seu parecer na parte final, já que os considerandos são demasiado extensos:

«Podemos, pois, concluir, segundo o resultado da análise e independentemente de outras razões que seria inútil pormenorizar, que a pedra apresentada pelo senhor Bachelay não tem a sua origem no raio, não caiu do céu, não se formou de matéria, de minerais postos em fusão pelo fogo do raio, como se julgou; esta pedra é uma espécie de pirite vulgar, salvo o olor hepático que liberta ao ser dissolvida no ácido marinho, fenómeno que não se obtém na dissolução da pirite ordinária. A opinião que nos parece mais provável, a que melhor se quadra com os princípios de física, com os factos relatados pelo senhor Bachelay e com as nossas próprias experiências, é que a referida pedra, que talvez estivesse oculta por uma capa de terra ou de céspede, foi descoberta ao ser tocada pelo raio e o seu calor suficientemente intenso fundiu a superfície da parte alcançada e não conseguiu penetrá-la; por isso a pedra não foi decomposta.

«A grande quantidade de matérias metálicas que contém e que opõem menos resistência às correntes eléctricas, talvez pudesse contribuir para determinar a direcção do raio. Observa-se, com efeito, que este vai mais fácilmente para os corpos electrizáveis por indução. Não devemos deixar passar em silêncio uma circunstância muito singular: o senhor Morandes Filho trouxe-nos um fragmento de pedra dos arredores de Coutance que também se pretende caída do céu e é quase de natureza idêntica à do senhor Bachelay. É também uma pedra cheia de pirites e só difere da outra na falta de cheiro de fígado, donde se conclui que o raio cai sobretudo em substâncias metálicas e em especial sobre as que contêm pirites.

«Como estes factos parecem muito fabulosos e como, uma vez examinados tendo em conta as experiências e as reflexões que acabamos de fazer, podem contribuir para esclarecer a história das pedras de raio, julgamos conveniente que este relato figurasse na história da Academia».

Apesar da análise química e do exame meticuloso deste grande sábio e suas respectivas conclusões, os aerólitos são uma realidade reconhecida pela Academia de Ciências, após a caída de outro em Lai (Orne), a 26 de Abril de 1803. De então até hoje, são inúmeros os casos comprovados.

★

Continuemos a citar exemplos, para ver o horror que produz o *novo* e o qualificativo de *louco* que se empregará para os que não concordam com eles, pois, desta forma, ficam certos de que os únicos com juízo e «sábios infalíveis» são eles. É uma maneira de se enganarem; mas, como todas as coisas, também essa se justifica.

Dizia um sócio da Academia de Medicina a respeito do magnetismo animal, depois do relatório de uma comissão do mesmo organismo: «Se a maioria dos factos fossem reais, destruiriam metade dos conhecimentos admitidos em física. Portanto, não devem ser propagados».

A opinião de outros sábios acerca do caminho de ferro não deixa de ter analogia com os demais casos difíceis de acreditar. Aconselhavam, em última instância, a construir paredes paralelas às vias férreas, baseados em que tais velocidades causariam distúrbios cerebrais nos passageiros e vertigens nos expectadores externos.

O epíteto de *demente* que os sábios deram a Harvey, com a sua descoberta da circulação do sangue, é outra prova da resistência a tudo que não se quadre às suas convicções e por isso acreditam orgulhosamente que os seus conhecimentos são a última palavra da ciência.

Outro exemplo típico de negação é o do físico Daguerre, um dos inventores do daguerreótipo, apare-

UM MÉDICO OPERA EM ESTADO DE TRANSE

O Psychic News de 30 de Janeiro último insere o seguinte estranho relato de John Hyde Taylor:

O médico de serviço Dr. Grey era conhecido como sonâmbulo. E quando o médico operador Scarlett, a cujo cargo estavam as intervenções cirúrgicas, se convenceu da cura do seu colega, partiu em uso de licença.

Uma semana depois surgiu uma operação extraordinária que nunca ali fora praticada.

A irmã Branca, a enfermeira Green e todos os interessados estavam a postos; a própria irmã Rose, do serviço nocturno, prometeu ajudá-los, se fosse necessário.

Preparados os instrumentos, as coisas tomaram um rumo inesperado. A operação só poderia realizar-se na manhã seguinte. O Dr. Grey, consciente da sua responsabilidade, tomou o caso a sério: recolheu-se com a directora e os restantes colaboradores, os quais pediram auxílio especial para o acto em questão.

À noite, o Dr. Grey deitou-se cansado e aborrecido por causa do doente «especial». De repente, ao bater das duas horas, ouviram-se os passos familiares do Dr. Grey, no seu velho hábito de sonâmbulo. Disse então à irmã:

— Quero operar já o meu doente... Prepare tudo... Chame as enfermeiras e a irmã Branca para me ajudarem. Para este caso é preciso agir. Ou agora, ou nunca. A vida ou a morte dependem da meia hora seguinte.

Todos chegaram imediatamente. A irmã Rose, exercendo a sua clarividência, viu atrás do Dr. Grey a sombra de um homem mais alto do que ele. Depois viu a sombra estender as mãos sobre a cabeça do médico.

Acto contínuo, o Dr. Grey mostrou atitudes diferentes. Durante a operação, a sua maneira de ser e de falar eram inabituais. Os métodos empregados, o manejo dos instrumentos, as coisas pedidas, tudo era diferente. Foi um grande êxito e o médico prestou homenagem a todos, exclamando:

— Graças a Deus!

Os acontecimentos relatados são absolutamente verídicos. Só os nomes figuram em cor por razões profissionais.

lho primitivo para fotografia sobre placas metálicas. No livro «As Casas Mal-assombradas», de Camilo Flammarion, lê-se uma anedota que a senhora Blavatsky refere na «Isis Sem Véu», 4.º volume, pág. 366. Diz assim: num serão em casa da senhora Daguerre, dois meses antes de Arago apresentar o novo processo na Academia das Ciências (Janeiro de 1839), aquela senhora consultou duas celebridades médicas sobre o estado mental de seu esposo. Depois de explicar aos médicos os numerosos sintomas do que ela julgava ser uma aberração do marido, acrescentou, lacrimosa, que a prova mais evidente da loucura dele era a firme convicção que tinha de que conseguiria gravar na parede a sua própria sombra ou fixá-la em placas metálicas mágicas.

O doutor escutou atentamente o relato e respondeu que tinha observado em Daguerre sintomas irrecusáveis de loucura. E terminou a consulta aconselhando a senhora que mandasse o marido ao manicómio de Bicetre. Passados dois meses, o mundo das artes e das ciências alvoroçou-se perante a exposição de imagens obtidas com o novo processo. A fotografia descoberta por Niepce, estava reconhecida.

★

Seria ilógico enumerar antecedentes ditados por homens reputados de sábios não preconcebidos. Mas onde esta teoria sistemática atinge o inconcebível é no que respeita à ciência espirita. Como o nosso objectivo, porém, é o estudo daquela, não nos deteremos nas considerações que lhe dedicaram, visto que as mesmas nos dizem claramente que as verdades são tão naturais e cabem tão bem na evolução lógica da vida, do mundo e das coisas, que não nos deteremos sequer, a discuti-las; ontem foram motivo de dúvidas e negações no campo materialista e no campo religioso; hoje são aceitas com reservas por uns, devido a preconceitos e interesses criados e critérios inerentes a toda a imperfeição humana.

Graças ao estudo e à observação, há homens sérios e responsáveis aos milhões, que aceitam os princípios e fundamentos do Espiritismo, pois, à medida que as suas experiências se aprofundam e se libertam de teorias em que viviam imbuídos, o panorama de suas novas concepções da Vida e do Universo se alarga, baseado em novos princípios biopsíquicos.

A verdade deve buscar-se—como o Espiritismo preconiza — fora dos sistemas preconcebidos. É preciso que a luz ilumine o nosso entendimento. Só então será verdade, embora fragmentada, porque as suas facetas são múltiplas e ela é só uma. O Sol, astro-rei do nosso sistema planetário, é um, mas os seus raios são numerosos.

O estudo das partes componentes de um todo é que pode levar ao conhecimento da verdade relativa. Por isso o Espiritismo crê, prova e formula a trilogia conceptual do ser, espírito, perispírito ou corpo astral e corpo físico. Assentes estão estas bases, após inúmeras comprovações de espiritas e sábios materialistas de grande projecção no mundo e isentos de preconceitos. Os sistemas infundados e caóticos não abrem caminhos precisos ao homem, ao passo que a bibliografia espirita orienta a espécie humana e assinala, com factos irrefutáveis, a verdadeira rota para ser feliz e compreender que tudo é relativo no mísero planeta que habitamos, quando há possibilidade de embelezar a vida, acumulando riquezas espirituais e morais, as únicas imperecíveis.

(Tradução de I. D. S.)

O Espiritismo na Evolução Humana

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

I

Allan Kardec, esse grande benfeitor da Humanidade, disse que o Espiritismo tinha de ser científico ou não teria razão de existir. Isto não quer dizer que esta nobre doutrina seja ùnicamente observada e seguida sob esse aspecto, duma maneira empírica.

Ciência é tudo que nos rodeia, porque ciência é a Vida. E desde que essa vida seja interpretada no seu verdadeiro sentido, observa-se um dos seus múltiplos ramos científicos. A ciência está, portanto, em tudo que nos rodeia, e não como geralmente se julga, que é pertença exclusavia dos laboratórios.

Quantos desses homens chamados *sábios* não foram ou não são autênticos assassinos da Ciência da Vida? O nosso século não está já verificando e mesmo reagindo contra os ataques que esses cientistas têm feito aos mais elementares princípios da vida? O que ontem um sábio dizia ser uma verdade intangível, outro sábio de hoje nega, como sendo teoria antiquada e absurda. Estes factos passam-se constantemente, enquanto as leis da vida continuam a ser imutáveis. Deus estabeleceu-as de uma vez para sempre, tais como o nascimento, a vida terrena e a morte. Estas três fases da existência humana são sempre as mesmas desde que o mundo é mundo. O pensamento do grande Kardec está plenamente integrado na verdade, isto é, na exacta ciência das leis que regem o nosso ser como elemento do microcosmo; portanto, como partícula universal terrena em evolução.

Todas as religiões afirmam que a alma do homem é uma entidade espiritual que lhe sobrevive, após a morte do corpo. Mas a biologia, um dos ramos da ciência oficial, recusou-se a reconhecer valor à natureza psíquica da alma, porque, diz ela, cada função do homem tem a sua origem em determinado centro do cérebro. Assim, os pensamentos, a palavra e todos os nossos movimentos, emanam ùnicamente do cérebro. Esta concepção leva a aceitar o princípio de que o homem nada mais é que o resultado das acções das células químicas e eléctricas nas células cerebrais.

Mas já se verificou que um doente a quem tinham operado, suprimindo-lhe metade do cérebro, continuou a viver normalmente. Em resumo, para a ciência oficial o homem é *cérebro*. Nestas condições, porque é que os governos mantêm religiões às quais rendem a sua homenagem, oficializando-as? Se o homem é apenas cérebro, isto é, matéria, não necessitavam de oficializar as religiões ou então, aceitando a individualidade espiritual do ser hominal, como entidade energética, não dificultavam nem proibiam os estudos da psique humana.

O actual Papa, num notável discurso pronunciado na Academia Pontifícia de Ciências, de Roma, em Novembro de 1951, que intitulou: — «As provas da existência de Deus à luz da Ciência Natural Moderna», veio precisamente ao encontro das doutrinas neo-espiritualistas.

Diz o chefe supremo da Igreja Católica Romana que, «tanto nas suas especulações filosóficas como nas suas conquistas científicas, o homem tem procurado através das idades indagar e desocbrir os segredos da Natureza». Ora, se os governos reconhecem uma religião de Estado é porque admitem a existência espiritual do ser, e consequentemente a íntima ligação desta individualidade com a Natureza-Mãe ou Deus.

Afirmam os cientistas que na natureza todos os elementos se interpenetram, formando intensa cadeia, ligando os infinitamente pequenos — o Microcosmo — aos infinitamente grandes — o Macrocosmo.

Diferentemente dos cientistas de há cem anos, os pais da ciência dos nossos dias sabem que tudo que existe está sujeito à lei da mutabilidade ou da eterna evolução. Modernamente descobriram a teoria do átomo, se bem que esse princípio já fosse conhecido da mais alta antiguidade, conforme no-lo relata Helena Blawatsky na sua admirável obra «A Doutrina Secreta». Lendo essa

obra verifica-se que nada é novo sob o sol: o que varia são os processos da técnica.

Do estudo do Macrocosmo e do Microcosmo o homem obteve a certeza de que o *nada* é palavra vã; que tudo no Universo vive e se liga numa incomensurável cadeia de elos, entre os quais nos mais pequenos se encontra o homem.

Ao estudo desta portentosa cadeia dedicou Allan Kardec a maior parte da sua vida, codificando um princípio que formou um corpo de doutrina, dando-lhe uma base científica. E a confirmá-la, um sábio contemporâneo — o Dr. Alexis Carrel — escreveu uma obra de vulto à qual deu o sugestivo título — «O Homem, esse Desconhecido», confirmando a existência de forças ocultas e latentes no homem, forças que a todos os títulos deviam merecer a atenção dos pais da ciência. Esse extraordinário potencial que existe no ser hominal e que também tem sido verificado nos próprios animais, constitui uma sensacional descoberta (se descoberta se lhe pode chamar), que em breve dará lugar à criação de muitos outros ramos de ciência. Neste sentido o Brasil inaugurou em 16 de Março de 1943 a *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos,* e na Argentina criou-se o *Instituto de Psicopatologia Aplicada,* aprovado pela Direcção do Ensino Técnico e Investigação Científica, aonde, como os títulos indicam, é ensinado e estudado o Espiritismo de acordo com a ciência moderna.

A necessidade de criar estes organismos prova que o Espiritismo toca na maioria das ciências.

Pelos fenómenos de efeitos físicos o Espiritismo entra na Metapsicologia objectiva e pelos fenómenos intelectuais na Metapsíquica subjectiva. *A metapsíquica estuda o fenómeno em si,* enquanto o Espiritismo procura sempre o *porquê* da existência da primeira parte do fenómeno e as suas consequências filosóficas, morais e sociais.

Com admiração cito novamente mais este conceito do grande Kardec em que diz: «*O Espiritismo e a Ciência completam-se reciprocamente*». Nestas condições o Espiritismo pode acompanhar o Progresso em todos os seus domínios e tornar-se uma forte alavanca de aperfeiçoamento humano. A ciência de Hipócrates muito já tem lucrado com os modernos conhecimentos do psiquismo, com o aproveitamento dos vários graus de mediunidade em que médicos e médiuns trabalham em estreita colaboração. E cada dia novos passos são dados na senda progressiva das descobertas nesse campo misterioso do potencial anímico humano. Os Esculápios do próximo século terão novos rumos na ciência e na arte de curar, tão diferentes dos métodos hoje empregados, como diferentes são os actuais dos que usavam os físicos da Idade Média.

A Ciência sem o Espiritismo acha-se na impossibilidade de explicar certos fenómenos da matéria; ao Espiritismo sem a Ciência faltaria apoio e comprovação.

O Espiritismo é uma ciência?

Sim, disse o Dr. Gustave Geley, director do Instituto Metapsíquico, de Paris: «o Espiritismo é a ciência da alma», da mesma maneira que a medicina é a ciência do corpo.

O Espiritismo compreende três ramos distintos:

Metapsíquica	Fenómenos de origem extra-normal, independentes dos sentidos humanos.
Psicologia	Fenómenos da alma humana, mas pertencentes a outra esfera acima da esfera comum.
Metapsicologia .	Ciência da alma. Fenómenos normais, ocorridos normalmente, enquanto a criatura está encarnada.
Psicopatologia ..	Fenómenos da alma submetidos ao estudo da ciência, podendo auxiliar a medicina oficial.

A *metapsíquica,* que faz parte integrante do Espiritismo, é a quarta dimensão da psicologia, visto que:

a *psicologia,* criada há cem anos, começou por criar instrumentos para medir a mente e analisar com precisão as sensações, percepções, sentimentos, etc.

A *segunda dimensão* constitui o estudo das sensações e reacções psíquicas dos animais e sua comparação com o ser humano.

A *terceira dimensão,* em sentido ascendente ou descendente, deu-nos a psicanálise, a qual descobriu o *inconsciente.*

Eis que surgem Einstein, Flank, De Broglie, Eddigton, William James e outros grandes físicos modernos que por completo destroem a teoria da independência do tempo, do espaço e da matéria, provando que tudo se funde na mesma grande Lei da Unidade Universal.

(Continua)

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

INSTITUTO DE ENSINO ESPIRITA

A *Confederação Espirita Argentina* fundou um Instituto de Ensino Espirita para estudo do Espiritismo no seu tríplice aspecto — científico, filosófico e moral —, através de um ciclo de cultura que servirá de lógico complemento aos desígnios da referida agremiação.

Eis o esquema do seu programa, que poderá servir de norma a empresas semelhantes:

Aspecto filosófico

a) *Introdução ao Estudo do Espiritismo* — Curso básico de informação geral.

b) *Doutrina Espirita* — Estudo e análise dos postulados fundamentais do Espiritismo. Análise comparativa de teses de alguns autores espiritas.

c) *Introdução a uma filosofia espirita* — Apresentação e análise de gnoseologia e filosofia do espírito.

Aspecto científico

a) *Teoria da experimentação espirita* — Curso geral de informação experimental, métodos, generalidades, condições (a sociedade, os assistentes, o médium, as sessões). Problemas, métodos e perigos.

b) *Teoria e prática da mediunidade* — Curso teórico-prático de experimentação espirita. Teorias, definição e descrição das faculdades mediúnicas. Prática experimental.

c) *Psicologia e fisiologia supranormal* — Curso teórico-prático de psicologia supranormal. A consciência supranormal. As faculdades de conhecimento supranormal. Métodos, teorias e críticas.

Aspecto religioso-moral

a) Princípios morais e religiosos do Espiritismo.

b) As religiões à luz do Espiritismo.

c) As escolas espiritualistas comparadas com o Espiritismo.

Informação cultural e científica

a) *Biologia* — Curso geral, especialmente o sistema nervoso.

b) *Psicologia normal* — Curso geral.

c) *Astronomia.*

d) *Religiões comparadas.*

Ciclo de cultura

Primeiro ano

a) Introdução ao Espiritismo.

b) Teoria da experimentação espirita.

c) Astronomia.

d) Biologia.

Segundo ano

a) Doutrina Espirita.

b) Teoria e prática da mediunidade.

c) Psicologia normal.

d) Religiões comparadas.

Terceiro ano

a) Introdução à filosofia espirita.

b) Psicologia e filosofia supranormal.

c) Princípios religiosos e morais do Espiritismo. As religiões à luz do Espiritismo. As escolas espiritualistas comparadas com o Espiritismo.

Quarto ano

a) História da Civilização.

b) Curso de Cultura Espirita.

Além disto, o *Instituto* poderá criar filiais no território argentino.

Como dissemos na entrevista que demos à revista *Conciência*, de Buenos Aires, consideramos imprescindível o ensino didático nas instituições espiritas. Sem sólida formação cultural, não podemos defender a Doutrina e impô-la a gregos e troianos.

A Confederação Espirita Argentina, de que faz parte o nosso colaborador Natalio Ceccarini, director do Instituto, deu um passo no caminho da reabilitação do ideal, que tão mal ferido tem saído ùltimamente de certas lutas traiçoeiras exercidas na grande república sul-americana.

A VISÃO DE CATARINA DA RÚSSIA

O *Psychic News* de 28 de Novembro de 1953 refere um facto interessante, segundo o qual a imperatriz Catarina da Rússia viu uma vez um fantasma sentado no seu trono.

Certa moradia isolada sita no bosque de Fontainebleau, em Paris, e pertencente à condessa de Czateray, que foi dama da Corte de Áustria, tornou-se em local de reunião de fantasmas célebres. Ali se encontra uma linda pintura oriunda de um antigo castelo da Boémia, representando a famosa «Dama Branca», nome dado ao fantasma pela condessa Berta von Rosenberg, nascida em 1425 e que era filha de Ulderic, governador deste país.

Berta morrera em trágicas condições após uma vida infeliz e o seu retrato representa-a de rosto triste, coberto por um véu e vestida de branco. A lenda diz que aparece sempre assim para anunciar morte próxima ou infelicidade a diferentes pessoas da família dos Hohenzollern. Diz-se que duas vezes lhe ouviram a voz. A primeira vez foi a 16 de Agosto de 1928, quando apareceu no Castelo de Neuhans. A jovem princesa Carlota estava-se a arranjar ao espelho, quando lhe sentiu a presença. Julgando tratar-se de qualquer serviçal, perguntou a hora, sem voltar a cabeça. Como resposta, a «Dama Branca» parou em frente da princesa e disse: «10 horas. Prepara-te».

Dez dias depois a princesa morria de uma doença antiga e fatal.

Entre as recordações conservadas no castelo há muitas cartas originais e em fotocópias, descrevendo frequentes visitas de fantasmas, durante a segunda guerra mundial, a vários castelos e casas de Berlim, Potsdam, Karlsruhe e Manheim.

Durante a última guerra foi distribuída às tropas alemãs uma circular convidando os oficiais a combater a lenda da «Dama Branca», cujas aparições eram mencionadas em muitas cartas da região.

Na Rússia há uma fotografia ligada a determinada experiência da

imperatriz Catarina, alguns dias antes da sua morte. Diz-se que uma dama da Corte da Rússia, ao passar na sala do trono, ficou admirada de ver a imperatriz sentada no seu trono. Sabendo que esta se encontrava no momento no seu escritório disposta a ler, correu para lá a comunicar-lhe a visão. Catarina ficou emocionada com o relato e resolveu ir ver. Efectivamente, ao entrar na referida sala, lá viu o espectro. Vivamente aterrorizada, disse aos guardas que disparassem sobre o trono. Após a desaparição do fumo, o trono estava crivado de balas, mas o fantasma tinha desaparecido.

Embora já tivéssemos aludido a este episódio, não é demais fazer-lhe referência, para avivar o problema da morte e da sobrevivência da alma humana.

A CLARIVIDÊNCIA NA GUERRA DA INDOCHINA

Segundo *La Idea*, de Buenos Aires, o diário *El Pueblo*, da mesma cidade, disse em 28 de Março último que na guerra da Indochina houve interessantes fenómenos de dupla vista na pessoa do bonzo cego (sacerdote budista) Lank Man, residente em Luang Prabang, capital do Laos, um dos países pertencentes àquela região.

O autor do artigo (Carlos Deabrosis Martins) baseia a informação nas palavras de um militar francês que conversou com o bonzo, o qual lhe deu provas pessoais, que mais ainda reforçaram a evidência das suas faculdades. Assim, quando o militar lhe disse que regressaria a França, pois já tinha as passagens e o passaporte no bolso, o vidente retrucou-lhe:

— Tu não irás. Não poderás ir antes da 11.ª lua.

E assim sucedeu, contrariando tudo o que os factos indicavam. Quando chegou à altura assinalada o francês realizou a viagem respectiva.

Segundo a mesma testemunha, as forças do Vietminh fizeram em Abril do ano passado uma vigorosa ofensiva perfeitamente dirigida e apetrechada, em virtude da qual a rádio de Pequim chegou a noticiar a queda de Luang Prabang. Mas o bonzo declarou:

— Luang Prabang não será tomada.

Os factos deram-lhe absoluta razão. Um ataque surpreendente à retaguarda do invasor obrigou-o a arripiar caminho.

No passado mês de Março tornou o bonzo Lank Man a dar provas das suas poderosas faculdades. As forças do Vietminh avançavam em triunfo, abatendo os postos franceses avançados que encontravam na frente, chegando assim a 10 quilómetros de Laos. Quando a queda parecia iminente e começou a evacuação civil, tudo parecia denunciar a derrota. Mas o bonzo voltou a exclamar:

— Luang Prabang não será ocupada.

Novo e inesperado ataque dos nativos pelo flanco e pela rectaguarda deu razão ao profetizador cego. Em ambos os casos, os mais rigorosos cálculos da estratégia e a mais elementar especulação lógica indicavam o contrário do que sucedeu. Quer isto dizer que as manifestações do bonzo eram baseadas numa informação alheia ao raciocínio humano. Até a acção das forças triunfantes tiveram no momento algo de extraordinário considerado milagroso, pois nada deixava entrever a esperança de resultados tão satisfatórios.

Mais uma vez a bela clarividência se patenteia aos incrédulos e aos negadores recalcitrantes. E mais: que tais faculdades nos indicam a existência de qualquer coisa muito superior e nos revelam a existência de um mundo supranormal que se liga ao nosso.

Na guerra ou na paz, na cidade ou na aldeia, onde quer que haja um espírito humano, as faculdades supranormais se evidenciam, independentemente de crenças ou religiões.

CONGRESSO ESPIRITA PAN - AMERICANO

O 3.º Congresso Espirita Pan-americano, que se reuniu em Havana, de 3 a 10 de Outubro de 1953, adoptou as seguintes conclusões e resoluções:

1.ª A moral é uma ciência natural semelhante às outras ciências, excepto no seu objectivo, que lhe aumenta o valor, pois sendo o espírito a parte essencial do ser humano, a moral, que o estuda, é a ciência que melhor poderá realizar os sublimes ideiais de justiça, fraternidade e amor.

2.ª Que a Confederação Espirita Espano-americana se apreste a combater, no próximo Congresso Internacional, a posição arbitrária e equívoca dos espiritualistas ingleses acerca da reencarnação e recomenda aos seus delegados que, no caso de lhes não ser permitido discutir e defender os nossos conceitos reencarnacionistas, se deverão retirar, visto que, sem reencarnação, a tese espirita não tem razão de existir.

3.ª Declarar «Dia de Amália Domingo Soler» o dia 29 de Abril de cada ano nos países sob a jurisdição da C. E. P. A.

4.ª Declarar e proclamar o Dr. José de Miranda Ludolf, presidente de honra do 3.º Congresso Espirita Pan-americano, pelo seu trabalho frutífero em prol da fraternidade espirita americana.

5.ª Nomear uma comissão de mulheres para estudar a situação social e jurídica da mulher nos países americanos.

6.ª Determinar que toda entidade que deseje ingressar na C. E. P. A. deve aderir prèviamente à Codificação Kardeciana.

7.ª Que a C. E. P. A. dirija protestos às Nações Unidas, sempre que tenha conhecimento de agressão ou perseguição a pessoas ou entidades, em virtude da sua condição de espiritas.

8.ª Recomendar às Sociedades Filiadas que organizem comissões para guiar, ajudar e proteger a infância desvalida.

9.ª Propiciar por todos os meios a criação e funcionamento de institutos ou centros de ensino espirita kardeciano nos países que os não tenham.

10.ª Recomendar a criação de escolas dominicais infantis anexas a cada Sociedade Espirita, com o fim de orientar a infância no conhecimento do Espiritismo.

11.ª Modificar a 1.ª Conclusão do 1.º Congresso Espirita Pan-americano realizado em Buenos Aires e a 5.ª do 2.º Congresso realizado no Rio de Janeiro, as quais ficam assim redigidas: «Considerando que a religião é matéria do foro íntimo, o Congresso afirma os aspectos científicos e filosóficos do Espiritismo, segundo a Codificação de Allan Kardec, para que o Espiritismo se não transforme em seita religiosa».

12.ª Passar ao próximo Congresso as teses que não puderam tratar-se neste.

13.ª Realizar o próximo Congresso, que será o 4.º, em Porto Rico, no ano de 1956.

Brevemente analisaremos algumas resoluções citadas nesta nota.

Notas & Comentários

PARTIDOS POLÍTICOS

O Semeador, de S. Paulo, publica a seguinte nota que apresentamos à consideração dos leitores:

«Cumpre-nos lembrar que a Federação Espírita Brasileira não se envolve em política e não permite, na sua sede, qualquer espécie de propaganda desse género, a favor deste ou daquele candidato, por mais digno que seja. Como cidadão, porém, o espírita, no cumprimento do seu dever cívico, escolherá o partido que mais lhe agrade e votará livremente no candidato da sua preferência; todavia, não se concebe que o espírita vote em candidatos cujos princípios colidam com a moral cristã.

«Ao contrário, portanto, de certas religiões, o Espiritismo deixa aos seus adeptos liberdade absoluta de votar em candidatos católicos ou pertencentes a outras expressões religiosas.

«Não há dúvida de que todos nos sentiremos jubilosos com a eleição de candidatos espíritas, pela certeza de que saberão cumprir os seus deveres para com os semelhantes e o bem público.

«Em suma, continuamos a afirmar: o espírita é livre e as associações espíritas são neutras».

Estamos de inteiro acordo com estas resoluções. Admitimos e achamos lógico que os espíritas se interessem pela administração e orientação política e social de seus países e votem livremente nos candidatos que melhores condições reunirem e se disponham a auxiliar as reivindicações da Doutrina no tocante à dignificação da pessoa humana, tendo em visto que o agregado social é reflexo da educação e do ambiente moral e espiritual que lhe tiver sido criado. Mas esse direito deve ser usado à margem das agremiações, cuja finalidade é congregar e não desunir. E não há nada como a política para desagregar os homens, embora tenham a mesma religião ou sigam a mesma filosofia.

Portanto, disciplina nos centros, obediência aos preceitos estatutários, no sentido de coesão maior, e liberdade individual fora das agremiações.

O espírita não é asceta, não admite a vida contemplativa. Trabalha, promove a estabilidade familiar, deseja o bem da humanidade, e tudo isto se pode concretizar se os políticos quiserem. Nas mãos deles é que está a chave de muitos problemas.

Mas não esqueçamos que não são eles os cavouqueiros da reforma social. Essa tarefa pertence aos educadores. Quando o fruto amadurece, mãos solícitas o colhem. Assim, as modificações operam-se naturalmente e as excepções confirmam a regra geral.

Esta é a nossa opinião. Os políticos sancionam o movimento das ideias, concretizam o esboço, dão forma à reacção molecular. E assim progride o mundo moral e social em processus de renovação incessante.

VIOLÊNCIA

Almenara, do Rio de Janeiro, traz-nos uma notícia desoladora. Em certa esquadra de polícia do Rio de Janeiro foi morto o jornalista espírita Nestor Moreira.

Ignoramos os pormenores do infausto acontecimento; mas, sejam eles quais forem, não podemos deixar de verberá-lo com toda a força do nosso ânimo.

A autoridade policial deve usar a força com parcimónia, escudada no bom senso, e nunca recorrer à extrema violência, que avilta a criatura e a coloca à margem da lei, que zela e impõe.

Deve dar exemplo de ponderação e de cordura, para que nela vejamos a base da ordem social, que informa as colectividades e as preserva do caos.

O momento que passa é desnorteante e pode conduzir a situações desesperadas. Temos a convicção de que o facto teve origem natural, embora o seu conteúdo arripie as pessoas sensíveis. Quando a liberdade é demasiada, a própria autoridade exorbita, sai das normas, esquecendo-se de que a violência gera violência. Que um cidadão analfabeto não tenha presente esta verdade comesinha, admite-se fàcilmente. O que jamais se admite é que autoridades se excedam no próprio reduto, a ponto de eliminar células do agregado social, que podem muito bem ser chefes de família.

O despotismo exerce-se de mil formas diferentes e não podemos nem devemos sancioná-lo. Fosse a vítima católico ou reformista, o nosso reparo teria a mesma oportunidade e sinceridade, porque só nos interessa a violência praticada. É contra ela que protestamos com veemência.

Tais desmandos só degradam as instituições que as permitem e mais uma vez se impõe a necessidade de reformar o homem, de o colocar acima de paixões ou de interesses inconfessáveis.

REPERCUSSÃO

O artigo que publicámos em Fevereiro último acerca de Pio XII está a ser transcrito por vários órgãos estrangeiros, em larga e útil repercussão. Ainda bem. O fenómeno não devia ficar limitado às páginas de um almanaque e por isso o publicámos nestas colunas, quando mão amiga o trouxe ao nosso conhecimento, certa de que iria contribuir para reforçar uma doutrina que o clero amesquinha e deturpa. Destindada a correr mundo, nada impedirá a sua marcha triunfante.

Os próprios católicos lê-lo-ão com justo prazer, excepto os nossos pobres comentários, aliás sinceros, sobre o Pontífice, que é médium na verdadeira acepção do termo. Só um médium poderia ser objecto de semelhante facto. O então cardeal Pascelli ficou perturbado e orou, convencido de que a nova missão espiritual o colocaria em foco perante o mundo hodierno.

Num sector diferente, o caso não repercutiria, sendo mais um a juntar ao acervo de casos que enchem os anais do Espiritismo. Mas no seio da igreja — e sobretudo da igreja católica — a questão assume aspectos extraordinários, de verdadeira sensação.

Não é verdade que «o espírito sopra aonde quer»? Se é verdade, como lê nos Evangelhos, o Vaticano foi agitado por um sopro espiritual na pessoa de Pio XII, sem dúvida um dos grandes papas da igreja católica e romana.

Noticiário

MAIS BRINDES DE LIVROS

Mais brindes de livros espiritas tivemos ensejo de distribuir pelos subscritores desta modalidade de beneficência que há mais de 4 anos se exerce ininterruptamente.

Eis os prémios e os contemplados na cornucópia deste mês:

«Graças Sobre Graças» — César Carneiro Franco, de Lisboa.

«Análise das Coisas» — Júlio Fernandes Ramos, de Cacuso, Angola.

«Visões Grandiosas na Terra e no Ar» — Francisco Joaquim Martins, de Lourenço Marques.

«O Reino de Jesus» — Ângelo Lameiras Fernandes, de Lisboa.

Voltamos ao nosso apelo de sempre: venham mais subscritores, porque este Fundo se encontra desfalcado e prestes a extinguir-se, por carência de solidariedade. Será bem triste ver apagar-se a lâmpada, quando mais se faz sentir a sua luz radiosa.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 25 de Julho corrente, António Cardoso realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor a sua anunciada conferência «Fenómenos Hipnomagnéticos».

Começando por historiar o assunto desde os primeiros fenómenos hipnóticos, falou demoradamente nos convulsionários de S. Médard, aludindo a Mesmer e Cagliostro, cujas vidas resumiu. Falou no electroscópio de folhas de ouro para referir as experiências de Madame Curie com Eusápia Paladino, as quais provaram a existência do magnetismo.

Depois espraiou-se sobre os processos hipnóticos ou magnéticos e fez a análise dos estados de credulidade, letargia, catalepsia, sonambulismo e desdobramento.

Contou vários casos pessoais no tocante às sugestões hipnomagnéticas e regressão da memória.

Por fim apresentou a questão de saber se um hipnotizado poderá actuar contra a sua índole. As opiniões dividem-se. Uns afirmam que não, sobretudo quando a hipnose é provocada por um indivíduo. Se for provocada por drogas químicas, o passivo ficará reduzido a mísero farrapo.

Relatou o caso célebre do húngaro Silvestre Matuska, para demonstrar como se podem influenciar pessoas e terminou, dizendo que o assunto era muito vasto e bem merecia a atenção dos estudiosos.

O presidente da Direcção do Centro, ao fazer a análise da conferência, referiu-se à neutralização da vontade pela acção das drogas e disse que, em seu entender, era indispensável a existência de uma vontade livre para influenciar o passivo e levá-lo à hipnose. A droga poderia obnubilar a consciência, mas nunca modificá-la ou orientá-la em determinado sentido, a não ser que despertasse estados latentes alheios ao conhecimento normal. Depois congratulou-se com os progressos do conferente, a quem desejava um futuro promissor.

COMUNICADO

Da Sociedade Espirita Paz e Amor, de Porto Alegre, foi-nos comunicado a eleição da nova Directoria para o biénio 1954-55, ficando assim constituida: *Presidente* — José Simões de Matos, nosso patrício e representante; *1.º Vice-presidente* — Ernesto Teixeira; *2.º Vice-presidente* — Sexto Rossi; *Secretário-Geral* — Arnulfo B. Ramos; *1.º Secretário* — Pedro Romario Bizarro; *2.º Secretário* — José Ivo Teixeira; *Tesoureiro-Geral* — Angelo Ferla; *1.º Tesoureiro* — Fernando L. Peixoto; *2.º Tesoureiro* — Carlos Fialho Schultz; *Bibliotecário* — Bellony Teixeira. *Conselho Fiscal* — Anchises Miranda, Damião Alves e Waldemar Kuplich. *Suplente* — Francisco Spinelli. *Conselho de Orientação Espiritual* — Anchises Miranda, Damião Alves, Ernesto P. Teixeira, José Simões de Matos e Sexto Rossi.

A todos estes bons amigos, as nossas saudações e votos de felicidade.

CASA DE MARIA

No próximo número faremos uma reportagem alusiva à *Casa de Maria*, sediada em S. Lourenço, Estado de Minas Gerais, a qual se dedica a proteger a vélhice desamparada.

GRUPO DE CARIDADE IRMÃO RHAMMURTHI

Saldo do mês de Maio	157$80
Produto da Festa de Caridade de 23 de Maio	1.572$20
Recebido em Junho	556$90
Recebido em Julho	760$30
	3.047$20
Distribuído em Junho e Julho	549$50
Saldo para o mês de Agosto	2.497$70

Donativos recebidos pelo mesmo grupo

2 camisolas de algodão; 1 combinação; 1 mandrião; 1 touca; 1 par de botinhas de lã; 1 vestido de algodão; 1 garrafa de conhaque para ceder pela maior oferta; 2 retalhos de fazenda; 1 vestido de bolero; 1 saia usada; 2 pares de sapatos usados para menina; 2 pares de sapatos usados para senhora; 1 camisola interior; 1 camisola de lã; 1 saco de feijão; vários géneros de mercearia para a semana do quilo.

Donativos distribuidos

Géneros de mercearia a 15 famílias necessitadas, em Junho. Idem, a 19 famílias, em Julho.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos, destinados ao Fundo Permanente de Beneficência.

Mês de Julho — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. L., de Lisboa, 20$00; Joaquim Francisco Sismeiro, de Leiria, 20$00; D. Piedade de Barros Gomes. de Lisboa, 15$00; Grupo de Protecção às Crianças, 20$00; Comissão Organizadora da Festa Cultural de 27 de Junho, 202$00; Subscritores de Livros Espiritas, 150$00 — *Total, 467$00.*

Diversos, para o Grupo de Protecção às Crianças e entregue ao mesmo ..... 517$50

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Narrações do Infinito	25$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espírita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espirito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	35$00	46$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Fisicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	28$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	40$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	32$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	28$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	28$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	28$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	28$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	54$00	64$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

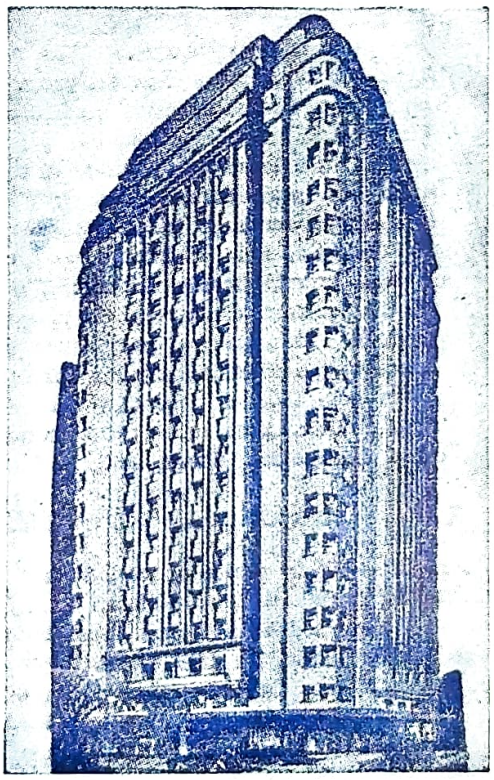
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



Edifício n.º 4 da Avenida Rio Branco, cujo 15.º andar é propriedade da Sociedade de Medicina e Espiritismo

Ver pág. 237

CONTÉM:

O Rochedo, da **Redacção**; Versículos Evangélicos ou Sentimento Jurídico?, -IV- pelo **Dr. Sérgio Vale**; Almas do Outro Mundo, - I - por **Cyrilo Alleixo**; Despertar, por **José Simões de Matos**; A Realeza e o Espiritismo — As Sessões da Rainha Vitória, por **Fred Archer**; Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro; O Espiritismo no Brasil — A Casa de Maria, por **I. D. S.**; Conan Doyle e a Reencarnação, -IV- por **Deolindo Amorim**; O Espiritismo na Evolução Humana, -II- por **Adelaide Ivone de Sousa**; Será um Mal a Polémica?, por **Leopoldo Machado**; A Mais Extraordinária Vidente do Mundo, Respeito às Crenças Alheias, por **Alfredo Miguel**; O Caso de Ross Fisher, por **Roberto E. Guzman**; O Espiritismo Julgado pelo Bispo D. Francisco Frederico, de Juiz de Fora, Minas Gerais; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário

15.º ANO AGOSTO DE 1954 N.º 8

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1954 — N.º 8

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

O ROCHEDO

Há missões na vida que são verdadeiros apostolados. Nem o tempo nem o vento as demovem de seus fins principais. Nelas não há lucro mesquinho, nem interesse pessoal, porque o alvo perseguido aumenta sempre o labor e a canseira.

É a luz que se vislumbra e se vai distanciando de nossos passos, a sedução que obriga a trabalhar mais e melhor, sejam quais forem os resultados obtidos. Então o homem não se pertence mais. Um esforço exige novos esforços. O que se crê atingir não se atinge nunca. E assim percorremos a Vida na situação de Sísifo, o negregado rei de Corinto condenado nos infernos a rolar um rochedo em cima da montanha e este a cair incessantemente.

O rochedo lendário personifica tarefas que não se concluem mais. As preocupações obrigam a raciocínios dolorosos, inquietam as almas, levam-nas a contingências imprevistas e o grande problema da evolução apresenta-se com facetas misteriosas que o homem tem de enfrentar.

O Espiritismo é semelhante ao rochedo. É uma doutrina essencialmente humana, lógica nos postulados, realista em todo o sentido. O seu tom espiritual não o afasta dos caminhos da matéria, antes ensina a viver e a sofrer sem quebra de dignidade. O peregrino escala a montanha com enorme peso ao ombro: o dever é tão pesado, que às vezes esmaga o próprio adepto. E ele sua, tressua, torna a subir penosamente, finca o pé nos interstícios... Uma pedra cai, outra se esboroa; avança, recua, limpa de novo o suor; desejo, ansiedade, alegria, desilusão, tudo amalgamado no mesmo cadinho aliciante, porque está ligado ao seu destino imprevisível.

A luta do homem é o poema da espécie que não quer ser extinta. Às vezes atinge cumes gloriosos e cede a elementos precários, cuja função é igual à das pedrinhas que se utilizam nas muralhas formidáveis.

Há quem chame inglório ao trabalho dos arautos que difundem a doutrina. Outros lhes chamam verdadeiros loucos. Só meia dúzia compreende o prazer de lutar contra a maré cheia.

Ter uma ideia renovadora e não poder manifestá-la sem a oposição de cegos voluntários, é o mesmo que rolar o rochedo e ser esmagado por ele. Por isto, muitos dizem que o Espiritismo infelicita a criatura. Ele não a infelicita. O que ele cria é responsabilidades novas, mais fortes e mais pesadas; o que ele cria é mentalidades diferentes, mais nobres e mais austeras; o que ele cria é sociedades mais equitativas, onde não cabem velhos preconceitos.

O fácil é trocado pelo difícil. Cá está o rochedo a pesar no esforço próprio, a porta estreita a substituir a estrada larga da perdição.

Tudo isto custa a fazer e a suportar. Por isso dizemos: há missões que são verdadeiros apostolados.

A nossa é das mais árduas. Sabemos que o resultado imediato será quase nulo, mas não cessamos de trabalhar, nem de incitar ao trabalho e sentimos a marcha do rochedo, temos consciência do seu peso e só nos deteremos quando formos totalmente esmagados. Aguentaremos o ritmo até ao fim.

O camartelo de hoje tem quinze anos de existência e já foi afiado muitas vezes. Voltaremos à forja, se for necessário. E quando se partir, empunharemos outro, com a mesma decisão inabalável.

O lutador não tem descanso. O trabalho o solicita, o trabalho o atrai, o trabalho o confunde. Mas também o enobrece e transforma. Portanto, rolemos o rochedo, ponhamos em acção a vontade e a Terra deixará de ser um calabouço escuro.

VERSÍCULOS EVANGÉLICOS OU SENTIMENTO JURÍDICO?

Pelo DR. SÉRGIO VALE
(Correspondente em S. Paulo)

IV

Há um paradoxo evidente no preceito evangélico que prescreve premiemos as bofetadas e os roubos de que sejamos vítimas: sòmente em comunidade de santos deixaria de existir a reacção inevitável. Mas entre os santos não vivem esbofeteadores nem ladrões. Para a humanidade em evolução — para nós — o equilíbrio da Justiça tornará ininterrupta a ascensão, possibilitando a paz, o progresso, a harmonia social e, até, o termo final e glorioso do Amor. «*Sem a Justiça,* foi Zoroastro quem o disse, o *mal dominaria o mundo para sempre*».

Subconscientemente impregnado dos eflúvios emanantes de tais conceitos evangélicos, um escritor espiritualista cujo nome pronunciamos com o máximo respeito, o Sr. Huberto Rodhen, pois se trata de um apóstolo em evolução acelerada para a mais alta e mais pura espiritualidade, consignou no seu livro «A Metafísica do Cristianismo» a seguinte advertência: «*O início do Direito é o fim do amor*»; ou «*quem fala em direito apostatou do Cristianismo*».

Ora, o «*Direito é a encarnação do espiritual no temporal*», na expressão feliz e verdadeira de Jean Lacroix; é o instrumento pelo qual a Justiça se realiza; e a Justiça precisa da balança e da espada. A nosso ver, o princípio pseudo-espiritualista, enunciado pelo Sr. Huberto Rodhen, afronta a consciência jurídica universal, que defende e fortalece a dignidade humana e possibilitou o aparecimento do que a nossa civilização possui de mais divino: a tendência para o reinado da Justiça. Desamparados do Direito e da Justiça, os homens, na terra (ainda vivemos na terra, para nosso mal!), entrechocar-se-iam brutal e mortalmente, assim como os astros, se estes desobedecessem, um segundo, às leis que lhes marcam a trajectória nos espaços.

A ideia de igualdade, a noção de fraternidade, o princípio da inviolabilidade pessoal, de que se nutre a democracia, têm as nascentes, segundo Bergson, no Cristianismo, que humanizou a Justiça. Irmanando e equiparando os senhores aos escravos, o Evangelho de Jesús ofereceu a estes as razões e o estímulo para lutarem pela emancipação, hoje assegurada pelo Direito e pela Lei.

O cerne da filosofia espirita embebe-se da seiva da liberdade e da responsabilidade. Deus criou-nos livres e responsáveis; daí o nosso sofrimento e daí a nossa glória. Permite-nos todas as experiências, todas as investigações a que nos leva uma curiosidade insaciável. Concede-nos, até, a licença para o erro. Em nossas próprias mãos pôs o Criador o leme da nossa evolução.

Emanuel, mentor credenciado do Espiritismo no Brasil, o escritor invisível mais lido e mais aplaudido presentemente, na página 56 da sua última obra — *Roteiro* — modificou para melhor a segunda proposição, que se repete com o mesmo significado nas Bíblias de todas as línguas vivas ou mortas, redigindo-a do seguinte modo: «A quem *te pedir* a capa, cede igualmente a túnica». A figura delituosa do roubo foi transformada em esmola maior. Procura Emanuel socorrer a taquigrafia canhestra de Lucas ou corrigir um lapso da sua mediunidade claudicante?

Mas enrolemos as velas latinas aos mastros e às vergas da nossa pequenina embarcação em aventuras perigosas, e ancoremos na enseada segura do mesmo Evangelho de *Lucas, cap. XVII, versículos 3 e 4,* onde encontraremos a explicação desejada. Não sei como os partidários da infalibilidade dos textos, confrontando as duas passagens, que se contradizem, poderão extrair de ambas a mesma verdade.

Lucas atribui a igualmente Jesus-Cristo o seguinte conselho, este legítimo, compreensível, aceitável e sublimado:

3 — «*Tomai cuidado de vós. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe*».

4 — «*E, se pecar sete vezes no dia contra ti e sete vezes no dia vier procurar-te, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe*».

A primeira advertência é excelente: «*Tomai cuidado de vós*». Já é uma premissa que vai reforçar a conclusão final. Vivamos dentro do Direito, da Moral e da Justiça, obedientes aos Mandamentos e ao Decálogo. Vivamos cristãmente, sem ódio, sem egoísmo, sem vingança, tolerantes e fraternos. «*Tomai cuidado de vós*».

Mas, se o nosso irmão *pecar contra nós?* Se nos injuriar, se nos maltratar, se nos bater e se nos roubar?

«*Repreende-o*», aconselha o Senhor Jesus.

É fácil compreender a necessidade cristã da repreensão. Lembremo-nos de que o amor aos nossos filhos — amor natural e imperioso, que impera entre os irracionais — inspira-nos uma vigilância de cada momento, até que se emplumem e conheçam a Lei. Por mais que os amemos, não deixamos de castigá-los, *se for preciso*. Afinal, o mandamento divino é — «ama o teu próximo *como* a ti mesmo» e não «ama o teu próximo *mais* do que a ti mesmo».

«*Se ele se arrepender, perdoa-lhe*», acrescentou o Mestre.

Aqui o perdão está condicionado ao arrependimento, isto é, à correcção do faltoso. Não é assim que procede a Justiça substancial de Deus, através do Karma? Como seria possível qualquer evolução espiritual, se o direito de pecar — de violar a Lei — não fosse coibido pela responsabilidade das consequências? E por ministério de quem permite Deus que o Karma se cumpra? Não somos nós mesmos os instrumentos mútuos do Bem ou do Mal, conforme a nossa maturidade?

A sublimidade da essência cristã está no versículo 4:

«*E, se pecar sete vezes no dia contra ti e sete vezes no dia vier procurar-te, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe*».

A sublimidade da essência cristã está no perdão — sete vezes, setenta vezes sete — cuja tradução é perdoar sempre, desde que haja arrependimento: «*Se ele se arrepender, perdoa-lhe*».

Aqui se harmonizam as leis humanas e as leis divinas. A Revelação confirma o Direito e o Direito se protege com o exemplo do Cristo.

Mas quando foi que o evangelista Lucas reproduziu fielmente o pensamento de Jesus Cristo? *No cap. VI, versículo 29, ou no capítulo XVII, versículos 3 e 4?*

Vejamos agora se, durante a sua tortu-

rada existência, teve Jesus Cristo alguma vez oportunidade de exemplificar aquilo que aconselhou aos seus discípulos. Analisemos o seu procedimento no momento derradeiro do apostolado, no episódio culminante do seu messianismo, quando estava pregado na cruz, aguardando a morte entre sofrimentos e humilhações. A situação era por demais angustiosa e solene para que o seu espírito, ansioso pelo seu Deus e seu Pai, não selasse com a pureza do exemplo as palavras de doçura de toda a sua vida.

Crucificado entre os dois ladrões, o bom, que se arrependeu, e o mau, que continuou empedernido e zombeteiro, até ao último momento da sua existência miserável, o Mestre pesou na balança da Justiça a dádiva do seu amor: sòmente fez promessas confortadoras ao bom ladrão. Se ele adoptasse aquele princípio, que lhe querem atribuir, de indistinção entre o bem e o mal, entre o inimigo injusto e o amigo verdadeiro, entre os que se comprazem no crime e nos erros e os que amam o bem; se resolvesse o processo final que se apresentou à sua judicatura sob o ponto de vista do amor irrestrito, excluída a justiça, teria feito a mesma consoladora promessa aos dois ladrões: «*Vós ambos estareis comigo ainda hoje, no Paraíso*».

Outras palavras pronunciadas na mesma situação decisiva e final deixam transparecer o seu sentimento de amor, mas associado ao sentimento de justiça. O Cristo dirigiu-se ao Pai, pedindo-lhe misericórdia para os seus perseguidores. Não o fez, porém, incondicionalmente: «*Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem*». A imprecação e a defesa; o pedido de clemência e a justificação do advogado: «*Porque não sabem o que fazem*». Eis o fundamento justo do seu amor.

Nem Deus, meus irmãos, nem Deus, que vive nos superlativos de suas infinitas perfeições, desviou jamais o curso automático da sua justiça. E a sublimidade da justiça divina está na sua absoluta imparcialidade. Concedeu-nos a todos nós a graça única do nosso livre arbítrio condicionado de pequeninos deuses. O fatalismo dos nossos sofrimentos provém das nossas reiteradas transgressões da Lei.

Meus irmãos — e que esta invocação, na minha voz e em vossos corações, alcance, cada vez mais, os melhores índices de sinceridade — meus irmãos, Jesus-Cristo, para nós, é o Espírito Planetário, um preposto do Pai à governança da Terra, pela qual ele se desvela desde os primórdios da nebulosa ini-

cial. Deve conhecer todos os seus problemas, por mais que os embaracemos e compliquemos com a nossa liberdade de errar.

Dentro do princípio filosófico da reencarnação sucessiva, para aprendizagem ou, excepcionalmente, para missão, é lícito admitir que, antes do drama sangrento do Gólgota, em que ele nos ensinou, nos serviu e nos exemplificou a moral inexcedível do Amor, do *Bhakti* dos Vedas, já se nos tivesse manifestado na figura aureolada de outros Avataras, ou encarnações parciais da Divindade. Já viera com a Sabedoria de Hermes, com a Renunciação de Buda, com a Justiça de Zoroastro, com a Harmonia de Confúcio. Na Índia multimilenária, onde tão viva e tão intensa foi sempre a prática da *Raja Ioga*, isto é, da conquista da natureza interna para a realização de Deus, ele teria doutrinado nas encarnações de Rama, de Krishna, de Buda, de Chaitanya e de Ramacrisna.

A Sabedoria, a Renúncia, a Justiça, a Harmonia, o Dever, o Direito, que nos foram ensinados progressivamente, não podem entrar em conflito com o Amor, porque o fruto não repudia a flor, a flor não dispensa a folha, a folha não exclui o tronco, o tronco não despreza a raiz. A humanidade, tomada em conjunto, é um ser em evolução. De vez em quando, um espécime raríssimo surge de entre nós — um Santo. Alcançou o Amor, integrou-se no Oceano da Divindade. Adquiriu a essência de Deus. Na árvore da humanidade desabrochou um fruto divino — a Santidade. Mas, e o resto? Que fazer da raiz, do tronco, da folha e da flor? Não balburdiaríamos as intenções da evolução — um desejo de Deus — se quiséssemos sòmente fazer a colheita ambicionada dos frutos, com absurda abstracção da árvore?

Desamparada da protecção do Direito, a árvore pereceria, porque sobre ela, no plano inferior da Terra, planeta de expiação, se desencadeariam todas as fúrias assassinas.

O *Eu* e o *Vós* são duas quantidades do mesmo peso. Foi o próprio Cristo quem no-lo ensinou. Nem senhores, nem escravos. Nem vencedores, nem vencidos. Postas nos pratos da balança da Justiça, não devem fazer oscilar a seta do fiel que aponta o Bem Comum. E o Bem Comum é o bem de todos: não é o de um partido, de uma profissão, de um sindicato, de uma seita. Não melhoraria de condições de saúde um indivíduo que, retirado de um porão infecto, fosse insulado em sótão hermèticamente fechado. À primeira vista, ter-se-ia a impressão de que ele subiu; sim, subiu, como um condenado *sobe* à forca.

Quando o homem descobriu a balança da Justiça, com a qual mede o quinhão de cada um, atenuando os atritos inevitáveis da vida gregária, nasceu o Direito, cujo alvo, do ponto de vista da vida material, é o equilíbrio social, é a harmonia orgânica e, do ponto de vista da evolução, é a força coordenadora do progresso e da ordem.

Enquanto o homem não se convencer de que o respeito à Lei, livremente discutida, votada e sancionada, é o caminho inteligente e evolutivo; enquanto não amar a impessoalidade da Lei, garantia única da sua dignidade de ser livre, num planeta predestinado à luta, tateará nas trevas e nos erros, sofrerá e fará sofrer aos seus semelhantes. O respeito voluntário à Lei confere aristocracia ao cidadão mais humilde; o servilismo das ditaduras degrada a nobreza mais secular.

Ouçamos a Rui Barbosa, no seu luminoso parecer sobre o processo do capitão Dreyfus, obra prima de análise jurídica e interpretação magistral da função da Lei:

«*Porque o francês* (o povo francês) *não adverte em que a lei é a lei, com todas as suas insuficiências, todas as suas desigualdades, todos os seus ilogismos, e em que a observância dela é o caminho para a sua reforma, único remédio real aos seus defeitos, menos funestos, em todo o caso, do que o arbítrio da razão humana, encarnada no número, no poder e na força*».

Na evolução do Direito percebe-se sempre a inspiração da Justiça. É a Justiça real e verdadeira advoga, eloquentemente, como o fez o Cristo, o postulado absoluto: os homens são iguais quanto às suas necessidades e desiguais quanto ao merecimento.

À célula conjuntiva dê-se-lhe a oportunidade, o recurso apropriado, o meio físico conveniente ao seu natural desenvolvimento. Mas por muito que lhe seja o aproveitamento não alcançará jamais a finura, a sagacidade e o préstimo da célula nervosa.

A balança da Justiça não pesa o homem rico ou poderoso, o ditador ou o pária: pesa as criaturas humanas com os direitos adquiridos no acto do nascimento. A vida pressupõe a necessidade de ser mantida a todo o transe. O choro do recém-nascido equivale a um cheque ao portador no *guichet* do mundo. Dêmos os nossos corações às criancinhas doentes, aos velhos desamparados, a todos os enfermos do corpo e da alma, mas exija-

mos também, varonilmente, obediência aos nossos direitos e o respeito à dignidade humana.

Prentice Mulford urdiu as suas obras, mundialmente aplaudidas, associando, em partes iguais, o mais lúcido e o mais inteligente espiritualismo ao bom senso e à experiência universal, onde se identifica também o dedo de Deus. Comete muitas citas do Evangelho do Cristo, interpretando-o do modo mais condicente com a observação quotidiana do que nos depara a vida planetária nos vinte séculos decorridos. Convicto da existência dos seres inrorpóreos e do mundo invisível, mergulha o seu pensamento nos planos mais próximos de Deus, mantendo, porém, os pés firmemente apoiados na crosta da Terra, de cuja substância é fabricado o nosso corpo e para cujas lutas selectivas foi destinada e predisposta a nossa centelha divina. A sua filosofia da vida é, como a filosofia espirita, uma conciliação entre o mundo espiritual — nosso destino — e o mundo orgânico, onde evolvemos, sofrendo e aprendendo, submetidos à vontade divina através das suas leis irrevogáveis. Tem lugar em nossa tese a observação seguinte, extraída de «*As Nossas Forças Mentais*»:

> «O estado mental de bondade e benevolência para com todos, de que acima falamos, nada tem de ver com esse estado de espírito servil e abjecto, que vilmente suporta as maiores injustiças, os maiores ultrajes e as mais infames humilhações, sem resistência e sem protesto, acreditando ter mérito nisso. Não haveis de desejar mal ao vosso inimigo, ao homem que procura fazer-vos mal, prejudicar-vos de uma ou de outra forma, que tenta, por exemplo, deitar fogo à vossa casa, mas a razão e o bom senso vos dizem que estais na estrita obrigação de impedir, por todos os meios ao vosso alcance, que ele vos faça dano ou execute uma acção tão funesta para si mesmo. Se um néscio ou um malvado, um ser maléfico por natureza, consegue chegar um dia a poder tiranizar-vos ou prejudicar-vos em qualquer coisa, é do vosso dever resistirdes à acção, opondo-vos a ele, e só quando a sua parvoíce ou maldade ficar vencida e subjugada podereis e devereis mostrar-vos magnânimo.
>
> Quando o Cristo queria arrojar os demónios para longe do corpo de uma pessoa que eles atormentavam, certamente não formulava as suas ordens com palavras doces e humildes».

Através dos Evangelhos encontraremos a confirmação da existência do corpo espiritual, encontraremos o senso moral mais perfeito, o sentimento da Justiça e a frutificação final do Amor; através das ciências biológicas, das ciências físicas e químicas revela-se-nos a história da evolução do nosso corpo material. Veremos o aparecimento do cérebro humano e da razão humana, os elos que, segundo o génio solar de Goethe, estabeleceram o contacto crescente e contínuo entre a natureza e Deus.

Protegidos pela Justiça, fundada na igualdade, garantida pelo Direito e pela Lei, em regime de liberdade e de responsabilidade, regime digno dos deuses que somos, alcançaremos mais depressa o paraíso do Amor.

Enquanto os homens não se respeitarem mùtuamente, obedientes à lei moral, o Amor será uma luz que brilha ao longe no meio das trevas em que nos debatemos. Temos de caminhar, temos de lutar com a balança da Justiça nas mãos. Quando alcançarmos o Farol, iluminar-nos-emos e iluminaremos o mundo. Até lá voltaremos muitas vezes ao reformatório modelo para nos despojarmos do cascalho das nossas imperfeições. A evolução assim o exige.

Ofereço à vossa contemplação, para objectividade maior da nossa tese, a figura de uma balança, o emblema universal da Justiça. Nos dois pratos colocam-se as duas quantidades — o *Eu* e o *Vós*. Do travessão parte o fiel cuja seta aponta o *Bem Comum*. Este é o património inalienável da espécie, cuja partição será feita equitativamente.

A igualdade dos homens com relação aos bens mínimos — bens materiais e oportunidades para progredir — exigirá que, independentemente dos valores já conquistados e encorporados, graças ao esforço pessoal, um *salário mínimo*, resumindo nesta expressão tudo quanto o homem precisa para uma vida integral, seja automàticamente assegurado a cada um. Quando um dos pratos da balança pender para um dos lados, o fiel acusará na superfície registadora do Bem Comum o *deficit* correspondente. A lei moral revelou a Kant uma vida independente da animalidade, assim como a contemplação do céu estrelado lhe reduzia a importância como fenómeno animal. Inscreveu-se-lhe no túmulo a frase célebre, em que compendiava a sua filosofia

espiritualista: «*Por sobre mim, o céu estrelado; em mim, a lei moral*».

Suponho que tenhais compreendido como há solidariedade perfeita entre nós e o mundo, entre o microcosmo e o macrocosmo, entre a Biologia, a Moral, a Filosofia do Direito e a Espiritualidade. Podemos misturar todos estes valores, alterná-los na nossa exposição, sem que se perceba a transição, como prova de que no Universo todas as maravilhas de Deus estão unidas pelo mesmo fio de sua Vontade e de sua Inteligência. A mesma lei que regula um conglomerado de células, inspira os imperativos da Moral, preside às investigações da Filosofia do Direito e traça o programa da Espiritualidade. A saúde física, a saúde moral, a saúde social e a saúde espiritual são governadas pelas mesmas leis: equilíbrio orgânico, equilíbrio dos sentimentos, equilíbrio das vontades, equilíbrio dos afectos. Saúde, harmonia, progresso e paz.

Caracteriza-se tal lei pela universalidade. Não é moda transitória, não é hábito mudadiço, não é costume precário. A nossa razão admite-a tanto *a priori* como *a posteriori*. Na concepção e na experiência. Independente da raça e do meio. Independeria do planeta em que a humanidade pudesse viver. É condição insuprível para a plenitude da vida física, moral, social e espiritual, assim como a gravitação o é para a vida dos astros.

Na fecundação, no desenvolvimento embriológico, no crescimento, nas reacções orgânicas de defesa, na luta contra os germes, na vacinação, na imunidade, na diferenciação necessária dos órgãos, na correlação das funções, na especificidade dos tecidos, na dependência do estímulo director do sistema nervoso, no papel reparador do tecido conjuntivo, no acolchoado protector das células gordurosas, na nobreza intransferível das células nervosas, em tudo Biologia e Sociologia se justapõem de tal modo que não se pode admitir um sociólogo jejuno nos conhecimentos da ciência da vida. Não acreditamos que o homem mais genial, sabedor de todas as ciências, de todas as filosofias e de todas as religiões, ainda mesmo que alcance os cem anos, possa inventar, para nosso governo, uma «*constituição*» mais perfeita do que a vigorante no mundo biológico, graças a experiências infinitas, codificadas através de milénios, a partir da era em que a primeira célula se dotou da primeira sensação.

Transpondo-nos do mundo físico para o mundo espiritual, a condição insubstituível para a quebra da roda das encarnações está na abdicação do *Eu* diante dos imperativos da Lei Moral, da Justiça e das bênçãos finais do Amor, que nos integrarão para sempre na essência de Deus.

A filosofia espirita, na solução dos problemas da vida e do mundo, age à maneira do fio invisível de um colar: reúne as pérolas de todos os tamanhos e de todos os matizes para o efeito harmonioso da obra de arte. É um traço forte de união entre os que tudo crêem e os que tudo negam, entre os dois fanatismos, igualmente indesejáveis. Pesquisa a realidade planetária, investiga as leis de Deus a cujos ensinamentos dobra a cabeça humildemente. Não nasceu de misticismo; não vive de utopias; não promete céus materiais.

Quando se recolhe na meditação e na prece, não importuna Deus com pedidos e mercês, porque sabe que o seu karma deve ser resgatado antes de merecer qualquer galardão.

Léon Denis proporcionou-nos as razões dessa atitude nas seguintes palavras:

«A Lei de imutável Justiça não se curva aos nossos caprichos. Os males que desejaríamos afastar de nós são muitas vezes a condição necessária ao nosso progresso. Na prece que diàriamente dirige ao Eterno, o sábio não pede que o seu destino seja feliz; não deseja que a dor, as decepções, os revezes lhe sejam afastados. Não! O que ele implora é o reconhecimento da Lei para melhor a cumprir; o que ele solicita é o auxílio do Altíssimo, o socorro dos Espíritos benévolos, a fim de suportar dignamente os maus dias».

FIM

Acaba de chegar:

A Filosofia Penal dos Espiritas

(Estudo de Filosofia Jurídica)

por FERNANDO ORTIZ

professor da Universidade de Havana

Um livro notabilíssimo que interessa a todos os estudiosos.

Preço ..... 70$00

ALMAS DO OUTRO MUNDO

por CYRILO ALLEIXO

Haverá almas do outro mundo? Que virão elas cá fazer?

É de todos os tempos e de todas as partes, a história de almas do outro mundo, a elas se referindo muitos investigadores de mérito, que ao assunto dedicaram toda a sua competência, no intuito de fazerem emergir da ignorância e da superstição, um fenómeno regido por leis tão naturais, como tudo o que existe no Universo.

Desde que a vida não se aniquila com o derradeiro alento e no Além continuamos a ser os mesmos, com as mesmas tendências, vícios e virtudes, senhores de um segundo corpo — o perispírito — que a morte liberta do envoltório fisiológico, é racional que, conforme as circunstâncias, haja desejo ou necessidade de nos comunicarmos com os companheiros desse plano.

Tais comunicações podem ser fáceis, difíceis ou impossíveis, conforme o caso, dependendo de factores vários, não bastando só a vontade dos desencarnados, se não existirem certos requisitos necessários à obtenção desse fenómeno.

Sendo-lhes impossível agir directamente sobre a pesada matéria planetária, dada a natureza do seu novo organismo, constituído por substância imponderável, têm necessidade de intermediários que lhes ofereçam certas condições para se comunicarem, escolhidos entre indivíduos com determinadas faculdades, ou sejam, os médiuns.

Entretanto, como não podia deixar de ser, não basta terem um médium à disposição, para se estabelecer todo e qualquer intercâmbio entre os dois mundos, uma vez que a natureza humana apresenta aspectos tão variados, que se torna absolutamente impossível aproveitá-los a bel-prazer, além de que, às vezes, comunicações há interditas pelo Alto.

Os médiuns não são meros instrumentos de ligação, por meio dos quais aquele intercâmbio se possa exercer tão fàcilmente, como a corrente eléctrica através de um condutor. São entidades espirituais, temporàriamente mergulhadas na carne, cuja organização psico-física, tão diferente entre si, determina os mais variados graus de mediunidade.

Para se estabelecer uma boa comunicação é necessário que o desencarnado se ligue ao médium através de todos os centros perespirituais, afinando com ele as suas vibrações.

I

Ora, como isto nem sempre se obtém, vêem-se, geralmente, os invisíveis em grande dificuldade para se comunicarem e, muitas vezes, quando conseguem fazê-lo, é por forma tão imperfeita e incoerente, que o fenómeno é classificado de embuste, animismo, mistificação inconsciente, etc.

Sem dúvida que muitas comunicações tidas como sendo do Além, se explicam pela acção da força psíquica dos encarnados, uma vez que as nossas faculdades são sempre as mesmas, quer quando habitantes do etéreo, quer quando deste lado, embora no segundo caso se encontrem mais ou menos veladas. É deste género o seguinte caso (1), passado com o escritor Solowiew:

«Era quase meia-noite quando, sùbitamente, senti na minha mão um impulso irresistível para escrever. Tomei dum lápis e pedi a uma senhora da minha amizade, ali presente, para fazer o obséquio de colocar a mão sobre a minha, a fim de aumentar a força. Juntos escrevemos, então, o nome «Vera». Perguntámos se era Vera que se manifestava e ditaram o nome duma jovem parente minha. Tínhamos estado durante algum tempo com as relações tensas com a família, mas tudo se consertara. Ficámos espantados com essa manifestação e insistimos na pergunta, se era mesmo Vera quem se comunicava. A resposta veio logo: «Sim, estou dormindo, mas vim aqui dizer-vos que nos encontraremos amanhã no jardim de verão». Solowiew não pensou mais no caso; no dia seguinte, entretanto, passou com um amigo pelo tal jardim, no qual entrou sem objectivo preciso — e lá encontrou Vera com a família. Indo à noite a casa de Vera, sua mãe contou-lhe que a filha se maravilhara, como de um milagre, ao vê-lo no jardim, porque pela manhã havia contado tê-lo visto em sonho e ter-lhe dito que se encontrariam às três da tarde naquele jardim. A experiência foi repetida e Vera anunciou sua visita para o dia seguinte, às duas horas».

São, também, casos de animismo (*), os que se seguem:

«Um negro chamado H. E. Lewis, possuía grande força magnética, da qual fazia exibição em reuniões públicas. Em Blackeat, mês de Fevereiro de 1856, numa dessas sessões magnetizou uma moça a quem nunca tinha visto.

«Depois de a ter mergulhado em sono profundo, ordenou-lhe que fosse até a casa dela e que em seguida contasse ao público o que tivesse visto.

«Ela declarou logo que via a cozinha e que aí se achavam duas pessoas ocupadas em trabalhos domésticos.

«Lewis pediu-lhe então que tocasse numa dessas pessoas. A rapariga riu-se e disse: «Toquei-as, mas elas estão com muito medo!».

«Voltando-se para o público, Lewis perguntou se alguém conhecia a rapariga. Sendo-lhe respondido afirmativamente, propôs que uma Comissão fosse ao seu domicílio. Diversas pessoas se prontificaram a isso, e quando voltaram confirmaram em todos os pontos o que a rapariga havia dito.

«A casa estava, efectivamente, numa balbúrdia e em profunda excitação, porque uma das pessoas que se achavam na cozinha declarou ter visto um fantasma e que este lhe tocara no ombro.

«É da mesma proveniência (2), o que se segue: «Um bispo sueco, visitando as igrejas da Lapónia, encontrou um mágico lapão, a quem repreendeu por espalhar a superstição, utilizando-se das suas faculdades à procura de objectos roubados, desaparecidos, etc. O mágico resolveu então propor uma experiência e o Bispo pediu-lhe que dissesse o que fazia, naquele momento, a sua família em Upsala.

«Então o lapão mergulhou num êxtase tal, que o médico chamado ficou inquieto pela sua vida, porque parecia inconsciente, como morto.

«Meia hora depois voltou ao seu estado normal e disse ao bispo que a sua senhora e uma menina, naquele

(*) Cairbar Schütel, «A vida no outro mundo».

momento, escamavam um peixe na cozinha, em Upsala.

«Para demonstrar bem que o seu duplo tinha estado lá, em casa do bispo, ele pegou no anel da senhora, que ela tinha no dedo para preparar o peixe, e escondeu-o no caixote do carvão, na cozinha.

«Quando chegou a Upsala, o bispo fez-se acompanhar de testemunhas e dirigiu-se imediatamente à cozinha, encontrando o anel precisamente no lugar indicado pelo lapão.

«A senhora confirmou que, de facto, naquele dia e hora estava a arranjar um peixe, para o que havia tirado a aliança de casamento, tendo-a perdido.

«Ela e a criada tinham visto um lapão (coisa rara em Upsala) de pé, na cozinha, sem que o tivessem sentido entrar e que desapareceu misteriosamente.

«A visão foi tão real, que ela dirigiu-se à polícia a queixar-se do lapão, pela falta do anel, ao que a polícia respondeu não ter podido encontrar em Upsala o menor vestígio do lapão, presumido ladrão».

Como estas, há muitas manifestações que, por falta de fiscalização adequada, são, indevidamente, atribuídas aos desencarnados.

Os fenómenos desta natureza, são comuns a encarnados e desencarnados, porque a sua causa é a mesma e reside na parte psíquica, tão presente nuns como noutros, competindo aos experimentadores a respectiva destrinça, pelo que estes deveriam ser sempre pessoas competentes, a fim de não tomarem a nuvem por Juno.

Mesmo naqueles casos em que as portas se abrem de súbito e misteriosamente, pode haver influência das forças psíquicas dos vivos. Há sonâmbulos nestas condições, para quem as portas se abrem por si mesmas, por onde quer que passem, assim como faquires que conseguem o mesmo objectivo.

Fenómenos destes, encontram-se narrados na história mística cristã, quando as portas das igrejas se abrem por si, à aproximação de uma imagem.

O desdobramento dos vivos prova claramente que a individualidade pensante não é função fisiológica, uma vez que o homem pode ser visto fora dele e operar a distância.

Não há mesmo melhor argumento a favor da existência da alma e do seu corpo perespiritual.

É bem conhecido o facto de Santo António ter aparecido em Lisboa para livrar o pai da forca, no mesmo instante em que o seu físico se encontrava em Pádua, fenómeno este de bilocação, militando, como os demais, a favor da imortalidade espiritual.

Os próprios fenómenos de voz directa, escrita automática e muitos outros, obtêm-se também dos encarnados, nos estados sonambúlicos e hipnóticos, em perfeita analogia com os de proveniência espírita.

Mas, se se trata de aparições, há um meio de sabermos se as mesmas são ou não de vivos, uma vez que, neste último caso, os trajes envergados costumam ser os habituais, ao passo que as de natureza espírita, se apresentam envoltas em longos mantos.

Entretanto, não se pode contestar a existência de fenómenos provocados pela acção dos desencarnados e susceptíveis de controlo perfeito.

Se uns agem com plena consciência, outros, porém, parecem dominados por estados monodeísticos, revelando comportamento muito semelhante ao de um indivíduo mergulhado em sono hipnótico.

Pertencem ao primeiro género todas as comunicações cujo fim é chamar a atenção para determinados factos relacionados com a vida anterior dos desencarnados, ou com a de seus parentes e amigos, as quais são feitas, geralmente, com toda a lucidez e perfeito conhecimento dos assuntos visados.

O seguinte episódio (3) pertence a esta categoria, mostrando-nos ao mesmo tempo, que os assombramentos de muitos locais, têm por fim chamar a atenção dos encarnados para as comunicações do mundo invisível, cessando como por encanto, com a satisfação do que nos pedem.

«No último andar de um velho edifício de Johannesburg (África do Sul), uma Sociedade de Arquitectos, tinha os seus escritórios. Denominá-la-emos: «Sociedade Clarkes e Munroe», acrescentando que, embora ambos fossem associados na maior parte das construções empreendidas, cada um havia reservado para si a clientela que já possuía e com relação à qual operava por conta própria, sem dividir com o outro os lucros.

«Havendo-lhe morrido a mulher e achando-se só, o engenheiro Munroe mobilara um quarto da sede social e aí passara a morar definitivamente.

«Aconteceu, no entanto, que também ele veio a morrer. O quarto que ocupava não era necessário à sociedade, pelo que retiraram dali a mobília pertencente ao escritório, deixando apenas um guarda-roupa e uma cómoda que pertenciam ao defunto. O quarto foi alugado a um jovem guarda-livros, que nele passou duas noites e se foi embora.

«O segundo ocupante foi uma professora, que, depois de passar lá uma noite, se mudou.

«O terceiro foi um construtor de viaturas, que apenas lá passou três noites.

«Cada um contava a mesma história de rumores inqualificáveis, que consistiam em estarem sempre a bater as portas do guarda-roupa e do gabinete, que se abriam e fechavam com estrondo, e em serem puxadas e empurradas rumorosamente as gavetas da cómoda. Mal se acendia a luz, cessava todo o ruído e tudo se encontrava nos seus lugares.

«Nessas conjunturas, um dia, o filho do defunto, sr. Carlos Munroe, telefonou ao médium Vítor James, seu amigo, para informá-lo de que que o quarto em que seu pai residira, estava assombrado.

«Realizou-se então nesse quarto uma sessão em que tomaram parte o médium James, sua mulher e o filho do morto.

«Quase de súbito, como costuma suceder com o médium em questão, entrou a condensar-se sobre a mesa uma nuvenzinha de protoplasma, que se dirigiu para o lado, tomando a forma de um homem. Conquanto se conservasse vaporosa, sua luminosidade permitiu reconhecer naquela forma a efígie do morto, o qual, entretanto, não chegou a ficar em condições de falar.

«Conseguiu, porém, impressionar a mentalidade da sr.ª James, por meio de cuja mão ditou o que ele desejava comunicar e que era referente a um rolo de desenhos do projecto de um edifício de dez andares a ser construído para um Bazar, na rua dos Comissários. Carlos exclamou: «Mas este é o projecto em que está trabalhando o engenheiro Clarkes, que dele, entretanto, fala como de um projecto seu». Lenta e solenemente a sr.ª James pronunciou então estas palavras: «Não, o projecto é meu. A sociedade que vai construir esse edifício foi sempre minha cliente exclusiva. Terminei os desenhos de todo o projecto há cerca de um ano; mas deixei de enviá-los logo, por motivos particulares... O projecto é de propriedade de meu filho Carlos e não de Clarkes».

«A pedido do médium Vítor James, o morto prometeu não mais provocar fenómenos de assombração naquele local, acrescentando, porém, que desejava descobrir e depois indicar onde tinham ido parar os desenhos do seu projecto. Propuseram-lhe então que ditasse

DESPERTAR

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

O despertar de um espírito à luz da Consciência é quase sempre precedido de extraordinário entusiasmo, seguido de sincero desejo de comunicar a outros a sua alegria e a sua felicidade. Em regra, é neste período que o novo adepto se atira à propaganda do seu novo credo, com todo o ardor, tornando-se frequentemente intolerante com as ideias dos outros. No lar, a sua acção cria às vezes sérias perturbações, devido ao desejo de a todos querer levar a sua mensagem de boa nova, no afã de nela interessar os seus irmãos e amigos. Naturalmente sucedem-se as provações e sofrimentos decorrentes de tais circunstâncias, que pouco recomendam e à Doutrina, apesar de nossos bons propósitos, devido ao modo pouco cristão porque nos conduzimos.

Só mais tarde damos conta dessas faltas e as reparamos. Verificamos, então, como os ensinos do Mestre são sábios e perfeitos. Notamos que toda a fruta colhida verde não tem o sabor das que foram apanhadas no devido tempo.

O agricultor experiente cuida da árvore e vigia a oportunidade de colher o fruto. Assim, deverá proceder o interessado ao fazer adeptos para tal fim. Amparar o homem, esclarecer-lhe o espírito e aguardar o momento de seu arrependimento e desejo de melhorar-se, tornando-se mais justo e bom, relativamente.

Deste modo, o nosso auxílio será eficiente, porque a parte se pôs em condições de receber. A verdade se fará sentir e a Doutrina se tornará vitoriosa em seus efeitos divinos, tanto na ordem física, como espiritual. Entretanto, devemos doutrinar e corrigir nossos defeitos, para que tenhamos meios e condições de ajudar a despertar o próximo para o memo fim.

Conhece-se o homem desperto, em espiritualidade, porque é esclarecido, porque sabe compreender o porquê das coisas. Por isso ama a vida de outro modo, e valoriza as pessoas, os seres e as coisas, com relativa precisão.

É feliz consigo mesmo, porque é de si mesmo que ele tira a vida e os meios para a sua felicidade. Estes espíritos vivem na terra, mas as suas satisfações vão muito além dela. Pertencem à grande família universal e a sua pátria é o infinito.

Antes de despertar em espírito e verdade, o homem vive quase na inconsciência, pela sua falta de firmeza espiritual. É neste estado que ele receia a morte, porque a sente constantemente por falta de compreensão da vida. É neste estado de alma que ele se torna dogmático e supersticioso. Tudo teme, porque tudo lhe falta. Tudo espera dos outros, porque não tem consciência da própria vida. Só com o esclarecimento espiritual, com a iluminação interna, através de sua consciência, o homem vê que tudo que procurava e procura nos outros se contém em si mesmo. Que o bem e o mal são modos de ver, de estar e sentir a vida. Que o Céu e o Inferno, não passam de meros símbolos, de estados de alma com relação às eternas leis do PAI. Ninguém nos poderá tornar felizes, enquanto não possuirmos o conhecimento da Vida Eterna.

Compreenderá então o homem que o verdadeiro juiz que nos defende e acusa está dentro de nós mesmos e age através de nossa consciência. Esse juiz não é pessoa, como muitos julgam. É lei imutável, que representa o Pai, no tempo e no espaço.

Diante desta lei o homem é livre ou escravo, conforme os seus actos. Os que não crêem nesta justiça, através de sua consciência, sempre presente, no tempo e no espaço, já estão condenados em si mesmos, porque sofrem sem resignação devido à sua ignorância, às Leis do Pai e por engeitarem a responsabilidade de seus pensamentos, palavras e obras.

o que houvesse de dizer ao médium James, em sua casa. Ele assim fez, informando que descobrira os desenhos e pedindo que realizassem uma sessão com a presença do filho. Durante essa sessão, ditou pelo médium as informações acerca do lugar onde se achavam os desenhos.

«O filho ficou profundamente impressionado com o que fora escrito e, no dia imediato, aproveitando o momento oportuno, foi ao escritório do sr. Clarkes verificar o que havia de verdade nos factos que seu pai revelara e encontrou guardados ou escondidos por detrás da grande prancheta de desenho do engenheiro Clarkes, todos os traçados, plantas, secções e cotas do edifício em projecto e na prancheta uma cópia, quase idêntica dos desenhos paternos, que Clarkes tencionava apresentar como seus. Sem dizer palavra, Carlos Monroe apoderou-se dos desenhos paternos, que estavam completos e apresentou-os imediatamente à Sociedade interessada, que os examinou e aprovou, com ligeiras modificações. Assim, a nova construção não tardou a ser iniciada, sob o nome e a direcção do jovem engenheiro Carlos Monroe; sem que o engenheiro Clarkes ousasse manifestar as suas pretensões. Ele compreendera.

«Resta acrescentar que o quarto de que se trata, acha-se agora ocupado por um empregado de Banco, que está satisfeitíssimo com a sua habitação e de nenhuma perturbação se queixou, nem de dia, nem de noite».

(1) Barão Carl du Prel, «O outro lado da vida».

(2) Cairbar Schütel, «A vida no outro mundo».

(3) Ernesto Bozzano, «Animismo ou espiritismo?».

(Continua)

A REALEZA E O ESPIRITISMO

DOIS AVISOS DA MORTE DE EDUARDO VII

POR FRED ARCHER

A rainha Vitória realizava sessões com um médium que teve muitos anos ao seu serviço, como já disse há pouco.

A rainha Alexandra, esposa de Eduardo VII, sucessor da rainha Vitória, não só fazia sessões, mas também era médium.

A maior parte dos castelos reais eram escolhidos para estes trabalhos e assim se justifica que a rainha Alexandra fosse a primeira a sentir-se atraída pelo Espiritismo, no Castelo de Windsor, onde realizou uma experiência, na qual viu um espírito de mulher de grande estatura, de pé, com um manto negro e vestido branco, mesmo à entrada do seu toucador.

Mais tarde, confessou a certa amiga que ouvia música e canto durante a noite. Claro que estas experiências deixam entrever nela faculdades de clarividência e clariaudiência.

Uma vez foi visitada em Windsor por um médium de Londres que lhe fez duas profecias dramáticas, cuja confirmação obteve depois. A sessão realizou-se numa antecâmara e assistiram 12 pessoas, inclusivé a rainha. Após algumas mensagens dignas de nota, surgiu uma altamente dramática, que predizia não só a morte próxima de Eduardo VII, na casa onde nascera, como a Grande Guerra, que assolaria o mundo alguns anos mais tarde.

No ano seguinte, a rainha Alexandra partia para a Grécia, a fim de passar as férias na ilha de Corfu, e daí a pouco recebia a notícia da doença do marido e regressava imediatamente a Londres, apesar dos médicos afirmarem que se tratava de simples indisposição. Quando entrou no Palácio de Buckingham (onde Eduardo nascera), só teve tempo de se despedir dele.

Mais tarde eclodiu a Grande Guerra, confirmando plenamente a segunda profecia recebida pela rainha Alexandra.

★

Antes da sua morte, Eduardo recebeu um aviso de médium não profissional. Este facto, absolutamente estranho, foi narrado pela Condessa de Fingall.

Uma noite de Janeiro de 1910 estava ela a jantar sentada junto do rei, quando este disse que lhe desejava falar confidencialmente. Após a refeição conduziu-a a um canto tranquilo do salão e exclamou com grande solenidade:

— *Lady* Fingall, a sua amiga Jamesson entristeceu-me profundamente.

A senhora aludida, irmã do conde de Haig, era médium que muitas vezes recebia mensagens de seu irmão George Haig.

— Ela bem sabe quanto eu queria à minha irmã Alice — continuou Eduardo —. Pois acaba de me escrever, dando-me a seguinte mensagem de Alice, transmitida pelo espírito de George: O TEMPO É CURTO, DEVES PREPARAR-TE!

— Oh, Majestade! — exclamou *Lady* Fingall, compreendendo o alcance destas palavras —. Se Jameson escreveu isso, é porque julgou cumprir um dever. Mas ela deu-vos alguma prova de que a mensagem fosse de vossa irmã Alice?

— Deu, sim. Diz que me devo lembrar do dia em que estivemos em Ben Nevis e colhemos urze branca.

Eduardo VII, que morreu 4 meses e meio depois, sabia que a senhora Jameson não podia ter conhecimento deste pormenor.

Por coincidência, oportunidade ou desígnio e à semelhança de sua mãe, Eduardo VII voltou através da médium Etta Wriedt, que recebeu o relógio oferecido pela rainha Vi-

tória e que servira igualmente para a comunicação da soberana.

★

A condessa de Warwick, velha amiga de Eduardo, ouviu a voz deste na presença da médium Etta Wriedt.

Lady Warwick era mulher de grande beleza no tempo de Eduardo VII e tornou-se célebre. Chamavam-lhe a «condessa socialista», por se ter convertido ao socialismo, graças ao grande propagandista Robert Blatchford que, num baile de máscaras, a acusou de esbanjadora, quando havia milhares de pessoas que não tinham que comer. A sua conversão principiou numa longa conversa que se seguiu no escritório deste último.

Nesse momento, nem um nem outro suspeitavam que se tornariam espíritas.

Pela primeira vez, a condessa foi inquietada por fenómenos produzidos no castelo de Warwick: luzes que se acendiam de noite e passos no castelo.

Apesar dos tapetes espessos colocados nos quartos e corredores, o ruído de passos continuou e os serviçais ficaram aterrorizados, chegando um deles a sentir pancadas nas costas, quando subia a escada.

Lady Warwick pediu então a Etta Wriedt que fosse depressa ao castelo, na esperança de receber alguma mensagem que pusesse termo a ruídos tão enfadonhos.

Quando Etta Wriedt chegou, a condessa esperou-a ao fundo da escada do seu quarto de dormir e organizou uma sessão de trombeta (voz directa) e logo ouviu a voz do seu velho amigo Eduardo. O rei falava em alemão; e quando o fenómeno se produziu, ainda a médium não estava no quarto.

A mediunidade de Etta Wriedt exercia-se claramente, sem necessidade de cair em transe. Às vezes, realizava sessões, enquanto fazia malhas.

A condessa de Warwick recebia sempre mensagens em alemão de Eduardo VII.

Este comunicava-se também com a rainha Alexandra, através do médium John Sloan, de Glasgow, não menos famoso que Etta Wriedt. A demonstração de suas notáveis faculdades está nos livros bem conhecidos de Artur Findlay: «No Limiar do Etéreo» e «Onde os Dois Mundos se Encontram».

★

Um sócio director da *Sociedade de Investigações Psíquicas*, Everard Fielding, escreveu a Artur Findlay, dizendo-lhe que um amigo seu iria a Glasgow e queria assistir a uma sessão com Sloan.

Findlay concordou e preparou a sessão. E quando o estranho chegou acompanhou-o a casa de Sloan. Nem ele, nem o médium, nem os assistentes conheciam o homem e muito menos a sua profissão.

Pois, durante os trabalhos, uma voz falou ao visitante, chamando-lhe pelo nome e declinou, por sua vez, a identidade. O estranho reconheceu no Espírito a voz do falecido rei Eduardo VII.

Depois, muitos nomes foram mencionados e uma conversa se estabeleceu entre os dois seres, como se se tratasse de viventes terrenos. Antes de partir, a voz exclamou:

— Agradeço a vossa bondade para com minha mulher, a rainha Alexandra. Não sei o que ela faria sem vós, que lhe evitastes muitos dissabores.

Quando lhe perguntaram se estava satisfeito com a sessão, o visitante respondeu:

— Absolutamente.

Findlay perguntou-lhe também qual a sua posição perante a rainha Alexandra.

— Sou o mordomo da sua casa — disse ele.

Nenhum dos assistentes conhecia este pormenor, nem os outros fornecidos pelo médium.

Quando chegou a Londres e contou à rainha Alexandra o que se tinha passado, esta mostrou desejos de falar ao marido e combinaram uma sessão com o médium Sloan.

Esta reunião caracteriza um dos mais impressionantes grupos jamais constituídos para falar com os mortos.

A rainha Alexandra, Marconi, *Sir* Thomas Lipton e os três mais notáveis espíritas desse tempo (*Sir* William Crookes, *Sir* William Barret e *Sir* Artur Conan Dovle) estavam presentes, quando vozes de outro mundo se fizeram ouvir através do médium John Sloan.

(Traduzido do *Psychic News*, de 30-5-953, por I. D. S.)

Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

Sessão solene comemorativa do 13.º aniversário da fundação

NO dia 11 de Junho do corrente ano realizou-se na sede desta Sociedade uma sessão pública, em comemoração da passagem do 13.º aniversário da sua fundação. Pequena, mas selecta assistência, compareceu ao belo salão de conferências, na sua sede própria, Avenida Rio Branco, n.º 4, 15.º andar.

Por delegação do Presidente, nosso confrade Dr. Levindo Melo, foi a sessão presidida pelo director da secção de Filosofia, Dr. Lauro de S. Thiago, que, abrindo a sessão, dirigiu palavras de congratulação à assistência e, depois de convidar para fazerem parte da mesa diversos confrades representantes da Liga Espirita do Distrito Federal, do diário *Vanguarda,* etc., concedeu a palavra ao orador oficial da solenidade, nosso confrade professor Arnaldo S. Thiago, que procedeu à leitura do seguinte resumo histórico da instituição irmã:

Comemora-se hoje, nestt sodalício espirita, o 13.º aniversário da fundação da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. É uma comemoração que tem por fim conclamar os homens de ciência que aliam a Fé às suas pesquisas salutares nos domínios do conhecimento positivo, a unirem-se, no esforço de dar à ciência orientação adequada a superar os estigmas do seu negativismo filosófico, para que possa servir aos nobres e elevados interesses da civilização cristã.

Homens eminentes, como o Professor Pietro Ubaldi, que ao seu incontestável saber alia a inspiração recebida das altas esferas do pensamento, afirmam que «acima do conhecimento científico é imprescindível colocar esta filosofia, se não quisermos acabar numa torre de Babel de especializados, que não se conhecem mais reciprocamente por se haverem afastado da origem comum de todas as coisas. Este é o fim que nos espera, se não nos apressarmos a formar uma ciência de orientação que dê coesão e, com isto, uma direcção ao conhecimento científico divergente da actualidade.

Baseados na autoridade desse eminente escritor espiritualista e de tantos outros que lutam contra o terrível materialismo do século, fazemos veemente apelo a todos os homens cultos e operosos para que se congreguem em torno dos ideais da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,* a fim de elevarem o nível da ciência, tornando-a colaboradora de Deus e não sua adversária, como ainda sucede.

«Com todo o respeito que merecem as grandes conquistas já realizadas — continuua o Prof Ubaldi — sente-se a necessidade de enquadrá-las e coordená-las em um sistema universal que nos forneça a chave dos esquemas fenoménicos, chave com que poderemos desvendá-los melhor. Sente-se a necessidade de completar a nossa medicina da matéria com uma medicina global, que inclua também o espírito e que leve em consideração, além do organismo físico, também aquela outra parte tão importante do ser humano que, vagamente, ainda se exprime com o simples termo religioso de *alma.* Uma medicina, pois, total, mais completa e mais harmoniosa, enquadrada no funcionamento orgânico do universo e não deste isolada e rebelde, uma medicina que não pretenda criar o saber e fazer leis, mas cuja maior sabedoria consista em pôr-se de acordo com as leis tão sábias que já existem».

Continuando a sua crítica construtiva, de que nos utilizamos, como leigos que somos, para realçar o nobre e elevado propósito desta Associação, ao congregar médicos e intelectuais que se esforcem pela reabilitação do espiritualismo no mundo, afirma o citado autor, no seu livro *Ascensões Humanas,* capítulo «A Ciência da Orientação», págs. 158 a 166: «De tudo isto nasce uma medicina aparentemente maravilhosa, mas de resultados danosos, porque não cria saúde, mas sim moléstia. Em face da sua direcção, representa uma intervenção violenta, ao invés de fecundadora da sabedoria divina, com o resultado de transtornar a ordem, ao invés de facilitar-lhe as manifestações. Semeia, desta maneira, os precedentes causais de uma série de novas formas patológicas, patologias amorfas, que cada vez nos atormentarão mais e aos nossos descendentes. Esta medicina de domador torna-se um elemento a mais na degeneração das raças. Mas isto não nos surpreende. Tudo hoje se encontra na via da descensão involutiva, tendendo assim ao mal, dor, destruição e morte. O pensamento actual é um bulbão que a vida quer isolar para extinguir. Tudo — a arte, a música, a literatura, a filosofia, a política, a agricultura de exploração intensiva por meios físicos, a técnica, a ciência utilitária, o homem como pensamento, como organismo, como acção, as suas máquinas e todo o seu poder, tudo caminha nesta vida. Assim, também a medicina, segundo o ritmo do nosso tempo. O sistema é por toda a parte o mesmo: triunfos aparentes, promessas falazes, vantagens vistosas e *après moi le deluge*».

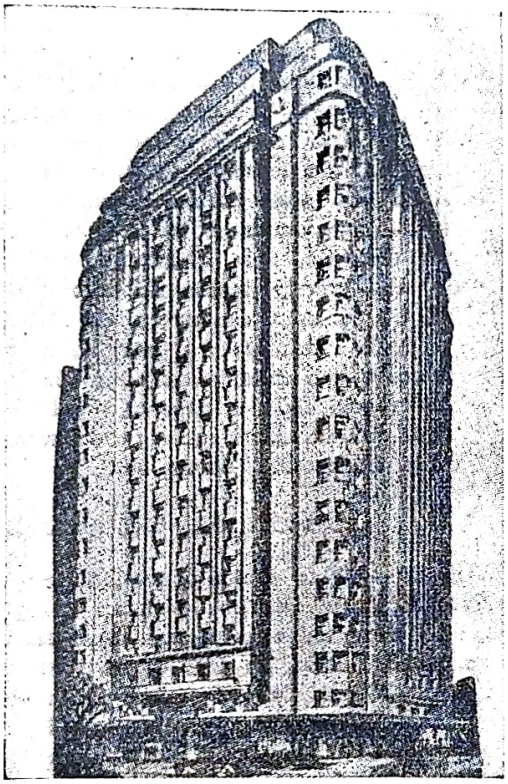
Ainda noutro tópico do mesmo capítulo, o Prof. Ubaldi acentua: «Calculou-se que as especialidades farmacêuticas produzidas só nas nações europeias são em número mais ou menos de 50.000. E isto é ciência, é indústria ou empirismo? O que decidiu é a propaganda, antigamente considerada charlatanismo. Ela, com o objectivo de vender, procura embair os parveirões com a necessidade de ingerir, tomar injecções, por «dá cá aquela palha», de produtos inúteis, quando não prejudiciais, prometendo milagres. Os medicamentos fundamentais, indispensáveis, são pouquíssimos: serão 50; no máximo 100. E por quê tão grande cópia de especialidades farmacêuticas? A razão está no interesse em produzir o que a ingenuidade procura comprar. E assim se vê que no mundo quase tudo é mentira».

★

Esses, os males que produz a ciência sem Deus, nas mãos dos que erigem um deus à sua imagem e semelhança, isto é, à semelhança do seu orgulho e da sua avidez de lucros materiais. Extrema-se assim o espírito humano nos seus esforços para viver de realidades e não de utopias: num dos extremos se acha a escola materialista, abroquelada no seu orgulhoso tentame de conhecer um universo sem Criador, organizando-se por si mesmo, mediante fórmulas matemáticas que culminaram nas equações do «campo unificado» e em outras teorias que os sabios esperam ver confirmadas, na prática, mediante os altissimos poderes demonstrativos dos *ciclotrões* que desenvolvem voltagens astronómicas e dos telescópios que reduzem ao limite da observação humana (*sic*) os ilimitados âmbitos do Infinito; noutro extremo, a Escola Espiritualista, graças ao influxo do Espiritismo, convertendo em prova científica a afirmativa empírica da sobrevivência do homem à morte do seu corpo, esforça-se por libertar o espírito humano dos grilhões escravizadores do orgulho, mostrando-nos que se a ciência chegou quase às fronteiras do mundo da matéria, como resultado benéfico dos seus esforços multi-seculares no campo do conhecimento, ela apenas inicia vacilantes passos no Infinito Universo do Espírito, em cujo âmbito o Omnipotente se oculta às vistas dos orgulhosos negadores da sua Essência Criadora, para se revelar aos pequeninos e humildes que O adoram em espírito e verdade.

Chocam-se esses dois extremos da inteligência humana, quando deveriam estar intimamente unidos para se fortalecerem mùtuamente, dando lugar a que um terceiro elemento amorfo, sem vitalidade própria nutrindo-se e fortalecendo-se a expensas do enfraquecimento dos dois campos científicos em luta, se levante e imponha o seu domínio aos governos e povos, num escandaloso conúbio da falsidade religiosa com os européis da malignidade materialista, da dissimulada santidade com os mais baixos instintos da animalidade consciente.

Vivendo de ilusões grotescas e superstições ridículas, no caos metafísico de uma dogmática ao mesmo tempo estulta e ferrenhamente imposta pelas convenções sociais, esse terceiro elemento conturbador e contudo dominante, completamente estéril e não obstante fecundador de uma sociedade que se repoltreia na vaza dos seus desregramentos morais e das suas deformidades cívicas, ao passo que procura manter híbrida aliança com o materialismo científico, repele ostensivamente os legionários do Espiritualismo científico, mas infiltra-se sorrateiramente nas suas colunas, procurando desmoralizá-lo com a enxertia das suas superstições no tronco vigoroso da Filosofia do Espírito, que há-de ter bastante seiva — confiamos em Deus



Edifício n.º 4 da Avenida Rio Branco, cujo 15.º andar é propriedade da Sociedade de Medicina e Espiritismo

e no seu Cordeiro Imaculado! — para repelir esses enxertos até ao máximo das suas forças intrínsecas, para abrigar sob a sua viridente alfombra — árvore bendita que é do Evangelho — toda a humanidade sedenta de paz e de trabalho fecundo.

Esta Sociedade é um dos diques postos à enxurrada que desce da montanha de erros há vinte séculos acumulados sobre a Doutrina do Nazareno, para contê-la, primeiro, e depois convertê-la, pelo aproveitamento consciencioso do seu potencial, em fonte de energia salutar e benéfica.

Não pode obra de tal vulto ser erigida da noite para o dia. Atacados pela malária dos pantanais em que estão construindo a barragem salvadora, os seus primeiros operários vão tendo, ora as suas forças diminuidas, ora as suas actividades afastadas, por processos insidiosos do invisível, dos caminhos que esforçadamente querem seguir; mas a obra continua silenciosamente a ser executada — e dia virá em que resplandeça em toda a sua fortaleza e grandiosidade.

É o que conforta os nossos corações: esta radiosa esperança do próximo desenvolvimento, no campo da propaganda publicitária, das suas actividades cristãs, que estão dando frutos magníficos nos domínios da assistência social e da autocultura dos seus dirigentes e orientadores do plano material, sob a acção dos guias espirituais.

Roma não se fez num dia. Assentaram os fundadores e directores da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro os sólidos alicerces da instituição sobre a rocha das suas profundas convicções filosóficas e da sua humildade religiosa: vê-la-emos dentro em breve ostentar a sua completa arquitectura espirita, no conjunto harmonioso e belo que o Brasil já pode apresentar ao mundo, com os seus inúmeros Centros e Grupos, as suas Federações e as suas organizações de assistência aos desamparados e aos órfãos.

★

Nasceu a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* do propósito de alguns médicos, bem inspirados, de aliarem os princípios da Filosofia Espirita aos seus conhecimentos da Ciência Médica, não sòmente para tornar completo o aparelhamento dos seus recursos contra as enfermidades do homem, que podem ser físicas ou psíquicas, como também para dar combate ao materialismo que prepondera nos meios universitários, a fim de lhes levar o influxo do Espiritismo.

Os primórdios da organização, do ponto de vista histórico, datam do ano de 1932. Em 8 de Novembro desse ano publicava a imprensa espirita do Rio de Janeiro a seguinte nota bem ilustrativa destas efemérides: «Os nossos confrades Drs. Levindo Melo e Fernando do Vale, na continuidade do trabalho orgânico do *Instituto de Medicina e Espiritismo*, em sessões preparatórias, vêm reunindo-se aos sábados, às 20 ho-

ras, no 4.º andar da Rua do Ouvidor, n.º 160. Na reunião, realizada em 29 do mês findo, sob a presidência do Coronel Barros Fournier, o Dr. Levindo de Melo leu um esboço dos estatutos do Instituto, assim resumidamente delineado:

1) — O I. M. E. tem por fim estudar o fenómeno espirita, sob o duplo aspecto — médico e científico;

2) — Estudar o médium e o fenómeno da mediunidade, sob dois aspectos;

3) — Estudar e cadastrar os casos de curas importantes realizadas pelos invisíveis;

4) — Defender a ciência metapsíquica junto às corporações científicas, autoridades e magistratura do país;

5) — Só se ocupar da parte científica da verdade espirita, nada tendo a ver com doutrinas, seitas, religiões, política, etc.;

6) — Ser dividido em dois principais departamentos: *Médico,* para estudos dos fenómenos relacionados com a medicina, farmácia e odontologia, e *Científico,* para os demais fenómenos;

7) — Interessar as classes intelectuais do país pelas investigações no terreno do metapsiquismo;

8) — Revidar, em carácter elevado e científico, os ataques feitos ao Espiritismo, quando lançados por pessoas idóneas;

9) — Manter um periódico de divulgação dos seus estudos, para distribuição gratuita, entre os sócios e elementos de relevo científico.

Na *Vanguarda,* de 17-10-1933, o Dr. Levindo Melo publicou um interessante artigo, demonstrando a «necessidade de uma sociedade de controlo e de estudo científico dos fenómenos espiritas». Nesse artigo refere-se a trabalhos seus no mesmo jornal publicados em fins de Julho e princípios de Agosto do mesmo ano, com idêntico objectivo. Em artigo de colaboração para o *Mundo Espirita,* de 4-4-1934, o citado médico anunciava que a 21 de Fevereiro desse ano «foi, finalmente, fundada nesta cidade uma casa de altos estudos de Psicologia Experimental. Por esse mesmo jornal, em sucessivos artigos, o infatigável trabalhador incentivava a fundação da Sociedade, até que na edição de 19 de Abril de 1941 foi publicado o «convite aos médicos, dentistas e farmacêuticos, filiados na corrente kardecista, para a primeira reunião organizadora da futura sociedade científica dos médicos espiritas desta capital, a realizar-se no dia 27 de Abril de 1941, domingo, às 15 horas, na Rua da Quitanda, 17, 2.º andar». Precedendo esse convite, inseria o citado orgão uma carta do Dr. Telémaco Gonçalves Maia, em que este operoso confrade apoiava a iniciativa e incitava os seus colegas espiritas.

Na edição de 26 de Abril de 1941 noticia o *Mundo Espirita* que haveria naquele dia, sábado, às 16 horas, na sede da Liga Espirita do Brasil, à Rua Uruguaiana, 141, sobrado, a primeira reunião de médicos, dentistas e farmacêuticos espiritas, para a fundação de uma academia de cultura médico-tspirita. E o *Diário da Noite* de 3 de Maio inseria um belo artigo do nosso Massena, afirmando que a *Sociedade de Medicina e Espiritismo* seria uma realidade.

Na reunião preparatória de 26 de Abril, o Dr. Pena Ribas, «revelando sólidos conhecimentos do assunto, fixou uma tese bastante convincente, sugerindo que se ampliasse a Sociedade, para facilitar ingresso, não só a médicos, farmacêuticos e dentistas, mas a engenheiros, advogados, químicos, professores e todos os homens de grande cultura». Em virtude desse alvitre, desde logo aceito, compreenderam os componentes da reunião que um outro nome deveria substituir o anteriormente lembrado: *Sociedade dos Médicos Espiritas.* Foram lembrados os seguintes: *Instituto de Alta Cultura Espirita* e *Sociedade de Intelectuais Espiritas.* «Pela tendência das discussões — noticiava *Mundo Espirita* do referido dia 3 — é provável a aceitação do título *Instituto de Alta Cultura Espirita.* Até ao momento de encerrar-se essa memorável sessão, verificaram-se as seguintes adesões à futura sociedade: Drs. Levindo Melo, Telémaco Gonçalves Maia, Randolfo Pena Ribas, Fernando Dias Campos, Francisco Santana, José Sintra, Fernando Vale, Cunha Ferreira, Serafim Lobo, António da Rocha Garcia, José Seco, Noredina Cintra, Eudóxio dos Santos, Esdras Nascimento, Cadmo de Moura Brandão e Jaques Mongruel, sendo também comunicadas as adesões do Dr. Inácio Ferreira, director do Sanatório Espirita de Uberaba (Minas Gerais), e Dr. Areobaldo Lelis, antigo médico legista e actual presidente da Federação Espirita do Espírito Santo. Em 2.ª reunião preparatória, ainda na Liga Espirita, a 5 de Maio, novas adesões foram registadas, tendo sido nomeadas duas comissões: de *estatutos* — Dr. Levindo Melo, Dr. Penna Ribas e Dr. Azevedo Silva; de *propaganda*—Dr. Telémaco Gonçalves Maia, Álvaro Brandão da Rocha, Lamounier Fóreis e Deolindo Amorim. Foram aventadas novas denominações para a Sociedade.

Na *Vanguarda* de 10 de Maio, o Dr. Penna Ribas declarou, numa entrevista, que, «com a fundação da Sociedade, não se pensa em fazer obra pessoal. Aceitam-se sugestões. Todos os intelectuais espiritas são convidados a colaborar». «Entre outras actividades — diz esse distinto médico —, *a Sociedade publicará uma revista científica*». *Mundo Espirita,* de 17 de Maio de 1941, estampa o convite oficial para a 3.ª reunião preparatória da Sociedade, *cuja denominação definitiva será devidamente apreciada e discutida.*

Após a entrevista do Dr. Pena Ribas, concedida à *Vanguarda* de 10 de Maio de 1941, esse jornal publicou a entrevista do Dr. Levindo Melo, conceituado clínico e idealizador da sociedade de médicos espiritas (edição de 20 de Maio de 1941), na qual diz, entre outras coisas, que *a Sociedade prestará imenso benefício ao povo em geral, além de concorrer para a queda do materialismo, causa primária da maioria das desgraças que afligem a Humanidade.* Também evidenciará às altas esferas do país que o Espiritismo no Brasil já era praticado por elementos das suas classes cultas, livres das trevas da ignorância, da superstição e das mistificações.

O *Mundo Espirita,* de 24 de Maio do mesmo ano, em ampla reportagem, publicando bela fotografia da assistência, dá conta da 3.ª reunião preparatória da sociedade, que tomou o nome definitivo de *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,* reunião na qual se registaram mais as seguintes adesões: Dr. Joel Braga, Coronel Heitor Machado, Coronel Jocelino Pacheco de Assis, prof. Olegário Tavares, Albino de Mesquita Pinheiro, Dr. Alírio Silva, Dr. Cícero Barreto, Belmiro da Rocha Vieira, professora Dinorá Gomes da Rocha Albuquerque de Araújo, Capitão de Mar e Guerra Dr. Alípio Alves, Dr. Valdemar Macedo Rocha e prof. Arnaldo Gomes Jardim. Publica o mesmo jornal o ante-projecto de estatutos da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,* da autoria do Dr. Milton de Andrade.

Eis-nos chegados à última fase desta investigação histórica. Abundante noticiário que encontrámos em vários jornais — informa-nos que foi fundada em 11 de Junho desse ano de 1941, a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,* sendo eleita a sua primeira directoria, que ficou assim constituída: Dr. Levindo Melo, *presidente;* Cap. Dr. Telémaco Gonçalves Maia, *vice-presidente;* 1.º tenente Dr. Fernando Dias Campos, *1.º secretário;*

Deolindo Amorim, *2.º secretário*; Dr. Saladino de Gusmão, *tesoureiro*.

Outros jornais da época — brasileiros e estrangeiros, todos de 1941, inserem artigos e notícias sobre a fundação da Sociedade, que foi, assim, recebida com o júbilo natural de quantos compreendem a utilidade de tal associação.

Teve a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* a sua primeira sede provisória na Rua Uruguaiana, 141, sobrado, onde funcionou até bem recentemente a Liga Espírita do Brasil (hoje Liga Espírita do Distrito Federal), que gentilmente pôs o local à disposição da sua co-irmã. Aí, em 3 de Outubro do ano da sua fundação e em obediência a dispositivo estatutário, realizou a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* a sua primeira sessão magna, em homenagem a Allan Kardec.

Na Rua Marechal Floriano, 181, 1.º andar, teve instalado o seu Ambulatório, a cargo desse devotado obreiro de Jesus, que é o Dr. Telémaco Gonçalves Maia, sendo incalculáveis os benefícios que vem prestando à população pobre do Rio de Janeiro. Embora tendo a Sociedade sede própria, continua a funcionar no mesmo local o citado ambulatório, bastando, para demonstrar a eficiência dos seus serviços, acrescentar que atende a cerca de *cem mil pessoas* por ano! «Que seria da pobreza do Rio de Janeiro — já dizia o imortal Miguel Couto — se não fossem os Centros Espíritas!».

Hoje, confortàvelmente instalada na Avenida Rio Branco, n.º 4, 15.º andar, neste magnífico apartamento, dispondo de amplo salão de conferências, em que nos encontramos, com a sua bem aparelhada sala de biblioteca, que já possui nas suas estantes cerca de mil volumes de ciência, filosofia, religião, entre as quais as principais obras espíritas, completada a instalação por outras dependências necessárias, está a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* em condições de dar inteiro cumprimento à sua relevante missão no seio da comunidade espírita brasileira.

Não lhe têm faltado com a sua benéfica e assídua assistência os seus ilustres fundadores e os que lhe constituem o corpo dirigente. Desde a aquisição deste magnífico apartamento, a sua sede própria e respectivo mobiliário, para a qual especialmente contribuiu, em começo, a reconhecida munificência do irmão Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, que bem soube empregar os amplos recursos, conseguidos na sua actividade honesta de comerciário, nas múltiplas obras de assistência social, espalhadas por todos os Estados do Brasil, até aos preciosos trabalhos de investigação levados a efeito pelos Drs. Levindo Melo, Milton de Andrade, Lins de Vasconcelos e tantos outros, e bem assim as proveitosas conferências realizadas por notáveis espíritas, como os Drs. Saladino de Gusmão, Sérgio Vale, Levindo Melo, Lauro S. Thiago, Túlio Chaves, Milton de Andrade, Américo Valério e alguns mais, que não consegue a memória agora relembrar, são imensos os benefícios prodigalizados e imarcessíveis os louros conquistados pelos que se acham à frente desta benemérita associação.

Como preciosas informações, queremos aqui alinhar as seguintes referências: Em 31 de Agosto do ano próximo findo, paga a última prestação, foi esta sede completamente resgatada, estando livre e desembaraçada de qualquer ónus. Além do ambulatório da Rua Marechal Floriano, em pleno florescimento, como acabámos de ver, trata a Sociedade de criar o novo Ambulatório-Hospital de Campinhos, tm Jacarèpaguá, onde dispõe de magnífica propriedade. Na zona de Teresópolis, onde está tratando de adquirir um grande terreno, será construído o Sanatório Dr. Lins de Vasconcelos. A Sociedade é possuidora de várias casas e diversos terrenos, doados por generosos confrades, nos Estados do Rio e do Paraná. Como se infere do que precede, a situação económica da Sociedade é sobremodo promissora.

★

Completando os seus labores silenciosos, desenvolvidos ao longo de alguns anos, os directores desta utilíssima associação esperam dar à publicidade, dentro em breve, um verdadeiro Tratado de Espiritismo, com o título de *Ciência Espiritualista*, da autoria do Dr. Milton de Andrade, que será precioso repositório de tudo quanto se tem conseguido acumular de conhecimentos do fenómeno espírita e dos princípios filosóficos da Doutrina, através dos tempos, desde as idades remotas, em todos os países do orbe terráqueo e entre todos os povos — fruto da experiência e dos estudos aprofundados a que se propuseram eminentes cultores da Revelação Nova.

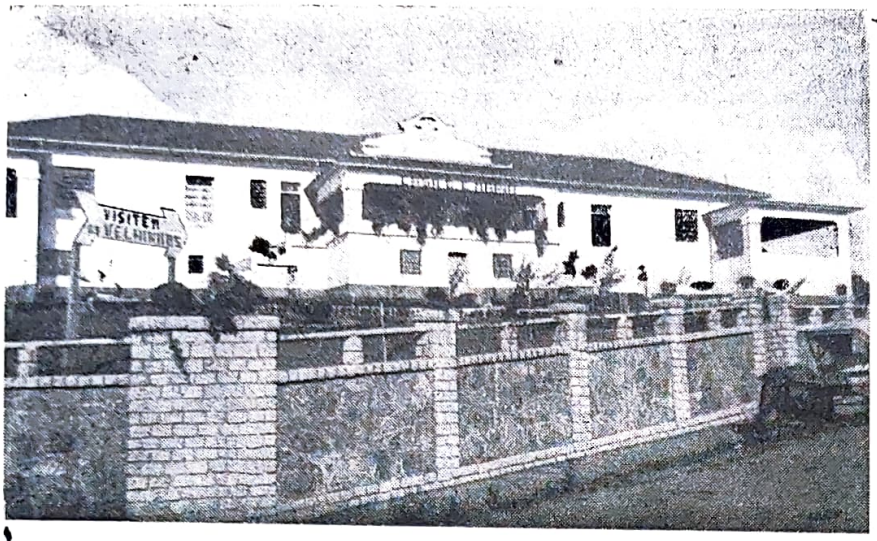
O mundo espírita e, certamente, os meios intelectuais brasileiros, esperam ansiosamente essa grande obra, que vem pacientemente sendo elaborada por um dos mais cultos e proeminentes vultos do Moderno Espiritualismo, esse, cujo pseudónimo citámos, tão modesto que nem deseja apareça nestas linhas o seu verdadeiro nome. São assim os pioneiros da verdade, construtores de obras notáveis. O exemplo é edificante, sobressaindo de entre todos o que nos foi legado pelo próprio codificador, cujo nome de família teria de ficar na sombra, como escreveu um dos seus biógrafos, para que pudesse brilhar o pseudónimo de *Allan Kardec*, com que assina todas as obras da grande e luminosa codificação espírita.

Estas as credenciais da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, cuja síntese histórica acabo de revelar a esta nobre e culta assistência.

Constituem-lhe presentemente o corpo dirigente os seguintes confrades: *Presidente* — Dr. Levindo Gonçalves de Melo (médico); *Vice-presidente* — Coronel Dr. Telémaco Gonçalves Maia; *1.º Secretário* — Dr. Amadeu Santos; *2.º Secretário* — Dr. Serafim Lobo; *1.º Tesoureiro* — Prof. Tito de Sousa e Melo; *2.º Tesoureiro* — Coronel Everaldino Acestes da Fonseca; *Director do Departamento de Investigações Experimentais* — Dr. Diógenes Pereira da Silva; *Director do Departamento Médico-Hospitalar* — Dr. Luís Eugénio Pimenta Mourão; *Director do Departamento de Estudos Filosóficos* — Dr. Lauro de Oliveira S. Tiago; *Director do Departamento de Difusão Cultural* — Dr. Milton de Andrade (jornalista).

Necessidade premente é agora a da publicação da sua revista científica. A literatura espírita, copiosa e bela, está irradiando sem crítica, acotovelando-se nas mesmas páginas límpidas verdades e cerebrinos conceitos, que o leitor, em geral, desavisado e displicente, vai aceitando como princípios doutrinários. Sem crítica, toda a obra é morta. Daqui, desta tribuna, a que me elevou a extrema generosidade do meu eminente amigo e confrade Dr. Levindo Melo, faço um apêlo de todo o meu coração aos actuais directores da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, para que não demorem a realizar, quaisquer que sejam os sacrifícios impostos, esse magno cometimento, já inscrito nos estatutos da *Sociedade*. Com a sua revista, melhores esclarecimentos descerão do Alto sobre os espíritos ávidos de contemplar a Verdade, sob a inspiração dos Guias Espirituais da Sociedade.

O ESPI



A CASA DE MARIA

A obra social do Espiritismo é reflexo de uma doutrina que se vai impondo aqui e além, apesar dos motejos e da incompreensão de muitos que a não querem estudar. É faceta digna de apreço e tudo o que se fizer no sentido de a divulgar é servir a Causa e cercear argumentos aos adversários.

Por estas colunas têm passado, em caleidoscópio, imagens desse grandioso movimento de solidariedade espirita que invade o Brasil amigo e o elege como exemplo vivo de quanto pode a vontade e a constância ao serviço de um ideal nobre e humano.

Hoje, através de informações amàvelmente fornecidas pela nossa amiga e colaboradora D. Marcolina Alves, vamos falar da Casa de Maria *(asilo da velhice desamparada) com sede na bela estância de S. Lourenço, Estado de Minas Gerais, reconhecida de utilidade pública pelo governador Juscelino Kubitschek, subscritor de um decreto que distinguiu tão justamente a citada agremiação, dando-lhe direito a personalidade jurídica.*

A Casa de Maria *tem sede própria que muito custou a construir e dá assistência permanente à velhice desamparada de ambos os sexos. O edifício, como se vê na gravura que vai junta, é de linhas modernas, cheias de beleza e estética, que revela o gosto requintado dos construtores, e a sua área é de 700 metros quadrados, numa área total de 5.600 metros.*

Tem dois amplos refeitórios, uma bela sala de visitas, três varandas acolhedoras, duas enfermarias bem equipadas e instalações sanitárias completas. Além disso, é ladeada por jardim, horta e pomar, que dão um tom de alegria e conforto àquela terra privilegiada. O jardim é um verdadeiro mimo ofertado pela Natureza. Deslumbra pelo aspecto multicolor dos cravos, das rosas, dos crisântemos, das ordálias e dos lírios, que rescendem perfumes suaves e dão ao recinto tonalidades encantadoras.

A assistência é requintadamente espirita, sem distinção de raça, de política ou de religião. Os 29 velhinhos que lá se encontram gozam o panorama das flores e confraternizam em harmonia cristã.

E a quem se deve a manutenção da obra? À quotização dos sócios, a donativos, a festivais, além de pequena subvenção federal e municipal.

Para garantir a existência do asilo, a Directoria adquiriu 1.200 metros quadrados de terreno destinados à construção de nove residências, seis das quais já estão alugadas.

A Casa de Maria *está localizada no Bairro Carioca e no terreno que a circunda vêem-se hortaliças, legumes e muitas árvores frutíferas. Assim mesmo é um departamento do* Centro Espirita Auxiliadores Espirituais, *que tem sede própria, com Albergue Nocturno, Escola Primária para crianças pobres, Farmácia Homeopática, Caixa de Assistência e Ambulatório. Ali também se encontra instalada a* Mocidade Espirita Vitor.

Na parte central — como lemos no Espirita Mineiro *— fica a administração, o refeitório, a cozinha e a lavandaria. Numa das alas estão as velhinhas e noutra os velhinhos, havendo também alguns quartos para casais. Presentemente ascende a 29 o número dos recolhidos e não vai mais além, porque o vigário local ameaça com excomunhão outros que desejam ir para a* Casa de Maria.

O Centro distribui anualmente, durante o Inverno, 400 a 500 cobertores e 600 a 700 metros de flanela aos pobres; e nas comemorações do Natal distribui igualmente 20 a 30 mil cruzeiros em géneros e vestuário. E um esforço extremamente louvável que cala no ânimo de todos.

Não obstante esta obra de alto valor beneficente, mantém aulas de moral infantil e um palco e respectivo cenário para teatro de fundo espiritualista.

A Casa de Maria *foi idealizada em 1946 pelos directores do* Centro Espirita Auxiliadores Espirituais *e nessa ocasião lançada a pedra fundamental. Havia em caixa 50.000 cruzeiros. Gastaram-se 40.000 na compra do terreno e na escritura e o restante foi empregado nos primeiros materiais de construção destinados aos alicerces, para assim dar força moral à campanha a desenvolver, a fim de se conseguirem os recursos necessários ao prosseguimento da empresa.*

O auxilio do Alto foi muito grande, como sucede sempre em coisas desta natureza. Quando a bondade está em causa, a Providência revela-se e os instrumentos humanos redobram de actividade, como se oculta mola os impulsionasse. Nesta conjuntura deu-se o fenómeno, porque a obra não mais foi suspensa e em 25 de Dezembro de 1951 a Casa de Maria *recebia os primeiros velhinhos.*

RITISMO NO BRASIL

A CASA DE MARIA

num frémito de alegria fácil de compreender. Realizara-se uma aspiração fraternal e a sociedade mineira dispunha de um recanto acolhedor para receber aqueles que não tinham onde se abrigar.

Havia despesas consideráveis, é certo, mas a protecção do Alto continuava a descer sobre a obra. O dinheiro já sobrava e resolveu-se então construir o bairro residencial, a que aludimos no começo desta reportagem. E as obras continuam... e continuarão, enquanto a generosidade e a caridade se manifestarem na estação climatérica de S. Lourenço.

O nome de Casa de Maria foi escolhido em reunião da Directoria por inspiração do presidente, Sr. António Modesto Negreiros, e do Dr. José Pereira Brasil, que era juiz de direito da comarca de Silvestre Ferraz e membro do Conselho Deliberativo. Lembraram-se de prestar homenagem à Mãe de Jesus, dando à instituição renascente aquele nome, e todos aprovaram a resolução tomada.

A actual Directoria compõe-se dos seguintes membros: Presidente — António Modesto Negreiros; Tesoureiro — Joaquim Ramos Pereira; Secretário — José Roque de Abreu; Presidente do Conselho Deliberativo — Clóvis Reis.

De entre os que mais trabalharam para a construção do asilo é justo salientar o presidente Negreiros, que tomou a seu cargo a parte financeira. Através de suas relações pessoais, conseguiu sempre os recursos indispensáveis para que os trabalhos prosseguissem sem interrupção. Na parte técnica avulta o nome do tesoureiro, Sr. Joaquim Ramos Pereira. Como antigo construtor civil da localidade, encarregou-se da planta do edifício e administrou a construção desde o primeiro tijolo até à conclusão final, não cobrando serviços e auxiliando ainda com seus recursos financeiros.

Pomos em relevo o exemplo destes dois obreiros, não para os envaidecer com louvores baratos, que não querem, mas para demonstrar quanto pode a fé espírita, muito semelhante à fé do Nazareno. Assim erguem-se redutos invencíveis, redutos cuja vida é a vida de generosos mantenedores que repartem o seu pão com alegria de alma. Nem outro fim poderia ter esta notícia esclarecedora. Todas ou quase todas as casas espíritas se baseiam no esforço anónimo de uns tantos a quem a publicidade não interessa.

Representando o óbolo da viúva, há nesta obra uma figura nobilitante que merece o maior relevo. É Joaquim Veloso, o humilde pedreiro preto, espírita da gema, que, quase sòzinho, construiu o prédio, começando o trabalho ao nascer-do-sol e terminando-o à hora crepuscular.

Muitas vezes o viam de lanterna mão a trabalhar, a fim de não perder um minuto. E, quando se instalou a luz eléctrica na casa, trabalhava à noite e no fim do mês fazia questão de pagar o consumo de energia, para que tal verba não pesasse no cofre da instituição, ideia que não foi aceite. Chegou a exigir que o seu salário fosse inferior ao dos pedreiros da região, nada aceitando pelas horas extraordinárias e dando ainda, semanalmente, um pequeno donativo do seu salário, até que o presidente lhe advertiu que não deveria continuar a sacrificar os seus, pois era pai de numerosa prole. O Veloso, porém, não se conformou e continuou a trabalhar até ao fim da obra, segundo o que havia planeado.

Então a Directoria, depois dos trabalhos concluídos, resolveu comprar um terreno e construir uma casinha tosca, mas sadia, e doá-la ao grande benfeitor e humilde pedreiro — um dos maiores amigos da Casa de Maria.

Ponham aqui os olhos muitos «brancos», senhores de vultuosos capitais, que deambulam pelo Espiritismo sem um rasgo de generosidade que beneficie a doutrina ou as suas agremiações. A alma deste preto insigne é mais alva do que a de alguns arianos. É que a evolução não se revela na epiderme, mas nos gestos e nos actos de altruísmo.

Quanto ao tesoureiro, Joaquim Ramos Pereira, é homem de recursos. Desde que se aposentou, abandona o seu lar e ali passa o dia, trabalhando e administrando, a velar pelos velhinhos... E quando algum adoece, fica toda a noite no asilo.

As obras de solidariedade humana encontram sempre abnegados do quilate destes amigos, cujo temperamento se adapta as tarefas de que se investiram.

Esquecendo muitas vezes os próprios deveres familiares, perseguem ideias, encarnam programas muito superiores às suas forças, alicia pela renúncia aos bens terrenos e assim erguem monumentos quase milagrosos que atestam a sua vontade hercúlea.

A dedicação de Joaquim Veloso, a sua inteireza de carácter e o seu espírito de sacrifício fazem dele um exemplo vivo de fé espírita digno de imitar-se. O seu nome ficou ligado à Casa de Maria e à obra social do Espiritismo em S. Lourenço. Foi autêntica pedra angular desse edifício de linhas modernas que se ergue altaneiro voltado para o futuro, atenuando agruras e fazendo nascer na alma dos velhinhos um grande clarão cheio de esperança.

Sentimos justificado prazer, escrevendo estas linhas referentes a este obreiro modesto. Que não se envaideça ao lê-los e continui firme no seu amor à Causa.

Esse é o fundamento da doutrina que liga a criatura ao Criador. Quem se não transcende em actos de altruísmo, esquecendo a personalidade e dando do que tem ao próximo, pode inculcar-se adepto do ideal espírita, mas está muito longe de o ser, na realidade.

Que Deus proteja a Casa de Maria.

I. D. S.

CONAN DOYLE E A REENCARNAÇÃO

Por DEOLINDO AMORIM
(Correspondente no Rio de Janeiro)

Para provar que Conan Doyle modificou muito a sua orientação depois da 1.ª Guerra, basta citar o trecho em que o escritor inglês aceita francamente a concordância do fenómeno do além com o espírito religioso. Diz ele:

> *Afirmam homens cujo critério merece o maior respeito — entre eles Sir William Barrett — (10) que a investigação psíquica é alguma coisa à margem da religião. Isto é certo no sentido de que pode um homem ser excelente investigador psíquico e ter, ao mesmo tempo, conduta pouco escrupulosa. Porém, é preciso levar em conta que os resultados da investigação como as deduções que dela se depreendem, e os ensinos que nos oferecem acerca da continuidade da vida da alma, sua natureza, e a influência que sobre ela exerce a nossa conduta no mundo não podem, a meu ver, diferençar-se nem considerar-se à margem da religião.*

Com *A Nova Revelação*, como se vê, Conan Doyle demonstra acentuada propensão para os problemas filosóficos e religiosos, ao contrário do que ocorrera antes, quando o escritor não passava de simples *diletantti*, apenas preocupado com os fenómenos dentro do círculo estritamente experimental. Na realidade, Conan Doyle concordou com

IV

as consequências morais, filosóficas e religiosas do Espiritismo. Se, como já vimos, não se declarou reencarnacionista integral, também é verdade que não escreveu contra a reencarnação. Logo, não se pode citar Conan Doyle como opinião abalizada contra a ideia reencarnacionista. Depois de tudo o que já foi dito nos três artigos anteriores, podemos, agora, fixar um ponto: *O que existe, no livro de Conan Doyle, positivamente, contra a reencarnação é de outras pessoas, não é do próprio escritor inglês.* São citações apenas. Que escreveu Conan Doyle, de si mesmo, contra a reencarnação? Nada! Transcreveu simplesmente, no seu livro (*O Espiritismo, suas doutrinas, ...*), algumas opiniões opostas à tese reencarnacionista. São opiniões de Aksakof, Home e outros, mas é preciso notar que Conan Doyle cita certas objecções à reencarnação sem dizer, todavia, se está ou não de acordo com tais objecções.

A opinião de Aksakof é, no terreno científico, uma das mais autorizadas. Entretanto, é indispensável observar que Aksakof não fez pròpriamente obra doutrinária. O trabalho do grande experimentador russo é rigorosamente científico, mas não é um trabalho filosófico. Aksakof escreveu um livro até hoje irrespondível, uma das maiores obras que já se escreveu, no mundo inteiro, sobre os fenómenos de animismo, mas a sua obra não passa — convém assinalar este aspecto — do campo científico. O Autor não subiu à esfera da filosofia, não se defrontou, portanto, com a questão reencarnacionista. Convém observar, em linhas gerais, os antecedentes psicológicos do Autor de *Animismo e Espiritismo*, obra clássica no assunto. Em primeiro lugar, Aksakof era russo e, por isso mesmo, tinha formação cultural diferente da formação latina; em segundo lugar, Aksakof iniciou-se no campo experimental do Espiritismo fora da zona de projecção de Allan Kardec, não recebeu, portanto, influência do movimento espirita francês; em terceiro lugar, apesar de conhecer as obras de Allan Kardec, Aksakof recebeu certa influência de Jackson Davis e Swedenborg, cujas concepções conquistaram a preferência dos espiritualistas anglo-saxões, nórdicos, escandinavos, etc. Além de tudo, não se pode perder de vista um aspecto interessante: Aksakof não podia deixar de ter preconceito de nobreza, em razão da sua origem familiar, da sua educação, da sua posição oficial de *Conselheiro de S. Majestade* o czar da Rússia, etc. É natural, portanto, que o notável investigador russo não tenha admitido a reencarnação, que é uma doutrina fundamentalmente oposta a todos os preconceitos. Aksakof encarou o Espiritismo, tal qual o fizeram outros experimentadores europeus, apenas pelo lado experimental, sem lhe examinar as consequências filosóficas, morais, religiosas. Como ele, muitos outros investigadores. Di-

ga-se, porém, a verdade, em homenagem à própria Verdade, com V maiúsculo: nem todos os experimentadores, tanto da Europa como da América, tinham a envergadura filosófica de Allan Kardec. Aksakof era, sobretudo, homem de ciência. Escreveu ele alguma obra verdadeiramente doutrinária sobre o Espiritismo? Não. Deixou, indiscutìvelmente, dois dos maiores e mais sólidos trabalhos da bibliografia científica do Espiritismo: *Animismo e Espiritismo* e *Um caso de desmaterialização*. Teve ainda papel importante nas experiências feitas com Eusápia Palidino.

Encontra-se no já citado livro de Conan Doyle um trecho de Aksakof, inteiramente oposto à reencarnação. Aksakof escreveu, em 1876, um artigo em que criticava duramente a tese reencarnacionista. Chegou a dizer que os poucos médiuns franceses que desenvolveram as suas faculdades no círculo de Kardec *jamais foram por este mencionados; ao contrário, permaneceram desconhecidos para os espiritistas, só porque não sustentaram a doutrina da reencarnação*. É o que se lê no livro de Conan Doyle. Aksakof não privou, na intimidade, com Allan Kardec, não pertenceu ao «grupo de Kardec», como se diz. O próprio Conan Doyle não endossou as palavras de Aksakof. Citou-as apenas. Em que documento se firmou Aksakof para dizer que Allan Kardec pôs de lado todos os médiuns que não sustentaram a ideia reencarnacionista? Qual a prova concreta? Onde está documentado esse procedimento de Kardec? Até agora, o que se sabe é que Allan Kardec desprezou muitas comunicações de espíritos por estarem em desacordo com o bom senso. Isto é muito diferente. Quais foram os médiuns que Allan Kardec deixou de mencionar, simplesmente porque não deram comunicações favoráveis à reencarnação? Há documentos a respeito? Onde estão esses documentos? «Não há história sem documento», é o que ensina Segnobos. É assunto a investigar.

Pelo facto de Aksakof ter dito o que disse acima, não se vai concluir pela veracidade da afirmativa, porque não se sabe se essa informação chegou ao conhecimento de Aksakof através de pessoas suspeitas ou mal informadas. Vamos, porém, a um ponto mais concreto. Aksakof não aceitou a reencarnação, mas a verdade é que não deixou, a respeito, uma obra capaz de abalar o princípio reencarnacionista. O facto de alguém não aceitar uma ideia, um princípio, seja quem for esse alguém, é de muito pouca importância, porque negar não é destruir. Se, finalmente, Aksakof não se embrenhou nas profundezas da filosofia espirita, porque não saiu do terreno experimental, isto é, o terreno dos fenómenos, não é de estranhar a sua posição negativa em face da reencarnação.

No campo científico do Espiritismo, sim, a autoridade mundial de Aksakof pesa em todos os julgamentos, em todas as críticas; já no campo doutrinário, entretanto, a sua autoridade é relativa. Como pensamento filosófico, Aksakof deixou apenas a seguinte conclusão:

> *No ponto de vista filosófico monístico, o espiritismo, como fenómeno e teoria, é fàcilmente admissível; mais do que isso, ele apresenta-se mesmo como necessidade, pois que completa, coroa esta concepção filosófica do Universo, cujos progressos são incessantes e à qual só falta uma coisa, a essencial: a compreensão do fim da existência das coisas e da existência do homem* (11).

Como Aksakof, outros homens de ciência estudaram muito os fenómenos, realizaram pesquisas rigorosas, escreveram trabalhos notáveis, mas não entraram pròpriamente na parte doutrinária, não se interessaram pela filosofia. Nota-se esse exclusivismo científico ou fenomenológico principalmente nos autores ingleses. William Crookes, por exemplo, deixou uma obra de referência obrigatória: *Factos Espiritas*. William Crookes é a figura central da fase científica mais positiva do Espiritismo: a materialização. Não se pode falar em ciência espirita sem citar Crookes. No entanto, Crookes também não fez doutrina, não entrou na parte filosófica do Espiritismo. Como cientista, não sendo filósofo ou moralista, Crookes não tratou da reencarnação, cingiu-se aos factos, e não se afastou do círculo científico. Agora, perguntamos: pelo facto de Crookes, Aksakof, Barrett e outros autores de nomeada não terem feito referência à reencarnação ou terem, até, impugnado essa doutrina, é lógico inferir que a reencarnação esteja arrasada? Claro que não.

Enquanto, no ramo anglo-saxão, encontramos grandes autores inteiramente contrários à reencarnação, no ramo latino, como se sabe, os maiores escritores e experimentadores espiritas são reencarnacionistas. Não se pode nem se deve, portanto, apontar apenas as fontes inglesas ou de

outros países onde a reencarnação não é geralmente aceita, porque o certo, o concreto é *confrontar* as duas tendências. Quem cita Conan Doyle ou Aksakof, por exemplo, está na obrigação de citar Gabriel Delanne. Se, por um lado, os autores desfavoráveis à reencarnação têm valor nas discussões, a autoridade dos autores reencarnacionistas tem, também, muito peso de argumentação.

Gabriel Delanne, uma das maiores culturas do Espiritismo no mundo, chegou a escrever uma obra documentada sobre a reencarnação. Ora, Gabriel Delanne era tanto homem de ciência quanto Aksakof ou Barrett. Já não falamos de Léon Denis, que era filósofo e moralista por excelência. Qual o escritor ou investigador anti-reencarnacionista que já apresentou, no terreno filosófico do Espiritismo, uma obra capaz de se equiparar à obra de Leon Denis? Da brilhante plêiade anglo-saxónica, com algumas excepções, entre as quais se distingue Oliver Lodge, não se irradiou grande esforço de interpretação filosófica. Contra a reencarnação, até agora, não se conhece um trabalho de fôlego doutrinário equivalente, por exemplo, a um dos mais profundos livros de Léon Denis: *O problema do Ser, do destino e da dor*. Que dizer, agora, de *O grande enigma, Depois da Morte, O porquê da Vida* e outros trabalhos de aguda penetração filosófica do glorioso continuador de Kardec na França?

A grande área anglo-saxónica produziu experimentadores notáveis, cientistas de grande significação, mas a área latina, de onde saiu Kardec e onde se codificou a doutrina espirita, foi mais fértil no pensamento filosófico do Espiritismo. Tão fecundo foi o espírito filosófico na França, por exemplo, que até mesmo no círculo da ciência experimental encontramos adeptos da reencarnação, como Geley, Meyer e outros. Geley era, na verdadeira acepção, o homem de ciência: frio, imparcial, cuidadoso, sensato. Note-se que Geley foi um dos fundadores do Instituto Metapsíquico Internacional. Pois bem, Geley confessou-se reencarnacionista. Fê-lo em termos de lógica e não em termos de fé. Disse ele:

Sou reencarnacionista, e a isso fui levado por três razões fundamentais:

a) *porque, sob o aspecto moral, a doutrina palingenésica* (reencarnação) *me satisfaz plenamente;*

b) *porque, sob o aspecto filosófico, é absolutamente racional;*

c) *sob o aspecto científico, é verosímil e, mais ainda, provàvelmente verdadeira.*

Geley era homem de laboratório, espírito rigorosamente objectivo. No entanto, aceitou a reencarnação, justamente porque o aspecto filosófico lhe falou à razão. Geley pronunciou-se a respeito da reencarnação em 1913, quando o professor I. Calderone, director da revista italiana *Filosofia della Scienza*, promoveu um inquérito entre filósofos, cientistas e eruditos para saber quais eram as opiniões favoráveis à teoria das vidas sucessivas ou palingénese, como querem alguns autores ([12]).

([10]) W. Barrett, antigo professor de Física da Universidade de Dublin, membro da Sociedade Real de Inglaterra, é o autor da importante obra *Nos Umbrais do Além*, traduzida por Isidoro Duarte Santos e publicada por «Estudos Psíquicos Editora» — Lisboa.

([11]) Alexandre Aksakof — *Animismo e Espiritismo.*

([12]) Gustave Geley — *Resumo da doutrina espirita* (Trad. de Isidoro Duarte Santos).

(a concluir)

Obras de Pietro Ubaldi

Acabaram de chegar ao nosso depósito as últimas obras de Pietro Ubaldi, algumas das quais nos foram obsequiosamente cedidas por se encontrarem esgotadas:

Temos as seguintes, em número reduzido:

Grandes Mensagens	**130$00**
A Grande Síntese	**150$00**
Ascensões Humanas	**140$00**
Problemas do Futuro	**150$00**
Fragmentos de Pensamento e de Paixão	**150$00**

Estas obras, impressas em papel de linho puro e òptimamente encadernadas, constituem uma raridade biblográfica, pois não voltarão tão cedo a editar-se.

Quem as desejar, não demore os seus pedidos.

O Espiritismo na Evolução Humana

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

II

Há quem classifique a metapsíquica como quarta dimensão da psicologia. Entra-se assim no mundo dos electrões que impressionam os nossos sentidos físicos, e também da substância mental invisível, que é a matéria do mundo espiritual da consciên- e do subconsciente.

A estes ramos científicos vem juntar-se a nova orientação da ciência do homem um outro ramo — a Psicanálise — que permite estudar os conflitos internos do consciente e do inconsciente dos indivíduos.

Ainda neste campo o Espiritismo pode ajudar vantajosamente a árdua tarefa dos experimentadores, dos médicos, dos sociólogos, etc., de todos, enfim, que desejam contribuir para a salvação moral dos indivíduos. Em minha opinião, o Espiritismo é a doutrina que mais amplos horizontes apresenta, satisfazendo as diversas tendências, tais como:

O *Espiritismo científico,* que toca em todos os ramos de ciência;

O *Espiritismo religioso,* à semelhança de S. Tomás de Aquino, que transporta os místicos às mais altas culminâncias da fé;

O *Espiritismo Filosófico e moral,* que, pelos seus conceitos da metempsicose ou palingenese, mostra ao ser a fragilidade das vaidades terrenas, ensinando assim o verdadeiro princípio da Fraternidade humana. Neste campo o Espiritismo dá-nos belíssimos exemplos, profundas lições de filosofia e da mais clara e límpida moral, ensinando o homem a viver com dignidade e elevação espiritual.

Devemos considerar o Espiritismo como nocivo ou como elemento precioso da evolução humana?

Responde a ciência físico-biológica, cujas últimas descobertas sobre as manifestações aparentes da matéria provaram a existência de uma energia, que é, na realidade, a manifestação espontânea e interna da vida que está em toda a Criação.

Os modernos estudos sobre a matéria radiante demonstraram que os fenómenos espiritóides têm largo alcance no domínio das ciências.

Para muita gente os chamados «mortos» não voltam a manifestar-se neste mundo, e os elementos designados por médiuns não passam duns charlatães abusando da credulidade dos simples e dos ignorantes. Contudo, desde 1600 que Thomas Vanghan e Paracelso estudaram essa matéria radiante até aos nossos dias, em que a mente de sábios como Crooks, Flammarion, Curie, Ochorowics, Scherenck-Notzing, Geley, Osty e F. Botazini se interessaram por esses estudos.

Os grandes investigadores Aksakoff, Hartmann, Du Prel, De Rochas e outros estabeleceram a existência real dessa matéria, que nos prova os fenómenos ectoplásmicos e ideoplásticos. Vogt afirmou que, sendo a matéria radiante plasmada pelo pensamento, este era uma secreção do cérebro, afirmação aliás aceite pelos materialistas. Mas se o pensamento plasma a matéria, esta está, portanto, submetida à acção dele, e assim a teoria de Vogt não pode ser aceite senão pelos materialistas, quando afirmam que o *homem é apenas cérebro.* Contudo, os investigadores já citados e outros que se lhes seguiram demonstraram que *a matéria radiante está submetida a um dinamismo superior da natureza que traça as formas e seus atributos.*

Esta matéria radiante permite aos mortos mostrarem-se tal como foram na terra: falarem, moverem-se, deslocarem objectos, tocarem trechos de música, etc. Obtém-se a certeza destes factos estudando-os e experimentando com pessoas cuja disposição natural permite essas manifestações. E, obtidas essas provas, jamais se poderá dizer que o Espiritismo cria loucos ou é teoria de malucos!

Entre as numerosas experiências citarei as memoráveis pesquisas de Madame Bisson, realizadas durante anos com a médium Eva Carrière. Algumas dessas experiências foram feitas à luz do dia, conseguindo-se verificar que a matéria radiante permite a realização

dos fenómenos espiritóides — o ectoplasma apresentava as características de vida.

Devo dizer que as medidas mais rigorosas foram tomadas para eliminar toda a hipótese de fraude por parte da médium. E, apesar disso, a substância que permite a manifestação dos espíritos, como as materializações, saía abundantemente da boca da médium.

No relatório que Madame Bisson apresentou no primeiro Congresso Metapsíquico de Copenhaga, em 1921, diz-se:

«A substância apresenta-se qual massa fibrosa, fragmentada em filamentos; sai da boca, por vezes das costas, da nuca e do lado esquerdo do corpo. As materializações são frequentemente precedidas de projecções bucais de um líquido esbranquiçado, fenómeno já conhecido dos alquimistas, que lhe chamavam *leite virgem*. Outras vezes torna-se bem visível um cordão ectoplásmico que liga os pulmões entre si. Esta substância manifesta-se como ser vivo e inteligente, avançando, recuando e protegendo-se, ocultando-se atrás do sensitivo. É muito sensível ao tacto, porque, se tentarmos tocar-lhe sem autorização do médium, é reabsorvida com rapidez, provocando dores no sensitivo, que, evidentemente, se encontra em estado de hiperestesia».

Pelo exposto se verifica que os fantasmas e as suas diversas manifestações não são produto de cérebros doentes. São realidades que dia a dia mais se enquadram nos laboratórios da moderna psico-biologia. E assim o Espiritismo vai conquistando o lugar que lhe compete no plano das ciências positivas. E o Homem vai obtendo mais conhecimentos acerca da sua estrutura psíquica, vê em cada nova descoberta mais uma prova a demonstrar-lhe a sua íntima ligação com as forças radiantes do universo. Nestas condições, como pode o homem morrer? Não! O homem não morre! Transforma-se; passa dum estado a outro. O fenómeno *morte* fá-lo passar da matéria física pesada ao estado de matéria astral ou fluídica. O valor energético desta matéria está despertando o maior interesse dos físicos modernos. Como é ela constituída? De facto, pode ela apresentar-se como uma entidade inteligente e agir como tal, quando se trata dum ser extra-terreno? Quais os seus meios de acção? Quando essa matéria faz parte dum ser terreno, qual é neste caso o seu *processus* de vida? As doenças orgânicas podem apresentar relação íntima com essa matéria fluídica?

A moderna ciência psicológica denominada *psicanálise* tem verificado o que os espiritas há muito conheciam — que muitos males físicos têm a sua origem na parte psíquica. E esta ainda pode estar afectada por uma entidade estranha ao doente. É o que os espiritas classificam de *obsessões*. Os estragos causados por este estado mórbido são muitas vezes dos mais aterradores, deixando os clínicos verdadeiramente despistados.

Os médicos modernos, tipo século 20, estão já compreendendo a necessidade de dar tão novos rumos à ciência, ou, antes, estão verificando que a própria ciência está tomando directrizes novas, em parte devido ao avanço do Espiritismo no mundo inteiro. Não resta dúvida de que os males orgânicos têm origem psíquica. É portanto na psique que os *médicos modernos* procuram as causas do sofrimento dos seus clientes.

Neste sentido se trabalha nos países onde o Espiritismo tem ampla liberdade de acção.

A investigação mediúnica, revelando essas tonalidades em todos os seus diversos cambiantes, até aos mais sombrios e turbilhonantes, facilita ao psicanalista estabelecer um diagnóstico acertado quanto à categoria da nevrose do seu paciente.

Mais uma vez devemos recordar que somos uns desconhecidos para nós mesmos, e verificamo-lo sempre que um fenómeno estranho vem chocar a nossa ignorância, quanto ao nosso potencial energético psíquico.

Pela radiestesia localizam-se pessoas e objectos, água, minerais, etc.; pelo *magnetismo* obtém-se a cura de nevroses diversas e consegue-se a anestesia em casos de ferimentos ou de operações. Pela *telepatia* lê-se o pensamento alheio, mesmo a grandes distâncias. A *ectoplasmia* materializa os seres extra-terrenos, e o próprio pensamento, como se tem verificado principalmente na Índia com certos trabalhos dos faquires.

A materialização, a clarividência, a incorporação, a audiência, os fenómenos promonitórios, a psicografia, as curas à semelhança do que fez Cristo a Lázaro, pela simples imposição das mãos; as curas a distância, como faz o célebre médium inglês Harry Edwards, a vidência radioscópica, e tantas outras estranhas manifestações serão num futuro próximo objecto de proficiente aproveitamento.

Além da França, na Inglaterra também se praticam os tratamentos psíquicos para as chamadas *doenças indefinidas*. A Inglaterra

possui dois famosos curadores: Mr. Charles Simpson e Harry Edwards. O primeiro trabalha por contacto directo e o segundo por contacto directo à distância para todas as partes do Mundo!

Em 17 de Setembro de 1951 Mr. Simpson festejou as suas bodas de prata de trabalhos de caridade curadora, e Harry Edwards também deu uma discreta festa, à qual presidiu o Brigadeiro Firsbrace, representando o Conselho Consultivo de Tratamentos. Ambas as festas constituiram duas magníficas reuniões de propaganda da terapêutica espirita.

Nestas condições, não nos resta nenhuma dúvida de que estamos em vésperas duma grande revolução na ciência, em prol do Espiritismo, comprovando-se dia a dia o seu alto valor para o progresso da humanidade.

Em conclusão, a força criadora do Universo é constituída por dois elementos: *Matéria* e *Espírito*.

Dentro destes dois princípios, a teoria espirita prova a existência do espírito imortal, a sua préexistência ao nascimento, as modalidades das suas numerosas e estranhas faculdades, quando na Terra, a sua sobrevivência e a comunicação entre os dois mundos — terres e extra-terrestre.

Estes conhecimentos são de capital importância para o homem, porque «tudo o que fizermos recai sobre nós, através do tempo, em alegrias e dores». A teoria espirita ensina-nos a conhecer o passado para compreender o presente e a saber preparar o futuro, para o que é indispensável conhecer a importância das leis universais que nos regem.

O ser que sabe que não morre, que considera a vida terrena como passagem indispensável ao aperfeiçoamento, vê a vida através da realidade singela dos factos naturais e abomina as complicadas engrenagens das mistificações da civilização, onde se ocultam e se expandem os mais baixos vícios da alma humana.

Será pelo Espiritismo que ele conquistará novos troféus para a sua inteligência ao serviço do Bem e do Progresso.

Será, enfim, pelo Espiritismo científico, moral, e filosófico, que a Humanidade se dignificará através dos séculos, e que em verdade o homem (e a mulher) passarão a ser aquele modelo de que nos fala Rudyar Kipling no seu admirável «Se».

FIM

SERÁ UM MAL A POLÉMICA?

Por LEOPOLDO MACHADO

Foi a 18 de Maio de 1936.

Desafiado por um ilustre reverendo que aparecera em Nova Iguaçú, traváramos a polémica mais sensacional da nossa vida, na sede de um clube de futebol. A imprensa espirita e profana ocupou-se fartamente do caso. Ele publicou dois opúsculos — «*O Espiritismo perante a Ciência*». Nós respondemos com dois opúsculos — «*Julga, leitor, por ti mesmo*», e «*Sensacional Polémica*»...

Vieram outras polémicas, outros afazeres, muitas excursões, outros volumes, ficando a polémica com o Reverendo Jacob Slater no esquecimento, ou fora de comentários e de análises.

Na reunião mediúnica de 20 de Abril, manifestou-se um preto velho, o Jacob, dizendo, na sua meia língua: «O padre está aqui...».

— O padre? O padre Frederico do Amor Divino, velho e bom amigo, que sempre aparece, mas não se manifestou ainda? Ele vai manifestar-se agora? Pois, será com muito prazer para mim.

— Não. Não é esse. É o outro, que ocê sabe. Quer falar com ocê. Vai falar por esse *apareio*...

E o médium — Fidelis Teixeira, um crioulo e pedreiro, espirita como deviam ser todos, e médium que podia servir de modelo a todos os médiuns — recebe o Espírito, que vem dizendo:

— Meu amigo... deixe que o chame assim, embora nós só nos vissemos uma vez, embora só uma vez conversássemos, e para discordar, e para brigar. Eu sou o Jacob Slater, o padre que polemizou consigo nesta cidade, lembra-se? Pois, meu amigo, aquela polémica, a nossa discussão, que deu que falar a toda a gente e a toda a imprensa, que me arrastou a escrever dois livros e a si duas respostas veementes; aquela discussão consigo foi a minha Estrada de Damasco. Eu não conhecia, na verdade, o Evangelho. Aquela minha cincada a respeito de Lázaro e a sua corrigenda, humilhou-me profundamente. Eu não dei mostras disso no momento, e procurei torcer a questão, por orgulho do mundo e da seita. Mas, em casa, reli o Evangelho, compreendendo-o melhor. E li o livro espirita que você me ofereceu. E li outros livros espiritas, analisando-os todos, compreendendo-os todos. Desencarnei logo depois. Cá em cima, então, compreendi que havia perdido uma existência inùtilmente, compreendi que era preciso continuar sem perda de outras vidas. Então, já obtive a graça de voltar à carne e à terra. Agora, numa existência útil e laboriosa: como mestre-escola, pai de família, casado e com muitos filhos. Reze por mim, rezem pelo meu espírito, pedindo ao Pai que me dê as forças e a assistência necessária para eu levar a bom termo a vida que escolhi para a reparação da minha última existência...

Comoção da parte de todos, que todos se lembravam, perfeitamente, do que havia sido aquela sensacional polémica...

Quanto a nós, aquilo fora uma revelação, pois vimos o bem que, sem o pensar e sem o sentir, fizéramos àquele espírito...

Polemizar esclarecendo é, incontestàvelmente, servir a propaganda do Espiritismo.

A MAIS EXTRAORDINÁRIA VIDENTE DO MUNDO

Em meados de Julho de 1948, um moço de 18 anos, Herminio B., natural de Cinisello Balsa, na Itália, considerado doente de ósteossarcoma, uma doença que a ciência é incapaz de curar, fora despedido do Hospital Civil de Milão. Os médicos disseram que nada poderia impedir a sua morte; por isso melhor era que exalasse o último suspiro no seu leito.

Os parentes levaram para casa o doente, mas não se deram por vencidos. Ainda que com poucas esperanças, procuraram Pasqualina Pezzola, uma camponesa que vê à distância, mesmo de centenas ou milhares de quilómetros. Escreveram num papel o endereço do doente e Pasqualina caiu em transe. Quando acordou, disse que os médicos haviam errado e que não se tratava de um tumor; o rapaz recobraria óptima saúde, desde que curado da sua verdadeira doença. O diagnóstico resultou exacto: o moço sarou.

★

Eis o caso que atraiu a atenção da ciência sobre a sensitiva mulher, mas, em verdade, naquela época já ela praticava a clarividência havia mais de 20 anos e realizara mais de 40.000 «visitas» em transe!

Em 1934, quando a Igreja se ocupou dela, pela clarividência, foi chamada pelo bispo de Fermo e realizou várias experiências: presentes o Vigário e uma comissão composta de três sacerdotes, caiu em transe diversas vezes, efectuando «visitas», entre elas uma ao Papa, a quem diagnosticou um mal-estar visceral.

A autoridade eclesiástica autorizou-a a trabalhar como clarividente, porquanto estava demonstrado que não importunava nem os vivos nem os mortos.

Em Roma, em 1936, atendendo um chamado do general Nulli, Pezzola realizou diversas «visitas». Até o então príncipe herdeiro Humberto se valeu dela, levando-a a visitar seu pai, Vítor Manuel III. O êxito dessa «visita» revelou uma leve enfermidade ignorada pela família. O Príncipe interrogou o pai a respeito, o qual, irritado, queria apurar quem havia revelado o inocente segredo...

★

Pasqualina Pezzola nada mais é que uma mulherzinha do campo, de pequena estatura e de formas arredondadas, normalíssima em tudo: na memória, na inteligência, na afectividade, no modo de ser religioso, sem afectação. Tal teria sido sempre, se uma noite, no ano de 1932, quando apenas completava 25 anos, seu marido não tivesse demorado em regressar ao lar. Preocupada, improvisadamente, caiu em transe. Ao acordar, disse, muito sossegada: «Não nos preocupemos. Eu vi-o. Está são e salvo e daqui a poucos minutos chegará». Decorridos poucos minutos, o marido batia à porta.

Posteriormente, o fenómeno repetiu-se, e seus familiares, receando que ela estivesse doente, levaram-na a um médico, o professor Ciriberti, de Santo Elpídio. O médico viu que ela tinha faculdades psíquicas anormais e convidou Pasqualina a tentar ver as pessoas que naquele momento transitavam pela rua, naturalmente estando afastada da janela. Pasqualina viu tudo; realizadas outras experiências, o médico deu a resposta: «Pasqualina não é louca nem endemoninhada: é médium e «vê» aquilo que quase todos os seres humanos não vêem».

Os excepcionais poderes psíquicos de Pasqualina Pezzola naqueles tempos ainda não maduros, desenvolveram-se, em seguida, gradualmente. A princípio, conseguia ver sòmente gente próxima; depois, podia ver pessoas a grande distância; enfim pôde «visitar» pessoas até na América, como um italiano, em Brooklin, que desde muitos meses não dava notícias aos parentes em S. Benedetto del Tronto, e permaneceu no «sono» mediúnico mais de uma hora e um quarto.

Agora, Pasqualina pode entrar em transe, quando quer, mesmo oito ou dez vezes seguidas. Antes de iniciar a viagem, ela lê em voz alta o nome e endereço da pessoa que deve procurar (podem-se-lhe dar até três endereços de uma vez, de pessoas da mesma localidade» e, após fechar os olhos, reclina a cabeça sobre o peito, enquanto os braços são sacudidos por um tremor. Decorridos poucos minutos, os braços e as pernas estendem-se para a frente, em estado de tensão, e o corpo começa a oscilar, como em posição de vogar. Quando nesta atitude, Pasqualina Pezzola está a caminho da personagem a quem quer visitar. Chegada ao destino, seu rosto anima-se, acena, e sorri a agradecimentos, parecendo que está pedindo aos passeantes informações sobre o caminho a percorrer. Uma vez alcançada a personagem procurada, Pasqualina levanta-se, anda e a sua mímica exprime com extraordinária eficácia as fases do diálogo. Não raro, com uma ponta de humorismo caricatural, imita as atitudes do entrevistado. Após a consulta, ela visita o paciente, repetindo os gestos de um médico: a percussão, a auscultação, a palpação. Naquele momento, um homem é transparente para Pasqualina Pezzola, qual negativo fotográfico. Quando acorda, o que faz sem teatrais turbações, recorda tudo perfeitamente: descreve, com exactidão, opiniões, o estado de ânimo, o estado físico. Em razão de ter feito sòmente o terceiro ano primário e de nunca ter lido um livro sobre medicina, as suas descrições anatómicas devem ser interpretadas, embora sejam sempre exactas.

Normalmente os pacientes não percebem a presença da entrevistante, mas Pasqualina Pezzola cita pelo menos dois casos em que a sua presença fora «sentida» pela pessoa a quem ia «visitar». Por exemplo, em 1935, o caixa de um banco, cuja esposa estava doente em Taranto, fora pedir-lhe conselhos. Pasqualina caiu, como sempre, em transe e soube identificar a moléstia. Dias após, o caixa, extremamente emocionado, foi informá-la de que sua mulher, no momento da experiência, havia sentido um mal-estar estranho e perguntara à mãe, que se encontrava à sua cabeceira:

— Mãe, quem é que me está virando? Sinto-me elevar...».

Também um jovem de S. Benedetto del Tronto, que no momento

RESPEITO ÀS CRENÇAS ALHEIAS

POR ALFREDO MIGUEL
CORRESPONDENTE NA BAHIA

Pegamos, às vezes, em um jornal de propaganda religiosa e admiramo-nos da ausência de matéria evangélico-doutrinária para instrução dos leitores, ao passo que sobejam nas suas colunas as notas e artigos contendo do princípio ao fim violentos ataques ao Espiritismo. Os ultrajes tocam, na base de cinquenta por cento, também aos espiritas. Não sòmente nas colunas daquela imprensa observamos esse rude processo de combater a nossa Doutrina; em livros e nas tribunas os seus adversários não cessam de alvejá-la com os seus motejos e as suas críticas, procurando a todo custo, sem dúvida, inculcá-la como qualquer coisa merecedora de repúdio.

Semelhante praxe não se coaduna com as nossas normas de propaganda, e muito lastimamos que ainda haja quem faça disso um «argumento» para refutar ideias e princípios. Para nós, espiritas, as crenças alheias merecem todo respeito, tanto assim que não vemos mal nenhum em ser-se católico ou protestante, maometano ou budista... Se a crença que uma pessoa professa para outros é errónea e sem valor, presumìvelmente é boa e verdadeira pelo menos para essa pessoa. Por que então ridicularizá-la ou tentar destruí-la? Ferir o indivíduo no que ele tem de mais caro e mais íntimo, qual seja o seu sentimento religioso, não é sòmente um acto de intolerância de todo injustificável, senão um crime contra as leis do espírito. O mal, repetimos, não está em se seguir essa ou aquela orientação religiosa, visto que cada qual crê como pode, consoante a sua capacidade de raciocinar. O vício, a corrupção, o egoísmo, — isto, sim, é prejudicial à sociedade e merece combate em que se realce a excelência da moral e da virtude. Uma das mais importantes lições que se aprende no Espiritismo é a da indulgência e da tolerância que o Cristo ensinou. Aprende-se a respeitar as crenças alheias, a acatar as pessoas, não apenas por ser isto um dever social de todo homem civilizado, mas um imperativo da lei que o Mestre estabeleceu: «Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam». Ora, não será desprezando a advertência do nosso maior Instrutor, que estaremos com ele colaborando na obra de reconciliação e congraçamento das criaturas.

se encontrava na adega, referiu ter ouvido uma voz que do alto da escada o chamava, quando não havia ninguém em casa.

★

«Fenómenos de bilocação» — é o título que o Dr. Piero Cassoli, o neuropsiquiatra de Bolonha, que procedeu a um estudo científico sobre a sensitiva Pasqualina Pezzola e deu o seu relatório, lido no mais recente Congresso da Associação Italiana Científica de Metapsíquica. Participaram deste congresso muitos dentre os maiores estudiosos de Metapsíquica, tais como Hubert, J. Urban, director da Cadeira de Neuropsiquiatria da Universidade de Iunsbruck, talvez a maior autoridade vivente em metapsíquica, e também o Dr. Canavesio, um cientista argentino, oficialmente incumbido pelo governo do seu país de estudar os problemas metapsíquicos. Assistiam também numerosos docentes universitários, como os professores Galdini, Poppi e Boschi.

Os congresssitas ouviram com especial atenção o relatório do Dr. Cassoli, que apresentou também o filme das experiências realizadas sobre a vidente, com o que demonstrou a ausência de qualquer sensibilidade da mesma, quando em transe. Por exemplo, o Dr. Cassoli espetou-lhe um alfinetão na coxa esquerda durante o sono; nem uma gota de sangue saíu do furo; única reacção obtida: um colorido avermelhado da pele. Pasqualina não teve nenhuma atitude ou gesto de dor ou de defesa.

Positivado isto, o Dr. Cassoli executou uma longa série de experiências, controlando, uma por uma, todas as afirmações da mulher. Mandou Pasqualina «visitar» a sr.ª Maria M., de 78 anos, de Bolonha. Quando acordou do seu misterioso sono, Pasqualina disse textualmente: «Encontrei a pessoa no leito, doente (exacto). Tem confusão na cabeça, respira mal, o coração funciona mal (exacto). Vejo nós, como pequenas castanhas, no ventre (exacto: a senhora tinha sido operada anteriormente de anexiectomia e de isterectomia; esta operação deixa aderências e cicatrizes). Não sara (exacto). Há muitos anos que está doente (exacto). Estava presente uma senhora bastante moça (exacto: às 16 horas e 42 minutos, uma senhora menos idosa do que a doente estava à sua cabeceira).

Uma experiência particularmente interessante foi efectuada a 2 de Maio de 1953. O Dr. Cassoli havia combinado com o Dr. Buscaroli, outro neuropsiquiatra bolonhês, que este faria, em seu laboratório, às 16.30, algo de não habitual. Caída em transe à hora aprazada, Pasqualina executou estranhos movimentos; pela sua mímica, parecia dizer: «Mas que estais fazendo?! Não compreendo!» Ao acordar, disse: «Ele foi e voltou com um objecto na mão, mas não vi o que era. Tomou um objecto à direita, depois apanhou outro e apoiou-o em baixo». Depois descreveu o Dr. Buscaroli: «Agradou-me. É bom, usa óculos, é calvo e magro».

Numa carta oficial, o Dr. Buscaroli descreveu, depois, o que estava fazendo às 16.30. Tendo de examinar uma menina que sofria de epilepsia, para convencer a pequena, que se recusava enèrgicamente a submeter-se ao exame, havia decidido organizar um brinquedo, tomando caixas de medicamentos, tiradas de vários armários, dispondo-as sobre a mesa.

A ciência continuará agora a estudar o caso de Pasqualina Pezzola. Não há dúvida acerca das suas faculdades psíquicas excepcionais. O problema, agora, consiste em saber qual o grau e a natureza destas faculdades.

(De «Fanfula», de S. Paulo)

O CASO DE ROSS FISHER

Por ROBERTO E. GUZMAN

Aí por volta de 1929 em que desenvolvi actividades relacionadas com o cinema de Hollywood, conheci num *estúdio* o fotógrafo Ross Fisher. Estávamos a fazer um filme em espanhol e Ross era um dos camarógrafos.

A nossa amizade começou quando ele veio ao México, em 1939-40, e o contratei para a película mexicana «Alma Nortenha», como camarógrafo. O seu ajudante era um rapaz chamado Zamora.

Depois encontrei-o muitas vezes e conversei com ele (era um grande conversador), ouvindo-lhe as queixas contra os sindicatos cinematográficos com os quais tivera atritos, razão por que não podia trabalhar, excepto em coisas pequenas e sem importância. É bom notar que as nossas conversas sempre foram em Inglês, pois embora ele já falasse bastante espanhol, eu facilitava-lhe a prática, visto o Inglês ser mais fácil para mim do que o Espanhol para ele. Também é preciso não esquecer que sempre me tratou por «Bob» (o meu primeiro nome em Inglês).

Desde 1940 que troquei a actividade cinematográfica, pela minha profissão de advogado. Por isso deixei de ver Fisher, como deixei de ver a gente do cinema. Só de quando em quando encontrava algum e conversava alegremente, pois devo dizer que são pessoas muito simpáticas.

Assim estavam as coisas no princípio de Agosto de 1950. Cerca das duas da tarde, ao sair do Tribunal Fiscal onde desempenho o cargo de magistrado na 5.ª Vara, encontrei Ross Fisher na porta posterior do Monte da Piedade que dá para a rua da Palma. Vestia com o desalinho habitual, nele tão característico, sobretudo desde que dera em beber mais do que a conta: camisa sem gravata aberta no pescoço, fato cor de café e gorra de fazenda muito suja. O seu aspecto era normal, isto é, o normal nele, não muito saudável, mas nada alarmante. Era, enfim, o mesmo Ross que eu conheci muito bem.

O meu primeiro intuito ao vê-lo foi fazer-me despercebido e seguir de largo, pois lembrando-me das suas intermináveis e aborrecidas conversas, receiei que me obrigasse a estar muito tempo sem comer ou (o que era pior) se resolvesse a acompanhar-me, como noutras ocasiões, e continuasse a conversar durante horas, ainda, depois de chegar a minha casa. Por isso, digo, tive a intenção de seguir de largo, fingindo não o ter visto, mas notei que ele me vira e não quis que ele julgasse que lhe voltava as costas por se encontrar em desgraça.

Dirigi-me ao seu encontro e cumprimentei-o. Apertámos as mãos e ele tratou-me pelo meu nome.

— *Hello Bob,* — disse ele —. *How are you?* (Adeus, Bob, como está você?).

Assim começámos a conversação e logo vieram as queixas, contra os sindicatos, que, segundo dizia, o tinham arruinado. Eu, que já conhecia o tema e a sua extensão, pedi-lhe desculpa, pois, se não me apressasse, perdia o carro e ficaria sem comer até muito tarde. Apertámos novamente as mãos e despedimo-nos.

O encontro, como se vê, nada teve de importante. Para mim não foi e, provàvelmente, tê-lo-ía esquecido depressa. Mas não foi assim.

★

Duas semanas depois (podem ter sido duas ou quatro), encontrando-me com o meu irmão Jorge, falei com o seu filho Jorge Júnior, que me falou num negócio de películas curtas que tinha em vista e pediu-me que falasse com dois amigos seus, camarógrafos, que assistiam à reunião. Assim fizemos. E com o fim de trocar impressões sobre o assunto, por lógica associação de ideias, ocorreu-me perguntar-lhe:

— E Ross Fisher? Que faz ele agora?

— Morreu — disse-me um deles com toda a naturalidade.

A notícia surpreendeu-me, visto não suspeitar que seus males se tinham agravado. Fiz notar o facto e disse que duas ou três semanas antes o encontrara e falara com ele.

O meu interlocutor respondeu que eu devia estar errado na data, porque Fisher morrera havia quatro ou seis meses.

Perguntas e explicações provaram que

aqueles rapazes não sabiam precisar a data da morte; mas, segundo dizia um deles, sucedera antes dele ir à América do Sul a fotografar uns jogos de futebol. Que estivera dois meses fora e que regressara havia três meses. Total — menos de cinco meses.

Intrigado, resolvi aclarar a data precisa da morte de Fisher. Falei várias vezes aos Sindicatos ligados à Indústria Cinematográfica e parecia haver um pacto secreto para não darem a data certa. Por mais que o tentasse constantemente durante uma semana, não consegui precisar a data. Por fim, lembrei-me um dia de me informar nas Agências Funerárias e soube, na Agência Alcázar, que Rosa Fisher (erro evidente de Ross) fora enterrado no dia 18 de Março de 1950.

Para desvanecer a possibilidade de erro procurei o seu ajudante Zamorita. Encontrei-o no Café de Campoamor e ali me referiu todos os pormenores da morte de Ross Fisher, pois viviam juntos, e deu-me sem a menor dúvida a data da sua morte — 18 de Março de 1950 — pois no dia anterior tinha sido o seu aniversário.

No mesmo dia ou no dia seguinte àquele em que obtive as informações da Agência Alcázar, visitou-me no tribunal um amigo muito querido que era um céptico furibundo. Para intrigá-lo, mais do que convencê-lo, começava eu a relatar-lhe o sucedido, e ainda não tinha falado na morte de Fisher, quando o meu secretário entrou com o expediente. Daí a pouco já me não lembrava da conversação iniciada com o meu amigo. Mas ele mesmo perguntou:

— Que me ias a contar de Ross Fisher ?

— Lembras-te dele ?

— Ora essa ! Há duas semanas que o encontrei.

— Como ? Conta-me lá isso em pormenor.

Disse-me então que, tendo ido com um amigo ao Café do Prado, viu Ross Fisher com a habitual indumentária (a mesma com que o encontrei), sentado a uma mesa com outra pessoa. Reconheceu-o logo, pois que, embora não fosse seu amigo pessoal, conhecia-o bem, inclusivamente recordando o que eu lhe dissera das conversas intermináveis, disse ao amigo: «Se Guzmán aqui chega, sai «barafustando» para que esse não o agarre a praticar».

Quando já não havia dúvida de que o vira com toda a clareza, perguntei:

—E que farias tu, se te dissesse que Fisher morreu há seis meses ?

AMIGO LEITOR

Estudos Psíquicos **atravessa novamente um período grave da sua vida. Auxilia-a, trazendo-lhe mais um assinante.**

Só a receita permanente enfrentará a despesa permanente.

Auxília a tua revista, que ela te retribuirá em prazer espiritual.

— Lá vens tu com as tuas histórias e as tuas fantasias ! Olha, para que te convenças, de uma vez para sempre, das tuas parvoíces, vou trazê-lo aqui ao teu gabinete, a ver se te deixas de dizer tolices.

— Pois então, óptimo. Trá-lo quando quiseres; mas a Agência Alcázar diz que o enterrou há seis meses.

— Enterraria outro. É uma simples confusão. Digo-te que tu vou trazer.

O que acabo de relatar aconteceu antes de eu falar com Zamora. Na noite em que falei com ele chamei o meu amigo pelo telefone e referi-lhe o que Zamora me dissera, a que ele respondeu com grande atrapalhação:

— Ah ! Pois, enganei-me. Devia ser alguém que se parece muito com ele.

Posteriormente contou-me que encontrara um sujeito que tinha confundido com Fisher e que era polaco ou qualquer coisa assim. Resultado: não era Fisher. Tinha-o confundido, apesar de, na nossa primeira conversa, se ter indignado por eu lhe dizer que talvez estivesse confundido...

Muito bem; aceitemos que se tivesse confundido. Mas, quanto a mim, poderia eu tê-lo confundido ? E se eu o confundi, como se compreende que me chamasse como sempre o tinha feito ? E que tivéssemos mantido uma conversação inteiramente normal em assuntos que Ross Fisher conhecia e que eu sabia que lhe eram familiares?... Deixo a solução a quem possa encontrá-la.

Finalmente, tempos depois chegaram-me rumores de que outras pessoas o tinham visto ou a alguém que «se parecesse muito com ele». Devo dizer que não conheço ninguém que, como eu, «tenha falado com ele e lhe tenha apertado a mão, seis meses depois de morto».

(De «Voz Informativa», do México, traduziu I. D. S.).

O Espiritismo julgado pelo Bispo D. Francisco Frederico, de Juiz de Fora, Minas Gerais

A lei do mundo é a lei do progresso. Negar à ciência, que é inesgotá-o seu desenvolvimento total e livre, equivale a apear o progresso, a abafá-lo e com isso impedir que a verdade seja conhecida. A ciência não é crença de uma classe, não é um partido. A ciência é ciência, é a verdade.

Uma vez respeitada a moralidade, a base, o alicerce do edifício social, não se devem cortar as asas aos perscrutadores da ciência, negando-lhes a publicação de suas conclusões. A verdade vem sempre acima. Fechada por um lado, aparece por outro. A ciência caminha incessantemente. Galileu foi, no começo, considerado louco e excomungado como hereje. Mais tarde confirmou-se o misterioso movimento da Terra, que foi causa de sua condenação e martírio.

E assim será com o Espiritismo, alviçareira ciência que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência da natureza espiritual e suas relações com a corporal. Em meu modo de pensar, não devia ser condenado, na sua totalidade, como obra exclusivamente diabólica, nem declarados fora da salvação seus adeptos, qualificando-os de herejes destinados ao inferno, quais fossem tijolos para a fornalha.

E se mais tarde for reconhecida a realidade desta ciência que presentemente é considerada heresia?

A ciência é inesgotável... Quantas surpresas não estão reservadas às futuras gerações!... Deixai que as águias voem pelo espaço, anúncio da grandeza e omnipotência de Deus, no dizer de David; então novas luzes brilharão sobre a terra.

Eu não sou espirita, nem pretendo tomar a defesa do Espiritismo, desta evolução que ganha terreno quotidianamente nos cinco continentes. Apenas sou, como muitos outros, um observador dos factos inegáveis, estudante das modernas ideias sociais, pronto a abraçar a verdade ignorada, seja qual for o seu desvendador.

Não moldemos a verdade segundo nossas conveniências. De minha parte, não vejo no Espiritismo todos os males que nele vão sendo apontados. Não os vejo, não. «Ex fructibus cognossetis eos», (Pelos frutos os conhecereis), disse o Cristo aos falsos profetas.

— Mas, então, quais são os frutos desta seita e pretensa religião, como a intitulam seus adversários? Fé viva e ardente em Deus, amor ao Próximo, beneficência.

Até aqui, pois, nada de mal. Ao contrário, «nisto consiste toda a lei e os profetas», dizia ainda o mesmo Jesus.

Deste lado, pois, o Espiritismo não é ruim. Deus e caridade. Quem está na caridade está em Deus e Deus nele.

Se o Espiritismo fosse obra exclusivamente diabólica; se todos os espíritos que andam pelo mundo fossem maus, maus seriam também os espiritos que apareceram aos devotos romanos. É lógico. Mas nós não cremos nisto. «Bona mixta malis» (O bem está misturado com o mal).

As sessões espiritas serão perigosas, mas não diabólicas. Condenar «ex-abrupto» toda e qualquer intervenção dos espíritos no meio da sociedade é uma contradição. A nova ciência, cuja origem remonta à época do Cristo, merece nossa máxima atenção. Porém a excomunhão de Roma já pesa sobre ela, o que quer dizer que os seus dias estão contados, porque os anátemas, as pragas de Roma nunca falham, é Deus quem as sugere.

Excomunhão... A mesma Igreja Romana, que a inventou sob forma de pena para os seus «baptizados» e «súbditos», declara que, para incorrer nela, é necessário que o súbdito a conheça e, ciente, incorra em seu ódio.

Portanto, poucos serão os excomungados por não terem conhecimento da pena emanada da pastoral e por serem adeptos em boa fé.

(De *O Farol*, folha de Juiz de Fora, Brasil, transcrito em Julho de 1918 pela revista «Luz e Caridade», de Braga).

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O ESPIRITISMO NO TIBET

O *Psychic Observer*, jornal espirita americano que se edita em Chesterfield, Indiana, publicou a seguinte notícia:

«O periódico *London Daily Express*, numa versão resumida do livro «Sete Anos no Tibet», da autoria de Heinrich Harrer, declara que o governo do Tibet consulta um médium antes de tomar decisões importantes. Isto quer dizer que, agora pelo menos, há um governo no mundo que reconhece as verdades do Espiritismo.

«O autor deste livro, que passou sete anos no Tibet e foi autor do «Dalai Lama», dá uma informação, como testemunha presencial daquilo a que chamou «sessão espirita de Estado». Neste caso o oráculo era um monge de 19 anos de idade, que chamou a atenção para as suas faculdades psíquicas.

«Ao descrever o que indubitàvelmente constitui mediunidade de transe, Harrer escreve: «Com o fim de poder funcionar como oráculo, o monge conseguiu afastar o seu espírito do corpo, permitindo ao deus do templo que dele se apoderasse e falasse pela sua boca».

«A sessão a que o escritor assistiu foi precedida de música. O médium começou a tremer e caiu em transe, sob a influência do espírito-guia. E logo que se acalmou, um ministro do gabinete começou a fazer umas perguntas cuidadosamente preparadas pelo governo.

«— Pediu-se ao oráculo que resolvesse todas as questões, — declarou Harrer —. A maioria das perguntas foram repetidas várias vezes, até que começou a falar entre dentes. Tentei colher algumas palavras, mas não consegui. Enquanto o Ministro estava humildemente parado, a fim de compreender as respostas, um velho monge tomava notas com uma pena de ave».

Dirão os cépticos que o Tibet é região primitiva e que a notícia tem sabor de superstição. A evolução política do mundo prova que não é assim. O progresso técnico nada tem com o progresso moral e, neste sentido, o Tibet dá lições a muitos países que se jactam de civilizados.

MISTÉRIOS DO ALÉM

Voz Informativa, da cidade do México, insere em seu número de Junho este relato do médico Carlos de Archevald:

«Numa localidade do Estado de Michoacán, perto de Apatzingán, fui chamado em consulta e, depois do trabalho, com a gentileza proverbial dos habitantes, foi-me oferecida uma aromática chávena de café e no meio da conversa surgiu este relato:

«A senhora M., dona da casa, disse-me: «Esta é minha irmã, esta é minha filha e estoutra é minha sobrinha, que testemunharam o que vou dizer-lhe.

«Minha irmã mais velha, que não está presente, casou com um agricultor, homem honesto mas reservado e nada comunicativo. Em casa não faltava nada, mas também não sobrava, pois era muito parcimonioso nos gastos.

«Inesperadamente morreu o meu cunhado. A viúva ficou pobre e fomos viver com ela. Um dia, na cozinha, apresentou-se-lhe o marido morto e ela lançou um grito e caiu no chão. Dias depois estava a coser à máquina e tornou a repetir-se a mema cena. De outra vez, estava na cama e repetiu-se novamente o caso.

«Os cônjuges tinham um compadre que era agricultor. Estava este a selar o cavalo para sair, quando lhe apareceu o compadre morto. Como é natural, isto causou-lhe sobressalto. Mas o compadre disse-lhe:

«— Não tenha receio. Você pode resistir-me. Quis falar três vezes a minha mulher, mas ela não resistiu. Diga-lhe que não voltarei a importuná-la, nem a você. Debaixo do forno que fiz em minha casa há uma grande quantidade de dinheiro em pesos de prata, antigos, que são para ela.

«O compadre dirigiu-se à casa da comadre e, ao perguntar-lhe por que lhe não tinha comunicado a aparição, disse que só os seus familiares sabiam disso, indagando, também, como tivera ele conhecimento do caso. Este narrou-lhe o sucedido; e, pedindo uma picareta, rompeu o forno e debaixo dele encontrou seis latas (das que se usam com álcool) cheias de pesos, que entregou à comadre».

Muitas aparições deste género são provocadas pelo desejo que têm as entidades de comunicar qualquer coisa importante. Se a viúva estivesse preparada, teria interrogado o espírito, em vez de sucumbir ao fenómeno.

Tudo isto prova que a morte não existe e que a sobrevivência apresenta carácter específico, segundo a índole e tendências do indivíduo.

Por vezes, as aparições pedem missas «para seu descanso». Trata-se de espíritos que eram católicos na vida terrena e «morreram» convencidos de que as missas eram indispensáveis ao seu descanso no Além.

O que não há dúvida é que o relato merece a maior confiança, pois foi enviado à revista citada e dedicado ao general de divisão D. Ramón F. Iturbe, dilecto amigo do médico.

CONGRESSO ESPIRITA INTERNACIONAL

Na semana compreendida entre 11 a 18 de Setembro realizar-se-á em Amesterdão o Congresso Espirita Internacional Trienal, que escolheu o salão do Instituto Colonial dos Países Baixos para local dos trabalhos, cuja organização está muito adiantada, contando-se com delegados de muitos países. O nosso colaborador António Cardoso representará o Centro Espirita Luz e Amor e a revista *Estudos Psíquicos*, aos quais dará as suas impressões acerca daquela magna assembleia.

Eis o programa estabelecido para o grande certame:

Dia 11, sábado — *De manhã*, registo de delegados e visitantes. *À tarde*, abertura oficial, chá e apresentações na Sede. *À noite*, banquete no Solar Tropical (preço, 7.50 florins por pessoa).

Dia 12, domingo — *De manhã*, liberdade de acção para os visitantes. *À tarde*, serviços religiosos in-

ternacionais no Salão Tropical. *À noite*, cinema, música indiana nativa dos Países Baixos e de baile. Entrada, 2 florins por pessoa.

Dia 13, 2.ª feira — *De manhã*, eleição dos novos corpos executivos. *À tarde*, exposição do delegado francês. — *Demonstrações* (clarividente britânico). *À noite*, exposições dos delegados norte-americano e francês.

Dia 14, 3.ª feira — *De manhã*, reunião dos delegados. *À tarde*, excursão a Hilversum, a 10,20 florins por pessoa, incluíndo lanche e chá. *À noite*, exposições dos delegados sueco e dinamarquês.

Dia 15, 4.ª feira — *De manhã*, sessão de trabalhos. *À tarde*, exposição do delegado belga. — Demonstração com o clarividente francês. *À noite*, exposições dos delegados britânico e sul-africano.

Dia 16, 5.ª feira — *De manhã*, sessão dos delegados. *À tarde*, excursão ao Canal. Preço, 4 florins por pessoa. *À noite*, exposições dos delegados britânicos.

Dia 17, 6.ª feira — *De manhã*, sessão dos delegados. *À tarde*, exposição do delegado suíço, exposição do delegado sul-africano. — Demonstração do clarividente britânico.

Dia 18, sábado — Fecho do Congresso com excursão durante todo o dia, incluindo lanche, a 14 florins por pessoa.

Este programa, de que damos apenas ligeira síntese, será vendido com todos os pormenores na Secretaria do Congresso.

Será bom esclarecer um ponto fundamental. Neste Congresso encontrar-se-ão reunidos espiritualistas, espiritistas-científicos, espiritistas-cristãos e não cristãos, reencarnacionistas e não reencarnacionistas, pois o único ponto comum é a questão da sobrevivência. Parecendo um mal, é um bem, visto cada país ter liberdade de estudar e organizar o Espiritismo como entender, tendo em vista a divulgação da doutrina.

Torna-se cada vez mais urgente o estudo do Esperanto para ligar melhor estas reuniões internacionais. Assim, tornar-se-iam inúteis os intérpretes, que muitas vezes deturpam o sentido das palavras, causando equívocos verdadeiramente deploráveis.

Fazemos votos pelo bom êxito do Congresso. Que o Espiritismo dele saia fortalecido e que em todo o mundo se possa fazer livremente a sua propaganda!

MEMÓRIA PRODIGIOSA

O *Diário da Noite*, de S. Paulo, publicou um comunicado do Rio de Janeiro acerca da extraordinária precocidade de Francisco Dorismar Arrais, menino-prodígio de 6 anos de idade que é, segundo dizem, uma verdadeira máquina de respostas exactas e de perguntas imprevistas. O garoto revelou-se por ocasião da seca nordestina, que tantos prejuízos causou na população e nos gados. É filho de cearense pobre e muitas doenças o atacaram, a ponto de a família lhe chegar a fazer a mortalha.

Encontrava-se nas obras do Açude Aires de Sousa com sua mãe, quando o encarregado do serviço médico, Giberto de Vasconcelos, lhe notou a memória incrível, pois decorava nomes complicados de medicamentos, o que não era fácil para uma criança. Ouvia uma palavra e pronto. Era disco gravado na retentiva.

Um dia o encarregado perguntou à sr. D. Maria Aparecida Arrais, mãe do garoto:

— Quer dar-me o Dorismar?

— Dou, sim, senhor doutor. Tenho quatro, com ele. Desde que fiquei viúva, não tenho meios para os criar. Pode levá-lo.

As famílias sertanejas são numerosas, com 12 a 15 filhos ou mais. Por isso, dar um filho é como quem dá um cachorro ou um gatinho.

O jornalista do *Diário da Noite* procurou o Dr. Gilberto e o seu protegido num hotel. Eram 6 da manhã e o menino-dicionário balançava-se numa cadeira com um livro à frente dos olhos, «As Maravilhas da Vida», de Henry Thomas:

«— Já li o 1.º tomo deste livro — disse ele —. Agora estou no meio do 2.º.

«— Tem horário para leitura?

«— Evidentemente (sic). Leio 8 horas por dia.

«— Qual a sua leitura preferida?

«— O romance científico. Gostei muito de «Arquitecto de Ideias». E quando tolero a ficção (sic), prefiro o Aldous Huxley. Devorei-lhe o «Contraponto», os «Cem Olhos em Gaza», etc.

«— Mas o «Contraponto» é um romance maçudo, difícil de entender. Há muitas personagens, palestras filosóficas...

«— Não é mais difícil que a «Crítica da Razão Pura», do velho Kant.

«— O velho Kant? — exclamou o jornalista, admirado.

«— Sim, sr. Não leu ainda?

«— Já.

«E a metralhadora de conhecimentos prosseguiu.

«— Kant não é tão imaterial como dizem. Acho-o mais profundo que Espinosa. Positivamente (sic), não gostei muito da «Moral Provisória» e do «Estudo sobre o Método» do pai do cartesianismo.

«O guri continuou a jorrar cultura. Chegou a citar os «Elementos Philosophae Aristotélico-Thomista». Falou de Escolástica, de Sto. Agostinho, de S. Tomás d'Aquino. Da Grécia, exumou Platão e Sócrates. Deste recordou a frase «Sacrificai em minha honra um galo a Esculápio». E contrariando Schopenhauer:

«— Coitado! A mãe era histérica e ele deu ao mundo uma obra pessimista. Não concordo com a sua máxima: «Só a dor é positiva».

«— Histérica? Você sabe o que é histeria?

— Não me façam rir. Vocês, *reporteres*, devem habituar-se a ver-me com 1,80 de altura. A histeria, a «morbus sacer» dos médicos antigos, com suas «stigmata diaboli», é um simples fenómeno de desvio mental psicofisiológico. Já não preocupa tanto a neuropatologia moderna.

«Dorismar definiu depois fenómenos físicos, biológicos, geográficos, antropológicos, matemáticos, químicos, psiquiátricos, genéticos e sociais.

«Conhece a teoria do aparecimento do homem na América. Em Geografia assombra mais. De psicanálise, até se lembra do «complexo de Édipo».

«O Dr. Gilberto Vasconcelos diz que o garoto ouve uma vez e nunca mais se esquece. Basta-lhe ler um tratado. Por mais árido que seja, fica-lhe o resumo no cérebro. Palavras latinas, gregas ou de qualquer língua, são decoradas com a mesma facilidade que as portuguesas. Daí, o seu desembaraço e as respostas seguras.

«O que não entende pergunta ao tutor. E devido à sua memória prodigiosa, que «pregava» todos os ensinamentos, ganhou o apelido de «Prego».

«Prego, com vista aos *Diários Associados*, foi entrevistado ao microfone de um gravador da Rádio Tupi; e quando o operador, depois dele ter falado, voltava o «recording tape», fazendo transmitir a voz, o pequeno teve esta exclamação:

«— Eu sou lá prodígio pessoal! Prodígio foi Marconi, que inventou a rádio...».

Notas & Comentários

A CÉLEBRE PASTORAL DO BISPO DE JUIZ DE FORA...

Há meses que alguns jornais espiritas brasileiros se ocupam da célebre pastoral atribuída ao bispo católico D. Francisco Fidério da diocese de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais. E fazem-no com desusada retumbância, sem indagar o que há de verdade no assunto.

Um desses jornais encabeçou o arrazoado com o seguinte título: «Pastoral sobre o Espiritismo lançada nestes dias por D. Francisco Fidério, bispo católico romano de Juiz de Fora, em exercício».

Ora, nós estamos a milhares de quilómetros da bela cidade mineira e teríamos o maior prazer de anunciar aos leitores tão grande acontecimento... se o mesmo não houvesse ocorrido há perto de 40 anos.

Parece mentira, mas é verdade. Temos em nossa frente a revista Luz e Caridade, de Braga, Portugal (Julho de 1918), em que se lê: «O Espiritismo julgado pelo bispo D. Francisco Frederico, de Juiz de Fora». A seguir, vem a Pastoral agora publicada em jornais e revistas espiritas, como se fosse um caso actual, passado há poucos meses...

A revista portuguesa fez a transcrição do jornal O Farol, de Juiz de Fora, e guardou o comentário para o número seguinte correspondente ao mês de Agosto. Isto há 36 anos feitos.

Noutra página de Estudos Psíquicos inserimos a Pastoral, para que os leitores de além-Atlântico a possam cotejar com a versão actualizada que está a correr mundo.

Gostaríamos de saber quem é o bispo católico de Juiz de Fora, qual o seu verdadeiro nome, quantos anos tem, desde quando governa a diocese e quais as suas ideias acerca do Espiritismo. Apelamos para o confrade Orville Derby Dutra, nosso representante nessa localidade. Ele nos dirá o que há de verdade no assunto. Temos a certeza, porém, de que se trata de «reposição», como se diz em linguagem de teatro, e não de coisa original.

É lamentável a facilidade com que se enchem as colunas de certos periódicos, sem ter em conta a verdade que se deve cultuar. Neste caso, o Espiritismo não tem que perder. No entanto, os nossos adversários ganharão terreno, arguindo-nos de pouco sinceros nos processos utilizados.

E porque desejamos manter autoridade moral em todos os actos e atitudes, é que fazemos o reparo, onde não vai sombra de maldade nem sentido pejorativo. É que o Espiritismo não precisa destes «furos» jornalísticos para se impor a gregos e troianos.

No próximo número voltaremos ao assunto.

O ESPIRITISMO EM PORTUGAL

Muitos jornais estrangeiros se têm referido ao Espiritismo em Portugal, onde vários centros têm sido encerrados pelas autoridades.

Agora é o Psychic News, de Londres, que, em grossas parangonas e sob o título «O Governo Português fechou todas as instituições espiritas do país», se espraia num artigo a cinco colunas, fazendo afirmações que exigem rectificação.

As informações foram dadas por Miss Rosamunde E. Prince-Bishop, curadora espirita e conferencista que em Portugal ganha a vida como publicista e professora de Inglês.

Começa logo por faltar à verdade. O governo não mandou encerrar todas as instituições espiritas. O Centro Espiritualista Luz e Amor continua a trabalhar livremente ao abrigo da lei e nada temos que dizer das autoridades. O mesmo sucede a outros centros que não vale a pena mencionar.

Depois diz que as causas do procedimento havido se baseiam na existência de muitos ledores de buena-dicha e de práticas de magia negra (sic), acrescentando haver quem deite pós na comida e na bebida de homens e raparigas para excitar os instintos sexuais e que longas filas de miseráveis se vêem nas sessões públicas, onde se desconhece a lavagem entre os tratamentos. Diz também que há falta de respeito nestes trabalhos, durante os quais o médium se entretém a fumar.

Para terminar as suas afirmações diz que o panorama não é tão mau como parece. Desde que o povo seja educado, tudo se resolve fàcilmente. E apresenta o seu plano de organização que atingiria o verdadeiro objectivo. O plano é publicarmos artigos de catequistas ingleses, os quais nos seriam enviados através da sua tradução...

Ora, francamente, Miss Rosamunde, já por cá andamos há 35 anos e nunca vimos as tais filas, os tais pós e o tal fumo a que se refere. E como poderíamos ver lavagens (de mãos, certamente) entre os tratamentos, se estes estão proibidos e se não fazem nos centros? Afinal, a notícia do Psychic News, jornal que nos merece a maior consideração, serviu de pretexto à Miss nossa conhecida para um reclamozinho às suas faculdades curadoras. Assim ficámos sabendo que, um dia, ao dirigir-se à praça a fazer compras, viu uma peixeira adoentada, a quem aplicou logo o tratamento, com efeito imediato. E daí em diante, quando lá voltava a comprar, era uma chusma de garotos cheios de feridas, queimaduras etc., que se juntavam à sua volta a pedir tratamento... (sic).

E o jornal termina, informando: «Onde quer que ela possa ajudar os pobres com alimento ou palavras de conforto, ela aí está de sorriso prazenteiro».

Lá que sorria e conforte, achamos muito bem. É sua tendência e seu dever de espirita-missionária, representante em Lisboa do semanário The Greater World (O Mundo Maior), que uma vez nos ofereceu para transcrevermos as mensagens de «Zodiaco», recebidas por Miss Winifred Moyes. Mas que vá dizer a Londres enormidades que alguém pode tomar à letra é que não corresponde à hospitalidade lusitana.

Que Deus a ilumine e que o grande semanário tenha mais cuidado com as informações da sua gentil e robusta informadora.

Noticiário

ENCERRAMENTO DE TRABALHOS

No dia 1 de Agosto, como anunciámos, realizou-se na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor uma sessão presidida por Isidoro Duarte Santos, secretariado por D. Ivone de Sousa, D. Maria da Glória e António Cardoso.

Aberta a sessão, o presidente congratulou-se pelo trabalho realizado em prol do Ideal, afirmando que isso foi possível, graças aos bons colaboradores de *Estudos Psíquicos* e aos colaboradores e directores de Grupos do Centro que, no ano findo, trabalharam cheios de vontade e aos quais exprimia o seu agradecimento.

Falou a seguir D. Maria da Glória, directora do Grupo «Irmão Rhammurthi», que prestou homenagem ao Centro pela forma acolhedora como tem recebido alguns enviados brasileiros que nos visitaram e incitou os presentes a utilizar as faculdades em benefício dos irmãos sofredores, pois assim estariam no verdadeiro caminho de Jesus.

D. Ivone de Sousa disse que era necessário fazer mais e melhor, terminando por recitar uma poesia de Isidoro Duarte Santos, intitulada «O Ateu».

António Cardoso fez um estudo crítico das diversas facetas do Espiritismo Português, terminando por afirmar que dentro de alguns meses dois grandes Congressos espiritas se vão realizar: um na Ho-Holanda, ao qual tenciona assistir, e outro no Brasil, onde irá Isidoro Duarte Santos.

O nosso confrade Ramos Pereira, que se encontrava na assistência, transmitiu ao Presidente os seus sinceros votos de que, na sua viagem ao Brasil, alguma coisa consiga para que novas directrizes norteiem o Espiritismo Mundial numa revisão cada vez mais indispensável de alguns postulados kardecistas, já totalmente antiquados.

O Presidente contou então o que seria a sua próxima jornada por terras brasileiras, afirmando que tudo faria para elevar ainda mais a revista *Estudos Psíquicos* e o Centro Espiritualista Luz e Amor.

E foi assim, nesta atmosfera de prazer espiritual, que o Centro encerrou por dois meses as suas portas, para voltar a abrir-las em princípios de Outubro, a fim de começar outro período de trabalhos.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS

Mais outro mês passou, e novos brindes foram distribuídos pelos subscritores desta modalidade beneficente. Continuamos a fazer votos pelo bom êxito deste esforço que vai no 5.º ano e oxalá que novos amigos venham engrossar a falange dos benfeitores. Que se não perca a fé nos destinos do homem! A solidariedade é o melhor elemento da felicidade colectiva.

Foram distribuídos os seguintes livros:

«Luz no Caminho» — D. Minervina Lameiro Franco, de Lisboa.

«Prolonguemos a Vida» — Coronel Joaquim da Costa Ferreira, de Lisboa.

A estes prezados amigos, as nossas saudações fraternas, com desejos de saúde e paz.

GRUPO DE PROTECÇÃO ÀS CRIANÇAS

Distribuição de vestuário durante o 2.º trimestre de 1954:

2 enxovais para recém-nascidos (17 peças cada um).
3 casaquinhos de lã.
3 pares de meias de lã.
3 toucas de lã.
1 camisola de lã.

GRUPO «IRMÃO RHAMMURTHI»

Por ter saído com lapsos, publica-se novamente o *Balancete* deste Grupo:

Saldo de Julho	2.497$70	
Empréstimo ...		1.000$00
Donativos distribuídos ...		556$50
Idem		85$00
Aviamentos para enxovais e compra de lãs		591$00
Saldo para o mês seguinte		265$20
	2.497$70	2.497$70

ROUPA USADA

Vários assinantes e sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor nos têm escrito, perguntando se aceitamos roupa usada para distribuição a necessitados. Respondemos que sim. A beneficência estende-se a todas as modalidades possíveis e imagináveis. Os nossos grupos procuram todos os meios de atingir o alvo. O supérfluo de uns é o necessário de outros. Agradecemos, pois, que nos enviem toda a roupa que tenham fora de uso, com a condição de vir lavada, para fàcilmente se adaptar ao físico dos comtemplados.

Aproveitamos o ensejo para agradecer à nossa amiga e assinante D. Maria Eva Rodrigues Alves as peças de vestuário que nos entregou com destino a protegidos da nossa revista.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos anos anteriores, o *Centro Espiritualista Luz e Amor* encontra-se em férias desde 1 de Agosto ao primeiro domingo de Outubro. Os interessados que durante este tempo queiram tratar de assuntos espiritas devem telefonar para 5 6605 ou 3 6724.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Agosto — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; U. S. J., de Ponta Delgada, 20$00; Joaquim Fernandes, de Lisboa, 7$50; do «Grupo de Protecção às Crianças», 20$00; Subscritores de Livros Espiritas, 225$00; Da Festa Anual de 27 de Junho para o Grupo de Protecção às Crianças, 390$30 — *Total* 702$80.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Narrações do Infinito	25$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espirito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	35$00	46$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira e Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	28$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pegadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	40$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	32$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	28$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litigio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	28$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	54$00	64$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

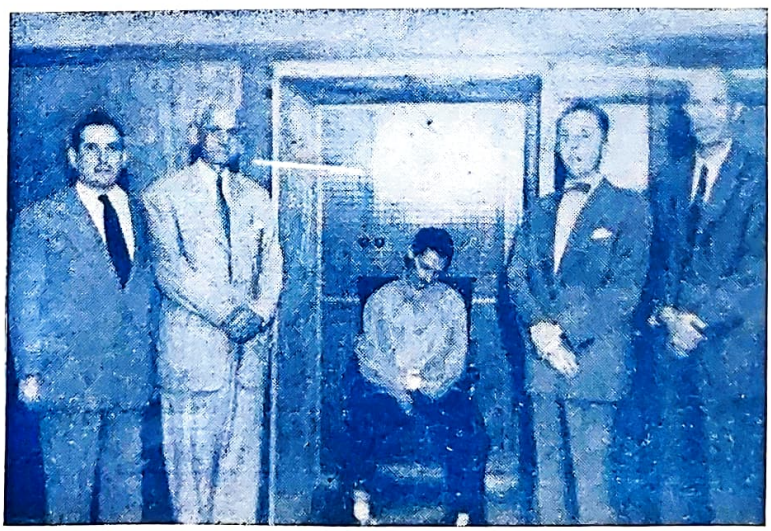
O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Osmose Espiritual, da **Redacção**; Por Perguntas e Respostas - I - pelo **Dr. Sérgio Vale**; Festa de Confraternização Neo-Espiritualista; A Quarta Dimensão, por **Suzanne Misset-Hopes**; Milagre? Não! Terapêutica Espirita, por **Leopoldo Machado**; Almas do Outro Mundo - II -, por **Cyrilo Alleixo**; A Luz da Verdade, por **Francisco Maria Palhoto**; A Realeza e o Espiritismo, por **Fred Archer**; A Difusão do Espiritismo, por **Natálio Ceccarini (Filho)**; Horas de Arte, por **José Simões de Matos**; Extraordinários Fenómenos de Transporte, por **Tito L. Bancéscu**; Napoleão era perseguido por um Fantasma; Palmelo, a Cidade Espirita do Brasil, Reportagem do **Prof. Rúbens Peiruque**; Conan Doyle e a Reencarnação - V -, por **Deolindo Amorim**; Fenomenologia; Livros de todo o Mundo, anotados por **I. D. S.**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.



O médium João Rodrigues Cosme dentro da jaula
Aos lados os controladores da Sociedade Constância

(Ver pág. 272)

15.º ANO SETEMBRO DE 1954 N.º 9

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores — **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espíritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisível (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO | LISBOA, SETEMBRO DE 1954 | N.º 9

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

OSMOSE ESPIRITUAL

Nunca, como agora, foi tão efectivo o sentido moral da comunidade luso-brasileira em todos os campos da actividade humana. Há um sentimento comum, uma finalidade comum, uma origem comum a orientar os nossos actos no concerto das nações, aos quais não é estranha a idiossincrasia da raça que se caldeou no cerco de Guimarães. Portugueses e brasileiros pertencem ao mesmo tronco verdejante que dominou planuras e levou sua influência aos confins da terra.

As afirmações de mútua simpatia e de mútuo interesse geral, feitas há pouco no Rio de Janeiro e S. Paulo por representantes dos dois países irmãos, são de tal modo significativas, que é lícito esperar uma nova era de relações que dê satisfação a correntes fraternas que se exercem nos dois lados do Atlântico, cuja distância se encurta à medida que os braços se distendem.

Uma voz brasileira afirmou que Portugal e Brasil eram uma só nação. Na verdade, talvez não haja dois países que possam entender-se tão perfeitamente. Tradição, índole pacifista, sentimento nobre, amor à humanidade, tudo isto se encontra amalgamado, inteiramente fundido nos elementos espirituais que constituem a grande família luso-brasileira. E assim como Portugal, no extremo-ocidente europeu, foi, em certo momento histórico, o maior exemplo de acção missionária, levando suas galés a pontos ignorados, içando a bandeira das quinas em todos os continentes, também o Brasil, no extremo-oriente sul-americano, se afirmou e afirma como expoente máximo do progresso universal, à frente de numerosos países, onde a latinidade canta os mais belos hinos. Todos os seus triunfos são nossos triunfos, todos os seus agravos são nossos agravos. Para nós, os brasileiros em Portugal são irmãos com direitos iguais aos nossos. Não precisam de passaporte para correr o país do Algarve ao Minho. Temos com eles expansões e desabafos que vedamos a estrangeiros e prestes surgem amizades duradoiras que resistem à fúria do tempo.

«Amor com amor se paga» — diz a sabedoria do povo, que é a melhor e maior sabedoria. Pois o Brasil, em troca da seiva que recebeu da árvore-mãe, deu-nos um exemplo vivo de espiritualidade através da Mensagem inigualável da Terceira Revelação. De lá nos veio o formoso ideal espirita, magnìficamente estruturado em realizações que se erguem como verdadeiros símbolos.

Se os cem mil espiritistas existentes em Portugal quebraram algemas dogmáticas, alçando-se às alturas do genuíno pensamento cristão, devem-no à Federação Espirita Brasileira, esse empório editorial que tanta luz irradia sobre o mundo.

Mais bela que uma bela paisagem, mais forte que o elemento líquido em seu fluxo e refluxo, mais sublime que a bondade e fraternidade, é a osmose espiritual entre portugueses e brasileiros. De tal modo os irmana, de tal modo os confunde, que dois são um em conhecimento e sentimento.

Estas palavras não são protocolares. Dita-as o coração agradecido aos «maiores» que nos enviou a Terra do Cruzeiro e vemos presentes nas aras da Doutrina, que abateu preconceitos, reformando as almas. Sim, o português-brasileiro que moureja em Santa Cruz é igual ao brasileiro-português da Lusitânia. Ambos comungam na bendita osmose que nos dará um novo elemento refinado. Nem oposições, nem dificuldades serão bastantes para impedir a nossa marcha ascensional.

Os espiritas portugueses abraçam os espiritas do país irmão a quem desejam felicidade e triunfo, para maior glória do Espiritismo e melhor harmonia de suas almas generosas.

POR PERGUNTAS E RESPOSTAS

I

«Pourquoi donc avons-nous déclaré que le Spiritisme n'est pas une religion?».
Allan Kardec — *Revue Spirite*, 1868, p. 359.

P. — Mestre, dentro das fileiras do Espiritismo, há muita gente que não se conforma e não se contenta em viver subordinado às *consequências morais e espiritauais* da Filosofia, que codificastes com o auxílio de Espíritos Superiores. Confrades inteligentes e cultos apegam-se saudosamente, atàvicamente à nobiliarquia multimilenária — religião e seus derivados — sem a qual se julgam em abandono e orfandade, excluídos, talvez, das bençãos do PAI. Anseiam ardentemente por um rótulo, uma «forma», embora os postulados da Doutrina se oponham frontalmente aos hábitos antigos. Contradição estranha: vivem, agem, pensam, filosofam ao contrário de todos os tipos de «religiosos». E defendem, com eloquência e ardor, aquilo que já decretaram nas colunas de jornais leigos — a *Religião Espirita*.

Em vosso livrinho «O QUE É O ESPIRITISMO», um Padre quis saber *«o que dizem os Espíritos Superiores a respeito da religião (págs. 86-89)»*. A resposta foi que os Espíritos Superiores sòmente se preocupam com os princípios gerais e essenciais (Deus, Caridade); que os *vulgares*, sem que sejam maus, podem emitir preferências e opiniões separatistas (excelente definição de regiões!), por convicção, por hábito ou por prudência. Um espírito esclarecido, um Fénelon, não dirá a um muçulmano que Maomé é um impostor e que ele será condenado, se não se fizer cristão. A verdadeira espiritualidade não se preocupa com as práticas e as questões de minúcias, com o acessório; e a melhor é a que *nada prescreve de contrário às leis da natureza, porque Deus não se pode contradizer*. Condenável é tudo que retarde o progresso moral e espiritual, quaisquer que sejam os indivíduos ou as classes que violem a lei. «Crêde, pois, em tudo que vos aprouver, mesmo na existência do diabo, se tal crença vos puder tornar bom, humano e caridoso para os vossos semelhantes. O Espiritismo, COMO DOUTRINA MORAL, só impõe uma coisa: necessidade de fazer o bem e evitar o mal. É uma CIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO que, repito (foi a resposta), tem CONSEQUÊNCIAS MORAIS, que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião».

Por conseguinte, segundo os Espíritos Superiores, *sòmente no terreno das consequências morais*, há coincidência entre a Doutrina dos Espíritos e as Religiões. Em tudo o mais a divergência é total e irremediável. O Espiritismo é uma questão de *fundo*, escrevestes; prender-se à *forma* seria puerilidade indigna da grandeza do assunto». Ora, religião, no sentido próprio, a menos que seja confundida com religiosidade, é forma, formadura, formalidade, formalismo, formaria, formatura, fórmula, formulário... Krisnamurti a compara a uma corda que nos tira toda a liberdade de pensar e de agir. Entre os males que nos fazem sofrer — a possessividade, o nacionalismo — inclui ele o «sectarismo religioso». Que são as religiões, para o santo Ramacrishna? «São caminhos; porém os caminhos não são Deus. Eu vi todas as seitas e todos os caminhos. Já não me incomoda mais nenhum deles». Religião sinonimiza com: sobrenaturalidade, revelação cristalizada e auto-suficiente, Deus antropomórfico (Deus policial, interventor, falante, colérico, contabilista), insubordinação contra as leis naturais, profetismo infalível, dogmas *(obscurum per obscurius)*, tolerância para o materialismo e intolerância para qualquer «heresia», reinado do «fora de mim não há salvação», milagres a granel, graças gratuitas e... predestinadas, preces-requerimento, «fé de carvoeiro», guerras «religiosas» (em nome de Deus!), céu e inferno materialisticamente representados, convencimento da posse da verdade absoluta, culto, sacramento, liturgia, jejum, penitência... A que religião estará subordinado o Prof. Pietro Ubaldi, presentemente? Há nele muita religiosidade, muita espiritualidade, muita filosofia espiritualista, muita concordância com a filosofia espirita, afora as exaltações extáticas, para cujos perigos chamastes a nossa atenção em OBRAS PÓSTUMAS, pág. 50. A missão do Espiritismo, como a da GRANDE SÍNTESE, é *«congregar todos os homens sob o mesmo*

estandarte», harmonizando as revelações mediúnicas com a ciência. Este papel esclarecedor e conciliador jamais poderá ser executado por um «partido religioso», por uma facção religiosa, por um sectarismo, por uma religião que, ou será igual às outras, nas suas qualidades e nos seus defeitos, ou não será uma religião.

Mestre, como destrinçaremos a questão concernente ao termo *religião* aplicado ao Espiritismo? Será possível que nos possais dar a palavra definitiva sobre esta controvérsia?

R. — *Diligenciar-me-ei* por fazê-lo. Embora jamais tenha falado por metáforas ou parábolas — nem eu, nem os Espíritos Superiores que me ajudaram a compor o «Livro dos Espíritos» — vejo que não me fiz compreender pelos meus discípulos mais esforçados e mais dignos. Que Jesus me perdoe tão flagrante insuficiência expositiva. No exercício do meu ministério, procurei, debalde, cingir-me ao seguinte ideal, que encontrareis nas minhas páginas escritas: «O que procuro, acima de tudo, o que me agrada, o que aprecio nos outros é a clareza, a limpidez, a precisão e, longe de sacrificar esta à poesia, o que se me poderia reprovar fôra o sacrificar o sentimento poético à sequidão da forma expositiva». Fui obscuro, fui apocalíptico neste particular, apesar do meu desejo de *clareza e limpidez*.

P. — Não foi por isso mesmo, Mestre, que Jesus-Cristo não escreveu senão uma vez, e na areia, antes do julgamento da pecadora?

R. — É bem provável, meu amigo. Mas guardem-se os alfinetes para a paquidermia do materialismo. A confusão reinante exige, em primeiro lugar, a definição clara do termo *religião*, que tolera sentidos divergentes e quase opostos. Leia na *Introdução* ao «Livro dos Espíritos» o que ali deixei consignado sobre os múltiplos significados da palavra *alma*, «objecto de inúmeras controvérsias, à míngua de uma acepção bem determinada». Enunciei, então, o seguinte pensamento: «Uma língua perfeita, em que cada ideia fosse expressa por um termo próprio, evitaria muitas discussões. Com uma palavra para cada coisa, todos se entenderiam». Reeditando-me a mim mesmo, aplico à palavra *religião* o que externei com referência à *alma:* «a fim de evitar todo equívoco, seria necessário restringir-se a acepção do termo *alma* a uma daquelas ideias *(a* — princípio da vida material orgânica; *b*— princípio da inteligência ou agente universal do qual cada ser absorve certa porção; *c)* — ser moral, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte). A escolha é indiferente; *o que se faz mister é o entendimento entre todos, reduzindo-se o problema a uma simples questão de convenção*». A palavra alma, tal qual a palavra religião, usada sem tais preservativos, tranforma-se num «Proteu, que cada um ajeita a seu bel-prazer». A discussão semelhará uma banda de música enlouquecida, na qual cada instrumento desafinado tocará o que lhe aprouver. Urge não se confunda religião com religiosidade ou com espiritualidade, ciência espirita com a ciência comum, mediunismo com Espiritismo, etc.

Uma "entrevista" com Allan Kardec

pelo Dr. SÉRGIO VALE

(Correspondente em S. Paulo)

P. — Percebo que o Mestre conserva toda a lucidez mental, aquela mesma que maravilhou o vosso amigo Flammarion: em poucas palavras armastes a única equação possível, reduzistes o caos a uma fórmula simples, clara, lógica, de cuja aplicação se desentranhará a verdade. Lembro-me que, na palavra polivalente religião, apontastes significados que dão azo à confusão reinante, «*por falta de uma palavra para cada ideia*». Procurastes discriminar o que apelidastes «matiz», o qual se vos afigurava «perfeitamente claro». Dissestes, literalmente: «só temos *uma* palavra para exprimir *duas ideias diferentes* (Espiritismo e Religião)». Lendo-vos, concluí que se o Espiritismo e a Religião são *duas ideias diferentes*, o Espiritismo não é Religião e a Religião não é Espiritismo. De outro: se o Espiritismo é Religião, a Religião não é Religião. Estarei tresvariando? Dir-se-á que o estudo da Doutrina transforma e amolece a mioleira, conforme o afirmam e juram os psiquiatras e os psicanalistas?

R. — Não, você não está tresvariando, por enquanto... Apenas concluiu precipitada-

mente. Antes, releva-nos definir *religião*. No sentido próprio, público (grifado ou não), universal, na acepção usual da palavra, religião equivale a: princípios absolutos em matéria de *fé* (cuidado), palavra também ambivalente, pois tanto pode significar espiritualidade ou religiosidade — e neste sentido temos muita fé —, como traduzir capacidade ilimitada para crer em tudo e, nesta versão, não temos fé alguma); casta sacerdotal com o seu cortejo de hierarquias, de cerimónias, de privilégios e de misticismo. Se aceitarmos, para discutir, tal acepção, se assim convencionarmos o uso da palavra religião e seus derivados, cumpre-nos derriscá-la definitivamente dos livros espiritas. É princípio elementar de lógica que a verdade não se pode encarnar em duas concepções que se contradizem. Há, ainda, quem chame religião a uma simples «ligação *consciente* da criatura com o seu Criador» (e isto melhor se chamaria espiritualidade, desde que se não externe em forma ou culto); há quem, como Tiago, diga que a religião *pura* e imaculada diante de Deus é esta: «visitar as viúvas e os órfãos em suas aflições (e isto é caridade) e guardar-se a si mesmo isento de corrupção do mundo» (e isto é moral, justiça ou dever). Houve quem (Augusto Comte), meu contemporâneo, apegando-se exclusivamente à etimologia *(religio, religare)* atribuisse à religião o seguinte significado: «um estatuto que regula cada natureza individual, ligando e harmonizando todas as personalidades». Eis uma religião sem Deus, sem alma, sem sobrevivência, mas que reconheceu, ainda bem, no Amor, a importância que merece. Há algum espirita que concorde com a *religião* comteana? No entanto, para todos nós, o positivista que transitar pelo mundo dentro da sua máxima — VIVER PARA OUTREM — salvar-se-à mais depressa, embora não seja *religioso*, tomará o lugar que esteja talvez destinado a sacerdotes, a pastores e até mesmo a Presidentes de Federações Espiritas, defensores intransigentes de suas religiões, se negligentes na prática do bem. A prática do bem! Que religião me impuseram os Espíritos Superiores, quando lhes perguntei —«Que devo fazer para granjear a vossa benevolência?». «R. — «*Todo o bem possível. Fazer todo o bem que possas e suportar com coragem as penas da vida*». Figuradamente, escreve-se por vezes «religião da amizade», «religião da família». «*Nesse sentido*, disse eu (ligar corações, harmonizar vontades, gerar fraternidade) o Espiritismo é uma religião». Age como *quaisquer outras filosofias espiritualistas*. Se não me falha a memória, cheguei a escrever que tal distincão «NÃO ERA UM SIMPLES JOGO DE PALAVRAS», «que o matiz é perfeitamente claro e a aparente confusão vem da falta de uma palavra para cada ideia». Por conseguinte *(attention! attention!)*, foi por falta de uma palavra para cada ideia que escrevi «*religião não constituida*». Não podia usar o termo no sentido corrente e por mim condenado (neste, ela está perfeitamente *constituida*, talvez constituida demais!); usei-o naturalmente no sentido metafórico, filosófico, etimológico, se quiserem, no sentido de «religião da amizade», ou «religião da família». Só por sofisma se obstinará alguém na afirmativa de que uma religião *não constituida* deve importar numa *religião autêntica*, quando, racionalmente, tomando-se em consideração tudo quanto expendi sobre o tema, a única tradução seria — religiosidade não extrovertida, espiritualidade ensimesmada, fiel apenas a Deus, ao Cristo e à Caridade.

(Continua)

BONS LIVROS

A FILOSOFIA PENAL DOS ESPIRITAS, pelo *Prof. Doutor Fernando Ortiz*, da Universidade de Havana ..... 70$00

A FELICIDADE NO CASAMENTO, por 39 especialistas, destinado a todos os candidatos ao casamento ..... 150$00

NOSSAS FORÇAS MENTAIS, por *Prentice Mulford*, sobre as leis da prosperidade, da saúde e do triunfo. 4 grossos volumes. Brochado 200$00. Encadernado 300$00

A CIÊNCIA SECRETA, por *Henri Durville*. Mais de 1.000 páginas e 60 gravuras sobre as correntes iniciáticas ..... 200$00

A VIDA FORA DA MATÉRIA, com dezenas de gravuras em papel *couché*, mostrando os malefícios de alguns espíritos desencarnados ..... 100$00

PERDOO-TE, por *Amália Soler* — Romance mediúnico em 3 volumes. Uma verdadeira bíblia de amor. — Encadernado 100$00

À venda em Estudos Psíquicos Editora

R. do Salitre, 149, 1.º — Lisboa

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO NEO-ESPIRITUALISTA

Decorreu com o maior brilhantismo o sarau cultural de 27 de Junho último, organizado por um grupo de neo-espiritualistas sob a direcção dos nossos confrades Srs. J. Francisco Cabrita e D. Ivone de Sousa.

O salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Lisboa encheu-se de adeptos e de seus simpatizantes.

Iniciou esta bela jornada o nosso confrade J. F. Cabrita, que, numa pequena alocução, explicou à assistência os objectivos da festa. As suas palavras foram escutadas com vivo interesse e no final o orador foi muito aplaudido.

A parte artística gentilmente organizada pelas distintas e conhecidas professoras de música e canto Sr.as D. Ema Cordeiro e D. Noémia Mesquita, com a graciosa colaboração dos seus alunos e de outros artistas, decorreu brilhantemente.

Assim, tivemos o prazer espiritual de ouvir trechos de música consagrada, por boas vozes, e de apreciar poesias de grande elevação de vários autores, declamadas por artistas e amadores de mérito.

Na primeira parte, a Sr.ª D. Lina Gonçalves cantou o «Raconto» da ópera *Bohème* (de Puccini) e a «Ária do Pagem» da ópera *Baile de Máscaras* (de Verdi). Voz agradável atingindo os agudos com facilidade.

O Sr. Artur José, um novo que se revelou e de quem muito há a esperar, cantou com agrado a *Serenata de D. Giovanni* (de Bixio) e *Recondita Harmonia,* da ópera *Tosca* (de Puccini).

A Sr.ª D. Maria Luísa Macedo recitou com muito segurança e graça algumas poesias do seu repertório.

A segunda parte do sarau foi iniciada pela nossa conhecida confrade D. Ivone de Sousa com uma palestra acerca da *Solidariedade no Meio Neo-Espiritualista,* que sensibilizou todos os corações e que em breve será publicada.

Em seguida fez-se ouvir o solista de muito valor, Sr. Fernando Potier, que deliciou a assistência com a sua técnica e sentimento, num belo solo de piano.

O Sr. Nuno Carlos Rui, discípulo de Vilaret, jovem que já se tem distinguido pelo seu trabalho, marcou mais uma vez como declamador, entusiasmando a assistência.

A Sr.ª D. Nina Teresa cantou com sentimento a valsa da ópera *Bohème* (de Puccini) e *Calatravas,* zarzuela (de Carlos Alberto). Voz de timbre agradabilíssimo, se continuar a estudar poderá desenvolver vantajosamente as suas faculdades artísticas.

O Sr. Tenente Manuel Caetano de Sousa, nosso estimado confrade, declamou poesias de sua autoria que foram muito apreciadas pela graça e espírito crítico de algumas, outras pela acentuada elevação espiritual e excelente dicção do seu autor.

Na 3.ª parte, a Sr.ª D. Maria Emília Kraizeler, aluna do Conservatório, cantou muito bem «Amour viens m'aider», da ópera *Sansão e Dalila* (de Saint-Saëns), a «Stenerentola», rondó final (de Bizet), e «Stride la Vampa», da ópera *Trovador* (de Verdi).

O Sr. Francisco Froes, também aluno do Conservatório articulou com muita intenção a «Cavattina» da *Lucia de Lamermmoor* (de Dnnizetti) e o trecho das *Bodas de Fígaro* «Non piú andrai» (de Mozart).

António Cardoso, finalista da Faculdade de Ciências, fez-se ouvir em poesias de sua autoria e outras de poetas consagrados, todas muito bem interpretadas, comovendo especialmente, pela maneira como disse, «O Cavalo das Touradas», de Eugénio George. Esta poesia é um grito de revolta contra o bárbaro costume das touradas, uma das vergonhas do nosso século.

Num dueto fizeram-se ainda ouvir os cantores D. Maria Emília Kraizeler e Francisco Froes.

Novamente a declamação teve as honras, através do nosso devotado confrade Sr. Eduardo Matos, que disse com sentimento algumas poesias, entusiasmando a assistência com «Imortalidade», de Guerra Junqueiro.

A Sr.ª D. Cristina Maria, soprano ligeiro, fez vibrar a assistência cantando «Caro Nome» da ópera *Rigoleto,* e «Una Voce», da ópera *Barbeiro de Sevilha* (de Rossini). Esta juvenil cantora já tinha brilhado de maneira especial numa festa realizada no Colégio do Lumiar, onde cantou trechos das óperas *Rigoleto* e *Lucia de Lamermmoor* e em breve se fará aplaudir no Coliseu, na nova ópera portuguesa *D. João V.*

A pedido, fez-se um pequeno intervalo para se proceder ao leilão de garrafas de Vinho do Porto, cujo produto foi em seguida oferecido aos pobres.

Esta simpática e interessante festa foi encerrada com chave de ouro pela consagrada cantora, Sr.ª D. Alice Pancada, a insigne artista de tantos espectáculos de arte no S. Luís e inesquecível protagonista da *Serrana,* de Alfredo Keil.

Deliciou a assistência em «Sonho de uma Noite» (de Bohm), «Elégie» (de Massenet) e «Diz» (de Sarte).

Todos os artistas foram muito aplaudidos, recebendo lindos ramos de flores, assim como as suas distintas acompanhadoras, Sr.as D. Ema Cordeiro e D. Noémia Mesquita.

O nosso confrade Sr. J. F. Cabrita fez as considerações finais, agradecendo a todos os artistas a sua valiosa e amável colaboração, mostrando-se igualmente grato à assistência pela maneira carinhosa como respondeu ao apelo da Comissão Organizadora do sarau, o que incita a outra e mais bela reunião a realizar no próximo ano.

CONGRESSO INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

O nosso redactor António Cardoso, que se deslocou à cidade holandeza de Amesterdão e assistiu ao Congresso Internacional do Espiritismo, realizado naquela localidade, como enviado especial de *Estudos Psíquicos,* publicará no próximo número uma reportagem sobre o grande acontecimento.

A QUARTA

Por SUZANNE

Seria, por certo, presunção pretender dar uma explicação definitiva daquilo que se estabeleceu chamar «quarta dimensão», ou, mais pròpriamente, «o espaço de quatro dimensões».

Estamos em presença de um mistério cósmico cujo segredo devemos desvendar conforme o espírito positivo do nosso tempo, que não se contenta com noções metapsíquicas não aprovadas pela ciência.

Esta, porém, é muito exigente em matéria da revelação de segredos do Universo, da Vida e do Homem. Perante a enorme parcela de desconhecido que nos apresentam, gosta de jogar com hipóteses até que a Verdade se imponha.

Eis por que nunca se extinguirá a raça dos precursores, dos inovadores, dos sábios que trabalham à margem da ciência oficial e obrigam a aceitar novas perspectivas.

Como a Ciência ainda não se pronunciou a esse respeito, perguntamos:

— Que é a quarta dimensão de que tanto falam, vista pelo prisma das fulgurantes investigações que, com tanto resultado, se têm feito no domínio do imponderável?

Baseando-nos nos ensinos esotéricos que o ocultismo nos tem dado sobre essa misteriosa dimensão, não será possível dar uma definição que lògicamente satisfaça as nossas aspirações espiritualistas? ... Sim, porque não existe mistério cósmico que não desvende uma verdade espiritual com ele solidária.

Que devemos entender por «quarta dimensão»?... O símbolo do *Desconhecido* sem o qual o *Conhecido* não poderia existir, um desconhecido sem o qual não seria possível explicar os fenómenos, as qualidades e as contradições do mundo de três dimensões.

Basta de suposições sibilinas e atrevamo-nos a dizer que, em relação ao homem, a quarta dimensão corresponde a um sentido capaz de completar o nosso conhecimento do Universo e das suas realidades fundamentais, um sentido que nos auxiliará a descobrir o invisível oculto com o visível, um sentido que nos permitirá conhecer aquilo que o nosso aparelho sensorial não nos deixa conhecer.

A Quarta Dimensão deve estar tão perto de nós que nos cega e não nos deixa vê-la!...

Não será a «Quarta Dimensão» simplesmente a nossa consciência, parcela da consciência universal, que só se manifesta quando a deixamos manifestar, aprovar, contradizer ou classificar as ideias dos sentidos de três dimensões?

A nossa consciência pode atingir um grau de expansão que lhe permita as mais extraordinárias comunicações com a consciência divina, em virtude do desenvolvimento de faculdades superiores, excedendo os limites sensoriais do ser humano.

Não será por ter atingido o *estado de consciência crística* que Jesus exercia os seus milagres e dizia: «Eu e meu Pai somos apenas um»?

Limitando-nos a considerações dentro do nosso actual entendimento e das nossas possibilidades de conhecimento, podemos afirmar que a noção da Quarta Dimensão que tanto preocupa a nossa época, conduz-nos a novas perspectivas do mundo e à compreensão do mistério profundo e universal do Amor.

Vista assim pelo prisma espiritualista, como poderemos definir a Quarta Dimensão?

A Quarta Dimensão representa o estado de consciência da alma humana, quando, ao desencarnar, entra no mundo invisível, no Além, tão perto de nós, que nos envolve!

A Quarta Dimensão, incompreensível para o homem, em relação com as dimensões do nosso plano físico, torna-se realidade para o *espírito*. Salvo raras excepções, a sensação desta dimensão é apenas imaginária, no decurso da vida terrena, visto não conhecermos a sua natureza.

Para compreender o seu funcionamento e ter sensação teórica, teremos de lançar mão da analogia e imaginar mentalmente *as diferenças ilusórias* no nosso plano de três dimensões, mas cujos valores determinaremos, porque toda a forma material cai no domínio dos sentidos físicos. Teremos assim consciência delas, relativamente ou completamente, segundo o adiantamento científico exercido no plano material em que agimos.

Sabemos que todas as formas do plano terrestre se compõem de três dimensões que a geometria denomina comprimento, largura e altura ou profundidade, dimensões acessíveis aos nossos sentidos corporais. E se, aparentemente, certos corpos possuem apenas uma ou duas destas dimensões, isso resulta de uma ilusão dos sentidos. Se uma folha de oiro parece ter apenas comprimento e largura, tem, de

DIMENSÃO

MISSET-HOPES

facto, espessura, que, embora muito reduzida, é indispensável, senão ela não poderia existir materialmente.

A Geometria, ciência das dimensões das formas, diz-nos que o *ponto* é a base de toda a realização formal, porque a *linha* é constituída por uma série de pontos que se tocam. Assim, temos a primeira manifestação do desenvolvimento da dimensão.

Imaginemos uma série de linhas paralelas formadas por uma série de pontos e teremos uma *superfície* (comprimento e largura), segunda manifestação da Dimensão, o Plano ideal. Completada a superfície, imaginemos uma série de planos compostos pela mesma série de linhas paralelas e sobrepostos, seguindo direcção diferente do plano inicial e teremos o *volume*, terceira manifestação da dimensão.

Todavia, as classificações: ponto, linha, superfície e volume, não são mais do que aplicações teóricas necessárias para explicar a composição Forma, porque estas dimensões são irrealidades efectivas em relação ao plano de Quatro Dimensões.

Já vimos que estas três dimensões foram obtidas por uma infinidade de pontos agrupados em séries, seguindo direcções diversas que constituíram uma forma material.

Substituamos o ponto pelo *átomo* e teremos a realização física de todas as formas presentes no universo visível. E para demonstrar a ilusão real destas formas, não temos mais do que transportar, respectivamente, cada uma das dimensões que a compõem àquela que a antecede, e assim teremos a projecção do Volume na Superfície, desta na Linha e da Linha no Ponto. E sendo o Ponto uma concepção imaterial, a série das suas manifestações reduzidas à sua expressão mais simples, representa uma realidade *ilusória* (relativamente ao *Absoluto*) de todas as manifestações de ordem material, visto essas manifestações, do ponto de vista oculto, não serem mais do que expressão relativa no Tempo e no Espaço de uma realização correspondente a sensações erradas devido à sua natureza física sujeita à Tranformação e à Evolução.

Esta operação teórica da redução da forma prova-nos que, mesmo no que se refere à relação objectiva das nossas actuais sensações físicas, a ilusão domina e preside a todas as manifestações que, em linguagem científica, se usam chamar de «positividades». No universo visível só existe relatividade e o homem precisa do auxílio das faculdades psíquicas para descobrir o verdadeiro sentido das coisas materiais. Só pelas noções da Ciência Oculta poderemos determinar uma parte dessa relatividade e compreender por analogia a Quarta Dimensão ou a Interpretação de que o nosso plano físico não é mais do que uma projecção.

Chegamos ao volume pela aproximação dos Pontos, conforme uma aproximação determinada, sendo a própria forma criada pela coesão de uma reunião de átomos unidos pelo Fluido Magnético universal, em virtude da lei da atracção, lei de equilíbrio entre as Forças Centrífuga e Centrípta. A Quarta Dimensão é a Extensão do próprio volume, segundo normas que desconhecemos, por nos ser ainda imperceptível, mas cuja projecção se manifesta no plano material, assim como a projecção do volume se realiza na superfície.

É a *Interpenetração* da actividade universal, de que só temos consciência, quando entra no plano da Quarta Dimensão, invisível e imperceptível aos nossos sentidos físicos. O acesso a esse plano só se consegue pela neutralização das vibrações do corpo físico.

Esse estado de consciência proporciona-lhe a sensação da Unidade Universal e, simultâneamente, da multiplicidade correspondente à diversidade infinita de manifestações desse plano superior, animado de vibrações de natureza semelhante, mas mais poderoso. Essa sensação de *Unidade-Multiplicidade* dá à *Alma* a consciência das Causas e Efeitos para além de todos os limites do Tempo e do Espaço.

Realiza a interpenetração universal pelo conhecimento da verdadeira natureza das coisas *iguais* na sua essência, pois elas só variam pelas vibrações que as animam.

O homem tem de completar a sua evolução na Terra pelo acordo com as Leis Divinas. Quando esse acordo se realizar e for absoluto, atingirá um estado de consciência superior que lhe permitirá utilizar as suas faculdades psíquicas extremamente desenvolvidas e atingir — antes da morte — planos onde se realiza a *Quarta Dimensão*.

(*De Spiritualisme Moderne* — Tradução de SIBIL).

Milagre? Não! Terapêutica Espirita

Por LEOPOLDO MACHADO
(correspondente em Nova-Iguaçú)

Não só do coração, mas também dos rins. Cálculos renais têm-nos atrapalhado dolorosamente nestes últimos dias.

— São pedras nos rins. Você tem de submeter-se a uma operação cirúrgica para extraí-las. Enquanto não for operado, sofrerá dolorosamente — disse o nosso médico.

Combinada mais ou menos a operação, fomos primeiro passar uns dias na Casa de Luciá, ambiente cristão e amigo, onde nos sentimos tão bem como em casa; onde, numa semana, adquirimos energias e repousámos como numa estação de águas, completa, a despeito do trabalho que demos ao seu telefone e das visitas amigas que ali recebemos.

Na segunda noite que lá passámos, novos insultos renais. E fortes, e dolorosos, e horríveis! Tomámos a primeira atroverã. E a prezada irmã que no-la aplicou, fê-lo a gracejar:

— Eu sei o que é isto. Não é para morrer, é para sofrer, sòmente.

Certíssimo, que ninguém precisa tanto de sofrer como nós, tais e tantos são os nossos pecados a reparar! Mas é tão desagradável o sofrimento!

Um confrade e amigo, Paiva Melo, visita-nos à noitinha. E aí fica, com o Paulo, genro da directora da Casa de Luciá, como nossos enfermeiros, até depois da meia-noite. É que as dores do padecente os cruciavam também.

Na angústia dolorosa, apelámos para o Alto, pedindo a interferência de Bezerra de Meneses, de Henrique Garibaldi, de mãezinha Luciá, de Marília e de Dias da Cruz.

As dores espaçaram mais. Mas voltavam com maior intensidade. Então, um espírito actuou no Paiva Melo, que nos diz uma coisa assim:

— Meu amigo, a dor é uma necessidade. O sofrimento é o cadinho de depuração de nossos erros e faltas do passado e do presente. Seus amigos, aqui, estão sofrendo consigo e auxiliando-o a sofrer.

Cairbar Schutel é uma grande lição e seríssima para nós: lembrámo-nos de tantos idmãos da Espiritualidade no transe por que passávamos, menos daquele que, para nós, fora o maior espírita brasileiro até o presente; daquele cuja vida traçámos no «Uma Grande Vida», daquele que, sem ser diplomado, fora, entretanto, na sua Matão querida, o médico da pobreza! Obrigado, meu grande amigo, e perdão!

A dor volta a retalhar-nos profundamente. Era fogo, eram punhais retalhando, era desespero dentro de nós! Embora firme em nossa fé, somos, entretanto, humano. Como homem e pecador, voltámo-nos para Deus:

— Senhor, eu sou pecador, mas sou teu filho! Sou culpado e violento, mas sou teu filho! Sou faltoso e mau, mas sou teu filho! Piedade para teu filho, Senhor! Não te peço que afastes de mim este cálice. Peço-te forças, coragem e resistência para sorvê-lo, como filho teu, até o fim.

Nesse passo perdemos os sentidos. Dizem os amigos que velavam por nós, que os nossos braços tombaram insensíveis e adormecemos, como que narcotizados. Alta madrugada, volta-nos a dor, fortíssima, violentíssima, irresistível! O Paulo aplicou-nos uma tepatropim. Dormimos, felizmente, o resto da noite, aliviadíssimos. Mas passámos um dia moído, abatido, combalido. Contudo, sem dores. Veio a micção, forte, copiosa, quase a jacto. Nem tivemos tempo de nos preparar para ela. E expelimos, sem sentir nenhuma dor, uma pedra enorme, do tamanho da falangeta de nosso polegar, semelhante a um grão de fava. E não sentimos nada mais até hoje! Milagre? Não. Terapêutica dos espíritos. A pedra, que guardamos como relíquia, e a ausência das dores, eis, para nós, os argumentos mais convincentes da graça que, por misericórdia e de acréscimo, recebemos! Assim que a directora da Casa de Luciá — aliás médium, a despeito de seu retraimento e, talvez por isso mesmo —; assim que chegou ao nosso aposento, ouviram-se três pancadinhas características.

— São os espíritos. Querem dizer qualquer coisa. Efectivamente, queriam explicar o fenómeno. Então, pusemo-nos em condições de recebê-los. Primeiro, Luciá. Depois, Yacum, médico egípcio. As dores, a expelição da pedra, tudo, consequência da intervenção deles. A pedra, em forma global, obstruía a próstata. Deslocá-la dali e dar-lhe a forma de fava, foi o trabalho deles, que não podia ser feito sem as dores que nós sentimos. Seria, assim, com muito açúcar para nós! Mas a sua expelição fora absolutamente sem dor.

Havia, ainda, outras pedras. Iam trabalhar para que as expelíssemos diluídas na urina. Temos visto, com efeito, depósitos de areia na urina... Do médium Peixotinho, recebeu o cunhado de Campos, no dia seguinte, um telegrama:

«Comunicação Marília Leopoldo beneficiado Schela e Petitinga, hoje».

O hoje, atinente ao dia do benefício recebido.

Conservamos a pedra como relíquia, aliás, preciosíssima.

Do médico Tomás Novelino, director do Instituto Pestalozzi, de Franca, ouvíramos na visita que nos fez na Casa de Luciá:

— Pedra tão grande assim, nunca vimos em nossa clínica.

Do Dr. Humberto Baroni, nosso médico, em Nova-Iguaçú, ouvíramos, no Lar de Jesus:

— Já vimos pedras assim, mas extraídas a ferro. Sem dores, e naturalmente, como o senhor a expeliu, nunca vimos.

Concluímos, então, connosco mesmo:

— Não será essa a cirurgia do futuro, se, no futuro, lá para o terceiro milénio, houver alguém com pedras nos rins? Ora, se os Espíritos, com o poder dos fluidos, materializam e removem objectos, curam e fazem operações em particular, porque não poderão curar e operar assim, num mundo melhor e mais espiritualizado, se ainda houver doentes?...

No terceiro milénio talvez possamos ser curados e até alimentados com substâncias fluídicas... Sabe-se lá!...

ALMAS DO OUTRO MUNDO

por CYRILO ALLEIXO

No seguinte caso (4), verifica-se já um certo monodeísmo, proveniente do ódio e do desejo de vingança, que dominam o comunicante:

«Certa vez — (o juiz De Ségur, de Toulouse) — voltando de Paris, viu-se obrigado a pousar num albergue de aldeia. Durante a noite apareceu-lhe um fantasma coberto de sangue, contando que o seu próprio filho o matara, cortara-o em pedaços e enterrara-o num campo.

«E pediu ao juiz que desse ao assassino o castigo adequado. Feita a investigação, foi verificada a realidade dos factos — e o criminoso que não se trata aqui dum caso recebeu punição. Poderão alegar de espiritismo, mas simplesmente da dramatização dum sonho detrospectivo. O prosseguimento da história prova o contrário. A vítima apareceu de novo ao juiz, perguntando de que maneira podia demonstrar-lhe a sua gratidão. «Avisando-me da hora da minha morte, para que eu possa preparar-me», respondeu o juiz. O fantasma prometeu avisá-lo com oito dias de antecedência. Anos depois, alguém bateu de noite à porta do juiz, com veemência — mas não foi visto ninguém. Depois de novas pancadas, De Ségur em pessoa atendeu — e viu o fantasma, o qual lhe anunciou a morte dentro de oito dias. Efectivamente, o juiz foi morto em sua própria residência por um amante da criada, que o confundiu com um rival».

Este outro caso (5), é bastante curioso, mostrando-nos como as ideias dominantes no momento da morte se transformam em intensos monodeísmos: «A sr.ª M., de 52 anos de idade, segundo os diagnósticos de quatro médicos consultados, achava-se atacada de esclerose da medula espinal. Acontecia-lhe continuadamente ser atirada ao chão, sem causa aparente e com tal violência, que já fracturara um braço, um pulso e o nariz. Essas estranhas quedas haviam começado sete anos antes e tinham-se tornado constantemente mais amiudadas e mais violentas. Havia dois anos, ela achava-se constrangida a andar de gatinhas pela casa e, na rua, encolhia-se toda para tornar menos graves as consequências das inevitáveis quedas. Os Drs. Iglésias, André Thomas, Abadie e Cardonel, tentaram

II

em vão, toda a espécie de tratamento.

«Comecei por experimentar a cura pela reeducação psíquica, exigindo da enferma que deixasse de andar de gatinhas, ou agachada. Ela submeteu-se de boa vontade e, apesar de frequentes quedas, continuou a procurar-me todos os dias.

«Certa vez, depois do jantar, enquanto a doente esperava a sua vez no salão comum, entrou uma médium clarividente, que eu chamara para lhe utilizar as faculdades em favor de outro doente. Quando mais tarde chamei a médium ao meu gabinete, ela, certa de me ser útil, informou ter visto, na «aura» da doente de que se trata, o fantasma de uma entidade autoritária, brutal, malvada.

«Posso garantir que a médium não conversara com a sr.ª M. e que não a vira caminhar. Quanto a mim, nunca lhe falara a respeito dessa senhora.

«Semelhante visão, tida espontâneamente, fez-me vir à mente que a enferma me dissera que seu pai morrera de congestão cerebral fulminante, num furibundo acesso de cólera, em seguida a uma discussão que com ela tivera. Esta concordância de dados levou-me a pôr em relação as duas senhoras, deixando-as ambas recìprocamente ignorantes do que lhes dizia respeito.

«Adormeci a médium, que imediatamente incorporou o Espírito pouco antes descrito e, conforme à descrição, a sua fisionomia se contraiu, tomando uma expressão de inflexível dureza. Voltou-se em seguida para a sr.ª M., dizendo: «Minha filha, pobre da minha filha... Tenho-te feito tanto mal...». E, entrando a lamentar-se, falou de dores nas pernas, fez largos movimentos com os braços, como se vestisse um capote e, depois de algumas inspirações profundas, tomou as mãos da sr.ª M., repetindo: «Luísa, minha pobre Luísa, tenho-te feito muito mal». E continuou: «Mas, porque me impedias de sair? Porque me seguias nos meus passeios?... Lembras-te... o capote... Não deves repreender-me... Ah!... Este capote!...». Aqui, reproduziu os movimentos largos com os braços, como se vestisse um sobretudo.

«É de notar-se: 1.º que o nome Luísa estava certo, conquanto eu e a médium o ignorássemos completamente; 2.º, que a causa da discussão entre o pai e a filha, discussão a que se seguiu a morte repentina do primeiro, fora o capote, que o pai se recusara a vestir, não obstante a sua idade avançada (80 anos) e estar baixa a temperatura.

«Afirmo que me eram desconhecidos todos esses pormenores.

«O estado em que se achava a médium, correspondia ao da «incorporação» espirítica.

«O pai figurava como presente e a enferma, bem como sua filha, declaravam reconhecer-lhe a identidade em todos os pormenores da representação espirítica: na voz, na expressão fisionómica, nos gestos, na ênfase com que falava e na manifestação do seu carácter. Diante disso, dispus-me a escutar com a máxima atenção o que a personalidade tinha a dizer por exculpar-se. Disse que, durante muitos anos antes de morrer, sua filha o vexava com excessivos cuidados, precauções e resguardos; que ele sempre tomara à má parte os seus conselhos, considerando-os uma verdadeira usurpação de autoridade, pelo que jamais quisera submeter-se-lhes, assim como jamais quisera saber dos chamados progressos realizados no fim da sua vida, quais a electricidade, os banhos, as modas e as comodidades modernas. E acrescentou: «Morri possuído da ideia fixa de que minha filha Luísa criava obstáculos à minha vida, à minha independência, impedindo-me de sair, de dar os meus passeios e, por isso, me vinguei dela, para lhe fazer compreender o seu erro. Vós me abristes os olhos, libertando-a fisicamente e moralmente de mim...».

«À vista do bom rumo que levavam os acontecimentos, tomei a mim falar e agir como um bom espiritista, exortando o espírito presente, a extirpar de si aquele rancor injustificável e infundado, restituindo à sua filha a liberdade de caminhar.

«No correr do nosso diálogo, o Espírito comunicante perguntou à queima-roupa:

«E Maurício ainda me tem muita raiva? Fi-lo passar bons pedaços». Maurício dizia-se o marido da doente, o que ignorávamos. Em seguida, acrescentou o Espírito: «Renato, bom coração, bela alma, tentou depetidas vezes afastar-me de sua mãe, livrando-a da minha perseguição. Mas eu, morto, conservei-me qual era em vida: um teimoso irredutível e nunca quis ceder. Agora, lamento-o». Assinalo que também o nome de Renato estava certo; era o de um filho da doente, morto na guerra. Eu ignorava não só o nome, como a existência desse filho e as circunstâncias em que morrera...

«A minha conversação com o Espírito que se comunicava terminou com a resposta que ele deu ao meu pedido de restituir a liberdade à sua filha. Voltou-se para esta e disse-lhe: «Luísa, estou disposto a abandonar, como Espírito, a casa que foi minha, tal como a abandonei quando tinha um corpo. Terás de novo o uso das tuas pernas; eu vou-me embora com o Renato».

«A médium despertou e estava para me retirar, quando teve novamente a visão do mesmo «homem autoritário e brutal» mas com a expressão fisionómica muito modificada, quase branda».

«Ela fez-me dele a segunda descrição textual: «Aparenta cerca de 78 anos, de tez uniformemente vermelho-escura, nariz longo e recto, olhos encovados, pálpebras entumescidas, maçãs pronunciadíssimas, faces cavadas, fronte convexa, ossos do crâneo em relevo e marcadíssimos, cabeça calva, cabelos brancos em coroa, sobrancelhas espessas, enormes, desgrenhadas em todos os sentidos. É um velho, mas bem constituído e nada absolutamente encurvado. Calculo a sua estatura em 1 metro e 70 centímetros. Vejo-lhe por cima da cabeça o número 1913».

«Era de exactidão maravilhosa esta descrição e o facto ainda mais notável se torna, porque o pai da enferma nunca consentiu em fotografar-se. A data 1913 correspondia ao ano da sua morte. Perguntei, com relação a esta, a data precisa e a médium respondeu: «17 de Dezembro de 1913.

«Descreveu também a médium o sobretudo fatal: «cinzento-escuro, porém não preto, muito amplo, muito comprido, pois que lhe chegava aos tornozelos; na parte da frente, vejo duas pregas pretas, ou sombras verticais, que não consigo distinguir o que sejam». Igualmente exactíssima se verificou ser essa outra descrição. As duas sombras verticais, parece que eram as pregas do pequeno manto que se usava com os antigos sobretudos».

Também o episódio (*) que se segue, nos prova até que ponto um estado monodeístico pode dominar um desencarnado, a ponto de comprometer a vida dum mortal.

«A sr.ª G., de 25 anos de idade, sofria de cefalalgia periódica com a qual lhe vinha um obsidiante impulso ao suicídio. Não apresentava taras físicas, mas, pelo lado psíquico, deixava muito a desejar: era emocionável, imaginosa e sugestionabilíssima. Insistia principalmente num sintoma de «pressão angustiosa na nuca, de fazê-la enlouquecer», acompanhada de uma sensação intolerável de peso sobre as espáduas. O facto mais grave consistia em que, quando tais sintomas se manifestavam, ela se sentia fortemente impelida ao suicídio.

«Submetida por mim a um interrogatório íntimo, a doente informou-me que antes do seu casamento, fora cortejada por um oficial estrangeiro, que ela amava, mas com quem seus pais não consentiram se casasse. O oficial acabara por engajar-se na Legião Estrangeira e em breve morria. Foi pouco depois desta morte que começaram seus males, com a propensão obsidente para o suicídio. Concluí dessas informações que, indubitàvelmente, a ideia obsidiante se ligava à morte do oficial amado e pareceu-me que se impunha, antes de tudo, um tratamento psicoterápico. Muitas conversações demoradas com a doente, em estado de vigília, nenhum resultado deram. Tentei então a sugestão em estado de hipnose, mas inùtilmente. Afinal, experimentei a psicanálise do conteúdo subconsciente da sua psique, valendo-me de todos os métodos conhecidos, porém não cheguei a descobrir novos elementos capazes de esclarecerem a situação. Entretanto, era urgente salvar aquela moça, fatalmente condenada ao suicídio, visto que, mais cedo ou mais tarde, sem dúvida cederia à obsessão que a dominava.

«Apeguei-me, pois, a um último recurso e, à revelia da enferma, fiz intervir uma «vidente» que, por várias vezes, me deixara estupefacto com a nitidez das suas visões e com as suas descrições de «personalidades de defuntos», respeito aos quais tive frequentemente ensejo de verificar a identidade.

«Mal penetrou no apostnto onde a enferma jazia profundamente adormecida, a vidente descreveu-me um ser que parecia agarrar-se às costas da paciente. Sem deixar transparecer o meu espanto e o imenso interesse que ligava a essa visão, pedi à vidente que me descrevesse a posição exacta em que via o ser para mim invisível. Ela o fez nestes termos: «Com a mão direita ele aperta a nuca desta senhora e com a esquerda cobre-lhe a fronte». Em seguida, com a voz sufocada pela emoção, exclamou: «Ele suicidou-se e quer que a senhora se lhe vá juntar». — A outro pedido que fiz, descreveu o semblante, a estranha expressão do olhar e o carácter do ser que estava vendo. Eu escutava-a com crescente interesse e, embora céptico, imitei-lhe o exemplo, pondo-me a conversar com aquele ser hipotético, como o faria um fervoroso discípulo de Allan Kardec. A médium mantinha fixo o olhar sobre a doente, transmitindo-me as respostas do Espírito perseguidor.

«Foi longa e muito movimentada a conversação. As resposta do Espírito denotavam uma natureza violenta, apaixonada, obstinada. Por isso mesmo, a despeito do meu cepticismo, experimentei uma sensação de verdadeiro alívio, quando a médium me disse que as minhas calorosas exortações acabaram convencendo o Espírito perseguidor que, compadecido da sua vítima, se comprometia a não persistir nos propósitos delituosos que alimentava, deixando-a em paz.

«Só duas horas depois de se ter ido a médium, foi que despertei a paciente, de sorte que ela, ignora, até hoje, a existência da primeira. Naturalmente, não lhe dei palavra sobre o que ocorrera, o que tudo era preciso ignorasse para sempre. Ao despedir-se de mim, notei que pela primeira vez se sentia muito aliviada do espírito, observação animadora, que acolhi com verdadeiro júbilo.

«Dois dias depois, a paciente apresentou-se no meu consultório literalmente transformada, tanto na expressão do semblante, quanto na maneira de proceder e, até, na *toilette*. Tudo nela mostrava mudança completa quanto ao modo de pensar. Declarou-me, com efeito, que de um momento para o outro recuperara o seu carácter anterior, renascera-lhe a jovialidade perdida e lhe voltara o gosto pela arte e pela literatura.

«Após a memorável sessão, tão fecunda em resultados práticos, a sr.ª G. nunca mais teve a sensação de pressão na nuca, nem a sensação física de um peso sobre os ombros, tampouco a obsessão psíquica do suicídio. A saúde tornou-se-lhe perfeita em todos os sentidos e, ùltimamente, fui informado de que agora é mãe ditosa de dois gémeos vigorosos».

Os estados monodeísticos, projectam muita luz sobre aquelas comunicações *post-mortem*, que parecem estar em contradição com o que cientificamente se pensa do Além.

Assim, o criminoso, se morre com temor do fogo eterno, monodeíza-se a tal ponto, que, uma vez na erraticidade, tem a impressão de se encontrar no «inferno» descrito pelas relegiões.

Igualmente o justo, que faz o trespasse com a consciência tranquila e imbuído das ideias de um «Céu», pode ter a ilusão, mais ou menos longa, de se encontrar no Paraíso.

É por isso que as impressões relativas ao Além, não devem basear-se nas indicações de todo e qualquer comunicante, mòrmente se é vítima desses estados deformados, que o leva a ver tudo pelo prisma das suas sugestões.

Por outro lado, se um desencarnado pede missas pelo repouso de sua alma, ou o cumprimento de determinadas promessas, todos os presentes que comungarem nas mesmas ideias considerarão autêntica tal comunicação, enquanto um livre pensador, descrente da eficácia das missas e das promessas, a encarará como falsa, vendo nela apenas obra do médium.

No entanto, a comunicação pode ser real, desde que a entidade presente tenha desencarnado com aquelas convicções.

A morte não nos liberta dos erros nem das superstições. Só o tempo se encarrega de modificar os nossos pontos de vista e de clarear a vereda que nos há-de conduzir à verdade.

A influência do invisível sobre o visível é muito grande.

Os espíritos em atraso, possuídos de qualquer tendência viciosa, sentem vontade irresistível de satisfazer seus desejos escaldantes e, assim, quando se vêem atraídos para a órbita de um indivíduo dotado de certa afinidade com o monodeísmo que os domina, influenciam-no no mesmo sentido, induzindo-o aos vícios que lhes são afins.

Uma só couraça existe, para resistir sòlidamente aos nefastos projécteis psíquicos, tanto dos encarnados, como dos desencarnados, constituída por uma bondade ilimitada, extensiva a todos os seres da criação, porque «o amor cobre a multidão dos pecados».

---

(4) Barão Carl du Prel, «O outro lado da vida».

(5), (6) Ernesto Bozzano, «Animismo ou espiritismo?».

A LUZ DA VERDADE

Por FRANCISCO MARIA PALHOTO

É este o grito de uma plêiade de cientistas, alguns dos quais são professores de medicina.

Mas devemos dizer em abono da verdade que tais homens levaram anos a aperceberem-se da Luz e a tomarem coragem para virem a público gritá-la.

Muitos, não científicos, houve sempre, que conheceram a realidade pelo grande sentido, raro na criatura, da intuição, e por ela operaram milagres.

Quando alguém age pelo sentido da intuição, os factos mesmos lhe dão razão. Porém, quando os factos falam e o cientista para eles não olha, ou não sabe olhar, toda a realidade é anátema e o seu praticante, por mais que esses actos valham, é perseguido só porque os seus perseguidores o podem perseguir, mesmo que tal perseguição nada mais represente que uma brutalidade originada pela ignorância.

Noutro tempo, em toda a parte, e ainda hoje na maior parte dos países, salvar uma vida é crime, se aquele que a salva não estiver a tanto autorizado. E então o curador tem de arriscar-se, se quer evitar essa morte.

Antigamente, todo o médico condenava o curador, a que chamava curandeiro e charlatão. Hoje, na grande França e na Itália, e nalguns países mais, são os médicos e grandes professores de medicina que defendem o curador-magnetizador e os seus sistemas, por vzes bem difrentes em efeitos e potência.

Quem não me acreditar, que leia, por exemplo, *Le Pouvoir Mystérieux des Guerisseurs*, do doutor Leprince, professor do Instituto de Altos Estudos de Nice, grande prémio Vauchez de 1935, por estudos científicos.

Quando a luz da verdade sobre este caso for vista pelos legisladores, embora tão tardiamente, uma nova degislatura surgirá, para dar ao homem, ao doente, o direito de decidir sobre a salvação da sua vida, quando todos os meios considerados oficiais se tenham esgotado.

O clamor destes grandes homens de ciência representa uma tristeza, uma nódoa no passado dos julgadores que levaram às grades tanto homem de bem.

A defesa agora posta por tantos médicos em favor do magnetizador, é toda baseada em verdadeiros testemunhos acompanhados da explicação científica dos casos. São indicados os nomes dos magnetizadores, os métodos, que por vezes diferem muito, e ainda o nome dos doentes e algumas vezes até os hospitais onde os tratamentos se fizeram, e ainda, o que é de tudo o mais importante, essa defesa fica edificada no facto de os próprios médicos aplaudirem os métodos que defendem e os ensinaram a toda a gente.

Parece que é altura de poder convidar os incrédulos a observarem, a darem-se ao mais lindo trabalho do homem — o estudo.

Como pode alguém que se preze contradizer os factos e nem sequer se dar ao trabalho de os observar, mesmo que porventura os não saiba profundar?

Procurando não me alargar por hoje em conjecturas, ponho à disposição do leitor uma parte de uma grande bibliografia, para que, se se interessar pelos bons estudos, possa compulsar bons livros.

Do Dr. Leprince:

Le Pouvoir Mystérieux des Guerisseurs
Traité de Reflexotherapie
La Vertebrotherapie
Radiesthesie Medical
L'Electricité Humaine et les Radiations Cerebrales
Les Ondes de la Pensée, etc., etc.

Do Dr. G. Calligaris, professor de Neuropatologia da Universidade de Roma:

Meraviglie de l'Electroscopia
Telepatia e Radio Onde Cerebrali
Telepatia e Telediagnosi

Do Dr. P. Odinot:

La Médicine et les Sciences Secrètes

Tanto destes, como doutros autores, mais livros há publicados.

Aqueles que desejarem obter algumas das obras indicadas, podem dirigir-se à redacção desta Revista, que as poderá adquirir em Paris.

Amadora, 28 de Agosto de 1954.

A REALEZA E O ESPIRITISMO

— Jorge V dizia que o espírito de sua mãe o protegia constantemente —

por FRED ARCHER

A frase «Minha mãe está sempre comigo a proteger-me e a guiar-me nos meus negócios», poderia ter sido escrita por qualquer espirita convicto de que não há morte e que o laço de amor entre os dois mundos não pode romper-se.

Aqui, a *mãe* é a rainha Alexandra.

Esta informação teve origem na cópia de uma carta que teria sido escrita e assinada pelo próprio Jorge V.

A cópia em questão encontra-se nos nossos arquivos. É de um leitor que enviou uma mensagem atribuída à rainha Alexandra, mãe de Jorge V, e que não merece comentários. Eis o texto da carta enviada do Palácio de Buckingham, em 16 de Fevereiro de 1935:

«O sr. foi muito amável, mandando-me uma comunicação inspirada de minha mãe e compreendo bem o que ela me quis dizer de bom por seu intermédio.

«Agradeço-lhe também a remessa do exemplar do *Psychic News*, que lerei com prazer.

«Minha mãe está sempre comigo a velar-me e a guiar-me.

«Aprecio a sua mensagem relativa a «uma nuvem negra que ensombra o meu lar e a uma reunião feliz no país do sol eterno».

O rei faleceu um ano após a carta.

O laço de profundo afecto que unia a rainha Alexandra e o filho demonstra-se nas cartas e notas quotidianas que Harold Nicholson publicou há pouco na sua «Biografia de Jorge V». Nada mais natural, portanto, que a rainha pudesse «velar pelo Rei e guiá-lo», como se diz na carta. Deste modo é lícito acreditar que o Rei se interessasse pelo Espiritismo e recebesse mensagens com muita simpatia.

O rei Jorge da Grécia, também descendente da rainha Vitória, era espirita. O ano passado (1953), quando escrevi acerca da médium Estella Roberts, disse que este soberano fizera sessões com ela e que era sócio de um dos Grupos das «Red Clauds» (Nuvens vermelhas).

O rei Jorge da Grécia enviou muitas vezes a Jorge V mensagens recebidas por si próprio.

A Princesa Luísa, irmã mais velha de Jorge V, também praticou o Espiritismo.

Após a morte do marido, o Duque de Fife, a Princesa manteve-se regularmente em ligação com ele, através da sua secretária, que era a médium Elisabeth Gordon.

A Princesa Luísa praticava frequentemente o Espiritismo com outro membro da sua Casa. Trata-se de John James, que esteve durante 20 anos ao serviço da realeza e que nunca escondeu a sua crença espirita, quando os seus empregados ou outras pessoas reais o desfrutavam e aos quais entregou mensagens de parentes falecidos.

Durante uma discussão a respeito de questões psíquicas, uma pessoa real disse a James que um tal Godsden lhe prometera «voltar», se desaparecesse antes dele.

Na sessão seguinte James recebeu uma mensagem de *uma mulher* deste nome que dizia ter sido enfermeira. Quando entregou o documento ao destinatário (membro da família Real), a quem dizia respeito, viu-se que era verdadeiro o facto da mulher ter sido enfermeira, coisa que James ignorava.

James também era curador psíquico e tratou a própria Princesa Luísa, coisa que esta não esqueceu, quando, após a morte, se comunicou por voz directa, através do médium Leslie Flints.

Miss Mary Francis, criada de quarto da Princesa durante 25 anos, assistiu à sessão.

A Princesa Luísa reconheceu muitas vezes a exactidão das mensagens recebidas por James e que tratavam de coisas estranhas ignoradas por ele.

Eu próprio assisti a sessões com James, quando se comunicaram e identificaram alguns membros da Família Real reinante.

Pode-se, pois, afirmar que, alguns membros da Família Real contemporânea têm assistido a sessões de Espiritismo, embora seja impossível revelar a sua identidade.

No último artigo, aludi a uma experiência psíquica individual da Rainha Alexandra. O seu parente David Bowes-Lyon, irmão mais novo da Rainha-mãe, também demonstrou possuir extraordinárias faculdades psíquicas. Ainda criança, já tinha o dom da «segunda vista», como se diz na Escócia. Viu alguns fantasmas no Castelo histórico

de Glamis, morada ancestral dos Strathmores. Chamava-lhes «gente sombria» e descrevia em pormenor o vestuário que usavam. Chegou até a usar a varinha de vedor com verdadeiro êxito.

Durante a primeira guerra mundial revelou-se uma vez a sua faculdade. O Quartel General anunciara a morte de seu irmão Micaelis, morto numa missão. Pois David declarou que era falso e recusou enèrgicamente pôr luto pela morte anunciada. Disse que o vira duas vezes, afirmando que estava muito doente, com a cabeça ligada, e se encontrava numa grande casa branca cercada de abetos. Meses depois, chegaram notícias anunciando que Micaelis tinha sido ferido na testa e que estava prisioneiro num hospital da Alemanha...

Dado o interesse que a Família Real sempre demonstrou pelo Espiritismo durante mais de um século, não é de admirar que tenham desenvolvido algumas faculdades na presente geração.

Entre a Rainha Isabel e sua irmã, a Princesa Margarida, parece que há afinidades telepáticas reveladas por esta última.

Antes do casamento, Isabel e Margarida divertiam-se muito com charadas e outros jogos de adivinhas. A Princesa Margarida preferia o jogo em que os jogadores formavam dois grupos, um dos quais se afastava, enquanto o outro combinava sobre a palavra a adivinhar por aquele...

Godfrey Winn conta no seu estudo acerca da Princesa Margarida, intitulado «A Irmã mais Nova», como ela respondeu às felicitações que lhe dirigiu sobre a habilidade que demonstrava neste jogo:

— É fácil, quando eu e Isabel jogamos, porque há uma espécie de telepatia entre nós.

Isto refere-se, evidentemente, só àquele jogo, mas eu tenho demonstrado que o conhecimento dos maiores fenómenos psíquicos é um facto nos descendentes da Rainha Vitória, desde que ela própria descobriu a verdade espirita.

A religião oficial inglesa é o Cristianismo Anglicano e o Dr. Randall, então chefe da Igreja, e o depois Arcebispo de Cantuária, é que impediram a publicação da biografia de John Brown, o médium da Rainha Vitória. Houve outro arcebispo que impediu a publicação do relato favorável de um grupo de prelados que se constituíram em comissão para estudar o Espiritismo, relaot subscrito pela maioria deles e que dissipa todas as suas dúvidas a respeito.

A Constituição inglesa obriga o soberano a manter a religião estabelecida, mas numerosos adeptos da Rainha, entre os quais alguns teólogos de valor, admitem que o Espiritismo está de acordo com a fé cristã. O mesmo fizeram, provàvelmente, outros membros da Família Real.

(Trad. de I. D. S.)

«MÉTODO DE CURA NATURAL»

Acabamos de editar o livro Método de Cura Natural, *uma obra que interessa a todas as famílias pelos ensinamentos preciosos que encerra acerca da alimentação Natural, do banho curador, do tratamento pela argila, também chamada greda ou terra de modelar, do banho de sol, da terapêutica magnética, da cura pelo jejum e pelas frutas, além de outros elementos destinados a manter saúde perfeita.*

Eis o índice desta obra oportuna, em tradução de Isidoro Duarte Santos:

O Método Natural Curativo — Alimentação Natural — As Bebidas — Alimentos e Bebidas — O Banho Natural — Efeito e Acção do Banho Natural — Outros Meios de Usar a Água — A Argila, Terra Curativa — A Respiração Integral — O Sol — Os Fluidos Humanos — A Cura de Jejum — A Cura das Frutas — Outros Medicamentos Naturais.

O preço de cada exemplar é de 16$00, mas os assinantes de Estudos Psíquicos *e os sócios do Centro E. Luz e Amor terão um desconto de perto de 20 por cento, ficando-lhes a obra por 13$50, acrescida dos preços de cobrança.*

A seguir publicaremos outros livros, entre eles, A Argila, Terra Curadora, Os Frutos que Curam, «A Cura da Sífilis e das Doenças Venéreas *e um Tratado de Alimentação Racional.*

Brevemente enviaremos circulares elucidativas aos prezados consócios e assinantes, na certeza de que saberão colaborar connosco num assunto de interesse colectivo.

Do êxito desta obra dependerá o nosso trabalho futuro.

A DIFUSÃO DO ESPIRITISMO

Por NATÁLIO CECCARINI (Filho)

O Espiritismo galgou todos os escolhos inevitáveis que a ignorância, a incompreensão e vários preconceitos opuseram ao seu advento, como toda ideia nova ou conhecimento que abra caminho no horizonte mental de uma época determinada. O desconhecido entra em luta com o conhecido. É natural que assim seja, pois vem subverter uma ordem de ideias e de coisas estabelecidas que não querem ser substituídas.

Mais de um século transcorreu sobre os fenómenos de Hydesville, nos Estados Unidos, que servem de pedra inicial à história do movimento espirita, e as alternativas sucedidas ao longo dos anos foram provando a vitalidade e certeza da revolucionária ideia sustentada acerca da realidade do mundo invisível dos Espíritos. Saber novo que ampliava o saber entesourado pela humanidade em sua existência multimilenária, precisamente introduzindo nele uma concepção diferente do homem em sua estrutura e natureza espiritual e, portanto, lógica, uma visão diferente do universo e da vida.

O elemento trazido pelo Espiritismo é a demonstração incontroversa de que o ser humano é uma alma encarnada e imortal que, uma vez livre do corpo onde cumpre existência e experiência terrena, pode estabelecer comunicação com o mundo físico através da faculdade mediúnica. Embora a princípio contrariado e depois desvirtuado e adulterado pela intolerância científica ou religiosa, perseguido em nome de altos interesses sociais ou confessionais, travado no seu desenvolvimento pelo egoismo de certos grupos, conseguiu vencer essas dificuldades e significar hoje uma Luz redentora para a sociedade planetária e um caminho recto para a ciência nas suas verdadeiras aplicações.

Dizemos tudo isto pela necessidade que os responsáveis do Espiritismo têm de encarar uma difusão eficaz e de fundas repercussões na consciência social acerca do que é o Espiritismo e os seus benefícios morais nos destinos da humanidade.

Porque não se trata já de provar a realidade do que mantém e postula o Saber Espirita, visto que ele suplantou as fases iniciais e portanto mais difíceis e próprias de qualquer verdade nova, mas também de considerar a via mais segura de expandir o conhecimento de que a alma não morre e que sobrevive à desanarição do corpo físico e à responsabilidade moral da existência no destino da alma.

Devemos dar aos povos o que temos recebido do «mundo dos Espíritos», quer na demonstração dos factos no tocante ao aspecto científico do nosso Saber, quer nas suas consequências filosóficas e morais, visto que pertencemos à humanidade e nela exercemos as nossas experiências de progresso e perfeição.

E é precisamente onde impera falta de coesão doutrinária acerca da difusão do Espiritismo, que a boa vontade e o empenho de muitos se ressentem perante uma falta de homogeneidade na orientação, na unidade e nos meios de realizar a sementeira da Boa Nova, que é o Espiritismo.

Claro, que esta falta de *unidade* foi inevitável a princípio e justificada no transcurso da elaboração e garantia do Saber Espirita e por isso deu origem a erros lamentáveis e fez atribuir à doutrina o que não passava de abuso e alheamento. Mas se tal pôde acontecer em suas fases de desenvolvimento, não acontece na fase de ideal adulto, sòlidamente fundado, com programa de revolução moral e espiritual.

Portanto, um dos primeiros aspectos a encarar nos planos da propaganda doutrinária é a *unidade*, quanto aos meios e quanto aos princípios que integram o Saber Espirita.

O Espiritismo é um ideal de liberdade carente de dogmas e artigos de fé. Não pode encerrar os seus adeptos em círculos asfixiantes, paralisar a inteligência e secar o coração. Além disso, é um conhecimento progressivo, universal, que se irá modificando naquilo que indicar a sabedoria humana e as novas revelações dos *espíritos*. Mas nada impede que a *unidade* exista, quanto a princípios fundamentais.

Acerca da existência de Deus, da realidade da alma e sua imortalidade, da comunicação dos Espíritos, das leis de Causalidade, Evolução e Reencarnação, da pluralidade de mundos habitados, etc., não pode haver discordâncias. Por conseguinte, a respeito destes princípios deve-se estruturar um critério uniforme que permita difundi-los com segurança e eficácia.

O resto é complemento destes princípios fundamentais. Poderão variar-se os métodos práticos, os sistemas especulativos, as apreciações filosóficas e morais, as suas aplicações na sociedade, mas nunca deve haver conflito na pedra angular do Espiritismo. A comunicação dos Espíritos e os seus ensinamentos provam esta unidade.

★

Outro aspecto que consideramos importante na difusão do Espiritismo é relativo à *Orientação*, a qual, uma vez esquematizada na unidade de princípios, implicaria conformidade, o que, na realidade, não se dá, pois é natural que se concorde com os fundamentos e se discorde da direcção.

Quanto à orientação, é fácil de observar que uns se inclinam para o campo exclusivamente religioso, outros para o filosófico e moral, e muitos também para o científico-experimental. A prevalência de um aspecto sobre os outros é fragmentar o Espiritismo em seus caracteres e possibilidades, dando em resultado a frustração redentora do género humano, a que ele se destina. Por isso, é indispensável conseguir orientação e unidade, a fim de atingir difusão que faça germinar a semente em todas as almas.

Nesta faina de espargir os ensinamentos do Espiritismo, é igualmente imprescindível examinar outra questão não menos importante: o *interesse* que a obra deve despertar nas pessoas a quem se dirige.

Assim como todas as coisas que actualmente se oferecem ao ser humano devem revestir-se de particular interesse que as torna atraentes, também a prédica idealista deve adornar-se de particular atracção que a torne interessante. Não se incorra no erro de confundir esta modalidade com a propaganda comercial de qualquer produto; é preciso utilizar métodos interessantes que despertem a atenção do povo, pelas verdades que se lhes oferecem em seu benfício moral.

★

Um último aspecto, tão sério como os anteriores, reside nos *meios* que se devem utilizar para esta di-

HORAS DE ARTE

Por José Simões de Matos

Temos notado que em muitas agremiações espiritas se vêm realizando HORAS DE ARTE, complementando datas festivas, em alguns casos com programas especiais, quando se destinam à angariação de meios para atender a necessidades assistenciais constantes do programa geral da agremiação.

É muito louvável o propósito e mesmo muito interessante o trabalho artistico em qualquer de seus aspectos, porque a arte é muito necessária à educação e cultura do espírito. Ela nos faz sentir e apreciar melhor a obra divina em toda a natureza, através da qual a sabedoria e o amor de nosso Pai mais se nos revelam com toda a sua magnificência e grandeza.

Mas a maneira como é representada e executada essa arte nem sempre nos conduz a esse objectivo ideal.

Os salões consagrados ao estudo e prática da doutrina espirita, à luz do Evangelho, devem merecer todo o nosso respeito. E em seus recintos não deveriam ser vibrados pensamentos nem realizados trabalhos que não estivessem em sintonia com os ensinos do Mestre.

Por esta razão, tais horas de arte, antes de serem programadas, devem merecer o estudo de quantos têm responsabilidade como representantes da Doutrina perante o mundo, que mais conhece o Espiritismo através da vida de tais homens, do que pelas obras que possam ter lido, na maior parte dos casos. De acordo com o ambiente espiritual de tais entidades, todas consagradas à educação e cultura do nosso espirito, à luz da 3.ª revelação, os programas de arte devem ser de acordo com os fins a que se propõe a entidade, evitando tudo que não esteja conforme com os nossos objectivos de educação e cultura.

Necessitamos de zelar pela pureza da doutrina em tudo que tenhamos de representá-la, seja onde for, teórica ou pràticamente, porque ela nos merece essa atenção e carinho, em virtude de nos ter libertado da escravidão da ignorância.

Compete às Federações recomendar aos seus federados e a quantos queiram colaborar com este propósito, seleccionar o melhor possível os programas de arte em tais festividades, a fim de que não venham a confundir-se com diversões próprias de outras sociedades, mas impróprias para a nossa entidade espirita, à luz do Evangelho que deve ser sempre o nosso GUIA, o nosso roteiro.

fusão e que citamos desde já, por serem insubstituíveis até agora: a conferência, o livro, a revista, a obra social, a experiência espirita. Mas aqui convém estabelecer o meio que valoriza os enunciados e que dá a medida do ideal espirita e dos seus militantes. Este é o *exemplo*. Todo o adepto deve expor fielmente a doutrina e os seus actos têm que se harmonizar com os princípios que o informam. Se o espiritista fraqueja nesse sentido, toda a sua prédica se ressente e se desmorona. Daí, a escolha severa na propaganda doutrinária dos que assumem tão delicada missão.

Afirmava Kardec que «dizer-se espirita e mesmo espiritista convicto, não indica de modo algum a medida da crença», pois só o era, na verdade, quem «se houvesse transformado moralmente». Pois, o meio insuperável que garante as outras vias indicadas é o do *exemplo* dos que se comportam como verdadeiros espiritistas.

★

Unidade, orientação, interesse e meios, eis os quatro vértices da pirâmide que traduz o esquema do Espiritismo e que asseguram acção construtiva na superação moral e espiritual do homem. Abreviar ou retardar esta acção, torná-la profunda ou superficial, eficaz ou deficiente, pertence exclusivamente à visão dos adeptos responsáveis e à perfeita conjunção dos quatro aspectos a considerar para a sua realização.

O Espiritismo deixou de ser curiosidade, simples passatempo, para se transformar em Saber e Ideal de grande influência nos destinos da humanidade, que busca a aplicação de princípios e de leis em concordância com seus interesses gerais, cujo resultado é modificar a sua fisionomia moral. E se este é o desígnio do Espiritismo, a condição mínima é difundir-lo com fidelidade e energia.

A missão dos que receberam a luz do mundo invisível para difundi-la é semelhante à partilhada por Jesus e seus discípulos, quando lhes disse: «Ide e Pregai»; mas esta acção de reflectir o Espiritismo, terá de ajustar-se ao exemplo vivo de um procedimento de acordo com a nova verdade e cumprido com plena eficiência.

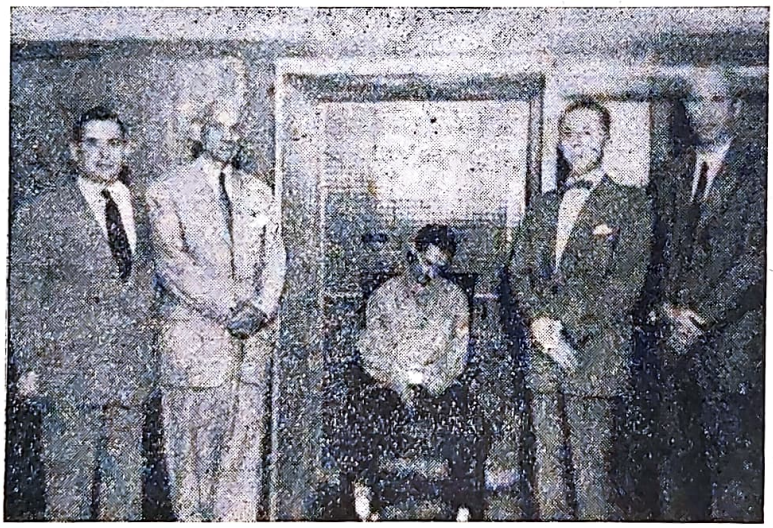
Lomas del Palomar, Maio de 1954.

(Tradução de I. D. S.)

EXTRAORDINÁRIOS FENÓ

A bibliografia espirita e metapsíquica é já rica em experiências transcendentes. Homens de indiscutível autoridade científica — alguns laureados com o Prémio Nobel, como o Prof. Charles Richet — se ocuparam durante anos da fenomenologia supranormal. Os resultados de suas experiências constituem contribuições valiosíssimas tendentes a abrir amplos horizontes, quer à Psicologia e Fisiologia clássicas, quer a muitas outras ciências, sem excluir a essência filosófica que estes factos encerram.

A plêiade de robustos trabalhadores e espíritos privilegiados como o sábio William Crookes, Frederico Myers, Sir Oliver Lodge, Gustave Geley, César Lombroso, F. Zöllner, o Dr. Leão Hipólito Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudónimo de *Allan Kardec*, escritores famosos e conspícuos investigadores como Leão Denis, Gabriel Delanne, etc., etc., ofereceram à humanidade o resultado de seus estudos, observações e deduções. As suas obras são testemunhos vivos e convincentes através da eloquência dos factos, dos quais se conclui que vivemos e agimos num oceano de vibrações conscientes e inteligentes, embora invisíveis aos nossos sentidos. São vibrações com que podemos dialogar, mercê de intermediários psíquicos chamados médiuns e que também se materializam com todos os seus atributos físio-psico-biológicos, movem objectos sem contacto humano, etc.



O médium na jaula. Ao lado, os membros da Sociedade Constância

Há pouco realizou-se em Buenos Aires, na sede da Sociedade Espirita «Constância», uma importante experiência de natureza física, com o médium brasileiro João Rodrigues Cosme, que tem a faculdade de produzir fenómenos psíquicos de transporte.

Colocado numa jaula construída para o fim em vista e aparafusada ao solo, sentou-se numa cadeira de braços igualmente aparafusada e colocaram-lhe algemas nas mãos e no pé direito, com evidente objectivo de prevenir qualquer fraude. E para melhor segurança, atou-se-lhe o corpo com uma corrente em volta da cadeira.

As algemas foram fechadas à chave, o mesmo sucedendo à única porta da jaula, cujas partes laterais e superior estavam forradas de rede metálica. Postas as chaves a bom recato, todas estas operações foram devidamente controladas.

Os assistentes, que, na primeira sessão, eram mais de 90 e 30 na segunda, formaram duas fileiras, a cinco metros da jaula. Um longo fio atravessou as botoeiras do vestuário de cada um, para que ninguém saísse do seu lugar, pois deste modo se imprimiria maior seriedade à experiência.

Acto contínuo, o director dos trabalhos pediu uma firme concentração mental e a necessária prece, a fim de criar ambiente e facilitar ao laboratório invisível as moléculas destinadas a produzir o fenómeno.

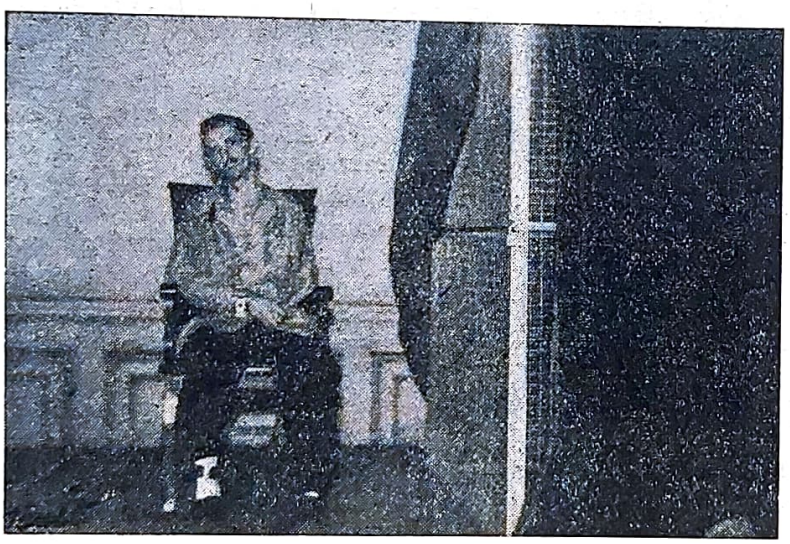
Ao cabo de meia hora projectaram-se luzes em torno da jaula, que depois se elevaram ao tecto e foram vistas por todos os assistentes. Entretanto, o médium em transe fazia ouvir os seus gemidos, alternados com acessos de vómitos. De quando em quando, a assistência ouvia nítidos silvos no compar-

OMENOS DE TRANSPORTE

Por TITO L. BANCÉSCU — Correspondente em Rosário — Argentina

timento, indício da presença de seres invisíveis que dirigiam a sessão.

Os seres extraterrestres anunciaram verbalmente pelo médium que a experiência havia terminado e que era conveniente estabelecer a luz, visto os trabalhos terem decorrido na penumbra. O médium encontrava-se fora da jaula com as três algemas no seu lugar e ligado à mesma cadeira, que momentos antes estava no interior da jaula. Ao verificar as algemas, a corrente, a jaula e respectivas fechaduras, viu-se que tudo estava intacto.



O mesmo médium fora da jaula com as algemas intactas

O médium, que ainda permanecia em transe, foi examinado por dois médicos presentes, os quais declararam que estava em perfeito estado de saúde, embora falasse com certa dificuldade, anomalia característica nesta experiências, que produzem grandes desgastes. O êxito foi total.

Dias depois realizou-se uma segunda experiência com a médium Sara Artese. Os resultados foram também satisfatórios, porque ao lado de transportes de flores houve o fenómeno da chamada «voz directa». Entendemos por voz directa a comunicação das entidades invisíveis através de um *megafone* de cartão ou metal. Nesta experiência utilizou-se um de cartão, de cinquenta centímetros de comprimento. Colocado em lugar inacessível, elevou-se e começou a flutuar, sobre a jaula. Através dele ouviu-se uma voz suave que disse: «Boas Noites. Como estão?». E caiu sobre um assistente.

Uma vez senhor dos fluidos ectoplásmicos, o invisível utilizou-os para articular palavras através do *megafone*.

Na presença dos assistentes, a citada médium colocou-se na mesma jaula, onde foi encerrada. Após uma concentração mental, o público viu no peito dela um grande ramo de flores, ao mesmo tempo que no recinto caíam muitas flores iguais e no ar flutuavam outras que se iam colocar no peito de assistentes.

Para os que ignoram as leis psico-físio-biológicas, a desintegração da matéria a fim de atravessar outra matéria é coisa inverosímil. Todavia, no caso de João Cosme, o fenómeno é de desintegração. O seu corpo ou parte da jaula em que estava circunscrito devem ter sido desintegrados e reintegrados, permitindo a saída do médium.

No caso das flores com a médium Sara Artese, deu-se o processo contrário: as flores é que foram desmaterializadas para entrar e depois rematerializadas. Ou a rede metálica ou as flores se desintegraram, aliás, era impossível esta operação.

Naturalmente, alguns leitores pensarão que houve fraude nesta experiência. Justifica-se a suspeita, quando, repetimos, se ignora a intervenção de leis ainda muito pouco conhecidas.

Mas o controlo foi rigoroso. Com esta prova tríplice, Espiritismo e Metapsíquica provaram que seus princípios repousam em bases científicas.

(Tradução de I. D. S.)

NAPOLEÃO ERA PERSEGUIDO...

O sertilégio de Alexandre Magno — Os sonhos de Frederico da Prússia — O fantasma vermelho na história da França — A morte do grande corso

De acordo com a história, a maior parte dos grandes conquistadores foram homens supersticiosos, que nunca agiam sem receber antes algum «sinal» extraterrestre que lhes dava confiança para tomarem importantes decisões. Atila, o Hunio, por exemplo, aguardava um sonho favorável antes de lançar-se à conquista de mais terras. Alexandre Magno, sortia-se de toda espécie de sortilégios para sentir-se seguro nas grandes batalhas que desencadeou. No caso mais recente, o de Hitler, dizem que o ditador alemão consultava as estrêlas antes de tomar as decisões que desencadearam a II Guerra Mundial. Nos desportes também existem notáveis exemplos. O de Jack Dempsey é, sem dúvida, um dos mais notávais. Jack subia ao ringue envergando o velho «suéter» de cor vermelha com que iniciou sua brilhante carreira pugilística. Na noite em que o deixou em casa, perdeu o título mundial de todos os pesos a favor de Tuney.

Na noite de 16 de Agosto de 1769, Frederico o Grande, da Prússia, teve um sonho extraordinário; viu uma «estrêla brilhante descer dos céus». Despertou sobressaltado, certo de que um meteoro caira nos arredores. Ao voltar à realidade, compreendeu ter sido um «sonho profético».

«Acaba de nascer um grande «leader», afirmou mais tarde, e, «certamente, mudará o curso da história».

Na mesma noite, no povoado de Ajaccio, Córcega, nasceu Napoleão Bonaparte.

A carreira de Napoleão sempre esteve repleta de eventos aparentemente supranormais, como se as forças cósmicas o houvessem assinalado para atenção especial. Ele acreditava firmemente em sua «boa estrêla» e com frequência mudou, obediente a impulsos, os planos de uma batalha, em meio a combates, com audácia, por seus generais qualificada de suicida. Sempre que obedeceu a essas estranhas intuições, foi vitorioso, ùnicamente quando perdeu sua fé na intuição, começaram a decrescer seu génio e poder.

Há evidência de ter possuído Napoleão, além de crer em sua «boa estrêla», o dom da clarividência. Entre outras coisas prognosticou uma Alemanha unida, a independência das colónias espanholas, o poderio dos estados independentes balcânicos e o estabelecimento da coalisão austro-húngara. Certa ocasião, após longo período meditativo, fez cerca de dez assombrosos prognósticos a seu bom amigo e famoso actor Talma.

Quando Talma lhe perguntou se esses augúrios se baseavam na lógica e no raciocínio, Napoleão respondeu com franqueza: «Não, mas a maior parte de meus sonhos convertem-se em realidade».

As aparições do histórico «Fantasma Vermelho» da França, fazem crer que forças ocultas se interessavam pelo país e seu imperador.

O «Fantasma Vermelho» aparecia em muitas ocasiões, sempre nos momentos cruciais da história gaulesa. Em 13 de Maio de 1610, sucedeu algo de extraordinário. Henrique IV encontrava-se no trono e devido às inquietas condições do momento, anunciara suas intenções de tomar pessoalmente encargo do Exército.

Pouco antes da meia noite despertou o monarca de profundo sono, durante o qual ouvira uma voz cavernosa que o advertia de um grave perigo. Tão intensa foi a impressão que Henrique voltou à realidade coberto de suor frio.

Passou cuidadosamente os olhos pela habitação e sofreu segundo choque ao descobrir a figura do «Fantasma Vermelho», tal como havia aparecido a outros. Era um ser alto, robusto e envolto em uma capa vermelha. A barba da mesma cor. Não obstante ser estação de verão o aposento estava tão frio como o gelo.

Disse o fantasma: «Morrerás amanhã, assassinado pelos que tens como amigos», em seguida desapareceu.

Imediatamente Henrique IV chamou seus conselheiros e lhes explicou o sucedido. A ideia de que seria morto violentamente foi ridicularizada e o monarca voltou à cama. Mas, 12 horas depois era assassinado por pessoas de sua roda.

Possìvelmente o assassinato não se verificaria, se o rei houvesse tomado precauções depois da mensagem.

A primeira visita do «Fantasma Vermelho» a Napoleão teve lugar em 1798, quando o pequeno corso sòmente contava 29 anos de idade. Suce-

deu pouco antes da Batalha das Pirâmides no Egipto, e incluiu uma advertência de desastre naval. Napoleão ganhou a batalha terrestre, mas a frota gaulesa foi derrotada pelo almirante Nelson em 1 de Agosto desse ano e foi um desastre grande.

A segunda aparição registou-se após a desastrosa batalha de Wagram, quando o «Fantasma Vermelho» arbitràriamente deu a Napoleão quatro anos para conseguir a paz geral. O pequeno corso não seguiu o conselho.

Pouco se sabe sobre estas últimas visitas, mas a terceira aparição está bem documentada.

POR UM FANTASMA

Ocorreu na manhã de três de Janeiro de 1814.

Anteriormente Napoleão havia sofrido custosas derrotas e as forças atacantes eram gigantescas. Encontrava-se ele em despacho no Palácio das Tulherias acompanhado pelo secretário de Estado, Conde Mole, e seu secretário particular, Nieuval.

O aposento, luxuosamente mobilado, fora a câmara de Maria Tereza, esposa de Luís XIV. Diversos livros estavam colocados contra as paredes. Só havia uma janela e uma porta; esta conduzia a uma antecâmara. O escritório de Napoleão era no centro do edifício. Nieuval estava sentado diante da janela.

O Pequeno Corso estava triste, preocupado com os próprios pensamentos e prestando pouca atenção ao que dizia o Conde Mole. Pondo-se de pé percorreu silenciosamente o quarto, para finalmente pedir a Mole que passasse para a ante-câmara enquanto ordenava suas ideias. Só permaneceram Napoleão e Nieuval.

Na pequena antecâmara, o conde dispôs-se a ler um livro. A porta que conduzia ao escritório do conquistador, como a que comunicava com o corredor exterior, estavam fechadas. Repentinamente o conde sentiu que a antecâmara se havia tornado extraordinàriamente fria. Levantou os olhos e com estupefacção viu um «homem alto com barba vermelha e envolto em capa da mesma cor». Ambas as portas continuavam fechadas. «Preciso falar imediatamente ao Imperador», disse o visitante com voz profunda. Apesar da surpresa, o conde respondeu cortezmente: «Agora não pode ser incomodado». O estranho deu uma passada para a frente. O conde pôs-se de pé para guardar a porta; mas logo lançou uma exclamação de horror ao observar que «O Fantasma Vermelho» passou através dele como se fora de luz.

Já no gabinete do imperador, o visitante de além-túmulo disse: «É esta a terceira vez que apareço diante de ti. Na ocasião anterior te dei quatro anos para conseguires uma paz geral e te adverti que no caso de desobedeceres eu te retiraria minha protecção. Pois agora venho dizer-te que só tens três meses para pôr em execução os planos que ora idealizaste ou para aceitar as propostas de paz que te oferece a Aliança. Se não obtiveres êxito no primeiro ou não acederes ao segundo, a tua carreira terminará. Lembra-te bem disto».

Napoleão, em presença de Mole e Nieuval, suplicou mais tempo, explicando que três meses eram insuficientes para recobrar os prejuizos ou conseguir uma paz honrosa.

«As desculpas não me interessam, interrompeu o visitante. Sòmente te dou três meses». Em seguida desapareceu o «Fantasma Vermelho».

Mais tarde o conde discutiu com Nieuval os sucessos. Este afirmou não ter visto estranho ser em momento algum; mas que havia escutado a voz, aparentemente saída do ar.

A história regista o que sucedeu mais tarde. Napoleão preferiu guerrear; mas a força militar de seus inimigos era irresistível e exactamente três meses depois do ultimatum, ou seja 11 de Abril de 1814, Napoleão abdicou.

A 5 de Maio de 1821, o Grande Corso faleceu na solitária ilha de Santa Helena. Durante a hora em que o ex-imperador esteve em agonia, registaram-se sucessos extraordinários, relâmpagos nunca vistos e uma chuva vermelha. Com a morte de Napoleão cessaram automàticamente os distúrbios. No preciso instante em que falecia aquele que havia sido notável conquistador, o Dr. Antomarchi, viu, com profundo assombro, que um homem alto, vestido de vermelho, se colocava ao lado do leito do moribundo para abençoá-lo, sem proferir palavra. Faltavam exactamente seis minutos para as dezoitos horas.

(De *Voz Informativa*, do México, traduziu a *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão.

PALMELO, A CIDADE

Reportagem do Prof.

Estamos na «cidade espiritista» do Estado de Goiás. Milhares de doentes aparecem aqui, chegando de vários pontos do Brasil. São criaturas que ficaram desiludidas da medicina oficial e recorrem então ao Espiritismo implorando a saúde do corpo e a tranquilidade da alma. Depois do tratamento sob a protecção dos Invisíveis, estas crituras regressam a seus lares, sadias e felizes.

Palmelo é 100 % espiritista. Todos os seus habitantes consultam diàriamente as obras de Kardec. Até em casas comerciais, em mercearias, encontramos livros espiritas, que são compulsados pelos próprios comerciantes. Palmelo é, de facto, uma localidade original, que honra o Espiritismo, pois aqui há ordem e verdadeira fraternidade.

Aqui não existe policiamento, porque todos se conduzem com dignidade e benevolência. Não há furtos; não há desordens, nem assassinatos.

Em Palmelo, quem governa é sòmente o Evangelho da 3.ª Revelação.

Eis, em síntese, o que observámos nesta «cidade de milagres», que bem merece o título de «cidade espiritista», do Estado de Goiás.

Como seria maravilhoso, se todas as localidades brasileiras fossem assim! Como seria esplendoroso, se todos os brasileiros vivessem desta maneira, norteando os seus passos pela Doutrina dos Espíritos. Palmelo demonstrou-me o poder miraculoso da 3.ª Revelação.

Esta localidade foi fundada em Fevereiro de 1929, por Jósino Branquinho e companheiros praticantes do Espiritismo. Foi fundada especialmente para difusão e prática da Doutrina de Kardec.

Anos mais tarde, Jerónimo Gomide, natural de Minas, passou a dirigir esta obra extraordinária que está atraindo a atenção de milhares de brasileiros. Curas verdadeiramente milagrosas já foram realizadas aqui, sob a influência dos Espíritos Protectores.

Há factos incríveis. Por exemplo: Chegou aqui um padre católico romano, atormentado por terríveis obsessões. Encontrava-se em estado de loucura incipiente e foi curado em poucos dias, pela intervenção dos Espíritos que protegem o centro kardecista desta localidade. O referido padre abandonou, então, o ministério católico e actualmente dedica-se à grandiosa obra da 3.ª Revelação.

No momento em que escrevo estas linhas, encontra-se em Palmelo um médico de Goiânia, que veio em busca de um milagre, desiludido da sua própria ciência. Este médico ficou paralítico e não pôde encontrar na medicina o remédio para o seu infortúnio.

Ontem fomos assistir pela primeira vez a uma sessão pública no centro espiritista de Palmelo e ficámos admirados, quando vimos verdadeira multidão, composta de homens, mulheres e crianças, que aguardavam respeitosamente a pregação e também a recepção dos passes curativos.

Já percorremos o Brasil, de sul a norte, mas nunca vimos noutra parte qualquer espectáculo tão electrizante. Ouvimos narrativas extraordinárias de doentes desenganados pela medicina oficial e que foram depois curados radicalmente pelos trabalhos espiritistas, realizados em Palmelo. Doen-

AS NOSSAS EDIÇÕES

Nos Umbrais do Além, por *William Barrett.*

Análise científica dos fenómenos do Espiritismo em tradução cuidada de Isidoro Duarte Santos. Livro notável em que o célebre professor apresenta as suas investigações, que o levaram à conversão.

Brochado ..... 32$00
Encadernado ..... 44$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos.*

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. 82 capítulos focando os principais temas do Evangelho do Cristo, em linguagem aliciante. A moral espírita em todo o seu esplendor.

Brochado ..... 35$00
Encadernado ..... 47$00

Pierino Gamba, o Menino-Maestro à Luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos.*

Livro esclarecedor do problema dos génios e dos meninos prodígios, à luz do paralelismo psico-fisiológico e da reencarnação.

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 37$00

Cientismo e Espiritismo, por *Leopoldo Machado.*

Estudo comparativo das doutrinas científicas perante o Espiritismo, com vários capítulos acerca da psicanálise.

Brochado ..... 20$00

ESPIRITISTA DO BRASIL

RÚBENS PEIRUQUE

ças consideradas incuráveis pela classe médica têm sido tratadas com êxito absoluto.

A «cidade espiritista» do Estado de Goiás, como nós costumamos denominar esta localidade, difunde o Espiritismo de maneira excepcional, pois nem todos os centros kardecistas do Rio Grande do Sul, unidos aos de São Paulo, conseguem difundir a Doutrina da 3.ª Revelação como vem sendo divulgada em Palmelo.

Seria fastidioso enumerar aqui todas as iniciativas que os espiritistas desta localidade estão realizando. Em todo o caso, devemos recordar alguns aspectos dignos de referência.

Por exemplo: Esta localidade já possui um edifício relativamente grande, onde funciona a escola primária. Recentemente, inauguraram o Sanatório Eurípides Barsanulfo, e muito brevemente estará terminada a construção de um ginásio, onde jovens e adultos terão oportunidade de preparar-se para estudos superiores.

Todas estas realizações, todos estes progressos, são frutos que demonstram claramente a actividade multiforme dos espiritistas de Palmelo. Os dirigentes desta obra não se limitam a pregar a Doutrina dos Espíritos, visto que chegaram ao ponto de instruirem pessoas adultas, de 30 e até de 50 anos.

Isto quer dizer que, no desempenho da missão de que se incumbiram, pregam o Espiritismo, tanto em viva voz como através das obras máximas da 3.ª Revelação. E para isto estão ensinando a ler a todos os que aqui se reúnem em busca da saúde física e mental. A tarefa dos dirigentes é, portanto, nobre e digna.

Afirmei que os espiritistas de Palmelo difundem a Doutrina de Kardec em alta dosagem e que realizam uma divulgação mais poderosa do que no Rio Grande do Sul e em São Paulo.

Acontece que milhares e milhares de pessoas chegam mensalmente a esta localidade, procurando alívio ou cura de seus males. São pessoas que foram criadas e educadas noutras religiões e que nunca escutariam a Doutrina dos Espíritos, se não fosse o sofrimento e males terríveis que as forçaram a bater à porta do Espiritismo.

Estas pessoas, estes milhares e milhares de criaturas, que aqui chegam em busca de saúde física e mental escutam a pregação que é feita diàriamente no grande templo espiritista. Todos, portanto, escutam atentamente o Evangelho dos Espíritos. E, desta forma, milhares de pessoas aceitaram a Doutrina, ao mesmo tempo que foram alcançando a saúde do corpo e a tranquilidade da alma.

Hoje assistimos a uma sessão especial, que eles denominam: «reunião para exame psíquico». O vice-presidente fez a leitura dos Dez Mandamentos e insistiu que a nossa saúde e felicidade sempre dependerão da nossa conduta e dos nossos pensamentos elevados. Ora, desta forma, os dirigentes espiritistas estão guiando milhares e milhares de criaturas, numa verdadeira estrada de paz e felicidade. Fazem caridade, curam por imposição das mãos e servem de instrumento para que os Espíritos realizem operações extraordinárias. Palmas aos dirigentes da «Cidade espiritista» do Estado de Goiás!...

Dois Mundos, por *Isidoro Duarte Santos.*

Obra ditada pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e recebida intuitivamente sem qualquer rasura e no estilo da entidade comunicante. Lança poderosa luz sobre o Além e extingue no leitor o receio da morte.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 42$00

Almas Errantes, por *Isidoro Duarte Santos.*

Romance ditado pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e recebido também intuitivamente e sem rasuras. Livro emotivo e cheio de interesse humano, as cenas decorrem através do mais intenso dramatismo, arrastando o leitor até ao fim, em torrente impetuosa.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 42$00

Ronda Espiritual, por *Isidoro Duarte Santos.*

Obra psicológica ditada pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia). Agudeza, reflexão e análise serena em 27 quadros cheios de verdade contundente, num panorama da mais pura moral.

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 38$00

CONAN DOYLE E A REENCARNAÇÃO

Por DEOLINDO AMORIM
(Correspondente no Rio de Janeiro)

Como se vê, no próprio campo experimental do Espiritismo encontramos, na faixa latina, opiniões valiosas em favor da reencarnação. Porque citar apenas dois ou três Autores não reencarnacionistas sem fazer confronto com escritores respeitáveis, cuja opinião abona fortemente a tese reencarnacionista? Ainda mais: pelo facto de haver autores que negam a reencarnação, nada se prova contra esta doutrina. Uma opinião não é uma prova. Enquanto Aksakof, com a sua mentalidade mais de metapsiquista do que de espirita, criticou a teoria reencarnacionista, outro homem de ciência, e dos maiores da Europa no campo da metapsíquica e do Espiritismo científico — Ernesto Bozzano — encarou o problema com mais prudência e mais senso filosófico:

> Analisando o conteúdo das obras anglo-saxónicas com a reencarnação, *logo se verifica que a característica que apresentam, pelo que concerne ao tema em exame, está no facto de que as personalidades mediúnicas, em regra, respondem evasivamente quando interrogadas acerca da reencarnação, como se não quisessem indispor os seus experimentadores, com afirmações contrárias aos seus sentimentos de raça* (13).

Bozzano teve o cuidado e a paciência de examinar, número por número, as colecções de

V

17 anos da revista inglesa *Light*, para comparar as comunicações de espíritos, que, na Inglaterra, se manifestaram em desacordo com a tese da reencarnação. Esses espíritos sofreram a influência do meio e das ideias dominantes na Inglaterra. Alguns espíritos, como diz Bozzano, tocaram no assunto com habilidade, falaram com certa evasiva, e não apresentaram, finalmente, um argumento convincente contra a reencarnação. Influência do ambiente inglês, apenas. Nada se prova, com isto, contra o princípio espirita da reencarnação. Bozzano é insuspeito, porque a sua obra é toda científica, inteiramente apoiada em factos. Há, porém, obras especializadas em que a reencarnação é reforçada por argumentos inabaláveis. O Pastor brasileiro, quando escreveu o seu folheto, não tomou conhecimento, infelizmente, dos autores que defendem a tese rencarnacionista. Serviu-se apenas de algumas citações encontradas na obra de Conan Doyle, e, com isto, considerou o assunto liquidado... A parte mais forte da cultura espirita, entretanto, é reencarnacionista.

Já citámos Gabriel Delanne, Léon Denis, Geley, na França, como podemos citar, com inteiro cabimento, entre os autores que escreveram trabalhos especiais sobre a reencarnação, Carlos Imbassahy, «o Bozzano brasileiro», assim como Santiago Bosero, na Argentina, Aurélio Valente, outro escritor espirita brasileiro, que também publicou um livro sobre o assunto, como ainda outros. Queiram ou não queiram, *os mais profundos problemas filosóficos, religiosos e sociais, assim como as contradições e injustiças da vida e da sociedade, têm uma explicação lógica com o conhecimento da lei palingenésica* (14). Carlos Imbassahy, sem favoritismo algum, pode ser considerado uma das maiores expressões do Espiritismo em toda a América Latina. É reencarnacionista convicto. Ainda há pouco, com Mário Cavalcanti de Melo, outro escritor espirita de grande mérito, principalmente no campo da pesquisa histórica e da exgese bíblica, Carlos Imbassahy publicou uma obra em que a reencarnação é discutida e provada no terreno da história, da lógica, da moral, dos factos (15). Qual o autor, anti-reencarnacionista, que já escreveu, até hoje, uma tese capaz de destruir, por exemplo, a argumentação de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo?

Devemos notar, porém, que até mesmo na Inglaterra, onde se formou, a princípio, uma espécie de reduto anti-reencarnacionista, as objecções à reencarnação, de certo tempo a esta parte, já estão um tanto moderadas, principalmente, depois dos grandes sofrimentos da última guerra mundial. Já em 1934, quando se reuniu o Congresso Espirita Internacional de Barcelona, Espanha, a atitude da delegação inglesa, apesar de não ter apoiado a tese reencarnacionista, foi menos radical. Ocor-

re-nos citar, a propósito, o que publicou, naquela ocasião, o *Mensageiro Espirita*, de Lisboa, sob a direcção do nosso muito querido e admirado confrade Isidoro Duarte Santos, actual director de *Estudos Psíquicos*. Dizia então o comentarista:

> *Uma particularidade interessante do Congresso de 1934: a viva polémica travada entre latinos e saxões sobre o tema reencarnacionista, optando por ele os primeiros e os segundos discordando, firmados em que a demonstração era insuficiente para estabelecer a harmonia. Apesar disto souberam harmonizar-se, estabelecer uma conciliação digna de homens cultos e que agradou a gregos e troianos.*

De nossa correspondência particular, como sócio, que somos, da Federação Espiritista Internacional, podemos citar cartas em que o ilustrado Secretário-Geral daquela Federacão, Dr. David Bedbrook, homem de gabinete e idealista de qualidades apreciáveis, esclarece, mais de uma vez, a posição actual dos ingleses em face da reencarnação. Já tivemos ocasião de mencionar parte dessa correspondência ([16]). Em carta de 8 de Junho de 1949, dizia-nos o Secretário da Federação Internacional *(International Spiritualist Federation)*, Londres:

> *Muitos dos países latinos, e também outros, são reencarnacionistas. Quando se reuniu o Congresso em Londres, ficou decidido pelo Comité Internacional que a constituição, no que concerne a este assunto, permitiria a filiação tanto dos que crêem, como dos que não crêem na reencarnação. Estou certo de que, no mundo, a crença fundamental da Federação Internacional deve ser sòmente a crença na sobrevivência da alma. Crendo ou não na ideia reencarnacionista, qualquer sociedade pode fazer parte da Federação, uma vez que há um ponto de união geral, que é a sobrevivência.*

A carta refere-se ao Congresso realizado em Londres em 1948, quando a Federação Internacional, fundada em 1925, foi transferida de Paris para a Capital inglesa. Como se vê, a Federação Internacional, pelo seu novo estatuto, não fez questão fechada em relação à reencarnação: considerou o assunto de natureza privada ou de foro íntimo. Ainda a propósito dos ingleses, disse-nos, na mesma carta, o Dr. Bedbrook, textualmente:

> *Há, naturalmente, muitas pessoas, neste país* (Inglaterra), *que afirmam a reencarnação, e muitas outras que não aceitam esse princípio. Apesar disto, nós procuramos unir a todos para trabalharmos em conjunto, sob a grande bandeira da solidariedade.*

Pouco depois, já em carta de 25 de Julho, o Secretário da Federação Internacional volta ao assunto, em termos prudentes e, como sempre, muito cordiais:

> *Estou bem certo de que V. é um adepto fervoroso da reencarnação e um ardente discípulo de Allan Kardec, mas, meu bom amigo, isto não traz qualquer indiferença entre nós, porque a Federação Internacional não cria dificuldade entre os que aceitam e os que não aceitam a reencarnação.*

Como se vê, a ideia reencarnacionista na Inglaterra, embora não faça maioria, já tem muitos adeptos. Não existe mais a oposição intransigente de outrora. Certas ideias só se propagam e se enraízam pela acção do tempo. É o que vai acontecer na Inglaterra, nos Estados Unidos, etc. Há, porém, *factos* avulsos, de real significação, e tais factos podem abalar convicções seculares. Na Holanda, por exemplo, ainda não se aceita a reencarnação. Entretanto, de lá, recebemos uma carta em que o missivista se declara reencarnacionista, porque tem um facto na família... Temos em nosso arquivo de correspondência a referida carta, de 11 de Fevereiro de 1951, cujo signatário reside em Amesterdão, é médium e director de uma sociedade espiritualista - cristã. Nessa carta, que conservamos como documento e, também, em homenagem à amizade do missivista, sublinhamos a seguinte declaração:

> *O movimento espiritualista neerlandês está ainda em crescimento e trabalha duramente, etc. Nós ACREDITAMOS NA REENCARNAÇÃO* (ele e a família), *mas muitos dos espiritualistas ou espiritistas não admitem essa crença. Tenho um facto ocorrido em minha família, etc., etc.*

O outor da carta chama-se Gerald van El, e é muito conhecido no movimento espiritualista holandês. Narra ele, com todos os pormenores, um caso de reencarnação em sua própria família, com a indicação de nome, circunstâncias,

APROXIMA-SE O NATAL

Esta frase obriga-nos ao mesmo esforço dos anos anteriores. E é com a mesma satisfação e a mesma fé que lançamos o nosso apelo aos leitores, certos de que despertarão as boas almas e as levarão a pensar um pouco nos deserdados da sorte.

Ainda há pouco os diários de Lisboa abriram suas colunas à subscrição pró-soldados que se encontram na Índia e que já vai em 3.000 contos. Isto prova a bondade do povo português, que nunca deixa de acorrer com o seu óbolo generoso, quando se faz sentir a necessidade.

Nós temos a certeza de que seremos ouvidos em nosso apelo e que os donativos chegarão a tempo de socorrer algumas centenas de famílias na quadra do Natal.

Destinados a este fim recebemos os seguintes donativos:

Centro Espiritualista Luz e Amor	*150$00*
Revista Estudos Psíquicos	*50$00*
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	*50$00*
Isidoro Duarte Santos	*50$00*
Total	*300$00*

data, local, etc. Apesar disto, porém, não faz propaganda reencarnacionista, porque o ambiente não é favorável a essa doutrina. Como este, há muitos outros casos. É questão de tempo, de experiência, de reconhecimento da realidade. Não se pode, portanto, arqumentar apenas com as fontes opostas à reencarnação, porque a corrente reencarnacionista, até mesmo nos países onde não se admitia essa ideia, está aumentando cada vez mais. Damos, aqui, por terminada a nossa tarefa nesta série de cinco artigos. De tudo quanto dissemos, depois de todos os elementos que alinhámos, podemos partir, finalmente, para as seguintes

CONCLUSÕES

a) não se pode fazer crítica segura da tese reencarnacionista sem conhecer dos dois lados — latino e saxão — as opiniões mais categorizadas;

b) se, por um lado, há escritores eminentes e experimentadores ilustres, que negam a reencarnação, é indispensável reconhecer, a bem da verdade histórica, que, do outro lado, as mais altas expressões da cultura espírita na Europa e na América Latina sustentam conscientemente a tese da reencarnação;

c) finalmente, o facto de haver autores que negam a reencarnação não modifica o pensamento dos que, com base na história, na moral, na filosofia, na experimentação científica, afirmam a tese das vidas sucessivas, e, por isso, nenhum argumento, até hoje, destruiu o princípio reencarnacionista.

---

(12) GUSTAVE GELEY — *Resumo da doutrina espírita* (Trad. Isidoro Duarte Santos).

(13) Ernesto BOZZANO — *Psicologia e Espiritismo* — Distribuído pela Livraria da Federação Espírita Brasileira.

(14) SANTIAGO BOSERO — *Las vida sucessivas* — «Editorial Vítor Hugo», Buenos Aires.

(15) CARLOS IMBASSAHY e MÁRIO CAVALCANTI DE MELO — *A Reencarnação e suas provas* — Edição da Federação Espírita do Paraná.

(16) *Revista Internacional do Espiritismo* — Matão, Estado de São Paulo, Brasil — pág. 221, n.º 11, 1951. (De uma série de artigos sob o título: «Artur Ramos e o Espiritismo»).

Rio de Janeiro, Março, 1954.

FIM

FENOMENOLOGIA

Resumo do ciclo de estudos de 1950 do Centro Espirita "18 de Abril", do Rio de Janeiro

SUMÁRIO — a) Generalidade — *Fontes de consulta a respeito da fenomenologia espirita. b)* Divisão dos fenómenos — *Fenómenos de animismo e fenómenos espiritas pròpriamente ditos. Fontes básicas. Fontes de cultura. c)* Fenómenos espiritas — *Sua divisão. As três fases da parte experimental do Espiritismo: observação, experimentação e dedução.*

GENERALIDADE

Entende-se por *fenomenologia* o estado geral dos fenómenos. Quando dizemos *fenomenologia espirita,* é claro que nos referimos ao conjunto de fenómenos que constituem o objecto do Espiritismo. Então, a *fenomenologia* espirita vem a ser a parte do Espiritismo que trata dos fenómenos, isto é, a parte experimental do Espiritismo. Já se sabe que o Espiritismo tem três aspectos: o experimental ou científico, que diz respeito aos fenómenos de além-túmulo; o filosófico, que interpreta os fenómenos e lhe estuda as leis; o religioso, baseado nas consequências morais que decorrem dos outros aspectos. Vê-se, pois, que o Espiritismo é um conjunto, e seus aspectos se completam, não podendo ser, portanto, separados. Nenhum dos três aspectos, por si só, formaria o Espiritismo. Neste caso, como noção básica, convém logo fixar o seguinte: o Espiritismo é um conjunto, um todo, composto de três partes inseparáveis.

Fontes

I — *Fontes* de consulta para este ponto: *Obras Póstumas,* de Allan Kardec, parte final, capítulo intitulado «Constituição do Espiritismo». Referência especial à palavra ESPIRITISMO: sub-capítulo X, do mesmo capítulo.

II — *Fonte* relativa à definição do Espiritismo: *O que é o Espiritismo,* de Allan Kardec (Prefácio).

III — *Fonte* geral: *Livro dos Espíritos,* de Allan Kardec (Introdução).

Nota — O resumo do 1.º ciclo já foi publicado no *Caderno doutrinário n.º 2,* em Dezembro de 1950.

Deixemos, agora, a generalidade e passemos, embora sumàriamente, às particularidades do assunto. Sobre este assunto, vamos reproduzir apenas uma síntese muito rápida dos estudos feitos durante o 2.º ciclo de estudos de 1950.

DIVISÃO DOS FENÓMENOS

Há dois grupos de fenómenos que interessam ao Espiritismo: os fenómenos anímicos, ou de animismo, e os fenómenos espiritas pròpriamente ditos. Os fenómenos de animismo não são os fenómenos de além-túmulo, mas entram, não podem deixar de entrar na fenomenologia espirita como um capítulo inicial.

Chamam-se anímicos porque se referem à alma (anima), isto é, são fenómenos produzidos pela própria alma do médium. Há, portanto, na fenomenologia espirita, dois grupos de fenómenos:

I — fenómenos produzidos pelo próprio médium (Animismo).
II — fenómenos produzidos por espírito desencarnado através do médium (Espiritismo).

Há quem diga que os fenómenos de animismo se enquadram melhor na psicologia experimental. Realmente esses fenómenos poderiam levar grande contribuição à psicologia experimental, se já houvesse menos preconceito na maioria dos centros de estudos científicos. É de esperar-se, todavia, que tanto os fenómenos anímicos como os próprios fenómenos espiritas venham ainda, cedo ou tarde, despertar interesse nas Escolas e nos círculos académicos. A Psicologia é, como se sabe, a Ciência da alma, pelo menos etimològicamente. O conceito de alma, porém, varia muito, segundo as doutrinas. Não podemos entrar neste assunto, porque, se o fizermos, teremos de sacrificar o espaço destinado à matéria de nossos estudos. Podemos dizer, porém, que os fenómenos do animismo, embora não sejam fenómenos do *outro mundo,* já provam, no terreno experimental, que a alma é independente da matéria. Sem que se chegue, pois, à esfera dos fenómenos espiritas, já se encontram, no campo do animismo, elementos bem seguros para a demonstração de uma das teses fundamentais do Espiritismo: a independência da alma em relação ao corpo. Os fenómenos anímicos, como se vê, interessam tanto ao Espiritismo como à Psicologia. Aos estudos do nosso grupo só interessam, porém, os fenómenos anímicos em face do Espiritismo. Passemos, pois, a outro ponto, de acordo com o programa deste período.

Fontes para o estudo geral dos fenómenos de animismo:

a) Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, cap. intitulado «Da Emancipação da Alma» (1).

(1) Embora não se encontre aí a palavra *animismo,* que designa os fenómenos produzidos pelo espírito do médium, segundo a terminologia moderna, a teoria geral do assunto está no *Livro dos Espíritos.* Temos aí, portanto, a base, a explicação do mecanismo desse tipo de fenómenos.

b) Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, cap. intitulado «Das Manifestações Visuais», cap. «Da Bicorporeidade e Transfiguração».

c) Gênesis, de Allan Kardec, cap. intitulado «Os fluidos», sub-capítulo «Vista Espiritual ou Psíquica».

d) Obras Póstumas, de Allan Kardec, cap. «Manifestação dos Espíritos», n.º 3 e seguintes; cap .«A Segunda Vista».

Outras fontes, para desenvolvimento da cultura sobre o assunto:

Animismo e Espiritismo, de Aksakof (obra considerada clássica nesta matéria, mas muito rara).

Animismo ou Espiritismo?, de Ernesto Bozzano (obra indispensável aos estudiosos do assunto). As obras de Bozzano, aliás diversas, são muito conhecidas no Brasil. Naturalmente os que desejam fazer cultura procurarão ainda outras.

Indicamos apenas, como orientação didáctica, as fontes mais directas para que os principiantes na doutrina possam encontrar ponto de partida.

Terminada esta ligeira exposição, com a necessário indicação das fontes básicas, que é, aliás, uma necessidade pedagógica em todos os estudos regulares, passemos a outro aspecto. Note-se ainda que Aksakof, em *Animismo e Espiritismo,* põe a divisão dos fenómenos mediúnicos em três categorias:

1.ª fenómenos de *personismo* ou intramediúnicos, caracterizado pelo desdobramento da consciência;

2.ª fenómenos de *animismo,* produzidos pelo espírito do próprio médium, sem a interferência, portanto, de espíritos desencarnados ou de além-túmulo;

3.ª fenómenos de *espiritismo,* por espírito desencarnado.

A divisão de Aksakof é minuciosa, mas na categoria de fenómenos anímicos podemos muito bem reunir as duas primeiras categorias. Como hipótese de trabalho, o fenómeno de *personismo* poderia até ser estudado como subdivisão do animismo.

Para Aksakof, que foi um dos maiores experimentadores da fenomenologia em todos os tempos, o fenómeno de *personismo* consiste no seguinte: certas pessoas, pelo desdobramento da consciência, adquirem, às vezes, personalidade estranha, apropriam-se do nome e do carácter de outra personalidade. Aksakof indica, como exemplo, a escrita inconsciente. O ser psíquico desdobra-se, portanto, vai além da esfera pessoal. São intramediúnicos esses fenómenos, segundo Aksakof, porque eles se realizam nos «limites da esfera corpórea do médium». De qualquer forma, o fenómeno de *personismo* é uma das modalidades de fenómenos de *animismo,* cuja designação abrange todos os fenómenos oriundos do próprio médium. A classificação de Aksakof, todavia, é muito interessante, porque fixa um tipo de fenómenos que comporta estudos especiais. A maioria dos autores, porém, prefere a divisão geral dos fenómenos em dois grupos apenas: *animismo* e *espiritismo.*

Quem quer conhecer bem o Espiritismo não pode deixar de estudar os fenómenos de *animismo.*

Ernesto Bozzano, outro experimentador dos mais categorizados no assunto, chega a dizer que o *animismo explica o espiritismo.* Vê-se, pois, que é de grande importância o estudo metódico dos fenómenos anímicos em qualquer curso desta natureza. Por falta de conhecimento do assunto, muitas pessoas cometem frequentemente o engano de atribuir a espíritos desencarnados certos fenómenos que têm origem no próprio médium, neste mundo, portanto, e não, como parece, no «outro mundo».

Antes do encerramento desta parte, precisamos de fazer algumas observações, que nos parecem indispensáveis. O fenómeno de animismo, embora não seja pròpriamente fenómeno espirita, porque não é produzido, como já foi dito, por espírito desencarnado, não é simulação, não é sugestão, como se diz constantemente. Não! É um fenómeno real, positivo, importante, com a diferença apenas de que forma uma categoria diferente da categoria dos fenómenos do «outro mundo».

Quando, por exemplo, se afirma que na sessão tal ou qual não houve manifestações de espíritos, logo se diz «tudo ali era puro *animismo*». Confunde-se, portanto, animismo com mistificação, com sugestão, etc. Isto é um erro. Emprega-se correntemente a palavra *animismo* para significar mistificação ou sugestão, quando na realidade animismo é outra coisa. A palavra *animismo,* na linguagem comum, tem sido empregada, até, no sentido pejorativo.

No sentido técnico, porém, a palavra tem emprego determinado. Os fenómenos anímicos ou de animismo têm a sua característica e o seu campo de acção. Dentro da terminologia técnica, a palavra *animismo* tem o seu lugar, a sua acepção definitiva.

Vamos concluir esta parte. Já por aqui, no terreno do *animismo* apenas, podemos encontrar elementos que contrariam fundamentalmente a tese materialista, uma vez que os fenómenos anímicos provam a independência entre a alma e o corpo, tanto assim, que aquela, por vezes, em estados especiais, se desprende daquele. Torna-se indispensável, a este respeito, o conhecimento das propriedades do perispírito (elemento fluídico, intermediário entre o corpo e a alma) para que se compreenda o mecanismo de certos fenómenos anímicos. Este assunto, porém, será objecto de estudos na ocasião em que estiver em foco a parte científica do Espiritismo.

FENÓMENOS ESPIRITAS

A classificação dos fenómenos espiritas ou de além-túmulo está no *Livro dos Médiuns,* de Allan Kardec, livro básico da doutrina espirita, especialmente para quem quiser conhecer a parte evperimental do Espiritismo. Allan Kardec dividiu os fenómenos *espiritas* em dois grupos: *a) manifestações físicas; b) manifestações inteligentes.* Convém deixar, desde logo, o seguinte princípio fundamental do Espiritismo: *todas as manifestações de espíritos, sejam de efeitos físicos, sejam intelectuais, revelam a existência de um princípio inteligente.* O facto, portanto, de Allan Kardec haver dividido os fenómenos em dois grupos (físicos e inteligentes) não quer dizer que os fenómenos de efeitos físicos não sejam oriundos de uma inteligência. Os fenómenos de efeitos físicos, por mais grosseiras que sejam as suas características, dependem sempre da inteligência do espírito, porque toda a fenomenologia espirita está baseada neste princípio: A TODO EFEITO INTELIGENTE CORRESPONDE UMA CAUSA INTELIGENTE. Manifestações físicas são aquelas que produzem efeitos sensíveis e materiais (contactos físicos, pancadas, deslocamento e levitação de objectos, etc.) ao pas-

so que as manifestações *inteligentes* são as que revelam coordenação do pensamento, não se realizam bruscamente como certas manifestações de efeitos físicos. No grupo das manifestações inteligentes encontram-se as de natureza puramente intelectual. Enquanto as manifestações físicas se reconhecem pelos efeitos materiais, as manifestações intelectuais são reconhecidas pelo conteúdo.

Há três fases na parte experimental do Espiritismo, tal como ocorre, de um modo geral, nas ciências experimentais ou de laboratório: *observação, experimentação* e *dedução*. Até certo ponto, como diz Allan Karec (Génesis, cap. I n.º 14), «como meio de elaboração, o Espiritismo procede exactamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental». É claro que o Espiritismo, neste terreno, se serve também do método indutivo, isto é, o método que parte dos efeitos para as causas, dos factos particulares para as leis gerais, porque, como ensina Kardec, «remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege». O método dedutivo é, ao contrário, o que parte do geral para o particular, da causa para o efeito. O Espiritismo tem a sua parte dedutiva no campo filosófico, mas o campo experimental emprega a indução, como as outras ciências. De certo ponto em diante, porém, o Espiritismo exige metodologia própria, porque os seus fenómenos são diferentes dos fenómenos peculiares às ciências humanas. No laobratório de química ou física, por exemplo o operador, desde que conheça as leis e tenha o material suficiente, sabe de antemão que vai produzir tal ou qual fenómeno, pode até *afirmar* por antecipação que vai obter o fenómeno.

Já no campo da fenomenologia espirita não se pode proceder assim. Ninguém, por mais conhecimento que tenha do Espiritismo, pode *garantir*, por antecipação, que vai obter um fenómeno, porque a produção do fenómeno espirita não depende da vontade do experimentador. Veja-se, pois, a diferença entre a ciência espirita e a ciência humana:

a) na ciência humana (química, física, botânica, etc.) o homem de laboratório lida com moterial passivo, sem inteligência: nem a matéria prima nem o instrumento têm inteligência, porque inteligente é sòmente o experimentador;

b) na ciência espirita a situação é outra: a matéria prima (espírito) é inteligente, tem vontade; o instrumento (médium) é também inteligente, tem vontade, tem reacções, está sujeito a disposições ou indisposições imprevistas; o experimentador não *domina*, portanto, os elementos como o químico domina o seu material de laboratório.

Tudo isto, em poucas palavras, pode ser assim resumido: na ciência humana, o experimentador faz o que quer; na ciência espirita, o experimentador pode influir, pode provocar, mas não pode *forçar* a produção do fenómeno, porque o espírito é inteligente, pode querer ou não querer manifestar-se, como ainda está sujeito à situação do médium e, muitas vezes, às condições do ambiente. Em suma, o fenómeno espirita não se opera com a mesma facilidade com que se operam outros fenómenos, uma vez que NÃO DEPENDE DA VONTADE HUMANA, embora esta, em determinados casos, possa ter influência, ainda assim mesmo, relativa. Diante de tudo isso, vamos fixar, aqui, mais um ponto de orientação: embora o Espiritismo, como ciência experimental, adopte o método indutivo (do particular para o geral) que é o método universalmente adoptado nas ciências positivas, não se pode subordinar o fenómeno do além-túmulo ou fenómeno espirita, de um modo absoluto, às regras invariáveis das ciências humanas, porque o Espiritismo tem método próprio, de acordo com as circunstâncias. Se, na generalidade, o Espiritismo também emprega o método comum às outras ciências, em suas particularidades exige método especial, justamente porque os seus fenómenos são diferentes, constituem, como se sabe, uma categoria especial, porque são fenómenos de origem e natureza diferentes. Voltemos às três fases da experimentação: *observação, experimentação pròpriamente dita e,* finalmente, dedução.

a) A *observação* é espontânea, natural, ao passo que a experimentação é provocada, preparada prèviamente. A *observação* é a fase inicial, até certo ponto passiva, porque o observador se limita a observar sem a menor interferência nos trabalhos.

b) Depois da observação, vem a *experimentação,* a fase científica, porque não é mais passiva nem empírica. Enquanto na *observação* o assistente ou estudioso espera naturalmente que o fenómeno se verifique, na *experimentação* já se provoca o fenómeno, tenta-se obter comunicação. O experimentador, já nesta fase, tem participação directa no fenómeno, colabora activamente com o médium. De qualquer forma, porém, o fenómeno anímico ou espirita, mesmo *provocado,* não depende inteiramente da vontade pessoal. Este princípio é fundamental no Espiritismo. A experimentação é, portanto, a fase em que se começa a trabalhar com o suficiente conhecimento do assunto, com preparação prévia. Enquanto não há preparação nem conhecimento do assunto, o que se verifica é apenas empirismo, tentativa, e não, pròpriamente, *experimentação* no sentido científico.

c) Dedução. O Espiritismo tem, como todo o conhecimento científico, a sua parte dedutiva. Depois da experiência ou experimentação, vem a dedução. Que é deduzir? É tirar conclusões depois de se conhecer uma coisa, num fenómeno, etc. Apesar de ser a fenomenologia a parte prática ou experimental do Espiritismo, não pode deixar de ter consequência de ordem lógica. É a parte que toca, portanto, ao raciocínio. A dedução é uma operação puramente lógica, mas indispensável em todo o conhecimento organizado. Tem-se o facto, o elemento conhecido, portanto, e desse facto deduzem-se consequências para completar o trabalho. A dedução é, finalmente, a última fase da experimentação científica. Suponhamos que, na sessão espirita do Centro A, o espírito B se comunique, repetidas vezes, pelo médium C, em diversas experiências, mas não se comunique pelo médium D. Faz-se a experiência, tomam-se precauções, repete-se o fenómeno. Diante de tantas repetições do mesmo fenómeno, fica provado que realmente o espírito B pode manifestar-se pelo médium C, mas não pode ou não quer manifestar-se pelo médium D. Qual a razão? Tem-se aí o elemento conhecido, o que está provado, isto é, o facto de B se manifestar por C mas não se manifestar por D. Provado isto, temos de deduzir alguma coisa. Qual a dedução a tirar daí? A de que o espírito de B tem afinidade com C mas não tem afinidade com D. É a parte dedutiva da experimentação científica.

Encerram-se aqui as considerações relativas aos fenómenos anímicos e espiritas. Com esta parte, de acordo com o programa, completamos a matéria doutrinária do 2.º ciclo de estudos de 1950.

LIVROS DE TODO O MUNDO

Anotados por I. D. S.

CARAVANA DA FRATERNIDADE, por *Leopoldo Machado.*

Mais um livro deste operoso escritor brasileiro, o maior polígrafo do Espiritismo em terras de Santa Cruz, que tão depressa nos dá uma lição profunda sobre o problema da natalidade (ver «Doutrina Inglória»), nos delicia com maravilhosos contos de fundo espirita («Consciências» e «Para o Alto»), nos proporciona momentos de verdadeiro enlevo espiritual (2 vol. de «Teatro Espiritualista» e 1 vol. de «Teatro da Mocidade»), nos leva Brasil em fora comungando em fogo sagrado («Ide e Pregai»), nos faz vibrar em arroubos de entusiasmo, defendendo o Espiritismo de adversários traiçoeiros («Pigmeus contra Gigantes»); tão depressa — dizíamos — nos apresenta um quadro biográfico (Uma Grande Vida»), em que palpita o traço psicológico, como nos dá planos de orientação e organização («Observações e Sugestões») cheios de oportunidade e bom senso, eivados de verdadeiro amor à Doutrina.

O volume que nos foi enviado é semelhante ao «Ide e Pregai», publicado em 1942 e que lemos cheios de entusiasmo, não só pela bela descrição da viagem ao Nordeste brasileiro, como pela finura da observação e traços fortes das pessoas com quem conviveu. É semelhante a este o «Caravana da Fraternidade», livro de 315 páginas vazadas em estilo fácil e cheias de descrições e impressões relativas a uma excursão ao Norte, de Salvador a Manaus, de que faziam parte o autor, Lins de Vasconcelos, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli, o médium Ary Casadio e, depois, Luís Burgos Filho.

Foram onze os Estados percorridos, em cujas capitais vibrou o maior entusaismo pela unificação do Espiritismo simbolizado no *Pacto Áureo,* de que saíra o Conselho Nacional Federativo, integrado na Federação Espirita Brasileira. Leopoldo Machado foi, sem dúvida, a mola real deste arrojado empreendimento. A sua popularidade, a sua vasta cultura e o seu dinamismo elegeram-no espontâneamente a timoneiro dessa caravana histórica que tão belos frutos colheu para o ideal comum. Acresce uma nota importante: todas as despesas de transporte foram custeadas pelos caravaneiros.

O movimento espirita brasileiro encontrava-se algo dividido e era necessário dar um grande passo no caminho do reajustamento de opiniões, tomar contacto com muitas localidades em que a divisão era maior e, por isso, a escolha dos viajantes não podia ter sido melhor.

Escrever sobre este livro é narrar o esforço do grupo famoso que em 40 dias de acção permanente fundou a *União Social Espirita da Bahia,* a *Federação Espirita Sergipana,* a *União Social Espirita de Pernambuco,* a *União Espirita Cearense,* a *Federação Espirita Piauiense* e a *Federação Espirita Maranhense,* depois de extinguir divergências e melindres, os tais «diabinhos coxos» que aparecem em toda a parte. Quarenta dias de marcha triunfal, através da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Parnaíba, Maranhão, Pará, etc., e volta a Minas Gerais, onde a caravana se dissolveu em 13 de Dezembro de 1950.

Além da acção pròpriamente espirita, houve conferências culturais, quase todas a cargo de Leopoldo Machado, que obteve autênticas consagrações na atitude dos auditórios que o aclamaram sem reservas.

De volta a Nova-Iguaçú, o autor adoeceu gravemente e muito tempo esteve entre a vida e a morte. Depois veio o reequilíbrio e o trabalho.

A leitura deste livro deixou-nos impressão lisonjeira. Está bem escrito, polvilhado de episódios que amenizam a leitura e variado em sua execução. O autor carreou todos os dados necessários à compreensão da arrojada empresa, com a qual o Alto colaborou estreitamente. Não é obra de leigo. É obra de lutador, um lutador que fundou e dirige o *Colégio Leopoldo,* que criou o *Lar de Jesus* para crianças desvalidas, que foi director-presidente do *Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade,* que é ou foi director do *Albergue Nocturno Allan Kardec* e da *Confraternização Espirita Lar de Jesus,* membro do *Conselho Fraterno da Legião da Boa Vontade,* do Rio de Janeiro, vice-presidente da *Confederação Espirita Pan-americana,* professor da *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos,* membro do *Conselho Federativo Nacional,* o principal animador do movimento de *Mocidades Espiritas,* colaborador de vários jornais, entre eles a *Vanguarda, O Mundo,* etc., etc., que escreveu dezenas de livros que lhe caracterizam a personalidade, que colaborou e colabora em quase todos os jornais espiritas brasileiros e alguns estrangeiros, sempre com ideias aprumadas, sem um deslise, uma incoerência, a despeito da saúde precária...

Além da narrativa aliciante e de vez em quando pitoresca, o livro insere artigos de alguns confrades visitados e citações da imprensa espirita e profana, como índice de repercussão do acontecimento. Mas tudo concatenado e arrumado com mão-de-mestre, que Mestre é Leopoldo Machado, escrevendo, falando ou leccionando.

Obra leve, escrita de bom humor, espelhando almas e paisagens em holocausto à fraternidade e demonstrando o poder da vontade ao serviço de uma causa universalista, devia ser lida por todos os espiritas portugueses, que assim avaliariam como se trabalha no Brasil irmão e amigo, onde a razão e a fé construiram redutos inexpugnáveis que se traduzem em decisão prodigiosa radicada nas mentalidades abertas à codificação kardeciana.

O exemplo de rara envergadura dado pelos caravaneiros com sacrifício de seus interesses pessoais, na época de maior calor do ano, quando apetecia ficar em casa ou gozar boas férias em praia magnífica, fica como padrão indelével de quanto pode a dedicação e a renúncia a bens materiais.

Estas facetas descreve-as o autor, ora em tom suave, ora com notável desassombro, principalmente quando responde a certos críticos baratos que meteram foice em seara alheia.

«Caravana da Fraternidade» é um livro útil e necessário. Além do incitamento que promove, ficará para a história do Espiritismo como elemento precioso e já agora indispensável, tantos são os factos que descreve, as soluções que aponta, as individualidades que nomeia, ligadas ao movimento espirita nordestino, que dia-a-dia se vai ampliando, mercê de arautos que surgem nas florescentes mocidades, dispostos a manter o fogo sagrado do ideal rejuvenescido.

Se nos lembrarmos da imensidão do Brasil e que de Manaus a Belém do Pará a viagem de avião demorou 9 horas, será fácil avaliar o esforço hercúleo de tão esforçados pioneiros.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

FENÓMENO RARÍSSIMO

Sob este título inseriu o *Reformador*, do Rio de Janeiro, um relato interessantíssimo acompanhado de gravura elucidativa que transcrevemos na íntegra:

«O *cliché* que aqui inserimos, no tamanho exacto da fotografia que nos foi enviada, apresenta-nos um caso originalíssimo que merece ser estudado pelos materialistas.

«Viajando pela Europa em companhia da Ex.ma família, fotografando sempre as paisagens que mais lhe agradavam, o sr. Joaquim Gomes da Silva, residente em Recife, capital do Estado de Pernambuco (Brasil), resolveu pedir a sua filha que o fotografasse ao lado de sua esposa, à frente do *Cassino de Interlaken*, na Suiça. E a chapa foi batida, com permissão dos guardas do Cassino, em 17 de Maio de 1953, entre as 17 e 18 de lá, hora em que os relógios do Recife marcam 13 e 14 horas.

«Ao chegar a Portugal, o sr. Joaquim Gomes da Silva mandou revelar o filme, que continha 36 chapas. E qual não foi a sua surpresa ao ver na fotografia, perfeitamente nítida, a figura do seu e nosso amigo Dr. Octávio Coutinho, Juiz de Direito aposentado, residente em Recife, e que nessa cidade se encontrava!

«O Dr. Octávio Coutinho, ao lhe ser mostrada a fotografia, que então fora enviada a uma sua filha, pois o sr. Gomes certamente supôs que o seu dilecto amigo tivesse desencarnado, reconheceu-se, como reconheceu a roupa, o calçado, a gravata e o alfinete que nela se vê, tudo, como seu.

«Disse-nos o Dr. Octávio que pensava constantemente nos seus amigos distantes e que, após o almoço, entre as 13 e 14 horas, costuma fazer a sesta, dormindo numa cadeira de embalo, no terraço da sua residência, à Rua Afonso Pena, 303, na cidade de Recife.

«A mancha esbranquiçada que se nota na região do ombro esquerdo do sr. Joaquim Gomes da Silva e aquela espécie de cortina branca não existente no local fotografado indicam que houve formação de massa ectoplásmica, ainda que invisível aos olhos dos circunstantes.

«*Reformador* raramente apresenta em suas páginas casos e mais casos que surgem aqui e ali, às dezenas, senão às centenas, no correr do ano. E isto por motivo muito simples: tais casos são-nos relatados, ora por pessoas que não conhecemos suficientemente, ora por outras que não acompanham os casos de uma descrição completa e que não deixe dúvidas aos leitores, quanto à sua veracidade.

«Agora, porém, o caso, além de raríssimo, senão único nos anais do Espiritismo, passou-se com duas pessoas por nós sobejamente conhecidas e cuja honorabilidade paira acima de qualquer dúvida: o ilustre juiz Dr. Octávio Coutinho e o grande industrial pernambucano sr. Joaquim Gomes da Silva».

E mais adiante, conclui o articulista:

«Cremos desnecessário explicar como se processou o fenómeno de um ser humano, vivo e cheio de saúde, se transportar em espírito, além-mar, a tão grande distância e se deixar fotografar tão nitidamente, enquanto dormia tranquilo em sua residência.

«A explicação é desnecessária e qualquer espírita a conhece; todavia, o caso merecia ficar registado e, por isso mesmo, aqui o deixamos para os nossos leitores».

É com o maior prazer que registamos fenómeno tão extraordinário passado com o nosso querido amigo, colaborador e patrício, Joaquim da Silva Gomes, e não Joaquim Gomes da Silva, representante de *Estudos Psíquicos* na capital pernambucana.

De facto, a gravura publicada no *Reformador* é bem clara, para que possam resultar dúvidas a respeito. Só lamentamos não poder reproduzi-la, em virtude de lhe faltar nitidez para trabalho desta natureza.

PROMESSA CUMPRIDA

El Siglo Espirita, do México, publica um artigo de Ricardo Rojas Rueda, intitulado «Porque sou espírita» e que arquivamos nestas colunas:

«Corria o ano de 1922 e eu vivia nas ruas de João de Deus Peza, n.º 7, Colónia Obreira, com minha mulher e dois filhos: Guilherme e Ricardo. O primeiro tinha 5 anos de idade e desde o nascimento que era muito doente e por isso cresceu com certas perturbações mentais; no entanto, era de muito bons sentimentos.

«Uma manhã saiu à rua e não regresou. Quando cheguei do trabalho, minha mulher recebeu-me com a terrível notícia da perda de meu filho. Já o tinha procurado por toda a parte, sem o encontrar. Imediatamente fui à Polícia, à rua Vermelha, à Cruz Verde, e tudo inútil. Em parte alguma me puderam dar notícias dele. Voltei então a casa, como é natural, com o coração despedaçado, sem saber o que faria. Tinha de procurar o meu filho; mas que caminho deveria seguir?

«Nesse momento, minha mulher disse-me que a tinham aconselhado a ir a um Centro Espírita da rua de S. João de Latrão. Dirigimo-nos precipitadamente àquele lugar, que desconheciamos, visto que estavam ali todas as nossas esperanças. Nunca havíamos entrado num centro espírita. Como já tivesse começado a sessão quando entrámos, sentámo-nos sem dizer nada a ninguém e ficámos admirados, quando uma das entidades comunicantes se nos dirigiu, embora não tivéssemos revelado o nosso intuito, e nos disse que fôssemos dormir, que eles — os espíritos — se encarregavam de nos levar o nosso filho na manhã do dia seguinte. Retirámo-nos um tanto desmoralizados, apesar de, no fundo, alentar alguma esperança. Que noite terrível! Não pudemos conciliar o sono. Mil pensamentos trágicos nos cruzavam a mente e as horas pareciam eternas. Por fim já se ouvia o canto dos galos e principiava a clarear a manhã. Depois os primeiros raios de sol penetraram naquela estância onde tudo era desolação e lágrimas. E mal tinham soado no relógio as 8 horas da manhã, logo um caminhão de carga parou em frente da minha casa. Abri imediatamente a porta e no mesmo instante o *chofer* descia da cabina do veículo com o meu filho pela mão, dizendo-me que o encontrara sòzinho, muito longe na estrada de Puebla.

«Onde ia meu filho por esse ca-

minho solitário e longínquo? Quem moveu o coração dos tripulantes do caminhão para recolhê-lo e desviarem-se da sua rota para o trazer a casa? O espírito comunicante dissera que na manhã seguinte se encaregariam de o trazer a nossa casa e a sua promessa fora cumprida à letra. Na manhã seguinte meu filho regressava ao lar paterno.

«Com essa grande prova, quem se não converteria, por muito empedernido que fosse? Nesse instante entrou em mim a verdade espírita. Abracei carinhosamente o Espiritismo e gravei no meu coração o nome daquele Centro, que se chamava *Caridade* e *Consolo*».

A maioria das conversões baseiam-se em factos que abalam as mais fortes mentalidades.

MOCIDADES ESPIRITAS

Da *Oitava Concentração de Mocidades Espiritas do Brasil e do Estado de S. Paulo,* a realizar em Jundiaí no próximo ano de 1955, recebemos atenciosa carta em que se nos comunica ter sido escolhida esta cidade para sede da Concentração.

Mais se nos diz que é um movimento de confraternização entre os jovens espiritas dos Estados de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, que teve origem em 1948 na cidade de Barretos.

O certame reservará um dia para sessão de perguntas e respostas sobre temas evangélico-doutrinários.

O Conselho Directivo é formado pelos seguintes confrades: *Presidente* — Dr. Altivo Ferreira, de Santos; *Secretário* — Alcides Sarmento, de Jundiaí; *Tesoureiro* — Orlando Airton Toledo, de Araraquara; *Vogais* — Waldo Vieira, de Uberaba, e Laert Ferreira Araújo, de Goiânia.

Todos estes confrades são muito conhecidos e estimados entre as Mocidades Espiritas brasileiras. Lembramo-nos muito bem da acção desenvolvida no Congresso das Mocidades pelo então estudante de medicina que agora aparece à frente deste Conselho como inteligente facultativo destinado a largo futuro na profissão escolhida, e do estudioso Waldo Vieira, de quem publicámos um trabalho intitulado «A Materialização», muito bem pensado e articulado. Os restantes são igualmente nossos conhecidos, como valores operosos e dedicados à Causa, pois *Estudos Psíquicos* continua a seguir o esforço das Mocidades Espiritas brasileiras com a mesma simpatia e a mesma ansiedade de sempre. Não olvidamos a especial deferência de que foi objecto a nossa revista no memorável acontecimento impulsionado por esse grande arauto que é Leopoldo Machado, uma das maiores figuras do Espiritismo universal. O carimbo destinado a toda a correspondência do Congresso: «Assinem *Estudos Psíquicos*, a melhor revista de língua portuquesa», representou para nós a maior satisfação da nossa vida. Tivemos até ocasião de publicar uma reportagem ilustrada que foi considerada a melhor de quantas se publicaram sobre o Congresso. Assim, não admira que façamos os mais sinceros votos pelo bom êxito da *8.ª Concentração das Mocidades Espiritas* e ponhamos as nossas páginas ao serviço dos seus lógicos objectivos.

Nada esqueceu aos organizadores, que distribuíram largamente horários de viação com setas indicativas e todas as informações necessárias.

Agradecemos os folhetos que nos enviaram. Se a *Concentração* coincidir com a nossa viagem ao Brasil, faremos o possível por assistir aos seus trabalhos e incitar de viva voz esses bravos rapazes que se preparam para as lides de amanhã.

CONGRESSO ESPIRITA INTERNACIONAL

Como dizemos noutra página, o nosso redactor António Cardoso dará no próximo número desenvolvido relato das actividades deste Congresso reunido em Amesterdão, no qual o delegado turco, Dr. Sevil Akay, causou enorme impressão pela maneira como se apresentou, após 13 dias de viagem automobilística pela Grécia, Jugoslávia, Áustria e Alemanha. Uma frase lhe bastou para saudar os congressistas e o resto do tempo dedicou-o a formular à Direcção da Federação Espirita Internacional o maior número de perguntas que poderiam ser feitas num discurso. Todas as perguntas foram devidamente numeradas e subdivididas em secções.

O movimento espirita na Turquia está em desenvolvimento e por isso se justifica a atitude do seu delegado.

Agora, uma informação queremos dar aos leitores: tanto a Rainha Juliana como o presidente da Câmara Municipal de Amesterdão não quiseram receber os congressistas.

A Holanda é nação protestante com forte minoria católica, e por isso o Espiritismo é anatematizado, a ponto de alguns jornais recusarem anúncios de organizações espiritas. Não admira, pois, o que se passou. São sinais dos tempos, é o *Espírito* encarcerado a renegar a própria existência, numa série de atitudes que, no fundo, são justificadas, devido à ignorância de certas verdades que modificariam a sociedade, se fossem assimiladas pela maioria.

Nem tudo, porém, são espinhos. O Secretário da Federação, sr. David Bedbrook, e outros membros da Comissão Executiva puderam utilizar os serviços da Rádio Europa, através dos quais foram entrevistados alguns delegados.

A CONVERSÃO DE UMA ESCRITORA DINAMARQUESA

O *Psychic News* de 19-12-953 publica um artigo de Rolf Carleson relativo à conversão da sr.ª Thit Jensen, escritora dinamarquesa, irmã de Johannes V. Jensen, laureada com o prémio Nobel. Aquela senhora assistiu há pouco a uma reunião de propaganda e revelou a sua conversão, dizendo que era médium desde a infância. Depois, numa conferência em Estocolmo, explicou como entrara em relação com parentes desaparecidos, mercê de suas faculdades psíquicas.

Um dia — era ainda criança — sentiu uma voz interior, pedindo-lhe que estudasse e se desenvolvesse: «Deves ler muito para seres nosso instrumento».

Caindo gravemente doente durante uma epidemia, teve uma visão angélica que lhe disse que não tivesse medo, pois a cura era certa.

E quando o médico disse a sua mãe que ela não sobreviveria, a mesma voz voltou a confirmar:

— Não tenha receio; não morrerá.

Entretanto, um irmão seu falecia, depois de um pacto que fez com a irmã: o primeiro que partisse tentaria manifestar-se. Algumas semanas após o doloroso acontecimento, a sr.ª Jensen ouviu, de noite, alguns passos no quarto contíguo àquele em que dormia. Os passos aproximavam-se cada vez mais, até que sentiu um braço estender-se-lhe sobre a cabeça, repetindo o gesto três vezes, conforme a promessa feita pelo irmão. Jensen ficou muito nervosa e suplicou:

— André, peço-te que não voltes. Tenho medo.

E o fenómeno cessou.

Mais tarde, André anunciou que era o guia da irmã e comunicou-se muitas vezes pela escrita.

A sr.ª Jensen escreveu numerosos livros em que relata as suas experiências, tornando-se uma propagandista activa que começava sempre as conferências com a mesma frase:

— Eu sou espirita...

Notas & Comentários

TRANSCRIÇÕES

São muito numerosas as publicações brasileiras e sul-americanas que nos honram com transcrições. É um motivo de júbilo que nos apraz registar, pois demonstra a união de vistas que existe entre Estudos Psíquicos *e os seus colegas de além-Atlântico.*

Graças a um esforço que poucos sabem avaliar, temos procurado manter os leitores ao corrente dos maiores acontecimentos espiritas mundiais, alguns deles fornecidos em primeira mão, demonstrando assim que estamos atentos ao serviço da Doutrina.

Nesta rota continuaremos, enquanto nos for possível. Uma revista moderna deve inserir matéria de interesse geral dentro do programa traçado, nunca desprezando oportunidades de pôr em relevo a beleza e a força desta grande causa.

O noticiário vulgar não constitui, por si, verdadeira propaganda. Essa está no acontecimento de relevo a que é preciso dar forma e cor, sem fugir à verdade. É o que temos feito sempre, em termos de correcção, evitando polémicas, cuja finalidade é desagregar.

A leal camaradagem de tantos jornais e revistas, incluindo alguns europeus, como La Revue Spirite, *de Paris, é incentivo ao trabalho e sinal de que seguimos o bom caminho.*

A todos, pois, os nossos agradecimentos.

A SOBREVIVÊNCIA

A marcha do Espiritismo não cessa de exercer-se em todos os sentidos: no campo, na cidade, nas próprias igrejas, através do livro e do jornal.

O grande hebdomadário Ici-Paris *tem publicado interessantes artigos baseados em assuntos psíquicos e espiritas, subscritos por jornalistas de grande envergadura, alguns dos quais autores de livros que correm mundo em sucessivas edições.*

Há pouco vimos ali um trabalho honestíssimo devido à pena de Paul Rigel, intitulado: «Les Etres chers qui nous ont quittés nous aiment encore dans l'Au-delà et l'on peut photographier leur présence à nos côtés» (Os entes queridos que nos deixaram amam-nos ainda no Além e podem fotografar-se a nosso lado).

É um artigo em que se demonstra a verdade da sobrevivência da alma humana e que muita consolação deve ter levado aos leitores do conhecido semanário.

Que pena os nossos jornais profanos serem infensos a estes assuntos e demonstrarem completa ignorância acerca de espiritismo! Quantos leitores não haverá que gostariam de ler artigos semelhantes aos de Ici-Paris *e que estão reduzidos ao palavriado insosso das agências! Pobre imprensa, reduzida à expressão mais simples da vacuidade mental! Quando atingirás a idade madura e servirás conscientemente as prerrogativas do Espirito, esse foco energético que sobrevive às intempéries sociais e zomba da fúria dos elementos?...*

AINDA A CÉLEBRE PASTORAL

No último número de Estudos Psíquicos *prometemos voltar ao assunto da Carta-Pastoral do Bispo de Juiz de Fora, a que os jornais brasileiros se referiram. Eis o que* La Revue Spirite de Abril de 1927 *escreveu:*

«Tendo surgido dúvidas sobre a autenticidade de uma carta-pastoral que publicámos em Setembro de 1926 e que traduzimos de revista estrangeira a que demos crédito, fizemos um inquérito com a colaboração da imprensa brasileira, verificando-se que a dita carta, considerada recente (1926), é muito antiga, por ter sido impressa no Brasil, desde 1916. Existia então em Juiz de Fora um bispo, Francisco Frederico, «Patriarca da Igreja Católica Brasileira». Tal igreja era muito recente constituida por eclesiásticos dissidentes de Roma por questões de infalibilidade papal, estudo do Evangelho e celebração do culto em língua portuguesa e não em latim. F. Frederico tinha, na verdade, sido bispo católico-romano, mas já o não era havia pouco, provindo daí a confusão. Ele próprio dizia: «Sou bispo católico-romano», subentendendo «brasileiro reformista». Desta forma, a carta era autêntica. Sòmente perante Roma era inexacta a qualidade de seu autor».

E depois de dizer que a Tribuna Espirita, *de Bagé, o* Eco da Verdade, o Brasil-Espirita, *a* Revista de Espiritualismo, *de Curitiba, a* Revista Internacional do Espiritismo, *de Matão, e Constância, de Buenos Aires, lhe forneceram elucidações complementares, conclui assim o comentário:*

«Achamos que a imprensa afecta à Causa Espirita deve ter o maior cuidado nas informações. Há numerosos factos aproveitáveis no campo da doutrina e da experiência, sem ser necessário forçar a verdade. Tais erros arrastam a funestas consequências. A nossa verdade é bela e há-de impôr-se. Não vale a pena caminhar mais depressa do que ela. É trabalho pouco edificante».

Estamos de absoluto acordo com La Revue Spirite, *valorosa revista de Allan Kardec, cujos 97 anos de existência a impõem a todos os pioneiros do Espiritismo mundial. Assim o exprimimos no número passado e assim o afirmaremos sempre. Que os confrades brasileiros vejam nestas palavras um desejo elevado e construtivo e não crítica negativa, fora dos desígnios de* Estudos Psíquicos.

O ESPIRITISMO NA INGLATERRA

Após as notícias que temos acerca do Espiritismo na livre Inglaterra, segundo as quais este é considerado como religião pelo governo do Estado, temos a acrescentar que o médium Aichinson, sargento das Forças Armadas, foi designado pelo Ministério da Guerra como capelão espirita para as tropas terrestres. Nesta conformidade — assim o afirma o Psychic News, *de Londres — terá liberdade de realizar sessões espiritas no quartéis e organizar grupos de soldados, os quais serão inscritos na «religião espirita».*

Em face disto, que dizer dos ataques sistemáticos à Doutrina levados a efeito por católicos, protestantes e materialistas? A caravana avança silenciosamente, enquanto os profissionais do riso opilam as belfas em esgares truanescos. Como dizia Junqueiro, não se encobre o sol com apagadores de lata de uma igreja...

Noticiário

REABERTURA DE TRABALHOS

No próximo dia 3 de Outubro, o Centro Espiritualista Luz e Amor reabre as suas portas, a fim de iniciar novo ciclo de trabalhos.

Esperamos que todos continuem nos seus postos, estudando e trabalhando na medida das possibilidades, carreando elementos novos para a obra em que estamos empenhados. Nada mais se pede, nada mais se precisa. Discernimento, firmeza e boa vontade, elementos necessários e suficientes para impulsionar a obra comum.

Temos as melhores esperanças de continuação homogénea e segura. Assim, a Causa Espirita manterá aqui o mesmo baluarte, com a tripulação em forma.

O estado actual do mundo suscita apreensões e só os cegos voluntários não verão nem avaliarão o drama que se aproxima. Ergamos, pois, as nossas preces em acção votiva.

ROUPA USADA

Respondendo ao nosso pedido de roupa usada, recebemos uma série de peças de vestuário de uma senhora de Leiria que deseja manter o anonimato. O seu gesto de solidariedade espirita foi altamente apreciado por todos nós, que lhe retribuímos em vibrações de agradecimento e simpatia.

Fazemos votos pela imitação do seu gesto, nobre em todos os sentidos, pois a roupa chegou aqui esmeradamente lavada e passada a ferro.

Lembremo-nos de que o supérfluo de uns é a necessidade de outros e que o futuro é incerto para todos. Quem dá hoje pode receber amanhã. Por isso, a solidariedade é a única forma lógica de auxílio mútuo. Não avilta, como a esmola.

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez avisamos os possíveis correspondentes de que devem enviar 2$50 em selos postais, sempre que desejem alguma informação. Não dispondo de fundos para esas despesas e sendo muitos os que se nos dirigem a pedir esclarecimentos, é natural que fiquem sem resposta.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS

Continuando em nossa faina de benfazer, distribuímos mais os seguintes brindes de livros espiritas aos confrades abaixo mencionados, a quem apresentamos os nossos cumprimentos:

«Pierino Gamba, o menino maestro à luz de nova psicologia»—Jaime da Silva Sabino, de Aveiro.

«Cientismo e Espiritismo»—D. Marília Lameiras Fernandes, de Lisboa.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO DE 1954

Dia 3, domingo, às 16 horas — sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 5, terça-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 7, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 10, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 11, segunda-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigida por António Cardoso.

Dia 12, terça-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 14, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 17, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 19, terça-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 21, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 24, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «O Espiritismo no Estrangeiro» (Impressões do Congresso Espirita Internacional de Amesterdão).

Dia 25, segunda-feira, às 21.30— Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 26, terça-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 28, quinta-feira, às 21.30 — Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 31, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias

Nota — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios no uso pleno de seus direitos, devendo, para isso, estar munidos da última quota paga.

À ÚLTIMA HORA

Por intermédio do nosso confrade e amigo José Carlos de Chelmicki Afflalo, chega-nos a triste notícia do trespasse de Manuel Jorge Gaio, grande cooperador de *Estudos Psíquicos* e criador da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro. Embora tivesse atingido a casa dos 80, o facto causou-nos verdadeira surpresa.

No próximo número nos referiremos pormenorizadamente a este acontecimento. Que os mensageiros de Jesus auxiliem o elevado espírito que acaba de abandonar as plagas terrenas e que ele, do Além, possa continuar o seu auxílio à nossa revista.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Setembro — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. Clementina França, de Lisboa, 5$00; Grupo de Protecção às Crianças, 20$00; Subscritores de livros espiritas, 191$00: *Total 256$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Narrações do Infinito	25$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	35$00	46$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	28$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	40$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	32$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	28$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vítimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	28$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	54$00	64$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ALLAN KARDEC

CONTÉM: Proibição, da **Redacção**; Por Perguntas e Respostas - II - pelo **Dr. Sérgio Vale**; Tragédia Humana, por **Ramos Pereira**; Ciência e Religião, por **José Simões de Matos**; O Desenvolvimento da Mediunidade, por **Tito L. Bancéscu**; Colectânea Espiritual, pelo Médium **José Gomes Júnior**; Manuel Jorge Gaio; Doutrina Espirita; Observações e Conceitos, por **Ramos Pereira**; No Roteiro da Luz, por **Maria Rocha Barros**; Originalidade, por **Luís de Barros Castro**; Duas Mocidades, por **Leopoldo Machado**; Congresso Espirita Internacional, por **António Cardoso**; Homenagem a Allan Kardec, por **Achille Biquet**; Um Olhar Maligno Pode Secar uma Árvore, por **Leo Talamonti**; A Nova Lei, por **Alfredo Miguel**; Mediunismo (Mensagens do Espírito Ramatís, Recebidas pelo Médium Hercílio Maes); Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

(Ver pág. 311)

15.º ANO OUTUBRO DE 1954 N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores * Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espiritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisivel (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Metapsiquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1954 — N.º 10

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

PROIBIÇÃO

Num folheto inglês há pouco publicado e subscrito por um tal K. N. Ross, informa-se que a Igreja Anglicana proibiu os seus crentes de assistirem a sessões espiritas, não obstante a célebre comissão nomeada pelo Dr. Lang, então Arcebispo de Cantuária, haver declarado por maioria que o Espiritismo era verdadeiro.

As proibições em questões deste género são anti-racionais e colocam o adepto em posição difícil, em face da doutrina e em face da consciência. O homem é essencialmente livre e as decretais em contrário fomentam hipocrisia. Assim, a maioria dos prosélitos são de massa duvidosa e não correspondem à legenda que os caracteriza. Religião que proibe o exercício do livre-arbítrio não pode ser obedecida. Pelo contrário, estimula o desejo de conhecer a causa da proibição.

A Igreja Romana sabíamos nós que proibe e até excomunga os católicos que, no uso de um direito sagrado, assistam a sessões ou leiam obras espiritas. Mas esta circunstância não tem sido producente, porquanto numerosos crentes têm falta de fé, não se confessam, não comungam, não vão à missa, não acreditam no inferno e muito menos na infalibilidade do papa, como já tem observado sua eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa. Vê-se, pois, que não basta proibir seja o que for, sem apresentar razões lógicas e, sobretudo, sem prestar culto à verdade. O raciocínio, em si, é absolutamente soberano. Só um grande fanatismo obnubila essa admirável prerrogativa do espírito.

Os que proibem a assistência a sessões de Espiritismo têm seus desígnios ocultos. Sabem que não haveria prejuizo algum para os assistentes. O prejuizo — se o houvesse — seria em desfavor dos mentores religiosos e da própria religião a que pertencem. O desmoronar de um dogma fortalece e liberta a consciência dos que não acreditam nele.

Nós não proibimos ninguém de assistir a serviços evangélicos. Achamos até conveniente que assistam, para fazerem ideia do ritual protestante e poderem falar com conhecimento de causa acerca do que desconheciam. Nem aconselhamos, seja quem for, a não ler obras materialistas ou anti-espiritas. O nosso maior desejo é que todos os adeptos conheçam as várias correntes espiritualistas e possam cotejá-las à verdade, para que se integrem na que mais lhes convier, uma vez que nos interessa apenas a felicidade espiritual e a tranquilidade de cada um.

Fazer proselitismo é patrocinar interesses nem sempre confessáveis e nós trabalhamos na libertação do homem, na sua dignificação e glorificação.

Por isso não deixámos sem referência o folheto de K. N. Ross.

Apesar de tudo, admitimos perfeitamente a atitude da Igreja Anglicana e de outras igrejas similares, cuja temporalidade relativa baseia discrepâncias e anomalias que nunca poderíamos sancionar. Proibem pequenas coisas e deixam à mostra chagas deletérias. Não fôra melhor que a verdade imperasse nas palavras e nos actos? Não careceriam de lançar proibições, de constranger uns e outros em seus actos volitivos, de obrigar os crentes à hipocrisia ou levá-los à deserção dos campos onde haviam mourejado.

O homem é um ser consciente. Cercear-lhe esse dom, através de obliteração ou proibição, é negar-lhe o direito à vida, à verdadeira vida mental e espiritual. O Espiritismo não pretende homúnculos em suas fileiras, mas individualidades fortes, senhoras do seu papel e capazes de enfrentar a renovação social com todas as consequências. E por isso, nada proibirá. A probição é digna de medrosos e emblema de fracos. Quando é frequente, mal vai para quem a dita, porque está próxima a hora da derrota.

POR PERGUNTAS E RESPOSTAS

II

P. — Mestre, por haver descido a tais minúcias em seis longuíssimos artigos que abusaram da hospitalidade de *Mundo Espirita*, acoimaram o meu trabalho de «*verbalismo*». Se sustentais agora que não se trata de «*simples jogo de palavras*», ficarei suficientemente consolado. Que é verbalismo, afinal?

R. — Comumente, dá-se o nome de «verbalismo» às palavras *alheias* que contradizem as nossas opiniões... Porque, quando somos nós que falamos ou escrevemos, o mesmo «verbalismo» se muda em *esclarecimento*...

P. — Dizem os religionários que no vosso livrinho «O Que é o Espiritismo», o Mestre «dá margem a que se fique na dúvida, dando, ele mesmo (vós) os elementos que mostram ao leitor que o *Espiritismo é religião*». Ocorreria ali «uma certa contradição» entre as palavras e a «orientação geral de toda a codificação, que é *fundamental* e *predominantemente religiosa*». Mas a vossa consciência — continua o comentarista — teria acordado; os vossos assessores espirituais que «sabiam da vossa próxima desencarnação», vos induziram a falar, agora com «clareza meridiana», sobre o assunto. Que dizeis dessa vossa evolução?

R. — *Mon Dieu! Mon Dieu! Jamais de la vie!* Poderia ter acontecido que não me houvesse pronunciado de modo tão claro e tão peremptório sobre o assunto; Flammarion, Denis, Geley, Delanne, Bozzano, apenas acidentalmente afirmaram que o *Espiritismo não é religião*. Para o meu amigo Flammarion, é «uma ciência da qual apenas conhecemos o *a, b, c*»; para Léon Denis, «uma ciência nova que completa as outras ciências», «ciência do além-túmulo», «espiritualismo experimental», «ciência psíquica que estuda todos os fenómenos e lhes pesquisa as causas, reconhece a existência de um mundo invisível e, com todas as análises que possui, formulará uma síntese magnífica da vida e do universo, para difundir o seu conhecimento por toda a humanidade»; para Delanne, «uma ciência progressiva» («somos positivistas do espiritualismo»), «uma ciência de experimentação da qual emanam consequências morais e filosóficas, cuja importância é considerável». Geley previu o que está acontecendo, quando afirmou que «as inteligências impregnadas de misticismo atávico iriam preferir ao conhecimento das grandes leis do Universo (ciência espiritualizada), as crenças (religiões) adequadas ao seu grau de adiantamento». Bozzano lembrou que as conclusões do Espiritismo são «rigorosamente experimentais, portanto científicas», não se podendo dizer que «seja uma religião». Quanto a mim, desde a *Introdução* (Livro dos Espíritos) até o último discurso que proferi no dia 1 de Novembro de 1868, cinco meses antes do meu trespasse, principalmente nessa derradeira oportunidade, argumentei sobre a impropriedade, a inconveniência e o perigo de se distribuir ao Espiritismo uma função que lhe não cabe, uma qualidade (ou defeito) que lhe foi emprestada maldosamente. Poderia ter acontecido. Como me seria possível, tendo começado tão tàrdiamente os meus estudos, depois dos 50 anos, versar todos os temas da Doutrina? Já na Introdução, todavia, deixei registado o seguinte: «*A ciência espirita* compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações intelectuais». No discurso que muitos confrades ainda não leram nem analisaram, pois foi publicado sòmente na *REVUE SPIRITE, 1868, pág. 359*, depois de haver assinalado o que há de comum entre o Espiritismo e a Religião — ambos só têm de comum os mesmos anseios de religiosidade, instintiva no homem, como instintivas são a conservação da vida e a sexualidade — a mim mesmo me interroguei: «*Se assim é, então o Espiritismo é uma religião?*». Respondi imediatamente pela negativa. Não o fiz com um simples e sintético — não! Argumentei tanto quanto mo permitiu o cérebro de carne que aí deixei: «*Por que, então, o Espiritismo NÃO É RELIGIOSO? Por isso que só temos UMA palavra para expressar DUAR IDEIAS DIFERENTES e que, na opinião geral, a palavra religião é INSEPARÁVEL da de culto, revela exclusivamente uma ideia de forma, e o O ESPIRITISMO NÃO É ISSO. Se o ESPIRITISMO SE DISSESSE UMA RELIGIÃO, o público só*

veria nele uma nova edição, uma variante, se assim nos quisermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com o seu cortejo de hierarquias de cerimónias, de privilégios; o público não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais sua opinião se tem levantado tantas vezes. NÃO POSSUINDO NENHUM DOS CARACTERES DE UMA RELIGIÃO na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se com um título sobre o valor do qual incontestàvelmente se estabeleceria a incompreensão: eis por que ele se diz simplesmente: DOUTRINA FILOSÓFICA E MORAL». Se houve alguma evolução de minha parte, foi no sentido expresso nestas palavras, as últimas que, sobre o assunto, pronunciei em minha vida. Vejamos se me será possível ser ainda mais claro, já que o trecho acima foi citado como PROVA CABAL de que, para mim, o Espiritismo é uma religião!!! Nas «Obras Póstumas», pág. 314, falando dos cismas, usamos expressões que vamos reeditar no momento: «Para assegurar-se, no futuro, a unidade, uma condição se faz indispensável: que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que coisa alguma fique obscura. Para isso, procedemos de maneira que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e cuidaremos de que assim aconteça sempre. *Quando for dito peremptòriamente e sem ambiguidade (o grifo agora é meu!) que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que se quis dizer que dois e dois fazem cinco».* De comum entre o Espiritismo e a Religião, entre a Religião e todas as filosofias *espiritualistas* existe a mesma nascente da religiosidade, que é instintiva, por conseguinte biològicamente universal. Enquanto a religiosidade, nas religiões, se exterioriza em cultos, imagens, sacerdotes, sacrifícios, cerimónias, privilégios, dogmas, misticismo incoercível, igrejas que parecem verdadeiras fortalezas medievais, fogos de artifício, etc., etc., com maior ou menor auxílio da ciência!) e o coração (com o auxílio palhafato ou ruído, dependentes do tempo e do grau de cultura do crente (Que Deus as ilumine!) — a religiosidade do Espiritismo é introvertida, exclui todos os intermediários, afora o Cristo, e abre o intelecto (com o audas consequências morais e espirituais) directamente a Deus. Como no-lo ensinou Jesus-Cristo, o qual foi vítima de uma *religião admiràvelmente constituída...* Sim, o Espiritismo é a continuação do Cristianismo *primitivo* que nunca foi religião (no sentido que se tornou usual). É fácil demonstrá-lo. Basta que se leia a interpretação que dele fez o autor da pergunta — «Sendo o Cristianismo Religião, por que não há de ser também Religião o Espiritismo?». Acrescenta, em seguida, o querelante, que o Cristianismo «se caracterizava pela obediência absoluta e consciente à vontade de Deus»; «tinha por templo a própria natureza», «por altar a própria consciência e, por finalidade, a pregação da verdade e a exemplificação do Amor, tudo sentido e vivido na mais ampla humildade e na mais profunda sinceridade». Ora, se o Cristianismo de Jesus era tudo isto e sòmente isto — e o era na verdade — contacto directo com Deus, no altar da própria consiciência e no templo da natureza (ao contrário da religião judaica, que era o reverso de tudo isto), o Cristianismo era uma religiosidade *pura*, que não se materializou em nenhum antropomorfismo religioso. O único sinal *exterior* e distintivo da doutrina filosófica e moral do Espiritismo está na prática da Caridade. Nenhuma religião seria capaz de asseverar: «Fora da Caridade não há salvação», porque a Caridade evidentemente não lhes basta para recheio e conteúdo, porque todas vivem, antes de tudo (ou não seriam religiões!), dentro do mais cego fideísmo, do religiosismo, das práticas religiosas (cerimónias), etc. A Doutrina dos Espíritos não é e não quer ser uma *conversão religiosa:* sua vocação e seu ideal é ser uma *conversão moral.* E esta é o que importa, e esta é que leva a criatura para o seu Criador. A conversão moral é o produto derradeiro e desejado da espiritualidade, cujo alvo transcende o instrumento variável, contraditório, antropomórfico da religião, pois vive à procura do moral, da *be-*

Uma "entrevista" com Allan Kardec

pelo Dr. SÉRGIO VALE
(Correspondente em S. Paulo)

leza moral. Um biologista que se iluminou com as bençãos da ciência e a intuição das coisas divinas (Alexis Carrel) soube tirar da confusão reinante a luz que nos orientará: «A beleza moral, disse ele, deixa recordação inesquecível naquele que a contemplou por uma vez que fosse. Impressiona mais que o belo na natureza ou na ciência; dá a quem a possui um poder estranho e inexplicável: aumenta a força da inteligência, promove a paz entre os homens e é, muito mais do que a ciência, a arte ou a *religião,* o fundamento da civilização». A beleza moral, eis a finalidade da evolução do espírito humano; eis o que Pilatos, o juiz prevaricador e covarde, não quis reconhecer, quando lavou as mãos para condenar Jesus-Cristo. Foi diante da beleza moral que se curvou humildemente o positivismo comteano e ateu, quando se viu obrigado a proclamar — VIVEI PARA OUTREM. Foi com o escudo da beleza moral que se defendeu Jesus diante da sanha criminosa dos judeus: «*as obras que eu faço, em nome do meu PAI, dão testemunho de mim*».

P. — Mestre, dou-me por bastantemente esclarecido. Há, porém, outra dificuldade a transpor. Dizem alguns confrades ilustres, embora aqui e acolá rotulem, incoerentemente, o Espiritismo de *Religião Científica,* duas palavras que «hurlent de se trouver ensemble», como se diz na vossa língua, que o Codificador foi, sobretudo, à moda dos profetas bíblicos, um portador de revelações e as revelações são privilégios das religiões. Jura-se por aí que «o ponto de partida e o esteio máximo de Kardec *não foi o científico»;* que «a ciência jamais teve finalidade religiosa»; que a vossa «ciência» era apenas «a lógica e o bom senso», cifrando-se em «evitar os dogmas e as afirmativas temerárias». Textualmente, escreveu-se: «Kardec vem no sector filosófico, que é o sector de maior importância, porque é o que reforma e redime, enquanto o sector científico APENAS ESCLARECE». Como poderieis ter traçado, na opinião insuspeitíssima e autorizada de Charles Richet, «*o sulco mais profundo na ciência metapsíquica*», apoiado na experimentação, de sorte que a vossa obra «*não é sòmente uma teoria* grandiosa e homogénea, um imponente conjunto de factos», se éreis apenas um «religioso» cheio de bom senso? Mestre, sinto-me envergonhado do papel que me foi distribuido no Espiritismo brasileiro. É sempre antipático: ora tenho que usar o cacete, em duelo com médicos materialistas, ora desço a denúncias e a queixas como estas. Quem me salvará desse karma?

R. — Começarei pela pergunta final. O irmão salvar-se-á, apesar do seu karma, que é realmente muito pesado... Alguém me sussurra aqui ao lado que Judas «*também* era necessário», para que as profecias se cumprissem. Tire você desta associação de ideias todos os benefícios que ela comporta... Que merecimento, que originalidade, que progresso conteria o Espiritismo se, à maneira das religiões, partisse do fideismo, do sobrenatural, dos milagres e das revelações a granel e contraditórias? Que o conhecimento do fenómeno requeira o complemento da caridade e da espiritualidade, conduza o experimentador às *consequências morais e espirituais,* para que haja DOUTRINA ESPÍRITA, até o vosso célebre Conselheiro Acácio, muito útil nessas ocasiões, assim o entenderia e proclamaria no seu tempo. O Espirita crente, ou melhor, convicto, não se lembra de que há milhões de materialistas que não encontraram ainda o consolo da espiritualidade por falta de fé nas revelações *religiosas.* Que necessidade haveria de novas revelações do mesmo tipo? Como aproveitar a matéria prima dos descrentes, os quais, periòdicamente, conflagram o mundo? Com que então, aquele a quem chamais Codificador, em pleno século racionalista e incréu, trouxe ao mundo nova Doutrina (alguns já proclamam com todas as letras — a Religião Espirita), imitando Calvino e S. Tomás de Aquino, isto é, dando como assente, *a priori,* antes de qualquer prova, a existência de um Deus soberano e a autoridade das Escrituras? Como poderíamos argumentar e filosofar, eu e os meus colaboradores, antes de provar aos materialistas («o Espiritismo não se dirige aos que possuem uma fé e a quem esta fé baste, mas aos que, insatisfeitos com o que se lhes dá, pedem uma coisa melhor») que temos realmente uma alma e que esta sobrevive e volta? E quem poderá fazê-lo? Não é a ciência espiritista (a ciência comum espiritualizada), através do fenómeno mediúnico? Tomemos dois exemplos, distanciados no tempo e no lugar. São confissões espontâneas de um materialista e de um *religioso.*

Haeckel pedia um tipo de provas que só o Espiritismo lhe poderia fornecer: «Se me provarem que o Espírito vive, actua, pensa e se manifesta independente da matéria, serei espiritista». Um pastor protestante muito

digno, cuja intimidade respirastes, dirigiu-nos indiretamente um apelo para que continuássemos com a nossa ciência, quando confessou: «E se querem saber todo o meu pensamento, direi que saudaria com efusão de alma o dia em que ficasse provado que a sobrevivência dos mortos é um facto de todo em todo incontestável (certamente que já o é para nós ou seríamos apenas *religiosos)*. A apologética cristã, nesse dia, receberia, é claro, um poder tremendo para a confusão da incredulidade. Num mundo cada vez mais céptico e grosseiramente materialista e ateu, essa revelação seria água fria na fervura» (Otoniel Mota). Eis de um lado um materialista e do outro um *religioso* que desejavam evolver para a Ciência Espirita; eis alguns espiritistas que desejam regressar à logética e desprezam o que seria a felicidade de um ateu. Aquela insinuação verdadeiramente demoníaca, semelhante àqueloutra do Cardeal Lépicier («o Espiritismo dá o golpe de morte no materialismo») — «o sector científico APENAS ESCLARECE» — põe-nos nas mãos a chave do sofisma. APENAS ESCLARECE! Louvado seja Nosso Senhor Jesus-Cristo! Como pode o incrédulo ser redimido e reformado, se não foi prèviamente *esclarecido* pelo fenómeno espirita convenientemente observado ou experimentado? Como atingir o «altar da Nova Revelação senão pelas «portas da Ciência e da Filosofia», conforme a citação impensada de Emmanuel, feita pelos religionários? Como me abalançaria a codificar a Doutrina dos Espíritos, auxiliado pelos meus Guias, se não chegasse, pela observação e pela experiência — e isto nunca foi ocupação das religiões — a convencer-me, justamente há 100 anos (1854), de que nas mesas girantes havia «qualquer coisa de sério, *como que a revelação de uma nova lei*, que tomei a mim estudar a fundo?». Que fiz, primeiramente, senão experimentar os vários métodos de comunicação, observar e vigiar os médiuns, registar e seleccionar os factos, de 1854 até 1857, ano em que se publicou o «Livro dos Espíritos», cujo sub-título é *Filosofia Espiritualista?* Em vários passos, associei tão intimamente o Espiritismo à Ciência, que mal se podem delimitar os dois campos. Eis o que se lê nas «Obras Póstumas», pág. 233: «O Espiritismo caminha ao lado da ciência, no campo da matéria; *admite todas as verdades que a ciência comprova;* mas não se detém onde esta última pára: prossegue nas suas pesquisas pelo campo da espiritualidade». Na pág. 221: «Não repudia (o Espiritismo) nenhuma descoberta da ciência, dado que a ciência é a colectânea das leis da Natureza e que, sendo de Deus essas leis, repudiar a ciência fôra repudiar a obra de Deus». Na pág. 312: «A Doutrina é, sem dúvida, imperecível, porque repousa nas leis da Natureza». Na pág. 315: «Apoiada *tão só* nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for dercoberta, *tem de se pôr de acordo com esta lei*». Na pág. 332: «Formado (o Espiritismo) gradativamente, *como todas as ciências,* em consequência de observações sucessivas». Na pág. 234: «Todos os seus princípios constitutivos, sem excepção de nenhum, são deduzidos da experiência». Na pág. 240: «*Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental*». Onde se viu, jamais, tirante o positivismo comteano (sem Deus, sem alma e sem imortalidade), uma *religião* escrava do método experimental, que deduzisse da experiência os seus princípios constitutivos, que caminhasse ao lado da ciência no campo da matéria, que não repudiasse nenhuma descoberta da ciência, que repousasse nas leis da Natureza, de cuja existência depende a sua Filosofia? Sim, é verdade, a ciência jamais teve finalidade religiosa». Durante séculos, durante milénios, assim foi. A religiosidade instintiva, sem conhecimento e sem cultura, *imaginava,* livre e obscuramente, os seus deuses e as suas crenças. *O Espiritismo assinala a penetração da ciência, do método experimental, da experiência, da leis da Natureza nos domínios que, até então, eram privativos das religiões.* A religiosidade emergia das brumas da superstição e da teologia para o positivismo da ciência. «*Somos positivistas do esperitualismo*», disse Delanne; ou «*partidários do espiritualismo experimental*», confirma Léon Denis. Como pode um espirita desconhecer aquilo que constitui a razão de existir da nossa FILOSOFIA MORAL? Afinal de contas, qual é a nossa meta? Religião ou Moral? Afirmar que o caminho costumeiro do profitente do Espiritismo, o meu caminho, por conseguinte, foi o mesmo das religiões — revelações, fé, crenças, palmilhado com cega credulidade desde o berço, e não sob critério que não podemos negar tenha sido científico, equivale a desconhecer, lamentàvelmente, a maior diferença existente entre o religiosismo dos religionários e a espiritualidade dos espiritistas. As revelações puramente reli-

giosas são misturas de verdades e de absurdidades. Tudo era admitido sem exame, sem critério, com a boa fé muito desculpável e muito própria do obscurantismo em que viviam os homens. Quanto ao nosso ministério, conversámos com Espíritos Superiores, depois de nos certificarmos pela observação atenta e a experiência reiterada da verdade dos factos (chama-se a isto ciência ou dê-se-lhe qualquer outro nome); debatemos com eles os assuntos da pauta, concordamos, divergimos, pois nós os tratamos «*como o houvera feito com os homens*». Agimos — foi o que se escreveu — como «*positivista e não idealista*, para não nos deixarmos iludir»; percebemos, a tempo, que os espíritos comunicantes não tinham «nem a plena sabedoria, nem a ciência integral». Cotejar, igualando-as, revelações espiritas do século 19 com revelações religiosas de outros tempos; afirmar que o «aspecto científico está excluido do «Livro dos Espíritos»; insinuar que sómente a religião, e não a ciência «entrou em nossas cogitações«; obtemperar que a «ciência pròpriamente dita não procederia daquela forma, ao passo que a religião não enveredaria por outro caminho», será reduzir esse livro a plágio ou pastiche das revelações bíblicas. Se não soubesse que a intenção dos que assim discorrem fosse a mais nobre a respeito da missão que me coube, sentir-me-ia esmagado na minha insignificância diante dos profetas venerandos do passado, cujo valor moral era e é infinitamente superior ao meu, *mas não se podiam forrar ao obscurantismo dos séculos em que viveram, pois não lhes era possivel violar as leis da evolução*. Se há merecimento (se sobrar algum depois de tudo isso...) no Espiritismo, se ele pode entrar em confronto com as revelações escriturísticas, tudo se deve, não a mim, mas aos meus Guias e ao facto de a humanidade ter adquirido, no século 19, a única luz capaz de ajudar o intelecto — a luz da ciência comum, da qual boa parte (nunca houve unanimidade diante de leis recém-descobertas) pendeu para a hipótese da sobrevivência e da comunicabilidade. Diante dessa versão muito original a respeito do «Livro dos Espíritos», sòmente nos resta o recurso do verso pessimista de Voltaire:

«*Et voilà justement comme on écrit l'histoire...*»

(Continua)

Tragédia Humana

Por Ramos Pereira

É do antagonismo das forças que solicitam o homem no mundo variegado dos valores espirituais que ressalta todo o sentido trágico da vida que Kirkegaard sentiu como poucos; esse mesmo sentido trágico que Nietzche queria resolver pela inversão total dos valores.

Max Scheler disse-nos: — «É justamente ao termos a impressão de que todos cumpriram o seu dever no mais amplo sentido da palavra e de que, não obstante isso, a desgraça não pode ser evitada — que sentimos o máximo do trágico».

Mas a tragédia distila um travo mais amargo, quando temos a impressão de que poucos cumprem o dever — no exacto sentido da palavra, não por efeito de uma causa externa que a isso os obriga, mas pela força da liberdade de que disfrutam e que os leva a tapar os olhos; quando temos a certeza de que muitos sofrem a desesperada angústia de sentir os valores espirituais e, no mesmo momento, a impotência da sua realização — não por escassez de força interna, mas porque são manietados à cruz de um viver inglório!

«O mundo contemporâneo está pedindo um novo tipo de santo... um tipo de homem que saiba reunir e harmonizar em si todos os diferentes lados nobres do ser humano, mas conservando-lhes a altura em dignidade e sabendo conciliar tudo isso com uma crença religiosa viva» (Rodemacher).

Tragédia da Cultura e tragédia do indivíduo dentro dela: — do Artista, supliciado no madeiro duro e espinhoso da forma em que vaza a sua contemplação; do Mistico, supliciado ardendo no êxtase de uma sublimação superior do espirito, enquanto a carne lhe agrilhoa os pés; do homem vulgar, supliciado tateando as trevas da vida e sabendo que há Luz e sem conseguir arrancar as vendas que a si próprio colocou!

E a responsabilidade é toda humana!...

Não mais a ideia de um nascimento ocasional e de um fim paradoxal na morte. Não mais a possibilidade de responsabilizar um Ser que estigmatiza o homem a cumprir a sua visão eternamente presente. Não mais a expectativa de uma Providência, por acto de misericórdia, a retirar o homem do atoleiro que ele para si criou e em que a si mesmo se lançou.

Tragédia de Existência, continuando-se de antes da vida para o além da morte; tragédia em que o homem delira, procurando fora de si o que em si se encontra! Tragédia do homem, mais parecendo tragédia de Deus!

Mas... tragédia sem remédio? Não, absolutamente não, porque o Caminho está aberto e o homem é livre e capaz de o andar. O que falta então? Um pequeno nada: — a vontade de andar esse Caminho...

E a Voz teve um soluço, antes de se perder nos enormes longes donde viera até atingir a minha solidão.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

A Religião fala ao coração e a ciência à inteligência. Uma nos ensina a amar e a outra nos demonstra a lei do amor. Essa ligação, essa união, conduz-nos ao criador por um culto racional e lógico, por meio do qual se apreciam os factos que, por seu turno, conduzem à fé verdadeira.

Este é o motivo por que se diz que o Espiritismo é ciência e religião. Para dele colher a religião, todos estão habilitados, porque Deus plantou na alma humana o sentimento do bem.

«Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino do Céu». Assim nos ensinou Jesus, que é a expressão mais perfeita e autorizada do amor.

Entretanto, para colher a segunda, que é a ciência, é preciso relativo preparo, cultivo metódico da inteligência e instrução apropriada.

Quando, pelo progresso da humanidade, a religião passa do sentimento à compreensão dos mandamentos divinos, isto é, quando o homem crê e compreende a razão de ser de sua crença, falam a um tempo o coração e a inteligência, uma expressão de sabedoria e amor, atestando o progresso da sua evolução espiritual.

As primeiras revelações foram quase exclusivamente dirigidas ao coração da humanidade. Mais tarde, outras se sucederam que, além do sentimento, já requeriam determinado esforço intelectual. E, por fim, chegou o tempo daquela que deveria iluminar o sentimento pela razão esclarecida, através da consciência, e unir a religião à ciência, verdadeiramente, em espírito e verdade.

Coube à 3.ª Revelação, que é o Espiritismo, o cristianismo redivivo, esta importante missão, conforme está demonstrado pelo trabalho e pelo amor, de inúmeros espíritos que passaram por este mundo com tal missão. Entre muitos, salienta-se a vida e obra do sábio, do apóstolo e missionário Allan Kardec, codificador do Espiritismo que, sem deixar de ser ciência e filosofia, é a continuação da revelação messiânica em espírito e verdade.

É ciência e filosofia, porque requere da inteligência a compreensão do divino ensino, não mais pela letra que mata, mas pelo espírito que vivifica para a vida eterna.

O seu objectivo é promover no homem o máximo esclarecimento evangélico, de maneira que a humanidade sinta maior necessidade de amar e perdoar, tornando-se verdadeiramente feliz.

Esta é uma das razões por que o Espiritismo é naturalmente religioso. A ciência é um meio; a religião, um fim.

Portanto, o essencial é o fim, porque resume em si a verdadeira realização do ideal, na sua mais alta expressão de sabedoria e amor.

Ciência sem religião é o mesmo que Espiritismo sem evangelho. Pode ser muito bonito, mas é o mesmo que uma rosa sem perfume, ou uma bela estátua sem alma.

A verdadeira ciência, como o verdadeiro Espiritismo ou qualquer religião, tem que ter por base o Evangelho, se deseja vencer em sua missão.

O Evangelho é o roteiro, é a luz que ilumina o caminho de quantos procuram a verdade. Assim como o sol é luz que ilumina o nosso mundo, Jesus, com o seu Evangelho, ilumina e aquece a nossa alma, tornando-nos mais vibráteis e sensíveis para a boa percepção da sabedoria e amor de nosso Pai.

O Desenvolvimento da Mediunidade

Processo psicológico de um médium através da observação e da estatística

Por TITO L. BANCÉSCU (correspondente em Rosário, Argentina)

O desenvolvimento da mediunidade requere, em primeiro lugar, extremada paciência, depois observação rigorosa e, finalmente, orientação ou educação. Esta inglória tarefa só pode ser desempenhada por indivíduos de vastos conhecimentos na matéria, como o nosso amigo J. Martín, que nos proporcionou uma série de elementos dignos de ser difundidos, como prova de que o processo do desenvolvimento das faculdades psíquicas, isto é, dos intermediários psíquicos, exigem grande cultura metapsíquica, se se quiser chegar a resultados satisfatórios. Quem não preencher estas condições e submeter as pessoas à mesa de trabalho, não só desorientará, mas criará nos incipientes sensitivos estados inadquados, para não dizer perigosos. Por isso temos dito sempre que tão complexa e delicada função deveria estar a cargo de especialistas do problema metapsicológico ou da ciência do espírito.

TRABALHO INICIAL — O colaborador metapsiquista já citado é um jovem estudioso que desde há anos vem acumulando dados estatísticos relativos a esta espécie de problemas e que serão úteis ao nosso movimento. Por eles demonstra que para lograr o objectivo desejado é preciso tacto, métodos apropriados em cada caso (cada indivíduo tem facetas psicológicas diferentes) e um círculo muito reduzido de pessoas.

José Martín começou os seus trabalhos em 1 de Junho de 1953 com a senhora Adela A., desta cidade. Trata-se de uma senhora calma, sincera, extremamente modesta, contrária a exibições, que se presta à experimentação só com fim útil, para aumentar o cabedal científico experimental da nova ciência da alma. Pode dizer-se que nasceu com a mediunidade.

Tem-se observado desde os primeiros momentos como ela se desdobra do organismo físico e vai a diferentes pontos da Terra. A sua clarividência manifestou-se, como dissemos, na infância. Notou como atravessa, psìquicamente, os corpos sólidos. Os corpos humanos, via-os transparentes.

Durante a concentração mental via desfilar diante dela cenas palingenésicas relacionadas com várias pessoas.

Julho de 1953 — Filha de pais italianos, naturais de Piemonte, esteve domiciliada em San Genaro, província argentina de Santa Fé, onde permaneceu até à idade de 6 anos e na localidade de Totoras até aos 12. Depois passou a Monte Maíz, onde esteve até aos 15. Aos 27 trasladou-se a Rosário. Só tem exame de instrução primária.

Setembro de 1953 — Realizam-se as primeiras experiências psicológicas com bom resultado. Escreve automàticamente em Castelhano e outros idiomas. Sente correntes de ar no braço, depois em todo o corpo, com sensação de o braço estar sendo dirigido por seres invisíveis.

Quando mais desejo tinha de escrever era quando nada conseguia e quando julgava que era inútil a tentativa, escrevia com grande facilidade. À medida que desenvolvia esta faculdade, sentia um casco sobre a cabeça. A sua característica era não haver anismismo (também não intervinha o subconsciente, de que se valem tanto os metapsiquistas materialistas), pois que o papele que tinha diante via-o sempre branco, embora escrevesse sobre ele. Mas logo depois de terminada a sessão tinha consciência do que havia escrito. As primeiras frases xenográficas foram em inglês, idioma que a sensitiva desconhece. E quando o seu pensamento se relaciona, por exemplo, com o planeta Marte, escreve sinais que parecem taquigráficos.

Outubro de 1953 — Nesta data começou a ver um espírito, homem de barba branca, que a fazia escrever em cifra da antiga maçonaria germânica. Depois escreveu uma ode festiva em Inglês, intitulada «Ode to a departing bus» (Ode ao ónibus que parte). Depois esboçou um hexágono que era uma adivinha das palavras cruzadas em Alemão. Escreve também em Italiano com expressões etimológicas pouco conhecidas.

Novembro de 1953 — Escreve versos em lingua estranha intitulados «Zingaresa», que se verificou ser dialeto cigano do norte da Roménia. Transportando-se psìquicamente a este lugar ouviu o respectivo idioma. Escreve sobre a Abissínia com muitos erros gramaticais. E enquanto seu filho toca piano, escreve sobre a música «Itália e os Astros». Escreve em Francês com caligrafia diferente da sua. Depois produz outro escrito em idioma desconhecido e outro em Castelhano com caligrafia também diferente. Escreve uma poesia em Italiano e outra em Castelhano de estilo peculiar.

Dezembro de 1953 — Escreve em Holandês. Depois recebe a primeira mensagem auditiva. Na mesma sessão pôs-se a escrever e foi-lhe tirado o lápis da mão, tendo que ditar a um dos presentes. Distingue vozes. A voz que ouve é uma espécie de onda sonora que enfraquece e fortalece, que vai e vem.

Escreve «Canção do Destino», do poeta mexicano Manuel Acuña, cuja transfiguração vê sobre o seu filho e sobre José Martín (A médium Maria Luisa Cartelle viu em minha casa a mesma entidade sobre a pessoa do amigo Martín. Escreve em Castelhano sobre tema de moral.

1 de Janeiro de 1954 — Escreve uma poesia em Inglês dedicada a José Martín. Depois outro ditado auditivo. Escreve umas linhas e a voz manda-lhe rasgar o papel por estar mal escrito, voltando a ditar «Homens e Deuses», livro este que nem ela, nem seu filho, nem José Martín tinham visto (comprovou-se que na Biblioteca Argentina desta cidade existe um exemplar desta obra traduzida por Jacinto Labaila, em que se lê: «Publicamos a primeira vez no nosso idioma «Homens e Deuses».

6 de Janeiro de 1954 — Vê existências de pessoas, dando nomes, datas e até o vestuário que usavam em vida anterior.

10 de Janeiro de 1954 — Traduz por clarividência o escrito «Zingaresa».

23 de Janeiro de 1954 — Escreve correctamente em Alemão (idioma que também não conhece) um trabalho a que dá o título de «Aprendiz, Poeta e Pintor». Cada fragmento termina numa estrofe de quatro versos. Antes de escrever neste idioma apareceu-lhe em vidência um ser de 40 anos, ruivo, que parecia levita. Falou-lhe em Alemão, e ela respondeu-lhe mentalmente no mesmo idioma, numa espécie de semi-transe. Recobrando a consciência, lembrou-se de que tinha falado em Alemão, e que conhecia aquele senhor, sem saber onde o vira. Anunciou-lhe que ia ditar-lhe a terceira parte daquele livro, sendo o texto já conhecido na Alemanha, país onde fora escritor. Os quatro fragmentos caracterizam-se pela mesma caligrafia, apesar de terem sido escritos em dias diferentes.

20 de Janeiro de 1954 — Auditivamente, indicam-lhe que pegue em lápis e papel para escrever um ditado em latim (idioma que também ignora). É uma oração. Depois disseram-lhe que tinha de ser levada a uma porta, naturalmente astral, devendo entrar, no caso de se abrir, de contrário, não entrará. A porta abriu-se e disseram-lhe que poderia realizar fenómenos de clarividência. E ao avançar encontrou uma pedra com inscrições em Hebraico, que lhe traduziram. Referia-se ao carácter irascível da mulher de Sócrates.

31 de Janeiro de 1954 — Esta sessão realiza-se em casa de um médico. A sensitiva ouviu uma voz que a chamava e logo começou a falar em Hebraico.

5 de Fevereiro de 1954 — Escreve em Castelhano sob o título «Os Habitantes de Nova Granada» (Colúmbia), mencionando nomes próprios que não conhece.

13 de Fevereiro de 1954 — Escreve em Italiano sobre problemas aritméticos. Depois escreve com caracteres neo-fenícios.

27 de Fevereiro de 1954 — O seu Guia escreve um «Conselho para os Jovens».

10 de Abril de 1954 — Escreve em Japonês.

8 de Junho de 1954 — Escreve em Português. Realiza viagens psíquicas, vendo barcos egípcios, e visita tumbas faraónicas, que descreve. Em desdobramento, vê-se na cama e ao mesmo tempo na lida da casa.

Todos estes pormenores, com introito experimental, constituem documentos de inegável interesse, através dos quais se observa a evolução psicobiológica desta sensitiva. Noutros números daremos a conhecer mais pormenores e algumas ilustrações que ratificarão as apreciações que fizemos até aqui.

(Trad. de I. D. S.)

Colectânea Espiritual

Pelo Médium JOSÉ GOMES JÚNIOR

O Espírito do Senhor pairou sobre as águas e as cobriu de vida.

A Ciência confirmou há muito esta grande verdade, reconhecendo que foi do seio dos mares que partiu o germe da vida organizada.

★

Depois, servindo-se da incansável e laboriosa evolução, milhares de anos foram necessários à natureza, para fixar as linhas gerais das infinitas formas que hoje existem.

★

Houve sempre quem pretendesse banir do coração humano a ideia de Deus. Mas, na verdade, se mergulharmos nas águas do passado, encontraremos (sem irmos mais além) a generosa figura de Confúcio, pregando aos seus contemporâneos a imortalidade da alma e a Existência de Deus.

E de Confúcio a Jesus vemos numerosas personagens que confirmaram o mais nobre sentimento do espírito humano, culminando a verídica afirmação no testemunho supremo de Jesus, que com o seu sangue inocente, traçou um sublime roteiro de Luz, Amor e Ascensão.

★

Caríssimos irmãos, ao materializar um pobre e humilde pensamento sobre a Terra, não quis historiar, pois reconheço-me incapaz de tal cometimento devido à minha imperfeição; contudo, aos irmãos sinceros e de boa vontade, que desejem conhecer a terra material e Espiritual, e a benigna influência que Jesus sempre exerceu e exerce sobre ela e sobre toda a humanidade terrestre, convido-vos a adquirir a maravilhosa obra de Emmanuel que se intitula «A Caminho da Luz».

★

O mundo terrestre tem inúmeros heróis, mas herói real só é aquele que, vencendo em si todas as forças biológicas, se redime, conquistando uma vida maior — a Eterna.

★

O Génio de visões fulminantes como o relâmpago é caracterizado por uma poderosa intuição. O mundo muito tem ganho com o Génio, mas com ele muito tem perdido também; bendito seja, pois, o coração que, dominando o Génio, o guia para o Alto.

★

Desenvove o intelecto instruindo teu espírito. Com isso ganharás muito; mas ai de ti se deixares empedernir o coração. Lembra-te que foi o apaixonado coração de Jesus que redimiu os pecadores.

★

Sensibilidade apurada e visão rápida e intuitiva, é a do Poeta.

E feliz será ele, se cuidadosamente limpar e purificar seu espelho receptor, para que, ao receber a visão, esta possa reflectir-se pura em seu próximo.

★

Muitos são os artistas que o mundo tem conhecido, parte deles geniais; mas ouve: falo-te ao coração, se és artista: não corrompas; mantém pura a tua arte. Lembra-te que foi mártir o maior artista que a terra conheceu.

★

Não raras vezes se ouve dizer: «Tal homem está dormindo como um santo»; mas há engano certo da parte de quem assim pensar.

Dizei antes, «tal homem dorme como a maioria dos seres humanos e não como o santo, que se encontra mais acordado que o sol do meio-dia em pleno verão tropical».

★

Não blasfemeis, pois, contra o santo, que é modelo das civilizações futuras, e tende sempre em mente, que «Jesus, o Pai e a Virgem», são santos em grau infinito.

★

Dor, sendo a forja das grandes almas, és para a maioria dos seres monstro horrível; e todavia possuis o maior segredo dos tempos.

Feliz, pois, do ser que te ama, ó dor, e que, aceitando-te, te transforma em instrumento de ascensão.

★

Espírito humano, não é sem grande alegria que falo de ti.

Bem-aventurado é o ser que te cultiva e santifica, que será largamente recompensado; pois, quando santo, és leve como a pena, branco como a neve, mais rápido que o jacto, que a luz, que o pensamento, Espírito, o coração me diz que a tua origem não pode deixar de ser divina.

Mas, ai do ser que te escraviza ao domínio da matéria, pois será punido, terrivelmente punido, porquanto, sendo inferior, és mais pesado do que o chumbo e mais negro do que o fumo, rastejando por dezenas, centenas e milhares de anos, no lodo da imundície.

Feliz daquele que, santificando-te, te liberta.

★

Comovido, dirijo-me a vós, irmãos em humanidade, e é com grande martírio que contemplo vossos males, vossas guerras de ambição e egoísmo, de ódio e destruição, que provam vosso estado desequilibrado e doentio.

Não, não enveredeis por esse caminho, não firais o preciosíssimo coração de Jesus, que constantemente verte pesadas lágrimas, não queirais repetir ao Senhor o tormento, a agonia do Getsemani, mas ide ao encontro do Mestre que há milénios espera por vós.

★

Jesus, mártir supremo, é em tuas sábias e misericordiosas mãos que jazem os destinos do mundo e da humanidade terrestre. Compadece-te do ressequido coração dos homens; perdoa-lhes suas imperfeições e ilumina-lhes os espíritos, para que compreendam a responsabilidade da vida e se preparem para o destino de um dia.

Sejas tu sempre, Senhor, no coração do Espírito humano, o germe do Caminho, da Verdade e da Vida.

Que Jesus viva em nossos corações.

José, humilde servo de Deus.

MANUEL JORGE GAIO

Em 6 de Setembro último, depois de uma operação cirúrgica a que se havia submetido e quando se encontrava em convalescença, desencarnou o nosso grande amigo Manuel Jorge Gaio, um dos maiores esteios da Federação Espírita Brasileira, à qual deu o melhor de seu esforço durante mais de 30 anos de serviço contínuo e frutuoso.

A sua conversão ao Espiritismo surgiu da leitura de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», de Allan Kardec, numa de suas viagens a Portugal. Ao desembarcar em Lisboa e dirigindo-se à terra natal, firmou o propósito inabalável de trabalhar ininterruptamente na grande seara e assim procedeu sem a mínima quebra de fé, cingido à humildade que era a sua melhor companheira.

Em 1932 erigiu a Fundação Marieta Gaio, uma das mais belas obras beneficentes que tantas lágrimas tem mitigado. Além disso, o seu braço altruista espalhou caridade a mancheias, quer em Portugal, quer no Brasil, onde passou a maior parte da vida, sendo numerosas as obras de assistência que auxiliou ou patrocinou.

MANUEL JORGE GAIO

A revista Estudos Psíquicos deve-lhe muito do seu êxito de propaganda, pois não raro acudia com auxílios generosos que constituiam verdadeiros incitamentos ao trabalho e nos compensavam os desgostos sofridos em anos e anos de labor contínuo.

Ao lembrar estes donativos, tão desinteressados como oportunos, não podemos esquecer essa figura de espartano que é José Carlos de Chelmiki Afflalo, um dos maiores espíritas existentes cuja inteireza o eleva a modelo de honestidade e que sempre tomou parte activa em tão vasta benemerência. Que ele perdoe estas palavras que o vão ferir em sua modéstia.

No dia 7 de Setembro, duas horas depois do enterramento, realizava-se na Federação Espírita Brasileira uma sessão pública de estudos evangélicos dedicada ao egrégio pioneiro, em que a médium Maria Cecília recebeu a seguinte mensagem do Espírito de Bezerra de Meneses:

«Amados irmãos: um tapete de luz se eleva da Casa de Ismael (refere-se à Federação) aos planos espirituais; uma floração rica de pétalas variadas se estende ao infinito como véu perfumado para adornar a passagem daquele que na Terra foi vosso companheiro dedicado e Espírito em elevada missão terrena. Sim, tudo isto fez Gaio; mas a obra de seu coração, ressonando no Infinito, foi o traço que nos últimos anos uniu a Casa de Ismael aos planos espiritualizados.

«Homens irmãos, alçai também vossos corações ao Templo Divino e ali encontrareis, na última cadeira, mas na primeira fila, o Espírito luminoso de vosso companheiro, que neste momento recebe, pleno de felicidade e de emoção, com lágrimas de ternura, o coração de todos vós.

«Seja esta benção de Jesus um cântico de esperança em vossos corações, uma vibração de Seu Grande Amor, para que planteis na Terra do Cruzeiro as bençãos do Cristianismo redivivo».

BEZERRA DE MENENSES

Manuel Jorge Gaio não terminou a sua faina de Caridade bem compreendida, pois no Além continuará a desentranhar-se em frutos de beleza etérica e a prodigalizar amor aos que ficaram. Para o seu espírito excelso impetramos um olhar divino que lhe permita auxiliar as obras a que deu corpo e reflectem para os vindouros o valioso fulgor da sua extrema bondade.

DOUTRINA ESPIRITA

(Resumo do 1.º ciclo de estudos do Centro Espirita «18 de Abril», do Rio de Janeiro, em 1951)

FONTES BÁSICAS: "Livro dos Espíritos", "Génesis", "Evangelho segundo o Espiritismo"

I — NOÇÕES GERAIS

Quando dizemos «revelação espirita», expressão muito usada entre nós, naturalmente não nos referimos a qualquer forma de revelação pessoal. Entenda-se desde já que o Espiritismo não teve e não tem profeta. É uma revelação, portanto, muito diferente de outras revelações.

A revelação espirita distingue-se das revelações conhecidas, pelas seguintes particularidades:

a) Não é pessoal, porque não é obra de um homem;

b) Não teve profeta, como o Islamismo (Maomé, por exemplo);

c) Não veio de um espírito ou de um grupo, porque é de origem espiritual, mas *colectiva*, visto como os seus ensinos foram dados por diversos espíritos.

Os nossos adversários costumam dizer, por ignorância ou má fé, que Allan Kardec é o «profeta do Espiritismo». Não! Não há profeta no Espiritismo. Allan Kardec sempre fez questão de frisar que a doutrina espirita não é pessoal.

Ela não veio em caracter profético, mas por meio de instrumentos humanos, que são os *médiuns*. Kardec analisou as comunicações do além, levantou dúvidas, formulou questões, fez comentários pessoais. A acção de Allan Kardec, isto sim, teve caracter missionário, porque foi ele o homem capaz, moral e intelectualmente, de organizar os ensinos dos espíritos; foi ele ainda o homem de envergadura moral e mental suficiente para tirar consequências filosóficas, morais e religiosas do facto espirita, quando outros investigadores e experimentadores não passaram do fenómeno, não sairam da parte estritamente experimental do Espiritismo. *Profeta*, porém, não; nem *patriarca*, como dizem outros, porque Allan Kardec nunca se intitulou fundador nem chefe de religião, tanto mais quanto o Espiritismo não comporta hierarquia nem dignidades eclesiásticas.

Ele é, porém, indiscutivelmente, o verdadeiro *codificador* da doutrina. Deve-se a Kardec a obra de interpretação filosófica, organização, codificação dos ensinos dos espíritos. Deve-se ainda a Allan Kardec a criação da palavra *Espiritismo*, a feição própria que o Espiritismo tomou como corpo de doutrina, como conhecimento organizado. Há, porém, no corpo da doutrina, duas partes complementares, que não podem ser separadas: a *doutrina pura*, tal qual foi transmitida pelos espíritos (espíritos diferentes e médiuns diferentes, e não um espírito ou um médium apenas) e a contribuição humana, isto é, a parte que é pròpriamente de Allan Kardec. A doutrina pròpriamente dita, com os seus princípios básicos, está no *Livro dos Espíritos*, mas o desdobramento dos ensinos está nas outras obras (*Livro dos Médiuns, Evangelho Segundo o Espiritismo, Génesis, Céu e Inferno, Obras Póstumas*), sem as quais a doutrina ficaria incompleta.

II — POSIÇÃO DO ESPIRITISMO NA ESCALA DOS CONHECIMENTOS

Desde o tempo de Aristóteles, na Grécia, que se procura organizar, dividir, sistematizar, finalmente, os conhecimentos humanos. A divisão dos assuntos é uma necessidade imposta pela própria evolução dos conhecimentos. Daí o desdobramento, a ramificação das ciências. De uma ciência, por exemplo, saem diversas ciências novas, aos poucos se tornam autónomas. Toda a ciência tem os seus fenómenos. O Espiritismo tem uma categoria de fenómenos especiais, e tais fenómenos não pertencem à ordem geral dos fenómenos estudados pela ciência humana. Neste caso, qual o lugar do Espiritismo no quadro dos conhecimentos humanos? É o que vamos estudar, embora resumidamente.

De todas as classificações das ciências, a partir de Aristóteles, a mais ampla e mais aceita até hoje é a de Augusto Comte, o fundador do *Positivismo*, na seguinte ordem: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia, Moral.

A *Moral*, ciência dos deveres, entrou depois no esquema de Comte. Nota-se aí que não há lugar para a Psicologia na classificação de Comte. Ora, a Psicologia é, pela sua própria etimologia, a *ciência da alma*. Acontece, porém, que o sistema de Augusto Comte não aceita a existência da alma, como princípio independente do corpo. Os fenómenos da *Psicologia* estão enquadrados na *Biologia*. Hoje, porém, a *Psicologia* e a *Biologia* são ciências autónomas. A Psicologia já está dividida em dois grandes campos: Psicologia Racional e Psicologia Experimental.

O *Positivismo* não admite a alma na acepção espiritualista, isto é, como espírito imortal, que sobrevive à *morte* do corpo. O *Positivismo* não é uma doutrina imortalista. É natural, portanto, que Augusto Comte, na sua classificação das ciências, não incluisse a Psicologia.

Assim, os fenómenos psicológicos (fenómenos da alma) são equiparados aos fenómenos biológicos (fenómenos orgânicos), de acordo com o sistema de Comte. A Biologia, como ciência da vida ou dos seres vivos, ciência que explica todos os fenómenos da vida (nascimento, crescimento, morte), não explica os fenómenos da alma (reacções, tendências, emoções, etc.).

Mais tarde, porém, surgiu a *Psicologia* como ciência da alma, independente da Biologia. Ainda assim, há problemas e fenómenos que escapam à esfera da Psicologia.

Fixemos, pois, desde logo, o conceito de alma, segundo o Espiritismo. A *Psicologia* estuda, por sua vez, os fenómenos da alma, mas é preciso notar que a Psicologia não estuda os chamados fenómenos transcendentais. Neste particular, a Psicologia não sai dos fenómenos comuns: reacções, comportamentos, volições, etc. Assim como o Positivismo considerava o estudo da imortalidade da alma como pura metafísica e, portanto, como assunto que não interessava à Ciência positiva, a Psicologia também não entra em cogitações de ordem filosófica a respeito da alma. O problema da espiritualidade pròpriamente dita não faz parte do quadro da Psicologia académica, por ser problema de filosofia ou de religião. Então, a Psi-

cologia estuda os fenómenos normais, dentro dos limites da ciência humana. Não sobe, portanto, à chamada esfera metafísica.

O Espiritismo estuda justamente os fenómenos da alma, mas aqueles fenómenos que constituem uma esfera mais alta, acima do campo da Psicologia. São os fenómenos de além túmulo, com as suas divisões e, ainda, os fenómenos de *animismo*, que, embora sejam produzidos pelo próprio médium, não fazem parte do conjunto de fenómenos comumente estudados pela Psicologia. Alma, para o espiritismo, é o *espírito*, e espírito é o princípio inteligente, que anima o corpo, continua a viver depois da morte, tem consciência, individualidade e responsabilidade. De acordo, finalmente, com o seu conceito de alma, o Espiritismo tem por objecto uma ordem de fenómenos que comporta classificação especial na divisão dos conhecimentos humanos. Não podemos dizer que a Psicologia negue a existência da alma. Há doutrinas psicológicas, como há psicólogos que negam a imortalidade da alma, porque partem da filosofia materialista. Pode-se estudar psicologia com pontos de vista muito diferentes: materialista, católico, espírita, positivista, etc. Cada qual vê o problema da alma segundo as suas tendências religiosas ou filosóficas. O espiritualista, seja católico, protestante ou espírita, por exemplo, pode estudar a Psicologia para provar a existência da alma e sua imortalidade; o materialista pode também estudar a Psicologia para chegar a conclusão oposta, isto é, a de que a alma não existe. Tudo depende da formação, da orientação filosófica ou religiosa de quem vai estudar as questões psicológicas. O ponto de partida ou as premissas iniciais têm muita influência: se alguém parte da noção inicial de que a alma não existe, naturalmente vai concluir que todos os fenómenos psicológicos se explicam por meios materiais; quando, ao contrário, já se entra no estudo da Psicologia com a ideia formada de que a alma existe e sobrevive ao corpo, certamente as conclusões serão muito diferentes. Tudo isto, porém, é particular, é questão apenas da posição de cada um de nós no campo da Psicologia. Entretanto, a Psicologia em si, como Ciência, tem o seu campo determinado. Não lhe cabe, por isso mesmo, estudar questões que saem desse campo. Para resumir: a Psicologia estuda os fenómenos da alma em relação com o corpo, e não a alma depois da morte. Isto quer dizer, portanto, que o campo da Psicologia está circunscrito aos fenómenos habituais, comuns ou ordinários, dentro do conjunto das actividades psíquicas.

A discussão dos fenómenos de além-túmulo, por exemplo, já não pertence mais ao campo da psicologia académica. É outra ordem de conhecimentos. Os fenómenos psíquicos procedem da alma, não há dúvida, mas formam grupos especiais, e por isso é natural que existam ciências próprias para cada grupo.

PSICOLOGIA:

Racional: Estuda racionalmente o problema da alma, no plano teórico.

Experimental: Estuda os fenómenos do pensamento, as reacções, a vontade, etc., no plano prático.

ESPIRITISMO:

Fenómenos de além-túmulo.
Fenómenos anímicos.

Já se vê, portanto, que o Espiritismo ultrapassa o campo da Psicologia, justamente porque estuda uma categoria de fenómenos cujo mecanismo não pode ser explicado pelo mesmo sistema por que se explicam os fenómenos psicológicos. O Espiritismo tem, sim, relação com a Psicologia, em esfera mais alta, porque os fenómenos da alma são muito complexos e têm, muitas vezes, aspectos imprevistos. O nosso objectivo com estas considerações gerais é apenas separar os campos da Psicologia e do Espiritismo e, ao mesmo tempo, situar o Espiritismo no conjunto dos conhecimentos humanos.

Onde está, finalmente, o Espiritismo? Nas ciências naturais? Não, porque os fenómenos espiritas não pertencem à categoria dos fenómenos da Biologia ou qualquer outro ramo das ciências naturais. Nas ciências físicas? Também não, porque os fenómenos extra-humanos ou espirituais não se identificam com os fenómenos físicos. Nas ciências sociais? Não, porque os fenómenos espiritas não se confundem com os fenómenos sociais, nem o Espiritismo se enquadra na Sociologia ou em qualquer outra ciência do grupo de ciências sociais, como a Economia, a Antropologia, etc. Como situar, então, o Espiritismo? Acima das limitações ou dos esquemas de conhecimentos comuns. Convém notar, porém, que o Espiritismo, embora não esteja nem possa estar enquadrado em qualquer grupo de ciências humanas, tem elementos para elucidar ou esclarecer muitos problemas pertencentes a diversas ciências. As consequências do Espiritismo, na ordem filosófica, moral e social, por exemplo, incidem forçosamente sobre questões de Psicologia, Religião, Sociologia, Direito, etc., etc. Veremos a seguir as relações do Espiritismo com as ciências que lhe são afins e, ainda, com certos ramos de conhecimentos mais amplos. Neste caso, somos forçados a concluir que o Espiritismo estuda fenómenos especiais, fora de todas as classificações humanas e, por isso, deve ser estudado dentro da outra ordem de conhecimento, isto é, uma ordem de conhecimentos especiais, porque os fenómenos espiritas escapam ao mecanismo dos laboratórios humanos, uma vez que são fenómenos oriundos da esfera extra-humana.

RESUMO DESTA PARTE

a) O Espiritismo tem objecto próprio: o fenómeno de além-túmulo.

b) Justamente pelo facto de ter por objecto um tipo de fenómeno todo diferente dos fenómenos inerentes às ciências humanas, o Espiritismo não pode ser classificado entre as ciências humanas.

c) Tendo, portanto, caracter diferente das ciências humanas, o Espiritismo tem, também, método próprio, embora adopte até certo ponto os métodos normais das ciências comuns, em seu aspecto geral.

d) Embora não seja de origem humana, o Espiritismo forma um corpo de doutrina (Codificação de Allan Kardec), que tem relações com a maioria das ciências humanas sem, entretanto, ficar subordinado a qualquer uma delas.

e) Como corpo de doutrina, cuja base é o fenómeno, ponto de partida para a afirmação da *imortalidade da alma*, o Espiritismo tem consequências de ordem científica, filosófica e religiosa.

f) Como decorrência disto, o Espiritismo tem influência directa nas relações humanas, em virtude das consequências morais que decorrem da sua doutrina.

g) Finalmente, a influência do Espiritismo faz sentir-se nas relações humanas pela moralidade que imprime ao comportamento do homem na família, no grupo social, na vida profissional, etc.

Observações

Por RAMO

Há quase uma dúzia de anos que estudamos o Espiritismo, não só como uma posição ideológica específica perante os problemas da Vida, mas também como movimento. As ilusões já caíram como folhas outonais e... lá vão, varridas pelos ventos da incompreensão e das críticas de má-morte. Hoje são um monte de coisas ressequidas a apodrecer, mas largando ainda aquele perfume embriagador das horas em que as forjei, convicto de que a força das ideias podia mais do que a inércia das posições cómodas. É olhando para o passado que me atrevo a sair do meu voluntário silêncio para fazer algumas observações... aos espiritas de todo o mundo.

É certo que, como posição ideológica, o Espiritismo está vivo, mas são tantas e tamanhas as camadas de poeira que o movimento lhe tem atirado para as costas que nos custa a reconhecer a fisionomia que teve há um século. Vejamos um dos seus aspectos: — O Espiritismo é uma ciência? Em princípio, pugnamos pela afirmativa, se considerarmos que se busca um conhecimento certo e metodizado de uma fenomenologia bem determinada. Todavia, a que se atém hoje a «ciência espírita»? À simples constatação de fenómenos, ao mero olhar como as coisas se passam, esquecida de que o método científico exige, além da observação, a formulação da hipótese e a sua verificação pela experiência. O espírita julga que lhe basta verificar fenómenos em indiscutíveis condições de «contrôle», de eliminação da fraude (consciente ou inconsciente), e afirmar, no final, que o fenómeno foi produzido, à evidência, pela acção de um «espírito». E, deste modo, não fez mais que uma primeira observação... Hipóteses formuladas no século passado — à espera de confirmação ou negação.

Temos de nos convencer de que não chega a construção de um sistema em que as hipóteses se articulem lògicamente, de um sistema em que as ideias se prendem aos factos pelo fio capilar de induções mais ou menos ousadas, ainda que sempre nas baias da pura lógica formal.

Consideremos, por exemplo, um fenómeno de materialização. O espírita diz: — observado este fenómeno em condições absolutamente satisfatórias de «contrôle», concluo que se manifestou o espírito de A, dadas até as provas de identificação fornecidas; o «corpo fluídico» em que se operou aquela manifestação é formado de ectoplasma, retirado do corpo físico do médium, como foi constatado, entre outros, por Schrenck-Notzing e Ochorowicz. Eu responderei, com algumas perguntas, porque não me chegam as hipóteses sobre as causas imediatas: — Que é o ectoplasma, como substância, e quais as suas propriedades físicas, químicas e fisiológicas? é uma matéria homogénea ou diferenciada? como se opera a sua extracção do complexo fisiológico que é o corpo do médium? porque é que este mostra sinais de sofrimento durante a produção ectoplásmica? porque é que o ectoplasma é umas vezes plástico e não resistente à acção desagregadora da luz branca intensa e, outras vezes, é rígido e indeformável, como uma alavanca metálica? que forças, exteriores à personalidade do médium, entram em jogo para a extracção do ectoplasma? como se opera a moldagem e, finalmente, a reabsorção no organismo existente?

Vejamos um outro exemplo: — o «apport». O espírita diz: — aparecendo esta flor dentro desta casa que estava hermèticamente fechada e tendo eu eliminado todas as possibilidades de fraude, concluo por dizer que foi trazida por um espírito que a «desmaterializou», para a introduzir neste recinto, «rematerializando-a» depois. E eu perguntarei: — admitindo que é assim que o fenómeno se opera — apesar da dificuldade de aceitar dissociações em moléculas, senão mais profundas, pressupostas pelo termo «desmaterialização» — que forças determinam o processo?

E em relação a qualquer outro fenómeno espírita, ou mesmo anímico, poderíamos formular perguntas idênticas àquelas, a que o estado actual da ciência espírita (ou da metapsíquica) só nos responderia com hipóteses, e não com os dados certos de experiências feitas. Ora os fenómenos continuam a verificar-se, desde a Europa à América, mas (sejamos claros e francos) o comodismo atinente à mera observação faz olvidar os princípios do puro método científico! Porquê? Porque a grande maioria dos que buscam o fenómeno deseja fundamentalmente (em plena consciência ou... subconscientemente) saber, com segurança, se não há morte, e não o saber do modo e causas do fenómeno; ou então... deseja negar as razões dos que opinam pela sobrevivência do espírito. Note-se

que, até quando se tem o objectivo mais restrito de fazer uma boa observação, muitos já se revoltam... Querem-se fenómenos — estranhos, misteriosos, verdadeiros «milagres» — que obriguem a rojar a testa pela poeira dos solos terrenos e a gritar: — Não há morte, continuamos vivos para todo o sempre; «mea culpa», «mea magna culpa»!...

Mas não seria melhor saber como esses fenómenos se dão e aproveitar o conhecimento das forças que entram em jogo a fim de melhorar a situação da humanidade?

Muitos, neste momento, iluminarão o rosto com um sorriso de comiseração, para nos perguntar: — para quê esse

e Conceitos

PEREIRA

trabalho insano de investigar até ao último escaninho? para provar ao mundo da ciência oficializada que há fenómenos que, em condições perfeitamente conhecidas, nos aclaram as relações entre a Terra e o Além?

E terminarão com umas frases que tantas vezes ouvimos nas nossas andanças de espirita: — Deixe-os lá, homem: quando eles morrerem, verão se temos ou não a razão do nosso lado!... Eles depois hão-de vir pedir-nos Luz... como os «sofredores» que temos «doutrinado»...

O caminho seguido pelo movimento espirita dos últimos 30 anos não nos parece o mesmo que, para a «ciência espirita» foi aberto por Kardec, Delanne e Bozzano! Aquele propende irresistivelmente para a posição de sentado diante do fenómeno, de olhos bem abertos (mas só para ver, para poder contar como foi), à espera do «frisson» satisfatório de mórbida curiosidade; ao passo que o outro desejava o fenómeno estudado suficientemente para que as forças espirituais fossem bem conhecidas e utilizadas.

Quanto avançámos em relação à posição dos «clássicos» do Espiritismo? Se nos referirmos ao grau de conhecimentos, teremos de reconhecer uma estagnação; se considerarmos a posição mental, encontraremos um retrocesso. Efectivamente, tanto em França, como na Inglaterra, nos Estados Unidos ou na Suécia, a situação é a mesma:—observam-se fenómenos, muitos fenómenos de psicografia, materialização, «apport», moldagens, etc., diante de verdadeiras multidões, mas... não se pesquisam as causas.

Quando lemos obras espiritas modernas, de cunho científico — e são bem poucas — que encontramos? Referências aos trabalhos dos Richet, Geley, Crookes, Bozzano, etc., e descrições de fenómenos idênticos aos que eles estudaram; por vezes, a formulação de uma ou outra hipótese e... é tudo! Conclusão a tirar? Uma só: — o fenómeno existe, mas pouco ou nada se sabe das condições da sua existência...

Há quem diga que a causa deste erro de posição mental está em se ter trazido o fenómeno à multidão; isto é, o desejo louvável de expandir a Doutrina impede a observação científica do fenómeno. Mas se os erros que se cometem nas grandes sessões públicas persistem nos pequenos grupos? Poderão reduzir-se ou aumentar-se certos efeitos, retornando ao trabalho de assistência reduzida, mas não se evita a deficiência de base — que reside em observar, apenas. O necessário é investigar, na genuína acepção do conceito científico. Depois, poder-se-á levar o fenómeno ao grande público.

Imaginemos se, hoje, depois de uma corrente sessão mediúnica de incorporação, um assistente perguntasse ao «director dos trabalhos» quais as condições em que se efectuara o fenómeno e por que fora assim e não de um modo diferente? E, tratando-se de uma comum sessão portuguesa, porque é que o médium se contorcia, tinha deglutições ruidosas e contracções musculares tremendas, ao mesmo tempo que, na maioria dos casos, não mostrava alterações de pulsação, modificações sensíveis de linguagem a fonia?

Dirão muitos — Lá continua este homem com a sua mania de cientismo!... Desculpem-nos, mas... não podemos esquecer o lema de Kardec:— sem Ciência não há Espiritismo! E é evidente que quando Kardec falava de «ciência» não pensava simplesmente em observação...

No dia em que conhecermos as Forças do Espírito e As usarmos—como espiritas cônscios da sua natureza e do seu destino—a vida na Terra será a Vida, e não o que hoje possuímos, pelo peso dos erros acumulados. Até lá, somos joguetes dessas forças, incapazes de escolher conscientemente uma direcção definida — a mais adequada aos nossos fins como homens — à espera que outros façam por nós o que só a nós nos compete. E, quantas vezes, aqueles que do Além nos desejam ajudar não passam de simples joguetes como nós e nada mais fazem que, ingènuamente, manter-nos naquele «engano de alma, ledo e cego»...

"NO ROTEIR

Por MARIA RO

Sim, «No Roteiro da Luz» é um livro diferente. Não é superficial, como tantos outros, mas um alfobre de verdadeiros poemas. Um espírito de mulher o escreveu para o mundo, espírito torturado e aflito imerso no oceano da Luz Infinita cheio de misteriosa profundeza.

Maria Rocha Barros é a cantora destas suaves melodias, ora doces, ora incisivas, sempre vibráteis, que reflectem uma argonanta de sonho em busca de horizontes novos. Edição da Livraria Allan Kardec Editora, que tão belas obras nos tem proporcionado.

É um arrojo gráfico este livro que faz pensar e obriga a meditações transcendentes. É um retiro espiritual, um tónico para as lutas da vida transitória. Impresso em óptimo papel, com vinhetas a três cores e a deslumbrante figura do Cristo na capa, está magnificamente apresentado e o produto integral da sua venda destina-se à conclusão de um Educandário para orfãs e abandonadas.

Autora e editor merecem o nosso apreço, e decerto os espiritas brasileiros vão acolher esta joia literária com a maior simpatia.

Eis alguns poemas que mais nos impressionaram :

O SEMEADOR

Não me atormentam as atribulações do ouro,
E é por isso que não tenho palácios...
«Onde estiver teu coração, estará o teu te-
[souro».
Na vida — ando à procura do gesto nobre,
Daquele que afinal não se descobre.
Mas tenho palavras,
Palavras, que caminham pelas minhas mãos.
Com elas, construirei um novo mundo,
E o cobrirei com seu manto de pedrarias.
Um mundo, onde a verdade sobre !
E é por isso
Que eu sou poeta
E sou pobre...

DESACERTOS HUMANOS

Quando sentires
Que o mundo desaba aos teus pés;
Quando sentires
Que tudo se desmorona,
Se desconjunta ao teu redor;
Quando todos te desprezarem
Por não te poderem compreender;
Quando é sòmente desolação
E um amontoado de desenganos,
Levanta-te !
Levanta-te e caminha.
Ama cada vez mais
E mais intensamente ainda !
Que o aço de tua vontade,
Longe das consciências nebulosas,
Que o aço de uma vontade alada
Fenda o espaço:
Nuvens, céus é firmamentos.
E lá, nas paragens luminosas,
Retempera-te, homem !
Retempera-te na fonte
Do Amor Universal!

ROTINA

Vós, que pertenceis à casta dos senhores,
Que ostentais o aguilhão
Da força do poder: o mando...
Que vindes
Do ouro desdobrando
Até os últimos centavos,
E uma raça inteira escravizando,
Sois o maior
E o mais infeliz de todos os escravos !

UNIDADE UNIVERSAL

Esquece-te, se ainda existes ...
Que nem mágoas nem caudades
Te perturbem. E nem nunca
Sejam tuas as vontades!
Vai, atira para longe
O teu ego, sim, teu ego —
Que de nada te valeu,
Nem valerá, se andas cego.
Parte em busca da Unidade.
Só dentro dela e no Todo
Acharás Felicidade !

RO DA LUZ"

(I)CHA BARROS

REDENÇÃO

Quantos ais, quantos lamentos
Da terra se levantam
Numa lenta agonia !
Quantas criaturas cujas almas
Sempre genuflexas,
De mãos postas,
Têm os olhos parados numa estrela,
Querendo conhecê-la !
Quantos seres aflitos,
Desafortunados, pequeninos,
Gemem no cárcere da matéria
Perecível, deletéria,
Em busca de outra vida,
Além da própria vida,
Essa, que existe além do túmulo,
Eterna, e mais forte
Do que a Morte !
Quantos ais, quantos lamentos
Em preces da terra
Se levantam todo o dia !...
Só a dor sabe fazer poesia !

DESESPERO

Falas dos corações de pedra !
Do homem vulgar, fútil e mesquinho,
Daquele, que zombando cruza o teu caminho,
As estradas nunca são iguais...
Largas demais... Estreitas demais...
Desesperado,
Queres partir o sol, a luz, tua vidraça,
E alguma coisa então maior te despedaça !
Assim vencido,
Põe-te a rir a bandeiras despregadas.
Porém, no fundo,
Outros risos rirão de ti profundos.
Existe muita música nos mundos !
Na carne percorrerás as existências.
Para que só de amor te faças e de paciência.
Então um dia,
Da matéria não te restará mais nada,
Nem mesmo o som da tua gargalhada !

ILUSÃO

Não te conformas com as quedas
E vives obcecado pelas glórias...
Quantas vezes numa queda
Alcanças todas as vitórias !...

MISÉRIA HUMANA

A verdade anda pelo mundo
À procura dos homens.
Tão fatigada e só
Nem as pedras teve por travesseiro
Onde pudesse repousar a fronte.
Cegos que sois,
Só com as lágrimas de vossos olhos
Haveis de ver !
Secarão os rios, os prados e as fontes,
Mas não secarão vossas lágrimas,
Pois que chegareis
A fazer delas um oceano
E inundareis a terra !
Homens, baldos de coração,
Sois baldos de crença, baldos de caridade,
Porque desconheceis o Amor.
Tudo é gelo, tudo é pó, tudo é espinho
No ser humano,
Que veio a este mundo
Para ter piedade.
Se não trabalhardes vossa alma,
Farrapo humano que sois,
Nos campos da miséria
Permanecereis...
Ó terra, que transformas
A Cobiça em ouro,
A luz em trevas,
O mar em sangue !
És expiação e és castigo.
Jerusalém que mata os profetas !
Até quando ?! Até quando ?!...

ENCONTRO

Mulher,
Os teus olhos
Devem ter feito mal a tanta gente !

— Senhor,
Só a mim têm eles feito todo o mal !

O fardo,
Só ao seu dono deve pesar,
E o da beleza física,
Quão poucos o sabem carregar !

ORIGINALIDADE

Por LUÍS DE BARROS CASTRO

(Correspondente em LUANDA)

Acabei de ler um livro cujo autor se chama Giovanni Papini. É o primeiro que leio deste autor e pelo nome suponho-o italiano.

Compõe-se a obra de 70 pequenas historietas e intitula-se «Gog», nome suposto de um suposto doido, que o escritor encontrou num manicómio e que numa única visita logo lhe entregou a pasta dos documentos que depois ele mandaria publicar... e que deu origem ao referido livro.

É um trabalho com pretensões a ser original, mas que, afinal, não passa da vulgar maneira de mostrar as coisas de pernas ao ar. Lê-se por desfastio e, quando se chega ao fim, convence-se a gente de que o autor, tal como nós, deveria ter ficado bem desgostoso, porque «aquilo», bem espremido, nada deu. Quando muito, pôs o autor ali um pouco de fantasia, que nada tem da cabeça de um doido.

Os assuntos são tratados com certa erudição, facilidade em ventilar ideias, mas nada nos revela de novo e quando se acaba a leitura, pelo contrário, achamos que tudo está muito bem, conforme tem estado até aqui.

É mais um volume que passa sob os nossos olhos e que por pouco não lamentamos o tempo perdido.

Pelo que o autor diz, vimos que é exigente quanto a boas obras literárias, e por certo nos compreenderá no presente caso.

Mas teria passado sem nos chamar a atenção, como tantos outros, se em duas ou três passagens não tocasse «superficialmente» em assuntos de Espiritismo. E aqui é que confessamos francamente: não gostámos.

É que ficaríamos mais satisfeitos, se o autor marcasse posição definida. Isto de não negar, mas tentar demolir, ridicularizando, é profundamente antipático.

Um doido (no livro é um doido que fala) nunca teria ideias tão dúbias, nem tão preconcebidas. Não faria cálculos, nem crítica com tão velada intenção.

Pugnando com tanta frequência pelas coisas referentes ao espírito, não se compreende a galhofa que depois faz, quando, levemente, trata a Doutrina Espírita!

De duas, uma: Ou a palavra *espírito* é para ele uma maneira de falar e de se referir às mais elevadas actividades do homem e, então, não passa de simples forma retórica tão comum até em crentes de várias religiões que tanto falam em alma e combatem o Espiritismo — e este parece ser o seu caso — ou então estará naquela posição tão incómoda em que, não tendo compreendido ainda o que é o Espiritismo, todavia está prestes. Há assim muita gente. É questão de mais um pouco de estudo, ou de mais uma pequena explicação.

E então teremos o nosso Giovani Papini do nosso lado, decidida e definitivamente, e muito haverá que esperar da sua erudição e facilidade em ventilar ideias.

Para chegar ao nosso reduto, além de inteligência, que não nego ao Sr. Papini, é preciso ter atingido certo grau de maturação biológica. De ainda o não ter atingido, não tem ele culpa, mas sim e sòmente o seu grau de evolução. Os homens são como os frutos, que não amadurecem todos ao mesmo tempo.

Mas há quem os coma meio verdes e goste muito.

E ainda bem que é assim, porque, do contrário, o seu editor não cairia na segunda.

Estar de bem com Deus e com o diabo é a posição mais lucrativa e, para ele, esse é que é o verdadeiro rasgo de génio. O que é preciso é atrair o comprador.

Revolta-se contra as baixas necessidades da Humanidade — comer, defecar (dois actos paralelos), reprodução, dinheiro, etc. — mas o seu génio, finalmente, só pensou no êxito de venda, porque esse é o único que tem reflexo, não no cérebro do seu semelhante, mas na sua própria barriga — dele.

O resto são cantigas que podem satisfazê-lo moralmente, mas não ajudam a pagar as contas do merceeiro.

Ele gostaria mesmo — a avaliar pela inversão com que tratou todos os assuntos, excepto o Espiritismo — de ter provocado um escândalo literário que chamasse a atenção de todo o mundo, mas o seu engenho fracassou estrondosamente e terá de contentar-se apenas com os que gostam uma vez por outra—como

as mulheres em certos períodos — de comer um ou outro fruto mal maduro. Uns comem-nos por desfastio e outros por necessidade — estes são os que gostam de ler, mas pedem livros emprestados.

Eu estou quase neste último caso, porque, quando pretendo adquirir um livro, tenho de pensar como há-de chegar o dinheiro... E disso também não tenho culpa, porque, tal como o Sr. Papini ainda não está naquela maturação biológica necessária para compreender o Espiritismo, também eu ainda não consegui saber como é que se chega a rico, nem em muito nem em pouco tempo, sem prejuízo de alheios interesses. Neste ponto também não desprezava umas lições zitas, dele ou de outro qualquer.

O Sr. Papini, se é italiano, é de um país em que as palavras *Arte, Espírito, Espiritismo* não são termos vãos. Ridicularizar a arte e sobretudo galhofar do Espiritismo, é, no seu caso, pôr-se a ele próprio fora do campo de tão elevados conceitos, e então só nos resta interrogar: Estará ele ainda acima destes planos e ninguém pode saber o que quer, ou deu-lhe para pôr as mãos no chão e nos quer mostrar como se vêem as coisas com os olhos enviesados e a cabeça pendente?...

Se o Sr. Papini se lembrasse de que na sua pátria nasceu um grande luminar do Espiritismo e da filosofia; se tivesse lido uma só obra desse homem a quem o mundo culto admira; se pudesse compreender a complexidade daquilo que em todos os ramos tem revelado e dado a conhecer ao homem; se tivesse conhecimento de que «A Grande Síntese» teve a honra de ser condenada pelo Papa; se, em suma, conhecesse Pietro Ubaldi através das suas obras como sendo uma alta manifestação da inteligência humana e até hoje, por certo, um dos máximos expoentes de cultura no mais lato sentido do termo, não só não falaria de ânimo leve na palavra *espírito*, como se envergonharia mesmo de ventilar, ainda que superficialmente, a profunda ciência do Espiritismo!

Só porque Pietro Ubaldi nasceu na Itália, o Sr. Papini se devia orgulhar de ser italiano. A Itália e a Europa vangloriam-se de ter um Homem de tal envergadura.

São homens assim que fazem da Europa o cérebro do Mundo! Só ele parece desconhecer a sua existência e ainda com a agravante de ser italiano!

Se tivesse lido esse escritor, veria quanto é ridículo o seu sarcasmo e quanto é insensata a sua galhofa, Sr. Papini. Leia-o.

Se no-lo permite, é o conselho que lhe damos, e muito terá a lucrar, se o seguir.

Volte tudo de pernas para o ar, mas não toque naquilo que, nem mesmo direito, é capaz de ver com isenção e perfeito conhecimento de causa.

Para ser original, não precisa inverter posições.

Se alguém, depois de ler esta pequena crítica, sentir curiosidade de ler o seu livro, não precisa de agradecer-me o reclamo.

Eu é que lhe agradeço que retome a posição normal, para não envergonhar a espécie humana, a que, de qualquer maneira que ande, sempre dará mostras de pertencer.

E adeus, Sr. Papini.

DUAS MOCIDADES

AO ERASMO PORANGABA

Eu era moço ainda. Orientava meus passos,
Crente que meus ideiais fossem todos oriundos
De esferas celestiais, de extraordinários mundos,
A zombar de aflições, de lides, de cansaços...

E vivia feliz com meus sonhos jocundos,
Como um deus sobre a Terra, um sol pelos Espaços,
A retirar do nada universos profundos,
Rebentando grilhões vetustos em maus braços!

Mas, pouco desfrutei dessa graça divina,
— A mocidade em flor! — Quando ela se extinguia,
Foi que minha razão aceitou a Doutrina.

O Espiritismo, então, que encanta, que persuade,
Trouxe-me tanta luz, deu-me tanta alegria,
Que eu vivo, por meu bem, segunda mocidade!

Leopoldo Machado

Congresso Espirita Internacional

Por ANTÓNIO CARDOSO

Depois do 1.º Colóquio Internacional de Parapsicologia realizado na Universidade de Utrecht em Julho e Agosto do ano passado, Holanda — o país dos tão falados moinhos e das lindas túlipas — voltou de novo a animar-se agora com o Congresso Internacional de Espiritismo, que teve lugar em Amesterdão, de 11 a 18 de Setembro. Depois de Londres (1948) e Estocolmo (1951) coube agora a vez à Holanda de receber os delegados espiritas de todos os cantos do Globo, que ali se iam reunir para expor os seus problemas, apresentar as suas sugestões, num intuito louvável de maior progresso para a Causa comum.

Não se podia ter escolhido melhor país do que a Holanda para um Congresso deste género, em primeiro lugar porque é lá que existe (em Utrecht) a primeira Universidade da Europa em que funciona uma cadeira de Parapsicologia, e em segundo lugar porque a Holanda é, sem sombras de dúvida, um país extremamente evoluído, com uma sociedade muito e muito diferente daquela que estamos habituados a ver, e infelizmente... a viver! Durante os dez dias que aí permaneci, e apesar de estar quase continuamente nos trabalhos do Congresso, pude observar diversos factos que me mostraram a grande evolução deste povo — a sua concepção da Vida, a sua educação, a sua moral realmente superior. Não vi um único pobre na Holanda, não vi um único indivíduo a estender a mão a quem passa. Tudo ali é trabalho, tudo neste país é actividade, e vê-se na cara dos homens e mulheres uma alegria de viver, que só prova o alto nível de vida que lá existe. De manhã todos vão de bicicleta para os seus afazeres — crianças, raparigas, homens e mulheres. Podemos mesmo dizer que é o transporte número 1 da Holanda, o que não nos deve admirar, se nos lembrarmos que lá não existem calçadas, como aqui, em Lisboa. O que nos deve admirar é o facto de todos deixarem essas bicicletas encostadas aos prédios e, à tarde, quando regressam a casa, encontrarem-nas tal como as deixaram. É que lá — estimados leitores — existe respeito pelas coisas que não nos pertencem, e por consequência não há indivíduos capazes de furtar uma bicicleta ou outro objecto. Admirável, não é verdade? E nos eléctricos, sempre que vai uma senhora de pé, qualquer que seja a sua idade, os cavalheiros cedem-lhe o lugar; mas, se acontece que vão sòmente senhoras sentadas, então uma mais nova do que aquela que vai de pé levanta-se dando-lhe o lugar.

Ora é por estes e muitos outros factos, que só não relato para não me alongar em demasia, que — repito — não se podia ter escolhido melhor país para a realização dum Congresso deste género.

SÁBADO, 11 DE SETEMBRO

E chegou finalmente o tão desejado dia 11 de Setembro! Não posso dizer — seria talvez muito poético, mas cometeria a grande falta de fugir à verdade — que o dia surgiu alegre, com o Astro-Rei a brilhar no céu azul. Pelo contrário: uma valente bátega de água presenteou essa manhã todos os congressistas. Posso mesmo acrescentar que, enquanto durou o Congresso, todos os dias choveu. Não nos devemos porém admirar deste facto, pois a Holanda é um país de elevada pluviosidade, em virtude das suas especiais condições geográficas.

O Congresso abriu os seus trabalhos às 10 horas da manhã, no *Tropical Hall*, com o registo dos delegados e visitantes e o pagamento dos bilhetes para as diversas excursões a realizar. A todos os delegados era dada uma pequena chapa para colocarem na lapela com o respectivo nome e o país a que pertenciam, permitindo uma rápida identificação. Logo nessa manhã tive o prazer de conhecer alguns e entre estes não posso esquecer o do México, a Sr.ª D. Elodia de Benavides, vice-presidente do Instituto Mexicano de Parapsicologia e directora da esplêndida revista «Voz Informativa». Investigadora incansável, que tem percorrido grande parte do Mundo para estudo dos fenómenos metapsíquicos, a sua conversação representou para mim momentos de intenso prazer espiritual, que será difícil, se não impossível, esquecer. Para ela o Espiritismo é estruturalmente científico, repudiando tudo aquilo que, mesmo ao de leve, possa tomar aspecto religioso. Vi-a criticar as leituras bíblicas a que assistiu em muitas sessões dos países que visitou, dizendo que isso dava a impressão de que o Espiritismo não era mais do que uma das muitas seitas protestantes que já existem, o que é inteiramente falso.

Às 14 horas deu-se o início oficial do Congresso, com recepção das delegações e visitantes por Henri de Vries, da Nederlands Spiritueel Kerkegenootschap. Na vasta sala encontravam-se as bandeiras de todos os países presentes, incluindo, claro está, a de Portugal. No estrado, o retrato do grande físico inglês e pesquisador dos fenómenos paranormais, Oliver Lodge. Abriu a sessão Anthon van Doorn, da Holanda, que, em seu nome e de todos os organizadores do Congresso apresentou a todos os presentes as boas-vindas. J. P. Smits, também da Holanda, que em seguida usou da palavra, mostrou a importância de que aquele Congresso se revestia para uma melhor homogeneidade de vistas no campo do Espiritismo Mundial.

O Presidente da Federação Espirita Internacional, André Dumas, fez uma breve mas expressiva alocução, saudando todos os presentes. André Dumas é, além de um espirita convicto, cujo dinamismo em prol da Causa é sobejamente conhecido não só em França como em outros países, um investigador sereno dos fenómenos parapsicológicos, que ainda há pouco nos deu, no seu esplêndido livro «A Ciência da Alma», o produto dos seus estudos e conclusões. André Dumas não pode conceber qualquer aspecto religioso no Espiritismo, tendo-me até dito, numa agradável conversa que tivemos, que o Espiritismo religioso só serve para prejudicar o verdadeiro, o autêntico Espiritismo. E acrescentou:

— A grande força do Espiritismo

está no trabalho daqueles que, dedicando-se exclusivamente à parte científica, nos têm apresentado obras de incontestável valor. Repare por exemplo nas obras de Bozzano. Repare na análise serena dos fenómenos feita por esse grande investigador.

Nessa mesma tarde usaram ainda da palavra o Dr. Sevil Akay, delegado da Turquia, e Melvin Smith, dos Estados Unidos.

Às 15h e 30m realizou-se um chá no Grand Foyer, onde os delegados tiveram ocasião de se darem a conhecer melhor. Nessa tarde e nos dias seguintes fez-se larga distribuição de revistas espiritas e, entre elas, «Estudos Psíquicos», de que todos gostaram. Mesmo aqueles que não compreendiam o nosso idioma, depois de a folhearem, tinham sempre palavras de aplauso, elogiando a sua ótima apresentação, o seu atraente aspecto gráfico, admirando-se até de como entre nós era possível fazer-se uma revista de tão elevada categoria.

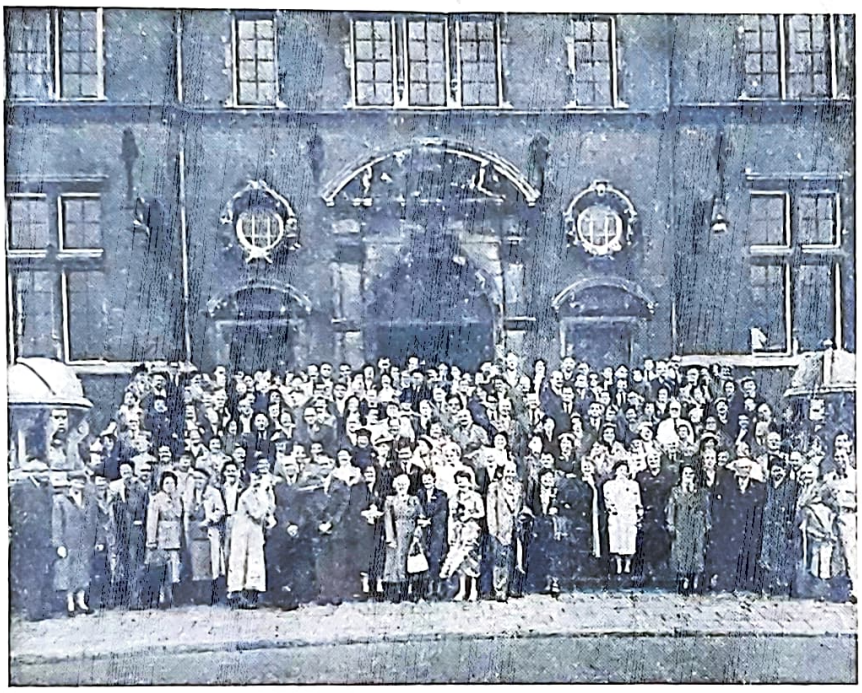
Pelas 19 horas, no Jardim de Inverno do Hotel Krasnapolsyk, realizou-se o banquete anunciado no programa, que reuniu muitas centenas de delegados e visitantes. Uma orquestra, instalada no palco, serviu para tornar ainda mais acolhedor aquele ambiente. Quando entrámos na sala, a orquestra começou a tocar e o primeiro trecho executado foi precisamente um número português, *Coimbra*, do filme «Capas Negras». Junto de mim estavam a Sr.ª D. Benavides, Mademoiselle Abeille Guinard (representando a «Maison des Spirites»), D. Ostiadal, de origem romena, etc. O banquete abriu com uma «Salade italienne» (aquilo a que chamamos «salada russa»); os criados andavam no entanto com duas espécies de saladas, uma contendo carne, outra sòmente com produtos naturais, para os diversos vegetarianos que estavam presentes, como eu, Mademoiselle Abeille Guinard, Madame Marcelle Gendet (sócia do «Espiritualismo Científico e Experimental», de Paris), etc.

Por vezes, os trechos tocados pela orquestra eram tão populares e tão do agrado dos assistentes que estes os acompanhavam cantando. Em Portugal, o país do *parece mal*, isso seria tomado como prova de muito má educação! Cantar enquanto se está à mesa, brrr! Que vergonha! No entanto, lá fora, em França, Bélgica, Holanda, etc., em todos esses países, que apresentam uma civilização superior à nossa em muitas e muitas dezenas de anos — para não dizer centenas — há muito que os mil-e-um preconceitos que nos rodeiam não têm a menor existência. Vejo pessoas a comer pelas ruas com a maior naturalidade e ninguém sequer a admirá-las; vejo homens e mulheres andarem de calções nos seus afazeres, irem desta forma para os teatros, cinemas, etc., com toda a despreocupação; vi que em muitas praias da Costa-Azul não havia barracas para as pessoas se despirem: um simples lençol no ombro bastava para a rápida mudança de indumentária. E, claro está, ninguém reparava nisto, a não ser algum Português que lá se encontrasse... Por isso, não me admirei agora, no banquete, de ouvir cantar pessoas de todas as nacionalidades, completamente alheias ao nosso vulgar *parece mal*.

Nessa noite pronunciaram breves mas vibrantes discursos os Srs. Gerald van El, da Holanda, J. G. Kottman, David Bedbrook (secretário-geral da Federação Espirita Internacional), K. H. G. Spee, da Holanda, e ainda André Dumas. Este último afirmou que o facto de estarem ali reunidas pessoas das mais diversas raças e nacionalidades mostrava que era possível «a unificação espiritual da humanidade, e portanto a paz e a harmonia com todos os povos».

David Bedbrook, no seu discurso, referindo-se a Portugal, disse que era com a maior satisfação que via ali o seu delegado, apesar de todas as dificuldades existentes. Não só desta vez, mas em todas que usou da palavra, o Sr. David Bedbrook mostrou-se um grande amigo dos espiritas portugueses.

Nessa noite, apresentou aos presentes os delegados dos diversos países, que eram recebidos com muitas palmas pela assistência, palmas redobradas quando determinado país era representado por um único delegado. Estão neste caso o México, a Turquia, o Canadá (representado por Mademoiselle Edith Hutton), Israel e Portugal. A Suécia bateu o *récord*, pois foi quem enviou o maior número de delegados.



Um aspecto de congressistas e visitantes em frente do «Tropical Hall», onde se realizou o Congresso

DOMINGO, 12 DE SETEMBRO

Enquanto no Colóquio de Parapsicologia de Ultrecht estavam reunidos indivíduos que só viam nos fenómenos paranormais uma nova Ciência — a «Ciência da Alma» profetizada por Charles Richet —, alheando-se inteiramente das

consequências, mesmo morais, dos mesmos, no Congresso de Espiritismo de Amesterdão todos se interessavam não só pela parte puramente científica mas também pelas suas consequências morais. Porém, havia um ponto de divergência, ponto esse que, como já esperava, não foi solucionado. De um lado, estão os espiritas que afirmam que o Espiritismo é Científico, Filosófico e Ético, e nada mais. Do outro estão os que clamam que ele é também Religioso. Aqueles que querem estudar verdadeiramente o Espiritismo, aqueles que, no sossego dos seus gabinetes ou dos seus laboratórios de investigação, têm dedicado à Causa toda a sua atenção, todos os seus conhecimentos e toda a sua inteligência afirmam que o Espiritismo é estruturalmente científico. A palavra religião implica dogma, aceitação *a priori* de determinadas afirmações, ritos e práticas ilógicas, sem qualquer conteúdo racional.

Eu sei que os partidários do Espiritismo religioso — e tive ocasião de apreciar por diversas vezes isso no Congresso — pretendem fugir desta dificuldade flagrante, afirmando que a *Religião Espírita* (?!?) é diferente das outras, pois não possui sacerdotes, nem ritos especiais, nem sequer imagens. Ora isto é dar à palavra religião um significado diferente daquele que ela tem, tão absurdo como dizer que a religião católica é uma ciência, mas uma ciência diferente das outras, com altares, ritos e sacerdotes. No fundo, como muito bem afirmou André Dumas na abertura da sessão dos delegados, a maioria dos espiritas são indivíduos que, não abdicando das suas crenças, apenas lhes adicionam a imortalidade da alma. Ora é esta maioria de espiritas, que «pensam com o chapéu e não com a cabeça», como muito bem me disse Madame Marcelle Gendet, que afirmam que o Espiritismo é uma *Nova Religião*. Encontrei no Congresso uma senhora que, sendo uma activa organizadora do mesmo, se intitulava protestante-espirita!!! Nesta tarde de domingo realizou-se o Serviço Religioso do Congresso (até me custa a escrever um absurdo desta ordem!) com hinos, leituras bíblicas e um sermão feito pelo «pastor» (palavra escrita no próprio programa!) K. H. G. Spee. Como se vê, as contradições dos partidários do Espiritismo Religioso vão a tal ponto que, afirmando por um lado que o Espiritismo Religioso não tem sacerdotes, nem imagens, vão, por outro lado, chamando aos dirigentes espiritas pastores e reverendos, como apelidavam o delegado dos Estados Unidos. Sacerdotes, leituras bíblicas, imagens de Cristo, imagens de Santos e até procissões e altares (como até há pouco tempo havia num Centro *espírita* de Lisboa) — então isto é que é a tal *Nova Religião?*

Isto, como muito bem me disseram diversos delegados, são formas deturpadas do verdadeiro Espiritismo.

Mas continuemos. Nessa mesma tarde tive ocasião de assistir à primeira sessão de clarividência, feita por Berta Harris. Luzes acesas, sem concentração no estrado. Visões certíssimas, que a pessoa em causa ia confirmando. Quando se tratava de qualquer facto mais alegre, a assistência sorria com a clarividente, num à-vontade extraordinário. No entanto, apesar de tudo isto, os trabalhos de clarividência iam resultando magníficos, com precisão às vezes surpreendente.

Que pena não haver em Portugal uma clarividente como Berta Harris!

À noite tivemos o prazer de assistir à exibição de dois filmes. O primeiro, «O Mundo Invisível», feito em colaboração com Madame Marcelle Gendet, descreve-nos, entre outras, as experiências de clarividência que ela realiza periòdicamente na Sociedade de Geografia de Paris. Este filme, que mereceu no final uma vibrante salva de palmas, foi apresentado com êxito no Festival Internacional de Cannes. O outro filme, apresentado, segundo me disseram, pela primeira vez na Holanda, foi «O Retrato de Jennie», já há alguns anos exibido em Portugal, no Eden, como provàvelmente muitos leitores devem estar lembrados. Trata-se de um filme estruturalmente espirita, que merece ser visto.

Ainda nessa noite tivemos o prazer de ouvir Margaret Benning (Holanda) cantar «The Lord's Prayer» e «The Book», e canções por «Gijs Berendsen» — quarteto dirigido por Jean Bonda. Todos os números foram muito apreciados e aplaudidos pela numerosa assistência.

(Continua)

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Continuamos a receber donativos para a nossa subscrição. Que eles acorram como dádivas de amor a reflectir-se em quem dá e quem recebe.

A subscrição destinada a envenenar com tabaco os soldados da India atingiu somas fabulosas. Praza a Deus que a nossa se mantenha ao nivel das anteriores e dar-nos-emos por felizes.

Transporte do n.º anterior	300$00
D. Feliciana P. Carvalho Freire, de Dundo	100$00
Ima Irmã, de Leiria	50$00
D. Elvira Nobre Carvalho, de Lisboa	5$00
Frederico Pereira, de Lisboa	10$00
Alberto Rosa, de Bissau	25$00
C. S. Santos, de Lisboa	20$00
V. R. Silva, de Lisboa	20$00
José Simões, de Santarém	3$00
Ramos, de Lisboa	20$00
Celestino, de Lisboa	5$00
C. D., de Lisboa	50$00
Total	608$00

Enxovais — *De um casal do Porto que deseja manter o anonimato recebemos dois enxovais completos para recém-nascidos. Toda esta roupinha denota o requintado bom-gosto dos ofertantes a quem desejamos muitas felicidades.*

Não haverá mais almas caridosas que imitem o gesto destes irmãos do Porto?

HOMENAGEM A ALLAN KARDEC

Por ACHILLE BIQUET (correspondente em Liège)

A União Espirita Belga associa-se a todas as colectividades espiritas do mundo, a fim de prestar solene homenagem a Allan Kardec por ocasião do 150.º aniversário do seu nascimento, homenagem muito bem merecida, porque, se houve um homem que, depois de Moisés, Platão, Jesus e outros grandes iniciados, se baseou numa renovação espiritual susceptível de dar novo impulso ao progresso da humanidade, esse homem foi Allan Kardec.

De há um século a esta parte, numerosos e elogiosos artigos apareceram sobre o Mestre, na imprensa especializada, e muitos discursos têm exaltado o trabalho que ele realizou. Para quem não aprofundou a sua obra e não experimentou as dificuldades consideráveis que se apresentam a todos os iniciados em assuntos de parapsicologia, estes elogios parecerão exagerados. Por mim, inclino-me respeitoso em face da tarefa monumental que realizou nos últimos anos de vida terrena.

Para avaliar-se o seu mérito, basta ver que teve de substituir o próprio pensamento e determinar o caminho a seguir, quando sentiu a realidade do mundo invisível e a possibilidade de comunicar com os chamados mortos.

Nessa época, nada existia em matéria de parapsicologia. Em todos os tempos se teve conhecimento de numerosos factos, mas não haviam sido estudados, analisados e seleccionados de forma metódica e racional. Ninguém procurara indagar a causa desses fenómenos, como ou por que meios haviam sido obtidos, nem reveladas as leis naturais que presidiam ao seu desenvolvimento. Por outro lado, nunca se tentara criar uma organização conveniente, embora algumas tentativas sem importância se tivessem assinalado sob a forma de alguns livros especializados, sem que nenhum autor tivesse ainda encarado o problema no seu conjunto. Claro que Allan Kardec vislumbrou os ensinamentos de ordem espiritual resultantes desses factos e pressentiu os motejos e os ataques caluniosos dos movimentos religiosos.

Longe de mim pensar que ele tivesse tido dúvidas; mas é inegável que, no seu lugar, muitos teriam hesitado, visto ser precisa uma grande coragem, não só para assumir responsabilidades esmagadoras inerentes à elaboração de uma doutrina sobre as leis do destino, como também uma vontade inquebrantável para levar a sua missão a bom termo.

ALLAN KARDEC

As suas responsabilidades eram, de facto, esmagadoras, pois Allan Kardec tinha de reunir metòdicamente os elementos que lhe permitissem basear os princípios espiritas e, depois, compará-los, sopesá-los, raciocinã-los, seleccioná-los, fazer eliminações e, finalmente, coordená-los, de modo que constituissem um todo verdadeiramente lógico.

Allan Kardec não podia esquecer nada de essencial, nem cometer qualquer erro básico.

Quantos de nós não hesitariamos perante tarefas bem menos importantes, receando as consequências de uma leviandade ou de uma omissão prejudicial! Não há dúvida de que foi superiormente guiado, mas era homem, e os homens estão sujeitos ao erro.

A doutrina espirita, tal como a estabeleceu, é um edifício harmonioso, cujos materiais haviam sido preparados pelo Invisível; mas, assim mesmo, o edifício tem a sua marca, a marca de arquitecto genial e organizador de primeira ordem.

O que valoriza a obra de Allan Kardec é que todas as observações em matéria de Espiritismo a que procedeu ulteriormente corroboraram a melhor parte dos princípios que havia estabelecido. Portanto, a doutrina espirita funda-se em bases veridicas e controláveis.

Ante a vastidão dessa obra sublime vê-se que cumpriu a sua missão providencial. O auxílio invisível que recebeu — embora indiscutível — não diminuiu o seu mérito, visto que tarefa tão ingrata exigia um homem muito evolvido, de grandes virtudes, com inteligência superior, aquirida no decurso de muitas existências e disposto a sacrificar a vida e a saúde pelo bem de todos.

Por tudo quanto fez pela humanidade, o Mestre Allan Kardec tem direito ao nosso profundo reconhecimento. A lembrança do seu nome perdurará e a sua abnegação servirá de exemplo às futuras gerações, pondo-as em guarda contra a idolatria.

Para terminar, julgo que a melhor homenagem a prestar-lhe seria ver os dirigentes do movimento espirita inspirarem-se nos seus objectivos: O Espiritismo é essencialmente evolutivo, a espiritualidade deverá ser o fim a atingir e a experimentação o meio de provar a sobrevivência.

(Traduziu M. R.)

UM OLHAR MALIGNO PODE SECAR UMA ÁRVORE

Por LEO TALAMONTI

É o que afirmam os estudiosos do «factor psi», prodigioso elemento que, aprisionado por vontade benéfica ou maléfica, tem o poder de influir fisicamente sobre o destino da matéria, pois experimentadores há que têm conseguido mumificar peixes.

Se uma plantinha da vossa varanda não floresce, e se, apesar de todos os cuidados, vai enlanguecendo até secar, é muito possível que o facto se deva ao «factor psi», que tão discutido foi agora no Congresso Metapsíquico de Salerno.

Talvez este «factor psi» vos pareça duvidoso e, todavia, é responsável por coisas semelhantes, como veremos.

O caso da vossa plantinha pode explicar-se da seguinte maneira:

O vosso vizinho (de casa) está aborrecido consigo (coisa frequente entre vizinhos) e, não podendo causar-vos nenhum dano, tenta prejudicar as vossas plantas.

Mas de que maneira? — direis. Muito simples. Cada dia olha um pouco, de longe, mas com maldade, com as piores intenções do mundo, e basta isso para que a pobre planta não seja capaz de vegetar.

Esta é uma das muitas manifestações daquele «factor psi» que parece susceptível de secar totalmente a planta e também de fazê-la crescer vigorosa e vertiginosamente, em virtude de certos raios «biopsíco-energéticos», que, segundo alguns afirmam, se podem desenvolver nas mãos de certos indivíduos.

Tudo está em ver que espécie de vontade se estabelece através deste misterioso e genérico «factor psi», que toma, de quando em quando, a denominação específica de efeito «psicocinético», de «percepção sensorial», de «clarividência», etc.

Dentro destas denominações estão compreendidos fenómenos que nos parecem prodigiosos, enquanto os estudiosos da Sociedade Italiana de Metapsíquica falam dele com indiferença, como se se tratasse de coisa muito comum.

Logo, se a hipótese metapsíquica que havíamos formulado sobre a plantazinha vos deixou perplexos, saibam que no Oriente existem pessoas capazes de fazer secar, com olhar malévolo, não só uma planta, mas uma árvore inteira, como referiu o neuropsiquista de Roma, professor António Mendicini, na sua douta comunicação.

Mas o Oriente — dirá você — está longe, e é verdade; e, contudo, eram vizinhos, foram em dado momento nossos vizinhos aqueles bifes de vaca que o prof. Roberto Assagioli trouxera consigo de Firenze para mostrar ao público do Congresso, os quais tinham um pálido e caricatural aspecto de carne, tendo sido mumificados com a simples imposição das mãos de um sujeito *dotado*, segundo o testemunho do referido professor e de outros.

Mumificados, quer dizer, reduzidos ao estado de película subtil de consistência gomosa, sem olor nem sabor de carne e destinados a conservar-se indefinidamente nessas condições.

E que dizer dos ovos, de alguns ovos de galinha que em tempos foram fresquíssimos e que agora, graças à obra do tal mumificador, não são mais que reproduções ou modelos de ovos, feitos, dir-se-ía com gesso?

Que dizer dos peixes reduzidos e desidratados por efeito das radiações misteriosas?

Portanto, não pergunteis ao cronista a explicação deste ou de outros fenómenos insólitos de tal género, porque ele não saberia dá-la. Quanto aos médicos, engenheiros, psicólogos, etc., que compõem a Direcção deste Congresso Cultural reconhecido pelo Estado, só podem formular hipóteses e inventar denominações para as várias espécies de fenómenos dos quais seria responsável o «factor psi», cujos efeitos se fazem sentir pouco mais ou menos na vida de todos, pois vos terá sucedido em qualquer ocasião sonhar com o tio Andreia, que não vieis há tempo, e vê-lo no dia seguinte inopinadamente com o mesmo vestuário do sonho. Se os estudiosos da Metapsíquica interviessem, diriam que seria telepatia ou seja percepção extra-sensorial; e se não fosse telepatia seria clarividência ou premonição, em suma, «factor psi».

Finalmente os dados, os dados vulgares

A NOVA LEI

POR ALFREDO MIGUEL
(CORRESPONDENTE NA BAHIA)

Moisés legislou para um povo insubmisso, que não podia ser contido pela brandura. Só a violência o faria dobrar-se ao império da lei. Daí o carácter draconiano da legislação moisaica, levada ao extremo do «olho por olho, dente por dente». E como as sentenças drásticas da lei civil acaso não bastassem para compelir à obediência o povo hebreu, Moisés fazia-lhe crer que os seus decretos eram de origem divina, que os ditara e promulgara o próprio Deus.

Mais tarde apareceu Jesus e declarou que não viera derrogar a lei e sim dar-lhe cumprimento em toda a sua extensão.

A que lei, porém, aludia Jesus? Ele, que prescreveu o perdão ilimitado e mandou que amássemos os nossos próprios inimigos, contrariando assim o talião; Ele, que resguardou a mulher adúltera, para quem o castigo legal era a morte a pedradas; Ele, Jesus, provàvelmente não se referia à lei do Pentateuco decretada por Moisés.

Não veio revogar e sim cumprir a lei, isto é, a de Deus exarada no Decálogo. Aquela que está condensada nos Dez Mandamentos, esta, sim, por ser a lei sábia e generosa do amor, proveio do Eterno e persistirá por toda a eternidade. A outra, de procedência humana, era disciplinar e local, transitória e portanto revogável com a cessação das causas que a fizeram nascer.

O Cristo não veio destruir a lei de Deus, porém cumpri-la, visto que no Decálogo se nos depara o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés pròpriamente ditas, Jesus, ao contrário, modificou-as profundamente, quer na substância, quer na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e das falsas interpretações, por mais radical reforma não podia fazê-las passar, do que reduzindo-as a esta única prescrição: «Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo», e acrescentando: «Aí está a lei toda e os Profetas».

Do mesmo modo o Espiritismo: longe de infirmar a lei cristã, dá-lhe plena execução, porquanto nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas «desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda a gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica».

Aquelas palavras do Cristo, em que Ele reduziu a legislação antiga e as profecias, representam a nova lei — que, aliás, não é, como se vê, uma lei nova — e é nela que está o fundamento e a essência da Doutrina Espírita.

Firmado assim em base sólida, «o Espiritismo avançará com os homens, sem os homens e apesar dos homens», como disse Kardec.

---

de jogar, de faces numeradas de um a seis, obedecendo amiúde ao «factor psi», como demonstrou há tempos a célebre experiência de Rhine, titular da cátedra de Parapsicologia da Universidade de Durham, Estados Unidos da América, a quem se deve a orientação científica destas investigações...

Em vez de obedecer à «lei dos grandes números» de Bernaulli e ao cálculo da probabilidade, os dados submeteram-se muitas vezes, durante as experiências, à vontade consciente dos experimentadores, permitindo aceitar — por via exeperimental — a existência de um forte quão misterioso «efeito psicocinético», outro aspecto do «factor psi».

Não obstante — eis o lado paradoxal da questão — isso pode actuar de forma contrária à vontade do experimentador, como se se quisesse rir dele, e se pensarmos um pouco nisso, veremos que não é nada de novo, porque os jogadores inveterados conhecem bem as brincadeiras que as cartas e os dados proporcionam, quando a sorte se lhes mostra favorável ou desfavorável.

Esses efeitos subconscientes são uma espécie de encruzilhada de vontades tensas e inibitórias.

Talvez o prof. Emílio Servadio, notório cultor da «psicologia do profundo», membro da direcção da Sociedade Italiana de Metapsíquica, saiba responder satisfatòriamente. Mas os estudos a este respeito já estão em curso na América e talvez seja lícito esperar qualquer resultado interessante, na opinião de Giovanne Schepis, professor universitário de Estatística e Secretário Geral daquela Sociedade.

«A culpa disto — afirmou o biólogo William Mackenzie, presidente da Sociedade Italiana de Metapsíquica — é a grande auréola de natureza emotiva, caótica, que se vem densificando em torno dos estudiosos metapsíquicos por obra de pessoa de boa fé que só conhecem a investigação objectiva».

Perfeitamente justo. Esperamos, pois, que os investigadores italianos removam esta auréola e que o novo ramo de conhecimentos adquira a dignidade que lhe compete.

(De *Il Messagero*, de Roma)

MEDIUNISMO

Mensagens do Espírito Ramatís recebidas pelo Médium Hercílio Maes, de Curitiba

I

Meus amigos e irmãos:
Paz e amor

Que os princípios divinos que regem os movimentos ascensionais do espírito humano vibrem connosco nestes momentos de aprendizado espiritual. Podeis efectivar as vossas perguntas, sincera e corajosamente, visando o melhor esclarecimento às verdadeiras finalidades da vida terrena.

Ramatís

★

Pergunta: — *Irmão Ramatís, hoje decidimos indagar-vos com referência ao mediunismo, pois alguns confrades e médiuns anseiam soluções mais claras no campo da mediunidade.*

Ramatís: — Fazei, então, as perguntas baseadas nas vossas próprias experimentações e nos exemplos vivos que provàvelmente tendes apreciado, guardando, no entanto, o sigilo fraterno.

Pergunta: — *Folgamos em verificar que alcançastes os nossos pensamentos.*

De início, apreciaríamos que nos sugerisses qual o método mais eficiente para o chamado «desenvolvimento» mediúnico. Qual a primeira obrigação do candidato a médium?

Ramatís: — Se o primeiro dever de um futuro académico é compulsar as letras do alfabeto, ao futuro médium cumpre o manuseio criterioso do «Livro dos Médiuns», o compêndio de regras seguras e fundamentais para a disciplina mediúnica! Se desconfiais, na Terra, do diplomado que não cursou o banco primário, porque ireis atribuir segurança doutrinária ao médium que olvida Kardec? Não é este o fundamento do edifício espiritista?

Pergunta: — *Mas acentua-se nas esferas espiritistas a ideia de que «kardecista» é adepto de regras obsoletas, ensinamentos anacrónicos. Conceitua-se que «kardecismo» é velharia, e, em certos casos, dão-lhe um sentido pejorativo, sinónimo de fanatismo ou intransigência!*

Ramatís: — É nula qualquer ironia contra o esforço do consagrado e insubstituível codificador do Espiritismo. O seu edifício doutrinário correspondeu aos planos e objectivos das esferas superiores, onde vicejam espíritos muito afins dos pseudos sábios terrenos. Suas obras foram ditadas e inspiradas por elevados mentores dos destinos humanos e trazem o conteúdo das coisas eternas! O fanatismo e o acanhamento de ideias não dependem dos dísticos ou das crenças individuais. É fenómeno comum em todas as actividades humanas, existindo em todos os credos religiosos, movimentos filosóficos e instituições políticas ou doutrinárias. É mais consequência do atraso mental dos adeptos devotos ou filiados, do que culpa dos seus compiladores. Só a má fé propositada ou acanhamento mental, podem lançar a pecha de fanático à nobre figura de Allan Kardec, de cujo trabalho fundamental há-de reviver o Cristianismo em sua pureza iniciática!

Pergunta: — *É muito comum encontrarmos confrades que se jactam de bons médiuns, sem nunca terem consultado o «Livro dos Médiuns».*

Ramatís: — Quanto a ser bom médium, mesmo ignorando o Codificador do Espiritismo, não pomos dúvida, pois o Catolicismo, o Protestantismo, a Teosofia, o Esoterismo, o Budismo, etc., contaram em suas esferas com magníficos médiuns, de alto teor, de sublime dignidade e alheios ao Espiritismo. Recordamos, respectivamente, um António de Pádua, Francisco de Assis e Tereza d'Ávila; um Lutero e João Huss; Helena Blavastki ou Annie Besant, Prentice Mulford e A. O. Rodrigues; Vivekânanda e Ramacrisna e o venerável Buda! Sócrates já revelava notável faculdade mediúnica, muito antes de Kardec efectivar o roteiro do «Livro dos Médiuns». Porém, esses inolvidáveis trabalhadores da Verdade não se jactavam de «bons médiuns», mas foi a história e o serviço cristão permanente que os classificaram assim. Consequentemente, cremos um tanto precário o julgamento em causa própria de vos considerardes «bons médiuns», sem a disciplina kardecista, muito antes de apresentardes um labor convincente. O médium que realmente tem propósitos superiores e evangelizados, que anseia pelo desenvolvimento técnico e disciplinado, científico e ordeiro, pode ignorar o método de Kardec, mas não se livrará das cicatrizes próprias dos caminhos empíricos.

Pergunta: — *Alguns médiuns de nosso conhecimento, admitem como sensato a não leitura do «Livro dos Médiuns» e dos «Espíritos», afirmando que seus guias lhes sugerem assim para evitarem o animismo e associação de ideias futuras. São adeptos do «desenvolvimento espontâneo»!*

Ramatís: — Não encontramos motivos justos para essa afirmação, porque se a faculdade mediúnica é espontânea, o desenvolvimento deve ser criteriosamente disciplinado. Preferimos, incontestàvelmente, os sensitivos que aprimoram a sua faculdade medianeira directamente em contacto com a técnica kardecista, porque esta é a síntese de inumeráveis experimentações e comprovações seleccionadas à luz da razão esclarecida. No «Livro dos Médiuns» encontrais, pedagògicamente explicados, os meios sensatos e lógicos para ser médiuns *positivos, calmos, seguros, devotados, humildes, coerentes, naturais, explícitos, maleáveis, modestos, exactos, criteriosos, etc.*

Pergunta: — *Porque grifou o prezado irmão as várias qualidades dos médiuns?*

Ramatís: — Para fazer ressaltar que no «Livro dos Médiuns» se encontra aquilo que a maioria procura em labores exóticos e empirismos ridículos. Cremos que é incoerência a penetração na floresta espessa das contradições mediúnicas, quando as flores do bom mediunismo já vicejam à beira da estrada larga dos compêndios espiritas!

Pergunta: — *Grande número de médiuns com que nos temos avistado repisam a convicção de que estão em missão sacrificial. Não escondem a convicção íntima de serem «eleitos»!*

Ramatís: — A generalidade dos médiuns, inclusive o que nos serve neste momento, são criaturas portadoras de grandes débitos do passado. Em vidas pregressas abusaram do mando e da influência magnética entre os encarnados. Muitos galgaram posições privilegiadas e fugiram aos compromissos assumidos, despenhando-se nos abismos da vaidade, do orgulho, do amor-próprio, da vingança ou da intransigência! Revelam, ainda hoje, a vivacidade e a segurança no trato com as multidões, adaptando-se ràpidamente às situações novas e comprovando o desembaraço peculiar dos evos findos. Entretanto, a par dessa veemência e sagacidade no trato mediúnico, grande percentagem se deixa dominar pelos resquícios prejudiciais do passado. Portadores de acentuada susceptibilidade, irritam-se quando são contraditados, desejam as primeiras posições, exigem o comando dos trabalhos e estimam profundamente o prestígio no ambiente. Sentem-se humilhados quando submetidos a outros confrades de menor envergadura e desviam-se das oportunidades de servir sem o brilho pessoal! Dificilmente aceitam o anonimato ou a concorrência nos seus labores familiares. Raros se acomodam à disciplina doutrinária sensata, submissos aos fundamentos de Kardec; na sua intimidade o amor-próprio ainda grita ferido e os voos insensatos de ontem ainda se reproduzem em novas formas. Comumente, afastam-se, abespinhados, dos labores mediúnicos tradicionais, para criarem exotismos à distância. Desforram-se, hàbilmente, rompendo algemas disciplinadoras e protestando que não se compreenderam devidamente suas intenções!

Pergunta: — *Então a mediunidade é mais «prova» do que «missão»?*

Ramatís: — Os Mestres Kármicos, a fim de reunirem as ovelhas ao aprisco do «Bom Pastor», criam oportunidades mediúnicas, em que os falidos do passado podem saldar seus débitos com a Terra, pagando juros num serviço excepcional à humanidade! Daí a provação ou o dever do médium, muito antes de espírito messiânico! O misisonário estabelece novos créditos na contabilidade divina, enquanto o médium devedor apenas cuida de encerrar a conta passiva! É ainda o eco longínquo do passado faustoso ou distinguido, que faz o médium crer em nobre missão, naquilo que é apenas liquidação compulsória!... O espírito do médium, insatisfeito com a inversão de valores autoritários que possuía alhures, compensa-se no chamado fenómeno de «sublimação», substituindo a situação humilhante do presente, com a ideia sedutora de missionário!

Conformemo-nos, por enquanto, com as excelsas missões de Hermes Antúlio, Buda, Confúcio, João Baptista, Francisco de Assis, Kardec e, acima de todos, o Sublime Missionário JESUS-CRISTO!

Pergunta: — *Realmente, irmão Ramatís, as agremiações espiritas contam com poucos médiuns em actividade permanente. Muitos achegam-se com o entusiasmo dos primeiros dias e depois desaparecem, surgindo em sectores diferentes ou com trabalhos* exclusivos.

Ramatís: — A generalidade dos médiuns distancia-se do Evangelho que disciplina o «homem-espírito». São naturais, pois, as mútuas decepções que se sucedem entre os medianeiros do Além, inclusive suas proverbiais inconformações às posições secundárias. Procuram ambientes de «óptimas correntes» ou «melhores qualidades afins», esquecidos de que também podem perturbar os núcleos que escolhem, porque são portadores de dissenções íntimas. Essa incontida procura de «ambientes lisongeiros» para um endeusamento pessoal, prende-se à evocação das posições perdidas no pretérito. Daí a grande necessidade do «Orai e Vigiai» a todo o médium, a fim de se livrar dos espertos manos das sombras! É preciso evitar a viagem de volta!

Pergunta: — *Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que muitos médiuns sublimam essas tendências inferiores, executando exaustivo trabalho a favor de multidões necessitadas. Vemo-los extraindo receitas em quantidade, passes incontáveis e outros serviços úteis.*

Ramatís: — O Bem tem múltiplas formas, concordamos, e Jesus é que separará o joio do trigo! Entre os componentes das multidões atendidas por médiuns descontentes dos círculos que os desprestigiaram, cada criatura há-de receber na conformidade de seu próprio merecimento! Advertimos, no entanto, que a «caridade de arrasamento» sem o prazer íntimo de servir, dificilmente diploma cidadãos para as esferas edénicas! Muitos há que atendem multidões firmando a «quantidade» do trabalho e perdem fragorosamente pela ausência de «qualidade» cristã! Podemos acender luzes nos corações alheios e encerrar nossas actividades espiritistas na escuridão do descanso íntimo. Exaurindo-nos no tumulto da assistência às multidões animadas pelas soluções fáceis, não estamos desligados de extinguir as sorrateiras paixões que ainda podem brotar em nossas almas. Quando o cruel doutor Paulo de Tarso resolveu transformar-se no sublime apóstolo dos gentios, buscou primeiro a sua própria intimidade e atirou-se, decidido, no ataque às inferioridades do «homem velho»! A caridade, a nosso ver, é emoção que se identifica com o «virtuosismo» da Arte! Praticá-la em sua verdadeira essência, é usufruir a emoção que impregna o pintor ao tecer o máximo do seu Ideal! Ou ao compositor que em êxtase transforma sua alma em sublime melodia! Portanto, não importa se atendeis multidões ou efectivais a caridade em altos brados; o que importa, em essência, é se participais emocionalmente nessa oferenda ao próximo! Porque, se a praticais por desforra aos que vos negaram aplausos, ou por mera competição mais afim aos despeitos desportivos ou políticos, asseguram-vos a inutilidade de vossos esforços!

Pergunta: — *Porventura, certos ciúmes e despeitos ocorridos entre médiuns que estimam os melhores lugares, não podem servir, indirectamente, para que muitos, desejando «aparecer», divulguem a doutrina com mais energia?*

Ramatís: — Perfeitamente. Aliás, consideramos mesmo a generalidade que às vezes vai à temeridade espectacular. Entretanto, a própria Natureza ensina que após a queda fragorosa dos arvoredos gigantes, sob a tormenta destruidora, a violeta continua à beira do caminho a exalar o seu perfume. Humilde, apagada em sua expressão vegetal, sobrevive ante a fúria dos elementos que não lhe alcançam a pequenez vegetal. Aqueles que pretendam a exaltação antes do esforço da humildade, são as primeiras vítimas nas tempestades devastadoras. A singela luz da vela alumia a noite toda, enquanto o brilho deslumbrante dos fogos de artifício termina em cinzas, após minutos de vida! O médium decepcionado que se exalta por labor espectacular às multidões, ùnicamente para uma demonstração desafiadora aos que duvidaram de suas faculdades, é o inconfundível candidato às cinzas do fogo de artifício!

Pergunta: — *O médium que em face de exaustivos labores mediúnicos, para atender a necessitados, descura dos seus deveres domésticos, perde o mérito do seu trabalho?*

Ramatís: — Diz um de vossos próprios provérbios «que o exemplo vem de casa». Como pedereis

inspirar confiança na solução dos problemas de inquietação alheia, se fracassais nos comezinhos princípios de higiene, de alimentação e vestuário nos vossos lares? Qual o mérito de vossas obras, se atendeis festivas multidões às vossas portas, enquanto a desordem, a queixa familiar se faz à vossa retaguarda, na intimidade do lar? Não podeis compensar com tinturas, xaropes e passes a estranhos, a profilaxia que se resume em água e sabão aos vossos descendentes sem asseio! As centenas de receitas que às vezes emitis, para as mais descabidas aflições, não substituem as vossas responsabilidades primeiras, no labor da agulha e da linha de coser! O Cristo, muito antes de médium entre o céu e a terra, foi disciplinado cidadão do mundo!...

TÉCNICA, DESENVOLVIMENTO, ANIMISMO

Pergunta: — *Alguns médiuns queixam-se do seu insucesso, quando se desenvolviam em «mesas kardecistas», afirmando que em terreiros se desenvolveram ràpidamente.*

Ramatís: — A mediunidade não é um «fim» determinado pelos Mestres Kármicos, mas um «meio» para melhoria espiritual. Não importa a *quantidade* do tempo dispendido pelo candidato a médium, mas sim a *qualidade* que obtiver durante o exercício realizado. Que vale o desenvolvimento rápido, se o médium nada possui para ofertar? Há mérito em se oferecer taça vazia àquele que agoniza de sede?

Como o desenvolvimento mediúnico não consiste numa série de movimentos rítmicos, símile da ginástica física muscular, o neófito alcançará excelentes qualidades apreciando a leitura do Evangelho, ouvindo espíritos demonstrarem a realidade imortal, participando da oração colectiva e das irradiações periódicas ou avaliando as situações dos comunicantes aflitos. Há-de incorporar, antes, inúmeros valores ao seu acanhado património espiritual, antecipando a aflitiva ideia de *começar a fazer a caridade ao próximo*, na cópia do mecanismo académico do mundo, que diploma candidatos para determinadas profissões. Junto à mesa kardecista, embora sem se desenvolver mediùnicamente, o aspirante desenvolve o sentimento da benevolência aos sofredores, aguça a sensibilidade para absorver os esclarecimentos técnicos do mediunismo, desembaraça a língua na oração colectiva e activa as células cerebrais no afã de projectar energias nas tradicionais irradiações. Adquire a perseverança pela necessidade de comparecer habitualmente aos trabalhos e o sentido da amizade pelas novas relações afins que efectua no ambiente espiritista. Aviva o senso da razão ante as elucidações do doutrinador e as réplicas dos comunicantes. Confiando no prodígio de sua mediunidade explodir súbitamente, o candidato a médium aproveita centenas de horas que dispenderia em jogo trivial na palestra fescenina, na crítica desairosa, na discussão política ou desportiva, na ingestão de bebidas alcoólicas ou na ociosidade mental!

Entretanto, o futuro médium, inconsciente das virtudes e atributos superiores que incorporava, gradualmente, ao seu património espiritual, ansioso pela atenção pública, abandona o banco das lições preliminares ao espírito, e tenta um desenvolvimento baseado em esforços espasmódicos!... Confundindo aprimoramento psíquico com dinamismo muscular, tenta solver problemas alheios, muito antes de conseguir o seu próprio equilíbrio! Na realidade, não vai além do lavrador imprevidente que tentasse a semeadura com as mãos vazias!

Pergunta: — *Mas ouvimos queixas de irmãos que viviam accionados, no lar, nos dias de trabalhos medeúnicos, e assim que se assentavam à mesa kardecista, tudo cessava instantâneamente. Não era justo que o irmão accionado todas as semanas em seu lar tentasse desenvolver num outro meio a faculdade que lhe despertava espontâneamente?*

Ramatís: — Geralmente, os guias dos pupilos mentalmente ociosos das coisas espirituais, costumam apelar para irmãos menores, de fluidos mais espessos e constritivos, a fim de que projectem certa influência aflitiva nos seus guiados. Estes, assim que são alvo das *cargas fluídicas incomodativas*, põem-se em campo à procura de lenitivo e efectuam a tradicional «via-sacra» pelos consultórios médicos, sem resultados proveitosos. Certo dia um médium benfeitor aproximou-se e, após a proverbial consulta, aconselhou ao aflito a imediata frequência ao desenvolvimento mediúnico. O guia, satisfeito de aproximar o seu pupilo negligente ao labor espiritista, ordenou a sua libertação dos fenómenos coercivos e periódicos. Que faz o aprendiz mediúnico? Desaparece das tertúlias evangélicas, retorna à antiga indolência e esquece o «seu caso», qual «imprevista alucinação nervosa»! Não tarda, pois, a renovação mais intensa e aflitiva das antigas «cargas fluídicas» e a consequente reaparição do perseguido no círculo do desenvolvimento mediúnico. Entretanto, evitando o seu guia que se repitam as antigas fugas, determina que uma «carga fluídica» semanal, nos dias exactos de trabalho, seja aplicada no seu tutelado, para continuar a incorporar os valores próprios das reuniões espiritistas!

Entretanto, o candidato, inconsciente de suas próprias necessidades íntimas, resolve um desenvolvimento rápido e brilhante, embora engatinhando em espírito!...

Pergunta: — *E como agir no caso de insucesso, devido ao ambiente acanhado onde o médium se desenvolve? Suponhamos que os dirigentes e componentes do trabalho não possam auxiliar o progresso mediúnico?*

Ramatís: — A mediunidade, na questão de progresso, é produto do esforço próprio. O médium estudioso e pesquisador, que além do serviço caritativo é insaciável à procura de novos conhecimentos, não tarda em superar o ambiente acanhado e servir os próprios dirigentes ignorantes. No capítulo do Espiritismo, o esforço íntimo para se elevar não dispensa, também, o exercício prático na vida quotidiana. A purificação do sentimento e o esclarecimento da razão são tarefas de médiuns, doutrinadores, dirigentes ou adeptos! Desde que fiqueis na dependência uns dos outros, aguardando *correntes afinizadas* ou ambientes favoráveis de progresso, dificilmente obtereis o êxito desejado. Não aguardeis que doutrinadores ou adeptos espiritistas resolvam sair de sua ociosidade mental para vos auxiliar. Instruí-os com as obras fundamentais da codificação espírita e espiritualismo sadio; com as leituras sãs e educativas do património científico humano. Vigiai vossos olhos e ouvidos e dominai a aspereza de vossa língua; exercitai-vos no silêncio da alma, meditando nos textos lidos e orai, sempre, como se fora, outra vez, a criança ingénua do passado. Amai indistintamente a todos, cooperando com todas as correntes espiritualistas e animando os que pregam a palavra do Cristo! Qualquer que seja a seita adversária aos vossos princípios, coopera convosco, se trabalha para tornar mais conhecida a figura de Jesus!

Desde que assim fizerdes, terminareis melhorando o acanhado ambiente em que participais, auxiliando também os que não vos podiam ensinar.

(Continua)

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A DESENCARNAÇÃO DO MÉDIUM JOÃO COSME

Pela revista *Constância*, de Buenos Aires, soubemos da desencarnação de João Rodrigues Cosme, médium brasileiro de efeitos físicos, a que nos referimos no último número, em artigo do nosso redactor-correspondente Tito L. Bancéscu.

A perda deste grande médium reflecte-se no Espiritismo contemporâneo, pois através de suas faculdades se demonstrou a realidade dos mais variados fenómenos. Eis como a revista argentina se refere ao modesto servidor da nossa causa:

«Homem extremamente humilde, consagrou a sacrificada existência a praticar o bem, no meio da maior pobreza. E assim morreu no dia 27 de Julho, à 1 hora da madrugada, no Hospital dos Funcionários do Estado do Rio de Janerio, sem mais companhia que dois irmãos consanguíneos e um de ideal, deixando como herança a obra fecunda e imperecível de seus múltiplos trabalhos e a recordação indelével da sua bondade infinita.

«O Espiritismo perde nele um valor difícil de substituir, pois é raro aliar as faculdades proeminentes de sensitivo daquela categoria à sua integridade moral.

«Em regra, quase todos os passivos semelhantes têm qualquer defeito de ordem material ou espiritual; mas o nosso malogrado irmão foi ao mesmo tempo um excepcional passivo de gabinete e um missionário leal e abnegado que se prodigalizou em amor e caridade a todos os semelhantes, sem distinção de raça ou de ideologia.

«A sua desaparição, embora dolorosa, obedece a designio superior que ele conhecia em pormenor. O Padre Zabeu, director espiritual dos seus trabalhos, tinha-lhe comunicado o dia e hora da sua morte com um ano de antecedência. E assim se cumpriu exactamente».

João Cosme tinha três pulmões (talvez a verdadeira causa das suas faculdades) e sofria de afecção cardíaca.

Noutra ocasião voltaremos ao assunto com mais largueza. Por ora limitamo-nos a noticiar o acontecimento, acentuando a perda irreparável da sua ausência como instrumento providencial do Invisível e fazendo votos para que encontre no Além o conforto espiritual que merece.

MATERIALIZAÇÕES À LUZ DO DIA

Progresso Espirita, de Buenos Aires, inseriu um relato da Sr.ª Ruth G'Svendson acerca do médium americano James J. Dickson, que produziu materializações em pleno dia, às quais é feita a seguir a devida referência.

«*Primeira materialização* — Há pouco tempo, em materialização produzida à luz do dia por James J. Dickson, de S. José, Califónia, minha mãe apresentou-se claramente e disse-me:

«— Querida Jo, que alegria sinto ao revelar-me a ti! Vês? Não mudei completamente. Como és minha amiga e estás em ligação vibratória com Dickson, gostaria de poder materializar-me à luz do dia, quando estivesses sòzinha em casa. Não gostavas?...

«Abatida com este fenómeno, não lhe captei bem o significado, tanto mais que não havia em casa ninguém que tivesse mediunidade. E antes de lhe poder solicitar qualquer explicação, o fantasma retirou-se.

«*Segunda materialização* — Pouco depois, trabalhava eu no meu jardim, quando vi aproximar-se uma senhora idosa, de casaco e chapéu azul. Calculei que fosse uma antiga vizinha do bairro e preparei-me para a cumprimentar. Mas, qual não foi a minha surgresa, quando vi que era minha mãe! Ouvi-lhe muito bem os passos e notei-lhe o sorriso, tudo isto a poucos passos de distância. Enquanto eu observava o fenómeno, desapareceu na luz do sol.

«A emoção paralisara-me. A minha alegria era inexplicável.

«*Terceira materialização* — Passado algum tempo, numa sessão que realizei com Dickson, minha mãe voltou a materializar-se. E perguntou-me:

— Estás a pensar como fiz aquilo, não é? Devo-o a *Minie Brown*, espirito-guia de James J. Dickson. Aproveitou as forças de materialização do médium para que me pudesse revelar à distância. Como apreciaste muito o facto, tentaremos dar-te outra materialização semelhante.

«*Quarta materialização* — Num belo dia de sol saí com o meu cão a deitar uma carta no marco postal e pelo caminho vimos um velho sentado no degrau de uma porta, com uma sacola ao ombro. Pareceu-me cansado e julguei que estaria a descansar. Não o reconheci, mas notei que usava gorra, a gorra que meu pai costumava usar. Parei, olhei, e vi que minha mãe cumpria a sua promessa. O meu cão também o conheceu e começou a ladrar de alegria. E quando eu quis aproximar-me dele, desapareceu, não deixando rasto de pessoa alguma na rua.

«Na próxima sessão que tive com Dickson, meu pai manifestou-se, dizendo:

«— Não podia deixar de materializar-me também e por isso pedi à tua mãe as forças necessárias.

«Disse-lhe então que a sacola é que me deixou dúvidas, ao que ele respondeu que era um símbolo das boas coisas que fazemos aos que nos amam.

«Quando meu pai se retirou, apresentou-se minha irmã, exclamando:

«— Querida Jo, o teu amigo espiritual, o cacique Droquois, pede-me que te diga que se materializará na rua do Mercado.

«Preparei-me logo para encontrá-lo, na certeza de que, se alguma dúvida longínqua se houvesse produzido na mediunidade de *contrôle* remoto de James Dickson, esta aparição se dissiparia.

«*Quinta materialização* — Então, num dia de sol radiante, indo eu na dita rua, apresentaram-se-me dois seres caminhando com as mãos unidas: um era o cacique Droquois em traje civil, excepto a longa cabeleira que lhe caía sobre os ombros e um colar em torno do pescoço; o outro era uma menina de cabelos ruivos e avental de colégio. Era

Minie Brown, conhecida de todos os que me lêem. Estes espíritos estavam tão materializados, que os transeuntes passavam por eles como se fossem duas pessoas inteiramente normais. Ao aproximar-se de mim, o cacique fixou-me com os seus olhos negros e penetrantes e *Minie* sorriu-se. Eu tremia de emoção e eles desapareceram imediatamente.

«Foi uma demonstração magnífica, provando a técnica da materialização à luz do dia, através do *contrôle* a distância, devido à mediunidade de James Dickson, assim como o cumprimento das promessas dos seres espirituais de se materializarem em plena luz».

Progresso Espírita informa que este relato lhe foi enviado pelo próprio médium James Dickson e que traduz a potência das suas faculdades, sobretudo na materialização de espíritos, transcendendo os clássicos fenómenos desta espécie obtidos na escuridão e à luz vermelha.

Para quem deseje indagar acerca da autenticidade dos factos, aqui vão os endereços do médium e do relator:

Rev.º James J. Dickson, S. José, 25, Santa Clara — Califórnia — U. S. A.

Ruth G. Svendsen, 1420, Meridian Road, 2368, Osborne Avenue, U. S. A.

A SOBREVIVÊNCIA E OS PELES-VERMELHAS

Mundo Espírita, de Curitiba (Brasil), resumiu um estudo de Wilfred Spear publicado na *Voz Informativa*, do México, a respeito da comunicação entre «vivos» e «mortos» nas tribos de peles-vermelhas, também conhecidos por índios norte-americanos. É esse resumo que vamos transcrever:

«O autor declara que teve a sorte de descender desses homens-mistério, como chamam aos iniciados da tribo, sendo guiado por um dos maiores que foi seu avô.

«Muito cedo o adestraram para a mediunidade, especialmente em trabalhos de cura, educação essa que é ministrada às crianças que tenham indícios de faculdades psíquicas. Se é audiente, mandam-lhe repetir o que lhe diz o irmão invisível e o autor lamenta que isso não seja praticado pelas outras raças. A criança, pelo contrário, é ridicularizada quando a vêem a falar com algum ente do Espaço, o que lhe acarreta a perda desse dote magnífico.

«Aos três anos já o índio vê e fala com Espíritos. O pai interroga e consegue identificar a entidade comunicante. Se a criança mostra interesse pelo facto, dão-lhe um mestre, que a desenvolve; e se ela distingue os Espíritos e mostra aptidões superiores, deixam-na sob a direcção do homem-mistério. Depois é educada de modo que possua um corpo perfeito, mente sã e ouvido penetrante, e ensinam-lhe as leis secretas da Natureza para que tenha sempre aparência juvenil.

«Aos 8 anos aprende a orar ao Grande Espírito, que é Deus, e a meditar. Assiste, em companhia do Mestre, a sessões espíritas e começa a receber instruções para ler a aura humana e fazer curas, pois os índios acreditam que nenhum médium adquire completo desenvolvimento sem a arte de curar. Pela aura percebe a natureza e grau da enfermidade. E a cura consegue-se por meio de ervas, força magnética ou tratamento espiritual.

«Os médiuns aprendem a expulsar os espíritos indesejáveis e, graças à sua terapêutica, os cegos podem ver, os paralíticos caminhar e os loucos volver à razão.

«A maior parte do tratamento é de índole secreta, o que muito faz rir os brancos, que não conhecem o assunto.

«Aos 8 anos já o autor era adextrado em obstectrícia. É grande prova para os jovens índios era subir uma alta montanha, ali orar e meditar, até que tivessem uma clara visão celeste. Tinha o autor 13 anos, quando o acharam preparado para esse grande passo. Durante a prova, o médium só pode beber água. Assim passou sete dias em jejum e pôde então ver o bisavô e descrevê-lo com segurança.

«Todos os médiuns passam por provas semelhantes e apresentam várias faculdades, como transe, clarividência, clariaudiência e materialização.

«Hoje, em muitos templos secretos, os chefes podem levitar, caminhar sobre o fogo e projectar o corpo astral. E isto não é conhecido, porque o índio americano é discreto e guarda segredo.

«O autor menciona os grandes médiuns do presente e do passado. Cita, por exemplo, Siting Bull, que avisou os companheiros de que seriam atacados por tropas americanas; Joseph Branb, que, em transe, dava importantes medidas de governo, muitas das quais foram aproveitadas pelos governantes; e Seatle, que aconselhava a suspender as lutas e o derramamento de sangue e a estreitar os elos da fraternidade. Por seu intermédio conseguiu-se o tratado com os brancos, evitando-se grandes matanças. O seu discurso consta de um livro escrito por John Rich.

«Lone Bear, que não sabia ler nem escrever, falava sete idiomas e, em transe, fazia discursos admiráveis.

«O mestre do autor, Great High Mountain, andava sobre o fogo, produzia chuva e curava os enfermos».

E *Mundo Espírita* conclui:

«O estudo é de grandes ensinamentos e sobretudo de grande valor para a tese espírita. Por ele se prova que as modalidades do Espiritismo são as mesmas em toda a parte. Essa uniformidade é a maior prova de autenticidade; essa característica universal da presença do *morto* e da sua manifestação sem alterações no tempo e no espaço vem demonstrar a inanidade do esforço desesperado para afastar a tese espírita ou negar a fenomenologia, que é a base da doutrina».

RÁDIO-PROGRESSO DE S. PAULO

Segundo lemos no jornal *A Nova Era*, de Franca, Estado de S. Paulo, inaugurou-se no dia 7 de Setembro último a Rádio-Progresso, a antiga Piratininga, que tanto deu que falar em todo o Brasil, em virtude de certos malabarismos que se forjaram à sua volta com o fim de neutralizar os esforços de um grupo de trabalhadores, à frente dos quais se encontrava o operoso confrade Caetano Mero.

Na verdade, o facto merece registo merece registo especial, pois é uma grande vitória do Espiritismo, visto que a potente emissora, cujos estudos se encontram instalados no Brooklin Paulista, reabriu com programa bem orientado, dando relevo à Hora Espírita, que será ouvida por milhões de pessoas interessadas em assuntos deste género.

Admiramos a coragem inaudita de Caetano Mero, lutando durante anos consecutivos para libertar um património espírita das garras aduncas da traição. Homem de um só rosto e uma só fé, lutou continuamente, sem quebra de energia, e venceu. Todos os confrades brasileiros lhe estão gratos pelo trabalho realizado em prol da Causa e oxalá que a grande emissora paulista cumpra finalmente a sua missão, a coberto de novas deslealdades e novas traições. São estes os nossos votos. Um grande abraço a Caetano Mero pelo êxito obtido!

Notas & Comentários

AINDA A CÉLEBRE PASTORAL

Como remate às considerações exaradas nesta coluna acerca da célebre pastoral atribuída ao bispo católico de Juiz de Fora, D. Francisco Fidério (ou Frederico), transcrevemos a seguinte carta endereçada ao jornal A Nova Era, *de Franca, Estado de S. Paulo, pelo nosso confrade Aleixo Vitor Magaldi:*

Volta Redonda, Rua 44, n.º 54.

Caríssimo confrade:

Conheci o bispo D. Francisco Fidério. Era um padre carregado de filhos. Fora-lhe retirada a ordem de celebrar missas, ministrar sacramentos e exercer os demais actos sacerdotais da Igreja Católica Apostólica Romana. A Irmandade de S. Roque, de Juiz de Fora, dona da Igreja de S. Roque, templo daquela cidade, privada do seu vigário por ordem do bispo de Mariana, rebelou-se contra o bispado e entregou a igreja ao padre Francisco Fidério, que tomou conta dos serviços religiosos da Irmandade, exercendo-os na citada igreja. Fundou então a Igreja Apostólica Brasileira, com outros padres, e tornou-se bispo da Igreja que fundou, iniciando-se na maçonaria. Frequentou centros espiritas e pregou o cristianismo nos templos maçónicos e nos salões espiritas da época. Escreveu, sim, e publicou a citada pastoral, em vários jornais, e transcrita agora no número de 15 de Março de *A Nova Era*. Eu ouvi-o discursar nas lojas maçónicas e nos centros espiritas de Juiz de Fora, principalmente na Loja Maçónica «Caridade e Firmeza», de que eu era um dos directores. Esse bispo D. Francisco Fidério, mais tarde, abandonou a Igreja que criou, retornando à Igreja Católica Apostólica Romana e aceitando certas regalias que lhe foram oferecidas.

«Os jornais de Juiz de Fora desse tempo, como *O Farol*, o *Jornal do Comércio* e o *Correio de Minas*, contêm notícias e comentários relativos a tais acontecimentos. Mais tarde é que foi criado o Bispado (católico, apostólico, romano) de Juiz de Fora, cujo primeiro bispo é D. Justino de Santana. D. Francisco Fidério foi, assim, o primeiro bispo de Juiz de Fora, mas da Igreja Apostólica Brasileira, por ele criada e por ele mesmo extinta».

a) *Aleixo Vitor Magaldi*

Embora não compreendamos muito bem se o bispo D. Justino de Santana é ou foi bispo de Juiz de Fora, visto a carta de Aleixo Vitor Magaldi ser ambígua a tal respeito, cremos o caso inteiramente explicado.

Deste modo ficam os leitores elucidados e damos por finda a nossa intromissão esclarecedora. Que nos perdoem o tempo que lhes roubámos, mas a verdade deve ser reposta em seu lugar, mesmo que os resultados militem contra nós.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

No Congresso Internacional do Espiritismo realizado há pouco na Holanda dividiram-se as opiniões quanto à modalidade religiosa da Doutrina. Chegaram até a formar-se grupos — iamos a dizer facções — lutando cada um pelo seu objectivo. A uns e outros aconselhamos a leitura do belo trabalho do nosso redactor-correspondente em S. Paulo, intitulado «Por Perguntas e Respostas — Uma Entrevista com Allan Kardec», inserto noutras páginas deste número. Ali se apresenta a questão com bom senso e mestria, longe de estreitezas que nenhum bom espirita pode e deve aceitar.

Que o Espiritismo não é religião deduz-se das obras fundamentais assinadas por Kardec, que é preciso ler atentamente, como fez o Dr. Sérgio Vale. Derivações religiosas não implicam a existência de paramentos, rituais e sacerdotes.

Seria melhor que os dois extremos se aproximassem, em atitude conciliadora. Lucrariam eles e lucraria a Causa. Nem ciência pura, nem religião pura. Os fenómenos espiritas deram origem a nova filosofia de consequências morais. Isto levou o codificador à interpretação espirita do Evangelho, e numerosos adeptos de índole católico-religiosa tomaram a nuvem por Juno, julgando que se tratava de religião. Esta ideia foi ampliada com a publicação do livro «O Céu e o Inferno», do mesmo autor, que se limitou a estudar o assunto à luz da filosofia espirita, deixando a cada qual raciocinar como entendesse.

O facto de a doutrina mergulhar certas raízes nas antigas religiões-filosóficas não autoriza ninguém a desvirtuar-lhe o verdadeiro sentido que Allan Kardec tão bem evidenciou em suas obras.

Portanto, fiquemos nisto: o Espiritismo não é religião, visto que nele cabem todas as crenças religiosas que não impliquem com os nossos postulados.

Só assim poderemos encarar o problema e gostaríamos que escritores, jornalistas e oradores orientassem o grande público no verdadeiro sentido do termo.

IMPRENSA ESPIRITA

Tem-nos chegado às mãos alguns novos jornais e revistas espiritas, entre os quais salientamos a revista S. E. P. E. (iniciais da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espiritas, de Niterói, Estado do Rio de Janeiro. É director o Dr. Randolfo Pena Ribas e redactor-chefe o nosso antigo colaborador e amigo Dr. Carlos Imbassahy. Um e outro dispensam palavras de recomendação. O n.º 3 deste orgão insere dois trabalhos importantes de seus dirigentes, trabalhos que vamos transcrever na íntegra, em homenagem ao novo arauto.

Também A Voz do Alto *chegou a esta redacção credenciada pelo nosso representante no Ceará, sr. José Borges dos Santos. É o n.º 4 da nova fase e apresenta-se como orgão da União Espirita Cearense, de que este confrade é verdadeiro esteio. Congratulamo-nos com a circulação deste jornal e agradecemos-lhe a transcrição da nota «O Espiritismo na Islândia» com que distinguiu a nossa revista.*

O Mensageiro da União, *da União Municipal Espirita de Santos, dirigido por Altivo Ferreira, é outro orgão que se apresenta jovial e combativo, disposto a defender a doutrina, quer de adversários, quer de maus adeptos.*

A todos, o nosso abraço fraternal de boas vindas.

Noticiário

REABERTURA DE TRABALHOS

No dia 3 do corrente reabriram os trabalhos no Centro Espiritualista Luz e Amor. Mais um ano de faina, mais um ano de esforço, mais um ano de sacrifício para manter acesa a chama do ideal espirita. Que o novo ciclo seja vencido com igual perceverança e maior fé nos destinos da Causa, são os nossos vostos.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE SETEMBRO

Pelos subscritores deste género de beneficência foram distribuidos mais dois livros, que couberam aos seguintes confrades:

«Graças sobre Graças» — D. Maria Edite da Silva Gaspar, de Aldeia Formosa, Via Luanda.

«História de Catarina» — D. Eduarda dos Santos Costa, de Vila Franca de Xira.

GRUPO DE PROTECÇÃO ÀS CRIANÇAS

O «Grupo de Protecção às Crianças» do Centro Espiritualista Luz e Amor distribuiu o seguinte vestuário durante o 3.º trimestre de 1954:

6 enxovais para recém-nascidos (cada enxoval, no valor de 200$00, compunha-se de 6 fraldas, 2 cueiros, 2 camisas, 2 chambres, 1 casaquinho de algodão, 1 casaquinho de lã, 1 par de peúgas, 1 touca de lã e 1 vestido de flanela).

1 camisola de lã.
1 casaquinho de lã.
1 par de meias de lã.
1 touca de lã.

DONATIVOS RECEBIDOS

Os srs. Dr. Armindo Ramos, Emilio Ramos, Dr. João de Matos Romãozinho, Domingos Duarte Belo e Tito Capeto Zuzarte, de Cebolais de Cima, tiveram a gentileza de nos enviar algumas fazendas com destino aos nossos protegidos, amabilidade que muito agradecemos. Que eles sejam recompensados em saúde e tranquilidade de Espirito!

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 24, conforme fôra anunciado, o confrade António Cardoso realizou uma conferência no Centro, subordinada ao título «O Espiritismo no Estrangeiro — Impressões do Congresso Internacional do Espiritismo de Amesterdão».

Durante hora e meia entreteve a assistência com o relato dessa jornada em que tomou parte como delegado de Portugal e enviado de *Estudos Psíquicos*. Deu conta dos factos mais notáveis do certame em que se reuniram confrades de muitos países europeus, americanos e africanos, e tirou conclusões, dizendo que o Espiritismo avançava no caminho da ciência seguindo as pisadas do Mestre Allan Kardec, como se vê no artigo que publicamos noutra página deste número.

O presidente da Direcção esclareceu alguns pontos do trabalho de António Cardoso, principalmente o controvertido aspecto religioso do Espiritismo que, em sua opinião, devia ser encarado com bom senso, pois embora os sábios investigadores tivessem analisado os fenómenos com elevado e rigoroso critério, não curaram das consequências morais que deles se desprendiam. Fenómenos de laboratório não poderiam dar origem a tão bela filosofia, como a que se deve à codificação de Kardec. Aconselhava, pois, a procurar o meio termo, na base de que o Espiritismo teria de ser científico, não esquecendo nunca a parte filosófica e a moral magnífica que dele se desprende, terminando por incitar os presentes ao estudo da Doutrina.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE NOVEMBRO DE 1954

Dia 3, quarta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 4, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 7, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 10, quarta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 11, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 12, sexta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 14, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecilia Gorina.

Dia 17, quarta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 18, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 21, domingo, às 16 horas — Conferência por Ângelo da Costa Cabral, intitulada «Auto-Domínio».

Dia 24, quarta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 25, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 26, sexta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Ernesto Bozzano», dirigida por António Cardoso.

Dia 28, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General «Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

NOTA — *As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as cotização em dia, devendo, para isso, estar munido da última quota paga.*

FUNDO DE BENEFICÊCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Outubro — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. Fortunata da Conceição Bravo, de Coimbra, 20$00; Grupo de Protecção às Crianças, de Lisboa, 20$00; Subscritores de Livros Espiritas, 225$00 — Total — 305$00.

Diversos para o Grupo de Protecção às Crianças em Julho, Agosto e Setembro	595$00
Entregue ao mesmo	585$30

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Narrações do Infinito	25$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de* Humberto de Campos		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS

A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espírita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espirito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	35$00	46$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	28$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	40$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	32$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	28$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litigio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Principes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vitimas do Preconceito, por *Codro Pallissy*	28$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	54$00	64$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

MARTINS PERALVA

(Ver pág. 344)

CONTÉM

Liberdade Religiosa, da **Redacção**; Por Perguntas e Respostas - III -, pelo **Dr. Sérgio Vale**; Espíritos Protectores, por **Alfredo Miguel**; Iniciação de Israel, por **F. Noronha**; A Verdade (Recebido pelo Médium Francisco Luciano, de S. Paulo); Congresso Espírita Internacional, por **António Cardoso**; Quem Bem Pede, Bem Recebe, por **Luís de Barros Castro**; Arregimentação dos Militares Espíritas, pelo **General Mário Travassos**; Cintilações (Transcrição de um Capítulo de um Novo Livro de **Lia**); Divulgação do Espiritismo; Solidariedade no Meio Espírita, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Livros de Todo o Mundo, Anotados por **Ramos Pereira**; Espiritismo, Obra de Educação, por **Martins Peralva**; Mediunismo (Mensagens do Espírito Ramatís, Recebidos pelo Médium Hercílio Maes); Um Pregador Mediúnico; O Espiritismo em Lagoinhas, por **Rodolfo Coelho Cavalcante**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

15.º ANO — NOVEMBRO DE 1954 — N.º 11

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*«Alvorada de Uma Nova Era»*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Ângelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores — Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espiritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisivel (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	35$00	
Metapsíquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro
Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1954 — N.º 11

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

LIBERDADE RELIGIOSA

O caso deu-se nas Filipinas. Os Cavaleiros de Colombo exercem grande influência no governo do Estado, cuja orientação reivindicam, de acordo com os desígnios da Igreja de Roma, que ali deseja monopolizar o culto, em detrimento de outras confissões religiosas que pretendem um lugar ao sol.

Em face do acontecimento, a União Espiritista Cristã das Filipinas pôs-se em campo, na luta pela liberdade de culto, visto que a exclusividade anunciada ameaçava todas as organizações não católicas, incluindo o Espiritismo.

A força política de Roma assumiu aqui aspectos violentos, levando aquela União a dirigir-se ao Presidente Ramón Magsaysay, pedindo-lhe que definisse a sua posição no tocante ao problema religioso. A resposta veio tranquilizar os espiritas com a afirmação de que a Constituição Filipina estipula claramente a liberdade de culto.

Nem outra coisa era de esperar. Para que um povo sinta verdadeiramente a coesão nacional e promova em todos os sentidos o bem-estar colectivo é indispensável garantir a todos a mesma protecção legal. A liberdade religiosa é um factor de grande monta no equilíbrio de qualquer Estado. Cerceá-la a este em benefício daquele é precária administração de justiça.

As ruas e os caminhos pertencem à comunidade. Todos pagam o seu imposto. E assim como a lei não exclui alguém do dever de pagar, não deve excluir alguém do direito de usufruir.

Lei justa e equitativa é sinal de elevação de um povo, cujos governos se nobilitam guardando avaramente a lei e dando a cada um a porção que lhe couber no rateio.

O presidente Magsaysay é valente guardião da lei, não está disposto a manigâncias que o atirem de encontro ao estatuto fundamental. É chefe do seu povo, não é chefe de uma tribo. Só assim merecerão louvor seus actos governativos.

Os Cavaleiros de Colombo podem exercer influência na opinião católica filipense e aumentar a força e o prestígio da sua religião. É absolutamente lógico, desde que observem a lei, desde que não prejudiquem o direito dos outros. Mas reivindicar exclusivos para obter hegemonia religiosa, sem consideração pela liberdade alheia, é um pouco forte e não abona o moral dos pretendentes. Quem tem força, não receia os fracos, mormente se eles não recorrerem a meios coercivos. Que se importam as águias que um morcego as insulte?... Quando os fortes abusam do poder enveredam por caminhos esconsos e mais tarde ou mais cedo sofrem o choque de retorno. Melhor será observarmos o círculo que nos pertence, não esquecendo que para lá do perímetro há terreno que pertence a outrem. Assim, teremos consciência do que somos e do que valemos e menos trabalho daremos à justiça.

Os espiritas são pessoas ordeiras e não desejam sobrepor-se a ninguém. Reivindicam os direitos de cidadãos que pagam imposto e satisfazem todos os compromissos legais. Servem o seu país, dão-lhe o tributo de sangue, sacrificam-se pela felicidade geral. Por que há-de haver quem lhe tolha o passo em direitos? Onde está a base do privilégio, se as Constituições o extinguem nas terras civilizadas? Então, é ilegal a perseguição que lhes movem, numa ou noutra latitude, com a conivência de maiorias revestidas de camadas protectoras.

O caso das Filipinas suscita-nos comentários que a razão apoia e que nenhum raciocínio poderá destruir. Se a justiça é distributiva, não abdicamos da nossa parte, haja ou não clientelas feridas em suas pretensões egoistas.

POR PERGUNTAS E RESPOSTAS

III

P. — Mestre, estou gostando da veemência que estais pondo nas vossas palavras. Isto me consola do triste papel de duelista e de denunciante ou queixoso que me coube na presente reencarnação. Não me era possível aceitar a concepção dos meus irmãos, ia dizer em fé ou crença, mas prefiro dizer em espiritualidade, porque aqueles dois termos são também polivalentes, como alma e religião. Criaríamos outro pomo de discórdia. Dando de barato que o Espiritismo seja uma verdade com três aspectos e que entre os três esteja a tal religião, não me conquistou a afirmativa de que ele há de ser «*prevalecentemente religioso*», não comportando «*actividade de fundo científico*». A defesa de tais princípios revela ingratidão para com a ciência que o deu à luz. Não se mutila impunemente um ser vivo, uma árvore, um homem, uma filosofia espiritualista e moral. Criaríamos verdadeiras monstruosidades, se sacrificássemos qualquer parte insubstituível que os integra, adoptando o regime desvirtuante das prevalências. Imagine-se a figura de um homem em que fosse dominante a extremidade cefálica ou a podálica; conceba-se uma árvore teratológica, que se resolvesse a dar frutos sem a colaboração das raízes. Querem alguns mentores do Espiritismo reduzir o seu organismo indecomponível a um terço — o terço religioso. Transformar-se-ia «prevalecentemente» em religião, talvez muito boa (uma Umbanda, por exemplo), porém não seria mais Espiritismo, pois a diferença fundamental, substancial, original entre um e outra, entre ele e ela, está justamente no *componente científica* a que cabem todas as honras da paternidade ou da maternidade do Espiritismo. E é este componente, e nada mais, que conquista os materialistas, a nossa freguesia. Foi a igreja, dissestes vós, que, para combatê-lo, para assanhar os fanáticos, para desviá-lo do alvo certo, decidiu encará-lo *como religião*. Foi a igreja... Será legítima tal autoridade em coisas de Espiritismo? «O Espiritismo era *apenas uma simples doutrina filosófica* (ensinastes): foi a igreja que lhe deu maiores proporções, apresentando-o como inimigo formidável; *foi ela quem, enfim, o proclamou nova religião*». Comenta um religionário cheio de gratidão: — «O clero viu que a doutrina era religiosa!». O clero viu o que Allan Kardec, Léon Denis, Geley, Delanne, Flammarion e Bozzano não viram; o clero emendou para melhor, promoveu o seu «inimigo formidável» para intrigá-lo com os religiosos de todas as fés desavindas entre si, para eliminá-lo da concorrência... E nós espiritas havemos de — *servum pecus* ou *stultorum* — cair no ardil da igreja e repudiar as advertências do Codificador? Allan Kardec teria codificado uma *doutrina filosófica e moral* muito incompleta, muito insignificante, raquítica e mofina... Veio a igreja e, por conveniência própria — para melhor combatê-la em campo raso — proclamou-a *uma religião*, ou rival. Eis a bula, eis a sanção papal que deu ao Espiritismo, segundo os relionários-espiritas, a importância merecida e necessária. Isto é argumentação ou é brincadeira? Como se poderá, Mestre, desatar todos os nós desse «imbróglio»?

R. — Uma filosofia espiritualista de consequências morais, como a Doutrina dos Espíritos, tira o seu poder de penetração do factor ciência, que lhe é inerente e vital. Dentro da evolução espiritual da humanidade, apareceu no século XIX. Sua revelação foi controlada cientificamente; aceitou-se o que era espontâneo, coincidente, reiterado, racional, proveniente de várias fontes que se desconheciam. Qualquer cientista de verdade pode abonar o seguinte conceito: uma observação bem feita vale tanto quanto uma experiência, desde que o observador seja idóneo. E não foi a ciência espirita, com o seu experimentalismo ainda tão incompreedido pelos próprios espiritas, que fez dobrar a cerviz a um Wallace Russel, a um Lodge, a um Myers, a um Lombroso, a um Bozzano, a um Richet, a um Marconi, a um Édison, a sábios, poetas, romancistas, psicólogos, pensadores, filósofos, demonstrando-lhes a sobrevivência da alma, abrindo-lhes a porta da religiosidade ou da espiritualidade, conduzindo-os ou reconduzindo-os novamente até Jesus e até Deus? Parodiando a médium Santa Teresa de Jesus, poderíamos dizer que o Espiritismo tem o «*conhecimento experimental das coisas ditas impròpriamente «sobrenaturais»*». Por

que não havemos de lançar mão dos fenómenos supranormais, arrancando aos olhos dos materialistas as cataratas que os cegam para a visão do mundo espiritual, se os profetas de todos os tempos e o próprio Cristo outra missão não tiveram, através das premonições e de inumeráveis fenómenos mediúnicos, do que realizar manifestações subjectivas e objectivas capazes de esclarecer os homens, subordinados às insuficiências dos seus sentidos físicos? Uma autoridade eclesiástica dignou-se, um dia, estudar o Espiritismo. Atestou a veracidade dos fenómenos, mas lhes deu (de outro modo teria que deixar as púrpuras) a etiologia demoníaca. O eminente Cardeal Lépicier viu-se obrigado a confessar que o Espiritismo (apesar de diabólico!) «*dá o golpe de morte no materialismo*» (Cardeal A. H. Marie Lépicier, O MUNDO INVISÍVEL, pág. 346, 2.ª edição, Livraria Tavares Martins, Porto, 1945). O apóstolo Tomé, do qual descendem em linha recta os homens de pouca credulidade, ausente quando Jesus se materializou aos seus companheiros, usou de um direito sagrado da inteligência humana, ao exigir, para crer também, a repetição das maravilhas que lhe foram relatadas. Pois se o Cristo lhes deu a prova material de sua gloriosa sobrevivência foi porque considerou que a fé, para ser raciocinada e firme, *precisa de uma base sobre a qual se apoie*. Mostrando-se aos seus discípulos, depois da morte, aquiescendo amorosamente ao pensamento de Tomé, para convencê-los da verdade, *Jesus reconheceu, tàcitamente, na obscuridade da condição humana, a necessidade das provas materiais*. Um Espiritismo «sem actividade de fundo científico, mas visceralmente de carácter religioso», afigura-se-nos tão absurdo como uma religião sem actividade ou prática religiosa, mas visceralmente de carácter científico. Como todas as monstruosidades biológicas, predestina-se à morte prematura. Como planta débil e enfermiça, extinguir-se-á abafada pela floresta das religiões multiseculares. Que se oriente pela moral de Jesus, sim; mas que despreze a ciência, nunca! Não me arrependo das minhas palavras: «O Espiritismo não há de ser, em nenhum ponto, desmentido pela ciência positiva».

Não se pode crer na sobrevivência de uma árvore da qual se lhe cortem as raízes. Por que este apego teológico à palavra religião que, no sentido usual traduz *tudo quanto nós não somos* — desvirtuamento da religiosidade instintiva — reduzida a práticas religiosas saturadas do mais grosseiro antropomorfismo, práticas às vezes pouco espirituais e morais, e, no sentido filosófico, metafórico, corresponde muito mal à espiritualidade, porque corresponde gerando incompreensão? Se «unir os homens pelo amor e pela caridade é tarefa puramente religiosa, se foi sempre preocupação da religião e nunca foi cogitação da ciência», como no-lo decretaram os religionários, lembramos-lhes as guerras religiosas do pasado, a Santa Inquisição, as intolerâncias mal sopitadas do presente, que explodiriam em desatinos seguros se não fora a protecção do Estado e do Direito, *que é também uma ciência*. Na realidade, a *ciência espírita* foi quem gerou a filosofia espírita, cuja moral e cuja espiritualidade não defendem senão — AMOR E CARIDADE. Repita-se três vezes: «FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!». Nenhuma religião — fideísmo, ritualismo, sacerdotismo, dogmatismo, sectarismo — teve a coragem e a audácia de, como Jesus na parábola do Bom Samaritano, atribuir, exclusivamente, ao exercício da Caridade a solução ideal e única para a nossa reintegração na Divindade. Medite-se em nosso lema e ver-se-á que destoa fundamentalmente da credulidade ilimitada, das preces-requerimento, de todas as práticas ditas religiosas, resíduos de uma religiosidade que se transviou do caminho da vera espiritualidade: o conhecimento das leis divinas e a obediência resignada aos seus mandados. O Espiritismo não advoga a fé, não asenta na fé. Não me arrependo do que escrevi, de uma feita: «*preconizar alguém a fé cega sobre assunto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão*». As religiões, ainda as mais primitivas e fetichistas nasceram da crença nos espíritos — «há selvagens sem Deus, mas não os

Uma "entrevista" com Allan Kardec

pelo Dr. SÉRGIO VALE
(Correspondente em S. Paulo)

há sem espíritos», disse Huxley — e aceitaram, supersticiosa e ignorantemente, tudo que lhes foi revelado, subordinando a razão nascente à incomensurável capacidade de crer; a Doutrina proveio do facto mediúnico, mas num século em que a ciência já havia fornecido aos homens, não sòmente uma bagagem avultada de conhecimentos de toda natureza, senão também o critério da experimentação positiva, de acordo com as normas de Francis Bacon (1561-1626) no seu *Novum Organum* e com os princípios de Claude Bernard (1813-1878) na «Introdução ao Estudo da Medicina Experimental».

P. — Aquiesceis, Mestre, em que, «negando-se ao Espiritismo o seu carácter religioso, vamos expô-lo a sérios riscos, porque concorremos para tirar-lhe grande parte das garantias que a Constituição Nacional lhe assegura, conforme opina um religionário?

R. — Nada justifica a apropriação indébita, ainda que seja de um título honorífico. Aliás, as garantias constitucionais se estendem à livre manifestação do pensamento. E isto nos basta. Que poderia a lei coibir?

O exercício do baixo mediunismo? Seria uma Caridade, porque ele é eminentemente nocivo à Doutrina. Preferível será que nós mesmos nos esclareçamos, antes que a lição nos venha de fora. Uma religião precisa de liberdade física, do direito de locomoção para as suas exterioridades, para as práticas religiosas, a que emprestam suma e capital importância. Como ao homem sempre lhe foi mais fácil uma *prática* religiosa do que o exercício da moral, a zumbaia do que a reforma interior, o sabidão procurou sempre um pretexto dentro do qual continua, na generalidade, a agir como se Deus não existisse, embora o cumule de homenagens e de pedidos. Foi por isso que a fina ironia de Feueurbach destilou o veneno: «na prática todos os homens dão ateus». O Espiritismo *puro* (deve ser o melhor), que nos veio do Alto, só uma prática impõe, deseja e pede — a da Caridade segundo S. Paulo. E esta sobrepõe-se, dominadora, a todas as leis. Ainda que se nos proibisse a participação na assistência social — e contra isso se levantariam as pedras das ruas — para a reforma interior não precisamos de licença das autoriades de César. Destinamo-nos ao reino de Cristo, onde os valores são invisíveis e interiores. Perseguido ou proibido, o Espiritismo se exonerará das impurezas que o maculam. Os aproveitadores, os fariseus de todos os tempos, desaparecerão. Os dúbios terão que decidir-se. A perseguição, nestas alturas, seria um estímulo ou um detergente. A consciência jurídica do Brasil alcançou um padrão dos mais elevados. Não acreditamos que a terra de um Rui Barbosa permita o retorno à Inquisição e ao domínio temporal de qualquer igreja. A verdade nada teme. A sua vitória vem vindo por aí, rodopiando no ápice de um moto vorticoso. Não vos tenhais na conta de sal da terra. Sois meros instrumentos de forças espirituais de outros planos. E a vitória está garantida.

P. — Mais uma pergunta só, Mestre: que dizeis da denominação Religião Universal do Amor, endereçada ao Espiritismo?

R. — Eu preferiria, para ser coerente com as razões aduzidas até aqui, que se dissesse Doutrina ou Filosofia Universal do Amor. Se as religiões unem os seus profitentes, pelo menos dentro da mesma igreja, separam-nos intolerante e violentamente dos... heréticos. Uma religião legítima sempre se entendeu melhor com os materialistas do que com o *religioso* de outra crença. No ateu há um catecúmeno provável, ao passo que o herético é um caso perdido. Uma religião (forma, objectivação da religiosidade instintiva) pressupõe sempre a existência de outras formas em livre concorrência. Há vários tipos de fé distribuídos pela geografia humana: sòmente a Caridade é «católica», isto é, universal. Poderíamos atribuir ao Espiritismo a função de religião *(religio, religare)* no sentido de que ele compendia na essência de sua Doutrina tudo quanto o sonharam de mais elevado os filósofos e os espiritualistas de todos os tempos: «Sócrates — «mais vale sofrer do que cometer uma injustiça»; Zoroastro — «não faças aos outros o que não é bom para ti»; Buda — «faze o bem por amor do próprio bem e por amor de tua paz de espírito»; Maomé — «cava um poço e dá de beber aos sequiosos»; Gandhi — «estende o amor ao próximo até a coragem de morrer sem matar»; Ramacrishna — «recto discernimento, desinteresse e compaixão por todos»; Annie Besant — «servir e auxiliar os nossos semelhantes é a lei da vida»; Augusto Comte — «viver para outrem». Todos eles se unanimaram em torno da Caridade, o denominador comum do espiritualismo. O papel privativo da Doutrina é conciliar a religiosidade humana (não as religiões, que são irreconciliáveis até mesmo entre si) com a inteligência e a cultura. Se a religiosidade é instintiva e variável na

sua intensidade, a forma (religião) depende do conhecimento dos indivíduos e do temperamento das raças. O instrumento cerebral é indispensável. Não se descobriu ainda nenhum sucedâneo para ele. No dia em que o Amor e a Fraternidade, que o Cristo nos ensinou e exemplificou, dominarem *universalmente*, a palavra religião será um arcaismo, um termo sepultado nos dicionários com o aviso anexo — *desusado*.

Nota do Autor — Na impossibilidade de obtermos, com urgência, um *fac-simile* da página original em que a REVUE SPIRITE (1868, pág. 359) exarou claramente o pensamento de A. Kardec (gostamos desse tipo de provas), vamos reproduzi-la aqui parcialmente, para melhor juizo dos interessados: «*S'il en est ainsi, dira-t-on, le Spiritisme est donc une religion? Eh bien, ouil sans doute, Messieurs; dans le sens philosophique, le Spiritisme est une religion, et nous nous en glorifions, parce que c'est la doctrine qui fonde le liens de la fraternité et de la communion de pensées, non pas sur une simple convention, mais sur les bases les plus solides: les lois mêmes de la nature. Pourquoi donc avons-nous déclaré que le Spiritisme n'est pas une religion? Par la raison qu'il n'y a qu'un mot pour exprimer deux idées différentes, et que, dans l'opinion générale, le mot religion est inséparable de cette culte; qu'il réveille exclusivement une idée de forme, et que le Spiritisme n'en a pas. Si le Spiritisme se disait religion, le public n'y verrait qu'une nouvelle édition, une variante, si l'on veut, des principes absolus en matière de foi; une caste sacerdotale avec son cortége de hiérarchies, de cérémonies et de priviléges; il ne le séparerait pas des idées de mysticisme, et des abus contre lesquels l'opinion s'est souvent élevée. Le Spiritisme, n'ayant aucun des caractères d'une religion, dans l'acception usuelle du mot, ne pouvait, ni ne devait se parer d'un titre sur la valeur duquel on se serait inévitablement mépris; voilà pourquoi il se dit simplement: doctrine philosophique et morale*».

Corrigenda — Na pág. 291 do último número saiu uma linha deslocada. É a penúltima da 1.ª coluna, que deve passar à 5.ª da 2.ª coluna. Que os leitores desculpem o lapso.

FIM

Espíritos Protectores

por ALFREDO MIGUEL

Quando um Espírito retoma a vestimenta carnal para uma nova etapa da sua evolução no nosso planeta, Deus outro Espírito destina para nortear-lhe os passos na existência. Todos temos, pois, desde o berço até à morte, o nosso assistente espiritual, ou, como lá chamam os católicos, o nosso «anjo da guarda», a velar por nós com a solicitude de um pai com relação ao filho. Não importa haver quem descreia dessa protecção do invisível, quem até ria e zombe quando dizemos que ela é real e por vezes se faz sentir a ponto de afastar qualquer dúvida. Assemelhava-se a um viandante perdido no deserto o homem que não tivesse um amigo incógnito, um desvelado guia do Espaço a acompanhá-lo na acidentada trajectória da vida. Por saber da nossa fraqueza e imprevidência, Deus concede-nos esse protector com a missão de guiar-nos pela senda do bem, de advertir-nos e consolar-nos nas horas de aflição e de perigo. Infelizmente, nem sempre damos ouvidos às suas advertências, porque somos dissidiosos e desatentos, ou mais inclinados às sugestões da maldade.

Posto não seja ostensiva a acção do nosso guia ou bom génio, possível nos é identificá-la nas ocasiões em que concebemos o mal e sentimos o rebate da consciência. Essa voz que ressoa no nosso íntimo, contrariando ideias e pensamentos que tínhamos na mente, máxima quando opostos ao bem ou à verdade, revela de um modo nítido a interferência do Espírito amigo que se empenha em afastar-nos do mau caminho. A sua linguagem imperceptível e amorável traduz-se também em forma de pressentimento. Como se explica, por exemplo, que uma pessoa esteja de pasagem comprada para viajar de avião, e sem motivo algum aparente num instante se desanime e desista do transporte, mais tarde espatifado no solo com toda a carga que conduzia? E as mudanças súbitas e inexplicáveis de resolução, quando tudo parecia favorável e mais tarde se verifica que desastrosa ia ser? Nesses momentos sente o homem no seu recôndito algo que o alerta, uma misteriosa intuição o previne da fatal senda por onde intentava seguir. O filósofo Sócrates era muito atento à inspiração do seu Espírito-guia, que ele chamava o seu «demónio familiar». A maioria dos homens, mesmo sem dar importância a nada disto, agem as mais das vezes, sem o saberem, sob o influxo dos seus guias espirituais, e daí surpreenderem-se com certos imprevistos. Insuflando sugestões também os Espíritos inferiores e malévolos, incumbe a cada qual discernir entre as que vêm destes e as que emanam das almas elevadas. Os Espíritos protectores, é óbvio, só para o bem inspiram.

INICIAÇÃO DE ISRAEL

Por F. NORONHA
(colaboração póstuma)

I

O povo judeu não é o de mais alta antiguidade. Evidentemente o precederam egípcios, chineses, hindus e caldeus.

«Sabia-se, por algumas passagens da Bíblia e pelas narrativas incompletas de alguns escritores gregos, que houvera outrora, na imensa região compreendida entre o Nilo e o Indo, poderosas monarquias estabelecidas em extensos territórios, grandes centros de civilização, cidades opulentas e soberbas, cobertas de monumentos que desafiavam os séculos e de palácios mais deslumbrantes do que quantos serviam de morada aos reis sumptuosos do Ocidente. Sabia-se, por tradições vagas, que os monarcas faustosos desses grandes impérios extintos tinham gravado, nas pedras dos monumentos, a história de suas acções. Mas passaram séculos sobre séculos, antes que o homem entrasse na posse dos recursos com que havia de penetrar naquele período misterioso e iluminá-lo com o facho da história positiva. A renovação dos estudos históricos, que se operou desde o começo do século, graças aos progressos da etnografia, da linguística e da arqueologia, conseguiu a realização deste quase prodígio. Apreciou-se melhor o valor das tradições privativas de cada povo; estabeleceu-se a autoridade dos textos em bases com rigor maior definidas; fixou-se a idade dos monumentos, e, pelo estudo comparativo das línguas, determinou-se o parentesco dos povos e as suas relações recíprocas. O renascimento do velho Oriente começou pelo Egipto. O ponto de partida para este grande passo dado no progresso da história foi a leitura das inscrições hieroglíficas». (*História Universal* redigida segundo o método de Lévi Alvarés).

E o Egipto, que agora ainda é manancial de estudiosos, atingiu no pretérito remotíssimo um alto grau de adiantamento em todas as esferas de actividade humana, sendo a sua civilização das mais notáveis da História Geral. Desdobra-se esta nestes quadros, que um antigo professor liceal, Eça de Almeida, sintetizou no curioso volume da Biblioteca do Povo e das Escolas, intitulado *História Antiga do Egipto:* Religião, Organização social, Constituição política, Agricultura, Indústria, Ciências (Matemáticas, Astronomia, Cronologia, Geografia, Química, Medicina, Direito, História, Filosofia), Belas-Artes (Pintura, Gravura, Arquitectura, Escultura e outras de menor conceito).

Quanto ao primeiro quadro indicado, diz E. de Almeida: «Os egípcios acreditavam num Deus único (único em substância mas trino em pessoa, porque esse deus era ao mesmo tempo, o pai, a mãe e o filho de si mesmo). Os outros deuses do panteão egípcio não eram mais do que formas deste mesmo ser ou, mais claramente, não eram mais do que a personificação dos atributos desta divindidade. Cada atributo personificado era, por consequência, considerado como um novo deus que constituía também uma tríade, cujos membros davam, por seu turno, origem a outras tantas tríades, de forma que, assim, caminhando sempre de tríades em tríades e de personificações em personificações, ia-se dar a um número assombroso de divindades, muitas vezes grotescas e monstruosas, que desciam sempre, por gradações quase insensíveis, desde a região mais elevada até às ínfimas categorias da natureza. Entre a enorme quantidade de atributos personificados ou deuses secundários, os mais notáveis eram *Amen,* que simbolizava o Deus único como gerador e revelador das causas ocultas e que formava com os deuses *Meouth* e *Khons* uma tríade; *Phtah,* que representava o Deus quando realiza todas as coisas com arte e verdade e que juntamente com os deuses *Sakhet* e *Imhotep* constituía outra tríade; e *Osiris,* que era o Deus considerado como bom e benfeitor, e que agrupando-se com *Isis* e com *Hor* dava ainda, como todos, lugar a uma outra tríade em nada menos importante que as antecedentes. Cada um dos deuses tinha os seus símbolos especiais, um culto completamente distinto dos dos outros, e um templo ao qual estava adstrita uma corporação de sacerdotes que era presidida por um sumo sacerdote ou pontífice hereditário. Note-se, porém, que nenhum destes deuses era adorado indistintamente em todo o Egipto: cada nomo (*divisão política do país*) tinha o seu deus querido, o seu deus por assim dizer nacional, que era um dos deuses secundários ou personificações dos atributos do Deus único; assim, por exemplo, Amen era adorado em Ape (a «Tebas das cem portas» de Homero), Phtah em Manovrer, e Osiris em Abud (Abidos). Os egípcios assimilavam também os deuses com os astros (*Râ,* o deus supremo, era o Sol; *Isis* era a Lua, etc.), e admitiam a encarnação dos deuses sobre a terra, acreditando que eles, para vigiarem os homens e as sociedades, tomavam formas variadíssimas, às vezes mesmo as mais extravagantes, tais como a do bode, a do crocodilo, a do íbis e a do cão. Daí provém um enorme culto pelos animais: cada nomo tinha os seus, que, muitas vezes, eram adorados em todo o país.

Os sacerdotes predominaram no Egipto e as suas iniciações revestiram-se de modalidades típicas e demoradas, em que se apreciava com minucioso escrúpulo o caracter e firmeza de cada iniciado, sujeitando-o a cerimónias e interrogatórios que o punham a prova insofismável e inequívoca. Em suma, como diz Bossuet (*Discours sur L'Histoire Universelle*): «A ignorância da religião e da polícia do país não era desculpada a ninguém».

Diz, outrossim, com elegância e verdade, o mesmo eloquentíssimo prelado francês: «Eram (os egípcios) assíduos observadores da natureza, que, numa atmosfera serena e ardentia solar, fortalecia e pululava entre eles. Isto os fez inventar ou aperfeiçoar a medicina. Assim, tiveram todas as ciências em grande conceito, a todas honrando. Os inventores de coisas úteis recebiam, tanto na vida quanto na morte, homenagens e recompensas por seus trabalhos. Eis, o que consagrou os livros dos seus dois Mercúrios e os fez considerar como livros divinos. O egípcio é o primeiro entre todos os povos que haja organizado bibliotecas. A designação que se lhes dava despertava o desejo de visitá-

-las, e de penetrar-lhes os segredos: denominavam-se o *tesouro dos remédios da alma*».

As crenças religiosas dos egípcios eram tão profundas, tão arraigadas como o demonstram estes dois factos que impressionaram Montesquieu (De *L'Esprit des Loix*): «A história de *Sabbacon*, um dos reis pastores, é admirável. O deus de Tebas apareceu-lhe em sonho, ordenando-lhe que fizesse matar todos os sacerdotes do Egipto. Presumindo que aos deuses já não era simpático o seu governo, visto ordenarem actos tanto avessos ao seu carácter, retirou-se para a Etiópia».

«Fervem à volta de nós — diz o Visconde de Benalcanfor (*De Lisboa ao Cairo*) — os monumentos funerários. Compõem-se estes de capelas ou mastabas (onde se nos deparam relíquias das usanças religiosas dos egípcios) e dos aposentos ou carneiros, que, além de abundarem em emblemas litúrgicos, encerram as múmias preparadas sob diferentes épocas da história do Egipto».

«O Serapeum, enorme hipogeu dos bois Apis, aberto na rocha viva — diz Álvaro Simões — tinha galerias de 350 metros de comprimento por 3 de largura e 5m,5 de altura, por cima das quais havia um vastíssimo templo para o culto dessas divindades ruminantes que, depois de mortas, eram adoradas sob a invocação de Osiris-Apis».

«Nenhum elemento — diz com acerto o autor anónimo de *Estudo Elementarissimo da História dos Povos Orientais* — actuou tanto na vida e na história dos habitantes do Egipto como as suas ideias religiosas».

É absolutamente indubitável que assim sucedeu, e do facto chegaram até nós depoimentos monumentais, muitos deles constituindo apreciável riqueza de alguns dos opulentos e celebrados museus nossos contemporâneos. O próprio solo egípcio continua a desentranhá-los sem mesquinhez.

Depois do Egipto, extensa parcela territorial africana, com a Etiópia ao sul e o mar mediterrânico ao norte, para onde correm as águas do fertilizador Nilo, encontro a Ásia, ao tempo acorrentada ao continente negro pelo istmo de Suez, a Ásia da sonhadora Índia, da China opiada e do Japão insatisfeito.

«Parece, pois, que a Índia, jardim de delícias — diz César Cantu —, a Sibéria gelada, as estepes elevadas da Mongólia, a frígida Tartaria chinesa, as pastagens da Assíria, as florestas selvagens da Partia, e os imensos prados entre o Eufrates e o Tigre, teriam encerrado, por sua própria natureza, a história dos seus habitantes num círculo determinado; assim como o chim parece predestinado a navegar pelos seus inumeráveis canais, o índio a servir-se do elefante na guerra e nos seus trabalhos, e o árabe do camelo, nas suas correrias através do deserto».

É nesses «imensos prados», a que alude o historiador italiano citado, que teve assento a famosa potência assírica, desabrochada restrita, à laia de mera família e acrescida posteriormente, até «se poder dividir em quatro grandes províncias: a *Assíria pròpriamente dita, a Mesopotâmia*, a *Babilónia* e a *Caldeia*».

Este último trato, o *Irak* «dont une partie dépend de la Turquie et l'autre de la Perse».

«A Mesopotâmia, assim denominada em virtude da sua localização entre o Eufrates e o Tigre, abrange quatro zonas, prolongando-se, paralelamente, dum destes rios ao outro; a primeira, montanhosa, dilata-se pela vertente meridional do Tauro até *Djeziré;* a segunda, levemente acidentada, partindo da base das montanhas para a confluência do *Kabur*, compreendia na antiguidade o Oscroénio a oeste e a Migdonia a leste; a terceira, deserta e inculta, alcança até Bagdad; a quarta, alargando-se até à junção dos dois rios, é a vetusta Caldeia».

A Caldeia foi pátria de Abraão, patriarca verdadeiro ou lendário. A Caldeia, berço do corpo sacerdotal dos magos, observador dos astros e criador da astrologia, arauto, precedendo o matemático saber, da imponência delirante e do infinito ou astronomia, diz o egrégio egiptolo Maspero, que apenas num aspecto é inferior ao Egipto: «não se encontra lá nem calcário compacto, nem mármore, nem basalto, nem granito, nem qualquer das pedras resistentes de que os artistas egípcios souberam tirar proveito em seus trabalhos. Os arquitectos caldeus foram constrangidos a arrancar ao próprio solo os materiais de suas edificações e levaram tão longe quão viável o emprego de tijolo; assim, as suas obras não triunfaram do tempo e deformaram-se a tal ponto, que não passam em grande parte de verdadeiros farrapos de argila».

«Os primitivos caldeus figuravam a terra como sendo navio adornado e côncavo na base, não um barco oblongo quais os de que fazemos uso entre nós, mas uma espécie de concha, redonda, que os baixos-relevos patenteiam frequentemente e de que as tribos do Eufrates inferior ainda hoje se servem», diz adiante o inconfundível autor, e prossegue: «Na cavidade, em baixo, estava oculto o *abismo*, localização tenebrosa e mortuária. No pendor da superfície convexa estendia-se a terra pròpriamente dita, envolta de todos os lados pelo rio Oceano (*Abzou*): a Caldeia era tida como o centro do mundo.

«Muito para lá do Tigre erguia-se o monte da região, *Kharsag Kalamma*, monte santo, monte dos deuses, que ligava o céu à terra. *Ana*, o céu, tinha o aspecto de ampla coifa hemisférica de que a parte inferior assentava nos extremos do navio terrestre, no além do rio Oceano. O firmamento, «desdobrado por cima da terra à maneira de manto», girava num eixo em torno do monte de Oriente, arrastando em seu giro perpétuo as estrelas fixas de que a sua abóbada estava matizada. Entre o céu e a terra circulavam em primeiro lugar os sete planetas, espécie de animais corpulentos dotados de vida, depois as núvens, o vento, o raio, a chuva. A terra firmava-se no abismo, o céu na terra: a imaginação dos primitivos caldeus não os animava até se inquirirem sobre o sustentáculo do abismo. Este universo trino era povoado por multidão de seres e de raças diversas, umas encerradas, como os homens e os animais, em pequena parcela do grande todo, as outras espalhadas indistintamente através do mundo, como os espíritos e os deuses.

Os espíritos são a personificação das forças boas, más e indiferentes da natureza: eles praticam o bem e o mal à sua vontade, regulam a ordem e movimento dos corpos celestes, portanto das estações, sopram o vento e derramam a chuva, germinam o grão e remoçam as ceares, protegem ou matam o vivo. Os deuses *(an, dingir, dimir)* são espíritos de alta categoria que presidem às primaciais divisões do mundo ou à magna fenomenologia da natureza. A cada uma das três regiões do universo assiste um deus supremo: Ana no céu, Ea na terra e Moulila no fundo do abismo. Ana, o espírito do abismo, era ao mesmo tempo o corpo e a alma do céu, o céu material e a inteligência que rege a matéria celeste. Ea, o espírito da terra, impera na superfície terrestre e na atmosfera, mas o seu estádio favorito é o rio Oceano; também lhe atribuem, por vezes, na qualidade de mãe, uma deusa Riah, «o rio, a água por excelência». Ele mesmo é chamado,

A VERDADE

Recebido pelo médium Francisco Luciano, de S. Paulo

Lá vêm os homens,
lá vêm os homens
em busca da Verdade!
Subiram montanhas,
transpuseram serras,
desceram vales,
atravessaram rios,
dormitaram sob as árvores,
venceram longas estradas!

Lá vêm os homens,
lá vêm os homens
em busca da Verdade!
Viram cidades,
viram crianças,
velhos,
trabalhadores do campo,
mães amamentando,
casas fechadas,
casas iluminadas,
jovens saindo para o trabalho
na forja
e no arado!

Lá vêm os homens,
lá vêm os homens
em busca da Verdade!
Entraram nas vilas,
entraram nas matas,
sobrevoaram os campos,
as estepes,
viajaram sem cessar
sob a luz das estrelas...
Ouviram prantos,
agonias de moribundos,
acenderam velas,
fizeram preces,
se ajoelharam
no meio do trigo,
levantaram seus braços,
pediram água!

Lá vêm os homens,
lá vêm os homens
em busca da Verdade!
Trazem seus bois,
suas roupas,
suas mulheres,
seus filhos,
vêm rotos,
maltrapilhos,
deixaram seu rastro de suor,
de sangue,
de lágrimas.
Viram a terra manchada de san-
[gue de seus irmãos,
e os céus cheios de nuvens,
porque os céus têm piedade
e querem limpar
a tristeza dos homens.
Beberam a chuva
lavaram-se na chuva...

Lá vêm os homens,
lá vêm os homens
em busca da Verdade!
Trabalharam nas oficinas,
plantaram arroz,
plantaram milho,
acenderam fogueiras,
cozinharam sua comida,
se alimentaram
e às suas mulheres
e aos seus filhos...
Cuidaram da terra,
cuidaram das árvores
e choraram mais uma vez
o sangue de seus irmãos
que manchava os prados!

Lá vêm os homens,
lá vêm os homens
em busca da Verdade!
Viajaram de trem,
viajaram a pé,
entraram na guerra,
ouviram canhões,
socorreram os feridos,
limparam suas chagas,
escreveram cartas para as suas
viúvas...
Lá vêm os homens,
lá vêm os homens
em busca da Verdade!
Beijaram cabelos brancos,
Beijaram as mãos da mãe que
[acalenta o filho,
Beijaram as crianças que mor-
[riam na praça,
beijaram as árvores,
beijaram os rios,
beijaram as montanhas...
Eram beijos de mãos,
ajudando,
consolando,
amando!
Eram beijos de pés,
andando léguas sem fim
para levar a luz
onde ela escasseava!
Beijos de vida
distribuída
sem distinção
aos pobres,
aos órfãos,
aos enfermos,
às viúvas
e todos os que precisam!

Lá vêm os homens,
lá vêm os homens
em busca da Verdade!
E a verdade sai ao seu encontro:
o Cristo Iluminado,
o Cristo cheio de Amor,
de Coração Resplandecente,
lhes diz:
— Eu sempre estive convosco!
Salve o Senhor!

UM POETA

amiúde «o grande peixe do Oceano, o peixe sublime»: percorre o seu império a bordo dum navio simbólico, manobrado pelos deuses, seus filhos, como entre os Egípcios, o navio solar pelos filhos de Rã. A sua companheira Damkina ou Davkina é a personificação da terra: o deus enlaça-se com ela, a fecunda e de seus enleios brotam as águas materiais que fazem tudo enverdecer. Moulila e a sua forma feminina Ninlila pairam no abismo infernal e recebem as almas humanas ao saírem da vida. Transportadas para fora do rio eterno, as almas alcançam o sopé do opulento monte de Ocidente, por detrás do qual se esconde o Sol, e penetram no Hournoudê, «a região imutável», «aquela de onde não se regressa, morada em que se entra sem ter saída, o caminho que se desce sem jamais se retroceder, a instalação de entranhamento sempre aumentando a prisão, o lugar em que só há pó para a fome e lama para alimento, em que não mais se enxerga a luz e se jaz em trevas, em que as sombras, como as aves, enchem a abóbada». Não há ali recompensa para o justo, nem castigo para o ímpio: a remuneração do bem e do mal começa e acaba na terra. Contudo, num dos recantos do abismo, brota uma fonte de vida, que os génios infernais dissimulam à vista dos manes: só os deuses podem facultar-lhe o acesso e reenviar à terra a alma que dessedentaram em suas águas. Abaixo dos deuses maiores agitava-se um povo numeroso de deuses e de espíritos, lutando uns contra os outros perenemente...».

Julguei necessário preceder o assunto indicado no rótulo da presente elaboração, expondo sumàriamente, através de autorias idóneas, o que tem para mim significado e valor de genuínas fontes na iniciação de Israel. Sai da Caldeia o seu primeiro iniciador e é o Egipto que inicia e forma o homem, sem o iniciamento do qual não vingaria em acto nem perduraria no tempo.

(A concluir)

Congresso Espirita Internacional

Por ANTÓNIO CARDOSO

II

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO

Poucos minutos depois das 9 horas iniciou-se a primeira sessão de trabalhos dos delegados dos diferentes paises. Lá se encontravam os representantes da França, Inglaterra, Bélgica (na pessoa do nosso redactor-correspondente em Liège, Achille Biquet), Alemanha, Holanda, Dinamarca, Suécia, Suiça, Turquia, Israel, E. Unidos, Canadá, Argentina, México, África do Sul e... Portugal. Claro — não seria preciso dizê-lo — de Espanha, nem delegados, nem visitantes... O Brasil não mandou qualquer representante a este Congresso, facto que bastante me admirou.

A sessão começou com uma prece de Madame Saint-Clair. André Dumas fez em seguida uma palestra que foi ouvida com o maior interesse. Disse que «servir a Causa do Espiritismo Moderno não é um trabalho fácil, eliminando da sua organização os egoismos nacionais e o orgulho. De outro lado, as forças que se opõem são internas e resultam da não homogeneidade das nossas concepções. O trabalho difícil é a homogeneidade do Espiritismo Moderno».

E, continuando, afirmou: «Em todos os sectores do conhecimento humano comparemos as diversas ciências com os países em que estas são estudadas. Ora nós vemos que, se são diferentes os caminhos seguidos na investigação, as conclusões são as mesmas; as diferenças de nacionalidade não alteram as conclusões finais. Não sucede porém o mesmo com o Espiritismo. Uns consideram-no como *uma espécie de suplemento à crença tradicional*» (*).

André Dumas fez lembrar aos presentes que foram *os outros* (os que não vêem no Espiritismo uma religião) que conseguiram que na Holanda houvesse a primeira Universidade da Europa com uma cadeira de Parapsicologia. E disse: «Sabemos que o estudo é rude. As conquistas da ciência moderna são difíceis... mas os resultados serão bem compensadores».

Este discurso inaugural considero-o admirável pelo facto de André Dumas pôr bem a claro os problemas do Espiritismo.

Entre os trabalhos feitos pelos delegados nessa primeira manhã desejo salientar a eleição dos novos membros directivos da Federação Espirita Internacional. Ficou desta vez como Presidente o delegado da África do Sul, Mr. Len Lloyde. David Bedbrook passou a Vice-presidente e Rolf Carleson, delegado sueco, é o novo Secretário-geral

Às 14 horas, M. George Mack abriu o programa da tarde com uma conferência subordinada ao tema: «O Liceu. Seu valor. Uma profissão». Mostrou a sua importância à luz do Espiritismo. Não só esta tese, como todas as outras realizadas no presente Congresso, iremos publicando, pouco a pouco, nas páginas de «Estudos Psíquicos».

Nessa mesma tarde pudemos ainda ouvir o delegado dos E. U. apresentar o seu trabalho «O Valor das Manifestações Espirituais e Materiais no Espiritismo».

Foi em seguida apresentado à assistência Peter Hoek, clarividente holandês, que, tal como Berta Harris, fez as suas experiências com à-vontade e simplicidade admiráveis.

À noite, Madame Saint-Clair apresentou um interessantíssimo trablho científico sobre «O Senso Cósmico e o Segredo das Influências». No final respondeu a diversas observações e perguntas feitas pelos presentes. Madame Saint-Clair revelou-se nesse trabalho uma estudiosa incansável e, certamente, aqueles que me lêem, irão apreciar num dos próximos números a sua tese.

André Dumas, com o título de «Orientação Espiritualista do Pensamento Contemporâneo», deliciou-nos durante algum tempo com a sua vibrante exposição. O autor da «Ciência da Alma» mais uma vez entusiasmou a assistência com a sua palavra fácil e vibrante.

Ainda nessa noite se realizou mais uma sessão de clarividência, novamente com Berta Harris. Mais uma vez tive ocasião de apreciar as suas faculdades extraordinárias. Na Inglaterra é uma das figuras principais neste género de fenomenologia, tendo também realizado experiências na África do Sul, Suécia, Filândia e Espanha (nos bons tempos, claro está...).

TERÇA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO

Às 9 horas realizou-se a segunda sessão dos delegados. Logo no início os delegados alemães propuseram que Madame Saint-Clair e André Dumas fossem nomeados membros honorários da Federação Espirita Internacional. O nosso redactor-correspondente em Liège, Achille Biquet, usando da palavra, afirmou que as quotas pagas pelas sociedades federadas deveriam ser proporcionais ao número de sócios, não estando certo que um organismo com elevado número de membros pagasse o mesmo que outro que os tivesse em número reduzido. Disse que, desta forma, nenhuma sociedade se recusaria a associar-se na Federação Espirita Internacional.

Às 11 horas dirigimo-nos a esplêndidos e confortáveis autocarros, dando assim início à anunciada excursão a Hilversum, onde visitámos a estação radiodifusora, apetrechada com o que há de mais moderno no assunto e onde fomos amàvelmente recebidos.

Achille Biquet realizou às 20 horas desse dia a sua conferência, subordinada ao tema: «O Espiritismo — Ciência ou Religião?».

Achille Biquet afirmou: «O Espiritismo é uma doutrina espiritualista de base científica, que não pode ser confundida com as religiões».

(*) Vai em itálico esta frase de André Dumas, para realçar o seu pensamento e comprovar as afirmações escritas anteriormente sobre esta questão.

Est Psiq. Nov/54

Quando no final dos trabalhos apresentei ao ilustre orador os meus parabéns pelo seu esplêndido trabalho, afirmando-lhe a minha concordância às doutrinas nele defendidas, prometeu mandar essa tese à revista «Estudos Psíquicos», acrescida de algumas considerações complementares que a devem tornar ainda mais valiosa.

O clarividente inglês Peter V. Hoek realizou à noite outra série de experiências e, entre elas, uma houve que, dado o seu extraordinário interesse, não posso deixar de citar. De tarde, segundo ele próprio afirmou, uma *entidade espiritual* disse-lhe que nessa noite, na fila e cadeira número tal, se sentaria uma senhora com determinadas características, dando a tal respeito uma série de pormenores, que ele anotou num papel. Em seguida meteu-o num sobrescrito, que fechou. À noite, esse sobrescrito foi aberto e lido o seu conteúdo. Procurou-se o lugar indicado e todos os pormenores puderam ser confirmados pela pessoa em questão. Eis uma experiência interessantíssima de *premonição* que me fez lembrar as que ùltimamente se têm realizado na Alemanha, com grande interesse do próprio Professor Albert Einstein.

Ainda nessa noite pude assistir pela primeira vez a interessantes experiências de visão das auras, feitas por Madame Colette Tiret, de Marselha, esposa do nosso redactor-correspondente naquela cidade, o Dr. Georges Tiret. A clarividente pedia às pessoas submetidas às experiências que se colocassem num determinado local do estrado, onde, para o efeito, haviam posto um fundo branco; entre a pessoa e esse fundo claro era colocada uma lâmpada vulgar. As luzes da sala eram apagadas. Madame Tiret olhava para esses indivíduos através de um prisma, começando a descrever o que observava. O carácter, os sentimentos mais íntimos da pessoa em foco, tudo isso era posto a claro, com admiração do próprio, que ia confirmando, e da assistência, que atentamente seguia as experiências. No final, eu e Madame Benavides examinámos o respectivo prisma, e logo Madame Benavides, olhando através dele, verificou que, sem ser clarividente, via radiações em torno dos indivíduos. Como sei que isso é devido a fenómenos de reflexão e refracção que nada têm com os fenómenos metapsíquicos, transmiti a Madame Tiret estas minhas impressões.

— Tem toda a razão — respondeu —. Quando começo a olhar por esse prisma vejo radiações que, evidentemente, nada têm com os fenómenos paranormais. Mas, passados alguns instantes, começo a ver outras radiações, invisíveis para os não clarividentes.

— Nesse caso, porque usa o prisma óptico?

— Esse instrumento tem por único objectivo excitar a minha clarividência.

Vemos assim que, tal como muitos hipnotizadores usam objectos brilhantes para excitar o sistema nervoso dos pacientes e para que possam submeter-se a diversas experiências, a clarividente marselhesa procede de forma análoga com o seu prisma óptico.

QUARTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO

A parte da manhã foi constituída, como habitualmente, por mais uma sessão dos delegados. Nessa tarde realizaram-se duas conferências, uma de Rolf Carleson sobre «O Ponto de Vista Religioso do Espiritualismo», e outra «O Espiritismo Necessita de Fundar Igrejas?», feita por Mademoiselle Maja Pederson, da Dinamarca. A última tese, porém, chamou-me em especial a atenção, pela maneira absolutamente incrível com a sua autora atacava o lado científico do Espiritismo e defendia o aspecto religioso, chegando a dizer: «Não se justifica que se deixassem à Parapsicologia as descobertas sobre a mediunidade. A nossa hipótese de trabalho deve partir do que nós aceitamos como provado. O vosso ponto de partida, assim como o nosso método, deve ser diferente do da Parapsicologia».

Eu pedi a palavra logo que acabou a sua exposição e perguntei se me poderia explicar por que diz que o «vosso ponto de partida» para o estudo dos fenómenos paranormais é diferente daquele que segue a Parapsicologia, e pedi que me dissesse quais eram esses «métodos» de trabalho. E acrescentei:

— Antes de concluir estas considerações, lembro a Mademoiselle Maia Pederson e a todos os presentes que o edifício sólido do Espiritismo Moderno foi construído pela Parapsicologia, pelos metapsiquistas que trabalham cientificamente.

As minhas breves considerações produziram efeito na assistência, avivando mais uma vez o problema da *Ciência e Religião*. Mademoiselle Maja Pederson não se desconcertou, porém, e respondeu, pausadamente, com invejável calma:

— Os nossos métodos de trabalho são diferentes, porque, nas experiências que realizamos, e ao contrário dos parapsicologistas, aceitamos a intervenção dos espíritos.

Pedindo a palavra imediatamente, disse que a delegada dinamarquesa partira de uma ideia preconcebida em determinada experiência, e esse facto já era uma atitude anticientífica.

Madame Benavides pediu em seguida a palavra, corroborando os meus pontos de vista.

À saída da sala, exclamou, na presença de alguns delegados, entre os quais me encontrava:

— A Parapsicologia surgiu em virtude de a palavra *Espiritismo* estar desacreditada.

Mas continuemos. Nessa tarde tive o grato prazer de assistir a algumas experiências psicométricas, realizadas por Madame Angeline-Hubert Eppinger, que trabalha na *Union Spirite Francaise*, a que pertence o nosso redactor-correspondente em Paris, Henri Reynault. A assistência colocava em cima de uma mesa diversos retratos de pessoas desencarnadas. Madame Angeline Hubert, pegando nessas fotos, ia fazendo a descrição da vida do indivíduo, ao mesmo tempo que a pessoa dele conhecida, e que colocara a imagem na mesa, ia confirmando.

À noite, tive ainda o prazer de assistir a mais uma sessão de clarividência, realizada pelo delegado norte-americano Melvin Smith. Confesso que, embora já tivesse visto duas vezes Berta Harris trabalhar, fiquei verdadeiramente surpreendido com Melvin Smith, tão invulgar e precisa se apresenta a sua clarividência. Com um à-vontade surpreendente, sem concentrações de espécie alguma, o clarividente norte-americano ia fazendo as suas experiências interessantíssimas. A um senhor da assistência até lhe disse que a gravata que levava lhe tinha sido emprestada por um amigo, o que ele, vivamente surpreendido, confirmou.

Nessa noite, o grande amigo dos espiritas portugueses, David Bedbrook, fez uma brilhante conferência subordinada ao tema «A propaganda Nacional e Internacional» e Horace Leaf, redactor do *Yours Fraternally* (Inglaterra), tratou da «Tendência Actual da Federação Espírita Internacional».

QUINTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO

Os trabalhos dessa manhã foram divididos em duas partes. Na primeira trataram-se os assuntos relacionados com a organização interna. A segunda parte foi inteiramente dedicada aos delegados de Israel, México, Suiça, Turquia e Portugal.

Madame Benavides, abrindo a série, expôs, em poucas mas expressivas palavras, o movimento espirita do México. Disse que existem três correntes espiritas no México, qual delas a *melhor*. A primeira, que reúne milhares de indivíduos, proíbe a leitura aos seus membros!!! Têm especial adoração pela... cadeira onde o médium se senta!!! A segunda chama-se *Escola Magnética Espiritual*, fundada por Joaquin Trincado, e é de todas a mais forte. Os que sequem esta escola só querem ler os livros escritos pelo seu fundador. Afirmam que a sabedoria do mundo está contida neles.

A terceira corrente, embora se chame a de Allan Kardec, não é, infelizmente, melhor do que as anteriores. Os seus membros só querem ler livros do Mestre francês.

Destas três correntes saíram, como não podia deixar de ser, pessoas desgostosas com o rumo que as coisas levavam. Madame Benavides fundou, no entanto, o *Instituto Mexicano de Parapsicologia*, que tem actualmente como presidente a maior figura intelectual do seu país. Esse Instituto, onde os fenómenos metapsíquicos são estudados com rigor científico, é, por assim dizer, a oposição ao Espiritismo deturpado, misto de religioso, ignorância e o mais torpe dos fanatismos. Só se têm obtido materializações, fenómenos de transporte, etc.

Madame Benavides tem-se esforçado por reunir essas três correntes num Espiritismo com E grande, limpo de todo o joio que o envolve, mas as contrariedades são enormes, devidas aos próprios espiritas que as constituem..

Tendo-me sido dada a palavra, afirmei que o movimento espirita português podia ser dividido em duas partes: a propaganda através das revistas e a propaganda associativa..

— Quanto à primeira, temos duas esplêndidas revistas, que satisfazem completamente: *Estudos Psíquicos* e *Revista de Metapsicologia*. Infelizmente, como alguns dos Srs. delegados já sabem, a *Revista de Metapsicologia* encontra-se suspensa, em virtude do encerramento da F. E. P. Devo dizer que os seus directores estão trabalhando para a sua reabertura, tendo levado o caso ao Tribunal; em virtude, porém, de dificuldades constantemente criadas, estamos, infelizmente, longe de visionar o fim deste estado de coisas.

Quanto ao aspecto associativo e ao referir-me aos trabalhos mediúnicos, procedi como o fez a delegada mexicana: dizendo toda a verdade. Aliás, seria atraiçoar a minha condição de espirita.

L. Lloyd, delegado da África do Sul, que estava presidindo, lamentou profundamente aquilo que ouviu sobre a mediunidade entre nós. E disse:

— No entanto, meu prezado Irmão, deve continuar a trabalhar, a lutar contra tudo o que ofusque a luz esplendorosa do Espiritismo. Continue, não se importando com as dificuldades. Lembre-se que só num meio espiritualmente elevado, onde não exista a fraude, as Entidades Superiores podem baixar.

A respeito do encerramento da Federação Espirita Portuguesa, afirmou que era uma injustiça, que certamente seria reparada.

Na tarde desse dia tivemos um agradável passeio através dos poéticos canais de Amesterdão. Às vezes, parecia-nos que estávamos em Veneza e não na capital da Holanda. Em Amesterdão há 40 canais e mais de 300 pontes. Não se percorre uma rua sem que tenhamos de atravessar, pelo menos, uma ponte.

À noite, Angéline Hubert Epinger deliciou-nos com outra sessão, e Eric Stuart, presidente da *Marylebone Spiritualist Association*, apresentou a sua tese intitulada «Curar».

SEXTA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO

Como habitualmente, a parte da manhã foi dedicada à sessão dos delegados. O delegado da África do Sul afirmou que desejava que no próximo Congresso todas as nações estivessem filiadas na Federação Espirita Internacional. Foi aprovada a proposta do delegado da Suécia, apoiada pelo da África do Sul, de apresentar junto das Nações Unidas os protestos contra a perseguição e opressão que o Espiritismo sofre na Turquia e em Portugal.

Nessa manhã os delegados deram por terminados os seus trabalhos, proferindo vários oradores calorosas palavras de despedida. Ficou assente que o próximo Congresso se realizará em 1957 em Paris, onde, segundo me disse Madame Saint-Clair, «espera ver novamente Portugal representado».

Na tarde desse dia, o Dr. Karl Müller, representante da Suiça, fez uma interessantissima conferência, acompanhada de projecções luminosas, sobre o movimento espirita no seu país. Foi u mtrabalho magnífico, que a assistência premiou com vibrantes salvas de palmas.

Melvin Smith, nessa tarde, e Bertha Harris, à noite, deram-nos as últimas sessões do Congresso. À noite tivemos ainda o prazer de ouvir a conferência «Uma Concepção Espiritualista da Vida e o seu Aspecto Prático», por Léonard Lloyd (África do Sul), que agradou bastante. As 22 horas, K. H. G. Spee e outros oradores apresentaram aos presentes as saudações de despedida.

SÁBADO, 18 DE SETEMBRO

O Congresso ia terminar, após uma semana de intensa actividade!

Ainda tínhamos um dia de intercâmbio espiritual, e já uma pontinha de saudade entrava em nossos corações! Sim, foi com grande tristeza que, depois da excursão que realizámos nesse dia ao Parque Nacional «De Hoge Veluwe» e ao «Kröller Müller Museum», onde admirámos as colecções famosas de Vincent van Gogh, nos despedimos ao chegarmos ao fim. Houve abraços, beijos e lágrimas. É que durante uma semana, apesar das divergências assinaladas, a Harmonia jamais foi quebrada por qualquer acidente desagradável. Apesar da diversidade de idiomas, apesar da diversidade de opiniões, houve sempre, por cima de tudo isso, um sentimento de União, de Comunhão Espiritual, dando-nos, por vezes, a impressão de que já nos conhecíamos há muito. Vi Madame Benavides limpar os olhos, rasos de água, quando chegou a hora da partida. Quando, de regresso ao Hotel, me despedi das últimas pessoas, confesso que me senti só, com saudade dessa grande Família Espirita que acabara de deixar.

Duas horas depois, no compartimento do combóio que me levaria a Paris, ao rever tudo quanto se passara durante essa inesquecível semana na Holanda, senti-me como que invadido por novas energias, por uma extraordinária vontade de continuar a luta por um Espiritismo sadio, um Espiritismo onde reine a Sinceridade, o Saber e, sobretudo, a Verdade!

QUEM BEM PEDE, BEM RECEBE

Por LUÍS DE BARROS CASTRO
(correspondente em Luanda)

SE no Espiritismo não houvesse total esclarecimento sobre as leis naturais e imutáveis que regulam toda a existência do Universo; se eu pertencesse a qualquer seita religiosa; se me julgasse mais digno da protecção de Deus do que qualquer outra pessoa; se acreditasse que pode haver eleitos de Deus e portanto também abandonados; se desconhecesse os efeitos das leis de atracção e repulsão do pensamento; se julgasse, enfim, que só hoje Deus se tinha dignado olhar para mim, então eu poderia apregoar: Milagre! Milagre!

Mas não. O que me aconteceu e que em breve vou expor pode acontecer a qualquer pessoa, contanto que saiba basear a sua fé dentro de normas racionais, saiba atrair as Forças Superiores — que a todos, sem excepção, desejam assistir — e tenha plena confiança nelas.

As minhas palavras vão dirigir-se especialmente a todos os homens e mulheres que têm filhos. Também tenho um filho, e por isso a compreensão entre nós será fácil.

Muitos de vós, talvez, tendes corrido, a altas horas da noite, a casa do médico, esperançados na sua ciência. Mas o médico não conhece a criança, não está habituado com ela e muitas vezes é mais uma triste desilusão. O sofrimento continua e vós ficais desorientados, agarrados às últimas palavras do homem de ciência...

Não vos digo que não tenhais confiança no médico, principalmente se notardes que ele tem coração a par de ciência. Sem aquele, esta valerá bem pouco, para aliviar o que sofre. Confiai no médico, sim. Mas não vos limiteis sòmente a isso, porque é necessário muito mais da vossa parte. É necessária a vossa fé, que valerá mil vezes mais do que tudo o resto. A fé pode muito, como casos sem conta têm demonstrado, e o meu, mais uma vez demonstrará:

Meu filho tem quase oito meses.

Nunca esteve doente, salvo a perturbação causada pelos nascimento dos dentes e mesmo esta, não tem dado cuidado de maior.

Habituar-se a gente — eu e a mãe — a vê-lo sempre com saúde, e de repente ficar a criança sem ela, como aconteceu, é de perder de todo a tranquilidade.

Era domingo e à tardinha levámo-lo a passear. Era um prazer ver o seu contentamento!

À noite, porém, vomitou todo o leite que tinha absorvido do peito materno e pessoa amiga nos tranquilizou: Que por causa dos dentes podia suceder isso e que não era nada de cuidado. De noite, quando voltou a mamar, vomitou novamente e ao outro dia, da parte da manhã, a mesma coisa. Chorava com insistência, mas ainda era fácil distraí-lo. De tarde deixou de vomitar, mas alterou-se-lhe o funcionamento intestinal e chorava quase contìnuamente.

Não sabíamos que fazer para acalmá-lo, pois via-se que a criança queria dormir, mas as dores não deixavam. Só ao colo e a passear serenava um pouco, mas a dor que o afligia obrigava-o a chorar a intervalos quase regulares. Adormecia, mas logo a seguir acordava.

Deitava os bracinhos à volta do nosso pescoço e seu olhar implorava não sei que socorro, chorando então — e já de noite — quase contìnuamente!

Só altas horas da noite é que casualmente reparei que o menino tinha a fralda enxuta e fiquei admirado, pois que normalmente precisava mudar várias vezes durante a noite. Esclareceu então a mãe — que só nessa altura se lembrou —, que já desde as dezoito horas do dia anterior, o menino deixara de urinar! Era quase de manhã, havendo portanto já onze horas, que a função dos rins se não exercia! Intimamente fiquei alarmado e vi que o caso era ainda mais sério.

Pela primeira vez foi necessário levantar-me e ir passear o menino, pois a mãe já mal podia andar de cansada. Ajeitei-o o melhor que soube nos meus braços e enquanto passeava comecei a invocar mentalmente a presença de espíritos superiores que nos aliviassem de tão grande receio e ao menino daquele sofrimento.

Lentamente foi acalmando, e por volta das seis horas adormeceu. Com extraordinário cuidado deitei-o na sua caminha, cobri-o e fui também deitar-me.

Foi então que fervorosamente elevei meus pensamentos a Deus e ao Cristo, e implorei, cheio de fé, que o meu menino não piorasse e que luminosos espíritos o viessem proteger!

A irradiação, no silêncio da noite, foi tão intensa e tão sincera, que logo senti que não tinha sido feita em vão. Aumentou a minha fé e uma grande tranquilidade baixou sobre mim, serenando meu espírito. De olhos fechados, via junto do berço do menino a suave figura do Cristo, dirigindo o olhar para ele, e o quarto todo iluminado pela luz que irradiava! Uma outra luz foi brilhar, qual pequenino sol, mesmo por cima da cabeça de meu filho! Fiz por conservar em minha mente, o mais possível, este quadro ideal, porque só ele me dava a certeza de que o menino assim não corria perigo.

Às sete menos dez, levantei-me e a criança dormia bem, mas não tinha ainda urinado. Era tão grande a minha fé na protecção das Forças a que tinha recorrido, que nem sequer fiquei alarmado, embora o cuidado persistisse. Mandei então preparar água quente, com intenção de lhe dar um semicúpio, a ver se provocava a micção.

Às sete e um quarto, o menino mexeu-se, voltou-se de barriga para baixo e ficou imóvel novamente. Preparava-me para ir para o meu serviço e preveni que se o banho não desse resultado, era preciso ir ao médico imediatamente.

Quando estava para sair, dá a criança sinal e acorda. Fui mais uma vez ver como estava e ela voltava a carita para mim...

Que espanto e que alegria! Sorria-me, como se nenhum mal tivesse tido; estava rosado e mexia enèrgicamente as pernas e os braços, a querer-se levantar!

Fiquei tão surpreendido, que peguei nele e então a alegria chegou até às lágrimas! O lençol e a fralda, tudo estava molhado!

Deus tinha acudido ao meu filho! Que acabrunhamento até ali e que alívio agora! Que reconhecimento sem par!

Nunca julguei que um tão trivial acontecimento — ver um pano molhado por uma criança — pudesse causar-me uma das mais fundas alegrias da vida!

Ver o meu filho sorrir depois de o ter visto tão aflito, tão caìdinho e de funções renais paralizadas durante treze horas e meia, causou-me tão funda satisfação, que por aquele sorriso — mais belo que o mais claro arrebol! — eu daria tudo quanto tivesse e me pedissem!

As lágrimas que me bailaram nos olhos, foram as mais sentidas que eles já verteram, mas do mais puro reconhecimento a Deus, ao Cristo e a todos os bondosos espíritos que acorreram a amenizar a nossa angústia.

Tenho a certeza de que outra expressão de agradecimento não seria tão valiosa também, para essas altas Entidades do espaço, como a que essas lágrimas traduziram!

Eu não grito «milagre! Milagre!», porque qualquer pessoa pode receber idênticos auxílios, sem precisar de intermediários para conseguí-los, nem sair de sua casa. São suficientes um coração limpo, uma fé baseada em restrito número de conhecimentos e conformação com os altos desígnios de Deus, nos quais se deve crer, que há sempre total justiça. Então elevai vosso pensamento às mais altas regiões do infinito que vos for possível, confiai e aguardai.

Se vossos filhos, todavia, vos deixarem, nunca acuseis Deus e muito menos negá-lO — como tantas vezes se ouve essa blasfémia na boca dos que foram atingidos pela dor!

É que, verdadeiramente, os filhos são nossos, apenas por nos terem sido confiados por Deus. E a prova é que eles só estão connosco, enquanto Deus quer! Tal como nós só estaremos na Terra enquanto Deus achar que isso nos convém e não enquanto nós quereríamos, também nossos filhos só serão nossos durante o tempo que for conveniente ao seu e nosso destino.

É assim que o espirita compreende a vida e confia em seu destino imortal.

Muitas pessoas poderão dizer que é vulgar uma criança estar muitas horas com determinadas funções orgânicas paralizadas e que isso não é nada extraordinário, nem tão pouco de cuidado. A essas responderei que concordo perfeitamente, mas sòmente no caso em que o estado normal da criança não é sensìvelmente afectado, quer dizer: os rins, o estômago, os intestinos, etc., deixam de funcionar, mas a criança não dá evidentes sinais de sofrimento.

Ao filho do meu maior inimigo, eu não desejo — para que se convença — o sofrimento que o meu filho teve e que, graças ao poder da mente — e sem intervenção da ciência — se conseguiu neutralizar.

Às Forças Superiores que me assistiram e de cujo auxílio a própria ciência não poderá nunca prescindir — ainda que isto pese ao materialista mais convicto —, aqui patenteio o infinito reconhecimento de que se acha repleto o meu desanuviado coração!

Arregimentação dos Militares Espiritas

O Departamento de Publicidade, responsável pela divulgação dos trabalhos cristãos que se realizam na CRUZADA DOS MILITARES ESPIRITAS, tem o prazer de apresentar, no limiar de mais um ano de fecundas actividades, a conferência pronunciada pelo General de Exército Mário Travassos, em 22 de Setembro de 1952, na data festiva do Espirito do Capitão Maurício, mártir do Cristianismo em 286 da nossa era e patrono da Cruzada dos Militares Espiritas.

Tratando-se de um antigo Comandante da Escola Militar e, portanto, orientador de Jovens e instrutor que sempre foi, quer naquele posto de tanta responsabilidade, quer na Directoria do Ensino do Exército, dedicamos este trabalho aos moços do Colégio Militar, das Escolas Preparatórias de Cadetes do Exército e da Aeronáutica, do Colégio Naval, da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Aeronáutica dos Afonsos e da Escola Naval, esperanças de um Brasil cristão e feliz, «Pátria do Evangelho e Coração do Mundo».

Que as palavras que se vão ler sirvam para despertar consciências adormecidas e acelerar o ritmo da nova fase do Espiritismo no seio das Classes Armadas, sustentáculos de um Brasil grandioso e fiadoras das nossas aspirações, realmente puras e cristãs.

DEUS, na sua infinita bondade e sabedoria, abençoe a mocidade militar e a envolva nos eflúvios da sua grandiosa misericórdia.

Permiti que as minhas primeiras palavras — que as pronuncio com toda a humildade de que seja capaz — exprimam os meus agradecimentos ao nosso mui prezado irmão Presidente Sr. Almirante Borges de Faria e demais membros Directores da Cruzada, pela oportunidade que me concedem de retornar à actividade no campo da doutrina espirita, em momento como este, em que todos os Cruzados, ao longo do território nacional e a esta mesma hora, consagram suas melhores homenagens ao iluminado espírito de Maurício, o nosso Patrono.

A todos esses confrades, agora em sintonia connosco em tão grata efeméride, sob o signo do emblema da Cruzada dos Militares Espiritas — que reflecte a paz de espirito e o espirito de sacrifício no simbólico contraste de sua cruz de púrpura sobre fundo branco — a nossa mensagem de fé na vitória do bem sobre o mal.

Nesta oportunidade, é minha intenção focalizar a valia cristã da doutrina espirita, quando professada por militares; a vocação espirita de nossos homens de farda e o que se deve esperar de sua arregimentação no transe por que passa a humanidade deste planta.

O militar, via de regra, manda e obedece ao mesmo tempo, inclusive porque só sabe mandar quem sabe obedecer, e não apenas aos homens que têm precedência funcional, mas, ainda, aos legítimos ditames da lei, e sobretudo aos da lei de Deus que, afinal, rege os supremos destinos da fraternidade humana.

Os factores morais pesam, assim, de tal sorte sobre o exercício das funções militares que, muita vez se diz, e acertadamente, que a vida do autêntico soldado é, em verdade, um sacerdócio. E é sobre o chefe militar, sem dúvida, que se exerce a maior pressão dos factores morais, pela própria natureza de suas responsabilidades perante os homens e diante de Deus.

Muito bem sabemos nós que o mando, a chefia, é, tal e qual a riqueza e outros bens do mundo, das maiores provas que pode aceitar um espírito encarnado neste planeta em busca de saldar dívidas de vidas anteriores. E dentre as funções de mando nenhuma é mais arriscada do que a do chefe militar, qualquer que seja o seu grau hierárquico, até mesmo que arvorado em circunstâncias críticas. Basta assinalar que na paz o chefe militar também é um guia, deve ser exemplo vivo e permanente de superiores qualidads morais, em particular quanto à distribuição da justiça, e na guerra conduz para a morte quantos estejam sob suas ordens, para o que, não raro, deve ele próprio renunciar à vida.

Algo de divino há, pois, no cumprimento das missões militares, tanto é certo que só o direito divino pode conceder outorgas de tão altas responsabilidades, tanto na paz como na guerra. Daí, a valia cristã da doutrina espirita quando professada por militares, pela possibilidade que lhes dá de ver seus semelhantes através da infinita perspectiva das vidas múltiplas; pela inspiração de justiça decorrente do conceito essencial de que *fora da caridade não há salvação;* pelo senso de tolerância imanente do *«perdoai-lhes. Pai; eles não sabem o que fazem»,* proferido por Jesus em amargo instante, e pela isenção com que agem, dirigidos pelo livre-arbítrio que, por si só, modela a conduta sem as restrições de quaisquer dogmas e sem temores a quaisquer mistérios, sòmente à luz de sua própria consciência cristã.

A vocação espirita de nossos homens de farda é de incontestável evidência, bastando relembrar agora alguns dos grandes pioneiros já desencarnados, para comprová-lo.

De há muito sei da envergadura do movimento espirita em nossa Marinha de Guerra, a tradicional companheira do Exército na atormentada formação histórica de nosso país, e o soube por felizes contactos com a actuação do então comandante Luís Barreto, desencarnado quando já prestava seus serviços à nossa Força Aérea. Nesta última fase de sua preciosa vida terrena, a brandura de seu coração, a firmeza de suas convicções, o elevado desenvolvimento de suas mediunidades e a protecção de seus guias, permitiram-lhe assegurasse a iniciação de muitos de nossos irmãos do Ar, desses mesmos que, sem cessar, estrelam de heroísmo o nosso céu e juncam de heróis o chão de nossa terra.

É óbvio, porém, que só posso dar testemunho da vocação espirita de nossos homens de farda, se referida ao Exército, instituição a que servi, com todas as energias de minha alma e de meu coração, por mais de quarenta anos.

De começo seria a reacção espiritualista, ou, melhor, neo-espiritualista, na Escola Militar. A Escola de Guerra de Porto Alegre foi, de facto, o campo onde se travou a batalha entre os remanescentes da doutrina-positivista, de Augusto Comte, magistralmente estruturada por esse homem de génio, mas sem Deus, porque materialista, e aqueles que não podiam aceitar a alma humana como simples resultante de mecanismos celulares, do cérebro e do sistema nervoso.

Longo seria citar aqui episódios dos rudes combates que então se travaram, por vezes conduzindo grande parte dos oponentes aos po-

sitivistas — rigorosamente disciplinados estes por elevado teor moral — a formas mais ou menos irregulares da boémia, ainda nos costumes da época, em sinal de represália.

Não fossem as tendências espiritas de alguns, todo o esforço teria sido perdido, devido ao pequeno número de católicos e protestantes existentes e sua própria maneira de ser. Nessa altura cabe lembrar Artur Joaquim Panfiro, desencarnado como Coronel e portador de raras mediunidades, com sua autoridade de bom estudante, com a infinita modéstia de suas maneiras de missionário, pregando mais pelo exemplo do que por palavras.

Depois viriam as campanhas já em plena tropa, luta sem quartel contra os dogmas e mistérios da Igreja em revide aos seus ataques, sendo o padre alvo preferido.

Mais tarde se revelariam as reacções no interior de nossas próprias fileiras contra as mistificações; para separar o joio do trigo, isto é, os diversos tipos de magia das sadias normas da doutrian espirita, em toda a sua pureza kardecista e, ainda, contra a versatilidade religiosa de nossa gente, a misturar, como continua a verificar-se, ritos, cerimoniais e símbolos de várias religiões, fruto dos signos que presidiram à descoberta e colonização de nossa terra, dessa abençoada Terra de Santa Cruz.

No tope dessa fase estava a veneranda figura do Marechal Quadros, através da qual se filtravam as luzes de seu espírito e, dentre os escolhos, o então Capitão Viana de Carvalho, espírito de escol a pregar com a pujança de seu verbo e o sacrifício de sua saúde, a Terceira Revelação, essa que não foi manipulada pelos homens mas prevista pelos Evangelhos, ditada pelos Espiritos de Luz, simultâneamente em vários pontos do Planeta, e que Allan Kardec codificou.

Em largos traços, assim foi que se manifestou a vocação espirita de nossos homens de farda, de modo geral e em particular no Exército. De sua manifestação resultaram não só apreciável reforço à acção dos que trabalhavam pela divulgação e prática da doutrina espirita em nosso país — secundando a conduta luminosa de Figner e Inácio Bitencourt, este o dilecto companheiro de jornada de Viana de Carvalho — como, também, das mais fortes influências para a implantação do regime disciplinar em vigor em nossas Forças Armadas, mais educacional do que repressivo, regime em que pelo coração é que se deve mandar e obedecer.

Os contemporâneos desse ciclo da implantação do *Espiritismo* em nossas Forças Armadas e no país, sabem o quanto custava, então, pregar o Espírito de Verdade. Lutava-se por grupos e quase sempre individualmente, tornando-se assim difícil despersonalizar as acções e evitar a dispersão dos esforços. Mas as asperezas desse ciclo serviram para alicerçar a feliz congregação que hoje é a *Cruzada dos Militares Espiritas,* autêntica comprovação da vocação espirita de nossos homens de farda.

A Cruzada dos Militares Espiritas apareceu no momento justo em que devia surgir, momento quase de pânico diante dos perigos que ameaçam a cristandade. Dentre seus fundadores e orientadores se encontram os grandes espiritas que foram o General Fausto Mendes, o Coronel Fournier e o General Manoel Araripe de Faria, da velha guarda espiritualista, dos tempos a que vimos de referir.

Essa situação de quase pânico resulta da falta de fé, daquela fé que transporta montanhas, da parte daqueles que têm o dever de salvar os que permanecem fiéis a Jesus, ao ponto de não discernirem que nos defrontamos apenas com uma das últimas crises curativas por que deve passar a humanidade.

Essa tendência à cooperação é, por assim dizer, a terra de ninguém entre espiritualistas e neo-espiritualistas que, aos poucos, vêm reduzindo encarniçadas acções de combate a simples e compreensíveis recontros de patrulhas. A chamada metapsíquica, irmã gémea da metafísica, é o clima da terra de ninguém, sorte de espaço neutro onde, cada vez mais frequentemente, se vêm encontrando católicos, protestantes e espiritas na guerra comum à miséria física e moral de que tanto se vale o mais sórdido dos materialismos que têm assolado este planeta, sòlidamente organizado no bolchevismo, como seu último reduto.

Pouco importa que os fenómenos espiritas sejam considerados sob as formas indecisas da metapsíquica, de vez que já se reconhece que existem, como existem os milagres dos santos, como existem as próprias manifestações da presença de Deus exemplificada por Jesus. Temos nós a certeza de que promanam do além, e, aos poucos, disso se convencerão aqueles que os vêem sob as restrições mais ou menos complicadas da metapsíquica.

A psico-somática, no campo médico, atribuindo a factores psíquicos grande parte das causas das moléstias ou de sua agravação ou cura e, inversamente, procurando na alma humana novas fontes de terapêutica, é um outro factor favorável ao reconhecimento generalizado dos fenómenos espiritas, da medicina espirita. E no sector da ciência geográfica já se encara a Geopsíquica, ou seja a influência dos ambientes físicos sobre a alma humana.

Todos esses novos factores, se tomados em conjunto, poderão inspirar formas auspiciosas de conduta para agremiações como a Cruzada dos Militares Espiritas, tanto mais que hoje não actuamos mais por grupos ou individualmente, senão arregimentados numa instituição, por sinal que organizada, por assim dizer, mediùnicamente.

Finalizando, elevemos nossos pensamentos às paragens onde se encontram os espíritos de luz que trabalham pelo aperfeiçoamento dessa pobre e torturada humanidade, rogando ao nosso chefe e guia — o iluminado espírito de Maurício, o Capitão dos capitães, no dia em que rememoramos o seu sacrifício, para que:

— nunca nos falte o sentimento de renúncia, como expressão de nossa fé, na consecução dos designios da Cruzada dos Militares Espiritas;

— e a túnica de seus legionários seja o uniforme de todos nós, cruzados de terra, mar e ar, bem como de quantos se arregimentem em nossas fileiras, especialmente os jovens espiritas e as nossas preciosas cooperadoras,

para que nos guarde da vaidade e da intolerância, ajudando-nos a distinguir sempre o que é temporal do que é espiritual — a ele que, com sacrifício da própria vida, soube «dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus».

Pelo GENERAL MÁRIO TRAVASSOS

CINTIL

Transcreve-se o c

um novo li

O espírito humano tem potencialidades extraordinárias. Abrange ciclos de tempo e fases de conhecimento que ultrapassam em muito as nossas acanhadas intuições.

O universo é maior do que julgais. Nele o material e o moral se confundem na mesma nesga de cenário. Separar os dois princípios é enfraquecer e denegrir a Obra. O todo é inseparável da parte.

A evolução é de ordem geral. O anímico e o físico caminham a par. Vós não dais pelo fenómeno. Cuidais de uma parte e esqueceis a outra, considerando-a objecto de automatismo, subordinada a forças cegas da Natureza. Mas nisto há grande paradoxo. Como poderiam forças cegas guiar ou orientar alguma coisa? Criador há só um, Princípio há só um e tudo lhe obedece por força da lei. O mais é... filosofia.

O braço executante vê-se à luz meridiana, mas a força que o impele está oculta. Batuta invisível e certeira, ninguém pode modificar-lhe o ritmo. O tempo está marcado no maravilhoso pentagrama e os olhos do homem mal conseguem ler as notas. Mas o concerto é sublime, cheio de grandiosidade. Não se pode apreciar como julgais. Vós dizeis: «Outros tempos, outros costumes». Nós dizemos: «Outros panoramas, outros sentidos». Outros sentidos e outra linguagem bem difícil de aprender. É preciso atravessar a névoa, subir aos cumes de um mundo novo onde tudo é diferente. Do que passou fica leve reminiscência e o que parecia incubado afirma-se claramente. Inversão de presenças. O mesmo indivíduo posto ao contrário. Com razão alguns afirmam a lógica dos contrastes. Onde agora se dorme, depois se vigia.

A cintilação está nisto: num segundo, o voo anímico risca a atmosfera mental e a vibração amortece; dá-se reacção no mundo formal e o equilíbrio reajusta-se. Esta coisa aparentemente simples produz modificações intraduzíveis. Nada fica insensível. Tudo altera a posição, semelhantemente aos corpos que pairam, ou antes, que flutuam nas águas. A onda faz oscilar tudo o que anda à superfície.

O universo é desdobrável em mil universos diferentes. A projecção do espírito vai-se afazendo à mutação e adapta-se, finalmente, sem o mínimo choque. Por aqui se avalia a perfeição da máquina, pois cada um acha natural o movimento que lhe diz respeito. É como se fizesse parte integrante da engrenagem.

A forma é plasmação mental no reino do físico. A viagem do pensamento é semelhante à viagem da partícula aquosa: do gasoso passa ao líquido e do líquido ao sólido. Mas não deixa de ser o mesmo que era. Por isso o que nos cerca, sendo matéria degradada, como lhe chamais, é de origem divina. Alimenta o mundo orgânico, equilibra-o, serve de apoio ao princípio vital. Assim, o terreno que pisais é absolutamente necessário à vida humana, ao progresso humano que vos envolve e subordina.

É, pois, errónea a ideia segundo a qual o homem é rei da criação. Muito longe disso. Dirige uma parte do universo e nada mais. Outras partes há que pertencem a seres que ele próprio ignora. E até alguns que destrói por maldade ou por sistema são de grande utilidade. Isto vemos nós muito fàcilmente. Não sei se é visão, se raciocínio. O que é certo é que sentimos este formoso quadro, no mais ligeiro dos seus pormenores.

★

Depois do que aí fica, não será justo alargar o sentimento amoroso, estendê-lo a todos os seres e a todas as coisas? Se amais pai e mãe, um familiar e um amigo, um animal doméstico, enfim, porque não

AÇÕES

décimo capítulo de ivro de LIA

abarcar maior extensão? Se estais ligados a tudo, se tudo vos pertence e a tudo pertenceis, para que serve o egoísmo cultivado em grande escala? A felicidade não é exclusiva de uns tantos; é geral. Restringi-la é matá-la.

Numa família, este não pode ser feliz sem aquele. Se assim não for, não há solidariedade. É preciso que esse nobre fluido os envolva a todos. Então, sim, a felicidade será um facto, atingirá o equilíbrio estável.

O que digo reflecte um critério individual. São as minhas impressões de momento, sempre modificáveis, segundo o conhecimento e a evolução. Quando o horizonte se alargar e vir melhor a lonjura, naturalmente rectificarei ou ampliarei juízos que tenham sido insuficientes. As minhas afirmações de hoje correspondem à minha evolução actual.

A fase que a humanidade atravessa é pouco esclarecida. Daí, o mar de confusão e de injustiça que inunda as populações. Por isto e por aquilo recorre-se à violência e os problemas ficam insolúveis. Era assim, quando eu lá estava. Mas sentia-me deslocada. Para que nascera eu num mundo desses? — perguntava a mim mesma. E as questões eram postas à minha inteligência, em sequência vertiginosa, e sempre o mesmo resultado coroava a obra.

Eu não compreendia o mundo egoista e desvairado. Queria equidade, compreensão, justiça para todos. E o contrário é que se via: injustiça e guerra sem quartel.

As opiniões agrupavam-se e construíam redutos inexpugnáveis. Eram facções orgulhosas que não cediam à razão. E parti desiludida e triste por não poder completar a minha obra.

Hoje não estou triste. Hoje vejo melhor o problema e dou a minha opinião. Quão diferente me sinto do que era dantes!

Contudo, daqui mesmo acompanho o progresso da Terra, a que me sinto ligada por laços afectivos e espirituais. Há lá quem me atraia. E enquanto alguns seres não abandonarem o ergástulo, continuarei a pensar neles, a auxiliá-los em suas missões ou provações.

Depois disto, melhor compreendo o valor da liberdade. Como poderia eu libertar-me dos laços que me ligam a outras almas, sem desfalcar o meu conteúdo amorável? Há ou não há condicionalismo no exercício deste magnífico sentimento? Eis por que aí me insurgia contra a liberdade excessiva, para que não havia preparação.

Firmara-me nisto após demoradas cogitações, e o tempo veio em meu auxílio. Analiso as minhas ideias de então e comparo o que eu dizia com os factos que sucederam.

O teu pensamento modificou-se em parte. É lógico que assim seja. Segue na esteira dos meus princípios, de harmonia com a formação moral e mental do teu espírito.

Hoje perdi-me em cintilações, em toques e retoques necessários a determinados aspectos da minha acção espiritual, mas que podiam deixar de ser expressos, por a eles ter atendido uma ou outra vez, perfuntòriamente. Mas, no fundo, não há redundância. Quando a análise não é profunda, fazemos bem repeti-la, para melhor esclarecimento.

Este arrazoado faz lembrar antigas conversas. É que eu ainda não perdi o hábito de conversar. É o maior prazer da minha vida.

As cintilações deste minuto foram graças do céu no meu espírito.

(Recebido intuitivamente por
Isidoro Duarte Santos)

Divulgação do Espiritismo

Exposições didáticas organizadas pelo Centro E. "18 de Abril" do Rio de Janeiro

SUMÁRIO — Relação entre o Espiritismo e outros ramos de conhecimento — *a*) *Relações directas* — 1) Psicologia Experimental; 2) Magnetismo; 3) Metapsiquica; 4) Telepatia. *b*) *Relações indirectas* — 1) Psicologia Racional; 2) Metafisica; 3) Sociologia; 4) Antropologia, Criminologia, etc.

RELAÇÃO DO ESPIRITISMO COM OUTROS RAMOS DE CONHECIMENTOS. Veja-se inicialmente o que diz Allan Kardec:

O Espiritismo, tendo por objecto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas. (GÉNESIS, cap. I, n.º 21).

Como se vê, as relações do Espiritismo com outras ciências são uma decorrência da própria natureza do Espiritismo. Antes da exposição deste ponto, convém que fique esclarecido outro ponto, igualmente necessário. Quando dissemos, anteriormente, que o Espiritismo não se enquadra em nenhuma classificação das ciências humanas, porque os fenómenos espirituais ou de além-túmulo têm natureza diferente, não pretendemos, em absoluto, dizer que tais fenómenos sejam *sobrenaturais*. Seria a negação do caracter da doutrina espirita. Pode parecer que aquela proposição esteja em desacordo com a doutrina, porque Allan Kardec afirma constantemente que os fenómenos espiritas são *naturais*, e que o Espiritismo «estuda um dos elementos constitutivos do Universo». Se os fenómenos espiritas são *naturais*, porque fazem parte da natureza, como dizer que esses fenómenos não pertencem aos grupos das *ciências naturais*? Eis aí a questão. O vocábulo «natureza» tem dois sentidos. O sentido comum é o de natureza física ou biológica; mas no sentido em que Allan Kardec o emprega, Natureza não é apenas o mundo físico ou o corpo humano. O conceito de Natureza, aqui, é universal. Os fenómenos espiritas estão, não há dúvida, na ordem natural, porque fazem parte da Natureza, mas no sentido amplo e não, como se vê, no sentido estrito da natureza material. Não se entende por Natureza apenas o conjunto de terra, atmosfera, plantas, animais, seres humanos. Os fenómenos do Espiritismo estão acima destes campos de estudos, isto é, acima da natureza física ou biológica e, por isso, não se subordinam aos fenómenos das «ciências naturais». Esclarecido, assim, o conceito geral de Natureza, entremos agora nas relações do Espiritismo com outras ciências. Há, entre o Espiritismo e outros ramos de conhecimento, dois tipos de relações: *directas* e *indirectas*.

a) Com o *Magnetismo*, porque, além dos fenómenos magnéticos que hoje são estudados pela Física em capítulo especial, (e o *Magnetismo* está na própria natureza: na terra, nos animais, no homem), existe ainda um tipo de fenómenos que depende da acção magnética: o sonambulismo artificial, isto é, o sonambulismo provocado pelo passe magnético e não o sonambulismo natural. O Magnetismo explica, portanto, fenómenos de clarivência, desdobramento, etc. Esses fenómenos provam, por sua vez, que a alma, no estado sonambúlico, pode deixar o corpo, emancipar-se da matéria. Prova-se aí, pela acção magnética, uma tese básica do Espiritismo: a independência entre a alma e o corpo. O Espiritismo não pode deixar de ter relação com o Magnetismo. Entretanto, é indispensável notar que Espiritismo não é Magnetismo. Nem todos os fenómenos de natureza espiritual podem ser explicados pelo Magnetismo. O Magnetismo, até certo ponto, é um auxiliar do Espiritismo. Não se pode dizer, porém, como se disse no século passado, que *todos os fenómenos espiritas se explicam pelo Magnetismo*. Não! O campo do Magnetismo não vai além das possibilidades humanas. Os fenómenos do além-túmulo já ultrapassam a esfera do magnetismo humano. Não se pode deixar de reconhecer, porém, que o Espiritismo tem «parentesco muito próximo com o *Magnetismo*», como disse Allan Kardec. O erro está em se pretender subordinar todos os fenómenos extra-humanos, todos os fenómenos de além-túmulo ao Magnetismo.

Nisto, evidentemente, há muito exagero. De qualquer forma, porém, não se pode estudar a parte científica do Espiritismo sem estudar, ao mesmo tempo, o Magnetismo.

Vejamos agora o que disse Allan Kardec sobre as relações do Espiritismo com o Magnetismo:

«O magnetismo preparou o caminho para o Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina (Espiritismo) são incontestàvelmente devidos à vulgarização das ideias sobre a primeira (Magnetismo). Fonte de consulta: *Revue Spirite*, n.º 1, vol. 3, Março de 1858 — tradução brasileira do Dr. Júlio Abreu Filho, de S. Paulo).

Pode-se, todavia, praticar o Magnetismo sem ser espirita. Há distinção entre o magnetizador e o médium. O magnetizador emite força própria, que pode aliviar dores, fazer curas, exercer até muita influência sobre outras pessoas; o médium, não, porque é um instrumento, um intermediário do espírito. O *passe* magnético é dado pelo próprio magnetizador, enquanto o *passe* espirita é dado pelo ESPÍRITO através do médium, embora haja combinação de fluidos do médium e do espírito. Finalmente, o Magnetismo é um campo de estudos que tem relação imediata com o Espiritismo, mas não se deve concluir, por isso, que Espiritismo e Magnetismo são a mesma coisa.

b) Relação com a *Telepatia*. Que é telepatia? Para usar a definição comum, telepatia é transmissão de pensamento. Nos fenómenos de telepatia, muitas vezes, dá-se o intercâmbio de espíritos que ainda estão encarnados, mas podem co-

municar-se pelo pensamento. Há ocasiões em que a pessoa, pela acção telepática (transmissão de pensamento), pode transmitir ideias ou mensagens a outras pessoas distantes. Esse tipo de fenómenos, como os de sonambulismo, prova, até certo ponto, que a alma (princípio espiritual da criatura humana) pode emancipar-se temporàriamente do corpo ainda na condição de pessoa *viva*, como se costuma dizer. A *Telepatia* tem, como estamos vendo, muita relação com o *Magnetismo* dentro de um quadro de fenómenos complexos, cujos estudos ainda comportam muita investigação e discussão. A *Telepatia* e o *Magnetismo* são departamentos especiais no campo da fenomenologia psíquica. O Espiritismo serve-se da *Telepatia*, em determinados casos, para elucidar fenómenos psíquicos.

Não se pode dizer, porém, que todos os fenómenos espiritas ou de além-túmulo se explicam pela Telepatia. Outro exagero, outro erro. Nas manifestações espontâneas ou imprevistas, por exemplo, não há transmissão de pensamento, pois que as ideias das comunicações recebidas são absolutamente estranhas aos pensamentos do médium, dos dirigentes dos trabalhos, da assistência. Onde está, neste caso, a transmissão do pensamento?... Os fenómenos de telepatia interessam ao Espiritismo, mas *Telepatia* não é Espiritismo.

Conclusão deste ponto: o Espiritismo tem relação directa com a *Telepatia*, em determinados aspectos, mas o Espiritismo não se subordina à *Telepatia* nem com ela se confunde.

c) Relação com a *Metapsíquica*. Não podemos dizer que a *Metapsíquica* seja uma denominação moderna do Espiritismo, porque existem metapsiquistas que não aceitam o Espiritismo. O termo Metapsíquica, como se sabe, foi criado em 1905 pelo ilustre professor Charles Richet, autor do notável *Tratado de Metapsíquica* (obra muito rara).

Há, porém, metapsiquistas que, na realidade, são espiritas, porque praticam o mediunismo sob a orientação do Espiritismo, aceitam a moral do Evangelho, segundo o Espiritismo, são reencarnacionistas. Ora, se aceitam os princípios básicos do Espiritismo (*imortalidade da alma, comunicação dos espíritos, reencarnação*) e se, por decorrência disto, não mais se prendem a culto material (ritual, paramento, ídolos, etc.), naturalmente são espiritas, embora prefiram dizer que são *metapsiquistas*. Há metapsiquistas, porém, que, com o não aceitarem explicação espirita, chegam até a pender para o materialismo. Há metapsiquistas, finalmente, que se conservam em terreno neutro, isto é, à margem do Espiritismo, e confessam que não aceitam certas teses básicas da obra de Kardec. Não se pode dizer que são *espiritas*, embora aceitem o fenómeno de além-túmulo, porque espirita não é apenas o que crê na manifestação dos espíritos ou pratica o mediunismo, mas o que aceita conscientemente os princípios fundamentais do Espiritismo e «conforma com esses princípios as suas atitudes na vida moral». A *metapsíquica* tem por objecto, finalmente, embora com outros nomes, o mesmo fenómeno que serve de base ao Espiritismo: o fenómeno de além-túmulo. As interpretações, porém, variam muito entre o Espiritismo e algumas escolas metapsíquicas, conquanto o ponto de partida seja o mesmo: o fenómeno.

Já se vê, portanto, que o Espiritismo tem relações imediatas com a *metapsíquica*.

RELAÇÃO COM A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

d) Evidentemente o Espiritismo tem relação inevitável com a psicologia experimental, embora o ponto de vista académico ainda se recuse a aceitar a contribuição do Espiritismo na elucidação de certos fenómenos. A Psicologia, por exemplo, ainda não reconhece a existência do perispírito ou corpo fluídico, nem lhe estudou as propriedades. Entretanto, pelo conhecimento do perispírito, muitos fenómenos de desdobramento, visão à distância, projecção de força fluídica, etc., seriam explicados com melhores elementos de convicção dentro do campo da psicologia experimental. Queremos apenas, com esta ligeira referência, lembrar que o Espiritismo tem incidência directa na psicologia experimental, no terreno dos fenómenos psíquicos.

Naturalmente quem estuda a parte científica do Espiritismo tem necessidade, é claro, de conhecer também a psicologia experimental, pelo menos em linhas gerais. Vê-se, assim, que o estudo regular do Espiritismo leva forçosamente ao estudo de outros ramos de conhecimento, como o *magnetismo*, a *telepatia*, a *metapsíquica*, a *psicologia experimental*, por exemplo, visto como estes campos de estudos têm pontos de conexão com o Espiritismo.

Em qualquer uma destas searas de investigação o Espiritismo pode projectar muita luz.

RELAÇÕES INDIRECTAS

Depois do que foi dito sobre as relações *directas* do Espiritismo com os ramos de conhecimento que lhe são mais próximos (magnetismo, telepatia, metapsíquica, psicologia experimental), vamos examinar agora as relações *indirectas* do Espiritismo com as ciências que com ele têm pontos de contacto. Preliminarmente devemos dizer o seguinte: o Espiritismo não é Sociologia, por exemplo, mas o Espiritismo, por decorrência de seus conceitos básicos, toca na Sociologia; Espiritismo não é Psicologia racional, mas não pode deixar de tocar também no terreno da Psicologia racional. Em suma: o Espiritismo entra em diversas ciências, mas não perde a sua personalidade, isto é, não deixa de ser sempre o que ele é por si mesmo: *Espiritismo*. Não se deve dizer, por exemplo, que Espiritismo é Sociologia, apenas porque o Espiritismo tem pontos de relação com a Sociologia, assim como o Espiritismo não é exclusivamente *Metafísica*, embora tenha uma parte metafísica. Devemos partir de um princípio: *na ordem universal não existe fenómeno absolutamente isolado*. Não há, portanto, conhecimento *solto*, aparte, inteiramente desprendido de qualquer ligação com o todo, o conjunto. Se assim é, não há ciência absolutamente fora da ordem geral de conhecimento. Isto significa o seguinte: as ciências estão relacionadas naturalmente umas com as outras, porque a Verdade é uma só.

Se, entretanto, as coisas não tivessem nomes, se as ciências não tivessem características próprias, o conhecimento seria confuso, a inteligência humana viveria sempre no caos, ninguém saberia *distinguir* os fenómenos de cada ciência. Apesar de não haver ciência absolutamente *isolada*, sem qualquer ponto de relação com as outras ciências ou, pelo menos, com os grupos de ciências afins, existem balizas necessárias: cada ciência tem *seu* objecto, *suas* fronteiras, *seus* postulados, *seu* método particular, em muitos casos, conforme a natureza do fenómeno que lhe serve de objecto. Estamos dizendo tudo isto para fixar a seguinte noção geral: o Espiritismo, como vimos no quadro negro, tem relações com diversas ciências, por força das suas consequências filosóficas, morais, sociais, etc., mas não deixa de ser Espiritismo, não se confunde com as outras ciências. O

Espiritismo tem relações, portanto, com a

Metafísica
Antropologia
Psicologia racional
Criminologia
Sociologia
Fisiologia, etc.

Tanto pode o Espiritismo levar as suas luzes a qualquer uma dessas ciências, para esclarecer certos problemas, como pode, também, ir buscar elementos em qualquer uma delas para elucidar determinadas questões cuja compreensão exacta dependa do auxílio das ciências humanas. De acordo com o nosso plano, vamos fazer, agora, uma exposição muito sumária sobre as relações do Espiritismo com as ciências aqui citadas.

Espiritismo e Metafísica — Conquanto seja o fenómeno um elemento positivo, o Espiritismo tem uma parte metafísica, isto é, uma parte que trata da existência de Deus, da *Causa* primária de todas as coisas. Pode dizer-se, entretanto, que o Espiritismo não é apenas metafísica, mas não se pode deixar de reconhecer que há no Espiritismo uma parte que pertence ao domínio da *Metafísica*. A existência de Deus não é um problema de demonstração positiva, mas de ordem metafísica: Deus, a causa primária de todas as coisas. A *Metafísica* tem duas partes: a parte geral, que trata do *Ser* transcendente ou absoluto, e a parte que trata do mundo, isto é, da essência e não da forma do mundo. Neste último caso, a Metafísica toma o nome de *Cosmologia Racional*. Finalmente, Metafísica é a parte da filosofia que estuda as causas finais, a essência das coisas, a origem do Universo. Ora, como todos sabem, o Espiritismo, em sua parte filosófica, estuda a origem do mundo e da vida, a CAUSA universal, sem deixar, todavia, de estudar também as causas próximas ou particulares. Estuda o fenómeno, por exemplo, em seus efeitos materiais ou em seus aspectos físicos, mas estuda, depois, a lei geral, o *fim*, a origem do espírito que deu causa ao fenómeno. Esta ordem de especulação já é campo da Metafísica e não mais ciência positiva. Logo, o Espiritismo tem relação com a Metafísica.

Espiritismo e Psicologia racional. — A rigor, a *Psicologia Racional* pertence ao domínio da Metafísica. Nem todos, porém, entendem assim. Neste estudo, tanto quanto possível resumido, o que nos interessa é apenas o ponto de relação que existe entre o Espiritismo e a *Psicologia Racional*. Convém lembrar que a Psicologia (ciência da alma) é dividida em duas grandes partes: *Psicologia Racional* e *Psicologia Experimental*. Já vimos, antes disto, que o Espiritismo tem relação directa com a Psicologia Experimental, porque estuda fenómenos que são, também, objecto da Psicologia: sonambulismo, automatismo, etc. O Espiritismo tem, como todos sabem, elementos capazes de explicar muitos problemas da Psicologia Experimental. Convém, entretanto, repetir: Psicologia é Psicologia, Espiritismo é Espiritismo, e assim por diante.

Tratemos, agora, das relações do Espiritismo com a Psicologia Racional. Enquanto a *Psicologia Experimental* estuda apenas o comportamento, os factos em si, a *Psicologia Racional* estuda o problema da alma à luz da razão. Há escolas que, por isso mesmo, desprezam completamente a parte da razão, porque entendem que a Psicologia é exclusivamente ciência experimental; segundo este ponto de vista, a Psicologia Racional é filosofia, não é ciência. Seja como for, existe a Psicologia Racional, a que discute a existência da alma à luz da razão.

O Espiritismo, em suas consequências filosóficas (veja-e o *Livro dos Espíritos*) leva a discussão do problema da alma também ao campo da razão, embora a sua doutrina tenha base experimental. Ainda mais, no *Livro dos Médiuns*, Allan Kardec chega a dizer que, antes de se querer fazer alguém *espírita*, é mister tornar esse alguém espiritualista. É necessário — ensina Kardec — que se admita, antes de tudo, a existência da alma. É, como se vê, o ponto de partida lógico. Isto significa, portanto, apelar para a Psicologia Racional, isto é, admitir lògicamente a existência da alma. Pois bem, o campo da Psicologia Racional é precisamente este: a existência da alma na esfera da razão. O Espiritismo ocupa-se também deste aspecto do problema. É verdade que os fenómenos do além-túmulo (materialização, psicografia, voz directa, levitação, etc.) já *provam* experimentalmente a existência da alma, segundo o Espiritismo. Como decorrência, o Espiritismo afirma, por isso, a existência e a imortalidade da alma com base nos factos, nas provas experimentais. Entretanto convém notar que o Espiritismo não despreza a parte racional do problema. Isto quer dizer que o Espiritismo também discute o problema da alma sob o ponto de vista lógico, à luz da razão, finalmente. (Sobre este ponto, consultem-se as fontes iniciais: *Livro dos Espíritos*, Intro. (II e VI). Logo, o Espiritismo entra, também, na seara da Psicologia Racional.

RELAÇÃO COM A SOCIOLOGIA

Por força de suas consequências sociais, o Espiritismo tem relação, também, com a Sociologia. Quem encara o Espiritismo apenas pelo lado experimental, isto é, pelo fenómeno, ou quem não conhece a III parte do *Livro dos Espíritos* («Leis Morais») não pode compreender este ponto. Se dissermos, por exemplo, a um sociólogo ou mesmo a um estudante de Sociologia que o Espiritismo leva as suas consequências doutrinárias ao campo da Sociologia, naturalmente a afirmativa causará espanto, porque à ideia que muita gente faz do Espiritismo é bem limitada, senão incompleta ou defeituosa. Poder-se-á logo perguntar: que relação tem a Sociologia com o Espiritismo e vice-versa? Existe relação, sim, porque o Espiritismo, pelas suas consequências morais, concorre para o aperfeiçoamento do indivíduo e dos grupos sociais. É grande a influência moralizadora do Espiritismo nas instituições sociais, a começar na família.

Além deste aspecto, a tese reencarnacionista explica muitos problemas que fazem parte das cogitações da Sociologia. As desigualdades sociais, por exemplo, encontram na reencarnação a explicação mais racional, mais ampla possível.

Ainda que não existisse esse aspecto, bastaria a coincidência de tanto a Sociologia como o Espiritismo se preocuparem com o aperfeiçoamento da Sociedade humana. A Sociologia estuda o homem como parte da sociedade, pois o homem isolado não interessa à Sociologia; o Espiritismo estuda o homem separadamente, mas estuda também o homem na sociedade.

(«Lei de Sociedade» *Livro dos Espíritos*, parte III). A reencarnação tem grande influência nas relações sociais, assim como nos padrões de comportamento e no papel saliente de certos homens em determinados grupos, sejam primários, sejam elevados. Há problemas no terreno da Sociologia, que seriam muito bem compreendidos, e com mais facilidade, à luz da reencarnação. Acontece, porém, que a doutrina reencarnacionista ainda não é aceite pelos sociólogos.

Quem lê, finalmente, na III parte do *Livro dos Espíritos*, a «Lei do trabalho», «Lei de Sociedade», «Lei de Liberdade», «Lei de destruição», «Lei de conservação», por exemplo, encontra inevitàvelmente pontos de contacto entre o Espiritismo e a Sociologia. O problema do determinismo, que muitos sociólogos ainda discutem para explicar a influência do factor económico no comportamento do indivíduo ou dos grupos sociais, está bem interpretado, com profundo senso filosófico, na «Lei de Liberdade», segundo a doutrina espirita. Assim, o problema do «livre arbítrio», que não é exclusivamente um problema filosófico, mas, também, sociológico. Não é pelo fenómeno de além-túmulo que se verificam as relações do Espiritismo com a Sociologia, mas pela sequência lógica dos princípios básicos do Espiritismo na ordem social. Muita gente, como já dissemos, supõe que Espiritismo é apenas fenómeno, é «conversar com os mortos»... Se os estudiosos em geral conhecessem o conteúdo moral e filosófico do Espiritismo, comprenderiam a conexão de certos postulados do Espiritismo (parte doutrinária) com os postulados da Sociologia. Não podemos chegar, entretanto, à conclusão de que «Espiritismo é Sociologia». Não. A Sociologia tem por objecto o facto social; o objecto do Espiritismo é o fenómeno espiritual ou de além-túmulo. Os métodos também são diferentes, embora adoptem, no campo da generalidade, os métodos comuns a todas as ciências: o *indutivo* e o *dedutivo*. Há, porém, métodos particulares ou específicos, de acordo com a natureza de cada ciência.

Dá-se, porém, o seguinte: o Espiritismo, pelas suas consequências, pela sua organização doutrinária, pela esquematização filosófico-moral de seus princípios e postulados, toca forçosamente na Sociologia.

Dentro desta ordem de ideias, podemos encontrar, como encontramos, as relações do Espiritismo, também por decorrência de seus postulados e princípios, com a Antropologia, a Criminologia, o Direito Penal, etc.

A Antropologia, que vem de *antropos (homem)* estuda o homem sob o ponto de vista de sua constituição. Através dos aspectos somáticos (referem-se ao corpo) e das manifestações psíquicas, a Antropologia pode classificar os tipos humanos, segundo a fórmula, suas deformações, sua configuração craniana, etc. A reencarnação pode esclarecer muitos problemas de Antropologia, especialmente porque é pelas vidas sucessivas ou reencarnação do espírito que se pode admitir, lògicamente, a anormalidade de certos tipos humanos. A Sociologia e a Antropologia estudam os factos em si, os factos como eles se apresentam, mas não entram na discussão das Causas, porque este problema é de ordem filosófica. É claro que o antropólogo estuda um indivíduo de crânio anormal, um «monstro», suponhamos, uma dessas aberrações da natureza, como se costuma dizer, mas não lhe compete procurar a explicação filosófica da anormalidade, isto é, a CAUSA transcendental, o porquê de tal aberração. Será tudo isso mero capricho da natureza? Qual a razão de haver, entre um grupo de homens normais, um tipo monstruoso, de cabeça disforme? A Antropologia não entra nem pode entrar neste ramo de indagações, porque é uma ciência positiva, interessa-lhe apenas o facto. Já o Espiritismo, sem desconhecer o valor da ciência antropológica, vai além do aspecto puramente somático do homem: procura a razão da anomalia na situação do espírito, através de existências anteriores. Faz-se necessário entrar até no terreno da fisiologia, no estudo das propriedades do perispírito, para que se compreenda a situação do espírito de um deformado em relação ao corpo. Existem deformações espantosas, assim como verdadeiras feras humanas. A questão, porém, vai mais longe: onde está a CAUSA da deformação física e das «taras» criminais: No corpo, no psiquismo, nas glândulas? Os antropólogos da escola materialista afirmam que o indivíduo é deformado (crânio aberrante, membros desproporcionados, etc.) porque nasceu assim... Mas, é o caso de perguntar: e por que nasceu assim? Como explicar esse capricho da natureza?... A doutrina espirita, com base no princípio reencarnacionista, interpreta os problemas da Antropologia à luz de outro critério. Não desconhece os problemas, interpreta-os em face de um princípio: o das vidas sucessivas, à luz da justiça divina. A causa não está no corpo, mas no espírito. No corpo de um tipo lombrosiano, por exemplo, está um espírito, que reencarnou em condições adequadas à situação moral que lhe é competível. Em consequência disto, o Espiritismo vai a outros campos de estudo como a Criminologia, o Direito Penal, por exemplo. O criminoso nato, segundo a filosofia espirita, explica-se pela situação do espírito e não pelas anomalias do corpo. O que aparece no corpo é *efeito*, não é *causa*. Já existe até uma obra especializada sobre o Espiritismo e o Direito Penal. (O Prof. Fernando Ortiz tem um livro intitulado *A Filosofia Penal dos Espiritas*). O livro foi publicado há muito tempo na Espanha e, há pouco, a Editora Vítor Hugo, da Argentina, publicou uma edição para a América Latina, muito bem preparada. O Dr. Ortiz, professor da Universidade de Cuba, é um criminalista muito conhecido. Não é espirita. Embora não seja espirita, sustenta, em seu livro, que a filosofia espirita é a única, até agora, em condições de explicar certos problemas de criminologia e Direito Penal. O problema do criminoso nato, que não é, até agora, ponto pacífico entre os criminalistas, pode ser elucidado com elementos tomados à tese da reencarnação. A. LAKE, de S. Paulo, está preparando uma edição desta obra.

Nem a *escola clássica*, nem a *antropológica*, nem a *sociológica*, nenhuma delas, conquanto haja um pouco de luz em cada uma, esclareceu definitivamente a questão. Qual a causa de criminalidade instintiva? Por que existe criminoso nato? Por que nasce o indivíduo com tendência para o crime? São problemas que, sob certos aspectos, reclamam o concurso da reencarnação. Daí o criminalista cubano, Prof. Ortiz, dizer que a filosofia espirita é de grande importância na Criminologia e no Direito Penal. Note-se que o Prof. Ortiz se apoia inteiramente em dois livros básicos de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos* e a *Génesis*. O criminoso é apenas um produto social, como quer a escola *sociológica*? O meio social tem influência, mas a tendência *inata* vem de dentro, e não de fora, vem do espírito. A doutrina espirita pode, como se vê, esclarecer muitos pontos ainda obscuros na Criminologia. Não podemos desenvolver muito estes assuntos, porque o nosso programa é grande. Deixamos aqui apenas algumas noções gerais, para que possamos ter ideias mais seguras sobre a extensão do Espiritismo, que é um corpo de doutrina muito sólido, complexo e profundo, tanto assim, que abrange questões atinentes a diversas ciências. Com esta parte, encerramos as dissertações sobre as relações *directas* e *indirectas* do Espiritismo.

A Solidariedade no Meio Espirita

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

Este princípio enunciado pelo grande Allan Kardec, é uma grande verdade. Kardec, ou seja o Dr. Léon Denisard Rivail, foi o fundador duma doutrina espalhada por todo o mundo e que conta já muitos milhões de adeptos. Esse grande benfeitor da Humanidade, cientista e professor eminente, adoptou como lema da sua doutrina a *caridade* e a *solidariedade*.

Vítor Hugo, também dentro dos princípios crísticos teve uma frase que ficou célebre: «Quem dá aos pobres empresta a Deus»

Por todo o mundo, as religiões ensinam o postulado da Solidariedade. Infelizmente as fraquezas humanas com as suas incompreensões acerca das leis do Amor, tão claramente explicadas por Jesus, levaram esta insensata humanidade a praticar a caridade, nem sempre como um impulso de coração, mas na esperança interesseira de que emprestando a Deus mais fàcilmente alcançará o céu! Lamento os pobres seres que assim pensam, porque Deus não pode ser enganado por gestos aparentemente belos para a Terra, mas que para Ele que tudo vê e tudo sabe, apenas traduzem vaidade e ignorância.

Deste modo, a palavra *Caridade*, tão bela na sua essência, tem sido tão deturpada, que envelheceu, e assim o brilho da sua primitiva formosura tem sido muita vez embaciado.

A caridade tem sido alterada no seu alto significado de Amor e, em seu nome, tem-se praticado muita vez aquela esmola aviltante para quem a recebe e degradante para quem a dá.

A palavra Solidariedade em nada lembra a esmola, porque ela encerra o cumprimento de um dever — aquele dever que Jesus nos ensinou a todos, dever do amor: *Amai-vos uns aos outros como irmãos.*

A Solidariedade é um dever-sentimento. É um dever de amor e de respeito para com Deus e a Humanidade. Ela deve constituir um impulso, uma expressão inata do indivíduo.

Esse impulso nobilita o ser que o pratica e enaltece as colectividades que o exercem.

A vida social moderna quase que tende a basear-se na Solidariedade. Esta tendência é o prelúdio da forma como serão constituídas as futuras sociedades no próximo ciclo das civilizações que em breve a Humanidade vai criar.

Em todos os países esse grande movimento já se manifesta felizmente, cada vez em mais larga escala. Os modernos asilos, as creches, as casas de repouso, a Cruz Vermelha, a Caritas, a grande obra do padre Américo, e sobretudo a colossal obra social realizada pelo Brasil espirita, são maravilhosas manifestações de solidariedade.

Esse grande país compreendeu muito bem que para pregar tem de se exemplificar. Só assim um postulado consegue impor-se, e os seus apóstolos não correrem o risco de serem Freis Tomás, como tantas vezes se verifica.

Jesus conquistou ràpidamente a Galileia, porque exemplificou amando aqueles a quem falava do Amor de Deus. Os grandes Iluminados ficaram na História pelas práticas abnegadas de afecto pelos seus semelhantes. E todos sabemos que, sendo o Amor uma expressão de Deus, uma doutrina só pode vencer oferecendo o seu coração replecto de ternura aos seus irmãos que sofrem. Não lhe importa saber se o infeliz tem crenças políticas ou religiosas: sofre! *necessita e tem direito ao amparo.* E o verdadeiro neo-espiritualista corre, voa, a prestar o devido socorro, sem se lembrar sequer que «quem dá aos pobres empresta a Deus».

Respondeu ao apelo de uma alma aflita; mitigou uma dor, e por isso sente-se feliz.

Tito Bancéscu disse com razão que: A fraternidade começa a surgir nos corações humanos, porque é o fruto da Solidariedade. Sem solidariedade prática não pode haver fraternidade. É preciso sentir a dor alheia na própria carne, para nos pormos ao lado do que tem fome ou nudez, do que sofre perseguição e outras penas. Quanta dor tinha o inolvidável filósofo Allan Kardec, ao dizer que *o verdadeiro espirita se conhece pela sua transformação moral*»!

Não se é cristão, teósofo ou espirita se não se honrar no máximo a doutrina que se professa, pelo auxílio, de qualquer espécie, que se preste aos nossos semelhantes. E todos nós precisamos neste mundo de misérias!

Paulo de Tarso (São Paulo), na sua epistola aos corintios, disse-lhes: «Se eu falar todas as línguas dos homens e dos anjos e não tiver caridade, sou como o metal que soa ou como o sino que tine. E se eu tiver o dom da profecia e conhecer todos os mistérios, e se tiver toda a fé até ao ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada. E se eu tiver distribuído todos os meus bens no sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, mas se não tiver caridade, nada disto me aproveita.

«A caridade é paciente e benigna; não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, e nunca, jamais, há-de acabar ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas ou seja abolida a ciência».

Todos os grandes iluminados ou santos, todas as pessoas de sentimento se comprazem em fazer bem. Mas esse gesto tem beleza e mérito quando praticado sem ostentação e num sincero impulso de piedade por aqueles que sofrem.

M.me Blavatsky, dama russa do tempo dos czares, princesa e fundadora da Sociedade Teosófica, teve um gesto que bem define o que é a Solidariedade.

Essa senhora tinha comprado no Havre um bilhete de 1.ª classe para a América. Pouco antes da partida do paquete ouviu um choro lancinante. Inquiriu do que se tratava e soube que era uma pobre mulher rodeada de três filhos pequenos e a quem tinham roubado o bilhete de passagem para ela e as crianças, e ia para a América encontrar-se com o marido. A princesa corre à agência e troca o seu bilhete de 1.ª por um de 3.ª, e com a diferença comprou outro bilhete para a chorosa mulher.

Se todos sentissem a dor alheia como M.me Blavatsky sentiu, a Terra seria mais bela, as flores mais perfumadas, mais harmonioso ainda o canto dos passarinhos, as mulheres e os homens mais formosos e as crianças seriam todas anjos, e o

mundo estaria naquela fase tão aconselhada pelo Mestre Jesus. Mas o mundo é ainda o que nós somos. «O que vós sois é o mundo» — disse o filósofo Krishnamurti. É um axioma incontestável. A humanidade é o que nós somos, por sermos individualmente o seu reflexo psicológico, moral e espiritual.

Em Portugal não existem obras sociais de solidariedade neo-espiritualista. Foi principalmente o Brasil que intensificou essa sua acção de maneira estrondosa. Possui hospitais modelares, como o Hospital de Porto Alegre, vasto edifício de quatro andares, funcionando com um corpo médico, satisfazendo todas as exigências modernas da ciência, e possuindo também um seleccionado grupo de médiuns que diàriamente e alternadamente prodigalizam os seus cuidados aos doentes obsidiados. Grupos devidamente preparados efectuam reuniões para a evangelização dos obsessores, que tantos estragos causam às suas infelizes vítimas. Estes tratamentos são dirigidos por um hábil médico espirita.

Além destes hospitais, o Brasil neo-espiritualista instituiu numerosos orfanatos, creches e maternidades.

Neste sentido, os neo-espiritualistas portugueses sonharam com a criação duma Casa de Saúde e Repouso, que beneficiaria todos que dela necessitassem, sem distinção de religião, politica ou raça.

Creio que foi Portugal o primeiro país que instituiu casas de caridade, desde os recuados tempos da excelsa Rainha Santa, que, com os seus exemplos de bondade, inspirou outros belos espíritos, como a Rainha D. Leonor, a fundar as Misericórdias, que ainda hoje em todo o país são o grande amparo de tantos desafortunados. Parece que entre nós as rainhas marcaram lugar primoroso, pois outra se lhes sucedeu, a última que reinou: D. Amélia fundadora da Assistência Nacional aos Tuberculosos. A princesa Maria Benedita, filha de D. José, fundou um refúgio para sargentos pobres.

Nesses tempos essas obras eram uma raridade, e só altas personalidades podiam realizá-las. Hoje, graças à solidariedade moral, todos unidos pelo mesmo desejo do Bem, essas grandes empresas de Bondade espalham-se profusamente em todo o mundo.

Todos estamos verificando que a humanidade actual se preocupa mais com o progresso material do que com o seu avanço moral. Mas os tempos estão chegados, e em breve o trigo será separado do joio. Temos, pois, todo o interesse em chamar a atenção daqueles que se detêm com as futilidades da vida, descurando as virtudes fundamentais como a prática da Solidariedade.

Cabe aos neo-espiritualistas tocar a rebate, avisando o mundo dos despreocupados da gravidade da hora que passa, porque ela os chama também às fileiras da prática do Amor Cristão, isto é, da Solidariedade. A hora é de angústia, de sofrimento e de incertezas. Só pelo Bem cultivado no coração de cada um de nós, o mundo se tornará melhor.

LIVROS DE TODO O MUNDO

Anotados por RAMOS PEREIRA

179. *Iniciação Espirita*, por Sérgio Vale. Tomos VIII e IX. Ed. da Federação Espirita do Estado de S. Paulo, 1953.

Estes dois tomos constituem a colectânea das lições proferidas pelo Dr. Sérgio Vale na Escola de Aprendizes do Evangelho, sob a epígrafe «Contribuição da Ciência Metapsíquica ao Estudo da Vida Espiritual».

Depois de uma exposição, com laivos de justa crítica, de várias interpretações da figura do Cristo — desde os materialistas a Renan —, o autor esboça uma outra interpretação, profundamente enraizada no «Evangelho Segundo o Espiritismo» de Kardec, oposta, por consequência, na sua temática fundamental sobre o corpo de Jesus, ao conceito dos «Quatro Evangelhos» de Roustaing.

É evidente que a uma obra com os fins desta não é lícito exigir uma perfeita sistematização da matéria versada nem um aprofundamento exaustivo dos temas — o que seriam aqui erros didácticos. Há o levantamento dos problemas e o esboço das linhas de penetração e solução daqueles, feitos de uma forma segura e mostrando, frequentemente, a capacidade analítica e o jeito crítico do autor. Por tal, a obra cabe bem dentro de uma calectânea de «iniciação», posto de remissa que a epígrafe acima indicada deveria ser substituída, na nossa opinião, por «Contribuição da Metapsicologia ao Estudo da Personalidade de Jesus».

180. *As Três Revelações para Crianças*, por M. Amélia Anhaia Ferraz. S. Paulo, 1953.

Trata-se de um livrinho para orientação de escolas infantis espiritas, apresentando um esquema de 26 aulas, no qual se procura sintetizar os pontos mais relevantes do *Velho* e do *Novo Testamento* e do pensamento kardecista. Segue-se, no final, uma colecção de poesias destinadas aos pequeninos.

Em face de alguns dos temas propostos e dos questionários apresentados, não nos parece que a maioria das crianças entre os 5 e os 9 anos seja capaz de uma assimilação total do fundo, possa ir além da simples fixação de termos e factos, principalmente quando se entra na matéria da 3.ª Revelação. Pergunto a mim mesmo: — porque falar a crianças daquelas idades de médiuns, de espíritos, de vida para além da morte, quando elas ainda mal balbuciam as primeiras lições da vida rotineira? Não seria preferível ensinar-lhes a grande lição de Amor legada pelo Cristo, independente de considerações de «escola»? Com a directriz comum nas aulas espiritas, não se estará substituindo, apenas, o «catecismo católico» pelo «catecismo espirita»? Que reacções terá o espírito infantil perante a ideia dos fenómenos espiritas, das mistificações, etc.? E se assim perguntamos é por não termos esquecido ainda as monstruosas interrogações e dúvidas que se nos levantaram entre os 10 e os 13 anos, ao termos o primeiro contacto com as ideias e fenomenologia espiritas...

Poderá uma criança *compreender* «imortalidade do espírito», «reencarnação» e «comunicação com os espíritos» (11.ª aula)? e *formar ideias* sobre «efeitos físicos», «audientes», «videntes», «materialização» e «encorporação» (22.ª aula)? Lembramos as dificuldades sentidas pelas mentes adultas na assimilação de tais conceitos...

181. *Historietas do Irmão Monteiro*, por Inês Varela. Rio de Janeiro, 1953.

É um conjunto de pequenos contos, recebidos mediùnicamente, onde o ensino moral ressalta em toda a clareza e sentido. Tunico e Fumaça são os «heróis» destas historietas e eles ficarão, para muitas crianças, como exemplos a seguir, tanto pelos seus gestos como pelos seus pensamentos e sentimentos.

Espiritismo, Obra de Educação

Por MARTINS PERALVA
(representante em Belo Horizonte)

Estudos Psíquicos enriqueceu a falange de colaboradores com um elemento de grande valor, cuja modéstia o levou a dizer que não tinha biografia, «pois isso era coisa que só pertencia aos mestres». O pior — ou, antes, o melhor — é que a obra reflecte o indivíduo, e a obra de Martins Peralva em Belo Horizonte é um milagre de humanismo, tendo-se revelado como jornalista de sentido moderno, à frente do jornal *Seara Juvenil*, uma das publicações espiritas brasileiras mais sugestivas que têm chegado a nossas mãos.

Assim, estamos certos de que será óptimo companheiro nesta cruzada aliciante e regeneradora, já que o seu entusiasmo e a sua inteligência garantem cooperação estreita que se traduzirá em frutos benéficos.

Antigamente, quando a Doutrina Espirita estava nos primórdios do seu desenvolvimento, seria plausivel encontrar-se, sem que isto causasse admiração, alguém que dissesse não sentir ambiente para cooperar em suas fileiras.

Semelhante afirmativa não pode ser feita na actualidade, considerando-se que o Espiritismo, pela sua feição essencialmente eclética, representa seara imensa onde trabalhadores de todos os tipos evolutivos podem colaborar.

O que não falta, nas hostes espiritas, é campo para o indivíduo exercer a sua actividade.

Branco ou preto, pobre ou rico, doente ou sadio, culto ou sem instrução, médium ou doutrinador, ninguém lhe recusa o direito de trabalhar.

De tal forma se acentua o ecletismo na estrutura da doutrina, que, nos sectores onde de modo algum possa ser exercitado o mediunismo, no sentido comumente interpretado do intercâmbio com o mundo espiritual, ou a metódica pregação dos postulados evangélicos, o seareiro cristão pode realizar as nobres finalidades atribuídas à Doutrina dentro da sociedade humana.

Tomemos, para exemplificação, o sector educacional, tendo em vista que o Espiritismo é também obra de educação.

Se do corpo da doutrina fluem, abundantes, messes de consolação e paz para os que sofrem, lenindo dores, suavizando conflitos interiores, ninguém pode subtrair ao Espiritismo a sua divina função de esclarecer e instruir, de salvar, educando.

O Brasil ressente-se, ainda, de educandários espiritas. Podem ser apontados uns quatro ou cinco, que, neste imenso país de 8.500.000 quilómetros quadrados de superfície, recebem orientação essencialmente espirita.

A lacuna, entretanto, começa a ser preenchida com iniciativas dinâmicas, que partem, ao mesmo tempo, de vários pontos.

Ginásios Espiritas vão abrir-se ao professorado esclarecido, aos mestres dignos.

São estrelas que resplandecem na infinitude do firmamento.

São portas de luz que se abrem, convocando homens cristãmente preparados para o glorioso apostolado do ensino em bases mais elevadas.

Em Minas Gerais surgem, simultâneamente, duas organizações dessa natureza: dois Ginásios Espiritas!

Em Belo Horizonte, o Ginásio Espirita «O Precursor», iniciativa da União Espirita Mineira, *com o prédio já comprado, alunos matriculados para o curso de admissão e, certamente, com a 1.ª série ginasial a funcionar a partir de 1955.*

Em Divinópolis, florescente cidade localizada pertinho de Belo Horizonte, prossegue, entusiástica, a campanha para a edificação do Ginásio Espirita local, sob o impulso de dedicados companheiros.

Como vemos, o tempo se encarrega de tudo mudar para melhor.

Cada educandário é um campo novo de actividades, reclamando a cooperação de obreiros esclarecidos.

Dentro de mais algum tempo não haverá, ou, pelo menos, diminuirá o crucial problema com que se defrontam os pais na época de encaminhar os filhos à escola, porque, não apenas «alguns», mas dezenas de educandários abrirão as suas portas redentoras à juventude brasileira.

No esmaecer de uma civilização que agoniza, é confortador sabermos que os jovens encontrarão, doravante, nos Ginásios Espiritas — verdadeiros Templos de Virtude e de Saber — os elementos de que necessitarão amanhã para o erguimento dos alicerces de uma Nova Civilização, que terá como base, para a felicidade do nosso Lar Terreno, a Legítima Fraternidade Cristã.

Belo Horizonte, Brasil

MEDIUNISMO

Mensagens do Espírito Ramatís recebidas pelo Médium Hercílio Maes, de Curitiba

II

Pergunta: — *Notamos que, na sua maioria, os candidatos a médium se manifestam ansiosos para receberem os guias e participarem no serviço de caridade espírita.*

Ramatís: — O desenvolvimento mediúnico ou a manifestação de um espírito-guia não despertam no médium tesouros de amor que ele, porventura, ainda não revelou no trato quotidiano. O sentimento divino a favor do próximo, que nos faz participar da dor alheia e sofrermos com a desdita humana, não será conseguido mediante esforços de mediunismo ou com assistências privilegiadas. Caridade, já vos lembrámos, é emoção estética da alma e que principia pela renúncia! É a sensibilidade divina de provocar êxtases no próprio holocausto pelo bem alheio! Revelaram-na, incondicionalmente, um Francisco de Assis, um Vicente de Paulo, Buda, Ghandi, Paulo de Tarso, apóstolos e cristãos massacrados, e, acima de todos, a sublime doação do Cordeiro de Deus — o CRISTO!...

Se esse sacrificial sentimento ainda não vos tomou o coração, inútil será aguardardes o milagre do guia para fazerdes o Bem! Não o podereis adquirir sob programas pré-determinados, nem agindo em *momentos sagrados ou momentos de caridade!*

Pergunta: — *Cremos que a tarefa de desenvolvimento e essa ansiedade de valores espirituais para servir hão-de preparar candidatos à Caridade.*

Ramatís: — Mas importa antes prepararem as suas consciências para não se desmentirem a si mesmos. Muitas vezes seguis de vossos lares em direcção aos trabalhos de desenvolvimento, a fim de fazerdes a caridade na doação de fluidos aos sofredores e, nos vossos trajectos, deixais de cumprir uma dezena de actos simples, afectivos e caridosos! Faltais com a caridade da amizade para o empobrecido e viciado amigo de infância, que vos fitou a distância, receoso, como um triste cão surrado; fostes rudes para o condutor do veículo colectivo e que vos irritou com o troco ou paragem irregular; emitistes vocábulos insultuosos contra o governo local; acusastes inúmeros cidadãos administrativos; revelastes profunda inconformação ante os vagabundos que vos experimentaram a temperatura do coração; criticastes acerbamente os irresponsáveis frequentadores de *bares* e projectastes vigorosos meios de exclusiva correcção ao próximo! Quando determinado veículo quase vos atropelou, a cólera toldou-vos a mente com o lodo das paixões; protestastes vivamente contra o custo insano da vida, mas não vos referistes aos preços dos cigarros e dos alcoólicos de rótulos dourados, porque estes formam o cortejo de vossos vícios elegantes! Compreendemos a necessidade da crítica sadia, do protesto contra a corrupção administrativa e a perversão social; mas, neste caso, estamo-nos referindo aos que partem de seus lares para *fazer a caridade a distância!* Não conseguireis bons fluidos, em horas programadas, se os contaminais com a intolerância, a cólera, a irritação e o desamor de minutos anteriores!

Pergunta: — *Que nos diz o irmão com referência à necessidade e eficiência dos trabalhos mediúnicos práticos?*

Ramatís: — Reconhecemos a necessidade e eficiência dos mesmos, mas lembramos que a verdadeira sessão mediúnica, simbòlicamente, se inicia quando vos levantais dos leitos e se encerra quando adormeceis no vosso descanso nocturno. Durante esse período encontrais guias na figura de vossos pais, professores, etc., que vos orientam o caminho educativo; protectores na figura de vossos patrões, que vos facultam os salários à família; auxiliares, que vos indicam o trânsito, que conduzem os veículos de vossas necessidades, que limpam a vossa cidade, cuidam da higiene, da segurança e da vossa saúde. E, quanto a encontrardes espíritos atrasados, dezenas se movem em torno de vós, na figura do mau esposo, do cidadão prevaricador, da mulher dissoluta, do embriagado, do malfeitor ou disseminador de vícios! Entretanto, é preciso que sejais respeitosos para com esses protectores e amorosos para com os «atrasados», da mesma forma com que vos dirigis nos chamados trabalhos práticos de mediunismo! Não será razoável que useis o *mel do amor* em horas mediúnicas escolhidas e o *fel da irritação* em horas profanas!

Pergunta: — *As sessões de irradiações produzem o efeito desejado?*

Ramatís: — O fluido vital — a energia prânica dos orientais ou, como queirais, o *magnetismo humano* — é forma de energia derivada da energia universal. É encontrado em diversas formas, espalhado por toda a natureza. Está no ar que o homem respira, no alimento, nos líquidos que bebe. Quando essa provisão de fluidos diminui no ser humano, este enfraquece e as suas defesas empobrecem. Assim, podeis verificar que os homens «cheios de vida», superactivos, enérgicos, exsudando saúde pelos poros da pele, são criaturas abastecidas suficientemente pelo fluido vital, o qual é, na realidade, força terapêutica. Nas vossas reuniões ou relações com o mundo podereis verificar, por vezes, quando fordes despojados de fluidos vitais, no fenómeno de *vampirismo* humano. É a lei da compensação, em que o irmão desvitalizado absorve, consciente ou inconscientemente, as reservas do próximo.

Consequentemente, essa força prânica ou vital é proporcionadora da cura psico-física desde que a saibais dirigir pela mente, comandando-a em direcção aos pontos que desejais. E o efeito dessas irradiações será tão salutar quanto seja a vossa capacidade mental e espiritual de projecção vital.

Pergunta: — *Quais os meios que melhor auxiliariam essas irradiações?*

Ramatís: — O conhecimento exacto de como se processa o fenómeno irradiativo, ou seja a educação da vontade aliada ao desdobramento técnico, é gradual na projecção fluídica. Na sua maioria os componentes de grupos de irradiações ignoram completamente as rudimentares relações do sistema nervoso, a situação dos *plexus* e as operações dinâmicas do passe à distância. Reunem-se na mais santa ignorância do metabolismo vital e tentam empiricamente arremessar fluidos cuja natureza e fontes de origem desconhecem absolutamente. Portadores ainda de uma vacilante e instável mente, fracassariam, se não fora o concurso vigoroso dos espíritos, que lhes extraem, combinam e conduzem os fluidos aos necessitados. Na realidade, esses discípulos, avessos ao estudo metódico dos compêndios que educam a vontade e esclarecem a mente reencarnada, não vão além de «depósitos de fluidos de boa vontade»!

Pergunta: — *Mas não basta a conduta evangélica para a realização? O Cristo não curava com a simples imposição de mãos?*

Ramatís: — Deveis convir que um simples atestado de *auto-evangelização* não comprova a existência do evangelizado e a simples imposição de mãos sobre os enfermos não vos cria a divindade do Cristo! É mister que estudeis atenciosamente o conteúdo sadio de obras erigidas à custa de sacrifícios e pesquisas práticas, que vos darão roteiros seguros no plano da cooperação fluídica, bem antes de vos diplomardes com poderes santificados! Se existem leis científicas que orientam, no seio da terra, a transformação da bolota em carvalho gigantesco, porque, no plano das forças subtis dos fluidos, serieis dispensados do «esforço próprio»?

Pergunta: — *Não lograremos êxito, embora estejamos possuídos do desejo veemente de auxiliar e socorrer?*

Ramatís: — Não estamos dogmatizando; estamos, porém, abrangendo os ângulos improdutivos. Lembramo-vos a necessidade de consciência e equilíbrio do que fazeis, a fim de não vos decepcionardes alhures. Geralmente, enviais fluidos curadores a quilómetros além de vossas reuniões, para atender instituições socorristas ou asilos de alienados, e esquecei-vos de irradiar para o parente alcoolizado ou para o adversário que vos insultou e vive a alguns metros distante de vossa irradiação. Justo e digno é o vosso desejo veemente de socorrer; porém o equilíbrio e a consciência evangélica de vossos actos estão em ajustar-vos ao «amai vossos inimigos como a vós mesmos»! Se escolheis ùnicamente objectivos simpáticos para vossas irradiações, não pomos dúvida em vos dizer: não lograreis êxito!

Pergunta: — *A mediunidade sonambúlica é mais favorável ao médium do que a intuitiva?*

Ramatís: — O médium não deve desejar a condição inconsciente de simples «muleta» do seu protector! Quanto mais participar da comunicação, melhor encorporará a bagagem superior dos guias ou avaliará prudentemente as condições expiativas dos sofredores. A mediunidade intuitiva oferece melhores condições para o «médium» obter a consciência espiritual na lei de que a «função faz o órgão».

Pergunta: — *Geralmente os médiuns intuitivos preferem a mediunidade sonambúlica, alegando o perigo do «animismo»...*

Ramatís: — O sonâmbulo completo é raríssimo. As criaturas que melhor apresentam o padrão do sonambulismo absoluto ainda são os infelizes inquilinos dos asilos psicópatas, destituídos totalmente da razão. O sonambulismo absoluto, que transforma o médium em simples entregador mecânico de recados, copiando o carteiro terrestre, não traria vantagens doutrinárias ao seu portador. A ascensão espiritual depende severamente do esforço próprio e da experimentação sadia dos valores evangélicos. A preocupação fundamental dos orientadores daqui ainda é a de melhorar o seu próprio médium. O intuitivo ou inspirativo, que tem consciência das mensagens que entrega, melhora a sua condição anímica.

Pergunta: — *No entanto, a maioria dos médiuns afirma que nada se recorda das comunicações recebidas, fazendo-nos crer que são todos sonâmbulos!*

Ramatís: — Repetimos: o médium sonâmbulo, incapaz de avaliar um só pensamento do comunicante, além de raríssimo, destina-se a finalidades científicas e identificações de provas. No conhecido mediunismo de «fenómenos físicos», quase sempre o médium é sonâmbulo, a fim de se prestar passivamente aos técnicos do Além. Nos casos de obcessões completas, os espíritos obsessores agem e concretizam os seus objectivos vingativos ou ridículos, depois de actuarem anos seguidos, até dominarem o sistema nervoso do obsidiado. Embora os pensamentos dos comunicantes fluam natural e coerentemente, servindo-se dos vocábulos peculiares dos intérpretes, normalmente os médiuns recordam-se do conteúdo das comunicações. Se a maioria alega sonambulismo completo, deve ser com o fito de impressionar os circunstantes, mas, se fizerdes pesquisas de ordem psicológica, pouco a pouco conhecereis a realidade intuitiva.

Pergunta: — *O medium intuitivo ou sonambúlico sofre quando volta a si, após o transe?*

Ramatís: — É óbvio que o medianeiro entre vós e nós, intuitivo ou sonâmbulo, sempre há-de sofrer conforme a natureza dos fluidos dos comunicantes que lhe forem actuados. Não vemos motivos que justifiquem algumas encenações por parte dos médiuns que receberam entidades elevadas. É razoável a angústia na desincorporação de espíritos sofredores ou agressivos. Mas guardamos profundas reservas se repetem o fenómeno angustioso no intercâmbio com espíritos superiores, cujos fluidos são fundamentalmente sedativos.

Pergunta: — *E, nesse caso, que sucede?*

Ramatís: — Deficiência educativa do médium, que ainda não se integrou convenientemente no processo das comunicações ou ignora os preceitos simples e fundamentais do *Livro dos Médiuns*. No retorno à vigília, o médium esclarecido aprende a executar os movimentos estritamente necessários, evitando operar por *conta própria*, além das necessidades orgânicas para a posse da consciência normal.

Pergunta: — *Observamos que alguns médiuns, após a desincorporação dos seus guias ou protectores reconhecidamente santificados, tombam sobre as mesas, arfando em movimentos espasmódicos e angustiosos para voltar à vigília.*

Ramatís: — Só o desconhecimento da realidade mediúnica é que provoca esses factos. Salvo se os comunicantes são de teor agressivo e

UM PREGADOR MEDIÚNICO

A 5 de Maio de 1929 nasceu em Feira de Santana, Estado da Bahia, o menino Divaldo Pereira Franco. Foi crescendo e estudando até que entrou na Escola Normal da sua terra, onde alcançou o diploma de professor primário. Tem, portanto, 25 anos de idade.

Pois, assim tão jovem, pronuncia admiráveis conferências, como se fosse, em boa verdade, um tribuno de nova estirpe ao serviço da Doutrina.

Como instrumento mediúnico, já recebeu três obras. Uma delas deve ser publicada no princípio de 1955. Mas ele tem-se revelado na pregação, tendência inata que o levou ao Seminário, onde esteve um ano, ao fim do qual abandonou a vida mística.

Conduzido ao Espiritismo através da enfermidade, nele se radicou e transformou e nele obteve o dom de pregar. O seu «baptismo de fogo» foi em 1948, na sede da Federação Espírita Sergipana, comentando a «Lenda da Guerra», de Humberto de Campos. Ali soube que o seu destino estava traçado. Desde esse dia perdeu o medo.

O assunto vem-lhe na hora própria. Quando tem que fazer dissertações descritivas sente a impressão de estar num cinema e limita-se a descrever as cenas. Outras vezes sente uma garganta mais forte adaptar-se-lhe às cordas vocais e fala sem ponderar. É um espectador a mais e faz raciocínios independentes, discordando, por vezes, do que os espíritos expõem, ou sentindo oposição completa às teses que eles apresentam.

Eis uma interessante faculdade que muitos desejariam possuir, em benefício do ideal que os guia. E é tanto mais estranha, quanto é certo ele próprio confessar que não sabe escrever.

Divaldo realizou há pouco 3 conferências: no Teatro de Santa Isabel, na Federação Espírita Pernambucana e no Teatro do Derbi, da cidade de Recife. Todos puderam avaliar as poderosas radiações da sua palavra eloquente.

Na época dos músicos-prodígios que assombram o Mundo com virtuosidades magníficas, não fica mal um orador mediúnico que leve o clarão da ideia espírita aos pontos ignorados do rincão brasileiro.

Divaldo Ferreira Franco é um símbolo e um aviso de que o Espiritismo não diminuirá o ritmo da sua marcha.

As gerações modernas trazem em si potenciais magníficos que as adaptam a grandes cometimentos, pois as faculdades desdobram-se admiràvelmente em todos os campos da actividade mental e artística. Há médiuns-pintores, médiuns-escultores e médiuns-curadores, a despeito do magister dixit da ciência. Que admira, pois, que haja médiuns-oradores?...

---

hàbilmente iludem o seu intérprete, afirmando-se portadores de nomes pomposos, tão ao gosto de certos médiuns. Reconhecida a natureza elevada de quem comunica, os espasmos próprios de fluidos de sofredores provàvelmente são efeitos *pirotécnicos* para impressionar o público. Pode tratar-se duma demonstração de «narcisismo», em que a ingénua vaidade do sensitivo simula um sofrimento que desperte a emoção piedosa dos presentes a seu respeito. O médium equilibrado é infenso aos superficialismos e lisonjas; tem um senso profundo de cumprir o seu dever!

Pergunta: — *Aliás, em alguns casos, vimos o comunicante, de natureza elevada, solicitar preces aos presentes, a fim do seu médium voltar sem sofrimento.*

Ramatís: — A contradição é visível, pois o comunicante de natureza elevada bem conhece a sua acção sedativa no médium e não faria tal solicitação. Percebe-se ainda a intervenção do sensitivo, que poderia evitar esses ridículos paradoxais na leitura sensata do *Livro dos Médiuns*. Naturalmente, os frequentadores que endossam essas incoerências necessitam também de se aprimorar nas obras fundamentais do Espiritismo.

Pergunta: — *É razoável certo costume comum em que alguns «guias» lisonjeiam os seus intérpretes e lhes ressaltam as tarefas mediúnicas, comparando-as com missões de sacrifícios?*

Ramatís: — Os protectores ou guias filiados nas Instituições de Comunicações com a Terra, que assumiram a responsabilidade de velar e orientar determinados pupilos em tarefas mediúnicas, são advertidos para não exaltarem os seus instrumentos medianeiros na crosta. Evitam sistemàticamente reflorescer o senso pessoal do sensitivo e dar-lhe aquecimento às suas veleidades passadas, temerosos de contribuírem para uma nova casta de eleitos em pedestais de vento! Bastam-vos já os inúmeros representantes das sombras que vos espreitam continuamente para vos conduzir ao ridículo, ao fanatismo, às falsas glórias ou à admiração perniciosa. Em regra, é o médium que faz o seu próprio elogio!

Pergunta: — *Em muitos trabalhos espíritas encontramos comunicações de boa índole e de sentido construtivo; porém, estranhamos certas «chaves» repetidas pelos comunicantes, em linguagem exótica e típica de outras raças.*

Ramatís — É óbvio que nas comunicações tradicionais de amigos conjugados definitivamente aos vossos esforços doutrinários se evidencia o uso da expressão «chave» como identificação preliminar do comunicante. Essas chaves predispõem os pensamentos dos presentes para o fortalecimento dos laços afectivos do espírito familiar. Como exemplo vos damos a nossa preferência pela chave «PAZ e AMOR», que sempre inicia a nossa mensagem. Porém, adoptamos sempre a decisão de não praticarmos exotismos desnecessários e vos damos o conteúdo «PAZ e AMOR» em vossa língua peculiar.

(Continua)

O ESPIRITISMO EM ALAGOINHAS

Por Rodolfo Coelho Cavalcante

Distante da capital baiana umas 24 léguas, fica situada a próspera cidade de Alagoinhas, deste Estado, cuja é o cruzamento dos ramais: *Joazeiro* e *Propriá*, da Estrada *Viação Férrea Federal Leste Brasileiro*. No começo de Outubro do ano passado formámos uma caravana de três companheiros, denominada *Caravana Roteiro* e para lá nos dirigimos no sentido de adquirir novos assinantes para o nosso órgão e ao mesmo tempo conhecer de perto os companheiros de Doutrina.

Depois de percorremos os principais Centros e Grupos Espiritas de Alagoinhas, fomos convidados por alguns confrades para visitar a médium de transportes D. Helena Vieira Costa, em sua própria residência.

Antes de descrevermos o que se passou, queremos dizer aos leitores que D. Helena não trazia nenhum objecto nas mãos, nem tão pouco poderia ocultá-lo em suas vestes, por estar vestida singelamente, com um vestido de *voile* branco e de mangas naturais, sem dar motivo a qualquer suspeita por parte de alguns incrédulos.

Vimos D. Helena mudar de cor e ficar completamente transfigurada, não nos deixando a menor dúvida de que se achava em transe mediúnico.

A médium espalmou as mãos e começou a fazer movimentos, como se estivesse a manipular qualquer coisa, deixando cair entre os dedos uma porção de pétalas. Logo depois abriu as mãos e deixou cair as pétalas na mesa, apanhando-as, para voltar àquele processo anterior, movimentando as duas mãos como se estivesse esfregando as lindas pétalas para reduzi-las a pó. No espaço de dois minutos, para surpresa de todos, D. Helena ofereceu-nos um belo cravo branco ainda orvalhado e com o mais suave aroma. Da mesma forma que fez o primeiro, «fabricou» o segundo e ofereceu ao jovem filho do poeta Paulo Alberto, que estava ali com a sua progenitora.

Não sòmente nós que escrevemos esta humilde crónica, mas os nossos companheiros de viagem, coronel Henrique Nepomuceno e o nosso irmão Fontes, além do jornalista Odegar Araújo Freitas e muitos outros conhecidos, que não se escusarão a atestar o «fenómeno» que presenciámos. Um mês depois ali estivemos em nome da *União Social Espirita da Bahia*, quando, na inauguração das sedes da *Escola João de Castro* e da *União Espirita Alagoinhense*, e soubemos que D. Helena era uma pobre parteira que já fizera mais de cem partos, uns como recompensa do seu labor profissional e os outros gratuitamente. Tem sofrido ingratidão e calúnia, mas a sua voz nunca se ergueu contra quem quer que fosse.

Foi com imensa alegria que tivemos a notícia, através de *Estudos Psíquicos*, que o espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos (Irmã Lia) acaba de se «materializar» em Fortaleza, berço de Alencar.

Vimos o *cliché* estampado no número de Janeiro último de *Estudos Psíquicos* e ficámos contentes por saber que irmã Lia é também uma das pioneiras que tem missão espiritual na *Pátria do Evangelho*, ao lado daquela que foi dedicada companheira do nosso mui amado irmão Leopoldo Machado.

Não poderíamos vacilar; olhámos atentamente para o *cliché* de irmã Lia (quando encarnada) na capa da revista e observámos também a sua imagem envolvida no ectoplasma do médium «Peixotinho» e concluímos o seguinte:

A imagem fotografada junto ao médium é mais brilhante e não há a menor dúvida, caso o fotógrafo quisesse (que não admitimos, pois se trata de um trabalhador da mesma Seara) recortar o pequeno *cliché* da revista e, com a ajuda de qualquer floco (como algodão), imitar o que saiu na foto. O ectoplasma é igual ao de muitas fotografias semelhantes que temos visto.

Ao nosso irmão Isidoro a nossa mais sincera cordialidade, congratulando-nos com o seu imenso júbilo, pois os nossos países sempre foram irmanados e os seus filhos sempre viveram unidos.

TELEPATIA E MEDIUNISMO

Até há pouco tão posta em dúvida, a possibilidade da telepatia é agora confirmada por estas duas sumidades e muitos outros médicos em relevo no mundo.

A mediunidade tão contestada é já do domínio da ciência e pode ser provocada, dizendo-nos Calligaris que o mediunismo provocado não tem possibilidade de intermitências ou falhas.

Provocam-se, pois, tanto a telepatia como a clarividência, com efeitos surpreendentes, sem falhas!

Portanto, em laboratórios apropriados, consegue-se provar esta triste verdade — o domínio do espírito. Sim, todo o domínio espiritual; logo, um domínio psíquico —, mas, no final, tanto Calligaris como Leprincé dizem: o porquê não o conhecemos!

Os cientistas tudo sabem; mas se a ciência chega ao fim de uma explicação e nada explica, então não há nisso ciência alguma...

Calligaris e seus seguidores chegarão a concluir da mesma maneira que Azuero.

Azuero descobrira a panaceia, mas não a pôde metodizar, não lhe pôde dar forma científica, e o seu princípio de cura, aliás maravilhoso, caiu, morrendo no ridículo, embora merecesse melhor sorte.

Os métodos de Calligaris são valiosos, mas no meio cientista tudo morre, quando não se pode desenvolver por teoria definida.

Porque o método Calligaris não está definido e porque ele é sumamente interessante para a defesa do vidente prático, e ainda porque este carece de viver apoiado, comprometo-me a esclarecer a razão de ser de todo o sistema psíquico na clarividência e no mediunismo no próximo número deste revista.

FRANCISCO M. PALHOTO

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

DESCRIÇÃO CURIOSA

O *Psychic News* de 30 de Outubro de 1953 insere uma notícia relativa à visão do médium Bernard Payne, pertencente a uma agremiação espírita de Birmingham e que, durante a investigação inerente a certos fantasmas que apareciam no Castelo de Hartshill, próximo de Nuneaton, descreveu o aspecto da casa antes da demolição e nomeou algumas pessoas que ali tinham vivido.

Dois aldeões que davam pelo nome de Jesse Moore e Green viram um dia abrir-se e fechar-se a porta de um celeiro junto ao Castelo, e outro disse ter visto uma senhora vestida de seda preta.

Doze sócios da referida agremiação fizeram investigações no castelo em companhia de alguns engenheiros da B. B. C., a cerca de 700 metros da estrada principal, num sítio medievo. Colocados nas ruínas, os investigadores esperaram a «senhora de preto» e apareceu-lhes uma figura transparente. Imediatamente a senhora Edite Cole, médium da agremiação, começou a falar com voz estranha, dizendo:

— Que fazeis em minha casa? Ide-vos embora!

Ignorando aquela censura, os investigadores insistiram com a entidade para que lhes desse pormenores. Então deu o seu nome: Maund ou Morse, e descreveu a casa, tal como era dantes.

Mais tarde descobriu-se que uma senhora chamada Morse vivera, de facto, naquela casa.

A MEDIUNIDADE DE JACK WEBBER

A *Voz Informativa*, da cidade de México, publicou um artigo de Richard W. O' Farrell acerca do livro de Harry Edwards intitulado «The Mediumship of John Webber», do qual extraiu o relato de um fenómeno conhecido com o nome de «A Cadeira Partida» e que prova a extraordinária força dos operadores invisíveis.

Ligado à cadeira, o médium costumava levitar até ao tecto, onde deixava sinais de fixador do cabelo. Assim permanecia alguns minutos, para ser colocado às vezes fora do próprio local das experiências, chegando alguns assistentes a sentir na cabeça os pés do sensitivo, na sua viagem aérea. Quando havia alguma luz eventual, como, por exemplo, a que se coasse através das cortinas, via-se claramente o médium suspenso e ligado à cadeira. Da mesma forma, se a levitação da mesa se produzia no meio da sala, o médium era depositado no pequeno espaço disponível entre a mesa e os assistentes. Isto sucedia no fim da sessão. O espaço ocupado pelas buzinas luminosas e outros objectos impedia o médium de andar de um lado para o outro atado à cadeira.

A seguir, o articulista transcreve uma carta publicada no jornal inglês *Two Worlds* em 24-2-1939, subscrita por J. W. Byerley, Presidente da Associação «The Link». Reza assim o documento:

«24 pessoas se encontravam na sala iluminada a luz branca e Webber fortemente ligado à cadeira; uma grande mesa de 1m,05 por 1m,05 colocada obliquamente através do aposento, deixando um pequeno espaço livre entre os assistentes e uma buzina luminosa no soalho aos pés destes. Foram apagadas as luzes e eu não perdi de vista a buzina. Se o médium passasse entre mim e a buzina, esta ficaria tapada. Mas não passou. Nenhum ruído se sentiu que denotasse o movimento do médium (eu estava sentado próximo dele). O espírito-guia falou de cima, do lado do tecto. Longe de mim e à minha esquerda ouviu-se uma pancada no soalho. Acendeu-se a luz. O médium estava no chão bem atado à cadeira e longe da posição primitiva.

«Poderia admitir-se que ele escorregasse através do círculo, mesmo atado à cadeira, mas, para isso, teria de avançar 60 mentímetros, dar volta à direita cerca de 90 centímetros a 1m,20, para depois passar entre a mesa e os assistentes, o que não faria sem tocar nestes e sem fazer barulho com a cadeira».

Numa tentativa para fotografá-lo levitado foi invertida a força psíquica e o ruído da cadeira ao partir-se notou-se claramente, seguido de outro contínuo semelhando qualquer coisa que estava a moer-se e de rangidos de volume considerável. Quando se acendeu a luz, viu-se o médium atado aos restos da cadeira, móvel de construção forte, cujo assento tinha mais de 3cm de espessura e estava partido em três partes, de lado a lado, forçadas para fora, além dos braços partidos e separados do encosto. Por seu turno, o médium não acusava sinais de qualquer esforço.

E o articulista conclui, muito judiciosamente: «É de notar a quantidade de força necessária para quebrar assim uma cadeira. É duvidoso que um homem fortíssimo a pudesse levantar para a esmagar contra o soalho com o médium nela amarrado. O que se conclui, como dizemos acima, é a certeza da extraordinária e poderosa força dos operadores espirituais para realizar tão notáveis demonstrações da realidade do mundo espiritual».

JORNAL DO ALÉM

Psychic News é que deu a notícia, emprestando-lhe ineditismo que não tem. Trata-se da revista italiana *Aurora*, publicada na cidade universitária de Camerino e que tem magníficos colaboradores do Além, trabalhando em estreita união com o Prof. Giuseppe Stoppolini.

O editor é Raoul Bocci, homem feliz que não paga honorários aos obreiros espirituais, sempre prontos a semear o bom grão, mesmo em terra bravia.

A reputação de Camerino deve-se em grande parte a Stoppolini, espírita convicto que já entrou na casa dos oitenta e que tem o maior interesse por tudo o que o circunda, especialmente o campo que separa encarnados e desencarnados. Note-se que ele fez tudo pela pequena cidade, pois a ele se deve um belo museu de anatomia, cadeira que regia na Faculdade de Medicina Veterinária.

O velho professor encontrou há tempos Raoul Bocci e viu nele um possível médium. Resolveram fundar um grupo espírita com duas sessões por semana e obtiveram comunicações de homens célebres, como Dan-

te, Passoli, Leopardi, Manzoni, St.-Bernard de Sienne e muitos outros. Stoppolini sugeriu a Bocci a difusão das mensagens. A ideia foi aceita com entusiasmo e aquele encarregou-se da revista.

Nesse momento a «bomba» estalou na cidade. O clero emocionou-se, sobretudo quando soube que as sessões se realizavam em casa do professor Stoppolini.

Entretanto, um inquilino da casa do catedrático recorreu ao arcebispo, para que acabasse com estas «superstições». Tinha ouvido nessa noite pancadas misteriosas no tecto... e suplicou:

— Monsenhor, tenho duas filhas e estamos cheios de medo destes espíritos!

Semanas depois suicidava-se um estudante e o reitor da Universidade pediu ao pai dele que lhe devolvesse um livro que emprestara ao falecido, mas não o encontrou. Stoppolini dirigiu-se então ao espírito do estudante numa sessão particular e este descreveu os pormenores do suicídio e indicou onde se encontrava o livro.

Isto era demais para o clero. Todos os sócios do Grupo foram excomungados...

Mas a-propósito de jornais do Além, temos aqui a revista *Água Viva*, de S. Paulo, que é colaborada por entidades espirituais que se comunicam por intermédio de Francisco Luciano, o qual tem recebido mediùnicamente vários livros de grande alcance espírita. É uma revista gratuita digna de leitura. Um dos colaboradores que assina *Um Poeta* subscreve uma bela poesia que inserimos neste número de *Estudos Psíquicos*. Há só uma diferença no caso: o clero de S. Paulo é menos rigoroso que o de Camerino e ainda não demos por qualquer anátema vindo do seio da Igreja. Será questão de clima? Ou será sinal dos tempos que a passo de gigante se aproximam?...

UMA RAPARIGA QUE NEUTRALIZA A LEI DA GRAVIDADE

O deputado e cientista inglês sr. Peter Freeman contou na Associação Espiritualista de Marylebone como vira em Cardiff certa rapariga neutralizar as leis da gravidade. Este sr. esteve na Índia e assistiu a experiências de yoguis muito semelhantes a estas, que foram presenciadas por sábios e jornalistas. Foi um dos seis homens que esgueram a rapariga do chão. Ela, depois de estar levitada, pediu-lhes que se esforçassem por a não deixarem cair. Primeiro (em virtude da sua força de vontade) aumentou tanto o seu peso, que não puderam segurá-la. Depois diminuiu-o ao máximo, a ponto de qualquer pessoa a segurar sem esforço.

Em seguida puseram-na numa balança, cujo funcionamento foi prèviamente controlado, desde poucos quilogramas a algumas toneladas.

Peter Freeman referiu-se também à questão dos discos voadores e à aura humana, dizendo que esta última é demonstrada no costume de aureolar a cabeça das imagens sagradas.

De cada 10 pessoas, 9 podem ver a aura, se treinarem as suas faculdades,—acrescentou ele,—afirmando haver um médico que se serve dela nos diagnósticos e observação das doenças nervosas, o qual afirma que, se a medicina oficial estudasse o assunto, os manicómios fechariam.

O conferente referiu-se depois à sobrevivência após a morte. Para ele, o fenómeno resume-se em despir o sobretudo com bom tempo.

Continuando, disse ser fantástico que as igrejas ortodoxas nada ensinem sobre a vida depois da morte. Se o tivessem feito não nos sentiríamos tão vazios. No entanto, as provas são inegáveis. E aludiu a um indivíduo chamado Jonh Pickering, restituído à vida pela respiração artificial, que declarou não mais recear a morte, pois se sentiu tão feliz, que sentia pena de ter voltado ao corpo. Contou também a história de uma senhora que sofreu fenómeno semelhante. Disse ela que, depois de abandonar a vida material, esteve no quarto onde «morrera» e permaneceu junto do marido, quando este tentava a respiração artificial. Sentiu-se impelida a «regressar» e disse que lhe bastava um pouco de vontade para abandonar o invólucro físico. «Não é nenhuma habilidade — dizia ela —. Qualquer a pode realizar. É uma experiência interessante e tira o medo de morrer.

Muita gente não compreende a vida. Incapazes de dominar o físico, iludem-se, tomando-o pela realidade.

VISÃO NO ATAÚDE

Fate Magazine publica o seguinte relato de Grace Weir:

«Em Março de 1953 eu e meu marido aproveitámos uma tarde para dar um passeio e, na volta, como de costume, ele repousou um pouco por causa do coração, enquanto eu preparava a ceia. Pouco depois de se deitar, queixou-se de fortes dores nas costas. Ao chegar ao gabinete dos medicamentos, onde ia buscar o remédio, ouvi sons horríveis de sufocação e corri logo ao quarto. Meu marido estava morto.

«Amigos nossos telegrafaram a minha irmã Grace, que chegou no dia seguinte. «Al» (seu marido) devia chegar na altura do enterro. Quando soaram as 11 horas sem ele chegar, começámos a inquietar-nos e uma hora depois saímos sem ele, julgando que estivesse na câmara ardente. Mas não estava.

«Após os serviços funerários, eu e Grace estávamos ao pé da urna e ela começou a respirar ofegantemente e saiu para fora. Ao chegarmos a casa, ouvimos bater à porta e vimos os vizinhos que regressavam do enterro. Estavam silenciosos a olhar-nos com tristeza.

«Grace foi a primeira a falar:

«—Eu vi «Al». Que é que lhe aconteceu? Está ferido?

«—Está — disse um deles —. Foi morto repentinamente no caminho para o enterro.

«Então Grace exclamou, voltando-se para mim:

— Lembras-te de eu sair da câmara ardente? É que tinha visto o rosto de «Al» dentro da urna. Foi horrível».

A DESENCARNAÇÃO DA MÉDIUM DOLLIE CLARK

Voz Informativa, da cidade de México, dá-nos a notícia da desencarnação da grande médium norte-americana Dollie Clark, que durante mais de 30 anos trabalhou no acampamento espírita de Chesterfield, quer transmitindo mensagens verbais, quer produzindo materializações completas.

Ia de Chesterfield para Chicago e pereceu num acidente de automóvel.

As materializações que produzia falavam com suas vozes características e, para amplificá-las, usavam-se minúsculos megafones de alumínio. E embora as materializações de defuntos se paguem, ali, a 3 dólares, ela não visava lucros.

A-propósito deste acontecimento, o articulista Gutierre Tibon recorda a meia dúzia de grandes médiuns de Chesterfield: Bunker, Schmidt, Cox, Harwood, Stillwell e Swan, e aconselha os leitores a visitar a cidade espírita de Indiana, como chamam ao citado acampamento, porque é, com efeito, uma bela cidade. Saberão que no Novo Mundo há qualquer coisa semelhante aos templos de Tebas ou à Sibila de Cumas.

Notas & Comentários

«FATE MAGAZINE»

Temos entre mãos uma nova revista inglesa de psiquismo dirigida pelo abalizado propagandista James Leigh e editada por Press Books Ltd., de Surrey, Inglaterra.

Dedicada exclusivamente aos mistérios ocultos dos tempos modernos — hipnotismo, telepatia, clarividência, precognição, viagens astrais — sem excluir o estudo das pirâmides egípcias, da vida nos planetas, da reencarnação do espírito, da predição do futuro, da cura espiritual e magnética, apresenta-se muito variada nas suas 100 páginas de texto com os assuntos bem seleccionados, entre os quais uma secção intitulada «True Mystic Experiences», em que os próprios leitores relatam os seus casos.

É, de facto, uma revista única no género e de grande alcance para quem conheça o inglês, que assim poderá cientificar-se de muitos problemas de interesse mental e espiritual.

Os leitores que desejem assinar esta publicação devem dirigir-se a «Fate Magazine», The Manor House, Worcester Park, Surrey, Inglaterra. O preço da assinatura destinada a Portugal é de 13 shillings e 6 dinheiros.

À nova revista, com a qual permutamos gostosamente, apresentamos as nossas saudações cordiais, desejando a James Leigh coragem e perseverança na sua difícil e honrosa empresa.

O 7.º ANIVERSÁRIO DE «LA CONCIENCIA»

«La Conciencia», de Buenos Aires, que circula sob a responsabilidade do nosso prezado amigo Genaro Pucci, é, sem favor, um dos melhores periódicos sulamericanos ao serviço do Espiritismo dialético. Temos-lhe acompanhado o progresso desde o seu primeiro número em mimeógrafo e podemos dizer que a sua carreira ascensional representa porfiado esforço na dignificação da Causa Espírita.

O 7.º aniversário que acaba de comemorar é a melhor prova do seu afã, do seu desejo intenso de orientar no bom sentido todos quantos andam desorientados. Se grande é a sua glória de triunfo, não menor é o duro sacrifício que tem feito o grupo editor para manter acesa aquela chama de idealidade.

A Genaro Pucci os nossos cumprimentos e felicitações pelo caminho andado.

Que o futuro lhe reserve agradáveis surpresas para continuar a marcha com o mesmo entusiasmo e a mesma galhardia.

«CARAVANA DA FRATERNIDADE»

A propósito da publicação do livro de Leopoldo Machado, intitulado «Caravana da Fraternidade», inserimos a seguir a impressão do grande médium Francisco Cândido Xavier ao autor:

«Tenho agora em mãos o seu belo livro «Caravana da Fraternidade». Agradecendo-lhe a generosa dedicatória com que se lembrou de mim, venho trazer-lhe as minhas felicitações por mais esses frutos preciosos da sua tarefa em nosso campo doutrinário.

«Jesus nos ajude a vê-lo sempre forte em seu elevado nível de trabalho e espiritualidade, pois o seu exemplo de amor à nossa Causa é um estímulo para todos nós, que lhe acompanhamos a trajectória de luz.

«Li com grande emoção este livro. É um todo de notícias e ensinamentos valiosos, tomando-nos de assalto o coração pela inteligência e pelo amor à fraternidade da generosa mão que o escreveu. Tive a ideia de estar a segui-lo na admirável excursão, aprendendo e observando entre meditações, sorrisos e lágrimas, com o seu devotamento à nossa doutrina de Amor e Luz.

«Que Jesus lhe conceda renovadas forças, para que o tenhamos por longo tempo em nossas lides, mormente na obra da Unificação de nossa grande família espiritual».

Também o esforçado pioneiro João Ghignone, presidente da Federação Espírita do Paraná, lhe escreveu, dizendo:

«O seu livro é uma página épica de glórias espirituais».

Na realidade, quem lê esta obra fica admirado e emocionado perante a grandeza e o resultado da viagem ao Norte do Brasil, realizada por insignes caravaneiros.

O ESPIRITISMO NO JORDÃO

Segundo informa «Yours Fraternally», órgão da Federação Espírita Internacional, está a desenvolver-se no Jordão um grande movimento pró-fundação de um centro espírita em Beirzeit, de carácter científico, embora a faceta religiosa não seja descurada. O próprio Governador, Mohamed Abdul-Hadi, e Costa Sh. Khoury, membro do Município, têm feito grandes esforços nesse sentido.

Há pouco, o Governador convidou a médium curadora inglesa Catarina Sheppard a visitar Jericó e a realizar demonstrações de suas faculdades, o que fez com grande sucesso.

O principal médium é ajudante de carpinteiro, que recebe as mensagens por escrita automática «psicografia) e tem dado convincentes provas da sobrevivência.

Outro indivíduo está em desenvolvimento e cujo progresso é seguido com interesse.

Além destes, há um padre, tio de Khoury, que tem assistido às sessões e demonstra faculdades curadoras através da prece.

Estas notícias são animadoras. Demonstram a existência de um movimento espírita que abarca todas as regiões do Globo e que aumenta na razão directa dos ataques que recebe, principalmente do materialismo e de certas religiões organizadas.

A luta vigoriza os combatentes. E quando nas fileiras aparecem individualidades de alta envergadura, como no caso sujeito, o exemplo prolifera.

Os pequenos sentem-se maiores à ilharga dos grandes.

Caminhemos devagar, para chegar depressa ao alvo. O mundo terá notícias nossas.

Noticiário

JORNAIS E REVISTAS

Recebemos os seguintes novos orgãos de propaganda, cuja leitura muito apreciámos.

Odusta, de S. Paulo, orgão orientador da catequese de S. Tomás de Aquino, Director — Arsénio Tavolieri; *Idealismo*, de Rafaela, Santa Fé, Argentina, orgão da Sociedade Espiritismo Verdadeiro; *Água Viva*, orgão espirita de difusão doutrinária, de S. Paulo, Directora — Rosiris M. Andreucci; *O Caminheiro*, de Salvadr, Bahia, dirigido por Eustáquio dos Anjos; *A Luz de Damascos*, de Porto Alegre, orgão do Grupo Mediúnico Paulo de Tarso, dirigido por Rodolfo oelho Cavalcante; Brasil-Espirita, orgão do Departamento de Juventude da Federação Espirita Brasileira, dirigido por A. Nogueira Gama; *O Guia*, orgão do Centro Espirita Irmãos de Boa Vontade, de Porto Alegre, dirigido por Evandro dos Santos; *Almenara*, do Rio de Janeiro, dirigido por António Pereira Guedes; *O Segredo*, de Belo Horizonte, Minas Gerais, dirigido por Elias Lopes da Silva, Getúlio Diana e Waldivin Aurichio; *Boletim da Casa de Saúde André Luis*, de Belo Horizonte, Minas Gerais; *A Voz da União*, do Recife, órgão das Mocidades Espiritas do Brasil, dirigido por Nerício Tavares; *O Astral*, de Porto Alegre, órgão eclético independente, dirigido por Homero Reis; *Evolução*, revista espiritualista, dirigida por Josué Viamonte; *Água Viva*, de S. Paulo, da Editora «Água Viva».

Aos novos arautos enviamos sinceras felicitações, com desejos de vida próspera e óptimos triunfos na sua carreira idealística.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS NO MÊS DE OUTUBRO

Mais dois brindes foram distribuidos em fins de Outubro a outros tantos subscritores desta modalidade beneficente.

«Factos Espiritas» — João de Deus Santana da Fonseca, de Lisboa.

«Doutrina Espirita» — João Maria dos Reis, de Lourenço Marques.

Mais uma vez apelamos para as almas benfazejas e de recursos no sentido de ingressarem na falange dos subscritores; de outro modo seremos obrigados a suspender a nossa tarefa, com prejuízo de tantas criaturas que esperam o óbolo carreado pelo altruísmo.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 21 do corrente, o nosso confrade e amigo Ângelo da Costa Cabral, presidente da *Ordem Esotérica Iniciática* e da *Sociedade Portuguesa de Naturalogia*, realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor uma conferência intitulada «Auto-domínio» e que encerrava grandes e úteis ensinamentos. Embora o assunto fosse pouco acessível, o conferente soube tirar dele o maior partido e apresentar um trabalho de grande beleza moral.

O Presidente da Direcção congratulou-se com a presença de tão simpático elemento e saudou a agremiação neo-espiritualista representada pelo conferente.

COMUNICAÇÕES

A *Mocidade Espirita Cearense Pietro Ubaldi*, da cidade de Fortaleza, teve a gentileza de nos comunicar a eleição da sua nova Directoria, à frente da qual se encontra o confrade Orlando Borges dos Santos, a quem endereçamos as nossas saudações.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE DEZEMBRO DE 1954

Dia 1, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 2, quinta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 8, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 9, quinta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 10, sexta-feira, às 21.00 — Assembleia Geral para efeito da eleição dos Corpos Gerentes.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecilia Gorina.

Dia 15, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 16, quinta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 17, sexta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo Ernesto Bozzano, dirigido por António Cardoso.

Dia 19, domingo, às 16 horas — Conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «Aspectos da Filosofia Penal Espirita».

Dia 22, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 23, quinta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 26, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 29, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 30, quinta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 31, sexta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo Ernesto Bozzano, dirigida por António Cardoso.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Novembro — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. Maria da Silva Jácome, de Ponta Delgada, 20$00; D. Cupertina Ferreira de Meneses, de Alhandra, 20$00; D. Elisa do Carmo Meira Serra, 20$00; do Grupo de Protecção às Crianças, 20$00; Subscritores de Livros Espiritas, 191$00.

Total — 301$00.

Diversos para o Grupo de Protecção às Crianças, em Outubro e Novembro e entregue ao mesmo ..... 307$50

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Narrações do Infinito	25$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espírita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias relligões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsiquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	35$00	46$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Fisicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	28$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pegadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	40$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	32$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	28$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*. 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vitimas do Preconceito, *por Codro Pallissy*	28$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	54$00	64$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ELODIA CASTOL BENAVIDES

(Ver pág. 365)

CONTÉM: Natal, da **Redacção**; Os Tabos Científicos, pelo **Dr. Carlos Imbassahy**; Nebulosidade (Transcrição de um Capítulo de um novo Livro de **Lia**); Rodolfo Valentino Fala do Além, por um Noticiarista de *Two Worlds;* Iniciação de Israel - II - por **F. Noronha**; Vai, Peregrino Audazl, por **Leopoldo Machado**; A Senhora Benavides em Lisboa, por **António Cardoso**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Uma Festa Infantil; Auxílio aos Necessitados; A Sentença que Condenou Jesus, Comentada em 1899, por **Rui Barbosa**; Espíritos Turbulentos, por **Luís Gomes da Silva**; Mediunismo - III - (Mensagens do Espírito Ramatís, Recebidas pelo Médium Hercílio Maes); Um Enigma Desconcertante, por **Henrique A. Llop**; A Bomba Atómica e a Vida Terrena; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

15.º ANO DEZEMBRO DE 1954 N.º 12

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Bluet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães* (provisòriamente)	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	«*Alvorada de Uma Nova Era*»	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ✦ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00—Brasil (12 números), Cr. $70,00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00—Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	18$00	
A Prece	10$00	
Espiritismo	15$00	
O Principiante Espirita	16$00	
O que é o Espiritismo	16$00	
O Livro dos Espiritos	30$00	42$00
O Livro dos Médiuns	30$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	30$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	44$00
A Génese (nova edição)	32$00	44$00
Obras Póstumas	30$00	42$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	12$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	15$00	
O Grande Enigma	28$00	
Depois da Morte (nova edição)	45$00	
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	50$00	62$00
Joana d'Arc Médium	40$00	52$00
El Problema del Ser e del Destino	50$00	
No Invisivel (nova edição)	52$00	
GABRIEL DELANNE		
O Espiritismo Perante a Ciência	40$00	52$00
A Evolução Anímica	45$00	
O Fenómeno Espirita	35$00	
A Alma é Imortal	52$00	
A Reencarnação	52$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	23$00	
Enigmas da Psicometria	27$00	
Animismo ou Espiritismo?	40$00	52$00
Fenómenos Psiquicos no momento da Morte	35$00	
Metapsiquica Humana		40$00
Pensamento e Vontade	20$00	
Xenoglossia	30$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Deus na Natureza	45$00	
O Fim do Mundo	32$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

15.º ANO | LISBOA, DEZEMBRO DE 1954 | N.º 12

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administradora
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria Raquel**

Redacção e Administração — RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

NATAL

A ideia de Natal não implica só regresso à tradição, reminiscência doirada, saudosismo infantil que se perde na noite nebulosa do tempo. O presepe ou o pinheiro enfeitado do costume citadino são notas amorosas e talvez aliciantes para muitas almas que vivem de passado embriagador, de contemplação plangente, ávidas de harmonia geral. Para lá dessas legendas simbólicas um estranho cenário se desdobra, pleno de ensinamentos. É a luta pela vida, o drama oculto de milhares de seres que se estorcem, que deambulam, calcurreando abrolhos sob o jugo incongruente da chamada fatalidade.

Essas dores constituem, por assim dizer, a base evolutiva do homem. As aflições, os martírios, os desenganos, a traição dos amigos, o ódio solapado, a malevolência e outros arietes semelhantes são esmeril que destempera o aço e o adapta vagarosamente às mais variadas circunstâncias. Assim, é para este quadro que se devem voltar as pessoas sensatas num esforço comum de auxílio.

A quadra do Natal não se limita à semana de festejos, à troca de bilhetes com palavras habituais. É imagem do que nos cumpre fazer nos restantes dias do ano. Uma hora sem amor, sem irradiação fraterna, é diminuir o pecúlio moral, o saldo positivo das contas. Todos os dias que passam exigem a nossa presença no cadinho purificador e regenerador. É o pão do estômago e o pão do espírito, o abrigo material e a expansão anímica, o trabalho coordenador, o conforto que se leva ao triste e a calma, a esperança e a alegria que surgem inesperadamente, como santelmo na tempestade. Toda a Obra do Cristo se resume num preceito de beleza imortal: salvação pela caridade. Ora, a caridade é transcendência sublime, é compreensão e sujeição voluntária ao mais imperioso dos mandatos. Eis, por que sentimos diferentemente a solidariedade que esta quadra envolve.

O Natal Espirita é o natal dos cristãos-novos, natal que se estende ao mundo dos Espíritos, num grande anseio de harmonia que abrange todos os seres da Criação. Não se limita ao nosso semelhante, ao homem da nossa profissão, da nossa crença, da nossa política. Todos devem ser lembrados, pois todos partilham connosco o drama da existência, que se desdobra em quadros variadíssimos, relativos ao destino de cada qual.

Colocados nesta posição é que poderemos avaliar melhor o verdadeiro sentido do Natal.

É certo que abrimos subscrições, preparámos vestuário e calçado, beneficiando uns tantos que a miséria acicatou. E fizemo-lo de bom grado, como quem cumpria obrigação. Mas isso pouco foi para o muito que deveríamos fazer em benefício do próximo necessitado. Fomos às prisões a suavizar a dor dos inocentes e a dar resignação aos culpados? Fomos aos tugúrios da pobreza envergonhada que geme a um canto sem lume e dorme à superfície da terra-mãe? Fomos às vielas buscar os orfãos que desconhecem o pai que os gerou? Fomos desagravar a honestidade conspurcada pela lama dos venais? Isto era um pouco do muito que deveríamos fazer. Por isso o Natal que se festeja é um passo tradicional que as inclemências logo apagam na arenosa travessia. É um rufo de tambor que alerta meia dúzia de consciências para o festim da moda. Quem lucra são os fazedores e vendedores de bugigangas. Esses é que extraem do Natal a maior porção de felicidade. Mas tenhamos fé, que há-de vir um dia em que o Natal seja colectivo, em que todos sejam contemplados na medida do seu merecimento. Levará séculos, talvez, mas virá, em cornucópias de justiça. O Jesus-Menino vestirá galas solenes, não para distribuir brinquedos à pequenada, mas para saudar a humanidade e felicitá-la pelo progresso colhido. Então, sim, valerá a pena reencarnar, porque este pobre mundo terá finalmente alcançado o paraiso filosofal.

OS TABOS CIENTÍFICOS

Entre os tabos científicos poderemos apontar a herança psíquica. Dizem vários mestres que herdámos os sentimentos, a inteligência, os caracteres morais e até os conhecimentos paternos. À falta de comprovantes seguros, e quando tal se não verifica apelam para a memória ancestral. São os cabedais acumulados nas gerações pretéritas que formam o homem civilizado de hoje.

Quando não é possível afirmar que os nossos caracteres psíquicos vêm dos pais, dada a imensa variedade entre pais e filhos, recorre-se à ancestralidade, convencido da dificuldade que há em se negar que tal ou qual avoengo deixasse de possuir o carácter que desponta no rebento actual.

De Marie inclui na composição do homem o eu inconsciente ancestral.

Dizem-nos que Herming fundamentou a teoria da memória como função geral e fundamental da substância viva.

E ilustrado biologista patrício assegura que «a memória ancestral que a Consciência reconhece existir, a própria Psicologia admite na concepção do eu».

Ora, não só não se demonstra de forma iniludível a transmissão hereditária das funções psíquicas, como iremos demonstrar, nós, diante dos factos paranormais, que elas não fazem parte da matéria, senão simplesmente do Espírito, e como tal não se poderiam transmitir, hereditàriamente, como certos materialistas supõem e preconizam.

Tudo aquilo que não é claramente demonstrado não passa de um axioma. E se temos que tomar esse axioma como verdade demonstrada, estamos diante de um tabo.

Podemos afirmar, com absoluta segurança, que dois átomos de hidrogénio e um de oxigénio produzem água; sabemos, sem sombra de dúvida, qual a fórmula do ácido sulfúrico; poderemos verificar que o selénio, o tório, o rádio produzem irradiações.

Com uma simples máquina de Atwood convencer-nos-emos de que «os espaços percorridos por um corpo que cai são proporcionais aos quadrados dos espaços empregados para percorrê-los».

Com outro aparelho poderemos demonstrar o princípio de Pascal, de que os líquidos transmitem integralmente e em todos os os sentidos as pressões que suportam.

A segurança dos cálculos astronómicos fica patente com a regularidade e exactidão com que os fenómenos se realizam.

É a isto que se pode chamar Ciência.

Mas afirmar que tal indivíduo herdou as elevadas qualidades intelectuais dos pais, ou não sabemos quais outras, quando os pais são uns indivíduos broncos; que os avós ainda eram mais broncos que os pais; e escapar-se dessa dificuldade com a hipótese de que a inteligência *deveria provir* de um longínquo antepassado, necessàriamente de remota tribo africana, devendo ainda esse antepassado *ter herdado* as altas qualidades intelectuais não se sabe de quem; e ficar depois de tudo isso a chasquear da ignorância alheia, é que não é muito para louvar nem admirar.

Mário Cavalcanti, no *Reencarnação,* trouxe vários exemplos de onde se poderia ver uma série de casos, em que seria impossível descobrir ou mesmo invocar a ancestralidade.

Numa reportagem do «Globo», lemos o seguinte trecho, da parte de um especialista:

«A INDIAZINHA DO PARAGUAI»

— E Rostand prossegue:

Um indivíduo humano não possui, ao nascer, qualquer vestígio do seu passado ancestral. É uma página em branco. De nenhuma maneira é favorecido ou prejudicado pelo modo de actividade dos avós. É um homem, mais nada. Um ser humano pode atingir a um nível superior de civilização, mesmo que os seus antepassados sejam pouco civilizados. A prova disso no-la fornece a observação do eminente psicólogo Heny Pieron na sua bela conferência «Do Animal ao Homem».

A tribo «guaiaquil», do Paraguai, caracteriza-se pela sua atrasada fase de civilização — civilização chamada «do mel», porquanto os membros da tribo contam, como principal recurso alimentício, com o mel das abelhas selvagens, que vão procurar no oco das árvores. Um dia, porém, exploradores encontraram, numa taba abandonada pelos guaiaquis, uma menina que, a julgar pelo aspecto, não tinha mais de dois anos. Foi recolhida pelo etnógrafo Vellard, que a entregou à sua própria mãe. Tendo sido assim educada num ambiente civilizado, a «pequena selvagem» é agora uma mulher absolutamente moderna, que fala várias línguas e realizou estudos muito adiantados de etnologia. Colabora com o pai adoptivo, com quem veio a casar-se.

Aí temos um facto capital que demonstra perfeita-

mente que um ser humano não precisa de ser sustentado por um passado hereditário» (1).

Como se vê, a dúvida não parte só de meia dúzia de pacóvios.

Declarar-se que «a aceitação da herança física implica na aceitação da herança moral» é julgar pelas aparências, e nunca as aparências tiveram vigor científico.

Diz-nos Richet:

«A sede anatómica das funções psíquicas não pode ainda ser determinada de maneira satisfatória. Apesar dos esforços dos fisiologistas não se chegou a qualquer resultado positivo».

Tratando, ainda, dessas funções, declara:

«A anatomia não pode dar mais que pobres noções fisiológicas a respeito. E a Psicologia é das ciências a que menos pode esperar esclarecimentos no que toca às pesquisas dos anatomistas.

«Seria interessante saber — pergunta ainda — em que elementos do sistema nervoso está situada a actividade psíquica. Admite-se como dogma inabalável *(on admet comme un dogme inébranlable)* que a célula nervosa é o elemento activo do sistema nervoso... Mas este axioma, universalmente admitido, teria necessidade de ser demonstrado. Pode-se alegar verosimilhança, analogias, presunções, mas a prova directa não foi feita e só as provas directas podem trazer a certeza» (2).

É precisamente isto que afirmamos; não é possível que sejamos arrastados à convicção científica, com interferências, presunções, analogias, verosimilhanças, tal como se dá na matéria em análise.

Como disse o grande fisiologista, nada têm que esperar os psicólogos das pesquisas dos anatomistas, quanto ao Psiquismo. Por este lado impossível filiá-lo à matéria.

Desta forma se manifesta o notável naturalista, psicólogo e pesquisador Karl Gruber:

«Os conhecimentos parapsicológicos demonstram que a concepção presentemente oficial de uma alma pura e simplesmente função cerebral é falsa» (3).

Golge sentia não poder arranjar uma ponte sobre o abismo que separa a matéria dos fenómenos mentais.

Sobre o pensamento nada sabemos. E se, pelo lado anatómico, nada se pode afirmar sobre faculdades mentais, o mesmo acontece quanto ao fisiológico. Ouçamos Osty:

«Esperar que cheguemos a conhecer a psicofisiologia da Metagnomia, numa época em que ignoramos a fisiologia do pensamento normal, parece uma utopia promissora de tempo perdido» (4).

Hans Driesch, da Universidade de Leipzig, referindo-se às relações entre a matéria e as faculdades do Espírito, ensina:

Nunca saberemos como a matéria pode dar nascimento ao pensamento, isto é, como a matéria pode pensar. O que pensa é a alma ou espírito. A matéria é apenas um instrumento do cérebro. São duas entidades absolutamente diversas» (5).

E assegura:

«As leis superiores da vida ligam-se à matéria, porém não dependem dela».

É muito conhecida a opinião incontestada de Bergson, a de «que a actividade mental do homem ultrapassa a sua actividade cerebral. *L'activité mentale de l'homme déborde son activité cérébrale*» (6).

Vale ainda citar os seguintes períodos do acatado autor:

Pelo Dr. CARLOS IMBASSAHY

«No trabalho do pensamento em geral, como na operação da memória, o cérebro aparece simplesmente como encarregado de imprimir ao corpo os movimentos e as atitudes que representam o que o espírito pensa ou o que as circunstâncias o convidam a pensar».

E mais adiante:

«Os fenómenos cerebrais são, com efeito, para a vida mental, o que os gestos do director da orquestra são para a sinfonia; eles desenham as articulações motoras e mais nada. Não se encontra no interior do córtice cerebral nenhuma das operações superiores do espírito» (7).

O professor Fluornoy, de Genebra, não tem absolutamente qualquer dúvida sobre o binómio corpo e espírito, e a completa separação entre ambos.

Assim é que assegura:

«O corpo e o espírito, a consciência e o movimento molecular cerebral, o facto psíquico e o facto físico, sendo simultâneos, são, entretanto, heterogéneos, díspares, irredutíveis, obstinadamente dois».

E acrescenta:

Isto é evidente por si mesmo, é axiomático. Todo o acontecimento físico, químico, fisiológico, não consiste, em última instância, para a Ciência, senão no deslocamento mais ou menos rápido de certo número de elementos materiais em uma alteração em suas

distâncias mútuas ou seus modos de agrupamento. Ora, que há de comum, pergunto, que analogia se pode perceber entre essa aproximação ou esse afastamento de massas materiais no espaço, e o facto de haver um sentimento de alegria, a lembrança de um amigo ausente, a percepção de um bico de gás, um desejo, uma vontade qualquer?

«Tudo o que podemos dizer, para ligar esses dois acontecimentos absolutamente dissemelhantes, é que eles se realizam ao mesmo tempo... É impossível conceber qualquer relação interna entre essas duas coisas diferentes» (8).

E o interessante é que, quanto mais a Ciência avança, mais complicados se tornam os problemas mentais, menos se conhece a consciência e a memória, e mais se firma a autonomia espiritual.

Quanto mais estudarmos a separação entre espírito e corpo, melhor compreenderemos as doutrinas espiritualistas modernas e mais aptos estaremos a dar de ombros com a mofa dos que se julgam especados no que aprenderam na Academia.

Perlustremos os modernissimos trabalhos de J. B. Rhîne, director do Laboratório de Parapsicologia da Universidade americana de Duke, muitos dos quais descritos no seu livro — *A Extensão do Espírito:*

«Ninguém presume saber como a consciência se produz, e não temos qualquer teoria a respeito.

«A Ciência verificou as relações entre corpo e alma, entre a conduta e o cérebro; que certas funções mentais estão ligadas a zonas específicas do cérebro, mas, por mais estranho que pareça, ninguém, até hoje, já pretendeu mostrar que a mente seja física».

Tratando da vidência, declara:

«O segundo passo que demos a fim de desafiar os conceitos estritamente materialistas da ciência ortodoxa, foi submeter à experimentação a realidade de outra manifestação psíquica, a vidência».

Na 4.ª fase das experiências procurou averiguar se os poderes da mente estavam condicionados ao tempo. E então, diz ele:

«Chegámos ao que, se realmente existe, se pode considerar o mais estranho dos poderes humanos, o da profecia».

As suas experiências, que se contam por milhares de testes, e com as quais registou as forças do Espírito, a sua personalidade independente, a sua projecção fora do corpo, levaram-no a concluir:

«O nosso problema fundamental, ou seja a natureza do homem, implica a existência da alma como sistema não físico.

Existe algo de extrafísico ou de espiritual na personalidade. A hipótese da existência da alma ficou demonstrada».

Em suma, declara o grande experimentador contemporâneo:

«As nossas pesquisas oferecem um forte indício a favor da sobrevivência. Mesmo que nunca se houvesse formulado qualquer concepção da sobrevivência, bastariam as pesquisas da ESP para que esta surgisse em nossos espíritos» (9).

A demonstração científica da sobrevivência, baseada em avultadíssimo número de experiências e proclamada por um dos mais notáveis pesquisadores que se conhecem, vem achanar o caminho para a tese a que nos propomos.

Vejamos se a Biologia nos instrui melhor e nos explica a dependência absoluta do Espírito à acção da matéria.

Hans Driesch, que escreveu especialmente sobre o assunto, informa-nos:

«Apesar do parecer de alguns sábios no Congresso de Metapsíquica Internacional, em 1927, a opinião predominante manifestou-se pela afirmação de que o ser e a vida psíquica são independentes do mecanismo físico-químico e da matéria» (10).

O professor Santoliquido, notável médico e higienista italiano, proclamava, em memorável conferência:

«A esfera da Biologia não ultrapassa o estudo da função vegetativa do corpo humano.

A Psicologia é o estudo das sensações, das lembranças, dos sentimentos, da vontade, das ideias, dos diferentes processos mentais, porém nenhum psicólogo autorizado e profundo ousará dizer que, com o enorme auxílio dos laboratórios e dos clínicos, pôde penetrar além da superfície de fenomenologia do pensamento» (11).

E Osty acrescenta:

«Parece que os biologistas estão muito longe de se entenderem sobre o processo da vida mental. Tenhamos, apenas, como certo, que não se sabe quase nada do jogo orgânico pelo qual essa vida mental se conhece, e absolutamente nada sobre a natureza do pensamento» (12).

Para o célebre biologista Loeb, o papel das células nervosas é muito diferente do que lhe confere o estudo clássico. A explicação histológica dos processos mentais é tão ilusória como seria acreditarmos conhecer o que se passa numa rede eléctrica ao simples aspecto exterior.

Para ele as células nervosas não teriam outro fim que o de nutrir as fibras. Falar de centros nervosos, de coordenação, de associação, lhe parece ridículo.

É bem de ver que estamos, por enquanto, preparando o terreno para a demonstração que temos em vista, a de que a Ciência não pode explicar a hereditariedade psíquica e

muito menos prová-la. O primeiro degrau é este que estamos franqueando, e que consiste em mostrar que nada se conhece dos processos mentais; que é falsa a afirmativa de que a vida psíquica está indissolùvelmente ligada à vida física; queremos mostrar, antes do mais, que o espírito não participa da matéria, a que está sujeito apenas temporàriamente, mas da qual é independente; que essa independência é manifesta, mesmo na vida orgânica.

E se nada se conhece daqueles processos, se o «ser e a vida psíquica independem da matéria», se a Ciência não explica a vida do Espírito, se dele pouco ou mesmo nada sabe, como assegurar-se que aquilo que muito longe está de ser matéria pode transmitir-se materialmente?

Iremos, agora, estudar a memória e veremos, do mesmo passo, que se trata de outro fenómeno desnorteante e misterioso.

Nada se sabe, pois, da vida do Espírito; nada se percebe sobre a memória, nem como se conserva, apesar da destruição constante das células, das alterações frequentes do organismo, através das incessantes transformações que experimenta, mediante a assimilação e a desassimilação.

E o caso é tanto mais sugestivo, quanto se tem notado que alterações anatómicas do cérebro, tantas vezes verificadas na autópsia, não implicaram a supressão de suas manifestações.

Pois bem; apesar da ignorância que mantemos a respeito da memória, logo se declara, com sugestionante ênfase, que a Ciência provou que as aquisições do passado é que formam o homem actual, pensante, raciocinante, inteligente.

Quando afirmamos que o nosso conhecimento, muitas vezes rápido, espontâneo, miraculoso provém do que o Espírito aprendeu no passado, logo nos falam na memória transmitida através dos genes.

Iremos analisar a ousadia dessa afirmação, quando ainda estamos tão às escuras em torno da memória e da sua persistência.

Veremos que essa função faz parte do Espírito, e ele está sob as contingências da matéria, como o prisioneiro sob as ordens do carcereiro ou sob a influência do cárcere.

A memória ancestral não poderia explicar o estado actual de nossa consciência.

Estudaremos os diversos aspectos da vida do Espírito, a fim de provar que ele tem a sua órbita própria, que é diferente do corpo, nos termos da proposição de Fluornoy; enfim, ficará patente a sua homogeneidade, a sua individualidade, a sua independência, a sua imortalidade, a sua sobrevivência.

Esses predicados o desligam da matéria e tornam impossível fazer-nos acreditar que as suas funções se transmitam hereditàriamente pelo corpo, tanto mais quanto as vemos exercerem-se fora do corpo, à distância do corpo, apesar das deficiências do corpo e sem o corpo.

A superioridade com que os Mestres nos falam da hereditariedade psíquica, metendo à bulha os pobres mortais que teimam em não os reconhecer como a última palavra da Sabedoria e da Verdade, neste ponto, faz-nos lembrar um tópico de Osty, o afamado neurologista francês:

Dizia ele:

«Se a nobre missão de ensinar aumenta a precisão e a segurança dos conhecimentos, no Professor ela se torna nocivamente contra ele. Pela repetição, concepções instáveis tomam, cada vez que são reditas, um pouco mais de aderência. Em pouco se tornam ideias familiares, hábitos mentais quasse irredutíveis. Uma só lei rege o espírito do Professor, o do impostor, que à força de contar factos imaginários, chega à convicção de que os realizou» (12).

Trata-se de uma impostura inconsciente, é bem de ver.

Em suma, teremos a tarefa, mormente quando se trata de convencer cristãos, de mostrar que o que vem da carne é carne e do espírito é espírito, conforme se lê no capítulo 3.º, de João.

(Da SEPE, de Niterói, Brasil)

---

(1) «O Globo», 10-3-954.
(2) Charles Richet — *Essai de Psychologie générale*. 1919, págs. 33-34.
(3) Kar Gruber — *Parapsychologische Erkenntnisse*. Munique, 1925.
(4) Dr. Eugène Osty — *Psico-Physiologie Expérimentale. Rev. Mét. 1925*. Pág. 165.
(5) *Hans Driesch — Révue Métapsychique*, 1928. pág. 390.
(6) Henri Bergson — *L'Énergie Spirituelle*, 52° édition, 1949. Pág. 27.
(7) Henri Bergson. *Obr. cit.* Pág. 75.
(8) Teodoro Fluornoy — *Metaphysique et Psychologie. Genebra*. 1890. Pág. 17.
(9) J. B. Rhine — *The Reach of the Mind*. — Nova York, 1947.
(10) Hans Driesch — *Biologia e Metapsiquica*.
(11) Dr. Roco Santoliquido. Conferência em Génova. 5 de Maio de 1928.
(12) Dr. Eugène Osty — *Révue Métapsychique*. 1929. Pág. 102.
(13) E. Osty — *Psico-Physiologie Expérimentale*. 1925. Pág. 165.

NEBULO

Transcreve-se o capítulo de um r

O nebuloso é o incerto. Rodeia os seres, rodeia as coisas, espécie de muralha a delimitar o círculo de cada qual. É maior ou menor, segundo a evolução do ser. Semelha um varandim debruçado no abismo.

Seja qual for a posição do espírito, o debruçamento é necessário. O que se conhece é aquisição, é património adquirido. Não suscita curiosidade. Mas o nebuloso, não. Esse é um polo magnético, cuja atracção progressiva acaba por dominar.

O que os olhos vêem é realidade. Tem mais ou menos nitidez, contorno e perspectiva, embora tudo seja aparente... Os sentidos confinam a coisa no seu espaço. Aí não há nebulosidade, imprecisão, dúvida. Há delineamento característico, aspecto provável de custosa demonstração.

O relativo da percepção conduz à nebulosidade. É neste princípio que a perspectiva se baseia. Pode aplicar-se aos sentidos humanos e aos sentidos espirituais. Quando a organização evolver, o campo visual ou auditivo será maior. Não aplicais instrumentos ópticos à análise do grande e do pequeno? Não «aproximais» ou «afastais» o objecto de observação? Aproximam-na ou distanciam-na em amplificação ou redução sem lhe alterar o aspecto. É a imagem exacta reflectida em proporções variáveis.

A nebulosidade espiritual baseia-se nas mesmas leis, cuja extensão compreende o ilimitado das situações morais. Seja qual for a elevação, há sempre nebulosidade. As dúvidas que aí tinha continuam, de certo modo, a acicatar-me. Há contornos esbatidos, mas novas sombras se formaram e que se esbaterão também noutro passo do espírito.

A nebulosidade enfraquece a confiança. Que estará para lá do esboço? Homem ou alma, meditarão no problema e tentarão resolvê-lo.

O cosmos encerra tudo em estado concreto. A ciência limita, secciona, esclarece o que está oculto. Não cria coisa alguma. O seu esforço é empírico. As chamadas leis em que assenta o labor são humanas e portanto variáveis e efêmeras, adequadas a cada grau de conhecimento. Algumas há mais consistentes, que duram séculos de pesquisa. Mas essas também se modificam num ou noutro aspecto, à medida que se avança. Assim, todo o trabalho da humanidade consiste em descobrir, espancando a nebulosidade, alargando a visão ou a audição.

A morte do corpo libertou-me. Abandonei o cárcere, expandi-me em todos os sentidos e fixei-me em limites novos de percepção. Mas a nebulosidade continua. Tenho as mesmas ânsias, os mesmos desejos de conhecer o que me vedam. E labuto incessantemente por expansão maior.

Todavia, não noto diferença do que era. Abandonei a carga que me vergava, nada mais. Sou a mesma, precisamente a mesma, sem o peso que alijei na hora da transição. E embora tudo se amplificasse em mim, não noto, repito, diferença no que vejo ou sinto. O sentimento e a aspiração ligam-se à mesma asa volejante.

O drama do destino ainda não me deixou. Continuo a sentir-me ligada a forças imponderáveis e desconhecidas. E a nebulosidade tem o mesmo atractivo, solicita-me igualmente. Sinto o pensamento a correr, a deslisar em marchas sucessivas, por caminhos vários, alguns dos quais parece que já percorri. Então, é o mesmo cenário antigo, com certas variantes.

Afinal, os mundos pouco diferem entre si. Se não mudei nas linhas gerais, se mantenho a individualidase, se vibro intensamente sem quebra de unidade, se estou junto de ti quando quero e posso, se dou intuições e sugestões com mais

SIDADE

décimo terceiro
ovo livro de LIA

facilidade, é porque a vida aqui é mais intensa e extensa.

Por isso, a nebulosidade que entrevemos é uma forma de saudosismo. Quem sabe se não teria já sido para nós motivo de alegria? À vida alarga-se para lá e para cá e os planos fixam-se como se fossem imagens sobrepostas, ou, antes, superfícies que se interpenetrassem sem perder o carácter.

Será a nebulosidade ou o linde de outro ciclo vital? É que todos nós a sentimos claramente. À medida que evolucionamos, ela altera os contornos, mas não deixa de se manter, qual abóboda incoercível a fechar o horizonte sensorial.

Os ensinamentos do Alto desvendam mistérios torturantes que aliviam o homem e lhe dão elementos para as suas conquistas. Se a ideia da morte é para ele a maior nebulosidade, a maior incerteza de toda a sua vida, o seu dever é buscar luz que ilumine esse esconso do mundo interior. Problema resolvido é caminho andado.

Ai de quem não sinta a nebulosidade! É Deus que no-la impõe como limitação necessária. A cada um, o seu ambiente próprio, o seu círculo restrito. O perímetro é o termo, para lá do qual não interferimos. No círculo é que exercemos o labor, do círculo é que irradiamos pensamento energético.

Mas o âmbito da acção difere de alma para alma. É como as ondas líquidas que se formam, quando a pedra cai na superfície de um lago. No centro se formam, alargando sucessivamente... Onde se perdem, ninguém sabe... Mergulham no insondável, é a nebulosidade que as cobre...

Outros as apreenderão com luzes maiores, assim como eu apreendo muitas coisas que aí não compreendia. Subi a escada... não admira que ampliasse o horizonte. Agora acho claro o antigo nebuloso e posso falar de coisas que não me causam apreensão.

A morte é renascimento que se processa em nebulosidade vedada ao ser, qualquer que seja a sua evolução. Não vale a pena indagar com desejo de chegar ao fim. É tudo inútil. Sentimo-nos transformados, mas ignoramos o processus. Esse pertence ao Criador; só Ele sabe o que reuniu para que o fenómeno se exercesse...

Contudo, saber o que vos digo é muito para o homem terrícola, que vive entre névoas. Ele vê e duvida do que vê. Nota que a ciência não atinge o alvo, não lhe extingue o receio, não lhe serve de apoio moral, nem de farol no oceano da vida. E fecha os olhos para esquecer e a nebulosidade surge-lhe mais pavorosa. Qual será o rumo para galgá-la ou contorná-la? Em que sentido deverá ser ordenado o esforço?...

O segredo está longe e perto. Chama-se introspecção no sentido da marcha. Vê mais quem observa sem vista meridiana, quem salta o parapeito e mergulha no interior onde o real se liga ao irreal. Aí pode meditar sem testemunhas indiscretas. A penumbra acalenta os pensadores e desenvolve a ideia. O silêncio é alavanca propulsora. Nele se forjam os grandes movimentos do progresso.

É a nebulosidade a falar, a impulsionar, sob os desígnios de Deus omnipotente e omnisciente. Onde estou — não sei se é nesse, se neste mundo — sinto a nebulosidade como vós a sentis, como tu a sentes. Quem a desbravar, resolverá o problema da morte e da sobrevivência. É preciso trabalhar sempre na resolução da incógnita.

(Recebido intuitivamente por Isidoro Duarte Santos, em 14 de Novembro de 1954)

RODOLFO VALENTINO FALA DO ALÉM

O ÍDOLO DO CINENA MUDO AJUDA A DESENVOLVER UM MÉDIUM

Por UM NOTICIARISTA DE "TWO WORLDS"

Para milhões de mulheres, Rodolfo Valentino significava romance. Mas a influência profunda que ele tem exercido na vida de um médium de voz directa — Leslie Flint — é um romance de género diferente. É a história de uma associação rara entre vivos e «mortos», entre o homem que foi uma legenda no seu tempo e o médium que se tornou seu instrumento terreno após a sua passagem.

«Eu não teria sido espirita se não fosse a influência de Valentino, disse-me Flint, embora o meu primeiro interesse pelo assunto despertasse quando li o livro «Rudy, Retrato Íntimo de Rodolfo Valentino», escrito pela sua ex-mulher, Natacha Rambova. Ela interessava-se extraordinàriamente pelo oculto e foi por seu intermédio que Valentino se dedicou ao Espiritismo e desenvolveu a sua mediunidade».

Flint disse que eles costumavam praticar escrita directa e que, por este meio, estabeleceram contacto com a mãe e irmã dele. A segunda parte do livro de Natacha é dedicada às mensagens espiritas que ela recebeu de Valentino.

DESPERTA A CURIOSIDADE

«Tinha eu cerca de 15 anos quando li aquele livro — disse o médium —. Fez despertar a minha curiosidade e comecei a assistir a reuniões espiritas. Recebia mensagens extraordinàriamente probatórias. Invariàvelmente, duas figuras me eram descritas. Uma, de um índio, era muitas vezes mencionada pelo nome; a outra, de um jovem e elegante árabe, que eu sempre tomei por um guia, embora parecesse que o seu nome nunca seria revelado.

«Numa reunião, o médium perguntou se eu conhecia alguém que se tivesse alguma vez apresentado com traje de árabe e cujas iniciais fossem R. V., acrescentando que a entidade desejava ajudar-me psìquicamente e trabalhar por meu intermédio, a fim de servir a humanidade. Eu disse-lhe que a única pessoa de quem me lembrava, cujas iniciais fossem R. V. e que se tivesse vestido como um árabe, era Rodolfo Valentino.

«Mas, porque desejaria Valentino ajudar-me? — perguntei a mim próprio. Isso não fazia sentido».

E pelo que tocava ao jovem Flint, o assunto ficaria assim arrumado. Mas, pouco tempo depois, veio da Alemanha uma carta escrita por uma mulher, dizendo que um espírito comunicante, que dizia ser Rodolfo Valentino, se havia manifestado durante uma sessão em Munique, dando o nome e endereço de Flint e pedindo que o prevenissem de que «era» ele, espírito, que tentava estabelecer contacto com o médium.

Flint ficou encantado, quando cartas posteriores da mesma origem corroboraram as revelações que os médiuns lhe tinham feito, segundo as quais Valentino pretendia usá-lo como instrumento. Com menos de 16 anos, começou a desenvolver a mediunidade num grupo familiar. Pouco tempo depois era já médium de transe e uma entidade que se dizia Valentino, falou frequentemente por seu intermédio.

INTERESSE PERDIDO

Precisamente quando as coisas progrediam satisfatòriamente, Flint, que tinha fundado uma escola de dança, perdeu completamente o interesse pelo Espiritismo. A sua carreira tornou-se o grande objectivo da sua vida. O pobre Rudy, a quem milhões de pessoas tinham adorado, era agora posto à margem. Por ironia, antes de se tornar o grande amoroso da tela, Valentino tinha sido dançarino profissional.

Mas o elo antigo permanecia. Um dia, Flint foi a uma sessão espirita e ouviu a Sr.ª Annie Johnson dar uma comunicação por meio de clarividência.

«Transmitiu-me uma mensagem — disse ele — informando-me que Valentino ia tra-

balhar por meu intermédio e que eu devia continuar a desenvolver a mediunidade. Ora isto impressionou-me vivamente, pois foi ela a primeira médium a dar-me pùblicamente o nome de Rodolfo Valentino».

Arrependido e animado de nova resolução, Flint fundou o seu próprio grupo familiar e recebeu instruções para nele instalar um *megafone*.

Depois de alguns meses de desenvolvimento, vieram os primeiros sinais de outro mundo.

Valentino foi um dos primeiros a manifestar-se. Algumas vezes falou em italiano (seu idioma natal), e outras em inglês. Parecia ter faculdades proféticas, pois muitas coisas que previu naqueles dias se cumpriram, embora tenham parecido fantásticas ao seu jovem médium. Disse a Flint que ele, médium, iria a Hollywood, permaneceria na sua casa de Beverly Hills e levaria a efeito sessões no seu próprio quarto. Em 1948, época em que a sua mediunidade de voz directa havia atraído já considerável publicidade, Flint foi convidado a ir aos Estados Unidos. Depois de promover sessões em Nova Iorque e Chicago, dirigiu-se à Califórnia.

RODOLFO VALENTINO

Poucas horas depois de chegar a Long Beach, um desconhecido chamado Lefèvre telefonou-lhe, dizendo que desejava fazer investigações psíquicas e lhe perguntava se poderia encontrar-se com ele.

PREDIÇÃO QUE SE REALIZA

Flint concordou e pediu a direcção ao desconhecido. Foi nessa altura que a predição de Rudy começou a realizar-se, pois o endereço dado era do lugar onde Valentino vivera.

Flint foi à velha casa de Valentino, onde lhe pediram que desse uma sessão. Ele aquiesceu e escolheu para o efeito uma pequena dependência do rés-do-chão, transformada em santuário.

— Talvez lhe interesse saber — disse Lefèvre — que era aqui o quarto de Rodolfo Valentino...

Desde essas sessões de Hollywood, algumas das mais famosas vedetas do cinema e do palco se têm sentado ao lado de Flint, muitas delas falando com o Valentino dos tempos idos. Uma actriz perguntou-lhe se estava lembrado onde se tinham encontrado a última vez.

—Foi em Nova Iorque — replicou Valentino sem hesitação —. Eu vi-a representar. Depois fomos a um clube nocturno.

UMA PROVA FOTOGRÁFICA

Quando uma das nossas mais famosas artistas inglesas lhe falou, no decorrer de uma sessão, Valentino recordou-lhe o tempo em que se tinham encontrado durante uma festa, numa praia de Hollywood. Nomeou ainda outros que lá tinham estado, incluindo as vedetas do cinema mudo Constance Talmadge e Pola Negri, e mencionou uma fotografia tirada nessa ocasião, em que ele aparecia sentado numa vedação.

A artista considerou isto uma prova extraordinária e disse a Flint que a fotografia era a *única existente* e se encontrava numa mala no seu apartamento de Nova Iorque.

Presentemente, Flint e Valentino estão a colaborar num livro, que nos contará a vida do grande amoroso no Além.

(*Traduziu Maria Madalena*)

BOLA DE CRISTAL
Chegou nova remessa de bolas de cristal, grande auxiliar da clarividência. Preço, incluindo instruções — 50$00

INICIAÇÃO DE ISRAEL

Por F. NORONHA

(colaboração póstuma)

Vou inserir uma passagem do abade Luís Leroy *(Philosophie Catholique de L'Histoire,* tomo I). «A posição deste país (a Palestina) indicava-o como a sede da verdadeira religião, o centro irradiante das divinas revelações. A ocidente, estende-se alongado e amplo mar que banha com as suas ondas todos os golfos da Grécia, da Espanha e da África e que, por um desvio, quase atinge as solidões setentrionais, enquanto, por lado extremo, alcança os desertos da Atlântida. A sul, outro mar se apresenta: é um braço do oceano Índico a atrair a navegação do mundo para encaminhá-la às praias da Ásia.

Na direcção de nascente, dois grandes rios, oriundos do mesmo berço de que brotou o género humano, irrigam as planícies férteis em que se imprimiram os primevos passos do homem, e, inflectindo a sul, fundem-se no potente lençol de águas que envolvem a Ásia. Em torno deste ponto brilhante, a distância desigualmente aproximadas, Menfis ergueu os seus templos, Tiro escavou os seus portos, Nínive e Babilónia construiram as suas muralhas; Corinto abrirá os seus mercados ao comércio, Atenas fundará os seus santuários das letras e das artes. Nas orlas terminais desta terra pejada de preciosas cearas de trigo e cevada, ao lado de ferozes vales em que pascem os rebanhos de Rúben, ao longo marginal do Jordão, cujos prados produzem vinho excelente, passam, perto das faldas do Líbano, sombreado na cumeada pelos cedros, as estradas opulentas que ligam o Egipto ao império Assírico e a Fenícia a Damasco».

Sob o ponto de vista da geografia física, a passagem que acabo de traduzir condensa com hábil pincelada de verdade os componentes do quadro positivo a que se reporta o escritor aludido e ministra aos leitores a sua imediata visão e pronto enquadramento.

Eis a região em que, de princípio, foram hóspedes os filhos de Abraão e de Israel e mais tarde conquistadores, abraçando processos cruéis de dizimação.

«Quando os Hebreus pisaram terra no país de Canaam, diz Hte. Passy *(Des formes de Gouvernement et des Lois qui les Regissent)* tiveram que combater 31 reis, que vieram em armas ao seu encontro».

II

«Partiu da Caldeia (referência a Abraão) ignorando o seu destino, diz Lhomond *(Histoire de Abrégée de la Religion)*. Iam com ele Faré, seu pai, Sara, sua mulher, Lot, seu sobrinho». E prossegue: «Guiou-os Deus à terra de Canaam, assim chamada por ser habitada pelos descendentes de Canaam, filho de Hohmam».

Maspero, citando a Bíblia, diz que esta informa haver uma família de origem semita abandonado Urna Caldeia, sob o mando do lendário Taré, e que tendo acampado na margem esquerda do rio, perto de Haran, na Mesopotânia, em breve transpuzera o Eufrates com Abrão ou Abraão e atravessara a Síria em todo o comprimento, de norte a sul» e, continua:

«O pessoal de Abrão, fixado após muitas aventuras, nos arredores de Hiriat-Arba, haveria daqui desandado para a região Cananeia. Parte dele passaria o Jordão, dando origem às tribos de Moab e de Amon; outra parte entranhar-se-ia no deserto meridional, onde se confundiria com os Edomitas. O restante adoptaria o classificativo de Filhos de Israel, e, depois de passear por muito tempo as suas tendas através das planícies e dos montes de Canaan, encaminhar-se-ia ao Egipto, com os haveres da tribo».

JOSÉ DO EGIPTO E A ESCADA DE JACOB

É de Abraão que procede, por seu filho Isaac, para quem ele mandou à Mesopotânia «procurar uma mulher que não atraísse a indignação de Deus (Royaumont-*Histoire de la Sainte Bible*) — Jacob.

«Segundo a lenda, diz Maspero, o patriarca Jacob tinha doze filhos. O mais moço, José, odiado pelos irmãos, ciosos da predilecção que lhe votara seu pais, foi vendido por estes a um grupo de mercadores que se dirigiam para o Egipto e fizeram acreditar ao desolado progenitor que uma fera o devorara; mas o Eterno estava com José e não o desamparava. Comprado àqueles mercadores, por um dos grandes oficiais da coroa, depressa ascendeu a intendente do amo e a primeiro ministro de Faraó».

De Jacob, que em sonhos tem a visão da famosa escada, cuja base assenta na terra e o cimo se perde nas nuvens, de onde lhe fala o Altíssimo, anunciando-lhe uma posteridade que abarcará de oriente a ocidente, de norte a sul, em que serão abençoadas todas as gentes, prometendo-lhe defendê-lo em toda a parte, de Jacob proveio aos Judeus a designação de Israel, que o hebreu J. Salvador assim definiu no tomo 2.º da sua *Histoire des Institutions de Moise et du Peuple Hébreu:* «À beira da torrente (refere-se o autor à torrente ou vau de Jaboque) e durante o escuro da noite, Jacob luta, em visão, com um anjo de Deus. Aguenta-se firme. O anjo não consegue abatê-lo. Pela madrugada é este quem pede graça. «Deixa-me». «Não», responde Jacob, antes disso, é necessário que me abençoes. — O teu nome — Jacob — Não mais te chamarás Jacob, mas Israel», isto é, justo e forte, a força não pelo arco e o gládio de Ismael e de Esaú, mas pela justiça...»;

Uma crise de fome, em Canaam, conduz alguns dos irmãos de José à fartura do Egipto, para se proverem e ao velho pai que os aguarda.

Verifica-se o reconhecimento e congraçamento fraternal e, em suma, pela índole generosa e por intermédio daquele, não só os seus ingratos vendedores de outrora volvem ao lar do berço saciados e providos, mas é chamada ao país do Nilo a família inteira do patriarca, ali acolhida com consenso de habitabilidade e propriedade permanentes, em condições de quase autonomia.

Ao tempo, regiam o Egipto dinastias intrusas que o haviam invadido e submetido, provindas da outra margem do mar Vermelho e semitas, como a gente hebreia.

Prosperou esta largamente em sua

nova morada, multiplicando-se outrossim; mas «não há bem que sempre dure»; recuperado o poder pela descendência egípcia, os dinastas antecedentes abriram-se dias de provação para os judeus, num dos quais o instinto de certa mãe, para poupar o filho nascituro a éditos de morte, em cesto de junco o coloca em ponto de celebérrimo rio em que princesa, filha do rei faraónico, costumava banhar-se.

O ÊXODO MOSAICO E AS GUERRAS DA PALESTINA

E, desafiando assim a curiosidade feminil, querendo saber e ver o que o cesto continha, viu o filhinho salvo das águas, levado pela princesa, pressurosa, para o próprio palácio real, onde se cria, educa e se lhe ministra toda a alta cultura científica dos egípcios.

Moisés se chama; o país sofre o açoite de revoluções; os seus irmãos de raça experimentam mais e mais violências e maus tratos. Ele, que os defende e lhes advoga a causa de razão, acorda-lhes o ânimo e a vontade, sentindo-se completamente aceito.

Num outro dia, todo Israel em massa, chefiado por Moisés, abala do Egipto e alcança a Ásia, entranhando-se no deserto.

Aqui, mostra-se o cenário do Sinai, Moisés é dador do *Decálogo* ao seu povo migrante e autor do *Pentateuco,* ou sejam *Génesis,* livro das origens, *Êxodo,* livro da saída do Egipto, *Levítico,* livro do culto, *Números,* livro relativo aos anos de viagem no deserto e censo; *Deuteronómio,* livro do que ocorreu no deserto no último ano e recapitulação dos preceitos mosaicos.

Do deserto saem para a conquista de Canaam, a distribuir pelas tribos provenientes da prole de Jacob. Moisés desaparece antes de realizada essa conquista, que Josué, seu sucessor, inaugura com a tomada de Jericó.

Maspero, meu dilecto guia na Idade Antiga, como idoneidade preclarissima e tanto arguto quanto criterioso esmerilador e escalpelizador de factos, não calando coisa alguma, tradicional e lendária, acerca da história de José e sua família, estabelecidos no Egipto, diz, peremptòriamente:

«Um único facto é de reter, nesta narrativa: um bando de Hebreus, cansado de sua condição, aproveitou-se da desordem para evadir-se e refugiar-se no deserto».

Após semelhante êxodo e, porventura, ao cabo de dezenas de anos de divagação no ermo, Israel domina Canaam mercê da força; dá-lhe foros de nacionalidade e Estado independente, sob diversos magistraturas e deriva para a realeza, que assume brilho inolvidável com David e faustoso explendor ou auge sem paralelo com Salomão; mas, na descendência do solucionador ardiloso da contenda entre as duas mães, uma das quais disputa à outra o filho vivo que arteiramente substituira pelo filho morto, nessa descendência surgem motivos de conflito, produzindo desagregamento político de dualidade estadual, em que são capitais, num deles, Jerusalém e no outro, sucessivamente, Siquem, Tersa e Samaria. Israel declina, enfraquecido e mais o enfraquecem lutas intestinas e com estrangeiros, nas mãos de quem acabam ambos os Estados, primeiro Samaria, talado por Sargão, imperante assírico, depois o outro, denominado Judá, aniquilado pelos babilónios que lhe englobaram o território no seu próprio, retendo-lhe a população no célebre *cativeiro dos setenta anos.*

Liberta-a o grande Ciro, fundador do império persa, regressa à Palestina, consegue autonomia momentânea dos judeus, aproveitam os persas um pretexto que se lhes oferece para reduzi-los, somem-se nas satrapias dos vencedores até assomar o macedónico Alexandre, com os gregos, que, em marcha triunfal veloz e em três batalhas retumbantes, varre inteiramente, na pessoa de Dario Codomano, último dos sucessores do primeiro Ciro, o poderio persa, rendendo-se esmagado. Cabe então aos Judeus a supremacia de Alexandre, mas por seu falecimento, perpassando pela governação de Laomedonte, um dos generais do macedónio, e dos soberanos egípcios e sírios, logrando ainda com os famigerados macabeudistas de casa própria, descamba na rede absorvente dos romanos, juntando a Palestina como província conquistada, ao seu património.

Vespasiano e Tito redigem-lhe o epitáfio com as garras das águias das legiões ovantes, que talvez fugissem estonteadas, se tivessem o discernimento e a consciência deste espectáculo, presenceado entre os sitiados de Jerusalém, que a pena de Champagny *(Rome et la Judée au temps de la chute de Neron)* descreve assim:

«Seguidamente a haver-se tentado comer o couro dos escudos ensaiou-se, como alimento, feno seco. Os militares que giravam pela cidade, raivosos como cães, conforme a expressão de Josefo e do Salmista, entravam nas mesmas casas, duas e três vezes em cada hora, para remexê-las. Rebuscavam até os moribundos, imaginando que a sua agonia era fingida e que eles ocultavam géneros alimentícios debaixo da roupa. Em breve não foi poupada a carne humana. Uma certa Maria, filha de Eleanor, mulher que gozara de opulência, desvairada pela fome, matou o filho que amamentava, fê-lo cozer e comeu-lhe um pedaço. Quando os patriotas armados, atraídos pelo cheiro, lhe invadiram a residência, mostrou-lhes o cozinhado e ofereceu-lhes friamente uma parte».

Tal o extremo horroroso da fome, que é sempre negra!

Adriano, um dos imperadores da família Antonina, sufocou uma revolta dos Judeus, votados ao ostracismo duro, sem pátria. As terras da Palestina vieram a cair nas mãos e posse de adoradores de Alah, os muçulmanos, cujo tronco ascendente, Ismael, hebreu é, como filho de Abraão e de Agar.

«Felizmente, diz José de Arriaga *(As Civilizações do Oriente)* deparamos com uma história toda isenta de mitos, de fábulas, de símbolos, que obscurecem inteiramente a história dos demais povos da antiguidade; e de que se abusou em excesso. A história dos judeus encontra-se, é verdade, envolvida no sobrenatural e divino, como as histórias dos povos antigos; mas foi escrita com a máxima simplicidade e clareza. Derrama muita luz sobre a história obscurecida dos outros povos. Os hebreus apresentam-se visivelmente nos três estados: patriarcal, teocrático e monárquico. Como povos nómadas e pastores por muitos séculos, foram dos que mantiveram, por mais tempo, os primitivos costumes. Eles, os assírios e os árabes, representam fielmente o tipo semita. Vieram de além do Heber estabelecer-se na Mesopotâmia, onde viveram em comunidade com os assírios, seus irmãos de origem.

Provàvelmente como estes e seguindo atrás deles, partiram da Arábia, o berço, segundo nós, da raça semita. São um dos ramos semitas mais característicos. Povo supersticioso, fanático mesmo, visionário, duro e cruel. Tinha muito apego à vida nómada e de pastor. Era dado a visões e a sonhos, como os povos primitivos, de quem recebera essa herança, que manteve toda a sua vida. Preocupava-se muito com o mundo dos espíritos. Apesar da sua imaginação exaltada, este povo não possuía grandes aptidões para a poesia, para as ciências, para as belas artes, para as indústrias e para

a vida política. Era pouco inclinado à cultura do espírito. Dominava-o completamente o sentimento religioso, sendo o mais fanático e intolerante dos semitas. Era um povo intratável, altivo e soberbo, vivendo só de si para si, ou não querendo contacto com os mais povos. Ao mesmo tempo religioso e avaro de riquezas como o assírio. A vida nómada, a que se entregou tantos séculos, agravou ainda mais as suas poucas aptidões para as indústrias, artes e ofícios, próprios da vida sedentária. Semita de raça, repugnava-lhe a vida política e colectiva ou social, a que se mostrava indiferente. Não possuía por isso a ciência de bem governar, ou do Estado. Sem individualidade e independência própria, preferia entregar-se nas mãos de outrem, a viver sobre si mesmo. Não sendo agricultor, industrial, poeta, artista, e não se inclinando para as ciências, letras e belas-artes, o que mais o preocupava era a religião, de que só alimentava seu espírito. Nenhum outro assunto tinha para ele mais interesse, a não ser o de adquirir fortuna à custa de outrem, e por meio de usura. O seu maior prazer é acumular nos seus cofres muito dinheiro, jóias e alfaias. O gozo das ciências, das letras, das belas-artes, da agricultura e das indústrias, são para o judeu prazeres secundários. O objectivo principal do trabalho do judeu é a acumulação de capitais; por toda a parte são os primeiros capitalistas do mundo e os primeiros jogadores da Bolsa».

Abro aqui um parêntesis:

A Bíblia, no Antigo Testamento, em que figuram na primeira linha os cinco livros do *Pentateuco*, abrange livros de história pròpriamente dita: *Juízes, Samuel, Reis, Profetas;* políticos e de discussão: *Daniel; Ester, Macabeus, Ruth;* de carácter filosófico: *Job, Provérbios, Exclesiastes;* líricos: *Salmos, Lamentações* e o admirável *Cântico dos Cânticos,* que o professor falecido Zoofimo Consiglieri Pedroso classificou com rigor de lógica e sã justiça, como «a peça talvez mais mimosa no seu género, que nos legou toda a antiguidade oriental».

Em todas as elaborações mencionadas paira espiritualidade e a concepção do Deus único, criador do todo existente, universal.

É certo que as vicissitudes que o povo israelita arrosta e os contactos com crentes de politeísmo quebra por vezes o seu fervor religioso. Não perdeu, porém, até hoje, o sentido monoteísta, mesmo empolgado e deliciado com o mágico cintilar do oiro feiticeiro. Fecho o parêntesis, para continuar, a propósito:

«A influência da religião judaica, diz o ilustre italiano Paulo Mantegazza, rematando o cap. 5.º do interessante livro *Os Caracteres Humanos*, sobre o carácter, é benéfico, porque estreita nos vínculos dum ardente altruísmo, os perseguidos da sorte, exacerbando ao mesmo tempo, porém, a crisofilia e a caça ao ouro. Mas hoje os ritos maometanos vão-se corroendo sob a asa do tempo que tudo aplana e enferruja, e o judaísmo tende a transformar-se numa poderosa maçonaria, que perdurará ainda muito tempo, mesmo depois de tantos matrimónios promíscuos e mesmo quando a circuncisão e o pão ázimo não forem já mais que uma longínqua recordação do passado».

*

É tempo de concluir. Demasiado extenso me confesso, e já quiçá desviando-me do assunto nas linhas que imediatamente precedem. Os leitores, por certo, serão indulgentes e muito lho agradeço destas colunas.

A circuncisão não é exclusiva de Israel. Acto material, operação física simples, pratica-se, sem ideia de pacto, testemunho de aliança perpétua entre o lendário Abraão e Deus, fora da raça hebraica. «Quoi qu'il en soit, la pratique de la circoncision, diz Letourneau *(La Sociologie d'après L'Étnographie)* se reencontre aussi dans des pays bien divers», e patenteia-o com argumento de provas.

A Iniciação de Israel, autêntica e incontestável, espírito e verdade, está e consiste, essencial e substancialmente, na *Lei*, no *Nome* único, *Jeovah*, qual o do Egipto, sem divindades inferiores ou subalternas, sem divindades imateriais, irrepresentável objectivamente.

O *Decálogo*, cujo conteúdo versicular compreende a poeência infinita na ética modalidade, manancial puro de água viva para todas as pátrias, todas as línguas e todas as cores epidérmicas, aliás cinge-se a enunciado brevíssimo: *amar a Deus preferente a tudo e ao próximo como a nós mesmos.*

Isto, independentemente do verbo de Jesus, que não destrói a *Lei* mas lhe dá cumprimento e deixa aos discípulos emocionados, como herança magnífica, o categórico e formoso «ut dilegatis invicem sicut dilexi vos».

VAI, PEREGRINO AUDAZ!

Ao Isidoro Duarte Santos

O coração aberto, a fronte erguida,
O passo firme, a directriz segura,
A alma espartana, por que recta e pura,
Muita simplicidade em toda vida,

Vencerás, ou com o vento da amargura
Ou com a brisa da glória apetecida!
E levarás, na luta, de vencida,
Os inimigos teus, por mais que dura

Te seja a vida. E tu serás modelo
E padrão de moral, vergonha e zelo,
Qualquer que seja a profissão que abraces...

E que tua presença a tudo anime,
E uma nota agucíssima e sublime
Fique por onde passes!

LEOPOLDO MACHADO

A Senhora Benavides em Lisboa

Por ANTÓNIO CARDOSO

A Sr.ª D. Elodia Cástol de Benavides é hoje — posso afirmá-lo sem receio de exagerar — um alto valor do Espiritismo Moderno. Como já tive ocasião de contar num dos números anteriores, ela conseguiu romper com todas as superstições e sectarismos em que estava envolvido o Espiritismo Mexicano e fazer qualquer coisa de novo, qualquer coisa de mais elevado — o *Instituto Mexicano de Parapsicologia* — no qual ocupa presentemente o lugar de Vice-Presidente e Secretário. Aí se realizam experiências da maior transcendência — materializações e «apports» — numa demonstração eloquente de que não há impossíveis, quando se está animado de uma vontade que não conhece limites.

Mas Madame Benavides não quis ficar por ali. Desejou ir mais longe! E com um dinamismo que muitos homens não possuem, foi até à América, deu *um salto* à Inglaterra, em seguida percorreu a Holanda, Bélgica, França, Itália, Suíça, Espanha e... finalmente Portugal. Em cada país, em cada cidade onde ia, tentava imediatamente pôr-se em contacto com os principais dirigentes do movimento espirita e metapsíquico, bem como com as principais médiuns com as quais realizava diversas experiências. Foi uma longa e ingrata viagem — durante a qual, a Sr.ª D. Elodia Benavides tentou colher o maior número possível de conhecimentos acerca do movimento espirita americano e europeu, tentou — e conseguiu — realizar dezenas e dezenas de experiências com os mais famosos médiuns, para que ao regressar ao seu país, pudesse dar aos seus irmãos mexicanos uma ideia clara do Espiritismo nos lugares que visitou e, bem assim, melhorar com novas directrizes o seu *Instituto de Parapsicologia*.

Na Holanda, representou o México no Congresso Internacional de Espiritismo e fê-lo de uma forma que só serviu para confirmar os seus dotes de inteligência e cultura. Foi aí que tive o prazer de a conhecer pessoalmente, e, como já tive ocasião de dizer nestas páginas, das suas primeiras palavras, *vi* que estava diante de um VALOR, do qual o Espiritismo muito teria a esperar. Nos últimos dias do Congresso, pedi-lhe que ao regressar à sua pátria passasse por Lisboa, para que todos pudéssemos escutar o seu verbo fluente, para que, maravilhados, pudessemos servir de seus próprios lábios o relato das suas experiências, algumas verdadeiramente assombrosas. Madame Benavides disse-me que teria grande prazer em conhecer Portugal e os nossos irmãos portugueses.

ELODIA CÁSTOL DE BENAVIDES

E assim, na noite de 5 de Novembro, fui agradàvelmente surpreendido, quando vi entrar em minha casa a S.ª D. Elodia Benavides, que chegara, havia momentos, de Madrid. Nessa mesma noite estivemos conversando até perto das 2 horas, contando-me as suas experiências após o Congresso, fenómenos de que eu ainda não tinha conhecimento.

No dia seguinte, domingo, realizava eu uma conferência no Instituto Espiritualista Português. Imediatamente avisei os directores das 3 principais sociedades espiritas de Lisboa da permanência da Sr.ª D. Benavides entre nós, dizendo-lhes que nessa tarde a minha conferência seria substituida por uma outra, realizada pela delegada mexicana.

Ainda nessa manhã estiveram em minha casa a Sr.ª D. Ivone de Sousa e o Sr. Ângelo da Costa Cabral — presidente da Ordem Esotérica Iniciática — a apresentar cumprimentos a esta ilustre visitante.

O Sr. Costa Cabral ouviu com grande interesse a descrição de algumas sessões a que a Sr.ª D. Benavides assistiu, dizendo que elas eram de valor indiscutível e sugerindo até que deviam ser publicadas em livro, pois tinha a certeza de que tal obra teria um êxito invulgar, não só no meio espirita, como profano.

À tarde, pelas 17 horas, no Instituto Espiritualista Português, durante 2 horas a Sr.ª D. Elodia Benavides deliciou a assistência com o relato do muito que viu e ouviu na sua longa jornada. Nessa memorável conferência estavam representadas algumas agremiações congéneres.

Como já disse, durante 2 horas, todos escutaram com vivo interesse as suas palavras. Relatou as sessões a que assistiu no Acampamento Espirita Americano de Chesterfield, onde as entidades materializadas eram às dezenas e onde todos os presentes tinham amigos do Além que os vinham saudar. Contou que asistira a experiências de impressões de imagens sobre pedaços de tela, que cada um dos presentes segurava, mostrando a cada um o

que lhe pertencia. Contou também que numa sessão os presentes deitavam bilhetes (do tamanho dos bilhetes-postais), sem nada escrito, para um cesto, que se cobria em seguida de pétalas variegadas.

Passados minutos, todos os bilhetes estavam escritos com mensagens para muitos dos presentes, missivas que tinham sido escritas por entidades espirituais, servindo-se das pétalas que, no final, apareciam descoradas.

Na Inglaterra, disse ela, os médiuns são controlados com todo o rigor, chegando alguns a ser preparados 5 anos antes de se apresentarem em público. Mas desgraçado daquele que seja depois apanhado em fraude; é imediatamente riscado da lista dos MÉDIUNS e, quando isto acontece, não mais é considerado como tal. Embora o Espiritismo na Inglaterra seja apelidado de Religioso não no é na acepção da palavra, pois esse termo foi introduzido para que pudesse ter apoio oficial, como sucede actualmente nesse país. Contou as suas experiências na Bélgica com Madame Desjardins, médium de materialização e «apports», na Itália, na Suíça e em França, descrevendo-nos os admiráveis institutos científicos do Dr. Müller (Suíça) e Cazzamalli (Itália). Em Paris conferenciou com o Dr. Warcollier, director do Instituto Metapsíquico Internacional.

No final a Sr.ª D. Benavides foi muito aplaudida e cumprimentada pela numerosa assistência.

Nessa noite, depois de jantarmos, estivemos no *Centro Espiritualista Luz e Amor*, onde foi recebida pelo seu Presidente, o Sr. Isidoro Duarte Santos e sua Esposa, que em nome de Centro e da revista *Estudos Psíquicos* lhe apresentaram fraternais saudações. Durante mais de 3 horas, a S.ª D. Benavides esteve no *Luz e Amor*, numa animada conversa com o seu director.

No dia seguinte, por amável convite de Isidoro Duarte Santos, demos, com a senhora Benavides, uma volta à capital e arredores, para que pudesse fazer uma ideia da nossa paisagem. Acompanhou-nos nesse magnífico passeio a esposa do nosso director.

Às 18 horas, do Aeroporto um avião partia levando a bordo a Sr.ª Benavides, enquanto em terra, eu, Isidoro Duarte Santos e D. Ivone de Sousa, ficámos a recordar os agradáveis momentos que tínhamos passado com essa Irmã.

De regresso a casa, uma ponta de saudade nos enchia de vibrações harmoniosas.

Solilóquio

por MANUEL CAVACO

Eu creio: a divulgação da lei de causalidade, nos seus múltiplos e variados aspectos, produziria benéficos efeitos na vida de relação social.

O conhecimento da causalidade induziria cada indivíduo a melhorar o seu procedimento ponderando os seus actos e pautando as suas acções por uma correcção indefectível, de modo que os seus efeitos e consequências fossem sempre benéficos; isto é, na certeza consciencial de que os efeitos e consequências das suas acções seriam de igual natureza, visto que — por força da lei de causalidade — os efeitos são da mesma natureza das suas causas; e como, no procedimento de cada indivíduo, se fundamenta a sua evolução, ela será — por efeito causal — cada vez mais progressiva naquela medida em que o procedimento de cada um tenha sido mais correcto.

O mérito e demérito são expressões claras da causalidade; como diz o vulgo: — «a ração é para quem a merece». O mérito das coisas, é relativo à qualidade da função delas; o mérito das pessoas é relativo à qualidade do procedimento de cada uma; assim o confirma aquele preceito do Cristianismo: — «a cada um conforme as suas obras».

Os evangelhos do Cristianismo constituem o mais elevado padrão de conduta moral e espiritual, e dão clara confirmação da lei de causalidade.

Sucedendo a cada um conforme as suas obras, se elas forem dignas e valorosas, também as suas consequências serão dignas e valorosas, porquanto: os efeitos são de igual natureza das suas causas.

Na vida singela, o procedimento correcto de dirigentes e dirigidos estabeleceria uma harmonia indefectível cujos resultados — por efeito causal — produziriam um estado social verdadeiramente pacífico, ordeiro, propício a uma evolução cada vez mais progressiva.

A lei de causalidade patenteia-se em todos os movimentos, nos menores movimentos da vida em geral; até os aspctos estáticos são efeitos causais; tudo é movimento na constante transformação dos elementos da Natureza com toda a sua sequência de causa e efeito.

Sem dúvida: é na vida de relação social que se observa melhor a causalidade; um passo em falso, uma acção imprudente, um procedimento incorrecto produzem sempre efeitos nefastos; rigorosamente: é por efeito causal que as más palavras são como pedradas; é na vida de relação social que a correcção de procedimento poderia estabelecer e conservar aquela harmonia propícia ao verdadeiro amor fraternal.

PORTO, 20-11-54.

UMA FESTA INFANTIL

O Grupo de Protecção às crianças do Centro Espiritualista Luz e Amor distribuiu vestuário e calçado a muitos protegidos

No dia 24 de Dezembro, às 15 horas, no Centro Espiritualista Luz e Amor, principiou uma festa infantil cheia de ternura, que devia durar a tarde inteira e dulcificar as almas que a ela assistiam.

Como complemento da distribuição de donativos que na véspera se realizara, o Grupo de Protecção às Crianças vestiu e calçou algumas dezenas de crianças que se dirigiram à nossa agremiação, acompanhadas de suas mães, de pessoas de família ou de amigos e que davam uma nota alacre, apesar da sua modesta apresentação de vestuário.

A sala de conferências estava engalanada para o efeito, vendo-se sobre as mesas grande profusão de doces, guloseimas e brinquedos, que iriam alegrar a petizada.

Um aspecto da festa infantil no Centro Espiritualista Luz e Amor, vendo-se algumas das crianças contempladas

Além de muitos sócios que quiseram presenciar a reunião, estavam presentes alguns directores do Centro e as senhoras que trabalham no Grupo e o animam com sua vontade e entusiasmo crescente. Não vale a pena mencionar seus nomes. O esforço que dispendem é verdadeiramente notável, embora poucos o avaliem na sua grandeza. Labor de alto significado altruista, não há para ele palavras suficientes, porque todo o louvor seria pequeno para quem tanto faz em prol da miséria alheia.

A missão destas «abelhas» de serviço permanente estende-se pelo ano afora na distribuição de enxovais a mancheias. A quadra do Natal tem, porém, carácter diferente pelo significado tradicional do momento e por isso lhe damos o relevo que merece.

Em certa altura, a sr.ª D. Ivone de Sousa dirigiu-se à assistência e falou dos «bodos» habituais considerados caridosos, mas que reflectem às vezes exibicionismos de vaidade incompatíveis com a solidariedade espírita, que é um rasgo generoso emanado da grande cadeia do Amor Universal.

— O amor feito ternura — acrescentou — é nesta época consagrado ao Mestre em homenagem ao que Ele exemplificou, quando chamou as criancinhas. Pudéssemos nós tê-las sempre junto de nós para as proteger e ensinar-lhes a beleza luminosa que encerra o Espiritismo!...

Referiu-se depois ao Brasil e às suas escolas, orfanatos e hospitais, lembrando a arregimentação da mocidade sob o prisma evangélico-espírita e afirmando que a palavra fraternidade é luz suave cujo calor se derrama em todos os que sofrem. Por isso se congratulava com esta festa, acabando por dizer que a obra do Grupo de Protecção às Crianças merecia os mais calorosos aplausos.

Em seguida, a nossa colaboradora D. Natália Baptista leu um lindo conto infantil de sua autoria, terminando a reunião com belas canções de Natal que foram ouvidas com vibração por todos os presentes.

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

(Continuação da pág. 368)

Peças de vestuário — De «Quatro Confrades de Évora», recebemos 18 artísticas peças de malha que muito apreciámos e melhor apreciadas serão pelos felizes contemplados. Àqueles amigos agradecemos vivamente a sua lembrança.

Também outros amigos nos enviaram vestuário e calçado com destino aos necessitados. Foram eles D. Francelina Nunes Castro Aragão, de Seia; D. Maria de Monte e Freitas, de Lisboa; D. Maria Ventura, de Lisboa; Albino Trindade, de Lisboa; D. Celeste Rodrigues Lopes, de Lisboa; D. Maria Eugénia de Oliveira Melo, de Lisboa, D. Maria Melo, D. Dulce Brito e Uma Anónima, de Leiria, que fez acompanhar a encomenda da seguinte quadra, emocionante de ternura:

Roupa usada, já velhinha,
Ofertada com ardor.
Dádiva, sim, bem mesquinha...
Mas impregnada de Amor.

Deus pague a estes irmãos em alegria e satisfação espiritual.

AUXÍLIO AOS

Continuamos a receber donativos e a apelar para as almas bem formadas para que a receita aumente. Não nos cansamos de mostrar a posição dos que têm, em face dos que não têm. É necessário reagir benèficamente, dando provas de que se compreende a doutrina.

Aproxima-se o Natal e com ele a invernia, o frio e a fome que acicatam tantas criaturas indefesas. E nós não temos o direito de ficar indiferentes.

Que todos se lembrem dos infelizes que não dispõem de agasalho e que passarão esta quadra sem o conforto que sobra a muitas pessoas insensíveis.

Transporte do mês de Outubro	608$00
D. Maria da Encarnação, de Lisboa	5$00
Francisco Grilo Fevereiro, de Estremoz ...	6$50
Leonel Gomes Pinto, de Malange	60$00
José Esteves da Rocha, de Cascais	20$00
Manuel A. Martins Capela, de Lisboa ...	20$00
D. Etelvina Querido dos Santos, de Setúbal	20$00
Cipriano José Marques, de Saíde	50$00
Júlio M. Raposo, de P. Delgada	22$00
S. A. S., de Lisboa	10$00
Alcinda V. Pinheiro, de Nogueira, Maia ...	20$00
José Maria Cabral, do Porto	20$00
D. Julieta Reis Beleza, de Tunes, Gare ...	20$00
D. Deolinda Lucas, de Lisboa	20$00
Assinante de Luanda	100$00
D. Ana Colaço Guerreiro, de Lisboa	30$00
Estevão Ferreira Alho, de C. Branco	20$00
Jaime da Silva Sabino, de Aveiro	32$00
António dos Santos, de Alhandra	10$00
D. Genoveva de Castro, de Setúbal	50$00
Artur Levi Gomes, de Lisboa	20$00
Amândio Duarte Santos, de Retaxo	20$00
Inácio de Oliveira, de Vizeu	80$00
Miguel M. Carvalho, de Lisboa	30$00
António Martins, de Bucelas	50$00
J. M. Lourenço da Rocha, de Cascais	20$00
Maximino Belo Cruces, de Lisboa	20$00
D. Maria da Conceição S. Santos, de Lisboa	50$00
Um humilde servo de Deus, de Coimbra ...	20$00
Sócio 542, de Lisboa	7$50
Jacinto P. Guerreiro, de Cacela	5$00
José dos Santos Silva, de S. Tiago de Cacém	10$00
D. Maria de Vasconcelos, de Lisboa	20$00
D. Belmira Cabrita Baptista, de Lisboa ...	12$50
D. Ascensão Manita, de Lisboa	10$00
D. Luisa Pacheco Martins, de Lisboa	20$00
F. M. G., do Rio de Janeiro	500$00
David da Silva Guimarães, de Matosinhos	20$00
Joaquim Dias, de Lisboa	20$00
Mário Gomes Trovão, de Lisboa	12$50
Manuel Lopes Gonçalves, de Lisboa	18$50
A transportar	2.109$50

T

D. Elvira Dias Ventura, d
D. Maria Ventura, de Lis
Anónimo, do Porto .....
Isaac Oliveira Marques, de
Matias Nobre, de M. Grá
José Joaquim, de Faro .....
Júlio Gomes de Campos, d
XXX, de Algés .....
Bernardo C. de Almeida, d
C. V. S., de Lisboa .....
Cupertino F. de Meneses,
D. Maria de Jesus Legateau
A. C., um sócio, de Lisboa
César Alves, de Coimbra
D. Adália Gonçalves Pinto
António J. C. Félix, de Mo
D. Zizínia das Neves, de
D. Maria Alvarez Russo, d
João de Deus Santana, de
U. S. J., de Ponta Delgada
António Gonçalves de Car
D. Júlia Xarim Ribeiro, de
Sebastião Elviro Martins, d
D. Maria Adelaide, de Lis
Manuel F. dos Santos, de
Serafim Brites, de Ovar ...
Alfredo Vieitas, de Cascai
Bartolomeu B. Martins, de
tendente .....
José Farinha, de Angra do
Joaquim Fernandes, de Lis
D. Maria Augusta de Brito
J. F. C., de Lisboa .....
D. Adelaide de J. Pires, de
D. Maria Aguiar, de Lisbo
D. Maria Ilídia Armada, d
António Jorge Ramos, de
Francisco E. C. Simão, de
D. Fortunata C. Bravo, de
D. Maria P. Monte e Freit
Heroismo .....
Luís Lopes da Silva Faria,
D. Lucinda Mendes, de Lis
Lión de Castro, de Lisboa
E. F. M., de Lisboa .....
José Almeida, de Viseu ...
F. G. A., do Barreiro .....
José Rebordão, de Lisboa

A tra

NECESSITADOS

...nsporte	2.109$50
... Constância ...	10$00
...oa	20$00
.....	10$00
...e Viseu	20$00
...a de	10$00
.....	7$00
...d... Lisboa	5$00
.....	10$00
...de Alcobaça	10$00
.....	15$00
...de Alhandra ...	20$00
...ux. de Luanda ...	20$00
.....	20$00
.....	20$00
...o. de Luanda ...	190$00
...loura	20$00
... Coimbra	10$00
...de Lisboa	20$00
... Lisboa	20$00
.....	20$00
...mpos, de Lisboa	20$00
... Lisboa	10$00
...de Lisboa	20$00
...sboa	10$00
... Castelo Branco	20$00
.....	20$00
...is	20$00
... Manique do In-	
.....	50$00
...o Heroismo	40$00
...sboa	10$00
...o, de Lisboa	20$00
.....	10$00
... Lisboa	5$00
...oa	15$00
...de Lisboa	50$00
...Alcobaça	20$00
... Ovar	50$00
...Coimbra	20$00
...s, de Angra do	
.....	10$00
... de Lisboa	50$00
...sboa	50$00
.....	20$00
.....	60$00
.....	10$00
.....	20$00
.....	20$00
...ansportar	3.236$50

Transporte	3.236$50
D. Gracinda Pires da Rocha, de Lisboa ...	20$00
Manuel Dias dos Santos, de Gondifelos, pelos espíritos de seus queridos pais desencarnados	20$00
Dr.ª Clementina D. Rosado, de Lisboa	100$00
Rogério Leite de Faria, do Porto	110$00
Sócia 736, de Lisboa	7$50
Eduardo Costa, de Lisboa	10$00
Francisco M. C. Rodrigues, de Lisboa	20$00
D. Zahyra Fontes P. de Melo, de Lisboa	20$00
D. Maria Luísa Brandeiro, de Lisboa	20$00
Aires Vaz Raposo, de Lisboa	100$00
Anónimo de Leiria	15$00
Tenente Fernando Carmo, do Porto	20$00
Albano A. Ribeiro, por intenção dos Espíritos de Maria Cândida e Maria de Sousa	20$00
De Um Amigo do Porto	20$00
Major Aldemiro Nunes Correia, de Faro ...	50$00
J. A. B.	20$00
Manuel Alves, de Lisboa	10$00
Anónima do Funchal	20$00
João Maria dos Reis, de L. Marques	47$50
Haduíndo Santos, de Loulé	30$00
Romão Saragoça Velez, de C. Maior	20$00
Adriano L. do Paço, de S. João de Loure	20$00
D. Maria Edite da Silva Gaspar, de Aldeia Formosa, Angola	47$50
Cristiano de Almeida Henriques, de Bissau	60$00
D. Eva Conceição Pires, de Lisboa	20$00
M. J. C., de Lisboa	20$00
Anónimo, de Ponta Delgada	20$00
João Pinto Muge, da Beira, Moçambique ...	100$00
António Lopes Dias, de Luanda	100$00
De Alberto e António, por intenção de seus avós, de Lisboa	500$00
D. Maria Luísa Bravo, de Lisboa	50$00
D. Adelina Baptista, de Lisboa	50$00
José António Bernabé, de Beja	20$00
Armando Martins, do Porto	20$00
Armando M. Madeira, de Caldas da Rainha	20$00
D. Maria Inês de Lima A. Sena, de Lisboa	50$00
D. Maria Rosa Pereira, de Lisboa	5$00
D. Maria Adelaide P. Santos, de Mora ...	10$00
Severo A. Moreira, de Lisboa	50$00
D. Alice Moreira, de Lisboa	50$00
D. Maria da Encarnação, de Lisboa	2$50
A. P. S.	20$00
D. Maria José Alves, de Lisboa	10$00
D. Maria do Nascimento Fernandes dos Santos, de Coimbra	30$00
	5.211$50

(Segue na pág. 367)

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Transporte	2.109$50
D. Elvira Dias Ventura, de Constância ...	10$00
D. Maria Ventura, de Lisboa	20$00
Anónimo, do Porto	10$00
Isaac Oliveira Marques, de Viseu	20$00
Matias Nobre, de M. Grande	10$00
José Joaquim, de Faro	7$00
Júlio Gomes de Campos, de Lisboa	5$00
XXX, de Algés	10$00
Bernardo C. de Almeida, de Alcobaça	10$00
C. V. S., de Lisboa	15$00
Cupertino F. de Meneses, de Alhandra ...	20$00
D. Maria de Jesus Legateaux, de Luanda ...	20$00
A. C., um sócio, de Lisboa	20$00
César Alves, de Coimbra	20$00
D. Adália Gonçalves Pinto, de Luanda ...	190$00
António J. C. Félix, de Moura	20$00
D. Zizínia das Neves, de Coimbra	10$00
D. Maria Alvarez Russo, de Lisboa	20$00
João de Deus Santana, de Lisboa	20$00
U. S. J., de Ponta Delgada	20$00
António Gonçalves de Campos, de Lisboa	20$00
D. Júlia Xarim Ribeiro, de Lisboa	10$00
Sebastião Elviro Martins, de Lisboa	20$00
D. Maria Adelaide, de Lisboa	10$00
Manuel F. dos Santos, de Castelo Branco	20$00
Serafim Brites, de Ovar	20$00
Alfredo Vieitas, de Cascais	20$00
Bartolomeu B. Martins, de Manique do Intendente	50$00
José Farinha, de Angra do Heroismo	40$00
Joaquim Fernandes, de Lisboa	10$00
D. Maria Augusta de Brito, de Lisboa	20$00
J. F. C., de Lisboa	10$00
D. Adelaide de J. Pires, de Lisboa	5$00
D. Maria Aguiar, de Lisboa	15$00
D. Maria Ilídia Armada, de Lisboa	50$00
António Jorge Ramos, de Alcobaça	20$00
Francisco E. C. Simão, de Ovar	50$00
D. Fortunata C. Bravo, de Coimbra	20$00
D. Maria P. Monte e Freitas, de Angra do Heroismo	10$00
Luís Lopes da Silva Faria, de Lisboa	50$00
D. Lucinda Mendes, de Lisboa	50$00
Lión de Castro, de Lisboa	20$00
E. F. M., de Lisboa	60$00
José Almeida, de Viseu	10$00
F. G. A., do Barreiro	20$00
José Rebordão, de Lisboa	20$00
A transportar	3.236$50

A SENTENÇA QUE CONDENOU JESUS

COMENTADA EM 1899 POR RUI BARBOSA

(Este documento, que revela um dos maiores erros judiciários de todos os tempos, foi ditado por Pilatos em hebraico e parece ter sido lavrado por Anás. Apesar do tempo decorrido, ainda não perdeu oportunidade).

A SENTENÇA

«No ano XIX de Tibério César, imperador romano de todo o mundo, monarca invencível na Olimpíada CXXI e na Eliada XXIV, na criação do mundo segundo o número e cômputo dos hebreus quatro vezes mil cento oitenta e sete, da progénie do romano império no ano LXXIII e da liberdade do cativeiro da Babilónia no ano MCCVII, sendo governador da Judeia Quinto Sérvio, sob o regimento e governo da cidade de Jerusalém, presidente gratíssimo, Pôncio Pilatos; regente da Baixa Galileia, Herodes Antipa; pontífice do sumo sacerdócio, Caifás; Alis Almael, magni do Templo; Roban Achabel, Franchino Centáurio, cônsules romanos da cidade de Jerusalém; Quinto Cornélio Sublima e Sexto Pompílio Rusto; no mês de Março e dia 25 do mesmo: Eu, Pôncio Pilatos, aqui Presidente do Império Romano, dentro do palácio da arqui-residência, julgo, condeno e sentencio à morte a Jesus, chamado pela plebe Cristo Nazareno e galileu de nação, homem sedicioso contra a lei mosaica, contrário ao grande imperador Tibério César. Determino e ordeno por esta que se lhe dê a morte na cruz, sendo pregado com cravos como os réus, porque, congregando e ajuntando aqui muitos homens ricos e pobres, não tem cessado de promover tumultos por toda a Judeia, dizendo-se filho de Deus, rei de Israel, ameaçando com a ruína de Jerusalém e do sacro templo, negando o tributo a César, tendo ainda tido o atrevimento de entrar com ramos e em triunfo e com parte da plebe dentro da cidade de Jerusalém e no sacro templo. E mando que seja conduzido Jesus Cristo pela cidade de Jerusalém ligado e açoitado e que seja vestido de púrpura e coroado de alguns espinhos com a própria cruz aos ombros para que sirva de exemplo a todos os malfeitores; e quero que, juntamente com ele, sejam conduzidos dois ladrões homicidas; e sairão pela porta Jagarda, hoje Antoniana, e que se conduza Jesus Cristo ao monte público da Justiça, chamado Calvário, onde crucificado e morto ficará o seu corpo na cruz como espectáculo para todos os malvados e que sobre a cruz seja posto este título em três línguas (hebraica, grega e latina); «Jesus Nazarenus, Rex Judeorum». Mando também que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição se atreva temeràriamente a impedir a justiça por mim mandada, administrada e executada com todo o rigor, segundo os decretos e leis romanos e hebraicos, sob as penas de rebelião contra o império romano.

Testemunhas da nossa sentença, pelas doze tribos de Israel:

Rabbaim Daniel, Rabbaim Joannim, Bonicar, Barbosa, Labé, Petuculani.

Pelos fariseus: Bulia, Simeão, Ronol, Rabbani, Mondaani, Boncurfossi.

Pelos hebreus: Nitamberto.

Pelo Império e presidente de Roma: Lúcio Sextilo, Amássio Chilio» (*).

O COMENTARIO

«Para os que vivemos a pregar à República o culto da justiça como o supremo elemento preservativo do regime, a história da paixão, que hoje se consuma, é como que a interferência do testemunho de Deus no nosso curso de educação constitucional. O quadro da ruína moral daquele mundo parece condensar-se no espectáculo da sua justiça, degenerada, invadida pela política, joguete da multidão, escrava de César. Por seis julgamentos passou Cristo, três às mãos dos judeus, três às dos romanos, e nenhum teve um juiz. Aos olhos dos seus julgadores refulgiu sucessivamente a inocência divina, e nenhum ousou estender-lhe a protecção da toga. Não há tribunais que bastem para abrigar o direito, quando o dever se ausenta da consciência dos magistrados.

«Grande era, entretanto, nas tradições hebraicas, a noção da divindade do papel da magistratura. Ensinavam elas que uma sentença contrária à verdade afastava do seio de Israel a presença do Senhor, mas que, sentenciando com inteireza, quando fosse apenas por uma hora, obrava o juiz como se criasse o universo, porquanto era na função de julgar que tinha a sua habitação entre os israelitas a majestade divina. Tão pouco valem, porém, leis e livros sagrados, quando o homem lhes perde o sentimento.

«No julgamento instituído contra Jesus, desde a prisão, uma hora talvez antes da meia-noite de quinta-feira, tudo quanto se fez até ao primeiro alvorocer da sexta-feira subsequente, foi tumultuário, extrajudicial e atentatório dos preceitos hebraicos. A terceira fase, a inquirição perante o sinedrim, foi o primeiro simulacro de forma judicial, o primeiro acto judicatório, que apresentou alguma aparência de legalidade, porque ao menos se praticou de dia. Desde então, por um exemplo que desafia a eternidade, recebeu a maior das consagrações o dogma jurídico, tão fàcilmente violado pelos despotismos, que faz da santidade das formas a garantia essencial da santidade do direito.

«O próprio Cristo delas não quis prescindir. Sem autoridade judicial o interroga Anás, transgredindo as regras assim na competência como na maneira de inquirir; e a resignação de Jesus ao martírio não se resigna a justificar-se fora da lei: «Tenho falado publicamente ao mundo. Sempre ensinei na sinagoga e no templo, a que afluem todos os judeus, e nunca disse nada às ocultas. Porque me interrogas? Inquire dos que ouviam o que lhes falei; esses sabem o que eu lhes houver dito». Era o apelo às instituições hebraicas, que não admitiam tribunais singulares, nem testemunhas singulares. O acusado tinha jus ao julgamento co-

---

(*) Extraído do *Jornal do Foro*, de Lisboa, n.º 29, ano 2, com a seguinte nota redatorial: «A cópia desta sentença existe no Arquivo da Real Academia de História de Espanha. Em 1850 apareceu outra cópia escrita em pergaminho na cidade de Aquila, em Nápoles».

lectivo e, sem pluralidade nos depoimentos criminadores, não podia haver condenação. O apostolado de Jesus era ao povo. Se a sua prédica incorria em crime, deviam pulular as testemunhas directas. Esse era o terreno jurídico. Mas, porque o filho de Deus chamou a ele os seus juízes, logo o esbofetearam. Era insolência responder assim ao pontífice. *Sic respondes pontifici?* Sim, revidou Cristo, firmando-se no ponto de vista legal: «*se mal falei, traze o testemunho do mal; se bem, por que me bates?*».

«Anás, desorientado, remete o preso a Caifás. Este era o sumo sacerdote do ano. Mas, ainda assim, não tinha a jurisdição, que era privativa do conselho supremo. Perante este já muito antes descobrira o genro de Anás a sua perversidade política, aconselhando a morte de Jesus, *para salvar a nação*. Cabe-lhe agora levar a efeito a sua própria malignidade, «cujo resultado foi a perdição do povo, que ele figurava salvar, e a salvação do mundo, em que jamais pensou».

«A ilegalidade do julgamento nocturno, que o direito judaico não admitia nem nos litígios civis, agrava-se então com o escândalo das testemunhas falsas, aliciadas pelo próprio juiz, que, na jurisprudência daquele povo, era especialmente instituído como o primeiro protector do réu. Mas, por mais falsos testemuncos que promovessem, acharam-lhe a culpa que buscavam. Jesus calava, *Jesus autem tacebat...* Vão perder os juízes prevaricadores a segunda partida, quando a astúcia do sumo sacerdote lhes sugere o meio de abrir os lábios divinos do acusado. Adjura-o Caifás em nome de Deus vivo, a cuja invocação o filho não podia resistir. E, diante da verdade, provocada, intimada, obrigada a confessar-se, aquele, que a não renegara, vê-se declarar culpado de crime capital: *Reus est mortis*. «Blasfemou! Que necessidade temos mais de testemunhas? Ouvistes a blasfémia». Ao que clamaram os circunstantes: «É réu de morte».

«Repontava a manhã quando, à sua primeira claridade, se congrega o sinedrim. Era o plenário que se ia celebrar. Reunira-se o conselho inteiro, «*In universo concilio*», diz Marcos. Deste modo se dava a primeira satisfação às garantias judiciais. Com o raiar do dia se observava a condição da publicidade. Com a deliberação da assembleia geral, o requisito da competência. Era essa a ocasião jurídica. Esses eram os juízes legais. Mas juízes, que tinham comprado testemunhas contra o réu, não podiam representar senão uma infame hipocrisia da justiça. Estavam mancomunados, para condenar, deixando ao mundo o exemplo, tantas vezes depois imitado até hoje, desses tribunais que se conchavam de véspera nas trevas, para simular mais tarde, na assentada pública, a figura oficial do julgamento.

«Saía Cristo, pois, naturalmente condenado pela terceira vez. Mas o sinedrim não tinha o *jus sanguinis*, não podia pronunciar a pena de morte. Era uma espécie de júri, cujo veridicto, porém, antes opinião jurídica do que julgado, não obrigava os juízes romanos. Pilatos estava, portanto, de mãos livres para condenar ou absolver. «Que acusação trazeis contra esse homem?». Assim fala por sua boca a justiça do povo, cuja sabedoria jurídica ainda hoje rege a terra civilizada. «Se não fosse um malfeitor, não to teríamos trazido», foi a insolente resposta dos algozes togados. Pilatos, não querendo ser executor num processo de que não conhecera pretende evitar a dificuldade entregando-lhes a vítima. «Tomai-o, julgai-o, segundo a vossa lei». Mas, replicam os judeus, bem sabes que «não nos é lícito dar a morte a ninguém». O fim é a morte, e sem a morte não se contenta a depravada justiça dos perseguidores.

«Aqui já o libelo se trocou. Não é mais de blasfémia contra a lei sagrada que se trata, senão de atentado contra a lei política. Jesus já não é o impostor que se inculca à lei de Deus; é o conspirador que se coroa rei da Judeia. A resposta de Cristo frustra, ainda uma vez, porém, a manha dos caluniadores. O *seu reino não era deste mundo*. Não ameaçava, pois, a segurança das instituições nacionais, nem a estabilidade da conquista romana. «*Ao mundo vim*», diz ele, «*para dar testemunho da verdade. Todo aquele que for da verdade há-de escutar a minha voz*». A verdade? Mas, «que é a verdade?», pergunta, definindo-se, o cinismo de Pilatos. Não cria na verdade, mas a da inocência de Cristo penetrava irresistivelmente até ao fundo sinistro dessas almas, onde reina o poder absoluto das trevas. «Não acho delito a este homem», disse o procurador romano, saindo outra vez ao meio dos judeus.

«Devia estar salvo o inocente. Não estava. A *opinião pública* faz questão da sua vítima. Jesus tinha agitado o povo, não ali só, no território de Pilatos, mas *desde Galileia*, Herodes Antipas, com quem estava de relações cortadas o governador da Judeia. Excelente ocasião para Pilatos de lhe reaver a amizade, pondo-se, ao mesmo tempo, de boa avença com a multidão inflamada pelos príncipes dos sacerdotes. Galileia era o *forum originis* do Nazareno. Pilatos envia o réu a Herodes, lisonjeando-lhe com essa homenagem a vaidade. Desde aquele dia um e outro se fizeram amigos, de inimigos que eram. *Et facti sunt amici Herodes et Pilatos in ipsa die; nam antea inimici erant ad invecem*. Assim se reconciliam os tiranos sobre os despojos da justiça.

«Mas Herodes também não encontra por onde condenar a Jesus, e o mártir volta sem sentença de Herodes a Pilatos, que reitera ao povo o testemunho de intemerata pureza do justo. Era a *terceira* vez que a magistratura romana a proclamava. *Nullum causam invenio in homine isto ex his, in quibus eum accusatis*. O clamor da turba recrudesce. Mas Pilatos não se desdiz. Da sua boca irrompe a *quarta* defesa de Jesus: «*Que mal fez ele? Quid emim mali fecit iste?*». Cresce o conflito, acastelam-se as ondas populares. Então o procônsul pergunta-lhes ainda: «Crucificareis o vosso rei?». A resposta da multidão em grita foi o raio, que desarmou as evasivas de Pilatos: «Não conhecemos outro rei *senão* César». A esta palavra o espectro de Tibério se ergueu no fundo da alma do governador da província romana. O monstro de Caprea, traído, consumido pela febre, crivado de úlceras, gafado de lepra, entretinha em atrocidades os seus últimos dias. Trai-lo era perder-se. Incorrer perante ele na simples suspeita de infidelidade era morrer. O escravo de César, apavorado, cedeu, lavando as mãos em presença do povo: «Sou inocente do sangue deste justo».

«E entregou-o aos crucificadores. Eis como procede a justiça, que não se compromete. A história premiou dignamente esse modelo de suprema covardia na justiça. Foi justamente sobre a cabeça do pusilânime que recaiu, antes de tudo e em perpétua infâmia, o sangue do justo.

«De Anás a Herodes o julgamento de Cristo é o espelho de todas as deserções da justiça, corrompida pelas facções, pelos demagogos e pelos governos. A sua fraqueza, a sua inconsciência, a sua perversão moral crucificaram o Salvador, e continuam a crucificá-lo, ainda hoje, nos impérios e nas repúblicas, de cada vez que um tribunal sofisma, tergiversa, recua, abdica. Foi como agitador do povo, o subversor das instituições, que se imolou Jesus.

ESPÍRITOS TURBULENTOS

(O nosso confrade Luís Gomes da Silva publicou na Aliança *de S. Paulo o seguinte artigo, intitulado «Um Espírito Interrompe a Publicação de Nossos Trabalhos»).*

Há já algum tempo que vimos publicando neste orgão alguns dos trabalhos, por nós obtidos às segundas-feiras, no Centro Espirita «Maria Nazaré», quando fomos forçados, inesperadamente, a interromper os mesmos, por acção de um espírito, que se apoderou da pasta que continha os apanhados das sessões anteriores, antes da aquisição do aparelho gravador, assim como dezassete trabalhos, copiados daquele, que são verdadeiros dramas, vividos pelos seus autores na Terra e continuando a vivê-los no além, com o mesmo ódio, com o mesmo desejo de perseguição e vingança.

Os factos tiveram início da seguinte maneira: Mais ou menos há quatro meses, começou a registar-se na casa de meu filho Valdomiro, situada à rua Itiaeí, 1, D, no Bairro de Santa Terezinha, «Distrito de Santana», a queda de pedras e de terra, sobre ele e sobre outras pessoas, quando em visita a sua casa.

Estava o espírito produzindo fenómenos deste quilate, quando meu filho recebeu a visita de um primo de minha nora, que é professor de filosofia e materialista.

Meu filho, em conversa, narrou-lhe tudo quanto em sua casa se havia passado com o espírito e pediu-lhe uma explicação.

Disse-lhe ele:

— Valdomiro, o caso que me acaba de expor demanda uma explicação em ordem, para a qual não disponho de tempo no momento.

Mal acabava de falar, o espírito atira-lhe uma moeda à cabeça, e logo após outra sobre o ombro, o que foi visto por todos os presentes.

Meu filho, diante desse facto, insistiu na explicação para o caso, que ele, professor de filosofia, acabava de presenciar à luz do dia. Diz-lhe ele:

— Valdomiro, nunca pensei que pudessem estas duas moedas deitar tão abruptamente por terra a minha filosofia materialista. Já li obras de Allan Kardec, nada achando que me satisfizesse; mas agora, diante destes facto, vou lê-las novamente, para melhor me compenetrar do seu conteúdo.

Na entrada do ano de 1954, estavam reunidos em minha casa os meus quatro filhos casados, com suas esposas e cinco netos e mais os sogros dos filhos Osvaldo e Fernando. A todos meu filho Valdomiro mostrou os papeis escritos pelo espírito, com excepção de minha nora Lídia. Estávamos à mesa, quando vimos a peça saliente da parte inferior da geladeira cair no chão. Logo desconfiámos que fosse obra do espírito, por não se achar ninguém na sua proximidade.

Já nos havíamos retirado da mesa, quando minha nora Lídia se dirigiu a meu filho, pedindo que lhe mostrasse os papeis que o espírito havia escrito.

Dirigiu-se meu filho para o lugar onde estava a pasta. Quando a abriu deu por falta dos mesmos. Como tal não esperávamos, pusemo-nos a rir com a brincadeira do espírito.

Demos busca em todos os móveis e não nos foi possível encontrar os papeis.

Eram duas horas, quando minha mulher pediu a meu filho Álvaro, que fosse a casa de meu filho Valdomiro buscar uma encomenda que lhe era necessária para o almoço.

A sogra de meu filho Osvaldo, que nunca tinha visto o espírito atirar dinheiro, pediu para ir também no carro, pois a casa dista de minha morada aproximadamente três quilómetros.

Foram juntos, também, minha nora Elizabete e minha mulher, que é vidente. Logo ao entrarem em casa foram recebidos com saraivadas de terra.

Já dentro de casa, o espírito começou a jogar moedas. Minha nora Elizabete pediu ao espírito que procurasse atirar-lhe moedas que perfizessem o total de dois cruzeiros, mas não foi possível ao espírito satisfazer-lhe o desejo, devido ao adiantado da hora, dando-se por satisfeita com um cruzeiro e oitenta centavos.

Já estavam para se retirar, quando a sogra de meu filho Osvaldo pediu à médium, dona da casa, que lhe mostrasse o fogão que havia comprado. Dirigiram-se as duas e mais a mi-

nha nora Elizabete para a cozinha. Depois de verem o fogão devidamente instalado, abriram a porta do forno, e qual não foi a sua surpresa ao verem dentro do forno os papeis que meu filho quisera mostrar à minha nora Lídia em minha casa!

Os fenómenos foram tomando maior incremento, tendo por alvo, como desde o início, o meu filho, quebrando sobre ele um guarda-chuva e atirando-lhe todos os objectos de que o espírito podia lançar mão.

Um dia estava ele almoçando com hora escassa para se dirigir ao Banco, onde trabalha, atirando-lhe o espírito com um ralador de queijo e tudo quanto encontrou a jeito, inclusive uma cadeira, que colocou sobre a mesa, impossibilitando-o de terminar a refeição.

Diante de tudo isso, minha nora, assustada, resolveu abandonar a casa e residir com o esposo em casa de seu pai. Feito isso, pas-

Segunda-feira passada, dia vinte e dois de Fevereiro, fomos, como de costume, dirigir os trabalhos do Centro. Quando estávamos a terminar, um espírito pediu-nos que disséssemos a meu filho que fossem os dois ao Centro, na próxima reunião, a fim de se libertarem dos espíritos que os atormentavam. Dissemos ao espírito que não lhes daríamos tal recado, não influiríamos em nada. Eles tinham o seu livre arbitrio; que agissem como melhor entendessem. Não forçaríamos a nora a acreditar no Espiritismo contra a sua vontade.

Voltámos para casa e resolvemos, eu, minha mulher e minha filha, nada dizer, nem a meu filho, nem a minha nora.

Chegados, encontrámos o casal ainda de pé, palestrando um pouco e, depois, nós os três nos despedimos para irmos dormir. Mal nos havíamos deitado, meu filho entrou em nosso quarto um tanto assustado, dizendo-

Por LUÍS GOMES DA SILVA

saram a morar juntos; porém a esperança de não serem molestados pelo espírito desfez-se logo. O espírito apossou-se do ambiente, e, fazendo barulho infernal todas as noites, não deixava dormir ninguém.

Cansada toda a família de perder noites, o pai de minha nora disse à filha que aquilo assim não podia continuar. Foi quando meu filho me expôs a sua situação, oferecendo-lhe eu um quarto em minha casa, até que ele acabasse de construir a sua.

Em minha casa os espíritos — que são em números de três — vistos por minha mulher, não nos têm dado muito que fazer. Isto talvez porque somos todos crentes.

Um dia, pela manhã (estava eu a falar com minha nora no meu quintal), vi uma moeda de cincoenta centavos cair ao lado dela. Outra vez deixei o aparelho gravador de nossas sessões, para meu filho Fernando levar para o Centro em seu carro. Quando foi pegar no aparelho, este não estava no lugar em que eu o havia deixado. Procuraram em toda a casa, sem que o encontrassem. Quando voltámos do «Centro», encontrámos o aparelho, que deve pesar uns quinze quilos, em cima da mesa da sala de jantar!...

Estávamos a comentar este caso entre família, quando vimos um guarda-chuva (sombrinha) levantar-se à altura de uns cincoenta centímetros e com grande estrondo cair sobre o movel em que estava colocado.

-nos que tinha ido tomar banho, mas que os espíritos batiam tão fortemente na porta, que resolveu desistir.

Troçámos, dizendo-lhe: «que homem tão medroso, que não tem coragem de enfrentar um pequeno barulho que os espíritos lhe fazem na porta!». Rui-se e retirou-se.

Deitou-se a dormir. Era uma hora, quando os espíritos deram inicio à segunda parte de seu trabalho, atirando uma vassoura sobre a cama e vidros de remédios ao chão. Levitaram uma garrafa de guaraná, fazendo-a percorrer os quatro ângulos do quarto e, no final, atiraram dois copos, cada um por sua vez, quebrando-os contra a porta, sem que incomodassem a menina que dormia no berço.

Foi tal o terror que se apoderou dos dois ao verem, à luz acesa, aquela balbúrdia no quarto, que meu filho veio ao nosso encontro pedir auxílio, indo a minha mulher ao quarto deles rezar e assim puderam dormir a noite tranquilamente.

Registrados esses factos, minha mulher então contou-lhes o que o espírito havia dito (o que foi confirmado, ao ouvirem o gravador da sessão).

Minha nora, depois de ouvir o aparelho-gravador e diante dos acontecimentos registados, está resolvida a ir ao «Centro» na próxima sessão.

Por enquanto é promessa; até lá, esperaremos pelo resultado...

MEDIUNISMO

Mensagens do Espírito Ramatís recebidas pelo Médium Hercílio Maes, de Curitiba

III

Pergunta: — *Que dizeis dessas comunicações que se vulgarizam em trabalhos atribuídos a espíritos demasiadamente destacados em nosso mundo? Por exemplo: Krisna, Moisés, Hermes Trimegisto, Confúcio, Buda, Paulo de Tarso, Ghandi, Zoroastro, João Baptista, Sócrates, Maomé, etc.?*

Ramatís: — Não é impossível a comunicação e nem todas as personalidades consagradas pela vossa história terrena gozam da mesma plenitude nas esferas de além-túmulo. Mas advertimos-vos — são bastante invulgares. Se o general, em vosso mundo não substitui o soldado na tarefa do recado singelo, porque devem espíritos directores de raças ou povos comunicar-vos aquilo que protectores afins ao vosso nível podem dizer-vos com mais familiaridade? As entidades que convivem convosco, portadoras das mesmas expressões idiosincrásicas de vossos meios, estão mais aptas para vos advertirem ou orientarem no plano das necessidades espirituais. Esses espíritos consagrados, que passam pelo vosso mundo em actividades invulgares, não podem empregar seu precioso tempo na solução de assuntos corriqueiros ou individuais.

A Lei que rege os movimentos de ascensão espiritual pesa na economia do Cosmos os dispêndios excessivos em intercâmbios espirituais. Se considerais ilógica a necessidade de Einstein substituir modesto professor para ensinar os princípios da aritmética, porque achareis sensato que Maomé, Ghandi ou Zoroastro se fatiguem em apelos para que desenvolvais as virtudes primárias de vossos espíritos? Os guias espirituais, de influenciação colectiva no progresso de raças e povos, continuam, no Além, inspirando as multidões que se responsabilizaram na Terra.

Pergunta: — *Podemos vislumbrar, então, a intervenção inconsciente ou voluntária do médium?*

Ramatís: — Muitos medianeiros exultam afirmando que receberam um Sócrates ou Confúcio, esquecidos de que também esses espíritos podem ter-se reencarnado novamente, substituindo as formas primitivas por outras mais compatíveis com o progresso incessante. Constantemente apreciamos comunicações de entidades que não mais existem na forma primitiva. Nas assembleias periódicas efectuadas no Espaço, muitos protectores que se queixam de que seus «médiuns» recebem seus pensamentos mas rejeitam os nomes simples de um «João», «José» ou um «Amigo», para substituirem por um nome pomposo ou invulgar, que deslumbre os assistentes. Certas comunicações triviais, ao gosto ocidental, são atribuídas jubilosamente a consagrados guias orientais, enquanto algumas mensagens de carácter pessoal e familiar se conferem a insignes condutores de raças. É razoável e humana essa tendência mediúnica, mas o «médium» deve-se compenetrar de que o bom conteúdo dispensa ornamentos no vasilhame!

Pergunta: — *Entretanto, irmão Ramatís, nas obras de Allan Kardec existem várias comunicações atribuídas a esses luminares do Senhor! Devemos guardar reservas no assunto?*

Ramatís: — Allan Kardec estabeleceu as linhas fundamentais do Espiritismo, evocando todo o seu conhecimento esotérico do passado, onde, através dos símbolos materiais, investigou o espírito que se oculta na forma. Examinou o Politeísmo na Lemúria, os Génios na Atlântida e participou nos pródromos da raça adâmica; conheceu o Hermetismo no Egipto, o Bramanismo na Índia e veio acompanhando de perto os surtos evolutivos do Cristianismo. Chegado o momento psicológico, em que aceitou a incumbência de expôr às massas, de modo acessível, as suas aquisições espirituais, recebeu o apoio e a presença dos mentores de credos, doutrinas e raças humanas. As comunicações mediúnicas que lhe beneficiam a doutrina espírita, em suas obras fundamentais, são directrizes definitivas para a ascensão colectiva. Não podem servir de motivo para labores locais, porque endossam, com o selo de ouro do espírito superior, o trabalho valioso de Kardec.

Pergunta: — *E quanto ao problema angustioso de todo «médium» intuitivo, ou seja o animismo?*

Ramatís: — Naturalmente não pretendemos endossar os abusos da imaginação, nem justificar certos exotismos dos medianeiros presunçosos ou interesseiros. Reconhecemos a subtil associação de ideias e que mais fàcilmente se acentua no «médium» em recolhimento ou em transe. Mas não vos aconselhamos o recuo a disciplina evolutiva da mediunidade, porque sofreis a angústia do animismo e vos perturba a transparência cristalina das comunicações.

Pergunta: — *O irmão F. M., aqui presente, «médium» há vários anos, ainda alimenta a dúvida, após as comunicações, crente de que o conteúdo é todo seu!*

Ramatís: — O «médium» não é bengala insensível e de manejo mecânico! Trata-se de organização viva com vocabulário e cabedal específico, com o dever de ajustar frases e associar imagens que melhor indentifiquem o pensamento do comunicante. Operamos, geralmente, no próprio espírito do medianeiro e agimos, pelo perispírito, no seu sistema nervoso. Deste modo, ficamos circunscritos quase que totalmente à vontade e às directrizes intelectuais do «médium», que recebe a nossa influência, mas não se afasta de nós. Participa e absorve, conscientemente, em maior ou menor dose, o conteúdo dos nossos pensamentos. Assemelha-se a um mensageiro terrestre, que fica a par da mensagem verbal a ser transmitida, e que na entrega do recado acrescenta palavras sinónimas das

que ouviu. Na função de intérpretes de pensamentos alheios, tanto o mensageiro quanto o «médium», influem com seu temperamento, dando textos lacónicos ou prolixos. Eis, por que o intuitivo está mais ou menos ligado ao que transmite.

Pergunta: — *Qual a vossa sugestão para o domínio anímico?*

Ramatís: — Não vos aconselhamos a que sufoqueis o fenómeno anímico, pois deficultarieis, consideràvelmente, as vossas tarefas mediúnicas. Os guias não objectivam a criação de *autómatos-mediúnicos,* tipos de «*robots*» acionáveis a distância! O mediunismo, como *meio* para fins excelsos, não dispensa a educação e a aquisição da conscincia espiritual por parte do medianeiro. O guia encarregado de proteger e servir-se de determinado sensitivo, responde pela grave incumbência de desenvolver as qualidades morais e espirituais de seu interprete. Inúmeras vezes é mais importante o progresso intelectual e evangélico do «médium», do que realmente a sua faculdade comunicadora. Normalmente o próprio guia protela revelações do Além, para despertar primeiramente as revelações evangélicas no seu pupilo. O sensitivo é conjunto vivo de responsabilidade pessoal, que deverá caminhar pelos seus próprios pés. O que mais preferimos em nossos «médiuns» ainda é o serviço cristão contínuo, o amor pelo estudo superior e a dedicação na pesquisa espiritual, mesmo que sejam profundamente anímicos. Que nos vale o sensitivo sonambúlico na faculdade mediúnica, se é profundamente inconsciente nos seus deveres pessoais?

Pergunta: — *Porquê há variações tão profundas nas comunicações, em que o «médium», por vezes, se revela eloquente, entusiasta, e outras vezes parece perder o fio da comunicação?*

Ramatís: — Quando coincidem ideias, índole, pensamentos ou conhecimento do «médium» com o Guia, recrudesce o entusiasmo do sensitivo e torna-se eloquente por manusear assunto de que tem convicção. Assim que se precessam desajustes filosóficos ou conhecimentos estranhos, formam-se hiatos previstos na mensagem.

Pergunta: — *É comum os espíritos tentarem vencer o animismo?*

Ramatís: — Existem «médiuns» especializados para trabalhos de conversões, identificações e capazes de respostas insofismáveis e seguras. Mas a generalidade é intuitiva e não escapa ao animismo mais ou menos intenso. Mas não nos preocupa eliminar o animismo dos nossos intérpretes, porém, inspirá-los a melhorarem-se de tal modo, que no futuro possamos endossar, como de nossa autoria, os seus produtos anímicos, mas de qualidade superior.

Pergunta: — *Por que se sente o «médium» sózinho, às vezes, verificando que não recebe mais o pensamento exterior, sentindo-se isolado do espírito comunicante?*

Ramatís — Se o «médium» não é bengala viva, mas participante da comunicação espiritual, um dos objectivos essenciais do seu guia inteligente é proporcionar oportunidades para o seu intérprete dar *algo de seu!* Compete-lhe, pois, ensinar o seu pupilo a servir sensatamente, encorajando-o a desenvolver os seus recursos intelectuais, a melhorar as concepções filosóficas e a admitir conceitos de raciocínios superiores. Daí a *intermitência* comum, mesmo em «médiuns» bem assistidos e bem intencionados, em que determinados espíritos deixam os seus intermediários a *falar sózinhos,* como dizeis. Na realidade, as entidades comunicantes deixam lacunas a serem preenchidas pelo «médium», que se vê obrigado a unir os elos vazios da comunicação, provando até que ponto pode continuar a mensagem sem distorcê-la ou deturpá-la!

Pergunta: — *Nesses momentos age o puro animismo do «médium»?*

Ramatís: — Concepcionemos melhor, meus irmãos: nesses momentos evidencia-se a bagagem intelectual e o teor moral do senstivo. Este é entregue provisòriamente às suas próprias concepções, devendo sózinho preencher os hiatos propositados do guia na comunicação. Demonstrará, assim, o que já assimilou de suas leituras e qual o índice filosófico que possui, favorecendo os prognósticos futuros no quadro da sua aprendizagem espiritual. Encorajado, pouco a pouco, não tarda a esposar pessoalmente, em público, o conteúdo espiritista e evangélico que assimilou do seu orientador espiritual. E à medida que o «médium» estuda e se desenvolve no serviço cristão, cresce a confiança e a esperança de seu guia, que, também, lhe aumenta as responsabilidades e o mérito nas comunicações.

Pergunta: — *É possível um «médium» comunicar, convicto de ser o seu guia, e, no entanto, o fazer sòzinho?*

Ramatís: — Em geral alguns o fazem, mas não vos precipiteis em acusá-los de exclusivamente anímicos, nem os catalogueis mistificadores destituídos de mediunidade. Muitos são eficientes medianeiros do Além, tendo já ultrapassado a fase de angústia dos primeiros passos. Certas vezes o guia envolve o seu «médium» com fluidos identificadores e associa-lhe as primeiras ideias ao tema escolhido para a tese da noite. Verificando que a comunicação prossegue legível, afasta-se do intermediário, embora sem livrá-lo da influência fluídica, e aprecia-lhe à distância a prelecção provocada. Encerrada a oração, quase que exclusivamente tecida pelo «médium», o seu guia a endossa com satisfação, firmando-a com sua personalidade conhecida. Fruto de trabalhos exaustivos de ambos — guia e médium — essa operação em conjunto oferece a oportunidade de aprimorar o sensitivo e esclarecer os presentes. O protector sempre rejubila, quando se certifica de que o seu pupilo manifesta vontade própria e esclarecedora, em vez de simples «*robot*» destinado a comunicações mecânicas. Assemelha-se o esforço do guia, para a emancipação do seu «médium», ao labor que fazeis por vossos filhos, erguendo-os da posição de «engatinhamento» para a caminhada pelos próprios pés!

Pergunta: — *O estudo e o aprimoramento moral do «médium» intuitivo, portanto, é que proporcionam essa emancipação que escreveis?*

Ramatís: — «A mediunidade tem a sua evolução e sua rota», afirmou-vos determinada entidade deste lado, por um dos melhores sensitivos de vosso país. Realmente, a mediunidade, sagrado objectivo à consciência espiritual, exige decidida aplicação para o seu progresso definitivo. Não se resume em responsabilidade nas exclusivas horas de trabalho doutrinário, em ambientes iniciáticos, mas exige do seu portador um intercâmbio absoluto com o espírito messiânico do Cristo. Preconiza a renúncia e a abdicação do «médium» aos proverbiais caprichos e afazeres comuns da vida, exigindo permanente contacto com fontes sádias do aprimoramento espiritual. O endosso dos protectores, na hora do «*falar só-*

zinho», é concedido sòmente aos «médiuns» que se emancipam no trato evangélico e no estudo perseverante do Espiritualismo. Não lhes cabe firmarem os animismos de lugares comuns, destituídos da força indiscutível das coisas sensatas e elevadas!

Pergunta: — *O irmão M. R., aqui presente, queixa-se de que em suas comunicações, misturam-se, às vezes, leituras e assuntos de palestras quotidianas mantidas entre confrades. Não duvida do fenómeno incorporação, mas lamenta não poder vencer essa intervenção animica.*

Ramatís: — O que considerais prejudicial às comunicações por vosso intermédio, significa força coesiva e ajuste necessário para segurança da mensagem mediúnica. Desconheceis a tarefa delicadíssima dos mentores desencarnados, que obtêm a segurança de certas comunicações, desenvolvendo o tema fundamental durante a vigília do «médium» escolhido. Imperceptìvelmente, sois trabalhado durante o dia para o êxito doutrinário ou a necessidade de esclarecimentos a determinados frequentadores. Certas leituras, contactos pessoais, influências e até vicissitudes, que coincidem com a *tese* da noite, podem ser partes dum planejamento antecipado pelo espírito comunicante. Reunis, assim, sob a inspiração do protector, os elementos essenciais para que se efectui uma comunicação coerente e equilibrada, em data aprazada. O comunicante limita-se, nesses casos, a unir as ideias e conhecimentos dispersos e que foram evocados à luz do dia, dando-lhes o cunho pessoal na mensagem.

Pergunta: — *Esse processo é sismático e geral?*

Ramatís: — É conforme a necessidade dos futuros ouvintes. Os guias familiares de certos frequentadores de sessões práticas, reunem-se e deliberam uma «tese» de esclarecimento colectivo para os seus pupilos. Escolhido o «médium» peculiar ao local de trabalho, despertam-lhe motivos e situações que mais se ajustem às necessidades morais e espirituais dos ouvintes objectivados. Simbòlicamente, o «médium» visado para o trabalho já se encontra em ligação com o Astral, sem sua própria vigilia, incorporando assuntos, ideias e leituras que convergem habilmente para um só objectivo. Não se trata de um processo sistemático e geral, mas de acontecimentos esparsos, indeterminados, e, também, conforme o «médium» disponível no momento. É óbvio que ao intermediário culto, evangelizado, indemne de fanatismos, dogmas ou ideias perconcebidas torna-se desnecessário essa tarefa preventiva. Ele corresponde, satisfatòriamente, às evocações procedidas na hora da comunicação e atende bem aos projectos estabelecidos. Daí a nossa grande advertência de que aproveiteis as vossas horas no aprimoramento definitivo de vossos espíritos. Emancipai-vos, no trato evangélico, para vos transformardes em excelentes veículos translúcidos às nossas ideias!

Pergunta: — *Certos doutrinadores afirmam que os «médiuns» em desenvolvimento, que ainda não receberam seus guias, estão com as auras sujas, devido a só receberem sofredores.*

Ramatís: — As comunicações de espíritos sofredores são de assuntos locais, intermitentes, e vigiadas pelos guias dos trabalhos sensatos. Mais perigosos para as vossas auras são as fascinações quotidianas, produzidas pelos vossos pensamentos inferiores, em que atraís entidades nocivas aos vossos organismos. O sofredor causa-vos «mal-estar» na hora da comunicação periódica, nos vossos agrupamentos iniciáticos, mas as infiltrações preventivas que penetram em vossas mentes, ante o descuido do «orai e vigiai», criam-vos mais graves sombras em vossas auras! A caridade prestada aos necessitados do Além, na oferta de fluidos animalizados, não vos impedem de receber os espíritos bons! Assim como o pântano sofre as suas próprias emanações repugnantes, sofrereis o clima deletério dos vossos pensamentos indecorosos.

Pergunta: — *E esse tipo de comunicações soturnas, fúnebres, de espíritos luminosos, que se afirmam «baixando dos pés de Deus» e nos deixam constrangidos pelo aspecto lúgubre com que se manifestam?*

Ramatís: — Confundis o que é suposição mental do «médium» com a verdadeira natureza dos comunicantes. A maioria dos «médiuns» vai a extremos censuráveis; julgam-nos fantasmas *melodramáticos* destituídos de fisionomia humana, ou então convertem-nos em *deuses* que amaldiçoam todas as volubilidades do mundo! Na realidade, recém-chegados da terra, somos ainda as criaturas afeitas ao humorismo sadio, à graça ingénua dos intercâmbios afectivos, ao gosto acentuado pelo que é festivo. A morte não nos transfigura em arcanjos liriais de última hora, nem nos extingue as preferências boas ou más! É certo que deveis distinguir os que se pervertem no crime, dos fundamentos puros da vida verdadeira do espírito; mas é preciso que reconheçais o desejo imenso que ainda alimentamos para a alegria sã e elevada! Futuramente as vossas reuniões espiritistas, de mediunismo evangélico, serão festividades isentas dos recitativos compungidos de além-túmulo!... Deus é Luz e Alegria; é Bondade e Afeição!... Em qualquer situação da vida, podereis nutrir-vos com esses princípios básicos da Divindade!

FIM

OBRAS DE GABRIEL DELANNE

Leiam as obras de Gabriel Delanne, de grande cunho filosófico e científico!

A Alma é Imortal	**52$00**
A Evolução Anímica	**45$00**
O Espiritismo Perante a Ciência	**45$00**
O Fenómeno Espirita	**35$00**
A Reencarnação	**52$00**

Estas obras lançam poderosa luz sobre os problemas da vida e da morte.

Em depósito nesta redacção

Um Enigma Desconcertante

Por HENRIQUE A. LLOP

Em Alhama de Aragão, província de Saragoça, nasceu Tomás Menés, no seio de uma família de catorze irmãos, mantidos com o salário de quatro pesetas do pai. Começa a trabalhar com botões no Hotel Paris, de Madrid, e quando foi para a vida militar caiu em transe a primeira vez, descrevendo a corrida de touros em que *Joselito* perdeu a vida, a mais de 100 quilómetros de distância. Os periódicos falam então do fenómeno Menés.

Depois passa a camareiro do antigo Café de Fornos, onde o proprietário do Ideal Retiro o contrata para trabalhar nas suas festas como vidente. Então um alemão e um francês propõem-lhe montar consultório sob a condição de deixar crescer a barba e se apresentar como índio. Menés aceita e anuncia-se nos jornais como Agar Vizir, «o mago oriental», com consultório na Rua de Miguel Ângelo. Uma agência artística contrata-o para trabalhar no *Olímpia*, de Marselha, e Menés vai lá. Uma cartomante propõe-lhe uma aliança com os contrabandistas, mas ele recusa. Um dia vai ao seu consultório a bailarina norte-americana Isadora Duncan e Menés prognotica-lhe a morte próxima por meio de enforcamento. Ao cabo de pouco tempo a bailarina morre estrangulada com o lenço do pescoço, ao enredar-se-lhe na roda do seu carro.

A fama de Menés aumenta dia-a-dia e contratam-no para actuar no Casino de Paris.

As esquinas da grande metrópole encheram-se de cartazes a anunciar o Professor Menés, célebre vidente espanhol. Ao entrar nesta cidade, Menés abandonou definitivamente o nome de Agar Vizir que lhe haviam imposto os primeiros exploradores de Madrid e apresentou-se com o título de Professor Menés, de naturalidade espanhola.

Este nome parecia-lhe apropriado. Estava orgulhoso dele, pois era o nome dos faraós da primeira dinastia egípcia, e, buscando na sua árvore genealógica, descobriu que os seus ascendentes eram oriundos do Egipto, sendo mais que provável que fosse descendente directo daquela dinastia.

Assim, instalou-se num luxuoso hotel da Rua de Moscovo e todas as noites ia de taxi ao Casino de Paris a fazer adivinhações. Foi acolhido como um ídolo: à saída aguardavam-no numerosas admiradoras, interessadas no seu autógrafo, e todos os dias recebia declarações de amor por telefone, por escrito e verbalmente. O magnetismo de seus olhos atraía as mulheres e nessa ocasião começou para ele uma fase aventureira que ocupava amiúde a primeira página dos jornais.

A fama de Menés, seus acertos na predição, a dissecação instantânea e certeira das personagens que acorriam à sua consulta chamaram a atenção dos entendidos nesta matéria, que o convidaram a participar num concurso de videntes em que deviam citar-se os maiores clarividentes internacionais.

O concurso realizou-se numa casa particular da Avenida de Foch e um dos membros do júri era o célebre novelista Conan Doyle. O problema consistia no exame de certa pessoa que se encontrava fora da sala, e dar pormenores da sua vida e da sua estrutura psíquica. O que desse mais informes seria o vencedor.

Participavam no concurso apenas três videntes: um francês, um inglês e ele, espanhol. Primeiro entrou o inglês, que se desconcertou perante a severidade do júri, e poucas informações pôde dar. Depois entrou o francês e precisou algumas facetas psicológicas, sem chegar a convencer. O terceiro foi Menés e começou a descrever em estilo seco as faculdades anímicas da pessoa em causa, sua vida familiar, sua profissão, terminando com uma afirmação que cortou a respiração ao júri. A filha do examinado acabava de ser atropelada por um automóvel que lhe partira as pernas. O homem olhou para ele, incrédulo e assombrado, e telefonou imediatamente para o colégio da filha, tendo-lhe sido respondido que acabara de sair. Telefonou depois ao comissário da Polícia do distrito em que, segundo Menés, ocorrera o acidente e recebeu a confirmação de que acabava de ser atropelada por um carro. O júri proclamou Menés como o maior vidente internacional e este título enriqueceu logo este homem de sorte.

Os novelistas, os banqueiros, os príncipes em férias convidavam Menés para a sua me-

sa para que lhes revelasse alguma coisa da vida ou qualquer coisa que lhes servisse para arquitectar novelas.

A vida de Menés conheceu grande intensidade, mimado pela sociedade inteira, solicitado pelos mais altos, com a esperança de que lhes anunciasse a eternidade da riqueza, e pelos mais baixos, com o desejo de lhes ser anunciado o próximo triunfo. Menés vivia horas de plenitude, serenas e maravilhosas, que nunca se atrevera a sonhar para si.

No meio desse agasalho pensava na miséria que passara em casa dos pais e dava graças a Deus e à Virgem del Pilar de haverem permitido que fosse ele o mais novos dos Menés, que tivesse a possibilidade de ajudar os 8 irmãos a sair das dificuldades da vida com o dinheiro que ganhava a mancheias. Graças às suas faculdades extraordinárias, 8 famílias ressurgiam lá longe, em Espanha, a terra amada do descendente dos faraós, devido à fama do irmão generoso que triunfava totalmente em Paris.

Cinco meses durou a sua actuação no Casino e durante esse tempo não deixou de dar consultas em seu domicílio a pessoas que lhe ofereciam somas astronómicas pela revelação do seu futuro. Entre os clientes daquela época, o Professor Menés recorda o dono de um salão de jogo da Costa Azul, a quem predisse suicídio próximo, devido a ruína inesperada. Aconselhava-o a que se afastasse do salão de jogo e que fosse descansar na montanha. Este não quis ouvir a advertência e três meses depois os periódicos noticiavam a sua morte com um tiro de revólver.

Certa noite, uma personalidade convidou Menés a cear no restaurante mais aristocrático de Paris, no *Chez Maxim's*. Ali lhe apresentaram pessoas da alta roda que não conhecia e uma delas chamou-o de parte para lhe fazer uma estranha exposição.

— É capaz de descobrir um pensamento oculto na mente humana?

— Sou. Vejo a forma desse pensamento, e pela imagem que me transmite o consulente sei em que se ocupa nesse momento o seu cérebro.

O homem misterioso fez uma pausa e continuou:

— Julga poder ler o conteúdo da terra, por exemplo, do mesmo modo que lê o pensamento humano?

— É muito possível — disse ele —, já tenho descoberto mananciais de água. Parece-me mais fácil do que ler no pensamento.

— Então, óptimo — exclamou o homenzinho —. Você poderá acompanhar-nos numa expedição e ser brevemente um dos homens mais ricos do Mundo:

Sentaram-se e aquele estranho consulente expôs-lhe os seus planos. Tratava-se de ir ao Egípto e à Arábia Saudita a descobrir poços de petróleo e tumbas de faraós.

— Que diz você?! — exclamou Menés, aterrorizado, quando ouviu nomear os faraós —. E quer que o acompanhe a profanar os túmulos dos meus antepassados?! Saiba que se o intentarem morrerão vocês e os que os acompanharem. Os túmulos dos faraós guardam segredos cósmicos que não podem ser revelados à humanidade actual. Estão protegidos por corrente que «electrocuta» os que intentem profanar o segredo.

— Isso são bruxarias e você bem o sabe — respondeu o sábio.

—Repito-lhe sinceramente que não vou convosco — objectou Menés —. E aconselhou-o a que desistise do seu propósito; de contrário, encontraria a morte.

Despediram-se. Menés não tornou a ver aquele senhor. Mais tarde leu a notícia da sua morte, em circunstâncias estranhas, ao profanarem um túmulo de faraós no Egípto. Todos os que tentaram o mesmo empreendimento pereceram.

Cinco meses depois, Menés preferiu descansar. A fase vivida em Paris fora demasiado dura e a sua mente necessitava de repouso, longe das mulheres que o assediavam de manhã à noite, no hotel da Rua de Moscovo.

Um antigo amigo, o sr. Lemhan, convidou-o a passar umas semanas numa herdade que tinha em Estrasburgo e Menés aceitou, ali passando algum tempo, antes de empreender novos trabalhos públicos em Bruxelas, cidade que esperava impacientemente a chegada do Professor Menés...

(I. D. S. traduziu)

"Metodo de Cura Natural"

Quereis curar-vos sem drogas e gozar boa saúde?

Lede este livro que acaba de ser editado e servir-vos-à de guia na profilaxia e cura das doenças.

Preço ..... 16$00

A BOMBA ATÓMICA E A VIDA TERRENA

(O nosso correspondente Tito L. Bancéscu, de Rosário, Argentina, enviou-nos o seguinte artigo publicado na revista El Médico Práctico, *de Buenos Aires, referente a Junho último e dirigida pelo Dr. Bartolomeu Bosio. Oxalá a sua leitura tenha a virtude de despertar as consciências relativamente ao grave perigo que nos ameaça).*

A humanidade encontra-se em face de tristes perspectivas. No caso de novo conflito armado, a sorte da civilização e, por isso mesmo, da humanidade, estará pràticamente lançada. As experiências termonucleares que se fizeram até agora indicam que existem terríveis preparativos bélicos capazes de destruir totalmente o género humano. Os físicos que manipulam essas forças parece que já notaram as consequências de uma guerra atómica, embora houvessem desmentido que as radiações de tais bombas prejudicassem os povos.

A imprensa europeia não é desta opinião, pois já deu o sinal de alarme. *La Tribune des Nations,* que se publica em Paris, é um dos órgãos que enfileiram no combate ao atomismo, bem como alguns especialistas em física nuclear, que emitiram opinião desfavorável ao emprego das bombas em próximas contendas.

A conferência que o Professor Le Grand realizou há pouco na *Associação de Trabalhadores Científicos,* de França, constitui belo elemento de apreciação a respeito do que seria a humanidade, se recorresse ao emprego dessas armas mortíferas.

Vejamos agora, em pálido resumo, o que o sábio francês nos disse na sua conferência.

A ACÇÃO BIOLÓGICA DAS RADIAÇÕES

O Dr. Bernard — da Academia das Ciências Médicas — diz que a acção biológica das radiações já era conhecida há tempo. A bomba atómica e as suas consequências só dramatizaram o que se sabia desde o descobrimento dos raios X. As diversas radiações (*alfa, beta, gama,* etc.,) tem a mesma acção. Os seus efeitos são de graus variáveis, mas não diferem, quanto à sua natureza. Não são específicos.

Uma longa experiência científica pode ajudar a determinar os efeitos da bomba H. Do ponto de vista biológico, as radiações actuam por meio de ionização. Um átomo ionizado é um átomo que perdeu um ou mais electrões. Nos tecidos vivos, esta ionização provoca desequilíbrios moleculares, transtorna o metabolismo, quer dizer, as mutações da matéria e da energia que constituem a vida das células.

Nem todos os tecidos do organismo são igualmente sensíveis às radiações. Os mais sensíveis são os mais jovens, com maior potencial de reprodução, ou seja, mais ricos em divisões celulares. Os biólogos afirmam que a radiação é um veneno para a mitose (divisão indirecta das células). Os fenómenos ocasionados no organismo em virtude das radiações foram agrupados com o nome de «mal dos raios».

ESTERILIZAÇÃO DAS GLÂNDULAS GENITAIS

O Professor Le Grand estuda este problema em profundidade, ao afirmar que na pele — verdadeiramente sensível aos raios *beta,* devido à sua débil força de penetração — começam a aparecer ruborizações análogas às produzidas por calor excessivo; depois, «radiotermites» que podem chegar a estados cancerosos. Antes de contar com um bom sistema de protecção, os radiólogos pagarão um grande tributo às radiações.

A ingestão de partículas radioactivas prejudicam o interior do organismo. O sistema sanguíneo é especialmente atacado, pois os glóbulos vermelhos e brancos são em parte destruídos, dando origem a graves anemias e outras perturbações severas. Os fenómenos de coagulação e os capilares sanguíneos sofrem grandes perturbações, ocasionando hemorragias, púrpuras e gangrenas. Os organismos em crescimento são perturbados no seu desenvolvimento e até detidos. As glândulas genitais são atacadas até à esterilidade.

APARIÇÃO DE LEUCEMIAS AGUDAS

Nalguns casos os elementos celulares dão origem a fenómenos inversos. Há desordenada proliferação nos tecidos, que adquirem forma cancerosa: cancro do tubo digestivo, dos ossos, da pele, e aparição de leucemias agudas. Um biólogo que trabalha especialmente no cancro completa a exposição do Dr. Bernard, dizendo: «quando as radiações actuam nos tecidos queimados, estas formas cancerosas provocam cicatrizes profundas e a possibilidade de cura desaparece».

CANCROS «ATÓMICOS»

Os cancros «atómicos» apresentam-se sob a forma de vírus transmissível hereditàriamente. Além disso, a radiação actua sobre os ácidos nucleares —constituintes de genes— e isso tem influência daninha na hereditariedade.

O que acaba de se descrever não pertence apenas à guerra atómica. Os efeitos da bomba H (bomba de hidrogénio) *podem atingir todos os habitantes da Terra,* se experiências como as de Março último se repetirem. As cinzas que atingiram os pescadores japoneses vêm de longe, sem que tenha sido lançada a bomba atómica como elemento de guerra. As partículas radioactivas podem continuar a sua obra nefasta para lá das *zonas de segurança.*

Os físicos da Associação dos Trabalhadores Científicos consideram que a «nuvem atómica» se estende mais do que se julgava. A explosão da bomba H parece chegar a produzir *aerossóis,* isto é, corpúsculos tão pequenos, em forma de pó, que não podem cristalizar-se, mas que, ainda assim, constituem focos de radiações, de modo que o perigo existe para todos.

CÁLCULOS DESTRUTIVOS

Do ponto de vista físico parece que os efeitos da bomba H são de fácil cálculo. A bomba que explodiu em 1 de Março não escapou ao «contrôle» dos homens de ciência norte-americanos. Embora o cálculo destrutivo não fosse feito com precisão, não foi inteiramente errado.

Vigneron, do Laboratório de Química Nuclear de França, diz que o raio de destruição de uma bomba varia aproximadamente com a raiz quadrada ou cúbica da sua potência explosiva. Pois bem; de acordo com a hipótese menos acertada, prova-se que o raio alcança 100 quilómetros numa bomba H, que é dez mil vezes mais forte do que a bomba lançada sobre Hiroshima, cujo raio de acção foi de 1 quilómetro. Vigneron afirma que não existe limite de acção. Com as bombas de cobalto ou de nitrogénio, consegue-se radiação mais mortífera. Com o lítio e o hidrogénio pesado dispor-se-á de explosivos nucleares «definitivos».

COM UMA BOMBA H VOARIAM PAÍSES COMO A FRANÇA

No estado actual das técnicas não há segredo teórico nem possibilidade de avanço técnico de uma potência sobre outra. A bomba H é uma carga de elementos leves (lítio, hidrogénio pesado), munida de um detonador constituído por uma bomba atómica (de urânio ou plutónio). A carga pode ser tão forte, como se quiser: 100 quilogramas, 1 tonelada, 10 toneladas ou mais de elementos leves podem constituir bombas de poder diferente, mas que, por princípio e pràticamente, funcionam da mesma forma. O limite de peso, ou tonelagem, é determinado pelo avião que transportar a bomba. Um navio de algumas dezenas de toneladas pode transportar uma bomba H *capaz de fazer voar um país como a França.*

Uma comparação com os explosivos clássicos pode aclarar: O mesmo detonador de fulminato de mercúrio pode fazer explodir uma bomba de TNT de 1 ou 10 toneladas ou uma simples granada, de onde se conclui que as últimas experiências norte-americanas sejam já desprovidas de qualquer interesse técnico. Um único ensaio com carga reduzida de elementos leves permite verificar as possibilidades da bomba H. Uma bomba pequena significa o mesmo que uma grande, visto que basta aumentar a carga de elementos leves para se obter um poder de explosão como se desejar. Esta circunstância implica igualdade absoluta entre as grandes nações industriais que disponham de instalações e de recursos suficientes para fabricar bombas atómicas. Os elementos leves que transformaram a bomba A em bomba H são baratos e fáceis de produzir.

BRINDES DE NATAL

Não há nada melhor que um bom livro para brinde de Natal. Os que mencionamos abaixo prestam-se admiràvelmente a ofertas nesta quadra do ano. Adquiri-los é conseguir amigos sempre presentes na nossa lembrança.

ASCESE MÍSTICA, de Pietro Ubaldi, acabado de chegar à nossa livraria. Obra de luxo, òptimamente encadernada.
Preço ..... 150$00

NOSSAS FORÇAS MENTAIS, de Prentice Mulford — Obra grandiosa em 4 volumes magistrais. Ensina a modificar o carácter pelo emprego das forças mentais.
Brochado — 200$00; Encadernado — 300$00

DO PAÍS DA LUZ, pelo médium *Fernado Lacerda* — Obra única no género reunida em 4 elegantes volumes, contendo mensagens de grandes escritores e políticos portugueses.
Preço ..... 160$00

FACTOS, de *António J. Trindade* — Uma obra de grande intensidade descritiva cheia de factos vividos pelo autor, entre os quais há curas verdadeiramente espantosas.
1 volume de grande formato ..... 50$00

A Felicidade no Casamento, por *39 especialistas* americanos. Milhares de questões da vida conjugal, desde a atracção dos sexos à formação do lar.
1 volume de grande formato ..... 150$00

A CIÊNCIA SECRETA, por *Henri Durville* — 1.000 páginas em que se estudam todas as correntes iniciáticas.
2 grossos volumes ..... 200$00

UMA BOMBA PODE MATAR MILHARES DE PESSOAS

Tudo isto é para assinalar os danos que provocam e o absurdo das experiências realizadas, que analisamos. E devemos pensar nas consequências do emprego destes elementos, se estalar terceira guerra. Os homens de ciência agrupados à volta do Professor Le Grand não ocultam o pessimismo de suas indicações. Quatro ou cinco bombas H do modelo da que explodiu em 1 de Março poderia destruir toda a França e cada uma delas pode causar a morte a milhões de seres humanos. Ao mesmo tempo destruiriam todas as instalações industriais. As radiações contaminariam as colheitas, isto é, não haveria possibilidade de colheitas durante muitos anos. Os milhões de feridos graves não poderiam ser devidamente atendidos. Necessitariam de muitos litros de plasma, em média, 10, para cada queimado grave. Na realidade, não haveria sangue suficiente para transfusões. E os que se salvassem dos efeitos directos da bomba estariam sob a ameaça das consequências remotas das radiações e propensos ao cancro sob formas malignas, transtornos mentais e outras afecções menos graves. O menos que aconteceria, depois de uma guerra baseada na bomba H, seria contar-se com uma civilização semelhante à que existia no tempo de Clóvis.

REAGIR OU MORRER

Os povos que vivem actualmente a sua hora decisiva terão, necessàriamente, que reagir contra a moderna barbaria ou morrer. Encontram-se ante futuro incerto, frente a uma crise trágica determinada por ambições de domínio injustificado e inexplicável.

Nos momentos bélicos psicológicos recorrer-se-á ao genocídio (matanças em massa), com a bomba H ou com a de cobalto ou nitrogénio, só para vencer o adversário. Mas a dolorosa realidade, em face de semelhante loucura, é que a morte terá estendido o manto funéreo sobre todo o planeta.

E depois?...

(*Tradução de I. D. S.*)

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

«ACONTECEU EM BORBOREMA»...

Assim intitulou o sr. I. D. F. um artigo publicado no *Semeador*, de S. Paulo, edição de Outubro último. Trata-se de um caso verdadeiramente extraordinário passado em Abril na cidade paulista de Borborema e que vamos resumir.

Certo dia chegou àquela cidade um homem de estatura média, pele morena e cicatriz visível em parte do couro cabeludo. Apresentava-se bem vestido e dizia chamar-se João Camargo Filho. O fim da sua ida era visitar algumas pessoas doentes. Deste modo perguntou onde morava D. Aparecida de Tal e uma vez no respectivo domicílio indagou da casa do sr. José Baptista, vulgo «Mineiro», que ficou encarregado de o conduzir ao lar de outras pessoas, entre elas, D. Maria e D. Alvina, que se interessaram pela notícia espalhada na população da cidade, desejando também consultar o referido cidadão.

Todos estavam satisfeitos com o caso, pois o sr. João Camargo Filho tinha palavras de fé e esperança para todos, quando não um ensinamento que impressionava bem. A um bicheiro que se queixava de padecimentos, disse que não via motivo de lamentos, pois a sua cura só dependia de uma coisa: deixar o álcool.

Acertou o sr. João e também acertou, quando D. Alvina lhe pediu conselho para seus filhinhos.

— Seus filhos não estão doentes. A senhora é que está doente e conhece o seu mal. Aviso-a de que não deve provocar certas coisas que vão de encontro à vontade de Deus.

Por curiosidade ou para experimentá-lo, uma tal D. Clotilde também o quis consultar. E respondendo à primeira pergunta dele, disse que era solteira, ao que ele retrucou:

— Nem solteira, nem casada e aconselho-a, para seu bem, que não continui em tais condições.

Terminada a consulta, o sr. João Camargo Filho despediu-se da gente que o cercava e dirigiu-se com o sr. José Baptista ao Ponto da Jardineira, estação do ónibus que liga as cidades pequenas do interior.

Ao encontro deles vinham outros consulentes para se despedir, mas, em dado momento, o visitante desapareceu, como por encanto. Procurado por todos, mesmo dentro da Jardineira, não havia rasto de semelhante pessoa.

O sr. José Baptista ficou incumbido de remeter 21 cruzeiros para Sorocaba, onde residia o sr. Camargo, para que este lhe mandasse os remédios que aconselhara, mas a carta foi devolvida com nota da Agência Postal em que se dizia que o destinatário sr. João Camargo Filho já ali residira, mas que falecera havia muitos anos.

Ciente e alvoroçado, mas feliz com o sucedido, o sr. José Baptista narrou o facto aos consulentes de Borborema e houve alguns que muito se assustaram ao saber que tinham falado com um morto.

O sr. José Baptista respondeu-lhes que «morto como aquele» podia visitá-los muitas vezes, pois só lhes dera alegria e bom ânimo com palavras amigas e animadoras.

O articulista declara ter ouvido a narração da própria boca do sr. José Baptista, residente na referida cidade há 33 anos.

O que aí fica é semelhante ao caso de Ross Fisher a que aludimos há tempos nestas colunas. Ambos perturbarão muitas almas que não admitem a volta dos «mortos».

SONHOS VERÍDICOS

Fate Magazine, de Londres, publica um relato de Iris Knight concernente a dois sonhos verídicos, pois vieram a realizar-se integralmente no prazo indicado.

Em 1940, teve um sonho perturbador. Uma senhora que ela nunca vira apareceu-lhe e disse: «Você está para morrer dentro de algumas semanas». Muito impressionada com o acontecimento, tomou nota de tudo logo que acordou, mas nada disse à família, para a não assustar e também por não ter tomado a sério o aviso, visto se encontrar bem de saúde. Na noite seguinte teve segundo sonho mais pormenorizado. Agora era um homem que aparecia. Ela via-se sentada num quarto escuro com alguém invisível junto de si. Firmando a atenção, reconheceu um homem mais velho e que também nunca vira.

O seu perfil era de quem olhava atentamente para uma caixa branca que estava no peitoril da janela, e que era semelhante a uma caixa de calçado. Momentos depois, o homem voltou-se para a sonhadora e disse-lhe vagarosamente e distintamente:

— Estou a olhar tanto para este caixão, porque algum de vós está para morrer dentro de semanas.

Ao despertar, a articulista tomou nota de tudo o que vira e ouvira. Três semanas depois, seu pai adoecia com perturbações cardíacas e o médico prescrevia-lhe grande repouso, o que constituía para ele enorme sacrifício por ser pessoa muito activa. Embora não parecesse muito doente, o seu restabelecimento dava indícios de pouca rapidez.

Na noite de 16 de Março, Iris Knight foi ao andar de baixo e encontrou o canário «Pixie» morto na gaiola. Então ela e sua mãe meteram o corpo franzinito do pássaro numa caixa de sapatos, a fim de o enterrarem no quintal. E só quando viu o canário no caixãozinho branco é que se lembrou do segundo sonho.

— Isto é o fim do episódio — pensou ela —. «Pixie» pertencia à família e a sua morte dava realidade ao aviso que tive em sonho.

Nessa tarde, seu pai, que parecia melhor dos seus padecimentos, desceu a escada e substituiu a caixa de sapatos por uma caixa de café, onde depositou o corpo do pássaro e enterraram-no perto de casa.

Dois dias depois, na manhã de 18 de Março, seu pai morria repentinamente. O aviso do sonho estava finalmente cumprido. A morte do canário era o prelúdio de perda maior.

A-propósito de sonhos premonitórios, a mesma revista insere uma narração de Mary Rosener, que não resistimos a transcrever.

Na noite de 27 de Março de 1948 sonhou com uma grande carroça que tinha parado em frente de sua casa. O condutor bateu à porta e disse-lhe:

— Trago aqui três caixões. Peço-lhe que venha identificar o corpo que se encontra no primeiro.

Perguntou-lhe quem era e o homemzinho respondeu lacònicamente:

— Não sei. Pode ser seu pai, seu

irmão ou seu marido. Venha cá ver.

Mary pediu a seu cunhado que fosse identificar o corpo do primeiro caixão, mas o condutor insistiu com ela para que o acompanhasse. E quando abriu as trazeiras do carro viu primeiro um grande caixão, depois outro mais pequeno e outro ainda que parecia ser de uma criança de 10 anos de idade. No momento em que o condutor ia abrir o primeiro caixão, a senhora despertou.

Passados alguns dias, recebeu carta de um irmão, dizendo que seu pai estava doente no hospital. Morrera precisamente na noite de 27 de Abril. Sua tia (irmã de sua mãe) morreu no dia seguinte, e um primo de 9 anos, chamado David, morreu no dia 29, em virtude de acidente, quando lhe mostravam uma espingarda. Todos morreram pela ordem dos caixões que vira no sonho de Março.

MICHEL SIMON E A SOBREVIVÊNCIA

O famoso actor de cinema Michel Simon falou em Janeiro último ao microfone de *Poste Parisien*, dando público testemunho da sua crença na sobrevivência da alma humana. Foi o semanário *France-Dimanche* que divulgou a profissão de fé do grande artista, pouco depois da rádio-transmissão. É esse relato que passamos às nossas colunas.

«Michel Simon — escreve o articulista — afirmou na última terça-feira que tinha provas da sobrevivência de seres que não pertencem ao número dos vivos. Fê-lo verdadeiramente emocionado, de tal forma, que por vezes sentiu dificuldade de se exprimir. Por seu turno, os espectadores da «Sala Rádio-Vedette» ouviram o seu relato com enorme surpresa.

«—Meu pai — disse ele — morrera em 22 de Agosto de 1944, facto que eu ignorava por me encontrar doente e quererem poupar-me a tão grande desgosto. E só no mês de Outubro seguinte, quando eu já estava em convalescença, é que me contaram o sucedido. Entretanto, de Agosto a Outubro, senti bem á minha volta a presença de um ser invisível. Pressentia meu pai atrás de mim, a falar-me, e eu a responder-lhe, em semi consciência. Foi então que lhe pedi uma uma prova da sua existência no Além. Pois certa manhã, cerca das 9 horas, o meu secretário disse-me que um pássaro tinha entrado na minha casa de banho. De facto, um abelheiro (pássaro que come abelhas) pousara nos bordos da banheira e deixou-se agarrar, sendo metido numa gaiola.

«Eu estava esgotado e adormeci. A gaiola ficou na mesa de cabeceira. Depois acordei com o barulho do pássaro. Ora, quando eu tinha 7 anos estive de cama e meu pai trouxe-me um pássaro numa gaiola, o que muito me impressionou, pois ele era muito rispido. Nessa ocasião acordei também com o barulho que o pássaro fazia com o bico nas grades de arame. O facto repetia-se.

«Mas eu sou um autêntico S. Tomé. Quinze dias depois pedi nova prova, já com o pássaro liberto.

«—Se ainda existes, dá-me outra prova! — supliquei a meu pai.

«Pois no mesmo instante entrou no quarto o meu secretário a dizer que o *abelheiro tinha voltado!*

«O pássaro saiu da casa de banho, esteve pousado numa cadeira junto da minha cama e tornava a sacudir a gaiola com o bico. Estendi-lhe a mão e pousou-me nos dedos deixando-se meter na gaiola. Depois de o fotografar, libertei-o.

«Aqui está por que já não creio na morte. Isto constitui para mim uma prova decisiva. A morte não existe e esta certeza é verdadeiramente alentadora».

Assim falou o grande actor cinematográfico Michel Simon, tão conhecido do público português. É ou não verdade que o Espiritismo agita o mundo, levando todas as classes a meditar nestes grandes problemas? É ou não verdade que exerce influência decisiva na alma humana? Cultos ou incultos, ricos ou pobres, novos ou velhos, todos se deixam influir pela rajada sujestiva da sobrevivência. Eis a grande questão, o grande conflito espiritual e sentimental a que ninguém foge, porque está dentro de cada um. E quando é provada através da comunicação real dos entes que partiram, não há meio de escapulir ao jugo aliciante.

FENÓMENOS ESTRANHOS

Mão amiga enviou-nos *O Imparcial*, de 21 de Abril, da cidade paulista de Araraquara, que insere o seguinte relato a respeito de estranhos fenómenos ocorridos na cidade de Boa Esperança do Sul e que se relacionam com a filha do sr. José de Sousa e de D. Maria Conceição de Sousa:

«Segundo declarações do sr. José de Sousa, pai da menina de Boa Esperança do Sul, os fenómenos começaram na cidade de Araraquara, onde a jovem residia em companhia de um tio, o sr. Sebastião Alves da Silva, á Avenida S. José, 772. Primeiro, caía terra dos vestidos da menina e depois bilhetes com dizeres ameaçadores surgiram misteriosamente de todos os cantos da casa. Alguns estão em nosso poder com frases em caracteres quase ilegíveis, como estas: «*Não adianta fazer nada, enquanto não mudar*». «*Aqui tem feitiço de mais. Mude desta casa*». «*Mude para ficar sossegada*». «*Saia desta casa logo*».

«Ontem de manhã os pais da menina de Boa Esperança do Sul estiveram em Araraquara e levaram a garota para receber a bênção do vigário, e qual não foi a surpresa dele ao vê-la, minutos depois, parcialmente molhada!

«A fim de documentar esta reportagem, informamos que testemunhas idóneas nos prestaram declarações espontâneas e nos disseram categòricamente que verte água dos vestidos da garota sem lhe molhar a pele. Esta foi examinada pelo Dr. Ramin Samarra, que nada lhe encontrou de anormal, quanto ao físico. As pessoas que nos prestaram declarações foram mais de uma centena que seria difícil discriminar.

«Cerca das 12.20, os noticiaristas verificaram, *in loco*, a eclosão do fenómeno, na companhia de muitas pessoas. Um vestido enxuto que a menina trazia ficou todo molhado. Durante a nossa permanência na casa n.º 2 dos Bragas, facas, colheres, conchas e outros utensílios domésticos sumiram-se, como por encanto. Depois de procurados foram encontrados no fundo de uma cisterna por vários populares e noticiaristas do *Imparcial*. Esclarecemos que estivemos sempre atentos, para que a nossa atenção não fosse ludibriada.

«Às 13.50 novo fenómeno se produziu, desta vez molhando quase totalmente uma mesa de cozinha. A água misteriosa do vestido e da mesa tem sabor açucarado. Outras pessoas afirmam que esta água aparece nas prateleiras, nas camas e às vezes inutiliza os alimentos».

Na verdade, o fenómeno é digno de estudo pela sua raridade. É a primeira vez que um facto deste género ilustra as colunas desta revista e por isso gostaríamos que algumas testemunhas pudessem acrescentar alguma coisa mais, no tocante à origem do líquido e à sua análise.

É pena que estes assuntos não encontrem ambiente propício e sejam até desprezados, como indignos de meditação pelo comodismo dos pseudo-sábios.

Notas & Comentários

«A NOVA ERA»

No dia 15 de Novembro último completou 27 anos de existência o quinzenário espirita «A Nova Era», hoje sob a direcção do Dr. Tomás Novelino, acolitado pela redacção fácil e atraente do Dr. Agnelo Morato, nosso representante na cidade paulista de Franca, onde o belo jornal é impresso, como órgão e propriedade da Casa de Saúde «Allan Kardec».

Temos acompanhado há muitos anos a sua acção profícua, elevada e simpática, através dos artigos de seus belos colaboradores, sobressaindo, sem desdouro para os restantes, o garboso pioneiro José Russo, cuja tarefa na Casa de Saúde tem sido admirável de constância e dedicação, e Agnelo Morato, pena equilibrada e sempre garboso na sua cruzada de propaganda.

«A Nova Era» distingue-se entre os órgãos da imprensa espirita brasileira, não só pelo fundo de seus articulados em boa linguagem expostos ao público, como também pelo vasto noticiário que oferece a quantos desejem seguir o movimento espirita brasileiro.

27 anos de labor desinteressado ao serviço de uma doutrina é coisa de apreciar e admirar. Nós conhecemos esse esforço por experiência própria e por isso o avaliamos em justa medida.

Que estes amigos continuem a trabalhar alegremente na Seara do Mestre e que os seus colaboradores se multipliquem em número e ardor combativo, são os desejos de «Estudos Psíquicos», pois é com sumo prazer que percorremos as páginas vivificantes de «A Nova Era», delas extraindo não poucas vezes elementos para o nosso trabalho quotidiano. Nesta felicitação sincera vai o nosso desejo de leal camaradagem.

MÉDIUNS TRANSVIADOS

A Flama, de *Uberaba, Minas Gerais, publicou um comentário do nosso colaborador Dr. Inácio Ferreira, que se adapta admiràvelmente a certos médiuns portugueses que deviam meditar nestas palavras oportunas. Diz aquele confrade, que é médico psiquiatra e director do Sanatório Espirita de Uberaba:*

«Infelizmente, prosseguem as correrias de certos médiuns espiritas (?) que operam a torto e a direito, persistindo no erro consciente, movidos pela miragem de lucros fáceis. Muito se aconselhou, mas o interesse continua primando por cima de todas as considerações. O nosso arquivo de queixas (Hospital Espirita «Allan Kardec»), perfeitamente anotado com nomes, endereços e respectivos preços cobrados por operações espiritas, continua a enriquecer-se aguardando o momento próprio.

«Agora estamos a tratar da esposa de um fazendeiro de Tiros, em cuja casa se realizou uma reunião da caravana, verdadeiro despojo que custou a bagatela de 4.000 cruzeiros.

«Felizmente, grande número de espiritas já conhecem essas operações financeiras e os profanos bem sabem que o Espiritismo não tem culpa de semelhantes artimanhas.

«Lamentamos profundamente os que fogem da luz, esquecidos de que, mais tarde ou mais cedo, recolherão o produto do que semearam.

«São médiuns? Possuem o dom de curar? Desejam aplicar os seus dons em benefício do próximo?

«Ai têm os Centros Espiritas de portas abertas, onde devem realizar as suas sessões, «dando de graça o que de graça receberam», bem mais digno do que percorrer de automóvel várias regiões, em «operações financeiras», espalhando desesperação e desconfiança em prejuízo da doutrina».

Muito teriamos a acrescentar, se o momento fosse oportuno. Os ideais enobrecem-se com esforço meritório e não com aatitudes grosseiras, que requerem acção policial em benefício da sociedade ofendida.

«BARRABÁS, O ENJEITADO»

O brilhante jornalista J. Herculano Pires, redactor de Unificação, *de S. Paulo, e ardoroso paladino do ideal espirita naquela grande metrópole, publicou há pouco um belo romance intitulado «Barrabás, o Enjeitado», que mereceu os melhores louvores da crítica. Editado pela* Livraria Allan Kardec Editora, *que nos tem dado obras valiosissimas, entre elas as de Pietro Ubaldi, este romance foi radiodifundido pela Televisão Paulista, Canal, 5, no dia 17 de Novembro, às 21 horas, num espectáculo absolutamente inédito, constituído por cenas de estúdo e projecções cinematográficas, segundo lemos no jornal* Mensageiro do Lar, *de S. Manuel, Estado de S. Paulo.*

Todo o drama oculto da Paixão do Cristo com as figuras de Barrabás, Gestas, Pilatos, Maria Madalena, Joana de Cusa, os Apóstolos e a figura central de Jesus sobre um fundo musical de canções judaicas se pôde apreciar num estranho encantamento. Os diálogos transmitidos eram exactamente os do livro, que trata com maestria da conspiração dos judeus contra os romanos, da invasão do templo de Jerusalém, da Paixão e, finalmente, do encontro de Barrabás com Jesus ressuscitado, sobre as águas do Lago de Genesaré.

Felicitamos Herculano Pires, autêntico valor no mundo das letras espiritas, pena vigorosa de estilo terso e pensador de escol que muito nos dará, certamente, em rajadas de inspiração e análise.

O seu livro de poemas «Argila», da mesma Editora, é um brado de alma ansiosa que se perde no vasto oceano da humanidade. Vejamos o poema «Lázaro»:

Ouço a tua voz.
No silêncio profundo e na solidão [absoluta,
no mistério das noites imensas,
envoltas no sudário das trevas.
cataléptica ou mortas,
ouço tua voz.
Vejo tuas mãos erguerem-se, rutilando [lando
a lage negra dos túmulos.
Ouço tua voz ordenando
ao dia que se levante
e caminhe pelas sendas de ouro e [rosa
da alvorada.

Não é preciso mais para se afirmar uma presença tangivel, que se impõe em todos os lances mentais e espirituais.

Quando vemos triunfar um elemento deste género, exultamos verdadeiramente e congratulamo-nos com o êxito da empresa, que se reflecte sempre na causa que defendemos.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No passado domingo, 19 de Dezembro, realizou-se a anunciada conferência do nosso Director, Isidoro Duarte Santos, subordinada ao tema «Aspectos da Filosofia Penal Espirita».

Com aquela facilidade de expressão que lhe é peculiar, conseguiu prender a atenção da assistência durante mais de uma hora, mostrando de forma clara e ilustrando a sua exposição com elucidativos exemplos que a Filosofia dos Espiritas no campo penal não é contrária aos pontos de vista dos mais ilustres criminologistas, antes os completa ou amplia.

Atacou a pena de morte, dizendo que ela é, não só condenada pelos espiritas, mas pelos pensadores das mais diversas tendências que a vêem como acto abominável impróprio do século em que vivem.

Foi, em resumo, um belo trabalho que deixou em todos a melhor impressão, a juntar a tantos que Isidoro Duarte Santos tem apresentado no Centro Espiritualista Luz e Amor.

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se mais uma distribuição de livros espiritas pelos subscritores desta modalidade de beneficência, para a qual continuamos a chamar a atenção dos leitores, no desejo de que enfileirem nesta cruzada de bem-fazer.

Desta vez os brindes couberam aos seguintes confrades:

«Na Seara do Mestre» — Luís Lopes da Silva Faria, de Lisboa.

«Arcanos da Natureza» — Haduindo Santos, de Loulé.

«Almas Errantes» — Luís de Barros Castro, de Luanda.

COMUNICAÇÃO

O Centro Espirita «José Eusébio», de Pajussara, Maceió, teve a amabilidade de nos comunicar a eleição dos seus corpos gerentes para o triénio 1955-57, que funcionarão sob a presidência do nosso representante e amigo sr. Jaime Xavier Silva e aos quais desejamos as maiores prosperidades no desempenho de seus cargos.

NOTÍCIAS DE BAGÉ

O nosso confrade e amigo José Ferreira da Mota comunicou-nos a formação naquela cidade (Rio Grande do Sul) da *Escola Académica «André Luís»*, composta de 18 estudantes de ambos os sexos que trabalham em ligação com entidades espirituais de grande elevação. Há preparação de médiuns às quintas-feiras e reuniões gerais às segundas. Todos os trabalhos mediúnicos estão a cargo de uma senhora preta, de pouquíssima instrução, que não tem consciência das mensagens que transmite.

Estes amigos encontram-se animados de grande entusiasmo e com desejos de evolucionar na doutrina.

Que eles consigam o ambiente necessário ao progresso moral e espiritual do seu grupo e nos possam dar em breve notícias que sirvam de exemplo a outras colectividades são os nossos sinceros votos.

Um abraço a José Ferreira da Mota e aos amigos da *Escola Académica «André Luís»*.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JANEIRO DE 1955

Dia 2, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 5, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 6, quinta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 12, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 13, quinta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 14, sexta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 19, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 20, quinta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 23, domingo, às 16 horas — Conferência por António Cardoso, intitulada «Do Polisoísmo ao Polipsiquismo».

Dia 26, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Caridade «Lia», com a médium D. Deolinda Robalo.

Dia 27, quarta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam», dirigido por Isidoro Duarte Santos.

Dia 28, sexta-feira, às 21.30 — Sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 30, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

DONATIVOS RECEBIDOS

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

F. M. G., do Rio de Janeiro	500$00
Armando Vaz de Carvalho	500$00
A. M.	500$00
P. T., de Luanda	100$00
Total	1.600$00

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Dezembro — B. B. M., de Manique do Intendente, 20$00; I. S. de Lisboa, 20$00; Joaquim Dias, de Lisboa, 20$00; A. Correia, 10$00; Grupo de Protecção às Crianças, 20$00; Subscritores de Livros Espiritas, 200$00. *Total* 290$00.

Diversos para o Grupo de Protecção às Crianças, em Novembro, e entregue ao mesmo ..... 110$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Narrações do Infinito	25$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	40$00	
Urânia	28$00	

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um		60$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	18$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	30$00	
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	30$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros	27$00	38$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha*, um verdadeiro poema de ternura	16$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	42$00	54$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	38$00	50$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio*	20$00	
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	27$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Memórias da Loucura, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	38$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	30$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*		38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luis*	40$00	
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	32$00	
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pérolas do Além	27$00	
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	28$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	50$00	62$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	27$00	38$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel*	25$00	
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	16$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	

OBRAS DIVERSAS

	br.	enc.
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos?, grande exposição do Espiritismo Moderno, por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	38$00	
Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Almas que Voltam, romance espirita por *Fernando do Ó*	26$00	
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	28$00	40$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	30$00	
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	54$00	66$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	30$00	42$00
Ciência Secreta, por *H. Durville*	170$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	26$00	
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias relligões, pelo *Dr. Romeu Camargo*		35$00
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas muito interessantes*	40$00	
Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*	26$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	66$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	30$00	42$00
Do País da Luz, do médium *Fernando de Lacerda*, 4 volumes brochados	153$00	
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.	enc.
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	42$00	
Em Torno do Mestre, por *Vinicius*	40$00	
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	52$00	64$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin*	28$00	
Espiritismo (O) à luz dos Factos, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	50$00	64$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre Marchal	32$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários em óptimo papel	40$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos*	35$00	46$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *Manso Vieira* e *Godoy Paiva*	20$00	
Marieta (páginas de duas existências), romance mediúnico, recebido por *Daniel Artazú*	32$00	44$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	30$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	42$00	54$00
Mediunidade (A), por *Edgar Armont*	35$00	
Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*, tudo que respeita aos médiuns	20$00	
Médiuns e Mediunidades, por *Cairbar Schutel*	24$00	
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Mireta, por *Elias Sauvage*	28$00	
Na Seara do Mestre, por *Vinicius*	30$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	48$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	30$00	42$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	40$00	
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*, A conversão espirita do criador de «Sherlok-Holmes»	20$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	24$00	
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett*	32$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	24$00	
Para o Alto, Contos e Apólogos espiritas, por *Leopoldo Machado*	26$00	
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*	60$00	
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	28$00	
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	36$00	
Região em Litígio entre este mundo e o outro, por *Roberto D. Owen*	45$00	
O Reino de Jesus, por *Fernando da da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00	
Reis, Príncipes e Imperadores, casos célebres de psiquismo, por *Almerindo Martins de Castro*	24$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	40$00	52$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos*	25$00	37$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	26$00	38$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	30$00	
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	25$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Trabalho dos Mortos (O), pelo *Dr. Nogueira de Faria*, 1 grosso volume		80$00
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	27$00	
Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy*	28$00	
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00	
Vida de Jesus, por *António Lima*	30$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	54$00	64$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	20$00	
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	30$00	

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A